CPAD

COMENTÁRIO HISTÓRICO CULTURAL

DO NOVO TESTAMENTO



Lawrence Richards

CPAD

COMENTÁRIO HISTÓRICO CULTURAL

DO NOVO TESTAMENTO



Lawrence Richards

COMENTÁRIO HISTÓRICO CULTURAL

DO NOVO TESTAMENTO

Lawrence Richards

COMENTÁRIO HISTÓRICO CULTURAL DO NOVO TESTAMENTO

Lawrence Richards

Tradução
Degmar Ribas Júnior

2ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2007 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: New Testament Life &Times

Cook Communications, Colorado Springs, CO, EUA

Primeira edição em inglês: 1994

Tradução: Degmar Ribas Júnior

Preparação dos originais: Miriam Anna Liborio

Revisão: César Moisés Carvalho

Capa, Adaptação do projeto gráfico e editoração: Alexandre Soares

Conversão para epub: Cumbuca Studio

CDD: 220 - Comentário Bíblico

e-ISBN: 978-65-5968-182-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD,

Visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3ª edição/2008

Sumário

MATEUS 1–2

O Nascimento de Jesus

MATEUS 3–4

A Preparação de Jesus

MATEUS 5

As Bem-Aventuranças

MATEUS 6–7

O Estilo de Vida do Reino

MATEUS 8–11

A Autoridade do Rei

MATEUS 12–15

A Oposição Crescente

MATEUS 16–17

O Momento Decisivo

MATEUS 18–20

O Caminho para a Grandeza

MATEUS 21–23

Confrontação

Mateus 24–25

O Futuro do Reino

MATEUS 26–27

O Julgamento e a Morte de Jesus

MATEUS 28

Vivo, Para Sempre!

MARCOS 1–5

O Autêntico Salvador

MARCOS 6.1–8.30

Os Conflitos de Jesus

MARCOS 8.31–10.52

Ensinando seus Discípulos

MARCOS 11–13

A Última Semana

MARCOS 14–16

Morte e Ressurreição de Jesus

LUCAS 1.1–3.22

O Renascimento da Esperança

LUCAS 3.23–4.44

Vencendo a Tentação

LUCAS 5.1–7.17

A Escolha

LUCAS 7.18–10.24

É Tempo de Decisão

LUCAS 10.25–12.3

Desvios Espirituais

LUCAS 12.4–16.31

Ilusões da Vida

LUCAS 17.1–19.44

Crê Somente

LUCAS 19.45–24.53

O Preço

JOÃO 1.1–18

A Divindade de Jesus

JOÃO 1.19–4.42

O Novo Chegou

JOÃO 4.43–6.71

O Poder do Novo

JOÃO 7–9

Luz e Trevas

JOÃO 10–12

A Escolha

João 13.1–15.17

As Últimas Palavras de Jesus

João 15.18–17.26

As Últimas Palavras de Jesus (Continuação)

João 18-21

Graça e Glória

ATOS 1–4

Começa a Aventura

ATOS 5.1–11.18

A Expansão

ATOS 11.19–15.35

A Era da Evangelização

ATOS 15.36–19.41

A Igreja Gentílica

ATOS 20–28

A Prisão de Paulo

ROMANOS 1–3

A Busca da Justiça

ROMANOS 4–6

A Justificação pela Fé

ROMANOS 7–8

Justiça Agora

ROMANOS 9–11

Justos na História?

ROMANOS 12–16

Uma Igreja Justa e Amorosa

1 CORÍNTIOS 1–4

Uma Família Unida - A Igreja

1 CORÍNTIOS 5–6

A Disciplina da Família da Igreja

1 CORÍNTIOS 8–10

Controvérsias na Comunidade da Igreja

1 CORÍNTIOS 12–14

Dons Espirituais da Comunidade da igreja

1 CORÍNTIOS 7, 11, 14

As Mulheres na Comunidade da Igreja

1 CORÍNTIOS 15–16

Ressurreição: Essa Família é Eterna

2 CORÍNTIOS 1–3

O Homem Inadequado

2 CORÍNTIOS 4–7

O Ministério da Reconciliação

2 CORÍNTIOS 8–9

Os Princípios da Caridade do Novo Testamento

2 CORÍNTIOS 10–13

A Autoridade Espiritual

GÁLATAS 1–2

O Evangelho

GÁLATAS 3–4

As Boas Novas da Fé

GÁLATAS 5-6

As Boas Novas da Liberdade

EFÉSIOS 1–2

Um Povo

EFÉSIOS 3–4

Uma Família, Um Corpo

EFÉSIOS 5–6

Aquele que Ama

FILIPENSES

Chamados Para a Alegria

COLOSSENSES 1–2

Uma Nova Humanidade

COLOSSENSES 3–4

Uma Nova Vida Para Viver

1 TESSALONICENSES

A Palavra: Ouvida e Vivida

2 TESSALONICENSES

O Dia de Cristo

1 TIMÓTEO

A Vida e a Liderança na Igreja

2 TIMÓTEO

Um Olhar à Frente

TITO

Ensinando para ter Resultados

FILEMOM

Um Bilhete para um Companheiro de Trabalho

HEBREUS 1.1-4.13

Jesus, a Palavra Viva

HEBREUS 4.14–8.13

Jesus, o Nosso Sumo Sacerdote

HEBREUS 9–13

Jesus, a Nossa Santificação

TIAGO

A Vida Pela Fé

1 PEDRO

Submissão e Sofrimento

2 PEDRO e JUDAS

Perigo! Perigo!

1, 2 e 3 JOÃO

Andando com Deus

APOCALIPSE 1–20

O Apocalipse

APOCALIPSE 21–22

A Nova Jerusalém

O Nascimento de Jesus

EXPOSIÇÃO

Mateus tem uma história para contar. É a história de Jesus, uma história que não começa com “Era uma vez...” mas com “Agora, por fim...”

Esta compreensão é chave para o entendimento da estrutura do Evangelho de Mateus e chave para o significado destes dois primeiros capítulos da sua obra. Mateus, que tinha sido um desprezado coletor de impostos, mas ainda assim um judeu, escreve para mostrar ao seu próprio povo que Jesus de Nazaré verdadeiramente era o Messias prometido pelos profetas do Antigo Testamento. Mateus também escreve para responder a uma pergunta que deve ter queimado o coração de todos os judeus do século I: se Jesus era o Messias, o que aconteceu com o reino glorioso profetizado nas Escrituras? A resposta, como também a evidência da característica messiânica de Jesus, é revelada gradualmente à medida que Mateus conta sua história. Mas desde o início Mateus entende o que ele deve fazer para atingir a comunidade judaica. De modo que ele olha para trás e, ao começar, enraíza a sua narrativa na gloriosa história do antigo e amado povo de Deus.

Mateus começa com uma resposta à primeira pergunta que qualquer judeu normal, bem como um rabino, faria. Que bases existem para defender a reivindicação da natureza messiânica de Jesus? A primeira evidência que Mateus apresenta é a genealogia de Jesus: Jesus é descendente de Abraão e descendente de Davi (1.1-17). A seguir, Mateus conta a história da concepção de Jesus, combinando diversas linhas adicionais de evidências (1.18-25): o nascimento de Cristo foi miraculoso, o cumprimento de uma profecia feita 700 anos antes por Isaías. E seu nascimento foi anunciado pelo Anjo do Senhor, uma manifestação divina do envolvimento pessoal de Yahweh (Jeová) nos eventos que ocorreram com pouca freqüência na história de Israel (cf. Gn 16.7-14; 22.9-18; Êx 3.1–4.17). O peso total do passado, desta maneira, confirma o direito de Jesus ao

trono de Davi, e uma aura sobrenatural brilha ao redor de seu nascimento. Isto realmente é uma evidência!

Mas ainda há mais. Magos do oriente viram e reconheceram um sinal sobrenatural nos céus, e vieram procurando o "Rei dos judeus" (2.1-12). Aqui, mais uma vez, elementos místicos são mesclados à história, juntamente com referências à profecia do Antigo Testamento. Surpreendentemente, o contexto de cada profecia mencionada neste capítulo enfatiza a missão e o destino reais do Messias (cf. 2.2 com Jeremias 23.5; 2.6 com Miquéias 5.2; 2.23 com Oséias 11.1). Uma vez mais, uma combinação de profecia com o misterioso cria uma aura sobrenatural e fundamenta o argumento de Mateus de que desde o início Jesus foi marcado como sendo especial, identificado por Deus como Aquele escolhido para ser o seu Messias.

À medida que Mateus prossegue, ele responde a outras perguntas que certamente serão feitas por líderes judeus. Se Jesus era o herdeiro de Davi, nascido em Belém, por que Ele não foi criado ali? A resposta está no fato de que a família fugiu para o Egito, para escapar à inveja assassina de Herodes (2.13-18) – e ao fazer isto, cumpriu a Palavra de Deus: "Do Egito chamei o meu Filho" (2.15). E, quando a família retornou, Deus orientou José para que se estabelecesse em Nazaré (2.19-23) – e, fazendo isso, cumpriu outra palavra de Deus: "Ele será chamado Nazareno" (2.23). Desta maneira, Deus deixa sua própria marca nestes acontecimentos, orientando a família de Jesus a realizar atos que cumpriram profecias e cujo significado somente foi revelado posteriormente.

Assim, Mateus estabelece a base do seu argumento. A história que ele vai contar sobre Jesus não é a história de um homem comum, nem mesmo de um rabino judeu excepcional. É a história do Messias de Israel, que também é o Filho de Deus, que se tornou o Salvador do mundo.

ESTUDO DA PALAVRA

Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão (1.1). Em

grego, biblos geneseos significa “registro das origens”. Esta expressão grega é usada na Septuaginta, uma tradução grega do Antigo Testamento, em Gênesis 6.9; 10.1; 11.10 e 11.27. (A versão NIV apresenta “Este é o registro”.) No Antigo Testamento, a expressão freqüentemente indica uma nova reviravolta no plano de Deus, um novo começo. De modo que Mateus nos alerta: O nascimento de Jesus assinala um novo começo, não apenas para Israel, mas para a toda raça humana!

José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus (1.16). Mateus propositadamente deixa de definir o relacionamento entre José e Jesus. Legalmente, Jesus era o filho de José, e assim sua reivindicação do trono de Davi é solidamente estabelecida. Biologicamente, Jesus nasceu de Maria. José, como Mateus continua explicando, não foi pai deste que seria o Messias. Jesus não é somente Deus, o Filho, mas também o Filho de Deus.

Gerou a (1.2 etc.). A palavra grega egennesen, traduzida como “gerou” nas versões mais antigas e como “foi pai de” nas mais recentes não indica parentesco imediato, mas afirma a descendência direta. Jesus está firmemente colocado na linhagem dos grandes homens da história sagrada. Este é um lembrete importante para nós. Nós não podemos separar o Novo Testamento do Antigo Testamento, o cumprimento da promessa, a era do Novo Concerto da era do Antigo Concerto. O Jesus que adoramos é aquele descendente de Davi que veio como o Messias de Israel. Em Jesus, o Antigo e o Novo, o Judeu e o Cristão, estão unidos de modo inseparável. [veja quadro, página 11.]

Catorze gerações... (1.17). É bastante conhecido o fato de que as genealogias hebraicas não incluem todos os antepassados, mas são altamente seletivas por natureza. Então, por que Mateus seleciona e organiza a sua genealogia em três grupos de catorze? A melhor resposta é que ele utiliza um esquema rabínico familiar, chamado de gematria, que constrói um argumento com o valor numérico das letras hebraicas que formam uma palavra. As letras do nome de Davi somam 14 (“Dawid”, D = 4, W = 6, D = 4). Assim, a organização de Mateus pode perfeitamente refletir uma maneira familiar, na época, de

sutilmente enfatizar a descendência de Jesus como sendo de Davi.

José, seu marido, como era justo e a não queria infamar (1.19). Este texto nos proporciona uma compreensão maravilhosa sobre o que significa ser “justo” [dikaios]. De acordo com os costumes judaicos, Maria estava ligada a José como uma esposa, embora eles não tivessem tido relações sexuais. O noivado representava uma ligação legal. A descoberta de que Maria estava grávida dava a José uma base para romper o contrato de casamento e recuperar o preço que ele já havia pago pela noiva. Muitos homens, ao descobrir a noiva grávida, teriam exigido a exposição pública, não apenas para silenciar qualquer mexerico sobre ele, mas também para recuperar o seu dinheiro. E ao fazer isso, teria considerado estar plenamente justificado (e, portanto, justo!) José, embora pudesse ter se sentido traído, tinha Maria em alta consideração, e fez uma escolha completamente diferente. De acordo com a lei, ele poderia ter dado uma carta de divórcio a Maria, sem nenhum julgamento público, mas também teria que devolver qualquer dote que tivesse recebido, como multa. José escolheu esta opção, apesar do custo financeiro, além do emocional. Não se deve confundir “fazer a outra pessoa pagar” com justiça. Ao fazer o que é certo, devemos mostrar compaixão, mesmo para com aqueles que nos fazem mal.

E lhe porás o nome de Jesus (1.21). É significativo que o anjo tenha dito isso a José. Era privilégio do pai dar o nome a um bebê, e ao dar o nome ao bebê o pai reconhecia formalmente o filho como sendo seu. Assim, o Anjo do Senhor estava instruindo José não somente a cumprir o contrato de casamento com Maria, mas também a criar Jesus como sendo seu próprio filho. Sem dúvida, os vizinhos de Nazaré nunca suspeitaram da verdade a respeito do nascimento de Jesus.

Ele será chamado pelo nome de Emanuel (1.23). O nome de Jesus, como diz o texto, significa “Deus conosco”. Aqui, “ele será chamado” não significa tanto “chamar” mas sim “reconhecer”. Jesus afirmava que quem O visse teria visto o Pai (Jo 14.9). Somente aqueles que reconhecessem Jesus como Deus, nascido para estar conosco e por nós, teriam compreendido a verdade que Mateus tem o

intuito de transmitir.

Belém (2.6). A palavra significa “casa de pão”. Nos tempos da Bíblia, “pão” significava “comida”, essencial para manter a vida biológica. Como o “pão do céu”, nascido nesta “casa de pão”, Jesus sustenta a vida espiritual eterna.

Vimos a sua estrela no Oriente (2.2). A estrela não estava no oriente. Os magos estavam no oriente quando viram a estrela e, seguindo-a, viajaram para o oeste.

Indagava deles onde o Cristo deveria nascer (2.4, versão RA). O tempo imperfeito (epunthaneto) sugere perguntas repetidas. Herodes estava frenético por saber onde este, que ele encarava como um rival, nasceria, e atormentava quem pudesse saber.

Ele será chamado Nazareno (2.23). O versículo é enigmático, porque nenhum versículo prediz que o Messias crescerá em Nazaré. A referência pode ter o objetivo de conectar o fato de que Nazaré era contemplada com desprezo no século I por ser um lugar atrasado (Jo 7.42,52) com as muitas profecias do Antigo Testamento de que o Messias seria desprezado (Sl 22.6-8; Is 49.7; 53.2,3). Sendo este o caso, certamente somos lembrados de que Jesus muda completamente o ponto de vista dos homens. Nazaré, antes desprezada, é honrada hoje como a terra da infância do Salvador.

PENSAMENTO JUDEU A RESPEITO DE JESUS Hoje em dia é normal que os

Abrindo os seus tesouros (2.11). A expressão grega é thesaurous auton e se refere aos recipientes onde estavam guardadas tais coisas valiosas. O fato de que três coisas valiosas sejam mencionadas levou à suposição injustificada de que havia “três reis” no grupo que encontrou Jesus.

Mandou matar todos os meninos que havia em Belém (2.16). Investigações arqueológicas nas ruínas do século I sugerem, com base na população da região, que provavelmente aproximadamente 15 a 18 meninos foram assassinados pelos soldados de Herodes.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A genealogia (1.1-17). Veja a passagem correspondente em Lucas 3.23-38 para um debate das diferenças entre as duas listas genealógicas.

As quatro mulheres da genealogia (1.3,5,6). Uma das características distintivas da genealogia de Mateus é a inclusão específica de quatro mulheres. A pergunta crítica é: Por quê?

Contexto. A cultura hebraica era patriarcal, e as genealogias normalmente relacionavam somente os homens. No entanto, havia duas razões básicas no oriente para incluir uma mulher ou duas. (1) A mulher era muito admirada, e sua inclusão ressaltava a reputação da família. (2) O marido tinha mais de uma esposa e, neste caso, o nome da mulher é basicamente mencionado com o nome do seu filho. Este costume é freqüentemente seguido no Antigo Testamento quando se mencionam os reis de Israel e de Judá.

No entanto, não podemos apelar a nenhum destes costumes para explicar porque

Mateus incluiu as quatro mulheres que ele decidiu mencionar. Elas não eram admiradas. Tampouco existe qualquer confusão no Antigo Testamento a respeito de quem eram seus filhos. Assim, somos levados a procurar alguma outra razão para o fato de Mateus mencionar estas quatro mulheres em particular.

Interpretação. A elucidação depende do que sabemos sobre elas. Tamar, uma mulher de Canaã, seduziu o sogro que lhe tinha prejudicado, e deu a ele dois filhos (Gn 38). Raabe, também de Canaã, ganhava a vida como uma prostituta antes de dedicar a sua lealdade ao Senhor e ajudar os espias israelitas a escapar de Jericó (Js 2,6). Rute, embora pura moralmente, era moabita, raça cuja origem deu-se a partir de um incesto (Gn 19.30-37) e que, de acordo com Deuteronômio 23.3, tinha a entrada proibida na congregação do Senhor. Bate-Seba é mais conhecida pelo seu adultério (forçado?) com Davi. Embora nascida em uma família judia (1 Cr 3.5), ela pode ter sido classificada como uma hetéia devido ao seu casamento com o heteu Urias (2 Sm 11.3; 23.39).

As quatro mulheres parecem ter duas coisas em comum. Elas eram moralmente corrompidas e estavam excluídas da comunidade da aliança do Antigo Testamento, não tendo nenhum direito nativo de reivindicar uma vida com Deus, nem de esperar que Ele lidasse com elas em Sua graça. Então, o que levou Mateus a incluir estas quatro mulheres na linhagem de Jesus, o Messias?

Uma das possibilidades é que, como coletor de impostos, encarado com desprezo por seus vizinhos, Mateus sabia o que significava ser um pecador e depois um redimido. Mateus identifica-se com estas quatro mulheres e as inclui como exemplos do poder transformador de Deus, que agora enviou o Messias para “salvar seu povo dos seus pecados” (1.21).

Uma outra possibilidade é que Mateus poderia estar pensando na universalidade da missão de Jesus. O concerto de Deus com Abraão incluía a promessa: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). As quatro mulheres demonstram o compromisso de Deus em cumprir aquela promessa, que tem o seu cumprimento definitivo no convite do evangelho cristão para que todos creiam em Jesus e sejam salvos.

Uma terceira possibilidade é que Mateus esteja sutilmente lembrando os seus leitores, que procuravam por um Messias que apareceria em glória e poder, que a história mostra que Deus trabalha de maneiras estranhas e misteriosas. Não podemos dizer como Deus agirá, ou como deve agir. Tudo o que podemos fazer

é reconhecer a sua criação e adorá-lo.

Aplicação. Não existe razão para descartar nenhuma das interpretações acima. Na verdade, elas se combinam de uma maneira maravilhosa. Nosso Deus é o Deus do inesperado. Ele permanece preocupado com aqueles “excluídos”, tanto quanto com você e eu. Como cada uma das quatro mulheres exemplificam, Deus alcança o pecador com graça e, por seu poder transformador, purifica pecadores e os torna membros vitais e contribuintes da comunidade de fé.

O Nascimento de Jesus Cristo (1.18-25).

Contexto. Talvez, as primeiras coisas que alguém devesse observar nesta passagem fossem os elementos miraculosos. O bebê sendo filho do Espírito Santo. A visita do anjo para anunciar o nascimento a José. A promessa de antigas profecias que seriam cumpridas. Tudo isto corrobora a tese de Mateus de que Jesus é realmente o Messias de Israel e o Filho do Deus vivo.

Mas precisamos observar algo mais. Deus, cuidadosamente, graciosamente, conservou o amor de José por Maria e preparou-o para amar o seu filho.

Os costumes de casamento na cultura judaica eram muito diferentes dos costumes atuais. O casamento era negociado pelos pais da jovem e envolviam um preço de compra que o futuro marido teria que pagar pela futura esposa quando se chegasse a um acordo. A esta altura, a jovem estava “comprometida” (ou “desposada”, 1.18), estava noiva, e era considerada a esposa do seu futuro marido, mesmo que ainda morasse na casa dos seus pais e não tivesse relações maritais com ele.

Não era incomum que homens mais velhos arranjassem casamentos com garotas de nove ou dez anos de idade, freqüentemente para proteger os direitos de propriedade quando o pai desta morresse, ou, porque, no antigo Oriente Médio, garotas órfãs não tinham nenhum meio de sustento. Em tais casos, a noiva iria morar na casa de seu marido, mas permaneceria virgem até atingir uma idade adequada para o casamento. Naturalmente, se na ocasião da consumação do casamento, se descobrisse que ela não era mais virgem, o marido podia obter uma anulação e o dinheiro da compra deveria ser devolvido.

Interpretação. Talvez seja significativo que uma tradição antiga sugira que José era um homem mais velho e Maria uma moça muito jovem. Se este era o caso, é possível que, como uma noiva muito jovem, Maria vivesse na casa de José e que ele tivesse desenvolvido uma profunda afeição por ela. Podemos imaginar a tristeza de José quando descobriu que Maria estava grávida – uma descoberta que ele dificilmente teria feito se Maria ainda morasse na casa de seus pais. Aquela afeição, e seu próprio caráter justo levaram José a considerar um passo de sacrifício próprio. Ele não queria expô-la à desgraça pública. Em lugar disso, ele se divorciaria sem escândalo e sofreria a perda do dinheiro da compra que havia pago. Só podemos imaginar a ira e a mágoa que José deve ter sentido. Mas podemos certamente admirar este homem de caráter e compaixão, que, embora aparentemente traído, ainda colocou as necessidades e a reputação de Maria acima das suas próprias.

Foi somente então, depois da decisão tomada, que Deus interveio. Somente então Deus revelou o milagre da gravidez de Maria e o que aquele milagre significava. A criança tinha sido concebida pelo Espírito Santo. Ela seria “Deus conosco”. E era Aquele que Deus pretendia usar para “salvar seu povo dos seus pecados”. José não deve hesitar consumar o relacionamento depois que a criança tenha nascido.

Observe: a tradução NIV parece descartar esta possibilidade traduzindo paralabe no versículo 20 como “levar Maria para casa”. Mas a palavra simplesmente significa “acolher consigo” e não deve implicar que Maria já não estivesse vivendo com José como uma noiva virgem, e de pouca idade.

Aplicação. Como é fascinante que o anjo de Deus aparecesse a José somente depois que ele tinha descoberto que Maria estava grávida. Deus podia ter poupado muita dor a José contando a ele de antemão – como ele contou a Maria de antemão (Lc 1.26-31). Mas a dor serviu para um bonito propósito. Quando submetido à prova, José exibiu o seu caráter “justo”. Com essa exibição de justiça, José nos ensina. É importante fazer o que é moralmente correto. Mas ao fazer isso, é igualmente importante agir com compaixão e cuidado.

O incidente também nos lembra de algo mais. Deus estava profundamente preocupado com o relacionamento que devia existir entre Maria e José. Não apenas pelo bem deles, mas também pelo bem de Jesus e dos demais filhos que eles teriam. O anjo visitante removeu qualquer suspeita que pudesse ter manchado o relacionamento e restaurou não somente a afeição, mas também a

confiança, tão vital para o crescimento em qualquer casamento.

Sim, o milagre nesta história é elemento vital. Mas, quase tão maravilhoso é aquele toque comum que nos lembra de que Deus preocupa-se com nossas vidas comuns – em preservar o amor que temos pelos outros, e em formar um lar onde o afeto e a confiança criem aquele ambiente em que as crianças possam crescer.

A Visita dos Magos (2.1-12).

Contexto. Os magos, na época do Antigo Testamento, eram uma classe de estudiosos e sacerdotes, que trabalhavam como conselheiros para os governantes babilônios e persas. Esta classe sobreviveu na Pérsia e influenciou o império parto na época do Novo Testamento. No entanto, pouco se sabe do papel específico ou da história destes visitantes do oriente à pequena Judéia.

Foi sugerido por alguns que estes homens reconheceram a estrela porque estavam familiarizados com a passagem em Números 24.17: “Uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel”. Certamente, havia significativa população judia no oriente nessa época, e a monumental obra dos estudiosos conhecida como o Talmude da Babilônia localizava-se ali. É altamente possível que os magos tivessem acesso não somente às Escrituras do Antigo Testamento, mas também à ampla literatura judaica a respeito delas.

A natureza da estrela registrada por Mateus tem sido discutida, e inúmeras explicações naturais têm sido oferecidas. Mas todas deixam de perceber que a ocasião da aparição da estrela era sobrenatural.

Os outros detalhes eram muito naturais. Por exemplo, nos países desérticos os nômades orientam-se em sua caminhada seguindo as estrelas. “Tome aquela estrela na mão” é uma maneira comum de dar orientações. Não seria incomum que Deus guiasse os magos até o menino Cristo, basicamente, dizendo a eles “tome aquela estrela na mão e siga-a até chegar àquele que nasceu Rei dos judeus”.

O Que o Profeta Escreveu (2.6ss).

Contexto. A "citação" de Mateus não segue nem o texto massorético (hebraico) nem a Septuaginta (grego) de Miquéias 5.2. Apesar do furor a respeito deste fato, existe uma explicação simples. Mateus, orientado por Deus, nos dá uma interpretação inspirada do texto original, modificado somente ligeiramente para enfatizar o seu tema original. Ele também conecta a citação de Miquéias com 2 Samuel 5.2.

O mais significativo é o exemplo do grande cuidado de Mateus em conectar Jesus à profecia do Antigo Testamento. Em seu evangelho, Mateus cita o Antigo Testamento 53 vezes, com citações extraídas de 25 dos 39 livros, e faz alusão a muitas passagens adicionais do Antigo Testamento. Mateus está determinado a explicar Jesus – sua Pessoa, seu ministério, seu destino – dentro de uma estrutura já estabelecida pelas Escrituras judaicas.

É particularmente fascinante explorar estas citações para ver o que fica implicado pelo uso de Mateus. Surpreendentemente, o contexto do Antigo Testamento enfatiza o papel soberano do Messias que viria. Embora Jesus deixasse de satisfazer estas expectativas de Sua geração, Jesus é o Rei Messias prometido. O Salvador sofredor, e o glorioso Governante da profecia do Antigo Testamento são um só, são o mesmo.

Observação. Para sentir esta ênfase, examinaremos o contexto de duas passagens mencionadas em Mateus 2:

Base para Mateus 2.2, Jeremias 23.5,6: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o nome com que o nomearão: O Senhor, Justiça Nossa.

Base para Mateus 2.6, Miquéias 5.2,4: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade… E ele permanecerá e apascentará o povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor, seu Deus; e eles permanecerão, porque agora será ele engrandecido até aos fins da terra".

Aplicação. O uso que Mateus faz das citações é indubitavelmente evangelístico, porque o seu intento é mostrar aos seus irmãos judeus que Jesus é o Cristo. Mas esse uso é um lembrete vital para os cristãos de hoje. Nossa compreensão de quem é Jesus, sobre sua missão e sobre o futuro que Deus planejava para o governo de Cristo na terra, deve formar-se somente depois de cuidadoso estudo do Antigo Testamento, bem como do Novo Testamento.

A fuga ao Egito (2.13-23). Adequadamente, muita atenção foi dedicada ao caráter de Herodes, tão cruelmente exibido na perseguição a Jesus e ao assassinato das crianças inocentes em Belém. Mas este não deve ser o enfoque da nossa exposição.

Comentaristas ficaram perplexos com a relevância do uso que Mateus faz de Jeremias 31.15. A melhor resposta é que a mensagem de Jeremias sobre o novo concerto foi dada no momento de maior sofrimento de Judá: a queda de Jerusalém e a deportação dos judeus sobreviventes à Babilônia. Ainda assim, naquele mesmo momento da história, a palavra de Deus, através de Jeremias, fez nascer uma esperança. Da mesma maneira, o momento em que as mães de Belém sentiram a sua perda mais angustiante, a intervenção de Deus salvou o menino Cristo, que é o cumprimento do novo concerto e a verdadeira esperança do mundo.

Estes temas estão presentes no texto, e ainda há outro tema que os supera – o tema da providência.

Os magos trouxeram presentes – e assim financiaram a viagem de Jesus, Maria e José ao Egito no momento exato em que eles precisavam escapar. Herodes morre, e José leva a sua família para casa, mas no último momento afasta-se de Belém para estabelecer-se em Nazaré. Cada acontecimento é marcado como uma instrução de Deus: pelo sonho que o orientou, e por uma palavra das Escrituras que, inesperadamente, prova ser profética.

Assim, toda a seqüência de eventos é evidentemente guiada e dirigida por Deus, e somos lembrados de que o Senhor nunca retira sua mão de seu Filho.

Nós somos incentivados.

Nós somos filhos desse mesmo Senhor. E Ele não retirará sua mão de você nem de mim.

A Preparação de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

Mateus tem a intenção de revelar Jesus como o Messias de Israel, Aquele que é Salvador e Rei. À medida que Mateus continua a expor o seu caso, ele passa agora para duas correntes importantes de evidência, e habilmente as combina com a sua narrativa. Jesus satisfazia as condições estabelecidas no Antigo Testamento (3.1-12). E Jesus pessoalmente estava qualificado para servir como o Messias de Israel (3.13–4.25).

Tanto as pessoas comuns como os rabinos criam que havia algumas condições que o Messias deveria satisfazer. Antes do Messias, é preciso que venha Elias. A aparição de Elias, segundo o que se acreditava no Israel do século I, marcaria o final dos tempos e precipitaria a vinda do Messias. Aquela condição foi satisfeita por João Batista, um homem cujas roupas toscas e caráter impetuoso, cujo chamado estridente para o arrependimento,

claramente exibiam o ministério de Elias. Examinando o ministério de João, os leitores de Mateus devem reconhecer que Deus realmente enviou um Elias (3.1-12; 11.1-19).

Mateus então mostra que o próprio Jesus estava pessoalmente qualificado para o papel do Messias. Deus reconheceu Jesus como "Meu Filho amado", e disse "em quem me comprazo" (3.13-17). Jesus também estava qualificado em sua humanidade, pois como um homem Ele triunfou sobre as tentações de Satanás (4.1-11). Sendo assim, em sua pessoa, a divindade se unia à humanidade sem pecados, qualificando de uma maneira única a Jesus para servir como o Messias de Israel. Mas ainda há mais. Jesus estava qualificado por poder. Ele pregou, e sua palavra transformava as pessoas comuns, que se tornavam seguidoras de Jesus (4.12-22). Ele falava, e com sua palavra as enfermidades desapareciam e os demônios acovardavam-se. Todos os atos demonstram que Jesus não apenas satisfaz as condições impostas pela profecia do Antigo Testamento, mas que Ele estava plenamente qualificado por um caráter e um poder exclusivos para reivindicar o trono de Israel. E reivindicar o trono de todos os corações.

ESTUDO DA PALAVRA

Arrependei-vos (3.2). A palavra em português infelizmente sugere que o arrependimento é a tristeza pelo pecado. Isto obscurece a ênfase do original em grego. Ali, metanoeite pede uma mudança radical de coração e mente; uma mudança que resultará em um estilo de vida radicalmente diferente. Daí, a ênfase de João: "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento" (3.8).

Com muita freqüência cometemos o engano de nos concentrarmos nos sentimentos. João não fazia isso. O seu chamado para o arrependimento não era um convite às lágrimas, mas a exigência de uma decisão.

COMENTÁRIO DE F. B. MEYER SOBRE O CHAMADO AO ARREPENDIM

“Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (3.2). Nas Escrituras, um “reino” não é tanto um lugar, mas sim uma esfera de influência, um campo no qual a vontade do rei tem força dinâmica.

O “reino dos céus”, conseqüentemente, representa a força dinâmica da vontade de Deus invadindo o mundo e operando suas poderosas transformações.

Embora muitos, no século I, esperassem que as forças dinâmicas de Deus tivessem forma política e libertassem os judeus do poder de Roma, devemos nos lembrar de que o reino de Deus assume muitas formas. Esta é a chave para entender o evangelho de Mateus.

E, o mais importante, é a chave para o nosso próprio relacionamento atual com Deus. Nós nos encontramos no reino de Deus quando nos comprometemos com Jesus, o Rei. Em Jesus, a força dinâmica de Deus assume a forma espiritual e nos liberta do poder do pecado. E nós sentimos continuamente aquela força dinâmica em nossa vida quando oferecemos, diariamente, a nossa fidelidade a Ele como Rei, respondendo alegremente à Sua vontade.

Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus (3.2). Alguns argumentaram sobre uma diferença entre o “reino de Deus” em outros evangelhos e o “reino dos céus” no de Mateus.

Uma explicação muito provável é que Mateus esteja sendo cuidadoso para não ofender os judeus que ele está tentando alcançar. Era uma prática judaica comum usar uma perífrase como “céus” para referir-se a Deus.

Aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias (3.11). O texto em aramaico apresenta “remover”, e desta forma concorda com Marcos 1.7 e Lucas 3.16. No oriente, os sapatos são removidos quando se entra em uma casa. A maioria dos visitantes na época de João removia os seus próprios sapatos; os servos removiam os sapatos dos seus senhores ou de

um convidado importante. O próprio anfitrião inclinava-se para remover os sapatos somente de um visitante verdadeiramente ilustre. João, que alguns especulavam ser o próprio Messias, negou esta afirmação e exaltou a Jesus, insistindo que nem mesmo era digno de manusear as sandálias do Senhor.

Que exemplo para nós. Que possamos ter um entendimento tão claro da importância de Jesus, e assim, com fervor, levarmos a atenção dos outros a Ele, e jamais a nós mesmos.

Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo (3.11,12). João batiza somente com água para (por causa do) arrependimento. O Messias que virá batizará com o Espírito Santo (1 Co 12.13; também Ez 36.25-27; Jl 2.28) e com fogo. Alguns entendem “fogo” aqui como um símbolo de julgamento (como Is 34.10; 66.24; Jr 7.20), ao passo que outros o vêem como um símbolo de purificação (como Is 1.25; Zc 13.9; Ml 3.2,3). Como tanto o Espírito quanto o fogo são controlados pela mesma preposição, en, que não é repetida no texto, a segunda interpretação é preferível.

As palavras nos lembram a superioridade de Jesus. João pregava o arrependimento; mas, seu batismo com água nada mais poderia fazer do que reconhecer a intenção expressa de mudar, por parte de um homem ou de uma mulher. Jesus pregava o arrependimento; mas, seu batismo com o Espírito verdadeiramente provê o fogo santificador que purifica e transforma.

Não fiquemos satisfeitos com a água. Nós precisamos é do fogo do Espírito.

Foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo (4.1). A palavra grega é peirazo, que significa tanto “tentar” quanto “colocar à prova”. Seja qual for a palavra que usemos para traduzir a grega, e isso pode variar de acordo com o contexto, fica claro que a tentação ou a prova nos coloca em situações que produzem tensão intensa. Sob esta tensão, freqüentemente chegamos à conclusão de que a nossa tentação ou as nossas provas são punição

divina, ou pelo menos são “ruins”. Mateus corrige esta nossa impressão. Deus acabou de afirmar seu amor por seu Filho (3.17). Ainda assim, Mateus imediatamente diz que Jesus foi “conduzido” ao lugar de tentação “pelo Espírito”. Está claro, o amor estava intimamente envolvido na prova do Filho de Deus!

Como é importante, em nossos próprios momentos de tensão, lembrar que somos amados por Deus. Quando Ele nos “permite ser tentados” – alguma coisa que nós sabemos que não devemos desejar – não é evidência de abandono, mas simplesmente uma prova a mais de seu amor.

Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás (4.10). A palavra grega aqui é latreuo. A obra The Expository Dictionary of Bible Words (Zondervan) observa que “cada ocorrência do grupo latreuo no Novo Testamento transmite o sentido religioso de adoração, ou de serviço a Deus”. (As palavras deste grupo são encontradas em Mt 4.10; Lc 1.74; 2.37; 4.8; Jo 16.2; At 7.7, 42; 24.14; 26.7; 27.23; Rm 1.9; 9.4; 12.1; Fp 3.3; 2 Tm 1.3; Hb 8.5; 9.1, 6, 9, 14; 10.2; 12.28; 13.10; Ap 7.15; 22.3).

Dificilmente podemos afirmar que adoramos a Deus sem oferecermos a Ele o nosso serviço sincero.

Vinde após mim (4.19). Seguir a Jesus envolve mais do que caminhar atrás dele, embora os doze, certamente, tenham feito isto. O mais importante: seguir a Cristo significava, naquela época, como agora, matricular-se em sua escola como aprendizes, para que uma compreensão dos ensinamentos dele, e de seu estilo de vida, possam inspirar a personalidade do discípulo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

João Batista prepara o Caminho (3.1-12). Uma discussão profunda deste tema é encontrada na passagem correspondente, Lucas 3.1-20. Veja também Marcos 1.1-8.

O batismo de Jesus (3.13-17). O batismo de Jesus tem sido o foco de muitos debates. Por que, se Jesus não tinha pecado, escolheu ser batizado por João “para arrependimento?” Por que João procura impedir Jesus? E o que Jesus quis dizer quando mencionou que “convinha”... para “cumprir toda a justiça”? A resposta a estas perguntas sugere diversas verdades fascinantes e importantes.

Contexto. O batismo de João Batista era uma verdadeira inovação religiosa. O mundo judeu conhecia dois tipos de batismos, ou purificações, com água. Havia o batismo exigido aos prosélitos na sua conversão, e havia os banhos mais freqüentes de purificação que tinham suas raízes em tradições bíblicas.

Textos rabínicos indicam três coisas necessárias a um homem gentio do século I que desejasse tornar-se um judeu: a circuncisão, o sacrifício e o batismo. Na sua obra clássica, The Life and Times of Jesus the Messiah, Edersheim escreve: “O batismo deveria realizar-se na presença de três testemunhas, normalmente pessoas do Sinédrio (Yebam. 47b), mas em caso de necessidade, poderiam ser outras pessoas. A pessoa que seria batizada, depois de cortar o cabelo e as unhas, despia-se completamente, fazia uma completa profissão de fé, diante dos que eram designados os ‘pais do batismo’, e então mergulhava completamente, para que todas as partes do seu corpo fossem tocadas pela água” (pp. 745-46). Fica claro que não há nenhuma correspondência direta com o batismo público que João fazia aos judeus, não como um rito de conversão, mas como um sinal de arrependimento.

De maneira similar, não existe uma correspondência direta com os rituais de purificação judaicos. A obra The Revell Bible Dictionary diz, a respeito de tais atos: “Na época de Jesus, o povo judeu usava os banhos rituais para purificação pessoal. Arqueólogos encontraram tais banhos não somente no Monte do templo,

mas também nos restos de casas abastadas em Jerusalém, e até mesmo em Khirbet Qumran, o centro da seita dos Pergaminhos do Mar Morto. Cada banha, ou mikvah, tinha uma piscina reservada que se enchia de água da chuva, porque a lei rabínica exigia água corrente ("viva") para o uso na purificação" (pp. 126-27). Novamente, aqui não existe uma correspondência direta entre este ritual privado e o chamado de João para um ato público de batismo como um sinal de arrependimento e comprometimento renovado a Deus.

O que João fez, então, foi criar um novo símbolo a partir de elementos do antigo: um batismo em água viva (corrente), que não prometia renovação, mas que em lugar disto simbolizava o comprometimento com uma renovação interior que somente poderia ser obtida com uma dedicação completa a Deus, como uma preparação pessoal para o reino escatológico iminente.

Interpretação. A nossa interpretação desta curta passagem depende da compreensão da relutância de João e da insistência de Jesus.

Em primeiro lugar, não podemos explicar a relutância de João supondo que o Batista reconheceu Jesus como sendo o Messias. As palavras de João, encontradas em João 1.31,33, deixam isto claro. Ali se diz que João Batista disse aos seus seguidores: "Eu não o conhecia...." e "eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é..." De modo que João não percebeu que Jesus era o Messias até depois de seu batismo! Por que, então, João estava relutante em batizar a Jesus?

A conclusão a que devemos chegar é surpreendente. João estava convencido de que Jesus não precisava ser batizado. Isto sugere que João conhecia pessoalmente a Jesus. Na verdade, isto não é completamente improvável. Maria e Isabel, mãe de João, eram muito íntimas (cf. Lc 2.39ss.). Certamente as duas famílias teriam se reunido, especialmente naquelas festas quando José e Maria viajavam da Galiléia até a Judéia. Os dois meninos, de idades tão próximas e com compromissos espirituais desde tão tenra idade, teriam brincado juntos e conversado. Sem dúvida, o discernimento espiritual que Jesus mostrava aos doze anos quando maravilhou os doutores do judaísmo, que ministravam nos dias santos, nos pátios do templo (cf. Lc 2.41-51), teria representado um grande apelo para o ascético João, já tomado pelo zelo pelo Senhor. Assim, quando João insistiu: "Eu careço de ser batizado por ti" – e no texto grego os pronomes "eu" e "ti" são muito enfáticos – ele estava expressando uma opinião formada de que

Jesus, certamente, não tinha necessidade de arrepender-se!

Mas Cristo insistiu. Alguns sugerem que a palavra “agora” é importante e que o ato de Jesus tinha a intenção de confirmar o elemento escatológico tão evidente na pregação de João a respeito de um reino messiânico próximo. Mas talvez seja melhor enfatizar o que Jesus enfatizou: que era adequado que Ele o fizesse para “cumprir toda a justiça”. Uma sugestão recente propõe que, uma vez que a vontade de Deus era que Jesus fosse batizado, era conveniente para João e para Jesus (o “nos” do versículo) cumprir aquela vontade. Mas isto não explica por que era a vontade de Deus que Cristo se submetesse ao rito.

Talvez uma solução simples seja satisfatória. Talvez Jesus tenha escolhido ser batizado, mesmo que Ele pessoalmente não tivesse necessidade de arrepender-se para identificar-se publicamente com o ministério de João. Desta maneira, Jesus acrescentou o “Amém!” do Messias a tudo o que João ensinava e fazia.

Aplicação. Existem duas idéias aqui que podem ser prontamente aplicadas a nós, e àqueles a quem ensinamos.

Em primeiro lugar, embora João respeitasse a Jesus profundamente, ele estava maravilhado de saber que o seu amigo de infância era verdadeiramente o Messias. De alguma maneira, ele nunca o teria esperado! Poderia aquele Jesus, que trabalhava arduamente, que gostava de diversão, aquela pessoa atraente e ainda assim “comum”, ser o Messias de Deus? Ele simplesmente não se encaixava na imagem. O Messias deveria ser impressionante – distante; alguém que está acima de nós, que é irresistível – diferente.

O fracasso de João em suspeitar que Jesus era o Messias nos leva a re-examinar as nossas próprias noções de espiritualidade. A pessoa verdadeiramente espiritual deve ser distante, irresistível, distante da vida normal? Ou será o segredo da verdadeira espiritualidade o viver simplesmente uma vida verdadeiramente humana, como fez Jesus, em união com Deus? O riso, o trabalho árduo, a amizade, o carinho, a diversão – todas estas coisas são pelo menos tão prováveis de caracterizar uma pessoa espiritual quanto uma aparência severa, olhos fundos e uma distância auto-imposta dos outros.

Jesus, o único homem verdadeiramente espiritual da história, era criticado por seus contemporâneos por “comer e beber” e ser “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11.19). Ele gostava de festas e amava todos os tipos de pessoas.

E mesmo seu amigo íntimo, João, não suspeitava quem Ele realmente era.

Não devemos permitir que noções distorcidas sobre como uma pessoa "espiritual" comporta-se nos levem a deixar de perceber a dedicação a Deus daqueles que não se encaixam nas nossas idéias pré-concebidas. E não devemos permitir que uma noção distorcida da espiritualidade nos afaste daquela liberdade de aproveitar a vida e nos relacionarmos com os outros – algo que Jesus exibia de forma tão maravilhosa.

Em segundo lugar, o fato de Jesus não ter uma necessidade pessoal de arrepender-se e, portanto, não necessitar ser batizado, deveria nos desafiar. Jesus foi batizado porque era a atitude certa para Ele, como uma pessoa justa, identificar-se com João e a sua mensagem. É tão fácil para nós, hoje em dia, ficarmos à margem e deixar que outros lutem as batalhas de Deus. Por exemplo, pense na campanha que alguns estão promovendo para limitar a exibição de cenas de sexo e violência na TV. Talvez digamos, não permitimos que esses programas sejam vistos na nossa casa. Então, por que deveríamos nos envolver? Realmente, por que? Talvez, simplesmente, porque aqueles que procuram influenciar os anunciantes e as redes de televisão estejam fazendo a coisa certa. E, se for este o caso, então deveríamos nos aliar a eles publicamente. Da mesma maneira que Jesus fez quando escolheu ser batizado por João.

A Tentação de Jesus (4.1-11). Veja também as passagens paralelas em Marcos 1.12,13 e Lucas 4.1-13.

Contexto. Embora existam passagens significativas sobre a prova/tentação no Novo Testamento (veja comentários sobre Hb 2.18; Tg 1.13-15), precisamos procurar entender a tentação de Jesus no cenário do pensamento do Antigo Testamento. O Espírito de Deus conduziu o Filho de Deus ao deserto, não para puni-lo nem para expor suas fraquezas, mas para que na prova severa algumas qualidades essenciais pudessem ser demonstradas e comprovadas como sendo genuínas.

Prova ou tentação é tema pouco freqüente no Antigo Testamento. Três palavras hebraicas são traduzidas como "prova" nas versões NIV e NASB. Nasah é encontrada 36 vezes no Antigo Testamento, e indica uma tentativa de provar a qualidade de alguém ou de alguma coisa (Êx 16.4, RA; Dt 8.16). Sarap, que significa fundir ou refinar, sugere um processo de purificação. Sete vezes no Antigo Testamento esta palavra é traduzida como "prova" (Sl 17.3, RA; 66.10; Jr

9.7). Bahan é uma prova que tem a intenção de demonstrar a existência de alguma qualidade. Esta palavra é encontrada 29 vezes no Antigo Testamento (Gn 42.15,16; Sl 7.9; Pv 17.3; Jr 6.27; Ml 3.10, 15).

Admiravelmente, a palavra grega periazo, que é traduzida como prova e como tentação no Novo Testamento, é usada na Septuaginta para traduzir a hebraica nasah. Isto pode explicar por que Mateus, que escreve tendo em mente o leitor judeu, escolheu periazo para descrever a tentação de Jesus em lugar da mais apropriada, para os gregos, dokimazo; periazo indica claramente uma prova com a intenção de provar algo verdadeiro em lugar de expor algo que é falso.

Interpretação. Uma vez que concordemos que a intenção da tentação de Jesus era provar a existência de qualidades essenciais à Sua missão como o Messias, observamos algumas coisas significativas sobre o texto de Mateus.

Houve três tentações. Isto parece óbvio, mas apesar disto é significativo. Cada uma delas representa uma via diferente de ataque utilizada por Satanás. E também é claro que cada uma das três revela alguma qualidade essencial que era uma qualificação necessária para o ministério de Jesus.

“Se”, em 4.3, não quer dizer “se”. Em português, “se” geralmente sugere dúvida. A construção em grego (ei mais o indicativo) supõe que Jesus é o Filho de Deus. Assim, Satanás desafia Jesus a agir no caráter, como Deus, e resolver o problema surgido nos 40 dias de jejum, realizando um milagre e transformando as pedras em pão.

Jesus reage, em primeiro lugar, citando uma passagem que enfatiza sua humanidade: “Nem só de pão viverá o homem” (cf. Dt 8.3). Assim, Jesus anuncia sua intenção de responder aos desafios de Satanás com sua natureza humana, sem apelar para a prerrogativa independente da divindade que Ele tinha voluntariamente deixado de lado na Encarnação.

Jesus reage a cada prova apelando às Escrituras. Em cada caso, a citação é de Deuteronômio, que não é tão importante como a maneira como Cristo usa as Escrituras. O que Ele fez, na realidade, foi extrair um princípio de cada passagem – e decidir de acordo com aquele princípio. Assim, somos lembrados de que o poder libertador da Palavra de Deus não é liberado simplesmente pelo nosso conhecimento dela, mas somente quando a aplicamos.

Existe um significado na seqüência em que as três tentações são apresentadas. De maneira interessante, o texto grego de Mateus indica uma seqüência definida, usando os conectores temporais “então” (4.5) e “novamente” (4.8). Em contraste, Lucas, que registra a seqüência em uma ordem diferente, não usa tais conectores e, portanto, não exige que suponhamos nenhuma ordem especial. O que talvez seja mais significativo é que a oferta de “todos os reinos do mundo e a glória deles” (4.8) seja a tentação culminante. E corretamente, pois em última análise é o reino que é o assunto em Mateus. O Rei chegou. Mas o que aconteceu com o reino?

Só poderemos entender e aplicar esta passagem quando determinarmos a natureza das tentações, a qualidade que cada prova pretendia exibir e como cada qualidade relacionava-se com a missão messiânica de Jesus.

A Primeira tentação (4.1-4). A primeira tentação originou-se da fome que Jesus sentiu depois de um jejum de 40 dias. Ele foi desafiado por Satanás a agir com sua natureza essencial como Filho de Deus para satisfazer sua necessidade humana. Jesus recusou-se a fazer isso, afirmando que “Nem só de pão viverá o homem”.

Jesus enfrentou esta prova como um homem. Mas o mais significativo foi que a prova baseava-se na realidade de sua humanidade. Como um ser humano, Jesus estava sujeito à fome, à dor. Ele era, nas palavras do profeta Isaías, um “homem de dores e que sabe o que é padecer” (53.3, versão RA). Se Jesus devia realizar a

missão do Servo de Yahweh como esta missão é descrita no Antigo Testamento, então Ele devia sofrer. E apesar do sofrimento, Jesus deve escolher submeter-se completamente à vontade de Deus. Ao recusar-se a agir independentemente para aliviar seus próprios sofrimentos intensos, Jesus mostrou que Ele possuía a força de caráter exigida do Messias.

A segunda tentação (4.5-7). A segunda tentação também se originou da humanidade de Jesus, e novamente apresenta o preâmbulo: “Se tu és o Filho de Deus”, mas aqui a construção em grego é diferente. Agora Satanás levanta uma questão real, procurando introduzir um elemento de dúvida.

Podemos ver por que a dúvida poderia existir. Deus trataria seu próprio Filho de maneira tão mesquinha? Foi realmente o Espírito que conduziu Jesus ao deserto, ou foi alguma outra voz, talvez o sussurro da ambição ou do zelo mal colocado? E agora nós ouvimos a voz de Satanás, citando a própria Escritura, para mostrar como é fácil apaziguar todas as dúvidas! Simplesmente salte do topo do pináculo do Templo em direção ao vale que está abaixo. Os anjos de Deus apanharão você – e então você saberá.

A reação de Jesus confirma este entendimento, pois Ele refere-se a um momento na história quando a geração do Êxodo exigiu uma prova de que Deus estava entre eles. Basicamente, Jesus compromete-se a viver uma vida de total confiança, não importa quão obscuras as circunstâncias possam ser.

Quanto Jesus precisava desta qualidade na ocasião em que enfrentou a sua própria noite escura da alma. Com que freqüência ridicularizado e atormentado pelos fariseus, desacreditado pelos homens comuns, abandonado no final até mesmo por seus discípulos, Jesus teve muitas razões para sentir-se abandonado e sozinho. Quanto de sua experiência ecoou nas palavras do Salmo 22.1, reconhecidamente messiânico mesmo no século I, não podemos saber. Mas, independentemente da freqüência com que Jesus clamava interiormente – “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas das palavras do meu bramido e não me auxilias?” – Ele nunca vacilou em sua confiança em Deus.

A terceira tentação (4.8-10). A terceira tentação relaciona-se diretamente com a missão de Jesus. Como o Messias, em última análise Ele deve tornar-se o governante de tudo. E, repentinamente, Satanás vem com uma oferta que dá a Jesus “todos os reinos do mundo e a glória deles”.

É provável que, se Jesus foi tentado, não foi pela glória dos reinos do mundo, mas sim pelo bem que seu governo poderia fazer. Os profetas do Antigo Testamento nos dão imagens vívidas de um mundo revitalizado pelo governo benéfico do Messias. Vidas longas, prosperidade e paz, até mesmo a natureza domada para que “o lobo e o cordeiro” se apascentem juntos (Is 65.25), tudo isto é resultado do governo do Messias que há de vir.

Não seria “bom” para todas aquelas gerações desde a Encarnação, que viveram e morreram – freqüentemente na dor – se durante estes séculos passados Jesus tivesse governado? E que tudo isso poderia ter acontecido sem a cruz. A humanidade seria abençoada e o Salvador atingiria seu destino real sem dor. Por que, então, não aceitar a oferta de Satanás?

O problema é que o propósito de Deus somente pode ser cumprido se o caminho para o reino levar primeiramente à cruz. O sofrimento deve vir antes da glória; a redenção deve preceder a renovação. Não importa o quanto a “boa” oferta de Satanás possa ter parecido aparentemente, o Messias de Deus deve estar completamente comprometido a realizar a vontade de Deus, e somente ela.

Aplicação. Muito desta passagem tem aplicação direta nas nossas vidas. Como Jesus, nós somos suscetíveis, em nossa humanidade, à tentação por cada via que Satanás usou aqui.

Como Jesus, nós devemos escolher viver pelos princípios estabelecidos na Palavra de Deus. Como sugere o quadro a seguir, existem lições que podemos aprender a partir da experiência de Cristo, e estas lições nos ajudarão a vencer as nossas tentações.

Na verdade, se você e eu esperamos realizar o propósito de Deus nas nossas vidas, precisamos fazer as escolhas que Jesus fez, e alimentar aquelas qualidades que Ele exibiu tão maravilhosamente.

Como Jesus, nós somos suscetíveis às pressões do universo físico, espiritual e social em que vivemos. Nós também temos necessidades – necessidade de sobrevivência, necessidade de segurança, necessidade de uma importância pessoal que vem não apenas do reconhecimento dos outros, mas também de um sentimento de cumprimento do nosso próprio destino na vida. Cada uma destas necessidades é forte, e nosso desejo de satisfazê-las, algumas vezes, criará tensões intensas. Quando sentirmos essas tensões, deveremos reconhecer a situação como ela é: uma tentação, uma prova. Como é maravilhoso encontrar nesta experiência de Jesus as chaves que nos capacitarão a passar na prova, assim como Ele passou, e a viver uma vida mais profunda.

O chamado dos primeiros discípulos (4.18-22). Veja também as passagens correspondentes em Marcos 1.16-20; Lucas 5.1-11.

Contexto. No judaísmo do século I, a instrução de pessoas para a liderança espiritual era bem definida. Em lugar de confiar na escola, o judaísmo exigia que os candidatos trabalhassem como aprendizes de mestres reconhecidos, tornando-se os seus "discípulos" no sentido técnico da palavra.

Um discípulo de rabino vivia literalmente com o seu professor, e o acompanhava a todas as partes. Ele aprendia não somente ouvindo os ensinamentos do seu Mestre, mas também observando as suas ações. Nós vemos reflexos deste processo em passagens como Marcos 3.14: E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar", e Lucas 6.40: "Todo o que for perfeito será como o seu mestre". Marcos revela o processo; Lucas, o objetivo da educação dos discípulos. O discípulo esperava não apenas aprender tudo o que o seu mestre sabia, mas também desenvolver um caráter religioso.

Análise da tentação de Jesus

A tentação	O relacionamento em foco	A via	A necessidad
Transformar pedras em pão	Sobrevivência	Com Deus	Confiar com
Consigo mesmo	Entregar-se	Espiritual	Aceitar todos

Física	Saltar do templo	Segurança	Com os outro

Fica claro que tornar-se um discípulo de determinado professor era uma decisão que modelava uma vida inteira. E era igualmente importante para o professor selecionar cuidadosamente os seus discípulos. Pois enquanto o discípulo esperasse que o relacionamento com o seu mestre o formasse e também o capacitasse, o mestre por sua vez seria honrado com a religiosidade dos seus alunos, e teria que confiar neles para transmitir quaisquer ensinamentos seus para as futuras gerações.

Como, então, podemos explicar a descrição quase casual que Mateus dá de Jesus escolhendo os doze? Parece que Ele estava simplesmente caminhando junto ao mar, casualmente viu a Pedro e a André, e em um impulso repentino Ele disse, na verdade: “Ei, estranhos! Vinde após mim!” E os dois pescadores, num impulso repentino, decidiram abandonar o seu ganha-pão e acompanhar aquele estranho!

Mas, na verdade, isto não aconteceu assim. E descobrir como aconteceu nos dá importantes discernimentos sobre como atrair a outras pessoas a Jesus Cristo.

Interpretação. Este é um daqueles temas que devem ser estudados pela comparação entre os relatos dos Evangelhos. Nenhum autor dos Evangelhos distorce os acontecimentos. Mas cada autor tem a própria agenda – os seus próprios objetivos para incluir determinado material e deixar de lado outro. Às vezes é necessário examinar todos os Evangelhos para construir uma seqüência de eventos mais precisa. Por exemplo, precisamos examinar todos os evangelhos para reconstruir “as sete frases da cruz” que Jesus proferiu, ou a seqüência dos acontecimentos daquela primeira manhã depois da ressurreição. De maneira similar, para ver a dinâmica do relacionamento entre Jesus e os discípulos, nós precisamos examinar os outros evangelhos – neste caso, os Evangelhos de João e Lucas.

João 1.35-51. André, o irmão de Pedro, tinha abandonado o negócio de pescaria da família quando a palavra da pregação de João chegou à Galiléia. Ele apressou-se a percorrer os quase 150 quilômetros e estava lá quando João batizou Jesus. No dia seguinte, André, ouvindo Jesus identificar Jesus como o Filho de Deus, seguiu o Nazareno e passou o dia com Ele. No dia seguinte,

André encontrou Pedro, que também tinha vindo ouvir a João. Anunciando que tinha encontrado o Messias, ele levou Pedro para conhecer Jesus.

Outros discípulos, particularmente Filipe e Natanael, também conheceram Jesus logo depois de seu batismo, e quando Cristo foi para casa, estes galileus foram com Ele.

João 2.1-11. Quando os companheiros chegaram, eles foram juntos a um banquete de casamento em Caná, e ali testemunharam o primeiro milagre de Jesus.

João 2.12-23. Pedro, André, João e Tiago trabalhavam juntos em um negócio de pescaria, que tinha prosperado tanto que a sua sede tinha mudado da pequena Betsaida (1.44) a Cafarnaum. Os novos amigos permaneceram juntos durante vários dias (Jo 2.12) e, como era a época de uma das festas judaicas, quando todos iam ao Templo para adorar a Deus, eles foram a Jerusalém. Ali eles testemunharam o primeiro e maravilhoso ato público de Jesus: uma furiosa limpeza do templo, com a expulsão daqueles que compravam e vendiam ali.

Os futuros discípulos viram agora muitas facetas do Salvador: eles o conheceram como amigo, uniram-se a Ele na alegre celebração de um casamento, viram-no inflamado em fúria ao expulsar os cambistas do templo. Em Jerusalém eles testemunharam outros milagres realizados por Jesus (2.23).

Lucas 5.1-11. Assim, Pedro e os demais conheciam Jesus muito bem, até que um dia Ele retornou ao Mar da Galiléia, e os encontrou lavando as suas redes. Pressionado pela multidão, Jesus entrou no barco do seu amigo Pedro e dali ensinou. Depois Jesus voltou-se para Pedro e lhe disse que saísse para o lago novamente e lançasse as suas redes.

Isto não era comum, pois na Galiléia, tanto naquela época como agora, os pescadores realizam seu trabalho à noite. Mas Pedro, conhecendo Jesus, fez o que Ele dizia. E “colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede” (5.6).

A esta altura Pedro prostrou-se de joelhos diante de Jesus e implorou a Ele: “Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador” (5.8). Em lugar de fazer isso, Jesus chamou Pedro e os seus amigos para serem seus discípulos. E eles o fizeram.

Aplicação. É importante que tenhamos esta imagem do relacionamento entre Jesus e seus discípulos. De outra maneira, nós poderíamos ter a impressão equivocada de que a ligação entre os doze e Cristo era totalmente miraculosa. Na verdade, era – e não era.

Jesus não era estranho aos discípulos quando Ele os chamou na margem do Mar da Galiléia. Ele passara semanas com eles! Ele hospedara-se em suas casas, fora a festas com eles, familiarizara-se com o seu trabalho. No processo, Ele certificara-se de que eles o conhecessem como uma pessoa. Eles viram sua sensibilidade quando Ele transformou água em vinho; eles viram o seu zelo fervoroso por Deus no templo; eles ouviram seus ensinos e, até mesmo viram quando Ele realizou milagres públicos. Quando Jesus os chamou para serem seus discípulos, não esperava que tomassem uma decisão às cegas! Jesus certificou-se de que sabiam muito bem quem estava pedindo que o seguissem – um Professor, um Zeloso de Deus, que estava plenamente comprometido em fazer a vontade de Deus.

Que lição para nós. Compartilhar o evangelho não é distribuir um panfleto nem retransmitir mensagens, mas cultivar relacionamentos. É estar disposto a dedicar tempo para permitir que outros venham a conhecer a Jesus gradualmente. Era assim que Jesus pescava pessoas. E é assim que nós também devemos pescar.

Existe outra lição nestas passagens. Nós a descobrimos quando ouvimos Pedro dizer: “Mestre... porque mandas, lançarei a rede” (Lc 5.5), e, alguns momentos mais tarde, ouvimos Pedro gritar: “Senhor, ausenta-te de mim, porque sou um homem pecador” (5.8).

“Mestre” aqui é epistates, uma palavra que poderíamos traduzir como “chefe”.

Pedro reconhece Jesus como Aquele que tem autoridade, mas ainda dirige-se a Ele de uma maneira informal. Então, alguma coisa acontece. A súbita aparição do enorme cardume de peixes, contradizendo tudo o que o talentoso pescador Pedro conhece a respeito de pescarias, parece trazer uma percepção repentina. Pedro cai de joelhos e grita: “Senhor!” Dominado com a percepção de quem Jesus realmente é, ele se dá conta da sua própria natureza pecadora.

Em Pedro, como em nós, o sentimento do pecado, a princípio faz com que ele se afaste de Cristo, temeroso e envergonhado. Mas Jesus acalma os temores de Pedro, e, maravilha das maravilhas, diz ao seu amigo repentinamente abalado: “De agora em diante, serás pescador de homens” (Lc 5.10).

Freqüentemente acontece que Jesus Se dá a conhecer a nós gradualmente. Nós conhecemos mais e mais a respeito dele – talvez na igreja ou na escola dominical, talvez com os nossos pais, e embora O respeitemos, nós ainda O tratamos informalmente. E então, de repente, a percepção de quem Jesus é e de quem nós somos invade as nossas consciências. Subitamente, caímos de joelhos e com Pedro gritamos “Senhor!”

A conversão é justamente este tipo de mistura entre o natural e o sobrenatural: o processo gradual de chegar a conhecer outra pessoa, e a súbita explosão de conhecimento, dada pelo Espírito, que nos leva a perceber quem Jesus realmente é. Como é importante para você, e para mim, lembrarmos que tanto o natural como o sobrenatural têm uma participação em nossa própria pescaria. E como é confortante conhecer Jesus, mais ainda tratá-lo informalmente, perceber que está chegando o momento em que o Espírito operará e Jesus será reconhecido como Senhor.

Jesus começa a pregar (4.12-25). As tentações iniciais acabaram. Jesus mostrou ter aquelas qualidades essenciais para o seu ministério. E assim esse ministério começa. Com algumas palavras breves, Mateus apresenta temas que serão desenvolvidos ao longo do seu livro. Jesus une-se a João no anúncio de que o reino está próximo e no chamado ao arrependimento. Alguns respondem positivamente à Sua pregação, e se tornam seus seguidores. E quem quer que venha a Jesus procurando uma cura, encontra um alívio físico que espelha a liberdade definitiva do impacto do pecado – a liberdade que pertence à humanidade por meio do relacionamento com o Rei dos céus.

As Bem-Aventuranças

EXPOSIÇÃO

-

Mateus demonstrou que Jesus cumpria todas as condições estabelecidas no Antigo Testamento para o Messias. Ele também mostrou que Jesus está pessoalmente qualificado a desempenhar esse papel. Agora Mateus narra o centro do assombroso ensino deste que veio pregando, “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (4.17). Este ensino começa com a proclamação significativa: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus” (5.3). O reino que “é chegado” pode ser sentido agora, como uma realidade!

Assim, devemos entender a narrativa de Mateus do “Sermão do Monte” de Jesus como pelo menos uma parte da sua resposta àqueles judeus que perguntam: “Se Jesus de Nazaré é o Messias, o que aconteceu com o reino?”

Mateus chama a atenção para diversos aspectos à medida que ele organiza e relata ensinos que Jesus

deve ter repetido várias vezes durante três anos de ministério itinerante. Estes aspectos podem ser resumidos da seguinte maneira: Primeiro, o reino dos céus pode ser sentido agora, mas somente por aqueles cujos valores e atitudes estão de acordo com a realidade espiritual (5.1-12).

Segundo, o reino dos céus é revelado às pessoas cujo compromisso com Deus as capacita para servir como o sal e a luz da sociedade (5.13-16).

Terceiro, os ensinos de Jesus sobre o reino não negam as Escrituras. Na verdade, Jesus veio para descortinar o verdadeiro significado da Lei de Deus e o seu relacionamento com o reino (5.17-20).

Quarto, e finalmente, que a Lei corretamente interpretada pede transformações interiores e não uma conformidade exterior (5.21-48). Os mandamentos como "Não matarás" e "Não adulterarás" são tão contrários à hostilidade e à luxúria, que chegam a motivar os próprios atos a que são contrários. As leis, que permitem o divórcio e fazem com que alguns julgamentos realmente comprometam, mas não todos, não libertam ninguém das obrigações ou da fidelidade no casamento, e da honestidade em qualquer relacionamento. Os princípios tais como "olho por olho", que limitam a

retaliação, e a convocação a amar o nosso próximo, que são interpretados como limitando a responsabilidade para com os outros, simplesmente não se aplicam ao reino dos céus que Jesus agora descreve.

Em breves e surpreendentes imagens, as palavras de Jesus tomam a atenção daqueles que sonham com o reino dos céus na terra e a desviam do exterior para o interior, da manifestação física à expressão espiritual, da pompa para a humildade, do poder mundano para uma dinâmica espiritual que transforma o coração humano.

E assim nós somos apresentados a pelo menos uma parte da resposta de Mateus às perguntas do seu próprio povo sobre o reino dos céus. Sim, diz Mateus, Jesus é o Messias, o Governante do reino dos céus. Mas o reino que Ele governa é um reino espiritual. E o poder dinâmico do Rei dos céus opera dentro do coração humano. Para provar que Jesus é Senhor, todos nós precisamos primeiramente olhar para o nosso interior.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Deles é o Reino dos céus (5.3). Em nosso último estudo, observamos que no pensamento antigo, a noção central subjacente à idéia de “reino” não era territorial, mas sim de uma esfera de influências. Assim, o “reino dos céus” representa a força dinâmica da vontade de Deus operando no mundo.

Na obra Jesus and the World of Judaism, o respeitado estudioso judeu Geza Vernes aponta que o conceito do reino de Deus tem formulações distintas na literatura rabínica e na literatura intertestamentária. Vernes, nas páginas 32-35, observa em primeiro lugar, que cada formulação “está relacionada à própria soberania de Deus em lugar do campo sobre o qual Ele governa”. Na era do reino, a soberania de Deus era uma contrapartida do reino terreno e operava por meio do rei como seu representante. Depois do cativeiro na Babilônia, “Israel procurou por um novo Davi que restabelecesse o governo visível e institucional de Deus sobre os judeus libertados dos impérios estrangeiros, e que impusesse o seu governo sobre a humanidade como um todo”. Durante o período intertestamentário que se seguiu, a crença desenvolvida era “que o reino de Deus devia resultar da vitória na terra dos exércitos angelicais celestiais sobre os exércitos de Satanás”.

Finalmente, havia outro conceito, confirmado em Isaías, de que os pagãos iriam subitamente perceber que “o Deus de Israel é o único Salvador” e iriam correr a Jerusalém para adorá-lo. Aceitando o “jugo da Torá”, o povo judeu poderia manifestar a soberania de Deus “por meio da obediência pessoal à Lei de Deus”. Então “um Israel puro e santificado iria atrair os gentios a Deus”.

Os ensinos de Jesus em seu Sermão do Monte não se encaixam em nenhuma destas quatro formulações contemporâneas. Na verdade, Jesus anuncia uma expressão da soberania de Deus que opera tão poderosamente no coração humano que se produz uma justiça que supera o que era exigido pela Lei. O “reino dos céus”, como Jesus o apresenta, é um chamado para o arrependimento; um chamado para que examinemos as nossas atitudes e também as nossas ações; um chamado para que nos concentremos mais em ser do que em fazer; um desafio para a confiança total em Deus em lugar do esforço próprio.

Em nada disto Jesus nega explicitamente a visão dos profetas de um governo do céu na terra, um reino visível, futuro e institucional. Mas Ele claramente chama seus ouvintes, e Ele nos chama, para procurar uma experiência pessoal presente,

oculta e profunda do governo do céu.

CEM ANOS DEPOIS Justino Mártir, nascido em 100 d.C., escreveu a sua Apolc

Bem-aventurados (5.3). A palavra tão repetida aqui é makarious, uma palavra que a Septuaginta utiliza para traduzir a interjeição hebraica ’asre, “Oh, as bênçãos de...!” Apesar da tradução da TEV, e de um livro popular intitulado Be Happy Attitudes, a palavra makarious não quer dizer “seja feliz”, mas é uma exclamação de aprovação, uma afirmação do louvor gracioso de Deus. Jesus não nos promete sentimentos de alegria, mas a aprovação de Deus, que é uma recompensa muito maior.

Os pobres de espírito (5.3). Talvez isto inclua os economicamente necessitados, mas certamente aqueles que aprenderam a inutilidade de ter esperança em qualquer coisa que não seja Deus. O perigo da riqueza é o isolamento que ela causa às vulnerabilidades da pessoa comum; ela pode fazer o rico insensível à sua necessidade desesperada de confiar em Deus.

Os que choram (5.4). Os que choram são aqueles que sentem uma tristeza profunda, tendo reconhecido que a infelicidade é uma conseqüência do pecado pessoal e institucionalizado.

Os mansos (5.5). A palavra “manso”, praus, é um termo complexo que sugere gentileza, ausência de ostentação, uma vontade de reagir. Os gregos encaravam a mansidão como sendo desprezível e a confundiam com servidão. No pensamento bíblico, a mansidão é bonita, pois o manso relaciona-se com os demais sem hostilidade, sem maldade e sem arrogância ou orgulho.

Os que têm fome e sede de justiça (5.6). Ambos expressam um desejo poderoso.

Os pacificadores (5.9). A idéia de paz encontrada no Antigo Testamento não é simplesmente uma ausência de discórdia. Ao contrário, paz, shalom, é um termo

dinâmico e positivo que implica tanto em saúde quanto em inteireza. Não existe limite para o aspecto de “paz” implicado neste versículo: paz com Deus, paz interior, paz interpessoal ou paz internacional. No entanto, existe uma denúncia clara daqueles que “combatem” a injustiça com a violência. Existe a clara implicação de que a pessoa capaz de trazer cura e inteireza, é pobre de espírito, mansa, misericordiosa e pura no coração.

O sal da terra (5.13). O sal era tão valioso na época do Novo Testamento que os soldados romanos freqüentemente recebiam os seus salários em sal. Ele era usado como condimento, como conservante, como fertilizante e até mesmo como remédio. Aqui Jesus fala do sal mineral, que se deteriorava sob calor forte e do qual os minerais eram perdidos com a umidade. Esta analogia, como a referência que vem a seguir, sobre a “luz do mundo”, nos lembra de que o reino dos céus expressa-se por meio dos indivíduos. A menos que continuemos comprometidos com as normas do reino, o governo de Jesus continuará irreconhecível na nossa sociedade.

A luz do mundo (5.14-16). As cidades antigas eram construídas com calcário branco, e desta forma reluziam com a luz do sol. Lâmpadas eram mantidas acesas nas casas durante toda a noite, dispostas em lugares altos. As duas imagens nos lembram de que a “luz” não deve ficar escondida. Cristo deixa clara sua analogia. Os atos justos dos cidadãos são as luzes que fazem o reino visível a todos. Uma vez mais, nós vemos que o reino dos céus é um reino interior, que pode ser visto e deve ser procurado em todos os seus cidadãos.

Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir (5.17). O significado de “cumprir” tem sido muito discutido. Uma sugestão é a de que Jesus veio para confirmar ou validar a Lei. Uma opinião mais comum é a de que Jesus completa o que a revelação do Antigo Testamento apresentou. Outros sugerem que Jesus “completa” a Lei expandindo as suas exigências. Provavelmente a interpretação mais comum é a de que Jesus pretende apresentar-se como o cumprimento das profecias, tipos e prenúncios encontrados no Antigo Testamento.

Mas uma explicação melhor, embora exija que seja atribuído um significado incomum à palavra pleroo, “cumprir”, coloca o sermão de Jesus na perspectiva correta. O que Jesus quer dizer é que Ele realiza o que todo rabino deseja fazer: “cumprir” a Lei no sentido de prover uma explicação fiel, exata e confiável do verdadeiro significado da Lei.

Com esta compreensão, vemos uma nova força em tudo o que vem a seguir. Mesmo o menor dos mandamentos não deve ser desrespeitado; a participação no reino dos céus exige uma justiça que “excede a dos escribas e fariseus” (5.20). Isto é significativo, pois os escribas e fariseus eram conhecidos pela sua condescendência escrupulosa com até mesmo a mais obscura proibição bíblica.

Neste ponto Jesus chama a atenção de seus ouvintes para os mandamentos e costumes familiares. Em cada um dos seis exemplos que se seguem, Jesus mostra que a Lei que proíbe uma ação, na realidade condena a atitude que suscitou essa ação!

A justiça que a Lei verdadeiramente exige é uma justiça insuperável – uma pureza interior que purifica tão completamente, que não existe nem o menor desejo de fazer o mal.

Assim, o verdadeiro significado da Lei, o significado de “cumprir”, é visto na sua revelação de uma justiça que se baseia em uma transformação interior, uma justiça que nenhuma mera observância de regras e regulamentos pode conceder. Para participar desta expressão do reino dos céus a pessoa deve modificar-se interiormente!

De nenhuma maneira isto elimina a Lei, que regula as ações. Ao contrário, isto cumpre a Lei, mostrando como as exigências e regras da Lei dão testemunho da exigência definitiva de Deus: um caráter moral impecável e transformado.

“Qualquer que chamar a seu irmão de raca será réu do Sinédrio; e qualquer que lhe chamar de louco será réu do fogo do inferno” (5.22). “Raca” vem da palavra aramaica rak, que significa “cuspir”. No Oriente Médio, muitas brigas começavam com uma cuspida, um ato muito ofensivo. Surpreendentemente, o epíteto “louco” era menos ofensivo.

Existe uma progressão reversa fascinante aqui. Chamar uma pessoa de louco leva ao ato ofensivo de cuspir, que leva ao assassinato. O assassinato requer que a sociedade atue em julgamento; as brigas exigem a intervenção do Sinédrio; simplesmente chamar uma pessoa de “louco” exige o julgamento de Deus! Por quê? Enquanto a sociedade está preocupada com o crime; e as lideranças civis, com aqueles conflitos resultantes em crime. Deus está preocupado com a atitude de coração que leva a ambos, conflito e morte! O fato de que uma atitude coloque uma pessoa como “réu do fogo do inferno” deixa claro que Deus julga o coração e não simplesmente os atos da humanidade.

Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar já em seu coração cometeu adultério com ela (5.28). Este ensino não “torna a Lei mais rigorosa”, como sugeriram alguns comentaristas. Ao contrário, ele segue naturalmente a promessa de Jesus de “cumprir” no sentido de revelar o verdadeiro significado daquela Lei que Israel honrava desde os tempos de Moisés. O adultério é, por um lado, a infidelidade ao acordo de casamento. Por outro lado, é uma violação da personalidade: um humano sendo tratado como um objeto. Uma pessoa é usada como uma coisa poderia ser usada, e isto é uma negação do valor básico e da dignidade do indivíduo.

E o que dizer do “cobiçar” que Jesus já vê como uma causa que apressa o adultério? Trata-se simplesmente de olhar para uma pessoa não como um ser formado à imagem de Deus, mas como um “objeto sexual”.

Não é necessário que um homem pratique o sexo com uma mulher para violar a intenção do mandamento contra o adultério. Tudo o que é necessário é olhar para ela com cobiça, como um objeto sexual e não como um indivíduo.

O adultério, como o assassinato, é um pecado do coração, tão real nas suas primeiras intenções quanto na sua realização.

Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti (5.29). As imagens poderosas de Jesus indicam a seriedade do pecado e insistem que os seres humanos lidem com o pecado de uma maneira radical. Orígenes, um dos

primeiros patriarcas da igreja, interpretou esta proibição tão literalmente que se castrou. Mas o problema é que o pecado, em última análise, não está no olho, mas na imaginação. A imaginação faz com que os olhos físicos pousem sobre o objeto de tentação, e assim se alimenta.

Uma cirurgia é necessária – uma operação interior que arrancará nossa inclinação para o mal e transplantará a bondade.

De maneira nenhuma, jureis (5.34). Maldizer não é o assunto aqui. Ao contrário, Jesus comenta sobre a prática de obrigar-se a manter uma promessa ao fazer um juramento. No século I, todo um sistema havia se desenvolvido para diferenciar entre os juramentos que comprometem e os que não comprometem. Assim, uma pessoa ficava comprometida ao jurar “em relação a Jerusalém”, mas não se jurasse “por Jerusalém”. Uma pessoa ficava comprometida ao jurar “pelo ouro do altar”, mas não se jurasse “pelo altar” propriamente dito.

Jesus descarta isso como sendo um sofisma. Uma pessoa poderia ser tão honesta que o seu sim significasse sim e o seu não significasse sempre não. O próprio hábito de fazer juramentos fornece uma prova de que a pessoa que jura é desonesta e não se poderia confiar que ela iria manter a sua palavra! Deus não fica satisfeito com a discussão sobre juramentos que comprometem ou não. Deus fica satisfeito com a pura honestidade.

Olho por olho e dente por dente (5.38). Este princípio não tinha a intenção de encorajar a vingança, mas sim de limitá-la. Muitas contendas iniciam-se com uma simples ofensa, vingada por uma ofensa maior, que estimula uma reação ainda mais violenta. O agravamento de uma palavra ou de uma ofensa menor nas disputas interfamiliares era um perigo real e presente no antigo Oriente Médio.

A Lei de Deus simplesmente dizia que uma pessoa que sofresse um dano em "um olho" não poderia exigir do ofensor nada além do valor daquele olho! E a mesma coisa com um dente ou com qualquer outro membro do corpo.

Mas, em última análise, o que revelava aquela regra da Lei do Antigo Testamento? Simplesmente que o povo de Deus era vingativo. Ao invés de sofrer injustiças e deixar o assunto nas mãos de Deus, eles se tornaram vingativos e hostis, ansiosos por prejudicar os outros em nome da vingança.

Uma vez mais, a Lei como "cumprida" por Jesus revela a nossa necessidade de uma transformação interior. Uma pessoa verdadeiramente justa, um cidadão do reino dos céus que Jesus traz, reagirá até mesmo às injustiças de uma maneira amorosa.

Hoje em dia nós também não precisamos de mais regras, nem de uma aplicação mais restrita da lei moral bíblica. Nós precisamos ser renovados, para que possamos ser o tipo de pessoas que Deus deseja.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

As bem-aventuranças (5.1-12). Veja também a passagem correspondente em Lucas 6.20-26.

Contexto. As bem-aventuranças servem como uma introdução ao Sermão do Monte. Como um pregador moderno, Jesus começa de uma maneira que realmente chama a atenção. Ele não começa com um exemplo caseiro ou uma piada. Não, Jesus começa com uma série de afirmações simplesmente assombrosas.

E as bem-aventuranças são assombrosas. Elas estavam em conflito direto com a sabedoria popular da época de Jesus, bem como da nossa própria época. Em uma sociedade onde os "bem-aventurados" são invejados pela sua riqueza, pelo seu orgulho, e pela sua popularidade, Jesus aclamou os pobres, os famintos e os humildes. O primeiro grupo desfruta das boas coisas deste mundo. O segundo,

diz Jesus, desfruta das bênçãos do reino dos céus, agora!

Para sentir a reação da multidão basta imaginar um moderno pregador de TV que em lugar de ensinar que Deus quer que os seus filhos sejam saudáveis e ricos, afirma que os necessitados e os enfermos desde já desfrutam das bênçãos de Deus! Esta mensagem dificilmente seria popular, nem provocaria uma enxurrada de contribuições. Esta mensagem também não foi popular na época de Jesus. Mas chocou. Fez com que alguns ouvissem e gritassem “O que!” e talvez tenha levado alguns a perguntar “Por que?”

Interpretação. Na obra The Teacher’s Commentary eu resumo várias opiniões sobre o Sermão do Monte e, conseqüentemente, das bem-aventuranças, que iniciam aquele sermão. Alguns acreditam que Jesus está mostrando o caminho para a salvação. Outros insistem que suas palavras são a constituição do futuro reino messiânico, a ser inaugurado por ocasião da volta de Jesus. Alguns opinam que sua mensagem é para a igreja e delineia um padrão mais elevado que os cristãos da igreja devem seguir. Outra opinião afirma simplesmente que esta é a exposição que Jesus faz de padrões éticos – uma exposição enraizada na palavra impositiva do Antigo Testamento, e que também a esclarece. Mas The Teacher’s Commentary (pg. 540) continua:

A estas interpretações tradicionais nós precisamos acrescentar uma quinta. O Sermão do Monte descreve a maneira segundo a qual os homens são libertados para viver quando se comprometem com o reino de Jesus! Quando os homens e as mulheres de qualquer época perceberem que em Jesus o reino “é chegado”, eles serão livres para entregar-se totalmente à vontade de Deus, confiantes de que, à medida que eles obedecem, Ele agirá para moldar os eventos.

O que o autor quer dizer é simplesmente que a lei soberana de Deus é compreendida, e seu reino torna-se uma realidade presente quando o povo de Deus entrega-se a Ele e adota o estilo de vida descrito nas bem-aventuranças de Jesus.

Esta interpretação depende de um jogo fascinante entre os tempos presente e futuro nas palavras de Jesus. O reino é a possessão dos pobres de espírito, e os

mansos herdarão a terra. Tasker destaca o fato significativo de que o tempo presente em grego pode incluir o futuro e que o tempo futuro pode indicar certeza. Sendo o tipo de pessoa que Deus quer que sejamos, nós sentimos agora as ricas bênçãos do reino dos céus, e asseguramos nossa participação em sua mais completa expressão quando Jesus vier. O céu invade nossa vida e aquele que participar da obra presente do reino, certamente terá um lugar quando aquele reino assumir a sua forma visível e final.

A pergunta que as bem-aventuranças de Jesus suscitam, e a questão que elas respondem, é: Quem pode sentir o reino de Deus agora? Colocando de uma maneira muito simples, somente aqueles que rejeitam os valores do mundo e adotam os valores de Deus poderão começar a vislumbrar de relance o reino de Deus. De modo que os pobres de espírito são bem-aventurados, porque em sua humildade eles rejeitaram os valores do mundo como a arrogante confiança em si mesmos e a autoconfiança exagerada. Aqueles que choram são bem-aventurados, porque rejeitaram os métodos de um mundo aprisionado em uma busca do prazer hedonista. Aqueles que são mansos são bem-aventurados, porque rejeitaram o orgulho, o poder e a presunção. Os que têm fome de justiça são bem-aventurados porque não se acomodarão às satisfações oferecidas por este mundo. Os que são misericordiosos, puros de coração, pacificadores e os que sofrem perseguição por causa da justiça não “se encaixam” no mundo, mas se encaixam perfeitamente naquele reino dos céus que agora, como quando Jesus disse, “é chegado”.

Aplicação. Israel cometeu um erro básico ao supor que Deus traria o seu reino-do-fim-do-mundo a eles. O que Jesus ensinou é que Deus deve ter a permissão de nos levar até o reino de Deus. Entrar no reino de Deus é um evento sobrenatural, realizado pelo Senhor para aqueles que colocam a sua confiança em Jesus. No entanto, somente entrar no reino não é nenhuma garantia de que viveremos nele.

Isto não depende tanto de nossa fé em Cristo quanto de nossa decisão de segui-lo. Nós renunciaremos aos antigos valores e prioridades que motivam os homens e as mulheres do mundo? Nós adotaremos os valores que Jesus enfatiza nas bem-aventuranças? Caso afirmativo, nós seremos verdadeiramente bem-aventurados. Pois onde quer que estejamos, o reino de Deus será ali, e seu poder vigoroso expandir-se-á em nosso nome.

O Cumprimento da Lei (5.17-48). Veja também a passagem correspondente em Lucas 6.20-49.

Contexto. É tentador examinar as observações de Jesus sobre o assassinato, o adultério e especialmente o divórcio, isoladamente da introdução encontrada nos versículos 17-20. Como observamos no estudo anterior, a respeito de "cumprir", Jesus indica claramente que Ele está prestes a expor o verdadeiro significado da Lei do Antigo Testamento. Para fazer isto, Jesus usa uma abordagem familiar: Ele apresenta estudos de casos.

As raízes bíblicas desta abordagem remontam à época do Êxodo. Ali Moisés registrou os Dez Mandamentos (Êx 20), que são afirmações de princípios gerais, e imediatamente depois ele fornece inúmeros exemplos de casos que aplicam os princípios a situações básicas. Por exemplo, a Lei diz: "Não matarás" (20.13). O caso ilustrativo faz uma distinção, já implicada na palavra hebraica traduzida como "matar", entre os homicídios intencionais e os não intencionais (21.12-14). Os casos também examinam a situação em que um animal de alguém mata uma pessoa (21.28,29). Surpreendentemente, o estudo de casos também demonstra que "Não matarás" tem um corolário positivo. O mandamento contra o fazer o mal ativamente também implica em uma responsabilidade positiva em cuidar do bem estar dos demais. Alguém que cava um poço não deve deixar de cobri-lo, para que nem mesmo um animal caia nele e se machuque (21.33,34). E da mesma maneira, Deuteronômio 22.8 diz: "Quando edificares uma casa nova, farás no telhado um parapeito, para que não ponhas culpa de sangue na tua casa, se alguém, de alguma maneira, cair dela".

O uso de casos para explicar as implicações de um princípio geral não é nada novo, portanto. Então, quando Jesus afirma um princípio geral, é completamente natural para Ele dar uma variedade de exemplos que deixarão claro o que Ele quer dizer.

O que é o princípio? A justiça esperada de alguém que está entrando no reino dos céus deve superar "a justiça dos escribas e fariseus" (5.20). De alguma maneira, a Lei deve ser reinterpretada para exibir a natureza da justiça que o céu deve exigir, e realmente exige.

Interpretação. Um padrão distinto aparece nos seis exemplos que Jesus dá. Como

introdução a cada exemplo, Ele diz: “Ouvistes que foi dito”, e então prossegue dizendo “Eu, porém, vos digo...”

A literatura rabínica freqüentemente usa a fórmula “Ouvistes que foi dito”. Basicamente, isto era feito quando se levantava um ponto teórico, mas que logo seria rejeitado. Ou, para destacar uma interpretação, prestes a estender-se a uma análise mais detalhada. Isto é exatamente o que Jesus vai fazer, e assim sua frase de abertura tem a força de “vocês entenderam”, ou seja, Jesus inicia cada exemplo dizendo que a Lei citada era interpretada, pelos rabinos, como tendo um significado particular – por exemplo, como os assassinos devem ser julgados (5.21), ou que o adultério é um ato físico (5.27,28).

Ao dizer “Eu, porém, vos digo”, Jesus indica que Ele vai expor um significado mais profundo e mais verdadeiro da Lei.

É importante observar que Jesus não está criticando a lei do Antigo Testamento. No entanto, Ele está dizendo que o verdadeiro significado da Lei foi mal interpretado pelos mestres contemporâneos.

O quadro a seguir resume os pontos comumente destacados em cada exemplo, e esclarece a verdade da qual Jesus estava tentando convencer as pessoas: a justiça não está relacionada àquilo que fazemos, mas ao que somos. A justiça é uma questão do coração. Somente um coração tão puro, onde a ira ou a luxúria nunca surjam, pode satisfazer o padrão que Deus revelou para nós em sua lei – um padrão que foi mal interpretado por seu povo escolhido.

Este problema de interpretação foi fatal. Israel deixou de usar a Lei como um espelho que revelava a condição desesperadora da humanidade. Em lugar disso, Israel tentou usar a Lei como uma escada para o céu. Ao fazer isto, muitos pertencentes ao antigo povo de Deus deixaram de colocar-se completamente sob sua graça. Como Paulo posteriormente escreve, no seu zelo os israelitas “procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10.3).

Aplicação. Tirar estes exemplos do contexto dos argumentos de Jesus levou alguns a suporem que Cristo está definindo uma lei mais rígida para seu povo do que Deus fez com Israel. Isto é um equívoco sério.

Isto pode ser demonstrado de várias maneiras: (1) A partir do fluxo do argumento de Jesus. A compreensão contemporânea da lei do Antigo Testamento

limitava as suas aplicações ao comportamento exterior. Jesus amplia a compreensão da lei do Antigo Testamento, destacando que a Lei demonstra a preocupação de Deus com o coração humano. A justiça não é simplesmente um problema do que alguém faz ou não, mas um problema de intenção e motivo, de desejo e de atitude. Se a Lei for interpretada desta maneira, fica claro que ninguém pode afirmar ser justo diante de Deus. Se a ira é a mesma coisa que o assassinato aos olhos de Deus, e a luxúria é a mesma coisa que o adultério, então, claramente, todos pecaram.

Versículo	A Lei
v. 21	Não matarás (Êx 20.13)
v. 27	Não cometerás adultério (Êx 20.14)
v. 31	Qualquer que deixar sua mulher, que lhe dê carta de desquite (Dt 24.1)
v. 33	Cumprirás teus juramentos ao Senhor
v. 38	“Olho por olho” Êx 21.24; Dt 19.21
v. 43	“Amarás o teu próximo” Lv 19.18

(2) A partir do desenvolvimento do tema de Jesus nas Epístolas do Novo Testamento. Paulo esclarecerá este ponto posteriormente, citando o Antigo Testamento para estabelecer o fato de que “Não há um justo, nem um sequer” (Rm 3.9-18). Então ele prossegue ressaltando que “tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”. A lei não define a escada que alguém deve subir para alcançar a justiça: “porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (Rm 3.20).

(3) A partir do absurdo óbvio de tratar o que Jesus diz como sendo uma “legislação melhorada”. A sociedade, ou mesmo a igreja, deve tratar a ira como um assassinato? Um grito de ira equivale legalmente ao homicídio? Sob a Lei do Antigo Testamento, o adultério era um crime que exigia o apedrejamento. Vamos julgar o homem que olha as páginas centrais de uma revista Playboy por adultério?

É óbvio que, embora a ira e a luxúria (ou cobiça) sejam os “equivalentes morais” do assassinato e do adultério perante os olhos de Deus, elas não podem ser os equivalentes legais desses crimes. Jesus não está nos dizendo que legislemos estes padrões. Ele está nos dizendo quais são os padrões de Deus, para que possamos reconhecer nossa natureza pecaminosa e corrermos para o Senhor pedindo salvação e a transformação interior que é a única ação que pode nos tornar justos.

O que Jesus está fazendo aqui é exatamente o que Ele está fazendo em cada um dos demais casos que Ele estuda. Ele está destacando o fato de que Deus agora e sempre chamou seu povo a um compromisso conjugal que dure a vida toda. A Lei de Moisés permitia o divórcio (Mt 10), mas aquela permissão não tornava o divórcio uma coisa correta. Isto não libertava um homem, que se divorciasse da sua mulher e se casasse novamente, da mancha de cometer adultério. O divórcio “legal”, embora legítimo, e embora aceito como fato e princípio pelo judaísmo do século I, era um testemunho do fracasso de um casal em viver à altura do ideal de Deus. Portanto, o divórcio legítimo quando seguido por outro casamento, envolve o casal no pecado.

Como, então, devemos aplicar estes exemplos de Jesus às nossas próprias vidas? Em primeiro lugar, devemos deixar que eles nos libertem da falsa e tola crença

de que, se somente tentarmos, poderemos viver à altura do padrão de justiça que o reino de Deus exige. Nós não conseguimos fazer isso – porque Deus julga o coração e não apenas o ato.

Em segundo lugar, podemos aceitar o testemunho destes exemplos e humildemente pedir a Deus, primeiramente o perdão, e depois a purificação. A pregação de Jesus sem dúvida tinha a intenção não somente de confrontar Israel com as exigências verdadeiras de Deus, mas também de prepará-la para a cruz. Como nós não conseguimos, o Messias precisa morrer e, ao morrer em sacrifício, levar os nossos pecados. Este ensino também tinha a intenção de preparar Israel e a nós para a ressurreição. Somente o poder de ressurreição que Deus exibiu em Jesus, fluindo em nossas vidas, pode nos dar aquela justiça insuperável de que falava Jesus, e tornar-nos verdadeiramente bons.

Finalmente, podemos compreender a verdade que Jesus estava transmitindo a seus ouvintes do século I. O reino de Deus existe dentro de nós. A lei de Deus na vida humana dá nova forma à própria personalidade do cristão – e esta forma encontra expressão em uma vida transformada.

O Estilo de Vida do Reino

EXPOSIÇÃO

-

Jesus veio! Na Pessoa do Rei, o reino de Deus que João anunciou verdadeiramente "é chegado" (3.2). Agora, no Sermão do Monte, Jesus explica a natureza de seu reino e o impacto do governo de Deus. Em lugar de encontrar expressão em um reino visível, institucional, o governo de Deus assumirá uma forma pessoal profunda. Deus não imporá a justiça na sociedade, mas criará uma justiça insuperável no interior dos seres humanos – uma justiça que a Lei, se corretamente interpretada, sempre exigiu (cap. 5).

Agora, à medida que o Sermão do Monte prossegue, Jesus continua descrevendo a vida no reino como uma bênção que vem do coração de Deus. Primeiramente, a cidadania traz um relacionamento surpreendentemente novo e "secreto" com Deus como Pai. Os cidadãos procuram agradar ao Deus invisível, e não obter a aprovação do povo (6.1-18). Assim, muitos cidadãos não se preocupam com as posses

materiais, mas valorizam os tesouros invisíveis acumulados para eles nos céus (6.19-24). Os cidadãos colocam livremente as obrigações do reino em primeiro lugar porque, confiantes no conhecimento de que Deus Pai conhece e satisfará todas as necessidades, eles não estão ansiosos quanto às necessidades da vida (6.25-34).

Em segundo lugar, a cidadania traz uma nova liberdade nos relacionamentos com outras pessoas. Os cidadãos são libertos do frustrante sentimento de obrigação de julgar os outros (7.1-6). Ao invés de depender dos outros para satisfazer as suas necessidades, os cidadãos dependem de Deus (7.7-12). Eles também são libertos daquela insegurança que leva tantos a se submeterem à pressão dos seus colegas (7.13,14) ou a líderes cujo único objetivo é o de explorar os seus seguidores (7.15-23).

Finalmente, na história familiar do construtor prudente e do insensato, Jesus nos dá a chave da vida no reino de Deus presente, oculto e interior. Quem quiser viver como um cidadão do reino de Deus deverá ouvir as palavras de Deus – e executá-las (7.24-29).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Vosso Pai, que está nos céus (6.1). Quão surpreendente foi o incentivo de Jesus para pensarmos em Deus como nosso “Pai”, e dirigirmo-nos a Ele deste modo? Na Bíblia, Deus é chamado de Pai dos israelitas (Is 63.16; Ml 2.10). Mas aqui, “Pai” é usado no sentido de fonte ou origem. Em Salmo 89.26 o termo Pai é usado com um sentido mais pessoal, mas este versículo messiânico tem Deus falando do descendente de Davi: “Ele me invocará, dizendo: Tu és meu pai, meu Deus, e a rocha da minha salvação”.

Invocações familiares em antigas orações judaicas referem-se a Deus como “Pai”, com o título precedido por “Senhor” ou seguidas por “Governante”, ou “Deus”. Mas Geza Vermes admite: “No que diz respeito à sinagoga, com o seu uso freqüente de ‘Pai Nosso’, eu devo confessar que não é possível provar que nem mesmo a mais antiga forma que ainda sobrevive representa alguma coisa usual durante a época de Jesus” (Jesus and theWorld of Judaism, p.40).

Deste modo, alguns argumentaram que o convite que Jesus faz para que seus ouvintes pensem em Deus como Pai e, assim, se dirijam a Ele, de maneira intimamente pessoal, representa uma inovação assombrosa. Isto não é completamente verdadeiro. Por exemplo, o livro de Ben Sira, um professor de sabedoria judaica, que ensinou entre 200 e 175 a.C., invoca a Deus dirigindo-se a Ele como “Senhor meu Pai, e o Mestre da minha vida” (23.1a; 51.1a, 10a). Isto sugere que o judeu religioso do período intertestamentário tinha algum senso de relacionamento com Deus como Pai.

Mas a ênfase de Jesus neste sermão sobre o relacionamento Pai/filho que deve ser sentido pelos cidadãos de seu reino é surpreendentemente nova. Jesus não descreve uma oração corporativa das sinagogas mas um relacionamento íntimo, pessoal e “secreto” entre o indivíduo e o seu Pai-Deus. Também é surpreendente que esta oração, que conhecemos como a Oração do Senhor, não apresente a seqüência de honoríficos comuns às orações judaicas: “Oh Rei soberano, Altíssimo, Deus Todo-poderoso” – e somente então “Pai” (cf. 3 Macabeus 6.2-4). Em lugar disso, Jesus parece nos retratar como filhos, correndo para casa e que, sem nem mesmo bater, invadem o espaço do Pai, seguros de que serão bem-

vindos.

Oh, como precisamos cultivar a percepção de que Deus verdadeiramente é nosso Pai agora, e de que somos seus filhos bem amados! Não somente iremos descobrir uma nova liberdade na oração. Também iremos descobrir a liberdade da ansiedade, do materialismo e a liberdade para fazer a vontade de Deus.

Quando... deres esmola (6.2). No judaísmo, dar aos pobres era um dever religioso e não um ato de filantropia (Dt 15.7-11; Sl 112.9). Ninguém, na época de Jesus, ao ver uma pessoa dando aos pobres, pensaria: “ele não é generoso?”, mas sim “ele não é devoto?” Jesus não critica este ponto de vista, que está enraizado em mandamentos bíblicos. O que Jesus critica é que as pessoas dêem aos pobres para fazer com que os demais pensem que elas são devotas. As pessoas que são verdadeiramente devotas fazem o que é certo simplesmente para agradar a Deus, a quem elas amam.

Como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens (6.2). A palavra hypokrites é a palavra grega para alguém que interpreta num palco, ou um ator. Para mais informações, veja o comentário sobre Mateus 23.

E teu Pai, que vê em secreto, te recompensará (6.4). A expressão “em secreto”, ou “em oculto” (to krupto) é significativa neste contexto, sendo repetida em 6.6 e 6.18. É o relacionamento pessoal invisível do crente com Deus que deve ter prioridade em nossas vidas. Duas coisas são repetidas em cada contexto. Deus é uma realidade invisível. E Deus recompensará aqueles que ajam motivados pelo amor e pela lealdade para com Ele.

Não seja motivado pela popularidade e pelo aplauso vazio da multidão. Procure agradar a Deus, deseje fervorosamente sua aprovação. E você certamente receberá tesouros no céu.

E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios (6.7). A idéia pode não enfatizar tanto a natureza repetitiva da oração pagã quanto o valor atribuído ao ritual. A adoração oficial em Roma exigia a repetição de fórmulas religiosas memorizadas. Se o sacerdote cometesse um único engano, todo o culto deveria ser repetido.

Em contraste, Jesus nos lembra de que a oração é a expressão de um relacionamento pessoal, e não um rito religioso. Os pagãos confiam no ritual; o povo de Deus entra espontaneamente na presença daquele a quem conhecem como Pai Celestial.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje (6.11). A maioria das pessoas na Palestina na época de Jesus trabalhava nas suas próprias plantações ou trabalhava servindo a outras pessoas. Um trabalhador recebia um denário no final de cada dia. Com isto ele comprava comida para a sua família, óleo para a lâmpada e outras coisas. Aquele denário, que era o típico salário de um dia de trabalho, mal era suficiente para cobrir estas despesas diárias.

Assim, a oração que Jesus ensinou a seus seguidores era realmente comovente. Os cristãos devem confiar em Deus, diariamente, para o suprimento de seu pão. O relacionamento com Deus não promete que ganharemos na loteria, nem que teremos uma grande conta de poupança. Na verdade, o que devemos pedir é o pão cotidiano, uma oração que nos lembre de que, separados de Deus, não podemos confiar em nada deste mundo, mas que com Ele como Pai nós realmente temos tudo o que necessitamos.

Quando jejuardes, não vos mostreis contristados (6.16). Somente um dia de jejum é ordenado no Antigo Testamento, o Dia da Expiação (Lv 16.29-31; 23.27-32). Ainda assim, o jejum fazia parte da vida social e religiosa de Israel. Os indivíduos e grupos jejuavam como um sinal de humildade e confissão (Sl

35.13; Is 58.3, 5; Dn 9.2-19; Jn 3.5), ou como indicação de desespero na oração (2 Sm 1.12; Ed 8.21-23; Et 4.16). Depois do exílio na Babilônia, foram introduzidos jejuns comemorativos (Zc 7.3-5; 8.19).

Na época de Jesus, os fariseus jejuavam voluntariamente duas vezes por semana (Lc 18.12), todas as segundas-feiras e quintas-feiras. No entanto, muitos dos que jejuavam asseguravam-se de que os demais soubessem que eles estavam realizando este ato devoto, assumindo uma atitude abatida, pulverizando cinzas sobre as suas cabeças ou deixando de lavar e de ungir os cabelos.

É interessante ver que na igreja pós-apostólica aqueles que decidissem jejuar eram encorajados a não seguir o procedimento judaico – mas a jejuar somente nas terças e quartas-feiras!

Mas tudo isto é inútil. Jesus não está nem encorajando nem desencorajando o jejum. Ele simplesmente está nos lembrando de que quando uma pessoa jejua, ela deve fazer isso como um ato de adoração e não para a sua auto-promoção.

Este é um bom princípio para aplicar em todas as nossas atividades “religiosas”. O que quer que façamos, deve ser motivado por um desejo de agradar a Deus e não pela preocupação com o que os outros pensarão de nós.

Provérbios 30.7-9 Duas coisas te pedi; não mas negues antes que morra: Afasta d

Não ajunteis tesouros na terra (6.19). O texto grego apresenta me thesaurizete humin thesaurous, um jogo de palavras que pode ser traduzido como “Deixem de entesourar os seus tesouros”. A sabedoria deste mandamento é vista quando consideramos três coisas. A primeira, os tesouros terrenos são deterioráveis ou perecíveis (6.19b). A segunda, os tesouros terrenos corrompem-se (6.22,23). E a terceira, as coisas materiais competem com a completa lealdade a Deus (6.24).

Não podeis servir a Deus e às riquezas (6.24, versão RA). Nós sabemos o que significa servir a Deus. Mas como pode uma pessoa servir ao Dinheiro? A palavra grega para “servir”, douleuein, enfatiza a sujeição da vontade. Ela tem a mesma raiz que a palavra “escravo”.

Podemos parafrasear este versículo do seguinte modo: “Ninguém pode ser escravo do dinheiro e ainda servir a Deus”.

Jesus está afirmando uma profunda verdade espiritual e psicológica. Podemos ser capazes de compartimentar nossos pensamentos, de modo que o trabalho, o lar, a diversão e a igreja sejam mantidos separadamente. No fundo, no entanto, elas serão um valor que orienta a maneira como cada escolha é avaliada. Para alguns, este valor é a popularidade, e tais pessoas farão qualquer coisa para obter a aprovação da multidão. Para muitos, o valor básico é a riqueza, e cada escolha é, em última análise, avaliada pelo resultado econômico final. Jesus nos diz que o valor orientador do reino é a vontade de Deus, e Deus deve ter prioridade em nossas vidas. Se não decidirmos servir a Deus, e fazer com que agradar a Ele seja a coisa mais importante das nossas vidas, certamente seremos escravizados a alguma coisa que não tem nenhum valor.

Somente o serviço a Deus é que traz as riquezas eternas.

Vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida (6.25). “Andar cuidadoso” é merimnao, estar ansioso, distraído pelos medos. Em um segundo sentido pode

significar simplesmente preocupar-se. A vida é psuche, uma palavra que reflete o significado da hebraica nephish e chama a atenção para nossa natureza como seres que vivem no mundo material.

Como existimos em corpos, precisamos de comida, bebida e abrigo, para mantermos a vida biológica. Alguns se vêem como seres que têm apenas a vida biológica, e vêem a vida propriamente dita como nada mais do que uma luta para obter as coisas materiais. Um moderno adesivo de pára-choques capta bem este ponto de vista: “Quem tem mais brinquedos quando morre, ganha o jogo”.

Jesus não objeta ao fato de que os seres humanos precisam de comida, roupas e abrigo. Mas Ele nos lembra que os seres humanos não são essencialmente biológicos por natureza. Nós temos uma participação na imagem de Deus, e o espiritual tem um significado mais fundamental para nós do que o material.

Quando às nossas necessidades de psuche, temos o Pai que proverá por nós. Assim, nós, cidadãos do reino de Deus, estamos livres da preocupação com as necessidades mundanas, livres para dar prioridade ao espiritual.

Não julgueis, para que não sejais julgados (7.1). A palavra krino tem o sentido de “avaliar, distinguir” e também de “julgar, condenar”. Aqui “não julgueis” refere-se a uma atitude crítica e cáustica com relação a outros. Por que? Jesus dá três razões poderosas.

Em primeiro lugar, a maneira como tratamos os outros definirá a maneira como eles nos tratam (7.2). Em segundo lugar, estar alertas às nossas próprias faltas já é um trabalho suficiente (7.3-5). E, em terceiro lugar, se os outros não valorizam o que você valoriza (“Nem deiteis aos porcos as vossas pérolas” [7.6]), sua condenação irá enfurecê-los ao invés de convencê-los do pecado.

Temos a impressão clara de que a atitude de nos colocarmos como juízes do comportamento dos outros é não apenas errado (Tg 4.11,12), mas também contraproducente!

Quando alguém vai pescar almas, não há muita utilidade em usar uma isca insípida!

Se, vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos (7.11). A partícula “se” é uma condicional de primeiro tipo em grego, o que supõe que a condição se cumpre. O texto original sem dúvida quer dizer “uma vez que vocês são maus”. A palavra grega poneroi retrata os seres humanos como ativamente hostis, malévolos e egocêntricos e desta forma indiferentes ao bem estar dos demais. Esta é a mesma palavra que sempre é usada quando Satanás e o seu reino são descritos como maus (Ef 6.12).

Quando Jesus destaca que até mesmo os seres humanos maus podem ser pais amorosos, Ele não está identificando nenhuma virtude redentora na humanidade. Ele está desafiando seus ouvintes a examinarem a sua opinião sobre Deus. Certamente, uma pessoa que admita que um pai dará boas coisas aos seus filhos, embora este pai seja um pecador, deve concordar plenamente que Deus – que é verdadeiramente e completamente bom – dará somente coisas boas a seus filhos. E nós somos seus filhos!

Que confiança bendita podemos ter quando apresentamos qualquer necessidade a nosso Pai Celestial!

Entrai pela porta estreita (7.13,14). A imagem fica mais clara no texto original. Devemos escolher entre dois caminhos. Um caminho é “apertado” ou “difícil” (tethlimmene, não “estreito”), e a porta a que ele leva é “estreita” (stene). Assim, poucos o escolhem. Por outro lado, multidões fluem ao caminho que parece mais espaçoso e fácil, que leva a uma porta larga e de fácil entrada. Aqui, como sempre, as multidões estão erradas, pois é o caminho difícil e a porta estreita que levam à vida.

Se parece fácil, e é popular entre a multidão, é provavelmente a escolha errada.

Muitos me dirão naquele Dia: “Senhor, Senhor”… E, então, lhes direi abertamente: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade” (7.22,23). Durante o ministério de Cristo na terra, o título “Senhor” normalmente deve ser interpretado como “professor”. Somente mais tarde os discípulos e a igreja vieram a utilizar este título no seu sentido mais amplo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O tema do relacionamento “secreto” do cristão com Deus (6.1-18) é desenvolvido sob três títulos na versão NIV: Dando aos necessitados; Oração; e Jejum. Para um estudo mais profundo sobre a Oração do Senhor (Mt 6.9-13), veja Lucas 11.2-4.

Contexto. A exposição que Jesus faz do verdadeiro significado da Lei do Antigo Testamento (Mt 5.17-48) desvia a atenção de seus ouvintes do comportamento à disposição interior, que é o local onde nasce o comportamento.

Agora Jesus continua a desenvolver a sua tese, com um exame cuidadoso de três comportamentos religiosos que os judeus daquela época consideravam especialmente devotos: a esmola, a oração e o jejum.

A atitude contemporânea em relação à esmola, firmemente enraizada no chamado do AT à generosidade, reflete-se em Tobias 4.7-11, um livro apócrifo que data do século II a.C.

Dê esmolas das suas posses a todos os que vivem corretamente, e não deixe que o seu olho inveje a sua doação quando você a fizer. Não desvie o seu olhar de nenhum homem pobre e o olhar de Deus não se desviará de você.

Se você tiver muitas posses, faça a sua doação proporcionalmente; se forem

poucas, não tenha medo de dar segundo o pouco que você tem. Assim você estará guardando um bom tesouro para si, para os dias de necessidade.

Pois a caridade liberta da morte e impede que você entre nas trevas; e para todos os que a praticam, a caridade é uma oferta excelente na presença do Altíssimo.

Lendo Tobias, podemos sentir como era importante a doação na religião de Israel. E podemos ver por que a generosidade era assumida como uma evidência da verdadeira religiosidade na época de Jesus.

Da mesma maneira, a oração e o jejum eram encarados como atos particularmente religiosos, e expressões igualmente visíveis da dedicação de uma pessoa a Deus. Em uma sociedade conhecida pelo seu zelo a Deus, não é de admirar que uma pessoa que desse aos pobres com constância, orasse e jejuasse, fosse considerada como estando particularmente próxima ao Senhor.

Interpretação. É importante observar que Jesus não critica a generosidade, nem a oração ou o jejum. O que Jesus faz é mostrar que cada um destes atos pode originar-se de motivos básicos. Alguns fazem uma demonstração pública da generosidade, da oração e do jejum, para que os outros possam pensar que eles são particularmente religiosos. Jesus observa de uma forma seca: “Já receberam o seu galardão” (6.2).

No entanto, há mais coisas além da exposição da hipocrisia, e da explicação clara de que os motivos são importantes. Jesus desafia a suposição de que os atos podem servir como uma estimativa de religiosidade.

Existem duas implicações neste desafio. Primeiramente, a melhor maneira de assegurar que os nossos próprios atos são religiosos é realizá-los secretamente, fazendo deles atos de adoração, vistos somente por Deus. Assim, Jesus fala sobre a doação: “não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja dada ocultamente” (6.3,4) e, “quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (6.6).

O relacionamento do cristão com Deus é intensamente pessoal e privado. Isto não significa que não exista uma afirmação corporativa ou uma experiência de fé. Isto significa que as expressões corporativas de fé devem fluir dos

relacionamentos “em secreto” – vitais e reais – dos membros da comunidade de fé com o Deus vivo.

A segunda implicação do desafio de Jesus é a seguinte: nenhum ato público pode jamais servir como uma estimativa da realidade do relacionamento pessoal de um indivíduo com Deus.

A razão disto é simples: nós não temos meios para julgar o que motiva os atos públicos de uma pessoa. Naturalmente, se uma pessoa envia os servos à sua frente para tocar uma trombeta e atrair uma multidão quando ele dá uma esmola, nós podemos supor que há uma mistura de motivos. Mas o fato é que nunca saberemos.

O reino de Deus é uma realização oculta, em secreto, de sua vontade nas vidas dos cidadãos do reino. O ato de aparência mais religiosa pode ser totalmente egoísta. Um ato suspeito, entretanto, pode ser uma expressão de um íntimo relacionamento com Deus.

Quando Gib Martin, agora um pastor em Seattle, era um professor em Ohio, ele costumava passar em um bar para tomar um refrigerante depois da aula. Todas as vezes Gib observava um homem mais velho que se sentava sozinho tranqüilamente. Depois de algumas semanas, eles começaram a conversar, e Gib, um agnóstico, foi convidado a ir ouvir um evangelista. Embora hostil à mensagem, naquela noite Gib foi incapaz de dormir e finalmente, mais ou menos às quatro horas da manhã, ele se entregou a Cristo. No dia seguinte ele correu ao bar depois do trabalho e contou ao seu amigo mais velho o que tinha acontecido. O homem respondeu: “Eu sei. A minha esposa e eu estivemos orando por você durante a noite toda, e aproximadamente às quatro da manhã o Senhor Deus nos disse que podíamos parar”. Posteriormente, Gib insistiu com o seu amigo para que fosse com ele à igreja, mas o homem mais velho recusou tristemente. “Eu não sou bem-vindo às igrejas aqui”, disse ele. “Eu freqüento bares”.

Aplicação. Talvez a primeira coisa que aprendemos do ensino de Jesus é a importância de cultivar o nosso próprio relacionamento “em secreto” com Deus. Nós precisamos passar algum tempo sozinhos com Ele no “nosso aposento”. Precisamos servir a Deus e aos outros anonimamente. Existe pouca coisa mais perigosa a uma vida espiritual vital do que o louvor dos outros a respeito dos nossos atos religiosos.

A segunda coisa que aprendemos com Jesus é evitar definir determinados atos como “religiosos” e outros como “não religiosos”. As listas que criamos e usamos para classificar os outros estão fadadas a estar erradas! O simples fato de que uma pessoa compareça a todas as reuniões da igreja, ensine na escola dominical, trabalhe em comitês, e até mesmo entregue o dízimo, não significa nada por si só. Por outro lado, desacreditar uma pessoa que esteja envolvida em outros “não faça isso” de algumas comunidades cristãs, é igualmente errado. Nem a observação dos nossos “faça isso” nem a abstinência dos nossos “não faça isso” – com base em usos e costumes – podem avaliar o relacionamento “em secreto” de um indivíduo com Deus.

Nada disto contradiz uma coisa que Jesus diz mais tarde: as pessoas, como as árvores, são conhecidas pelos frutos que as suas vidas produzem (7.16). O que contradiz isto é a noção equivocada que alguns de nós temos de que os atos religiosos são frutos.

O fruto de um relacionamento “em secreto” com Deus é um coração transformado – um coração que reage bem às palavras de Jesus e reage às necessidades dos seres humanos.

Tesouros no Céu (6.19-24) e Julgar os outros (7.1-6). Sobre julgar, veja também a discussão sobre Romanos 14 e Tiago 4.11,12.

Interpretação. A princípio, parece estranho conectar estas duas passagens. O seu tema é comprovadamente diferente. A primeira passagem começa com “Não ajunteis tesouros...” e a segunda com “Não julgueis”. Certamente não existe nenhuma relação entre tesouros e julgar.

No entanto, em um exame mais detalhado descobrimos que existem relações entre uma e outra coisa. Primeiramente, cada passagem tem a ver com valores pessoais, aquelas prioridades interiores que determinam a direção da vida de cada indivíduo. Jesus tem estado falando sobre o nosso relacionamento interior “em secreto” ou oculto com Deus. E cada uma destas passagens está relacionada com este tema.

Em segundo lugar, cada passagem é construída sobre três frases, cuja relação é

superficialmente incerta. Assim, a estrutura destes dois conjuntos de frases é correspondente, mesmo que o assunto pareça diferente.

Para interpretar adequadamente cada conjunto de frases, devemos levar em consideração tanto o seu enfoque comum nos valores quanto a sua estrutura correspondente.

A primeira seqüência começa com o mandamento: “Deixem de entesourar os seus tesouros terrenos” (6.19, paráfrase do autor). Seria suficiente que soubéssemos que Jesus disse isso. Mas Jesus graciosamente continua explicando por que é essencial obedecer a este mandamento.

As coisas terrenas são deterioráveis e perecíveis (6.19-21), de modo que é tolice entregar o coração ao que não tem valor final.

As coisas terrenas são corruptíveis (6.22,23)? Se nos fixarmos sobre as posses terrenas o nosso “olho”, aqui uma metáfora de coração, será “mau”. Aqui a palavra é diplous, que significa “duplo”. Incapaz de ver claramente os assuntos da vida, nossa percepção confusa do que é realmente importante na vida nos levará a problemas.

As coisas terrenas competem com nossa lealdade para com Deus. Não podemos ser totalmente comprometidos com Deus se amarmos o dinheiro. O amor a Deus e o amor à riqueza são incompatíveis, pois cada um deles luta para determinar as escolhas que nós fazemos. O caminho para o qual o amor de Deus nos direciona é muito diferente do caminho que tomaremos se fizermos nossas escolhas motivadas pelo amor ao dinheiro.

Estas três frases, portanto, estão relacionadas em um único argumento. Ele começa com o tesouro terreno e visível. E termina com o ser interior, com o comprometimento a Deus, que será e deve ser o valor determinante de nossas vidas. A segunda seqüência é similar, embora o assunto não seja o relacionamento com Deus mas o relacionamento com os outros. Ele também começa com um mandamento: “Deixem de julgar” (7.1, paráfrase do autor). Também aqui Jesus começa com o exterior e conclui com o interior. Para acompanhar o argumento, devemos observar uma verdade interessante: quando os valores são exteriorizados, eles são expressos como padrões. Isto é perigoso, porque os valores exteriorizados como padrão serão mal interpretados (7.1,2), mal aplicados (7.3-5) e mal utilizados (7.6).

Um valor é mal interpretado quando é exteriorizado como um padrão, pois então ele será usado como base para julgar as ações de outras pessoas (7.1,2). É correto dizer que os cidadãos do reino de Deus terão “fome e sede de justiça” (5.6). Mas não é correto dizer que esta fome pode ser identificada pelo padrão exterior. O cidadão do reino de Deus freqüentará a igreja assiduamente .

Não apenas é inadequado transformar valores em padrões, mas é também perigoso – até mesmo para a pessoa que faz isso! Se esta é a perspectiva que você e eu adotamos para avaliar os relacionamentos dos demais com Deus, os outros adotarão a mesma perspectiva para avaliar nossos relacionamentos com Ele. E você pode ter certeza de que nós estaremos aquém de quaisquer padrões que eles adotem!

Um valor é banalizado e mal aplicado quando é exteriorizado como um padrão (7.3-5). Como um padrão, um valor exteriorizado só nos capacita a identificar as partículas de areia (argueiros) nos olhos dos outros. Mas, se nos apegarmos a esses valores como valores, e não como padrão, eles realizam a importante função de nos capacitar para identificar as traves (literalmente, “toras, troncos”) em nossos próprios olhos.

Nós seremos capazes de olhar para tudo o que fazemos e nos perguntaremos: “Isto é amor?” ou “Isto honra a Deus?” Se, contudo, exteriorizarmos os valores do reino, provavelmente concluiremos que: “O amor é a caridade que fazemos a alguém”; e em breve nos tornaremos cegos à obrigação de avaliar tudo o que fazemos através do chamado que Jesus nos fez para amarmos.

Finalmente, um valor, quando exteriorizado como um padrão, será mal utilizado (7.6). O cidadão do reino de Deus tentará transmitir o significado do relacionamento com Deus afirmando sua compreensão do padrão do reino. É errado embriagar-se e dirigir. É correto deixar viver os que ainda não nasceram. É errado que os meios de comunicação apresentem pornografia como “coisas para adultos”. É ético apresentar o criacionismo nas escolas em vez da teoria da evolução. Estas podem muito bem ser pérolas – verdades bonitas e valiosas. Curiosamente, as pessoas do mundo, ao invés de receberem nossas opiniões com alegria, tornam-se hostis e “se voltam e nos despedaçam”.

Os padrões exteriorizados dos valores do reino não revelam as boas novas do reino de Jesus para aqueles que não se converteram. As boas novas do reino de Jesus estão resumidas na Pessoa do Rei. O primeiro e único problema do não

convertido é “qual é o seu relacionamento com Jesus Cristo?”

Não é errado defender a justiça em nossa sociedade. Mas não devemos usar os valores do reino, exteriorizados como padrões, como a base para o nosso relacionamento com as outras pessoas, sejam elas crentes (7.3-5) ou aquelas que não são salvas (7.6).

Aplicação. Estas duas passagens, aparentemente diferentes no seu assunto, nos ensinam as mesmas verdades. Em última análise, o relacionamento com Deus é uma coisa “em secreto” e intimamente pessoal. Devemos estar tão comprometidos com Deus e com seu reino oculto, que os tesouros terrenos não atraiam os nossos corações.

Também devemos estar comprometidos com os valores do reino, evitando qualquer tentação de exteriorizá-los como “padrões”, o que usaríamos para culpar os outros – e para nos justificar.

Para viver hoje no reino de Cristo, precisamos manter os nossos corações em harmonia com Ele.

Pedir, Buscar, Bater: Jesus Fala da Oração (7.7-12). Veja também a discussão sobre a Oração do Senhor no comentário sobre Lucas 11.2-4.

Contexto. A oração é um assunto que aparece e reaparece nos ensinos de Jesus sobre o modo de vida do reino. Jesus fala da oração privada como uma expressão do relacionamento “em secreto” do cristão com o Senhor (6.6,7). Ele ensina uma oração que exibe o respeito filial, a submissão e a dependência (6.9-13). Posteriormente, Ele lembra seus ouvintes de que Deus, como Pai, conhece e satisfará cada necessidade, libertando seus filhos para concentrarem seus esforços em seu reino e em sua justiça (6.25-34).

Agora, em 7.7-11, Jesus retoma o assunto da oração, e incentiva seus ouvintes a pedirem, buscarem e baterem.

Interpretação. Duas observações são essenciais para nossa interpretação. Jesus está falando estas palavras como incentivo. Jesus está falando de súplica, não de outras formas de oração.

Nós sabemos que as palavras de Deus devem ser interpretadas como um incentivo e não como um mandamento, porque cada exortação vem

acompanhada de uma promessa:

Pedi – e dar-se-vos-á.

Buscai – e encontrareis.

Batei – e abrir-se-vos-á.

Isto leva à pergunta imediata: Por que precisamos ser incentivados a levar nossas súplicas a Deus?

A resposta pode estar sugerida no contexto total do ensino de Jesus. O relacionamento com Deus é verdadeiramente uma coisa “em secreto”. Os incrédulos não podem ver, tocar nem sentir “Deus”. Nem nós! Quando oramos, damos um salto de fé, confiando em um Ser invisível para atuar em nosso nome no universo material. À medida que começamos a praticar a oração, precisamos da certeza provida pelas promessas de Jesus. Mesmo mais tarde, quando já percebemos respostas às nossas orações, precisamos ser lembrados repetidas vezes de que aquilo que acontece não pode ser descartado como “coincidência” mas é verdadeiramente uma evidência da intervenção divina em nosso nome.

Existe outra razão pela qual precisamos de incentivo. Freqüentemente as respostas às orações não chegam no momento em que gostaríamos, e este aparente atraso pode levar à dúvida. Não podemos duvidar da capacidade que Deus tem para responder às nossas orações. Mas podemos duvidar de sua vontade. Quem sabe estamos conscientes de algum pecado ou falha, e achamos que não merecemos o cuidado de Deus. Quem sabe nossa visão a respeito de Deus é tão exaltada que nos sentimos envergonhados de “perturbá-lo” com os nossos problemas. Assim, como parte de seu incentivo à oração, Jesus nos lembra de que o relacionamento que temos com Deus não é meramente aquele que existe entre a criatura e o Criador. Nós nos relacionamos com Deus como filhos e Pai!

Se os pais humanos, que são maus, dão coisas boas aos seus filhos, Deus, que é completamente bom, certamente dará coisas boas àqueles que Lhe pedirem.

Isto verdadeiramente é incentivo. Deus não apenas responderá nossas orações, mas, sua resposta nascerá de seu amor de Pai por nós, e será verdadeiramente uma “coisa boa”.

Em segundo lugar, o tipo de oração que Jesus está ensinando é a súplica. Isto não é louvor, nem ação de graças, nem contemplação. É pedir a Deus por alguma coisa que é vital para nós.

Nós sabemos disto porque Jesus descreve a oração como pedir, buscar e bater. “Pedir” é um ato de oração na sua forma mais simples. “Buscar” transmite intensidade, uma “sinceridade fervorosa”. E “bater” retrata persistência. Nós batemos à porta do céu, e continuamos batendo!

É importante não confundir o que Jesus está dizendo com o estabelecimento de condições que, se cumpridas, levarão Deus a nos responder. Jesus não está dizendo que se você pedir com fervor suficiente, e se for persistente o suficiente, Deus responderá sua oração. Ele simplesmente está dizendo que quando sentirmos uma necessidade tão intensa que nos leve ao Senhor repetidas vezes, não devemos nos sentir desencorajados, mesmo se a resposta parecer atrasada. Deus verdadeiramente se preocupa com estas coisas que importam para seus filhos. E Deus responde às nossas súplicas dando-nos boas coisas.

Aplicação. Que maravilhosa liberdade as palavras de Jesus oferecem quando consideramos a oração. A partir delas, sabemos que se alguma coisa é importante para nós, é também importante para Deus! E sabemos que Deus nunca ficará “contrariado” se continuarmos a levar tais assuntos a Ele.

Uma árvore e seus frutos (7.15-23). Para uma discussão mais aprofundada sobre esta imagem, veja os comentários sobre Mateus 12.33-35. Veja também a passagem correspondente em Lucas 6.43-45.

O construtor prudente e o insensato (7.24-27). Para uma discussão mais aprofundada sobre esta história, veja o comentário sobre Lucas 6.47-49.

A Autoridade do Rei

EXPOSIÇÃO

-

O Sermão do Monte de Jesus (Mateus 5–7) estabeleceu a intenção de Jesus de governar um reino oculto. A base do reino de justiça insuperável requer que os seus cidadãos sintam uma transformação interior, “em secreto”. Agora Mateus registra uma seqüência de atos miraculosos que provam o poder real de Jesus (8.1–9.34). Então, em uma demonstração assombrosa, Jesus verdadeiramente confere autoridade aos seus discípulos! (9.35–10.42). Mesmo assim, Jesus não é o Messias que Israel esperava. Apesar das evidências das obras de Jesus, até mesmo João Batista agora tem suas dúvidas. As cidades onde Jesus realizou os seus milagres mais espetaculares permanecem impassíveis. Embora sua nação esteja surda ao chamado de Jesus, Ele convida as pessoas para que venham até Ele para descansar (11.1-30).

No decorrer destes capítulos, a seqüência dos eventos é particularmente importante. Os milagres de Jesus

seguem uma ordem ascendente, demonstrando seu poder sobre as doenças (8.14-17), sobre a natureza (8.23-27), sobre o sobrenatural (8.28-32), sobre o pecado (9.1-8) e sobre a própria morte (9.18-26). Isto já é assombroso o suficiente, mas na seqüência seguinte Jesus dá aos seus doze discípulos "poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem e para curarem toda enfermidade e todo mal" (10.1,8). O poder de Jesus como Rei é tão grande que Ele pode imbuir meros humanos de capacidade sobrenatural para servir aos outros. O poder do Rei flui nos cidadãos de seu reino, e através deles!

Apesar desta evidência, a população da sua terra natal judia ainda hesita. Jesus não é o tipo de rei que eles esperavam! Até mesmo João Batista, que sabe que Jesus é o Filho de Deus (Jo 1.32,34) está inseguro. Ele envia os seus discípulos para perguntar se Jesus é o Rei esperado, ou se "esperamos outro?" (11.3). A esperança de Israel tinha estado tão concentrada na aparência daquele que iria restabelecer o governo visível e institucional de Davi sobre a terra que, apesar de todas as demonstrações do poder de Jesus, o povo não consegue ser levado a aceitá-lo como o Messias. Tampouco se decidirão por um reino interior, "em secreto" em lugar de um reino terreno.

Jesus responde graciosamente aos seguidores de João e simplesmente lhes diz que narrem os seus atos de cura a João (11.4-6). Cristo está confiante de que o seu primo lembrar-se-á da descrição de Isaías das obras do Messias (Is 35.5,6; 61.1) e crer. Mas Jesus é severo ao acusar as cidades onde se realizou a maioria de seus milagres (11.20-24). O pior dos povos pagãos teria caído de joelhos em arrependimento, se tivesse visto tais obras, mas não o próprio povo de Deus.

A seqüência termina com uma bonita afirmação do paradoxo da salvação. Somente aqueles a quem Deus revela o reino oculto podem possivelmente vê-lo. Mas ele é visível a todos os que estão em Jesus Cristo, que convida os cansados a estenderem a mão e tomarem a sua (11.25-30).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo (8.2). As palavras gregas usadas para expressar a idéia de “vontade” ou “ter vontade” (thelo e boulomai) podem expressar inclinação ou tendência e escolha. O leproso não duvidava do poder de Jesus. A única dúvida que restava era se Jesus estaria inclinado a usar seu poder para ajudá-lo. O que Jesus fez é um lembrete salutar para nós. O nosso Deus está sempre inclinado a responder às orações daqueles que confiam nele.

Apresenta a oferta que Moisés determinou, para lhes servir de testemunho (8.4). A expressão eis martyrion, “como testemunho”, aparece oito vezes nos evangelhos sinóticos. Aqui, no entanto, Mateus acrescenta autois, “a eles” (lhes). Este acréscimo traz a um enfoque claro a pergunta que nós devemos fazer: Por que Jesus enviou o leproso purificado para os sacerdotes, somente para cumprir o procedimento exigido em Levítico 14, que tinha a intenção de confirmar a devolução da saúde a um leproso?

Talvez a resposta esteja no fato de que autois, nesta construção, pode ser traduzido tanto como “contra eles” quanto como “a eles”. Os mesmos líderes religiosos que estavam entre os mais duros críticos a Jesus foram forçados a examinar o leproso curado e a afirmar que ele estava limpo!

Hoje em dia também a obra de Cristo sobre a vida de outra pessoa é eis martyrion autois. A própria admissão “Sim, eu consigo ver uma diferença na sua vida” é também um testemunho para o observador, e também contra ele.

A febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo (8.15, versão RA). O tempo imperfeito diekonei é corretamente traduzido como “começou a servir”. O que Mateus quer dizer é que cura da sogra de Pedro foi completamente eficaz: ela ficou completamente e instantaneamente curada.

Trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos (8.16). Demônios e maus espíritos são freqüentemente mencionados nestes capítulos (cf. 8.31,32; 9.32-34; 10.1,8). Muitos identificam estes seres com os anjos que seguiram Satanás em sua rebelião contra Deus. A Bíblia retrata os demônios como ativamente hostis aos seres humanos, atormentando homens e mulheres com doenças (Mt 4.22; 12.22; 15.22; Lc 4.33-35) e loucura (Mc 5.2-20; Lc 8.27-29).

Sempre que Jesus confrontava as obras dos demônios Ele primeiramente os expulsava da personalidade dos humanos que eles haviam possuído. A seguir Ele reparava o mal que eles haviam causado. Nós corremos para Jesus não somente para proteção, mas também para a restauração de nossa totalidade.

Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías (8.17). A citação reflete a paráfrase pessoal que Mateus faz de Isaías 53.4, uma interpretação que não segue exatamente nem o texto hebreu original nem a sua tradução grega, a Septuaginta.

Dodd observa acertadamente que quando uma breve passagem do Antigo Testamento é citada no Novo Testamento, todo o contexto é implicado. Assim, devemos ler a ênfase de Isaías sobre o Servo Sofredor de Deus tomando todas as enfermidades do homem sobre si mesmo em seus sofrimentos e em sua morte na breve menção de Mateus sobre a cura. Também é importante lembrar que os judeus, e as próprias Escrituras, encaravam todas as doenças como uma conseqüência direta ou indireta do pecado.

O que Jesus estava demonstrando então quando curava as pessoas? Era mais do que um ato de poder. Era um testemunho de seu intento, por meio de seu sofrimento e de sua morte, de prover uma salvação que, em última análise, destruirá todas as doenças.

Nos milagres de cura de Jesus podemos ver nas entrelinhas o cumprimento da promessa da profecia da cura definitiva de todos os impactos do pecado sobre nós.

Senhor, permite-me que, primeiramente, vá sepultar meu pai (8.21). A resposta de Jesus, com o conclusivo “deixa aos mortos sepultar os seus mortos” (8.22) choca os nossos ouvidos. Nós não esperamos uma frase tão breve e ríspida do nosso Senhor.

No entanto, primeiramente devemos observar que o pai do homem não estava doente naquela ocasião. Na época de Jesus as pessoas eram enterradas no mesmo dia que em que morriam, tão rapidamente quanto fosse possível. Se o pai já estivesse morto, o filho teria estado organizando o enterro, e teria sido esperado que Jesus se unisse aos pranteadores, pois isto era considerado um dever religioso no século I.

Assim, o que o jovem quis dizer foi: “eu tenho a obrigação de cuidar do meu pai idoso. Quando este dever estiver cumprido, então poderei lhe seguir”. Para os ouvintes do século I, a resposta de Jesus era tão clara quanto o pedido. “Sua primeira obrigação é Me seguir”.

O ensino de Jesus aqui não é confortável. O dever de cuidar dos pais idosos era muito real na sociedade judaica do século I. Podia ter sido um dever que o jovem queria cumprir devido a um sincero afeto pelo seu pai. Ainda assim, os outros discípulos de Jesus haviam abandonado seus pais, e até mesmo as suas esposas, para seguir Jesus; e ao fazerem isto, confiaram seu cuidado a Deus e à comunidade de fé.

Freqüentemente você e eu devemos enfrentar decisões como esta que enfrentou este seguidor de Jesus. Nós colocaremos Jesus em primeiro lugar, antes mesmo da mais importante de nossas outras obrigações? Se Jesus nos chamar, nós vamos confiar os nossos entes queridos em suas mãos, e segui-lo sem hesitação?

E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pequena fé? (8.26). A palavra grega, oligopistoi, fala da qualidade e da quantidade da fé dos discípulos. Havia alguma fé; os discípulos pediram a Jesus que “fizesse alguma coisa!” Mas os seus temores revelaram a imperfeição da sua fé. As circunstâncias, a tempestade, dominaram tanto os seus pensamentos que eles deixaram de ver que a presença de Cristo garantiria a sua segurança. Em primeiro lugar, como Jesus era o Messias, dificilmente Deus o deixaria morrer em uma tempestade. Em segundo lugar, como os milagres anteriores de Jesus demonstraram, seu poder pessoal era ilimitado. Nenhuma tempestade poderia ameaçá-lo ou quem estivesse com Ele.

Circunstâncias assustadoras ainda dominam os nossos pensamentos com muita

freqüência, como observaram gerações de comentaristas. Quando isto acontece, a pergunta de Jesus: “Oh, vocês de pouca fé, por que estão com tanto medo?” (parafraseada) nos faz refletir. Nós estamos seguros com Jesus. E Ele está sempre conosco.

Para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados (9.6). A palavra “perdoar”, aphiemi, significa basicamente “expulsar”. Outra palavra grega também traduzida como “perdoar”, charizomai, simplesmente significa “ser gracioso com”. Você e eu podemos ser graciosos e ignorar os defeitos dos outros; mas somente Deus pode lidar adequadamente com o pecado, expulsando-o.

Aqueles que tropeçam, ou pisam em falso, precisam de pessoas que os aceitem e os incentivem. Mas, acima de tudo, nós, que tropeçamos, precisamos da purificação total, disponível somente naquele Deus que pode expulsar o nosso pecado.

Por que come o vosso Mestre com os publicanos e “pecadores”? (9.11). Dificilmente podemos perceber a natureza devastadora desta crítica. Ao chamar Mateus, um coletor de impostos, ou publicano, para ser seu discípulo, e ao ir ter uma refeição na casa de Mateus, Jesus chocou completamente não apenas os religiosos, mas também as pessoas comuns.

A literatura rabínica que data aproximadamente da época de Cristo contém diversas listas de profissões desprezadas. Proeminentes entre os banidos sociais estavam os coletores de impostos, ou publicanos, que obtinham o seu direito de cobrar impostos mediante uma oferta de dinheiro e depois extorquiam mais dinheiro do que era devido para enriquecerem. O Mishnah diz que “para pastores [que tinham a reputação de roubarem os demais quando pastoreavam seus rebanhos], coletores de impostos e publicanos, o arrependimento é difícil”. A razão? Seria difícil colocar estes homens diante de cada pessoa que eles tivessem ludibriado ou prejudicado, e assim não se poderia fazer a reparação que a Lei

exigia! (Êx 22.3).

A condenação geral dos coletores de impostos reflete-se em frases encontradas na literatura rabínica, como também no Novo Testamento, que os conectavam com outras classes desprezadas. Frases de fontes rabínicas conectam “coletores de impostos e assaltantes”, “coletores de impostos e gentios” e “assassinos, assaltantes e coletores de impostos”. Os mesmos padrões lingüísticos são encontrados no Novo Testamento, que conecta “publicanos e ‘pecadores’” (Mc 2.15; Lc 5.30) e “roubadores, injustos e adúlteros”, e, naturalmente, “publicano(s)” (Lc 18.11).

Chocados e repelidos, e ainda assim indubitavelmente deliciados por terem alguma coisa de que acusar Jesus, os fariseus perguntaram aos discípulos de Cristo: “Por que...?” Por que Jesus, que afirma ter um relacionamento especial com Deus, se aviltaria ao ter a companhia desta ralé?

A resposta de Jesus ecoa durante os séculos como um desafio para os cristãos. “Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes” (9.12).

Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores (9.13). Quando Jesus usa a palavra “chamar”, kalesai, ela tem a força de “convidar”. Esta frase enigmática tem um significado importante. Os judeus do século I esperavam que o Messias aparecesse e, depois de purificar Israel dos pecadores, estabelecesse um reino terreno para os justos. Aqui Jesus nos lembra de que sua missão é de graça: Ele veio para recuperar os perdidos. Aqueles que classificam a si mesmos como “justos” não somente deixaram de compreender sua missão, como também se colocaram fora do círculo daqueles que precisam da graça de Deus.

Ninguém é mais difícil de ser alcançado com a mensagem do Evangelho, do que aquela pessoa que está convencida de que as outras pessoas é que precisam desesperadamente das boas novas.

Nem se deita vinho novo em odres velhos (9.17). “Vinho novo” era suco de uva não fermentado. “Odres” eram as peles de bode costuradas para formar garrafas

de couro. As peles frescas eram usadas com a colheita nova, pois quando o vinho fermentasse e os gases se formassem, se as peles fossem antigas, iriam se romper.

A metáfora transmite uma verdade importante. O ensino de Jesus sobre o reino, como sua revelação de si mesmo como sendo o Messias, simplesmente não se encaixa nas categorias que o judaísmo contemporâneo tinha desenvolvido em seu estudo do Antigo Testamento. O ensino de Jesus é novo, e exige que Israel desenvolva novas correntes de pensamento que o contenham. A menos que as categorias antigas sejam abandonadas, elas se dividirão e o ensino de Jesus será derramado no chão. Então, nem os odres velhos nem o vinho novo terão alguma utilidade para Israel.

Aqui também há um ensino para nós. Nossas categorias teológicas não devem nunca ter a mesma autoridade que as Escrituras. À medida que cada geração enfrenta novos desafios, nós precisamos retornar à Palavra de Deus, pedindo ao Espírito Santo que abra nossos corações e nossas mentes para compreender e aplicar sua verdade.

Tem compaixão de nós, Filho de Davi (9.27). O nome é um título – o título do Messias esperado. Como é freqüente que os autores dos evangelhos retratem os cegos como dotados de uma visão espiritual.

Nada há encoberto que não haja de revelar-se (10.26). A palavra é kekalummenon, de kalupto, “esconder” ou “encobrir”. A frase produz dois efeitos. Por um lado, serão expostos os motivos e atos corruptos daqueles que perseguem os seguidores de Jesus. Por outro lado, a fidelidade dos discípulos, apesar da perseguição, um dia será motivo de louvor de todos.

Existe outro contraste neste contexto. Aqueles que matam o corpo estão visíveis, mas o que eles não conseguem matar é a personalidade essencial, a “alma”, psyche. Um dia, o que não é visível será revelado como sendo real, e o que é

visível será conhecido como sendo ilusório.

Qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus (10.32,33). Estes versículos refletem dois lados da mesma moeda. Jesus está dizendo que a escolha que alguém faz neste mundo afeta seu destino no próximo. Neste contexto de advertência, as palavras de Jesus são verdadeiramente solenes. Não devemos temer as pessoas, mas a Deus (10.28), e a atitude de Deus com relação a nós depende inteiramente de nossa resposta a Jesus Cristo.

Não é incomum que um cristão pergunte a outra pessoa: “você foi salvo?” Mais de uma pessoa responde com o gracejo “de que?” Esta passagem nos lembra que existe realmente uma única resposta possível: “Salvo de Deus”.

Devemos escolher Jesus, pois somente por meio dele podemos evitar a ira de Deus que há de vir.

Desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele (11.12). Este versículo desconcertante reuniu inúmeras interpretações. Mais uma vez, o contexto pode fornecer a chave para ajudar-nos a entendê-lo. O verbo biazetai é usado com significados contraditórios, uma construção chamada “antanáclase”. Desde o início, a mensagem do reino teve que abrir seu caminho, derrotando o poder das trevas. E desde o início os homens que usam de força (aqui com o sentido de “violência”) resistem desesperadamente ao seu progresso.

João ficou desconcertado porque o Rei, Jesus, não acabou com toda a oposição para estabelecer com facilidade seu governo terreno visível. Mas Jesus estabelecia um reino baseado na luz, e não na destruição violenta. E os homens violentos do mundo resistiram desesperadamente, com a ridicularização (11.16-19) e com a falta de fé (11.20-24).

A história nos ensinou que a mensagem do evangelho cria oposição ao mesmo tempo em que estimula a fé. Nós temos que combater esta realidade e o fato de que Deus dá a cada ser humano a liberdade de aceitar ou rejeitar seu Filho. Mas no século I isto era verdadeiramente um vinho novo, que certamente rompeu com os odres das expectativas messiânicas contemporâneas.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Jesus cura um leproso (8.1-4). Para uma discussão em profundidade, veja o comentário sobre Marcos 1.40-45.

A fé do centurião (8.5-13). Veja também a passagem correspondente em Lucas 7.1-10.

Contexto. O exército romano era organizado em legiões, cada uma delas com seis mil homens quando em concentração completa. As legiões eram constituídas de seis coortes, cada uma delas com 60 "centúrias" de cem homens cada uma. Estas unidades de cem homens eram lideradas por um "centurião", sobre quem o The Revell Bible Dictionary diz: "Os centuriões eram os oficiais de quem dependia a eficácia do exército romano. Inteligentes, bem pagos e altamente motivados, eles normalmente permaneciam no exército por um período de tempo maior do que a convocação normal de 20 anos. Ao dar baixa, um centurião recebia um grande bônus. Muitos se tornavam cidadãos influentes nas cidades nas quais se aposentavam".

É talvez surpreendente que o Novo Testamento exiba uma atitude universalmente positiva com respeito a estes militares. Lucas narra que o centurião cuja história lemos aqui era considerado pela comunidade judaica como alguém que "ama nossa nação e nos edificou a sinagoga" (7.5) e com base nisto os líderes judeus de Cafarnaum insistiram para que Jesus atendesse seu

pedido (Lc 7.1-10). Outros centuriões também são retratados como homens que eram espiritualmente sensíveis. O oficial a cargo do pelotão que executou Jesus não o ridicularizou, mas no final confessou: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (Mc 15.39). O primeiro gentio a ouvir e responder ao evangelho foi um centurião chamado Cornélio, que Lucas descreve em Atos 10 como “piedoso e temente a Deus”, e alguém que “fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus” (10.2). Finalmente, o centurião que foi designado para levar Paulo a Roma salvou a vida dos prisioneiros na viagem, porque ele queria “salvar a Paulo” (At 27.43).

Embora alguns tenham sugerido que os autores dos evangelhos propositadamente alteravam seus relatos para adular Roma, isto não é provável em Mateus, cujo evangelho está dirigido ao seu próprio povo, os judeus, cuja hostilidade para com Roma era intensa na época em que ele escreveu.

Interpretação. Na história registrada aqui, encontramos um centurião mais provavelmente “fixado” que “aposentado” em Cafarnaum, naquela época o centro administrativo da Galiléia. Quando o Centurião pede ajuda para um servo seu, Jesus se oferece para ir e curá-lo. Foi então que o centurião exibiu uma fé fundamentada, do tipo que Jesus não encontrou em ninguém em Israel (8.10).

Por que dizemos que a fé do centurião era “fundamentada”? Simplesmente porque as suas palavras a Jesus revelam uma análise penetrante do significado dos milagres que Jesus já tinha realizado e revelam a disposição do centurião de comprometer-se com as suas conclusões.

Esta fé fundamentada é expressa pela explicação do centurião: “pois também eu sou homem sob autoridade” (8.9). Como um oficial do exército romano, o centurião estava ciente de que as suas ordens seriam obedecidas porque seu poder vinha do próprio imperador. A realidade central em estar “sob autoridade” não era a subordinação, mas sim o poder. Pois o poder em Roma em última análise derivava do imperador, de modo que um soldado que obedecesse às ordens do centurião estava, na realidade, obedecendo ao Imperador Augusto. O centurião podia comandar os demais somente porque como um oficial ele era um canal para a autoridade imperial.

Assim, a explicação do centurião indica que ele percebia que Jesus também era um canal, cujos atos só eram possíveis porque Jesus derivava seu poder de Deus. Era o poder divino, fluindo de Deus por intermédio de Jesus, que capacitava

Cristo a ordenar a obediência das doenças, da natureza e até mesmo dos demônios.

Em um certo sentido, esta conclusão é óbvia. E assim é a conclusão do centurião: “dize somente uma palavra, e o meu criado sarará” (8.8). Mas as palavras de Jesus “nem mesmo em Israel encontrei tanta fé” (8.10), não somente elogiam – como também condenam. A simplicidade da escolha que confronta os seres humanos, tão claramente reconhecida pelo centurião, foi alguma coisa que Israel deixou de ver, porque o povo de Deus ignorou o significado das obras de Jesus e discutiu sua identidade.

É Jesus o porta-voz de Deus? Ele realmente fala e age por Deus no mundo dos homens? O centurião diria: “Claro que sim! As suas obras provam isso”. E ele mostrou que acreditava.

Aplicação. A fé simples, ainda que fundamentada, do centurião, em tal contraste com a incerteza, a dúvida e o interminável debate teológico que podemos ler nos capítulos seguintes do evangelho de Mateus, nos ensina muitas coisas.

Em primeiro lugar, somos lembrados de que Jesus tem todo o poder. Não importa o quanto sua presença física esteja distante de nós, o poder da palavra de Cristo é capaz de transformar nossa situação.

Em segundo lugar, somos lembrados de que o problema central na vida cristã não é a teologia, mas sim a fé em Jesus. Em lugar de debater as crenças, vamos nos encorajar uns aos outros a nos apegarmos fortemente à convicção de que Jesus é o Filho de Deus, o único canal por meio do qual o poder de Deus flui para satisfazer as necessidades humanas hoje.

Jesus cura a sogra de Pedro (8.14,15). Veja Lucas 4.38,39 e os comentários sobre Marcos 1.24.

Jesus acalma a tempestade (8.23-27). Veja Lucas 8.22-25 e o comentário sobre Marcos 4.35-41.

Jesus liberta os endemoninhados (8.28-34). Veja Lucas 8.26-39 e o comentário sobre Marcos 5.1-20.

Jesus cura o paralítico (9.1-8). Veja Marcos 2.2-12 e o comentário sobre Lucas 5.17-26.

Jesus convoca Mateus (9.9-13). Veja o comentário sobre Marcos 2.13-17.

Jesus é questionado a respeito do jejum (9.14-17). Veja Marcos 2.18-22; Lucas 5.33-39, e o Estudo da Palavra sobre Mateus 6.16.

Uma garota morta e uma mulher enferma (9.18-26). Veja Marcos 5.22-43 e Lucas 8.41-56.

Jesus cura os cegos e o mudo (9.27-34). Veja Lucas 18.35-43.

Jesus envia os doze (10.1-42). Veja também as passagens correspondentes em Marcos 6.8-11, Lucas 9.1-10 e 10.1-16.

Contexto. Seria um engano para nós pensarmos nos rabinos da época de Jesus como homens ricos. As referências na literatura judaica daquela época sugerem que muitos rabinos viviam em extrema pobreza. Hillel, talvez o mais famoso rabino daquele tempo, nasceu em uma família pobre da Babilônia. Ele ia a pé até Jerusalém e trabalhava como um operário por somente meio denário, pagava à escola um quarto desta quantia e cuidava da sua família com o que sobrava. Uma história fala sobre um inverno em que ele não encontrava

trabalho. Incapaz de pagar a escola, ele ouvia do lado de fora da janela e quase congelava. Somente depois de ter se tornado um professor famoso ele conseguiu escapar da mais amarga pobreza.

Jesus também veio de uma família pobre (Lc 2.24; Lv 12.6-8). Mateus cita Jesus advertindo um provável seguidor que o "Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (8.20). O próprio Cristo não carregava dinheiro (Mc 12.13-15; Lc 20.20-24) e dependia de ofertas voluntárias (Lc 8.1-3). Como outros rabinos, Jesus deve ser incluído entre as pessoas mais pobres da Terra Santa.

Assim, devemos perceber que a ordem que Jesus deu aos Doze, de não levar ouro, nem prata, nem cobre, nem alforjes [com comida] para o caminho (10.9,10) não é nenhuma inovação religiosa, mas é parte de uma tradição permanente que exige que aqueles que ensinam a respeito de Deus demonstrem a sua dependência do Senhor por meio da sua indiferença às coisas materiais.

Esta tradição prosseguiu na igreja apostólica primitiva. Paulo e Barnabé trabalhavam como operários para seu sustento, mas também recebiam doações da igreja que os ajudavam a viajar de cidade a cidade. E à medida que as igrejas estabeleciam-se por todo o mundo romano, os professores cristãos itinerantes entrecortavam o império. A Terceira Epístola de João refere-se a tais pessoas nos versículos 5-8, dando-nos uma imagem vívida das suas vidas e dos seus ministérios:

Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos e para com os estranhos, que em presença da igreja testificaram da tua caridade, aos quais, se conduzires como é digno para com Deus, bem farás; porque pelo seu Nome saíram, nada tomando dos gentios. Portanto, aos tais devemos receber, para que sejamos cooperadores da verdade.

O mesmo tema é refletido no Didache, um dos mais antigos escritos cristãos, que indica como um professor deveria chegar ao seu próximo destino (11.6).

Mesmo na sociedade helênica a atitude a respeito dos "filósofos" itinerantes em cada cidade, que procuravam reunir alguns poucos alunos, era moldada pela sua atitude a respeito do dinheiro. Os homens verdadeiramente prudentes não

aceitavam dinheiro pela sua sabedoria, ao passo que os cínicos eram motivados pela avareza. Assim, Paulo escreve em 2 Coríntios 2.17: “nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus; antes, falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus”.

Assim, o capítulo 10 de Mateus não deve ser considerado um conjunto de instruções incomuns, aplicáveis somente a um pequeno treinamento de viagem dado aos Doze na pequena província da Galiléia. Na verdade, as orientações de Jesus refletem as convicções não expressas, mas profundamente firmes da sociedade judaica, de que aquele que ensina a respeito de Deus deve ser indiferente à riqueza do mundo. Essas orientações também refletem a completa dependência do próprio Cristo em relação ao seu Pai. E as orientações que Jesus deu aos Doze também ajudaram a formar a perspectiva da igreja primitiva sobre o ministério.

Interpretação. Embora Mateus 10.5-16 se encaixe na situação imediata da Galiléia, o restante do capítulo parece vislumbrar uma época em que os seguidores de Jesus iriam ministrar pelo mundo (10.18). Assim, Mateus relata a história do envio dos Doze, e prossegue mostrando-nos como aquela primeira aventura fornece um padrão para o ministro por toda a era da igreja.

A passagem pode ser detalhada da seguinte maneira:

Instruções específicas (10.5-15). Neste estágio da sua missão, Jesus está apresentando-se a Israel como o Messias da nação. Os discípulos recebem a instrução de pregar somente a Israel: por que ofender Israel, estendendo prematuramente o ministério aos odiados samaritanos ou gentios? O assunto é a reivindicação de Jesus, e nada deve atrapalhar o povo da Galiléia ao tomar uma decisão sobre Ele.

Como conseqüência, os doze devem pregar e ensinar, dependendo somente de Deus para satisfazer as suas necessidades por meio daqueles que respondem ao seu ministério

Princípios gerais (10.16-42). No versículo 16, ocorre uma importante modificação, e os ensinos de Cristo estabelecem princípios gerais que se aplicam não apenas à tarefa imediata, mas também à futura missão de sua igreja.

Prudente, mas símplice (10.16). A imagem de Jesus compara a serpente com a pomba. Ao se relacionarem com os incrédulos, os seguidores de Cristo devem ser prudentes o suficiente para evitar ataques sempre que possível, mas inocentes o suficiente para que a precaução não se transforme em medo e os leve ao isolamento.

Cautelosos, mas confiantes (10.17-20). Os cristãos podem esperar a perseguição, mas também podem ter confiança de que quando forem desafiados o próprio Deus falará por eles. Na época do Novo Testamento os ricos usavam oradores profissionais para representá-los na corte. Cristo promete a seus seguidores que eles terão o melhor advogado disponível – o próprio Espírito Santo, “que fala em vós” (10.20).

Odiados, mas salvos (10.21-23). O compromisso com Cristo suscitará um antagonismo que pode dividir a família e estimular o ódio, tornando nossas vidas neste mundo constantemente estressantes, e algumas vezes até mesmo exigindo uma luta. Mas antes que esgotemos todos os refúgios, Jesus virá e nos salvará.

Perseguidos, mas destemidos (10.24-33). Jesus foi condenado como o príncipe dos demônios; dificilmente poderemos esperar tratamento melhor. Quando a perseguição vier, nós devemos permanecer sem medo. Por que? No final, a verdade será revelada. Os humanos só podem tocar nossos corpos e não nossas almas. E Deus está totalmente comprometido com a tarefa de cuidar de cada um de nós. Nós, que reconhecemos Cristo aqui na terra, podemos ficar tranqüilos de que Ele nos reconhecerá perante seu Pai no céu.

Em guerra, mas vitoriosos (10.34-39). A vida para aqueles que seguem a Jesus será marcada pelo conflito com os outros e pelo conflito interior. Mas na decisão de seguir a Jesus nós ganhamos mais do que perdemos, pois descobrimos uma nova vida que só é possível nele.

A passagem é concluída com uma afirmação que tem um significado especial no mundo do século I. Naquele tempo, o representante de uma pessoa devia ser recebido como a própria pessoa (Lc 10.16; Jo 12.44,45; At 9.14). Ao honrar o

servo, se honrava o senhor que o enviou.

Como é melhor ser honrado pelo povo de Deus por servir a Jesus do que ter toda a riqueza e a popularidade que o mundo pode oferecer.

Aplicação. A passagem, como um todo, nos dá uma descrição maravilhosa do ministério. Parece que a pessoa enviada por Jesus deve estar preparada para abrir mão da maior parte das coisas às quais as pessoas agarram-se.

A passagem nos lembra de que Jesus enfrentou hostilidade e perseguição, e que isso também poderá acontecer com aqueles que escolherem viver como Ele viveu neste mundo. Ela também nos lembra de que o comprometimento com Cristo pode até mesmo custar o amor dos membros de nossa família. Talvez a mensagem mais significativa para a igreja, em nossa era materialista, é o chamado de Jesus para abandonar conscientemente a dependência da riqueza e viver como um pobre.

Um comentarista do Oriente Médio observa que nos países orientais os homens ricos tendem a usar várias camisas e casacos, e levar um par de sapatos extra. Isto os deixa à mercê dos ladrões, que levam a roupa extra e ainda os atacam fisicamente, caso eles resistam. Assim, sugere este comentarista, a instruções de Jesus a seus discípulos de que usem somente uma túnica e não levem nem alforje com provisões nem dinheiro tinha a intenção de protegê-los dos assaltantes.

A interpretação é exata culturalmente, mas deixa de ver o principal.

Aqueles que representam Jesus devem depender inteiramente de Deus para satisfazer as suas necessidades. Eles devem demonstrar sua confiança em Deus ao partir como pobres, dispostos a contar com a generosidade de estranhos. Ao escolher este tipo de vida, os rabinos, Jesus, e os primeiros missionários cristãos provavam seu comprometimento com a mensagem que eles proclamavam: Deus cuida e, portanto, como um filho do Pai celestial, o cristão pode ficar satisfeito.

Eu suspeito que o mundo ainda julgue aqueles que afirmam falar em nome de Deus segundo a sua atitude com relação ao dinheiro. Como é fácil sentir um chamado para servir no início – mas tornar-se um mero mascate visando o lucro, transmitindo um evangelho moldado para confortar os ricos ao invés de desafiar aqueles que estão vivendo um conforto iníquo.

O pobre hostil e cheio de autopiedade certamente não tem direito de reivindicar

uma superioridade espiritual. Mas aqueles que saem pela vida, como os Doze saíram pela Galiléia, determinados a não levar nada extra para a viagem, podem ser os mais sábios, e os mais ricos, entre todos nós.

Jesus e João Batista (11.1-30). Veja também Mateus 3 e João 1.19-28.

Contexto. Malaquias conclui o último livro do cânone do Antigo Testamento com esta predição: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor" (4.5). Assim, a pergunta surge ainda hoje: era João Batista aquele Elias?

Jesus disse claramente a seus contemporâneos: "Se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir" (Mt 11.14).

É importante entender este ponto, porque ele fornece uma chave para nossa interpretação de toda a passagem. Ele nos diz que Jesus está de fato defendendo João, e no processo está deixando perfeitamente claro seu próprio papel na história da salvação. Pois, se João é o "Elias" que havia de vir, então Jesus deve certamente ser o Messias.

Interpretação. A passagem contém diversos versículos difíceis, que podemos compreender se acompanharmos o argumento, o fluxo do pensamento da passagem.

João envia alguém a Jesus para perguntar se Ele era aquele que viria (o Messias), ou se Israel devia esperar outra pessoa (11.1-3). João já estava preso há cerca de um ano nesta época, e estava intrigado, pensando por que Aquele que ele indicou não agiu primeiro julgando e então abençoando a terra.

Cristo diz aos mensageiros de João que contem os atos de cura que eles testemunharam (11.4-6). Suas palavras aludem a passagens do Antigo Testamento (Is 35.5,6; 61.1) que descrevem tanto a bênção quanto o julgamento, e prometem: "o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará" (35.4). As bênçãos provam que Jesus é o Messias; as Escrituras asseguram a João que o julgamento, embora aparentemente atrasado, certamente virá.

Quando os discípulos de João partem, Jesus fala à multidão a respeito de João (Mt 11.7-15). Primeiramente, João é “muito mais do que profeta” (11.9). Porque João é também o assunto da profecia (11.10). Isto não pode ser dito a respeito de nenhum outro profeta do Antigo Concerto.

Em segundo lugar, João é maior do que qualquer que tenha vindo antes dele. Outros profetas olhavam adiante e descreviam o Messias à distância. João viu o Messias, e anunciou: “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1.29; também 1.30-34). Somente João foi privilegiado, identificando Jesus de uma maneira decisiva.

A posição privilegiada de João na história da salvação levou Cristo a dizer sobre ele: “Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista” (Mt 11.11). Podemos entender a próxima observação de Jesus, “aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele [João]” (11.11) neste contexto. Hoje, vemos Jesus da perspectiva de sua cruz e ressurreição; mesmo o menor no reino atual de Deus pode dar um testemunho mais claro sobre Jesus e o significado de sua vida do que João podia.

João deixou de entender que, em lugar de acabar com toda a oposição, Jesus, no reino “secreto”, estava “avançando forçosamente” contra a intensa oposição. Ainda assim o ministério de João realmente cumpriu a profecia de Elias, e Jesus é o Messias de quem os profetas do Antigo Testamento falavam (11.12-15).

Agora Jesus deixa de lado o assunto do papel de João na história da salvação e passa a descrever a atitude indulgente do povo judeu com relação a João e a Jesus (11.16-19). Jesus e João eram completamente diferentes em estilo, embora cada um deles convocasse ao arrependimento e anunciasse que o reino de Deus estava próximo. A imagem de Jesus é de crianças tocando “músicas de casamento” e de “enterro” (versão NTLH) nas praças. O problema é que, não importa qual a música tocada, os ouvintes de João e de Cristo ficam à margem e se recusam a acompanhar. Em lugar de reagir à música, eles reclamam e criticam os músicos!

O resultado é que as cidades da Galiléia que não se arrependeram sofrerão um julgamento mais severo do que as cidades antigas conhecidas por seus pecados (11.20-24). Se os prodígios realizados por Jesus tivessem sido realizados naquelas cidades, seus cidadãos “há muito... ter-se-iam arrependido” (11.21).

A passagem é concluída com palavras de certeza e convite (11.25-30). O

fracasso da nação em reagir não representa uma evidência maior – de que o reino não estava próximo – do que o atraso do julgamento predito no Antigo Testamento. Na verdade, o reino secreto só pode ser visto por aqueles “filhos” a quem o Pai e o Filho revelam-se.

E assim, Jesus conclui com um convite. Os cansados e oprimidos são convidados a deixar de lado o esforço próprio e a vir até Jesus para descansar. Eles devem tomar o jugo de Cristo sobre si e aprender com Ele, pois é nele que encontrarão descanso.

A referência a um “jugo” traz nossa atenção de volta ao tema central do capítulo. Era comum no judaísmo falar do “jugo da Lei”, uma expressão que implicava em um intenso estudo da Torá e na obediência a ela como um meio de obter a aceitação de Deus. Agora, Jesus oferece a todas as pessoas cansadas um descanso que será encontrado não no estudo da Torá, mas na adoção dos ensinos de Cristo. Aquilo que Israel pode aprender com Jesus – e não com as regras que os estudiosos extraíram da Torá – promete descanso aos seres humanos.

Aplicação. Talvez a coisa mais significativa que temos que observar é que embora esta passagem seja intensamente sobre João, ela é, na verdade, sobre Jesus.

Nós só entendemos o significado de João Batista entendendo seu relacionamento com Jesus e seu papel na história da salvação. De modo semelhante, cada uma de nossas histórias é a história de Jesus. O papel que Ele desempenha em nossas vidas determina os nossos destinos. E o papel que desempenhamos no reino de Deus dá às nossas vidas na terra seu significado e objetivo.

A Oposição Crescente

EXPOSIÇÃO

-

A mensagem de Jesus foi difundida por toda a pátria judaica, por Ele e por seus discípulos. O povo comum assistiu sem comprometer-se, embora estivesse profundamente impressionado com os ensinos e as curas de Jesus. Mas Mateus agora concentra nossa atenção na oposição crescente dos líderes religiosos e numa reação inesperada – uma mudança dramática nos ensinos de Jesus sobre o reino dos céus.

A oposição cristalizou-se ao redor de dois assuntos. O primeiro foi a observância do sábado (12.1-21). Este princípio central do judaísmo tinha sido tão rigidamente definido pela tradição rabínica que até mesmo as curas de Jesus eram vistas como violando o descanso do sábado. Como resposta, Jesus afirma ser o Senhor do Sábado, o servo de Yahweh prometido por Isaías. O segundo assunto está ligado à incomum atividade demoníaca que parecia irromper em todas as partes por onde Jesus passava (12.22-45). Quando o

poder de Jesus sobre os demônios é exibido, e alguns começam a imaginar em voz alta se Cristo poderia ser o Messias, os fariseus acusam-no de estar, na verdade, associado ao mal. Jesus ridiculariza esta idéia, mas avisa que atribuir as obras que o Espírito realiza por seu intermédio a Satanás é um pecado imperdoável. A acusação demonstra o caráter dos inimigos de Jesus, que exigem milagres – mas depois rejeitam a evidência dos milagres que Ele já realizou.

Esta oposição crescente estimula uma mudança dramática nos ensinos de Jesus (13.1-58). Em lugar de continuar a falar claramente sobre o reino, Jesus começa a usar parábolas cujos significados estão disfarçados, de modo que aqueles que ouvem sem fé não compreenderão. As parábolas desenvolvem o contraste entre o reino visível e institucional esperado por Israel, e o reino oculto do coração, que Jesus estabelecerá em Sua morte e ressurreição. Um incidente final destaca o problema: aqueles da própria pátria de Jesus, invejosamente, recusam-se até mesmo a considerá-lo um profeta (13.53-58).

A mudança da maré contra Jesus é ilustrada também pela execução de João Batista, uma testemunha da divindade de Jesus (14.1-12). Ainda assim Jesus continua a exercer seu poder: Ele alimenta cinco mil

pessoas que o seguiram no deserto (14.13-21) e, com o testemunho somente dos discípulos, caminha sobre as águas (14.22-36). Quando os fariseus, uma vez mais, atacam a Jesus, levantando o problema da "pureza" rabínica tradicional, Jesus deixa claro que o mero ritual não tem significado, pois Deus está preocupado com um coração puro (15.1-20). Jesus então encontra uma mulher cananéia que implora pela cura da sua filha (15.21-28). O estranho incidente é um presságio: uma indicação surpreendente de que os benefícios que Cristo traz a Israel em breve estarão disponíveis a todos, através da fé. Não que Cristo tenha desistido de seu próprio povo – Ele cura as multidões que vêm até Ele, e quando elas têm fome Ele milagrosamente lhes dá comida (15.29-39). A porta de Deus permanece aberta. Mas para passar por ela, até mesmo os judeus devem vir pela fé.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Não esmagará a cana quebrada (12.20). Os rabinos reconheciam esta e outras passagens do Cântico do Servo, de Isaías, como sendo messiânicas, e esperavam ansiosamente Aquele que iria "fazer triunfar o juízo" e sujeitar a Deus até mesmo o mundo gentílico. Jesus, no entanto, ressalta outras imagens fundamentadas na profecia: o Servo/Messias não estaria disposto a esmagar uma cana quebrada, nem a apagar um morrão que fumega, "até" que Ele venha a

julgar.

A cana quebrada é a flauta do pastor, produzida a partir de gentis pancadinhas em uma cana até que a casca amoleça e se solte uma única peça. Se a casca quebrasse, a vara estaria arruinada e a cana, agora inútil, seria quebrada e jogada fora. Da mesma maneira o morrão usado em um lampião queimava quando coberto com carvão e fuligem e se tornava inútil. A imagem é poderosa: o Servo de Deus não aparecerá primeiramente como um Conquistador, varrendo todos os pecadores diante dele. Ele virá como Aquele que é completamente movido pela compaixão, a ponto de não estar disposto a descartar nem mesmo os quebrados e inúteis da sociedade de Israel. Até que chegue o dia do juízo.

Do que há em abundância no coração, disso fala a boca (12.34). Na cultura hebraica, o coração (hb leb, grego kardia) era usado para identificar os órgãos internos e o ser interior. O pensamento hebreu não dividia o indivíduo em funções separadas, tais como espiritual, racional, intelectual, emocional e volitivo, mas tendia a encarar a pessoa como um todo.

Assim, “coração” refere-se à pessoa interior como um todo, o verdadeiro “eu”, incluindo todas as funções que fazem da pessoa um ser humano. Jesus simplesmente está dizendo que o que uma pessoa expressa em palavras e atos expõe o caráter essencial desta pessoa.

De toda palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no Dia do Juízo (12.36). A palavra grega é argon, e se refere aqui às observações aparentemente inconseqüentes. Quando pensamos cuidadosamente sobre o que vamos dizer, é fácil dar uma aparência boa às nossas palavras. É a palavra descuidada, a palavra proferida sem pensar que revela o caráter. Assim, o fariseu que reclamou sobre a cura no sábado (12.10) estava tão preocupado com a tradição que não chegou a perceber como as suas observações exibiram a sua profunda falta de compaixão por um ser humano em necessidade. E o que dizer sobre aqueles que acusaram Jesus de estar associado com Satanás? Eles estavam tão interessados em contrariar os rumores de que Jesus era o Messias que nem pensaram com que clareza as suas palavras revelavam uma falta de fé vingativa.

O que tem prioridade, o conhecimento correto ou as ações corretas? Embora escritos rabínicos exijam a realização de obras meritórias, alguns indicam que o estudo da Torá tem prioridade sobre as boas obras. Aqui estão duas citações:

O rabino Abbahu enviou seu filho, o rabino Haninah, a Tiberíades para estudar a Torá. O povo veio e lhe contou: ‘ele passa seu tempo realizando obras de caridade’. Como resultado, ele enviou esta mensagem ao seu filho: ‘Não há sepulturas na Cesaréia? Pois eles (há muito tempo) decidiram, na câmara de Beth Arus, em Lode, que o aprendizado deve ter prioridade sobre os atos’ [Yer. Pes. III: 30b; Yer. Hag. I: 6c].

e

Certa vez, quando o rabino Simeon ben Yohai estava visitando os enfermos, ele encontrou um homem aflito com uma doença nos intestinos, que proferia blasfêmias contra Deus. ‘Infeliz’, disse o rabino Simeon: ‘você deveria estar orando e pedindo misericórdia, em lugar de estar praguejando’. O homem respondeu (muito bem), ‘que Deus possa remover a doença de mim e colocá-la em você’. O rabino disse: ‘Bem que o mereceria, pois deixei o estudo da Torá e me envolvi em atividades que tomam todo o meu tempo’ (The Fathers According to Rabbi Nathan).

E falou-lhe de muitas coisas por parábolas (13.3). A palavra grega significa “colocar ao lado”. Desta forma, uma parábola transmite a verdade pela comparação, seja uma história, um provérbio, um símile ou uma metáfora. Muito freqüentemente as parábolas têm a intenção de revelar. Mas as parábolas encontradas no capítulo 13 de Mateus têm o objetivo de ocultar o que Jesus chama de “mistérios do Reino dos céus” (13.11) a todos, exceto os seus discípulos.

Por que Jesus queria ocultar seus ensinos sobre a forma do reino de Deus que Ele pretendia estabelecer? Talvez para concentrar a atenção sobre o assunto verdadeiramente importante: sua própria Pessoa. Somente pela submissão a Cristo como Rei alguém pode entrar no reino dos céus. E certamente aquele reino só é verdadeiramente conhecido em nosso interior.

E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio (13.26). O “joio” nesta parábola familiar é conhecido hoje em dia como arroz selvagem, impossível de distinguir do trigo quando as duas plantas são jovens. Mas outra característica do joio é ainda mais importante. As raízes do joio entrelaçam-se com as do trigo de tal maneira que é impossível arrancar uma sem destruir a outra.

Esta aplicação é importante hoje em dia para nós. Não devemos tentar “purificar” a igreja arrancando aqueles que julgamos serem joio. Em primeiro lugar, não podemos ter certeza sobre quem tem uma fé verdadeira e quem aparenta ter fé. Em segundo lugar, mesmo que estejamos certos, os nossos esforços para expulsar os falsos são semelhantes a danificar o verdadeiro.

Nossa função é amar indistintamente, e permitir que os dois “cresçam juntos”. Deus é capaz de distinguir o falso do verdadeiro, e certamente fará isso no dia do juízo.

[O grão de mostarda] é realmente a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas (13.32). Alguns tolamente interpretaram isto como sendo uma afirmação botânica geral e afirmaram que Jesus estava errado porque existem plantas com sementes menores. Mas não apenas a mostarda negra tem a menor semente de qualquer planta cultivada na Palestina, mas entre os judeus do século I era conhecida como sendo a menor substância que poderia ser pesada em uma balança. A semente de mostarda é uma expressão que sugere insignificância, alguma coisa tão pequena que chega a ser sem valor.

Desta forma, o que Jesus quer dizer é claro. O reino que Jesus apresenta parece ser insignificante para seus contemporâneos. Mas, como a semente de mostarda, que crescia e se transformava em uma planta que freqüentemente atingia três metros de altura, o reino de Cristo também crescerá para tornar-se um grande movimento.

E o rei afligiu-se, mas, por causa do juramento e dos que estavam à mesa com ele, ordenou que se lhe desse (14.9). A palavra grega é lupetheis, que significa ficar triste, cheio de pesar. Aqui vemos uma descrição poderosa de uma consciência perturbada, que obriga Herodes a fazer o que ele sabe que é correto. Como é trágico quando nós, como Herodes, permitimos que nossa preocupação com o que os outros vão pensar nos leve a agir contra nossa consciência.

Dai-lhes vós de comer (14.16). A palavra “vós” é usada enfaticamente no texto grego. Os discípulos estavam preocupados com a multidão faminta mas queriam dispersar as pessoas para que eles mesmos pudessem comer. Jesus passou a eles a responsabilidade pela multidão: “vocês” devem dar-lhes algo para comer. Quando eles protestaram dizendo que tinham “somente” cinco pães e dois peixes, Jesus multiplicou esses recursos e alimentou a multidão.

Que ensino importante para nós. Nós precisamos nos preocupar com os outros. Precisamos aceitar a responsabilidade pela necessidade dos demais. Mas isto só é possível se entregarmos nossos recursos a Jesus para que Ele os multiplique.

Porque Deus ordenou, dizendo: Honra a teu pai e a tua mãe (15.4). No judaísmo, a “honra” devida aos pais incluía o sustento material. Os rabinos diziam que a obrigação de um filho para com seu pai era tão grande que se fosse necessário ele deveria pedir dinheiro nas ruas para satisfazer as necessidades do seu pai. Isto era verdadeiro tanto com relação ao pai espiritual, um rabino que ensinasse a um aluno, quanto com relação ao pai biológico. Apesar disso, eles permitiam

que qualquer pessoa declarasse seus bens ou seu dinheiro corban, ou seja, separado para o tesouro do templo. Uma pessoa poderia continuar a usar alguma coisa que tinha “doado” desta maneira, mas tinha uma base “legal” para conservá-la longe do alcance dos seus pais! Como Jesus destaca, com escárnio, isto é pura hipocrisia. E um exemplo do modo como a “tradição” pode se afastar da Lei e da vontade de Deus.

E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus (15.6). A palavra traduzida como “invalidar” é uma forma de akyroo, um termo legal comum usado como uma referência a uma dívida cancelada, ou a um testamento anulado. A imagem é a dos rabinos carimbando a palavra “cancelada” nas leis que expressavam a intenção de Deus, através do uso da tradição como seu instrumento.

“Tradição” é paradosin, e se refere à lei oral, ou ao conjunto de comentários e interpretações que até mesmo no século I haviam sido transmitidos de geração a geração com autoridade. Em lugar de agarrar-se à tradição com respeito, como o judaísmo rabínico ainda faz, Jesus a rejeitou a favor de uma abordagem interpretativa das Escrituras que enfatizava a “intenção original”. Quando a intenção original é clara, é uma hipocrisia ostensiva usar as interpretações do homem para evitar fazer o que claramente é a vontade de Deus.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Senhor do sábado (Mt 12.1-21). Veja também as passagens correspondentes em Marcos 2.23-28; 3.1-6 e Lucas 6.1-11.

Contexto. A importância do sábado do judaísmo do século I é exemplificada por

um simples fato: nenhum escrito da época, seja judaico, cristão ou pagão, deixa de mencionar o sábado quando se refere aos judeus.

Mas a quantidade de regras que governavam a observância dos judeus a este dia santo se originava de um único mandamento: “Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (Dt 5.12-14). Um registro das regras sobre a observância do sábado está preservado no Mishnah (veja o quadro a seguir) e nos ajuda a sentir o zelo religioso dos homens que procuravam manter a Lei até seu último detalhe. O Mishnah também nos dá o discernimento sobre como a tradição desenvolveu-se, como as interpretações desenvolveram-se baseando-se em outras interpretações, definindo e refinando, e ganhando, com o passar do tempo, uma autoridade equivalente à do mandamento bíblico original. O grande estudioso judeu Geza Vermes, na obra Jesus and the World of Judaism, explica: A “principal preocupação” dos escribas era “investir toda a doutrina religiosa com a sanção da tradição como sendo parte de uma cadeia de tradição rigidamente definida, que se originava – verdadeiramente, ou por meio da ingenuidade exegética – nas Escrituras, e preferivelmente no Pentateuco” (p.31).

Michael A. Fishbane, na obra Judaism, acrescenta esta explicação:

Em um sentido histórico restrito, a revelação no Sinai foi uma ocasião “única” para o destino religioso judeu. Mas como vimos, este evento também foi algo além de um acontecimento único para os judeus e para o judaísmo: foi algo como um momento místico, reaparecendo sempre que a Torá é estudada e os seus ensinamentos interpretados. Assim, a voz divina ouvida no Sinai não cessa, de acordo com a compreensão judaica tradicional, mas é decisivamente desenvolvida por intermédio das palavras humanas dos sábios (p.15).

Esta atitude de reverência para com as palavras dos sábios, combinada com aqueles imensos esforços de pessoas ilustres para explorar qualquer implicação possível da Lei de Deus, nos ajuda a entender o choque dos fariseus. Os discípulos realmente apanharam espigas e as comeram num sábado! (veja Mishnah, 7.2 B [3] na página 54) Para os fariseus, o ato dos discípulos era

equivalente a infringir a Lei de Deus, e eles estavam chocados de ver que Jesus o permitia.

Em nossa passagem, Jesus responde afirmando ser o Senhor do sábado. Desta maneira, somente Ele tem o direito de determinar o que é e o que não é desrespeitar o sábado.

Em uma outra confrontação, registrada no capítulo 15 de Mateus, Jesus desafia a tradição mantida pelos fariseus e mestres da Lei. Ali Ele demonstra que não apenas os sábios não têm autoridade, mas também que os seus ensinamentos na verdade contradizem e também corrompem as Escrituras.

Não é de admirar, portanto, que as multidões ficassem maravilhadas com os ensinos de Jesus. Em lugar de basear-se na justificativa formal para suas palavras – isto é, nos dizeres dos rabinos anteriores – Jesus “ensinava com autoridade e não como os escribas” (Mt 7.29). Não é de admirar que os líderes religiosos se ressentissem e também odiassem este ousado jovem professor, que abertamente desdenhava da interpretação da Lei sobre a qual eles baseavam toda a sua teologia!

O QUE O MISHNAH DIZ SOBRE O SÁBADO O Mishnah é um importante có

Interpretação. Jesus respondeu à afirmação de que o ato de seus discípulos era "ilícito" referindo-se, em primeiro lugar, a uma época em que Davi violou uma lei encontrada no Pentateuco – sem receber punição (12.3,4). Há duas coisas implicadas. As halakah (regras para o estilo de vida) da tradição são menos significativas do que as Escrituras. E, embora o ato de Davi possivelmente pudesse ser desculpado com base na situação de sua fome, ou na sua grandeza, alguém mais importante que Davi está presente agora.

Jesus prossegue observando que todos os sábados os sacerdotes que servem no Templo devem "trabalhar", mas são perdoados com base no fato de que o significado da adoração no templo lhes dá uma isenção (12.5,6). Agora Ele deixa explícita a sua reivindicação: "está aqui quem é maior do que o templo". A expressão "quem é maior" é neutra, e permite a referência tanto a uma pessoa quanto a uma coisa. Alguns sugerem que Jesus aqui se refere ao reino de Deus, e que os discípulos que servem o reino são agora isentos. É mais provável, porém, que Jesus refira-se a si mesmo: os discípulos servem a Ele e a sua isenção quanto às halahak do sábado baseiam-se em quem Ele é.

A afirmação final de Jesus é uma crítica à interpretação rabínica das Escrituras (12.7,8). Os rabinos não entenderam o significado básico da revelação do Antigo Testamento – "se vós soubésseis o que significa..." – e a sua condenação dos discípulos inocentes reflete o erro do seu método de interpretação da Palavra. E caso eles se perguntassem com que base Jesus fazia a sua reivindicação, Ele a fazia como Aquele que é o Senhor do sábado.

Mateus agora narra outro incidente ocorrido num sábado (12.9-14). Jesus é desafiado a dizer se é correto ou não curar um homem com uma mão mirrada no sábado. Em geral, os rabinos concordavam que se um homem estivesse em perigo mortal, era lícito proporcionar-lhe tratamento médico no sábado. Mas se não fosse esse o caso, a pessoa deveria esperar até o dia seguinte para receber algum auxílio.

Jesus respondeu com uma forma de argumentação conhecida como qal wahomer, "o leve e o pesado". Se o menor é verdade, então o maior também deve ser. Assim, se os rabinos diziam que ajudar a tirar um animal de uma cova num sábado era "lícito", mesmo que o animal não estivesse em perigo mortal, certamente devia ser "lícito" ajudar um ser humano, que, como uma pessoa feita

à imagem de Deus, é muito mais importante que um animal.

Então Jesus afirma um princípio que intercepta toda a halakah do sábado: “É, por conseqüência, lícito fazer bem nos sábados” (12.12). E Ele curou a mão mirrada do homem.

Mateus registra a reação dos fariseus. “Tendo saído, formaram conselho contra ele, para o matarem” (12.14).

Os títulos acrescentados à versão NIV e a outras versões poderiam nos levar a pensar que é aqui onde termina o fluxo da passagem, e que agora Mateus passa para um novo assunto, sem relação com o anterior. Não é bem assim. Jesus faz uma citação de um dos “Cânticos do Servo”, de Isaías, claramente interpretado no século I como sendo messiânico. Os escribas e os fariseus não apenas distorceram o significado da Lei de Deus pela sua interpretação da Bíblia, mas também deixaram de compreender a sua mensagem central. Eles o rejeitaram porque Ele também deixou de se enquadrar no sistema deles, e ignoraram aquelas profecias que retratavam o Messias como sendo compassivo, manso e inofensivo – até que chegue o dia do juízo.

Este é o último problema, e a tragédia definitiva da época de Jesus. Embora zelosa com respeito a Deus, Israel tinha interpretado erroneamente e corrompido a revelação de Deus – um engano tão grande que quando o Messias veio, em lugar de dar-lhe as boas-vindas, os líderes religiosos determinaram que Ele devia morrer.

Aplicação. Devemos equilibrar nosso apreço pelas pessoas importantes e influentes de nossa tradição teológica, tendo consciência da falibilidade humana. Como conseqüência, nós continuamente procuramos interpretações novas para as Escrituras, guiados não somente pelo Espírito, mas também pelo exemplo de Jesus. Com que simplicidade e beleza Jesus intercepta o legalismo para nos lembrar que os nossos “sim” e “não” devem ser avaliados com relação a princípios básicos e simples. Deus deseja misericórdia, e não simplesmente o sacrifício (ou seja, a observância dos rituais). Assim, sempre é “lícito” fazer o que é bom, e como o próprio Jesus, ter misericórdia daqueles que a sociedade classifica como as pessoas mais inúteis.

Jesus e Belzebu (12.22-50). Para uma discussão profunda, veja o comentário sobre Marcos 3.7-30. Veja também Lucas 11.14-28.

Parábolas do Reino (13.1-56). Veja também Marcos 4.1-34 e Lucas 8.4-18; 13.18-21.

Contexto. Como observamos anteriormente (veja Estudo da Palavra sobre Mateus 13.3), uma "parábola" é um símile, uma história, ou objeto ou uma metáfora "colocada ao lado" de uma verdade espiritual para esclarecer seu significado ou importância.

Portanto, é importante explorar como os ouvintes originais teriam compreendido a metáfora se quisermos entender exatamente o significado da parábola. Joachim Jeremias, na obra The Message of the Parables of Jesus, prestou um grande auxílio ao definir a importância das parábolas encontradas no capítulo 13 de Mateus. A respeito das parábolas do fermento e do grão de mostarda, Jeremias observa:

A ocasião em que as duas parábolas foram proferidas pode ser interpretada como sendo aquela em que se expressou alguma dúvida a respeito da missão de Jesus. Como o princípio da era messiânica anunciada por Jesus parecia diferente do que se esperava! Nenhuma das parábolas tem o propósito de meramente descrever um processo: esta seria a maneira da mente ocidental. A mente oriental inclui tanto o começo quanto o final na sua abrangência, compreendendo o elemento paradoxal em ambos os casos, as duas situações sucessivas, ainda que fundamentalmente diferentes... a semente é a imagem da ressurreição, o símbolo do mistério da vida depois da morte. A mente oriental vê duas situações completamente diferentes: de um lado, a semente morta; de outro, a plantação que ondula com o vento. Aqui a morte, ali, através do poder criativo divino, a vida... o homem moderno, ao passar pelo campo arado, pensa no que está acontecendo abaixo do solo, e imagina um desenvolvimento biológico. O povo da Bíblia, ao passar pela mesma terra arada, olha para o alto e vê milagre após milagre, nada menos do que a ressurreição dos mortos. Assim o público de Jesus entendia as parábolas do grão de mostarda e do fermento como parábolas de contraste. Seu significado é que, a partir dos começos mais insignificantes, invisíveis aos olhos humanos, Deus cria seu reino poderoso, que engloba todos os povos do mundo (pp.148-49).

A característica comum a todas as quatro parábolas é que elas contrastam o começo com o final, e que contraste! A insignificância do começo e o triunfo do final! O fruto é o resultado da semente; o final está implícito no começo... Aqueles a quem foi permitido compreender o mistério do reino já podem ver no seu início oculto e insignificante a glória futura de Deus (pp.152-53).

Esta citação ampliada nos ajuda a compreender a coisa mais significativa sobre estas parábolas. Elas dizem respeito à forma do reino dos céus que está sendo apresentado por Jesus. E elas têm a intenção de contrastar esta forma do reino com o reino visível e institucional descrito pelos profetas e esperado pelos contemporâneos de Jesus.

Quando tivermos isto claro em nossa mente, iremos achar relativamente fácil entender o que cada parábola tenciona ensinar.

Nós também entendemos por que Jesus fala das suas parábolas como ocultando, em lugar de revelar, a verdade sobre o reino (13.11-15). As parábolas ocultam, não porque sejam obscuras, mas porque os ouvintes estão cegos, pela sua recusa em aceitar Jesus como o Messias. Os oponentes de Jesus estão tão concentrados na sua própria visão do Rei e do reino que “vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem” (13.13).

Se aceitarmos a simples proposição de que as parábolas de Jesus fazem o contraste entre as formas esperada e inesperada do reino dos céus, teremos uma base clara para a sua interpretação. E, se perguntarmos como a mente oriental compreendia as parábolas, descobriremos que cada uma delas é relativamente fácil de entender.

Interpretação. O quadro a seguir resume os contrastes específicos implícitos em cada parábola, e mostra como é completo o retrato do reino de Jesus que as parábolas de Mateus 13 realmente exibem. Embora cada parábola seja uma rica fonte de ensinamento e de pregação, seu maior impacto é obtido quando as examinamos juntas e vemos algum sentido do que significa para nós sermos uma parte da obra atual do nosso Senhor neste mundo.

Aplicação. Hoje, assim como no século I, é fácil deixar de entender o significado de Deus neste mundo. Nós pensamos na incapacidade da igreja de afetar a sociedade. Desejamos o poder para combater a maldade e a injustiça. E nos perguntamos por que o cristianismo parece ter tão pouca influência local,

nacional ou internacional. Alguns estão tão preocupados, como na América do Sul atualmente, que teologias inteiras foram desenvolvidas para justificar até mesmo o uso da força para obter a “libertação” dos pobres e oprimidos.

As parábolas de Mateus 13 nos protegem contra as distorções da mensagem do evangelho, e nos protegem contra o desespero. Elas nos lembram, assim como o fazem as cartas do Novo Testamento, que Deus está agindo no seu povo e através dele. A perseguição que os cristãos sofrem, e os nossos sofrimentos aqui na terra, não conseguem atingir o reino interior, oculto e secreto de Cristo no nosso coração.

Neste reino Deus ainda está agindo vitalmente, tomando os pecadores como matéria crua e tornando-os indivíduos justos, transformando valores, convocando para o comprometimento, todo o tempo espalhando cristãos em meio aos homens do mundo para que eles possam influenciar mais pessoas a se entregarem a Jesus. Um dia, estas coisas, que parecem tão insignificantes para muitas pessoas hoje em dia, encherão uma terra renovada e transformada quando Cristo retornar para julgar e separar os cidadãos de seu reino, daqueles que estarão perdidos.

João Batista é decapitado (14.1-12). Para uma discussão profunda, veja o comentário sobre Marcos 6.14-29. Veja também Lucas 9.7-9 e Mateus 11.1-24.

Puros e impuros (15.1-20). Veja também Marcos 7.1-23.

Contexto. Veja os comentários sobre “tradição” na seção Contexto dos comentários sobre Mateus 12.1-21.

Interpretação. A tradição em particular com que Jesus lida em 15.1-6 é aquela que coloca corban, um ato de dedicar as posses ou dinheiro ao templo, contra o quinto mandamento, que manda que os filhos honrem os seus pais. Os rabinos haviam dado uma interpretação muito restrita ao quinto mandamento. Na verdade, em um comentário sobre este mandamento, o Talmude diz: “Um filho deve alimentar seu pai, dar a ele de beber, vesti-lo, protegê-lo, conduzi-lo e lavar

seu rosto, as suas mãos e os seus pés". Assim, a crítica de Jesus não sugere que os rabinos ignoravam as implicações do quinto mandamento. Sua crítica baseia-se no fato de que eles davam ao corban, que é apenas uma interpretação rabínica das leis sobre os juramentos, mais valor do que ao mandamento de Deus! Ao fazer isso, na verdade eles anulavam a Lei, fazendo com que ela não tivesse nenhum efeito prático para alguém que desejasse evitar esta obrigação para com os pais.

As Parábolas do Reino

A Parábola	Forma Esperada
1. O semeador 13.3-9, 18-23	O Messias atrai Israel e todas as nações par
2. Trigo / joio 13.24-30, 37-43	Os cidadãos justos do reino governam o rei
3. O grão de mostarda 13.31,32	O reino começa com glória majestosa.
4. O fermento 13.33	Somente a justiça entra no reino; qualquer '
5. O tesouro escondido 13.44	O reino é público e para todos.
6. A pérola de grande valor 13.45,46	O reino traz todas as coisas de valor para os
7. A rede de pesca 13.47-50	O reino começa com a separação inicial ent

A conclusão de Jesus está em uma citação de Isaías. Os mestres da lei são hipócritas, pois embora dêem a Deus a adoração com os lábios, os seus "preceitos dos homens" mostram que os seus corações estão longe dele (15.7-9).

Neste ponto Jesus passou a uma confrontação ainda mais aberta, retornando ao desafio original levantado pelos fariseus contra seus discípulos: "não lavam as mãos quando comem pão" (15.2). Este ato era mais ritual que higiênico, prescrito pelos anciãos e não pelas Escrituras, e recebeu valor religioso através da tradição. Assim, a tradição Halakic no estudo sobre "mãos" (Yadaim) diz: "Se um homem derramou água sobre uma mão com um único enxaguar, a sua mão está limpa; mas, se for sobre as duas mãos com um único enxaguar, R. Meir declara que elas estão impuras, até que ele derrame sobre elas a quarta parte de um logue ou mais" (2.1).

Jesus descartou esta preocupação por ser totalmente irrelevante no relacionamento de uma pessoa com Deus. A pureza e a impureza são assuntos do coração, não de atos exteriores, como se lavar. Na verdade, Jesus diz que nem mesmo comer os alimentos ritualmente "impuros" proibidos nas próprias Escrituras (Lv 11) diz respeito a Deus. Deus preocupa-se realmente com o coração de uma pessoa (veja o Estudo da Palavra sobre Mateus 12.35)! A implicação está clara. Os religiosos de Israel preocupam-se com irrelevâncias. Eles estão cegos às realidades espirituais, tropeçando no escuro enquanto fingem liderar outras pessoas tão cegas quanto eles mesmos. Ao invés de encontrar o reino de Deus, estes homens "cairão na cova" (15.14).

Mateus nos diz que os fariseus ficaram "escandalizados" ao ouvir o que Jesus disse à multidão (15.12). "Escandalizar", ou "ofender" skandalizo, significa causar raiva, choque ou repulsa. Jesus não apenas rejeitou toda a estrutura da fé deles, como também ridicularizou a sua reputação, e essas eram as coisas mais importantes nas suas vidas.

Nós devemos ver 15.1-9 como talvez um último esforço de evangelização. Estes líderes religiosos não haviam reagido aos convites anteriores e mais gentis do Rei Jesus. Seu ensinamento de amor, seus milagres de cura, tudo isto salientava o fato de que aqui estava um Homem que não ameaçava a ninguém, e que na verdade oferecia esperança a todos. Agora, enfrentando a oposição crescente, Jesus confronta os fariseus e os mestres da Lei cada vez mais abertamente. Ele

precisa mostrar a realidade para eles. Ele precisa revelar a eles o vazio da sua religião, e voltar os seus corações a Deus para o perdão.

Mas, quando os fariseus escandalizaram-se, Jesus se voltou à multidão e avisou ao povo (15.10,11). O caminho tomado pelos fariseus pode parecer "religioso", mas é vazio de significado e de esperança. E então Jesus diz: "Deixai-os" (15.14). Soltem-nos! Somente voltando-se da tradição para Jesus é que Israel poderá descobrir a luz e lidar com a natureza pecadora do coração humano.

Aplicação. Por um lado, esta passagem pode nos desafiar. Normalmente, damos testemunho do reino através de atos de bondade e palavras relacionadas ao amor de Deus. Mas, algumas vezes, aquele que dá um testemunho do reino de Jesus pode ser chamado a um confronto. Freqüentemente, os confrontos são uma última tentativa desesperada de abrir os olhos cegos. Normalmente, são inúteis.

Por outro lado, Jesus nos chama a uma auto-análise. É nossa fé basicamente um assunto do coração, ou caímos na mesma cova e encaramos a cidadania do reino de Deus como um assunto de "faça isto" e "não faça isto", ao invés de um relacionamento pessoal com Jesus? Nós estamos reagindo a Ele, ou simplesmente vivendo segundo regras estabelecidas por homens que fingem mostrar como nós agradamos a Deus? Perguntas como estas sempre devem ser feitas – e respondidas – por cada geração. E por cada cristão também.

A fé da mulher cananéia (15.21-28). Veja também Marcos 7.24-30.

Contexto. Paulo descreve vividamente a posição dos gentios antes que Cristo viesse, em Efésios 2.12: "[Lembrai-vos de] que, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo". Para o judeu religioso, o gentio era impuro, um goy (cachorro), sujeito ao desprezo de muitas maneiras. Poucos judeus ficariam surpresos de ver que Jesus rejeitou diretamente o apelo da mulher cananéia que, chorosamente, apelou a Ele como "Filho de Davi", o Messias judeu. Poucos teriam ficado chocados de ver que Jesus a comparou com um cachorro, enquanto comparava os judeus aos filhos de uma família. Mas certamente nós podemos ficar chocados e surpresos. A menos que

entendamos a maravilhosa lição que este incidente ensina, vindo imediatamente depois da dolorosa confrontação de Jesus com os fariseus e mestres da Lei.

Interpretação. A missão de Jesus era, acima de tudo, direcionada ao povo do concerto de Deus. Sua resposta à mulher cananéia deixa isto claro. A interação também estabelece princípios vitais. Embora como uma cananéia a mulher não tivesse direito de apelar ao Messias judeu, a sua "grande fé" (15.28) levou à sua participação nas bênçãos prometidas a Israel!

A fé no Messias é a chave para as bênçãos. O Messias tem o suficiente para satisfazer a mais profunda fome dos "filhos", e também para todas aquelas pessoas que Israel desprezava na época como sendo goyim.

Os "filhos" sem fé rejeitariam o Messias, e também seriam rejeitados. Mas qualquer indivíduo, gentio ou judeu, que se aproxime do Cristo de Deus com fé, terá seu vazio verdadeiramente preenchido.

O Momento Decisivo

EXPOSIÇÃO

-

Mateus desenvolveu cuidadosamente este tema. O fato de que Jesus é o rei messiânico esperado é demonstrado pelos eventos exclusivos associados com o seu nascimento (Mt 1 e 2). Esta verdade também é demonstrada no seu batismo, na sua vitória sobre Satanás e nas curas que Ele realizou (Mt 3 e 4). Mas o reino que Jesus anuncia é um reino interior, caracterizado por um relacionamento "em secreto" com Deus que transforma os corações das pessoas (Mt 5–7). Em uma série de imagens ousadas, Mateus relata incidentes que provam que Jesus tinha autoridade real – sobre as enfermidades, a natureza, os demônios e até mesmo a morte (Mt 8–11). Contudo, apesar das evidências, a hostilidade exibida contra o jovem Professor pelos líderes religiosos tornava-se cada vez mais acentuada, transformando-se em uma oposição aberta (Mt 12–15).

Com o capítulo 16 nós chegamos a um momento

decisivo, vital, histórico e teológico. Os líderes rejeitaram as reivindicações de Jesus e se recusaram a se submeter à sua autoridade. Quando Jesus envia os seus discípulos para que circulassem entre a multidão, fica claro que a população em geral, embora desejosa de aceitar a Jesus como um profeta, não está disposta a reconhecer Cristo como quem Ele realmente é. A nação não está disposta a afirmar, com Pedro e os discípulos: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (16.16).

Muitas coisas demonstram que esta confissão, e os eventos que levam a ela são essenciais, tanto histórica quanto teologicamente. "Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha... e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia" (16.21). Agora também, o centro dos ensinamentos de Jesus altera-se: Ele fala basicamente aos discípulos, não mais à multidão. Jesus já não mais prega um "evangelho do reino" a Israel, mas, instrui os seus sobre como viver no reino oculto do coração que será estabelecido depois da sua ressurreição. Além disto, o movimento geográfico do livro é de um inexorável progresso em direção à Judéia, a Jerusalém, e à cruz.

Nós podemos ver isso claramente nestes dois capítulos. Os "fariseus e saduceus" representam o Sinédrio, o

conselho governamental oficial dos judeus. Eles demonstram uma falta de fé oficial exigindo ainda mais provas de Jesus (16.1-12). As multidões, embora reverentes a Jesus, não o reconhecem como sendo o Messias (16.13-15). Somente os discípulos, representados pela confissão de Pedro, aceitavam a verdade: Jesus é "o Cristo [Messias], o Filho do Deus vivo" (16.16). Sua fé os comissiona, e uma grande congregação daqueles que acreditam será fundada na realidade que Pedro confessou, e construída por aqueles que a ensinam (16.17-20).

Mas para fundar o seu reino, o Rei deve morrer e ressuscitar (16.21-23). Para viver no reino de Jesus, uma pessoa deve entregar o seu velho ser para ser feito novo (16.24-28). Esta entrega vale a pena? Três dos discípulos acompanham Jesus ao topo de uma montanha, onde eles têm a oportunidade de ver a glória de Jesus quando Ele se transfigura diante deles (17.1-13). Como o Rei, o reino iniciou-se com humildade, mas culmina em esplendor.

De volta ao vale, Jesus encontra discípulos frustrados que são incapazes de curar um menino possuído pelo demônio (17.14-23). O incidente enfatiza a importância da fé; Deus, embora invisível, pode e atuará no mundo à medida que os seguidores de Jesus

confiem nele. E dentro de pouco tempo, a fé no Deus oculto será desesperadamente necessitada pelos discípulos. Jesus logo será traído e morto. E ressuscitará (17.22).

O capítulo termina com uma lição objetiva. Tudo isto significa uma mudança no relacionamento de Israel com Deus? Não, Israel sempre pagou o imposto do templo, que era de meio siclo. E todos sabem que os governantes não cobram impostos dos seus filhos, mas dos "outros". Sob o Antigo Testamento e também sob o Novo, o relacionamento pessoal com o Senhor era uma questão de fé pessoal na graça salvadora e no poder de Deus.

ESTUDO DA PALAVRA

-

"Chegando-se [a Jesus] os fariseus e os saduceus" (16.1). Com este tipo de conexão, a frase não quer dizer simplesmente que membros destes dois grupos religiosos do século I "vieram a Jesus". Com a conexão, "fariseus e saduceus" implica uma delegação oficial representativa do Sinédrio, o conselho governamental civil e espiritual dos judeus.

Para o tentarem, pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu (16.1). O pedido é de um milagre "do céu" tão definitivo, que não seja possível haver

alguma dúvida sobre quem é Jesus. Alguns comentaristas antigos interpretaram literalmente esta exigência: os líderes pediram que Jesus fizesse o sol parar, ou que tingisse a Lua de vermelho. Esta opinião parece comprovada pela resposta de Jesus: os fariseus podem ler os sinais do tempo refletidos no céu. No entanto, eles não podem ler o significado das coisas que acontecem diante deles na terra, uma clara referência aos muitos milagres que Jesus já tinha realizado entre eles.

OS SADUCEUS Os saduceus (hb. saiqim, “os justos”) eram um dos dois princip

Os milagres são um incentivo à fé. Mas eles não podem criar a fé. Nós acreditamos antes, depois vemos.

Nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas (16.4). Deus deu a Israel um sinal definitivo, que comprovava inequivocamente que Jesus é o Filho de Deus. O "sinal" é explicado em Mateus 12.40: "Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra".

E quando Jesus ressuscitou, os membros do Sinédrio acreditaram? De maneira nenhuma. Eles engendraram um plano: deram aos soldados uma grande quantia de dinheiro e lhes disseram: "Dizei: 'Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram'". A fé é uma questão de estar disposto a submeter-se a Deus, não uma questão de estar convencido de que Deus atuou em Jesus.

Acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus (16.6). Jesus explica que a referência é ao "ensino" dos fariseus e saduceus. A combinação é única, pois estes dois grupos eram caracterizados por ensinamentos radicalmente diferentes! O que Jesus quer dizer então?

No contexto, tanto os fariseus quanto os saduceus exigiam um "sinal" (16.1). Assim, o ensinamento (a doutrina) em questão é a recusa a crer em Jesus sem nenhuma prova completamente irrefutável. O problema desta interpretação é óbvio: o relacionamento com Deus, desde a época de Abraão, era uma questão de fé (Gn 15.6). Agora Jesus mostrou como sendo o Messias e, ao mesmo tempo, o Filho de Deus, mas, nem os fariseus nem os saduceus aceitarão a sua palavra, a menos que sejam forçados a fazê-lo.

Quanto mais nós, também devemos nos policiar contra a tendência de negar a fé até que tenhamos uma prova do envolvimento de Deus em nossa vida. Jesus é

Senhor. Vamos colocar toda a nossa confiança nele.

Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja (16.18). O versículo estimulou um debate interminável. Jesus estaria fazendo um jogo de palavras com o nome “Pedro”, dirigindo-se a ele como petros, “rocha”, e chamando-o de petra, “pedra”? Se Ele falasse originalmente em aramaico, esta distinção não existiria. Assim, a igreja católica romana argumenta que os patriarcas da igreja teriam a seguinte interpretação:

Pedro é a rocha, e essa designação constitui a sua comissão como papa, e a igreja será construída sob a sua autoridade como um vicário, um representante pessoal de Cristo na terra.

Outros ofereceram interpretações diferentes:

Pedro é uma pedra; a rocha é a confissão de Cristo expressa por Pedro, e a igreja será construída por aqueles que fizerem uma confissão de fé similar em relação ao nosso Senhor.

Pedro é uma pedra; a rocha é a verdade que Pedro reconheceu e declarou, e a igreja será fundada sobre a realidade da natureza de Cristo como Filho de Deus e Salvador.

A questão certamente será debatida muitas e muitas vezes, até a volta de Cristo. Mas não há dúvida de que Pedro, sempre mencionado em primeiro lugar em qualquer lista dos doze no Novo Testamento, desempenhou o papel mais proeminente nos primeiros anos da igreja, como se pode ver em Atos 1–12. Também não resta dúvida de que nossa confiança de segurança em Cristo está

não no fato de que Pedro acreditou, mas na grande realidade de que o próprio Cristo é o firme fundamento sobre o qual a igreja está edificada (1 Co 3.11).

E as portas do inferno não prevalecerão contra ela [a igreja] (16.18). A frase foi interpretada de duas maneiras. Uma delas baseia-se no uso popular de expressões como “portas da morte” (Jó 17.16; Sl 9.13), na literatura judaica (Macc. 5.5) e até mesmo na literatura pagã (Ilíada 9. 312). Esta interpretação sugere que “portas do inferno” refere-se à morte, e a morrer: Cristo está dizendo que nem mesmo os poderes da morte triunfarão sobre a sua igreja.

Outra interpretação assume que “portas do inferno” (“portas do Hades”, KJV, TB) refere-se aos poderes de Satanás, uma vez que “portas” pode representar fortificações e força militar (Gn 22.17 [KJV]; Sl 127.5; e veja abaixo o cântico de Qumran 6.25-30, que é parte de um dos Rolos do Mar Morto).

Na realidade, as duas interpretações refletem a maravilhosa verdade de que nós estamos seguros em Cristo, agora e para sempre.

Mas eu serei como aquele que entra numa cidade fortificada, como aquele que procura refúgio atrás de um grande muro, até que chegue a libertação; eu confiarei na sua verdade, oh meu Deus, pois o Senhor estabelecerá a fundação na rocha e a estrutura pelas cordas da justiça; e as pedras pela linha de prumo da verdade, para construir um muro resistente que não oscilará; e nenhum homem que entre ali vacilará. Pois nenhum inimigo jamais a invadirá, uma vez que as suas portas serão portas de proteção pelas quais nenhum homem poderá passar; e as suas barras serão firmes e nenhum homem poderá rompê-las. Nenhuma multidão entrará com suas armas de guerra até que todas as flechas da guerra da maldade tenham se esgotado. E então, na ocasião do juízo, a espada de Deus se apressará, e todos os filhos de sua verdade despertarão para derrotar a iniqüidade; todos os filhos da iniqüidade já não serão mais. O herói curvará seu arco; a fortaleza abrir-se-á ao espaço sem fim, e as portas eternas liberarão as armas de guerra.

Eu te darei as chaves do Reino dos céus (16.19). Na época da Bíblia, o termo “chaves” freqüentemente servia como um símbolo da autoridade de um mordomo de uma casa (Is 22.15,22). Parece não haver dúvida, com base no texto, de que estas chaves são dadas a Pedro. Mas muitos comentaristas argumentam que os outros discípulos e os seguidores de Jesus da atualidade exercem a mesma autoridade. Fica claro, como mostra a discussão subseqüente sobre quem seria o maior no reino dos céus (Mt 20.20-28), que os discípulos não entenderam as palavras de Jesus como uma unção especial ou a indicação de Pedro à primazia tanto na igreja como no reino.

Muitos comentaristas vêem o uso que Pedro faz das chaves, descrito imediatamente a seguir na passagem, como a abertura das portas da fé para convidar outros para entrarem no reino de Cristo. Historicamente, é claro, isto foi exatamente o que aconteceu. Pedro foi o primeiro, depois da ressurreição, a pregar Cristo aos judeus (Atos 2) e aos gentios (Atos 10).

Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus (16.19). Os termos “ligar” e “desligar” eram usados de duas maneiras na época de Jesus. Os rabinos debatiam precisamente quando uma pessoa estaria ligada a manter um juramento e sob quais condições ela poderia ser libertada, ou desligada, dele. A frase também está relacionada com a competência dos rabinos de tomar outras decisões a respeito do ritual e da lei. Como conseqüência, observe a oração do Rabino Nehuyna ben Hakanah:

Que seja agradável a Ti, Senhor meu Deus e Deus dos meus pais, que eu não perca a paciência com respeito aos meus colegas, e vice-versa, para que nós não declaremos como contaminado o que é puro, ou puro o que é contaminado, para que nós não desliguemos o que está ligado [permitir o que seria proibido], ou liguemos o que está desligado [proibir o que deveria ser permitido]; para que eu não seja envergonhado neste mundo nem no futuro (yBerakhot 4.2, 7d).

Com base nisto, podemos supor que ligar e desligar sejam termos relacionados com os ensinamentos. A palavra grega ho, sendo neutra, também sugere que Jesus quer dizer que quaisquer que tenham sido as “coisas” ligadas ou desligadas por Pedro na terra também “foram ligadas” (lit.) ou desligadas no céu. Isto também é sugerido em Lucas 11.52, onde os mestres da lei são condenados por removerem “a chave da ciência”, para que não somente eles mesmos deixem de entrar no reino, mas “impeçam os que estão entrando”.

Se isto estiver correto, e a salvação propriamente dita for uma questão do uso das chaves, fica aparente que o que Jesus entrega a Pedro é o próprio evangelho – aquela mensagem que abre as portas da salvação. Esta mensagem liga e desliga, permite e proíbe, pois aqueles que reagem a ela com fé são bem vindos no reino de Deus, ao passo que aqueles que a rejeitam são excluídos. Por que então o contraste entre o céu e a terra? Porque a maneira como a pessoa reage na terra verdadeiramente ligará ou desligará no céu, agora e para sempre.

Pedro usou as chaves? Sim, realmente, pois ele recebeu o privilégio de proclamar em primeiro lugar aos judeus por ocasião do Pentecostes (Atos 2), e algum tempo mais tarde a Cornélio, que estava representando outra grande divisão bíblica da humanidade, os gentios (Atos 10).

E transfigurou-se diante deles (17.2). A palavra grega metamorphoo significa transformar, modificar. Ela implica uma modificação interior que pode ser exteriormente visível ou não. Jesus momentaneamente deixou de lado o véu de carne que encobria a sua divindade essencial e exibiu a sua glória aos três discípulos. O que Jesus fora antes da Encarnação, e no que Ele se tornaria depois da ressurreição, era momentaneamente visível aos seus seguidores.

Muitos destacam que expressões como “seis dias depois” (17.1), que definem o tempo exato, são raras nos evangelhos. O que nós temos na Transfiguração é o cumprimento da promessa de Jesus de que alguns dos discípulos iriam ver o Filho do Homem na sua glória do reino.

A intenção da experiência seria levar os três a ficarem maravilhados por verem

que Cristo, tão esplêndido na sua natureza, voluntariamente deixaria de lado o seu poder assombroso para viver e morrer como um ser humano. A experiência dos três é para nós um lembrete também, mesmo que olhemos para trás a partir do ponto de vista vantajoso da ressurreição. Um dia Cristo voltará em glória, e nós seremos glorificados com Ele. Não importa quão enfadonha ou comum nossa vida possa parecer hoje. A volta de Cristo transformará nossa experiência para sempre.

Por causa da vossa pequena fé (17.20). A palavra grega é oligopistian. Embora esta seja a única ocorrência da palavra no Novo Testamento, a sua forma adjetiva também é encontrada em Mateus 6.30; 8.26; 14.31 e 16.8. Em todos esses casos ela se refere aos discípulos, e não à multidão.

Mas qual é essa “pequena fé” que tão freqüentemente caracteriza os seguidores de Jesus? A palavra não se refere à quantidade da fé, mas sim ao seu caráter. Mesmo uma pequena quantidade de fé pode “mover montanhas”, uma expressão que significa superar grandes dificuldades (Is 40.4; Mt 21.21,22; Lc 17.6). Mas uma fé defeituosa é inútil.

Este é o motivo pelo qual os discípulos haviam sido incapazes de expulsar o demônio que atormentava o menino epilético (Mc 9.17-19,29). Eles esperavam firmemente serem capazes de realizar o milagre, mas parecem ter tratado a autoridade espiritual que lhes fora confiada (Mt 10.1,8) como se fosse seu próprio poder. Essa confiança era mal colocada e a sua fé imperfeita, porque eles não confiaram plenamente no Deus que prometia, em Jesus, operar por intermédio deles.

Nossa fé também é defeituosa e imperfeita se esperarmos que, como Deus já operou por nosso intermédio no passado, nós mesmos seremos capazes de realizar obras espirituais hoje. Somente a consciência constante de nossa dependência de Deus, e a confiança inabalável na disponibilidade do seu poder para aqueles que confiam nele, mantém pura nossa fé.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

O pedido de um sinal (16.1-4). Veja o estudo da palavra sobre “sinal do céu” e Marcos 8.11-13.

O fermento dos fariseus e saduceus (16.5-12). Veja o estudo da palavra sobre “fermento” (16.6).

A confissão de Pedro a respeito de Cristo (16.13-20). Veja as passagens paralelas em Marcos 8.27-29 e Lucas 9.18-20, e os estudos da palavra sobre “pedra” (16.18), “portas do inferno [Hades]” (16.18), “chaves do reino” (16.19) e “ligar e desligar” (16.19).

Jesus prediz a sua morte (16.21-28). Veja a passagem paralela em Marcos 8.31–9.1.

Interpretação. A súbita introdução do tema da cruz por Jesus choca e horroriza os seus discípulos. Eles estavam confortáveis com a maneira como estavam as coisas, seguros da presença de Jesus. Não é de admirar que Pedro impensadamente tenha dito “de modo nenhum!” (16.22).

A objeção de Pedro, e a áspera reprimenda de Cristo, reafirmam a cruz como sendo a vontade de Deus, e também iniciam a explicação de Cristo sobre as implicações do discipulado.

O impacto do que Jesus disse não está tão claro em outras versões em inglês do versículo 25, que traduzem o termo psyche como “alma”. Sem a renúncia de si mesmo e a aceitação da sua cruz, o discípulo parecia ser ameaçado com a perda

da “sua alma”. A relação entre perder a alma e encontrá-la era no mínimo confusa. A versão NIV em inglês ajuda, deixando o significado meramente indistinto e já não tão obscuro. Mas ainda fica difícil entender como um discípulo salva a “sua vida” ao seguir Jesus e como perdendo “a sua vida por amor de Mim” uma pessoa pode “achá-la”.

A solução é encontrada quando nós nos lembramos de que a linguagem com a qual Jesus conversava com os seus discípulos era, indubitavelmente, o aramaico. Nesta língua, como em hebraico, a palavra nepesh, que recebe traduções variadas como “vida”, “pessoa”, “ser”, etc., é usada como um pronome reflexivo significando a própria pessoa. Na tradução para o grego, o hebraísmo foi conservado e a palavra grega psyche foi usada para traduzir nepesh.

Então Jesus estava simplesmente dizendo o seguinte: A decisão de seguir a Jesus, e de tomar a própria cruz significa a perda do seu ser antigo, e também significa ganhar um novo ser! Com que clareza o Novo Testamento nos mostra que o “eu” que nós deixamos para trás é abandonado prudentemente, ao passo que o “eu” que nós nos tornamos é a pessoa que nós sempre desejamos ser. Uma pessoa que nós só podemos ser, se Deus operar sua graça nos nossos corações.

O que Jesus apresenta, então, como a chave para esta renovação pessoal? “Renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me” (16.24). A primeira e a última frase são fáceis de entender. A renúncia a si mesmo é simplesmente uma recusa a reagir às provocações da natureza pecaminosa dentro de nós. E seguir a Jesus é agir de acordo com as suas palavras e reagir aos estímulos do Espírito. Mas o que dizer sobre “tomar a sua cruz”?

Embora, por um lado, a cruz seja um símbolo dos sofrimentos de Cristo por nós, devemos nos lembrar de que, para Jesus, a cruz era um símbolo da vontade de Deus. Jesus escolheu a cruz, dizendo: “Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (26.39). Também devemos nos lembrar de que Jesus não disse que nós devemos tomar a cruz que pertence a Ele, mas que cada um de nós deve tomar a sua própria cruz. Em resumo, a minha cruz representa a vontade de Deus para mim. Nós tomamos nossa cruz quando tomamos a mesma decisão que Jesus tomou: a de fazer a vontade de Deus, a qualquer custo e onde quer que a vontade de Deus nos leve.

Podemos perceber a relação entre a áspera reprimenda de Jesus a Pedro, cujo “de modo nenhum” era um convite para afastar-se da vontade de Deus, e a instrução

de Cristo aos seus discípulos. Não nos afastemos da vontade de Deus. Somente com a renúncia de nós mesmos e com o comprometimento à vontade de Deus é que poderemos encontrar a renovação espiritual.

Aplicação. Com que freqüência as pessoas hesitam em aceitar a Cristo, por medo de que terão de "desistir" de alguma coisa de que gostam. E com que freqüência os cristãos não se entregam ao comprometimento total pela mesma razão.

Jesus transporta o centro de nossa preocupação, de "o que eu vou perder se eu me comprometer plenamente?" para "o que eu vou perder se eu não me comprometer totalmente com Cristo?" Para nos convencer, Jesus nos pede para imaginar uma balança. Em um lado, Jesus coloca o "eu" antigo e acrescenta um mundo inteiro! No outro lado, Jesus coloca somente uma coisa, o novo "eu". Então, olhando para a inclinação da balança, Ele pergunta: "Que bem pode trazer para um homem o fato dele ganhar o mundo inteiro, e deixar de ser o que ele poderia ser?" (16.26, paráfrase do autor).

E, imediatamente, ele leva o foco do nosso olhar para o final da história. O Filho do Homem virá na glória do seu Pai. Não é apenas nos tornando a pessoa que desejamos ser e vencendo o mundo que nós receberemos as recompensas eternas, mas também decidindo tomar nossa cruz e seguir a Jesus.

A transfiguração (17.1-13). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 9.2-8 e a passagem paralela em Lucas 9.28-36.

Elias deve vir primeiro (17.10-13). Veja também a passagem paralela em Marcos 9.9-13.

Contexto. Os cristãos têm a tendência de supor que esta passagem implica que os judeus acreditavam que Elias devia vir antes da vinda do Messias. No entanto, não há uma evidência categórica de que a vinda do Messias estivesse ligada – no pensamento judaico da época – à vinda de Elias. Os versículos de Malaquias que predizem a aparição de Elias simplesmente afirmam que o profeta reapareceria antes que viesse "o dia grande e terrível do Senhor" (Ml

4.5).

A maioria dos textos rabínicos que mencionam a volta de Elias vê o seu papel como estando ligado à solução dos problemas de halakah, e expresso na literatura com o termo teyqu, que significa: “O tisbita solucionará as dificuldades e os problemas”. Esta noção de que quando Elias reaparecesse as questões não resolvidas seriam respondidas está em completa harmonia com as preocupações rabínicas com os assuntos da lei e da sua interpretação.

No entanto, existem uma ou duas referências que conectam a aparição de Elias à vinda do Messias. Um texto do midrash talmúdico diz: “Supondo que, se Elias não vier, o Messias também não virá, por que [beber vinho] não seria permitido na véspera do sábado?” (em b. Erubin 43b). Em um comentário não datado sobre Deuteronômio 30.4 (Targum Ps. – Jonathan), o autor escreve: “Se vocês, dispersos, estiverem no fim dos céus, dali o memra do Senhor seu Deus lhes reunirá pela mão de Elias, o sumo sacerdote, e dali lhes trará pela mão do Rei Messias”.

Mesmo assim, não fica de todo claro que na época de Jesus houvesse uma crença geral de que a vinda de Elias anunciaria a aparição do Messias. O que fica claro é que Elias era esperado. Sem dúvida, existe uma ligação entre Elias e o Messias, pois ambos estão associados com o fim dos tempos. Mas também não fica completamente claro que eles imaginavam que a vinda do Messias dependeria da aparição anterior de Elias como seu precursor.

Interpretação. Tendo isso em vista, o que os discípulos estavam realmente perguntando a Jesus? Eles haviam acabado de ver a sua glória na montanha. Por que, ao descer do seu pico, os três mencionaram o assunto de Elias?

A resposta está no fato de que os olhos dos discípulos ainda estavam cheios de visões de esplendor. O que eles realmente estavam perguntando era: Quando Você estabelecerá o seu reino glorioso? Quando Elias aparecerá, para que o coração de Israel se volte a Ti, Senhor? Quando os julgamentos purificadores atingirão o mundo gentio e purificarão o nosso povo?

A resposta de Cristo deve tê-los surpreendido. Mas o povo de Israel não estava disposto a aceitar João nem o seu ministério, que era parecido com o de Elias. Eles mataram “Elias”. “Assim farão eles também padecer o Filho do Homem” (17.12).

Os discípulos não devem esperar o reino, mas a cruz.

Aplicação. Como os discípulos, nós freqüentemente procuramos a glória, e fechamos os olhos para o sofrimento que necessariamente o precede. Sim, Jesus estabelecerá o reino de Deus aqui na terra. Mas não agora. Aqui e agora os discípulos de Cristo são chamados para uma vida de comprometimento com a vontade de Deus – uma vida de renúncia a si mesmo, de tomar diariamente a sua própria cruz e de seguir a Jesus.

É bom e certo que nós esperemos a volta de Cristo. É essencial que nós também compreendamos o chamado cristão agora: servir a Deus e aos outros, e com alegria aceitar qualquer custo resultante de amar a Deus e aos outros.

A cura do menino epilético (17.14-23). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 9.14-32, e a passagem paralela em Lucas 9.37-45.

O imposto do templo (17.24-27).

Contexto. O "imposto do templo" era meio siclo ou algo equivalente, enviado a Jerusalém anualmente por cada judeu dentro e fora da Palestina. Os fundos eram usados para o templo e para os seus sacrifícios, mas também se destinavam à manutenção dos muros de Jerusalém, às obras do aqueduto que abastecia a cidade com água, e outras carências da cidade.

Filo, o famoso filósofo judeu de Alexandria do século I, descreve eloqüentemente a solene cerimônia que envolvia a arrecadação do meio siclo, com a escolha dos mensageiros que iriam levá-lo a Jerusalém, e a partida. A contribuição desta taxa era considerada uma grande mitzvah, ou boa obra, e os judeus fora da Palestina freqüentemente lutavam pelo direito de fazer a contribuição contra os gentios que combatiam esse costume, argumentando que ele constituía "o pagamento de um imposto a um país estrangeiro".

Josefo, em sua obra Antiquities (XIV: 7:2 [115]) narra um incidente na Líbia Cirenaica durante o reinado de Augusto quando os gregos da cidade "estavam

perseguindo [os judeus] a ponto de roubarem deles as suas somas de dinheiro sagrado". Uma delegação foi enviada a Roma, e Agripa escreveu uma carta aos anciãos da cidade, lembrando que Augusto tinha instruído especificamente o governador a não permitir que a contribuição anual fosse impedida.

Contra este histórico, podemos observar alguma surpresa na pergunta que alguns judeus fizeram a Pedro, judeus que tinham o privilégio de coletar a taxa de meio siclo em Cafarnaum. "Vosso mestre não paga as didracmas?" (16.24). A forma negativa aqui espera uma resposta afirmativa: "O vosso mestre paga as didracmas, não é verdade?" O fato de que a pergunta fosse feita implica que o pagamento provavelmente estava atrasado.

Sem nenhuma hesitação, Pedro impensadamente disse "Sim". Era a resposta que qualquer judeu religioso daria, e certamente era a resposta que os coletores esperavam.

Então, por que Jesus parece gentilmente repreender a Pedro, e qual o significado do seu diálogo com o seu discípulo? A pergunta de Jesus, a resposta de Pedro e a conclusão de Jesus são, na verdade, muito claros. E as implicações são assombrosas. Vejamos o diálogo:

Quando Pedro entrou na casa, Jesus foi o primeiro a falar. "Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos ou os impostos? Dos seus filhos ou dos alheios?"

Disse-lhe Pedro: "Dos alheios".

Disse-lhe Jesus: "Logo, estão livres os filhos".

O diálogo com Pedro estabelece um ponto central: os reis não cobram impostos dos membros da família. O que acontece quando aplicamos este princípio ao costume de pagar a taxa anual do templo? Observamos os seguintes pontos críticos:

O imposto é pago a Deus (para o seu templo).

O imposto é pago pelo povo judeu.

Jesus não havia pago o imposto.

A conclusão a que chegamos é surpreendente. Se os reis não cobram da família, e Deus é Aquele a quem são pagos os impostos, então fica claro que a existência do templo em si é um testemunho repetido, anualmente, do fato de que o povo judeu não é, somente por virtude da raça, o grupo dos filhos de Deus!

E o fato de que Jesus não paga é uma afirmação igualmente silenciosa, mas clara, de que Ele é o Filho de Deus.

Os judeus são o povo escolhido de Deus. Mas eles não são, como um povo, a família de Deus. O relacionamento familiar com Deus para os seres humanos, desde o tempo do próprio Abraão, era estabelecido somente pela fé.

Aplicação. Nem a religião nem a raça podem proporcionar um relacionamento pessoal com Deus. Nossa herança pode oferecer alguma vantagem em termos de conhecimento disponível de Deus. Mas isto também pode representar uma grande desvantagem. A menos que o indivíduo reaja com o que pode ser conhecido por Deus como uma simples fé, até mesmo a revelação mais clara pode ser distorcida e mal interpretada. Como é estranho que o imposto do templo, considerado no judaísmo do século I como uma evidência da ligação que a comunidade dispersa tinha com Deus, e como um privilégio para se tentar obter, era, na verdade, um testemunho da distância de cada indivíduo em relação ao Senhor!

O Caminho para a Grandeza

EXPOSIÇÃO

-

Mateus agora registra uma série de incidentes que estão ligados por um tema que é apresentado em 18.1 e chega ao seu clímax em 20.34. O tema é: “Quem é o maior no Reino dos Céus?” (18.1). Tomados em conjunto, estes capítulos constituem o ensinamento básico sobre o sucesso espiritual para os seus discípulos.

Em resposta à pergunta “Quem é o maior?” Jesus chama uma criança, que reage imediatamente, e vem sentar-se ao lado do Senhor (18.2-5). Que diferença de Israel, que se mantém afastada, exigindo o direito de julgar a Cristo em lugar de simplesmente reagir positivamente à sua palavra! Jesus então destaca a importância de conservar esta característica dos “pequeninos” (18.6-9), e conta três histórias que pretendem mostrar como os crentes podem estimular “uma atitude semelhante à das crianças” uns nos outros e na igreja. Lembrando que nós, como as

ovelhas, temos a tendência de nos desgarrar, devemos rapidamente nos restaurar, uns aos outros, com alegria e não com recriminações (18.10-14). Como os filhos de qualquer família "pecam uns contra os outros", nós devemos tomar a iniciativa quando formos atingidos, e procurar ativamente a reconciliação. Isto exige o reconhecimento da ofensa e uma oferta de perdão (18.15-20). Um breve diálogo com Pedro deixa claro que nós devemos continuar oferecendo o perdão, repetidamente (18.21,22). Se isto parecer difícil, devemos nos lembrar do quanto Deus nos perdoou, e aceitar o fato de que nós, que tivemos uma dívida impossível de pagar, devemos perdoar os demais, que certamente nos devem menos do que nós devemos a Deus (18.23-35).

Agora Mateus relata uma seqüência de três incidentes que exemplificam os caminhos que as pessoas religiosas tomaram na busca da realização espiritual.

Os fariseus tomaram o caminho da Lei, supondo que se eles fossem mais justos do que os outros, nos seus "façam" e "não façam", alcançariam a superioridade espiritual. Jesus usa uma pergunta sobre o divórcio para estabelecer que a Lei na verdade era um padrão inferior, que demonstra a disposição por parte de Deus de Se acomodar à fraqueza da humanidade pecadora em lugar de exigir a conformidade total ao seu ideal (19.1-15).

Um homem rico que tinha tomado o caminho da filantropia pergunta a Jesus como pode ganhar a vida eterna. Jesus lhe diz que dê toda a sua riqueza, forçando o jovem a escolher entre a sua riqueza e o mandamento daquele que é o seu Deus. O jovem parte, e ao partir nos lembra de que “fazer o bem” não é necessariamente a evidência de ser bem-sucedido na vida espiritual.

A seguir Jesus conta a história de um homem que lida com os seus trabalhadores na base da graça e não dos méritos. A história nos lembra de que nem mesmo o trabalho árduo representa uma prova de que alguém é bem-sucedido na vida espiritual (20.1-16).

Então, o que leva à grandeza no reino de Deus? Responder a Deus como um “pequenino” – e isto só é possível quando vivemos juntos como ovelhas, como irmãos, como um povo que perdoa e que é perdoado. Jesus prossegue revelando a atitude que é a chave final de Deus para a verdadeira grandeza. O próprio Senhor Jesus está prestes a ser traído e condenado à morte – por nós (20.17-19). Quando a mãe de Tiago e João implora a Jesus que dê aos seus filhos as mais altas posições do seu reino futuro, Jesus pergunta se eles podem beber do seu cálice – isto é, viver como Ele viveu e passar pelo que Ele deveria passar (20.20-23). Então Jesus explica aos doze o que é necessário para a grandeza: não governar sobre o povo de Deus, mas viver entre eles como servos. Dispostos a se entregar como Jesus se deu e se dará para o benefício de outros (20.24-28).

Um incidente final ilustra a situação. Quando Jesus deixa Jericó para subir até Jerusalém e à cruz, Ele ouve dois homens cegos, quase abafados pela multidão (20.29-34). Apesar do peso que Jesus sente no seu próprio coração, sabendo que esta será a sua última viagem, Cristo pára, e pergunta aos cegos: “Que quereis que vos faça?”

Esta é a grandeza no reino de Jesus: servir aos pequeninos de Deus, nossos companheiros de fé e viver com eles de maneira que possamos encorajá-los à reação ansiosa, espontânea e positiva à voz de nosso Senhor.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Quem é o maior no Reino dos céus? (18.1). A palavra grega meizon é o comparativo “maior do que” e não o superlativo “o maior”. É traduzida “o maior” em nossas versões porque era freqüentemente usada como superlativo no discurso normal do primeiro século. O que é trágico aqui, entretanto, é que os discípulos estavam evidentemente pensando sobre qual deles teria a posição mais importante quando viesse o reino de Jesus. O que Jesus vai fazer é o que todos nós devemos fazer em nossa própria vida: Ele leva o foco da realização pública para a pessoal, do cargo ao caráter. Como nossas prioridades devem ser diferentes das prioridades das pessoas do mundo!

Aquele que se tornar humilde como esta criança (18.4). O verbo grego vem da raiz tapeinos. Na cultura grega os “humildes” eram os fracos, e ser fraco era uma coisa vergonhosa. No entanto, no Novo Testamento, tapeinos é quase sempre usada em um sentido positivo, para representar nossa estimativa adequada de nós mesmos em relação a Deus. Nós reconhecemos nossa dependência e nossa impotência diante dele, e humildemente nos submetemos às suas palavras. É isto o que este incidente exemplifica. Cristo apresentou-se a Israel como o seu Messias, mas as multidões detêm-se, assumindo o direito de julgar o Filho de Deus. Que contraste com a criança, que simplesmente ouviu e reagiu. Tanto um sentimento infantil de dependência, quanto a vontade de reagir positivamente, devem marcar o nosso relacionamento com Deus.

Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos (18.6). Neste versículo, e nos versículos 8 e 9, a palavra grega para “escandalizar (fazer pecar)” é skandalon, e simplesmente significa alguma coisa que faz uma pessoa tropeçar. As versões NIV e RSV em inglês realmente parafraseiam skandalon como “fazer pecar”. Esta é uma interpretação muito limitada, como observa um comentarista: “Alguém pode ‘tropeçar’ tanto por uma atitude de desprezo, uma falta de preocupação... ou uma recusa de perdoar, quanto por uma ‘tentação de pecar’”.

Embora as referências de Jesus à mão, ao pé e ao olho sejam figuradas (5.29,30), a menção do fogo eterno acrescenta intensidade. Jesus está dizendo que viver com os outros de uma maneira a fazê-los tropeçar espiritualmente não é uma ofensa menor! É ruim o suficiente enviar uma pessoa ao fogo do inferno!

Com que cuidado devemos conservar a qualidade dos “pequeninos” em nossos irmãos e em nossas irmãs no Senhor.

Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem (18.19). A expressão grega peri pantos pragmatos significa, literalmente, “a respeito de qualquer assunto”. Neste contexto, este versículo não é uma promessa para a oração; na verdade, ele nem se refere à oração. Jesus exigiu que os conflitos entre os discípulos fossem solucionados por um processo de reconciliação definido em 18.15-17. Quando a reconciliação é impossível, porque a pessoa culpada “recusa-se a ouvir”, o caso deve ser submetido a uma decisão conjunta (18.18). Os “dois ou três” de 18.19,20 devem ser separados pela igreja para investigar o caso e chegar a uma conclusão. A presença de Jesus neste processo está assegurada, e a determinação da “corte” será ratificada, “feita para vocês”, pelo Pai de Cristo no céu.

Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete (18.22). Os rabinos haviam chegado à conclusão de que uma pessoa devia ser perdoada três vezes por um pecado reincidente. Mas não uma quarta vez! Assim, a oferta de Pedro de perdoar até sete vezes era verdadeiramente generosa! O uso de Cristo de 77 vezes (ou talvez 70 x 7) não pretende ser um limite para o perdão, mas mostrar que o perdão deve ser oferecido sem limites ou restrições.

Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens (19.21). O jovem rico que perguntou a Jesus o que ele poderia fazer para ganhar a vida eterna foi sincera. Nós sabemos disto por causa da construção em grego: “Se você quiser” supõe que a condição é verdadeira: “uma vez que você quer ser perfeito”.

Mas o que significa “ser perfeito”? A palavra grega teleios quer dizer “ser completo, atingir um objetivo, ser amadurecido”. Os seus cognatos do Antigo Testamento, tamim e kalil não sugerem falta de pecado, mas implicam em inocência legal e retidão moral. A idéia aqui é: se o homem deseja ser completamente fiel ao antigo concerto, ele deve desprezar a sua riqueza.

Por que esta estranha exigência? Observe que a resposta de Jesus à pergunta inicial relaciona mandamentos da “segunda tábua” da Lei – aqueles que dizem respeito ao relacionamento de um homem com outros seres humanos. O mandamento de Cristo leva o enfoque à “primeira tábua” – aos mandamentos que dizem respeito ao relacionamento do homem com Deus. O primeiro daqueles mandamentos é: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). Ainda assim, quando Jesus, o Deus encarnado de Israel, disse: “‘Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres’... o jovem... retirou-se triste” (19.21,22).

Só porque uma pessoa é atenciosa, gentil e generosa, isto não é evidência de que Deus esteja em primeiro lugar em sua vida. O verdadeiro teste surge quando somos solicitados a entregar, não o que nos sobra, mas tudo!

Pelos príncipes dos gentios são estes dominados e os grandes exercem autoridade sobre eles (20.25). Jesus não rejeita o direito que a autoridade secular tem de governar sobre os cidadãos normais. No entanto, ele quer dizer que as estruturas utilizadas para governar no mundo secular não podem ser transferidas e aplicadas pelos líderes cristãos aos relacionamentos dentro do corpo de Cristo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O maior no Reino dos céus (18.1-9). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 9.33-50, e a passagem paralela em Lucas 9.46-50.

A parábola da ovelha perdida (18.10-14). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 15.7.

O irmão que peca contra você (18.15-19). Veja o Estudo da Palavra de Mateus 18.19, acima.

A parábola do servo que não era misericordioso (18.21-35). Veja o Estudo da Palavra de Mateus 18.22, acima.

Divórcio (19.1-15). Veja também as passagens relevantes Mateus 5.31,32 e 1 Coríntios 7.

Contexto. Esta passagem tem sido objeto de muito estudo, por dois motivos. Em primeiro lugar, ela toca em um assunto de grande importância para os indivíduos e aqueles que têm responsabilidades individuais. Em segundo lugar, a passagem contém termos cujo significado é debatido não somente em nossa época, mas também o foi na época de Jesus.

O debate na época de Jesus dependia do significado de duas palavras hebraicas que aparecem em Deuteronômio 24.1, o único versículo do Antigo Testamento que trata diretamente do divórcio: “Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da sua casa”.

Separadamente, as duas palavras hebraicas são relativamente fáceis de entender. A primeira, ‘erwat, indica alguma falta de castidade, ao passo que a segunda, dabar, significa simplesmente “modo” ou “coisa”. Um grande grupo de intérpretes, os Shamaítas, entendiam que as duas palavras devem formar uma expressão inseparável e assim assumiram Deuteronômio 24.1 como indicando

que o divórcio era apropriado somente devido a “alguma coisa [moralmente] inconveniente”.

O outro grupo principal de intérpretes, os Hilelitas, argumentou que as palavras devem ser consideradas separadamente. Assim, o divórcio seria apropriado no caso de falta de castidade ou se algum dos “modos” (dabar) da esposa fosse desagradável ao seu marido.

É importante perceber que nenhuma destas correntes de pensamento estava basicamente preocupada em tornar o divórcio “fácil” ou “difícil”. Os sábios estavam profundamente interessados em entender exatamente o que o livro de Deuteronômio implicava, e em desenvolver halakah, “regras de comportamento”, que refletissem e expandissem este significado. Adicionalmente, existiam outros mecanismos na época do Antigo Testamento que desencorajavam o divórcio, e o divórcio não era, na verdade, um problema social importante no século I.

Os dois principais obstáculos ao divórcio no século I eram (1) a pressão social e (2) o custo. Socialmente, o divórcio no judaísmo do século I resultava em um estigma tanto para a mulher quanto para o marido. Economicamente, o divórcio podia custar um preço terrível. Quando um marido divorciava-se de sua esposa, ele tinha que lhe dar uma quantia em dinheiro prescrita no contrato de casamento. Além disso, o marido tinha que acrescentar a esta quantia o valor de quaisquer bens perecíveis que a esposa tivesse trazido ao casamento, e responsabilizar-se por eles. Durante o casamento, todos estes bens estariam sob o controle do marido e seriam um recurso econômico. Depois do divórcio, eles deveriam ser restituídos a ela, juntamente com quaisquer presentes do marido ou do pai que tivessem sido dados incondicionalmente à esposa, e assim seriam classificados como uma propriedade “sobre a qual o marido não teria controle”.

Como no judaísmo somente o marido tinha o direito de escrever um documento de divórcio, alguns maridos que não estavam dispostos a devolver os bens da esposa simplesmente se recusavam a viver com elas – e se recusavam a restituir a sua propriedade. Em tais casos, as cortes rabínicas do século I pressionavam o marido a conceder o documento exigido.

Curiosamente, um artigo recente do jornal Jerusalem Post de 10 de fevereiro de 1990 censurava o fato de que “milhares de mulheres estavam aprisionadas devido aos abusos de Halakah e falhas nas cortes rabínicas que têm a jurisdição

sobre o casamento e o divórcio". De acordo com o artigo, assinado por Beth Uval, entre 8 e 10 mil mulheres israelitas estão aprisionadas e não podem se casar novamente porque seus maridos recusam-se a lhes conceder o divórcio. Ao se recusarem a dar o seu consentimento, alguns homens em Israel fazem chantagem com as suas mulheres, pedindo milhares de dólares para concordar com o divórcio.

O divórcio, naquela época e agora, tanto no judaísmo do século I como na moderna nação de Israel, era um direito do marido, embora os interesses da mulher estivessem (pelo menos teoricamente) protegidos pelo custo da dissolução do casamento e pela pressão social.

Interpretação. Dois elementos de contexto são vitais se quisermos entender o que está sendo dito aqui. O primeiro é o contexto bíblico. Mateus está desenvolvendo o tema da grandeza no reino de Deus. Neste contexto, os fariseus representam a perspectiva de que a superioridade espiritual é uma questão de observar, em cada detalhe, a Lei de Deus revelada por Moisés e interpretada, durante os séculos, pelos sábios.

O segundo elemento é o contexto histórico. Os fariseus que vieram até Jesus não estavam perguntando a respeito do divórcio por si mesmo, mas estavam levantando um problema de interpretação. Considerando esses dois pontos de vista, poderemos identificar o argumento da passagem, e estaremos protegidos da tentação de não interpretar a passagem como um todo mas os versículos ou expressões fora do seu contexto.

O que aparece quando nós examinamos a passagem tendo em vista estes dois assuntos contextuais? Os fariseus vêm até Jesus e perguntam: "É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?" (19.3) A questão é claramente técnica, e deseja forçar Jesus a identificar-se com a escola de Shammai ou a de Hillel. A questão também é típica, pois para os fariseus a "legalidade" é a chave para a grandeza diante de Deus.

Surpreendentemente, Jesus ignora o assunto da legalidade, e retorna à Criação para estabelecer um princípio (19.4-6). O desejo de Deus era que o casamento fosse uma união que durasse toda uma vida, um relacionamento de aliança, um concerto. Quando duas pessoas unem-se em matrimônio, elas se tornam "uma só carne", unidas de tal maneira que compartilham tudo na sua jornada juntos pela vida.

Esta resposta não agradou aos fariseus, que não a entenderam e perguntaram: “Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?” (19.7).

Conseqüentemente, o divórcio e o novo casamento (pois sempre se supunha um casamento subseqüente no judaísmo antigo e no do século I) estão aquém do ideal de Deus e desta forma envolvem o pecado, implicado pela palavra hebraica hata’ e pela grega hamartia. Assim, o novo casamento envolve adultério! Embora não esteja claro o que pode significar a assim chamada “cláusula de exceção” – “não sendo por causa de prostituição [porneia]” (19.9) – está claro que ela não altera o ponto de vista de Jesus.

Lembrando que o assunto aqui não é realmente o divórcio, mas sim a perspectiva dos fariseus sobre a religião, é preciso perguntar de que maneira a resposta de Jesus afeta a posição deles. O que Jesus fez foi, muito simplesmente, mostrar (1) que não se pode perceber a intenção e a vontade de Deus pelo doloroso processo de analisar e re-analisar a Lei para desenvolver regras de conduta. Na verdade, usando este método os fariseus fizeram a pergunta errada sobre o divórcio, e deixaram de ver a verdade que o Pentateuco revela sobre a vontade de Deus. (2) Na verdade, Jesus rejeita toda a perspectiva “enfocada na lei” dos fariseus, e lhes mostra, definitivamente, que o caminho do legalismo não é um caminho que leva à “superioridade espiritual”.

Jesus simplesmente destaca que existem muitas razões para que alguém permaneça solteiro, mas o seu ensinamento reafirma um padrão difícil de que “Quem pode receber isso [o celibato], que o receba”.

	Adultério
AT	nâ’ap
NT	moicheia
d i f e r e n ç a s	Normalmente se refere aos homens Relações com pessoa cas
s e m e l h a n ç a s	As duas coisas são proibidas por Deus. As duas coisas são us

Um incidente final incluído aqui pelo evangelista Mateus convence da sua mensagem central (19.13-15). Jesus dá as boas vindas às “crianças” e anuncia que “dos tais [dos pequeninos] é o Reino dos céus”. Nem mesmo o mais rigoroso dos fariseus poderia jamais imaginar que os “pequeninos” estivessem sujeitos à Lei de Moisés, muito menos à interpretação restrita daquela Lei que eles impunham a si mesmos. As crianças não se relacionam com Deus por meio da Lei, mas de uma maneira muito mais direta e pessoal.

E Jesus proclama que o Reino dos céus é “dos tais”; não daqueles que se aproximam de Deus como os fariseus e os sábios, por meio de tentativas diligentes de observar as leis extraídas das Escrituras, mas feitas pelos homens. Na verdade, aqueles que exercitam a fé pessoal e o comprometimento para com Jesus tornam-se filhos do Rei.

Há muito desentendimento sobre o significado exato de porneia, que é uma palavra traduzida como “infidelidade conjugal” na versão NIV em inglês, no texto de Mateus 19.9, a chamada “cláusula de exceção”. O quadro que acabamos de ver resume o uso básico deste termo no Antigo Testamento e no Novo, bem como o uso do seu cognato do Antigo Testamento.

Aplicação. A Lei simplesmente exige que o marido assine o documento do divórcio. Este documento escrito era a prova de que o casamento tinha terminado, e que a esposa estava livre para se casar novamente.

Talvez o ponto mais importante que nós podemos aprender desta passagem seja o terrível perigo representado pelo legalismo, que espreita nos nossos relacionamentos disfarçado de religiosidade, e nos rouba aquele sentimento do perdão e da graça restauradora de Deus, que são o centro de nossa fé.

O Jovem Rico (19.16-30). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 10.17-31, e a passagem correspondente em Lucas 18.18-30.

A Parábola dos Trabalhadores da Vinha (20.1-16).

Contexto. Na época do Antigo Testamento, muitos judeus ganhavam a vida trabalhando na terra dos outros. Muitas categorias de tais trabalhadores são mencionadas da literatura dos séculos I e II d.C. Havia o 'aris, que dava ao dono da terra aproximadamente a metade do que a terra produzia, como sua participação. O hokker era também um arrendatário, mas ele dava ao proprietário uma quantia fixa em lugar de uma participação na colheita. O sokher pagava um aluguel mensal; o shattal era um agricultor contratado que recebia a metade da colheita e uma porcentagem correspondente a qualquer melhoria que ele fizesse na terra do proprietário. O shkhir era um trabalhador contratado que ganhava casa e comida e recebia uma quantia quando partisse, depois de um período de tempo que podia durar desde uma semana até sete anos, embora o período normal fosse de três anos. O ikkar também era um empregado, mas aparentemente um fazendeiro aprendiz que era considerado, de alguma maneira, parte da família.

Os trabalhadores que encontramos nesta parábola de Jesus são po'el: trabalhadores diaristas que trabalhavam do nascer ao pôr do sol. E recebiam comida, além do salário de um dia, do proprietário. O equivalente moderno mais próximo seria o trabalhador migrante, que segue a colheita de um lugar a outro, esperando que haja trabalho suficiente na estação para manter tanto a ele quanto a sua família.

Embora os religiosos de Israel cumprissem a sua obrigação de pagar os po'el, e alguns até mesmo dessem a comida e pagassem o salário adiantado, os proprietários não se destacavam pela sua generosidade. Isto se reflete em um incidente interessante relatado no Mishnah (B.M. VII:1):

Aconteceu, certa vez, que o rabino Johanan ben Mathia disse ao seu filho: saia e contrate alguns po'alim. Ele foi, e fez um acordo com eles de que cuidaria de suas refeições. Quando voltou, seu pai disse-lhe: Meu filho, mesmo que você lhes prepare um banquete digno de Salomão em toda a sua glória, não terá se livrado de sua obrigação, pois eles são os filhos de Abraão, Isaque e Jacó. Portanto (se quiser se proteger), vá até eles antes que comecem a trabalhar e faça com que estipulem que não lhe considerarão responsável por nada além do pão e das verduras.

Certamente todos aqueles que ouviram Jesus contar a Parábola dos trabalhadores na vinha estavam familiarizados tanto com o tipo de vida dos po‘el quanto com a atitude dos ricos proprietários com relação a eles. Assim, a história de Jesus deve ter causado um impacto ainda maior neles do que nos causa hoje em dia.

Interpretação. No início da história, vemos os trabalhadores contratados no nascer do sol e enviados para trabalhar na vinha. O pagamento acordado, um denário, era uma moeda de prata que no império romano teve um valor estável durante décadas. Era o equivalente a um dia de trabalho para um trabalhador contratado.

Durante o dia, o proprietário retornava à praça uma e outra vez, e cada vez contratava mais alguns trabalhadores. A estes ele prometia pagar o que fosse “justo” (20.4).

Quando o dia de trabalho terminou, no pôr do sol, o proprietário sentou-se junto a uma mesa e distribuiu os salários do dia. Os trabalhadores ao redor da mesa devem ter ficado surpresos ao ver que os homens que haviam trabalhado somente uma ou duas horas recebiam o salário de um dia inteiro! Isto era totalmente diferente da maneira como os proprietários tratavam os po‘el.

Ao mesmo tempo, a generosidade do proprietário incitou as expectativas daqueles que haviam trabalhado o dia inteiro. Certamente, se era “justo” pagar àqueles que não mereciam o pagamento de um dia inteiro, eles, que haviam trabalhado sob o calor do dia, certamente receberiam muito mais do que um simples denário. Mas quando chegou a vez deles, tudo o que receberam foi a única moeda de prata acordada com o proprietário naquela manhã. Com certeza podemos entender por que começaram a reclamar (sem dúvida, em voz alta, como é comum naquela cultura!) que o proprietário estava sendo injusto.

O tema da parábola é resumido no relato de Jesus das palavras do proprietário: “Não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?” (20.15).

Se nós imaginarmos que o proprietário da parábola representa a Deus, que é a intenção de Jesus (20.1), o que Cristo quer dizer é claro. Deus relaciona-se com os seres humanos com base na sua generosidade, não com base no que um homem ou uma mulher merece.

A implicação surpreendente nesta parábola é esta: ao agir deste modo, Deus está sendo justo.

Dificilmente os ouvintes de Jesus, até mesmo os seus discípulos, compreenderam como isto era possível. Somente depois da crucificação e da ressurreição os seguidores de Cristo olhariam para trás e perceberiam que, por intermédio da sua morte, Jesus pagou o preço do pecado, e desta forma deu espaço para que o Pai demonstrasse que é justo, e agisse com relação aos seres humanos em completa generosidade e graça.

Aplicação. Esta história é particularmente útil àqueles que caem na armadilha de procurar agradar a Deus trabalhando mais do que os outros. Não é que o zelo em servir a Deus seja errado. Queremos dizer simplesmente que “trabalhar mais” não é o caminho para a grandeza no reino do céu.

Em cada aspecto de nossa vida cristã, somos dependentes da graça e da generosidade de Deus. Quando compreendermos e sentirmos essa graça plenamente, iremos nos dedicar a servir ao Senhor. Mas nunca deveremos imaginar, como os trabalhadores da parábola de Jesus, que merecemos alguma coisa a mais das mãos do nosso Deus amoroso.

O Pedido de Uma Mãe (20.20-28). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 10.32-45 e as passagens paralelas em Lucas 18.31-34 e Lucas 22.24-30.

Dois Cegos Recebem a Visão (20.29-34). Veja o comentário em profundidade sobre Marcos 10.46-52 e a passagem paralela em Lucas 18.35-43.

Confrontação

EXPOSIÇÃO

-

Jesus recebe as boas vindas das multidões de Jerusalém, e é saudado como o Messias. Mas a recepção das pessoas comuns incita os líderes religiosos e políticos, que se sentem ameaçados por sua popularidade. Eles renovam seus ataques, desesperadamente tentando apanhar Cristo em alguma armadilha com alguma afirmação que minará sua popularidade ou incriminá-lo perante seus superiores romanos. Jesus não somente silencia todos os desafios, mas acusa seus acusadores. Suas parábolas expõem seus motivos egoístas e seu destino. Em um sumário poderoso, Jesus prediz tristezas perante os fariseus e os mestres da Lei que hipocritamente enfatizam os aspectos exteriores da religião para mascarar a avareza, a maldade e o egoísmo que desfiguram seu próprio caráter. Cada um dos acontecimentos desta seção leva à acusação final que Cristo faz aos fariseus, e às suas lágrimas por uma Jerusalém tão cega pelo legalismo que ela não

consegue – e não irá – reconhecê-lo como o Salvador.

A seqüência se inicia com a entrada triunfal (21.1-11). Jesus, cumprindo uma profecia de Zacarias, entra na cidade sob gritos que o aclamam como sendo o "Filho de Davi", um título messiânico. Entrando no templo, Jesus expulsa os cambistas e os que ali compravam e vendiam, que trabalhavam com permissão do sumo sacerdote (21.12-17). Em um ato fortemente simbólico, Jesus amaldiçoa uma figueira que, como a Israel contemporânea, parece vital e viva, mas, ainda assim, não dá frutos (21.18-22).

Quando Jesus retorna a Jerusalém, os líderes incitados o confrontam. Estes homens, que reivindicam ter o direito de interpretar e aplicar a Lei de Moisés aos judeus de todas as partes, exigem que Cristo explique a origem de sua autoridade. Em lugar disso, Jesus propõe uma pergunta que os líderes têm medo de responder, e desta maneira expõem a nulidade de sua afirmação de que são os intérpretes da Palavra de Deus (21.23-27). A seguir há uma série de parábolas desoladoras. Na primeira, Jesus afirma que "os publicanos e as meretrizes" desprezados que responderam ao ministério de João Batista entrarão no reino de Deus, deixando para trás os "respeitáveis" líderes espirituais (21.28-32). Na segunda, Jesus

apresenta os verdadeiros motivos dos líderes: eles desejam administrar Israel não para a glória de Deus, mas para seu próprio lucro e poder. Eles estão tão inflexivelmente determinados a resistir à justa reivindicação que Deus faz da fidelidade de seu povo, que eles irão com satisfação matar o próprio Filho de Deus (21.33-46). Na terceira parábola, Jesus olha para o futuro. Israel, a quem Deus convidou para seu banquete em primeiro lugar, o rejeitou e será, por sua vez, rejeitada pelo Senhor, em favor de "qualquer pessoa" que esteja disposta a aceitá-lo (22.1-14).

O ataque que Jesus faz à elite religiosa os leva a uma ação furiosa. Os fariseus tentam forçar Jesus a expressar apoio aos odiados romanos, pelo direito de coletar impostos – o que levantaria as multidões contra Ele – ou falar contra os impostos – e neste caso os romanos poderiam prendê-lo e condená-lo. Cristo habilmente evita esta armadilha, que é a mais famosa que lhe prepararam (22.15-22), e demonstra a superficialidade da compreensão das Escrituras pelos saduceus quando este grupo tenta confundi-lo com um enigma teológico usado durante muito tempo para confundir aqueles que acreditavam na ressurreição (22.23-33).

De repente, o foco passa dos jogos intelectuais para

assuntos verdadeiramente significativos. Qual é o maior mandamento? Amar a Deus completamente, e amar aos outros como a si mesmo (22.34-40). E de quem é Filho o Cristo que é profetizado no Antigo Testamento? Ele é – e deve ser – o próprio Filho de Deus (22.41-46).

As parábolas do capítulo 21 indicavam os fariseus e os mestres da Lei. As armadilhas evidentes preparadas pelos fariseus e pelos saduceus, narradas no capítulo 22, exibiam sua abordagem superficial da fé. Agora, no capítulo 23, Jesus profere o veredicto divino sobre estes fingidores religiosos. Com um tom áspero e severo, Jesus enumera sete "ai de vós!" – sete exclamações que acusam os líderes religiosos pelas atitudes e ações que irão excluí-los para sempre do reino do querido Filho de Deus (23.1-36). A acusação é enfática, e apesar disso os últimos versículos revelam que o coração de Cristo está sofrendo pela cidade e pelo povo que Ele é obrigado a condenar (23.37-39).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Filha de Sião (21.5). A expressão idiomática significa simplesmente "Sião", um nome poético para a cidade de Jerusalém. Para outros usos da expressão, veja

Isaías 22.4; 47.1; Salmos 45.12.

Hosana ao Filho de Davi! (21.9). Hosana é uma exclamação e oração que quer dizer “Salve!”, que se tornou uma exclamação de louvor. A expressão “Filho de Davi” é um título messiânico, que deixa claro que na entrada triunfal Jesus estava sendo aclamado como um rei que chegava, com as expectativas de que Ele iria libertar os judeus do domínio romano.

Toda a cidade se alvoroçou (21.10). A palavra eseisthe significa “abalar-se”, como que por um terremoto. Uma onda de entusiasmo selvagem varreu Jerusalém quando Jesus entrou na cidade. O fato de que dentro de poucos dias gritos de “Seja crucificado!” (27.22) ecoariam nas mesmas ruas nos alarmam. O entusiasmo não deve substituir o compromisso.

Pensavam entre si (21.25). Esta frase traduz literalmente uma única palavra, dielogizonto. O tempo imperfeito do verbo implica em um processo continuado, um contínuo debate sobre como responder ao desafio de Jesus. Duas coisas são significativas. Os homens que afirmavam ter autoridade religiosa em Israel não procuravam a orientação de Deus, mas em lugar disso “pensavam entre si”. E sua falta de disposição em aceitar a responsabilidade que a autoridade que eles reivindicavam, que lhes obrigava a responder a perguntas difíceis civis e religiosas, mostrava o quanto eram infundadas as suas reivindicações.

Depois, arrependendo-se, foi (21.29). A palavra metameletheis significa sentir muito, lamentar. O verbo é encontrado somente cinco vezes no Novo Testamento: Mateus 21.29,32; 27.3; 2 Coríntios 7.8 e Hebreus 7.21. É muito diferente de uma palavra similar, metanoia, que é o arrependimento como uma mudança de mentalidade e de atuação. A expressão “foi” é essencial, pois este sentimento levou a uma ação. Ele estava arrependido, ou sentia muito – e foi à vinha, conforme seu pai lhe tinha dito que fosse! Compare isto com Judas, que se arrependeu (27.3), mas ao invés de voltar-se para Jesus em busca de perdão permaneceu atolado na autopiedade e no remorso. Arrepender-se é uma coisa

boa, mas a menos que se acrescente “e foi”, o arrependimento é basicamente sem sentido.

E enviou seus servos a chamar os convidados para as bodas (22.3). Em grego a expressão é kalesai tous keklemoneous, “chamar os chamados”. Ela reflete o costume judeu de enviar um segundo convite às pessoas que já haviam sido convidadas para uma comemoração. Como isto era apropriado! Em Abraão, Deus tinha convidado Israel para ser seu povo escolhido. Agora, em Cristo, Deus chamou novamente os convidados para que viessem a Ele – e eles obstinadamente recusaram! Hoje em dia acontece a mesma coisa. Em Cristo, Deus convidou o mundo inteiro para vir até Ele. Quando o Espírito faz este convite pessoal, convencendo uma pessoa e chamando-a para sua salvação, ela não deve rejeitar o chamado de Deus.

Porém eles, não fazendo caso... os ultrajaram e mataram (22.5,6). Este versículo descreve duas reações ao convite de Deus. Amelesantes significa negligenciar ou não dar importância, ao passo que hubrisan significa insultar, tratar de maneira arrogante e maldosa com o propósito de insultar e humilhar publicamente. Quando você e eu transmitirmos o “segundo convite” de Deus a outras pessoas, algumas irão reagir. Mas também poderemos esperar outros dois tipos de reações: a indiferença e a hostilidade. Cada uma destas reações é um insulto Àquele que convida toda a humanidade para um banquete que foi pago com o sangue de seu próprio Filho.

Qual é o grande mandamento da lei? (22.36). O “grande mandamento” é entole megale. A pergunta é significativa porque os escribas judeus haviam identificado 248 mandamentos positivos e 365 negativos no Antigo Testamento, em um total de aproximadamente 613 mandamentos separados e distintos. A pergunta, portanto, era: “Jesus, qual dos muitos mandamentos da Lei vem em primeiro lugar para Você?” A identificação de Cristo do amor a Deus em primeiro lugar, e o amor aos demais em segundo, estabelece a fundação da teologia da Lei e do Amor desenvolvida por Paulo. Na epístola aos romanos, Paulo irá dizer que a única obrigação dos cristãos para com os outros é “amar-se uns aos outros”.

Como uma pessoa que ama seu próximo não fará nada que o magoe, o amor satisfaz a Lei Mosaica, pois aquela Lei proíbe os atos que façam mal aos outros (Rm 13.8-10). Agostinho resume este ponto dizendo: “Ame a Deus, e faça o que quiser”.

A resposta de Jesus nos lembra de que em nossa própria caminhada com Deus nós não devemos nos especializar nas coisas que têm menor importância, como faziam os líderes religiosos da época de Cristo. Amemos a Deus e os outros, e deixemos que estes grandes princípios modelem nossas motivações, nosso caráter e nossa vida diária.

De quem [Ele] é filho? (22.42). A palavra huios, filho, é freqüentemente usada com sentidos variados. Aqui é usada com o sentido de “descendente” – mas com o significado adicional de “herdeiro”. O Antigo Testamento prometeu que Deus exaltaria um descendente especial de Davi e lhe daria um governo eterno sobre uma Israel restaurada à sua antiga glória (2 Sm 7.11-16; Is 9.6,7). Este pessoa é aquela que o povo judeu esperava e a quem se referia como “o filho de Davi”. Mas no pensamento judeu, um descendente era considerado um dependente e, portanto, inferior a seu pai ou antepassado. Assim, o costume exigia que um filho mostrasse um respeito apropriado dirigindo-se a seu pai ou antepassado como “senhor”. O enigma de Cristo aponta para Salmos 110.1, há muito reconhecido como um salmo messiânico, no qual Davi reverte esta tradição entrincheirada e dirige-se ao Messias – seu próprio descendente – como “Senhor”. A conclusão forçosa é que o herdeiro messiânico de Davi é mais importante do que Davi, o que confere um apoio direto das Escrituras à reivindicação freqüentemente pronunciada por Jesus de ser o Filho de Deus!

As autoridades religiosas recusaram-se a responder quando Cristo as desafiou a explicar como o Filho e Herdeiro de Davi poderia ser mais importante do que Davi. Eles sabiam a resposta: as Escrituras e suas implicações eram claras; eles se recusaram a responder porque não gostaram da resposta. Como é trágico, também hoje em dia, quando as pessoas entendem, mas, simplesmente não gostam do que a Bíblia diz.

Nem vos chameis mestres (23.10). A palavra kathegetai é encontrada somente aqui neste versículo no Novo Testamento. Alguns supõem que ela distingue entre um “mestre” e um professor normal; um professor com a mais alta autoridade e alguém que ensina aos demais as interpretações do mestre. Se for assim, isto abre espaço para você e para mim, que não procuramos a autoridade para nós mesmos, mas sim compartilhar, o mais precisamente que pudermos, a Palavra confiável do “Mestre”, Jesus Cristo.

Hipócritas (23.13,15,23,25,27,29). A palavra hupokritai significava originalmente interpretar um papel no palco. Em breve assumiu as implicações de uma fraude consciente: um hipócrita finge ser alguma coisa que não é; ele usa uma máscara e esconde seu verdadeiro ser com palavras e atos que têm o propósito de enganar. Não havia uma acusação mais devastadora que o Senhor Jesus pudesse fazer contra os líderes religiosos que ostentavam sua religiosidade para ganhar o louvor dos homens. Existe somente um antídoto para o pecado da hipocrisia. Nós devemos procurar, acima de tudo, a aprovação de Deus. Quando estivermos verdadeiramente comprometidos com Ele, a pessoa que os demais irão ver será a pessoa que nós verdadeiramente somos.

Ai de vós (23.13,14,15,16,23,25,27,29). A palavra ouai é uma exclamação, um grito de tristeza e de acusação.

Para fazer um prosélito (23.15). A palavra proseluton, prosélito, vem de uma raiz que significa estrangeiro ou recém-chegado. No século I se conheciam dois tipos de prosélitos: um, “de portão”, que admirava o judaísmo e sua visão moral, e freqüentemente é mencionado no Novo Testamento como um “temente a Deus”. O outro, “de justiça”, era circuncidado e se comprometia a cumprir a Lei, desta forma tornando-se verdadeiramente um judeu. Mas aqui Jesus fala dos fariseus como levados a fazer convertidos ao farisaísmo! Eles eram motivados pelo espírito de grupo. Que lembrete. Nossa missão não é conquistar outros para uma seita ou para nossa congregação, mas sim para Jesus.

Ai de vós, condutores cegos (23.16). Os fariseus são condenados como “cegos” cinco vezes neste capítulo (23.16,17,19,24,26). A palavra grega typhos como a hebraica ’iwwer é usada tanto literalmente quanto metaforicamente. Os profetas usam “cego” particularmente para indicar a falta de sensibilidade espiritual. A cegueira espiritual é uma evidência do pecado e também um julgamento divino imposto sobre os pecadores (Is 29.9,10). Ainda assim, os profetas falam de uma época de conversão para os humildes quando “os surdos ouvirão as palavras do livro, e, dentre a escuridão e dentre as trevas, as verão os olhos dos cegos” (Is 29.18).

Os fariseus eram “condutores cegos” porque se recusavam a aceitar a evidência visivelmente clara da condição messiânica de Jesus. Como resultado de sua recusa em ver, sua capacidade de ver também é removida deles. Aqueles que não crêem, em breve também irão se descobrir incapazes de acreditar.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A entrada triunfal (21.1-11). Para uma discussão em profundidade, veja o comentário sobre a passagem paralela em Lucas 19.28-40. Veja também Marcos 11.1-10; João 12.12-19.

Jesus no templo (21.12-17). Para uma discussão em profundidade, veja o comentário sobre a passagem paralela em Lucas 19.45-48. Veja também Marcos 11.15-19.

A figueira seca (21.18-22). Veja também Marcos 11.12-14,20-25.

Contexto. Na Palestina, as árvores cultivadas davam frutos por cerca de dez meses por ano, e era tão importante para o ideal de cada família ter sua própria figueira quanto ter sua própria vinha (1 Rs 4.25). Mesmo assim, durante sua viagem a Jerusalém, na época da Páscoa, Jesus viu e se aproximou de uma figueira que só tinha folhas, e nesta ocasião "não era tempo de figos" (Mc 11.13). Por que se aproximar da figueira, se não era época de figos? Porque nas variedades antigas, os frutos freqüentemente apareciam antes das folhas, e em todas as variedades os frutos aparecem dentro das folhas.

Interpretação. No texto de Mateus, o incidente com a figueira acontece imediatamente depois da purificação do templo. No relato de Marcos forma um conjunto com a purificação do templo: Jesus prediz que a árvore sem frutos irá secar quando está a caminho do templo, e no dia seguinte quando o pequeno grupo retorna à cidade, a árvore já tinha secado e morrido. Fica claro, em ambos os relatos, que os dois acontecimentos estão intimamente ligados.

Esta ligação fica evidente pela "lei da figueira", observada acima. As folhas e os frutos aparecem juntos. Se aplicarmos essa lei a Israel, vemos que Deus deseja que a verdadeira religião produza frutos espirituais. Por isso Jesus diz: "A minha casa será chamada por todas as nações casa de oração" (Mc 11.17). Mas em lugar de tais frutos, a ganância dos líderes de Israel tinha transformado o Pátio dos gentios do templo em um mercado, na realidade, um "covil de ladrões" (Mc 11.17). A adoração do templo, tão famosa por todo o mundo, tão ruidosa e aparentemente vital, era tão vazia de frutos espirituais quanto a árvore de folhas verdes estava vazia de frutos.

Na época de Isaías, Deus "esperava uvas boas", mas a vinha produziu somente uvas "bravas". Embora o Senhor tivesse em Israel a sua alegria quando Ele "esperou que exercessem juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor" (Is 5.7).

Existe outro paralelo entre Isaías e o incidente da figueira. Por meio do profeta, Deus avisou que Ele faria um deserto de sua vinha sem frutos (5.6). Da mesma maneira como a figueira secou, também em breve a cidade que rejeitou Jesus iria se rebelar contra o governo romano e no ano 70 d.C. iria ser completamente destruída. O templo seria reduzido a ruínas, e o povo que adorasse ali não apenas seria afastado dali, mas proibido pelos romanos de até mesmo aproximar-se do

lugar.

No que diz respeito à interpretação, portanto, a figueira representa a Israel do século I; sua falta de frutos confirma o vazio de seu enfoque legalista à religião; sua secura, o destino da nação que não recepcionou com fé seu Libertador.

Aplicação. Os discípulos olharam para a figueira seca maravilhados, impressionados pelo poder que Jesus demonstrava, mas ignorando o significado do ato. Eles não estavam preocupados com o simbolismo, mas com o poder. Eles não perguntaram “o que isto quer dizer?”, mas sim “Como secou imediatamente a figueira?” (21.20) – basicamente “Como nós poderemos realizar tais maravilhas também?”

Jesus usa um exemplo familiar em sua resposta: o de um monte lançado ao mar (Mt 17.20). Basicamente, Jesus põe de lado o milagre da figueira sugerindo um milagre ainda maior, desta forma sugerindo que todas as reações à oração são milagres, pois dependem do poder de Deus e não de alguma coisa intrínseca ao homem. Desta forma, “tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis” (21.22).

Mas isto não torna o milagre dependente de nossa fé? De nenhuma maneira. O que Cristo está fazendo é expandindo o tema da fé – uma fé que faltava em Israel, que foi demonstrada na figueira seca. Pois “fé” e “crença” no Novo Testamento são expressões que indicam uma confiança sincera em Deus, e um relacionamento genuíno com Ele. O relacionamento de Cristo com o Pai fez do milagre da oração atendida não somente uma possibilidade, mas uma certeza. E, quando nossas orações originam-se de um relacionamento genuíno com o Senhor, elas também podem ser expressões não de uma esperança incerta, mas de uma confiança real de que “receberemos”.

Então, por que Marcos, ao relatar este mesmo incidente, acrescenta: “E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas”? (Mc 11.25). Pela mesma razão pela qual as figueiras com folhas devem produzir frutos. Um relacionamento de fé genuína em Jesus deve dar frutos em nossas vidas, e nós trataremos os demais como Deus nos trata – com graça e perdão. A autenticidade de nossa fé é demonstrada no fruto que o relacionamento com Deus produz em nossas vidas. O poder na oração nasce deste relacionamento cheio de frutos com o Senhor.

A parábola dos dois filhos (21.28-32)

Contexto. Jesus contou esta parábola imediatamente depois de ter sido desafiado pelos líderes religiosos de Israel para explicar a origem de sua autoridade. Então Ele propôs uma pergunta à qual os líderes se recusaram a responder, desta forma abdicando da autoridade que eles mesmos afirmavam ter como os intérpretes da vontade de Deus para Israel (21.23-27). Nesta parábola, Jesus pressiona ainda mais os líderes. Eles não somente deixam de ter autoridade sobre Israel, mas também não têm um relacionamento pessoal com Deus!

Interpretação. Os dois filhos na história de Jesus representam “os publicanos e as meretrizes” que reagiram positivamente ao chamado de João Batista para o arrependimento, e o termo “vós” representa os líderes de Israel. Naturalmente, o Pai da história é Deus. É importante saber que, em um estado religioso como era Israel, os publicanos (coletores de impostos) e as prostitutas eram considerados a ralé da sociedade. Eles eram desprezados pela maioria da população, e principalmente pelos mais religiosos. Um judeu verdadeiramente religioso na Jerusalém do século I mudaria seu trajeto para que não fosse tocado nem sequer pela sombra de um coletor de impostos ou de uma prostituta! Desta forma, a separação social e religiosa entre os dois grupos que Jesus menciona em sua parábola era realmente grande.

O primeiro filho da história, ao recusar-se a atender a ordem de seu pai de ir até a vinha, rejeitou sua autoridade. Mas mais tarde, ao mudar de idéia e ir até a vinha, na verdade ele se submeteu a seu pai. O segundo filho respondeu à ordem de seu pai dizendo “eu vou”. Assim ele confessou admitir a autoridade do pai. Mas quando “não foi”, ele mostrou que sua confissão não tinha sentido.

Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos afirmavam ser filhos de Deus. Mas quando João veio, convocando-os para que se afastassem do legalismo e adotassem a justiça verdadeira, eles se recusaram. Mesmo vendo os pecadores convertidos, eles se recusaram a responder positivamente. A conclusão inevitável é que mesmo os piores pecadores, que atendem ao chamado Deus, estão muito mais próximos de Deus do que os líderes religiosos de Israel!

Este é um dos ataques mais devastadores de Jesus sobre os líderes. Não apenas eles não têm a autoridade de Deus – eles nem mesmo têm um relacionamento com Ele!

A profissão de fé sem a obediência é uma prova de alienação.

Aplicação. Existem quatro diferentes possibilidades a respeito do relacionamento com Deus.

(1) Uma pessoa pode professar o relacionamento com Deus e submeter-se a Ele. Este é o ideal, e é para consegui-lo todos nós desejamos trabalhar. (2) Uma pessoa pode professar um relacionamento com Deus, mas na vida diária deixar de submeter-se a Ele. Esta era a condição dos líderes espirituais da época de Jesus. Nós podemos chamar este tipo de pessoa de hipócrita, cuja preocupação é parecer religiosa em lugar de ser santa. (3) Uma pessoa pode tomar decisões ruins, e decidir pecar, apesar de conhecer a vontade de Deus. Mas aquela pessoa tem a opção, como tinham “os publicanos e as meretrizes” da época de Jesus, de mudar de idéia e de submeter-se ao Senhor. (4) Uma pessoa pode recusar-se, durante toda a sua vida, a submeter-se a Deus.

Quem sabe os tipos (2) e (3), o tipo de pessoas exibidas nas histórias de Jesus, tenham maior relevância para nós hoje em dia. Uma pessoa que freqüenta a igreja pode professar, por seu envolvimento em assuntos religiosos, ter um relacionamento com Deus. Mas esteja ciente, a menos que a profissão seja acompanhada por uma submissão a Deus, que se expressa em obediência, esta pessoa não é filha do Pai.

Mas de que maneira maravilhosa o primeiro filho nos fala ao coração. No passado, nós podemos ter rejeitado a Deus. Mas a porta para a “filiação” permanece aberta. Nós podemos decidir, agora, submeter-nos a Ele. E ao submeter-se a Ele e reivindicar as promessas que Deus nos faz em Cristo, o pior dos pecadores pode tornar-se um filho de Deus.

A parábola do banquete das bodas (22.1-14). Veja Lucas 14.16-24 para uma parábola semelhante, embora não exatamente correspondente.

Contexto. Os banquetes eram uma importante ocasião social, e no século I se definiam por uma etiqueta rígida. Os ricos empregavam um cozinheiro caro – que teria que devolver seu salário acrescido de uma multa caso sua comida embaraçasse o anfitrião. Os convidados bebiam vinho não misturado com água em recipientes de vidro. Os convites eram feitos com muita antecedência, e os convidados sabiam quem mais tinha sido convidado. Um segundo convite era trazido por um mensageiro, que trazia um chamado pessoal para o banquete na véspera ou no próprio dia da festa (veja Estudo da Palavra, Mateus 22.3). Freqüentemente, os banquetes começavam pela manhã e continuavam até a noite, ou até mesmo durante diversos dias. Este era o caso da parábola de Jesus: o que o rei preparou não era um "jantar", mas sim ariston, "café da manhã". Como mostra o versículo 4, o banquete pretendia ser um evento verdadeiramente significativo, começando cedo e prolongando-se até tarde da noite, e indubitavelmente durante alguns dias.

Há evidências de que Herodes o Grande providenciava roupas especiais para os convidados em alguns de seus banquetes. Assim, alguns interpretam na rejeição do homem "que não estava trajado com veste nupcial" (22.11) uma metáfora da justiça que Deus deve prover para qualquer humano que deseje estar em sua presença. Mas aqui não há evidência de que fosse um costume comum para um anfitrião prover roupas especiais. Assim, é melhor interpretar isto simplesmente como uma referência a uma pessoa que veio despreparada para a festa, usando as suas roupas diárias ou velhas – uma indicação de que ela era indiferente ao significado do evento e não estava preparada para participar dele.

Existe um paralelo interessante na decisão do rei de convidar "a todos os que encontrardes" para encher seu salão de banquetes. Na Páscoa, os pobres de Jerusalém eram convidados para um banquete público. E quando morreu Herodes, seu filho Arquelau convidou todo o populacho para um banquete.

Na sociedade judaica do século I, um banquete era uma ocasião social muito importante. Isto torna a rejeição ao convite do rei para tal celebração pior do que seria em nossa época. Recusar o convite, naquela época, significava rejeitar o rei e desta maneira mostrar desprezo por seu filho, em cuja honra se oferecia o banquete.

Interpretação. Nesta parábola, os convidados representam Israel, ao passo que o rei que oferece o banquete em honra de seu filho é Deus. A parábola está dividida em duas partes. A primeira descreve a reação dos convidados, e a

reação do rei. Alguns convidados (a população em geral) são indiferentes (22.5) e outros (os líderes religiosos) são hostis (22.6). Observe que cada reação constitui uma rebelião contra o rei, e como qualquer monarca daquela época, o rei envia um exército para “destruir aqueles homicidas” e incendiar sua cidade.

Esta reação tem um duplo significado histórico. O AT retrata os assírios como o exército de Deus, que Ele conduz para disciplinar seu povo, Israel (Is 10.1-5). Esta imagem do passado histórico deve ter sido familiar aos ouvintes de Jesus, e alguns podem ter pressentido uma previsão do que haveria de vir. Dentro de uma geração Deus enviou outro exército, o exército romano comandado por Tito, e no ano 70 d.C. fez exatamente o que Jesus tinha predito: “destruiu aqueles homicidas, e incendiou sua cidade”.

A segunda parte da parábola tem sido interpretada como um exemplo da própria época do Evangelho. Uma vez que os convidados – o povo e os líderes de Israel – se recusaram a responder aos chamados de Deus, Ele irá chamar aqueles que percorrem os caminhos deste mundo, tanto os bons quanto os maus. Mas a pessoa que não está trajada com vestes nupciais nos lembra de uma importante verdade. Quando viermos ao banquete de Deus, devemos estar preparados para ficar. Não somos convidados para aparecer e dar uma olhada. O trágico é que nem todos os que comparecem à igreja terão verdadeiramente reagido de forma positiva ao convite de Deus. Os curiosos ainda espiam ao passar. Somente aqueles que estão verdadeiramente comprometidos e que demonstram um compromisso verdadeiro, ao aparecer com roupas nupciais, poderão ficar.

Aplicação. A aplicação imediata para os ouvintes de Jesus era um aviso de julgamento: rejeitem o convite do Rei e enfrentem sua ira. A aplicação estendida para nós brilha com esperança. Os servos de Deus devem ficar nos cruzamentos de sua sociedade, convidando a todos os que passam para o banquete que Deus preparou para todos. Devemos estender o convite de igual maneira aos bons e aos maus, pois a graça de Deus é grande o suficiente para abranger a todos.

As palavras “Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (22.14) freqüentemente estão listadas entre as “palavras severas de Jesus”. No entanto, a palavra “porque” (gar em grego) deixa claro que as palavras têm o objetivo de resumir o ensino de toda a parábola. No contexto, ela indica que o convite que Deus estende a toda a humanidade é amplo: como está escrito em João 3.16, “todo aquele” que desejar é livre para vir. Mas novamente, como na parábola de Cristo, e como deixam claro sua experiência com Israel e a história da própria

igreja, serão muitos mais aqueles que não virão do que os que virão! O grupo dos escolhidos – uma palavra freqüentemente usada nas Escrituras para referir-se ao grupo dos que têm fé – é menor do que a soma dos perdidos.

Sete “ai de vós” proferidos contra os mestres da Lei e os fariseus (23.1-37). Passagens correspondentes: Marcos 12.38-40; Lucas 20.45-47.

Contexto. Jesus faz esta acusação ampliada aos “mestres da lei (escribas) e fariseus” fazendo uma observação crítica: estes homens “estão assentados na cadeira de Moisés”. No judaísmo da época de Jesus, isto significava que eles eram obedecidos pelo povo comum como sendo as autoridades religiosas de Israel.

Nesta frase, “e” é kai, e aqui deve ser interpretado como “mesmo”. Assim, “fariseus” indica uma posição teológica e não as pessoas. Jesus está falando dos mestres da Lei que se comportam de acordo com a posição adotada pelos fariseus.

A cadeira de Moisés era o assento de pedra diante da sinagoga. Era deste assento que uma pessoa, reconhecida no judaísmo como sendo um especialista na Lei, em termos do Antigo Testamento, um “rabi” e em termos judaicos modernos um sábio, pronunciava seu julgamento a respeito da aplicação da Lei do Antigo Testamento e da tradição quanto a casos legais e sociais específicos.

Na obra Foundations of Judaism (Fortress, 1989), um estudioso judeu contemporâneo, Jacob Neusser, destaca que no judaísmo o sábio participa do processo da revelação. A Torá (o AT) é interpretada no Mishnah (o comentário oral, mas agora registrado, e a interpretação da Torá) e ambos são aplicados pelo sábio. Assim, a Torá, o Mishnah e o sábio estão necessariamente envolvidos no processo de discernir a vontade de Deus. Nas palavras de Neusser: “as Escrituras, o Mishnah, o sábio, os três falam com igual autoridade” (p.119). É este enfoque de fé que Jesus indica quando diz: “Na cadeira de Moisés, estão assentados os escribas e fariseus”. Uma transformação radical da fé do Antigo Testamento tinha começado aproximadamente um século antes de Cristo, assumiu uma forma diferente um século depois dele e transformou o que nós

conhecemos hoje em dia como judaísmo numa religião que é muito diferente da fé do Antigo Testamento.

A crítica de Jesus destaca a fraqueza desta posição teológica. Os escribas na verdade são seres humanos que falham e pecam como todos os outros. Mas Neusser acertadamente observa que o farisaísmo que se desenvolvia colocava o sábio em uma posição única. Neusser diz: “Assim, no rabino, a palavra de Deus se torna carne. E da união entre o homem e a Torá, que resultou no rabino como a Torá encarnada, nasceu o judaísmo, a fé na Torá: a revelação sempre presente e o cânone sempre revelado” (p.121). Impondo sobre os meros humanos a carga de serem a “Torá encarnada”, o farisaísmo produziu não fiéis humildes, mas hipocrisia. Não é de admirar que Jesus tenha dito a seus discípulos: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi”, acrescentando, “Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo” (23.8,10).

Muitos dos fariseus na época de Jesus eram indubitavelmente homens sinceros. Mas a própria essência de sua interpretação da religião os tornava vulneráveis à fraqueza que Cristo expõe tão rigorosamente em Mateus 23.

Pressionados pela necessidade de parecer mais do que qualquer outro ser humano, aqueles que aceitam esta posição logo fazem tudo “para serem vistos pelos homens” (Mt 6.1-18) e logo se tornam hipócritas: atores mascarados no cenário religioso.

Mas estes escribas e fariseus tinham verdadeiramente alguma autoridade espiritual? É melhor interpretar os versículos 2 e 3a como uma forte ironia, e traduzir o verbo aoristo ekathisan (“sentar”) como “se assentaram” na cadeira de Moisés. Deus não lhes deu a posição de que eles desfrutavam no judaísmo do século I: eles a tomaram! Assim, as palavras: “Observai, pois, e praticai tudo o que vos disserem” é ironia e reflete a visão exaltada dos próprios mestres quanto à sua função. Na verdade, Jesus diz a seus ouvintes para não agirem como eles agiam – e eles obedeciam rigorosamente as suas próprias regras – porque seus ensinamentos cegam os homens, em lugar de libertá-los, e os impedem de entrar no reino de Deus.

Interpretação. Cada um dos sete “ai de vós” nos transmite a idéia do efeito de “levantar” meros homens como “torás vivas”, e da natureza da hipocrisia religiosa. A expressão “ai de vós” deve ser interpretada como uma condenação judicial piedosa mas forte.

O primeiro “ai de vós” (23.13,14): “Fechais aos homens o Reino dos céus”. Os capítulos 21 e 22 revelaram a recusa desses líderes em aceitar a evidência clara de que Jesus é o Messias – e o fato de que eles empreenderam todos os esforços possíveis para impedir que a população acreditasse nele (9.33,34; 11.19; 12.1-14,23,24; 21.15). Sem a disposição de entregar as suas posições de poder, os mestres da lei rejeitaram o testemunho da lei que aponta para Jesus como sendo o Cristo.

O segundo “ai de vós” (23.15): “Percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e… o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós”. O zelo dos fariseus do século I em conquistar adeptos é exemplificado pelo zelo dos judaizantes, homens que posteriormente seguiram Paulo onde quer que ele fosse e tentavam levar os novos cristãos do Evangelho da graça a um evangelho da lei. Cristo indica os resultados: aqueles que eles conquistam para seu lado se tornam “duas vezes mais um filho do inferno”. A hipocrisia e o legalismo do convertido excedem essas mesmas características no professor.

O terceiro “ai de vós” (23.16-22): “Condutores cegos”. Os fariseus claramente deixam de compreender as Escrituras que eles afirmam ter a autoridade para interpretar. Os estudiosos judeus haviam destacado tópicos em que os rabinos tentaram corrigir o excesso de juramentos; mas os sábios faziam uma distinção entre os juramentos que forçavam a um compromisso, e aqueles que não o faziam. As diferenças que eles inventavam não eram apenas fúteis; o resultado delas era o encorajamento de juramentos ambíguos!

O quarto “ai de vós” (23.23,24): “Desprezais o mais importante da lei”. Era típico que as ervas aqui mencionadas crescessem nos pequenos canteiros dos pátios das casas dos judeus e fossem usadas para dar sabor aos alimentos. O farisaísmo exigia cuidadosa atenção com o pagamento do dízimo de qualquer produto da terra – até mesmo essas ervas plantadas em casa. Mas Jesus acusa estes homens, rigorosamente cuidadosos, de uma monumental má interpretação

da vontade de Deus. Para Deus, os assuntos centrais da fé estão relacionados com a justiça, com a misericórdia e a fidelidade, e estes assuntos os fariseus ignoram.

Jesus resume com um exemplo fascinante e esclarecedor. O mosquito e o camelo são animais impuros, de acordo com as leis a respeito de alimentos que encontramos em Levítico 11. Na verdade, os fariseus coam mosquitos, mas engolem camelos – e deixam de ver a incoerência! Sua má interpretação das Escrituras e da vontade de Deus é fundamental.

A DESCRIÇÃO DOS FARISEUS POR JOSEFO Por enquanto, eu simplesmente

O quinto “ai de vós” (23.25,26): “Limpais o exterior do copo e do prato”. Os fariseus se preocupam com o aspecto exterior da religião, e ignoram o homem interior. No século I, houve um debate entre a escola de Samai e a escola de Hillel a respeito de como um prato poderia ser purificado ritualmente. Jesus chama isto de cegueira espiritual, pois o que deve ser limpo não é apenas o copo, mas a pessoa que bebe nele. O verdadeiro problema espiritual é o da purificação interior, da eliminação da avareza e do egocentrismo que fazem uma pessoa moralmente inaceitável para Deus.

O sexto “ai de vós” (23.27,28): “Sois semelhantes aos sepulcros caiados... cheios de hipocrisia e de iniqüidade”.

O sétimo “ai de vós” (23.29-32): “Sois filhos dos que mataram os profetas”. Como seus antepassados, que rejeitaram e mataram os profetas que Deus enviou a Israel, esta geração também tem intenções assassinas ao rejeitar a Palavra de Deus e o Filho de Deus.

Rejeitam a Cristo	1		7	Rejeitam os profetas
Zelam, mas fazem o mal, não o bem	2		6	Zelam, mas fazem o mal, não o bem
Aplicam mal as Escrituras	3	5		Aplicam mal as Escrituras

4

Não enxergam a mensagem central das Escrituras

Existe um fascinante padrão em forma de V nos sete “ai de vós” de Jesus, com o ponto inferior do V no quarto “ai de vós”, exibindo um fracasso na compreensão da mensagem central das Escrituras.

Aplicação. Os fariseus e mestres da lei (escribas) não somente aceitavam ser exaltados como “as autoridades” no judaísmo, como também adoravam seu poder e sua posição. Eles se tornaram mais preocupados com as armadilhas para a fé e com as aparências do que com a santificação pessoal e o relacionamento pessoal com Deus. Como resultado, eles não conseguiam ouvir, nem interpretar corretamente, nem reagir à Palavra de Deus quando Ele falava. E assim a condenação de Jesus ecoa através dos séculos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!” E como esta condenação nos diz algo hoje em dia!

Nós permitimos que a hipocrisia afete nossa vida espiritual? Desejamos a autoridade espiritual pela posição, pelo poder e pelo louvor que ela nos traz? Nos concentramos no exterior, para que possamos parecer mais espirituais do que os outros? Aquilo que os outros pensam sobre nós é tão importante, a ponto de nos encontramos fingindo uma religiosidade que não sentimos? Em caso afirmativo, esteja certo de que sua própria corrupção interior impedirá que você ouça e compreenda corretamente a Palavra de Deus.

Mas isto não precisa ser assim! Neste capítulo, Jesus nos mostra seu melhor caminho, nestas palavras: “Não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. Porém o maior dentre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado” (23.8-12).

Qual é o melhor caminho? Coloque Jesus em primeiro lugar, veja o outro como irmão, e humilhe-se para servi-lo. Com Cristo exaltado, e tendo o bem-estar dos nossos irmãos como nossa principal preocupação, nada haverá que nos impeça de ouvir, entender corretamente e reagir positivamente à santa Palavra de Deus.

EXPOSIÇÃO

Mateus construiu um caso sólido. O nascimento de Jesus e os milagres o mostram como sendo o Messias prometido pelos profetas do Antigo Testamento e, espetacularmente, Deus veio em pessoa! Mas, este descendente de Davi não satisfez as expectativas de Israel. Mais do que exercer seu poder para derrotar Roma e estabelecer um reino institucional e visível na terra, Jesus usa seu poder somente para curar. Além disso, em seus ensinamentos Jesus falou somente de um reino oculto do coração, marcado por um relacionamento “em secreto” com Deus, o Pai. Este ensinamento confundiu a multidão. A abordagem radical de Cristo com as Escrituras aumentaram a violenta hostilidade dos líderes religiosos. Esta hostilidade culminou em uma série de confrontações sobre a observância e tradição do sábado, e finalmente levou à acusação declarada de Cristo sobre os fariseus e mestres da Lei como hipócritas.

Antes disto, entretanto, Cristo chamou os doze, que eram seus discípulos, para tomarem a decisão crucial que o povo judeu, como um todo, se recusava a encarar: Quem é este que veio como o Filho do Homem? Pedro falou por todos eles quando respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. A partir deste ponto o motivo do ministério de Jesus mudou. Ele começou a falar de sua morte próxima. E começou a ensinar seus discípulos, futuros líderes de sua igreja, sobre a grandeza e a liderança no reino secreto que seria estabelecido após sua morte.

Esta corrente do argumento de Mateus deixou sem resposta pelo menos uma questão vital que seus leitores judeus não deixaram de perguntar. As parábolas de Cristo haviam colocado o reino secreto acima e contra o reino institucional que os profetas tinham em vista. O que, então, tinha acontecido com o reino que os profetas descreveram? Está aquele reino permanentemente excluído? E se for assim, Deus não voltou atrás em sua palavra? Ou, talvez, os profetas

interpretaram mal?

O assunto tratado nesta passagem realmente é o fim da história, é o retorno pessoal, visível de Jesus para nossa terra. Certamente, muitos dos primeiros comentaristas cristãos viram nesta passagem uma maneira para harmonizar as revelações do reino encontradas no Novo e no Antigo Testamento. O reino secreto se inicia com a Ressurreição; o reino institucional, visível será iniciado com a volta de Cristo.

Quando Jesus falou de uma futura destruição do templo, os discípulos levantaram três questões sobre o futuro (24.1-3). As questões foram respondidas na ordem inversa neste capítulo. As questões eram: Que sinal haverá do fim do mundo?, respondida em 24.4-25; Que sinal haverá da tua vinda?, respondida em 24.26-35; e Quando serão essas coisas?, respondida em 24.36-41. As respostas de Jesus podem ser resumidas. O fim do mundo será marcado por um sofrimento intenso, que se iniciará com o cumprimento da profecia de Daniel 9.27, sobre "a abominação da desolação" (Mt 24.15). Sua própria vinda será visível para todos, porque Ele retornará abertamente com um exército de anjos. Mas quando isto acontecerá, ninguém sabe.

O restante do capítulo 24 e todo o capítulo 25 de Mateus desenvolvem um único tema. Até que Jesus volte realmente, o povo de Deus deve manter-se atento, sempre pronto, uma vez que Cristo poderá vir a qualquer momento (24.42-44). Como servos responsáveis pelo bem-estar dos outros, teremos que ser fiéis até que Jesus venha (24.45-51). Como damas-de-honra, esperando para acompanhar o noivo até à casa da noiva, devemos estar vigilantes, preparados e prontos (25.1-13). Como aqueles a quem foram dados recursos por um senhor ausente, teremos que usar o que temos e somos em seu benefício até Ele voltar (25.14-30). Um dia o Rei voltará. Então os justos serão bem vindos em sua presença, ao passo que os injustos serão rejeitados, para sempre (25.31-46).

ESTUDO DA PALAVRA

Que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo? (24.3). A expressão “fim do mundo” é usada seis vezes no NT, cinco delas no Evangelho de Mateus (13.39,40,49; 24.3; 28.20; Hb 9.26). Em Mateus, a frase refere-se claramente à transição de um estado presente de acontecimentos para a consumação dos planos de Deus para seu povo.

Três expressões hebraicas usadas no século I fornecem a base que nos ajuda a entender em que os discípulos estavam pensando quando fizeram esta pergunta a Jesus. Os escritos judaicos do século II a.C. descrevem o que deve seguir a “era presente”, olam hazzeh. O período seguinte, iniciado com os “dias do Messias”, é a “era vindoura”, atid labho, que leva ao “mundo vindouro”, olam habba. Há poucas dúvidas de que quando Mateus relata que os discípulos perguntaram sobre o “fim do mundo”, eles estavam, na verdade, referindo-se às expectativas messiânicas de Israel, e estavam indagando quando Cristo tencionava cumpri-las.

Também não há duvidas de que estas imagens do futuro estavam enraizadas nas predições dos profetas bíblicos conforme os registros das Escrituras Sagradas, embora as visões dos profetas fossem freqüentemente ampliadas. O judeu convertido Alfred Edersheim descreve algumas das interpretações dessa época no extrato de seu clássico The Life and Times of Jesus the Messiah, p. 443.

VISÕES JUDAICAS CONTEMPORÂNEAS DA ERA MESSIÂNICA Finalmer

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (24.15). A referência claramente é a um evento profetizado por Daniel, e mencionado não menos que quatro vezes em seu livro (8.13; 9.27; 11.31; 12.11). Mas nitidamente Jesus trata da profecia como se sua última realização ainda se encontrasse à frente.

Duas teorias predominam. A primeira supõe que Jesus está falando sobre a queda de Jerusalém sob os romanos, que aconteceu em 70 d.C. Proponentes observam que os cristãos judaicos abandonaram aquela cidade por volta de 68 d.C. e argumentam que isto foi em resposta à advertência de Cristo para que fugissem (24.16-18). É muito difícil, entretanto, interpretar o cerco romano, instalado fora da cidade de Jerusalém, como um sacrilégio que profana o lugar sagrado – especialmente quando os romanos haviam, por décadas, mantido tropas militares na Fortaleza de Antônia que lança sua sombra sobre o próprio templo.

Isto nos deixa ainda com outra alternativa. Na verdade, Jesus está falando da questão sugerida nas perguntas dos discípulos sobre o fim do mundo. A “grande aflição” a que Ele refere é, na verdade, o sofrimento culminante, que de acordo com os profetas do AT deve assinalar o fim da historia. E a “abominação da desolação” é um ato ainda a ser cumprido, por uma pessoa que o NT chama de “Anticristo” ou o “Homem do Pecado”, e Daniel descreve como um “rei” que “fará conforme a sua vontade” (11.36).

Embora os estudantes das profecias pareçam gostar de debater a interpretação desta passagem, devemos relembrar que tudo o que Cristo diz aqui nos leva a uma simples conclusão: Jesus se afastará por um tempo. Em sua ausência seu povo deverá vigiar e permanecer comprometido.

Não há nenhuma dúvida de que devemos viver como servos fiéis do Filho de Deus, e não podemos nunca esquecer que o comprometimento pessoal para estarmos preparados para o retorno iminente de Jesus é muito mais importante do que estarmos “certos” a respeito de que forma o retorno se fará.

COMO OS PRIMEIROS CRISTÃOS ENTENDIAM AS PROFECIAS DO ANT

E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa (24.17). Como as pessoas reagiriam quando “a abominação da desolação” acontecesse? A advertência de Jesus transmitia um forte sentido de urgência. Os telhados planos das casas na Palestina, freqüentemente serviam como quartos extras, especialmente no verão. A escada que levava ao telhado era construída do lado externo da casa. Nas cidades, o telhado de uma casa podia encostar-se ao telhado da casa vizinha. Uma pessoa em fuga poderia correr pelos telhados até os limites da cidade. Mas se tivesse que descer, não deveria nem mesmo se demorar por um período suficiente para entrar em casa e recolher os objetos de maior valor.

Porque haverá, então, grande aflição (24.21). A palavra grega é thlipsis, que significa “aflição ou tribulação”. O fato desta aflição ser “inigualável” deixa muito claro em nossa época quando o holocausto de Hitler é tão bem lembrado, que Jesus deve estar falando do período da Grande Tribulação mencionado tão freqüentemente nos profetas. Para exemplos no AT, veja Deuteronômio 4.30; Isaías 2.12, 19; 13.6,9; 24.1-6,19-21; 26.20,21; Jeremias 30.7; Ezequiel 13.5; 30.3; Daniel 9.27; 12.1; Joel 1.15; 2.1,2,11,31; 3.14; Amós 5.18-20; Sofonias 1.14-18; e Zacarias 14.1.

Surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos (24.24). A Bíblia registra pelo menos três períodos históricos em que freqüentemente aconteceram milagres e sinais. A época do Êxodo e da Conquista quando Deus tirou Israel do cativeiro e deu-lhe a terra; a época de Elias e Eliseu, em que Deus deteve a ameaça de uma forma violenta de “baalismo”, que destruiria a fé bíblica; e a época de Jesus e os primórdios da igreja apostólica. Cada um destes períodos marcou uma crise espiritual e religiosa, e a introdução a uma nova e dramática revelação. Surpreendentemente, uma quarta época de milagres foi profetizada. Mas nela os sinais dados e os milagres realizados serão falsos, satânicos na origem e destinados a “enganar até os escolhidos” (cf. também Ap 13.13; 16.14; 19.20).

Que advertência para nós. Devemos caminhar pela fé e não pelos sinais. Temos a revelação completa de Deus no Antigo e no Novo Testamento. Não precisamos de milagres para nos convencer a confiar completamente nEle – e nenhuma reivindicação de milagres que outros possam fazer poderá abalar nossa fé.

Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam (24.34). Esta frase é desconcertante, e ainda se discute seu significado. Aqueles que crêem que os avisos de Jesus sobre a vinda de uma grande tribulação se referem à destruição de Jerusalém em 70 d.C. encontram uma solução fácil. Aqueles que conectam a referência à tribulação ao final dos tempos têm um problema mais sério, e sugerem duas possíveis soluções. (1) Cristo se refere à geração que estará vivendo quando tiver lugar a "abominação da desolação". Esta geração da qual Ele está falando irá sobreviver ao redemoinho e não será destruída antes da vinda de Cristo. Ou (2) Mateus usa a palavra "geração", genea, em um de seus outros possíveis sentidos, que incluem "família", "raça", e, até mesmo, "época". Se genea está sendo usada com algum destes sentidos, Jesus pode estar se referindo ao povo judeu, e pode querer dizer que eles serão preservados como uma raça distinta até o final que foi previsto pelos profetas do AT. Ou Ele pode referir-se a "esta geração" como caracterizando aquela classe de pessoas que não crêem e são perversas – uma classe que irá persistir ao longo da história até que Jesus volte, apesar do poder sobrenatural da mensagem do Evangelho.

Estando dois [homens] no campo, será levado um, e deixado o outro. Estando duas [mulheres]... (24.40,41). No oriente, o trabalho era basicamente uma relação social. Dois homens aravam a terra, um filho conduzia o boi e o pai manejava o arado. Duas mulheres se sentavam juntas no pátio e conversavam enquanto moíam os cereais.

Que lembrete poderoso de que o relacionamento mais importante para nós é o nosso relacionamento com o Senhor!

Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor (24.42). O verbo em grego é gregoreo, que significa “estar alerta e vigilante”. Esta palavra fornece a chave para o restante do capítulo 24 e para todo o capítulo 25. Cada uma das cinco parábolas enfatiza algum aspecto da vigilância. Uma pessoa sempre alerta sobre a iminência da volta de Jesus irá permanecer vigilante (24.42-44); irá servir ativamente o povo de Deus ao invés de cuidar de seus próprios interesses (24.45-51); irá planejar com antecedência e estará preparada para atrasos (25.1-13); irá usar todos os recursos a serviço de seu Senhor ausente (25.14-30); e os verdadeiros discípulos irão expressar a realidade de sua fé na maneira como eles tratarem aqueles que representam Jesus aqui na terra (25.31-46).

Malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos (25.41). A imagem do “fogo eterno” do julgamento é comum nas Escrituras (cf. Mt 3.12; 5.22; 18.8; Ap 20.10-15). A imagem também era familiar para os judeus da época de Jesus, e significativamente as palavras registradas de Jesus incluem um número de referências ao inferno sete vezes maior do que ao céu.

Este é um versículo crítico para aqueles que objetam que um “Deus amoroso” nunca poderia condenar ninguém a tal terrível inferno. Na verdade, Deus não criou o reino do fogo eterno para os seres humanos, mas sim para Satanás e seus anjos caídos.

O amor de Deus pelos seres humanos é tão grande que Ele tomou a punição que os nossos pecados merecem sobre si mesmo, para que pudéssemos ser poupados do fogo eterno. Deus não condena nenhum ser humano ao inferno. Aquelas pessoas que deixam de reagir à revelação que Deus faz de si mesmo na criação e em Cristo se condenam por si mesmas (Rm 1).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Sinais do fim dos tempos (24.1-35). Para mais informações veja o comentário em profundidade sobre Marcos 13.5-37.

A parábola das dez virgens (25.1-13).

Contexto. A parábola das dez virgens origina-se da vida diária, e cada detalhe é verdadeiro com respeito à vida não somente nos tempos bíblicos, mas também na vida nas cidadezinhas da Palestina até o último século.

Os casamentos eram celebrados tipicamente durante os meses do outono ou do inverno quando a redução das tarefas na agricultura permitia que a comunidade participasse da ocasião festiva. Casamentos eram realmente ocasiões de grande alegria, como está refletido na descrição de Jeremias, encontrada em 7.34 – "nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz de folguedo, e a voz de alegria, e a voz de esposo, e a voz de esposa". Era certamente apropriado comparar a vinda escatológica de um reino com um casamento.

Mas nossa atenção se concentra em dez jovens mulheres que esperam para "encontrar o esposo". Um casamento típico tinha amigas da noiva esperando na casa dela. Elas esperavam pelo noivo, que deveria vir buscar a noiva para levá-la à sua casa. A descrição de um casamento em Jerusalém publicada em 1909 nos conta como os convidados se encontravam na casa da noiva. Enquanto eles esperavam durante horas, mensageiros anunciavam repetidamente que o noivo estava chegando. Os convidados corriam para encontrá-lo, somente para depois voltar para a casa. Finalmente, já próximo da meia-noite, o noivo chegava com seus amigos, em um grupo iluminado por lampiões e velas. Então os dois grupos de amigos se juntavam e todo o grupo saía iluminado para escoltar o casal à casa do noivo.

Em nossa parábola, dez jovens mulheres são escolhidas entre as amigas da noiva. Cada uma delas tem uma lâmpada, mas somente cinco trouxeram azeite para enchê-las. Como luz é símbolo de felicidade, velas e lâmpadas eram

equipamentos essenciais para a festa de casamento. Normalmente os visitantes de fora da cidade compravam azeite ou velas na cidade onde tinha lugar o casamento, embora alguns trouxessem essas coisas com eles. É provável que as cinco virgens, despreparadas, esperassem conseguir azeite no último minuto, mas adormeceram, e quando acordaram já era tarde demais.

Na ocasião em que seria possível que elas fossem aos que o vendiam e o comprassem para si mesmas (25.9), a procissão do casamento já teria se deslocado pelas ruas e chegado à casa do noivo. Como era costume, depois que os convidados entravam na casa a porta era trancada. As cinco bateram, mas era tarde demais para que as virgens despreparadas se unissem às festividades.

Interpretação. Como nas demais parábolas desta seção, a ênfase está na vigilância e na prontidão. Como nas demais, isto também implica, aparentemente, uma longa demora para a volta de Cristo.

No entanto, no Oriente Médio se espera um atraso por parte do noivo. Basicamente, isto é causado pelas negociações de última hora sobre os presentes que o noivo deve trazer aos parentes da noiva. Se a noiva for entregue por um valor pequeno, isto implica que ela não receberá muita consideração; se o noivo ignorar este processo isto poderá implicar que ele demonstra pouca consideração pelos parentes. Qualquer que seja a razão, o atraso na chegada do noivo é uma coisa esperada. E assim podemos entender por que cinco das virgens não pareciam muito preocupadas com a obtenção do azeite, e em lugar disso se distraíram com as suas amigas em uma conversa alegre – até que o sono as dominou.

O insucesso em tomar os cuidados necessários para estarem preparadas para a vinda do noivo provou ser fatal para as cinco que não tinham azeite! A mensagem da parábola é simples: não espere, mas faça agora seus preparativos para a vinda de Cristo.

Um dos maiores perigos em interpretar imagens extraídas da vida cotidiana é “fazer o exemplo engatinhar”, isto é, em lugar de ter em vista o ponto principal da história, o intérprete procura o significado de cada detalhe – e neste processo freqüentemente deixa de entender.

Por exemplo, o azeite é um símbolo freqüente do Espírito Santo. Assim, alguns vêem, na história de Jesus, um aviso de que os cristãos que apenas professam a

fé têm falta de “azeite”, e, portanto, serão deixados fora do reino.

Outros supõem que as cinco virgens loucas haviam trazido algum azeite, mas não o suficiente. Desta forma, interpretaram que a parábola sugere que alguns fiéis tolamente confiam nas experiências espirituais anteriores, em lugar de procurar diariamente novo abastecimento de graça.

Por mais atraentes que estes vôos de imaginação possam parecer, eles nos afastam da ênfase desta parábola dentro do conjunto de cinco imagens que Jesus utiliza para explicar seu mandamento aos discípulos: Vigiem. A lição que a parábola ensina é muito simples: vigiar significa não permitir que nada nos impeça de estarmos preparados para a volta de Cristo.

Aplicação. Os casamentos eram ocasiões de grande alegria no mundo antigo e representavam uma das principais ocasiões sociais que atraíam amigos das aldeias e cidades vizinhas. Não é de admirar que as jovens estivessem distraídas, cativadas pela oportunidade de conversar e aproveitar a companhia das outras. Também não seria estranho que os preparativos finais para a vinda do noivo estivessem completamente fora de seus pensamentos até que elas fossem dominadas pela sonolência.

Essa passagem nos ensina que não é difícil estarmos tão concentrados nos preparativos para a volta de Jesus, devido às delícias ou aos problemas deste mundo. Desta maneira, a história de Jesus também se destina a nós, lembrando-nos de que o Noivo está vindo. Nós não sabemos quando, mas devemos estar seguros de estar prontos, agora.

As ovelhas e os bodes (25.31-46).

Contexto. Tanto as ovelhas quanto os bodes eram comuns nos tempos da Bíblia, e ambos eram importantes para a economia. Embora as ovelhas fossem mais importantes economicamente, as cabras eram valorizadas por sua carne, pelo leite e pelo queijo. Peles de cabra ou bode eram usadas para fabricar vasilhames para água e vinho, e o pêlo destes animais era utilizado na fabricação de cordas e tecidos. Os bodes, como animais ritualmente puros, eram sacrifícios aceitáveis (Lv 1.10; 4.28).

Interpretação. O fato de que esta é uma das passagens mais difíceis do NT é exemplificado pela abundância de opiniões que foram apresentadas pelos comentaristas. As interpretações dependem de vários pontos essenciais:

Quem são mencionados pelo Senhor como “meus pequeninos irmãos”? (25.40,45). A maioria dos estudiosos parece vê-los como sendo os necessitados, aqueles que são oprimidos pela sociedade, mas que são preciosos a Deus. Esta opinião reflete a ênfase que o judaísmo atribui ao mérito de dar aos pobres. Mas isto não está em completa harmonia com o resto no NT, que, embora reflita compaixão pelos pobres, não faz da pobreza um critério para um relacionamento familiar com Deus. O resto do NT também não torna a salvação dependente do cuidado pelos menos afortunados.

Outra opinião sustenta que os irmãos de Jesus são os discípulos e apóstolos que transmitem o evangelho. A maneira como alguém reage a eles não é a base para a salvação, mas serve como uma indicação de fé. Uma interpretação similar estende “irmãos” a todos os que confessam a fé em Cristo abertamente.

A quem refere as “nações” (25.32) que estão sujeitas a este julgamento? Os adeptos da revelação colocam este julgamento num contexto de tribulação, sugerindo que ele determina quem pode entrar no milenar reino terreno que será governado por Jesus como o prometido reino de Davi. Os “irmãos” são os judeus que aderiram à fé durante aquela época terrível; as ovelhas e os bodes são os gentios, indivíduos ou nações, que serão julgados com base na maneira como trataram os judeus que creram em Jesus.

Quantos grupos estão envolvidos? Serão três – ovelhas, bodes e os irmãos de Jesus? Diversas interpretações parecem implicar nisto: aquela que identifica Jesus com os pobres, e a visão da revelação, que identifica os irmãos como irmãos de raça, judeus convertidos durante o período de tribulação.

Certamente, esta parábola acrescenta uma dimensão importante ao que significa "vigiar". Vigiar à espera da vinda de Jesus significa mostrar compaixão pelos necessitados entre o rebanho de Deus, um tema encontrado também no segundo exemplo (24.45-51). Talvez a surpresa refletida pelas ovelhas e pelos bodes neste critério seja uma indicação do pouco valor que damos ao amor pelos outros – e de como é grande o valor que Deus dá à compaixão.

Mas esta parábola faz mais do que ampliar o nosso entendimento da vigilância. Ela nos lembra de que quando Jesus vier, a bênção virá com Ele! Não podemos enfatizar excessivamente a importância das palavras "benditos de meu Pai" (25.34). A palavra em grego é eulogemenoi, e não makarioi como nas bem-aventuranças (5.3). As bênçãos que aguardam os salvos não são as bênçãos ocultas dos valores do reino, mas as bênçãos que serão encontradas no estabelecimento pleno do governo eterno de Deus!

Aplicação. É sempre um erro tentar interpretar ou aplicar versículos, eventos ou ensinamentos isolados de seu contexto. É particularmente importante ter em vista o contexto quando se trata da parábola das ovelhas e dos bodes.

Dois elementos repetidos nas cinco parábolas merecem especial consideração. Cada uma das cinco parábolas acrescenta à nossa compreensão algo a respeito do que significa "vigiar" ou estar alerta para a iminente volta de Jesus. Vigiar significa que enquanto Jesus está ausente nós devemos estar constantemente em guarda ou de prontidão (24.42-44), devemos servir fielmente os demais servos (24.45-51), devemos estar preparados e não distraídos pelos assuntos terrenos (25.1-13), devemos usar todos os recursos que temos como representantes do nosso Mestre ausente (25.14-30) e devemos demonstrar compaixão prática com relação àqueles entre nós que passam por necessidades (25.31-46).

O outro elemento repetido é mais inquietador. Quatro das cinco parábolas sugerem um julgamento severo, e até mesmo a condenação eterna, para aqueles que deixam de vigiar! Se um servo explora os demais servos, Deus irá "separá-lo, e destinará sua parte com os hipócritas" (24.51). As cinco virgens que foram negligentes na obtenção do azeite foram barradas na festa de casamento (25.10-13). A pessoa que esconde ao invés de usar seu talento será "lançada nas trevas exteriores", onde "haverá pranto e ranger de dentes" (25.30). E os bodes "irão para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (25.46). Está claro que aqueles que vigiam são "os justos". Pois somente aqueles que compreendem

quem é Jesus, e que confiantemente esperam sua volta, ordenam as suas vidas em vista desta realidade.

Estas parábolas não nos asseguram o direito de julgar o relacionamento dos outros com Cristo, mas certamente nos desafiam a que examinemos a nós mesmos, e que vejamos como pode ser real nossa fé no Senhor. Aqueles que têm fé verdadeira e persistente em Jesus vigiarão.

O Julgamento e a Morte de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

Aproximadamente um terço de cada Evangelho dedica-se à última semana da vida de Jesus na terra. E à medida que passam os dias desta última semana, os eventos são registrados cada vez com maior cuidado.

A relação dos eventos culminantes é basicamente a mesma em todos os livros. Judas se oferece para trair a Jesus por dinheiro. O pequeno grupo de discípulos reúne-se para a Última Ceia da Páscoa. Jesus fala de sua traição, e Judas sai furtivamente na escuridão. Sozinho com os onze apóstolos, Jesus profere as palavras de instituição que transmitem o significado de sua morte e estabelecem a prática da Santa Ceia da igreja. Quando Jesus fala novamente sobre sua morte, Pedro reafirma seu compromisso, somente para ouvir que naquela mesma noite ele negará o Senhor. O grupo dirige-se para o Getsêmani, onde Jesus ora em profunda agonia emocional. Ali uma multidão hostil

conduzida por Judas encontra Jesus e o leva para um julgamento noturno ilegal. Naquela noite, Pedro trai Jesus. Cristo reafirma sua identidade como Filho de Deus, somente para ser condenado pelo Sinédrio.

-

UMA NOTA DE ESTUDO A tese é a mesma em cada Evangelho. O sofrimento

-

Na manhã seguinte, muito cedo, Pilatos, o governador romano, sucumbe à intensa pressão e condena Jesus à morte. Cristo é ridicularizado, açoitado e levado ao Gólgota onde, aproximadamente ao meio-dia, é crucificado ao lado de dois ladrões. À medida que o sol esconde-se, Cristo sofre ali. Finalmente, entregando seu espírito, Ele morre. Quando as sombras começam a cair, o corpo de Jesus é sepultado em um sepulcro emprestado. A brilhante promessa que Ele oferecia parece ter terminado em tragédia e injustiça. Enquanto seus amigos afastam-se, esmagados pela dor, seus inimigos satisfeitos preparam-se para levar a nação à adoração ao Deus cujo Filho eles conspiraram para matar, com sucesso.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo (26.5). A população de Jerusalém multiplicava-se por aproximadamente cinco durante a semana da Páscoa. Isto criava uma situação volátil; Jerusalém ardia com o fervor religioso durante esses dias. Incapazes de predizer para que lado decidir-se-ia a opinião popular, os líderes religiosos hesitavam em livrar-se de Jesus durante a festa. Eles não precisavam ter medo. Embora a emoção que sentimos a respeito de nossa fé seja boa, ela tende a ser superficial e instável. Em breve as multidões que aclamaram a entrada de Cristo em Jerusalém unir-se-iam ao clamor “seja

crucificado!”

Em verdade vos digo que, onde quer que este evangelho for pregado, em todo o mundo, também será referido o que ela fez para memória sua (26.13). Os vasos de perfume de alabastro eram tão valiosos no século I que eram freqüentemente comprados como investimento. O presente da mulher era verdadeiramente um presente rico. Mas apesar disso, ela não é lembrada por sua generosidade, mas, sim, por sua visão. Enquanto os discípulos recusavam-se a ouvir o que Jesus dizia sobre sua iminente crucificação, esta mulher compreendeu e agiu “preparando-me para o meu sepultamento” (26.12). A palavra grega hopou (26.13) normalmente quer dizer “onde quer”, mas também pode significar “quando quer”. À medida que o Evangelho é pregado por todo o mundo nós honramos uma mulher que percebeu que Cristo estava destinado a morrer e nos lembramos de que somente compreendendo o significado daquela morte nós poderemos ser salvos.

E eles lhe pesaram trinta moedas de prata (26.15). Dificilmente este seria considerado um preço principesco, pois era equivalente a um mês de salário para um trabalhador diarista. Mais significativas simbolicamente, as trinta moedas de prata são o preço que em Êxodo 21.32 é estabelecido como a indenização a ser paga ao proprietário quando seu escravo era morto pelos chifres de um boi de outra pessoa. O preço é um trágico comentário sobre o quão terrivelmente Judas interpretou mal a Jesus e um comentário continuado sobre aqueles que ignoram as reivindicações de Cristo hoje em dia.

O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair (26.23). O texto grego tem um particípio aoristo, ho embapsas. Ao invés de indicar um indivíduo em particular, a expressão em grego enfatiza que o traidor de Cristo seria alguém próximo, próximo o suficiente para compartilhar uma refeição. Isto é particularmente significativo na cultura oriental, onde a participação em uma refeição compartilhada implica tanto em intimidade quanto em obrigação mútua.

A participação na comunidade cristã nos leva à proximidade de Cristo, mas a proximidade não é suficiente. É preciso haver também o comprometimento.

Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei (26.35). A palavra é aparneomai, freqüentemente usada alternadamente com a mais forte, arneomai. O livro Expository Dictionary of Bible Words, da editora Zondervan, diz que "quando usada em um contexto em que uma pessoa precisa tomar uma decisão, estas palavras gregas indicam rejeição. Mas quando o sujeito do verbo é uma pessoa que tem uma fé estabelecida em Jesus, a negação significa a infidelidade no relacionamento, um abandono da comunhão" (pg. 219).

Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres (26.39). O que é "este cálice"? Alguns supõem que o "cálice" refere-se ao sofrimento e à morte iminentes de Cristo. Outros percebem um significado mais profundo, pois no AT e no livro do Apocalipse "cálice" (em grego, poterion) é freqüentemente associado com o julgamento divino (Sl 60.3; Is 51.19,22; Hc 2.16; Ap 14.10; 16.19).

É importante observar o uso de uma condicional de primeiro tipo na expressão "se é possível" (26.39). Isto normalmente sugere que se supõe que a condição é cumprida – isto é, que era possível evitar o "cálice" que Jesus tinha em mente. Esta interpretação recebe o apoio de Hebreus 5.7, que observa que quando Jesus "oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia".

A morte biológica não causava terror a Jesus. Ela não causa terror a nós. Como Jesus carregou nossos pecados e sentiu a ira de Deus em nosso lugar, nós também fomos libertados. Nem a morte biológica nem a espiritual têm qualquer influência sobre aqueles que, por meio de Cristo, receberam a vida eterna.

Um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha (26.51). O incidente tem sido usado para argumentar a favor do pacifismo cristão – Jesus rejeitou o uso da espada – e disse: “Mete no seu lugar a tua espada” (26.52)!”

Este argumento ignora o fato de que a mesma palavra grega é usada para “espada” e para “faca”. Na verdade, o tipo de espada usada em Israel era uma lâmina reta e triangular, basicamente usada para furar. O fato de o discípulo ter usado sua espada e cortado uma orelha sugere que a arma era provavelmente uma faca e não uma espada, talvez uma das facas comumente usada pelos pescadores em seu ofício.

Como então podemos aplicar esta passagem? Talvez simplesmente observando como é totalmente inapropriado usar de força na defesa de Cristo. O Evangelho é uma mensagem de graça, mais bem caracterizada pelo ato de Jesus de restaurar a orelha ferida (Lc 22.51) do que pela violência envolvida em seu corte.

Vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu (26.64). Jesus não somente afirmou sua divindade, mas também advertiu o Sinédrio. Ele estava diante deles em uma condição de fraqueza, um prisioneiro a quem eles afirmavam ter o direito de julgar. Mas o direito de julgamento definitivo pertence a Deus. Quando os juízes do Sinédrio virem Jesus novamente, Ele estará no lugar de autoridade (à “direita” de Deus). Então Jesus irá julgá-los.

Também hoje em dia os seres humanos avaliam as reivindicações de Cristo e decidem a seu favor ou contra Ele. Ao fazer isso, como é importante lembrar que em última análise Cristo é o Juiz da humanidade, assim como o Salvador!

A tua fala te denuncia (26.73). Embora a Palestina seja uma região pequena, o povo da Galiléia tinha um sotaque diferente daqueles que viviam na Judéia.

No entanto, certamente, nem todo galileu que estivesse em Jerusalém seria um seguidor de Jesus! É preciso mais que um sotaque para nos expor como os que pertencem a Ele, Na verdade, se não há nada em nosso modo de vida ou em nosso modo de falar que nos destaque como seguidores de Jesus, então há algo de errado em nosso relacionamento com Ele.

Judas, o que o traíra, vendo que fora condenado, trouxe, arrependido, as trinta moedas de prata (27.3). O verbo grego é metamelomai, que expressa tristeza e deixa claro que Judas estava sofrendo profundamente depois de trair a Jesus. Mas sentir tristeza depois de realizar o ato não desfaz nenhum ato, nem por si só indica qualquer mudança no coração.

Sentir tristeza não é errado, mas inadequado. Sentir tristeza somente tem valor quando aquela tristeza leva a uma mudança radical de coração e de vida.

Deram-lhe a beber vinho misturado com fel (27.34). Esta oferta dos membros do exército designados para crucificar Jesus não era um ato de compaixão. Ao invés de ser um narcótico, o fel (identificado em Marcos 15.23 como “mirra”) é extremamente amargo. Depois de lutar por toda a cidade, fraco por ter sido açoitado e forçado a arrastar a cruz na qual seria pregado, a sede de Jesus deve ter sido intensa. Ao misturar o vinho oferecido a Jesus com uma forte dose de fel, os soldados devem ter tornado a bebida intragável. A reação de Jesus deve ter divertido os soldados, que anteriormente haviam feito brincadeiras cruéis com o Salvador (27.27-31).

E foram crucificados com ele dois salteadores, um, à direita, e outro, à esquerda (27.38). Aqui a palavra é lestai, um termo também aplicado a Barrabás (Jo 18.40). O roubo, até mesmo o roubo com violência, não era punido com a crucificação no século I. É mais provável que a palavra implique alguma insurreição contra o governo; em termos atuais, uma pessoa envolvida em “combates de guerrilha”, que tentava desestabilizar a ordem social com a destruição de propriedades e também com assassinatos.

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (27.46). O mistério da

crucificação é somente intensificado por este grito. A palavra grega traduzida como “desamparar”, enkataleipo, é uma palavra poderosa que expressa uma terrível angústia emocional causada pelo abandono. Cristo não foi abandonado no túmulo (a mesma palavra de Atos 2.27), mas na cruz. Ele foi abandonado pelo Pai.

Como é que a Trindade poderia ser separada no Calvário? Em que sentido o Filho foi abandonado ali? Foi um isolamento momentâneo, ou uma separação mais profunda? Nós não sabemos, e se soubéssemos dificilmente conseguiríamos entender. No entanto, sabemos que esta era a agonia que Jesus temia; esta agonia era tão terrível que, em um momento único e interminável, aquilo que Cristo sofreu pagou, de forma mais do que suficiente, pelos pecados da humanidade, desde Adão até o fim da história.

Verdadeiramente, este era o Filho de Deus (27.54). A confissão do centurião não deve implicar que este oficial não judeu do exército reconhecia Jesus como o Messias judeu. É muito mais provável que ele tenha usado a expressão (que no texto grego não apresenta o artigo “o”) em um sentido helênico, para significar “um ser divino”, um deus pagão. Certamente os eventos incomuns daquele dia – a escuridão e o tremor de terra, e as palavras na cruz – causaram uma profunda impressão no centurião.

SALMO 22 Este grande salmo profético contém muitas frases que claramente re

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Observe o quadro das passagens correspondentes (abaixo).

Os versículos em negrito indicam onde cada tema é discutido em profundidade

Tema	Mateus	Marcos	Lucas	João
A conspiração contra Jesus	26.1-5	14.1-11	22.1-6	
A unção em Betânia	26.6-13	14.3-9		
Judas concorda em trair a Cristo	26.14-16			
A Última Ceia	26.17-30	14.12-25	22.14-23	13-17
A predição da negação de Pedro	26.31-35	14.27-31	22.31-38	13.31-38
Getsêmani	26.36-46	14.32-42	22.39-46	
A prisão de Jesus	26.47-56	14.43-52	22.47-53	18.1-12
Diante do Sinédrio	26.57-68	14.53-65	22.63-71	18.13-23
Pedro nega Jesus	26.69-75	14.66-72	22.54-62	18.25-27
Judas enforca-se	27.1-10			
Jesus diante de Pilatos	27.11-26	15.1-15	23.1-25	18.28–19.16
Os soldados zombam de Jesus	27.27-31	15.16-20		
A crucificação	27.32-56	15.21-41	23.26-49	19.17-37
O sepultamento de Jesus	27.57-61	15.42-47	23.50-56	19.38-42
A guarda é colocada no sepulcro	27.62-66			

Judas e a conspiração para matar Jesus (26.1-5,14-30,47-56; 27.1-10). Para as passagens correspondentes, veja o quadro acima.

Contexto. É claro que Jesus rapidamente despertou extrema hostilidade entre os líderes religiosos de seu tempo. Mateus descreve inúmeras confrontações, e depois de um encontro sobre a observância do sábado observa: "E os fariseus, tendo saído, formaram conselho contra ele, para o matarem" (12.14). Jesus continuou a rejeitar a interpretação que os líderes faziam da religião (15.1-11) e até mesmo os acusou abertamente de hipocrisia (23.1-36). Tudo isto intensificou ainda mais a hostilidade dos líderes, de modo que à medida que a Páscoa aproximava-se "os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo" (outros membros do Sinédrio) consultaram-se mutuamente para prenderem Jesus "com dolo e o matarem" (26.3,4).

Nós podemos entender a motivação destes líderes. Os ensinos de Jesus ameaçavam não apenas sua posição na sociedade, mas desafiavam a própria base de sua interpretação da fé. Em lugar de reconhecer, ainda que para si mesmos, que eles haviam sido "condutores cegos" (15.14) e hipócritas (23.13,15 etc.), os líderes estavam completamente determinados a livrar-se de Jesus e da ameaça que Ele representava para eles, para sua interpretação da religião e na verdade para sua sociedade como um todo.

Embora possamos entender a motivação dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos, é mais difícil entender por que Judas decidiu trair Jesus. Judas tinha sido um dos doze desde o início. Como o tesoureiro do pequeno grupo (Jo 12.6), a Judas tinha sido dada uma posição de responsabilidade – mais responsabilidade do que tinha a maioria dos outros cujos nomes são pouco mencionados no NT.

João menciona Judas com algum desprezo. Ele parece mostrar que o motivo pelo qual Judas estava com Jesus era a oportunidade que a posição de "tesoureiro" lhe dava para roubar algumas moedas para si mesmo. Judas repreendeu Maria, de Betânia, quando ela ungiu o Senhor Jesus Cristo com um ungüento extremamente caro ao invés de doá-lo aos pobres – não "pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se

lançava” (Jo 12.6).

No entanto, isto nos diz muito a respeito do caráter de Judas. Era uma pessoa que se preocupava com as coisas mais do que com as pessoas. Judas era um materialista, cujos valores refletem uma preocupação definitiva com este mundo e não com o próximo.

Esta é uma interpretação absolutamente vital, e nos ajuda a perceber o redemoinho completo que Judas deve ter sentido à medida que o ministério de Cristo tomou um rumo que ele, assim como os demais discípulos, nunca haviam previsto. Como outros no judaísmo do século I, a expectativa popular era a de que o Messias estabeleceria um reino visível e institucional. Certamente, tornar-se uma pessoa poderosa em tal reino teria grande atração para um materialista como Judas. Mas, com o passar dos meses, ficava cada vez mais claro que Jesus estava dirigindo-se para uma direção diferente. Seu Sermão do Monte anunciou sua intenção de estabelecer um reino “em secreto” do coração. Embora possuidor de um poder sobrenatural, Jesus não o usou contra seus inimigos de Israel, mas somente para curar os enfermos e os endemoninhados. Depois do pico inicial de sua popularidade, ficava cada vez mais claro que as pessoas verdadeiramente influentes na Judéia – aquelas que tinham riqueza, além de poder – estavam irritadas com Jesus. E, como Cristo falasse com freqüência cada vez maior sobre a cruz e predissesse sua iminente morte, Judas deve ter percebido que ele estava apostando em um perdedor!

Não sabemos quanto tempo Judas resistiu ao tremendo redemoinho interior que ele deve ter sentido. Mas sabemos que, diferentemente de Pedro e dos demais, Judas nunca fez um comprometimento total com a pessoa de Jesus. Judas tinha estado comprometido com a imagem do Conquistador / Messias, e com a expectativa de alguma recompensa material. A menos que façamos um comprometimento com Jesus como uma pessoa, em lugar de segui-lo por causa do que esperamos que Ele fará por nós aqui e agora, nossa “fé” estará baseada em um terreno instável.

A “fé” de Judas não podia sobreviver à tensão. À medida que a Semana da Páscoa avançava e parecia que o próprio Jesus não iria sobreviver, Judas fez sua escolha. Ele iria abandonar o barco que estava afundando, e no processo iria obter qualquer lucro que pudesse.

Talvez Judas imaginasse que os inimigos de Jesus iriam recebê-lo como um

deles, e por gratidão lhe dariam um lugar entre eles. Se ele não pudesse ter riqueza e poder no reino do Messias, ele iria conseguir a riqueza e o poder em uma Judéia que se curvava sob o jugo de Roma.

Mas Judas não foi recebido com respeito nem gratidão. Ele foi tratado como o que ele era – um traidor, que desejava violar os laços especiais que uniam um discípulo a seu professor, pelo dinheiro. A Judas nem sequer foi oferecida uma quantia adequada ao valor da traição. Eles barganharam com Judas. No final, ele teve que aceitar a irrisória quantia de 30 moedas de prata, que dificilmente seria suficiente para pagar por comida e abrigo por um mês.

Como o materialismo decepciona. Como ele cega os nossos olhos ao que realmente é importante. Como é sem valor o que nós ganhamos no final.

Interpretação. Três eventos são descritos por Mateus com alguma profundidade.

A traição (26.47-50). Judas não só concordou em contar onde Jesus estava, como também conduziu uma multidão armada ao lugar e identificou pessoalmente o Salvador. Embora Jesus fosse bastante conhecido, no escuro, numa sociedade onde não havia fotografias disponíveis para confirmar a identidade, alguma outra pessoa poderia facilmente assumir seu lugar. Assim, Judas subiu a colina até o jardim das oliveiras onde ele sabia que Jesus estaria, seguido pela multidão armada.

A descrição no texto de Mateus está cheia de ironia. Ansioso por concluir sua tarefa sombria, Judas foi “logo” até Jesus e o beijou (26.49). A palavra que significa beijo é intensa; Judas envolveu Jesus com seus braços e o beijou.

Ao proferir sua saudação, Judas violou o protocolo que exige que um discípulo não fale antes de seu mestre. Judas tinha claramente cortado qualquer laço com Jesus e se revestiu de uma suposta superioridade.

As palavras “Eu te saúdo, Rabi”, como o beijo, destinavam-se à multidão e não a Jesus. Mas a resposta de Cristo, “amigo”, foi unicamente para Judas. A palavra grega aqui é hetaire. Embora calorosa, não é uma saudação íntima nem expressa grande afeto. Apesar disso, ela sugere que Jesus ainda mantém a porta aberta

para Judas. Judas tinha rejeitado a Cristo, mas Cristo ainda não o tinha rejeitado.

O remorso (27.1-10). Depois de concluir sua tarefa, Judas foi dominado por um sentimento de culpa. O texto diz que ele se arrependeu (veja o Estudo da Palavra sobre metamelomai, Mateus 27.3, acima). Mas, em lugar de encarar sua culpa e apelar a Jesus por misericórdia, Judas fez algo muito diferente. Ele tentou devolver o dinheiro, e quando os príncipes dos sacerdotes e os anciãos não o aceitaram, ele "atirou as moedas para o templo" (27.5). Qual é o significado deste ato que Mateus descreve tão cuidadosamente?

O Mishnah descreve um costume interessante que data de uma época anterior à de Jesus. Um vendedor tinha doze meses para rescindir a venda de uma casa. Mas às vezes o comprador escondia-se, para que o dinheiro não pudesse ser devolvido. Em M. Arak. Ix. 4, está afirmado:

Se um homem vendesse uma casa... ele podia resgatá-la definitivamente a qualquer momento durante doze meses... se chegasse o último dia do décimo segundo mês e ela não tivesse sido resgatada, ela se tornava para sempre do comprador... o comprador costumava esconder-se no último dia dos doze meses, para que a casa pudesse ser sua para sempre. Mas Hillel, o ancião, ordenava que aquele que vendesse depositasse seu dinheiro na câmara do Templo e quebrasse a porta e entrasse, e que o outro, quando desejasse, poderia vir e buscar seu dinheiro.

Parece que temos, no capítulo 27 de Mateus, uma tentativa de Judas de voltar atrás quanto à "venda" de Jesus. Mas os sacerdotes e anciãos recusam-se a aceitar o dinheiro de volta. Em uma última e vã tentativa de livrar-se da culpa, Judas apanha as moedas manchadas de sangue, e as atira violentamente no solo do templo.

Mas Judas não pode voltar. A devolução das trinta moedas não pode romper seu pacto com o inferno, nem libertá-lo do terrível peso de sua culpa. Quando Judas

sai cambaleando do templo, ele está livre do peso das moedas de prata, mas o peso em sua consciência é impossível de ser aliviado.

Mesmo então Judas não consegue entender o significado da saudação de Jesus, “amigo”, nem as implicações das palavras frias e insensíveis dos homens que tinham a obrigação de ter compaixão dos pobres e oferecer sacrifícios em seu nome (27.4b). Não há ajuda para ele por parte dos sacerdotes de Israel, mas ainda pode haver misericórdia para ele na mão daquele que ele traiu.

Mas Judas não consegue ver. E os sacerdotes reúnem-se ao redor das moedas espalhadas, e debatem como elas podem ser “licitamente” usadas – sem preocuparem-se com o homem movido pela culpa que saiu do templo, nem com o Homem inocente que eles estão prestes a condenar à morte.

Judas tentou livrar-se da culpa. Ele tentou anular o terrível pecado que tinha cometido. Mas nenhuma destas coisas foi possível. Somente quando enfrentamos nossa culpa e nos aproximamos, humildemente, como pecadores, do Salvador, podemos encontrar alívio.

O suicídio de Judas (27.5; At 1.18,19). Judas não poderia viver com sua culpa. Assim, mesmo materialista, ele cometeu suicídio. Não existe um conflito real entre esta descrição e a do Livro de Atos. Alguns postulam que Judas enforcou-se, a corda rompeu-se e, ao precipitar-se pela colina rochosa onde estava a árvore, seus intestinos saíram de seu corpo – e ironicamente seu corpo veio a repousar no mesmo campo posteriormente comprado com a prata que ele tinha recebido.

Não há como escapar, nem neste mundo nem no próximo, das conseqüências das escolhas que fazemos. Não há como escapar – mas, sim, existe redenção. É para Cristo, crucificado pelos nossos pecados, como pelos pecados de Judas, que devemos apelar.

Aplicação. Judas é um importante objeto de estudo. Como Esaú, no AT, Judas, totalmente insensível às realidades espirituais, é o exemplo principal do materialismo no NT.

À medida que a história de Judas desenrola-se, nós percebemos que o espiritual é muito mais real que o material. Judas decide trair Jesus por dinheiro. Embora ele não se preocupasse nem um pouco com o reino espiritual do coração que Cristo tinha anunciado, seu próprio coração é esmagado com uma carga de culpa insuportável. Uma culpa que não pode ser tocada, nem vista, nem ouvida – nem levada. Esta culpa levou o agora frenético Judas a abandonar completamente o mundo material que tinha sido o foco de todas as suas esperanças.

Quantos, como Judas, tropeçam pela vida com uma cegueira espiritual total e permanente! Quão desesperadamente eles precisam ouvir Jesus dizendo a eles "amigo", mesmo no momento em que eles traem a Deus com algum novo pecado da carne. Quão desesperadamente eles precisam das boas novas do Evangelho, que prometem o alívio da culpa, a renovação espiritual e a vida eterna.

A negação de Cristo por Pedro (Mt 26.31-35,69-75; Jo 21.15-19). Veja também as passagens correspondentes indicadas no quadro da página 86.

Contexto. Estes capítulos contêm, de certa forma, os perfis de três pessoas.

Jesus é o Filho de Deus e o Homem perfeito, que com coragem resoluta e completo comprometimento com a vontade de Deus dirige-se à cruz. Ele é humano e, às vezes, é tomado pela angústia e ansioso pelo apoio emocional de seus amigos (26.36-46). Mas Ele é ao mesmo tempo sereno, completamente no controle e totalmente devotado a Deus e a seus discípulos.

Judas é o homem materialista, cego para as coisas espirituais, ansioso por obter poder e riqueza aqui e agora. Ele se une a Jesus não porque compartilha da visão de Cristo, mas porque supõe que Jesus irá levá-lo até onde ele, Judas, deseja ir. Quando Jesus o desaponta, Judas rejeita Jesus, assim como à sua visão de um reino espiritual, e decide trair o Senhor.

Pedro é o oposto de Judas. Ele está profundamente comprometido com Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo. Ele não entende tudo o que Jesus diz, e somente de vez em quando pode perceber o reino que seu Senhor descreve. Mas Pedro não pode ser superado em sua fervorosa lealdade, ou em sua firme

disposição de entregar-se completamente a servir a seu Mestre.

Nós esperamos que Judas seja imperfeito e fracasse quando posto à prova. Mas de alguma maneira, esperamos que Pedro seja aprovado em qualquer prova com sucesso completo. Afinal, seu comprometimento não é total? Ele não é absolutamente honesto em suas declarações de amor pelo Senhor?

Pedro é comprometido. Ele é leal. Pedro realmente ama seu Senhor. Mas Pedro também é imperfeito. Como qualquer ser humano, Pedro pode não estar à altura de seus próprios ideais, isto para não falar de não estar à altura da perfeição de Deus. O que aprendemos com Judas é que o materialista radical tem esperança de redenção. O que aprendemos com Pedro é que até mesmo a pessoa sensível espiritualmente, que conhece e ama ao Senhor, às vezes não irá estar à altura e deve, em última análise, confiar na graça de perdão que Deus tornou disponível para nós em Jesus Cristo.

Interpretação. Mateus nos forneceu um relato de três eventos significativos relacionados a Judas durante as últimas 24 horas de Cristo. Os Evangelhos também nos dão uma descrição de três eventos significativos relacionados a Pedro durante o mesmo período de tempo.

(1) A promessa de Pedro (26.31-35). Logo depois da refeição quando o grupo dirigia-se pelo vale de Cedrom a caminho do monte das Oliveiras e do Getsêmani, Jesus observou: “Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim” (26.31). Mesmo Cristo tendo afirmado que isto iria acontecer como um cumprimento de uma profecia, Pedro proferiu sua objeção: Ainda que todos se escandalizem em ti, “eu nunca” (26.33).

Nós podemos deixar de lado, por enquanto, a tolice de contradizer a Cristo. Em lugar disso, precisamos nos concentrar na completa convicção com que Pedro falou. Outros poderiam falhar.

“Eu nunca”.

Com completa sinceridade Pedro declarou “Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei”.

O problema que Pedro tinha e que muitos de nós também temos é que, como Judas, até mesmo o mais fervoroso cristão é imperfeito. O pecado é uma realidade com a qual todos nós devemos viver. Nenhuma quantidade de fé ou de

amor por Cristo pode nos fazer imunes ao fracasso ou garantir que não iremos pecar. Somente a dependência contínua e humilde no Senhor, crescendo a partir de uma profunda percepção de nossa inadequação pessoal, pode impedir que neguemos a Cristo por alguma palavra ou obra.

(2) A queda de Pedro (26.69-75). Quando Jesus foi levado, somente Pedro o seguiu. Naquela ocasião, ele estava verdadeiramente mais comprometido que os demais.

Mas ao esperar do lado de fora da corte de Caifás, Pedro deve ter se sentido quase desesperado. Ele, como Judas, não tinha estado disposto a aceitar a idéia de que Jesus pudesse morrer (cf. Mateus 16.21-23). Abalado e inseguro, terrivelmente temeroso por seu Senhor, Pedro deve ter se sentido insuportavelmente sozinho.

Ali, na escuridão, foi quando Pedro foi acusado três vezes de ser um seguidor do Nazareno. E três vezes, a última delas com veemência (26.74), Pedro negou o Senhor.

Antes que as palavras de negação deixassem de ecoar no pátio, o galo cantou. E Pedro percebeu o que ele tinha feito.

Novamente, como Judas, Pedro foi tomado por sentimentos de pesar e angústia. Completamente dominado, Pedro cambaleou para fora e “chorou amargamente” (26.75).

Aqui os caminhos de Pedro e Judas diferem. Diferentemente de Judas, Pedro tinha estado verdadeiramente comprometido com Jesus, mesmo sem ainda ter compreendido a visão de Cristo do futuro. Judas, cego às realidades espirituais, abandonou a esperança. Pedro, subitamente consciente de sua própria fraqueza, continuou a crer.

(3) Pedro é restaurado (Jo 21.15-19). Quando a manhã da ressurreição chegou, Pedro, humilde e indubitavelmente envergonhado, ainda estava entre os discípulos. Ele foi o primeiro a inclinar-se e espiar o interior do sepulcro vazio. E agora, na costa familiar do mar da Galiléia, embora se retraia, inseguro, Pedro ainda fixa os olhos no rosto de Jesus, e tem esperança.

Que alegria nós sentimos ao ver Cristo separar Pedro, perguntar a ele: “Amas-me [agapao]?” (Jo 21.15). A palavra que Cristo escolheu era uma expressão branda

no grego Coiné (diário). Mas o NT a enche de um novo significado, usando agape para descrever o amor que Deus sente pela humanidade – um amor que Ele escolheu mostrar ao enviar seu Filho para morrer por nós. Pedro responde: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo [phileo]”. A palavra de Pedro é muito menos significativa, e indica uma afeição carinhosa. Muitas teorias foram propostas para o uso dos dois verbos por Cristo e Pedro. Talvez a melhor explicação é a de que Pedro, por fim, aprendeu como até mesmo seus melhores instintos são fracos e indignos de confiança.

Agape é uma palavra de firme convicção: ela expressa uma realidade maravilhosa. Deus escolheu amar-nos, mesmo que nós, pecadores, sejamos indignos de seu amor, e na verdade sejamos hostis a Deus e à divindade. Pedro sentiu que sua vontade era suficientemente forte para afirmar que ele tinha por Cristo o mesmo tipo de amor que Cristo tinha por ele; que seu comprometimento para com Cristo era tão firme quanto o comprometimento de Cristo para com ele. Agora, entretanto, Pedro enxergou melhor a verdadeira situação.

E assim Pedro escolhe um termo mais fraco, dizendo, na verdade, “Senhor, Tu sabes o quanto é profunda a minha afeição por Ti, mas, Senhor, sou incapaz de te amar como Tu me amas. Senhor, segure-me em tuas mãos para sempre. Pois agora sei que não sou suficientemente forte para permanecer unido a Ti”.

Jesus aceitou o amor de Pedro, como aceita o nosso. Incerto, freqüentemente fraco, freqüentemente inadequado para impedir que neguemos Jesus por meio de alguma palavra ou obra descuidada, Jesus ainda aceita o nosso amor da mesma maneira como nos aceita.

Pedro rapidamente aprendeu como é maravilhosa essa aceitação. Pois Jesus não somente restaurou seu humilde seguidor, mas lhe deu a seguinte comissão: “Apascenta as minhas ovelhas” (21.15).

Aplicação. Somente Jesus é perfeito. Quanto antes encararmos esta realidade, mais rapidamente iremos aprender o segredo aberto de viver em comunhão com o nosso Senhor. Não devemos, não podemos, depender de nós mesmos. Como Pedro, certamente iremos falhar conosco e com Ele.

O que podemos fazer é aceitar nossa fraqueza e aprender a confiar completamente em seu amor por nós. E, quando falharmos, poderemos nos voltar para Ele novamente e, como Pedro, sentir mais uma vez o amor perdoador

de Jesus.

A guarda no sepulcro (27.62-66). A guarda foi colocada porque o Sinédrio lembrou-se do que Jesus havia dito sobre ressuscitar no terceiro dia. É difícil dizer se seus corações se motivaram por dúvidas ou por medo. Poderia este homem que tinha realizado tantos milagres realmente ressuscitar?

Publicamente, eles se recusavam a expressar qualquer dúvida. “Não se dê o caso que seus discípulos vão de noite, e o furtem”, anunciaram (27.64). Que decepção seria!

Pilatos deu a eles uma guarda militar. Talvez ele tenha se sentido desconfortável e ansioso para tornar o sepulcro seguro. Como foram inúteis seus esforços! O poder de Deus em breve iria abrir aquele sepulcro fechado. E como a grande pedra que bloqueava sua entrada foi removida de seu curso, a humanidade teve a prova irrefutável do amor conquistador de Deus. A ressurreição é seu grande testemunho.

Vivo, Para Sempre!

EXPOSIÇÃO

-

Depois do amanhecer do primeiro dia da semana, duas mulheres arrasadas arrastaram-se para fora dos muros de Jerusalém, em direção ao sepulcro onde os discípulos haviam deixado o corpo de Jesus. Cada um dos relatos do Evangelho acrescenta mais detalhes aos eventos daquela manhã (veja o quadro abaixo). Mas, todos estes detalhes são mero cenário para a realidade central que os Evangelhos retratam. Jesus já não mais está no sepulcro. Ele ressuscitou dos mortos.

Mateus concentra nossa atenção no anúncio que o anjo faz da ressurreição às mulheres, em seu primeiro encontro com o Senhor ressuscitado (28.1-10), na mentira inventada pelos líderes religiosos em sua tentativa desesperada para explicar a ressurreição (28.11-15) e naquele encontro de Jesus com seus discípulos em que Ele os encarregou com o que nós conhecemos como a Grande Comissão (28.16-20). Sua mensagem para nós é simplesmente que a ressurreição

de Jesus é real – e que a ressurreição de Cristo tem um significado contínuo para sua igreja e para o mundo.

ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DA RESSURREIÇÃO

Três mulheres saem para ir ao sepulcro	Lc 23.55–24.1
Elas encontram a pedra removida	Lc 24.2-9
Maria Madalena sai para contar aos discípulos	Jo 20.1,2
Maria, a mãe de Tiago, vê os anjos	Mt 28.1-5
Pedro e João chegam e olham o sepulcro	Jo 20.3-9
Maria Madalena retorna, vê os anjos e vê Jesus	Jo 20.10-18
Maria, a mãe de Tiago, retorna com outras	Lc 24.1-4
Estas mulheres vêem os anjos	Lc 24.5; Mc 16.5
O anjo diz a elas que Jesus ressuscitou	Mt 28.6-8
Ao sair, elas se encontram com Jesus	Mt 28.9,10

APARIÇÕES POSTERIORES DE JESUS

A Pedro, naquele mesmo dia	Lc 24.34; 1 Co 15.5
A dois discípulos a caminho de Emaús	Lc 24.13-31
Aos apóstolos (Tomé está ausente)	Lc 24.36-45; Jo 20.19-24
Aos apóstolos (Tomé está presente)	Jo 20.24-29
A sete discípulos, no mar de Tiberíades	Jo 21.1-23
A cerca de 500 pessoas, na Galiléia	1 Co 15.6; Mt 28.16-20
A Tiago, em Jerusalém e em Betânia	1 Co 15.7
A muitos, na ascensão	At 1.3-9
A Estêvão, quando é apedrejado	At 7.55
A Paulo, perto de Damasco	At 9.3-6; 1 Co 15.8
A Paulo, no templo	At 22.17-19; 23.11
A João, em Patmos	Ap 1.10-18

ESTUDO DA PALAVRA

-

Um anjo do Senhor chegou... removendo a pedra, e sentou-se sobre ela (28.2). Na época do NT, os costumes de sepultamento eram muito diferentes dos de hoje. Os sepulcros ficavam nas laterais das colinas. Eles eram fechados com pesadas lajes de pedra que deslizavam em uma trilha cavada na base da rocha.

Por que o anjo removeu a pedra? Não para libertar Jesus, mas sim para permitir que seus seguidores e as demais pessoas vissem que o sepulcro estava verdadeiramente vazio!

Os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos (28.4). A expressão sugere simplesmente que eles se sentiram tão atemorizados pela aparição sobrenatural, que ficaram como mortos!

Ide, pois, imediatamente, e dizei a seus discípulos que já ressuscitou dos mortos (28.7). Aqui há um evento muito interessante. A palavra traduzida como “dizei” é um termo dos mais comuns. O que é excepcional é que o anjo encarregou as mulheres de contar a notícia da ressurreição aos discípulos. Por que isto é excepcional? O testemunho de mulheres não podia ser aceito nas cortes judaicas!

Que simbolismo poderoso. Mesmo em sua ressurreição Cristo escolhe ministrar pelas “coisas loucas deste mundo para confundir as sábias” e “Ele escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E... escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis” (1 Co 1.27,28). Este é um exemplo vívido do

reino de Jesus, que diante dos homens parece ter seus valores invertidos.

O fato de Deus escolher as mulheres como as primeiras a levar a notícia da ressurreição apesar dos preconceitos daquela época, deveria nos encorajar. A eficácia do Evangelho não está na condição do mensageiro, mas sim na maravilhosa verdade que nós somos encarregados de transmitir.

E elas, chegando, abraçaram seus pés e o adoraram (28.9). A palavra grega é prosekynesane, e quer dizer “ajoelhar-se”. Antes da ressurreição, tal ato poderia simplesmente ter expressado o profundo respeito que alguém sentia por Jesus, mas agora é uma reação instintiva – a ressurreição transformou o respeito em adoração e maravilha. Jesus não é um mero rabino, mas Senhor do céu e da terra. Ele é digno de adoração por todos os homens e todas as mulheres.

E, congregados eles com os anciãos e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, ordenando: Dizei: Vieram de noite seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram (28.12,13). A palavra grega é symboulion, e significa consultar, planejar, chegar a uma decisão.

A Ressurreição de Jesus Descrita por Josefo O historiador judeu Josefo, que vive

A Ressurreição Comentada por Justino Mártir A ressurreição possível: Para qual

O plano finalmente era o mais tolo possível. Em primeiro lugar, dormir a serviço era um crime capital no exército romano. Nenhum guarda iria fazer esta admissão voluntariamente. Por outro lado, se estivessem dormindo eles não poderiam saber que “seus discípulos vieram de noite e o furtaram”. Uma pessoa dificilmente pode testemunhar sobre o que aconteceu enquanto dormia, pois ela não poderia ter testemunhado o que aconteceu! Em terceiro lugar, um decreto promulgado por César e preservado no que é conhecido como a “inscrição de Nazaré” afirma que violar sepulcros é uma ofensa terrível, que em certos casos poderia merecer a pena de morte. Os discípulos desmoralizados e oprimidos dificilmente poderiam ter reunido a coragem necessária para violar o sepulcro naquela semana santa. E se houvesse alguma evidência para apoiar a acusação, o Sinédrio certamente teria tentado sufocar o movimento cristão acusando os Onze de roubo de sepulcro!

Apesar das óbvias falhas na história montada pelo Sinédrio, ela foi rapidamente aceita por aqueles judeus que não desejavam aceitar as reivindicações de Cristo. A história persistiu, e é atacada pelos patriarcas da antiga igreja, e nos últimos vinte anos ressuscitou novamente em um livro de um estudioso judeu moderno. Como o nosso Senhor ensinou na história do homem rico e Lázaro (Lc 16.19-31): “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite”.

O Sinédrio tinha rejeitado o testemunho que o AT dá a respeito de Cristo. Tinha rejeitado o testemunho de seus milagres. Havia rejeitado sua própria reivindicação clara de ser o Filho de Deus e o Messias prometido. Agora que Cristo tinha ressuscitado, o Sinédrio ainda se recusava a acreditar na verdade, e, em lugar disso, decidia inventar uma mentira que é absurda.

Quando [eles] o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram (28.17). Nossa compreensão deste verso surpreendente depende da questão de quem são os “eles” a que Mateus se refere. É melhor conectar esta aparição de Jesus na Galiléia ao evento mencionado em 1 Coríntios 15.6. Neste caso, embora os onze sejam os mais proeminentes dos relatos do Evangelho sobre a ressurreição, os “irmãos” a quem as mulheres haviam sido enviadas para contar as boas nevas (28.10) incluem um grupo maior daqueles que permaneceram leais a Ele. E o

grupo que se reuniu para esperar Jesus na Galiléia incluía o grupo ainda maior que Paulo menciona em 1 Coríntios 15, juntamente com os onze apóstolos.

Esta teoria nos ajuda a entender a observação de Mateus, “mas alguns duvidaram” (28.17). A palavra traduzida como “duvidaram” é edistasan, encontrada somente aqui e em 14.31. Ela não sugere que aqueles que se ajoelharam diante de Jesus naquela ocasião não creram, mas sim que eles sentiam alguma hesitação. O fato da ressurreição era simplesmente excessivamente esmagador para ser aceito tão rapidamente.

A Ressurreição Descrita por Atenágoras A base da doutrina da ressurreição nas p

É improvável que esta palavra descreva a reação dos onze, pois os apóstolos haviam se encontrado com Jesus diversas vezes antes desta (veja os quadros no início da exposição). Mas certamente, tanto o fato da ressurreição como as suas implicações começavam a ficar claros para o pequeno grupo de 500 pessoas que deve ter formado o núcleo do que se tornou a igreja apostólica.

A respeito dos pensamentos dos primeiros patriarcas da igreja sobre a ressurreição, veja as passagens da obra First Apology, de Justino Mártir, escrita aproximadamente entre 158 e 159 d.C., e Atenágoras, que escreveu sua obra Plea for Christians entre 176 e 180 d.C.

É-me dado todo o poder no céu e na terra (28.18). A idéia não é que em sua ressurreição Jesus tornou-se maior do que antes, ou possuía mais autoridade. Em lugar disto, a idéia é que enquanto na terra a esfera em que Jesus exercia sua autoridade limitava-se à pequena região em que Ele vivia e ministrava. Ressuscitado, a autoridade de Cristo agora pode ser exercida universalmente.

Não é de admirar que o nosso texto diga: “Portanto, ide”. Nós vamos, confiantes, expectantes, sabendo que onde quer que estejamos Cristo estará presente em poder.

Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (28.19,20, RA). O único verbo na Grande Comissão é o imperativo “fazei”, em “fazei discípulos”. Os três termos em itálico, embora traduzidos como se tivessem força de verbos, são particípios no texto original grego. Embora alguns tenham argumentado que os particípios descrevem a maneira pela qual são feitos tais discípulos, é melhor dizer simplesmente que estes elementos caracterizam a maneira segundo a qual se cumpre o mandamento de Cristo. Onde a igreja aceitou a responsabilidade que o nosso Senhor deposita em nós, como seus seguidores, os fiéis agiram agressivamente (cumprindo o “ide”),

batizaram novos fiéis e os conduziram à maneira de vida demonstrada nas palavras de Deus (cumprindo “ensinando”). A Grande Comissão é o mandamento da igreja.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Ressurreição (28.1-10). Veja também Lucas 24 e João 20–21.

A ressurreição verdadeira e física de Jesus Cristo é fundamental para nossa fé cristã. Como diz o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15.17: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados”. Na verdade, diversas linhas de evidência deixam muito claro que Jesus realmente ressuscitou dos mortos. Como é freqüente, somos chamados para aceitar a mensagem do evangelho por fé – e então descobrir que nossa fé é, na verdade, ainda mais razoável. Quais são algumas das linhas de evidência que nos dão a confiança de que a ressurreição não é um mito, ou um evento que teve lugar na “história sagrada”, mas não no espaço e no tempo?

Jesus predisse a ressurreição. Em Deuteronômio 18, o AT estabelece um princípio: os profetas são autenticados como mensageiros de Deus quando as coisas preditas por eles verdadeiramente – e sempre – acontecem. Assim, a profecia e o cumprimento constituem em conjunto um sinal divino, uma indicação clara e inequívoca do envolvimento de Deus no nosso mundo. Uma predição que não se cumpre não tem sentido. Um evento que não foi previsto pode ser uma mera casualidade. Mas quando a predição e o cumprimento estão conectados, sem dúvida aí está a mão de Deus. Os verdadeiros profetas nunca se enganaram.

Assim, o fato de que os Evangelhos registrem freqüentes afirmações feitas por Jesus de que Ele seria morto por seus inimigos e ressuscitaria no terceiro dia é

significativo. Na verdade, cada vez em que Cristo falou de sua morte Ele também prometeu que ressuscitaria novamente. De modo que a ressurreição é um evento predito, e um claro elo entre a predição e o cumprimento é estabelecido, dando uma credibilidade adicional ao relato da ressurreição.

Quando Jesus predisse sua morte e ressurreição? Mateus 12.38-40; 16.21; 17.9; 17.22,23; 20.18,19; 26.32; 27.63; Marcos 8.31–9.1; 9.10,31; 10.32-34; 14.28,58; Lucas 9.22-27; João 2.19-22; 12.34; 14–16.

O AT prediz a ressurreição de Cristo. Se o elo entre a profecia e o cumprimento estivesse somente nos relatos das palavras de Jesus registrados pelos autores dos Evangelhos, alguns poderiam argumentar que eles atribuíam a Jesus palavras que Ele não tinha dito e então completavam o elo descrevendo uma ressurreição que não teria acontecido.

Mas as predições da ressurreição do Messias podem ser encontradas também no AT, em passagens que datavam de muitas centenas de anos antes da época de Cristo. Assim, Salmos 16.10 diz: “Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. E Isaías conta que depois de sofrer e morrer o Servo do Senhor será restaurado: “Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias, e o bom prazer do Senhor prosperará em sua mão. O trabalho de sua alma ele verá e ficará satisfeito” (53.10,11).

A transformação dos discípulos. Uma das razões mais poderosas para aceitar a ressurreição como um fato da história é a reação dos discípulos de Jesus à morte e ressurreição de Cristo. A morte de Jesus surpreendeu seus seguidores, acabou com as suas esperanças e deixou-os em desespero. Apesar do que Cristo lhes tinha dito, eles nunca aceitaram realmente a idéia de que seu Mestre estivesse destinado a morrer.

Então, repentinamente, vemos um grupo de homens que com grande entusiasmo

e convicção anuncia que Cristo ressuscitou, e que dedicam as suas vidas a levar esta mensagem ao mundo. Se estes homens tivessem ficado ricos ou famosos ao proclamar a Cristo, como alguns que administram religiões inventadas, nós poderíamos questionar seus motivos. Mas, em lugar de obter fama, os apóstolos desistiram da esperança de riquezas terrenas, sofreram a rejeição e a perseguição e, apesar dos mais terríveis sofrimentos, só sentiam prazer no privilégio que tinham de servir a Jesus. É simplesmente inimaginável que isto pudesse ter acontecido, a menos que o discípulo estivesse totalmente convencido de que Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus, e que havia realmente ressuscitado dos mortos.

A reação dos inimigos de Jesus. É claro que se os membros do Sinédrio que haviam conseguido a morte de Cristo pudessem ter comprovado que a ressurreição não tinha acontecido, eles certamente o teriam feito. Como? Simplesmente apresentando o corpo! Se o Sinédrio realmente pensasse que os discípulos haviam “roubado” o corpo de Cristo, como o rumor que eles implantaram sugere, eles tinham plenos poderes para prender os discípulos e para forçá-los a revelar onde estava o corpo. Apesar disso não houve nenhuma tentativa de fazer nada do gênero!

O completo fracasso dos líderes judeus de sufocar o relato da ressurreição – e eles certamente devem ter lutado para encontrar alguma maneira de fazer isso – deixa claro que eles não podiam combater as provas do relato.

Em vista do fervor com que os líderes judeus queriam sufocar o movimento de Jesus, devemos assumir seu fracasso em demonstrar a ressurreição como sendo um embuste como uma forte evidência de que não era nenhum embuste, mas que realmente aconteceu.

Os Evangelhos, de qualquer forma, são uma invenção posterior. Existem evidências inequívocas de que os Evangelhos foram escritos algumas décadas

depois dos eventos que os autores descrevem, mas ainda dentro do período das vidas daqueles que afirmam ter sido testemunhas visuais. E dentro do período das vidas de outros, tanto amigos quanto adversários, que certamente teriam sabido se os relatos sobre as atividades de Jesus eram falsos! A idéia de que a história de Jesus e de sua ressurreição pudessem ser uma fábula é absurda, pois sem uma base de fato as histórias teriam sido imediatamente contraditas dentro da Palestina, nenhuma igreja vital teria sido formada ali e nem na vizinha Samaria. E, como sabemos que as comunidades judaicas por todo o mundo mantinham um contato estreito com sua pátria, o templo e os sábios da terra, a missão de Paulo que foi em primeiro lugar às sinagogas das comunidades judaicas no império romano teria sofrido oposição pela simples ridicularização e pela negação de que Jesus jamais tivesse vivido, realizado milagres, morrido ou ressuscitado dos mortos.

As Evidências, Destacadas por João Crisóstomo Este arcebispo de Constantinopl

Mas não houve nenhuma ridicularização nem negação dos fatos bem conhecidos, nem na Palestina nem nas comunidades judaicas do mundo. Em lugar disso, houve simplesmente a negação de que Jesus fosse o Salvador, e uma insistência de que de alguma maneira os discípulos haviam roubado seu corpo.

Isto também representa um forte testemunho para a confiabilidade dos relatos dos Evangelhos. E uma maravilhosa confirmação da ressurreição do nosso Senhor.

FALSAS EXPLICAÇÕES PARA O SEPULCRO VAZIO

1. A teoria do desmaio.

Jesus não morreu realmente, mas somente desmaiou. Mais tarde, Ele deixou o sep
Os soldados que crucificaram Jesus confirmaram sua morte. Este foi realmente u
Aqueles que envolveram seu corpo para o sepultamento teriam sabido se Ele aind
Depois de seus terríveis sofrimentos, Jesus dificilmente poderia ter sobrevivido t
Mesmo se estivesse vivo, Ele não conseguiria ter movido a pedra que selava o se

O relato dos guardas (28.11-15). Uma unidade de guarda militar (tipicamente constituída de quatro homens) admitiria voluntariamente ter dormido em seu posto? Certamente não sem fortes promessas de proteção, bem como de pagamento, por parte do Sumo Sacerdote! Os guardas designados pelo rei Herodes para vigiar Pedro na prisão foram sumariamente executados depois que o apóstolo foi libertado da prisão por um anjo, de modo sobrenatural! (At 12.19). A obra Digest de Justiniano relaciona cerca de 18 crimes pelos quais os soldados romanos poderiam ser condenados à morte. Aqui estão os crimes mencionados na obra: um espia que passasse para o lado do inimigo (3.4); deserção (3.11; 5.13); passar por cima do muro, da proteção, ou dos limites (3.17); iniciar um motim (3.19); recusar-se a proteger um oficial, ou abandonar o posto (3.22); um homem recrutado que se esquivasse do serviço (4.2); assassinato (4.5); colocar as mãos sobre um superior ou insultar um general (6.1); fugir, quando o exemplo pudesse influenciar outros (6.3); revelar planos ao inimigo (6.4; 7); ferir um outro soldado com uma espada (6.6); ferir-se ou tentar suicídio sem uma causa razoável (6.7); abandonar a vigia noturna (10.1); dispersar o grupo de um centurião, ou feri-lo ao ser punido (13.4); fugir da casa dos guardas (13.5); e perturbar a paz (16.1).

Certamente “dormir em seu posto”, enquanto um grupo de homens desconhecidos rompia o selo de um sepulcro, que os soldados deveriam vigiar encaixa-se em algumas destas categorias!

A Grande Comissão (28.16-20). A Grande Comissão fornece a força motriz das missões cristãs. Ela também nos lembra de uma realidade vital, Cristo tinha “todo o poder” enquanto caminhava pelas estradas empoeiradas da Palestina em sua encarnação. Mas esta encarnação, na verdade, limitou o exercício que Cristo teve de seu poder. Depois da ressurreição, Cristo, agora à direita de seu Pai, está novamente presente em todas as partes, desta vez como o Deus-Homem. Assim, Ele lembra seus seguidores de que “todo o poder no céu e na terra” é dele e “portanto” nós estamos capacitados para fazer discípulos de ”todas as nações”.

Como Cristo ressuscitou dos mortos, e vive realmente, não há lugar neste mundo em que seu poder não chegue. Onde quer que estejamos, em todas as nações do nosso planeta, os seguidores de Jesus vão com confiança apresentar um Evangelho que pode salvar e transformar as vidas daqueles que crêem.

MARCOS 1–5

O Autêntico Salvador

EXPOSIÇÃO

-

O Evangelho de Marcos é marcado por rápidas movimentações. Jesus é retratado como um Homem de ação, de tal maneira que sua natureza como "Filho de Deus" (1.1) transparece claramente em todo o texto. Nesse breve Evangelho, Marcos cria um estilo vívido e nítido, usando freqüentemente o recurso do presente histórico – de detalhes que somente poderiam ser fornecidos por testemunhas oculares (1.27,41; 3.5; 7.34; 9.5,6 etc.) – e cerca de 41 vezes o advérbio euthys, "imediatamente" ou "logo". Tradicionalmente, seu hábito de fazer a transliteração de palavras latinas para o grego, e o uso freqüente de construções gramaticais latinas levou muitos comentaristas a sugerir que este Evangelho estava dirigido principalmente àqueles cuja orientação cultural romana lhes permitia uma visão prática da vida.

Mas qual é a impressão de Jesus que Marcos pretende

transmitir ao mundo romano? Ele pretende mostrar que Jesus é aquela pessoa Única, cujos feitos e palavras o estabelecem como Filho de Deus. Assim sendo, ele deixa de lado o nascimento de Jesus, menciona apenas ligeiramente o ministério de João e o batismo de Cristo (1.1-13) e a convocação dos discípulos (1.14-20), e passa rapidamente a descrever os atos que revelam sua divina autoridade. O apóstolo estabelece a fonte sobrenatural dessa autoridade em seu primeiro relato: Jesus é confrontado por um espírito maligno e o expulsa (1.21-28). Uma série de incidentes estabelece o fato de que a autoridade de Cristo é completa, pois Ele não só expulsa os demônios como também é capaz de curar a mais terrível das doenças, e até mesmo perdoar os pecados (1.29–2.17). Do ponto de vista do judaísmo, a cura realizada num sábado demonstra que, como Filho de Deus, Ele também é detentor de uma suprema autoridade religiosa: uma autoridade que transcende àquela dos que afirmavam ser os autênticos intérpretes de Moisés (2.18-27).

Jesus nomeia doze homens para serem seus apóstolos (3.12-19) e Marcos registra uma série de incidentes muito significativos. Os líderes do povo judeu rejeitam Jesus – embora os atos de Cristo tenham mostrado que além de ser inimigo de Satanás, Ele é maior que o

príncipe dos demônios (3.20-30). Nem mesmo a mãe e os irmãos de Cristo entenderam aquilo que estava implícito em seus milagres (3.31-35). Agora, Ele começa a se comunicar através de parábolas, pretendendo que somente aqueles que estejam desejosos de fazer a vontade do Senhor (e de crer nele) sejam capazes de entender o que Ele está ensinando sobre a natureza da presente obra divina no mundo (4.1-34).

No entanto a única verdade básica que a humanidade deve reconhecer está claramente demonstrada através daquilo que Jesus começa então a fazer. Ele acalma a tempestade, mostrando sua autoridade sobre o mundo natural (4.35-41), expulsa uma legião de demônios, mostrando sua autoridade sobre a magnitude das forças sobrenaturais (5.21-34), e até ressuscita os mortos (5.35-43). A conclusão é incontestável. O Homem que fez essas coisas é mais que um mero ser humano. Ele é, como Marcos anuncia no versículo de abertura do seu Evangelho, o verdadeiro Filho de Deus!

ESTUDO DA PALAVRA

-

Jesus Cristo, o Filho de Deus (1.1). Muitos acreditam que este Evangelho foi escrito por volta do ano 65-67 d.C. Nessa época, a igreja em Roma estava sofrendo uma severa perseguição que havia se originado do incêndio da cidade no ano 64 d.C., atribuído por Nero aos cristãos. Se este é o cenário do Evangelho de Marcos, podemos então entender a razão de sua ênfase na divindade de Jesus e porque sua autoridade começou a servir para consolar a igreja, e também para evangelizar os inacessíveis. O historiador Tácito nos conta o que estava acontecendo em Roma nessa época, através de palavras que foram registradas em sua obra Annals (15.44):

Mas, nem a ajuda humana, nem a liberalidade imperial, nem todos os recursos para aplacar os Céus, poderiam sufocar o escândalo ou afastar a crença de que o incêndio fora realizado por ordem de alguém. Portanto, para dar fim aos rumores, Nero substituiu os culpados e castigou com os mais refinados métodos de crueldade uma classe de homens desprezados por seus hábitos, a quem a multidão chamava de cristãos. Christus (Cristo), de cujo nome vem o termo cristãos, havia sofrido a pena de morte no reinado de Tibério, através de uma sentença promulgada pelo procurador Pôncio Pilatos. Essa perniciosa superstição havia sido contida por algum tempo, somente para irromper mais uma vez, não apenas na Judéia, a sede da desordem, mas, na própria capital, onde todas as coisas vergonhosas ou horríveis do mundo encontravam-se e achavam guarida. Então, primeiro foram presos os membros confessos dessa seita e, em seguida, quando outros membros revelaram-se, eles foram condenados em um grande número, não só por conta do suposto ato incendiário, como também pelo ódio da raça humana. E o escárnio do povo os acompanhou até o fim; foram vestidos com peles de animais selvagens e estraçalhados por cães, ou foram amarrados em cruzes. E, quando a luz do dia se apagou, eles foram queimados como tochas para iluminar a noite. Nero havia oferecido seus Jardins para esse espetáculo, e patrocinava exibições no Circo, misturando-se com as multidões, vestido de condutor de bigas, ou dirigindo o seu carro. Portanto, apesar da culpa que havia exigido a punição mais exemplar, surgiu um sentimento de piedade, devido à impressão de que eles estavam sendo sacrificados, não para o bem estar do estado, mas pela crueldade de um único homem.

Pregando o batismo do arrependimento para remissão dos pecados (1.4). O uso do genitivo sugere que o arrependimento precedia ou acompanhava o batismo: a deliberada mudança de sentimento estava refletida nesse ato. O resultado final ("para" ou eis) era o perdão dos pecados. Existe nas Escrituras a sugestão de uma conversão superficial. Em qualquer tempo, a fé é expressa através de um compromisso pessoal e de uma mudança na vida que servem para testemunhar a realidade de que os pecados foram perdoados.

E toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele (1.5). Aqui, o modo imperfeito sugere um fluxo contínuo de pessoas: elas "continuavam a vir" para ouvir João. O povo judeu, cansado da vida sob o domínio de Roma e de Herodes, estava ansioso pelo libertador anunciado pelas profecias. Como é trágico verificar que, como mostraram os acontecimentos, eles não estavam prontos para aceitar o Libertador que Deus lhes enviara: um libertador do pecado e não daquela presente opressão política.

Jesus, chegando-se a ela, tomou-a pela mão e levantou-a (1.31). Muitos dão ênfase ao fato de que a pessoa que foi curada era a sogra de Pedro, e usam este versículo, com 1 Coríntios 9.5, como um texto que serve como prova contra a doutrina católica romana do celibato para o clero. Nesse contexto, Marcos está enfatizando um ponto muito diferente. A cura feita por Jesus foi imediata e eficiente. Ela não só ficou curada como imediatamente "começou a servi-los".

Ele também expulsou muitos demônios (1.34). Esses seres, identificados pela maioria como anjos que haviam caído na época da deserção original de Satanás, executam um papel significativo no Evangelho de Marcos. Quanto à sua atividade e relacionamento com Jesus, a obra Zondervan Expository Dictionary of Bible Words diz o seguinte:

As referências feitas pelo Evangelho aos demônios mostram que eles possuem ou oprimem os seres humanos (Mt 8.16,28,33; 9.32; 12.22-28; Mc 1.32; 5.16-18; Lc 4.33-35; 8.27-29,36; 9.42). Essa influência demoníaca expressa-se através de

várias doenças e na loucura. Enquanto alguns espectadores argumentavam que Jesus estava louco ou em conluio com Satanás, outros diziam: “Pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?” (Jo 10.21). Os Evangelhos também mostram Jesus expulsando os demônios sempre que os encontrava (Mt 9.33; 17.18; Mc 7.26,29,30; Lc 11.14). A própria defesa de Jesus contra essa acusação está baseada nesse fato. Como o reino de Satanás poderia existir se Jesus expulsasse os demônios através de meios demoníacos? Qualquer reino dividido logo irá desaparecer (Lc 11.14-22).

Portanto, os Evangelhos retratam realmente os demônios como seres vivos com poderes malignos. Eles são seres pessoais, e não influências impessoais (Mt 8.31). Jesus demonstrou Seu total domínio sobre os demônios. Ele é o “valente” conforme Seu próprio exemplo, capaz de “atacar e vencer” os demônios em seu próprio terreno (Lc 11.21,22). Entretanto, por mais assustadores que eles possam ser, a pessoa que caminha com Jesus nada tem a temer (p.218).

[Eles] descobriram o telhado onde estava... fazendo um buraco (2.4). Era muito comum os sábios viajarem de cidade em cidade para ensinar a Lei, embora por ocasião do segundo século alguns tentassem confinar seus estudos da Torá dentro dos muros das escolas. Materiais que refletem as condições do primeiro século fazem um apelo aos moradores para acolherem os sábios viajantes, dizendo: “Deixe que sua casa se transforme em um ponto de reunião para os sábios”, e “Se sente no meio do pó dos pés deles” (Aboth 1:4).

Algo notável a respeito dessa história é a fé que motivou os amigos do paralítico a cavar através do endurecido e sujo telhado, formado por camadas de galhos e barro. A crença em Jesus nos impele até Ele quando estamos necessitados, quaisquer que sejam os obstáculos.

Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode perdoar os pecados, se não Deus? (2.7) A palavra grega significa difamar ou dizer palavras ofensivas ou prejudiciais a alguém. O ponto defendido pelos “mestres da Lei” é que ao reclamar uma prerrogativa que pertence somente a Deus, Jesus ofendeu ou

rebaixou a pessoa de Deus.

Pouco depois, Jesus devolveu essa acusação aos críticos quando eles murmuravam entre si dizendo que as obras do Espírito, realizadas através de Jesus, haviam sido reforçadas por Satanás (3.20-30). Eles realmente blasfemaram ao difamar o Próprio Deus. Mas Jesus não, pela simples razão de que, como Filho de Deus, Ele possuía o direito divino de perdoar os pecados – e comprovou sua autoridade ao curar o paralítico!

Os sãos não necessitam de médico, mas sim os que estão doentes (2.17). No terceiro século a.C., a opinião popular do judaísmo mantinha os médicos sob suspeita. As enfermidades estavam ligadas aos problemas da vida e ao pecado, portanto era justo procurar a ajuda de um homem de Deus como Elias ou Eliseu. Procurar um médico era sinal de falta de fé.

Essa atitude começou a mudar no segundo século a.C., como está registrado nos escritos de Ben Sira. Depois de orar, arrepender-se e fazer contribuições ao templo, a pessoa doente era encorajada a procurar um médico, mas somente um indivíduo santo que procuraria a sabedoria divina para entender a indisposição e fazer a devida prescrição. Como escreve Ben Sira:

Seja amigo do médico, pois ele é essencial para você;

Ele também foi estabelecido nessa profissão por Deus.

O médico recebe de Deus a sua sabedoria...

(38.1,2).

Na época de Jesus, os médicos eram muito comuns na Terra Santa e, geralmente,

eram chamados quando uma pessoa ficava gravemente enferma.

Mas aqui Jesus está usando uma metáfora, e lança mão da antiga imagem que ligava a doença ao pecado. Essa imagem havia sido bem estabelecida pelos profetas (Is 1), pois muitas vezes as perturbações físicas tomavam o lugar das enfermidades espirituais. A observação de Cristo de que os sãos não precisam de médicos não implica que os “mestres da Lei que eram fariseus” (2.16) fossem espiritualmente sadios, mas que haviam deixado de reconhecer sua verdadeira condição. Atualmente, também, somente aqueles que entendem sua condição de pecadores perdidos têm a possibilidade de se voltar a Jesus. Os religiosos, que pensam estar muito bem, são os mais difíceis de se alcançar com o Evangelho.

E, olhando para eles em redor com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração… (3.5). A palavra grega porosis é usada para uma espécie de mármore e para a dureza dos ossos. A insensibilidade desses opositores de Jesus ficou revelada quando eles observaram Jesus “intimamente” para ver se Ele curaria um homem no sábado. Esses líderes religiosos não estavam preocupados com o sofrimento desse homem, mas somente em fazer uso dele para chegar até Jesus!

A reação de Cristo é fascinante. Ele olhou para eles tomado de uma ira momentânea (sugerida pelo tempo verbal, o aoristo do particípio) e continuou olhando em volta com uma profunda e continuada tristeza (indicada pela mudança de Marcos para o particípio presente).

Aqueles cujos corações estão endurecidos bem merecem ser condenados. Mas nos entristecemos quando atitudes como a deles são características daqueles que afirmam honrar o nome de Deus.

A vós, vos é dado saber os mistérios do Reino de Deus (4.11). Aqui, como em outras passagens do NT (21 vezes nos escritos de Paulo!), a palavra “mistérios” identifica alguma coisa previamente desconhecida e agora revelada. Por que Jesus limita aos seus discípulos o conhecimento dos mistérios a respeito do Seu reino? Apesar das sugestões de alguns, o mysterion não é que através de Jesus o prometido reino escatológico esteja agora à disposição. As palavras e os feitos

de Cristo tornaram inequivocamente claro quem Ele afirmava ser. Mas o "mistério" do reino de Jesus é a forma que este reino tomaria (cf. o comentário sobre Mateus 13).

Ao limitar aos discípulos suas revelações sobre a forma do reino, Jesus está efetivamente mantendo sob o foco dos ouvintes a verdadeira questão: a questão da sua identidade como Messias e Filho de Deus.

Também agora, ao tratar com os não convertidos, será mais prudente manter o foco da nossa participação na verdadeira questão: quem é Jesus e o que a sua identidade como Filho de Deus significa para aqueles que crêem nEle.

Não vem, antes, a candeia para se colocar no velador? (4.21). Somente nesse registro da conhecida parábola o artigo definido foi colocado antes da palavra "candeia" para indicar "a" candeia e não "uma" candeia. A sugestão aqui é que Jesus, embora ainda não tivesse sido reconhecido até esse momento, é a lâmpada que será futuramente colocada no seu devido lugar, e sua luz será levada para um local aberto (4.22).

Não é de admirar que a imagem seguinte leve a estimular uma cuidadosa atenção ao que Jesus vai dizer agora! (4.24).

A semente germinando e crescendo (4.27). Esta parábola, como aquela do Semeador e a Semente de Mostarda, dirige nossa atenção ao poder da semente. Não importa se o homem que espalha a semente "durma ou se levante", a dinâmica da semente continua trabalhando, e ela cresce. Certamente a mensagem do Evangelho irá provocar uma rica colheita! E, embora o reino de Cristo pareça estar iniciando-se de forma insignificante – Seu surgimento parece um evento tão simples quanto uma semente de mostarda – Seu reino, por fim, alcançará o mundo todo.

Como é importante que isso seja lembrado atualmente. Por muitas vezes ficamos enamorados da “super-igreja”, e desanimados com a aparente debilidade dos nossos esforços. No entanto, é a semente da palavra do Evangelho que brota e cresce. Se continuarmos a ser fiéis, veremos a rica colheita do Senhor.

E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra (5.30). De acordo com a Lei do AT, a mulher que tivesse um fluxo de sangue era “impura”, e contaminaria qualquer pessoa que tocasse. Da mesma forma, o corpo de um cadáver, como aquele da menina de 12 anos desta história, tornaria ritualmente impura a pessoa que o tocasse. Como havia sido estabelecido em Ageu 2.10-14, a santidade não pode ser transmitida pelo toque, mas a impureza ritual pode. E o mais notável é que na religião de Israel a impureza ritual impedia o individuo de se aproximar de Deus no culto de adoração ou de participar das celebrações religiosas do povo de Deus!

Dessa maneira, o episódio em que Jesus curou a mulher doente e ressuscitou a menina morta é especialmente significativo. Cristo não foi separado de Deus ao tocar a mulher ou a menina! Antes, o poder de Deus fluía através dele para vencer as enfermidades e derrotar a morte! No caso desse Homem singular, a situação era diferente. O poder desse Homem não apenas ficava intocado pela contaminação ritual, como também o poder que “saía dele” era tão grande que a própria causa das impurezas era removida.

Talvez aqui o método usado para curar, que incluía tocar no morto, tenha sido a causa das “ordens rigorosas” dadas por Jesus: “mandou-lhes expressamente que ninguém o soubesse (5.43). Nesse caso, é provável que o termo “o” (ou “isso”) seja mais o fato de Jesus ter segurado a mão da menina morta para levantá-la, do que o milagre de ela ter recuperado a vida. Seguramente, isso não poderia ser mantido em segredo, pois a casa já estava rodeada de pranteadores que muito bem sabiam sobre a morte da “menina”.

Jesus pode ter tido em mente o fato de que os líderes religiosos prender-se-iam ao ato de tocar na menina e não e ao milagre, e usar esse toque como pretexto para criticá-lo e tornar a questão nebulosa.

Procuremos não cometer o mesmo erro ao vermos atualmente a obra de Cristo nas outras pessoas. Pouco importa se os outros agem como nós. O que importa é o poder que Jesus tem para curar o corpo e a alma.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

João Batista Prepara o Caminho (1.1-8). Veja os comentários sobre João 1.19-34 e as passagens paralelas em Mateus 3.1-12 e Lucas 3.3-20.

O Batismo e a Tentação de Jesus (1.9-13). Veja os comentários sobre Mateus 4.1-11 e as passagens paralelas em Mateus 3.13-17 e Lucas 4.1-13.

A Convocação dos Primeiros Discípulos (1.14-20). Veja Marcos 3.13-19.

Jesus Cura Muitos Enfermos (1.29-34). Veja os comentários sobre Marcos 3.20-30 e as passagens paralelas em Mateus 8.14-17 e Lucas 4.31-37.

O Homem com Lepra (1.40-45). Veja as passagens paralelas em Mateus 8.1-4 e Lucas 5.12-16.

Contexto. A doença chamada lepra, ou lepros aqui é identificada pela palavra hebraica sara‘at no AT. A versão NIV em inglês traduz corretamente essa palavra como “doença infecciosa da pele”, porque incluía qualquer doença que causava feridas e erupções sobre a pele.

A coisa mais importante sobre essas doenças é que elas tornavam as pessoas ritualmente “impuras”, isto é, ele ou ela devia ser isolado dos outros. Esses dois elementos, a impureza e o isolamento experimentados por uma pessoa com “lepra” desempenham um papel importante na história de Marcos.

De acordo com o AT, uma pessoa que apresentasse qualquer erupção visível na pele deveria apresentar-se a um sacerdote que era o responsável para fazer o diagnóstico do problema (Lv 13). Quando a erupção desaparecia o indivíduo devia retornar ao sacerdote, que lhe dava o certificado de ritualmente puro (Lv 14). Isso não queria dizer que o sacerdote tivesse alguma função médica, mas refletia o seu papel na religião do AT, que consistia em manter os padrões cerimoniais para que as pessoas pudessem participar da adoração de Israel e da vida desta comunidade.

Interpretação. O homem que procurou Jesus estava convencido de que Cristo podia curá-lo (1.40). Mas não tinha certeza de que Jesus estaria disposto a agir em benefício de alguém que era “impuro”.

O texto diz que Jesus foi “movido de grande compaixão” (1.41). A palavra aqui é splanchnizomai. Muito mais comum é a palavra eleos, também traduzida como “misericórdia” e oiktirmos, que expressa piedade. Mas nossa palavra é especialmente importante e indica um poderoso impulso de emoção. Foi a palavra escolhida pelos autores do Evangelho para descrever a resposta de Jesus às pessoas necessitadas (Mt 9.36; 14.14; 15.32; 18.27; Mc 6.34; 8.2; Lc 7.13; 10.33; 15.20).

Levado por uma efusão de amor e carinho, Jesus estendeu a mão e tocou o leproso, anunciando ao mesmo tempo: “Sê limpo!” Esse era um ato chocante, pois qualquer outra pessoa ficaria ritualmente contaminada pelo contato com um leproso. Mas, ao invés disto, o toque de Jesus purificou o impuro ao curar a doença que causava o seu isolamento.

Muitos mencionam que a lepra serve, às vezes, como uma metáfora para o pecado, que faz com que os seres humanos fiquem isolados de Deus. Dessa maneira, eles vêm no ato de Jesus uma afirmação simbólica do Seu poder de purificar a humanidade do pecado. Isso é muito provável. Esse incidente talvez esteja mostrando ainda mais claramente aquela atitude que distinguia nitidamente Jesus dos líderes religiosos da sua época. Jesus preocupava-se com os seres humanos e ao tocar o leproso, Ele mostrou que aos olhos de Deus o

homem tem precedência sobre os rituais e os regulamentos.

Por que, então, Jesus enviou o leproso a um sacerdote, em obediência àquela Lei do AT que parecia ter transgredido? O texto diz que Jesus lhe ordenou: “vai, mostra-te ao sacerdote… para lhes servir de testemunho” (1.44). Não devia restar nenhuma dúvida no espírito do homem ou dos líderes de que Jesus havia realmente curado o leproso, e exibido sua autoridade sobre a profanação do ritual.

Por que, então, prevenir o leproso de que não devia contar nada a ninguém? Podemos ver a razão no resultado: Jesus não podia mais entrar livremente na cidade. Ao invés de ajudar Jesus em seu ministério, o relato de seus milagres levava multidões à sua presença, não para ouvir a sua mensagem, mas para ser curada ou simplesmente vê-lo realizar suas maravilhas.

Aplicação. A resposta de Cristo ao leproso serve como um poderoso exemplo aos crentes de hoje. Os “intocáveis” da nossa própria sociedade podem acreditar que Deus é capaz de ajudá-los, mas assim como o leproso, eles também duvidam. Somente respondendo aos necessitados como fez Jesus – em uma manifestação de compaixão que nos leva a estender a mão para tocar e ajudar – poderemos convencê-los de que Deus realmente se importa.

Jesus cura um paralítico (2.1-12). Veja os comentários sobre Lucas 5.17-26 e a passagem paralela em Mateus 9.1-8.

Jesus chama Levi (2.13-17). Veja a passagem paralela em Mateus 9.9-13 e Lucas 5.27-32.

Contexto. Para nós, é difícil compreender a posição social dos “pecadores” e dos coletores de impostos no judaísmo do primeiro século. Embora a palavra “pecadores” possa referir-se simplesmente àqueles que deixaram de manter os elevados padrões dos fariseus quanto à obediência dos rituais, os “publicanos” (ou “coletores de impostos”) eram, sem dúvida, desprezados e excluídos por todos. Eles eram não só impedidos de ocupar qualquer cargo público como

também de servir como testemunhas em uma ação civil ou criminal. O dinheiro recebido das suas bolsas era tão corrompido que não podia ser aceito no templo, mesmo como esmola para os pobres. E também não podia ser trocado.

No entanto, Jesus não só chamou Levi (identificado em Mateus 9.9 como o próprio apóstolo Mateus) como aceitou seu convite para um banquete que ele realizaria para muitos de seus companheiros "publicanos e 'pecadores'".

Não é de admirar que os fariseus, comprometidos com um estilo de vida que impunha sua separação de qualquer pessoa ou coisa que demonstrasse o menor sinal de impureza, fossem insensatos. Na verdade, Jesus comia com os pecadores. Naquela época, partilhar de uma refeição significava uma aceitação mútua! Certamente o prometido Messias esmagaria os pecadores e socorreria os justos. Aqui, o suposto Mestre e Profeta escarnecia dos justos para identificar-se com os pecadores. Para eles, os atos de Cristo eram incompreensíveis e uma prova de que, qualquer um que Ele afirmasse ser, não poderia ter vindo de Deus.

Interpretação. Tanto Marcos como Lucas registram a observação de Cristo de que são os doentes, e não os sadios, que precisam de médico (veja Estudo da Palavra, Marcos 2.17). Cristo entendia claramente que sua missão era dedicada aos pecadores. Os fariseus não compreendiam a natureza de sua missão, em parte por não perceberem que eles também eram pecadores, necessitados de cura espiritual e de renovação.

Mateus acrescenta outra frase à resposta de Cristo: "Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício" (9.13).

Essa era uma surpreendente afirmação, pois a frase "ide e aprendei" era uma fórmula rabínica usada para despedir aqueles que precisavam estudar melhor o texto! Os fariseus que se orgulhavam da sua obediência à lei do AT, estavam, na verdade, equivocados quanto à mensagem de Deus.

O versículo citado por Jesus é encontrado em Oséias 6.6. Particularmente nesta forma, "misericórdia, não sacrifício", a antítese semítica, significa "a misericórdia é mais fundamental que o sacrifício".

Assim sendo, o Senhor Jesus está priorizando as necessidades dos pecadores, restaurando o relacionamento destes com Deus. E os fariseus estavam errados ao dar prioridade aos rituais, ao invés de priorizarem a necessidade humana.

Implicações. É trágico observar que os cristãos atualmente, assim como os fariseus da época de Cristo, estão tão zelosamente comprometidos com as implicações menos importantes do estilo de vida da fé que ignoram o que é prioritário perante Deus. Quantas vezes nosso compromisso com as nossas características doutrinárias particulares parecem mais importantes para nós do que cumprir o mandamento de Cristo de amar os nossos irmãos no Senhor (Jo 13.34,35). Quantas vezes nosso temor à contaminação não nos deixa à vontade em relação aos "pecadores" de hoje em dia quando deveríamos, antes, estar cheios de compaixão procurando estender a mão para tocá-los.

Ao formular sua missão, "Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores" (Mc 2.17), Cristo está nos lembrando da prioridade de Deus também para o nosso tempo.

Possamos também experimentar a liberdade que Cristo sentia ao responder aos pecadores, qualquer que seja a reação dos que estão entre nós e que também precisam "ir e aprender".

Jesus Questionou sobre o Jejum (2.18-22). Veja as passagens paralelas em Mateus 9.14-17 e Lucas 5.37-39.

Senhor do Sábado (2.23–3.6). Veja os comentários sobre Mateus 12.1-21 e a passagem paralela em Lucas 6.1-11.

As Multidões seguem Jesus (3.7-12). Veja os comentários sobre 3.20-30, onde foi abordado o tema Cristo versus os demônios.

A nomeação dos Doze Apóstolos (3.13-19). Veja as passagens paralelas (cf. o quadro na página seguinte). A palavra "apóstolo" é usada para os representantes indicados por uma pessoa de alta posição e implica que eles falam e agem sob e com a autoridade de tal pessoa. Encontramos quatro listas dos Doze Apóstolos nas Escrituras. Em cada lista, o nome de Pedro aparece em primeiro lugar, e os

mesmos 4 apóstolos ocupam as posições seguintes, embora obedecendo a uma ordem diferente. O segundo grupo de quatro apóstolos começa, em cada caso, com o nome de Filipe, e o terceiro grupo de quatro listas tem o nome de Tiago em primeiro lugar. Judas Iscariotes é sempre mencionado por último. Observe que em Mateus e Marcos, Tadeu é chamado de Judas; e em Lucas e Atos ele é chamado de filho de Tiago.

Mateus	Marcos	Lucas	Atos
1. Simão Pedro	1. Simão Pedro	1. Simão Pedro	1. Sin
2. André filho de Zebedeu	2. Tiago,	2. André	2. Joã
3. Tiago, filho de Zebedeu	3. João	3. Tiago	3. Tia
4. João	4. André	4. João	4. An
5. Filipe	5. Filipe	5. Filipe	5. Fili
6. Bartolomeu	6. Bartolomeu	6. Bartolomeu	6. Tor
7. Tomé	7. Mateus	7. Mateus	7. Bar
8. Mateus	8. Tomé	8. Tomé	8. Ma
9. Tiago, filho de Alfeu	9. Tiago, filho de Alfeu	9. Tiago, filho de Alfeu	9. Tia
10. Tadeu	10. Tadeu	10. Simão, o zelote	10. Si
11. Simão, o zelote	11. Simão, o zelote	11. Judas, filho de Tiago	11. Ju
12. Judas Iscariotes	12. Judas Iscariotes	12. Judas Iscariotes	12. Ju

Jesus e Belzebu (3.20-30). Veja também as passagens semelhantes em Mateus 12.22-37 e Lucas 11.14-26.

Contexto. Jesus já havia demonstrado, de forma clara e evidente, sua autoridade sobre os demônios, expulsando-os dos doentes e dos insanos (1.34; 3.11,12). Ele havia até delegado autoridade aos seus discípulos para pregar e também expulsar os demônios (3.15). Restava apenas uma dúvida. De onde Jesus recebia tal autoridade?

Esta pergunta possuía somente duas respostas possíveis. Ou Jesus expulsava os demônios através do poder de Deus, ou do príncipe dos demônios, Belzebu. A origem desse nome é incerta, mas ele pode ser construído do hebraico zebul ou "casa" e baal ou "mestre". Entretanto, não há dúvida de que na época de Jesus essa palavra correspondia ao nome de Satanás.

Por um lado, havia exorcistas em Israel, muito bem aceitos e nunca vistos com desconfiança. Por que, então, Jesus não foi aceito por esses líderes cujos próprios seguidores (literalmente, "filhos") praticavam o exorcismo? Sem dúvida, isso se devia ao fato de que Jesus os havia escandalizado por comer com os pecadores (2.13-17), e por transgredir sua interpretação do sábado (2.23–3.6). Como poderiam eles reconhecer que Deus era a fonte dos milagres de Jesus, sem ao mesmo tempo colocar em dúvida suas crenças mais carinhosamente arraigadas?

Na verdade, os milagres de Jesus eram uma prova que impunha uma crença. Os mestres da Lei fizeram a escolha consciente e decidida de rejeitar esta evidência quando acusaram Jesus de estar "possuído" por Belzebu.

Interpretação. A resposta de Cristo às acusações tinha a intenção de indicar o óbvio. Nenhum rei age contra os interesses do seu próprio reino. Era óbvio que Satanás não daria poder a Jesus para fazer guerra contra os seus!

Existe uma outra implicação óbvia do sucesso de Cristo contra os demônios. Dessa forma, sua autoridade sobre os demônios é prova indiscutível de que Deus é a fonte do Seu poder.

Depois que isso foi estabelecido, Jesus preveniu seus acusadores. Sua acusação era uma blasfêmia contra o Espírito Santo e isso é um “pecado eterno” que “nunca será perdoado”.

Esse contexto nos permite definir este pecado “imperdoável”. As pessoas podem duvidar do Evangelho e blasfemar contra Cristo, mas elas também podem mudar de idéia, começar a crer, e ser perdoadas. O pecado destes mestres da Lei era que eles conheciam a verdade, e entendiam que Cristo expulsava os demônios através do poder de Deus. Sua acusação era uma rejeição deliberada, consciente, e insensível da obra do Espírito através de Cristo, embora não pudesse haver nenhuma outra explicação para ela.

É a intencionalidade da rejeição, dessa rejeição consciente e deliberada da verdade conhecida, que torna esse pecado imperdoável. Ele é imperdoável, não porque Deus esteja recusando aceitar aqueles que se arrependem, mas porque a escolha feita por estes homens mostra que eles estavam além do arrependimento.

Aplicação. J. C. Ryle observa que “existe um pecado que jamais é perdoado. Mas aqueles que se preocupam com ele são os que provavelmente nunca o cometeram”. Talvez exista um corolário. Aqueles que adotam a opinião dos mestres da Lei são tão hostis a Cristo que, provavelmente, nunca ficariam preocupados com a possibilidade de serem castigados.

A Mãe e os Irmãos de Jesus (3.31-35). Veja as passagens paralelas em Mateus 12.46-50, Lucas 8.19-21.

A Parábola do Semeador (4.1-34). Para uma discussão das parábolas veja o comentário sobre Mateus 13.1-58 e passagens semelhantes em Lucas 8.4-18 e 13.18-21.

Jesus Acalma a Tempestade (4.35-41). Veja também as passagens paralelas em Mateus 8.23-27 e Lucas 8.22-25.

Contexto. O mar da Galiléia encontra-se numa bacia pouco profunda, circundada por montanhas. Este lago está sujeito a inesperadas e furiosas rajadas de vento, que Lucas chama de lailaps anemou, ou “tempestades de vento”. Podemos medir a fúria dessa ventania através do terror dos discípulos, pois muitos deles eram pescadores que já deviam ter enfrentado dificuldades em muitas tempestades nesse mesmo mar durante os anos em que haviam exercido nele o seu ofício.

Interpretação. Inúmeros comentaristas têm procurado alguma lição espiritual nessa história. Tertuliano viu o barco como uma igreja e entendeu que a tempestade era uma ameaça a ela e não aos discípulos. Outros vêm nela uma indicação de que aqueles que seguem Jesus (Mt 8.23) enfrentarão terríveis tempestades, mas, certamente, serão protegidos por sua presença. Embora possa existir algum mérito na descrição dessas aplicações, de acordo com a seqüência de Marcos, esse evento dá início a uma série de “grandes milagres”, estruturados para mostrar ao leitor que Jesus realmente tem todo o poder. Acalmar a tempestade revela Seu controle sobre a natureza; curar o homem endemoninhado revela sua autoridade sobre todo o reino espiritual e curar a mulher doente e ressuscitar a menina morta demonstra sua capacidade de vencer todos os poderes que mantêm o homem prisioneiro. Jesus não só afirmou que era o Filho de Deus. Ele demonstrou essa verdade em todos os lugares.

Aplicação. O terror dos discípulos, que não conseguiam entender que apesar da tempestade eles estavam perfeitamente salvos na presença de Jesus, certamente fala muito alto aos leitores de Marcos. Lembrando o registro feito na obra Annals of Tacitus, mencionado no início desse estudo, podemos perceber um pouco do consolo que essa história deve ter levado aos primeiros cristãos. Quaisquer que fossem os perigos, ou o sofrimento, Jesus estava presente e, de acordo com o sentido mais eterno dessa palavra, o crente estava e está “salvo”.

A Libertação do Homem Endemoninhado (5.1-20). Veja também as passagens paralelas em Mateus 8.28-34 e Lucas 8.26-39.

Contexto. Esse relato sucede ao da calmaria da tempestade em cada um dos Evangelhos Sinóticos. Em cada um deles, ele é parte de uma série de eventos que demonstram a ilimitada extensão dos poderes de Jesus.

Essa seqüência, bem como os detalhes do episódio em que os demônios foram expulsos e entraram em uma manada de porcos, deixa claro que cada autor está descrevendo o mesmo incidente. No entanto, Mateus fala sobre dois homens possuídos pelo demônio, enquanto Lucas e Marcos mencionam apenas um. Além disso, Lucas localiza esse incidente em Gerasa, e não em Gadara. Este fato foi muitas vezes apontado como um "erro" das Escrituras. Entretanto, a obra Bible Difficulties Solved!, de Revell, nos dá uma explicação simples.

A localização mais provável desse acontecimento é Gadara. A maioria acredita que a palavra Gerasa revela um erro escritural que envolve a substituição de um "r" por um "d", letras que são muito parecidas em aramaico.

O que dizer, então, sobre "dois" homens versus apenas "um" homem possesso? Haveria aí alguma contradição? Afinal de contas, Mateus e Marcos não sugerem que havia apenas um endemoninhado. Eles estão, simplesmente, concentrando a atenção em apenas um. Supunha que você contasse a um amigo, "Jim, estava na festa, mas ele chegou tarde", enquanto a outra pessoa dissesse a este mesmo amigo, "Jim e Carl chegaram tarde na festa". Será que você seria acusado de cometer um "erro" só porque deixou de mencionar o nome de Carl ao falar sobre Jim? Claro que não! Por que, então, o NT deveria ser acusado de conter um erro somente porque Marcos e Mateus mencionam apenas um dos dois endemoninhados, enquanto Lucas menciona dois?

Podemos observar de forma especial que os dois autores estão de acordo com os elementos centrais da história. Jesus demonstra o Seu poder sobre os demônios ao expulsá-los das suas vítimas humanas, permitindo que entrem em uma manada de porcos que se arremessam na água e morrem afogados. Insistir que Mateus e Marcos cometeram um erro, simplesmente por não expressarem o mesmo número de endemoninhados parece muito pouco razoável em vista das circunstâncias.

Interpretação. Talvez o elemento mais surpreendente desta história seja a transformação da atitude demonstrada pelos demônios. Quando os encontramos eles parecem ter um controle total sobre o homem que, possuído, aterrorizava os espectadores. Quando Jesus aparece, no entanto, clamam bem alto mencionando

sua identidade: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?” (5.7).

Imediatamente, eles se transformam de tiranos dominadores em suplicantes que rastejam perante Jesus, implorando para não serem atormentados.

A realidade desse especial acontecimento foi provar para o homem que antes estava possuído pelo demônio, e também aos espectadores, que esses seres haviam sido realmente expulsos. E a subseqüente corrida do rebanho para a destruição deixa bem claro que aqueles que abrigam demônios serão certamente destruídos e não beneficiados.

Aplicação. Nunca devemos subestimar a autoridade que Jesus tem sobre os poderes das trevas, nem nos esquecermos do perigo que há em procurar a ajuda dos poderes ocultos e de Satanás.

MARCOS 6.1–8.30

Os Conflitos de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

O registro dos milagres, que constam dos primeiros capítulos do Evangelho de Marcos, estabeleceu claramente a autoridade de Jesus. Os desapontados fariseus haviam sugerido que o poder de Jesus sobre os demônios vinha de Satanás – um ataque do qual Jesus facilmente se esquivou. Em seguida, Ele passou a mostrar que sua autoridade estendia-se além do poder sobre a natureza, a doença e até a morte, e também sobre os demônios.

Agora, Marcos relata um novo ciclo de acontecimentos que revelam a multiplicidade das reações ao ministério de Jesus. O povo de Nazaré rejeitava Jesus por pensar que já O conhecia (6.1-6). No entanto, Ele era capaz de dar aos discípulos autoridade sobre os espíritos malignos! (6.6-13). Nessa mesma ocasião, João Batista foi executado por Herodes, que preferia matar um homem que sabia ser inocente, a passar por algum constrangimento perante

aqueles que ele havia convidado para um jantar (6.14-29).

Depois vem uma fascinante seqüência dupla de acontecimentos. Cada um começa com a alimentação de uma faminta multidão, sugerindo a capacidade que Jesus tem para atender às mais básicas necessidades da humanidade. Depois de atravessar o mar, Ele toma parte em um áspero conflito com os fariseus e mestres da Lei. Jesus fala sobre o pão, e realiza um milagre de cura. Isso leva a multidão a expressar a sua admiração e, finalmente, a uma expressão de fé por parte dos discípulos.

Jesus entra em conflito com os fariseus	7.1-23	8.11-13
Jesus desperta admiração e fé	7.37	8.27-30

É fascinante identificar nesses dois capítulos a variedade das reações em relação a Jesus.

Seus vizinhos em Nazaré parecem sentir-se quase insultados pelo fato de um deles alcançar a fama.

Os 5.000 judeus que foram alimentados queriam aclamar Jesus como rei “à força” (Jo 6.14,15).

Os fariseus e mestres da Lei apegavam-se rigidamente às suas tradições apesar da destruidora crítica de Jesus à sua teologia.

Uma mulher pagã viu claramente quem Ele era e sua fé foi recompensada.

Outras multidões ficaram profundamente impressionadas com os poderes de Jesus, mas ao invés de responder com fé, eles ficaram simplesmente “sobremaneira admirados” (7.37).

Seus discípulos ainda continuavam confusos sobre o significado do que haviam visto, mas apesar da sua falta de entendimento, eles perceberam a verdade única e essencial: Jesus era o Cristo, o Filho de Deus.

Atualmente, assim como no primeiro século, homens e mulheres devem tomar uma decisão sobre Jesus. Marcos lembra que as provas estão aí, e cada um deve fazer sua escolha. Será que ficaremos simplesmente admirados e intimidados ou será que creremos em Jesus como Cristo, o Filho do Deus vivo?

ESTUDO DA PALAVRA

-

Não é este o carpinteiro? (6.3). Em Israel, ser carpinteiro representava uma ocupação insignificante. Embora trabalhar com metais fosse considerado uma arte, a carpintaria não era um trabalho de tempo integral. O carpinteiro utilizava ferramentas toscas, fixadas em pedaços de portas quebradas ou arados, fazia colheres e chaves de porta, e fabricava cadeiras e mesas rústicas. No oriente, as casas eram feitas de pedra ou de tijolos de barro, e a maioria dos utensílios domésticos era feita de cerâmica. Havia pouca utilidade para o trabalho artesanal que atualmente é feito pelos modernos carpinteiros.

Assim sendo, chamar Jesus de “carpinteiro” era uma forma de considerá-lo alguém que se ocupava de uma atividade insignificante. Como diríamos atualmente: “Ora, ele é apenas um diarista”. A profecia de Isaías cumpriu-se de forma completa! Ele “não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos. Era desprezado e o mais indigno entre os homens” (Is 53.2,3).

Não é este o filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? (6.3). Os judeus normalmente identificavam um homem pelo nome do pai e não da mãe – mesmo quando o pai já havia morrido. Por que então os vizinhos chamavam Jesus de “filho de Maria?” Esse versículo pode indicar a presença de

persistentes rumores de que Jesus havia nascido antes da consumação do casamento entre Maria e José, e sua crença de que seria um filho ilegítimo. De um lado, isso pode ajudar a explicar porque os vizinhos de Cristo "escandalizavam-se nele", e por outro lado talvez fosse um sutil apoio para o ensinamento das Escrituras sobre o nascimento virginal de Cristo.

"E não podia fazer ali obras maravilhosas; somente curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos" (6.5). No grego a frase é ouk edynato, "ser incapaz de". Geralmente, o verbo descreve o inerente poder físico, espiritual ou sobrenatural dos indivíduos. A dúvida aqui é a seguinte: como a atitude dos vizinhos de Jesus poderia limitar Seu inerente poder de realizar dynamis, ou "atos poderosos"?

Embora Marcos procure mostrar situações em que Jesus realizou milagres em resposta à fé, não podemos concluir que o fato dos vizinhos não acreditarem tenha realmente limitado o poder essencial de Cristo. Na verdade, Jesus não poderia agir por causa da responsabilidade moral para com seus vizinhos incrédulos. Ele não realizou milagres porque o povo de Nazaré também teria rejeitado essa prova, e isso teria fortalecido a descrença.

É impressionante que nessa época os próprios irmãos de Jesus não tenham crido nele (Jo 7.5). O fato de Jesus não ter realizado milagres em sua terra natal pode ter proporcionado um tempo para que a fé nascesse e crescesse na vida daquelas pessoas (At 1.14).

E começou a enviá-los de dois a dois (6–7). O Sinédrio também enviou rabinos aos pares como mensageiros especiais. Esse costume judeu, bastante arraigado, reflete aparentemente a exigência de que qualquer testemunho deve ser estabelecido sobre o testemunho "de duas ou três testemunhas" (Dt 17.6).

Dai-lhes vós de comer (6.37). A palavra "vós!" é um enfático pronome pessoal, incluído apesar do fato de o verbo já ter indicado com quem Jesus estava falando. Os discípulos eram muito sensíveis às necessidades da multidão, e isso era muito bom. Ao dizer "dai-lhes vós de comer", Jesus estava ensinando três lições. Primeiro, onde havia necessidade, os seguidores de Cristo tinham a

obrigação de atender. Segundo, temos em nós mesmos a capacidade de servir. E terceiro, se confiarmos nossos recursos a Jesus, Ele multiplicará o que temos e nos capacitará a atender às necessidades dos outros.

E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens (6.44). Mateus acrescenta que também havia “mulheres e crianças”. Esse número de pessoas reunidas é fantástico, pois pesquisas arqueológicas mostram que nessa época a população das cidades vizinhas de Cafarnaum e Betsaida era de apenas dois ou três mil!

Além de os discípulos não terem recursos para comprar pão para 5.000 pessoas, também não haveria uma quantidade de pães disponíveis nessa área para alimentá-las!

Perto da quarta vigília da noite, aproximou-se deles, andando sobre o mar (6.48). Marcos usa o sistema romano de marcação de tempo. A quarta vigília seria entre 3 e 6 da manhã. Na frase: “como o dia fosse já muito adiantado” (6.35), que se refere à ocasião em que Jesus alimentou as 5.000 pessoas, a expressão “muito adiantado” significa noite avançada.

“Comiam pão com as mãos impuras, isto é [cerimonialmente], por lavar” (7.2). Alfred Edersheim descreve a prática mencionada por Marcos em sua obra Life and Times of Jesus the Messiah:

Era costume retirar água com o que era chamado de natla, antila ou antelaya, feitas muitas vezes de vidro, e que deviam conter (pelo menos) um quarto de logue – uma medida igual a “uma casca de ovo e meia”. Nenhuma quantidade menor que esta poderia ser usada para a infusão. A água era derramada sobre as duas mãos, que deviam estar livres de qualquer cobertura como areia, argamassa, etc. As mãos eram erguidas para fazer com que a água descesse para os pulsos, a

fim de garantir que toda a mão tivesse sido lavada e que a água poluída pelas mãos não voltasse para os dedos. Da mesma maneira, cada mão era esfregada contra a outra, desde que essa outra tivesse recebido a infusão; caso contrário, podiam esfregar na cabeça ou mesmo numa parede. Mas havia um ponto especialmente importante. Na "primeira infusão" tudo que era originalmente exigido quando as mãos não estavam leviticamente "contaminadas", era que a água devia escorrer pelos punhos (chuts lappereq, ou ad happereq). Se a água não chegasse aos punhos, as mãos não estariam limpas. Portanto, as palavras de Marcos podem significar apenas que os fariseus "só comiam se lavassem suas mãos até os punhos" (vol. 2, p.11).

Como é trágico ficar preocupado com tais detalhes! Depois que Cristo realizou tais milagres fica absolutamente claro que a única questão que uma pessoa precisava enfrentar era quem Ele era.

Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos (7.21,22). Aqui, como acontece muitas vezes na Bíblia, a palavra "coração" representa o caráter essencial do indivíduo. A verdadeira virtude somente pode ser alcançada com uma mudança de coração e não através de práticas e rituais, de um compromisso ascético ou de tentativas de uma reforma pessoal.

Mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas dos filhos (7.28). A palavra grega escolhida por Marcos, é kynarioi, e significa "cachorrinhos" ou bichinhos de estimação. Obviamente, as necessidades das crianças da casa representam maior preocupação que as necessidades dos simples bichinhos; portanto as crianças devem ser alimentadas em "primeiro lugar". Mas a mulher pediu, por fé, as "migalhas" abandonadas. Ela viu, corretamente, que não havia limite para o provimento das bênçãos de Deus.

E comeram e saciaram-se; e, dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos (8.8). Superficialmente, poderia parecer que, depois de alimentar 4.000 pessoas,

sobrara menos alimento do que na ocasião anterior quando foram alimentadas 5.000 (“doze cestos cheios”, 6.43). Na verdade, aconteceu exatamente o oposto. Os cestos do primeiro milagre eram kophinos, ou embalagens de palha nas quais as pessoas carregavam alimento quando viajavam. Mas, aqui, eles eram spyris, ou gigantescos cestos para o armazenamento, suficientemente grandes para conter o apóstolo Paulo quando foi baixado dos muros de Damasco (At 9.25). A capacidade de Cristo de atender às nossas necessidades é, realmente, ilimitada.

Por que pede esta geração um sinal? (8.12). Aqui a palavra grega é semeion. Ela considera o milagre como um sinal de autenticação e não uma demonstração de poder. Jesus havia mostrado toda a extensão de sua autoridade em uma variedade de milagres que mostraram seu poder sobre a natureza, os demônios, a doença e até a morte. No entanto, os fariseus exigiam algum sinal “do céu” para autenticar sua afirmação de que havia vindo de Deus!

Jesus recusou-se a atender essa exigência. Eles já haviam rejeitado a extraordinária evidência de seus inúmeros milagres. Sem fé, eles rejeitariam qualquer feito maravilhoso que Ele viesse a realizar.

É interessante observar que Mateus 16.4 acrescenta: “Nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas”, fazendo referência à sua futura ressurreição. Mesmo quando aquela total e absoluta confirmação da afirmação de Cristo concretizou-se, os líderes de Israel ainda se recusavam a crer.

Até os milagres são impotentes para mudar a mente daqueles que simplesmente se recusam a crer.

Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes (8.15). Os rabinos usavam o fermento como uma metáfora para as maldosas atitudes dos seres humanos. A referência a “Herodes” é encontrada somente em Marcos. Lucas 12.1 diz “fariseus” e Mateus 16.6 diz “fermento dos fariseus e saduceus” identificando o “fermento” com seus ensinamentos (16.12). A abordagem feita às Escrituras, por esses grupos políticos, contém uma atitude pecadora que ao final irá corromper a própria Palavra que eles estão tão interessados em

compreender!

Por que, então, Marcos acrescentou o nome de Herodes? Talvez porque também Herodes quisesse um sinal (Lc 23.8). Mais provável ainda, porque Herodes, como os fariseus, não havia entendido o significado dos milagres de Cristo (Mc 6.14) e se recusava a atender às palavras de Jesus sobre quem Ele era. Se os fariseus representam aqui a cegueira individual perante Jesus, por causa da sua fé religiosa, Herodes representa o homem secular que, embora sobrecarregado por um sentido de culpa pelos atos que sabia muito bem estarem errados, permanece cego a quem Jesus era/é e cego à esperança que Ele oferece a cada homem.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Um Profeta Sem Honra (6.1-6). Veja os comentários sobre Lucas 4.14-30 e também a passagem paralela em Mateus 13.54-58.

Jesus envia os Doze (6.6-13). Veja os comentários sobre Mateus 10.1-34 e também Lucas 10.1-24.

João Batista é Decapitado (6.14-29). Veja também Mateus 14.1-12 e Lucas 9.7-9.

Contexto. Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande, era na verdade um tetrarca. Durante cerca de 30 anos ele obteve a permissão de Roma para governar a Galiléia e a Peréia. O nome de "rei" é apenas um título de cortesia.

João havia estado pregando principalmente em Peréia, “do outro lado do Jordão” (Jo 1.28), enquanto o ministério de Jesus estava focalizado na Galiléia. Tecnicamente, tanto João como Jesus operavam dentro da jurisdição de Herodes e sem dúvida esse governante tinha agentes para observar as multidões que se reuniam para ouvir esses dois populares pregadores.

Nessa situação, a evidente condenação de João a Herodes por “possuir a mulher de teu irmão” (6.18) criava um problema para esse governante fraco e pecaminoso. A primeira esposa de Herodes era filha do rei dos nabateus, cujas terras eram vizinhas das de Herodes. Anteriormente, havia sido travada uma guerra de fronteiras, e Herodes somente se salvou com a intervenção de Roma. Agora, ele havia descartado sua esposa e vivia abertamente com Herodias, que era casada com Herodes Felipe, outro filho de Herodes o Grande, e meio irmão de Antipas. Para complicar ainda mais a situação, Herodias também era sobrinha de Herodes, filha do seu outro meio irmão, Aristóbulo. Embora o casamento com uma sobrinha fosse aceitável naquela época, casar com a esposa de um meio irmão era considerado um incesto (Lv 18.16; 20.21). Mateus relata que João estava continuamente denunciando Herodes. Ele usa o modo imperfeito elegen, que significa “costumava dizer repetidamente”.

Essa acusação era perigosa para Herodes por dois motivos. Poderia alimentar uma posterior animosidade do seu sogro, Aretas. E também poderia estimular uma rebelião entre os judeus religiosos, escandalizados pelo comportamento de Herodes e apaixonados pela expectativa messiânica provocada pela pregação de João.

Assim, podemos entender porque Herodes resolveu prender João, e porque temia a reação do povo se mandasse executá-lo (Mt 14.5). Aparentemente, Herodes também estava aparentemente fascinado pelo “justo e santo” João (6.19,20) a quem ele protegia do violento ódio de Herodias.

Percebemos alguma coisa do caráter de Herodias, não só através dos relatos da sua escandalosa moral, mas também pelo fato de ter lançado sua filha, que provavelmente tinha de 12 a 14 anos, como dançarina. Embora nada no texto esteja indicando que a dança de Salomé fosse sensual, a situação de inferioridade e a péssima reputação das dançarinas servem como uma sugestão. Herodes gostou da dança e, de forma impensada, prometeu dar à menina, como recompensa, qualquer coisa que estivesse em seu poder.

Interpretação. A história contada por Marcos resultou da tola promessa feita por Herodes e da hostilidade de Herodias. Depois que Herodes fez sua promessa, a jovem perguntou à mãe o que devia pedir. Depois, disse ao rei: "Quero que, imediatamente, me dês num prato a cabeça de João Batista" (6.25).

Marcos nos conta que o rei "entristeceu-se muito" (6.26) com esse pedido. Ele sabia que era errado executar o "justo e santo" João. Mas estava mais preocupado com a sua aparência diante dos convidados.

É interessante notar que sua promessa: "Tudo o que me pedires te darei, até metade do meu reino" (6.23) acompanha uma fórmula usada pelos antigos governantes persas. Herodes que, na melhor das hipóteses, seria um governante menor, estava conscientemente imitando os poderosos e grandes reis do passado! Como é difícil para os homens pequenos, desesperados para parecerem maiores, admitirem que fizeram alguma tolice!

O que o poderoso Herodes deveria ter feito? Poderia ter censurado Salomé e Herodias também, e agido verdadeiramente como rei. Mas, ao invés disso, preferiu fazer o que sabia ser errado, simplesmente para preservar a falsa imagem que tentava desesperadamente mostrar aos bajuladores que compareceram ao banquete. E, assim, João morreu. Por causa da fraqueza de um homem tolo e mau.

Aplicação. A atitude de Herodes naquela noite nos proporciona um importante espelho para usarmos em nossa auto-análise. Será que somos heróis morais, como João, que enfrentou o mal dos poderosos? Ou será que somos moralmente covardes, como Herodes, mais preocupados com o que os outros poderão pensar do que em fazer o que é correto?

Quando fazemos a escolha de Herodes, com certeza prejudicaremos os outros. Porém, o mais importante é que com certeza nos colocaremos em uma armadilha. Os outros podem fazer de conta que nos admiram; mas o verdadeiro caráter daqueles que são moralmente covardes, que agem de modo a parecer que são fortes, é sempre descoberto – e as outras pessoas riem deles, pelas costas.

Jesus Alimenta Cinco Mil (6.30-44). Veja abaixo os comentários sobre Marcos 8.1-13.

Jesus Caminha Sobre as Águas (6.45-56). Veja as passagens paralelas em Mateus 14.22-36 e João 6.16-24.

Contexto. Os relatos dos Evangelhos estão de acordo quanto à ocasião, aos ventos que sopravam dificultando o progresso dos discípulos, e à aparição de Jesus caminhando sobre as águas. Somente Mateus nos fala a respeito do salto corajoso de Pedro sobre a lateral do barco para caminhar em direção a Jesus, e a repentina fragilidade da sua fé.

Existem várias razões para a omissão de Marcos. De um lado, esse fato não era necessário ao padrão que ele desenvolve (veja a exposição acima) e, de outro, Marcos poderia revelar a própria hesitação de Pedro ao contar essa história. Não porque isso poderia refletir negativamente sobre o discípulo, mas porque na verdade, seu reflexo é positivo!

Por que aquilo que Marcos escreve exibiria o ponto de vista de Pedro? Clemente de Alexandria (cerca 150-203 d.C.) registra uma tradição anterior de que "o Evangelho, de acordo com Marcos, foi solicitado em certa ocasião: Quando Pedro havia pregado publicamente a palavra em Roma e declarado o Evangelho pelo Espírito, aqueles que estavam presentes – e eram muitos – suplicaram a Marcos, pois ele havia seguido a Pedro durante muito tempo, lembrando das coisas que haviam sido faladas – que escrevesse as coisas que haviam sido ditas; e tendo feito isso, ele deu o Evangelho àqueles que haviam pedido. Mais tarde quando Pedro soube disso, ele nem impediu nem elogiou tal feito".

Interpretação. Mateus nos conta que quando Jesus identificou-se aos aterrorizados discípulos, Pedro gritou bem alto para Ele: "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas" (14.28). Quando Cristo respondeu "Vem", Pedro descendo do barco "andou sobre as águas" (14.29).

É comum focalizar a atenção no versículo seguinte: ele nos conta que quando Pedro "sentiu o vento" ele se assustou e começou a afundar. Essa frase pode parecer estranha, "sentir o vento", mas como F. F. Bruce observou: "Uma coisa é ver a tempestade do convés de um resistente navio, outra é senti-la no meio das ondas". A frase nos diz que de repente Pedro tomou conhecimento da

tempestade, embora antes tivesse tomado conhecimento de Jesus! Apenas quando seu olhar afastou-se de Jesus e viu as circunstâncias é que ele afundou nas águas.

No entanto, esse perigo serviu para lembrá-lo de Cristo, e ele gritou: “Senhor, salva-me”. E foi o que Jesus fez, estendendo sua mão, perguntando porque ele havia se comportado com “pouca fé”, e começado a duvidar.

Naquelas circunstâncias havia suficiente razão para ter dúvida! Mas o fato de Pedro ter saído com segurança do barco, em resposta ao convite de Jesus, devia ter apagado seus temores. Enquanto agirmos em obediência ao convite de Jesus, estaremos salvos, quaisquer que sejam os ventos que soprarem à nossa volta.

Então, como esse incidente reverte em favor de Pedro? Simplesmente por causa do seguinte: Em primeiro lugar, somente Pedro possuía coragem suficiente para abandonar o barco, e somente Pedro estava tão ansioso para estar com Jesus que implorou ao Senhor para chamá-lo. É isso, foi a coragem de Pedro e o seu comprometimento que fizeram dele o primeiro dos apóstolos. E essas qualidades o tornaram uma pessoa que os crentes de hoje devem procurar imitar.

Aplicação. Aqui existem muitas lições para nós. Mas talvez a mais importante é que aqueles que procuram estar perto de Jesus, e que respondem corajosamente ao Seu chamado, ainda estão vulneráveis às dúvidas. No entanto, quando conservamos nossos olhos em Cristo, estamos salvos. E mesmo quando momentaneamente desviamos os olhos do Senhor, Ele ainda está perto, para estender sua mão e nos levantar.

Puro e Impuro (7.1-23). Veja os comentários sobre Mateus 15.1-20.

A Fé da Mulher Siro-fenícia (7.24-30). Veja os comentários sobre Mateus 15.21-38.

A Cura do Surdo-Mudo (7.31-37). Veja também Mateus 16.13-15.

Contexto. A resposta do povo à cura milagrosa realizada por Jesus tem uma fascinante semelhança com aquela das multidões conforme está registrado em Mateus 16. A frase, Ele "tudo faz bem" (Mc 7.37), revela o mesmo tipo de exaltação que os discípulos relatam ao identificar Jesus com um dos grandes profetas da antiguidade.

O problema é que a resposta é inadequada. Ela poderia ser suficiente se Jesus fosse simplesmente um outro homem. Mas Cristo era o Filho de Deus. Ao invés de admiração, seus atos deviam gerar a fé.

Jesus Alimenta 4.000 (8.1-13). Veja também Mateus 14.13-21; 15.29,39, Marcos 6.30-44, Lucas 9.10-17 e os comentários sobre João 6.

Contexto. Embora o pão dos ricos fosse feito de trigo, e os pobres tivessem que se contentar com centeio, o pão era considerado o mais básico dos alimentos. Freqüentemente, o "pão" servia como metáfora para o próprio alimento, portanto era ele que sustentava a vida biológica. Dessa forma, quando Jesus disse: "Nem só de pão viverá o homem" (Mt 4.4), Ele estava afirmando que os seres humanos, embora matéria, também são seres espirituais que não devem ser dominados pelas necessidades ou exigências físicas.

Os milagres de Jesus, ao alimentar 5.000 e depois 4.000 pessoas, eram uma evidência dramática para todo o reino de Israel de que Cristo estava preocupado com as necessidades de cada ser humano. Entretanto, isso também estimulava uma resposta reveladora. Mateus 14.20 diz: "E comeram todos e saciaram-se" e João 6.15 nos diz que a multidão pretendia "arrebatá-lo, para o fazerem rei". A multidão estava mais excitada pela possibilidade de Jesus poder alimentá-la, do que pelo poder que Ele tinha para salvá-la de seus pecados.

Interpretação. Os milagres de alimentar milhares de pessoas com mínimos recursos foram registrados em Mateus, Marcos e João. Em João, o milagre serve como uma ocasião para Jesus pregar sobre o Pão da Vida. Fica muito claro em João que as multidões que comeram o alimento fornecido por Jesus estavam desafiadas a ver em seus milagres as provas de que Ele Próprio era o "verdadeiro pão" (Jo 6.32) enviado do céu por Deus para sustentar, não apenas fisicamente, mas o que é mais importante, a vida espiritual. Também está claro que as multidões rejeitaram a explicação de Cristo sobre o significado do Seu

milagre. Eles começaram a murmurar (6.41) e como as palavras de Jesus constituíam um "ensinamento difícil" muitos que eram antigos adeptos do Seu movimento "tornaram para trás e já não andavam com ele" (6.66).

Marcos e Mateus não contam nada disso. Na verdade, eles simplesmente nos pedem para ver o que Jesus fez e tirar nossas lições. Somente quando lemos João é que encontramos nas palavras de Cristo o profundo significado desse importante sinal.

Então, o que podemos aprender dos relatos dos sinóticos? Colocando lado a lado os acontecimentos, podemos observar suas semelhanças.

JESUS ALIMENTA 5.000 PESSOAS

Mateus 14.13-21

E Jesus, ouvindo isso, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades.

E Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, possuído de íntima compaixão para com ela, curou seus enfermos.

E, sendo chegada a tarde, seus discípulos aproximaram-se dele dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já avançada; despede a multidão, para que vão pelas aldeias e comprem comida para si.

Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão; dai-lhes vós de comer.

Então, eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

E ele disse: Trazei-mos aqui.

Tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos, à multidão.

E comeram todos e saciaram-se, e levantaram dos pedaços que sobejaram doze cestos cheios.

E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.

Marcos 6.30-44

E os apóstolos ajuntaram-se a Jesus e contaram-lhe tudo, tanto o que haviam feito como o que haviam ensinado.

E ele disse-lhes: Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer.

E foram sós num barco para um lugar deserto.

E a multidão viu-os partir, e muitos os conheceram, e correram para lá, a pé, de todas as cidades, e ali chegaram primeiro do que eles, e aproximavam-se deles.

E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas.

E, como o dia fosse já muito adiantado, seus discípulos aproximaram-se dele e lhe disseram: O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado; despede-os, para que vão aos campos e aldeias circunvizinhas e comprem pão para si, porque não têm o que comer.

Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-lhe: Iremos nós e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer?

E ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles, disseram: Cinco pães e dois peixes.

E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em grupos, sobre a erva verde.

E assentaram-se repartidos de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta.

E, tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, e os abençoou, e partiu, e deu-os a seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos.

E todos comeram e ficaram fartos, e levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.

E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens.

JESUS ALIMENTA 4.000 PESSOAS

Mateus 15.29-39

Partindo Jesus dali, chegou ao pé do mar da Galiléia e, subindo a um monte, assentou-se lá.

E veio ter com ele muito povo, que trazia coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos; e os puseram aos pés de Jesus, e ele os sarou, de tal sorte que a multidão maravilhou-se vendo os mudos a falar, os aleijados sãos, os coxos a andar, e os cegos a ver; e glorificava o Deus de Israel.

E Jesus, chamando seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que comer, e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho.

E seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão?

E Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E eles disseram: Sete e uns poucos peixinhos.

Então, mandou à multidão que se assentasse no chão.

E, tomando os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os a seus discípulos, e os discípulos, à multidão.

E todos comeram, e se saciaram, e levantaram do que sobejou sete cestos cheios de pedaços.

Ora, os que haviam comido eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças.

E, tendo despedido a multidão, entrou no barco e dirigiu-se ao território de Magdala.

Marcos 8.1-10

Naqueles dias, havendo mui grande multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou a si seus discípulos e disse-lhes:

Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo e não têm o que comer.

E, se os deixar irem em jejum para casa, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe.

E seus discípulos responderam-lhe: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?

E perguntou-lhes: Quantos pães tendes? E disseram-lhe: Sete.

E ordenou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães e tendo dado graças, partiu-os e deu-os a seus discípulos, para que os pusessem diante deles; e puseram-nos diante da multidão.

Tinham também uns poucos peixinhos; e, tendo dado graças, ordenou que também lhos pusessem diante.

E comeram e saciaram-se; e, dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos.

E os que comeram eram quase quatro mil; e despediu-os.

E, entrando logo no barco com seus discípulos, foi para as regiões de Dalmanuta.

Comparando estes textos, vemos inúmeras semelhanças.

As multidões vinham a Jesus sem serem convidadas. Apesar de Jesus precisar da solidão, Ele se entregava e curava os enfermos.

As multidões haviam deixado de trazer provisões para seu uso.

Os discípulos não queriam ter a responsabilidade de cuidar das necessidades da multidão e insistiram com Jesus para mandá-la embora.

Jesus foi movido pela compaixão para atender às necessidades da multidão (veja o Estudo da Palavra de Marcos 1.41).

Jesus utilizou os recursos que os discípulos possuíam. Os discípulos estavam assustados com o pouco que possuíam, desconhecendo a capacidade de Jesus de multiplicar esses recursos.

Cada uma das histórias nos conta que o povo “comeu e ficou saciado”. Cristo atendeu plenamente às suas necessidades.

Em cada caso, sobraram cestos cheios de alimento. Além de haver o suficiente, havia ainda muito mais se fosse necessário.

Aplicação. Embora possamos tirar lições de cada um das semelhanças observadas acima, talvez a mais significativa se encontre na natureza da necessidade e na resposta de Cristo.

A necessidade do alimento é uma das mais básicas da natureza humana. Jesus não estava preocupado somente com a condição espiritual do povo. Ele também foi movido pela compaixão pela fome física. Não poderemos representar adequadamente a Jesus se formos levados apenas pela necessidade de resgatar almas perdidas. Para representar Jesus devemos nos preocupar com os famintos, com aqueles que não têm onde morar, e com os oprimidos, da mesma maneira que Jesus preocupou-se com as multidões famintas.

Existe também uma lição para nós na reação dos discípulos à multidão. Entendemos que eles simplesmente não queriam aceitar a responsabilidade pelas necessidades de milhares de pessoas. Sua opinião de que as multidões deviam cuidar das suas próprias necessidades – talvez misturada com algum ressentimento – é certamente algo que a maioria de nós também já teve. Certamente, nós também estamos profundamente conscientes da nossa falta de recursos para atender às grandes necessidades da nossa sociedade. Jesus disse: “Dai-lhes vós de comer” (6.37). E depois Ele tomou daquilo que os discípulos haviam oferecido, aqueles pequenos filões de pão e alguns peixes, e os multiplicou para que fossem capazes de alimentar e saciar a todos.

Vamos abrir nossos corações aos necessitados, aceitar a responsabilidade,

caminhar na fé – e confiar em Deus para que Ele multiplique o pouco que temos.

O Fermento dos Fariseus e Herodes (8.14-21). Veja o Estudo da Palavra de 8.15 e a passagem paralela em Mateus 16.6-12.

A Cura do Cego de Betsaida (8.22-26). Veja a Exposição.

A Confissão de Pedro a Cristo (8.27-30). Veja os comentários sobre Mateus 16.13-20 e a passagem paralela em Lucas 9.18-20.

MARCOS 8.31–10.52

Ensinando seus Discípulos

EXPOSIÇÃO

-

Assim como Mateus, Marcos distingue claramente um ponto crítico no ministério de Cristo. Cada um deles registra suas primeiras demonstrações de autoridade messiânica, e identifica a intensificação das hostilidades dos líderes religiosos. Esse ponto crítico acontece quando Jesus pergunta aos doze apóstolos quem as pessoas pensam que Ele é, e depois lhes pergunta quem eles pensam que Ele é. Pedro responde por todos eles. As multidões pensam que Jesus é um profeta, mas seus discípulos sabem que Ele é o Filho de Deus (8.27-30).

A partir desse ponto, Jesus começa a falar sobre a sua futura morte e ressurreição, e os acontecimentos e as palavras são mais para o benefício das multidões do que dos discípulos.

Jesus prevê sua morte, e diz que cada um deles precisa "negar a si mesmo" (8.31-37). Quando três dos discípulos testemunham a Transfiguração, a

mensagem é clara: o sacrifício leva à suprema glória (8.38–9.13). Mas o fracasso dos discípulos de curar uma criança possuída por um espírito maligno enfatiza a necessidade da oração e de uma contínua dependência do Senhor (9.14-32).

Uma discussão entre os discípulos sobre quem seria o maior dá origem a um momento de ensino, e permite que Jesus insista na importância de se entender a liderança cristã como a atitude de servir (9.33-50). Sua rejeição às pretensões dos fariseus de serem árbitros da Palavra de Deus sobre o divórcio, vem reforçar a importância da resposta e da responsabilidade da pessoa perante Deus – e do Seu ensino de que os líderes são servos, e não senhores, no reino de Deus (10.1-16). Depois, as palavras de Cristo a um jovem rico lembram aos discípulos que os valores do reino não são os mesmos valores considerados por este mundo (10.17-31).

Outra seqüência de fatos, ao lado dos ensinamentos, resume a mensagem desses capítulos. Tiago e João fazem um apelo a Jesus pelos principais lugares do Seu reino e insistem, tolamente, que podem beber do cálice de Cristo (partilhar de seus sofrimentos e do seu compromisso) (10.35-40), e os outros discípulos ficam zangados com os dois irmãos. Jesus diz novamente

que o “primeiro” no seu reino não tem o poder “sobre” o povo de Deus e explica que a grandeza é expressa pelo ato de servir, modelado em sua própria disposição de dar a sua vida pelos outros (10.41-45). Depois Cristo mostra exatamente o que isso significa. Profundamente oprimido ao se dirigir a Jerusalém e à sua iminente morte, nosso Senhor ainda se detém para atender à súplica de um mendigo cego, perguntando: “Que queres que te faça?” (10.45-51).

Somente quando formos capazes de colocar de lado as nossas próprias necessidades para responder às dos outros é que teremos entendido realmente o que significa ser um seguidor de Jesus – e um líder da Igreja de Cristo.

ESTUDO DA PALAVRA

-

E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse muito (8.31). Jesus é a única pessoa que faz referência à sua pessoa como “Filho do Homem” e faz isso cerca de 81 vezes nos Evangelhos! Nos Salmos, esta frase significa simplesmente “homem” ou “ser humano”. Em Ezequiel ela é simplesmente a forma como Deus refere-se ao profeta. Mas em Daniel 7.13,14 ela se refere claramente ao Messias, o rei do escatológico reino de Deus. Em Marcos 8.31, e novamente em 9.9,12, a expressão Filho do Homem também representa um título messiânico. Jesus, o Messias, irá sofrer, mas ressuscitará.

Que título mais apropriado. Jesus morreu como ser humano, para que através da sua morte Ele pudesse transformar cada ser humano que cresse nEle.

Retira-te de diante de mim, Satanás! (8.33). Jesus pronunciou publicamente esta censura... “virando-se e olhando para seus discípulos”, embora estivesse falando diretamente a Pedro. Aparentemente, Pedro estava expressando a reação de todo o grupo quando insistiu com Cristo para evitar a cruz. Mas, de que modo Pedro era “Satanás”?

Simplesmente, porque estava tomando o lado de Satanás, tentando Jesus, para que Ele se abstivesse de cumprir a vontade de Deus, da mesma maneira que Satanás havia tentado Jesus na primeira vez (Mt 4.1-11). Se formos verdadeiros discípulos de Cristo, nada deve ter maior prioridade para nós – ou para aqueles que amamos – do que fazer a vontade de Deus a qualquer custo.

Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo... Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? (8.34,36). A autonegação nada mais é do que preferir a vontade de Deus quando ela estiver em conflito com aquilo que alguma parte de nós esteja querendo fazer. A frase “perder a sua alma” é uma expressão hebraica. Em hebraico a palavra nephes é usada muitas vezes como um pronome reflexivo, para indicar o “próprio homem”. A palavra grega equivalente, psuche, também é usada aqui com o mesmo sentido. O que os crentes perdem ao deixarem de escolher a vontade de Deus não é uma “alma” imaterial, mas a própria personalidade; as novas pessoas que se tornariam se suas vidas estiverem totalmente comprometidas com Jesus.

Jesus nos lembra que o mundo todo nada significa diante da importância de seguir a Jesus, e ser a pessoa que o Espírito de Deus pode nos ajudar a ser.

Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro? (9.11). Para uma discussão sobre a profecia de Elias e o lugar de João Batista, veja os comentários sobre Mateus 17.10-13.

Bom é o sal, mas, se o sal se tornar insulso, com que o adubareis? Tende sal em vós mesmos e paz, uns com os outros. (9.50). Assim como hoje, o sal era um mineral essencial na antiguidade. Era usado para temperar os alimentos e fertilizar o solo, e as soluções salinas possuíam uso medicinal. Na época do NT, o exército romano distribuía um pagamento em forma de sal, o salarium, aos seus soldados. Esta palavra nos parece familiar porque é a raiz da nossa palavra "salário".

Em Israel, o sal era extraído da saliência de um grande rochedo próximo ao Mar Morto e submetido à evaporação das águas desse mar. O sal dessa rocha estragava-se em altas temperaturas, e a umidade podia transformá-lo em lixívia. Dessa maneira, esse importante produto perdia sua salinidade e se tornava absolutamente inútil.

No contexto, o sal dos discípulos só fica preservado através de um completo compromisso com o Senhor. Sem essa característica, os seguidores de Cristo perdem o seu valor não só perante o Senhor, mas também perante o mundo.

Ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho (10.29). Jesus pode estar referindo-se à habitual prática dos servos de viver e comer na casa de seus senhores e de manter uma casa separada para suas próprias famílias. Os servos, ou aprendizes dos habilidosos artesãos, que viviam em suas próprias casas eram vistos com alguma suspeita. A não ser que estivessem disponíveis a qualquer hora que fossem solicitados, eles podiam ser suscetíveis de ter cometido um erro ao não colocar o senhor e sua família em primeiro lugar. E, um aprendiz que não vivesse com o mestre artesão era visto muitas vezes como um futuro e possível concorrente, e por esta razão o mestre não lhe ensinava todos os segredos do ofício.

Os discípulos podem ter entendido essas observações com o significado de que deveriam colocar em primeiro lugar os interesses de Jesus, até mesmo antes dos interesses das suas próprias famílias. Em seguida, a promessa de Cristo é assustadora. O ganho será muito maior do que qualquer "perda" que esta atitude envolva.

Jesus disse-lhes: Em verdade vós bebereis o cálice que eu beber (10.39). Freqüentemente, encontramos a imagem de um cálice no AT e no NT e ela indica a experiência pela qual deve passar um indivíduo ou um grupo. O cálice de Jesus era o sofrimento que Ele estava prestes a experimentar ao executar a vontade de Deus. Mas o cálice de Cristo também era a glória da ressurreição que o aguardava logo depois da cruz. Ao escolher o cálice de Cristo, você e eu escolhemos fazer a vontade de Deus, qualquer que seja o seu custo. Escolhemos com inteligência e completamente conscientes de que, depois de qualquer cruz que possamos ter que suportar, encontra-se uma eternidade repleta de alegria e glória.

Mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! Tem misericórdia de mim! (10.48). O nome “Filho de Davi” é um título messiânico. Bartimeu apelou a Jesus sabendo que Ele é o Libertador de Israel; assim, implorou que o Senhor lhe concedesse a libertação pessoal.

Embora a nação como um todo rejeitasse as afirmações messiânicas de Jesus (Jo 1.11), Ele nunca abandonou qualquer pessoa que o reconhecesse como Salvador. Apesar daquilo que as pessoas possam dizer, podemos estar certos de que se reconhecermos a Cristo como Ele é, Ele irá nos ouvir e suprir as nossas necessidades.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Jesus Prevê sua Morte (Marcos 8.31-38). Veja os comentários sobre Mateus 16.21-28 e passagem paralela em Lucas 9.22-27.

Transfiguração de Jesus (Marcos 9.1-13). Veja também as passagens paralelas

em Mateus 17.1-13 e Lucas 9.28-36.

Contexto. No primeiro século, assim como no judaísmo ortodoxo atual, o tema do "reino" está intimamente ligado à confiança de Israel de que, um dia, o Messias de Deus chegaria. No primeiro século, muitas aflições sofridas pelo judaísmo tornaram ainda mais intenso o anseio pelo aparecimento do Messias de Deus. A dominação romana significava pesados tributos impostos por estrangeiros que não tinham nenhum direito histórico sobre a terra concedida por Deus a Israel. Pilatos, então governador romano dessa terra, era cruel e indiferente às profundas convicções religiosas dos judeus. Talvez a maior das aflições tenha sido criada pelo aparecimento do próprio Jesus, pois seus ensinos e milagres despertavam um fervor messiânico ainda maior.

Como mostram os acontecimentos que se seguiram, os discípulos de Jesus esperavam que nosso Senhor estabelecesse um reino aqui na terra – e ansiosamente manobravam para conseguir funções de maior poder (10.35-45).

Embora a Transfiguração fosse sem dúvida uma maravilhosa revelação da natureza essencial de Jesus, no contexto ela era também uma poderosa manifestação da natureza do reino que o nosso Senhor pretendia estabelecer com a sua morte.

Interpretação. A chave para entendermos o pretenso significado da transfiguração é encontrada em 9.2, na frase "seis dias depois". O que havia acontecido antes dos seis dias? Jesus havia falado sobre a sua cruz e depois a glória, e feito uma promessa específica: "Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o Reino de Deus com poder" (9.1).

Não é costume de Marcos indicar um preciso relacionamento entre os eventos. A frase "seis dias depois" faz uma íntima ligação entre a transfiguração e a profecia de Cristo sobre a sua morte e ressurreição – e a promessa que fez aos discípulos de que alguns veriam "o Reino de Deus com poder".

Entre os dois, o segundo relacionamento é o mais significativo. Embora a transfiguração fornecesse uma confirmação visível da divindade de Cristo, os discípulos, perante os quais Ele havia exibido sua glória, já o haviam reconhecido através dos olhos da fé (8.29). Porém não haviam reconhecido a natureza do Seu reino: não entendiam a implicação de tomar a cruz e seguir a

Jesus a fim de receberem uma nova vida.

Então Jesus transfigurou-se diante deles e, nessa transformação, eles viram “o Reino de Deus com poder” (9.1). Eles viram Aquele que apareceu em sua encarnação como um homem comum, brilhar de repente com um extraordinário esplendor. O que eles viram era uma verdadeira transfiguração – uma transformação revolucionária do estado de um ser para outro. Um estado de ser que indiscutivelmente exibia a glória e o poder de Deus.

É nisso que a transfiguração de Jesus redefine o reino para seus discípulos. Quando, depois da morte e ressurreição de Cristo o reino de Deus vier “com poder”, a característica marcante desse reino não será exércitos de anjos marchando para esmagar o poder de Roma. O reino de Deus vem com poder a fim de mudar os seres humanos comuns em seres que escolheram seguir a Jesus. O reino, pelo menos até à volta de Jesus, consistirá em transformação, e não nas conquistas que eles desejavam!

Por que a presença de Moisés e Elias ao lado de Cristo no monte da transfiguração? Alguns sugeriram que Moisés foi o primeiro revelador do Messias e que Elias devia ser o último, como precursores do Messias. Mas, o mais significativo foi que tanto Moisés como Elias terminaram misteriosamente o seu tempo na terra (Dt 34.5,6; 2 Rs 2.11). Apesar das realizações desses dois grandes homens da fé, eles aparecem como seres humanos comuns – até o fim!

Certamente existirão evidências em nossa vida cotidiana quando o reino de Deus vier para nós com poder. Em nossa vida e morte, muitos olharão e verão somente o que há de comum. Até o fim!

Quando Jesus vier novamente, brilharemos com uma glória exatamente igual à sua. Então, seremos totalmente como Ele, completamente transformados, pois “porque assim como é o veremos” (1 Jo 3.2).

Aplicação. É bom nos preocuparmos com a sociedade e suas mazelas. Como cristãos, devemos cuidar dos pobres e dos oprimidos e fazer todo possível para estabelecer a justiça. Mas nunca devemos nos esquecer de que o atual reino de Cristo está primeiramente voltado à transformação dos indivíduos, e que o poder de Deus está disponível para conduzir cada ser humano a uma renovação interior e pessoal.

A Cura de um jovem que tinha um espírito maligno (Mc 9.14-29). Veja também as passagens paralelas em Mateus 17.14-23 e Lucas 9.37-45.

Contexto. Duas coisas que já foram estabelecidas em Marcos constituem um significativo antecedente para essa história. Primeiro, Cristo havia demonstrado sua autoridade sobre os espíritos malignos (1.23-25,34; 3.20-30; 5.1-20). Na verdade, Marcos 9 contém o último relato desse Evangelho sobre a expulsão de um demônio, e não o primeiro. A segunda coisa estabelecida anteriormente é que Cristo já havia delegado autoridade sobre os demônios aos seus discípulos – e que eles usaram essa autoridade com muito sucesso (6.7; 6.13).

Assim sendo, essa história é contada no contexto do estabelecido poder de Cristo sobre os demônios, um poder que os discípulos já haviam compartilhado, ainda que de forma breve.

Interpretação. Embora esta mesma história tenha sido registrada por dois outros Evangelhos, o relato de Marcos é o mais longo, proporcionando a maioria dos detalhes. Ele retrata, graficamente, como a confusão e a desordem dos “mestres da Lei” que estavam controlando as atividades de Jesus, agarram-se à oportunidade de lançar um espalhafatoso ataque quando os discípulos não conseguiram curar o menino epilético. A volta de Jesus interrompe a discussão e a multidão corre ao seu encontro.

Quando o pai relata nervosamente sua história, Jesus faz duas intrigantes observações e depois conversa com o pai sobre a fé. Em seguida, expulsa o demônio, que havia deixado a criança débil e exausta, porém livre finalmente. Depois de ajudá-la a se levantar, Jesus retira-se com seus discípulos e responde suas ansiosas perguntas, pois eles queriam saber porque foram incapazes de expulsar o demônio.

As questões interpretativas estão relacionadas com três aspectos.

Primeiro, com quem Jesus estava falando quando disse: “Ó geração incrédula!” (9.19), e o que significam as exclamações seguintes?

A maioria dos comentaristas acredita que Jesus estava expressando sua frustração e desapontamento com os discípulos por causa da observação que fez

sobre a “geração incrédula [apistos, “sem fé”]”. Embora essa caracterização esteja bem adequada à nação como um todo, caso seja aplicada aos discípulos ela irá fornecer uma outra pista para entendermos a terceira questão interpretativa.

As duas questões seguintes devem ser entendidas como exclamações. Alguns sugerem que a frase, “Até quando estarei convosco?”, reflete a frustração pela brevidade do tempo que restava para Cristo. Se os discípulos não haviam aprendido nos anos anteriores, como poderiam realizar alguma coisa poucas semanas depois? Por outro lado, a frase “Até quando vos sofrerei ainda” expressa frustração pela falta de maturidade espiritual dos discípulos.

Em segundo lugar, qual é o significado da conversa entre Jesus e o pai do jovem a respeito da fé? A frase dita pelo pai “Se tu podes” (9.22) está expressando claramente a sua dúvida. Ao responder, Jesus exige a crença e diz que “tudo é possível ao que crê” (9.23). Aqui, o ponto principal não é que a fé do crente permite a obra de Deus. Deus não está limitado pela nossa falta de fé. O detalhe é que nossa capacidade de receber é limitada pela ausência da fé.

A resposta do pai revela uma luta que existe em todos nós. Sua resposta, “Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade” (9.24) é a honesta confissão de um homem que tem fé suficiente para levar seu filho a Jesus, mas que continua a ser incomodado por dúvidas e temores. Aqui é importante observar que apesar dele ter confessado sua luta interior, Jesus ainda assim curou o seu filho. Cristo não exige uma fé inabalável a fim de agir por nós. Ele realmente nos exige uma fé suficiente para nos deixar abertos à possibilidade da intervenção milagrosa de Deus em nossa vida, por mais obscuras que sejam as dúvidas que pairam em nosso coração.

Em terceiro lugar, existem as questões interpretativas levantadas pela instrução posterior ministrada em particular aos discípulos que haviam falhado tão completamente ao expulsar o demônio. Aqui, muitos comentaristas entendem que a solução é relativamente simples. Os discípulos haviam crido que ainda possuíam o poder que lhes fora anteriormente concedido por Cristo. No entanto, nenhuma autoridade espiritual é inerente aos dons de Deus; toda autoridade espiritual é exercida por Deus através dos agentes por Ele escolhidos.

Portanto, assim vemos a importância da oração, não como um ritual, mas como a expressão de uma humilde e consciente dependência de Deus. Os discípulos

haviam abordado essa cura sem este tipo de fé, como revela a primeira exclamação de Cristo (9.19).

Aplicação. Ao resolver as questões interpretativas, vemos claramente que todo esse acontecimento está dirigindo nossa atenção à natureza e ao papel da fé na nossa vida. Ele nos ensina pelo menos duas profundas verdades.

A primeira é que, embora Jesus tenha todo poder, é necessário ter fé para abrir nossa vida à experiência desse poder. Isso não significa que devemos ter uma fé perfeita. Em todos nós, a fé e a descrença permanecem em contínua tensão. Mas devemos ter fé suficiente para buscar a Jesus, pedindo que Ele trabalhe a nosso favor.

A segunda verdade é que, se queremos ser usados por Deus para abençoar a vida de outras pessoas, nossa fé deve estar dirigida a Deus e não a quaisquer dons que Ele possa nos ter concedido. A fé que existe como uma contínua dependência do Senhor – uma fé expressa muitas vezes pelo próprio Jesus na oração – pode nos transformar em canais de bênçãos aos semelhantes.

Então, é muito importante permanecer enraizado na simples convicção de que "Jesus pode" e que "Somente Jesus pode". Se construirmos nosso relacionamento com Deus sobre essas duas realidades, teremos fé suficiente para experimentar a obra de Deus em nossa vida, e sermos seus agentes, ministrando para os demais.

Jesus Fala Sobre Ser Grande (Marcos 9.33-50). Veja os comentários sobre Mateus 18–20 e a passagem paralela em Lucas 9.46-50.

Jesus e o Divórcio (Marcos 10.1-12), e Jesus e os Pequeninos (Marcos 10.13-16). Veja os comentários sobre Mateus 19.1-15 e uma passagem paralela em Lucas 18.15-17.

O Jovem Rico (10.17-31). Veja as passagens semelhantes em Mateus 19.16-30 e Lucas 18.18-30.

Contexto. Em toda sociedade, qualquer pessoa que tiver a oportunidade de escolher provavelmente irá preferir a riqueza à pobreza. No judaísmo a riqueza era considerada uma dupla bênção de Deus. A pessoa rica era não só abençoada pela sua prosperidade, como tinha a oportunidade de usar sua riqueza em benefício dos outros, e assim alcançar mais méritos.

Assim como a Bíblia, os escritos judaicos intertestamentários deixam claro que a riqueza não é uma bênção "simples", "sem mistura". Os seres humanos podem ser ludibriados pelo seu desejo de ouro, e colocar sua confiança na riqueza e não em Deus. Na verdade, uma pessoa má que tenha riquezas, tem a possibilidade de obedecer às suas malévolas tendências e, dessa forma, ficar muito pior do que outra cuja pobreza limita sua capacidade de viver em pecados.

No entanto uma pessoa rica, que também fosse boa, recebia uma especial admiração no judaísmo e sua riqueza era considerada uma bênção simples. Ben Sira, escrevendo um século e meio antes de Cristo, descreve uma pessoa muito parecida com o jovem que agora se aproxima do nosso Senhor:

Feliz é o rico que se encontra sem pecado,

Que não se afasta por causa da riqueza!

Quem é ele, para podermos louvá-lo?

Ele, de todos os seus, realizou maravilhas,

Pois foi testado pelo ouro e se manteve a salvo.

E esta continua sendo a sua glória.

Ele poderia ter cometido um pecado, mas não o fez,

Poderia ter feito o mal, mas não o faria,

Portanto, suas posses estão seguras,

E a assembléia relata seus louvores.

Todos os mandamentos que regem o relacionamento entre os homens haviam sido cuidadosamente observados pelo mancebo “desde a sua mocidade” (10.20). Ele não havia usado sua riqueza para fazer o mal, mas estava completamente comprometido com o bem. Sua sinceridade é confirmada por Marcos, que observa que “Jesus olhando para ele, o amou” (10.21).

Interpretação. A completa sinceridade da resposta desse jovem rico e o afetuoso amor de Jesus representam a chave para compreender esse acontecimento.

Alguns se prendem à pergunta de Cristo: “Por que me chamas bom? (10.18) e argumentam que aqui Cristo rejeitou, abertamente, a afirmação posterior da igreja de que Ele era Deus encarnado. Entretanto, pretende-se exatamente o oposto: Não me chame “bom” a não ser que esteja pronto para dar seqüência às implicações desse título e confessar que Eu também sou o seu Deus. Esse ponto é vital para a nossa interpretação. Mas ele só é relevante porque o jovem rico estava verdadeiramente comprometido com os mandamentos no seu relacionamento com os outros homens. Ele era, por todos os testes humanos, o próprio “homem bom”.

Depois Jesus surpreende o suplicante e também seus ouvintes quando diz “Vai, e vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me” (10.21). Por que Jesus faria essa especial exigência a esse homem em particular?

Em resumo, a resposta é que a ordem de Cristo tem a intenção de mostrar ao jovem, que tinha uma vida tão boa, que de fato ele é um pecador que necessita de um Salvador. Como? O primeiro mandamento da Lei é que o indivíduo deve colocar Deus em primeiro lugar e amá-lo completamente. Ao fazer sua exigência, Jesus falava como o Deus de Israel (daí a pergunta em 10.18). E quando o rosto do jovem ficou pesaroso e ele “retirou-se triste” (10.22) ficou revelada uma terrível e escondida verdade. Apesar de todas as suas boas obras, em última análise a riqueza desse jovem era mais importante para ele do que Deus!

A subseqüente observação de Jesus: “Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!” (10.23) desvenda o verdadeiro engano da riqueza.

Não é que a riqueza pode corromper ainda mais os pecadores. O verdadeiro perigo é ela corromper o homem bom! O verdadeiro perigo é uma pessoa boa poder ficar tão dependente do bem que faz com sua riqueza que poderá deixar de depender completamente do Senhor. O verdadeiro perigo é essa pessoa boa deixar de perceber que é pecadora, e ficar cega ao defeito que existe em seu relacionamento pessoal com Deus.

Aplicação. De acordo com a história, alguns entenderam as palavras de Cristo ao jovem rico como um mandamento para todos entregarem suas riquezas terrenas. Absolutamente, não é nada disso. As palavras de Cristo foram ditas a uma pessoa em especial, e embora elas contenham uma lição para todos nós, a ordem estava dirigida somente a ele.

Portanto, qual é a lição que pode ser tirada para nós? É certo que nem o humanitarismo nem a benevolência podem substituir um relacionamento pessoal com Deus. Também é certo que a riqueza não é um sinal seguro do favor divino.

Talvez a lição mais importante seja um pouco sutil. Até mesmo aqueles a quem Jesus ama podem estar enganados ao fazer o bem por amor a Deus. E embora o amor a Deus nos leve a praticar o bem, também é errado acreditar que fazer o bem seja, em si mesmo, uma prova de estarmos servindo a Deus. O trágico dessa história é que, assim como o mancebo, podemos estar inconscientemente servindo a nós mesmos – e somente a exigência de entregarmos aquilo que não sabemos que amamos mais do que a Deus, é que fará com que de fato passemos a amá-lo acima de tudo e de todos.

O Pedido de Tiago e João (Marcos 10.32-41). Veja também as passagens paralelas em Mateus 20.17-28 e Lucas 18.31-34.

Contexto. A análise mais significativa desse incidente nos é dada em Mateus 20 e é esse Evangelho que tem a melhor descrição no seu contexto. Vemos nele que o evento descrito é um dos elementos do ensino de Cristo aos seus discípulos sobre a grandeza. Como contexto, veja a Exposição que identifica o argumento desses capítulos.

Em resumo, esse incidente no qual Tiago e João utilizam sua mãe para pedir a Jesus os principais lugares de poder em Seu reino, criou um oportuno momento de ensino sobre o que realmente envolve a liderança no Seu reino.

Interpretação. Apesar do ensino anterior de Cristo, os discípulos ainda imaginam

um reino na terra sobre o qual Cristo irá reinar como um Messias/Rei. Para os ansiosos irmãos, sentar-se à direita ou à esquerda (10.37) significa ser o segundo em poder, logo abaixo do Próprio Rei.

A resposta de Cristo (10.38-40) enfatiza o fato de que aqueles que são importantes no reino, como esses discípulos, deverão compartilhar o Seu cálice e o Seu batismo. Eles deverão e experimentarão aquilo que Ele experimentou, em termos de compromisso e obediência. Mas o poder na era futura, na era da suprema e completa expressão do reino na terra, não é algo que esteja em questão hoje.

As palavras dos dois irmãos, em sua tentativa de conseguir uma vantagem pessoal, irritam os outros discípulos e criam um ambiente favorável para o ensino de Jesus a respeito da liderança espiritual. Ao contrário da "autoridade dos gentios" (10.42), dos príncipes e governadores que exercem um poder coercitivo "sobre" seus súditos, o líder espiritual no reino que Cristo está prestes a estabelecer, deve viver "entre" (10.43) seus cidadãos como um "serviçal" (10.43) e um "servo" (10.44). Ao contrário dos outros, como fazem os poderes seculares, aqueles que têm autoridade no reino de Jesus devem se modelar conforme o Senhor, e servir ao invés de serem servidos e até darem a própria vida em benefício dos outros.

Aplicação. Essa passagem dá uma importante contribuição ao ensino do NT sobre a liderança na Igreja. Ela faz o contraste entre dois modelos – o modelo secular e o modelo originário do comportamento de Cristo.

O modelo secular é tradicional e hierárquico. O rei está acima de todos, sua vontade e seus propósitos são fundamentais, e as outras pessoas são usadas por ele para conquistar maior glória. Cristo, ao contrário, embora dotado de toda autoridade pelo Pai, viveu entre os seres humanos como servo e usou do Seu poder em benefício dos outros, e assim fazendo revelou seu amoroso e divino coração.

Em vista desse claro contraste, é difícil entender como os cristãos podem exaltar seus sacerdotes ou pastores por causa do papel que têm "sobre" o rebanho – ou ainda como os sacerdotes e pastores podem entender que seu papel lhes dá o direito de recrutar outros para servirem às suas visões ou promoverem a sua própria proeminência pessoal. Os líderes espirituais, ao contrário, devem subordinar seus interesses às necessidades do rebanho e, ao invés de usarem

alguém, devem permitir que sejam usados, como Cristo foi usado em benefício dos feridos e perdidos.

Como isso é difícil de ser entendido, e como é difícil de ser colocado em prática. No entanto, a ordem de Cristo em relação à liderança é clara: “Entre vós não será assim” (10.43). A igreja é diferente, e seus líderes devem modelar a sua liderança em Cristo, o Servo, e não nos poderosos desse mundo.

O Cego Bartimeu Recebe sua Visão (Marcos 10.46-52). Veja as passagens paralelas em Mateus 20.29-34 e Lucas 18.35-43.

Contexto. Os Evangelhos, e mais tarde João em suas Epístolas, relatam freqüentemente várias situações em que a visão e a cegueira servem como metáforas contrastantes. Muitas vezes, pessoas sem a visão física vêm Jesus claramente e o reconhecem como Filho de Deus, enquanto outros cujos olhos vêm a figura de Jesus são cegos ao significado das suas palavras e das suas obras.

Aqui, um outro cego ouve que Jesus está passando e seu grito “Jesus, Filho de Davi” (10.47) deixa bem claro que Bartimeu reconhece Jesus como o Messias predestinado a nascer da linhagem de Davi.

Mas aqui a história não tem a intenção de fazer uma distinção entre a visão física e espiritual. Ela explora as implicações do ensino de Cristo (discutido anteriormente) sobre a liderança do servo.

Interpretação. Jesus está viajando através de Jericó até Jerusalém. Suas predições anteriores (8.31-33; 10.32-34) deixam claro que Ele está perfeitamente consciente do significado dessa viagem. Muito breve as lágrimas derramadas no Getsêmani revelarão a grande tensão sob a qual Ele está vivendo agora. Então, quando Jesus passa por Jericó, sua mente está repleta de pensamentos sobre aquilo que o espera, com alegria pela realização da vontade de Deus, mas com angústia pela certeza daquilo que essa vontade envolve em relação a Ele.

Certamente, se alguma pessoa tinha o direito de estar preocupada com seus próprios assuntos, esta seria o próprio Senhor Jesus ao passar por Jericó naquele dia.

No entanto, embora a multidão afastasse o cego, Jesus parou mandou que o chamassem. E, de repente, entendemos que o contraste que Marcos procura

identificar não é entre o cego e os que vêem, mas entre a reação da multidão e a de Jesus perante o cego.

Para a multidão, o cego era uma pessoa sem importância, um qualquer que deveria ser censurado e silenciado. Todos os olhos estavam fixos em Jesus, aquele sobre o qual giravam as controvérsias, cujo Nome estava nos lábios de todos. Aos olhos da multidão, só Jesus era importante e o cego era totalmente insignificante.

E, sob certo sentido, eles estavam certos. Jesus, o Deus encarnado é, sem dúvida, o coração e o centro não só da nossa fé, mas da própria história do universo. No entanto, naquele momento, Jesus "virou todas as coisas de cabeça para baixo". Pois Ele deixou de lado as suas preocupações, a sua visão da cruz, a angústia da sua alma, o seu senso de propósito, e o seu inabalável compromisso de fazer a vontade de Deus nos próximos dias, que seriam absolutamente estressantes – e parou por causa de um cego. Ele perguntou: "Que queres que te faça?"

Nesse ato, ao mostrar sua disposição de servir a essa pessoa, que para a multidão era desprezível, Jesus virou todas as coisas "de cabeça para baixo". Em uma admirável demonstração, o Senhor do Universo tornou-se servo de Bartimeu, servindo a um cego que pelo mundo era considerado inútil e necessitado.

E assim começamos a sentir o que quer dizer para o importante, no reino de Deus, tomar o lugar do serviçal; e para os líderes, tornarem-se servos dos cidadãos. Como Cristo, escolhemos livremente afastar nossas preocupações – embora elas pareçam ter uma grande importância – e preferimos responder às aflições dos humildes. Nós nos tornamos servos, sem nos tornarmos súditos da vontade dos simples seres humanos; mas, pela vontade de Deus, nos tornamos subservientes para podermos atender às suas mais profundas necessidades.

Não é aquela pessoa que todos admiram pelos grandes edifícios, ou fabulosas conquistas, que é grande no reino de nosso Senhor. É aquela que tem uma missão, que entende que a dor e o sofrimento, experimentados por aqueles que são considerados insignificantes, são tão importantes para Deus, que Ele interrompe sua missão para suprir as necessidades humanas.

MARCOS 11–13

A Última Semana

EXPOSIÇÃO

-

Passamos agora para o reino daquilo que é bastante familiar. Jesus chegou a Jerusalém, e os eventos de sua última semana, aqui tão bem conhecidos quanto um amigo íntimo, desdobram-se rapidamente.

Cada um dos escritores dos Evangelhos dedica quase um terço de sua biografia a esta semana singular. Visto que Jesus ministrou três anos ou mais, fica claro que aquilo que aconteceu durante esta semana é de suma importância. Durante estes poucos dias, a reivindicação de Jesus de ser o Messias é especialmente divulgada, desafiada e finalmente rejeitada por seu povo. No final da semana, o espectro negro da cruz é levantado, e em uma surpreendente exibição de ironia, aquele que entrou em Jerusalém em triunfo apenas alguns dias antes, é pregado em uma cruz, ficando pendurado entre os céus em trevas e a terra manchada de sangue. Tudo o que acontece agora é o prelúdio, avançando para aqueles momentos

finais.

O que ocorre? Jesus entra em Jerusalém para alegrar as multidões que se reuniram para a festa anual da Páscoa (11.1-11). No dia seguinte Ele retorna, expulsa aqueles que fazem negócios nos pátios externos do templo, e ensina as multidões ali antes de voltar para Betânia ao anoitecer (11.12-19). Retornando na manhã seguinte, os companheiros de Jesus vêem os resultados da maldição proferida anteriormente por Cristo a uma figueira sem frutos (11.12-14,20-25). Este evento nos prepara para uma série de confrontações com os líderes de Israel, cujas abordagens estéreis à religião são simbolizadas pelos ramos estéreis e ressecados. Quando os líderes desafiam a autoridade de Cristo (11.27-33), Ele conta uma parábola que revela os motivos pelos quais o rejeitavam – eles querem para si mesmos a glória que pertence unicamente a Deus (12.1-12). Furiosos e frustrados, os inimigos de Cristo tentam apanhá-lo em uma armadilha com perguntas sobre os impostos e a ressurreição (12.13-27). Mas um único "doutor da Lei" reconhece a exatidão da resposta de Cristo, nos lembrando que havia homens íntegros em Israel tanto no século I, como em todas as épocas (12.28-34). Cristo então faz uma pergunta sobre o Salmo 110.1, uma pergunta cuja resposta claramente exigia a

admissão de que o Messias teria que ser Deus encarnado, uma resposta que os líderes claramente não estavam dispostos a dar (12.35-40). Marcos agora relata um incidente final que outra vez tem uma importância simbólica. Jesus observa adoradores depositando ofertas voluntárias na arca do tesouro do templo, e aponta uma pobre viúva cuja oferta, embora pequena, é tudo o que ela tem. Que imagem de entrega total – e que contraste com os líderes de Israel que não estavam dispostos a entregar a sua posição e assim friamente rejeitaram o chamado de Cristo para reconhecê-lo como Senhor.

Marcos (13.1-37) agora apresenta um breve resumo de um tema ao qual é dado um extenso tratamento por parte de Mateus. Quando os discípulos comentam sobre as maravilhas do templo, Jesus observa que toda pedra será derribada. Esta informação espantosa levanta uma pergunta vital. O que Israel realmente pode esperar? O povo de Deus, representado por seus líderes, decisivamente rejeitou cada reivindicação de Cristo. O que o futuro reserva agora? E como Cristo estabelecerá o seu reino na terra?

ESTUDO DA PALAVRA

Hosana! (11.9) A palavra literalmente significa “Salve agora”, mas no século I era proclamada como uma exclamação de louvor.

Bendito o que vem em nome do Senhor! (11.9) Esta frase do Salmo 118.25,26 servia como uma saudação usada para receber alegremente peregrinos que entravam em Jerusalém para adorar durante as Festas do Tabernáculo e da Páscoa. A sua ligação aqui com o que é claramente uma exclamação messiânica, “Bendito o Reino do nosso pai Davi!” (11.10) sugere que o salmo também possuía implicações messiânicas.

Porém, o que parece claro à medida que a semana se desdobra, é que as multidões esperavam que Jesus agisse como o Messias, não que as suas “Hosanas” fossem uma evidência de sua disposição de se submeterem à sua autoridade. É bastante freqüente as pessoas buscarem a Deus em seus próprios termos, pelo que Ele fará por elas, em vez de buscarem a Deus nos termos dele, como criaturas ávidas por se submeterem ao seu Criador.

E Jesus, entrando no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo (11.15). A área do “templo” referida aqui é a do pátio externo, aparentemente o “pátio dos gentios”. Comprar e vender ali era permitido pelos sacerdotes que supervisionavam os comerciantes que vendiam animais para o sacrifício e trocavam moedas estrangeiras pela “moeda do templo”.

A estes homens de negócio era permitido cobrar uma taxa de 1/24 do valor de qualquer dinheiro trocado, para cobrir o desgaste na cunhagem. Mas a família do sumo sacerdote, que controlava o templo naquela época, foi lembrada pelas gerações posteriores por sua avidez e ganância. A caracterização que Jesus fez do mercado como um “covil de ladrões” (11.17) certamente sugere que na prática os limites razoáveis que a tradição decretava eram excedidos em muito.

A inspiração mais fascinante é obtida a partir da citação de Cristo de Isaías 56.7; a casa de Deus deve ser chamada “por todas as nações casa de oração” (11.17).

Até mesmo o pátio dos gentios, não considerado por Israel como parte do templo em si, era na verdade santo, porque o Senhor Deus pretendia desde o princípio ajuntar todas as nações para si mesmo.

Devemos ser cuidadosos ao definir os outros como estando fora do círculo do amor de Deus. E devemos ser cuidadosos para que, onde quer que estejamos e o que quer que façamos, honremos o nosso Senhor.

Qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito (11.23). No século I, um “monte” freqüentemente servia como um símbolo de grande dificuldade. A maioria acredita que Cristo estava falando metaforicamente, e que as suas palavras têm a intenção de nos lembrar que a oração é um recurso para a pessoa de fé, que confia em Deus e espera firmemente que Ele aja em seu favor neste mundo atual.

Perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas (11.25). Alguns, como A. T. Robertson, presumem que “evidentemente a disposição de Deus para perdoar é limitada pela nossa limitação para perdoar aos outros”. Para Robertson, “este é um pensamento solene para todos aqueles que oram”.

Sem dúvida alguma, em nosso texto há uma ligação muito próxima entre a oração e o perdão. Mas não devemos presumir que a nossa falha em perdoar limita a Deus. Em vez disso, aquele que possui um espírito que não perdoa, fica limitado. Um espírito que não perdoa fecha tanto o coração, que a própria pessoa não fica aberta para receber o perdão que Deus tão livremente estende a todos. Além disso, ao fecharmos o nosso coração a Deus, nos trancamos do lado de fora da consciência da presença de Deus, que é essencial se quisermos crer sem duvidar.

Não devemos concluir que aquilo que fazemos pode separar Deus de nós. Mas nunca nos esqueçamos de que as escolhas que fazemos podem nos separar de Deus!

Tememos o povo, porque todos sustentavam que João, verdadeiramente, era profeta (11.32). Que ironia cada um dos Evangelhos expressa nesta descrição dos líderes temerosos e hesitantes de Israel. Os líderes se ofendem com as palavras e ações ousadas de Cristo, e exigem que Ele justifique a sua reivindicação implícita de autoridade. Quanto a si mesmos, os líderes se sentem seguros em sua reivindicação de se sentarem no lugar de Moisés (Mt 23.2) como os intérpretes reconhecidos da Palavra de Deus e de sua vontade contemporânea.

Esta reivindicação é refletida nesta máxima da Torá, encontrada em Sanhedrin 11.3, onde se lê:

11.3 A. Uma regra mais severa se aplica aos ensinos dos escribas do que aos ensinos da Torá.

B. Àquele que rege, “Não há uma exigência de usar filactérios”. Quanto à transgressão dos ensinos da Torá, está isento.

C. [Mas se ele dissesse,] “Há cinco divisões [no filactério, em vez de quatro]”, a fim de acrescentar algo ao que os escribas ensinaram, seria responsabilizado.

Que fascinante a reação destes escribas quando Jesus lhes faz uma pergunta que estão com medo de responder. De repente, a reivindicação de “autoridade” deles parece realmente vazia. Se eles realmente possuíssem uma autoridade como a de Moisés, uma autoridade que viesse de Deus, com certeza teriam que saber se João Batista era ou não profeta. E eles seriam compelidos, por uma questão de dever, a instruir o povo.

Que irônico. As pessoas que mais se ressentem daqueles que realmente possuem autoridade espiritual, são os próprios embusteiros. Eles querem ser importantes, mas na verdade são vazios e ocos. A pergunta de Jesus sobre João expôs este vazio, como todos os embusteiros devem finalmente ser expostos.

Um homem plantou uma vinha... e arrendou-a a uns lavradores (12.1). Esta história, como tantas ilustrações de Jesus, tocava em pontos que lhes eram familiares. Por volta do século I, a formação de grande propriedade, real e privada, causou a expulsão de muitos lavradores de suas terras, e os proprietários, ou arrendavam as terras a arrendatários ou contratavam trabalhadores diaristas para trabalharem em seus campos.

Havia várias categorias de arrendatários: o aris, que pagava um arrendamento de meio ou um terço da colheita; o sokher, que pagava uma quantia fixa em dinheiro, e o hoker, que pagava uma quantia fixa em produto. Havia também o shatla, que desenvolvia a terra enquanto pagava metade do produto em arrendamento e, quando ela se tornava lucrativa, ele recebia parte dela. O importante é que cada classe de arrendatários, que viviam e trabalhavam na terra, devia o arrendamento para a pessoa que a possuísse.

A parábola de Jesus não especifica o tipo de arrendatário envolvido aqui, embora a partir de 12.1 fique claro que o proprietário (Deus) havia investido os seus próprios recursos para preparar a terra para a geração de frutos. O que Jesus argumenta é que Deus, como proprietário da Terra Prometida e de seu povo, merece ao menos parte “do fruto” (12.2) de sua própria vinha! Mas quando Deus tenta recolher o que lhe é devido, os seus representantes são rejeitados e brutalizados pelos arrendatários, porque eles querem tudo para si mesmos.

Então, em uma tentativa final para alcançar os seus arrendatários, Deus envia a seu Filho “amado” (12.6). Agapatos, traduzido como “aquele que Ele ama”, é muito provavelmente usado aqui no sentido da Septuaginta de Filho “único”.

Estava claro para todos os ouvintes de Jesus que a alegoria era tanto uma reivindicação ousada feita por Jesus sobre o relacionamento especial com Deus, como um ataque sobre a reivindicação dos líderes religiosos de servirem aos interesses de Deus. Na verdade, Jesus acusa-os de negarem a Deus até mesmo parte “do fruto” que lhe é devido.

Então, ele [Jesus], conhecendo a hipocrisia daqueles homens (12.15). A hipocrisia consiste em alguém mascarar a sua intenção real, representando um papel para parecer bom para os outros. A hipocrisia dos fariseus é evidente em seus elogios iniciais e proferidos sem qualquer sinceridade. Também é evidente

que a pergunta deles não foi feita como parte de uma busca pela verdade, mas com o intuito de apanhar Jesus em uma armadilha, em um pronunciamento que alienaria o povo ou forneceria a base para uma acusação contra Ele junto às autoridades romanas.

O incidente pode servir como uma advertência para nós. Quando aqueles que são hostis a nós se aproximam com elogios excessivos, provavelmente pretendem nos fazer mal. Porém mais importante, somos advertidos a verificar os nossos próprios motivos, e termos a certeza de que em nosso relacionamento com os outros, somos honestos em nossa própria busca pela verdade e em nosso compromisso com o amor.

Serão como os anjos nos céus (12.25). O idioma grego utilizado por Marcos e Mateus diz literalmente “como os anjos nos céus”. Lucas 20.36 apresenta isanggeloi, “iguais aos anjos”. Isto não significa que os salvos se tornam anjos, mas, quando ressuscitados, tornam-se como aqueles seres angelicais criados diretamente por Deus, que não se casarão nem procriarão.

Há uma mensagem importante nisto. Os fariseus, que criam na ressurreição, presumiam que a vida no mundo futuro seria muito parecida com a vida neste mundo. A resposta de Jesus nos lembra que não sabemos realmente como será o mundo verdadeiro, ou não temos nenhuma noção de que maravilhas nos aguardam. Podemos, no entanto, ter certeza disto. Quando a morte vier, continuaremos a viver em Deus, e seremos ressuscitados a uma vida corpórea e eterna. Certamente aquele que criou o mundo maravilhoso em que agora vivemos, planejou maravilhas ainda maiores para aquele dia futuro.

Eu sou o Deus de Abraão (12.26). Como muitos têm observado, a interpretação de Jesus de Êxodo 3.6 expressa aqui, depende do tempo do verbo. Deus não se anunciou aos ancestrais como aquele que era o Deus de Abraão, mas como aquele que é o Deus de Abraão. Portanto, Abraão ainda deve viver na presença de Deus, embora ele tenha morrido há muito tempo atrás.

Quão confiáveis e fidedignas são as Escrituras, que desvendam realidades ocultas em cada frase, e em cada passagem.

Qual é o primeiro de todos os mandamentos? (12.28) Veja o estudo da palavra sobre o “grande mandamento” (Mt 22.36).

Se Davi mesmo lhe chama Senhor, como é logo seu filho? (12.37) Veja o estudo da palavra sobre “filho” (Mt 22.41).

Mas esta, da sua pobreza, depositou tudo (12.44). Marcos descreve a viúva como “pobre” (12.42). A palavra grega no v. 42, ptoche, indica um mendigo, não apenas uma pessoa a quem poderíamos chamar de pobre. O quanto ela era desprovida é indicado pelo fato de que tudo o que ela possuía eram duas moedas que são identificadas por Marcos e Lucas como “lepto”.

Uma grande variedade de denominações de moedas circulava na Palestina do século I. A unidade básica era um “denário”, uma pequena moeda de prata que representava o pagamento de um dia de trabalho de um trabalhador comum. O “asse” valia aproximadamente 1/25 de um denário, e naquela época poderia comprar um almoço para uma pessoa. No entanto, o próprio asse era dividido em unidades menores; a metade (semis) e um quarto (quadrante). Quanto valia dois leptos? Cerca de um quadrante.

Embora seja tolice tentar traduzir as unidades monetárias antigas em equivalentes modernos, por motivo de ilustração poderíamos avaliar o denário em 20 dólares. Isto faria com que a pequena quantia da viúva valesse cerca de 25 centavos. Mas o impacto real só é sentido se compararmos o que estas quantidades comprariam no século I. Quando fazemos isto, temos uma etiqueta de preço de 2 dólares por um pão. Até mesmo um pardal teria custado cerca de

50 centavos de dólar americano! Nossa viúva, com apenas dois leptos em seu poder, era realmente desprovida.

Contudo, para Deus, a doação valia mais que todas as moedas depositadas pelos ricos nos cofres do templo; porque ela dera tudo o que possuía.

Como somos tolos na maneira como medimos o valor das coisas. E quando Jesus distribuir o nosso galardão, quantos desconhecidos usarão coroas maiores e mais brilhantes do que aqueles que são famosos entre nós.

Disse um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras e que edifícios! (13.1) Por cerca de 2.000 anos uma pedra que certa vez cobria um arco ligando o Arco de Robinson ao muro ocidental da elevação do templo tem sido exposta aos olhos curiosos. A pedra pesa aproximadamente 20 toneladas, pelo menos 5 toneladas a mais que a pedra mais pesada das pirâmides do Egito. Contudo, recentemente uma outra pedra, parte da fundação do muro de retenção ocidental que apoiava a elevação do templo, foi descoberta. E esta pedra pesa cerca de 415 toneladas! Não é de se admirar que os discípulos tenham olhado em volta com espanto, e se sentiram confiantes quanto à permanência daquele templo magnífico dedicado à glória do Deus de Israel.

Como era assombrosa a observação de Jesus, “Não ficará pedra sobre pedra [de todos estes grandes edifícios] que não seja derribada” (13.2).

Como os discípulos, nós muito freqüentemente nos enganamos ao considerar, como permanente, aquilo que é passageiro. O grande, o maciço, o impressionante – seja um edifício, uma organização ou uma instituição – parece tão sólido. Tão impressionante. Tão real. Contudo, na verdade tudo o que os olhos vêem é por sua natureza efêmero, e rapidamente desaparecerá do palco da história. O que é real é o mundo que não conseguimos ver. E o que permanece é a marca da obra de Deus no coração dos crentes – no nosso próprio coração e no coração daqueles a quem servimos e amamos.

Quando vós virdes a abominação do assolamento, que foi predito, estar onde não

deve estar... os que estiverem na Judéia, que fujam (13.14). Para uma discussão sobre este evento, veja o estudo da palavra em Mateus 24.15.

Naqueles dias, haverá uma aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou (13.19). Para uma discussão sobre este tema, veja o estudo da palavra em Mateus 24.21.

Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos (13.22). Para uma discussão sobre este tema, veja o estudo da palavra em Mateus 24.24.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

A Entrada Triunfal (11.1-11). Veja o comentário sobre Lucas 19.28-44, e a passagem paralela em Mateus 21.1-11.

Jesus Purifica o Templo (11.15-19). Veja o comentário sobre Lucas 19.45-48, e a passagem paralela em Mateus 21.12-17, e um evento similar relatado em João 2.12-25.

A Figueira Seca (11.12-14,20-26). Veja o comentário sobre Mateus 21.18-22.

A Autoridade de Jesus é Questionada (11.27-33). Veja o estudo da palavra de Marcos 11.32, acima, e passagens paralelas em Mateus 21.23-27 e Lucas 20.1-8.

A Parábola dos Lavradores Malvados (12.1-12). Veja o estudo da palavra de Marcos 12.1, acima, e as passagens paralelas em Mateus 21.33–22.14 e Lucas 20.9-19.

Pagando Impostos a César (12.13-17). Veja as passagens paralelas em Mateus 22.15-22 e Lucas 20.20-26 para outros relatos desta questão do estado da igreja primitiva.

Casamento e Ressurreição (12.18-27). Veja o estudo da palavra de Mateus 12.25, acima, e passagens paralelas em Mateus 22.23-33 e Lucas 20.27-40.

De Quem Cristo é Filho? (12.35-40) Veja o estudo da palavra de “filho” em Mateus 22.41, e as passagens paralelas em Mateus 22.41–23.39 e Lucas 20.41-47.

A Oferta da Viúva (12.41-44). Veja o estudo da palavra de Marcos 12.42, acima, e a passagem paralela em Lucas 21.1-4.

Sinais do Final dos Tempos (13.1-37). Veja também as passagens paralelas em Mateus 24–25 e Lucas 21.5-38.

Contexto. Ao examinar cada uma destas passagens uma coisa fica clara.

Aqueles que gostam de usar materiais proféticos para unir as imagens intrigantes do futuro contidas nas Escrituras, buscam estas passagens para localizar informações que possam usar para elaborar seus quadros e linhas do tempo. Certamente muitos textos destes relatos possuem realmente uma relevância que justifica tal esforço. Se tomarmos a visão geral do futuro como é retratada pelos

profetas do AT, rapidamente veremos referências a grandes temas escatológicos. Jesus prevê um cumprimento futuro da advertência de Daniel com relação a uma "abominação do assolamento" (13.14) a ser estabelecida no templo de Jerusalém no final da história, e advertências de uma grande tribulação ("aflição" [13.19,24]) que se segue arduamente a este evento.

Isto é especialmente claro em Mateus, que nos dá um relato muito mais completo do que Marcos, e assim fazendo enfatiza as lições que o próprio Senhor Jesus Cristo extraiu de seu ensino. Esta ênfase, explorada nestas notas de comentário sobre Mateus 25–26, é simplesmente esta: Até que Jesus volte, o seu povo deve vigiar esperando por Ele, e viver de acordo com esta expectativa.

Portanto, quando Jesus fala deste período, os vislumbres do futuro que Ele fornece têm a intenção de moldar a nossa vida agora, e não de servir como dados para uma especulação profética, por mais atraentes que nos possam parecer.

Por esta razão, podemos ganhar o máximo a partir de uma exploração desta passagem, se nos concentrarmos nas implicações dos ensinos de Jesus para a nossa própria vida nestes dias em que vivemos – o Ínterim entre a ressurreição de Jesus e a sua volta.

Interpretação e Aplicação. Ao fazermos uma abordagem deste capítulo, que enfatiza a sua natureza de Ínterim, observamos vários temas que são desenvolvidos pelo Senhor Jesus.

TEMA 1: MARCOS 13.5-8

O Ínterim deve ser marcado pelo sofrimento. É impossível supor com que freqüência por todo o Ínterim os crentes, esmagados pela tragédia e pelo sofrimento, já clamaram em desespero, "Este deve ser o fim! O Senhor deve estar prestes a voltar".

Os eventos que Jesus menciona aqui são realmente terríveis. "Guerras e rumores de guerras... Porque se levantará nação contra nação" (13.7,8). Que imagens nós temos de guerra! Refugiados em fuga, enfileirados ao longo da estrada, enquanto aviões de guerra mergulham para bombardeá-los. Os judeus, reunidos em uma

praça, protegidos por tropas vestidas de preto, esperando por vagões de carga que os levarão embora para “repovoar” campos onde milhões são na realidade assassinados. Napalm, uma chuva de glóbulos de fogo sobre aldeões que gritam desesperados. Restaurantes explodindo, espalhando os membros de espectadores inocentes enquanto terroristas lutam as suas batalhas contra os inocentes, reclamando que eles é que são as vítimas.

Mas isto não é tudo: a própria natureza parece conspirar para oprimir uma humanidade sofredora. Terremotos espalham as nossas comunidades, enterrando crianças e avós igualmente. A fome difunde-se primeiro em um continente e então em outro, e crianças com faces encovadas e barrigas salientes olham fixamente e de forma sombria para os pais definhados e desprovidos de qualquer gota de esperança.

Com que facilidade pronunciamos palavras e frases familiares! “Guerras e rumores de guerras”. “Terremotos... e fomes” (13.8). Contudo, são apenas os afortunados que até então escaparam destes grandes desastres, e que não sentem o terror que estas palavras transmitem.

O que Jesus quer dizer quando Ele mesmo parece rejeitá-las levemente, dizendo, “Isso será o princípio de dores”? (13.8) Simplesmente que estes terrores jamais devem ser confundidos com os juízos que aguardam a humanidade. Simplesmente que estaremos totalmente enganados se confundirmos as agonias de guerra e dos desastres naturais com o juízo!

Estes são o início dos juízos, assim como as primeiras “pontadas” sentidas pelas mães grávidas são “dores de parto.”

O que então podem ser estas coisas? O que elas são, são vívidas evidências contínuas da corrupção que o pecado introduziu em nossa raça e na própria natureza. Como vivemos nossa vida no Ínterim, devemos ver o sofrimento não como uma evidência da indiferença de Deus, ou até mesmo como seu veredicto judicial, mas, antes, como o testemunho severo e contínuo do fato de que o pecado tem conseqüências que vão muito além de nossa capacidade de imaginar.

Vivemos em uma sociedade e em um mundo tão corrompido pelo pecado, que até o inocente sofre. O homem que tem fé é tão vulnerável quanto o homem sem fé. Mas pelo menos entendemos o por que. Pelo menos percebemos que o sofrimento é o desdobramento seguro e certo dos resultados da nossa rebelião

contra Deus. Por reconhecermos este fato, mantemos a nossa confiança em Deus, e somos cheios de gratidão porque, através de Cristo, não somos vítimas trancadas no presente negro da história, mas vitoriosos, destinados à eternidade alegre que nos espera.

TEMA 2: MARCOS 13.9-13

O Ínterim deve ser marcado pelo conflito interpessoal.

As palavras seguintes de Jesus retratam os três maiores contextos sociais nos quais os seres humanos relacionam-se uns com os outros: a comunidade local, a ampla sociedade e, o mais íntimo de todos, a família. Em cada um destes contextos sociais que Jesus descreve, a experiência do crente durante o Ínterim deve ser de conflito em vez de harmonia com os outros.

Há uma razão simples para isto: o crente tem feito, através da fé em Cristo, a paz com Deus. Contudo, durante o Ínterim, os crentes devem viver em um mundo que permanece em rebelião. Não há maneira do cristão comprometido poder viver em harmonia tanto com Deus, como com um mundo que está em guerra com Deus.

Ao avisar os discípulos de que eles seriam entregues “aos concílios e às sinagogas” (13.9) Jesus concentra a nossa atenção na comunidade local. No século I, a “suprema corte” do judaísmo era o Sinédrio, um concílio que se reunia em Jerusalém. Mas, cada comunidade possuía suas cortes locais, compostas pelos anciãos da comunidade, que consideravam e resolviam disputas locais. Se uma questão da Lei em vez do fato estivesse em disputa, reconhecidos “doutores da lei” estariam disponíveis para transmitir as decisões oficiais baseadas nas interpretações dos sábios em outras ocasiões, no passado.

Nem o AT nem a lei judaica do século I estipulavam a prisão. O castigo mais severo que poderia ser ordenado por uma corte local era um açoite, e até mesmo este estava limitado a 40 golpes com uma vara maleável ou um chicote simples. Na prática, a corte local ordenava apenas 39, uma tradição que tinha o intuito de protegê-los contra a possibilidade de que alguém pudesse errar a contagem e administrar 41 golpes, e assim inadvertidamente violar a Lei de Deus.

O que é importante aqui, no entanto, é notar que os espancamentos eram ordenados somente para o mais impassível e indisciplinado na comunidade local. Este era um último, em vez do primeiro, recurso da corte local na tentativa de fazer com que uma pessoa se adequasse às normas da comunidade.

A mensagem é clara. Não importa quão íntegra seja a vida que um crente vive; ele ou ela será incapaz de se adequar aos padrões da comunidade local em que vive. O crente sempre se achará em desigualdade, de uma maneira ou de outra, com os descrentes que exijam uma conformidade aos padrões que o crente simplesmente não pode aceitar.

Nós vemos isso em nossa própria época quando a polícia e os juízes negam aos crentes o direito de protestar pacificamente contra o massacre dos não nascidos, como uma mulher cristã idosa em São Francisco que foi informada de que ela não pode recusar-se a alugar um quarto a um homossexual, e quando adolescentes são informados de que o seu clube cristão está proibido de se reunir na propriedade escolar, embora um clube de feitiçaria possa.

Jesus então passa a se referir à sociedade de uma forma mais ampla, e fala de crentes que vão à presença de governadores e reis. Aqui a tensão que existe não é entre o crente e sua comunidade, mas entre o crente e o próprio governo.

A arena final que Jesus menciona talvez seja a mais dolorosa de todas. Durante o Ínterim, o compromisso com Cristo pode estar em um conflito tão grande com os valores seculares e a sociedade, que a própria família será arrasada. O amor natural de irmão por irmão, de um pai por um filho, e dos filhos por seus pais, pode ser perdido em uma hostilidade tão intensa, a ponto de um membro da família causar a morte do outro.

O ponto que Jesus deseja destacar não é que isto sempre irá acontecer. O ponto é simplesmente que o compromisso com Jesus tem o potencial de introduzir o conflito em todos os relacionamentos. Não devemos supor que somente a mensagem do Evangelho trará de alguma maneira paz e introduzirá uma era de boa vontade na terra. Não irá, isto não pode acontecer. Muitos durante este período de Ínterim rejeitarão as reivindicações de Cristo. E esta rebelião não só elimina toda esperança para a paz mundial, mas também exclui a esperança do tipo de comunidade justa e amorosa da qual todos nós almejamos fazer parte.

TEMA 3: MARCOS 13.14-31

A história permanece no curso que Deus pretendeu, apesar da confusão que existe durante o Ínterim.

Esta seção do discurso de Jesus começa com a palavra “quando”. Apesar da ascensão e queda aparentemente aleatória das civilizações, o surgimento do domínio e a subseqüente destruição dos poderes mundiais, o fluxo de eventos durante este período do Ínterim não desviou a história nem sequer um grau do curso pretendido por Deus.

Não há “se” no ensino de Jesus. Há somente “quando”.

Não temos a necessidade de decifrar como o plano de Deus está sendo executado na ascensão e queda dos Impérios Bizantino e Britânico, no comunismo, ou no passado e no futuro da nossa própria terra democrática. A luta sem fim dos seres humanos para edificar as civilizações do Ínterim fora dos limites de Deus está destinada ao fracasso, não importando se os ideais sobre os quais eles estão edificados são nobres. E cada fracasso testifica simplesmente o fato de que o significado e propósito da história humana devem ser buscados, não no “agora” de qualquer sociedade, mas, antes, no “quando” de Deus que se aproxima com rapidez.

Nós cristãos somos cidadãos de um reino cuja expressão total na terra aguarda a volta do Rei. E, até aquele momento, devemos antes de tudo ser leais a Ele, e vivermos cada dia como estrangeiros e peregrinos longe de nosso verdadeiro lar.

TEMA 4: MARCOS 13.32-37

Por não sabermos quando Jesus arrebatará sua igreja, devemos “Estar alertas!” ou “Vigiar” (13.33).

A palavra para “Estar alerta!” exige vigilância. Durante o Ínterim, nós crentes, como servos de uma casa do século I, temos a nossa “tarefa individual atribuída”

(13.34). O fato simples é que nós não sabemos o momento em que o “quando” de Deus será transformado em “agora”. O quando de Deus pode ser hoje, amanhã, ou estar em qualquer futuro distante muito tempo depois de termos completado a nossa estada aqui na terra. Mas estas opções não fazem diferença para nós, de modo algum. O importante é que esperemos ansiosamente, que “vigiemos”, usando cada dom e oportunidade para servir ao Senhor.

Morte e Ressurreição de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

Em um sentido muito real, as poucas horas que se passaram entre a unção de Jesus em Betânia e o seu julgamento e morte, servem como o sustentáculo da história. Tudo o que aconteceu antes aguardava ansiosamente estes momentos; tudo o que aconteceu depois disso os relembra.

Por estes momentos no tempo serem tratados tão completamente por cada escritor dos Evangelhos, em vez de ser repetitivo ao tratar os capítulos que os relatam, eu escolhi concentrar a atenção em temas diferentes, encontrados no registro de cada Evangelho sobre estas horas. Portanto, no estudo de Mateus olhamos para a conspiração, para a traição de Judas, e para a negação de Pedro em relação a Cristo. Em Lucas examinamos de perto os sofrimentos de Jesus. Em João, examinamos os julgamentos de Jesus. Em Marcos ainda fazemos uma outra abordagem, exigida pelo fato de que cada escritor dos Evangelhos entra em um considerável detalhe sobre os eventos que ocorreram durante estas horas. Contudo, cada escritor relata particularidades que os outros excluem. Isto levanta questões sobre o momento certo e a

seqüência. Como os relatos dos Evangelhos encaixam-se? O que aconteceu, e quando?

A melhor maneira de lidar com estas questões é tentar construir uma linha do tempo, e também se pudermos, listar as ocorrências relatadas pelos escritores dos Evangelhos em sua ordem mais provável. O quadro abaixo tenta reconstruir os últimos eventos na vida do Senhor. E posteriormente, no estudo da passagem em profundidade, olharemos de perto para as Sete Últimas Palavras de Jesus na cruz.

O ÚLTIMO DIA DE JESUS NA TERRA

Hora	Lugar	Evento
Entardecer	Betânia	Jesus ungido por Maria
Noite	Casa de Caifás	Judas concorda em trair Jesus
Manhã	Jerusalém	Preparação para a Páscoa
18:00h	Cenáculo	Observada a Ceia da Páscoa
		Jesus lava os pés dos discípulos
		Jesus prediz a traição
		Jesus prediz a negação de Pedro
		A Ceia do Senhor é estabelecida

20:00h	Cenáculo	Discurso da Última Ceia
22:00h	Cenáculo	Oração “Sumo Sacerdotal” de Jesus
23:00h	Getsêmani	Jesus ora no Jardim
00:00h	Getsêmani	Jesus é preso
	Casa de Anás	Jesus é examinado por autoridades religiosas
	Casa de Caifás	Jesus é examinado pelo Sinédrio
	Pátio de Caifás	Pedro nega a Jesus
Amanhecer	Sinédrio	Jesus é condenado pelo Sinédrio
	Fora de Jerusalém	Judas suicida-se
6:30h	Palácio de Pilatos	Jesus é levado a Pilatos
	Palácio de Herodes	Jesus é enviado a Herodes
	Palácio de Pilatos	Jesus é julgado por Pilatos e condenado
	Quartel dos soldados	Jesus é escarnecido e espancado
9:00h	Gólgota	Jesus é conduzido para a execução
9–12:00h	Gólgota	Jesus é crucificado: As primeiras três horas
		A primeira palavra na cruz
		A segunda palavra na cruz
		A terceira palavra na cruz
12–15:00h	Gólgota	Jesus na cruz: As três horas seguintes – trevas
		A quarta palavra na cruz
		Quinta palavra na cruz
		A sexta palavra na cruz
		A sétima palavra na cruz
15:00h	Gólgota	A morte de Jesus e os sinais que a acompanha
17:00h	Túmulo do Jardim	Jesus é sepultado em um túmulo emprestado
18:00h	Túmulo do Jardim	O túmulo é selado e uma guarda é colocada

Para uma seqüência dos eventos da Ressurreição, veja a exposição de Mateus 28.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Em casa de Simão, o leproso (14.3). Tanto os fariseus como os essênios, os dois grupos judeus do século I mais preocupados com a pureza, temiam e eram totalmente repelidos pelos leprosos. É provável que eles tenham sido influentes estabelecendo a regra de que cada cidade judaica deveria ter alguma área exterior onde os leprosos pudessem viver, para que não contaminassem a comunidade. É surpreendente que o Pergaminho do Templo, um dos manuscritos recuperados com os Rolos do Mar Morto, indique que os leprosos eram isolados dos outros "ao oriente da cidade" de Jerusalém. E é ali, exatamente ao oriente de Jerusalém, que se localizava a cidade de Betânia!

O notável arqueólogo judeu Yigal Yadin conclui que "não aconteceu por acaso o fato de Jesus ter se encontrado na casa de um leproso, mas havia deliberadamente escolhido passar a noite – antes de entrar em Jerusalém – nesta colônia de leprosos, que era anátema tanto para os essênios como para os fariseus".

Que escolha significativa. Os "religiosos" afastavam-se dos necessitados pelo medo da contaminação cerimonial. Jesus buscou-os, ciente do poder purificador e transformador que seria liberado em sua morte e ressurreição.

Onde está o aposento que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? (14.14). Os comentaristas têm debatido se a refeição que Jesus compartilhou com os seus discípulos era ou não a Páscoa, ou uma refeição comida no "dia da

preparação da Páscoa” (Jo 19.14). É melhor entender esta frase como significando simplesmente “a sexta-feira da Páscoa”.

Harold Hoener (Chronological Aspects of the Life of Christ, Zondervan, pp.76-78) resume 14 argumentos que indicam que a Última Ceia verdadeiramente era a refeição da Páscoa.

De uma forma resumida, os estudiosos listam os seguintes argumentos a favor de uma refeição pascal: (1) Os livros sinóticos explicitamente afirmam que a Última Ceia foi uma Páscoa (Mt 26.2,17-19; Mc 14.1,12,14,16; Lc 22.1,7,8,13,15). (2) Ela ocorreu, como exigido pela Lei (Dt 16.7), dentro das portas de Jerusalém, embora ela estivesse tão repleta de pessoas naquele momento. (3) O Cenáculo foi disponibilizado sem dificuldades, para se manter o costume da Páscoa. (4) A Última Ceia foi comida à noite (Mt 26.20; Mc 14.17; Jo 13.30; 1 Co 11.23) o que era uma hora incomum para uma refeição. (5) Jesus limitou-se aos doze em vez de comer com o grande círculo de discípulos (o que corresponde ao costume da Páscoa). (6) A postura de reclinar-se à mesa era somente para ocasiões especiais. (7) A refeição foi comida na pureza levítica (Jo 13.10). (8) Jesus partiu o pão durante a refeição (Mt 26.26; Mc 14.22) em vez de seguir o costume de fazê-lo no início da refeição. (9) Vinho tinto foi bebido, o que só era feito em ocasiões especiais. (10) Alguns dos discípulos pensaram que Judas saiu (Jo 13.29) para comprar itens para a festa, o que não teria sido necessário se a Última Ceia fosse um dia antes da Páscoa, uma vez que ele teria tudo disponível para este propósito no dia seguinte (Nisan 14). (11) Alguns dos discípulos pensaram que Judas saiu para dar algo aos pobres (Jo 13.29), o que é costumeiro na noite da Páscoa. (12) A Última Ceia termina com o cântico de um hino, o qual teria sido a segunda metade do hallel da Páscoa. (13) Jesus não retornou a Betânia que ficava fora do limite de Jerusalém, mas foi passar a noite no Monte das Oliveiras que ficava dentro dos limites estendidos para o propósito da festa da Páscoa. (14) A interpretação de elementos especiais da refeição era parte do ritual da Páscoa.

A importância disto é encontrada no simbolismo do cordeiro pascal na libertação

de Israel do Egito. Quando o anjo da morte via o sangue do cordeiro nos umbrais das portas do povo de Deus, ele passava por cima da casa, e todos na família viviam. Da mesma forma, o sangue de Jesus, o nosso Cordeiro Pascal, é espargido sobre nós. Através dEle e de seu sangue derramado, somos poupados da morte, e recebidos na vida eterna.

Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca (14.38). A frase significa não “ceder” à tentação. O idioma grego deixa claro que as palavras “vigiai” e “orai” são dirigidas a todos os discípulos, e não só a Pedro. Embora a fraqueza do corpo especificamente em vista aqui seja simplesmente a exaustão física, muitos comentaristas tomam sarx (“corpo” aqui, mas literalmente “carne”) em um sentido teológico, para indicar a própria natureza humana imperfeita.

O importante para nós é que a vigilância (manter-se alerta) e a oração (permanecer constantemente dependente do Senhor) são imperativos para nós também, se quisermos vencer nossas tentações.

E um jovem o seguia, envolto em um lençol sobre o corpo nu. E lançaram-lhe as mãos, mas ele, largando o lençol, fugiu nu (14.51,52). A maioria dos comentaristas presume que o jovem era o próprio Marcos. O texto indica que ele usava apenas um sindon, sem a normal roupa de baixo, um chiton. O fato de que o sindon era de linho em vez de lã, nos diz que ele era rico.

Por que este incidente é relatado aqui? Talvez esta seja a maneira silenciosa de Marcos fazer com que saibamos que ele também foi uma testemunha dos eventos que descreve. Ou talvez tome este caminho para simbolizar como Jesus foi abandonado – até mesmo os discípulos fugiram. Contudo, há uma outra implicação. Em seu terror, o jovem foi desnudado de cada peça de sua roupa e a sua nudez foi totalmente exposta. Da mesma forma, a fuga de seus discípulos desnudou as ilusões pessoais que tinham.

Com que fervor Tiago e João haviam insistido que eram capazes de beber do cálice de Jesus e compartilhar seu batismo (10.37-39). E com que rapidez Pedro jurou que seguiria Jesus até à morte (14.31). Agora, quando os dois o abandonaram, devem ter se sentido tão expostos e nus quanto o jovem João Marcos. E talvez tenham percebido quão impotentes eram, em si mesmos, de fazer qualquer coisa pelo Senhor.

Como Jesus havia dito momentos antes, a carne é fraca. Somente através da vigilância e da oração somos capacitados por Deus para fazermos alguma coisa.

Havendo-o crucificado (15.24). Para uma discussão deste método de execução que os romanos julgavam cruel demais para qualquer um, exceto escravos e rebeldes, veja o estudo dos sofrimentos de Jesus encontrado na discussão de Lucas 23 neste comentário.

José de Arimatéia, senador honrado (membro do Concílio, 15.43). O Concílio, naturalmente, é o Sinédrio, o corpo governante no judaísmo. A palavra traduzida como “honrado” é euschemon. Esta palavra é usada nos muitos papiros da época para designar um rico proprietário de terras (Mt 27.57). As propriedades de José estariam nas proximidades de sua cidade natal, Arimatéia. O fato do túmulo ainda estar no processo de ser lavrado em uma encosta rochosa, sugere que esta propriedade não havia sido sua por muito tempo.

Como é fascinante pensar em José, comprando um pedaço de terra perto de Jerusalém como uma preparação para o seu próprio sepultamento, nunca imaginando que esta transação iria tornar possível o cumprimento de uma profecia messiânica proferida há cerca de 700 anos: “Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte” (Is 53.9, versão ARA).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

as sete palavras PROFERIDAS Na cruz

Os Evangelhos registram sete pronunciamentos de Jesus enquanto estava pendurado na cruz. Três deles podem ser atribuídas às primeiras três horas, entre 9 da manhã e o meio-dia. Quatro podem ser atribuídos às três horas seguintes, do meio-dia até às 3 da tarde, um período em que a cena foi coberta pela escuridão.

É tradicional durante os cultos da Sexta-Feira Santa meditar sobre estes sete pronunciamentos. Com certeza, há muito para ponderarmos aqui.

A PRIMEIRA PALAVRA

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23.34).

É fácil recapturar a atitude dos soldados romanos que eram os responsáveis pelos detalhes da execução.

“Apenas cumprindo o nosso dever, senhor. Nada pessoal, o senhor entende”.

E naturalmente, não era nada pessoal. Ó, talvez eles tenham resmungado sobre terem que levantar mais cedo do que o habitual. Mas os soldados sempre resmungam. E, além disso, aqueles que eram os responsáveis pelos detalhes de uma execução conseguiam vender as roupas das vítimas; portanto, esta não era uma perda completa.

Para os soldados romanos, as execuções marcadas para esta manhã não devem ter parecido diferentes de quaisquer outras. Ó, um dos criminosos era alguém que havia estimulado as esperanças dos judeus. Mas o soldado romano comum não conhecia nem se importava com a religião ou a política local. Tais soldados, sem dúvida alguma auxiliares não-romanos recrutados do império ocidental e transferidos para bem longe de suas origens, mantinham-se reservados. E isto

ocorria especialmente em uma terra onde os cidadãos mais pobres consideravam os soldados não só opressores estrangeiros, mas pagãos, indignos de se associarem até mesmo com o menor dos judeus.

Os centuriões poderiam muito bem fazer um esforço para entender os povos em cujas terras eles estavam trabalhando. Mas não soldados comuns em uma terra inóspita como a terra judaica.

Assim, executar mais três judeus era sem dúvida uma questão de indiferença para os soldados. Eles apenas empreendiam a sua obrigação de uma maneira profissional. Martelando os pregos que fixavam as mãos das vítimas às travessas de madeira. Brutalmente levantando a travessa, rasgando a carne ao fixarem as travessas aos postes já encravados na terra. Então, martelando cravos que firmavam os pés, e que acrescentava agonia a cada movimento em arco do corpo, que era necessário para conseguir respirar.

Apenas cumprindo o nosso dever, senhor.

Apenas um outro detalhe de execução.

Apenas mais corpos, quentes e pulsando com vida, para serem presos à madeira ensangüentada onde eles irão torcer e virar até que os músculos não possam mais se contrair, os pulmões não inalem mais ar, e a vida lentamente se esvaia. E enquanto eles morrem, os soldados passam o tempo jogando, insensíveis aos choros e suspiros, até que a morte os liberte de sua obrigação e até removerem os restos frios e pegajosos.

Apenas cumprindo o nosso dever, senhor. Nada pessoal, o senhor entende.

E então uma das vítimas fala e em vez de amaldiçoar os seus executores, simplesmente diz, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Certamente eles não entendiam quem Jesus era. Mas as palavras de Cristo sugerem muito mais sobre a ignorância deles. Estes soldados que tão casualmente executaram as ordens de seus superiores para matar outros homens, não tinham noção da santidade da vida humana. Eles não tinham nenhuma visão da humanidade como uma criação especial de Deus, e nenhuma noção da imagem e semelhança de Deus que as vítimas possuíam. Não, não é errado para o estado impor a pena de morte. Mas é trágico até mesmo para um assassino ser executado com uma desconsideração casual.

Foi esta terrível ignorância, a ignorância daqueles que viam os outros seres humanos e até eles mesmos meramente como animais, e assim tratavam os outros desta maneira, que tanto perturbou Jesus. Através de sua dor, Jesus observava os soldados. Jesus viu a profunda ignorância deles quanto ao significado eterno do dever que cumpriam. E movido de compaixão por eles, o Senhor pronunciou a sua primeira palavra na cruz.

Não cometamos erros. A ignorância não absolve ninguém. Nós ainda precisamos de perdão. Mas como Jesus, devemos ter compaixão daqueles que simplesmente não sabem o que estão fazendo. E como Jesus, devemos orar para que Deus possa instruí-los, e que eles possam aprender – e serem perdoados.

A SEGUNDA PALAVRA

“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23.43).

O foco agora muda dos soldados para dois “ladrões” crucificados com Jesus. A palavra para ladrões indica bandidos ou guerrilheiros que estavam em conflito aberto com a ordem estabelecida.

A princípio, estes dois homens “lançaram insultos” sobre Jesus (Mt 27.44). Diferente dos soldados, cujo desrespeito havia sido despertado pela acusação de que Jesus era “um rei”, estes homens sabiam da reivindicação de nosso Senhor de ser o Cristo, o Messias judeu (Lc 23.39).

Finalmente um dos dois repreendeu o outro. Suas palavras (Lc 23.40-42) revelam o processo de sua transformação espiritual. Este homem reconheceu a sua culpa. Ele reconheceu a pureza de Jesus. E ele apelou a Jesus com fé: “Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino”.

Que fé o criminoso na cruz expressou! É fácil para nós, olhando para a ressurreição, vermos que Jesus verdadeiramente é o Filho de Deus. Mas o homem na cruz viu um Jesus aparentemente desamparado, sofrendo como ele estava sofrendo, e apesar da transpiração fria que vinha do rosto de Jesus, e do sangue que manchava suas mãos e pés, o criminoso na cruz creu.

E em resposta a esta extraordinária fé, Jesus disse, “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”.

“Paraíso”, uma palavra persa significando “jardim” ou “lugar belo”, foi adotado nos idiomas semitas como um eufemismo para céu, e o conforto e a alegria a ser experimentado ali.

Pode ser um erro colocar uma vírgula no versículo anterior (no grego ou em nosso idioma) antes da palavra hoje. Jesus muito provavelmente usou um aramaismo mais comum, e disse: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. A figura de linguagem foi usada para confirmar uma promessa, porque naquela cultura uma promessa feita e associada a um certo dia com certeza seria mantida.

Portanto, entende-se que Jesus sugere que ele e o ladrão estariam no Paraíso naquele dia (embora alguns discordem desta opinião). Além disso, Jesus expressou uma firme confirmação ao ladrão de que a sua fé lhe garantia um lugar, no Reino de Cristo.

A TERCEIRA PALAVRA

“Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe (João 19.26,27)

O círculo agora se expande outra vez para além do cume do monte, para incluir as testemunhas que choravam por perto. Ali a mãe de Jesus e várias mulheres estavam curvadas em tristeza, talvez, apoiando-se no discípulo João.

Jesus olha e observa-os, sentindo a dor deles mais profundamente do que a sua própria. João e Maria estão ligados pelo angustiante sentimento de sua perda, talvez sentido por eles mais profundamente do que por qualquer um dos outros, porque eram, emocionalmente, até mesmo, mais próximos do Senhor do que os outros.

Sentindo a dor deles, Jesus dá-lhes um presente especial: para Maria, ele indica o sensível e carinhoso João, para tomar o lugar do Filho que ela está prestes a perder. Para João, ele dá Maria, a quem João deve amar e cuidar como uma

expressão de seu amor infinito por Jesus.

Não é como se Maria não tivesse outros filhos para cuidar dela. Ele tinha. E não é como se João estivesse sozinho. Ele não estava. Em vez disso, Jesus redireciona o amor que cada um tem por Ele para o outro, e na oportunidade em que cada um tiver que expressar o seu cuidado pelo outro, cada um encontrará gradualmente a satisfação e a substituição de seu sentimento de perda.

Há uma linda mensagem para nós aqui. O nosso amor deve ser antes de tudo para Jesus. Mas até que estejamos presentes com Cristo e que Cristo esteja presente conosco, devemos direcionar nosso amor por Cristo aos outros. É amando os outros que nós não só expressamos nosso amor por Cristo, mas também é nesse amor que experimentamos o amor de Cristo por nós.

AS PALAVRAS NÃO PRONUNCIADAS

Mateus 27.41-43

As primeiras três palavras proferidas na cruz estão diretamente ligadas às testemunhas da crucificação. Jesus pediu a Deus para perdoar os soldados, cuja atitude casual revelava a sua ignorância não só em relação à Pessoa de Jesus, mas do valor da vida humana em si. Jesus deu ao ladrão que creu uma firme promessa do Paraíso. E Jesus deu à sua mãe e ao apóstolo João, ambos tomados de tristeza, um presente especial, redirecionando o amor que dedicavam a Ele – Maria e João deveriam agora se amar como mãe e filho – a fim de que, ao darem e receberem amor, pudessem experimentar a presença de Jesus de uma maneira inigualável.

Mas havia outras testemunhas da crucificação, que vieram não para chorar, mas para tripudiar. Mateus os descreve. “E também da mesma maneira os príncipes dos sacerdotes, como os escribas, os anciãos, e fariseus, escarnecendo diziam: Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se. Se és o Rei de Israel, desça, agora, da cruz, e creremos nele; confiou em Deus; livre-o agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus” (27.41-43).

O escárnio deles não provocava resposta. Tudo o que poderia lhes ser dito já

havia sido dito, e não havia gerado nenhuma resposta de fé, mas apenas uma amargura e uma incredulidade persistentes e antagonistas. Mesmo quando Deus iria falar dali há três dias no extraordinário ato da Ressurreição, que confirmava a Jesus como o Filho de Deus, estes homens recusaram-se a crer. E tratando-se de tais pessoas, nenhuma palavra de perdão, de promessa, ou de amor as satisfará.

Ó, haverá uma palavra dirigida aos homens que odiaram e rejeitaram o Filho de Deus. Mas será uma palavra de juízo – uma palavra que eles serão obrigados a ouvir, não importa o quanto tentem tapar os seus ouvidos. Contudo, a cruz não é o lugar apropriado para que esta palavra seja falada. Porque a cruz é o símbolo definitivo do perdão de Deus, de que o paraíso venceu, do amor redescoberto. E estas palavras, a incredulidade sempre evitará ouvir.

E assim, o silêncio da cruz fala tão alto para nós como qualquer uma das sete palavras.

A QUARTA PALAVRA

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46)

As primeiras três palavras da cruz foram ditas enquanto a brilhante luz da manhã expunha o sofrimento de Cristo às testemunhas. Cada uma destas três palavras era para as testemunhas, ou sobre elas – os soldados indiferentes, o criminoso que creu, os entes queridos que choravam. Mas agora ocorrem duas mudanças dramáticas.

Primeiro, o sol parece enfraquecer, e o cenário assustador é coberto pelas trevas. Por quase três horas a escuridão aprofunda-se. Embora o texto não indique, suspeito que os religiosos que escarneciam de Jesus na estrada que passava pelo Gólgota começaram a correr em fuga para suas casas quando as trevas intensificaram-se.

Durante quase todas aquelas horas, Cristo sofreu em silêncio. Então, quando o momento da morte aproximou-se, as últimas quatro palavras saíram dos lábios de Cristo. Nenhuma delas é dirigida às testemunhas que apertavam os olhos

tentando penetrar na escuridão. Em vez disso, cada uma reflete a própria luta interior de Cristo, e o seu relacionamento íntimo com o Pai.

A primeira destas quatro palavras foi a expressão, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” As palavras expressam o espanto aflito, a emoção de total desolação. O fato de elas serem encontradas primeiro no Salmo 22 nos faz lembrar que estas emoções são comuns aos homens. Contudo, o fato de que é somente durante este momento prolongado que Cristo conhece este sentimento de total isolamento e perda, é profundamente significativo.

Mesmo na encarnação Jesus viveu uma vida de comunhão indissolúvel com o Pai.

Mas agora o Filho de Deus estava morrendo na cruz – morrendo para que pudesse tomar sobre si mesmo o fardo dos nossos pecados, e sofrer a morte em nosso lugar. Neste momento extraordinário Jesus, que não conheceu pecado, foi “feito... pecado” por nós (2 Co 5.21). E naquele momento demorado, estendendo-se por três horas de trevas, Deus Pai abandonou o Filho, desviando-se dele, e Cristo experimentou a morte espiritual – o isolamento de Deus.

Em um sentido admirável que não podemos sequer começar a compreender, a divindade em si foi rompida e separada, e a angústia que Jesus sentiu foi mais profunda e mais real do que toda a angústia sentida por toda a nossa raça amaldiçoada pelo pecado. Tudo isto, todo o pecado e sofrimento da história foram repentinamente e assombrosamente suportados pelo Filho de Deus, e no resultante rompimento do laço íntimo que unia o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Cristo sofreu mais do que possamos algum dia imaginar ou começar a saber.

A QUINTA PALAVRA

“Tenho sede” (João 19.28)

A primeira palavra em meio às trevas nos impressiona, devido à divindade de Jesus. Esta segunda palavra em meio às trevas nos lembra da sua humanidade.

O sofrimento de Cristo foi tanto espiritual como físico; tanto uma dilaceração de

seu espírito como um ataque ao seu corpo.

O Salmo 22.15 descreve a dimensão dos sofrimentos de Jesus: “A minha força secou-se como um caco, e a língua se me pegou ao paladar”. Fisicamente a cruz não só drenou a força que restava no corpo de Jesus depois do açoite brutal que Ele havia recebido antes em Jerusalém, mas também havia instigado uma febre intensa que mais tarde secou os tecidos de seu corpo. Isto pode sugerir uma razão pela qual Cristo tenha pedido algo para beber. Não era para aliviar a sede ou amenizar o sofrimento. Muito provavelmente foi para aliviar momentaneamente a sequidão, de forma que as suas próximas palavras triunfantes pudessem ser proferidas de modo claro e triunfante.

A despeito dos limites impostos ao assumir a nossa natureza humana, Cristo triunfou.

A SEXTA PALAVRA

“Está consumado” (João 19.30).

João acrescenta, “E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (19.31). A última oração exclamada por Jesus, que ocorre entre os versículos 30 e 31, não é registrada por João, que quer que entendamos completamente a relação entre a nossa salvação e a morte de Jesus.

Jesus entrou em nosso mundo não simplesmente para revelar Deus à humanidade, mas para morrer como o nosso substituto, pagando o preço que a justiça exige pelos nossos pecados. Naquelas horas finais e obscuras na cruz, Jesus experimentou o extraordinário isolamento do Pai que é a essência da morte espiritual. E naquela fração de tempo, o finito e o infinito fundiram-se, e o Filho de Deus pagou totalmente uma penalidade imposta pelo pecado de cada ser humano de Adão até o fim da história – uma penalidade que aqueles que se recusam a crer jamais podem pagar, embora sofram por toda a eternidade. Quando finalmente Jesus clamou, “Está consumado”, Ele havia sofrido mais que toda a nossa raça junta. E ele sofreu ali por você e por mim.

A palavra traduzida como “entregou” o espírito é paredoken, e a ênfase está no

fato de que Jesus entregou o seu espírito voluntariamente. A implicação disto é admirável. Durante todo o seu sofrimento, Jesus teve a capacidade de escolher viver ou morrer. Anteriormente, Jesus dissera: “Ninguém ma tira [a minha vida] de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la” (Jo 10.18). Agora Ele provou a sua determinação de completar a sua missão de salvação, porque reteve a vida até que todos os nossos pecados estivessem pagos, e a penalidade tivesse sido totalmente paga.

Jamais saberemos o quão desesperadamente Cristo ansiava por livrar-se de seu sofrimento espiritual antes que todo o pagamento fosse feito. Mas finalmente o momento chegou. E somente então Jesus “entregou o espírito”.

A SÉTIMA PALAVRA

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23.46).

As palavras são ainda de um outro salmo (Sl 31.5), e foram usadas em Israel como uma oração noturna. O salmo é uma linda expressão de confiança inabalável. Isto nos faz lembrar de que, embora Cristo tenha aceitado a morte como a vontade do Pai, seu sofrimento não ameaçou, de forma alguma, a ligação amorosa de confiança que existia entre eles.

As palavras deste salmo, escrito por Davi, nos lembram que mesmo nos períodos mais sombrios, Deus também é o nosso refúgio. A disposição de Jesus de sofrer por nós é a prova inabalável de que, assim como Ele entregou o seu espírito nas mãos do Pai, nós também podemos fazê-lo.

LUCAS 1.1–3.22

O Renascimento da Esperança

EXPOSIÇÃO

-

Lucas inicia seu Evangelho com uma declaração especial: ele mesmo havia se “informado minuciosamente de tudo [sobre a vida de Jesus] desde o princípio” (1.1-4). Dessa forma, o Evangelho de Lucas é um relatório cuidadoso e historicamente exato do nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus. Contudo, ao lermos Lucas percebemos que a sua obra não é uma repetição monótona das datas e ações. A escrita de Lucas é vívida, nos atraindo para dentro dos eventos que ele descreve. A escrita de Lucas também exibe uma fervorosa sensibilidade quanto aos detalhes pessoais íntimos. Ele tende a se expressar longamente pela preocupação incomum de Cristo pelos pobres, pelos desamparados, pelos banidos da sociedade, e pelas mulheres. Lucas também enfatiza a própria dependência que Cristo teve da oração e do Espírito Santo. A escrita de Lucas exibe também uma outra qualidade. O Evangelho é ativado pela esperança vibrante e pelo louvor a Deus.

Dificilmente podemos ler um capítulo deste Evangelho sem sermos alcançados pela convicção de que, em Jesus, Deus trouxe a salvação para a humanidade.

Cada uma destas forças – o cuidado do historiador e a alegria abundante do verdadeiro crente – pode ser vista nestes capítulos de abertura do Evangelho de Lucas. Mais do que qualquer outro escritor dos Evangelhos, Lucas aprofunda-se na variedade dos eventos incomparáveis que estão associados ao nascimento de Jesus. Ele nos conta sobre as circunstâncias incomuns do nascimento de João Batista (1.5-25,57-80); do relacionamento entre Maria e Isabel, e da alegria exultante das duas mulheres quando percebem que Deus está prestes a operar maravilhas através de seus filhos (1.26-56). Lucas conta da visita angelical aos pastores (2.8-20), sobre a revelação dada a Simeão e Ana de que o menino Jesus é na verdade o Cristo de Deus (2.21-40), e sobre a visita de Jesus ao templo em sua infância (2.41-52).

Onde Lucas descobriu estas histórias? Muitos acreditam que Lucas, que era o companheiro constante de Paulo, tenha aproveitado os dois anos que Paulo ficou retido em Cesaréia pelos governadores romanos (Atos 23–26) para viajar para a Terra Santa e entrevistar muitos informantes que

foram testemunhas oculares. Assim, temos uma profunda dívida para com Lucas por estas informações que somente ele compartilha, antes de assumirmos o assunto que intriga também os outros escritores dos Evangelhos – o ministério "precursor" de João Batista. Este ministério iria logo impulsionar o primo de João, Jesus de Nazaré, a uma repentina proeminência (3.1-22).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti... por sua ordem (1.3). Por que um outro Evangelho? Lucas está claramente ciente de que Mateus e Marcos nos deram os seus relatos da vida de Jesus. A resposta é melhor fornecida notando-se características distintas deste Evangelho quando comparado com os outros. Lucas, como os outros, quer que vejamos Jesus a partir de sua perspectiva especial. O comentário de Walter L. Liefeld, Luke (Zondervan), resume algumas destas distinções para nós.

Entre estas distinções estão a preocupação de Jesus por todas as pessoas, especialmente aquelas que eram banidas – os pobres, as mulheres e aqueles que eram conhecidos como "pecadores"; o alcance universal de Lucas; a alteração de algumas das terminologias de Marcos para facilitar o entendimento dos leitores de Lucas – por exemplo, o termo grego para "advogado" (nomikos) em vez do termo hebraico "escriba" (grammateus); uma ênfase ao ensino prático de Jesus (por exemplo, os capítulos 12 e 16 tratam de finanças); o senso de propósito, cumprimento e realização de Lucas; seu senso de alegria e louvor a Deus por sua obra de salvação e de cura; o forte chamado de Jesus para o discipulado; a

dependência que Jesus tinha do Espírito Santo e da oração; e muitos exemplos do poder de Deus.

No século I, quando os pagãos não só desde muito tempo haviam se convertido dos deuses tradicionais, mas haviam, também, lutado sem sucesso com questões de sorte e destino, e haviam se voltado para as falsas esperanças das chamadas religiões orientais ou misteriosas, uma narrativa como a de Lucas possuía, sem dúvida alguma, um apelo genuíno. Aqui estava um "Salvador" que, na verdade, viveu e se importou com as pessoas. Ele estava aqui entre as pessoas; Ele foi crucificado e, realmente, ressuscitou dos mortos. E Lucas conta tudo isto com uma convicção e verossimilhança que trouxe segurança a Teófilo, e continua a trazer segurança até nossos dias.

Havendo já me informado minuciosamente de tudo desde o princípio (1.3). Lucas presta grande atenção aos eventos que ocorreram antes do nascimento de Jesus, uma atenção maior do que aquela que os outros evangelistas dedicaram ao assunto. A lista a seguir apresenta a seqüência de eventos que dizem respeito ao nascimento de Cristo, desenvolvida integrando os Evangelhos de Lucas e Mateus.

CRONOLOGIA DE CRISTO O ETERNO FILHO DE DEUS

Pré-existência de Cristo	João 1.1-18
Eventos associados ao nascimento de Jesus	
Anúncio do nascimento de João	Lucas 1.5-25
Anúncio do nascimento de Jesus a Maria	Lucas 1.26-38
Maria visita Isabel	Lucas 1.39-45
O cântico de louvor de Maria ("Magnificat")	Lucas 1.46-56
Nascimento de João	Lucas 1.57-80

Nascimento de Jesus anunciado a José	Mateus 1.18-25
Nasce Jesus	Lucas 2.1-7
Anúncio aos pastores	Lucas 2.8-20
Eventos associados à infância e mocidade de Jesus	
Jesus é circuncidado	Lucas 2.21
Jesus é apresentado no templo	Lucas 2.22-38
Os sábios procuram Jesus	Mateus 2.1-12
A família foge para o Egito	Mateus 2.13-18
A família retorna a Nazaré	Mateus 2.19-23; Lucas 2.39
Jesus cresce	Lucas 2.40
Jesus visita o templo	Lucas 2.41-50
Jesus continua a crescer	Lucas 2.51,52

Zacarias, da ordem de Abias (Lucas 1.5). Quando lemos sobre “sacerdotes” nos Evangelhos, precisamos distinguir entre a aristocracia sacerdotal e os sacerdotes da “ordem”. A aristocracia era limitada a várias famílias sacerdotais, que dominavam os ofícios na hierarquia que controlavam as finanças e rituais do templo. Estas famílias possuíam casas em Jerusalém. Elas eram extremamente ricas e exerciam o poder político, bem como econômico e religioso. Antigos escritos judaicos tendem a retratá-las como gananciosas e corruptas. Um escritor reclama que “seus filhos são tesoureiros... e seus servos batem nas pessoas com varas”.

Por outro lado, os sacerdotes da “ordem” moravam fora de Jerusalém, na Judéia, ou na Galiléia. Era tarefa deles oficiar nos sacrifícios e nas cerimônias que ocorriam diariamente no templo. A organização destes sacerdotes da ordem em grupos de 24 é mencionada já em 1 Crônicas 24.1-10, e embora os nomes destes grupos tenham mudado com o passar dos anos, o sistema de 24 grupos de sacerdotes, cada um dos quais serviam em Jerusalém por uma semana, de sábado a sábado, continuou até a época de Cristo. Antigos escritos judaicos mostram que no século I estes 24 “clãs” semanais foram posteriormente divididos em cerca de 156 “famílias” que se encarregavam das obrigações sacerdotais diárias. A “ordem” que Lucas menciona é muito provavelmente esta “família” do cotidiano, cujos membros lançavam sortes para determinar quem iria entrar no templo na hora do sacrifício da manhã ou da noite para oferecer incenso.

Algumas autoridades indicam que havia tantos destes sacerdotes da “ordem”, que uma pessoa só conseguia executar este dever sagrado específico uma vez em sua vida. Seja isto verdade ou não, fica claro que Deus estava operando quando Zacarias foi indicado para este ministério.

E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele (1.12). Etarachthe, “turbou-se”, indica uma perturbação emocional intensa, que Lucas define como temor. Em certo sentido, a reação é típica, porque outros reagiram da mesma forma na presença do sobrenatural (5.8-10). Contudo, há uma lição aqui para nós.

Zacarias estava entrando no templo onde o Deus de Israel habitava – um Deus conhecido por seus atos sobrenaturais na história em favor de seu povo. Um Deus cujos milagres eram relatados diversas vezes nas festas de louvor. No entanto, Zacarias nunca sonhou que Deus agiria por seu intermédio. Não é de se admirar que ele houvesse se turbado. A despeito do assombro que ele deve ter sentido ao entrar no lugar santo, Zacarias havia esperado uma aproximação confortável e tranqüila de um Deus silencioso e bastante passivo! Não façamos a mesma pressuposição. Deus pode e faz suas obras em nossa vida hoje. Aproximemo-nos dele com um sentimento de admiração, mas também com um sentimento de expectativa.

Não beberá vinho, nem bebida forte (1.15). A descrição sugere que João deveria ser sujeito ao voto do Nazireu por toda a sua vida (Nm 6.1-12). A única outra pessoa descrita dessa forma na Bíblia é Sansão (Jz 13–16). O contraste entre os dois homens, um fisicamente forte e o outro um gigante espiritual, nos faz lembrar que o que faz a diferença não são os símbolos exteriores da religião, mas nossos compromissos pessoais e interiores com Deus.

Sansão viveu com os símbolos de compromisso. João viveu a realidade que os símbolos deveriam representar.

E, vendo-o ela [Maria] turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta (1.29). A palavra grega é dietarachthe, que significa “perplexo”, “confuso”. Que reação diferente esta simples camponesa tem, provavelmente ainda muito jovem, em comparação com a reação de Zacarias, que ficou profundamente abalado e apavorado pela presença de Gabriel.

Nada disso é uma crítica a Zacarias. A sua reação ao aparecimento de Gabriel é compreensível, e Lucas o descreve como “irrepreensível” (alguém que vivia em completa concordância com a lei mosaica). O que o contraste nas reações

realmente faz é resultar no louvor de Maria, e nos lembrar da simplicidade e da sinceridade de sua fé no Senhor – uma simplicidade e sinceridade cujo exemplo bem poderíamos seguir. A confiança em Deus é uma linda qualidade, que não depende de idade, classe ou posição. O crente mais simples é freqüentemente favorecido com mais deste tipo de fé responsiva, do que aqueles que possuem alguma posição social.

Como se fará isso, visto que não conheço varão? (1.34) Poderíamos voltar a nossa atenção ao termo “virgem”, contido em algumas versões, e notar que isto não significa simplesmente “uma jovem mulher solteira”, mas alguém que não teve uma relação sexual com um homem.

Mas considere primeiro o que é que ela pergunta. Não, “Como eu poderia explicar a José?” Não, “Como eu poderia encarar a vergonha de ser solteira e estar grávida?” Não, “O que acontecerá comigo?” Em vez disso, ela simplesmente questiona, “Como Deus fará este milagre e fará de mim, uma virgem, a mãe do Messias?”

Quando Gabriel explica o milagre, a resposta imediata de Maria é, “Eis aqui a serva do Senhor” (1.38).

Que pessoa extraordinária esta camponesa provou ser. Uma “serva” é aquela que faz a vontade de seu senhor e que coloca de lado os interesses pessoais, a fim de cumprir qualquer comissão. Ao dizer, “Eis aqui a serva do Senhor”, Maria entregou-se totalmente para fazer a vontade de Deus, seja qual fosse o preço.

Ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino [e dar-lhe o nome] (1.59). O nascimento de um filho era uma ocasião de regozijo, dando início ao que era conhecido como a “semana do filho”. Por sete dias os amigos vinham à casa do recém-nascido ao anoitecer. Então, no oitavo dia, uma grande multidão reunia-se para celebrar a circuncisão do menino. A circuncisão marcava a iniciação oficial do menino na Aliança que Deus fez com Abraão, e o marcava para sempre como membro do povo escolhido. É importante observar que a descrição de Lucas é a única referência na literatura do século I em que se dá o nome a uma criança no

oitavo dia – uma prática bem atestada posteriormente na história judaica.

Também vale a pena observar que os judeus consideravam a celebração do aniversário de uma pessoa como uma prática pagã. Sua alegria marcou as festividades associadas com a circuncisão de um menino. A importância do relacionamento de uma pessoa com Deus era considerada muito maior até mesmo do que o início da vida biológica em si. Hoje também, o nosso "segundo aniversário", a ocasião em que estabelecemos um relacionamento com Cristo através da fé, é um evento que é digno de maior celebração do que o nosso aniversário biológico!

E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse (2.1). Era a prática no governo de Augusto se fazer um censo, que não só contava as pessoas, mas que também registrava as suas propriedades, como uma base para a cobrança de impostos das terras controladas por Roma. No versículo 2, Lucas menciona um censo que ocorreu enquanto Quirino era governador da Síria. Este censo foi especialmente notável, porque ele quase causou uma rebelião aberta contra Roma na Judéia. Judas de Gaulanitis e o fariseu Sadoque despertaram a população geral com a exclamação de que isto simbolizava a escravização por Roma e deveria certamente levar a impostos mais pesados. A menção de Lucas deste censo cria dificuldade, pois se considera que ele ocorreu no ano 6 d.C., por volta de uma década após o nascimento de Jesus!

Isto tem levado alguns a argumentar que Lucas é culpado de um erro óbvio, levando-os a questionar a exatidão de outras informações encontradas em seu Evangelho e em Atos.

A melhor solução para esta aparente contradição histórica está no significado da palavra prote. Enquanto um significado é "primeiro", como na versão NIV em inglês de Lucas 2.2, prote também pode significar "prévio" ou "anterior". Se usarmos este significado, Lucas 2.1 indica que um "censo", aquele que levou Maria e José a Belém, "aconteceu antes de Quirino ser governador da Síria".

Ao adotarmos esta tradução, vemos que Lucas foi, na verdade, cuidadoso ao distinguir o censo sobre o qual ele está escrevendo do censo mais recente decretado por Quirino, o qual o leitor poderia de outra forma ter presumido ser o censo que Lucas tinha em mente.

Na cidade de Davi... hoje (2.11). Nas Escrituras, a “cidade natal” de Davi é Belém, enquanto que Jerusalém é a “cidade” de Davi.

Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens! (2.14) Como os tradutores da versão King James em inglês traduziram este versículo como “na terra, paz para os homens de boa vontade”? A resposta está em uma única letra, o sigma grego, “s”. Os textos gregos disponíveis em 1611 tinham o nominativo eudokia. Descobertas posteriores de textos mais antigos tinham o genitivo eudokias. A presença desta única letra altera o significado do anúncio angelical, de uma proclamação de paz aos “homens de boa vontade” para uma proclamação de paz a toda a humanidade, sobre quem, através do nascimento do Salvador, o favor de Deus agora repousa.

Construções similares encontradas nos hinos da igreja primitiva, e em um texto aramaico encontrado juntamente com os Rolos do Mar Morto, deixam claro que a tradução da versão NIV em inglês é correta.

Naturalmente, a teologia bíblica esclarece a situação. O favor de Deus não repousa sobre os “homens de boa vontade”, porque todos nós somos imperfeitos. Mas ao nos prover um Salvador, Deus deixa claro que o seu favor repousa sobre todos nós. Como podemos não responder a tal graça com adoração e louvor?

Um par de rolas, ou dois pombinhos (2.24). A lei do Antigo Testamento exigia que uma mulher oferecesse um cordeiro a Deus um certo número de dias depois do nascimento de uma criança (Lv 12.1-8). No entanto, esta regra inclui uma provisão especial: “Se a sua mão não alcançar assaz para um cordeiro, então, tomará duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e outro para a

expiação do pecado”.

O fato de Maria ter trazido este sacrifício alternativo, indica que ela e José eram de fato pobres.

Como é intrigante o fato de Deus não ter escolhido colocar o seu Filho na casa de algum casal rico. Em vez disso, Ele escolheu colocar Jesus com uma família pobre de coisas materiais, mas rica em fé e amor.

Certamente o nosso próprio desejo de prover uma vida materialmente melhor para nossos filhos é compreensível. Mas talvez isso também seja insensato. Muito temos a ponderar e aprender do fato de Deus ter colocado seu Filho com os humildes Maria e José.

Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai? (2.49) Aos 13 anos de idade, um menino judeu tornava-se um “filho do mandamento”, e lhe era exigido que viajasse até Jerusalém para participar das principais festas religiosas anuais. No entanto, os doutores da lei daquela época requeriam que se levasse um menino a Jerusalém dois anos antes para observar os direitos festivos. Portanto, é muito provável Jesus tivesse onze anos de idade quando ocorreram estes eventos aqui descritos.

Também sabemos a partir de escritos rabínicos, que o retrato de Lucas do menino Jesus discutindo a Lei com famosos mestres adultos, reflete exatamente o costume da época. Nos dias de festa e sábados, os sábios não só ensinavam publicamente, mas pessoas comuns ocupavam-se livremente em fazer perguntas e debater com os palestrantes. Qualquer um que conhecesse as Escrituras em hebraico poderia engajar-se nestas discussões – como fez o menino Jesus.

A razão de Lucas contar esta história, porém, é que o menino Jesus identificou o templo como a casa de “meu Pai”. Esta não era a maneira como o judeu mediano pensava a respeito de Deus, embora ele fosse o “Pai” – a fonte – da raça hebraica. Lucas quer que entendamos que, mesmo nesta tenra idade, Jesus estava ciente de seu relacionamento especial com o Pai – uma reivindicação que seus

pais “não compreendiam” (2.50).

E [João] percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando (3.3). Para uma discussão sobre o ministério de João Batista, veja João 3.22-36, Mateus 11.1-19 e Marcos 1.1-8.

Este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo (3.16). Para uma discussão desta frase, veja o estudo da palavra referente a Mateus 3.11.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Estes capítulos do Evangelho de Lucas registram monólogos proferidos por três pessoas que são significativas em seu relato da infância de Jesus. O primeiro é em forma de louvor proferido por Maria (1.46-55). O segundo é em forma de uma profecia proferida por Zacarias, o pai de João Batista (1.67-79). E o terceiro é em forma de uma oração proferida pelo idoso Simeão, que viu e reconheceu o menino Jesus como o Salvador prometido (2.29-32).

Cada monólogo compartilha uma característica importante: cada um deles olha para frente com alegria na expectativa daquilo que Deus fará, enquanto ao mesmo tempo interpretam aquele futuro em termos da revelação de Deus de seu propósito para Israel, através de Moisés e dos profetas. O passado viu o plantio da semente. O presente é para cada um uma época de germinação. E com certeza o futuro gerará o fruto pretendido por Deus.

Cada um destes monólogos poderosos merece um exame cuidadoso.

O CÂNTICO DE MARIA

A Oração da Virgem (1.46-55)

Contexto. Um dos elementos mais impressionantes do poema de louvor de Maria é a sua abundância de frases e conceitos do Antigo Testamento. Mesmo a construção de pensamentos ecoa claramente os padrões encontrados nos salmos hebraicos, e a sua tradução contemporânea grega na Septuaginta. A emoção de Maria por seu privilégio de "engrandecer" (glorificar, exaltar) o Senhor é expresso primeiro pelos salmistas. Eles também exclamam: "Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o seu nome" (Sl 34.3), e "Louvarei o nome de Deus com cântico e engrandecê-lo-ei com ações de graças" (Sl 69.30).

À medida que Maria move-se para dirigir adoração, e louvores a Deus por atributos específicos (1.49,50), os paralelos tornam-se ainda mais admiráveis. Por exemplo, a frase "Porque me fez grandes coisas o Poderoso" capta o pensamento e a linguagem do Salmo 71.19, e pode refletir a imagem de Deus como um guerreiro/herói visto em Isaías 42.13, "O Senhor, como poderoso, sairá; como homem de guerra, despertará o zelo; clamará, e fará grande ruído, e sujeitará os seus inimigos".

Um comentarista, examinando o louvor de Maria linha por linha, ligou os seus pensamentos e termos a cerca de doze diferentes passagens do Antigo Testamento.

Alguns têm questionado se uma jovem, provavelmente de muito pouca idade naquela época, poderia ter produzido espontaneamente um poema de tanta profundidade e tão cheio de alusões bíblicas. Contudo, há pelo menos duas coisas a serem lembradas. Os judeus no século I permaneciam, em seus corações, como uma comunidade teocrática. Era o seu relacionamento com Deus que lhes dava não só a sua identidade como povo, mas também o fundamento de sua esperança para o futuro. Eles eram verdadeiramente um "povo do Livro", e frases e imagens bíblicas eram tecidas na fala cotidiana. Memorizadas, cantadas e discutidas na sinagoga todos os sábados.

A segunda coisa a ser lembrada, naturalmente, é que Maria era uma mulher jovem, que possuía uma profunda fé e inspiração espiritual. Ela era verdadeiramente uma pessoa excepcional; esta qualidade pode ser rapidamente percebida ao considerarmos a sua resposta ao anúncio feito pelo anjo Gabriel

(1.38). Nem toda mulher jovem na Galiléia do século I poderia ter composto o Cântico de Maria. Mas quando Maria viajou para visitar a sua prima Isabel na região montanhosa de Judá, uma viagem de cerca de três a quatro dias a pé, entendemos que ela ponderou sobre a sua experiência e compôs estas maravilhosas palavras de louvor.

Que desafio para nós em nossos dias. Se esperamos ser usados por Deus, não precisamos ser grandes aos olhos do mundo. Mas devemos nos encher do conhecimento das Escrituras, até que os pensamentos e conceitos revelados por Deus tornem-se uma parte integral de nossos corações e mentes também.

Interpretação. O Cântico de Maria (que recebeu o nome de Magnificat devido à sua primeira palavra quando traduzido para o Latim), possui três divisões. (1) Os versículos 46-48 louvam a Deus pelo que Ele fez por Maria, e refletem a sua própria admiração ao ser escolhida para dar à luz ao Messias. (2) Os versículos 49 e 50 concentram a nossa atenção nos atributos de Deus. O Poderoso de Israel é santo e misericordioso. (3) Os versículos 51-53 refletem o compromisso escatológico de Deus – um compromisso prefigurado pela sua escolha da "humilde" Maria para gerar o Messias. Este compromisso escatológico também é revelado na história quando Deus "derrubou governantes de seus tronos" e "exaltou os humildes". Contudo, o passado é meramente o prelúdio daquilo que Deus fará através do Messias, virando este mundo "de cabeça para baixo", rejeitando o rico auto-suficiente e recebendo aquele que tem fome.

Em um sentido significativo, o hino lírico de louvor de Maria é uma afirmação de verdades fundamentais ensinadas na revelação mais antiga. Deus está preocupado com o indivíduo, pois ele é o Deus de poder, santidade e misericórdia. Ele não se esquecerá das promessas de sua aliança com Abraão. Em vez disso, no Messias que agora cresce no ventre de Maria, Deus pretende cumprir o seu compromisso com os humildes, e quando o Messias tiver executado o juízo e abatido os poderosos deste mundo, o Senhor confortará a descendência de Abraão para sempre.

Aplicação. É importante notar que Lucas não escolheu um material que separe Jesus da visão do Messias do AT, mas, antes, um material que afirma a Jesus de Nazaré como o próprio indivíduo que os profetas descrevem. Hoje a igreja corretamente concentra-se nos primeiros versículos do salmo de louvor de Maria. Nos regozijamos em Deus como o nosso "Salvador" e, reconhecendo a nossa "humilde condição", direcionamos os outros a Cristo para que recebam a

libertação.

Contudo, o poder liberado para nos trazer a salvação irá um dia realizar os juízos devastadores previstos pelos profetas do passado. Quando aquele dia chegar, nosso mundo será virado “de cabeça para baixo”. Os poderosos cairão – e os fracos serão exaltados. Deus manterá cada promessa, e no dia do juízo lembrar-se-á de ser misericordioso para com os seus.

Consideremos como o dia da graça pode estar acabando-se rapidamente. E nos comprometamos a fazer a vontade do Senhor.

O CÂNTICO DE ZACARIAS

A Profecia de Zacarias (Lucas 1.67-79)

Contexto. A profecia de Zacarias, ainda mais clara do que o louvor de Maria, expressa pensamentos que são totalmente definidos pelos textos do AT e expectativas judaicas contemporâneas. A profecia possui duas divisões principais: os versículos 68-75 concentram-se no significado do nascimento de Cristo para Israel, enquanto os versículos 76-79 concentram-se no papel a ser cumprido pelo próprio filho de Zacarias, João, no plano de Deus.

Embora comentaristas cristãos modernos espiritualizem as profecias do AT, e vejam nas imagens vívidas de uma terra, de um reino, e da prosperidade do povo de Deus do AT – bênçãos espirituais para os crentes do NT, esta abordagem não foi tomada pelos comentaristas judeus no século I. Eles esperavam que surgisse um descendente real de Davi. Eles esperavam que ele quebrasse o jugo da dominação estrangeira sob a qual os judeus haviam sido forçados a se inclinar durante séculos, e que estabelecesse um reino terreno cuja capital seria Jerusalém. O povo judeu estava convencido de que, como escolhidos de Deus, eles serviriam a Ele e ao seu Messias, governando nações gentílicas cujo povo havia finalmente sido forçado a reconhecer e a se sujeitar a Deus.

Esta era uma grande visão de um mundo em paz sob o governo benevolente, mas firme, do Servo de Deus, o Messias – Aquele em quem as qualidades especiais dos judeus seriam finalmente reconhecidas pelas outras raças da humanidade.

Tudo isso está sugerido, e ainda mais que sugerido – implícito – no clamor exultante e profético de Zacarias. E outra vez somos lembrados deste fato. Mesmo Lucas, que era muito provavelmente um cristão "gentio", deixa claro que para entender o papel definitivo de Jesus Cristo no plano de Deus, devemos levar em consideração não só o ensino do NT, mas também o do AT.

Interpretação. A primeira seção (1.67-75) da profecia de Zacarias de que Lucas nos lembra, é proferida quando este sacerdote está "cheio do Espírito Santo" (1.67). Ele louva a Deus "porque visitou e remiu o seu povo" (1.68).

Este tema é captado e amplificado nos versículos seguintes: "E nos levantou uma salvação poderosa" (1.69). Portanto, o tempo presente torna-se o local no qual as visões messiânicas de "seus santos profetas, desde o princípio do mundo" estão finalmente sendo cumpridas.

Zacarias continua a louvar a Deus como se a salvação prevista já tivesse sido realizada! O libertador chegou:

para lembrar o Seu santo concerto (1.72)

para nos libertar das mãos de nossos inimigos (1.74)

para nos capacitar a servi-lo sem temor, em santidade e justiça em sua presença, todos os dias da nossa vida (1.74,75).

Zacarias fala desta forma porque vê na semente do ato presente de Deus, o fruto que será produzido quando este ato presente amadurecer. É como se o plantio de uma semente garantisse o desenvolvimento de um grande carvalho, ou como se a colocação da quilha tornasse certa a partida do navio. Tudo o que Deus prometeu realizar no final da história torna-se certo e seguro, porque está implícito em seu ato de levantar um Libertador.

O termo chave neste salmo profético de Zacarias é “salvação” (1.69), uma salvação que o AT liga com o Libertador que seria um descendente de Davi. Aqui, como na maioria das ocorrências do AT, “salvação” não é primeiramente uma salvação espiritual que vem pelo perdão de nossos pecados. Ela é, antes, uma libertação daquelas nações hostis que oprimem o povo de Deus. É a salvação “de nossos inimigos” (1.71), a “libertação... das mãos de nossos inimigos” (1.74), que nos capacitará a “servi-lo [a Deus] sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os dias da nossa vida” (1.74,75).

A segunda parte do hino profético de Zacarias (1.76-79) concentra-se em João, o menino que se coloca perante ele, com apenas oito dias de idade, prestes a ser circuncidado. A descrição do destino de João no versículo 76, como sendo aquele profeta que “há de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos” sem dúvida alguma reflete Isaías 40.3 e Malaquias 3.1; 4.5, ligando João claramente com Elias, o precursor do Messias. Aqui finalmente temos uma referência ao “conhecimento da salvação”, através da “remissão dos seus pecados” (Lc 1.77), uma clara referência à futura pregação do arrependimento, realizada por João. Aqui também, porém, Zacarias está falando dentro do contexto do AT, e não no contexto da verdade do NT. Quando o Messias realizar a libertação do povo de Deus, Ele o fará em favor de um povo judeu redimido, que se voltou ao Senhor com um coração sincero em busca de perdão e renovação (Jr 31.33,34).

Interpretação. É significativo que Lucas relate tão fielmente o pronunciamento profético de Zacarias, porque o contexto no qual este pronunciamento encaixa-se é completamente do “Antigo Testamento”, em sua natureza. Jesus é Aquele que os profetas predisseram que viria. Jesus é Aquele que libertará Israel de seus opressores. Jesus é Aquele que cumprirá as promessas da aliança feitas a Abraão e a Davi.

Zacarias, banhado no conhecimento do AT, compreendeu a missão de Cristo no contexto desta revelação, e não possuía noção de forma alguma da atual era do Evangelho na qual uma salvação dos pecados pessoais é oferecida a pessoas de toda família, raça e nação, que colocam a sua confiança no Salvador crucificado e ressurreto de Israel.

Alguns, notando esta aparente discrepância de expectativas, presumem que – a visão do AT do futuro, ou a convicção cristã de que Jesus é o Cristo profetizado – deve de alguma forma estar errada. Mas esta pressuposição é injustificada.

Deve estar claro que Lucas, que olha para o passado e escreve a partir de uma perspectiva distintamente cristã, não vê qualquer discrepância em fornecer um relato completo da profecia de Zacarias. Para Lucas, e para nós, as palavras de Zacarias devem em primeiro lugar sugerir a unidade do AT e do NT como parte de um todo. Em segundo lugar, as palavras de Zacarias devem nos lembrar de que os planos e propósitos de Deus são mais complexos do que podemos imaginar. Devemos assumir uma "discrepância" quando descobrimos que esta Era do Evangelho, um período intermediário entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, não foi revelada aos santos do AT? Ou são as predições do AT a respeito da terra prometida e do futuro de Israel nela sob o governo do Messias, algum "erro" que deve ser desculpado propondo-se um cumprimento espiritual das promessas dadas ao povo de Deus do AT? Ou é possível que o plano de Deus e os propósitos que Ele pretende realizar em Cristo, sejam mais complexos do que imaginamos?

Talvez para nós esta seja a mensagem mais importante e mais prática a ser encontrada no Cântico de Zacarias. Não tentemos simplificar o que Deus pretende, para fazer com que tudo se encaixe nas nossas categorias. Lembremos que os propósitos de Deus são complexos, e que não devemos esperar compreender tudo o que está em sua mente. Em vez de debatermos sobre aquilo que o futuro nos reserva, vamos perceber, como Zacarias, que em Cristo o futuro é agora. Todos os propósitos de Deus são e serão sintetizados naquele que apresentamos ao mundo como Senhor e Salvador. É muito importante então que o compartilhemos com todas as pessoas que conhecemos.

A DESPEDIDA

A Oração de Simeão (Lucas 2.29-32)

Contexto. O templo era o ponto focal da religião do AT, o lugar onde a presença de Deus habitava, o único lugar onde os sacrifícios de expiação ou de louvor deveriam ser oferecidos. Lucas fala de dois indivíduos piedosos que se encontram com Maria e José quando eles levam o menino Jesus ao templo – e guiados pelo Espírito Santo o reconhecem como o Messias.

Interpretação. As duas pessoas que reconhecem a importância de Jesus, um homem e uma mulher, são idosas. Em um certo sentido, cada um deles representa o fim daquela era. Cada um deles sobreviveu aos seus contemporâneos, e os longos anos em que Ana vivera sem marido, adorando no templo, fala tanto da espera como do não cumprimento. Contudo, a esperança de cada um deles ao longo dos anos estava fixada em Deus. E assim, estes dois representantes dos santos do AT foram escolhidos para ver o menino Jesus, e reconhecê-lo como o Messias.

Lucas registra a oração de Simeão, o homem idoso que foi informado pelo Espírito de que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor (2.26). A oração de Simeão, muito mais que a profecia de Zacarias, marca uma transição da era do AT para a era do NT. Se virmos Simeão como um representante de sua era, há um grande simbolismo bem como uma grande importância pessoal em suas palavras.

Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo (2.29). Esta declaração reflete o senso de cumprimento e prontidão de Simeão, para morrer. Ele está velho agora e sua idade pesa sobre si. Agora que já testemunhou a vinda do Salvador, ele está pronto para morrer. Semelhantemente, o nascimento do Salvador significava a passagem de uma era na história de Israel. Durante séculos o povo de Deus havia sido oprimido por diferentes poderes mundiais estrangeiros, que os oprimiram sucessivamente. Com certeza, a própria vida tornava-se pesada sobre o povo de Deus à medida que o jugo sempre pesado de Roma os pressionava. E então finalmente Deus agiu, enviando o seu próprio Filho como o Bebê de Belém.

Os meus olhos viram a tua salvação (2.30). Iluminado pelo Espírito Santo, Simeão vê na pessoa do menino Jesus a salvação concedida por Deus. Esta é uma inspiração admirável. Quando Jesus cresceu, ensinando e operando milagres, seus contemporâneos recusaram-se a reconhecer sua legítima identidade. Mas Simeão o reconheceu quando Ele era, ainda, apenas um bebê indefeso.

Em um sentido real Simeão representa a ligação entre as eras do AT e do NT – uma ligação que existe não nas práticas religiosas exteriores dos israelitas ou dos cristãos, mas uma ligação que existe como uma fé simples em Deus e no seu Cristo. Os olhos da fé realmente vêem a salvação de Deus, porque eles reconhecem o Salvador.

Luz para alumiar as nações e para glória de teu povo Israel (2.31). Aqui encontramos uma inspiração que é maior do que aquela que foi concedida a Zacarias. A visão de Zacarias, em relação ao significado da vinda de Cristo, teve seu foco nas profecias que lidavam com o futuro de Israel. A visão de Simeão incorporou as referências menos freqüentes dos profetas à missão do Messias, de trazer a salvação para toda a humanidade.

Na antiga era, Israel era o centro da atenção de Deus. Na nova era que estava prestes a substituí-la, o Messias de Israel seria revelado como o Salvador de toda a humanidade, uma luz para os gentios (Is 42.6; 49.6), que traria glória para a nação de Israel, da qual Ele viera.

Aplicação. A oração de Simeão representa uma transição que é experimentada por misericórdia, e com gratidão. Simeão está pronto para morrer, confortável com a sua visão de um futuro que é diferente do passado, mesmo sendo um cumprimento de bênçãos prometidas no passado.

Simeão nos lembra de que o nosso próprio tempo na terra é limitado, e que nós também devemos em breve partir, deixando o cumprimento da nossa própria visão a outros. Sigamos este exemplo, agindo conforme a graça, confiantes de que Deus irá operar através deles assim como o fez através de nós. E mesmo que o futuro possa ser diferente do que supomos, podemos ter a certeza de que tudo permanece nas mãos de Deus.

Vencendo a Tentação

EXPOSIÇÃO

-

Lucas continua a apresentar Jesus à sua audiência helênica. Os maravilhosos acontecimentos associados ao nascimento de Jesus serviram para identificá-lo como uma pessoa especial. Mas, ao contrário das divindades gregas e romanas que, de acordo com as histórias pagãs assumiam breves aparências humanas, Jesus era um verdadeiro ser humano cuja linhagem podia ser rastreada desde a época de Adão (3.23-38).

Jesus também era diferente das divindades pagãs em outras características. As histórias retratam os deuses e as deusas da mitologia como seres sujeitos às paixões pecaminosas que também pairam sobre a humanidade: luxúria, orgulho, ambição egoísta e calúnia. No entanto, antes de Jesus se lançar ao ministério público, no qual Ele se apresenta como a solução de Deus para o pecado, Ele mesmo foi tentado. E como é assustadora essa revelação. Ao invés de pensar primeiro em si, Jesus resiste à grande

fome, e prefere se submeter à vontade de Deus (4.1-4). Indiferente à ambição que levava deuses e deusas gregos a planejar e competir para alcançar posições, Jesus rejeita a oferta de Satanás, de todos os reinos do mundo, por causa da sua lealdade a Deus (4.5-8). Na tentação final, Jesus se recusou a saltar do pináculo do templo, pois, se sobrevivesse, teria provado seu relacionamento especial com o Pai (4.9-13).

Mas agora Lucas apresenta um outro tema, igualmente surpreendente. Quando esse homem especial volta para a sua terra natal, Ele se anuncia como o Messias, o objeto de séculos de profecias (4.14-27). De repente, tudo está no devido lugar – seu nascimento, sua linhagem, sua vitória sobre a tentação. Mas, quando Jesus continua a falar, seus vizinhos subitamente se tornam hostis – e não só rejeitam a sua afirmação, mas chegam até a tentar matá-lo.

Será que seus vizinhos estariam certos? Afinal de contas, estavam em uma posição que lhes permitia conhecê-lo melhor. Não, Lucas rapidamente demonstra que eles estavam errados. Pois o ministério público de Jesus, que agora se iniciava, está marcado por sinais sobrenaturais de autenticação. Ele expulsa demônios, que o reconhecem como "o Santo de Deus"

(4.31-37), e à medida que Ele prega as Boas Novas do reino de Deus, Ele cura “cada um” que procura a sua ajuda, qualquer que seja a queixa (4.38-44).

Assim Lucas termina a apresentação de Jesus – uma apresentação que responde às muitas perguntas que seus leitores gregos poderiam fazer, embora ainda seja uma introdução que levanta muitas outras questões. Jesus é Aquele cujo nascimento foi marcado pelos sinais sobrenaturais; no entanto, Ele é um verdadeiro ser humano. Jesus é o abnegado Servo de Deus, mas Ele também é o cumprimento das esperanças e dos sonhos dos profetas. Jesus domina os demônios e pode curar os enfermos; no entanto, Ele é insultado pelos seus vizinhos. À medida que Lucas dá continuidade ao seu relato, seus leitores podem ver como esses temas foram entrelaçados a fim de contar a história da salvação. Em conjunto, eles nos ajudam a entender o significado da vida de Jesus – e o significado da sua morte e ressurreição, para nós.

ESTUDO DA PALAVRA

-

O filho de Eli (3.23). A palavra “filho” é um termo flexível quando usado nas genealogias. Ela indica a descendência e não a prole imediata. Como as outras

genealogias da Bíblia, ela seleciona indivíduos representativos dentro de uma linhagem familiar, e não procura incluir todos os indivíduos do sexo masculino dessa linhagem.

Para uma discussão sobre as diferenças entre a genealogia de Jesus feita por Lucas e aquela que consta no livro de Mateus, veja o tópico A Passagem em Profundidade.

Jesus... foi levado pelo Espírito ao deserto (4.1). Geralmente, quando pensamos na orientação de Deus, imaginamos que o Espírito está nos guiando à graça divina. Mas Lucas nos conta que Jesus foi levado pelo Espírito a um lugar deserto. Lá, em um calor abrasador, sem alimento e certamente sem água, Jesus esperou 40 dias. Finalmente, quando estava à beira da exaustão, Satanás apareceu e tentou pressionar o Senhor.

A primeira coisa que este fato nos ensina é não ficarmos perplexos perante as provações e tragédias. Deus também pode nos levar para lugares desertos onde, como Jesus, ficaremos exaustos e experimentaremos tentações que serão difíceis de suportar.

Mas existe uma outra lição nesse versículo. A tradução do verbo é “foi levado” e no original está no passivo imperfeito, uma construção que significa “foi continuamente levado”. Da mesma maneira, o Espírito Santo está conosco quando passamos pelos momentos de “deserto” em nossa vida.

Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás (4.8). Uma tradição cristã procura fazer uma distinção entre “adorarás”, proskyneo e “servir”, latreuo. Assim sendo, algumas pessoas pensam que somente Deus deve ser adorado, mas que é aceitável orar a Maria e a os santos, pois entendem que isso é apenas um “serviço”. Entretanto, no NT, todas as formas de latreuo foram usadas no sentido religioso de adorar ou servir a Deus.

Naturalmente, neste contexto, Jesus está levantando um ponto diferente. Aqueles que alegam adorar a Deus devem certamente demonstrar seu compromisso servindo-o ativamente e cumprindo seus propósitos. Aqui, como em muitas outras áreas, não é a nossa teologia, mas o nosso compromisso diário com Jesus que faz a verdadeira diferença.

E ensinava nas suas sinagogas (4.15). A sinagoga era talvez a instituição mais importante do judaísmo do primeiro século. Fontes literárias deixam claro que havia muitas sinagogas na Galiléia na época de Jesus, e também muitas delas na parte judaica de Alexandria, no Egito, e na própria cidade de Roma. Geralmente, escolas, tribunais e hospedarias (particularmente em Jerusalém) estavam associados à sinagoga. Mais tarde, a lei romana indica que o "líder da sinagoga" era considerado o líder e o representante da população judaica. É interessante notar que ele tinha um assistente (um hazzan) que supervisionava os detalhes práticos da direção da sinagoga. A pessoa mencionada em 4.20 como "atendente" (uperetes), em algumas versões ("ministro" na versão RC), era provavelmente um hazzan.

Na sinagoga, o culto religioso do sábado geralmente durava horas, e incluía não só as orações e a leitura das Escrituras, como também uma discussão pública das Escrituras quando qualquer um que desejasse podia tomar parte. Dessa forma, não é de admirar que Jesus "levantou-se para ler" (4.16) – palavras que sugerem tomar a iniciativa de se apresentar e não de ser convidado, pelo líder, para falar.

Parece claro no versículo 14 que Jesus deu início à estratégia, mais tarde adotada por Paulo e outros missionários cristãos, de entrar em contato com a comunidade judaica primeiro na sinagoga, onde havia acesso a todos os membros e onde a tradição permitia que qualquer homem [biblicamente] educado falasse.

E todos... se maravilharam das palavras de graça que saíam da sua boca (4.22). Essa frase pode se referir ao modo gentil de Jesus falar ou ao conteúdo da sua mensagem. A frase paralela em Atos 14.3 pode sugerir a segunda hipótese: eles ficaram admirados com as palavras proferidas por Jesus sobre a graça de Deus.

A expressão “se maravilharam” é neutra, e não sugere aceitação ou recusa da mensagem. No início, aquilo que Jesus dizia parecia ser simplesmente uma grande maravilha. Entretanto, a multidão tomou rapidamente uma decisão, e se voltou contra Jesus.

Não se surpreenda se quando as palavras que você falar sobre a graça de Deus inicialmente deixarem as pessoas admiradas – e depois provocarem uma reação irada. Muitas pessoas se ressentem da noção de que precisam se apoiar na graça de Deus, supondo que Ele deva simplesmente dar-lhes crédito pelas suas boas obras!

Cala-te e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele, sem lhe fazer mal (4.35). Estamos tão familiarizados com o retrato de Jesus dominando os demônios no NT, que não conseguimos imaginar o quanto esse fato foi espantoso para os judeus do primeiro século.

Não é que a prática de expulsar os demônios fosse desconhecida. Na verdade, havia uma tradição bem estabelecida, e a literatura contém muitos encantamentos usados pelos exorcistas contra os demônios em benefício de clientes que pagavam muito dinheiro por esse serviço. Veja, por exemplo, um encantamento mágico relatado por J. A. Montgomery (Aramaic Incantation Texts from Nippur) usado por Joshua bar Perahya com a finalidade de libertar os seus clientes dos demônios. Ele diz o seguinte:

Eu ligo, amarro e elimino todos os demônios e espíritos maléficos que existem no mundo, sejam eles homens ou mulheres, do maior ao menor, do jovem ao velho, sabendo ou não seu nome. No caso de não saber seu nome, ele já me foi explicado nos sete dias da criação. O que não me foi revelado no período dos sete dias da criação, foi descoberto no documento que chegou a mim através do mar, que foi escrito e enviado pelo rabino Joshua bar Peraya. Existiu Lilith, que sufocava as pessoas, e o rabino enviou uma excomunhão contra ela, mas ela não a aceitou porque ele não sabia seu nome. Porém seu nome estava escrito na lista,

e foi feito um aviso contra ela no céu por meio de uma lista que chegou até mim através do mar; da mesma maneira você está totalmente ligado, amarrado e eliminado debaixo dos pés do dito Marnaqa filho de Quala. Em nome de Gabriel, o supremo herói, que mata todos os heróis que foram vitoriosos na batalha, o nome de Yah, Yah, Yah, Sabaoth. Amém, Amém, Selah.

Neste encantamento, o documento (ou lista) mencionado é um "anúncio de divórcio" que liberta o cliente do demônio. A Lilith do encantamento é um demônio que se recusava a reconhecer a validade desse documento porque não havia sido identificada pelo nome. O encantamento argumenta que o céu interveio e, milagrosamente, forneceu o nome da lista. Assim, o exorcista está explicando (ao demônio!) que seu exorcismo tem força legal, pois o céu inseriu o nome correto, embora o exorcista não o conheça, conferindo-lhe, portanto, uma força legal para expulsar o demônio.

Dessa forma, embora o judeu do primeiro século estivesse familiarizado com as tentativas de se expulsar demônios, o procedimento era considerado um processo complicado que envolvia encantamentos mágicos e também sutilezas legais a fim de se tornar efetivo.

As testemunhas ficaram estupefatas ao ver Jesus expulsar os demônios dizendo simplesmente "Cala-te e sai dele!" (4.35). Aqui estava uma pessoa que não precisava se apoiar em palavras mágicas ou em sutilezas legais; uma pessoa cuja autoridade sobre o mundo espiritual era total e completa. Quando o texto relata que "veio espanto sobre todos" (4.36) não há aí nenhum exagero. O povo ficou realmente espantado pela "autoridade e poder" com os quais Ele dava ordens aos espíritos imundos, e estes saíam!

Seria muito bom se você e eu, ao lermos essas histórias que se tornaram tão familiares, fôssemos capazes de perceber a admiração sentida por aqueles que ouviram Jesus falar, e que viram os demônios obedecer. Jesus é o Senhor. Sua Palavra representa a suprema autoridade no nosso universo. Podemos, com toda confiança, colocar o nosso futuro – e o nosso presente, em suas mãos.

E veio espanto sobre todos (4.36). Essa é a segunda vez que Lucas usa a palavra "espanto" para descrever a reação do grupo a Jesus. A primeira multidão ficou espantada com sua mensagem. A segunda, com seu poder, ao expulsar os

demônios. Infelizmente, em nenhum dos casos o espanto se traduziu em fé. Não é suficiente admirar as palavras e as obras de Jesus. Devemos também responder de forma positiva a elas, e ao nosso Senhor.

Todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, impondo as mãos sobre cada um deles, os curava (4.40). Essa simples descrição do ministério de Jesus dá continuidade à ênfase da citação de Isaías que Jesus leu na sinagoga (4.18,19). A cura de “cada um” realizada por Jesus indica que Ele estava profundamente consciente de ter sido verdadeiramente ungido para “evangelizar os pobres” e proclamar a recuperação da “vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor”.

Um tema importante do Evangelho de Lucas é a preocupação de Jesus com os doentes e com os pobres. E isso é o que podemos ver mais tarde quando Jesus responde às perguntas de João Batista, mostrando esse ministério de cura e de cuidado: “Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho” (Lc 7.22; veja também 14.21). Em uma série de ensinos que retornam a um dos pontos principais da mensagem de Jesus ao se referir aos banquetes, Cristo insiste novamente na preocupação de Deus para com os pobres. “Na ressurreição dos justos” Deus certamente recompensará aqueles que cuidam dos incapacitados e dos pobres (14.12-14). Também é Lucas que conta a história de Lázaro, o mendigo, e do rico que desdenhava os pobres (16.19-31).

Essa sensibilidade em relação aos outros deve ter parecido muito estranha à sociedade grega, onde o ideal de arete, ou excelência, exigia que cada pessoa desenvolvesse seu próprio potencial, não importando o custo para os outros. No entanto, à medida que Lucas desenvolve a história de Jesus, torna-se cada vez mais claro que Ele é o melhor exemplo daquilo que os seres humanos devem ser, em contraste com o povo orgulhoso e egoísta, o “belo povo” da sociedade. Através de Jesus, um homem pobre que constantemente exibia compaixão pelos outros, um novo padrão de arete estava prestes a ser estabelecido. Um padrão que iria mudar para sempre o conceito da humanidade sobre a “excelência”.

E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou (4.39). A palavra epetimesen só é usada por Lucas. Ela retrata o efetivo poder de Jesus sobre as doenças e sobre os demônios (4.41). Mas existe aqui muito mais do que libertar um sofredor daquilo que o atormenta. Lucas continua: “E ela, levantando-se, logo os servia” (4.39).

Normalmente, quando nos livramos de uma febre devastadora, sentimo-nos fracos e quase desamparados. Mas quando Jesus repreende as enfermidades, as pessoas são simultaneamente curadas e restauradas! E assim somos convidados a ver a sogra de Pedro se ocupando feliz na cozinha, novamente cheia de vida e ação.

Através dessa imagem somos convidados a nos lembrar de que, qualquer que seja o fracasso em nossa vida, mediante a repreensão de Jesus ao pecado, a saúde e a vitalidade espiritual certamente serão recuperadas. Somos salvos das conseqüências do pecado. Através de Cristo também somos salvos do próprio poder do pecado em nossa vida cotidiana. Como é maravilhoso confiar em Cristo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

A Genealogia de Jesus (Lucas 3.23-38). Veja Mateus 1.1-17 para uma discussão sobre as mulheres que o evangelista identifica na linhagem de Jesus.

Contexto. Fica bastante claro que existem diferenças significativas na linhagem de Jesus conforme seu registro em Mateus e Lucas. Mateus inicia seu livro com uma genealogia, enquanto Lucas espera até que a singularidade de Jesus tenha sido estabelecida. Mateus faz uma estreita ligação de Jesus com Abraão e Davi e, dessa forma, constrói uma indestrutível conexão entre a história do AT e a história de Jesus. Lucas identifica a descendência de Cristo até Adão, e depois se

esforça para nos mostrar que, apesar dos eventos sobrenaturais que cercam sua morte, Jesus era completamente humano. Mateus agrupa os nomes; Lucas faz uma relação deles. Mateus inclui inúmeras mulheres; e Lucas, apesar da sensibilidade às mulheres mostrada através do seu Evangelho, restringe sua genealogia aos homens. E o que é mais importante, as duas linhagens registradas nestas genealogias divergem depois de Davi, com Lucas seguindo a prole do grande filho de Davi, Natã, enquanto Mateus segue a linhagem real tradicional que passa através de Salomão e dos reis subseqüentes de Israel.

Embora existam debates em torno do motivo dessa última e grande diferença genealógica, não faltam explicações plausíveis.

A DEFINIÇÃO ORTODOXA DA PESSOA DE JESUS A descrição ortodoxa da

(1) Alguns sugerem que Mateus esteja mostrando a genealogia de José, enquanto Lucas descreve a genealogia de Maria. Essa opinião apóia-se em Jeremias 36.30, que relata uma maldição divina que interrompe a linhagem real: “Portanto, assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, rei de Judá: Não terá quem se assente sobre o trono de Davi, e será lançado o seu cadáver ao calor de dia e à geada de noite”. Visto que tanto José como Maria eram da família de Davi, a linhagem de José, padrasto de Jesus, iria estabelecer seu direito legal ao trono, enquanto a descendência através da linhagem de Maria iria estabelecer a ligação biológica exigida do Messias.

(2) A segunda opinião, apresentada no terceiro século d.C. por Africanus, sugere que Eli e Jacó eram meio-irmãos, filhos da mesma mãe, mas com pais de nomes diferentes. Se um deles morresse, a viúva sem filhos poderia casar-se com o irmão do falecido. Nesse caso, o primeiro filho seria legalmente considerado filho do primeiro esposo de sua mãe. Se isto tivesse acontecido, uma das genealogias estaria traçando uma linhagem legal válida, e a outra a linhagem biológica, e isso explicaria as diferenças encontradas entre elas.

Também existem outras explicações. Em conjunto, elas nos fazem lembrar um ponto importante. Não nos falta uma explicação válida dessas diferenças, nós simplesmente não sabemos qual delas é a correta!

Interpretação. É bastante significativo o fato de Lucas iniciar sua genealogia com uma ressalva: Jesus era “ (como se cuidava) filho de José, e José, de Eli” (3.23). Na verdade, embora Jesus fosse legalmente filho de José, Ele não tinha nenhuma relação biológica com o esposo de sua mãe, Maria. Qualquer que fosse a suposição dos vizinhos de Cristo em Belém, Jesus era de fato o único Filho de Deus, como foi identificado pela voz celestial por ocasião de seu batismo (3.22).

A igreja levou séculos para chegar a uma definição final da Pessoa de Cristo (veja os quadros). No entanto, o fato de Jesus Cristo ser, ao mesmo tempo, totalmente Deus e totalmente homem, está claramente implícito nas palavras cuidadosamente escolhidas com que Lucas termina o relato do batismo de Cristo, e começa a fazer o registro genealógico.

Nessa genealogia existe uma outra questão interpretativa que exige algum comentário. Quando a linhagem de Jesus chega finalmente a Adão, Lucas o

chama de “Filho de Deus”. Já observamos, no Estudo da Palavra de 3.23, que em hebraico o uso da palavra “filho” corresponde a um termo muito flexível que pode transmitir uma variedade de significados e de usos idiomáticos. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

A palavra “filho” é freqüentemente usada na forma idiomática. Os “filhos de Israel” são simplesmente os israelitas, membros daquele grupo.

Ela também pode sugerir outras coisas. Uma delas é o íntimo relacionamento de Deus com Israel, indicado por sua proclamação ao Faraó:

“Israel é meu filho, meu primogênito” (Êx 4.22).

Da mesma forma, “filho” pode indicar um membro do grupo, como na frase “filhos dos profetas” (1 Rs 20.35), ou simplesmente referir-se a profetas como ao clã dos profetas.

A imprecisão da palavra “filho” pode ser mostrada pelo fato de que designar um rei em particular como “filho” de outro rei pode indicar apenas a sucessão e não uma linhagem familiar.

Portanto, a palavra “filho” é um termo flexível em hebraico que sugere, mas não define precisamente, o relacionamento de descendência.

Portanto, o uso da palavra “filho” por Lucas indica simplesmente que Sete devia sua existência a Adão, seu pai, e que Adão devia sua existência a Deus, seu Criador.

Mas é possível que Jesus seja o “filho” de Deus no sentido da criação? Não, pois as Escrituras nos previnem contra essa interpretação equivocada. Jesus é apresentado não só como o eterno Filho de Deus, como Ele pré-existia com o Pai desde o início (veja o comentário sobre João 1), onde é chamado de “Filho Unigênito” de Deus. Outras passagens que retratam a Filiação única de Jesus são: João 3.16-21,32-36; 5.19-27; Romanos 1.3,4; Hebreus 1; 1 João 4.9-15; 1 João 5.11-13.

Aplicação. Nossa confiança em Jesus apóia-se definitivamente em nossa convicção de que Ele não é um simples homem, mas Deus encarnado.

À medida que Lucas continua a relatar os ensinos de Jesus e seus milagres, cresce a convicção de que este Homem é verdadeiramente Único. Quando o último ato desdobra-se, e Lucas descreve a jornada de Jesus desde sua morte e sepultamento até à triunfante ressurreição, ficamos totalmente convencidos de que Ele é o Senhor. Jesus é Deus encarnado: Deus tornou-se Homem para ser o nosso Salvador.

OUTRAS AFIRMAÇÕES DA DIVINDADE E DA HUMANIDADE DE JESUS

A tentação de Jesus (Lucas 4.1-13). Veja os comentários sobre Mateus 4.1-11 e a passagem paralela em Marcos 1.12,13.

Jesus é rejeitado em Nazaré (Lucas 4.14-30). Veja as passagens paralelas em Mateus 13.53-58 e Marcos 6.1-6.

Contexto. Lucas nos dá uma importante indicação do contexto da apresentação feita por Jesus como sendo o Messias em sua terra natal, Nazaré. Ele nos diz que "a sua fama [de Jesus] correu por todas as terras em derredor". João acrescenta mais detalhes. Ele nos diz que quando Jesus chegou à Galiléia, "os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que fizera em Jerusalém no dia da festa; porque também eles haviam ido à festa" (João 4.45).

Portanto, naquela manhã de sábado quando Jesus entrou na conhecida sinagoga de Nazaré, toda a comunidade o estava observando. Como isso era possível? O tranqüilo carpinteiro, que durante a maior parte dos seus trinta anos havia vivido em Nazaré, igual a todos eles, tornara-se alguém que fazia maravilhas? Poderíamos entender se fossem apenas céticos; mas o ceticismo não seria suficiente para explicar sua irada reação às palavras proferidas por Jesus naquela manhã.

Interpretação. Nosso entendimento sobre esse acontecimento baseia-se na análise individual de cada um dos dois discursos de Jesus, registrados por Lucas, e a resposta tão diferente dos vizinhos de Cristo a cada um deles.

O primeiro discurso e a reação dos ouvintes: 4.16-22. Era costume, na sinagoga, convidar um visitante para ler as Escrituras e fazer comentários sobre a passagem lida. À medida que o culto prolongava-se, qualquer homem podia levantar-se e oferecer um comentário ou exortação. Lucas não diz se Jesus foi convidado para ler (cf. At 13.15), ou se voluntariamente resolveu levantar-se. Nem a passagem indica se Jesus escolheu Isaías 61 ou se a leitura desta

passagem estava programada para aquele dia. Entretanto, o que Jesus leu é importante – tão importante quanto aquilo que Ele não leu. Os judeus daquela época entenderam claramente que a passagem de Isaías era uma profecia messiânica. Aqueles versículos haviam sido discutidos não só no Midrash, sobre Lamentações 3.49, como também os versículos 5 e 9 desse capítulo são aplicáveis aos tempos messiânicos (veja Yalkut, vol. i, Pa. 212p, 64a e o Midrash sobre Eclesiastes 3.7). Portanto, quando Jesus leu estas palavras e anunciou: "Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos" (4.21), Ele estava apresentando-se aos seus vizinhos como o Messias, de uma forma clara e indiscutível.

É notável que embora pareça que essa afirmação tenha confundido os vizinhos de Jesus, ela não provocou a sua hostilidade. Na verdade, Lucas diz "todos lhe davam testemunho" (4.22). Mesmo a pergunta: "Não é este o filho de José?" deve ser entendida em um sentido positivo. Em uma terra onde os ancestrais eram muito valorizados, os vizinhos de José teriam certamente entendido que Ele era um daqueles que pertenciam à linhagem de Davi. Assim, o fato de ser filho de José iria fortalecer, e não enfraquecer, a afirmação de Jesus.

Mas também está claro que os ouvintes não haviam compreendido o significado das palavras que Jesus deixou de ler, pois Isaías 61.2 conclui: "... a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus". Hoje em dia podemos entender: Jesus citou aquela parte da passagem que estava relacionada com o ministério realizado na sua primeira vinda. O "dia da vingança de Deus" está associado à segunda fase da segunda Vinda de Cristo, portanto não era relevante para o dia da graça que estava alvorecendo. No entanto, ela possuía a verdadeira natureza dessa graça que logo faria com que os vizinhos se voltassem contra Ele.

O segundo discurso e a reação dos ouvintes: 4.23-30. Jesus sentou-se calado durante algum tempo, ouvindo os murmúrios de aprovação que varriam a sinagoga. Depois, Ele falou novamente e aqui podemos perceber um tom profundamente pessimista. Podemos sentir a tristeza em sua voz quando sugeriu que aquela aprovação logo se transformaria em dúvida e que seus ouvintes iriam exigir sinais milagrosos que comprovassem sua afirmação (4.23). Mas, foram suas palavras seguintes que viraram a cidade contra Si, pois Jesus continuou a sugerir que quando Israel havia historicamente exibido sua descrença, Deus

havia estendido suas bênçãos aos gentios! Não foi a nenhuma mulher judia que Elias forneceu alimento milagrosamente durante uma prolongada escassez, mas a uma mulher siro-fenícia, uma viúva em Sarepta, em Sidom. E Elias havia libertado um general sírio da lepra, embora houvesse inúmeros leprosos em Israel em seus dias.

Essas "palavras de graça" (palavras sobre a graça de Deus) ditas por Jesus eram dirigidas aos gentios e também aos judeus! E agora Nazaré havia se tornado um microcosmo representando toda a nação de Israel.

Será que o povo de Deus aceitaria o Messias pela fé? Será que aceitaria o Salvador que oferecia a graça de Deus a todos – tanto aos crentes gentios, quanto aos crentes judeus?

A resposta está refletida na fúria estimulada pelas palavras de Jesus. Para entendê-la, precisamos nos lembrar de que durante séculos o povo judeu havia sido perseguido em sua própria terra natal. Eles odiavam e tinham ressentimento dos seus opressores gentios, e ansiavam que Deus enviasse o Messias com a finalidade de punir o mundo pagão. Essa atitude está expressa no comentário sobre Isaías 61.5 encontrado em Yalikut vol. 1, mencionado acima. Quando perguntado sobre o que iria acontecer às nações nos dias do Messias, o sábio responde que toda nação ou reino que havia perseguido e zombado de Israel seria amaldiçoada, e não teria direito à vida. Por outro lado, toda a nação ou reino que não tivesse perseguido Israel chegaria aos dias do Messias para servir a Israel como agricultores e vinhateiros.

Portanto, podemos entender. Em seu primeiro discurso, Jesus identificou-se como o Messias. No entanto, no segundo Ele prometeu estender a graça de Deus aos gentios. Além disso, ao deixar de concluir a passagem de Isaías, Jesus implicitamente rejeitou, naquele momento, aquele sonho de vingança que tinha, com toda fé, sustentado Israel durante tanto tempo. Foi isso que despertou nos seus vizinhos uma ira assassina tão intensa, que os levou a tentar matá-lo.

Embora tivessem levado Jesus até o topo de um penhasco, pretendendo lançá-lo dali para que morresse, Lucas nos conta que o Senhor, simplesmente, "passando pelo meio deles, retirou-se" (4.30).

Aplicação. Há muito tempo, o tratamento dado por Jesus a Isaías 61.1,2 tem sido reconhecido como o exemplo mais importante da dificuldade de se

interpretar as profecias do AT.

Mas, para nós, certamente o mais importante é a grande verdade revelada pela descrição dos acontecimentos de Nazaré. Cristo veio à sua terra natal como o Messias. A resposta inicial era favorável, mas quando Ele anunciou o programa de seu reino, suas palavras foram recebidas com ira e rejeição.

Que coisa mais estranha. Se Jesus era o Messias designado por Deus, certamente Ele teria o direito de estabelecer seu próprio programa, especialmente um programa que estivesse fundamentado nas Escrituras. Se Jesus é o Senhor, a resposta correta é obedecer e seguir a sua liderança.

No entanto, quantas vezes nós, que reconhecemos Jesus como nosso Senhor, nos encontramos reagindo da mesma maneira que seus vizinhos de Nazaré? Quantas vezes exigimos insistentemente que Deus obedeça a nossa programação – que Ele satisfaça nossas necessidades, nossos desejos, que proceda de acordo com o nosso planejamento – ao invés de procurarmos humildemente compreender e depois fazer sua vontade?

A multidão irada tentou forçar Jesus a subir a montanha por não conseguir sequer imaginar que Ele pudesse e devesse oferecer a graça de Deus aos gentios. Pode ser que aquilo que Deus pretende fazer em nossa vida seja alguma coisa que, a princípio, nos pareça ser impensável. Quando Cristo nos deixa conhecer a sua vontade, devemos resistir ao impulso de nos rebelar; pois cada rebelião representa, simbolicamente, uma tentativa de forçar Jesus a subir naquela montanha para que o lancemos para fora do trono do nosso coração.

Jesus é Senhor e Deus. E sua agenda transborda de graça, de uma forma maravilhosa. Certamente podemos confiar em nosso Deus de amor, e nos submeter alegremente à sua vontade.

Jesus expulsa um espírito maligno (4.31-37). Veja os comentários sobre Marcos 1.21-28, e o Estudo da Palavra sobre 4.36.

Jesus cura muitos enfermos (4.38-44). Veja as passagens paralelas em Mateus 8.14-17 e Marcos 1.29-34. Veja também o índice das várias discussões sobre

“curas” encontradas neste comentário.

LUCAS 5.1–7.17

A Escolha

EXPOSIÇÃO

-

Lucas completa agora sua apresentação de Jesus. Os acontecimentos sobrenaturais associados ao nascimento de Jesus, deixam claro que Ele é uma pessoa especial. Assim, embora Jesus tenha sido confirmado por Deus como seu próprio Filho, Lucas apresenta uma genealogia provando que Jesus também é verdadeiramente humano. A vitória sobre o tentador prova que, embora totalmente humano, Jesus é sem pecado e completamente comprometido com a vontade de Deus. Quem é este Jesus? Na sinagoga de sua cidade Jesus identifica-se como o Messias predito pelos profetas do Antigo Testamento. E, embora seus irados vizinhos tenham rejeitado a sua afirmação quando indicou que iria estender a graça de Deus aos gentios assim como aos judeus, em seguida Cristo passa a expulsar demônios e a realizar milagres de cura que autenticam suas reivindicações.

Tendo estabelecido este fundamento, Lucas começa a

introduzir uma série de vinhetas que, em seu conjunto, esclarecem um ponto vital. Deus, ao enviar Jesus, deixou clara sua escolha de tratar a humanidade com benevolência. E Ele também exige que todo ser humano faça a mesma escolha: estar a favor ou contra seu Filho.

A interação dessas escolhas fica ilustrada na primeira vinheta: Jesus escolhe Pedro para se tornar um "pescador de homens". Embora profundamente consciente de ser um pecador, Pedro coloca seus receios de lado e decide seguir o Senhor Jesus (5.1-11). Mas a interação continua: um leproso decide aceitar ao Senhor, e afirma: "Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me". E Jesus responde: "Quero; sê limpo", e cura o homem (5.12-16). Quando uma delegação de fariseus e mestres da lei aproxima-se para comunicar seu julgamento sobre Jesus, Ele prefere declarar o perdão dos pecados do paralítico – e provar seu direito de recuperar as pernas aleijadas (5.17-26).

Em seguida, Jesus escolhe associar-se aos "pecadores", e até um coletor de impostos, chamado Levi, decide associar-se a Cristo (5.27-32). Em outra demonstração da sua autoridade, Jesus cura, num sábado, um homem que tinha uma mão aleijada. Ao fazê-lo, o Senhor afirma seu domínio sobre esse dia

santo dedicado à adoração a Deus (6.1-11). Depois, ao escolher os doze que se tornariam seus apóstolos (6.12-16), Jesus começa a anunciar as opções que aqueles que decidiram ficar ao seu lado devem adotar em sua vida cotidiana.

As escolhas que o seguidor de Cristo deve fazer abrangem as questões mais básicas da vida. Nas Beatitudes de Cristo vemos que Deus nos exorta a viver de acordo com seus valores, e não de acordo com os valores da humanidade (6.17-26). Na exortação feita por Cristo para amarmos nossos inimigos (6.27-36), e perdoarmos ao invés de julgarmos (6.37-42), vemos que Deus está nos conclamando a estabelecer um novo tipo de relacionamento com nossos semelhantes; um relacionamento que só é possível àqueles cujo coração foi transformado por Ele (6.43-45). Como essa nova fé se tornará possível para aqueles cujo coração foi renovado? Somente depois de edificar a vida sobre o sólido fundamento da Palavra de Jesus, escolhendo não só ouvir o que Cristo está dizendo, mas também colocando suas palavras em prática (6.46-49).

Qual será, então, a expectativa daquele que escolher Jesus? A história do centurião que apela para Jesus mostra que a expectativa de qualquer pessoa com fé, é

brilhante; a fé do oficial do exército foi recompensada e seu servo ficou curado (7.1-10). E o que dizer daqueles que estão além de qualquer esperança? Em sua grande compaixão, Jesus responde ao sofrimento da viúva que perdeu seu único filho, e o traz de volta à vida (7.11-17). Quanta segurança nos traz esta história. Deus realmente se importa com todos. Através de Jesus, Ele estende a sua mão às nossas necessidades, para trazer uma nova vida e recuperar até o que parecia estar perdido, sem nenhuma possibilidade de retorno. Certamente fomos muito sábios em escolher Jesus como nosso Salvador. E também fomos muito sábios ao nos comprometer a ouvir e obedecer à sua Palavra.

ESTUDO DA PALAVRA

-

E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite… (5.5). A palavra usada aqui, epistata, só é encontrada em Lucas. Ela era conhecida pelos seus leitores gregos e substitui o termo “mestre” ou “rabi” das passagens semelhantes de Marcos e Mateus. A palavra epistata pode ser traduzida livremente como “chefe”, e era usada pelos trabalhadores ao se dirigirem aos supervisores ou capatazes. Ao usá-la, Pedro está reconhecendo a autoridade de Jesus, mas está claramente duvidando da sabedoria de sua ordem. Afinal de contas, Pedro era uma autoridade em pescaria! Mas depois as redes enchem-se com uma enorme quantidade de peixes – e um admirado Pedro cai de joelhos e exclama “Senhor” (kyrios).

Nunca devemos duvidar que os caminhos de Cristo são os melhores. Devemos seguir o exemplo de Pedro e obedecer, por mais relutantes que formos. É na obediência que descobrimos, assim como Pedro, que Jesus é o verdadeiro Senhor de todos.

Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador (5.8). Aqui a palavra grega é hamartolos, que significa “pecador”. Quando Pedro entendeu o fato de que aquele que lhe falava era o Senhor, ele ficou repentinamente ciente de quão distante estava daquilo que realmente deveria ser. Porém, embora essa palavra grega para o pecado indique deixar de praticar uma norma, ela não foi usada por Lucas como uma condenação. Na verdade, Lucas está nos lembrando constantemente de que Deus tem compaixão dos pecadores, e que aqueles que se consideram aquém daquilo que deveriam ser ainda são objetos do seu amor.

Jesus não “se ausentou” de Pedro, o pecador. Ao invés de se isolar de tais pessoas, como os religiosos do judaísmo costumavam fazer, Cristo pediu que Pedro se aproximasse. “Não temas”, disse o Senhor, “de agora em diante, serás pescador de homens”.

Todas as vezes que você e eu nos sentirmos, como Pedro, indignos por causa do insucesso de nos associarmos a Jesus Cristo, precisamos nos lembrar daquilo que Ele disse. Ele não está chocado pelo que éramos, ou pelo que somos. O que conta para Ele, e também deveria contar para nós, é que “de agora em diante” experimentaremos o poder que Cristo tem para transformar e renovar.

Vendo a Jesus, prostrou-se sobre o rosto e rogou-lhe (5.12). Pedro “prostrou-se aos pés de Jesus” (5.8) quando se sentiu dominado pela culpa. Mas este leproso “prostrou-se sobre o rosto”. Por que? Em Israel, o leproso era considerado impuro, ou contaminado. O leproso não estava se sentido culpado, mas certamente estava com vergonha, e é a sua vergonha que a expressão está demonstrando.

Mas, qual foi a resposta de Jesus? Ele não deu as costas em sinal de repugnância ou desprezo. Na verdade, estendeu a mão e tocou o leproso. Aqui também existe uma imagem que devemos manter muito nítida na memória. A vergonha, assim com a culpa, é uma poderosa emoção que leva muitas pessoas a se afastarem de Jesus. No entanto, se sentirmos vergonha poderemos visualizar Jesus estendendo a mão para tocar o trêmulo leproso, e encontraremos coragem para nos voltarmos para Ele; assim, como o leproso, experimentaremos seu poder purificador.

Fariseus e doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias… e de Jerusalém (5.17). Estes "doutores da lei" eram os sábios ou rabinos, cuja maestria nas interpretações do AT tradicional lhes dava uma especial autoridade religiosa no judaísmo do primeiro século. Estes homens estavam ali fazendo parte de uma comissão oficial ou semi-oficial, reunidos para ouvir Jesus e julgar se seus ensinos eram ou não aceitáveis. No desenrolar da passagem, fica claro que eles eram hostis e desconfiados. Afinal de contas, quem entre as "autoridades públicas" ou da "classe dominante" iria dar as boas vindas a uma jovem e brilhante estrela que tinha vindo de um lugar desconhecido para ameaçar subverter sua autoridade?

Devemos estar prevenidos contra uma atitude semelhante em nossa abordagem das Escrituras. Devemos nos aproximar de Deus e da sua Palavra como ansiosos aprendizes, não para descobrir do que gostamos ou não, mas para recebermos alegremente aquilo que encontrarmos sem fazer qualquer julgamento. Não devemos julgar a Palavra, mas simplesmente obedecê-la.

Subiram ao telhado e, por entre as telhas, o baixaram com a cama (5.19). Algumas versões trazem um vocabulário para o texto de Marcos, pelo qual os homens são retratados "cavando através" do telhado. Isso sugere que o telhado havia sido construído com barro e madeira. Porém Lucas, conforme algumas versões, descreve que o paralítico foi baixado através das "telhas".

Uma possibilidade fica sugerida pelo método de construir casas na área da Síria e da Palestina onde a madeira não estava prontamente disponível. Para fazer o telhado destas casas, eles colocavam arcos nas paredes com um intervalo de aproximadamente um metro. Em seguida, colocavam finas tábuas de argila, de cerca de um metro de comprimento, sobre os arcos, e esparramavam um tipo de "cimento" de argila sobre as tábuas. A história de Lucas sugere que este foi o método usado para a construção da casa em questão. Se assim for, os amigos do paralítico "cavaram" através da fina camada de cimento e depois levantaram as "telhas" de tábuas para baixar o paralítico até à sala onde Jesus estava ensinando.

Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados se não Deus? (5.21). Sobre que base os doutores da lei entenderam que as palavras de Jesus sobre o perdão eram uma blasfêmia? Cunningham Geikie, em sua clássica obra The Life and Words of Christ (vol. 1, Nova Iorque: Appleton, 1893) explica:

A Lei não conhecia uma forma oficial de perdoar os pecados, ou conceder a absolvição. O sacerdote podia pronunciar que o leproso estava curado, e um transgressor podia apresentar uma oferta pelo pecado no templo e transferir para ela o seu pecado, colocando as suas mãos sobre a cabeça do animal, e assumindo sua falta perante Deus. O sangue espargido pelo sacerdote sobre as pontas do altar, em direção ao Santo dos Santos, era uma expiação que "cobria" os seus pecados perante os olhos de Jeová, e implorava seu perdão. Mas que o perdão fosse um ato direto de Deus? Nenhum lábio humano ousaria pronunciar isto. Esta era uma prerrogativa especial do Altíssimo e, mesmo que algum homem mortal se aventurasse a declará-lo, ele somente poderia fazê-lo em nome de Jeová e com sua imediata autorização. Mas Jesus havia falado em seu próprio Nome. Jesus não havia sugerido que estivesse falando em Nome de Deus Pai. Os escribas ficaram grandemente alvoroçados; cochichos, ameaçadores meneios de cabeça, olhares tenebrosos, e piedosos gestos de alarme mostravam que todos estavam sentindo-se incomodados. "Ele deveria ter sido enviado ao sacerdote para apresentar a oferta pelo pecado, e ter sido aceito; é uma blasfêmia falar sobre perdoar os pecados. Ele está intrometendo-se nas prerrogativas exclusivamente divinas". Aquele que blasfemasse deveria ser condenado à morte por apedrejamento, seu corpo pendurado em uma árvore e depois queimado de forma vergonhosa. "Quem pode perdoar pecados senão Um só, ou seja, Deus?"

Seria tolice alguém argumentar que Jesus nunca afirmou ser Deus. Neste e em muitos outros atos e palavras Ele afirmava a sua divindade, e isso ficou claramente entendido pelos seus contemporâneos!

Em um sábado Jesus passou pelas searas (6.1). Uma freqüente controvérsia sobre a obediência ao sábado marcou o relacionamento de Jesus com os fariseus. Para uma discussão sobre a natureza da abordagem dos judeus à observância do sábado, veja os comentários sobre Mateus 12.1-14. Como o sábado era muito importante para o judaísmo, a diferença entre a abordagem de Jesus quanto ao relacionamento com Deus, e a abordagem das autoridades religiosas, poderia ser claramente definida nestas controvérsias, cuja maioria havia sido estimulada pelo próprio Senhor Jesus!

As passagens que descrevem esses conflitos (Mt 12.1-21; Mc 2.23-28; 3.1-6; Lc 6.1-11) estabelecem vários pontos importantes:

Jesus é o Senhor do sábado e Ele (não a tradição) determina o que é “legal” fazer ou não neste dia santo.

O sábado foi estabelecido para o nosso benefício, e não como um peso para a humanidade (Mc 2.27).

O princípio dominante é que o sábado foi criado para se fazer o bem. Aquilo que funciona como uma resposta às necessidades humanas exalta o princípio do sábado, ao invés de transgredi-lo.

Finalmente, até Deus está ativo aos sábados; portanto Jesus tinha o direito de fazer suas boas obras neste dia santo (Jo 5.17).

Estes princípios bem podem ser aplicados pelos atuais cristãos que estão procurando diretrizes sobre o que é “certo” e o que é “errado” para se fazer em um sábado ou no domingo que é considerado pelos cristãos como “Dia do Senhor”. Como Jesus, podemos melhor honrar a Deus através da realização de atos positivos e não pela imposição de restrições.

Jesus subiu ao monte a orar e passou a noite em oração (6.12). Os Evangelhos freqüentemente mostram Jesus orando. Mas esse é o único incidente em que Ele “passou a noite” (en dianuktereyon) em oração. Isso realça a importância da escolha definitiva feita dos doze como seus apóstolos, e também contém uma mensagem vital para nós. Se Jesus sentiu a necessidade de orar para fazer uma escolha crítica, nós precisamos orar ainda mais quando tivermos que tomar decisões difíceis.

E, descendo com eles, parou num lugar plano (6.17). Essa frase levou alguns a chamar o ensino de Cristo expresso neste local de “Sermão da Planície”, para diferenciá-lo do “Sermão do Monte”, registrado por Mateus. Outros argumentam que ambos fazem parte de um único episódio, apesar das diferenças significativas encontradas nos dois relatos. Mas estes ignoram o fato indubitável de que Jesus repetiu esse sermão “fundamental” muitas e muitas vezes ao ensinar pela Galiléia. Não seria de admirar se encontrássemos variações refletidas nos dois relatos, como qualquer orador público que usasse o mesmo discurso várias vezes, saberia muito bem fazer.

O que é sem dúvida muito significativo não são as diferenças entre os dois registros, mas a sua consistência essencial. Aqueles que ouviram Jesus ficaram tão profundamente impressionados que, mais tarde, ao serem entrevistados por Lucas, lembravam-se claramente daquilo que havia sido ensinado.

Bem aventurados vós, os pobres (6.20). O judeu do primeiro século considerava o pobre como o objeto de uma atenção especial da parte de Deus. Dar aos pobres era uma forma pela qual uma pessoa abastada podia recomendar-se a Deus. Na verdade, os necessitados podiam até se orgulhar de pedir esmolas, pois estavam contribuindo para a santidade da comunidade.

Mas não havia esta tradição no helenismo, e a afirmação de Cristo ao abençoar os pobres pode ter deixado os leitores de Lucas perplexos. As classes superiores estavam preocupadas em aumentar as suas próprias fortunas, e os poucos que se dedicavam a praticar "boas obras" poderiam contribuir para bibliotecas, escolas, balneários, ou estabelecer um fundo destinado a financiar um banquete anual do qual toda a população pudesse participar. Mas, ao invés de refletir a generosidade do doador, isso era mais uma prova de ostentação.

Na época do Império Romano, a sociedade considerava o homem pobre, que precisava trabalhar para ganhar dinheiro, com mais aversão do que com piedade ou respeito. Mesmo aqueles que eram capazes de acumular riquezas com seus próprios esforços eram desprezados pelas classes superiores e tratados com condescendência. Uma das mais sarcásticas paródias da literatura clássica é a descrição de Petrônio da pessoa de Trimalcião, um escravo que trabalhava como agente financeiro de seu mestre, e depois herdou a maioria das suas riquezas. O fato de ter amealhado seus lucros investindo no comércio, e não na compra de terras, realçava o desprezo da sociedade não só pelo pobre trabalhador, mas por qualquer um que ganhasse dinheiro pelo seu próprio esforço.

Dentro desse contexto, talvez possamos compreender que escolha difícil as palavras de Jesus levaram os leitores de Lucas a fazer. Se alguém desejar seguir Jesus, os valores da sociedade humana deverão ser rejeitados e substituídos por aqueles que são apropriados aos cidadãos do reino que é governado por Deus.

Mas ai de vós, ricos (6.24). Como então os ricos herdam os "ais" enquanto os pobres são abençoados? Na sociedade helenista, o possuidor de riquezas tornava-se egoísta e indiferente aos outros. A riqueza levava a uma atitude de desprezo, que é o oposto daquela carinhosa preocupação que somos exortados a demonstrar em relação a nossos semelhantes. Esse versículo sugere que os ricos

estão tão satisfeitos com os prazeres que agora experimentam, que deixam de ter alguma preocupação com o futuro. Em outra passagem, Lucas retrata o homem rico como uma pessoa indiferente às realidades espirituais (12.15-21). Assim sendo, a riqueza tende a isolar os abastados daquele sentimento de inadequação que nos leva a entender a necessidade que temos de Deus. E, tragicamente, ela tende a nos isolar da preocupação pelos semelhantes, demonstrada pelo próprio Deus, e que Ele espera ser reproduzida naqueles que têm Cristo como Senhor.

Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso (6.36). Essa exortação de Jesus para imitarmos a Deus não é a única. O AT ordenava: “Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). Um rabino do segundo século, Abba Shaul, faz o seguinte comentário sobre esse mandamento: “Oh, ser como Ele! Assim como Ele é misericordioso e bondoso, você também deve ser misericordioso e bondoso”. Um comentarista anônimo de Êxodo 34.6 faz uma referência a Joel 2.32 (Joel 3.5 no AT hebraico, o Tanakh, que diz: “Mas todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”), e pergunta: “Como pode um homem ser chamado pelo nome de Deus? Assim como Deus é chamado de misericordioso, você também dever ser misericordioso. O Santíssimo, bendito seja Ele, é chamado de bondoso; portanto você deve ser bondoso... Deus é chamado de justo, logo você também deve ser justo”. Finalmente, uma paráfrase de Levítico 22.28 no Targum (Salmos – Jônatas) diz: “Meu povo, filhos de Israel, vocês devem ser misericordiosos na terra, assim como seu Pai é misericordioso no céu”.

Mas também nunca devemos supor, como fazem alguns, que a questão consiste em saber o que está certo. A questão sempre foi fazer o que está certo. E o que torna o cristianismo único é que Jesus não só perdoa nossos pecados, como entra na nossa vida e nos infunde uma capacidade que nenhum outro ser humano tem – a capacidade de servir a Deus e de agradá-lo ao praticarmos a sua boa e perfeita vontade.

Não julgueis (6.37). A frase seguinte é típica do paralelismo judaico, que freqüentemente fortalece os pensamentos através da repetição de uma importante

instrução usando um sinônimo. Aqui, portanto, “julgar” não é exercer a nossa capacidade de distinguir entre o certo e o errado, mas condenar alguém por violar a nossa sensibilidade moral. Esse importante tópico é explorado na discussão de diversas passagens que tratam do julgamento. Para localizá-las, use o Índice.

Depois de [Jesus] concluir todos esses discursos perante o povo (7.1). Jesus tornou seus ensinos disponíveis a todos. No entanto, como é fascinante observar que Lucas menciona imediatamente um centurião – um oficial romano – que “ouviu falar de Jesus” (7.3) e imediatamente enviou alguém para pedir seu auxílio.

Muitas vezes, quando a mensagem que Jesus tem para nós é transmitida por meio de “discursos” perante todos – somente alguns ouvem, verdadeiramente, suas palavras.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Escolha dos Primeiros Discípulos (5.1-11). Veja os comentários sobre Mateus 4.18-22, e a passagem paralela em Marcos 1.16-20.

O Homem com Lepra (5.12-16). Veja o comentário sobre Marcos 1.40-45, e a passagem paralela em Mateus 8.1-4.

Jesus Cura um Paralítico (5.17-26). Veja o comentário sobre as discussões do sábado em Mateus 12.1-21, e as passagens paralelas em Mateus 9.1-8 e Marcos

2.1-12.

Contexto. Lucas nos alerta imediatamente para a importância da história que está prestes a contar. Ele começa afirmando que os “doutores da lei” vieram não só da Galiléia, mas também da Judéia e de Jerusalém, que era muitas vezes considerada um distrito separado da província da Judéia, à qual pertencia.

Um dos deveres dos “doutores da lei” era servir como juízes que ouviam casos de ordem civil, criminal e religiosa, e ditavam seu julgamento sobre eles. Uma assembléia composta por tantos sábios, de todas as partes da Terra Santa sugere uma delegação oficial reunida para observar Jesus e pronunciar um julgamento sobre seu ministério.

A dramática história do paralítico levado a Jesus por amigos tão dedicados é bastante conhecida dos alunos da Escola Dominical, e muitos sermões foram feitos sobre o papel da fé que aqueles homens demonstraram que sentiam pelo Salvador. No entanto, no relato de Lucas existe uma ênfase dupla e diferente: na interação pessoal que aconteceu entre Jesus e o paralítico, e na estupefata reação daquela delegação de sábios quando Cristo fez o anúncio do perdão.

Interpretação. A interação pessoal e espiritual ocorreu quando Jesus disse ao paralítico: “Homem, os teus pecados te são perdoados” (5.20). Está claro que o paralítico havia sido levado a Jesus com a forte esperança de que o Senhor pudesse atender à sua necessidade física. Tratava-se de uma absoluta necessidade que o deixava totalmente desamparado e dependente da bondade dos outros. Tenho a impressão de que, enquanto era carregado até Jesus, nem o paralítico, nem seus amigos, tinham a menor preocupação com seus pecados.

Não há nenhuma forma de avaliar quantas vezes esse sentimento de uma necessidade aguda leva os seres humanos a Jesus. O aparecimento de um câncer, a perda de um emprego, uma terrível frustração e, no desespero, a pessoa suplica a ajuda de Deus. A princípio, não existe um senso de pecado. Mas, durante esse processo, cresce a consciência de que Cristo oferece o perdão e, repentinamente, a alegria da fé inunda o coração pela percepção de que embora o câncer possa persistir, a necessidade mais profunda da vida foi atendida.

Foi assim que aconteceu com Jesus e o paralítico. Com as palavras: “Teus pecados te são perdoados” Jesus, ao mesmo tempo, desvendou e atendeu à

profunda necessidade daquele homem. E todos aqueles que lá estavam foram testemunhas daquele momento de íntima interação de fé entre os dois.

Entretanto, foi exatamente este fato que despertou a hostilidade dos doutores da lei. Ao pronunciar o perdão, Jesus estava exercendo uma prerrogativa exclusiva de Deus, e os maldosos pensaram imediatamente: “blasfêmia” – um pecado que merecia a morte.

A resposta de Cristo tinha a finalidade de demonstrar ao aleijado sua autoridade, ao dizer: “levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa” (5.24). Embora os doutores da lei pudessem negar a validade do pronunciamento sobre o perdão, nunca poderiam negar o poder de curar que ficou patente nas palavras de Jesus, pois todos puderam realmente ver o homem paralítico levantar-se e caminhar.

Foi isso que o paralítico fez, e Lucas nos conta que foi feito “imediatamente” (parachrema) (5.25, versão RA).

O resultado? O homem “foi para sua casa glorificando a Deus”. E a multidão totalmente atônita juntou-se a ele dando glória a Deus pela maravilha que tinha visto.

Aplicação. Existem inúmeras lições para nós nessa fascinante história. No contexto, os acontecimentos relatados por Lucas demonstraram a extensão da autoridade de Jesus: A cura provava que Ele possuía o direito de perdoar os pecados. Ele possuía poder para transformar o interior e o exterior de um homem.

Ao meditar nessa história, percebemos quantas vezes não é a consciência do pecado, mas algum outro sentimento de necessidade humana, que primeiramente leva uma pessoa a buscar a Deus. Talvez estejamos cometendo um erro em nosso método de evangelização ao começarmos com a apresentação daquelas “quatro leis espirituais” que procuram, antes de tudo, culpar o pecador antes de declarar: “teus pecados te são perdoados”.

Talvez a mensagem mais importante dessa história esteja na lembrança de que sempre existe um testemunho exterior para a realidade daquela transformação interior produzida pelo perdão. Jesus disse: “Para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados…” (5.24) e então ordenou: “levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa”. E “levantando-se logo diante deles...” (5.25).

Mas o que seria esse testemunho exterior visível? Não, não é necessariamente, ou muitas vezes, a cura física. É uma força muito mais impositiva. A evidência verdadeira e positiva do poder que Cristo tem para perdoar é demonstrada pela transformação moral do crente.

Esse é o significado das palavras seguintes nesta passagem: “E depois disso” (5.27). Depois disso, Lucas nos conta que Jesus chamou um publicano (ou cobrador de impostos) chamado Levi para se tornar seu seguidor. Nós o conhecemos melhor como aquele discípulo que mais tarde iria escrever o Evangelho que dá início ao Novo Testamento: Mateus. Levi (ou Mateus) realmente seguiu Jesus. Ele abandonou seu posto de cobrador de impostos, uma ocupação que naquela sociedade o rotulava como um notório “pecador” e, deixando tudo, dedicou-se a seguir Jesus.

Será que Jesus pode realmente perdoar os pecados? Sim. Ele demonstrou visivelmente sua autoridade sobre o universo espiritual, e também sobre o universo material, quando fez o paralítico andar. E continuou a demonstrá-la ao longo da história, na vida dos homens e das mulheres que, como Mateus, abandonaram os seus pecados e decidiram segui-lo.

A Chamada de Levi (5.27-32). Veja os comentários sobre Marcos 2.13-17, e a passagem paralela em Mateus 9.9-13.

Jesus Questiona o Jejum (5.33-39). Veja as passagens paralelas em Mateus 9.14-17 e Marcos 2.18-20, e o Estudo da Palavra referente a Mateus 6.16 e 9.17.

Jesus é Senhor do Sábado (6.1-11). Veja os comentários sobre Mateus 12.1-21, e a passagem paralela em Marcos 2.23–3.6.

Os doze Apóstolos (6.12-16). Veja o comentário sobre Marcos 3.13-19.

Bem-aventuranças e Maldições (6.17-36). Veja o comentário e o Estudo da Palavra sobre Mateus 5–7.

Julgar os Outros (6.37-42). Veja a passagem paralela em Mateus 7.1-6 e as referências no índice sobre “julgamento”.

A Árvore e seus Frutos (6.43-45). Veja o comentário sobre Mateus 7.15-23; 12.33-35.

O Sábio e o Imprudente Construtor (6.46-49). Veja a passagem paralela em Mateus 7.24-29.

Contexto. A Palestina é uma terra muito árida. Entretanto, durante certas épocas do ano, caem pesadas chuvas que, formando torrentes caudalosas, correm sobre poeirentos uádis (barrancos formados pelas enxurradas), e despencam ao longo de todos os declives e encostas de montanha. É importante, do ponto de vista da história de Jesus, observar que nenhum construtor foi criticado pela sua infeliz escolha do local do edifício. Cada localização parecia segura e, até que as tempestades chegassem, cada casa parecia suficientemente resistente. Na Palestina, assim como na vida, somente a habilidade de sobreviver às tempestades revelará a qualidade de uma construção.

Interpretação. Anteriormente, Lucas usou várias histórias para provar o importante argumento de que Jesus possuía autoridade para perdoar. E, embora o perdão tenha uma natureza intangível, o exercício de sua autoridade teve, entretanto, resultados tangíveis. Assim sendo, a cura do paralítico forneceu uma prova tangível do poder de Cristo. E o mesmo aconteceu com a transformação de Levi, o cobrador de impostos, em Mateus, o discípulo.

Esta ênfase é seguida por Lucas ao relatar a história de Jesus de acordo com a descrição expressa pelo Senhor, do estilo de vida que se espera daqueles que experimentam o perdão, e que através do perdão tornam-se cidadãos do reino de

Deus. Dessa forma, a pessoa perdoada deverá exibir uma tangível expressão da transformação interior por que passou, através do compromisso com um novo conjunto de valores (6.17-26), e uma nova maneira de se relacionar com os outros (6.27-42) e demonstrará – como o bom fruto que se forma em uma árvore sadia – a bondade do coração do crente transformado.

Em Lucas, o ímpeto dessa seqüência é afirmar que o perdão fará a diferença. Nossa experiência do intangível encontrará uma expressão tangível na forma como vivemos a nossa vida.

Mas agora, a história dos dois construtores introduz um outro pensamento essencial. Nunca devemos confundir o ato de ouvir as palavras de Jesus – equivalentes aqui a uma aprovação intelectual ao seu pronunciamento sobre a graça do perdão – com uma reservada resposta a estas palavras. Não é suficiente dizer "Senhor, Senhor". A pessoa que realmente experimentou o perdão é aquela que vem a Cristo, ouve suas palavras, e pratica estas palavras. Em outros termos, quando esta transformação interior e verdadeira realmente acontecer, seremos levados a Jesus, buscando-o e voltando-nos continuamente a Ele. Seremos dedicados ouvintes de sua Palavra, e também praticantes e obedientes.

E, quando as tempestades chegarem, será eliminado o disfarce daquele que finge ter fé, cujo compromisso é meramente intelectual, e que gosta de se intrometer no cristianismo desde que não seja forçado a levá-lo muito a sério. Este, e todos aqueles que o rodeiam, de repente entenderão que Deus sabia o tempo todo que a sua afirmação de pertencer a Ele era vazia e mentirosa.

Aplicação. Para aqueles dentre nós que realmente crêem, a história de Jesus sobre o construtor sábio e o imprudente representa um desafio e também um conforto. Desafio, no sentido de que percebemos novamente a importância de uma completa dedicação ao nosso Senhor. Consolo, porque nos sentimos confortados. As tempestades da vida chegarão. Mas, quando isso acontecer, o relacionamento que construímos com Jesus Cristo nos permitirá sobreviver e também triunfar. E, nesse triunfo, seremos testemunhas não só da realidade do perdão que desfrutamos, como também glorificaremos ao Senhor nosso Deus.

A Fé do Centurião (7.1-10). Veja os comentários sobre Mateus 8.5-13.

Jesus Ressuscita o Filho de uma Viúva (7.11-17).

Contexto. Em sua obra Life and Times of Jesus the Messiah (pp. 554-55), Alfred Edersheim nos dá um comovente panorama do funeral do único filho da viúva:

As últimas e tristes homenagens haviam sido prestadas ao morto. Seu corpo havia sido depositado sobre o chão: os cabelos e as unhas haviam sido cortados, o corpo lavado, ungido e enrolado no melhor que a viúva podia oferecer. Pois o mandamento dizia que os mortos deveriam ser enrolados em "envoltórios" (Takhrikhin) ou, como eles apropriadamente chamavam, em uma "provisão para a viagem" (Zevadatha). Estes eram feitos do linho mais barato. Esta prática é de um período posterior ao nosso. É impossível dizer se uma outra prática anterior ainda prevalecia; ela consistia em cobrir o corpo com metal, vidro ou sal, e depositá-lo sobre o sal ou sobre a terra.

E agora a mãe foi deixada Oneneth (lamentando, gemendo) – um termo que distinguia as lamentações anteriores ao sepultamento, das posteriores. Ela deveria sentar-se no chão e não comer carne ou beber vinho. Qualquer refeição leve que recebesse deveria ser sem oração, na casa de um vizinho ou em outra sala, ou pelo menos de costas para o morto. Amigos religiosos deveriam prestar a ajuda necessária, ou se ocupar com o funeral. Era considerado um dever do judeu mais pobre, por ocasião da morte da sua esposa, providenciar pelo menos duas flautas e uma carpideira. Podemos estar seguros de que a mãe viúva não poderia negligenciar aquilo que, por mais difícil ou inconveniente que fosse, seria considerado como as últimas provas de afeição. Com toda probabilidade, ainda há resquícios do costume desta época, embora em uma forma modificada, de se proferir orações fúnebres junto aos túmulos. Pois, mesmo que por caridade alguém tivesse providenciado a um peregrino desconhecido o mais simples funeral, carpideiras deveriam ser contratadas para entoar em misteriosas melodias o lamento: "Oh, o leão! Oh, o herói" ou palavras semelhantes, enquanto grandes Rabinos deveriam fazer uma emocionante oração fúnebre (Hesped ou Hespeda). Eles criam que tal oração teria alguma influência no destino da pessoa falecida, no outro mundo. Por esta razão, "a honra do sábio

estava em sua oração fúnebre". E, nesse sentido, o Talmude responde uma questão pertinente: A oração fúnebre tinha a finalidade de homenagear os sobreviventes ou o morto?

Mas, durante toda essa dolorosa pompa, o coração da viúva estava vazio e desolado pela perda de seu único filho.

Interpretação. A descrição de Edersheim esclarece um aspecto crítico. Enquanto o corpo do filho da viúva era carregado para fora da aldeia de Naim, em direção ao cemitério localizado a leste da cidade, toda a esperança havia se dissipado. O filho estava firmemente confinado no terrível poder da morte, e a viúva, sem um homem para sustentá-la, provavelmente se tornaria uma pessoa desamparada naquela sociedade.

Foi nesse momento, quando não havia mais esperança, que Jesus encontrou a procissão e, vendo a figura abatida da mãe, "moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores" (7.13). Caminhado em direção ao "esquife" (sorou, na verdade uma maca sobre a qual carregavam o corpo), Jesus trouxe o filho de volta à vida e "entregou-o à sua mãe" (7.15).

Este acontecimento tem sido chamado de "milagre supremo"; um feito que certamente certificaria Jesus como o Messias. Certamente, é isso mesmo. Apenas certamente. A ênfase de Lucas está na angústia da viúva chorosa, e na compaixão que a situação despertou no coração de Jesus. Esse milagre não foi um ato planejado, incluído por causa do efeito que poderia ter sobre os outros. Foi um ato espontâneo de compaixão. E, como tal, provavelmente resuma o significado da vinda de Cristo.

Por que o Filho de Deus entrou na vida da humanidade e lançou sua sorte entre nós? A não ser que Cristo agisse decididamente, toda esperança estaria perdida. E, ao nos ver perdidos e desamparados, Deus preocupou-se conosco, e "seu coração inclinou-se para nós".

Movido pela compaixão, Jesus nos toca mesmo agora em nossa situação fúnebre, e seu toque nos faz viver.

Aplicação. É justo ficarmos admirados ao vermos esta expressão do poder de Jesus. O que nos leva a cair de joelhos e louvar a Deus – como fez a multidão naquela tarde nas proximidades de Naim – é a compreensão de que o Senhor nosso Deus preocupa-se conosco. Podemos entender que Aquele que criou o universo material tem todo o poder. Mas o que nunca compreenderemos é a profundidade do amor que fez com que Jesus viesse a este mundo, para nos tocar, e nos dar vida.

LUCAS 7.18–10.24

É Tempo de Decisão

EXPOSIÇÃO

-

Lucas havia identificado Jesus, descrevendo as escolhas que o Senhor havia feito, e as escolhas que alguns fizeram ao crer nele ou ao rejeitá-lo. Agora, numa série de histórias, Lucas continua a esclarecer a importância de tomar uma decisão a respeito de Jesus.

Deus havia enviado dois mensageiros a esta geração: João Batista, o poderoso pregador nos moldes de Elias, e Jesus, cujo ministério foi marcado pela bondade e pelos milagres de cura. No entanto, os "doutores da lei" (7.30) rejeitaram a ambos (7.18-35). Em seguida, Lucas nos apresenta uma mulher identificada como "pecadora" (uma prostituta, 7.39). Ao contrário do fariseu que estava recebendo Jesus, esta mulher havia entendido sua mensagem de perdão e respondido com amor (7.36-50). Lucas, então, repete a conhecida Parábola do Semeador, mas aqui ele muda totalmente seu enfoque. Em Mateus, a ênfase está no poder da Palavra enquanto aqui Lucas, ao

manter o tema da decisão, coloca a ênfase no tipo de pessoa que responde à Palavra (8.1-15). Essa mesma ênfase na decisão e nas suas implicações pode ser notada em três exemplos breves e conhecidos, encontrados também nos outros sinóticos: a candeia (8.16-18), a mãe e os irmãos de Jesus (8.19-21), e a ocasião em que o Senhor acalmou uma forte tempestade (8.22-25). Os três terminam com uma afirmação específica sobre a questão que deve ser enfrentada: "Quem é este?" (8.26).

A cura do homem possuído por uma legião de demônios responde à pergunta, "Quem é este?" Lucas também começa a pesquisa sobre a diferença que faz uma decisão a favor ou contra Jesus. Somente Lucas descreve com todos os detalhes o impacto da possessão demoníaca. Sem Jesus, o homem fica desamparado perante os hostis poderes espirituais (8.26-39). Lucas continua a descrever a cura da mulher que sofre de uma perda de sangue crônica, e a ressurreição de uma menina morta (8.40-56). Sem Jesus, o homem fica impotente diante dos poderes da enfermidade e da morte. Portanto, aquele que decide-se por Jesus deixa de ser uma vítima indefesa. Ele lançou a sua sorte com Aquele que é, em todos os sentidos, vitorioso sobre as forças inimigas da humanidade!

Agora, Jesus envia seus discípulos em uma missão. Eles deverão transmitir as Boas Novas por toda a terra (9.1-9). Embora não estivessem preparados para atender todas as necessidades dos outros, Jesus pode fazer o milagre de multiplicar seus escassos recursos e, dessa forma, satisfazer as milhares de pessoas que se sentem atraídas por Ele (9.10-17). Isso acontece porque, como Pedro confessa, Jesus é o "Cristo de Deus" (9.18-27), cuja verdadeira natureza foi revelada na transfiguração (9.28-36), e cujo poder foi novamente comprovado na cura de um menino possuído por um espírito maligno (9.37-45).

Os discípulos ainda não entenderam. Eles discutem sobre quem seria o maior quando Jesus estabelecesse seu reino (9.46-50), e ficam zangados quando alguns samaritanos lhes recusam a hospitalidade (9.51-56). Mas a decisão de reconhecer Jesus como Senhor deve estar refletida no compromisso de segui-lo, e "Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus" (9.57-62). Assim, mais uma vez, Jesus envia os seguidores a Israel para levar a cura e a mensagem do reino. Alguns recebem a mensagem, outros a rejeitam. Bem-aventurados são aqueles que realmente entendem e que, alegremente, chegam-se ao Pai através do Filho (10.1-24).

ESTUDO DA PALAVRA

Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido (7.22). João, assim como outros em Israel, esperava que Jesus rapidamente estabelecesse o profetizado reino messiânico. João, que estava definhando em uma prisão, ficou indeciso quando Jesus não agiu como esperava, e enviou seus seguidores para perguntar a Cristo se Ele era realmente o Messias.

Jesus não demonstrou nenhum ressentimento pela dúvida de João, apesar da revelação anterior concedida por Deus de que Jesus era o Cristo (Jo 1.29-36). Antes, Jesus entendeu as pressões que João, encarcerado e temendo por sua vida, devia estar sentindo. Jesus entende as dúvidas que podemos ter quando as circunstâncias difíceis nos levam a imaginar onde o Senhor nosso Deus poderia estar.

Ele simplesmente ordenou que os mensageiros contassem os milagres de cura, pois assim João iria entender que essas curas haviam sido obras messiânicas – obras que o AT havia profetizado que o futuro Libertador iria realizar (4.17-19).

Na realidade, a resposta de Jesus representou um maravilhoso voto de confiança em João, pois a sua resposta demonstrou a confiança de que João o entenderia. Pode ser que esta manifestação da confiança de Jesus tenha encorajado e fortalecido o sitiado profeta, mais do que a própria resposta. E também pode ser que, quando dúvidas e temores nos assaltarem, o silêncio do céu fale mais sobre a confiança de Deus em você e em mim do que qualquer idéia de desamparo. Deus conhece nosso coração. Ele sabe muito bem que, apesar da incerteza que às vezes nos perturba, nós realmente cremos. E, no final, a nossa fé irá triunfar.

Mas o menor no reino de Deus é maior do que ele [João] (7.28). Para uma explicação sobre este versículo intrigante, veja o Estudo da Palavra referente Mateus 11.11.

Muitas mulheres serviam Jesus e seus discípulos com suas fazendas (8.3). Era considerada uma boa ação oferecer fundos que permitissem ao rabino executar sua missão ou sustentar os seus discípulos. Aqui, Lucas está mencionando o nome de várias mulheres que prestaram esse serviço a Jesus e aos doze. É uma característica de Lucas destacar o trabalho das mulheres e lhes dar crédito por suas boas obras e habilidades.

É interessante verificar quantas vezes Lucas destaca estas mulheres como um modelo de pessoas cristãs. A “mulher pecadora” de 7.36-50 serve como modelo do poder do perdão para evocar o amor; a “viúva persistente” de 18.1-5, como modelo de oração; e a “viúva pobre” de 21.1-4 como um bom modelo de doação. Se procurarmos nas Escrituras, encontraremos poucos exemplos mais nítidos de “mulheres liberais”. Veja como Lucas observa cuidadosamente que estas mulheres ajudaram Jesus “com os seus próprios recursos” (versão NTLH). Embora aparentemente Maria fosse solteira, e Joana fosse casada, elas tinham liberdade de agir de acordo com suas convicções, e usar seus recursos como bem entendessem.

E a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom e dão fruto com perseverança. (8.15). “Honesto e bom” (kale kai agathe) é uma frase grega muito comum, que aqui recebeu uma definição cristã singular. O argumento de Lucas é que um coração honesto e bom é característico da pessoa que ouve, guarda e, com paciência, acaba produzindo o fruto de uma vida justa e boa.

Aqui existe uma importante distinção. Alguns poderiam dizer que “se você perseverar tornar-se-á bom”. A parábola de Cristo ensina que “se você for bom irá perseverar”. Os atos não podem mudar a nossa natureza. Mas quando Deus, em sua bondade, muda o nosso coração, essa transformação interior será revelada nas escolhas que faremos, e na maneira de agirmos.

Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a

executam (8.21). Jesus não rejeita a família, mas concede àqueles que ouvem e praticam a Palavra de Deus, a condição de serem de fato uma família.

Pois já havia muito tempo que o arrebatava (8.29). Somente Lucas nos dá uma descrição detalhada dos horrores da possessão demoníaca (8.27-29). Sob a influência do demônio, o homem foi degradado (nu), isolado dos outros, sem lar e sem controle da própria voz ou dos seus membros. Talvez essa última característica, a completa perda do domínio de si, seja a mais aterrorizante de todas.

Atualmente, como no primeiro século, a maioria dos que recorrem aos poderes ocultos o fazem com a esperança de usar, de alguma forma, as forças sobrenaturais para alcançar os seus fins. A assustadora realidade é que estas forças são totalmente maléficas, completamente hostis ao seres humanos, como também a Deus. Que risco terrível é assumido por qualquer um que se intrometa com essas forças ocultas.

E andava pastando ali no monte uma manada de muitos porcos (8.32). Para os judeus, os porcos eram animais impuros e repulsivos. Eram muito mais adequados para hospedar demônios do que o ser humano, que foi feito à imagem de Deus.

Entretanto, esta história está repleta de ironias. Quando os demônios entraram nos porcos, esses animais precipitaram-se no mar e se afogaram. Os demônios haviam controlado o homem, mas será que eles haviam levado os porcos até às águas, ou será que os desprezíveis animais experimentaram uma repulsa tão grande ao toque dos demônios que foram levados a se destruir por sua própria decisão?

Talvez a maior ironia, entretanto, seja observada na hostilidade da população daquela região. O povo ficou admirado ao ver o endemoninhado recuperado, vestido, e em perfeito juízo. Mas ficou tão perturbado com a perda financeira

dos seus porcos, que implorou que Jesus se retirasse.

Como é fácil atribuir um valor econômico às coisas, e como é difícil avaliar o valor humano. No entanto, esta conhecida história nos lembra que o valor humano é a medida a ser usada – mesmo que seu custo econômico seja elevado.

Uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos... gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada (8.43). Quantas vezes, com diferentes formas humanas, os autores das Escrituras são instantaneamente reconhecidos através das suas inspiradas palavras. Cremos que Lucas era médico; todavia ele registra a dificuldade desse caso de uma forma superficial. Marcos, que geralmente nos dá descrições muito breves dos acontecimentos que relata, acrescenta uma nota que Lucas (talvez cuidadosamente) deixa de lado: Ela "havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto possuía, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior..." (Mc 5.26). Assim como agora, aparentemente os médicos daquela época não estavam muito ansiosos para criticar abertamente os seus colegas! Os leigos, como Marcos, são menos reticentes.

Chegando por detrás dele, tocou na orla da sua veste, e logo estancou o fluxo do seu sangue (8.44). Marcos 5.28 explica porque a mulher tocou a veste de Jesus: "Porque dizia: Se tão-somente tocar nas suas vestes, sararei".

Essa noção – embora popularizada pelos modernos pregadores da mídia que insistem que os ouvintes lhes solicitem lenços abençoados, ou que coloquem as mãos sobre o rádio – tem uma origem pagã e não bíblica. A noção de que o poder pode ser transmitido de uma forma "mágica" pelo toque era uma tradição grega habitual.

Por que, então, ela funcionou? A mulher ficou curada quando tocou as vestes de Cristo, e o Senhor tinha consciência disto, pois disse: "De mim saiu virtude" (8.46).

A melhor resposta é encontrada na última frase de Jesus a esta mulher: "Tem

bom ânimo, filha, a tua fé te salvou” (8.48). Os atos da mulher estavam baseados em uma idéia errada; no entanto, eles realmente expressavam uma fé verdadeira em Jesus. E é a fé em Jesus que permite que seu poder flua livremente aos seres humanos.

Como é trágico perdermos de vista essa verdade básica, e ensinarmos aos outros que devem fazer determinadas coisas para que possam receber as bênçãos de Deus. Alguns ensinam que as pessoas devem orar como eles ensinam (falando em outras línguas ou não), e interpretar uma passagem de uma maneira e outra passagem de outra maneira, se desejarem que Deus supra as suas necessidades.

Na verdade, todos nós somos limitados no conhecimento que temos de Deus. E, sem dúvida, todos nós, muitas vezes, abordamos a Deus de maneira inadequada. Como é maravilhoso saber que o nosso Deus é um Deus de graça e bondade, que só nos pede uma coisa: que nos aproximemos dele com confiança e fé, esperando que Ele trabalhe a nosso favor.

A João mandei eu degolar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas? (9.9). Pobre Herodes. Ele havia finalmente se livrado de João Batista. E, de repente, o perplexo governante ouve falar de um outro mensageiro de Deus, que estava não apenas pregando, mas enviando seguidores para fazer milagres e pregar “por toda parte” (9.6). De algum modo, a despeito das tentativas mais variadas, as pessoas simplesmente não podem se ver livres de Deus. Seu precioso nome continua em evidência, a despeito daquilo que elas tentem fazer. Mesmo que o expulsem de uma área de sua vida, Ele repentinamente surgirá em outra, de uma forma insistente, exigindo que tomem uma decisão a favor ou contra Ele. “Quem é, pois, este” na verdade! É Deus nos confrontando novamente. Não há como nos livrarmos dele, ou da necessidade de tomarmos uma decisão.

Mas não o receberam, porque seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém (9.53). Os samaritanos eram um povo semipagão cuja adoração religiosa envolvia uma forma corrompida de judaísmo. Os judeus eram ativamente hostis em relação a eles, e os samaritanos ressentiam-se do desprezo com o qual interpretavam sua religião.

Mesmo assim, os costumes do oriente tornavam quase obrigatória a oferta de hospitalidade a um grupo de viajantes. No entanto, essa vila samaritana não aceitou que Jesus e os doze permanecessem entre eles. A frase de Lucas, “porque seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém”, explica esta hostilidade. O pequeno grupo de judeus estava indo para o templo para assistir a uma das festas religiosas obrigatórias. Isso era mais do que os samaritanos estavam dispostos a suportar.

Tiago e João ficaram zangados e ansiosos para castigar os samaritanos, a quem indiscutivelmente desprezavam por serem intolerantes. Mas sua atitude mereceu a censura de Jesus.

Como podemos tratar de acaloradas discussões sobre questões que são tão vitais para nós como era a religião para os judeus e os samaritanos? Seguindo o exemplo de Jesus e, como a companhia que Ele levou foi “para outra aldeia” (9.56), nos afastamos da situação e vamos em frente.

[Jesus] disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu (10.18). Muitos entendem esse versículo como uma alusão a Isaías 14.4-11, e de fato ele pode estar descrevendo a queda de Satanás. Ao mesmo tempo, ele tem uma aplicação especial no contexto.

Quando os 70 que Jesus enviou para pregar retornaram, eles estavam orgulhosos: “Pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam” (10.17). A resposta de Jesus pode simplesmente indicar que Ele viu alguma coisa muito maior. Mas isso também liga a expulsão dos demônios da Galiléia do primeiro século com um desastre anterior. Nos dois casos, o mal é derrotado e o vitorioso poder de Deus prevaleceu.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Jesus e João Batista (7.18-35). Veja o comentário sobre Mateus 11.1-30 e a passagem paralela em João 1.19,20.

Jesus é Ungido por Uma Mulher Pecadora (7.36-50)

Contexto. A princípio, pode parecer surpreendente. Jesus comendo com um fariseu? Geralmente pensamos que os fariseus ficavam de lado, julgando com hostilidade, enquanto Jesus aproveitava sua refeição ao lado dos proscritos da sociedade. Entretanto, Lucas indica que não era raro Jesus associar-se socialmente aos fariseus, assim como com as pessoas comuns. Na verdade, este é apenas um dos episódios relatados por Lucas que apresentam Jesus compartilhando uma refeição com os fariseus (11.37; 14.1).

Jeremias, em sua pesquisa sobre as parábolas de Jesus, identifica essa refeição como um banquete (kateklithe), realizado em honra a Cristo. Ele também sugere que, como era considerada uma boa ação convidar um mestre viajante para uma refeição depois de sua pregação na sinagoga, esta tenha sido uma refeição em um sábado, e que o fariseu estaria pelo menos indeciso pensando se Jesus seria ou não um profeta.

Se este for o caso, podemos supor que não só o fariseu, mas também os demais convidados e a mulher que se introduziu sem ser convidada, ouviram o ensino de Jesus. O fariseu respondeu insistindo para que Ele comesse em sua casa, evidentemente para poder examinar cuidadosamente esse pregador itinerante. Mas a mulher respondeu mais cordialmente. Quando soube onde Jesus ia ficar, ela correu para casa e, tomando um jarro cheio de um precioso ungüento que, sem dúvida representava as economias de toda a sua vida, dirigiu-se à casa do fariseu e ungiu os pés de Jesus.

Nesse texto a mulher é identificada como uma “pecadora” [hamartolos] (7.39), significando que era uma prostituta, ou a esposa de um homem cujo trabalho era considerado desonrado. Como o versículo 47 relata que Jesus falou dos “seus” muitos pecados, devemos aparentemente preferir a primeira possibilidade.

Mas não imaginamos como uma conhecida prostituta podia entrar na casa de um fariseu. Não podemos conceber que ela tenha batido na porta dessa grande casa,

contado ao mordomo a sua missão, e recebido autorização para atravessar uma série de salas até chegar à sala de jantar. Naquela época, quando a hospitalidade era considerada uma grande virtude, muitas vezes o anfitrião arrumava as mesas em um local descoberto como um jardim, e abria o portão para os outros verem como havia generosamente recebido os seus hóspedes. Alguns passantes podiam até se deter no pátio para admirar a comida que estava sendo servida, uma atitude que mais honrava o anfitrião do que o perturbava. Assim sendo, a mulher poderia ter facilmente se introduzido para abaixar-se aos pés de Jesus e banhá-los com uma torrente de lágrimas.

Interpretação. Ao se abaixar e se inclinar sobre os pés de Jesus, a mulher de repente se tornou o foco da atenção de todos. A maneira de cada um interpretar seu ato, e as conclusões a que chegaram, nos ensinam mais sobre cada pessoa do que sobre esta mulher.

O fariseu Simão rapidamente lhe coloca um epíteto: ela é uma “pecadora” e, a partir daí, chega a uma série de conclusões rápidas, e aparentemente lógicas. Se Jesus fosse um profeta, Ele saberia que espécie de pessoa ela é. E, se Jesus fosse um dos profetas de Deus, certamente não iria permitir ser tocado por uma pecadora. Para o fariseu, a conclusão inevitável era que Cristo não era um profeta e, certamente, não podia falar ou agir em nome de Deus.

O problema da sua lógica é o mesmo que encontramos em vários de nossos argumentos. Ele está baseado em premissas que são assumidas silenciosamente. Estas premissas devem ser examinadas antes que permitamos que a razão nos conduza a alguma conclusão.

A sua suposição aqui está arraigada em sua própria abordagem da religião. Como todos os demais, Simão acreditava em um total compromisso com as leis da pureza ritual que gerações de rabinos haviam extraído das leis prescritivas do AT. A pureza ritual exigia que a pessoa que havia sido separada para Deus fosse isolada de tudo que fosse impuro. Portanto, Simão automaticamente inferiu que, como a mulher era uma pecadora, a única maneira apropriada de se relacionar com tal pessoa era rejeitá-la e se afastar, ou então ser contaminado.

Jesus agia de acordo com um conjunto de suposições completamente diferente. Ele via a mulher como uma pessoa, não como um objeto. Ele via com compaixão e amor, sem desprezo ou condenação. Para Ele, a santidade não era uma coisa negativa, mas um poder positivo e dinâmico. As atitudes daquela

mulher demonstravam uma resposta a Ele que havia prometido uma transformação interior – uma transformação que tornaria o passado da mulher irrelevante, e seu futuro brilhante.

Na mulher que agora se ajoelhava aos pés de Jesus entravam em conflito duas abordagens da religião que eram totalmente opostas. No entanto, as palavras ditas a Simão, o fariseu, rejeitando asperamente a sua opinião, foram ditas sob a forma de uma bondosa instrução.

Quem receberia maior expressão de amor? Uma pessoa que tinha uma dívida gigantesca, ou aquela cuja dívida era menor? O fariseu respondeu corretamente que, embora nenhuma das duas pudesse pagar, aquela que tinha o maior débito seria a mais agradecida. Cristo então compara a resposta da mulher com a de Simão.

Quando Cristo chegou ao banquete, o fariseu omitiu os atos de cortesia geralmente dedicados aos hóspedes mais ilustres. Seu ato de menosprezo pode ter sido pequeno, mas muito significativo naquela cultura. A falta destes detalhes de hospitalidade era a maneira de Simão indicar aos outros convidados que ainda não havia se decidido sobre a importância desse pregador itinerante. Ele também havia deixado claro – de uma maneira sutil, mas claramente inequívoca – que embora a festa fosse em honra a Cristo, Simão considerava que seu convidado estivesse em uma posição socialmente e espiritualmente inferior.

Mas ao contrário de Simão, esta mulher a quem ele havia despedido como uma “pecadora” havia desde o momento da sua entrada exibido extraordinário amor e gratidão. Portanto, era vista por Jesus sob uma perspectiva totalmente diferente daquela do fariseu. Seus atos revelavam uma fé verdadeiramente transformadora. E assim o Senhor terminou a sua lição com palavras que ela deveria estar ansiosa por ouvir; palavras que confirmavam o entendimento que de início havia despertado seu amor: “Os teus pecados te são perdoados” (7.48).

E, enquanto os outros hóspedes murmuravam admirados, Jesus falou novamente à mulher: “A tua fé te salvou; vai-te em paz” (7.50).

Aplicação. Existem muitas coisas para nós nesse simples relato. Primeiramente, não percamos o ponto principal da história de Jesus. A mulher realizou esses atos de amor porque já havia entendido e se apropriado da graça perdoadora de Deus. Ela não foi perdoada por amar, mas amou porque foi perdoada.

O fariseu, inconsciente dos seus pecados, procurava uma abordagem de Deus totalmente diferente – através das obras. Embora sua atitude pudesse levá-lo a se orgulhar da sua suposta justiça, condenando a mulher como pecadora, ela o deixava cego quanto à natureza da graça.

Em segundo lugar, precisamos aprender a ver os outros como Jesus os via, e não como o fariseu os via. Ele colocava as pessoas em nichos, classificava e depois se sentia capaz de descartá-las; essa mulher é uma "pecadora"; aquele homem é um "coletor de impostos"; esse outro grupo é simplesmente um dentre a "multidão" que não conhece os preciosos detalhes da lei de Deus. Jesus, ao contrário, via a mulher como um indivíduo e não como membro de uma determinada classe. Para Ele, o importante era como ela, como indivíduo, respondia à sua mensagem de graça. Aquilo que ela havia sido não tinha importância em vista do que havia se tornado naquele momento, e ainda se tornaria como uma pessoa perdoada. Ela, que antes havia se vendido por dinheiro, estava agora ansiosa para dar tudo que possuía como uma forma de gratidão ao Salvador.

Que verdade para lembrar e pela qual viver! Não importa o que uma pessoa tenha sido; o importante é o que ela pode tornar-se através da experiência da graça perdoadora de Deus. A transbordante generosidade dessa mulher das ruas coloca-se como uma permanente lembrança do poder perdoador de Cristo, que realiza uma completa transformação.

A Parábola do Semeador (8.1-15). Veja os comentários sobre Mateus 13.1-23 e a passagem paralela em Marcos 4.1-20.

A Candeia no Velador (8.16-18). Veja o Estudo da Palavra de Marcos 4.21, e a passagem paralela em Mateus 5.14-16.

A Mãe e os Irmãos de Jesus (9.19-21). Veja as passagens paralelas em Mateus 12.46-50 e Marcos 3.31-35.

Jesus Acalma a Tempestade (9.22-25). Veja os comentários sobre Marcos 4.35-41 e as passagens paralelas em Mateus 8.18,23-27.

A Libertação do Homem Endemoninhado (9.26-39). Veja os comentários sobre Marcos 5.1-20 e a passagem paralela em Mateus 8.28-34.

A Menina Morta e a Mulher Enferma (8.40-56). Veja as passagens paralelas em Mateus 9.18-26 e Marcos 5.21-43. Veja também o Estudo da Palavra de Lucas 8.43 e 8.48.

Jesus envia os doze (9.1-9). Veja o comentário sobre Mateus 10.1-42 e as passagens paralelas em Mateus 14.1-12 e Marcos 6.6-29.

Jesus alimenta Cinco Mil Pessoas (9.10-17). Veja o comentário sobre Marcos 8.1-13 e as passagens paralelas em Mateus 14.13-21 e Marcos 6.30-44.

A Confissão de Pedro a respeito de Cristo (9.18-27). Veja o Estudo da Palavra sobre Mateus 16.18,19, e as passagens paralelas em Mateus 11.2-19 e 16.13-20.

A Transfiguração (9.28-36). Veja o comentário sobre Marcos 9.1-13 e Mateus 16.21-28; 17.1-8.

A Cura do Jovem Lunático (9.37-45). Veja o comentário sobre Marcos 9.14-32 e a passagem paralela em Mateus 17.14-23.

Qual Deles Seria o Maior? (9.46-50). Veja o comentário sobre Marcos 9.33-41 e a passagem paralela em Mateus 18.1-6.

A Oposição dos Samaritanos (9.51-56). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 9.53.

O Custo de Seguir Jesus (9.57-62). Veja a passagem paralela em Mateus 8.19-22.

Contexto. Nos capítulos 5–9 do seu Evangelho, Lucas desenvolveu cuidadosamente o tema da escolha. Agora, ele relata brevemente uma série de três episódios que nos convidam a meditar sobre as implicações da escolha de confiar em Jesus como Senhor. Se Cristo é o que Ele afirma ser, e se aceitarmos esta afirmação, então deveremos certamente nos comprometer a segui-lo fielmente.

A palavra “seguir” é a tradução de akoloutheo, um verbo comum, freqüentemente encontrado em passagens ou narrativas, e usado em um sentido descritivo. No entanto, às vezes “seguir” serve como um termo teologicamente técnico. Quando usado dessa maneira, esse verbo está intimamente ligado aos Evangelhos e ao discipulado, e expressa o compromisso essencial que os discípulos têm de fazer as suas escolhas cotidianas em obediência ao Senhor.

Interpretação. De acordo com este contexto, entendemos que estes três episódios são realmente importantes e que, em certo sentido, eles servem como o clímax do desenvolvimento desse tema maior do Evangelho de Lucas. O que, então, podemos aprender com eles?

Talvez a primeira coisa a observar seja que seguir Jesus significa mais do que um compromisso com a pessoa de Cristo; significa o compromisso de executar seus propósitos no mundo. Aquele que segue a Jesus deve ir e anunciar o reino de Deus (9.60) e dedicar-se alegremente ao serviço do reino de Deus (9.62). Seguir Jesus significa identificar-se com seus propósitos no mundo, e entregar-se totalmente a eles.

Ao mesmo tempo, cada uma das histórias de Lucas deixa bem claro que seguir

Jesus exige a desistência de coisas que os seres humanos consideram importantes.

Ao homem que se apresentou voluntariamente para seguir Jesus, Ele diz simplesmente: “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (9.57,58). Aquele que segue Jesus deve estar disposto a abandonar o conforto material e tudo que a palavra “lar” pode significar.

Jesus chama outro homem dizendo “Segue-me” (9.59). Embora esteja chamando Jesus de “Senhor”, ele implora a Cristo: “deixa que primeiro eu vá enterrar meu pai” (9.59). Devemos entender aqui que seu pai não está morto. O que o candidato a discípulo quer dizer é: “Deixa-me viver em casa até meu pai morrer, para que possa cumprir as minhas obrigações de filho”. A resposta de Jesus é áspera e clara. Aquele que o segue deve estar disposto a desistir até dos seus mais caros relacionamentos para prestar total submissão ao Senhor.

Um terceiro homem faz um compromisso verbal: “Eu te seguirei”, mas implora a permissão de primeiro despedir-se de sua família. Este é um pedido completamente diferente do anterior; aquele sugere que a responsabilidade para com a família supera o compromisso com o Senhor. Este sugere que o compromisso com Cristo não precisa excluir outras obrigações.

Como no caso dos outros exemplos, Jesus responde com uma imagem tirada da vida familiar comum. Os arados da Palestina eram muito leves e, embora pudessem ser usados com uma das mãos, geralmente a esquerda, era necessário mantê-lo na posição ereta, ajustar constantemente a profundidade e evitar as rochas e as pedras que podiam quebrar ou deixar sem corte a sua delicada extremidade. Ao mesmo tempo, o arador precisava dirigir os bois com a mão direita, usando geralmente um aguilhão de um metro e oitenta centímetros, com ponteiro de ferro. E durante todo esse tempo, também era necessário concentrar-se para manter os sulcos em uma direção reta.

Embora fosse leve e aparentemente simples, o arado do oriente médio exigia do agricultor uma concentração total e absoluta.

E foi assim que Jesus deu sua resposta. Aquele que escolhe seguir a Jesus precisa dedicar a mesma atenção total e absoluta ao “serviço no reino de Deus” (9.62), exigida do agricultor quando usa o arado.

Aplicação. Analisados em conjunto, estes três episódios resumem o que está envolvido em nossa decisão de seguir Jesus como seus discípulos. Escolhemos fazer sua vontade acima do nosso próprio conforto, ou mesmo da segurança material. Escolhemos fazer sua vontade acima até dos mais íntimos relacionamentos pessoais e familiares, e dedicar nossa completa e absoluta atenção ao seu serviço.

Jesus envia os 70 discípulos (10.1-24). Veja o comentário sobre Mateus 10 e a passagem paralela em Marcos 6.8-13.

LUCAS 10.25–12.3

EXPOSIÇÃO

-

Lucas gradualmente levou seus leitores a ver Jesus, não só como Ele é, mas também a um ponto de decisão. Ele nos confronta com um Cristo que escolheu entrar no nosso mundo para revelar o amor de Deus. Seu ato confronta cada um de nós com a necessidade de fazermos uma escolha a favor ou contra Jesus como Salvador. Lucas também nos lembrou de que se respondermos a Jesus como nosso Senhor, devemos também reconhecê-lo como Senhor e segui-lo com total e absoluta dedicação. Agora, à medida que a história de Lucas desenvolve-se, o médico amado nos convida a explorar, em sua companhia, a alternativa do compromisso com Jesus como o Cristo de Deus.

Esta alternativa é introduzida na parábola do Bom Samaritano. O principal personagem deste episódio é um "doutor da lei" (10.25) que deu uma resposta que qualquer judeu instruído daria à pergunta de Cristo –

“Que está escrito na lei?” – a respeito da vida eterna, e do sacerdote e do levita da história do samaritano, cuja indiferença ao sofrimento do homem atacado pelos ladrões contraria o princípio mais fundamental dessa lei (10.25-37). Portanto, a única alternativa de Jesus é uma “religião do Livro” representada pelo judaísmo do primeiro século, que havia perdido de vista a misericórdia ao procurar “justificar-se”, como fez o doutor da lei (10.29), através de suas interpretações da lei de Deus.

A história de Maria e Marta representa uma advertência. Os seguidores de Cristo não alcançarão maior sucesso do que os da primeira geração que seguiram Moisés se, como Marta, colocarem suas prioridades apenas no “fazer”. Como Marta, devemos insistir no dever do discípulo de manter um íntimo relacionamento pessoal com Deus (10.38-42). O ensino de Jesus sobre a oração (11.1-13) traz a essência desse relacionamento a uma perspectiva clara. Nós nos aproximamos e confiamos em Deus como nosso Pai (11.1-4). Sabemos que Ele irá responder, tão certo como um vizinho cumprirá a sua obrigação social (11.5-10), ou como um pai dará bons exemplos aos filhos que pedirem a sua ajuda (11.11-13).

Em seguida Lucas volta à pergunta básica. Se uma

pessoa não escolher Jesus, o que resta para ser escolhido? Pode alguém imaginar que as obras de Jesus tiveram alguma colaboração de Satanás, como acusavam alguns da multidão? (11.14-28). Certamente a pessoa que aceitasse essa idéia estaria do lado dos demônios – e se tornaria vulnerável a eles!

Então, que escolha temos? Aceitar Jesus pela fé – com provas muito mais abundantes sobre quem Ele é do que o povo de Nínive na época de Jonas, ou a Rainha de Sabá na época de Salomão (11.29-32) – ou então continuar em uma cegueira espiritual (11.33-36).

O episódio que Lucas relata em seguida deixa indiscutivelmente clara a implícita condenação feita pela religião contemporânea à parábola de Jesus sobre o Bom Samaritano. Novamente, Jesus está participando de uma refeição na casa de um fariseu. Ao se recusar a obedecer à tradição do ritual da purificação, executado pelos fariseus, os demais convidados ficaram estupefatos. Em resposta, Jesus pronuncia uma série de "maldições" contra eles e contra os doutores da lei (11.37-54). Os fariseus eram egoístas e hipócritas imundos (11.39-44), enquanto os "doutores da lei", assim como seus antepassados que mataram os profetas de Deus, afligiam ao invés de ajudar o povo de Deus. Além disso, roubaram a

“chave da ciência” através da qual o povo de Deus podia entrar no reino do céu (11.45-54).

Então, qual é a alternativa para aceitar Cristo como Salvador e Senhor? Não existe nenhuma alternativa viável. É verdade, podemos escolher ser “religiosos”. Podemos nos recomendar a Deus através de obras e da obediência aos rituais. Mas esse caminho nos levará para ainda mais longe, e não para mais perto dEle. Ao final, todos aqueles que fizerem essa escolha equivocada ficarão do lado de Satanás, e também ouvirão Jesus pronunciar a expressão “Ai de vós...”

ESTUDO DA PALAVRA

-

O que usou de misericórdia para com ele (10.37).

Raramente encontramos a palavra “misericórdia” nas versões inglesas do AT. Geralmente, as palavras hebraicas relacionadas com este conceito são traduzidas através de outros termos. A idéia básica, entretanto, está expressa por meio de duas importantes palavras hebraicas. Raham indica o amor de um superior por um inferior. Esse amor é profundo e leva o superior a ajudar o inferior quando este está necessitado. Essa palavra hebraica é freqüentemente traduzida como “amor” ou “compaixão”.

A outra palavra hebraica é hanan. Ela enfoca a nossa atenção na resposta de uma pessoa que é capaz de ajudar uma outra que está necessitada. Embora a pessoa necessitada não tenha o “direito” de esperar ajuda, a outra é levada pelos seus

sentimentos a agir espontaneamente. Esta palavra hebraica é freqüentemente traduzida como “graça” ou “bondade”.

Dessa maneira, o doutor da lei com quem Jesus estava falando entendeu claramente o que estava sendo dito ao admitir que “aquele que mostrou misericórdia” à vítima da história de Cristo estava agindo como se fosse seu próximo.

Ao chegarmos ao NT, o conceito de “misericórdia” pode ser entendido sob um foco mais nítido. A palavra grega eleos é mais precisa e melhor definida. A misericórdia é uma resposta compassiva; ela envolve a participação no sentimento de alguém que esteja sofrendo, e procura ajudá-lo. Podemos ver esse sentimento traduzido nas palavras dos sofredores que desesperadamente apelam a Jesus: “Tem misericórdia” (Mt 15.22; 17.15). E podemos ver misericórdia na resposta imediata e consistente de Cristo a estas súplicas.

Talvez o aspecto mais importante da misericórdia seja o papel que ela exerce no desenvolvimento teológico das epístolas do Novo Testamento. Através dele entendemos que a “misericórdia” reflete não só a atitude de Deus para com os pecadores, como também explica o propósito da encarnação de Cristo. Ele veio para expressar a misericórdia que sente por nós. Como lembra o Zondervan Expository Dictionary of Bible Words:

O NT continua a afirmar que a misericórdia foi concedida ao crente: “Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (Ef 2.4,5). “Segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança” (1 Pe 1.3). E “não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou” (Tt 3.5).

Um dos grandes propósitos da história do Bom Samaritano é nos advertir. Por depender do conceito de agir de uma forma justa, o judaísmo rabínico perdeu de vista o papel central da misericórdia no relacionamento de uma pessoa com Deus. Dependemos da misericórdia de Deus, pois somos pecadores e incapazes de agradá-lo. E, assim como aqueles que receberam misericórdia e entendem a

fragilidade humana, devemos ser rápidos para estender misericórdia a nossos semelhantes.

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços (10.40). O verbo grego é periespato. A atenção de Marta desviou-se de Jesus para a refeição que ela estava preparando. É muito fácil nos ocuparmos em servir a Jesus, a ponto de não termos tempo para ficar com Ele!

Mas uma (coisa) só é necessária (10.42). Não existe uma concordância entre os comentaristas sobre o significado dessa frase enigmática. As três traduções mais prováveis são (1) “Uma (coisa) só é necessária”, (2) “Poucas (coisas) são necessárias”, ou (3) “Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa”. Entretanto, nem mesmo esta última frase esclarece a questão de forma completa. Será que Jesus está falando sobre o jantar e encorajando Marta a simplificar a refeição, ao invés de oferecer uma festa? Ou será que esta “única coisa” é um comprometimento que Jesus está pedindo, como aquele que foi demonstrado por Maria?

Qualquer que seja a sua referência específica, está claro que o episódio faz um contraste entre as prioridades. A prioridade de Maria era ouvir e responder a Jesus, enquanto a de Marta era entregar-se ao serviço. Mas com certeza a mensagem dessa história é bastante clara. Nosso relacionamento com Jesus – nosso desejo de ficar ao seu lado e ouvir a sua Palavra – dever ter prioridade até mesmo sobre o serviço que fazemos com a maior dedicação.

Aqui, a advertência também é clara. A não ser que seja dada prioridade ao relacionamento, o amoroso serviço que agora oferecemos poderá deteriorar-se na religião estéril do sacerdote e do levita da história do Bom Samaritano.

Já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me (11.7). Quando a noite chegava, a maioria das famílias da Palestina dormia em um único quarto. Desenrolavam um longo tapete de dormir, a mãe

deitava em uma extremidade, o pai na outra, e os filhos acomodavam-se entre os dois. Quando bateram à porta, tarde da noite, o esposo irritado primeiramente recusou-se a abrir, alegando que isso iria realmente perturbar toda a família. Aqui, entretanto, a expressão “não posso levantar-me” significa “não vou” ou “não quero”. Quando uma pessoa não quer fazer alguma coisa, geralmente encontra uma razão pela qual “não pode” fazê-la.

Devemos sempre nos lembrar de que, assim como os discípulos de Cristo, fomos chamados para ser misericordiosos. Nossa resposta aos necessitados deve ser “Posso” ou “Quero”.

Levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister (11.8). É possível que nesse caso a palavra anaideia tenha um significado diferente de “importunação”. Ela pode significar “evitar a vergonha” e com certeza esse é seu significado aqui.

Outros detalhes das versões inglesas encobrem o significado dessa ilustração. Uma é que a palavra “supõe”, no versículo 5, não reproduz o impacto da expressão grega tis ex humon. Poderíamos traduzi-la melhor como “Você pode imaginar?” com a clara implicação de que a resposta deveria ser, “Nunca! Isso seria impensável”.

Outro problema da versão inglesa é a interrupção do parágrafo em 11.7. Não se trata realmente de uma interrupção, mas de uma continuação da pergunta expressa no versículo 5. Portanto, para entender o que Jesus está realmente dizendo sobre a oração, precisamos interpretar estes versículos, revendo a ilustração.

Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo e, se for procurá-lo à meia-noite, lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho o que lhe apresentar; se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e

meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar. Digo-vos que, ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister.

Qual é o impacto do exemplo de Jesus? Simplesmente que, naqueles tempos, em uma terra sem hotéis, os viajantes geralmente se hospedavam na casa de amigos. Um provérbio muito conhecido diz: “Hoje ele é meu hóspede, amanhã serei o dele”. As obrigações da hospitalidade não cabiam apenas ao morador, mas a toda comunidade. Seria uma vergonha para a comunidade se um vizinho recusasse um pedido de pão, e este também ficaria envergonhado perante os seus semelhantes.

Assim, o objetivo do exemplo não é dizer que a persistência irá, eventualmente, forçar Deus a responder as nossas orações. O importante é que seria impensável que Deus não respondesse à oração de um de seus filhos, assim como seria impensável que um vizinho não respondesse a um pedido de pão para alimentar um hóspede inesperado.

Não é de admirar o fato de Cristo ter concluído este tema com uma promessa: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (11.9).

Anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando… (11.24). Eles são atraídos pelos seres humanos, onde podem expressar a sua natureza, fazendo-lhes o mal. A menção do número “sete” é idiomática, um símbolo comum de totalidade. O objetivo dessa expressão fica claro no versículo 25. Se a casa (pessoa) é “varrida” e esvaziada, o indivíduo fica sem defesa. Somente quando somos habitados por Cristo e por seu Espírito é que ficamos a salvo.

Ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas (11.29). A palavra traduzida como “sinal” é semeia e, conforme a tradução da NIV, significa um sinal “miraculoso”. Aqui o “sinal do profeta Jonas” é o próprio Jonas, cujas palavras proféticas levaram Nínive a se arrepender. O objetivo de Jesus é mostrar que Ele Próprio é o sinal miraculoso para aquela geração – um sinal muito maior do que foi o de Jonas, em seus dias. O fato dos

ouvintes de Jesus não se arrependerem garantirá a condenação que terão que enfrentar.

Como é sem propósito pedir a Deus uma prova maior de seu amor e graça além de tudo que Ele já nos deu através de seu Filho. Aquele que não responder positivamente a Jesus não responderá, a despeito de qualquer maravilha que Deus possa realizar.

Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso (11.34). Aqui, a palavra que correspondente a “bom” é haplous, isto é, “idôneo” ou “saudável”. O detalhe de Jesus é que o fato de uma pessoa receber ou não a luz não depende do brilho, mas da saúde dos seus olhos. Somente se abrirmos os olhos à luz de Deus que está em Jesus, e a deixarmos brilhar, é que estaremos cheios de luz. Como cristãos, somos chamados para andar na luz.

Ai de vós (11.42-44, 46-47, 52). Essa palavra é uma exclamação que expressa dor ou condenação.

Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas (11.50). A lei do Antigo Testamento considerava que a comunidade era responsável pela pena de morte dos assassinos. A responsabilidade específica pela execução desse castigo pertencia ao “vingador de sangue”, um parente próximo da vítima assassinada (Nm 35). Sob nenhuma circunstância um assassinato deveria ser negligenciado, para evitar que toda a terra se tornasse culpada perante Deus.

Jesus agora adverte que esta geração está prestes a ser considerada responsável pelo sangue de todos os profetas mortos pelas gerações anteriores. Por que? Porque ao rejeitar Cristo e causar a sua futura morte, esta geração havia se aliado aos assassinos dos profetas e não ao Deus que exigia seu castigo. Assim como aquele que se recusa a executar o assassino torna-se tão culpado quanto ele,

aqueles que rejeitam a Cristo transferem para si o manto daqueles que assassinaram os profetas, participando inteiramente da sua culpa.

Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência! (11.52). Podemos entender esta frase da seguinte maneira: “Tomaram para si a chave, o próprio conhecimento”. A chave para o relacionamento com Deus é aquele reconhecimento do Senhor que é revelado pelas Escrituras. No entanto, os “doutores da lei”, que proclamavam seu conhecimento superior da lei de Deus, perderam e eliminaram a chave, distorcendo as Escrituras com seu legalismo e com a sua afirmação de que o povo de Deus não o conhecia mais.

Devemos ler a Palavra de Deus para encontrá-lo. Se não nos aproximarmos do Senhor através do estudo de sua Palavra, teremos tragicamente confundido a sua mensagem essencial.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Parábola do Bom Samaritano (10.25-37)

Contexto. A Parábola do Bom Samaritano é, sem dúvida, uma das histórias mais conhecidas das Escrituras. Como outras histórias contadas por Jesus, ela nasceu daquilo que é familiar e leva o selo da realidade quotidiana.

A estreita estrada de cerca de 33 quilômetros entre Jericó e Jerusalém era reconhecidamente insegura. Não era uma estrada usada habitualmente pela rota comercial, mas principalmente pelos peregrinos. Antes ou depois de uma das festas religiosas ela ficava muito congestionada. Em outras épocas aqueles que viajavam por ela seriam provavelmente iguais ao levita e ao sacerdote da história de Jesus, isto é, moradores de Jericó cuja obrigação exigia deles duas semanas de prestação de serviços ao Templo. Entretanto, Jeremias observa que, quando

partiam para servir, os sacerdotes ou levitas preferiam viajar em grupos. Ele sugere que o fato de estarem viajando sozinhos indica que não estavam a caminho para servir no Templo. Isso é importante porque caso fossem apresentar-se para esse serviço, os piedosos judeus poderiam argumentar que a responsabilidade para com Deus tinha prioridade perante o próximo, e a ênfase da história de Jesus estaria prejudicada.

O fato de nenhum dos viajantes viajar com um guarda-costas pode refletir o compromisso de Roma de eliminar e executar os assaltantes. Entretanto essa estrada, construída através de um deserto rochoso, era reconhecidamente perigosa e muitas vezes a maioria das pessoas preferia atravessá-la em grupo visando maior proteção. Não é só possível, mas até provável, que o sacerdote e o levita tivessem abandonado seu conterrâneo e desaparecido com medo de que os homens que o atacaram tivessem se escondido, esperando para assaltá-los também.

Certamente os ouvintes de Jesus teriam percebido isso imediatamente e, embora sentissem pena da indefesa vítima dos assaltantes, também teriam entendido os temores do sacerdote e do levita que se afastaram rapidamente ao encontrá-lo estendido no chão, ferido e sangrando, à margem da estreita estrada.

Em essência, a história de Jesus criava imediatamente um dilema moral. É natural que as pessoas sintam compaixão pelos feridos e indefesos. Mas até que ponto uma pessoa é obrigada a se arriscar em favor dos seus semelhantes? Ou de seus bens? De sua própria vida? Tudo que dissermos sobre o cenário desenhado por Jesus com termos tão distintos também estaria admitindo que seus ouvintes – e o doutor da lei a quem Ele estava dirigindo-se – dificilmente responderiam de forma superficial ou volúvel.

Portanto, contra esse cenário, só podemos investigar a mensagem que Jesus pretendia transmitir ao seu interlocutor e – através de Lucas – também a você e a mim.

Interpretação. Para entender essa história, precisamos saber alguma coisa sobre a dinâmica da interação que a provocou. Nosso texto nos diz que "um doutor da lei [do AT]" (10.25) levantou uma questão – "Que farei para herdar a vida eterna?" – que levou Jesus a perguntar como esse doutor "lia" (entendia) (10.26) o AT.

Diálogo de abertura (10.25-29). Primeiramente observamos que o mestre (ou doutor da lei) local fez essa pergunta para “testar” (ekpeirazon) Jesus (10.25). Não devemos entender isso como uma expressão de hostilidade: o homem aceitava Jesus como um mestre (didaskale) e, provavelmente, procurava levá-lo a uma dessas infindáveis discussões sobre a lei, tão apreciadas pelos seus companheiros.

A pergunta: “Que farei para herdar a vida eterna?” era muito comum. Os Evangelhos nos contam que um homem abastado já havia feito a mesma pergunta (Mt 19.16). Ela revela um defeito básico da abordagem dos rabinos judeus ao relacionamento com Deus: existe sempre implícita uma premissa de que a vida eterna é uma recompensa conquistada pelo crente por causa das suas boas obras. A verdadeira questão era: “Que boas obras uma pessoa deve praticar para merecer o favor de Deus?”

Um escrito judaico posterior registra uma discussão entre um rabino e um comerciante, e a questão fica resolvida com a citação do Salmo 34.12-14: “Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? Guarda a tua língua do mal e os teus lábios, de falarem enganosamente. Aparta-te do mal e faze o bem; procura a paz e segue-a”. No entanto, Edersheim argumenta que, quando Jesus perguntou ao doutor da lei como ele entendia as Escrituras, sua resposta expressava a convicção da maioria das pessoas de seu tempo. A obrigação mais importante da lei, encontrada em Deuteronômio 6.5, era amar a Deus acima de todas as coisas.

Ao mesmo tempo os rabinos discutiam freqüentemente Levítico 19.18 e o dever de amar ao próximo. Como disse Hillel: “Aquilo que você abomina, não o faça ao próximo. Isto representa toda a lei; o restante são apenas comentários”.

O admirável é que estes dois princípios, obedecer à lei e amar ao próximo, não se encontram associados em nenhum dos escritos conhecidos dos antigos sábios. Portanto, Jesus elogia o rabino, dizendo: “Respondeste bem; faze isso e viverás” (10.28).

Os papéis do princípio e da prática (10.29). Existe algo muito prazeroso em uma discussão sobre teologia. Podemos discutir em um nível totalmente teórico, de uma forma muito agradável e, depois de um estimulante intercâmbio de idéias, sentir uma grande dose de satisfação com a convicção de que certamente estávamos “certos” em tudo que dissemos. Podemos fazer isso sem ser forçados a analisar as implicações práticas daquilo que afirmamos.

Era exatamente isso que estava acontecendo até que, de repente, Jesus disse: “Faze isso e viverás”.

Repentinamente, também desapareceu o prazer daquele debate rabínico com a desagradável percepção de que não era suficiente estar “certo”; o que importava era praticar aquilo que fosse certo.

Tudo isso está expresso no desconforto do doutor da lei, quando perguntou: “Quem é o meu próximo?” com a esperança de “justificar-se” (10.29). Esta é uma tática evasiva de que alguém lança mão quando espera ser simplesmente justificado pela lei. Há duas opções: A pessoa deve diminuir as exigências da lei, fazendo a sua redefinição para tornar seus termos mais acessíveis, ou então deverá colocar-se num pedestal fingindo ser melhor do que realmente é. Quando esse princípio é aplicado na prática, fica imediatamente claro que ele precisa ser reformulado!

Na verdade, os escritos dos rabinos contêm inúmeras discussões a respeito da pergunta feita pelo doutor da lei a Jesus Cristo: “Quem é o meu próximo?” Edersheim refere-se à passagem Ab Zar 26a, que “ordena que os idólatras [por exemplo, os gentios] não devem ser libertados quando estiverem em iminente perigo, e que os apóstatas devem ser levados à mesma ameaça”. Ele também faz uma observação sobre Êxodo 23.5 em Babha Mets, 32b. Esse versículo do livro do Êxodo diz o seguinte: “Se vires o jumento daquele que te aborrece deitado debaixo da sua carga, deixarás, pois, de ajudá-lo? Certamente o ajudarás juntamente com ele”. Esse comentário rabínico diz que o peso precisa ser apenas descarregado – a não ser que deixar de ajudar a carregar possa provocar hostilidade. Além disso, esse princípio só se aplica aos inimigos judeus e não gentios.

Portanto não era algo incomum que o interlocutor de Jesus perguntasse qual era

sua interpretação de “próximo” – ou que a sua motivação talvez fosse justificar-se ao restringir as implicações daquilo que, aparentemente, era um princípio universal.

“Quem é o meu próximo?” (10.29). A Parábola do Bom Samaritano contada por Jesus em resposta a essa pergunta, não é uma simples alegoria. Contra o cenário do pensamento rabínico contemporâneo, como foi descrito acima, trata-se de uma condenação dirigida a uma abordagem da religião que, ao invés de levar o povo de Deus para mais perto dEle, o havia afastado ainda mais. O sacerdote e o levita representavam o que havia de melhor na ordem moral da antiguidade. O sacerdote era o representante de Deus junto ao homem, e do homem perante Deus, enquanto o levita estava dedicado ao serviço e à adoração. No entanto, ambos desviaram os olhos e passaram rapidamente pelo conterrâneo israelita!

Em seguida apareceu um odiado samaritano. Os ortodoxos consideravam o samaritano um apóstata; portanto, deveria “ser levado” ao perigo. Esse samaritano, “um inimigo”, deixou-se levar pela compaixão ao ver a terrível situação da vítima.

Em uma história breve e sarcástica, Jesus havia aberto um caminho através de toda dialética rabínica dedicada a definir o “próximo” e o “inimigo”. Depois, Jesus pergunta ao seu interlocutor: “Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (10.36).

Só podia haver uma resposta e o doutor da lei foi forçado a responder: “O que usou de misericórdia para com ele” (10.37).

Aplicação. Com que rapidez a história de Jesus abriu caminho através da confusão daquela discussão religiosa. O que você entende ao ler as Escrituras? Os seres humanos devem amar a Deus e ao próximo. Isto está muito simples e claro. O que significa amar ao próximo? Simplesmente ter compaixão ao ver outro ser humano passando necessidades, e estender a mão para ajudar.

O que dizer de toda discussão sobre quem é e quem não é o próximo de uma pessoa? E do argumento sobre como tratar um inimigo? Ela será não só inútil, como terrivelmente errada, pois ao definirmos os outros que estão fora do círculo daqueles que devemos amar, estamos praticando uma violência não só contra a Palavra de Deus, como também contra a própria natureza de Deus. Na verdade, a única realidade essencial, afirmada pela nossa fé, é que Deus é amor e

que, como todos os homens são pecadores, o amor de Deus deve, pela sua própria natureza, abranger aqueles que são seus inimigos.

Portanto, essa simples e conhecida história está nos desafiando hoje. A ordem de Deus para amarmos ao próximo representa seu convite para imitarmos sua atitude em relação à humanidade. Quando nosso caminho nos leva a outro ser humano que está passando necessidades, esta pessoa representa nosso próximo, e o amor irá criar dentro de nós a compaixão que nos levará a ajudá-la.

Na Casa de Marta e Maria (10.38-42). Veja o Estudo da Palavra de 10.39 e 10.42.

O Ensino de Jesus sobre a Oração (11.1-13). Veja o Estudo da Palavra sobre Mateus 6.11, Lucas 11.7 e 11.8, o comentário sobre Mateus 7.7-12, e a passagem paralela em Mateus 6.9-14.

Contexto. A oração formava uma "rica tapeçaria" no judaísmo do primeiro século. Juntamente com a convicção de que o mais simples apelo de ajuda de um pobre representava uma oração que Deus certamente ouviria, desenvolveram-se as mais belas e complexas expressões de louvor jamais encontradas em qualquer outra cultura. Muitas delas foram reunidas no Siddur, o livro judaico de orações comuns, que contém orações para cada dia da semana e para o sábado. Seu conteúdo contém orações pessoais e comunitárias, além de orações que são apropriadas a qualquer necessidade ou situação de um piedoso judeu.

Embora o primeiro Siddur tenha sido compilado na Academia Rabínica de Sura, na Babilônia, durante a Era Bizantina, muitas tradições das suas orações podem ser identificadas na era do segundo Templo, e refletidas na prática na época de Cristo. Por exemplo, o Mishna registra essa diferença entre os rabinos Gamaliel e Aqiba, do primeiro século, e aquela que talvez seja a mais famosa das orações da antiguidade, as Dezoito Bem-Aventuranças.

4.3 A. R. Gamaliel diz: "Todo dia o homem deve orar as Dezoito Bem-

Aventuranças".

B. R. Joshua diz: "Um resumo das Dezoito".

C. R. Aquiba diz: "Se a oração de alguém for fluente, ele deve orar as Dezoito. Se não, um resumo das Dezoito".

Portanto, não é de admirar que, sendo a oração muito importante na vida de Israel, os rabinos dedicassem muita atenção ao definir as regras, as condições para que fossem oferecidas com eficácia. Por exemplo, o Mishna também descreve a opinião dos rabinos em relação ao que deve ser feito se uma pessoa cometer um erro ao recitar uma das orações litúrgicas durante a adoração em público.

Podemos ver tudo isso em Berakhot 5.3:

A. Aquele que se aproxima da Arca [na Sinagoga, para recitar a liturgia] e erra – deve deixar que outro vá [perante a Arca] em seu lugar.

B. E [aquele que for designado como substituto] não poderá declinar naquele momento.

C. Quando começa a substituição?

D. No início da bem-aventurança na qual [o anterior] errou.

De modo semelhante, consideravam que até as respostas a uma oração particular dependiam da facilidade [precisão] com que ela era pronunciada. Assim, Berakhot 5.5, no Mishna, diz:

A. Alguém ora e erra – isso será um mau sinal para ele.

B. E se for um agente comunitário [que ora em nome de toda comunidade], este será um mau sinal para aqueles que o nomearam.

C. O agente de um homem é igual a ele.

D. Eles dizem, em relação a R. Haniniah b. Dosa: “Quando orava pelos enfermos, ele dizia: ‘Este viverá’, ou ‘Aquele morrerá’”.

E. Eles lhe perguntavam: “Como você sabe?”

F. Ele respondia: “Se a minha oração fluir bem, então sei que será aceita”.

G. “Mas, se não for, sei que será rejeitada”.

Em sua Parábola do Bom Samaritano, Jesus abriu caminho através da confusão das interpretações rabínicas, e reafirmou a simplicidade original da exortação feita por Deus ao seu povo; eles deveriam amar. Agora, em seu ensino sobre a oração, Jesus desafia novamente a abordagem à religião feita pelos rabinos da sua época, e afirma uma simplicidade semelhante quanto à prática da oração.

Interpretação. Essa passagem transmite uma mensagem muito simples. Quando um discípulo pede que Jesus o ensine a orar, nosso Senhor lhes ensina a simples e concisa “Oração do Senhor” (11.1-4). Depois, Cristo usa dois exemplos para assegurar aos seus seguidores que Deus não só ouve, como está ansioso por atender às suas orações. Seria impensável que Deus deixasse de responder às orações, da mesma forma que seria impensável que alguém deixasse de cumprir o dever da hospitalidade a um estranho (11.5-10; veja o Estudo da Palavra de Lucas 11.8). E, seria impensável que Deus não concedesse ao suplicante o que é bom, como seria impensável que um pai desse uma serpente ou um escorpião a um filho que estivesse pedindo pão (11.11-13).

Em tudo isso existe uma grande verdade. A oração é a expressão do nosso relacionamento familiar com Deus. E as respostas às orações não dependem de alguém ter ou não cometido um erro ao recitar as palavras adequadas. Na verdade, as repostas à oração representam um transbordamento daquele permanente amor que Deus tem por nós, seus filhos.

Essa grande realidade nos dá a chave para entendermos aquilo que chamamos de Oração do Senhor (11.2-4).

Pai. Nós nos aproximamos de Deus como de um Pai, profundamente conscientes

de seu amor e compromisso conosco, e o respeitamos e amamos.

Santificado seja o teu nome. Exaltamos a Deus e o louvamos pelo que Ele é. Saboreamos o privilégio de nos aproximar daquele que é o Senhor do Universo com nosso louvor e ações de graças.

Venha o teu Reino. Afirmamos nossa submissão a Deus como Rei de um reino universal do qual somos cidadãos. Comprometemo-nos a viver aqui e agora em obediência ao Senhor, como se seu reino já tivesse sido estabelecido na terra.

Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano. Reconhecemos nossa dependência do Senhor e alegremente colocamos nele toda a nossa confiança. Não pedimos hoje o suficiente para atender às necessidades do amanhã, pois sabemos que Deus é o nosso Pai, e que podemos confiar plenamente nele.

Perdoa-nos nossos pecados. Reconhecemos as nossas imperfeições e fraquezas, e não dependemos dos supostos méritos de nossas obras, mas da disposição de Deus de nos perdoar. Demonstramos essa atitude através da boa vontade de tratar os outros como somos tratados por Deus; assim, “também perdoamos a qualquer que nos deve”.

Não nos conduzas em tentação. Como Deus a ninguém tenta (Tg 1.13), aqui essa palavra deve ser entendida no sentido de “testar”. Esse pedido não revela qualquer dúvida de que Deus nos dará condições de vencer, e demonstra a nossa fé. Algumas pessoas são tão inseguras em seu relacionamento com Deus que procuram tentações para poder vencê-las, e assim se asseguram de que realmente pertencem ao Senhor. Deus permitirá que enfrentemos provas, e também dará o escape para que as possamos suportar (1 Co 10.13). Como confiamos que isso é verdade, não precisamos procurar nenhuma prova, mas expressar a nossa fé

pedindo ao Senhor que nos livre das tentações.

Ao revermos esse modelo de oração, percebemos mais sobre a natureza da oração e sobre o relacionamento que a torna vital e verdadeira. Existe a confiança em Deus como Pai, existe a adoração e o reconhecimento de Deus pelo que Ele é em sua natureza. Existe um compromisso expresso de fazer a sua vontade, juntamente com a confiança de que Ele suprirá as nossas necessidades todos os dias. E, sobretudo, existe a maravilhosa consciência de que Ele cuida de nós em sua graça; que o perdão dos pecados nos garante seu contínuo favor, e o acesso a Ele sempre que estivermos necessitados.

Aplicação. O ensino de Jesus sobre a oração tem a finalidade de eliminar os falsos ornamentos da "religião" e nos lembrar de que a nossa fé nos proporciona um relacionamento íntimo e pessoal com Deus.

Como estamos terrivelmente errados ao imaginar todos os tipos de "condições" que devemos atender antes que Deus ouça ou responda à nossa oração. Somos seus filhos, e profundamente amados por Ele. Se isso estiver sempre em nossa lembrança, ficaremos livres daquela hesitação e do medo que atormentam tantas pessoas. Muitos daqueles que nunca imaginariam que a salvação depende das obras, supõem, erroneamente, que o mesmo acontece de algum modo com as respostas às orações.

Jesus e Belzebu (11.14-28). Veja os comentários sobre Marcos 3.7-30, e a passagem paralela em Mateus 12.22-50.

O Sinal de Jonas (11.29-32). Veja a passagem paralela em Mateus 12.38-42 e o Estudo da Palavra de Lucas 11.29.

A Candeia do Corpo (11.33-36). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 11.34.

Os Seis “Ais” (11.37-54). Veja o comentário sobre Mateus 23, e o Estudo da Palavra de Lucas 11.52.

Contexto. A Parábola do Bom Samaritano, assim como o ensino de Jesus sobre a oração, expuseram a falácia da abordagem rabínica contemporânea em relação à religião do Antigo Testamento. No entanto, os fariseus, que eram os mais zelosos praticantes de todas as exigências daquela tradição, não enxergaram claramente as implicações daquilo que Cristo dizia.

Podemos ver isso imediatamente à medida que Lucas passa a descrever um outro episódio. Jesus está novamente comendo com um fariseu. Ele entra e se senta para comer, mas não faz o ritual da purificação exigido pela tradição. O fracasso do fariseu em compreender seu ato está expresso em sua “surpresa” por essa “falha” do agora famoso e jovem rabino.

Nesse ponto, Jesus fala asperamente em uma clara condenação desta tradição e dos atos anteriormente prescritos, que os fariseus consideravam como a sua vantagem diante de Deus. Eles são “loucos” (11.40). Inspecionam cuidadosamente tudo que é exterior, mas ignoram a ambição e a maldade dos seus próprios corações.

Interpretação. Jesus pronuncia uma série de “ais” contra os fariseus (11.42-44). Esses ais foram pronunciados porque os fariseus obedeciam fielmente aos seus rituais. O problema é que eles negligenciavam “o Juízo e o amor de Deus” (11.42), pois não eram motivados por uma preocupação com Deus, mas com a sua própria posição e com a opinião pública. A comparação dos fariseus com as “sepulturas invisíveis, sobre as quais os homens passam sem o saber” (11.44) talvez representasse o supremo insulto. De acordo com o AT, o simples toque em um morto contaminava um indivíduo e o desqualificava para a adoração, ou para a participação na vida da comunidade, até o momento em que ele se submetesse a uma purificação. Os fariseus escrupulosamente evitavam até mesmo tocar numa sepultura, para não ficarem sujeitos a uma contaminação. No entanto, as palavras de Jesus não só acusavam o farisaísmo de distorcer a adoração a Deus, como também condenavam os fariseus por serem tão interiormente corruptos que contaminavam aqueles que entravam em contato com eles.

Um dos “doutores da lei”, que também participava da refeição, entendeu que a

condenação de Jesus ao farisaísmo era um insulto a toda tradição rabínica representada pela pessoa do rabino e do sábio. A resposta de Jesus também explicitava a sua repreensão a este grupo (11.46-52).

As tradições que os rabinos estabeleciam eram, na realidade, fardos impossíveis de se carregar. Além disso, a atitude dos líderes religiosos da época de Cristo refletia a atitude daqueles que haviam assassinado os profetas. Como reconhecidos intérpretes das Escrituras em Israel, e fonte de todo conhecimento a respeito de Deus, os doutores da lei haviam, na realidade, removido esse conhecimento da nação de Israel. Eles mesmos não usavam essa chave e, na verdade, as suas tradições e interpretações eram tropeços para aqueles que estavam entrando no reino de Deus.

Tudo isso é tão trágico! E quão devastadora era a crítica de Jesus sobre a forma de judaísmo praticada nos seus dias.

Quando finalmente esta crítica foi ouvida e completamente entendida, os fariseus e os doutores da lei "começaram a apertá-lo fortemente" (11.53); isto é, faziam-lhe uma forte oposição. Vemos aqui uma confirmação final da precisão da análise de Jesus sobre estes homens, e da abordagem que tinham em relação à religião. Jesus falou a verdade a todos eles; e ao invés de fazerem uma pausa para analisarem a si mesmos, rejeitaram "fortemente" suas palavras e decidiram opor-se ao Senhor. Qualquer um pode errar. Mas somente a pessoa que estiver aberta a Deus e ao próximo estará disposta a julgar-se a si mesma e, se estiver errada, arrepender-se.

Aplicação. Como eu e você respondemos quando somos desafiados sobre alguma crença ou prática que nos é querida? Se reagirmos indignados e nos recusarmos a fazer um auto-exame, seremos exatamente iguais àqueles que se lançaram como inimigos de Jesus há tanto tempo.

Mas como temos toda certeza tanto do amor de Deus como da nossa própria falibilidade, temos a liberdade de ouvir cuidadosamente e abrir a nossa vida ao escrutínio do nosso Senhor, e também das outras pessoas. Abrindo-nos dessa maneira, o Espírito Santo poderá ter livre acesso ao nosso coração e nos corrigir, purificar, e conduzir no caminho certo.

LUCAS 12.4–16.31

Ilusões da Vida

EXPOSIÇÃO

-

Estamos agora nas partes mais profundas de uma seção de Lucas que possui poucos paralelos seja nos outros sinóticos ou em João. Há reflexos de temas familiares, mas mesmo estes são abordados de forma única. Contudo, estes capítulos contêm algumas das mais familiares de todas as histórias que Jesus contou. Aqui encontramos a Parábola do Rico Insensato e a Parábola da Grande Ceia. Entre as imagens familiares estão as da Ovelha Perdida, da Dracma Perdida, e do Filho Pródigo. Aqui também encontramos a discutida Parábola do Mordomo Infiel e a notável Parábola do Rico e Lázaro, um mendigo.

Enquanto uma história é seguida por outra, e um incidente descrito brevemente nos leva rapidamente para outro, questões comuns aparecem e reaparecem. Em toda a nossa volta, a vida apresenta alternativas atraentes que competem com o nosso comprometimento. Contudo, muitas delas são ilusões!

A admiração dos outros não tem significado algum, se para consegui-la sacrificarmos a aprovação de Deus (12.1-12). As riquezas não podem atender as maiores necessidades da vida, ou mesmo nos libertar da ansiedade (12.13-34). O indivíduo hedonista que vive pelos prazeres do momento presente falha em perceber que os seres humanos foram colocados neste mundo para servir a Deus, e que deverão prestar contas quando Cristo voltar (12.35-59). Um dia toda ilusão será eliminada; como é grande então a necessidade do homem de se arrepender, e entrar no Reino de Deus pela porta estreita que se opõe grandemente aos sinais brilhantemente acesos e sedutores da Broadway (13.1-35).

Contudo, há uma esperança. Deus convida todos aqueles que desejarem chegar-se a Ele a escolherem o caminho que conduz, no final, à sala de sua ceia (14.1-24). A atitude de Deus em relação a nós, pecadores, é descrita de uma forma linda nos retratos feitos por Jesus da Ovelha Perdida, da Dracma Perdida e do Filho Pródigo, perdido por ter abandonado o seu pai voluntariamente (15.1-32). Com estas histórias, Jesus volta ao tema com o qual Ele começou: a riqueza.

O dinheiro não possui valor em si mesmo, mas somente se for usado para preparar o nosso futuro

eterno (16.1-18). É a eternidade que conta. Medido pela eternidade, percebemos que o mendigo Lázaro, do lado de fora da porta, no local em que permanecia, foi muito mais abençoado do que o homem rico (16.19-31). Talvez a maior ilusão de todas seja o tempo, e a nossa tola noção de que o que realmente conta é o que acontece conosco hoje ou amanhã. Em breve o próprio tempo será posto de lado. Nós entraremos na eternidade, e então finalmente compreenderemos o que é verdadeiramente real.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Acautelai-vos, primeiramente, do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia (12.1) Esta acusação era freqüentemente feita por Jesus contra os fariseus. A palavra "hipocrisia" vem do teatro, e das máscaras dos personagens em uma peça que os atores usavam em seus rostos. Com esta acusação, Jesus acrescenta uma nota especial de advertência. "Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto" (12.2). Pode ser possível agora disfarçar motivos e valores sob uma capa de piedade. Mas um dia toda máscara será removida, e cada pessoa será completamente exposta, assim como é.

"Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus" (12.9). Os termos "confessar" (homolgesei) (12.8) e "negar" (arnesetai) são opostos. Eles contrastam aqueles que se identificam publicamente com Jesus com aqueles que o rejeitam. A advertência também contrasta dois tempos: o presente e o futuro escatológico. Devemos tomar a nossa decisão a respeito de Jesus hoje, porque a nossa escolha determinará o nosso futuro eterno.

E disse [Jesus] aos seus discípulos: Portanto, vos digo: não estejais apreensivos pela vossa vida (12.22). A ordem para não estar apreensivo é dirigida aos discípulos, e não à multidão. “Apreensivo” aqui é merimnate, uma palavra que no grego clássico descrevia uma condição de ser “levantado” ou “suspenso no ar”. É uma imagem vívida de uma pessoa que se sente totalmente insegura. Mas os discípulos de Jesus nunca estão “suspensos no ar”. Podemos não saber como nossas necessidades serão atendidas, no entanto estamos seguros porque sabemos que somos valiosos para Deus.

Este é o primeiro dos “nãos” de advertência e encorajamento que Jesus transmite aos discípulos aqui. Os outros? Não coloquem seus corações nas coisas materiais (12.29). Não se preocupem com as coisas materiais (12.29). E não tenham medo do futuro (12.32).

Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino (12.32).

Jesus nos lembra de que temos um reino; Ele não nos promete, simplesmente, que um dia o herdaremos. Naquela época, o termo “reino” era entendido primeiramente não como um distrito geográfico ou étnico, mas como a primazia de seu governante. Viver no reino presente de Deus significa viver diariamente atento às regras de Deus, e controlar cada circunstância em nossa vida.

Que diferença faz para o crente entender que ele vive, agora, no reino em que a vontade de Deus é suprema? Jesus sugere várias implicações. Seremos libertos do medo (12.32). E também seremos livres para responder com generosidade aos necessitados (12.33).

Jesus acrescenta mais um pensamento. A nossa atitude em relação ao dinheiro e ao seu uso não só mostra a nossa confiança em Deus, mas também onde o nosso coração está.

Estejam cingidos os vossos lombos (12.35). Para estar “cingido” para viajar ou trabalhar, uma pessoa na Palestina do século I colocava um cinto em torno de

sua cintura, e prendia sua túnica para que ela não ficasse pelo caminho.

Se realmente estamos vivendo no Reino de Deus hoje, estejamos envolvidos em sua obra!

Cuidai vós que vim trazer a paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão (12.51). A palavra grega é diamerismon, que significa dividir. Todos os seres humanos pertencem a uma classe – pecadores, que por natureza são inimigos de Deus. Então veio Jesus, e a humanidade passou a ter uma escolha.

O fato dos membros de uma família serem retratados como estando divididos entre si é significativo, e destaca o fato de que cada pessoa toma a decisão a favor ou contra Cristo por si mesma. Não há como evitar aceitar esta responsabilidade, porque até mesmo a recusa em escolher já é uma escolha.

Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho (12.58). Tem havido alguma discussão quanto ao significado do verbo encontrado aqui, apellachthai, o infinitivo passivo perfeito de apallasso. Em Atos 19.12, a versão NIV traduz o mesmo verbo como “sair” na frase “Os espíritos malignos saíam deles”. Versões mais antigas traduzem a frase em Lucas como “abandoná-lo”, tomando-a como uma frase legal e sugerindo a declaração final de uma disputa. J. B. Phillips apresenta: “Faça o melhor que puder para entrar em acordo com ele, enquanto você tiver esta chance”.

A despeito de como a palavra seja traduzida, o ponto principal da história de Jesus está claro. Cada um de nós passa pela vida correndo em direção ao dia do juízo de Deus. Como é importante tomar a decisão vital da vida a respeito de Jesus antes que a vida acabe!

Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? (13.2) Jesus refere-se a um daqueles incidentes nos quais o perverso Pilatos ordenou a morte dos galileus suspeitos de rebelião, e um outro incidente no qual 18 pereceram “acidentalmente” quando uma torre de pedras desabou sobre eles (13.4). Pessoas comuns teriam presumido que não havia diferença entre a morte judicial e o “acidente”: cada uma destas mortes era vista como um juízo divino, e, portanto, a prova de que a pessoa morta era pecadora.

Jesus contradiz esta opinião popular a fim de se fazer entender. A culpa deles não era maior do que a de ninguém que vivia em Jerusalém! Como é vital então que cada pessoa arrependa-se, porque todos os que falham em se arrepender perecerão.

Eis que há três anos venho procurar fruto (13.6). De acordo com Levítico 19.23 deveriam se passar três anos até que o fruto de uma figueira fosse ritualmente “limpo”, e pudesse ser comido. Portanto, o dono da terra havia plantado a árvore há cerca de seis anos. Tudo indica que a árvore era permanentemente estéril.

O problema é que as figueiras tiram da terra quantidades extremamente grandes de minerais, fazendo com que as outras plantas morram de fome. Era apenas uma questão de prudência para o dono da terra ordenar a remoção da árvore inútil que exauria a terra sem fornecer nada em troca.

“Meu filho”, disse um pai certa vez a seu filho, “você é como uma árvore que não gerava fruto, embora ficasse perto da água, e seu dono foi obrigado a cortá-la. E a árvore disse-lhe: ‘Me transplante, e, se mesmo assim eu não gerar fruto, me corte’. Mas o seu dono disse-lhe: ‘Quando ficava perto da água você não gerou fruto, como então gerará fruto se ficar em outro lugar?’”

“Deixe-a este ano, até que eu a escave e a esterque” (13.8).

O uso da figura de uma vinha e uma árvore em passagens do AT como Isaías 5.1-7 torna claro o significado daquilo que Cristo deseja dizer. Deus havia

sentenciado Israel por não gerarem frutos; contudo, em sua graça, Ele fez muito mais do que alguém tinha o direito de esperar. Se o seu povo falhasse em responder positivamente agora, deveriam com certeza ser cortados (cf. o uso similar da figura por Paulo em Romanos 11.11-24).

Sai e retira-te daqui (13.31). Os comentaristas debatem se os fariseus que solicitaram que Jesus se retirasse dali estavam sinceramente preocupados com sua segurança, ou cansados de ser "humilhados" (13.17) e simplesmente tinham a intenção de se livrar do constrangimento. Pode muito bem ter havido algum perigo por parte de Herodes, que pouco tempo antes havia executado João Batista. Mas Herodes certamente não era uma ameaça "clara e presente" para o bem-estar de Jesus.

Como a reação dos fariseus a Jesus é semelhante à de muitos em nossa sociedade! Dificilmente pode-se mudar de estação de rádio sem ouvir o nome de Jesus. Contudo, a maioria das pessoas muda rapidamente de estação, esperando ignorar a exigência de Jesus de uma decisão sobre o relacionamento com Deus, esperando que Ele simplesmente "se retire" dali e os deixe em paz.

Eles, porém, calaram-se (14.4). Lucas freqüentemente relata as perguntas que os fariseus e os "doutores da lei" fizeram a Jesus. Aqui ele apresenta Jesus lhes fazendo uma pergunta.

Há uma diferença significativa. Aqueles que questionavam Jesus procuravam elucidar a opinião dele, geralmente a fim de avaliá-la ou criticá-la. Mas a expressão "doutores da lei" identifica aqueles que eram autoridades aceitas na interpretação do AT. Na verdade, eles reivindicavam "sentar-se na cadeira de Moisés" (cf. Estudo da Palavra de Mateus 23.2); isto é, eles reivindicavam o direito de formar juízos sobre a Lei, que seus companheiros judeus seriam obrigados a obedecer. Portanto, quando Jesus faz uma pergunta, Ele está solicitando uma decisão por parte daqueles que reivindicavam ter o direito de julgar todos os assuntos relacionados à fé e à prática.

Então a frase “eles, porém, calaram-se” é significativa. Em vez de se arriscarem a sofrer uma humilhação ainda maior (13.17), estes orgulhosos legisladores do povo de Deus escolheram abdicar do papel que tão arrogantemente reivindicavam (Mt 21.23-27). Embora permanecessem calados, eles revelavam o vazio de sua própria reivindicação.

Para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado (14.12). Este conceito não é novo com Jesus. Provérbios 19.17 diz: “Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre”. Jesus está presente em um jantar na casa de um fariseu, sentado com os amigos do fariseu. A observação de Jesus chama a atenção para o fato de que, apesar da adesão severa daqueles homens aos rituais, as práticas sociais dos fariseus revelam que eles estão mais preocupados com uma opinião positiva por parte de seus companheiros, do que com uma opinião positiva por parte de Deus.

E disse o senhor ao servo: saí pelos caminhos e atalhos e força-os a entrar (14.23). Uma grande quantidade de debates teológicos tem sido estimulada por esta frase, que em versões mais antigas foi traduzida como “obriga-os a entrar”. Será que o versículo sugere que os seres humanos não tenham o livre arbítrio – será que a frase ensina o conceito da “graça irresistível”?

A resposta é: Não há implicações teológicas aqui, de forma alguma! Em vez disso, a parábola baseia-se na “etiqueta” da sociedade judaica do século I, e a força da frase depende do entendimento destes costumes. Por exemplo, era costume não somente convidar as pessoas desejadas para a ceia com bastante antecedência, mas também enviar um convite subseqüente para informá-los que a ceia estava pronta. Seria um grande insulto para o anfitrião se aqueles que foram convidados oferecessem desculpas por sua ausência no momento do convite final. Portanto, os ouvintes de Jesus esperariam que o anfitrião ficasse irado.

Seus ouvintes também teriam entendido o que Jesus quis dizer quando falou de buscar convidados nas ruas (plateri) e vielas (rhyme). As ruas eram caminhos

bastante movimentados onde diversas pessoas poderiam ser encontradas. As vielas eram caminhos estreitos entre as casas dos pobres. Ali os servos do anfitrião encontrariam as classes mais baixas e os banidos da sociedade.

Mas, então, e quanto à ordem de “forçá-los” a entrar no banquete? Naquela região é considerado de boa educação parecer relutante quando solicitado a aceitar a hospitalidade de outra pessoa. O anfitrião sincero continuará a insistir com a pessoa que foi convidada. Isto realça a reputação do anfitrião pela hospitalidade, e também uma elevada consideração pelo convidado ao demonstrar o desejo do anfitrião por sua companhia. Assim, a ordem do anfitrião significava, simplesmente e surpreendentemente: “Servos, tratem os pobres e os banidos como convidados honrados, e lhes mostrem respeito rogando-lhes que aceitem a minha hospitalidade”.

Esta parábola foi proferida enquanto Jesus compartilhava uma refeição na casa do fariseu, logo depois de exortar os fariseus a convidarem os pobres e os aleijados que não podiam retribuir, em vez de convidarem a seus companheiros de mesmo nível social, os quais os convidariam a título de justa retribuição. Mas a parábola realmente tem implicações teológicas. O povo de Israel simbolizava aqueles que foram convidados há muito tempo atrás para participarem da ceia escatológica de Deus. Mas quando a ceia estava pronta, quando o Messias veio e estendeu o convite final, os convidados recusaram-se a comparecer!

O que Deus fará então? Ele sairá às ruas e vielas do mundo, e estenderá aos gentios a mesma honra que estendeu a Israel quando os convidou. E Deus tratará estas pessoas desprezadas com respeito.

Que Deus maravilhosamente misericordioso é o nosso Deus! Não merecemos o seu convite, contudo Ele não só o estende a cada um de nós, mas nos honra fazendo com que saibamos que somos objetos preciosos do seu amor!

Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (14.33). A palavra grega aqui é apotassetai. Ela significa “diga adeus” quando usada como uma referência a uma pessoa, ou “renuncie” quando aplicada a coisas. Note que Jesus não diz “venda” ou “doe”, mas renuncie. O que Ele quis dizer é que como discípulos de Jesus, nós entregamos a Ele a escritura de tudo o que possuímos. Deste momento em diante vivemos conscientes de que

somos mordomos do Senhor, e que tudo o que possuímos pertence, em última instância, a Ele.

Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar seus bens (16.1). O mordomo era um oikonomos, um agente, responsável pela administração dos fundos ou das propriedades. Neste caso o oikonomos sabia que suas contas estavam prestes a serem auditadas – e sua desonestidade descoberta.

A história tem deixado muitos intrigados, pois Jesus elogia este homem desonesto por ter, “de forma perspicaz”, re-negociado contratos com diversos devedores de seu senhor. A solução é que Jesus não elogiou o mordomo culpado por sua desonestidade, mas por sua percepção de que o dinheiro não é um fim em si mesmo, e sua prontidão em sacrificá-lo com a finalidade de se preparar para o futuro. Alguns têm tornado esta lição ainda mais contundente sugerindo que, ao re-negociar os contratos, o mordomo não defraudou o seu senhor, mas apenas reduziu da dívida os juros excessivos que talvez tivesse a intenção de guardar para si mesmo.

A aplicação desta parábola em relação a nós é simples e direta. Devemos dar valor às riquezas do mundo (16.9) somente como algo a ser usado a serviço de Deus, e não valorizarmos a riqueza em si. Jesus fez-se entender declarando que devemos considerar as riquezas deste mundo desta forma, porque o amor ao dinheiro expulsará o amor a Deus como a motivação central em nossa vida, ou o amor a Deus expulsará o amor ao dinheiro.

O que entre os homens é elevado perante Deus é abominação (16.15). O termo grego aqui é extremamente forte: bdelugma, “abominável”. A palavra expressa o significado do termo hebraico siqqus, uma palavra que no AT está sempre ligada à idolatria e às práticas imorais. Ela na verdade representa o mais perverso dos pecados religiosos!

Então o que Jesus estava dizendo? Quando os fariseus ouviram Jesus aplicar sua história sobre o Mordomo Infiel, e advertir contra o amor ao dinheiro, eles zombaram dele porque “amavam o dinheiro”, contudo proclamavam em voz alta o seu amor a Deus. Ao dizer que o amor ao dinheiro é algo detestável, Jesus acusou os fariseus do mais odioso dos crimes religiosos – idolatria – e de toda a corrupção que o AT associa a este pecado.

Lucas registra uma boa parte daquilo que Jesus tinha a dizer sobre o dinheiro. Contudo, aqui temos as palavras mais condenatórias de todas. As riquezas do mundo, se vistas como um meio que podemos usar com o propósito de servir a Deus, são moralmente neutras. Mas, se valorizarmos as riquezas do mundo em si, nos tornaremos idólatras, e as riquezas afastarão o nosso coração do Senhor.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Advertências e Encorajamento (12.1-12). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 12.1 e 12.9, e o comentário sobre Marcos 3.20-30.

A Parábola do Rico Insensato (12.13-21)

Contexto. No tempo do NT os mestres serviam como juízes para resolver todo tipo de disputa civil. Visto que na mente popular Jesus era um doutor da lei, não é surpresa que um homem da multidão pedisse que o Senhor julgasse entre ele e um irmão mais velho, que lhe estava negando ilegalmente a terça parte da herança que os dois receberam devido à morte de seu pai.

Jesus se recusou a se envolver nesta disputa. Mas Ele fez um comentário sobre a motivação daqueles que amam o dinheiro a ponto de não estarem dispostos a fazer o que é correto.

Interpretação. A história, por si só, é simples; contudo, como todas as ilustrações de Cristo, ela também é profunda. Jesus fala de um fazendeiro rico cujas terras produziram uma colheita abundante. O fazendeiro complacente contempla um futuro assegurado pela abundância de seus bens – e ordena que novos celeiros sejam construídos para conter o excedente.

Então Jesus mostra que Deus estava observando tudo, dizendo ao fazendeiro rico, “Louco!” (12.20)

É importante entender que a palavra “louco”, aqui, tem pouca relação com “tolo”. Tolice é o resultado da ignorância, ou de um ato sem sentido. Mas o termo bíblico em ambos os Testamentos tem uma dimensão moral. Aqui, aphron é usado em um certo sentido no AT para retratar alguém que rejeitou a Deus e seus preceitos como os princípios adequados para dirigir a nossa vida.

Que princípios o rico louco violou? Ele concentrou toda sua atenção nesta vida em vez de concentrá-la no futuro escatológico. E ele se concentrou de forma egoísta no ganho pessoal, em vez de se concentrar em servir a Deus.

Aplicação. O ponto de vista de Cristo é mostrado claramente em 12.15: “A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui”.

O fazendeiro rico jamais teria sido capaz de consumir toda a comida e bebida que havia armazenado para os anos futuros, mesmo que vivesse até uma idade bastante avançada. A ganância o dominou porque ele se recusou a adotar a perspectiva de Deus em relação à vida. Seremos “tolos”, da mesma forma, se permitimos que um desejo de acumular bens venha a controlar a nossa vida. O significado da vida não pode ser encontrado nos bens materiais – não devemos simplesmente “acreditar” nisto; devemos viver de acordo com este conceito.

Não Estejais Apreensivos (12.22-34). Veja o comentário sobre Mateus 6.25-34.

Vigilância (12.35-48). Veja o comentário sobre Mateus 24.36–25.46.

Não a Paz, mas a Dissensão (12.49-53). Veja o Estudo da Palavra sobre Lucas 12.51, acima.

Interpretando os Tempos (12.54-59). Veja a passagem paralela em Mateus 16.1-4.

Arrepender-se ou Perecer (13.1-9). Veja o Estudo da Palavra sobre Lucas 13.2 e 13.7, acima.

Uma Mulher Aleijada é Curada no Sábado (13.10-17). Veja o comentário sobre Mateus 12.1-14.

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento (13.18-21). Veja a passagem paralela em Mateus 13.31-35.

A Porta Estreita (13.22-30). Veja também Mateus 7.13,14.

A Tristeza de Jesus por Jerusalém (13.31-35). Veja também Mateus 23.37-39.

Jesus na Casa do Fariseu (14.1-14). Veja o Estudo da Palavra de 14.4 e 14.12 acima.

A Parábola da Grande Ceia (14.15-24). Veja o Estudo da Palavra e a discussão de Lucas 14.23, acima.

O custo de Ser um Discípulo (14.25-35). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 14.33, acima.

Três Parábolas: a Ovelha Perdida (15.1-7), a Dracma Perdida (15.8-10), e o Filho Pródigo (15.11-32). Veja também Mateus 18.10-14.

Contexto. Estas três parábolas familiares proferidas por Jesus, constituem uma única resposta a alguns fariseus e doutores da lei que reprovam Jesus porque Ele "recebe pecadores e come com eles" (15.2). Juntas, elas retratam a atitude de Deus em relação aos pecadores – uma atitude que está em completo contraste com aquela que foi exibida pelos críticos de Jesus.

Para entender cada uma delas, precisamos perceber o grande valor de cada objeto "perdido" para o seu dono – um valor que os ouvintes de Jesus teriam percebido imediatamente.

A Ovelha Perdida. As ovelhas eram um importante patrimônio econômico. A maioria das roupas usadas pelas pessoas comuns em Israel era feita de lã. As peles das ovelhas eram curtidas e usadas como couro. As ovelhas eram também os mais desejados dos animais sacrificiais e sua carne era servida nas festas e banquetes que com pouca freqüência brilhavam na vida das pessoas de nível mediano.

Embora os pastores de ovelhas do século I tivessem uma posição social tipicamente baixa, todos estavam familiarizados com o cuidado com o que o bom pastor protegia o seu rebanho. À noite, o pastor contava cuidadosamente suas ovelhas para se certificar de que não estivesse faltando nenhuma. Se faltasse uma, ele não deixaria as outras sozinhas, mas encontraria uma outra pessoa para vigiá-las em seu lugar. Contudo, Jesus retrata este pastor deixando o seu rebanho de forma apressada para encontrar a única ovelha que estava

perdida. De algum modo, o pastor sentiu uma urgência terrível; e quando achou a ovelha, ele a apanhou em seus braços e a trouxe de volta ao aprisco com grande alegria.

A Dracma Perdida. A maioria dos comentaristas presume que esta dracma perdida fizesse parte do dote da mulher. Nos tempos bíblicos tais moedas eram ligadas a uma faixa colocada na cabeça e usada até mesmo à noite. Elas eram particularmente importantes para a mulher, porque simbolizavam seus direitos pessoais e sua independência.

O Dicionário Bíblico Revell explica o costume refletido aqui:

No Oriente Médio, esperava-se que um homem desse um presente para o pai da noiva (Êx 22.17). Tal compensação para o pai não era sempre paga em dinheiro. Jacó trabalhou sete anos a fim de se casar com a filha de Labão, Raquel (Gn 29.18)...

Contudo, seria um erro concluir que as mulheres eram meramente uma propriedade a ser comprada. A noiva também recebia presentes de seu pai, e os levava para o casamento. Mas estes permaneceriam com ela se houvesse um divórcio...

Nos tempos do NT os presentes dados à noiva freqüentemente tomavam a forma de moedas, nas quais se faziam furos para que pudessem ser usadas em um cordão ou em uma touca. É provável que a mulher da parábola contada por Jesus, que ficou perturbada quando perdeu uma das dez moedas de prata, estivesse muito aborrecida porque estas moedas podem ter sido o seu dote (Lc 15.8-10).

Mas por que ela ficou tão perturbada? Porque levar o seu dote para o casamento simbolizava sua parceria no relacionamento, distinguindo-a de uma escrava ou serva, e dando-lhe a dignidade de uma personalidade de que ela desfrutava além

de sua identidade como esposa de seu marido.

O fato de a mulher ter apenas dez moedas sugere que ela e seu marido eram pobres. Mas sua busca alucinada reflete que, para ela, a moeda era muito mais preciosa por sua simbologia do que por seu valor monetário.

Mais uma vez, vemos que com uma simples parábola Jesus deixou perfeitamente claro aos seus ouvintes que os perdidos são verdadeiramente preciosos para Deus.

O Filho Pródigo. Jesus agora conta uma história que muda o seu foco da preciosidade daquilo que foi perdido, para a profunda preocupação e para o amor que Deus sente por nós. Os ouvintes de Cristo não precisariam de nenhum cenário especial para que se convencessem de que o filho de um homem é precioso para ele; todos consideravam as crianças e especialmente os filhos como dádivas de Deus.

A primeira história enfatizava o desamparo dos perdidos, porque as ovelhas são notadamente propensas a se desviarem, e, uma vez perdidas, estarão, tipicamente, em uma confusão desesperadora. A segunda história enfatiza a preciosidade dos perdidos, e desenha um retrato vívido da busca alucinada empreendida pela mulher que perdeu a moeda. A terceira história enfatiza o grande amor do pai por seu filho, embora o rapaz tenha abandonado o seu lar e família, e tenha gastado sua herança em uma vida imoral e pródiga. Reunidas, as histórias representam uma única resposta para a condenação dos fariseus pelo envolvimento de Jesus com os pecadores. Os seres humanos, como as ovelhas, tendem a se perder. Contudo, pelo fato de os seres humanos serem preciosos para Deus, o Senhor buscará os perdidos ativamente. E, pelo fato de Deus ser um Pai amoroso, Ele certamente receberá qualquer pessoa que se arrepender e se voltar a Ele.

Interpretação. A mensagem das histórias é bastante clara, e uma refutação apropriada da crítica dos fariseus. Sua teologia não dá ênfase ao penitente, mas ressalta que Deus ama profundamente os perdidos, e os busca ativamente.

Embora a terceira história enfatize o amor perdoador do Pai, ela também aborda

uma outra questão. O filho pródigo tinha um irmão mais velho. A lei judaica determinava que o filho mais velho recebesse dois terços da propriedade do pai, e o filho mais novo um terço. De acordo com o costume, a propriedade poderia ser distribuída por um testamento que se tornaria válido a partir da morte do pai, ou como um presente concedido durante o período de vida do pai. Se a terra fosse passada para a geração seguinte, o filho mais novo receberia a posse de sua terça parte, mas não poderia dispor da terra até à morte de seu pai. Aparentemente, este filho pediu sua parte em dinheiro, pretendendo deixar a região em busca de sua própria sorte, talvez em um dos grandes centros comerciais do oriente.

O pai atende o pedido do filho, e o jovem sai apressadamente de casa. Mas ele, jovem e inexperiente, gasta sua herança na busca de prazeres pecaminosos. Somente quando tudo é gasto, e o rapaz não tem mais nada é que, “caindo em si”, decide voltar para o seu pai.

Note a diferença nesta parábola. Em cada uma das outras parábolas o dono ativamente e alucinadamente buscou a ovelha ou a dracma que estavam perdidas. Mas o pai, desta parábola, não procura: ele espera em casa, pacientemente, olhando para a estrada, procurando ansiosamente pelo menor sinal de que seu filho está voltando. Qual é a razão para esta diferença? A ovelha e a dracma não são pessoas, mas objetos. Mas o filho perdido é uma pessoa; e como tal ele deve fazer sua escolha – voltar. O pai o ama intensamente, mas não obrigará o seu filho a voltar para ele. O pai respeita o direito de escolha de seu filho.

Há mais um aspecto fascinante nesta história. Quando o filho pródigo retorna, o foco muda para o seu irmão mais velho. Jesus mostra o pai e os servos cheios de alegria pela volta do filho mais novo. No entanto, o filho mais velho sente amargura e ciúmes. Ele se mostra completamente indiferente quanto ao bem-estar do irmão, que seu pai ama tão profundamente quanto a ele. Exatamente da mesma forma, os fariseus e doutores da lei revelavam uma indiferença hostil aos “pecadores” que Jesus veio buscar e salvar.

Aplicação. A mensagem de cada parábola está totalmente clara: Deus se importa com os perdidos. Embora – como o pai do filho pródigo – o Senhor espere que os perdidos caiam em si e voltem para Ele, não há nenhuma dúvida quanto à calorosa recepção que será oferecida ao pecador que voltar.

A crítica conclusiva do irmão mais velho nos lembra que você e eu devemos modelar as nossas atitudes em relação aos outros de acordo com a atitude de Deus. Devemos buscá-los como ovelhas perdidas, e nos importar com eles tão intensamente quanto a mulher se importava com a dracma do dote que afirmava sua importância como pessoa. E devemos estar dispostos a nos regozijar por aquele que se arrepender, assim como o pai na história contada por Jesus, recebeu o seu filho que voltou.

A Parábola do Mordomo Infiel (16.1-18). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 16.1 e 16.15.

O Rico e Lázaro (16.19-31).

Contexto. A versão NIV observa que o versículo 23 nos lembra que embora o texto retrate o rico no "inferno", a palavra grega é "Hades". Nos tempos do NT "hades" (heb. sheol) era um termo geral para o lugar/estado dos mortos enquanto aguardavam o juízo final. A opinião popular defendia que os justos descansavam no Gan Eden, enquanto os ímpios poderiam ser vistos no Gehinom. Em contraste com a história de Jesus, que retrata Abraão se dirigindo compassivamente ao rico atormentado como "filho", na lenda judaica os justos se alegram ao observar o sofrimento dos ímpios.

Edersheim relata uma lenda judaica que é um paralelo próximo à história de Jesus. Dois companheiros ímpios morreram. Um morreu penitente, o outro não. Quando o homem no Gehinom viu a bênção de seu amigo, e foi informado de que era por causa da penitência de seu amigo, ele suplicou que pudesse ter a oportunidade de se arrepender também. A resposta veio na explicação de que esta vida é a véspera do sábado. (Na véspera do sábado, o judeu piedoso preparava a comida que iria comer no dia seguinte, de forma que não teria que "trabalhar" no dia santo, para não violá-lo. A questão é que é necessário que cada um de nós se prepare para a eternidade enquanto estamos vivos, porque depois disso não há mais chances para mudança).

A narrativa do Rico e Lázaro também reflete as opiniões judaicas

contemporâneas da vida após a morte, de outras maneiras. Não só se pensava que o Hades era dividido em dois compartimentos, mas a crença popular ressaltava que era possível manter conversas entre as pessoas no Gan Eden e no Gehinom. Escritos judaicos também descrevem o primeiro como uma terra verdejante com águas doces brotando de várias fontes, enquanto que o Gehinom não só é uma terra seca, mas as águas do rio que o separam do Gan Eden retrocedem sempre que o ímpio desesperadamente sedento se ajoelha e tenta beber.

Estas raízes da teologia popular do judaismo do século I nos ajudam a responder uma difícil pergunta sobre a história. A história de Jesus é uma parábola ou, como alguns têm argumentado, Jesus está descrevendo um fato literal de duas pessoas reais que eram conhecidas do público original? Aqueles que adotam a segunda opinião vêem a história como uma confirmação dada por Cristo dos detalhes da teologia popular no que diz respeito à vida após a morte. A história ensina a existência pessoal e autoconsciente depois da morte, mas não é apropriado construir uma teologia da natureza da vida após a morte apenas com base nesta história.

Por que então alguns classificam esta história como “verídica”, em vez de classificarem-na como uma parábola? Em parte porque Jesus não apresenta a história como uma parábola. Em parte porque em outras histórias Jesus não usa um nome específico, como faz aqui ao identificar o pobre mendigo como “Lázaro”. Na história contada por Cristo, Deus era a única fonte de ajuda do mendigo, porque o rico com certeza não iria fazer absolutamente nada por ele!

No geral, esta história concentra a nossa interpretação e aplicação na lição que Jesus pretendia ensinar àqueles que a ouviam de seus lábios.

Interpretação. É importante ver esta parábola de Jesus como uma continuação do seu conflito com os fariseus sobre as riquezas. Cristo disse: “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (16.13). Quando os fariseus zombaram, Jesus respondeu: “O que entre os homens é elevado perante Deus é abominação” (16.15).

Não há dúvida de que os fariseus não se convenceram, e continuaram a sorrir com ironia, e a ridicularizar o jovem profeta cuja pobreza era tão aparente quanto o seu idealismo. E então Cristo contou uma história com a intenção de destacar a importância daquilo que Ele havia acabado de dizer.

Os fariseus haviam ridicularizado Jesus quando Ele advertiu que Deus detesta aquilo que o homem valoriza. Jesus responde com uma história que contradiz a experiência de um rico e de um pobre judeu – durante esta vida e depois dela.

Durante esta vida, o homem rico com certeza teria participado do programa americano dos anos 80, intitulado “Estilo de Vida dos Ricos e Famosos”. As câmeras teriam focalizado sua mansão de mármore, com seus portões de ferro, trabalhados de forma decorativa; suas sedas – um tecido que no século I tinha seu valor pesado em ouro; e as festas fabulosas que dava aos seus amigos importantes.

Enquanto o equipamento de TV era levado para dentro da casa do rico, um cinegrafista poderia ter tropeçado no mendigo moribundo, desprovido e abandonado exatamente do lado de fora da casa do rico. Mas ninguém o teria entrevistado ou fotografado. Certamente ele estava abaixo da possibilidade de ser notado pelo dono da casa, que nunca chegou a pensar no homem faminto do lado de fora, embora tudo o que Lázaro almejava fossem as migalhas das mesas sobrecarregadas.

Se olharmos apenas para esta vida, o rico parece ser tanto abençoado quanto afortunado; o pobre, por sua vez, parece ser rejeitado e amaldiçoado. Não há nenhuma dúvida quanto a qual destes estados as pessoas valorizariam altamente, e a qual deles elas considerariam abominável.

Mas então, Jesus diz: Os dois homens morreram. E de repente a situação deles se inverte! Lázaro está “no seio de Abraão”, uma frase que o descreve reclinando-se no lugar de honra no banquete que simboliza a bênção eterna. Mas o rico se encontra em tormento, separado do lugar de bênção por um “grande abismo” (16.26). Embora ele suplique por apenas uma gota de água, Abraão tristemente diz que não. Nenhum alívio é possível – ou apropriado! Em vida o rico recebeu seus “bens” enquanto Lázaro recebeu “somente males” (16.25).

Há uma nota de juízo sutil, mas muito real aqui. O rico havia recebido seus bens, e os havia usado de forma egoísta, somente para o seu próprio benefício. Apesar das freqüentes injunções no AT, para que os ricos compartilhem seus bens com os pobres, a indiferença deste homem rico a Lázaro mostrou o quanto o seu coração estava longe de Deus, e o quanto o seu caminho se desviou dos caminhos de Deus. Estas eram suas riquezas, e ele as usaria somente para si mesmo. Ah, como o rico retrata bem aqueles fariseus que “amavam o dinheiro”,

e que naquela ocasião estavam zombando de Jesus!

E assim Jesus prova o seu primeiro ponto. Vocês, fariseus, simplesmente não podem amar a Deus e a Mamom (o dinheiro). O amor ao dinheiro é abominável a Deus, pois vocês com certeza serão levados a fazer, nesta vida, escolhas que Ele odeia. O amor ao dinheiro pode servir bem a vocês nesta vida. Mas no mundo por vir, vocês com certeza pagarão por isto.

Mas Jesus não pára aqui. Ele descreve o rico suplicando que Abraão envie Lázaro para que avise a seus irmãos, que vivem de forma tão egoísta quanto ele viveu. Novamente Abraão se recusa. Eles têm "Moisés" e os "Profetas" (16.31), isto é, as Escrituras. Se não davam atenção às Escrituras, tampouco atenderiam alguém que ressuscitasse dos mortos. Embora esta declaração certamente prefigure a ressurreição de Cristo e a resposta dos líderes religiosos àquele grande milagre, não devemos perder de vista aquilo que Cristo quer revelar. A Palavra de Deus é uma revelação suficiente para chamar os homens à crença e ao comprometimento.

Cristo então faz, em essência, uma acusação surpreendente: a dureza e a indisposição dos fariseus e dos doutores da lei em responder às palavras de Jesus refletem uma dureza à própria Palavra de Deus, à qual estes homens fingem honrar.

Aplicação. Esta vida é "a véspera do sábado". É um tempo para que nos preparemos para a eternidade. Este capítulo como um todo nos convida a perceber que se levarmos esta realidade a sério, ela afetará a maneira como consideraremos e usaremos o dinheiro, e a maneira como agiremos em relação aos pobres e aos oprimidos.

LUCAS 17.1–19.44

EXPOSIÇÃO

-

Lucas deixou claro aos seus leitores: todo indivíduo que se encontra com Jesus Cristo deve tomar uma decisão a respeito dele. Cristo deve ser recebido ou rejeitado. Com isto estabelecido, Lucas agora passa a explorar algo sobre a natureza da fé neste Homem que se apresentou a Israel como o Messias, e a todos como o Salvador.

Uma história fascinante lembra aos discípulos de Jesus que, para aqueles que crêem, a questão muda da "fé" para a obediência (17.1-10). Além disso, uma fé que torna uma pessoa completa é caracterizada por um relacionamento contínuo com Deus expressado em gratidão e louvor (17.11-19). Um dia Deus irá intervir diretamente e visivelmente nos assuntos humanos; até lá existirá um reino oculto de Deus que só é experimentado através do nosso relacionamento com Cristo (17.20-37). O que permite este tipo de fé é a nossa percepção de que Deus responde àqueles que

recorrem a Ele (18.1-8), e que Ele se relaciona com os pecadores em sua misericórdia (18.9-14), como qualquer adulto se relacionaria com um bebê indefeso (18.15-17). Quando um príncipe rico pergunta o que deveria "fazer" para herdar a vida eterna, a resposta de Cristo mostra que é impossível ter um relacionamento com Deus baseado em obras (18.18-30). Então Jesus prediz sua morte – o meio pelo qual Deus trará a salvação a todos nós (18.31-34). A resposta de Cristo a um mendigo cego destaca mais uma vez o fato de que aqueles que se aproximam de Deus devem fazê-lo com a convicção de que Deus é misericordioso e capaz, e devem confiar somente nele.

Mas como a confiança em Deus será expressa? Lucas retorna a um tema que permeia todo o seu Evangelho – o dinheiro. Aquele que crê demonstrará o seu comprometimento expressando-o sob o aspecto financeiro, como foi ilustrado por Zaqueu, que era um "chefe dos publicanos" (19.1-10). Este mesmo tema é visto na Parábola das Dez Minas (19.1-27). Aquele que está comprometido com Deus usará fielmente seus recursos em benefício dos interesses do Mestre.

E agora Lucas nos leva às próprias portas de Jerusalém. Ali as multidões, reunidas para a festa da Páscoa, saúdam Jesus entusiasticamente como "o Rei que vem em nome do Senhor" (19.28-44). Embora chamada comumente de "Entrada Triunfal", Lucas está profundamente ciente de que as multidões alegres não têm uma fé real em Jesus ou qualquer compromisso com Ele. Elas se

alegram porque esperam que Ele as sirva estabelecendo o reino Messiânico. Logo as mesmas multidões escarnecerão quando Jesus for conduzido à cruz. Em contraste, uma fé verdadeira em Deus é expressa em nossa disposição para servi-lo, promovendo assim o Reino de Deus que não chegou de uma forma visível (17.20), mas que para nós é vital e real.

ESTUDO DA PALAVRA

Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos (17.2). Como na passagem paralela em Mateus 18.1-6, Jesus se refere a crentes adultos como "pequenos". A pedra de moinho era a pesada pedra superior girada, tipicamente por um boi, quando os grãos eram moídos. De Lucas 16.4 em diante, Jesus estava se dirigindo aos fariseus, mas estas palavras foram dirigidas aos Seus discípulos. Elas destacam a importância da instrução sobre o perdão que estava prestes a ser dada. Somente uma vida de arrependimento e perdão mútuos pode proteger a comunidade de crentes dos "escândalos" (17.1).

Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe (17.3). A palavra aqui é epitimeson. O verbo epitimeo ocorre 29 vezes no NT e indica uma forte reprovação ou uma severa advertência. Em essência, Jesus aqui coloca sobre nós a obrigação de termos o cuidado suficiente ao confrontar aqueles que pecarem contra nós.

Nós cristãos tendemos a ser descuidados em nosso pensamento sobre o perdão. Muitos de nós erramos ao confundir "fazer vista grossa" ou "ignorar" com "perdoar". O perdão é um elemento essencial no processo de reconciliação que Jesus define aqui. Este processo pode ser diagramado: Pecado – Repreensão – Arrependimento – Perdão. O perdão só pode trazer a reconciliação quando ele faz parte deste processo completo.

Admiravelmente, o crente que observa ou que é a vítima do pecado de outra pessoa tem duas obrigações, enquanto o pecador tem apenas uma. A primeira obrigação que o observador tem é repreender. A única obrigação que o pecador tem é se arrepender. Quando este se arrepende, então o observador tem uma segunda obrigação – perdoar.

Não sobrecarreguemos a nós mesmos, nem aos outros, com alguma culpa que exija o "perdão" quando não houver qualquer evidência de arrependimento por parte do culpado. O perdão simplesmente não pode funcionar sob esta circunstância. Mas não procuremos nos desculpar por falhar em perdoar, se não nos dispusermos a confrontar e repreender.

E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou (17.19). A palavra aqui é sesoken, uma palavra que expressa a cura completa. Há aqui um contraste interessante com a palavra anterior, ekatharisthesan, "limpos" (17.14,17), que não é um termo como varrer.

Podemos presumir, quando todos os 10 leprosos fizeram o que Jesus disse, e saíram para se mostrar ao sacerdote antes de serem realmente curados, que todos tiveram fé. Note que eles foram limpos enquanto iam ("indo eles", 17.14).

No entanto, somente um retornou para expressar louvor e gratidão. Somente um buscou um relacionamento contínuo com Jesus, expresso pela gratidão e pelo louvor.

A fé em Cristo como o Salvador é suficiente para limpar a você e a mim dos nossos pecados. Mas para obtermos esta cura completa que Cristo oferece devemos nos voltar a Ele, construindo um relacionamento contínuo no qual lhe ofereçamos nosso louvor com gratidão.

O Reino de Deus não vem [visivelmente] com aparência exterior... Porque eis que o Reino de Deus está entre vós (17.20,21). Em nossa opinião, a tradução da NIV poderia ser melhor nas duas frases. "Vem visivelmente" é meta paratereseos, "com aparência exterior". O significado mais provável aqui é que a

vinda do Reino não pode ser observada ou prevista a partir de sinais visíveis. Ele é um reino secreto, embora um dia Deus irá romper de forma inesperada na história (cf. o comentário sobre Mateus 6).

"Entre vós" é entos hymon. Como isto era verdadeiro! O governante no Reino de Deus, o próprio Senhor Jesus, estava naquele momento entre seus críticos. Com a intenção de buscar sinais visíveis, eles não reconheceram o Rei nem o reino; portanto estavam certamente condenados.

Disseram-lhe: Onde, Senhor? (17.37). Os fariseus haviam perguntado "quando" o reino viria, não percebendo que Cristo, o Rei, estava entre eles (17.20). Depois de ouvirem Jesus falar do "dia em que o Filho do Homem se há de manifestar" (17.30), os discípulos perguntaram: "Onde?" A resposta obtusa significa: "O lugar da matança". Os discípulos teriam entendido isto como uma referência à profecia do AT com relação ao fim dos tempos: o "onde" é a própria Terra Prometida, destinada a ser atacada pelos inimigos de Deus, que serão então destruídos pelo próprio Deus.

E, quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres (18.22). Anteriormente (14.33) Jesus pediu que cada discípulo "renunciasse" aos seus bens (apotassetai, ceder direitos pessoais). Aqui a mesma palavra é usada. Mas ela tem um significado diferente, porque Jesus diz a este indivíduo em particular que não só desista de seus direitos à sua riqueza, como também que a distribua aos pobres.

Por que? Este indivíduo rico em particular pensava que merecia um lugar no Reino de Deus pela benevolência que admitidamente demonstrava em seu tratamento para com os outros. A sua própria "bondade" ocultava uma realidade que a ordem de Cristo expôs. Na verdade a escolha do rico príncipe de manter seus bens, em vez de obedecer e seguir a Jesus, revelou que ele sem saber havia violado o primeiro mandamento do Decálogo: amar a Deus com todo o seu ser.

Como nos enganamos facilmente! Como é importante perceber que a natureza essencial do pecado consiste em nos colocarmos a nós mesmos em primeiro

lugar, em vez de colocarmos Deus nesta posição.

É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus (18.25). Alguns têm presumido que a imagem é a de um camelo passando por uma "porta" estreita e baixa no muro de Jerusalém. No entanto, a palavra usada aqui, belone, é um termo médico para uma agulha cirúrgica em vez do termo comum para agulha, rhaphis (Mt 19.24; Mc 10.25). A clara implicação é que Jesus tem em mente o furo literal de uma agulha. O ponto então é enfatizar a impossibilidade de um rico entrar no Reino de Deus.

A palavra surpreendeu os discípulos, que presumiam que os ricos tanto eram abençoados por Deus como tinham a vantagem de serem capazes de fazer boas ações, e assim alcançar algum mérito com Deus. Embora os judeus estivessem cientes de que o amor à riqueza poderia ser prejudicial, a noção de que a riqueza em si era perigosa, era estranha. E a noção de que um jovem verdadeiramente generoso e benevolente poderia ser prejudicado por esta riqueza era impensável.

BEN SIRA FALA SOBRE A RIQUEZA (11.14-26)

Bem e mal, vida e morte,

pobreza e riqueza, são do Senhor.

O dom do Senhor permanece com o justo;

o seu favor traz sucesso duradouro...

Meu filho, persevere em sua obrigação,

ocupe-se dela, cresça fazendo sua tarefa.

Não se admire pelo modo como vivem os pecadores,

mas confie no Senhor e espere por sua luz

Porque é fácil, como o Senhor o vê,

de repente, em um instante,fazer com que o pobre se torne um homem rico.

Porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades serás a autoridade (19.17). A palavra elachistos é um superlativo: “o mínimo”, “a menor” coisa. Jesus não está dizendo que a dedicação do servo ao seu senhor não era importante, mas que, comparada à recompensa, as dez minas (que equivalem ao salário de três meses de um trabalhador) eram verdadeiramente insignificantes.

Como somos insensatos se julgamos os bens materiais como extremamente importantes. Comparada com as recompensas que aguardam aqueles que dedicam o que possuem ao serviço de Cristo, a riqueza do mundo todo é insignificante.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Pecado, Fé e Dever (17.1-10). Veja o Estudo da Palavra sobre Lucas 17.2 e 17.3, acima.

Contexto. A palavra traduzida como “servo” na história de Jesus é doulos, um escravo, ou um servo que está ligado ao seu senhor de forma vitalícia. Paulo freqüentemente se refere a si mesmo como um servo ou escravo de Jesus (Rm 1.1, NASB) para enfatizar um fato mostrado nesta história relatada por Lucas. O crente que possui a Jesus como Senhor, domina voluntariamente sua própria vontade a fim de servir a Jesus e fazer a vontade de Deus. Isto é, na verdade, a definição da natureza da escravidão, como era entendida nos tempos bíblicos. O servo não vive mais para si mesmo, mas vive para servir ao seu mestre.

Também é importante perceber que a posição de um escravo no mundo antigo dependia, de certo modo, da identidade de seu senhor e da proximidade que o servo tinha de seu senhor. Muitos dos burocratas mais importantes no Império Romano foram escravos. A proximidade que tinham com o imperador, e o papel que desempenhavam como seus agentes os tornaram homens poderosos e influentes. Outros escravos alcançaram renome e até riquezas por sua extraordinária habilidade como estudiosos, médicos e professores.

Não devemos, então, presumir que o escravo na ilustração de Jesus é rebaixado por seu papel na vida. Em vez disso, precisamos nos concentrar na natureza da escravidão em si, como um estado no qual o escravo se dedica a fazer a vontade do seu senhor.

Interpretação. Embora alguns comentaristas tenham chamado esta passagem de "incoerente", há na verdade um argumento claro e distinto. Jesus adverte seus discípulos contra os "escândalos" (17.1,2), e imediatamente enfatiza a importância da repreensão, do arrependimento e do perdão. Este padrão deve se tornar uma parte significativa do estilo de vida da comunidade de crentes, para que nem mesmo os pecados repetidos e os arrependimentos repetidos venham a estancar o fluxo do amor perdoador (17.3,4). Aqui, como em Mateus 18, a pureza desta comunidade de fé, que é composta pelos "pequeninos" de Deus, só pode ser mantida se os crentes conviverem conscientes de suas fraquezas mútuas, e demonstrarem uma constante disposição para perdoar.

Os discípulos estão desanimados pelo que Jesus disse e lhe suplicam: "Acrescenta-nos a fé!" (17.5). Em essência, eles estão dizendo: "Senhor, para fazermos o que disseste precisamos de mais fé!"

O pensamento que está por trás do restante desta passagem é geralmente perdido quando os comentaristas se concentram na imagem da fé, lançando uma amoreira (ou uma montanha) ao mar (17.6). Na verdade, a observação de Cristo sobre a amoreira, juntamente com a história do servo (17.7-10), tem a intenção de mostrar que o pedido dos discípulos é desnecessário.

O que Jesus diz? Ele fala de um servo que trabalha no campo, entra, e então prepara a refeição do seu senhor. O servo deve receber algum agradecimento após fazer tudo o que lhe foi solicitado? Absolutamente não. Na verdade, o servo nem mesmo espera algum agradecimento, porque ele simplesmente fez sua obrigação. Jesus conclui: "Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos

for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer" (17.10).

Um comentarista sugere que a palavra traduzida como "inúteis" seria provavelmente batiley, "ociosos", em aramaico. No oriente, os servos contratados não são empregados para trabalhar um número específico de horas por dia; antes, espera-se que estejam disponíveis aos seus senhores em todo o tempo, dia e noite. O servo que diz ao seu senhor que ele é "ocioso" mostra uma atitude positiva, porque ele está simplesmente dizendo, "Estou pronto para fazer mais".

De que forma, então, esta passagem faz sentido? Jesus, que os discípulos afirmavam ser o seu Senhor, não havia lhes perguntado se estavam com vontade de confrontar e perdoar. Ele havia mandado que agissem assim. Portanto, pedir mais fé era um pedido inapropriado! A fé poderia ser adequada para mover amoreiras. Mas a fé não é a questão quando Jesus profere uma ordem. Então a única questão é: os servos de Jesus irão obedecer?

O que os discípulos devem fazer quando Jesus diz "perdoe" é dizer, "Sim, Senhor, e o que mais podemos fazer?!"

Aplicação. Com muita freqüência usamos a expressão "falta de fé" como uma desculpa. "Se eu tivesse mais fé, daria o que creio que Deus quer que eu dê". "Se eu tivesse mais fé, iria até esta pessoa que me magoou".

Todas estas desculpas duplicam o erro que os discípulos de Jesus cometeram há muito tempo. Aqueles que agem assim não entendem o papel da fé na vida do cristão. Estes desvirtuam a responsabilidade que a pessoa que crê assume ao dizer, "Sim, Senhor", passando a obedecer em seguida.

A fé é importante na vida cristã.

Mas a fé não substitui a obediência.

Cada um de nós precisa examinar sua vida cuidadosamente, e se tornar consciente de que a verdadeira questão na vida de muitos cristãos não é que eles falham em crer; eles falham em obedecer.

A Cura de Dez Leprosos (17.11-19). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 17.19, acima.

A Vinda do Reino de Deus (17.20-37). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 17.20,21 e 17.37, e as passagens paralelas em Mateus 24 e Marcos 13.

A Parábola da Viúva Persistente (18.1-8).

Contexto. Esta parábola e a história do fariseu e do publicano que vem a seguir, concentra a nossa atenção no caráter de Deus. A fé não é algo que geramos contorcendo os nossos olhos e concentrando-nos completamente em "acreditar". Em vez disso, a fé é a nossa resposta a Deus quando Ele se revela a nós. Portanto, é apropriado que Lucas inclua nestas histórias que exploram a natureza da fé em Deus, duas que fazem com que nos lembremos Daquele que nos convida a confiar.

Interpretação. A Parábola do Juiz Iníquo ensina a respeito de Deus por contraste. O argumento é: se um juiz humano sem compaixão ou preocupação pelo que é certo atendeu o apelo da viúva (porque não atender naquela sociedade demonstraria um desvio em seu caráter), quanto mais podemos esperar que Deus – que tem compaixão e se importa com o que é certo – nos responda quando clamarmos em meio à nossa necessidade.

O versículo 5 é a chave para interpretar esta história. Na versão NIV se lê: "Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte e me importune muito!"

Este é um daqueles poucos episódios em que a tradução da NIV é lamentável. Edersheim traduziu o hebraico mais literalmente, e argumenta que o significado do texto é o seguinte: "Para que enfim ela não me esgote", e diz que o sentido do texto é "para que ela não me fira", indicando que o juiz tinha medo de que a mulher furiosa acabaria atacando-o fisicamente. É verdade que o termo grego hypopiaze me realmente significa, literalmente, "bater sob o olho". Mas é muito melhor entender isto como uma metáfora. Na verdade, temos uma metáfora

similar em nossa cultura, e todos nós compreendemos que “dar a alguém um olho roxo” significa arruinar a reputação de uma pessoa. O juiz parece estar dizendo que se a viúva persistente continuasse a confrontá-lo em cada esquina, clamando por justiça, logo as pessoas iriam se perguntar por que ele não agiu a favor dela. E assim, embora o juiz iníquo não temesse a Deus nem aos homens, ele se importava com sua reputação. E então ele finalmente agiu, atendendo ao pedido da viúva persistente.

Agora Jesus chega a uma conclusão inevitável. Se um juiz desonesto, que não respeita a Deus nem aos seus amigos, se importa tanto com sua reputação, como alguém pode imaginar que Deus, que está comprometido com a compaixão e a justiça, não se importaria com sua reputação? Como alguém poderia imaginar que Deus não tomaria as providências para que seus escolhidos recebessem a justiça, e que a recebessem rapidamente?

A reputação de Deus é preciosa para Ele, e seu próprio compromisso em fazer o que é certo para com os seus nos traz a certeza de que Ele ouvirá e responderá as nossas orações.

Por que então a descrição de seus escolhidos como aqueles que “clamam a ele de dia e de noite”? (18.7) A finalidade não é apenas nos encorajar a sermos persistentes, mas descrever o senso de urgência que nos leva a Ele com as nossas súplicas. Em essência, Jesus está dizendo que quando o seu senso de necessidade é tão esmagador que você é impelido a Deus de dia e de noite, você pode ter a certeza de que Ele responder-lhe-á, e rapidamente.

E quanto então à observação conclusiva: “Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?” (18.8) Ela sugere uma resposta negativa. Apesar da clara revelação de seu caráter, e da fé que este estimula nos escolhidos de Deus, a maioria permanece cega ao caráter de Deus e vive desprovida de fé.

Aplicação. A história nos convida a revisar a própria imagem que temos de Deus. Será que nós o vemos – da mesma forma que Cristo conhece o Pai – como o Deus de compaixão, e o Deus que está comprometido a fazer justiça? Nós o vemos como aquele cuja própria reputação reside em sua prontidão para cumprir suas obrigações para com seus escolhidos?

Se entendermos a Deus desta forma, aproximar-nos-emos dele livremente em

oração, e com confiança. Saberemos, e não simplesmente “acreditaremos”, que o nosso Deus ouve e certamente nos responderá quando clamarmos a Ele em busca da satisfação das nossas necessidades mais profundas.

A Parábola do Fariseu e do Publicano (18.9-14).

Contexto. A parábola dá continuidade ao tema apresentado na história do Juiz Iníquo. Como devemos entender a Deus, e como devemos nos relacionar com Ele?

Para entendermos esta parábola, e o verdadeiro impacto chocante que ela deve ter tido sobre os ouvintes de Jesus no século I, devemos entender algo sobre as atitudes e crenças religiosas daquela época.

A atitude básica é destacada em uma outra oração que data do século I d.C.; uma oração registrada no Talmude [b. Ber.28b]:

Eu te agradeço, ó Senhor, Deus meu, que me deste a minha porção com aqueles que se sentam na cadeira do aprendizado, e não com aqueles que se sentam nas esquinas; porque chego cedo para trabalhar, e eles chegam cedo para trabalhar; eu chego cedo para trabalhar nas palavras da Torá, e eles chegam cedo para trabalhar em coisas sem importância. Eu me canso, e eles se cansam; eu me canso, mas sei que tenho uma recompensa por isso; enquanto eles se cansam, sem terem qualquer recompensa. Eu corro, e eles correm; eu corro em direção à vida da Era por Vir, e eles correm em direção ao abismo da destruição.

Nesta oração, como na oração do fariseu no nosso texto, o adorador compara a si mesmo com os outros, e encontra uma grande satisfação no modo de vida que escolheu. Cada um agradece a Deus, e assim atribui à bênção do Senhor o papel favorecido que têm na vida. Nenhum deles trocaria de lugar com aqueles a quem desprezavam, porque cada um está convencido de que sua maneira certamente lhes trará a vida na “Era por Vir.”

É importante perceber que todos os ouvintes de Jesus concordariam com o fariseu e com o adorador anônimo do Talmude. Aqueles que se comprometiam a estudar e guardar a Lei, e que eram rigorosos ao executar suas obrigações religiosas, eram com certeza candidatos à bênção eterna. Suas obras os recomendavam a Deus, e a dedicação que demonstravam certamente lhes traria o favor do Senhor.

Também é importante lembrar que o publicano era considerado pela sociedade como um todo, da mesma forma como era visto pelo fariseu – uma companhia que só era adequada aos trapaceiros, vigaristas e adúlteros. É interessante observar que os cobradores de impostos judeus não tinham direitos civis; eles não podiam sequer testificar perante um tribunal rabínico.

Hoje mal podemos imaginar o impacto do pronunciamento de Jesus de que o publicano voltou do templo justificado diante de Deus, enquanto o fariseu não. Não há nenhuma dúvida de que na mente de cada ouvinte havia uma pergunta predominante: Como pode ser isto?

Interpretação. Lucas responde esta pergunta quando apresenta a parábola de Jesus. As palavras de Cristo foram dirigidas a "uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros" (18.9). Muitos dos ouvintes de Jesus avaliavam sua condição espiritual comparando-se com os outros seres humanos. De acordo com essa medida, alguns de nós podem parecer muito bons!

O problema é que os outros seres humanos não são o padrão de comparação pelo qual Deus mede a justiça de alguém. Você e eu, com 5 cm de altura na régua da moralidade, podemos parecer muito superiores aos outros que medem apenas meio ou 1 cm na estatura moral. Mas se tão somente olhássemos para Deus, perceberíamos que comparados com sua infinita estatura moral, o melhor dentre nós está infinitamente aquém do Senhor.

A oração do fariseu, o paralelo do Talmude no século I, e a maioria da literatura rabínica, deixa claro que os líderes religiosos de Israel haviam, na verdade, caído nesta armadilha espiritual. Como o fariseu, eles "confiavam em si mesmos, crendo que eram justos".

Também podemos destacar este mal entendido básico de uma outra forma. O fariseu tem orgulho em dizer, "Jejuo duas vezes por semana e dou os dízimos de

tudo quanto possuo” (18.12). A lei do Antigo Testamento estabelecia apenas um dia por ano no qual o judeu piedoso deveria jejuar – o dia da expiação (Lv 16.29). O fariseu foi muito além daquilo que era exigido, e jejuava duas vezes por semana! Semelhantemente, a lei do AT ordenava que os dízimos fossem pagos pelos donos de terras, qualquer que fosse a produção de sua terra. O fariseu dava o dízimo daquilo que comprava, para não se arriscar a comer um alimento do qual o dízimo de Deus não havia sido pago. Nisto também eles foram muito além do que a Lei exigia. Certamente uma pessoa que guardava não só as exigências da Lei, mas que fazia ainda mais do que a Lei prescrevia, deveria ser justificada por Deus e recebida por Ele no século vindouro.

Portanto, a descrição que Jesus fez do fariseu retratava um indivíduo que todo ouvinte reconheceria imediatamente, e admiraria!

Sua descrição do publicano era também facilmente reconhecível. Ninguém esperaria que um publicano entrasse no templo de forma confiante. Ciente de seus muitos defeitos, tal pessoa ficaria “em pé, de longe” (18.13). Normalmente o israelita adorador levantava suas mãos quando orava (Sl 28.2; 63.4). Em vez disso, o publicano batia em seu peito, um ato simbólico que expressava pesar e culpa, e pronunciava apenas uma palavra de apelo: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” (18.13).

Após estas breves, porém vívidas descrições de dois seres humanos representativos, Jesus deu o seu veredicto. O publicano voltou para casa justificado; o fariseu não.

Pode ser que não haja uma outra história como esta, que coloque o Evangelho em uma perspectiva tão clara. A mensagem básica da vida, morte e ressurreição de Jesus é que Deus escolheu ter misericórdia dos pecadores que lhe pedem misericórdia. Contudo, quem está pronto para colocar o seu relacionamento com Deus sobre uma base como esta? Somente o indivíduo que percebe que é um pecador, perdido e sem esperança, que não tem absolutamente nenhuma base para se gloriar diante de Deus. O problema com o fariseu, que representa todos aqueles que “confiam em si mesmos, crendo que são justos”, é que a própria “justiça” de todas estas pessoas as cegam em relação à sua própria falência espiritual. E, por confiarem em suas próprias obras em vez de confiarem na misericórdia de Deus, o resultado final é que eles estão perdidos.

Aplicação. O cristão é chamado para fazer boas obras como uma expressão de

gratidão a Deus. As obras são uma resposta à misericórdia recebida. Como é trágico que a perspectiva de muitos esteja tão deformada, a ponto de já não enxergarem a Deus como misericordioso, nem a si mesmos como pessoas espiritualmente destituídas.

As Crianças Pequenas e Jesus (18.15-17). Veja as passagens paralelas em Mateus 19.13-15 e Marcos 10.13-16.

O Príncipe Rico (18.18-30). Veja o Estudo da Palavra de Lucas 18.22, acima, e o Estudo da Palavra de Mateus 19.21 e 19.24. Veja também o comentário sobre Marcos 10.17-31.

Jesus Outra Vez Prediz a Sua Morte (18.31-34). Veja o comentário sobre Lucas 18.31-45 e a passagem paralela em Marcos 10.32-45.

Um Mendigo Cego Recebe a Sua Visão (18.35-43). Veja a passagem paralela em Mateus 20.29-34 e o comentário sobre Marcos 10.46-52.

Zaqueu, o Publicano (19.1-10).

Contexto. Zaqueu é identificado por Lucas como um architelones, um chefe dos "cobradores de impostos". No sistema romano o direito de cobrar impostos era vendido aos homens que davam lances pelo privilégio. Estes homens então contratavam outros para fazerem o trabalho real, e em cada nível desta operação, o lucro dependia do quanto a população podia ser sobretaxada. Visto que a cobrança de impostos era forçada pelo exército romano, a compra de uma concessão de impostos era, na realidade, uma licença para roubar. No território judeu, onde muitos acreditavam intensamente que somente Deus tinha o direito

de cobrar impostos de seu povo, os cobradores de impostos eram desprezados e odiados. O ódio era ainda mais intenso porque eram judeus que preenchiam o sistema e alguns, que como Zaqueu estavam no topo do sistema, tornavam-se muito ricos.

Stambaugh e Balch, na obra The New Testament in its Social Environment, relata que os maiores impostos fixados na época de Augusto eram o tributum soli e o tributum capitis. O primeiro era um imposto sobre a propriedade, que era avaliada na Síria/Palestina à taxa de 1 por cento por ano. O segundo era um imposto por pessoa, cobrado dos adultos, fixada em um denário por ano. Na Síria/Palestina este imposto era cobrado de todas as pessoas entre 14 e 65 anos de idade.

Mas os impostos mais dolorosos podem ter sido cobrados na forma de taxas alfandegárias fixadas por volta de 2,5 por cento. Estes eram coletados nas fronteiras das províncias e distritos, e impostos adicionais poderiam ser coletados na junção das estradas principais. Nas portas das cidades até mesmo os produtos e a lenha eram taxados, supostamente para cobrar o imposto de venda de Augusto que era de 1 por cento.

Embora estes impostos pareçam baixos para nós, devemos nos lembrar de duas coisas. A maior parte das terras era de propriedade do estado, do rei, ou de grandes proprietários de terra, de forma que a pessoa comum gastava em torno de 40 por cento de sua renda em aluguéis. Além disso, um imposto por pessoa e o dízimo pertenciam a Deus, e eram pagos ao templo. E o governante local, um dos filhos de Herodes no período que estamos estudando, também cobrava sua parte. A soma de todos estes tributos trazia um fardo inimaginavelmente pesado sobre o trabalhador comum, o que ajuda a explicar a grande hostilidade que havia em relação a Zaqueu.

Jericó, onde Jesus conheceu Zaqueu, era uma cidade de fronteira entre as províncias de Judá e Peréia. Como chefe de cobradores de impostos, ele se tornou rico sobre-taxando pelo menos alguns daqueles cujos impostos ele cobrou (19.8). Assim, talvez possamos entender por que Zaqueu foi incapaz de tentar passar pela multidão para encontrar um lugar de onde pudesse ver Jesus. Ele não só era baixo em estatura, mas, reconhecendo-o, as pessoas sem dúvida não estariam dispostas a deixá-lo passar.

Interpretação. Na história de Zaqueu, Lucas reúne vários temas familiares.

Zaqueu, um homem que fazia parte de uma longa fila de banidos sociais e pecadores, responde positivamente a Jesus, enquanto os líderes religiosos não o fazem. Jesus escolhe se identificar com este "pecador" comendo com ele, expondo-se a críticas severas. E Cristo explica, usando um ditado familiar que tem sido chamado de versículo chave deste Evangelho: "O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (19.10).

Contudo, há um outro tema aqui que é enfatizado diversas vezes em Lucas. A condição espiritual de uma pessoa será indicada por sua atitude em relação aos bens e ao seu uso.

Portanto, o anúncio de Zaqueu de que ele dará a metade de tudo o que possui, e que fará uma restituição quadruplicada a qualquer pessoa a quem tiver defraudado, é uma sólida evidência de que Jesus está correto ao dizer: "Hoje, veio a salvação a esta casa" (19.9). A lei do Antigo Testamento especificava a restituição. O princípio geral era fazer a restituição e acrescentar 20 por cento (Lv 5.16; Nm 5.7). No entanto, a Lei exigia que o ladrão restituísse o dobro (Ex 22.4,7,9). Ao prometer fazer uma restituição quadruplicada àqueles a quem ele defraudou, Zaqueu estava fazendo muito mais do que a Lei exigia.

A salvação de Zaqueu é explicada por Jesus nas seguintes palavras: "Também este é filho de Abraão" (19.9). Como Abraão, Zaqueu respondeu à voz de Deus com fé, e demonstrou que faz parte da linhagem espiritual, e não apenas da linhagem física. A repentina generosidade do publicano convertido não é a base de sua salvação, mas o principal indicador de que ele verdadeiramente foi salvo.

Aplicação. A história de Zaqueu é a história final em uma série de palavras e parábolas que dizem respeito à riqueza. Ele se coloca em contraste com a história do jovem rico (18.18-30) que, ao receber a ordem de vender seus bens e seguir Jesus, fez sua escolha e assim demonstrou que para ele o seu dinheiro era mais importante do que o seu Deus. Diferente deste, Zaqueu escolheu seguir a Jesus e, de repente, seus bens já não eram mais tão importantes. Seu coração transborda, e ele sem hesitação se compromete a dar a metade daquilo que possui aos pobres, e a usar o restante como uma restituição àqueles a quem ele enganou.

Como seria fascinante se aplicássemos o padrão de medida que Lucas sugere para medirmos o nosso próprio comprometimento em relação ao Senhor. O que este principal indicador de espiritualidade em Lucas nos diria sobre o nosso

próprio relacionamento com Jesus?

Embora não seria apropriado que a igreja aplicasse este padrão de medida a cada membro, é apropriado que cada um de nós use este padrão de medida para re-avaliarmos a nós mesmos, bem como o nosso próprio modo de vida. Como a Parábola do Mordomo Infiel contada por Jesus (16.1-15) nos lembra, podemos usar os nossos bens materiais para nos prepararmos para a eternidade. Qualquer outro uso da riqueza é essencialmente sem sentido. E se permitirmos que o dinheiro se torne o nosso senhor, o desejo de conseguirmos riquezas certamente desviará os nossos corações do Senhor.

A Parábola das Dez Minas (19.11-27). Veja a passagem paralela em Mateus 25.14-30, e o Estudo da Palavra de Lucas 19.17.

Contexto. No oriente os nobres e os governantes de distritos menores, nos quais as províncias eram freqüentemente subdivididas, não recebiam salários. Com a população já sobrecarregada com pesados impostos (veja o contexto da história de Zaqueu, acima), muitos se ocupavam de negócios, mas apenas indiretamente. Visto que seria degradante para um nobre comprar e vender, tais pessoas trabalhavam através de servos e mordomos. O dinheiro poderia ser emprestado a negociantes, ou usado para comprar ovelhas no campo que seriam revendidas com uma margem de lucro na cidade, ou investido em atividades comerciais etc.

Nesta parábola, a quantia confiada aos mordomos é de apenas algumas minas, uma quantia de dinheiro muito pequena equivalente a cerca de três meses de salário de um trabalhador comum. Ao estabelecer esta quantia, Jesus se assegura de que percebamos que não é a soma que deve ser considerada significativa, mas a fidelidade do servo ao usar o que tem para o benefício de seu senhor.

Interpretação. Ao introduzir esta parábola, Lucas deixa claro que ela é significativa em diversos níveis. Lucas nos diz que foi enquanto eles estavam "ouvindo" (19.11) o que Cristo disse sobre Zaqueu, que Ele lhes contou esta história. Portanto, a história apanha o tema da riqueza, e acrescenta um comentário.

Jesus também falou de um "certo homem nobre" que "partiu para uma terra

remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois” (19.12). Cada um dos ouvintes deveria estar bem familiarizado com a viagem de Arquelau – um filho de Herodes o Grande – a Roma a fim de obter a permissão do imperador para que ele reinasse sobre parte do domínio de seu pai como um rei subordinado a Roma. Embora uma delegação de judeus corresse para Roma para se opor ao seu pedido, ele foi concedido, e Herodes foi confirmado, não como rei, mas como tetrarca.

A analogia nos ajuda a entender esta parábola em um outro nível. Jesus se apresentou aos judeus como o Messias. Mas logo ele seria morto por causa da instigação dos líderes de seu próprio povo. O que então acontecerá com o reino que os profetas do AT predisseram, no qual o Messias reinará?

A resposta é que Jesus viajará para as cortes do Imperador do Universo, seu próprio Pai. Ali ele será confirmado como Rei, apesar da oposição dos judeus; e quando Ele voltar, reinará.

O que então os servos de Jesus devem fazer enquanto o seu senhor está fora? A parábola deixa isto claro. Devemos usar cada recurso que Ele nos confiou, não importando o quão insignificantes os nossos recursos possam parecer em seu serviço. Quando voltar, Ele nos recompensará, e esta recompensa estará muito além daquilo que poderíamos esperar pelo serviço mínimo (19.17) em que nos ocupamos.

Aplicação. Mateus toma dois capítulos (24–25) para desenvolver conceitos que Lucas estabelece relatando esta parábola de Jesus. E, ao fazê-lo, ele não só nos exorta a “vigiarmos”, mas também anima os nossos corações.

Com que freqüência aquilo que pensamos que podemos fazer pelo Senhor nos parece algo “mínimo”. Com que freqüência sentimos que as nossas oportunidades são insignificantes; e às vezes chegamos a pensar que nós mesmos somos insignificantes. Contudo, para Jesus cada “mínimo” é realmente importante, e a fidelidade nos fará ganhar recompensas de proporções muito maiores do que aquelas que seríamos capazes de alcançar.

Talvez o mais importante seja nos lembrarmos de que Jesus voltará. E Ele voltará como Rei, confirmado neste papel por Deus Pai, e finalmente prestes a colocar em prática esta autoridade real que é sua por direito. A volta de Cristo e o reino que ele estabelecerá então é – e deve se tornar para nós – muito mais real

do que o mundo transitório no qual você e eu vivemos hoje. Quando Cristo e seu reino futuro forem verdadeiramente reais para nós, nós o serviremos com todo o nosso coração.

A Entrada Triunfal (19.28-44). Veja o Estudo da Palavra sobre Mateus 21.5,9,10, e as passagens paralelas em Mateus 21.1-11,14-16; Marcos 11.1-11; e João 12.12-29.

Contexto. A entrada de Jesus na cidade foi o cumprimento de uma profecia: O Rei de Israel veio para a cidade "humilde e assentado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de animal de carga" (Mt 21.5; Zc 9.9).

Cada um dos Evangelhos esboça a cena familiar, as multidões extasiadas e os alegres brados de boas vindas. Mas enquanto a história dos próximos dias prossegue, percebemos que grande parte da aclamação se devia a homens e mulheres sendo apanhados pela emoção do momento, não estando fundamentada em um comprometimento com Jesus.

Lucas conclui o seu relato mesmo antes de Jesus entrar na cidade. Ele deixa bem claro que Jesus sabe que os aplausos das multidões significam pouco. E assim, quando Cristo se aproxima, Ele para e chora sobre a cidade e seu povo. Os inimigos logo cercarão e destruirão a cidade santa, causando ao seu povo um sofrimento incomparável, "pois que não conheceste o tempo da tua visitação" (19.44).

Hoje em dia nós, como povo de Cristo, somos privilegiados por apresentá-lo ao mundo condenado. Que a nossa geração possa se mostrar mais sábia do que aqueles que viveram em Jerusalém no século I, reconhecendo no Evangelho o tempo da visitação de Deus que lhe está sendo oferecido.

O Preço

EXPOSIÇÃO

-

Como os escritores dos outros Evangelhos, Lucas agora descreve com muitos detalhes as últimas poucas horas da vida de Jesus. Incidente após incidente, sentimos novamente que o sofrimento e morte de Jesus Cristo foram eventos históricos – eventos de que dependem o tempo e a eternidade.

Embora os eventos relatados em cada Evangelho sejam essencialmente os mesmos, cada escritor seleciona e enfatiza aqueles detalhes que o ajudam a desenvolver seus próprios temas em particular. Mateus dá especial atenção à fragilidade humana, refletida em seu estudo sobre a trama contra Jesus, a traição de Judas ao seu Senhor, e a negação de Pedro. Marcos expõe a estrutura destes eventos chave. Lucas destaca os sofrimentos de Jesus. João se concentra nos julgamentos de Cristo perante o Sinédrio e perante Pilatos. Cada uma destas áreas é desenvolvida na seção "A Passagem em Profundidade" de seu

respectivo Evangelho.

Os principais eventos da última semana discutidos nos Evangelhos são indicados no quadro abaixo. Os versículos em negrito indicam onde cada tópico é mais cuidadosamente explorado. Além disso, uma lista de cada evento da última semana, com referências cruzadas, é encontrada no tópico O Texto em Profundidade de Mateus 26–27. As "sete palavras da cruz" pronunciadas por Cristo são discutidas no estudo de Marcos 14–16.

Tópico	Mateus	Marcos	Lucas	João
A trama contra Jesus	26.1-5	14.1-11	22.1-6	
Unção em Betânia	26.6-13	14.3-9		
Judas concorda em trair a Cristo	26.14-16			
A Última Ceia	26.17-30	14.12-25	22.14-23	13-17
A negação de Pedro é predita	26.31-35	14.27-31	22.31-38	13.31-38
Getsêmani	26.36-46	14.32-42	22.39-46	
A prisão de Jesus	26.47-56	14.43-52	22.47-53	18.1-12
Perante o Sinédrio	26.57-68	14.53-65	22.63-71	18.12-40
Pedro nega Jesus	26.69-75	14.66-72	22.54-62	18.17-27
Judas se enforca	27.1-10			
Jesus perante Pilatos	27.11-26	15.1-15	23.1-25	18.28–19.16
Os soldados zombam de Jesus	27.27-31	15.16-20		
A crucificação	27.32-56	15.21-41	23.26-49	19.17-37
O sepultamento de Jesus	27.57-61	15.42-47	23.50-56	19.38-42
Guardas colocados junto ao túmulo	27.62-66			

ESTUDO DA PALAVRA

-

Mandarei o meu filho amado; talvez, vendo-o, o respeitem (20.13). O termo grego agapeton tinha um significado técnico no antigo Oriente Próximo. Ele identificava a pessoa assim indicada como o herdeiro principal, e pode servir como um sinônimo para monogenes, “unigênito” (Jo 3.16, versão KJV).

Deus não só nos deu o que tinha de melhor, Ele deu tudo o que tinha para dar na pessoa de seu Filho amado, Jesus Cristo.

E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem! (20.39) Pode parecer a partir desta observação que nem todos os doutores da lei eram hostis a Cristo, ou que o seu argumento inteligente de Êxodo 3.6 ganhou até mesmo a admiração – ainda que odiosa – de seus inimigos.

Há, naturalmente, uma outra possibilidade. Marcos nos diz que os “fariseus e herodianos” haviam tentado pegar a Jesus em uma armadilha, com sua famosa pergunta sobre os impostos (12.13-17). Já os saduceus colocaram o caso hipotético dos casamentos múltiplos que estariam de acordo com a lei do levirato, com a intenção de ridicularizar a noção da ressurreição (12.18-27). A resposta de Cristo solucionou completamente o enigma deles, e os silenciou. Este fato teria alegrado os fariseus contra quem esta mesma pergunta capciosa havia sido usada repetidamente. É muito provável que as palavras “Disseste bem!” tenham escapado da boca dos mestres associados ao grupo de fariseus, que apesar de sua hostilidade a Jesus estavam encantados por ver seus adversários tradicionais humilhados.

É fascinante perceber como as pessoas que estão dispostas a usar Jesus para seus propósitos egoístas se mostram totalmente indispostas a se submeter para servir

aos propósitos de Jesus. Mesmo que servi-lo signifique ganhar uma recompensa eterna.

E, ouvindo-o todo o povo, disse Jesus aos seus discípulos (20.45). Lucas foi o único dos escritores dos Evangelhos a fazer uma distinção cuidadosa e consistente entre as respostas de vários grupos diferentes a Jesus. Como os outros, ele retrata os discípulos que eram comprometidos com Cristo como Senhor. Ele também retrata precisamente os líderes espirituais (mestres da lei, doutores da lei, rabis) e os membros dos grupos religiosos que eram tão hostis em relação ao ensino de Cristo. Mas Lucas continua acrescentando dois outros termos que ele também usa com muita precisão. Estes são “o povo” (laoi), a quem Lucas descreve como responsivo a Jesus (21.38), e que o ouve com algum prazer e aprovação, e “as multidões” (ochloi) que não eram responsivas a Ele. Quando lemos qualquer uma destas frases no Evangelho de Lucas, devemos entender que “o povo” indica um grande grupo que, pelo menos até certo ponto, aprova Cristo; e que “as multidões” indica um grande grupo que não o aprova.

Em última instância, naturalmente, a humanidade deve ser dividida em dois grupos: aqueles que crêem, e aqueles que não crêem. As reivindicações de Cristo exigem que nós não apenas aprovemos o que Jesus diz, mas que nos comprometamos com Ele como Senhor.

Vede que não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu (21.8). A palavra grega planethete era comumente usada no NT e pela igreja cristã primitiva, para descrever os esforços dos falsos profetas e hereges. Nada deve desviar os nossos olhos de Jesus e da promessa de seu retorno durante o longo intervalo entre a partida de Cristo e sua volta.

Esta extensa passagem em Lucas 21 é notável por nove exortações separadas, que têm a intenção de nos guiar enquanto aguardamos a Segunda Vinda de Jesus. São as seguintes:

(1) Não sejam enganados pelos falsos ensinadores (21.8).

(2) Não se espantem com os desastres que são semelhantes àqueles que foram preditos, e que deverão ocorrer no fim dos tempos (21.9-11).

(3) Não fiquem ansiosos quando sujeitados a ações legais por causa de seu testemunho a favor de Cristo (21.12-15).

(4) Permaneçam firmes quando forem traídos por aqueles que lhes são queridos, e quando forem odiados por todos (21.16-19).

(5) Permaneçam longe de Jerusalém quando virem a cidade cercada pelos exércitos inimigos (21.20-24).

(6) Animem-se quando os eventos associados com o período do fim começarem a acontecer (21.25-28).

(7) Reconheçam-nos como evidências de que o reino escatológico de Deus está prestes a se manifestar (21.29-31).

(8) Tenham confiança de que, mesmo durante aquele período de tribulação, as palavras de Cristo permanecem firmes (21.32-34).

(9) Vigiem e orem, durante o intervalo e durante o tempo terrível do fim, para que quando Cristo vier possam ganhar seu endosso, pela fidelidade que vocês demonstrarem (21.35-38).

Embora apenas as quatro primeiras exortações tenham uma aplicação direta na vida dos crentes hoje, as outras nos lembram que, durante qualquer período de dificuldade, devemos permanecer positivos e esperançosos em nossa fé.

Entrou, porém, Satanás em Judas (22.3). Somente Lucas relata o papel de Satanás na traição de Jesus. Este simples versículo apóia duas observações importantes. Uma pessoa que retrocede em seu compromisso com Jesus torna-se vulnerável às influências espirituais hostis. E Satanás não é tão poderoso ou inteligente como alguns, atemorizados, presumem. Satanás dificilmente teria participado ativamente de sua própria derrota no Calvário, a menos que ele tenha suposto que causando a morte de Cristo iria fracassar em vez de cumprir os

propósitos de Deus.

Lembremo-nos sempre de que Deus é capaz de ordenar o seu universo de forma que até mesmo os atos que pretendam prejudicar a Ele, ou aos seus escolhidos, cumprem seus bons propósitos. É tolice pensar que devamos temer Satanás ou os nossos inimigos humanos.

Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça (22.15). Esta frase, e a estrutura gramatical incomum das palavras de Cristo no texto original "não a comerei" (22.16) e "não beberei" (22.18), indicam uma grande emoção e um intenso sentimento.

Embora – como os outros escritores dos Evangelhos – Lucas não forneça o tipo de detalhe de crucificação sangrenta que poderíamos esperar da TV moderna ou de repórteres de noticiários, ele é particularmente sensível à aflição e ao estresse sob os quais Jesus estava, e às emoções que se avolumaram e afloraram.

E houve também entre eles contenda sobre qual deles parecia ser o maior (22.24). Lucas contrasta a intensidade dos sentimentos de Jesus com a falta de sensibilidade dos discípulos, que prosseguem em uma disputa acirrada que os outros escritores dos Evangelhos também mencionam em outros Contextos.

Enquanto lemos o relato que cada escritor – de forma muito cuidadosa – fornece da paixão de Cristo, separemos as nossas preocupações pessoais, e consideremos tudo o que Jesus sofreu por você e por mim.

Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores (22.25). No século I, euergetes, "benfeitor", era um título em vez de uma descrição. Isto é indicado de forma apropriada pela letra maiúscula "B" na versão NIV. Mas o que é interessante é o verbo kalountai, "são

chamados". Os governantes antigos, que exploravam cruelmente seus cidadãos, queriam o nome de Benfeitor sem o custo de verdadeiramente servirem aos outros.

Como Jesus é diferente! E quão diferentes você e eu – servos dos outros por amor a Cristo – somos chamados a ser.

Disse-lhes, pois: Mas, agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda sua veste e compre-a (22.36). Esta é uma das palavras mais surpreendentes nas Escrituras, porque ela parece contradizer as instruções que Cristo deu anteriormente aos seus discípulos quando saíram em missões de pregação (9.1-3; 10.1-3). A questão que isto levanta é importante. Devemos seguir as diretrizes anteriores, ou esta é uma norma para nós durante a era da igreja?

O contexto maior deixa claro que nenhuma inversão do princípio anterior é sugerida. Cristo lembra seus discípulos que Deus anteriormente havia suprido todas as necessidades deles (22.35). Ele se mostrou indiferente à afirmação dos discípulos, que obviamente consideraram suas palavras em sentido literal, quando dizem que já possuem duas espadas (22.36). E, posteriormente, quando Pedro desembainhou uma arma para defender a Cristo da turba que tinha vindo para prendê-lo, Cristo não só disse, "Basta!" mas até mesmo restaurou o homem cuja orelha Pedro havia cortado (22.51).

Mas se esta instrução aparentemente clara aos discípulos não significa o que parece dizer, o que Jesus quis dizer? A melhor resposta parece ser sugerida pelo forte contraste expressado na frase, alla nun, "mas, agora" (22.36). Alguns entendem que na emergência presente, e no intervalo entre a morte e a ressurreição de Cristo, os discípulos precisariam se defender por si mesmos. Porém devemos nos lembrar de que Deus Pai estava guardando os discípulos e cuidando deles.

Mas e quanto à referência a uma espada? Devemos nos lembrar de que o hebraico e o aramaico são linguagens de figuras, línguas em que montanhas representam a força, torres representam a segurança, e a espada representa tempos de crises e perigos intensos. "Comprar um espada" pode muito bem ser uma instrução literal em alguns contextos. Neste contexto a intenção é

simbólica, como uma advertência de catástrofes iminentes.

E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro (22.61). Esta frase é representada por uma única palavra em grego; emblepto. A palavra deixa claro que houve mais do que um rápido olhar, e certamente não foi um olhar fixo. Em vez disso, Jesus focou um olhar de amor e preocupação sobre Pedro – um olhar que atingiu o coração daquele discípulo fiel e o partiu. Aquele olhar, dirigido a Pedro no exato momento da negação do discípulo, disse a Pedro que a despeito do que ele havia feito, Jesus ainda se importava com ele, e permanecia preocupado com ele.

Que maravilhoso se você e eu, no momento da nossa maior falha, pudéssemos sentir o olhar amoroso do Salvador sobre nós. Com que rapidez também os nossos corações se partiriam, e nos voltaríamos a Ele com lágrimas purificadoras e agradecidas.

E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou (22.70). A frase grega é, literalmente, a seguinte: “Vós dizeis que eu o sou”. A versão NIV acrescenta a expressão “estais certos” porque a reação do concílio deixa claro que eles entenderam a frase como uma clara afirmação de divindade.

Que cena trágica. Quantos dizem que Jesus é o Filho de Deus, mas em seus corações não crêem realmente. O que conta não é dizer que Jesus é o Filho de Deus. O importante é nos comprometermos totalmente com Ele, na convicção absoluta de que estas palavras são verdadeiras.

Pai, perdoa-lhes, porque [eles] não sabem o que fazem (23.34). O “eles” aqui são os soldados romanos, porque sua ignorância quanto à importância de seus atos era real e talvez desculpável. Tanto o AT como o NT vêem a maioria da ignorância espiritual como desculpável. O dicionário Zondervan Expository

Dictionary of Bible Words explica:

O problema da ignorância espiritual é um mal-entendido que vem de uma percepção errada das informações disponíveis. Os ouvintes de Jesus ouviam o que o Senhor lhes disse, mas não podiam entender o seu significado por si mesmos (Mc 9.32; Lc 9.45). A ignorância reside no centro da adoração pagã (At 13.27), e explica a falha de todos os perdidos em perceber que é somente a bondade de Deus, criada para conduzi-los ao arrependimento, que retarda o juízo de Deus (Rm 2.14).

Qual é o antídoto da Bíblia para uma ignorância que vem da falha em se perceber as realidades espirituais? Romanos 12.2 diz: “Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (nous, a mente como o órgão da percepção). É ouvindo a vontade de Deus expressa em sua Palavra e colocando esta vontade em prática, que teremos uma perspectiva totalmente nova das questões da vida. Mas a transformação interior requer tanto um entendimento daquilo que a Palavra diz, como uma resposta obediente à Palavra. Somente através do compromisso de obedecer a Deus é que a nossa ignorância pode ser substituída pelo firme conhecimento.

A oração de Cristo com certeza foi respondida. Deus está pronto para perdoar, apesar do modo distorcido como percebemos tanto a Ele quanto ao seu Filho. Devemos, no entanto, abandonar o modo como víamos a Jesus, reconhecê-lo como o Filho de Deus, e confiarmos a Ele a nossa vida. Então a nossa ignorância será substituída pelo conhecimento, e experimentaremos o perdão do nosso Deus amoroso.

E o centurião, vendo o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo (23.47). Os outros Evangelhos registram que ele também expressou a crença de que Jesus era o “Filho de Deus” (Mt 27.54; Mc 15.39). Por que Lucas usou esta expressão em vez da outra? Muito provavelmente porque o público helenista para quem ele escreveu poderia ter presumido que o centurião estava usando a expressão “filho de Deus” em seu

sentido pagão em vez do sentido cristão. Registrando ao mesmo tempo a frase “homem justo”, Lucas manteve uma ênfase básica de seu Evangelho: que Jesus representava não só Deus em carne, mas também a humanidade ideal.

Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia (24.6). Pode haver uma repreensão sugerida nesta declaração. Mais importante ainda, existe a lembrança de que desde o princípio Jesus estava ciente do sofrimento bem como do triunfo que estavam diante dele. Antes de olharmos para os sofrimentos de Cristo em profundidade, vamos ler suas palavras proféticas.

Lucas 9.22: “É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia”.

Lucas 18.31-33: “Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito. Pois há de ser entregue aos gentios e escarnecido, injuriado e cuspido; e havendo-o açoitado, o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará”.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Qualquer análise dos sofrimentos de Cristo deve refletir uma consciência de que Jesus sofreu como um homem, e como o Filho de Deus. Seu sofrimento como homem envolvia uma vulnerabilidade ao tormento físico e psicológico – a vulnerabilidade que compartilhamos. O seu sofrimento como o Filho de Deus foi, porém, incomparável, envolvendo um mistério que podemos sentir de uma forma um tanto obscura, por não sermos capazes de compreendê-lo de forma completa. Precisamos examinar cada um destes aspectos do sofrimento e morte de Jesus separadamente, contudo sempre cientes de que Ele foi o Deus/Homem;

Jesus sempre foi verdadeiramente Deus, mas quando esteve neste mundo foi também totalmente humano. Desta forma, os vários aspectos de seu tormento final não podem ser, na verdade, isolados uns dos outros.

Verdadeiramente, quando consideramos as últimas horas de Cristo, pisamos este terreno de forma suave, e com reverente admiração.

O TORMENTO PSICOLÓGICO

Durante todos os seus anos de ministério, Jesus sofreu psicologicamente. João nos diz: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1.11). As multidões correram para ouvir Jesus, e o viam como um profeta (Mt 16.14). Mas eles não estavam dispostos a aceitá-lo por quem Ele verdadeiramente era: seu Messias há muito tempo aguardado, e o Filho de Deus. Os líderes religiosos se sentiam incomodados pelos ensinos dele e, finalmente reconhecendo-o como uma ameaça contra sua pretensa autoridade espiritual, tramaram matá-lo. E até mesmo aqueles discípulos que estavam totalmente comprometidos com Ele, permaneceram insensíveis à sua dor e sem ter consciência do significado de seus ensinos mais importantes.

Você e eu conhecemos algo da absoluta miséria que é ser rejeitado. Conhecemos algo da dor que vem quando nenhum outro ser humano parece se importar sobre como nos sentimos, embora exijam que sejamos sensíveis em relação às suas feridas. Conhecemos algo da dor daquela solidão que se abate sobre nós nos momentos em que percebemos que nenhum outro ser humano realmente nos entende.

Toda esta dor foi a companhia constante de Cristo quando Ele ministrou entre nós, o Filho de Deus, não reconhecido por aqueles que eram os seus por Criação e Aliança.

Toda esta dor interior e constante está focada e exposta para nós em um episódio que cada um dos Evangelhos Sinóticos retrata – a oração de Cristo no Getsêmani. (Nota: os relatos de Mateus e Marcos são essencialmente os mesmos. As palavras de Mateus e Lucas estão reproduzidas a seguir).

Observamos particularmente as palavras em negrito, e percebemos que cada uma no original representa uma emoção esmagadoramente poderosa. Aquela angústia que Cristo conheceu durante todos os seus anos de ministério está de repente exposta, como se o seu controle de ferro estivesse quebrado em meio à tensão daquela hora terrível.

A ANGÚSTIA DE CRISTO NO GETSÊMANI Mateus 26.36-41–Marcos 14.32

E os soldados o levaram para dentro do palácio (isto é, o Pretório), à sala da audiência, e convocaram toda a coorte. E vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça. E começaram a saudá-lo, dizendo: Salve, Rei dos judeus! E feriram-no na cabeça com uma cana, e cuspiram nele, e, postos de joelhos, o adoravam. E, havendo-o escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e o vestiram com suas próprias vestes, e o levaram para fora, a fim de o crucificarem.

Mateus acrescenta a este relato um detalhe de importância vital. Ele diz: “Então [Pilatos], soltou-lhes Barrabás e, tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado” (27.26). O açoite que os soldados utilizavam para preparar uma vítima para a crucificação era chamado de “flagelo” (no original, flagellum). Este instrumento de tortura era composto por várias tiras de couro, às quais eram atados vários pedaços de ossos, chumbo, e vidro. A pessoa que deveria ser açoitada era presa a um poste ou a uma estaca e era repetidamente golpeada com este terrível instrumento. À medida que a carne era rasgada e dilacerada, os ossos da pessoa ficavam freqüentemente expostos e o sangue fluía copiosamente. Muitas pessoas morriam ao serem açoitadas. Como uma preparação para a crucificação, o açoite tinha a intenção de enfraquecer a vítima, de forma que as horas que a pessoa passaria suspensa na cruz seriam extremamente dolorosas, equivalentes a uma terrível tortura.

Agredido, açoitado e ridicularizado, Cristo foi forçado a carregar uma trave do madeiro em seus ombros dilacerados. Cambaleando sob o grande peso e a dor intolerável, Jesus foi conduzido para fora da cidade de forma humilhante pelas ruas estreitas, até o local onde se faziam as execuções públicas.

Agora chegamos ao supremo horror físico. E era assim que os povos da antiguidade consideravam, universalmente, este tipo de execução. Ele era, de fato, considerado tão terrível que era reservado a escravos, bandidos e salteadores, e àqueles que se rebelavam contra o poder imperial. Este tipo de execução jamais deveria ser infligido a um cidadão romano.

O que era tão terrível no processo de crucificação? E como é que ele matava a pessoa condenada? A vítima era amarrada ou pregada a uma trave que era fixada

ou pregada no topo de um poste, que era fixado no chão. Um relato publicado no fascículo de Setembro de 1985 da Biblical Archeologist (pp. 190-91) traz uma descrição em meio à discussão sobre parte dos restos mortais de um homem judeu do primeiro século que, como Jesus, foi executado através da crucificação:

É importante lembrar que a morte por crucificação não era causada pelo ferimento traumático dos pregos; antes, ficar pendurado na cruz resultava em um processo doloroso de asfixia, no qual dois conjuntos de músculos usados para a respiração – os músculos intercostais e o diafragma – tornavam-se progressivamente enfraquecidos. Com o passar do tempo, a vítima expirava como uma conseqüência da incapacidade de continuar respirando adequadamente.

Os pés do homem condenado eram pregados lateralmente na peça vertical da cruz, para evitar que ele abrisse as pernas... Quando os pés eram pregados à cruz, uma placa de madeira de oliveira era colocada entre a cabeça de cada prego e o pé, provavelmente para impedir que o condenado se soltasse do prego.

Por várias vezes Jesus deve ter se estendido para cima a fim de conseguir respirar mais uma vez, retorcendo-se contra a dor que sentia em suas mãos e pés, que estavam perfurados pelos pregos. Embora enfraquecida e em grande angústia, a vítima poderia sobreviver por dias até que a perda de sangue e a dor intensa tornassem impossível que ela se esticasse para conseguir respirar outra vez. Assim, a vítima morria por asfixia ou por um ataque cardíaco.

O TORMENTO ESPIRITUAL

Por mais terrível que fosse o sofrimento físico, ele não se comparava com a angústia espiritual que Jesus experimentou. A angústia é prefigurada em várias passagens do AT. O Salmo 22, há muito tempo reconhecido como messiânico, expressa poderosamente os sentimentos de Cristo: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas das palavras do meu bramido e não me

auxilias? Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego” (22.1,2).

Estas palavras não só descrevem a experiência de Cristo; Cristo as exclamou enquanto estava suspenso naquele dia tenebroso: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46) Este é, na verdade, o mistério definitivo. Como poderia, neste momento terrível, a própria Divindade se separar, Filho separado do Pai, e a morte espiritual ser experimentada por Aquele que é a fonte da vida eterna?

A despeito daquilo que possamos dizer sobre os enormes sofrimentos físicos de Cristo, devemos perceber que eles são menores que o gigantesco sofrimento espiritual que Ele enfrentou. A união de Deus com o homem possibilitou que a pessoa “teantrópica” morresse, e assim Paulo escreve aos Colossenses que “[Deus] vos reconciliou no corpo de sua carne, pela morte, para, perante ele, vos apresentar santos” (Cl 1.22). Comentando este assunto, o Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

Em vista dos significados diversos e terríveis que as Escrituras atribuem à morte, seria errado pensar na morte de Jesus como um mero evento biológico. Quando a Bíblia ensina que Jesus sofreu a morte e provou a morte (Hb 2.9), está implícita uma experiência completa de tudo o que envolve a morte. O clamor de Jesus na cruz revela que esta dor indescritível se estende até mesmo à terrível separação de Deus, que dilacera o coração dos piedosos: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46)

Na angústia do momento, o clamor “Por que?” saiu dos lábios de Cristo. Contudo, desde a eternidade passada o motivo era conhecido pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. O “por que” é expresso por todo o Novo Testamento em palavras como:

Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é

imputado não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir.

Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou; porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo.

Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor (Rm 5.12-21).

Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão (Hb 2.9,14,15).

E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós em suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz (Cl 2.13,14).

RESSURREIÇÃO: O SIGNIFICADO DOS SOFRIMENTOS É GARANTIDO

O registro da ressurreição de Jesus espalhou-se rapidamente naquela primeira Páscoa. A história que Lucas conta dos dois discípulos na estrada de Emaús, enfatiza a incerteza e a confusão enfrentada pelos seguidores de Cristo. Isto é mostrado em diversos termos que Lucas usa para descrever o diálogo animado deles enquanto andavam ao longo do caminho. Eles “iam falando entre si”, homiloun (24.14,15), “fazendo perguntas um ao outro,” suzetein (24.15), e como uma outra palavra traduzida como “discutir” (antiballete) sugere, estavam literalmente “trocando idéias”.

Foi então que Jesus se juntou a eles, não sendo reconhecido. Enquanto caminhavam, Cristo lhes explicava “o que dele se achava em todas as Escrituras” (24.27), mostrando-lhes que o Cristo deveria “padecer essas coisas” e só então entrar em sua glória (24.26).

Você e eu jamais entenderemos completamente o que Jesus experimentou aqui na terra, ou começaremos a compreender que angústia aquele momento de morte espiritual causou ao nosso Deus. Mas o que sabemos é que Cristo tinha de sofrer.

Não porque merecêssemos a redenção. Não, a necessidade existia por causa de quem Ele é, não por causa de quem nós somos.

A Divindade de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

João tem sido chamado de “O Evangelho universal”. Ele é distintamente diferente dos sinóticos. Embora Mateus, Marcos e Lucas tenham finalidade de alcançar públicos diferentes, cada um dos três descreve o ministério público de Jesus mais ou menos de forma cronológica. Cada um deles tende a descrever os eventos com um mínimo de comentários. E cada um tende a se concentrar na Galiléia, onde ocorreu a maior parte do ministério público de Cristo. A identidade de Jesus – seja como o Messias Rejeitado de Mateus, o Homem de Ação de Deus de Marcos, ou o Ser Humano Ideal de Lucas – brilha através de cada um dos sinóticos. Contudo, embora a identidade paralela de Cristo como o Filho de Deus e Salvador seja afirmada e totalmente demonstrada através dos milagres e ensinos de Jesus que foram registrados, nenhum dos três sinóticos “teologizam” os relatos.

Quando começamos a ler o Evangelho de João,

percebemos imediatamente que este relato é diferente. As primeiras palavras de João nos atraem para dentro dos mistérios centrais da fé, quando João nos desafia a olharmos tanto para trás quanto além do início – e a encontrarmos ali um Jesus que existe não como o suposto filho de um carpinteiro de Nazaré, mas como Deus, em forma distinta de Deus, embora esteja com Deus e seja igual a Deus.

Ao continuarmos a ler encontramos grandes diferenças estruturais entre João e os sinóticos. Eles registram o curso da história terrena de Cristo; João seleciona sete milagres e os utiliza como o contexto para registrar os discursos profundamente teológicos do Salvador. Os três sinóticos se concentram nos eventos que se passam na Galiléia; João concentra nossa atenção na Judéia. De forma mais significativa, por diversas vezes João coloca o ensino de Jesus em categorias universais: luz versus trevas, vida versus morte, verdade versus falsidade, amor versus ódio, fé versus incredulidade.

Estes contrastes têm levado alguns a argumentar que o quarto Evangelho foi apenas atribuído ao Apóstolo João, sem ter sido escrito por ele. Contudo, cada argumento lançado contra a autoria de João tem sido totalmente respondido pelos estudiosos, e a opinião

tradicional demonstra ser a melhor. Qual é esta opinião? Sabemos que o Apóstolo João viveu muito mais do que os outros membros do círculo íntimo de Jesus. Com o passar das décadas, João viu a necessidade de um relato do Evangelho que atendesse a necessidade da igreja cristã que se desenvolvia – um relato que respondesse os desafios do entendimento de Jesus, fixados tanto por fontes judaicas como seculares/filosóficas. Assim, em algum momento entre 90 e 100 d.C., embora alguns argumentem a favor de uma data por volta do ano 80 d.C., João escreveu suas próprias memórias mais vívidas dos atos e ensinos de Jesus, que mostravam que Cristo era tanto Deus como Homem, separando-o, de forma contundente, de toda distorção contemporânea.

E assim, no Evangelho de João temos um retrato inigualável de nosso Senhor. Ele é tão preciso quanto os retratos dos outros Evangelhos, apesar de suas diferenças em estrutura e propósito. E ele nos lembra que, em Jesus Cristo, Deus não só se revelou aos judeus como seu Messias, aos romanos como seu Homem de Ação ideal, e aos gregos como verdadeiro modelo de humanidade. Em Jesus Cristo, Deus se revelou em seu Filho, como absolutamente a única resposta para as necessidades mais profundas e universais de uma humanidade perdida. Em Jesus, a

luz brilha e revela as trevas nas quais uma vez andamos. Através de Jesus, recebemos vida plena e dinâmica que quebra para sempre o poder da morte sobre nosso presente e sobre nosso futuro. Por Jesus somos finalmente capazes de medir a verdade e a falsidade. Com Jesus, o amor de Deus faz desaparecer a animosidade que uma vez sentimos em relação a Deus e aos nossos semelhantes. E tudo depende de uma única questão: fé versus incredulidade.

A mensagem clara e maravilhosa do mais teológico dos Evangelhos é que Deus nos convida a crermos em seu Filho. Quando cremos, a luz, a vida, a verdade e o amor – todos os maiores dons de Deus – tornam-se nossos.

ESTUDO DA PALAVRA

-

No princípio, era o Verbo (1.1). O termo grego é logos, que geralmente concentra a atenção na palavra falada, mas no significado em vez de simplesmente no som. No pensamento filosófico grego, logos era usado em relação ao princípio racional ou à Mente que regia o universo. No pensamento hebraico “a palavra de Deus” era sua auto-expressão ativa, a revelação de si mesmo para a humanidade através da qual uma pessoa não só recebe a verdade a respeito de Deus, mas se encontra com Deus face a face.

A. T. Robertson resume a importâmcia do termo logos em sua obra Word

Pictures of the New Testament (vol. 5, p. 3):

Logos vem de lego, uma antiga palavra em Homero para reservar, coletar, colocar palavras lado a lado, falar, expressar uma opinião. Logos é comum tanto para a razão, como para a fala. Heráclito a usou para o princípio que controla o universo. Os estóicos a empregavam para a alma do mundo (anima mundi), e Marco Aurélio usava spermatikos logos para o princípio generativo na natureza. O hebraico memra era usado nos Targuns como uma referência à manifestação de Deus como o Anjo de Jeová, e a Sabedoria de Deus em Provérbios 8.23.

Os primeiros escritores cristãos tinham mais a dizer sobre o Evangelho de João do que sobre qualquer um dos outros. E a maioria dos antigos escritores se concentrava no tema apresentado na declaração de abertura de João: Jesus é a Palavra (ou o Verbo) pré-existente de Deus. O uso de João do termo logos, “palavra”, com suas raízes profundas tanto na filosofia grega como no pensamento hebraico, imediatamente introduziu este Evangelho na esfera da especulação que há muito tempo tem fascinado os pensadores religiosos.

Aqui estão vários comentários sobre este Evangelho e suas palavras iniciais, escritos pelos primeiros escritores cristãos.

IRINEU (c. 125-200 d.C.)

E todos os presbíteros, que associados na Ásia com João, o discípulo do Senhor, testificam que este transmitiu [estas coisas]. Pois ele permaneceu com eles até a época de Trajano [98-117 d.C.]. E também a igreja em Éfeso fundada por Paulo – e João permaneceu com estes irmãos até a época de Trajano – é uma verdadeira testemunha da tradição dos Apóstolos.

Agora Mateus publicou também um livro do Evangelho entre os hebreus em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando o Evangelho em

Roma e fundando a igreja. Depois da morte deles, Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também nos transmitiu informações ao escrever as coisas pregadas por Pedro. Lucas também, o seguidor de Paulo, registrou em um livro o Evangelho pregado por aquele. Depois disso João, o discípulo do Senhor que também se inclinou em seu peito, também publicou um Evangelho enquanto morava em Éfeso, na Ásia.

E todos estes nos transmitiram [a doutrina de que há] um Deus, criador dos céus e da terra, proclamado pela Lei e pelos Profetas, e um Cristo, o Filho de Deus. Se uma pessoa não consentir com estes, certamente rejeitará os seguidores do Senhor; e rejeitará até mesmo o próprio Cristo, o Senhor. Tal pessoa certamente rejeitará também o Pai e estará autocondenada, resistindo e lutando contra sua própria salvação – coisa que todos os hereges fazem.

João, o discípulo do Senhor, proclama esta fé e deseja, pela proclamação do Evangelho, remover este erro que foi disseminado entre os homens por Cerinto, e muito antes por aqueles que são chamados de nicolaítas, que são ramificação daquilo que é falsamente chamado de conhecimento. João deseja confundi-los e convencer a todos de que existe um único Deus que fez todas as coisas através de sua Palavra, e não como eles dizem que o Criador era certamente um, e que o Pai do Senhor era um outro; e que o Filho do Criador era certamente um, mas que o Cristo das esferas mais elevadas era um outro, que ele viveu impassível até o fim, desceu sobre Jesus o Filho do Criador, e voltou outra vez ao seu Pleroma; e que o Unigênito foi certamente o início, mas que o Verbo era o verdadeiro Filho do Unigênito; e que o mundo em que “vivemos” não foi feito pelo Deus Supremo, mas por algum poder que existia muito abaixo dele, estando excluído da comunhão com as coisas invisíveis e inefáveis... Portanto, João começou “com” o ensino do Evangelho: “No princípio, era o Verbo...”

TEÓFILO (c. 170-180 d.C.)

Mas quando Deus determinou fazer as coisas que havia proposto, produziu esta Palavra exprimível, o primogênito de toda a criação; Ele não foi esvaziado da Palavra, mas produzindo [a] Palavra sempre teve harmonia com sua Palavra. Conseqüentemente, as Sagradas Escrituras e todos os escritores inspirados nos

ensinam, como, por exemplo, quando um deles, João, diz: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus”, mostrando que no princípio Deus estava sozinho e o Verbo estava com Ele. Então João diz: “E o Verbo era Deus; todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Portanto, o Verbo, sendo Deus e procedendo por natureza de Deus, sempre que o Pai do universo determina, o envia a um certo lugar; vindo Ele, é ouvido e visto; sendo enviado por Ele, Ele também se encontra no lugar que determinou.

TERTULIANO (155-235 d.C.)

Ele apareceu entre nós. Aquele cuja vinda para renovar e iluminar a natureza do homem foi pré-anunciada por Deus – quero dizer Cristo, o Filho de Deus. E assim o Líder e Mestre supremo desta graça e disciplina, o Iluminador e Instrutor da raça humana, o próprio Filho de Deus, foi anunciado entre nós, nascido – mas não nascido a ponto dele se envergonhar do nome Filho ou de sua origem paterna. A sua porção não foi ter como seu pai – por incesto com uma irmã, ou por violação de uma filha ou da mulher de outro – um deus no formato de uma serpente, ou boi, ou ave, ou amante, para suas finalidades vis transmutando-se no ouro de Danaus. Estas são suas divindades, sobre as quais estas obras básicas de Júpiter foram feitas. Mas o Filho de Deus não tem mãe em nenhum sentido que envolva a impureza; ela, cujos homens presumem ser sua mãe da maneira comum, nunca havia entrado em laços de casamento. Mas, primeiro, devo discutir sua natureza essencial, e assim a natureza de seu nascimento será entendida. Já declaramos que Deus fez o mundo, e tudo o que ele contém, por sua Palavra, e Razão, e Poder. Está bastante evidente que os seus filósofos, também, consideram o Logos – isto é, a Palavra e a Razão – como o Criador do universo. Porque Zeno estabelece que Ele é o criador, tendo feito todas as coisas de acordo com um plano determinado; que seu nome é Destino, e Deus, e a alma de Júpiter, e a necessidade de todas as coisas. Cleantes atribui tudo isso ao espírito, o que ele defende permeia o universo. E nós, de igual modo, defendemos que a Palavra, a Razão e o Poder, pelo qual dissemos que Deus tudo fez, possui espírito em seu substrato próprio e essencial, no qual a Palavra tem inerência para apresentar pronunciamentos, e o propósito subsiste para dispor e ordenar. E o poder está sobre tudo para executar. Porque Deus, também, é um Espírito. Mesmo quando o raio é lançado do sol, ele ainda faz parte da massa de

origem, o sol ainda estará no raio, porque ele é um raio do sol – não há divisão de essência, mas simplesmente uma extensão. Portanto, Cristo é Espírito de Espírito, Deus de Deus, assim como a luz é acesa a partir da própria luz. Desta forma, também, como Ele é Espírito de Espírito e Deus de Deus, Ele se torna um segundo em seu modo de existência – em posição, não em natureza; e Ele não retirou nada da fonte original, mas veio dela. Este raio de Deus, então, como foi sempre predito nos tempos antigos, descendo sobre uma certa virgem, e transformado em carne em seu ventre é, em seu nascimento, Deus e homem unidos. A carne formada pelo Espírito é alimentada, cresce e chega à vida adulta, fala, ensina, trabalha, e é o Cristo.

ATANÁSIO (298-373 d.C.)

1. Mas não se pode deixar de ficar totalmente espantado pelos gentios, que, enquanto riem do que não é motivo para zombaria, se mostram insensíveis à sua própria desgraça, não percebendo que construíram algo mau para si, em uma forma estável como se estivesse edificada com varas e pedras.

2. Assim – como nosso argumento não carece de prova demonstrativa – coloquemo-los também em uma situação vergonhosa através de uma base razoável – principalmente a partir daquilo que nós mesmos também vemos. Porque o que existe do nosso lado que seja absurdo, ou digno de escárnio? É meramente nossa palavra de que o Verbo foi manifestado no corpo? Mas a isto até mesmo eles se unirão, reconhecendo que tal acontecimento não tem qualquer absurdo, mostrando-se amigos da verdade.

3. Se eles negam em absoluto que haja um Verbo de Deus, fazem isto gratuitamente, zombando daquilo que não conhecem.

4. Mas se confessam que há um Verbo de Deus, e que Ele é o governante do universo, e que nele o Pai produziu a criação, e que por sua Providência tudo recebe luz, vida, e existência, e que Ele reina sobre tudo, de forma que a partir das obras de sua providência Ele se torna conhecido, e através dele o Pai se torna

igualmente conhecido – considere, por favor, se eles não estão inconscientemente levantando a zombaria contra si mesmos.

5. Os filósofos dos gregos dizem que o universo é um grande corpo, e estão corretos. Porque vemos tanto a ele quanto ao seu caminho como objetos dos nossos sentidos. Se, então, o Verbo de Deus está no universo, que é um corpo, e uniu-se com o todo e com todas as suas partes, o que há de surpreendente ou absurdo se dissermos que ele também se uniu com o homem?

6. Porque se fosse completamente absurdo que Ele estivesse em um corpo, também seria absurdo que Ele estivesse unido ao todo, dando luz e movimento a todas as coisas por sua providência, porque o todo também é um corpo.

7. Mas se convém a Ele unir-se com o universo, e tornar-se conhecido no todo, também deve lhe convir estar em um corpo humano, que por Ele deve ser iluminado e funcionar. Porque a humanidade faz parte do todo, bem como todas as demais coisas. E se for impróprio que uma parte seja adotada como Seu instrumento para ensinar aos homens a respeito de sua Divindade deve ser ainda mais absurdo que Ele deva se tornar conhecido até mesmo por todo o universo [Capítulo XLI].

“No princípio, era o Verbo” (1.1). É provável que João, conscientemente, tenha duplicado as palavras de Gênesis 1.1, “No princípio... Deus”. O “princípio”, em cada caso, nos transporta para o passado além da Criação, em uma eternidade que só era habitada por Deus o agente ativo em todas as coisas que existia como Deus e com Deus.

Isto é enfatizado no texto pelo uso do termo en, “era” e “estava”. João usa este termo três vezes neste versículo, o tempo imperfeito do verbo eimi, em vez de uma forma do verbo egeneto. Eimi e en simplesmente descrevem a existência contínua; egeneto significa “tornar-se”. No princípio o Verbo, como Deus, já desfrutava de existência infinita, sem início e sem fim. A tradução de Knox exibe o sentido deste verbo, quando ele traduz a frase seguinte: “Deus tinha o Verbo morando consigo”.

Não conseguimos sequer começar a entender como Deus pode existir sem que haja um início. As Escrituras não tentam explicar, nem mesmo discutir o assunto. As Escrituras simplesmente afirmam que Deus é, era, e sempre será. E

João nos lembra ao começar seu Evangelho que jamais devemos nos esquecer de que Jesus, o carpinteiro de Nazaré, mestre e operador de milagres de Israel, Salvador crucificado e ressurreto, também é Deus encarnado. Eterno, imutável, imortal, o Deus único e sábio, a quem devemos honra e louvor para todo o sempre.

E o Verbo era Deus (1.1). Uma seita contemporânea, refletindo uma posição teológica adotada por hereges antigos, salienta que no grego o artigo definido "o" é encontrado com "Verbo" mas não com "Deus". Com base nisto os membros da seita argumentam que João ensina que Jesus era "um" Deus, mas não Deus. Uma divindade inferior, dizem eles, sim. Mas o Deus da eternidade? Nunca.

A falácia deste argumento é que ele se baseia no inglês em vez de se basear na gramática grega. Como o artigo "Qualitative Anarthrous Predicate Nouns" no Journal of Biblical Literature (Março de 1973) salienta, no grego a ausência do artigo com "Deus" enfatiza a qualidade. Portanto, João está claramente declarando que o Verbo possui a mesma qualidade que Deus, e é Deus!

Longe de abdicar de ter elevada visão da natureza de Jesus, João afirma fortemente a completa divindade deste Homem que era o Verbo encarnado!

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (1.3). Aqui há uma mudança distinta no verbo, do imperfeito de eimi nos versículos 1 e 2 para o aoristo de ginomai, "tornar-se". Aqui, como em toda a Escritura, João tem em vista um princípio para o mundo material, e para aqueles seres criados que povoam o universo espiritual. E João agora apresenta Cristo como o agente ativo nesta Criação.

Aqui está uma passagem do Novo Testamento que também afirma esta verdade: "O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e

invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Cl 1.15-17).

E aqui está uma passagem no Antigo Testamento, que prefigura a clara revelação do papel de Cristo na criação de todas as coisas: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito de sua boca... Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo. Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu" (Sl 33.6,8,9).

Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens (1.4). A palavra grega aqui é zoe, o que pode indicar o princípio da vida que vivifica o corpo, ou que se refere mais freqüentemente à vida e à vitalidade espiritual. Aqui João retrata o Verbo, Jesus, como a fonte de toda a vida, que dá a vitalidade, e a vida eterna e espiritual aos homens.

"Vida" é um dos temas favoritos de João; a palavra ocorre cerca de 36 vezes em seu Evangelho. O artigo sobre "vida e morte" no Zondervan Expository Dictionary of Bible Words traz o seguinte comentário sobre esta passagem:

O pecado humano foi a fonte da morte. Só Deus é a fonte da vida, porque Deus "tem a vida em si mesmo" (5.26). Qualquer outra vida é derivada. Como Criador, Deus é a fonte da vida biológica. O primeiro capítulo do Evangelho de João apresenta Jesus como o agente ativo na criação, e a fonte da vida no universo. "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.3,4).

Deus também é a fonte da vida eterna, a dinâmica espiritual que despedaça o poder da morte na personalidade humana. João registra as palavras de Jesus: "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que

os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo" (5.24-26).

Jesus também é a fonte da vitalidade para a experiência de vida eterna do crente aqui na terra. Como Paulo escreve, "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2.20; cf. Fp 1.21). De forma bastante clara, o ensino da Bíblia sobre a vida aponta para Jesus. Como o Mediador enviado por Deus, Jesus é a fonte na qual a vida eterna que vem de Deus pode ser encontrada (1 Jo 1.1,2).

De que modo esta vida é "a luz dos homens"? Somente tendo um vislumbre de esperança e convertendo-nos ao Salvador é que nós, seres humanos, poderemos receber a vida eterna.

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam (1.5). É difícil traduzir o verbo grego katelaben aqui. Ele pode significar "alcançar" ou "superar", bem como "compreender" ou "atingir". O problema é discernir qual é o significado que se aplica aqui, e como ele se encaixa naquilo que João está dizendo sobre a luz brilhando nas trevas.

"Luz" e "trevas" são outro par de opostos freqüentemente encontrados nos escritos de João. De forma real, o termo "trevas" representa o mundo dominado por Satanás, cujos habitantes perdidos são estimulados pelas mesmas paixões que o levaram à queda, e que, portanto, "amaram mais as trevas do que a luz" (3.19). Somente seguindo as palavras de Jesus e andando na luz é que um ser humano pode evitar que as trevas o "apanhem" (outra vez katelambano [12.35]).

Talvez isto nos dê a melhor pista para entendermos o sentido de João 1.5. A vida que pulsava em Jesus espargiu luz enquanto Ele viveu entre nós neste mundo, que é o reino de Satanás. As forças das trevas aglomeraram-se: Satanás, demônios, e até mesmo os líderes religiosos do povo de Deus, lutando para

apagar esta luz. No entanto, as trevas foram incapazes de extinguir ou vencer a luz.

Em Jesus, a luz de Deus continua a brilhar. E não importa que forças se disponham para a batalha contra o Salvador, as trevas jamais triunfarão sobre a luz!

Este veio para testemunho para que testificasse da luz (1.7). De forma superficial isto parece estranho. Por que alguém teria que “testificar” (marturesei, dar testemunho, esclarecer) a respeito de uma “luz”? Se há uma coisa que é óbvia em lugar escuro, é uma luz brilhando ali!

Mas, devemos nos lembrar de uma coisa. A luz brilhando no escuro só é óbvia para aqueles que podem ver! Os cegos não podem ver a luz, não importa quão claramente ela brilhe.

João foi enviado por Deus, como cumprimento profético, para clamar a uma geração que estava cega por causa do pecado, que o Redentor havia realmente vindo. Por causa do testemunho de João, muitos tatearam seguindo-o. E aqueles que ouviram as próprias palavras de Jesus, e creram, viram!

O mesmo acontece hoje. Jesus ainda é a luz do mundo. E aqueles que estão cegos pelo pecado ainda precisam de nós, para que testifiquemos a respeito dele, para que também possam crer – e ver.

Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo (1.9). Se o homem está perdido no pecado e cego para as realidades espirituais, como Jesus mostra em 9.39-41, o que João quer dizer ao falar do Verbo como a “verdadeira luz”, mencionando que Ele “alumia a todo homem”?

Uma solução é argumentar a favor de uma tradução alternativa que ligue o particípio “vem” com “luz” em vez de “homem”. Assim, o versículo significaria

que Cristo, a luz genuína, “ilumina a cada homem ao entrar no mundo”. Em vez de sugerir que todo homem tem luz, o versículo, deste modo, está dizendo que a luz genuína é aspergida sobre todos na vinda de Cristo.

Embora a frase acima seja provavelmente a melhor tradução para o versículo, a tradução da NIV possui implicações interessantes. Sabemos a partir de um estudo comparativo de religiões que muitas crenças do mundo compartilham elevada visão moral. O que os seres humanos realmente deveriam ser não é discutido naquilo que é conhecido como religiões “mais elevadas”. A diferença é que só o cristianismo afirma que não há nada que o homem possa fazer para ser recomendado a Deus, ou para merecer a salvação; mas que o amor de Deus pelos perdidos é tão grande que Ele sacrificou seu próprio Filho por nós.

Mas de onde, então, as religiões humanas extraem as inspirações morais que exibem? João pode estar dizendo que toda a luz genuína é espargida por Cristo, e que os vislumbres de verdade que os perdidos têm, são oriundos da graça inigualável de Deus.

Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu (1.10). No texto original, o termo “mundo”, kosmos, vem primeiro em todas as três frases, e cada uma delas exibe um aspecto diferente do relacionamento do Verbo com seu universo e com seus habitantes.

O Verbo estava “continuamente” (porque assim o imperfeito indica) no mundo. Aqui João quer que entendamos que a Encarnação foi um envolvimento especial do Verbo com sua criação, mas que em nenhum momento antes da Encarnação o Verbo deixara de manter sua presença entre nós. Na revelação de Deus através da natureza, na Lei de Moisés, e nas vozes dos profetas, o Verbo tornou sua presença conhecida.

O Verbo fez o mundo. Sua própria existência dependia de seu ato criativo e sustentador. Este era e é seu mundo, em sentido mais profundo.

No entanto, o mundo se recusou a (ou falhou em) reconhecer o Verbo quando Ele veio viver entre nós. E aqui temos uma mudança delicada na conotação de kosmos. Em seu sentido teológico, o termo kosmos no NT retrata a sociedade

humana separada de Deus, uma rede de relacionamentos e instituições estimulados pelas mesmas paixões que levaram à rebelião de Satanás contra o Senhor. Quando usado sem este toque teológico, kosmos concentra nossa atenção na terra, não como planeta, mas como biosfera, um sistema infinitamente bem organizado criado por Deus que com vida animada e inanimada incorpora a humanidade como elemento essencial. E assim João nos lembra de que, como o Verbo, Cristo sempre esteve envolvido no tecido complexo deste planeta. Como o Verbo, Cristo é realmente seu Criador. Mas quando o Verbo, Jesus Cristo, esteve na terra, a humanidade – a coroa da criação – se recusou a reconhecê-lo.

Todo o universo dá testemunho do Verbo. Somente o homem se recusa a reconhecer seu papel ou a adorá-lo.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (1.11). Na primeira frase, o termo “seu” é plural neutro: suas próprias coisas, ou sua criação. A segunda frase difere: agora “os seus” [pessoas] estão em vista. No primeiro caso João provavelmente está pensando nos judeus, escolhidos de Deus, que não só se recusaram a reconhecer o seu Messias, mas decisivamente o rejeitaram. No segundo, porém, este versículo abrange toda a humanidade, porque tudo e todos pertencem a Ele por direito de criação, e Ele chama todos os seus em sua oferta universal de graça.

Mas a todos quantos o receberam... aos que crêem no seu nome (1.12). “Crer” é talvez a palavra mais importante no Evangelho de João. Ao se aproximar do fim de seu relato único de Jesus, o apóstolo conclui: “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20.31).

Mas o que significa “crer”? Em 1.12, João fornece uma definição preliminar igualando “crer” a “receber”. Que imagem clara é esta. O que você e eu podemos fazer para obtermos um dom? Simplesmente estendermos nossas mãos e apanharmos o que é oferecido. Ao respondermos a uma oferta, ao estendermos

as mãos para a apanharmos, nós expressamos nossa confiança no doador, e nossa confiança em sua promessa.

Filhos de Deus – os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus (1.12,13). João aqui retrata uma admirável mudança de posição. A fé nos transforma de meras criaturas de Deus, em filhos: membros de sua família, filhos e filhas do Pai Celestial. O versículo prossegue, deixando muito claro que este relacionamento não depende de nenhum acidente de nascimento ou relacionamento biológico. É espiritual, um relacionamento que depende de renascimento interior que é, em si mesmo, uma obra sobrenatural de Deus. J. B. Phillips parafraseia: “Estes eram homens que verdadeiramente creram nele, e o nascimento deles não dependeu da descendência natural, nem de qualquer impulso físico ou de algum plano do homem, mas de Deus”.

O tema de um novo nascimento é introduzido aqui. Porém ele é desenvolvido posteriormente nas conversas de Jesus com Nicodemos (cap. 3).

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (1.14). Há uma importante transição aqui. João começou afirmando que desde o princípio o Verbo era Deus. Agora João nos diz que este Verbo se fez carne. Note que não há nenhuma sugestão aqui de que a Divindade tenha entrado temporariamente em um ser humano existente. Não, o grande mistério dos séculos é declarado aqui: o Verbo eterno tornou-se um ser humano, aceitando as limitações sob as quais nós vivemos, estando sujeito às condições que a natureza e a história impõem aos homens comuns. João faz freqüentes alusões a estas limitações, como, por exemplo, em 3.17; 6.38-42; 7.29; 8.23; 9.5; 10.36, e 16.28, lembrando-nos de que a realidade da Encarnação não é conceito filosófico abstrato, mas foi para Jesus uma realidade experimental.

Quanto a João, ele testifica que, na Encarnação, viu a glória de Deus revelada na Pessoa de seu Filho unigênito.

[Que veio] do Pai, cheio de graça e de verdade (1.14). Esta expressão

significativa, “graça e verdade”, é repetida no versículo 17, onde a graça e a verdade trazidas por Jesus são colocadas em contraste com a Lei que foi dada através de Moisés. João não quer destacar que a Lei era algo diferente de um dom divino. O que ele quer mostrar é que enquanto a Lei exibia a justiça de Deus para todos, Cristo exibe a graça de Deus para todos. E a verdade revelada em Jesus Cristo tem uma autoridade que ultrapassa a autoridade da verdade revelada através de Moisés.

Posteriormente Paulo explora completamente o relacionamento entre a Lei e a Graça (veja o Índice). Aqui João simplesmente afirma que, através de Cristo, ocorreu uma nova revelação do caráter e do plano de Deus, uma revelação que tem precedência sobre todas aquelas que foram dadas anteriormente.

Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer (1.18). “Deus” é anarthrous Theon, que poderia ser mais bem traduzido como “divindade”. O que João quer dizer é que a capacidade limitada do homem torna impossível, para os seres humanos, perceber a natureza essencial de Deus. Mas o Filho, o Verbo que se fez carne, “explicou” ou “interpretou”, exgesato, Deus para nós através da Encarnação. O ensino e os atos de Jesus são adequados não só para nos comunicar quem Deus é, mas também para nos levar à sua própria presença.

Em Jesus, e através de Jesus, os seres humanos ainda se encontram com o Deus vivo, e aqueles que respondem com fé recebem a vida eterna.

JOÃO 1.19–4.42

O Novo Chegou

EXPOSIÇÃO

-

João iniciou seu Evangelho com uma série de afirmações ousadas (1.1-18). O verbo eterno fez-se carne e viveu durante algum tempo entre os homens como ser humano real. Nesta encarnação o eterno Filho de Deus revelou a verdadeira natureza da Divindade, e ofereceu um surpreendente novo relacionamento com Deus a todos aqueles que o recebem pela fé. Deus havia falado anteriormente à humanidade por meio de Moisés, mas agora uma nova revelação "cheia de graça e de verdade" supera a mensagem anterior de Deus aos homens. Posteriormente, o autor da carta aos Hebreus retomará a este tema, e indicar que, embora Moisés fosse servo fiel na casa de Deus, o Filho é o proprietário e o arquiteto. Conseqüentemente, quando o Filho revelar sua autoridade definitiva, sua autoridade com justiça superará aquela da mensagem anterior. Agora, com sua base estabelecida, João prossegue explorando o novo que chegou em Cristo, o

Verbo encarnado, o Filho e Revelador do Deus vivo.

João ordena cuidadosamente suas evidências, primeiramente descrevendo testemunhas que dão testemunho do novo (1.19-51). Estas testemunhas incluem João, o precursor da profecia do Novo Testamento (1.9-28); o Espírito Santo, que apareceu na forma de uma pomba no batismo de Jesus (1.29-34); e André e Filipe, que depois de breves momentos com Jesus o reconheceram (1.35-51).

A seguir João narra dois incidentes que ilustram a superioridade do novo (2.1-25). Num casamento em Caná, Jesus transforma a água em vinho (2.1-11). A bebida normal das pessoas é transmutada para tornar-se o líquido associado com celebrações e alegria – o líquido bebido nos dois Testamentos com o banquete que inicia o reino escatológico vindouro de Deus. A seguir, Jesus maravilha os observadores ao expulsar os cambistas do templo de Jerusalém (2.12-25). Este ato é uma expressão do julgamento divino sobre a adoração corrupta, e é também uma promessa. O novo chegou, e as implicações positivas dos atos de Jesus são feitas explícitas em Mateus 21.13: "A minha casa será chamada casa de oração".

Mas qual é a natureza do novo? João agora apresenta Nicodemos, membro importante do Sinédrio, que vem

até Jesus para uma discussão particular sobre os ensinamentos do jovem Rabi (3.1-36). Por meio do diálogo entre Jesus e este governante de Israel (3.1-21), João revela que o "novo" que Jesus traz é um "novo nascimento", uma renovação espiritual tão fundamental que produz mudança completa no relacionamento da pessoa com Deus e em seu destino eterno. Uma renovação cujas implicações João esforça-se para explicar depois de relatar a conversa (3.22-36).

Finalmente, João nos conta outra história – a história familiar de uma mulher samaritana que Jesus encontra junto a um poço, e com quem conversa (4.1-42). Esta história nos mostra que o impacto do novo está destinado a ser sentido além das fronteiras antigas, trazendo esperança aos gentios, além dos judeus.

Sim, na encarnação de Jesus Cristo o novo chegou. Em Cristo a alegria da celebração, a glória da adoração, a vitalidade da renovação espiritual e a certeza da vida eterna, tudo isto se tornou nosso.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Os judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? (1.19). João usa a expressão “os judeus” de uma maneira distinta. No Evangelho de João a expressão não é uma descrição étnica nem religiosa, mas sim a maneira como João distingue o povo judeu dos líderes religiosos judeus, que se opunham ativamente a Jesus (10.24,31; 18.14,31,36,38). Mesmo aqui, não é pejorativa, mas sim descritiva.

Não se deve nunca imaginar que o Novo Testamento é anti-semita, ainda que a maioria dos líderes judeus do século I fosse anticristã. Paulo expressa a atitude apropriada que os cristãos deviam ter em relação ao povo judeu em Romanos 10.1: “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação”.

És tu Elias? ... És tu o profeta? (1.21). As duas perguntas refletem as crenças comuns no judaísmo do século I que estavam enraizadas no Antigo Testamento. A primeira pergunta reflete a crença popular de que Elias iria ungir o Messias, e este ato revelaria sua identidade. A negação de João reflete sua compreensão e não deve ser interpretada como contradizendo os ensinamentos de Jesus sobre João (Mt 11.7-15).

A segunda pergunta está baseada na expectativa de que um profeta que cumprisse a profecia de Deuteronômio 18.15,18 apareceria e duplicaria os milagres do Êxodo e assim reconquistaria a Terra prometida. Aqui o “não” de João novamente reflete sua compreensão, embora alguns vejam em sua resposta uma rejeição da teologia popular.

O fato é que poucos de nós entendemos o papel que desempenhamos no grande plano de Deus. João era mais importante do que ele suspeitava, embora reconhecesse sua missão de convocar Israel de volta a Deus, em preparação para a vinda do Messias. Você e eu também podemos ser mais significativos para a realização dos propósitos de Deus do que suspeitamos!

E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus (1.34). Por toda a história bíblica os profetas tinham o privilégio de ter visões de realidade espiritual invisíveis aos demais. Agora, este último entre os profetas do Antigo Testamento recebe a mais maravilhosa entre todas as visões: ele viu Jesus como o Filho de Deus.

Nisto nós compartilhamos da visão de João e de seu ministério. A realidade sobre quem é Jesus permanece oculta para um mundo que utiliza seu nome tão levianamente. Mas nós vimos e, portanto, devemos testemunhar. Jesus é o Filho de Deus.

Ele lhes disse: Vinde e vede. Foram, e viram onde morava, e ficaram com ele aquele dia (1.39). Esta experiência foi suficiente para convencer André. O texto nos diz que "A primeira coisa que André fez" (1.41, NTLH) foi procurar Pedro e anunciar entusiasticamente: "Achamos o Messias".

Como é maravilhoso quando você e eu podemos dizer a alguém: "Vinde, e vede". Jesus está no céu, mas por meio de seu corpo aqui na Terra Ele mantém uma presença viva em nosso mundo perdido. Quando nossas congregações estiverem cheias do amor e da presença de nosso Senhor, nós poderemos com alegria convidar os curiosos para que venham, sabendo que no calor dos relacionamentos de amor que marcam as pessoas em quem Jesus agora vive, eles o verão – e o encontrarão.

Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? (1.46). Nós precisamos interpretar esta observação como uma exclamação. Certamente era improvável o desprezo cruel que os líderes religiosos demonstravam ao rejeitar o povo comum com a observação "esta multidão, que não sabe a lei, é maldita" (7.49).

Na verdade, a exclamação reflete uma surpresa que teria sido compartilhada por muitos na Judéia, com a idéia de que a Galiléia, que ficava ao sul da Judéia, pudesse ser a origem de qualquer movimento religioso significativo. Esta atitude reflete-se na posterior censura feita a Nicodemos (7.52), mas também em observações atribuídas a sábios de nossa era. Supõe-se que Rabban Johanan ben Zakkai tenha dito: “Oh, Galiléia! Oh, Galiléia! Você odeia a Torá! No final, você estará fadada a cair nas mãos dos mesiquin”. Em outro diálogo famoso o rabino Simlai teria visitado o rabino Jonathan para debater algum haggadah. O último teria respondido:

Eu tenho a tradição dos meus antepassados que não incentiva o ensino da haggadah aos da Babilônia ou aos do sul (por exemplo, o povo da Galiléia), pois eles são ignorantes em espírito e não conhecem a Torá, e o senhor está qualificado em ambos os aspectos: o senhor vem de Hehardea e vive no sul.

Em vista da visão predominante daqueles que viviam na Judéia, que era reconhecidamente o coração e centro intelectual do pensamento judaico na época de Cristo, a surpresa de Natanael talvez seja compreensível.

Como é fácil que nosso pensamento seja modificado pela opinião popular. E como é freqüente que esta opinião popular esteja errada!

Antes que Filipe te chamasse, te vi eu estando tu debaixo da figueira (1.48). Uma sugestão interessante é oferecida por um comentarista árabe cristão, que interpreta esta frase como uma expressão idiomática, que significa “Eu conheço você muito bem”. Mas a frase “antes que Filipe te chamasse” parece definir um contexto específico naquele tempo presente. Jesus simplesmente está afirmando uma verdade: embora não pudesse ser visto, Jesus conhecia o lugar onde eles haviam se encontrado e estava ciente daquele episódio. O Antigo Testamento contém precedentes. Elias sabia o que estava acontecendo com os conselheiros do rei da Síria, embora ele ainda estivesse em Israel (2 Rs 6.8-12); Ezequiel, na Babilônia, estava plenamente ciente dos eventos que ocorriam em Jerusalém (Ez 8). Natanael, homem de fé sincera, indubitavelmente viu na afirmação de Jesus a

mesma marca de aprovação divina que se evidenciava nos antigos profetas, e sem hesitar aceitou esta confirmação do testemunho de seu irmão Filipe.

Esta reação também é evidência de que Jesus conhecia bem Natanael quando Ele disse: “Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo”, oude estin en to stomatai autou dolos. A expressão em grego diz literalmente, “Não há fraude em sua boca”, e sugere não simplesmente que Natanael não é fraudulento ou enganador, mas que em sua completa honestidade ele não procura enganar ou fraudar os outros. Certo fariseu, ao ouvir Jesus falar de tê-lo visto sob alguma figueira distante teria ponderado, perplexo, e imaginado de qual truque teria Jesus lançado mão para obter seu conhecimento. Natanael aceitou o testemunho de Jesus, e acreditou.

Como nós precisamos de Natanael hoje em dia! Aceitar a Jesus somente por sua palavra, e reagir com fé, é a chave para o crescimento e o poder espiritual.

Mulher, que tenho eu contigo? (2.4). A expressão em grego, ti emoi kai soi, quer dizer literalmente “o que [isso] tem a ver comigo ou com você?” Sua ambigüidade levou a uma variedade de explicações. Certo comentarista sugere que Jesus quer dizer “o que isso tem a ver conosco?”, e sugere que, de acordo com o costume da época, os convidados faziam turnos comprando o vinho que seria bebido por todos pela saúde da noiva e do noivo. Ele supõe que Maria, ao dizer a Jesus que o vinho estava prestes a acabar, estava insistindo para que Ele realizasse o dever de um convidado, e comprasse a próxima rodada. A resposta de Jesus poderia simplesmente querer dizer “Não é a minha vez!”

Embora esta seja uma interessante visão da cultura, provavelmente existem melhores traduções para a frase. Por exemplo, Cristo poderia estar perguntando gentilmente a Maria por que ela está falando a Ele sobre uma necessidade que Ele já entendeu e pretende satisfazer. Neste caso, as instruções de Maria para os servos são mais compreensíveis. Jesus não negou seu pedido, mas pretendia satisfazer a necessidade sem a intervenção de sua mãe (esta versão terá mais apoio dos evangélicos, que se ressentem do uso que a Igreja Católica faz desta

história como uma base para as orações à Virgem Maria. Seguindo esta linha equivocada de raciocínio, Jesus certamente atenderia qualquer pedido dela hoje, como fez em Caná, na Galiléia!)

Mas ainda há outra possibilidade. Jesus está prestes a realizar o primeiro dos seus miraculosos sinais: um sinal que revelará sua glória e fazer com que os seus discípulos “creiam nele” (2.11). Há muito tempo, quando criança, Jesus insistia: “me convém tratar dos negócios de meu Pai” (Lc 2.49). No entanto, Jesus voltou a Nazaré e viveu durante sua infância na casa de Maria e José. Mas agora, finalmente, Ele está prestes a iniciar-se nos negócios do Pai, mesmo que a hora final deste serviço esteja distante no futuro. Gentilmente, Jesus rejeita a intervenção de Maria: Mulher, o que isso tem a ver comigo ou com você? Mulher, agora nenhum relacionamento terreno pode me deter, pois por fim Eu estou me iniciando nos negócios do Meu Pai.

Maria agora se curva ao seu filho, e diz aos servos: “Fazei tudo quanto ele vos disser” (2.5). Agora Jesus submete-se somente ao Pai, e, por causa disso, toda a humanidade submete-se a Cristo como Senhor.

Chegará um momento, para nós também, em que afirmaremos os laços do dever para com Deus que supera qualquer relacionamento querido para nós. Quando este momento chegar, nós perceberemos que somos chamados, como Jesus foi, para colocar a vontade de Deus em primeiro lugar e servi-lo todos os dias de nossa vida.

E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas (2.16). Os pombos eram os sacrifícios que Deus, em graça, permitia àqueles que eram muito pobres para trazer um cordeiro ao altar do templo. Um estudo fascinante das circunstâncias econômicas do povo da Jerusalém do século I observa que os preços das frutas eram entre três a seis vezes mais caros na cidade do que no campo! Mas isto não se pode comparar com os preços inflacionados exigidos em Jerusalém pelos pombos para sacrifício, que eram aproximadamente cem vezes mais do que se cobrava nas áreas rurais! A casa de Deus não havia somente sido convertida em um mercado por aqueles comerciantes que compravam e vendiam ali sob a proteção dos príncipes dos sacerdotes. Ela havia se transformado num mercado, onde os pobres, para quem a lei de Deus fazia a provisão necessária, tornavam-se vítimas

de extorsão!

Muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome (2.23). O tempo imperfeito de “fazia” indica uma ação continuada. O que o original sugere é que enquanto Jesus continuava a realizar sinais miraculosos, seus atos continuavam a gerar determinado grau de fé. O fato de que isto não representava um comprometimento para Jesus como Senhor está claramente indicado pelo próximo versículo: “Mas o mesmo Jesus não confiava neles” (2.24).

É improvável que uma fé que se baseia somente no que é visível sobreviva.

E os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque suas obras eram más (3.19). Tanto aqueles que respondem a Cristo quanto aqueles que o rejeitam viveram nas trevas. Mas a diferença radical entre os perdidos e os salvos é demonstrada cada vez mais claramente na reação de cada grupo à luz. Os perdidos fogem, rastejando em direção a trevas cada vez mais profundas, não somente porque suas obras são más, mas porque eles não têm vontade de serem expostos pelo que são, e têm vergonha disso. Os salvos deixam o mal cada vez mais para trás; reagem à luz porque estão cientes de que suas obras “são feitas em Deus” (3.21). Como é maravilhosamente libertador dar as boas vindas à luz. Como é amedrontador ser levado cada vez mais às trevas profundas.

É necessário que ele cresça e que eu diminua (3.30). Exaltar a Cristo, ao invés de a nós mesmos, é uma verdadeira dimensão da grandeza!

Aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece (3.36). Esta é a única passagem nos textos de João em que “ira”, a hostilidade consciente e determinada de Deus em relação ao pecado, é mencionada. Uma ira distinta de Deus é, entretanto, ensinada em outras passagens do Antigo e do Novo Testamento.

A Bíblia conserva uma visão positiva da ira de Deus. Ela só é motivada pelo pecado, e mais freqüentemente por pecados que são afrontas diretas (Êx 32.7-12; Nm 32.10; Dt 11.16,17), ou que envolvem o tratamento injusto de outras pessoas (Êx 22.22-24). Assim, a ira de Deus não é somente justa, mas está expressamente em harmonia com sua compaixão, seu amor, seu comprometimento para com a justiça e sua ansiedade por perdoar. Assim, Deus é retratado nas Escrituras como "tardio em irar-se" (cf. Êx 34.6; Sl 86.15).

Em vista de tudo isto, Deus permanece empenhado em expressar sua ira em relação ao pecado. Ele o faz no julgamento cuidadoso, refletido e justo dos pecadores, que terá lugar quando Cristo retornar. Como está dito em 2 Tessalonicenses 1.9: "Por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória de seu poder".

O capítulo 3 do Evangelho de João é acertadamente conhecido por sua grande afirmação de que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito" (3.16). Mas, em meio à gratidão que brota dentro de nós quando contemplamos o grande presente de Deus, não devemos nos esquecer de que este mesmo capítulo adverte àqueles que não respondem ao amor, de que eles devem então temer a ira de Deus.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

João Batista nega ser o Cristo (1.19-34). Veja também o comentário sobre Mateus 3.13-17; 11.1-30 e a passagem correspondente em Marcos 1.1-8.

Contexto. As perguntas feitas pela delegação de líderes religiosos de Jerusalém tratam de um assunto vital (1.19). João saíra repentinamente do deserto, vestido como um "Elias dos últimos dias", e gritava avisos que ecoavam o santo fervor dos antigos profetas de Deus. Rapidamente, ele atraiu multidões entusiasmadas, pois anunciava que o reino de Deus estava próximo. E ele insistia com o povo de Deus sobre uma mudança radical no coração, para que eles pudessem estar preparados para entrar naquele reino, quando ele chegasse.

A delegação de Jerusalém simplesmente exigia a resposta para “Quem é você? “Qual é seu papel no plano de Deus?” João rejeitou as sugestões de que ele poderia ser o Cristo, ou o profeta que a crença popular esperava que aparecesse na era messiânica (veja o Estudo da Palavra sobre João 1.21, acima). Em lugar disso, João identificou-se como “a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor” (1.23). Esta resposta é uma citação do profeta Isaías (40.3), uma citação que se aninha entre as palavras “Consolai o meu povo” (40.1) que iniciam a segunda metade daquela grande obra profética.

No decorrer da passagem, Isaías diz:

Tu, anunciador de boas-novas a Sião,

sobe a um monte alto.

Tu, anunciador de boas-novas a Jerusalém,

levanta a voz fortemente;

levanta-a, não temas

e dize às cidades de Judá:

Eis aqui está o vosso Deus.

Eis que o Senhor Jeová virá como o forte,

e seu braço dominará;

eis que seu galardão vem com ele,

e seu salário, diante de sua face.

Como pastor, apascentará seu rebanho;

entre os braços, recolherá os cordeirinhos

e os levará em seu regaço;

as que amamentam, ele as guiará mansamente (Is 40.9-11).

O que é significativo aqui é o fato de que a ênfase de Isaías não está na vinda da era messiânica, mas sim na vinda da Pessoa messiânica; o “Senhor Jeová”, soberano, que apesar de seu impressionante poder curvar-se-á, como um pastor, para recolher os cordeirinhos em seus braços.

O próprio João Batista mais tarde foi incapaz de separar estes dois temas, como demonstra seu questionamento a respeito de Jesus (Mt 11.3). Mas neste Evangelho, João inquestionavelmente enfatiza o testemunho de João Batista como testemunho da Pessoa do Messias: “tenho testificado que este é o Filho de Deus” (1.34).

Então, como devemos entender a pregação relatada nos outros Evangelhos que constitui um chamado tão claro e urgente para o arrependimento? Uma vez que o ministério da linguagem em Isaías é o de preparar o caminho para a Pessoa do Messias mais do que para a era do Messias, nós precisamos encarar aquela pregação como uma pré-evangelização. Ela era como uma pregação que tem o objetivo de eliminar aquelas defesas que nos isolam da consciência de nosso próprio pecado e de nossas necessidades e, ao fazer isso, preparava as pessoas para que ouvissem a mensagem de Deus sobre o perdão do pecado, que é gratuito e completo.

Interpretação. Embora João não faça um sumário da pregação de João Batista, os outros autores do Evangelho o fazem. E é apropriado examinar aqui suas descrições:

E este João tinha sua veste de pêlos de camelo e cinto de couro em torno de seus lombos e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre. Então, ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi,

pois, frutos dignos de arrependimento e não presumais de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também, agora, está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo.

E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar suas sandálias (Mt 3.4-11).

Apareceu João batizando no deserto e pregando o batismo de arrependimento, para remissão de pecados. E toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados. E João andava vestido de pêlos de camelo e com um cinto de couro em redor de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestre, e pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias (Mc 1.4-7).

Dizia, pois, João à multidão que saía para ser batizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai, porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão. E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo.

E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois?

E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, que faça da mesma maneira.

E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer?

E ele lhes disse: Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado.

E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo.

E, estando o povo em expectação e pensando todos de João, em seu coração, se, porventura, seria o Cristo, respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu…

(Lc 3.7-16).

Comparando estas passagens, nós observamos importantes elementos comuns:

João Batista identifica os pecados bruscamente. João não hesita em identificar o pecado como pecado, e os pecadores como pecadores. Eufemismos modernos, como “literatura adulta”, “estilos de vida alternativos” e “o direito que uma mulher tem sobre seu próprio corpo” não tinham lugar no vocabulário de João Batista. Em nossos dias, João falaria corajosamente, chamando o “adulto” de imoral, o “estilo de vida alternativo” de depravação sexual, e o aborto de assassinato de uma pessoa não nascida cuja característica única está definida no padrão cromossômico de cada célula. Não havia maneira de disfarçar o pecado, pois João sem hesitar designava cada ato pelo que ele realmente era.

No entanto, é importante observar aqui que as palavras de João eram ditas para a multidão, e não para as pessoas. Ao falar como o fazia, ele forçava sua sociedade a confrontar os padrões de justiça de Deus, recusando-se a permitir que ela se escondesse por trás de palavras que disfarçavam a verdadeira natureza dos seus atos. Quando as pessoas perguntavam a João o que elas deveriam fazer, suas respostas indicavam-lhes os princípios, há muito tempo, estabelecidos na Lei Mosaica.

João Batista desafia as suposições religiosas. Era comum, no judaísmo do século I, supor que a descendência biológica de Abraão era suficiente para assegurar a presença diante de Deus. João não somente negou esta suposição, mas confrontou diretamente aqueles que baseavam sua expectativa da graça de Deus na fidelidade que demonstravam em relação à tradição.

Nos dias atuais, as pessoas adotam vendas semelhantes, imaginando que se Deus existe, Ele é “tão bom” que deve deixar passar as falhas humanas e dar

fervorosas boas-vindas a qualquer pessoa que professe até mesmo conhecimento superficial através de qualquer tipo de religião. O Deus da Bíblia, que exigiu completa fidelidade a si mesmo, quando se revelou, é ao mesmo tempo estranho e repulsivo à nossa população. Como João Batista lembrava às pessoas de seu tempo, os seres humanos precisam procurar relacionamento com Deus nos termos que Deus estabelece. Como é tolo insistir para que Deus aceite nossas condições, como se o relacionamento com Deus fosse favor que oferecemos a Ele e não dádiva de graça que Ele nos oferece.

João Batista adverte sobre o julgamento que se aproxima. Muitos que reconhecem que suas ações são erradas simplesmente encolhem os ombros e dizem "E daí?" João Batista pregava às pessoas numa sociedade que acreditava na bênção e no julgamento divinos. Mas mesmo naquela sociedade o julgamento parecia tão distante a ponto de ser irrelevante às decisões de cada dia. O pensamento: "Quem sabe algum dia Deus desejará que lhe prestemos contas, mas certamente isso não será agora", sem dúvida, isolou muitos do medo da retribuição justa por atos de pecado. João Batista pregava julgamento iminente: a "ira que está para vir" está próxima, pois "já está posto o machado à raiz das árvores" (Lc 3.7,9).

Como foi fascinante a reação de nossa sociedade àqueles que viam o flagelo da AIDS como uma expressão do julgamento divino – do machado de Deus, já atingindo a raiz do pecado em nossa sociedade. A mera sugestão de uma coisa destas provoca acusações indignadas de falta de sensibilidade e de preconceitos. Não importa que a maioria dos casos seja de conseqüências das escolhas das vítimas, ao se envolverem em atividades ilegais ou imorais. Nossa sociedade tenta desesperadamente negar o princípio da responsabilidade pessoal pelos atos de alguém e por suas conseqüências, e com o mesmo desespero nega a verdade com a qual João Batista confrontou os seus ouvintes: este é um universo moral, e Deus julga, e com absoluta certeza julgará.

João Batista indica Cristo aos homens. Cada Evangelho esclarece este ponto. Quando João Batista falava, ele indicava aos seus ouvintes aquele que vinha

depois dele; aquele que ele identifica no Evangelho de João como “Cordeiro de Deus” (1.29) e “Filho de Deus” (1.34).

Este é o objetivo de toda a pré-evangelização: despertar os seres humanos para a realidade de sua condição, para que eles estejam prontos para ouvir, e responder a Jesus Cristo.

Aplicação. Um estudo do ministério de João Batista nos lembra de quantas más interpretações existem em qualquer sociedade, que cegam os homens às boas novas do Evangelho. A pregação de João Batista não pretende servir de modelo para nossa evangelização pessoal, mas é um lembrete de que os cristãos, individualmente e unidos como a igreja, precisam confrontar estas más interpretações de nossa sociedade com aquelas verdades impopulares, mas ainda assim vitais, que preparam homens e mulheres para responder ao Evangelho de Jesus Cristo.

Jesus transforma a água em vinho (2.1-11). Veja o Estudo da Palavra sobre João 2.4, acima.

Contexto. O fato de que as grandes talhas que João menciona fossem de pedra (2.6) é significativo e indica que a água que eles continham era provavelmente usada para a purificação ritual, pois recipientes de pedra, ao contrário dos de barro ou metal, não contraem “impurezas”. Assim, a transformação desta água em vinho tem significado simbólico: a água que representava a religião do Antigo Testamento foi transmutada por Jesus em um vinho que representava a abundante bênção de Deus. A validade deste símbolo está estabelecida nas Escrituras, que freqüentemente retratam o reino escatológico de Deus como um banquete (Mt 5.6; 8.11,12; Mc 2.19; Lc 22.15-18), do qual uma característica básica era a profusão de vinho (cf. Is 25.6).

Simbolismo semelhante é encontrado nos comentários que Filo, o filósofo judeu do século I, faz sobre Melquisedeque. Em Leg. Alleg. 3.79, Filo escreve que Melquisedeque “trará vinho em lugar de água e dará às nossas almas uma bebida pura, para que elas possam tornar-se possuídas por aquela divina intoxicação que é mais sóbria que a própria sobriedade”.

Ao transformar a água que representa a antiga economia em vinho que representa a vinda do reino de Deus, Jesus “manifestou sua glória, e os seus

discípulos creram nele” (2.11).

UMA OBSERVAÇÃO SOBRE O VINHO

Um dos argumentos mais infrutíferos é apresentado por aqueles que estão determinados a transformar o vinho em suco de uva não fermentado. Uma vez que a embriaguez e o alcoolismo são flagelos de nossa época, há suficientes testemunhos diretos contra eles nas Escrituras para apoiar a posição dos mais apaixonados “proibicionistas”, sem necessidade de negar o papel do vinho das celebrações do século I, e no simbolismo bíblico. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words fornece uma boa explicação sobre este tema. Parte do artigo encontrado ali sobre o vinho diz o seguinte:

Há duas palavras hebraicas traduzidas como “vinho” nas versões NIV e NASB: tiros e yayin. Tiros é o “vinho novo”, o produto não fermentado das vinhas. No AT ele é associado com as bênçãos (por exemplo, Dt 7.13; 11.14; 2 Rs 18.32) e era produto importante para a economia agrícola. Yayin é o vinho fermentado, que nos tempos bíblicos continha entre 7 a 10 por cento de álcool. Na época do NT os rabinos exigiam que esse vinho fosse diluído em água quando usado na Páscoa. Mas os vinhos fermentados eram bebidos nas festas, dados como presentes (1 Sm 25.18; 2 Sm 16.1), e usados em ofertas a Deus (Êx 29.40; Lv 23.13; Nm 15.7). Apesar disso, o AT pede moderação e rejeita tanto a embriaguez quanto o amor pela bebida (Pv 20.1; 21.17; 23.20). Os dois lados do uso do vinho – o uso abusivo e o apropriado – são visto em Amós: o povo de Deus era condenado pelos pecados associados com o vinho (Am 2.8,12; 5.11; 6.6) e, nos últimos capítulos, que estão repletos de promessas de restauração, o povo teve a promessa de que o vinho seria destilado pelos montes (Am 9.13), e ainda: “plantarão vinhas, e beberão seu vinho” (versículo 14).

A palavra grega para vinho é oinos. Referências no NT mostram o mesmo apreço pelo vinho, e a mesma condenação de seu uso abusivo, como no Antigo Testamento.

Jesus Purifica o Templo (2.12-25). Veja o Estudo da Palavra em Marcos 11.15, e a passagem paralela em Mateus 21.12-17.

Jesus Ensina Nicodemos (3.1-21)

Contexto. O texto identifica Nicodemos como "mestre de Israel" (ho didaskalos tou Israel, literalmente o professor de Israel). Isto indica que ele não era um rabino comum, mas membro do Sinédrio, e possuía um lugar na hierarquia teológica bem definido, embora difícil de definir na atualidade. O fato de que a entrevista tenha tido lugar à noite não implica necessariamente em segredo, como alguns sugeriram, mas que Nicodemos escolheu uma hora em que pudesse falar com Jesus em particular. O que é mais revelador pode ser a observação inicial de Nicodemos: "Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele" (3.2). Isto não deve ser interpretado como mera cortesia. Na verdade, indica que desde o início do ministério de Jesus, a elite religiosa sabia que Cristo falava com autoridade que lhe era conferida por Deus.

Nada, nas palavras de Nicodemos, sugere hostilidade. Em lugar disso, parece haver desejo sincero de ouvir dos lábios do próprio Jesus qual pode ser a mensagem de Deus por meio deste novo rabino. Nisto, Nicodemos não se parecia em nada com a maioria dos seus colegas. Eles sabiam que os milagres que Jesus realizava eram sinais que lhe davam a autenticidade plena como mensageiro de Deus. Ainda assim, eles conscientemente fechavam seus corações e suas mentes a Jesus, vendo-o não como a brilhante esperança de Deus para o amanhã, mas como uma ameaça hoje à sua posição e autoridade.

Na comparação, Nicodemos cresce. Não nos causa nenhuma surpresa ver a tentativa de Nicodemos de manifestar-se a favor de Deus (7.50), ou ao descobrir tradições antigas que sugerem que ele posteriormente se tornou cristão.

As questões a respeito de Nicodemos são, naturalmente, menos significativas do que as maravilhas que Jesus revelou a ele. Mas nós precisamos ver no diálogo que se segue a fervorosa tentativa de um homem honesto para compreender conceitos que, apesar de seus profundos comprometimentos religiosos, ou quem sabe por causa deles, claramente não entendia.

Interpretação. O relato divide-se em duas partes: a narrativa da essência da conversa entre os dois homens (3.1-15) e a meditação atenta que João faz sobre seu significado (3.16-36).

O diálogo: Jesus faz uma série de afirmações que assombram Nicodemos. Uma pessoa deve “nascer de novo” (anothen, lit., nascer do alto) para poder ver o reino de Deus (3.3).

Quando Nicodemos faz uma exclamação surpresa, Jesus explica. Nascer do alto significa “nascer da água e do Espírito” (3.5). Aqui Jesus usa a terminologia familiar introduzida por João Batista: a água, que simboliza o arrependimento e um afastamento das coisas antigas; o Espírito, que simboliza o dom sobrenatural que será dado por Aquele que João foi enviado para anunciar. A carne nasce da carne, ao passo que somente o Espírito de Deus pode possibilitar aquele novo nascimento espiritual necessário para que uma pessoa interaja em um reino cuja essência é espiritual e não biológica e material (3.4-7).

Este novo nascimento é interior, e não exterior, e não pode ser verificado por aqueles atos externos com os quais o judaísmo do século I preocupava-se (3.8).

Nicodemos ainda luta para compreender, e suplica que Jesus lhe dê uma explicação mais detalhada. A censura de Jesus é meiga, mas verdadeira. Certamente, um professor de assuntos espirituais de Israel deve compreender este princípio totalmente básico (3.10). Na verdade, o princípio do novo nascimento interior e essencial é ensinado no AT, elemento vital na visão que Jeremias possuía da nova aliança que Deus faria com Israel (Jr 31.33,34; Ez 36.26).

Suavemente, Jesus assegura a Nicodemos que Ele fala com autoridade. Ele sabe, pois Ele veio do céu, e embora tenha falado usando analogias terrenas da água e do vento, o que Ele descreve é a realidade sólida e absoluta (3.10-13). Tudo o que Nicodemos precisa saber agora é que o próprio Cristo está destinado a ser objeto de fé que, quando levantado, trará cura e saúde a todos os que o buscam com fé (3.14,15).

Este símbolo também era bem conhecido de Nicodemos. A história, narrada em

Números 21.4-9, é surpreendentemente apropriada. Os israelitas daquele tempo eram desobedientes, ingratos e hostis ao mensageiro de Deus. Deus condenou os seus atos e ordenou uma punição: uma praga de serpentes. A picada era mortal e não havia esperança de recuperação. Ainda assim, com misericórdia, Deus ordenou que Moisés “levantasse” numa haste uma serpente de bronze, emblema de seu julgamento. E então o povo soube que se eles simplesmente olhassem para a serpente de bronze, eles seriam curados.

As correspondências ficam imediatamente claras. O povo de Deus e toda a humanidade são pessoas desobedientes, ingratas e hostis ao Senhor, condenadas por Ele à morte. Ainda assim, em misericórdia, Deus enviou seu Filho, ordenou que Ele fosse levantado, emblema do julgamento exigido pelo pecado. E nós sabemos então que, se apenas olharmos para Ele com fé, seremos perdoados e curados.

A meditação: Olhando para trás, com a perspectiva fornecida pela cruz, pela ressurreição e pelo crescimento explosivo da igreja, João escreve sua própria meditação sobre este agora famoso encontro entre o Salvador e o honesto fariseu.

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (3.16). O Salvador foi levantado e naquele ato decisivo a luz explodiu no mundo escuro da humanidade. Todos os que reagirem àquela luz com fé terão passado da morte para a vida. Todos os que se afundarem de volta na escuridão mostrarão que já estão condenados, e seu destino será sentir a ira eterna de Deus.

Aplicação. Nunca suponha que existe mais de uma maneira de salvação. O assunto está completamente claro. Existe uma única luz; tudo mais é escuridão. Existe somente um caminho para a vida eterna; o resto é a perdição eterna.

Jesus fala com uma mulher samaritana (4.1-42). Veja o Índice em “Samaritanos”.

Contexto. Sabemos muita coisa a respeito da mulher junto ao poço. No oriente, a hora de pegar água no poço era a ocasião em que as mulheres de uma comunidade reuniam-se para conversar, enquanto se dirigiam ao poço, voltavam dele, ou esperavam a retirada de cada jarro de água. Mas a mulher de nossa história vem sozinha. Evidentemente, alguma coisa a separou das outras mulheres da cidade, e fez dela uma pessoa socialmente proscrita.

E sabemos mais. Nenhuma mulher daquela cultura falaria com um homem sem que seu marido estivesse presente. Jesus também sabia disto, por isso seu pedido "Vai, chama o teu marido" (4.16) tinha a intenção de confronto. Mas não há indicações culturais para o fato de que ela tivesse tido cinco maridos e agora estivesse vivendo com outro, sem estar casada. Assim, entendemos sua surpresa quando Ele, homem judeu, é condescendente para falar com uma samaritana. E os discípulos ficaram surpresos por encontrá-lo dialogando com uma mulher sozinha.

Interpretação. A história da mulher no poço freqüentemente é sugerida como modelo para a evangelização pessoal. Jesus iniciou a conversa. Ele pediu que ela fizesse algo para Ele, e desta forma assumiu uma postura humilde e nada ameaçadora. Rapidamente Ele introduziu o tema da vida eterna como uma dádiva de Deus. Quando a mulher expressou desejo pelo que Jesus oferecera, Cristo desafiou-a ainda mais diretamente. Embora ela tentasse evitar o tema do pecado, levantando uma questão teológica, Jesus não discutiu. Ele simplesmente falou sobre quem é Deus e assegurou à mulher que Deus procura adoradores. E então Jesus apresentou-se como o tão esperado Messias.

A mulher reagiu com fé, e apressou-se a contar as novidades em sua comunidade. Isto fez com que muitos fossem correndo ao poço onde também encontraram Jesus e creram quando ouviram suas palavras. Ali, naquela aldeia samaritana, estabeleceu-se uma pequena comunidade de fé com pessoas que ouviram Jesus "pessoalmente" (4.42), e que passaram a saber que "este é verdadeiramente o Salvador do mundo".

Aplicação. Muitas pessoas evitadas por outras estão esperando que nos aproximemos delas. Como Jesus, nós podemos reconhecer o pecado nos outros, sem acusar nem condenar.

Este é um conceito importante. Se fingirmos não perceber os erros dos outros, eles poderão esconder-se por trás de uma máscara, e não se mostrar dispostos a admitir uma necessidade. Se os condenarmos, eles fechar-se-ão. Somente precisamos mostrar, como Jesus o fez, que conhecemos os outros como eles realmente são, e que Deus ainda se preocupa com eles.

Existem muitas outras lições que podemos aprender com esta história. Devemos manter em vista a oferta de Deus. Devemos nos concentrar em Deus – não na teologia.

E devemos convidar os outros, como a mulher de tanto tempo atrás, a responder-lhe.

JOÃO 4.43–6.71

O Poder do Novo

EXPOSIÇÃO

-

João iniciou seu Evangelho com uma afirmação poderosa. Em Jesus, o Verbo eterno se fez carne, trazendo uma nova revelação à humanidade. A graça e a verdade que vieram com Jesus superam a Lei dada por Moisés (1.1-14), pois, como João viu e testemunhou, Jesus é o Filho de Deus (1.15-51). Por meio de uma série de histórias, João exibiu um pouco da natureza do novo: as antigas águas de rituais são transformadas no vinho da promessa do reino; o templo é purificado e, novamente, torna-se uma casa de adoração (cap. 2). Isto é possível porque, em sua natureza essencial, o "novo" envolve um novo nascimento, uma obra do Espírito de Deus infundindo vida eterna aos seres humanos que estavam espiritualmente mortos (cap. 3). E adicionalmente, esta nova obra de Deus rompe as antigas fronteiras e traz a graça de Deus aos samaritanos da mesma forma que aos judeus (4.1-42). E, se o "oficial" de 4.43-54 é, como muitos suspeitam, um gentio, a graça

de Deus que dá a vida estende-se a toda a humanidade.

Tendo estabelecido isto, João prossegue demonstrando o poder da Pessoa que estende as dádivas da graça de Deus a todos. Jesus cura o filho de um oficial com uma palavra (4.43-54), cura um paralítico desamparado junto a um tanque em Jerusalém (5.1-15) e explica seus poderes definindo seu relacionamento com Deus Pai (5.16-30), destacando que as obras miraculosas que Ele realiza são testemunho da verdade de suas reivindicações (5.31-47). Jesus prossegue a mostrar seu poder alimentando milagrosamente a cinco mil pessoas (6.1-15) e então caminha, durante a noite, sobre as águas do mar da Galiléia (6.16-24).

É importante observar que esta parte das Escrituras contém quatro dos sete milagres, indicados em itálico, que João designa como “sinais” (semeia). Os sete são característicos, porque eles demonstram que Jesus é plenamente capaz de lidar com as emergências da vida, não simplesmente para si mesmo mas pelos outros. Diversos dos sinais também se tornaram ocasião para alguns dos principais ensinamentos de Jesus. Os sete sinais são:

1. A transformação da água em vinho (2.1-11)

2. A cura do filho de um oficial (4.43-54)

3. A cura de um paralítico (5.1-15)

4. A alimentação de cinco mil pessoas (6.1-14)

5. O caminhar sobre as águas (6.16-21)

6. A cura de um cego de nascença (9.1-41)

7. A ressurreição de Lázaro (11.1-44)

Com a observação de que três destes milagres foram realizados em público, podemos entender que, a esta altura, Jesus estivesse no auge de sua popularidade, fato refletido na ansiedade que muitos carregavam de "fazê-lo rei" (6.15). Mas Jesus usa a ocasião em que deu de comer à multidão para anunciar que Ele mesmo é o Pão do céu. Para ter a vida eterna, seus ouvintes precisam comer sua carne e beber seu sangue, uma metáfora poderosa, mas, para os judeus, repulsiva, pois sugeria a completa apropriação do próprio Senhor Jesus (6.25-59).

A esta altura, muitos que o haviam seguido, cativados por seu poder de realizar milagres e entusiasmados

pela perspectiva de ter um governante que podia milagrosamente proporcionar comida, começam a desaparecer (6.60-71). Os “duros ensinamentos” (6.60) de Jesus começaram a forçar a multidão a perceber que eles precisam aceitá-lo não nos seus termos, mas sim nos dele. O novo chegou. Somente uma confiança firme e constante de que Jesus é “o Santo de Deus” (6.69, versão RA) possibilita que o novo venha até nós.

ESTUDO DA PALAVRA

-

E havia ali um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum (4.46). A palavra grega é basilikos, e provavelmente indica um membro da corte de Herodes. Alguns sugerem que ele era gentio, pois é sabido que Herodes preferia empregar a gentios em posições administrativas.

Se [vós] não virdes sinais e milagres, não crereis (4.48). Na ocasião em que Jesus disse estas palavras, Ele era verdadeiramente popular por causa dos milagres que havia realizado (4.45). O que há de errado com uma fé que se origina dos milagres? Simplesmente o fato de que uma fascinação pelo miraculoso não pode ser substituta para uma confiança firme na Pessoa de Jesus, ou para a obediência à Sua Palavra.

Disse-lhe Jesus: “Vai, o teu filho vive” (4.50). Embora a versão NIV em inglês possa expressar o sentido do que Jesus disse, trata-se de interpretação e não de tradução. O texto original apresenta ho huios sou ze, “O teu filho está vivo”.

As palavras de Jesus forçaram o oficial real a tomar uma decisão difícil. Quando ele deixou Cafarnaum, seu filho estava à beira da morte. Jesus havia dito “Vai”, e informado “o teu filho vive”. Jesus não prometeu que o menino iria continuar vivo. O que, então, o oficial deveria fazer? Retornar, como Jesus havia ordenado? Ou continuar a pedir a Cristo para ir e curar seu filho?

A escolha do oficial revelou o tipo de fé que 4.48 sugere que Jesus desejava obter. Ele escolheu confiar em Cristo e obedecer, sabendo somente que Jesus estava ciente de sua necessidade e havia afirmado que, pelo menos por enquanto, seu filho estava vivo.

Quando o oficial voltava para casa, ele soube que seu filho estava recuperando-se, e que a febre havia cessado exatamente no momento em que Jesus anunciara: “O teu filho vive”. E aquela fé inicial, expressa na obediência, floresceu em uma total confiança no Salvador.

Freqüentemente temos que ficar satisfeitos com exatamente aquilo que Jesus ofereceu àquele oficial real. Neste momento, nós estamos vivos. Tudo o que podemos fazer é nos comprometermos a fazer sua vontade, e perceber que Jesus conhece as nossas necessidades mais profundas. Isto é suficiente para o momento. Amanhã, quando percebermos que Cristo agiu em nosso favor, nossa fé será fortalecida e renovada.

Depois disso, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém (5.1). O Evangelho de João não está organizado cronologicamente. Uma frase semelhante é encontrada em 6.1: “depois disso”. Embora cada autor dos Evangelhos selecione e organize seu material para dar seqüência ao seu tema, isto fica mais aparente no de João do que nos sinóticos.

Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também (5.17). Que resposta para os ataques contra Jesus por curar no sábado! Deus não interrompe os processos da natureza por que é sábado! No sábado, os glóbulos brancos do sangue ainda correm para lutar contra as infecções; um corte começa a curar-se; as lágrimas correm para lavar um grão de poeira do olho. Uma vez que o Pai realiza suas

obras de cura no sábado, como pode o Filho ser criticado por fazer a mesma coisa!

Sejamos cuidadosos para que nossa convicção sobre os “fazer” e “não fazer” se baseie em uma melhor compreensão da natureza e das obras de Deus do que se baseavam os oponentes de Jesus no século I!

Também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus (5.18). Os ouvintes de Jesus entenderam claramente que Ele reivindicava igualdade com Deus. À medida que a passagem avança, vemos que em lugar de corrigir os líderes judeus, Jesus continua a reivindicar para si outras prerrogativas da divindade.

Como o Pai, Jesus ressuscita os mortos e lhes dá a vida.

O Pai deu “todo o juízo” ao Filho, para que Jesus e o Pai possam receber igual respeito de toda a humanidade.

Como o Pai, Jesus “tem a vida em si mesmo”, isto é, nem a existência do Pai nem a do Filho depende uma da outra, como nossa existência depende de um ato de nosso pai e de nossa mãe biológicos.

Uma atitude popular em alguns grupos consiste em insistir que Jesus nunca reivindicou ser Deus, e que a divindade lhe foi atribuída pelos apóstolos e pela igreja primitiva. Não há como sustentar esta opinião, principalmente tratando-se daqueles que confiam nos relatos da vida de Jesus, que são transmitidos pelos quatro Evangelhos.

Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro (5.31). Este versículo não quer dizer que as palavras de Cristo a respeito de si mesmo são equivocadas ou mentiras. Tudo o que Jesus quer dizer é que sob a lei judaica, romana ou grega, nenhuma pessoa pode dar testemunho a seu próprio favor (Dt 19.15). Posteriormente, Jesus argumenta que seu testemunho é válido, apesar da especificação legal, porque o Próprio Pai fala por meio do Filho, confirmando aquilo que Ele diz (8.12-18).

As obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço testificam de mim, de que o Pai me enviou (5.36). A palavra aqui é erga, “obras”. Tipicamente, erga é usada com referência a milagres. Aqui o uso aprece ser mais abrangente, envolvendo tudo o que Jesus diz e faz enquanto realiza esta missão para a qual Ele foi enviado por Deus.

Não julguemos a Jesus simplesmente com base nos relatos dos seus milagres. Olhemos a natureza dos milagres – a maioria deles realizados em resposta a alguma necessidade humana, desta forma revelando o comprometimento de Deus com suas criaturas. Ouçamos suas palavras, que prometem a vida eterna. Observemos como Ele expõe a religião rígida e vazia imposta sobre Israel pelas tradições que deixam de refletir o espírito da Palavra de Deus. Tudo o que Jesus disse e fez revela como Deus é; e ao revelar o Pai, fica provada sua reivindicação de ser o Filho.

Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte (6.15). O que João descreve é um movimento popular que exigia a rebelião contra Roma e Herodes; e o jovem profeta popular seria aclamado o único governante dos judeus. O fato de que os instigadores planejassem fazê-lo rei pela força, harpazein, é revelador, e sugere que eles percebiam que Jesus não iria voluntariamente dar este passo e assumir o papel político. Que estranho! Se a multidão estava verdadeiramente disposta a submeter-se à vontade de Cristo, como poderiam eles sequer ter pensado em usar

a força para obter alguma coisa que queriam, mas Cristo não? E com que freqüência nós tentamos curvar Cristo à nossa vontade, em lugar de simplesmente dizer “Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” (Mt 6.10).

Existe, entretanto, um paralelo histórico interessante na maneira como, não muito tempo depois, Cláudio tornou-se imperador de Roma. Depois do assassinato de seu sobrinho, Calígula, Cláudio foi encontrado escondido em um armário por um grupo de soldados da guarda pretoriana. Escolhendo-o rapidamente como seu candidato, a guarda imperial proclamou Cláudio imperador e obrigou o Senado romano a confirmar seu ato. Como se esperava, o aparentemente relutante, mas, agora imperial Cláudio recompensou os pretorianos com uma generosa distribuição do tesouro público.

E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida (6.35). Uma das características do Evangelho de João é sua série de frases “Eu sou” de Jesus. Seu significado está ressaltado em 8.58, onde Jesus anuncia: “antes que Abraão existisse, eu sou”. Os seus ouvintes entenderam a reivindicação implícita, pois sabiam perfeitamente que “eu sou” (ego eimi) é o equivalente grego de YHWH, Yahweh, o nome pessoal e revelador de Deus que dá vida ao Antigo Testamento.

Quais são as afirmações “Eu sou” no Evangelho de João e como elas exibem a divindade que Jesus reivindicava?

“Eu sou o pão da vida” (6.35). Jesus é Aquele que sustenta a vida física e espiritual.

“Antes que Abraão existisse, eu sou” (8.58). Jesus é pré-existente, a testemunha e a origem da história sagrada.

“Eu sou a porta das ovelhas” (10.7). Jesus possibilita o acesso a Deus e à salvação.

“Eu sou o bom Pastor” (10.11). Jesus dispõe de sua vida por nós, as suas ovelhas.

“Eu sou a ressurreição e a vida” (11.25). Jesus é a origem e o doador da vida eterna.

“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14.6). Somente Jesus provê o acesso a Deus Pai e a todas as boas dádivas do Pai para a humanidade.

“Eu sou” a videira verdadeira (15.1). Jesus é a fonte da vitalidade espiritual. Conservando-nos próximos a Ele, somos capacitados a dar frutos, e assim glorificamos a Deus.

Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer (6.44). Por isso, eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não for concedido (6.65). Estes versículos levantam uma questão que tem perturbado muitas pessoas. Será que eles ensinam sobre algo irresistível que impulsiona uma pessoa a agir contra a vontade de Deus? E, o que é ainda mais perturbador, será que eles sugerem que a expressão “todo aquele” dos Evangelhos é uma ficção, e que somente aqueles especialmente selecionados e capacitados por Deus terão alguma esperança de salvação?

Há alguma ajuda na língua original. A palavra traduzida como “trouxer” é

helkuo, que é diferente da palavra similar suro, “arrastar”. Helkuo aqui pode perfeitamente indicar uma reação moral interior a uma força exterior, tal como aquela que existe entre um pedaço de metal e um magneto. Esta opinião parece encontrar alguma confirmação no versículo seguinte, que volta nossa atenção para as Escrituras. É aqui que temos o ensino de Deus, e esta é a Palavra que o indivíduo que responde positivamente deve ouvir.

No versículo 65, o original apresenta ean me e dedomenon auto. O verbo está na perífrase do passivo perfeito do subjuntivo de didomai, “dar”. O problema é que este verbo é encontrado mais de 400 vezes no NT – com uma grande variedade de significados! J. B. Phillips traduz o versículo como “Ninguém pode vir a mim a menos que meu Pai coloque esta vontade de vir em seu coração”. Esta tradução mantém um equilíbrio correto entre os níveis de dificuldade teológica. Ela afirma a obra inicial de Deus no coração humano. Mas também preserva a responsabilidade humana. Deus coloca a vontade no coração, mas o indivíduo ainda precisa decidir vir.

Em última análise, a posição que alguém adota sobre as questões do livre arbítrio e da escolha não se fundamenta em estudos de palavras nem em gramática grega, pois nenhuma destas coisas responde decisivamente às perguntas que podemos desejar fazer.

Em última análise, o que precisamos nos decidir a fazer é simples: é confiar. Jesus é o grande EU SOU: o Pão da Vida; o Bom Pastor; o Caminho, a Verdade e a Vida; a Videira cuja vitalidade somos privilegiados por obter. As obras que Ele realizou no século I revelaram sua natureza e a de seu Pai. E esta natureza é o alicerce de nossa fé. É neste alicerce que devemos – e podemos – encontrar descanso.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Jesus cura o filho do oficial (4.43-54). Veja o Estudo da Palavra em João 4.46,48 e 50, e a história similar em Mateus 8.5-13.

A cura junto ao tanque (5.1-15). Veja o Estudo da Palavra em João 5.1.

Contexto. O tanque que João descreve provavelmente estava sob o que hoje é a Igreja de Saint Anne, a noroeste de Jerusalém. Seu nome é motivo de discussão; vários manuscritos sugerem Betezata ("casa das bolhas"), como também Betesda ("casa de misericórdia"). O primeiro nome pode implicar que o tanque era alimentado por uma nascente intermitente, que gerava bolhas nas águas ao começar a fluir.

É importante observar que algumas versões da Bíblia não afirmam que um anjo agitava as águas (veja a nota de rodapé da versão NIV). Alguns entendem que a passagem não sugere que a cura fosse assegurada ao primeiro que entrasse no tanque depois que as águas fossem agitadas – pensam que João estaria simplesmente citando o paralítico, que sem dúvida refletia a superstição popular.

Embora não haja nenhuma indicação, nem no Antigo Testamento nem no Novo, de tanques similares para cura, Edersheim destaca que "poços santos" parecem ter sido "muito comuns nos tempos antigos", e são mencionados em tábuas cuneiformes da Babilônia.

Interpretação. O milagre da cura (5.1-15) fornece a ocasião para um extenso sermão de Jesus (5.16-47). Vemos aqui um padrão que João segue com freqüência. A alimentação das cinco mil pessoas é o motivo para o discurso de Cristo sobre o Pão da Vida; a cura de um homem cego de nascença é o cenário contra o qual Jesus adverte sobre a cegueira espiritual. Mesmo assim, existe muito material para reflexão no próprio relato do episódio. Em primeiro lugar, é fascinante considerar o que descobrimos sobre o homem neste breve relato. Ele foi inválido durante 38 anos. Durante estas décadas longas e vazias aqueles que tinham estado próximos a ele o deixaram ou morreram, pois ele diz: "não tenho homem algum" (5.7). Ele aparentemente se conformou com a situação, pois Jesus lhe pergunta: "Queres ficar são?" (5.6).

Esta é uma pergunta profundamente perspicaz. Nossa primeira tendência seria dizer: "É claro que ele quer ficar são!" Mas ao refletir, percebemos que muitos não queriam realmente ficar sãos. Durante cerca de 38 anos este paralítico sem

dúvida havia se sustentado mendigando. Uma vez curado, ele teria que assumir a responsabilidade por si mesmo e encontrar trabalho. Se somos inválidos, temos todas as desculpas para nossos fracassos, todos os motivos para evitar assumir a responsabilidade por nós mesmos. Curados, aquelas desculpas são eliminadas e temos que nos tornar responsáveis.

E assim, quando Jesus perguntou: “Queres ficar são?”, o inválido deu uma resposta ambígua. Sem desejar responder “sim” nem “não”, ele se desculpou: “não tenho homem algum”.

Apesar disso, Jesus ordenou ao homem que se levantasse, tomasse sua cama e andasse. João diz “Logo, aquele homem ficou são, e tomou sua cama, e partiu” (5.9). Existe uma diferença interessante entre este relato e a história de Lucas sobre a cura de dez leprosos. Ali Lucas diz: “indo eles, ficaram limpos” (17.14). Eles fizeram o que Jesus disse, e foi por meio de sua reação de fé (17.19) que veio a cura. Aqui João coloca a cura antes da reação. Não podemos concluir com precisão que papel a fé teve na cura do paralítico de Betesda.

Apesar disso, o paralítico sentiu a força surgir em seus membros cansados, e assim, quando Jesus ordenou, ele tomou sua cama – e se foi. Mais tarde, quando confrontado pelos “judeus” (veja Estudo da Palavra de 1.19), observamos que o homem curado rapidamente atribui a responsabilidade “àquele que me curou”.

O que é ainda mais fascinante é o que acontece quando, posteriormente, Jesus o encontra no templo, e o aconselha: “não peques mais” (5.14). Muitos interpretam isto como uma indicação de que sua extensa enfermidade havia sido uma punição divina! O próximo ato do homem, o de correr e contar aos líderes judeus que fora Jesus quem o houvera curado, sugere pelo menos uma falta de gratidão. Com base nas duras críticas que o próprio paralítico de outrora ouvira dos líderes religiosos, ele simplesmente deve ter sabido que eles eram completamente hostis a Cristo. É difícil ver qualquer outra coisa nesta traição a Jesus, além de um antagonismo latente ou de uma terrível fraqueza pessoal.

A despeito do quanto possamos tentar desculpar o paralítico de Betesda, não podemos evitar a conclusão de que ele possuía caráter reprovável. Fraco, sem querer assumir responsabilidades, ingrato, até mesmo traidor daquele que havia feito tanto por ele ao favorecer aqueles que tinham a autoridade.

Em segundo lugar, portanto, precisamos estar igualmente fascinados pela

decisão de Jesus de escolher este homem em particular para curar. Nós poderíamos argumentar que ao selecionar um “caso desesperador”, o poder de realizar milagres de Cristo teria parecido ainda mais maravilhoso. Mas não existe indicação de que Jesus desejasse explorar esta cura. Ele curou, e então desapareceu entre a multidão, e nem mesmo o homem que foi curado sabia quem Ele era. Mais tarde, Ele encontrou o homem, mas foi para adverti-lo e não para pedir seu testemunho.

Por que, então? Por que curar um homem que não tem esperança, que está isolado dos demais, que não exibe nem fé nem gratidão, cuja doença é julgamento divino por algum pecado anterior, alguém que está mais do que disposto a identificar Jesus perante seus inimigos? Talvez porque somente este tipo de pessoa pode representar adequadamente você e eu. Talvez porque Jesus venha a nós em nossa falta de esperança. Ele vem enquanto vivemos sob o julgamento de Deus pelos nossos pecados, sem fé nem gratidão, hostis em relação a Deus e já o traindo ao negar o que conhecemos sobre sua natureza.

Quando Jesus vem a nós, sua pergunta, com justa razão, é: “Vocês querem ficar sãos?” Nós queremos nos agarrar aos nossos pecados, à nossa ira, ao nosso egoísmo, às nossas desculpas? Ou desejamos ficar sãos, sabendo que, ao ficarmos sãos, precisaremos aceitar as responsabilidades por nós mesmos e por nossas escolhas futuras? O problema nunca foi: se Deus pode nos curar. O problema sempre foi, e ainda é: se nós queremos ficar sãos.

A vida por meio do Filho (5.16-47). Veja o Estudo da Palavra em João 5.17; 5.18; 5.31 e 5.36 acima. Veja também outras passagens nas quais se discutem as controvérsias a respeito do sábado, tais como Mateus 12.1-14; Marcos 2.23–3.6 e Lucas 6.1-11.

Contexto. Jesus curou o paralítico no sábado. Isto ocasionou outra das intensas controvérsias sobre o sábado que fortaleciam a hostilidade sempre em desenvolvimento dos líderes religiosos contra Jesus.

Cristo enfrenta as críticas de frente. Ele argumenta que Deus trabalha no sábado; assim, é apropriado que o Filho trabalhe também. Então vem uma passagem que

pode ser plenamente compreendida somente com a referência ao cenário cultural. Essa passagem diz que “Jesus respondeu e disse-lhes: Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz” (5.19,20).

No oriente os artesãos davam grande ênfase aos segredos do negócio. O artesão em metal, o artesão em vidro, o fabricante de tinturas – todos guardavam os seus processos e talentos com muito zelo. Tratava-se, basicamente, de segredos de família, passados de uma geração à seguinte. Embora pudessem ser empregados aprendizes que não fizessem parte da família, era improvável que mesmo aqueles que serviam lealmente durante anos fossem ensinados sobre todos os segredos da família, para que não saíssem e estabelecessem um negócio competidor. Em contraste, o filho trabalha com seu pai desde a infância. O filho observa o pai misturar os seus ingredientes ou acrescentar toques finais característicos ao trabalho executado em sua oficina. À medida que trabalha com o filho diariamente, o pai lhe ensina todos os seus segredos. Esse filho “por si mesmo não pode fazer coisa alguma”, mas pode fazer somente o que “vir fazer ao Pai”. Com o tempo, o trabalho do pai e o do filho torna-se indistinguível, porque o pai “ama ao filho e mostra-lhe tudo o que faz”.

No contexto da época de Jesus, portanto, estes versículos servem como uma poderosa afirmação da posição exclusiva de Jesus, e explicam seu direito de atribuir uma interpretação solene da Lei do sábado. Como o Filho de Deus, as curas de Jesus trazem a inconfundível marca da Palavra de Deus – da mesma maneira que o trabalho do artesão ostenta suas próprias características inequívocas, que serão claras a todos aqueles que examinarem detalhadamente sua obra!

Interpretação. O exposto acima é a chave para interpretar o restante desta extensa passagem, assim como para entender a natureza da resposta de Jesus à crítica dos líderes sobre a cura realizada por Ele no sábado.

Cristo continua, nesta passagem, a indicar “maiores obras” (5.20) do que a recente cura que Deus Pai confiou às mãos do Filho. Ressuscitar os mortos (5.21), julgar os seres humanos (5.22) e “ter a vida em si mesmo” (5.26) (veja Estudo da Palavra, acima), tudo isto são “obras” que Cristo aprendeu com o Pai e que foram designadas a Ele. Jesus não é um “aprendiz” religioso, mas, suas ações estão em harmonia tão completa com a natureza e a vontade do Pai que o

que Ele diz e faz são “obras” que são indistinguíveis da obra do Pai.

Existe outra implicação, que Cristo desenvolve em João 5.36-40. Se os líderes religiosos de Israel são incapazes de reconhecer a marca da obra de Deus nas curas que Jesus realizou, então a conclusão inevitável é que eles não devem conhecer o Pai! “Vós nunca ouvistes sua voz, nem vistes seu parecer; e sua palavra não permanece em vós, porque naquele que ele enviou não credes vós” (5.37,38).

Os religiosos “examinam as Escrituras” (5.39) com a esperança de encontrar a vida eterna. Mas, embora as Escrituras dêem testemunho de Jesus, eles se recusam a se entregar ao Senhor para terem vida (5.40).

Aplicação. Talvez a pergunta mais importante que possamos responder ao estudarmos as Escrituras e meditarmos sobre a vida de Cristo, seja simplesmente esta: Como Deus é?

Os líderes religiosos do judaísmo tinham perdido a visão de perdão e misericórdia de Deus, cuja graça é exibida tanto no Antigo Testamento como também no Novo. De alguma maneira, eles o viam como Criador de Regras, como alguém que só poderia ficar satisfeito com a rigorosa observância do ritual e da observância infalível dos requisitos que a lei tradicional, e não a bíblica, decretava. Eles não conseguiam reconhecer a Jesus porque sua visão de Deus tornara-se distorcida e confusa.

Devemos sempre procurar entender melhor as Escrituras, procurando aplicar os princípios bíblicos como guias para nossa vida cotidiana. Mas o princípio mais importante na interpretação continua sendo: que o meu entendimento esteja em completa harmonia com o caráter de Deus, à medida que Ele mesmo se revela na Palavra escrita e viva.

Jesus alimenta cinco mil pessoas (6.1-15). Veja o comentário sobre Marcos 8.1-13, e as passagens paralelas em Mateus 14.13-21; Marcos 6.30-44; Lucas 9.10-17.

Jesus anda sobre as águas (6.16-24). Veja o comentário sobre Marcos 6.45-56 e

Mateus 14.22-36.

Jesus, o Pão de Vida (6.25-71)

Contexto. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa que o pão era o alimento básico nos tempos da Bíblia. O pão era feito de uma variedade de grãos, e freqüentemente a farinha era misturada com feijões ou lentilhas. O pão era assado em forma achatada, talvez com meia polegada de espessura, em grandes formas. O pão possuía significado especial na Bíblia: ele representa o sustento da vida no mundo. O significado do pão como o sustento da vida ressalta os usos metafóricos de "pão" nas Escrituras (p.140).

Interpretação. Esta longa passagem contém três segmentos distintos: o diálogo de Jesus com a multidão; o debate de Jesus com os "judeus"; e a resposta dos "discípulos" de Jesus.

O DIÁLOGO DE JESUS COM A MULTIDÃO (6.25-40)

Os milhares que Jesus alimentou através da multiplicação milagrosa de poucos pães e peixes (6.1-15) perturbaram-se quando Ele partiu sem lhes avisar (6.22-24). Amontoados em alguns dos 330 barcos de pesca que Josefo nos diz que trabalhavam nas águas da extremidade norte do Mar da Galiléia, muitos deles cruzaram as águas procurando por nosso Senhor.

Jesus reagiu confrontando-os: eles procuravam por Jesus porque Ele os havia alimentado. Em lugar de preocupar-se com o pão comum, eles deviam estar preocupados com a "comida que permanece para a vida eterna" (6.27). Aqui há uma correspondência direta com o diálogo entre Jesus e a mulher no poço (cap. 4). Naquela ocasião, Ele pediu água do poço, mas rapidamente desviou a conversa: "a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (4.14). Nas duas ocasiões Jesus afirma que Ele é o único capaz de "dar" o que provê a "vida eterna".

Mas, aqui, as duas histórias empreendem rumo completamente diferente. A mulher samaritana simplesmente pede: “Senhor, dá-me dessa água” (4.15). A multidão ao redor de Jesus pergunta, em lugar disso: “Que faremos para executarmos as obras de Deus?” (6.28) Esta resposta reflete a grande falha no judaísmo rabínico – uma falha que o apóstolo Paulo define precisamente em Romanos 10.2,3: “Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”.

A pergunta revela a crença de que os seres humanos precisam “trabalhar” para agradar a Deus e a crença mal aplicada de que os membros da comunidade do concerto são capazes de fazer o que é necessário para agradar ao Senhor.

Mas Jesus havia dito que Ele daria a “comida que permanece para a vida eterna” (6.27). A única “obra” que Deus exige de nós é “esta: que creiais naquele que ele enviou” (6.29).

Entretanto, agora vemos novamente que a multidão estava realmente motivada pelas preocupações materiais e não pelas espirituais. O que importa à multidão é o agora, não o mais tarde; a vida biológica, e não a vida espiritual eterna. Pois imediatamente eles pedem um “sinal” miraculoso (6.30) e inteligentemente sugerem que o sinal apropriado seria aquele que Moisés realizou ao prover o maná para a geração do Êxodo.

Alguns comentaristas sugerem que as multidões já tinham esquecido a miraculosa alimentação dos cinco mil. De maneira nenhuma! Elas se lembravam muito bem. O que elas queriam dizer é que Moisés havia fornecido o maná durante 40 anos! Se Jesus continuasse provendo pão, elas certamente creriam nele.

Nós quase podemos ver Jesus tristemente balançando a cabeça. O presente de Deus é o “pão verdadeiro” (literalmente, “genuíno”, “autêntico”), que é a fonte da vida neste mundo, e o Próprio Jesus é este Pão da Vida. (Veja Estudo da Palavra em 6.35 acima.) “A vontade do Pai, que me enviou, é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último Dia”.

O DEBATE DE JESUS COM OS “JUDEUS” (6.41-59)

No texto de João, “os judeus” é termo aplicado aos líderes religiosos da nação. Agora eles começam a “murmurar” sobre os ensinamentos de Jesus. A palavra grega é egogguzon, que indica zumbido ou murmúrio. Como alguém conhecido (supostamente!) como sendo o filho de Maria e de José poderia ter descido do céu?

Ao invés de responder diretamente, Jesus chama a atenção para o fato de que, da mesma forma como as Escrituras têm poder de atração naqueles que ouvem o Pai, também Cristo atrai os homens – e aquele que ouve o Pai virá até Ele. (Veja Estudo da Palavra em João 6.44,65, acima.) É inútil lidar com as objeções dos líderes, pois ninguém pode ser persuadido à fé. A fé é uma resposta daqueles que ouvem Deus falar e reconhecem sua voz.

Agora, ao invés de facilitar as coisas para seus oponentes, Jesus parece torná-las ainda mais difíceis! Ele não só é o Pão vivo que desceu do céu, mas as pessoas devem “comer” este pão – sua própria carne que Ele deu “pela vida do mundo” (6.51). Então Jesus torna a analogia ainda mais extrema, e promete: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (6.54).

A imagem não somente chocou os líderes judeus como os repeliu. De acordo com Levítico 17.11, a vida da carne está no sangue. O sangue pode ser derramado em sacrifício, mas beber sangue era completamente proibido, com a punição da expulsão do relacionamento do concerto. Embora Jesus claramente não pudesse estar falando literalmente, até mesmo a imagem era repulsiva para os judeus.

Esta imagem também deve ter sido mal interpretada pelos cristãos. Alguns entenderam as palavras de Jesus em sentido literal e supuseram que Ele se referia aos elementos da Santa Ceia, que na tradição católica romana supostamente se transformam no próprio corpo e sangue de Cristo, e na tradição luterana tornam-se uma única essência com o corpo e o sangue de Cristo.

Entretanto, estas interpretações ignoram o uso metafórico de “pão” tanto aqui quanto no restante das Escrituras, e ignoram a afirmação de Jesus: “O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida” (6.63). Assim, até mesmo os patriarcas da igreja vêem aqui uma poderosa metáfora da fé, a apropriação de Cristo, a bênção de entrar em união

com Ele e compartilhar sua vida. Assim Agostinho chama isto de “uma imagem que nos impele a compartilhar os sofrimentos de nosso Senhor, e secretamente e provavelmente guardar em nossos corações o fato de que sua carne foi crucificada e perfurada por nós”. Assim as palavras de Agostinho foram Crede et manducasti, “Crede, e comais”. Para o monge devoto, Bernard de Clarvaux, comer a carne de Cristo e beber seu sangue significava simplesmente o seguinte: “Aquele que reflete sobre a minha morte, e seguindo o meu exemplo mortifica seus membros que estão na terra, tem a vida eterna”.

É importante observar que o texto grego usa tempos verbais diferentes nas diversas referências a “comer” a carne de Cristo. Os versículos 51 e 53 apresentam o tempo aoristo de esthio, consumir, implicando num ato inicial de aceitação. Mas os versículos 54 e 56 têm o presente de trogo, engolir. O relacionamento com Cristo simbolizado pelo comer sua carne é iniciado e mantido pela participação de fé em tudo o que Jesus é e em tudo o que Ele fez por nós.

OS “DISCÍPULOS” DE JESUS DESERTAM (6.60-71)

Este sermão sobre o Pão da vida marca o auge da popularidade de Jesus. A partir de então, o “movimento de Jesus” entrou em declínio. Embora não possamos correlacionar este sermão exatamente com os eventos relatados nos Evangelhos sinóticos, é significativo que cada um dos outros três Evangelhos retrate uma mudança pouco tempo depois de narrar as histórias de Jesus caminhando sobre as águas e alimentando uma multidão, o que está de acordo com o texto de João.

Aqui, João descreve “muitos de seus discípulos” (6.60) reclamando por causa do “duro discurso” de Jesus. Embora Jesus tenha claramente afirmado: “as palavras que eu vos disse são espírito” (6.63), a partir desta ocasião “muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com ele” (6.66).

Aqui é importante observar que a palavra “discípulo” nos Evangelhos nem sempre implica em fé. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa que:

A palavra mathetes é usada de diversas maneiras diferentes nos Evangelhos. Em primeiro lugar, ela designa os doze que Jesus escolheu para que estivessem com Ele. Os doze são únicos, porque Jesus os escolheu e treinou para ensinar e servir...

Em segundo lugar, mathetes identifica seguidores de várias escolas ou tradições. Havia os discípulos dos fariseus (Mt 22.16; Mc 2.18; Lc 5.33) e os discípulos de João Batista (Mt 11.2ss.; Mc 2.18; Lc 5.33; Jo 1.35-37; 3.34). Usada com este sentido, “discípulo” não significa estudante no relacionamento tradicional professor-aprendiz, mas pessoa que adere a um movimento.

Em terceiro lugar, nosso Novo Testamento descreve um círculo de pessoas muito mais amplo além dos doze que também são chamadas de discípulos. Elas aderiram ao movimento e se associaram a Jesus. Às vezes, a palavra “discípulo” parece transmitir o sentido de “crente” (cf. Jo 8.31; 13.35; 15.8). Mas seria erro pensar que todos aqueles que são chamados de discípulos nos Evangelhos são pessoas que fizeram comprometimento firme com Jesus. Na verdade, muitos eram atraídos a Jesus somente no início. Quando consideravam seus ensinos difíceis, como depois de seu discurso sobre o Pão da vida, muitos de seus discípulos tornavam para trás e já não andavam com ele (Jo 6.66) [pp. 226-27].

Jesus, observando o fluxo de seguidores esporádicos ao seu movimento, dirigiu-se aos doze e disse: “Quereis vós também vos retirar?” (6.67).

Pedro respondeu por todos eles, e também por nós. “Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus” (6.68,69). O tempo perfeito é usado no original, de modo que o que o discípulo disse, na verdade, foi: “Nós cremos e viemos a saber”. Nós tomamos nossa decisão sobre quem Você é – e esta decisão permanece tão firme hoje quanto era no dia em que decidimos crer.

Aplicação. Pela fé participamos da morte e da ressurreição de Jesus. Participamos de seu corpo e de seu sangue, e recebemos seu presente: a vida eterna. Por mais difícil que seja entender suas palavras, nós afirmamos juntamente com os doze: “Nós cremos e viemos a saber”. Jesus tem as palavras

da vida eterna, e nós nunca abandonaremos nossa dedicação e fidelidade a Ele.

Luz e Trevas

EXPOSIÇÃO

-

A popularidade de Jesus já esteve no auge. Agora, com a aproximação da Festa anual dos Tabernáculos, o entusiasmo continua a decair. João abre esta seção de seu livro com a observação de que "os judeus [da Judéia] procuravam matá-lo" (7.1) e que "nem mesmo seus irmãos criam nele" (7.5).

Na Cidade Santa, as multidões estão divididas, alguns insistem que Ele é um bom homem, e outros que Ele é enganador (7.1-13). Mesmo assim, Jesus aparece na festa e começa a ensinar abertamente. Isto inflama o debate. A hostilidade dos líderes é bem conhecida, embora eles pareçam impotentes para calar o pregador galileu. Contra este cenário de franca hostilidade e de incerteza, Jesus chama as multidões para que creiam nele. Corajosamente, Ele promete que "rios de água viva" fluirão do interior daqueles que crêem nele (7.25-52).

Neste ponto, a narrativa que João faz da pregação de

Jesus é interrompida por uma história não encontrada nos mais antigos manuscritos gregos deste Evangelho (7.53–8.11). Ainda assim, a história encaixa-se na linha de pensamento de João, pois destaca o fato de que todos pecaram, e que Jesus não veio para condenar, mas sim para salvar. A menos que o povo de Deus creia que Ele é Aquele que afirma ser, todos morrerão nos seus pecados (8.12-30). Cristo, a Luz do mundo, veio para revelar o Pai e sua graça. A descrença dos judeus é prova positiva de que qualquer que seja sua ascendência física, espiritualmente eles não são descendentes daquele grande homem de fé, Abraão – nem de Deus! Na verdade, a rejeição de Jesus mostra que eles são descendentes de Satanás (8.31-47).

Neste ponto Jesus faz uma afirmação inconfundível. Antes de Abraão, Jesus sempre existiu como o EU SOU (Yahweh) do AT. O Homem que fala a eles é o Deus que eles confessam adorar, mas na verdade rejeitam e caluniam. Enfatizando esta rejeição, os líderes religiosos enfurecidos apanham pedras, e tentam matar Jesus, que escapa deles (8.48-59).

A ação não se interrompe aqui. "Passando" Jesus (9.1), Ele vê um homem cego de nascença, e lhe dá a visão (cap. 9). O milagre maravilha a todos. Quando o

homem é levado aos fariseus, o debate intensifica-se. Desesperados para condenar Jesus, os fariseus fixam-se no fato de que o milagre realizou-se num sábado e o acusam de não observar o sábado. Mas são incapazes de explicar como um pecador poderia "fazer tais sinais" (9.16). Isto é o que João quer dizer. O homem nascido cego vê claramente as implicações do ato de Cristo, e crê. Mas os fariseus, que tinham a "visão", e a elite religiosa, voluntariamente fecham os olhos e se recusam a crer. Aquele que é a Luz está no mundo, mas as trevas também estão. E os homens ainda preferem as trevas à luz.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto (7.4). O tom é sarcástico, como é indicado pela observação de João de que nem mesmo os irmãos de Jesus criam nele (7.5). Muitos daqueles cujo objetivo é glorificar a Deus encontrarão, de vez em quando, outras pessoas que questionam seus motivos.

Como sabe, este, letras, não as tendo aprendido? (7.15) A referência é ao fato de que no século I somente um estudioso ordenado tinha o direito de ser chamado "Rabi", e que esta condição somente poderia ser alcançada depois de longo aprendizado com reconhecido "especialista da Lei". Esta condição baseava-se na possessão do que era, na verdade, um "conhecimento secreto". O escriba não

somente havia dominado as Escrituras, mas também as tradicionais interpretações do AT, que tinham pelo menos uma importância igual ao do próprio AT. Na verdade, os próprios livros sagrados só eram acessíveis aos estudiosos, pois estavam escritos em hebraico e não na língua da população. O próprio Rabi Gamaliei I, de aprox. 30 d.C., que é admirado por sua visão liberal, possuía escondida em um muro uma cópia do Livro de Jó que havia sido traduzido para o aramaico (b. Shab. 115a). Esta é apenas uma indicação do fato muito conhecido de que, no século I, os principais escribas combatiam a disseminação das traduções do AT para o aramaico.

Isto nos ajuda a entender a surpresa dos inimigos de Jesus, estes “especialistas” na Lei, pelo fato de Ele exibir tamanho conhecimento em suas alusões e referências ao Antigo Testamento, e também por sua forma de argumentar.

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo (7.17). A escolha da qual Jesus fala aqui é firme comprometimento para fazer a vontade de Deus. O entendimento da verdade de Deus depende de nosso comprometimento em obedecer ao Senhor.

Fiz uma obra, e todos vos maravilhais (7.21). Jesus realizou vários milagres. Mas aquele em que seus oponentes concentram-se é a cura do inválido realizada no sábado (5.1-15). A palavra traduzida como “maravilhais” é thaumazo. João usa esta palavra de uma maneira característica, para descrever o impacto geral dos milagres e ensinos de Cristo. Aqui thaumazo indica hesitação e dúvida; o milagre confrontou os oponentes de Jesus e as multidões, e todos parecem momentaneamente imobilizados pelo enigma.

Finalmente, alguns gritam que Jesus deve estar possuído pelo demônio, uma acusação à qual Jesus responde com um daqueles argumentos tipicamente rabínicos que tanto surpreendiam os sábios que o observavam (veja 7.15 acima). O argumento depende do fato de que a Lei de Moisés exigia a circuncisão de uma criança no oitavo dia – e isto era feito mesmo que o oitavo dia fosse sábado.

Se um procedimento cirúrgico que afeta somente uma parte do corpo, pode ser realizado num sábado, como pode o sistema criticar Jesus por fazer funcionar todo o corpo de um homem nesse mesmo dia?

Na verdade, este é um esclarecimento feito por outros rabinos, mas aplicado por eles somente aos casos quando a vida de uma pessoa está em perigo. Em T. Sabb. 15,16, Rabbi Eliezer (c. 90 d.C.) argumenta que a circuncisão deve ser realizada no sábado, e observa “isto não justifica uma conclusão, a partir do menor, para o maior? Se alguém anula o sábado por causa de um de seus membros, ele não deverá anular o sábado por seu corpo inteiro?” Sobre o mesmo tema Rabbi Eliezer ben Azariah (c. 100 d.C.) argumenta em Yoma 85b: “Se a circuncisão, que afeta um dos duzentos e quarenta e oito membros de um homem, pode anular um sábado, quanto mais poderá todo o seu corpo anular o sábado?”

A inovação que Jesus apresenta é o fato de que Ele não limita a cura aos sábados aos casos de perigo de vida. A compaixão de Deus é imensamente maior do que a dos homens.

No último e mais importante dia da Festa, Jesus levantou-se e disse em voz alta: “Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão de seu ventre” (7.37,38). O “último dia” era o sétimo (Dt 16.13) ou possivelmente um oitavo dia adicional (Lv 23.36). A Festa dos Tabernáculos era por si só uma celebração que recordava a provisão de Deus para a geração do Êxodo quando eles viajavam pelo deserto rumo à Terra Prometida.

Edersheim descreve uma parte especial do culto, que era um dos pontos altos da festa, e fornece o cenário de que precisamos para entender o simbolismo que está por trás da oferta de Jesus.

Com o som de uma música, uma procissão era iniciada no Templo. Ela seguia um sacerdote que levava um jarro dourado, com capacidade de três logues [nota: um pouco mais de três quartos de galão, ou quase um litro]... quando a procissão do Templo tivesse chegado ao tanque de Siloé, o sacerdote enchia seu jarro com suas águas. Então eles retornavam ao Templo, observando o tempo para que chegassem justamente quando estivessem sendo colocadas as peças para

sacrifício no grande altar dos sacrifícios, quase no final do sacrifício matinal normal. Três toques de clarim anunciavam a chegada do sacerdote, enquanto ele entrava pela “porta das águas” – que recebeu este nome por causa desta cerimônia – e passava diretamente ao pátio dos sacerdotes.

Ali, relata Edersheim, a água era despejada num funil de prata que conduzia à base do altar, enquanto se entoavam salmos de louvor e se recitava Isaías 12.3: “E vós, com alegria, tirareis águas das fontes da salvação”. Edersheim prossegue:

Nós podemos ter alguma dificuldade em determinar em qual momento do culto do “último, grande dia da festa” Jesus levantou-se e clamou: “Se alguém tem sede, que venha a mim e beba”. Esta atitude deve ter tido uma referência especial à cerimônia do derramamento da água, que, como vimos, era considerada a parte central do culto. Além disso, todos entenderiam que suas palavras deveriam se referir ao Espírito Santo, uma vez que o ritual era universalmente considerado como símbolo de seu derramamento. O derramamento da água era imediatamente seguido pelos cânticos do Hallel [louvores]. Mas depois deve ter havido uma breve pausa para a preparação dos sacrifícios festivos (Musaph). Então, imediatamente depois do ritual simbólico do derramamento da água, imediatamente depois que o povo tivesse respondido repetindo os versículos do Salmo 117 – dando graças, e orando para que Jeová enviasse salvação e prosperidade, e tivesse agitado os Lulabh [ramos que supostamente cumpriam Levítico 23.40] em direção ao altar, desta forma louvando “com o coração, com a boca e com as mãos” e quando então o silêncio houvesse caído sobre eles –levantar-se-ia, tão alta, que seria ouvida por todo o Templo, a Voz de Jesus. Ele não interrompeu o culto, pois fora feita uma pausa: Ele o interpretou, e Ele o cumpriu.

O significado é ainda mais poderoso quando percebemos que “água viva” é uma expressão que identifica uma nascente de água borbulhante que jorra da terra. E este simbolismo estava profundamente embasado na consciência judaica do século I. Em Sukk. 5.1 está dito: “Aquele que não tiver visto a alegria da água

jorrando não terá visto alegria em sua vida".

Contra este cenário simbólico, que estava profundamente embasado na Festa dos Tabernáculos, Jesus prometeu àqueles que cressem nele que o Espírito Santo, que vive para sempre, simbolizado naquele culto matinal, habitaria neles, trazendo-lhes a vida eterna.

Responderam os servidores: Nunca homem algum falou assim como este homem (7.46). Os guardas do templo tinham sido enviados para prender Jesus. Eles voltaram de mãos vazias, com uma desculpa que nossa versão não capta bem. A versão grega coloca "homem", anthropos, na posição enfática, no final da frase. A estrutura sugere que entendamos que os guardas assombrados hesitavam porque "nunca homem algum jamais falou assim". Sem se comprometerem com a fé de que Jesus era o Cristo, os guardas certamente davam a entender que Jesus podia, ao menos, ser o Profeta destinado a vir e assumir o lugar de Moisés como revelador da vontade de Deus (Dt 18.15).

Em sua frustração, os fariseus revelaram o desprezo que sentiam pelas pessoas por quem sua posição tornava-os responsáveis: "Esta multidão, que não sabe a lei, é maldita" (7.49). Ninguém que afirmasse ser pastor, tendo tal atitude em relação às ovelhas de Deus, poderia possuir qualquer entendimento espiritual. Assim, o fato de que nenhum dos "dos principais ou dos fariseus" creu nele (7.48) é ponto a favor de Jesus – e não contra Ele.

Com que freqüência nós somos conhecidos tanto por nossos inimigos quanto por nossos amigos!

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida (8.12). Luz e trevas são símbolos expressivos freqüentemente em contraste no Evangelho de João. Mas João não está pensando em esclarecimento intelectual nem em ignorância, como é o caso do AT. Ao contrário, luz e trevas são termos da soteriologia, imagens que contrastam a brilhante alegria que os salvos sentem na presença do Senhor com melancolia amedrontada que devem sentir os que se separaram dele. Como exulta o Salmo 44.3: "Pois não

conquistaram a terra por sua espada, nem seu braço os salvou, e sim a tua destra, e o teu braço, e a luz da tua face, porquanto te agradaste deles".

As palavras de Jesus sobre a água viva foram proferidas a partir do ritual da Festa dos Tabernáculos; o mesmo ocorreu quanto à Sua declaração de ser a Luz do mundo. A cada noite da festa uma celebração contagiante acontecia sob as luzes colocadas no pátio do templo. O texto em Sukk.5 descreve a cena:

Quase no final do primeiro dia da Festa dos Tabernáculos, as pessoas desciam ao pátio das mulheres, onde tinham sido tomadas precauções [para separar os homens das mulheres]. Ali havia lanternas douradas, e havia quatro recipientes dourados sobre cada uma delas, e quatro escadas ao lado de cada uma delas; quatro homens jovens do grupo de jovens sacerdotes traziam nas mãos jarros de azeite com cerca de 120 logues, e despejavam o azeite sobre os recipientes. Pavios eram feitos com as calças e cinturões que os sacerdotes já não usavam mais. Não havia pátio em Jerusalém que não brilhasse com a luz do lugar do derramamento [de água]. Homens religiosos e conhecidos por suas boas obras dançavam diante deles com tochas nas mãos, e cantavam cânticos e louvores. E os levitas tocavam cítaras, harpas, címbalos, trombetas e outros instrumentos musicais sem número nos quinze degraus, que conduziam para baixo, do pátio dos israelitas para o pátio das mulheres, e que correspondem aos quinze cânticos dos degraus nos salmos.

Podemos imaginar a alegria da dança e dos cânticos que se estendiam por toda a noite. Os rabinos eram meticulosos em distinguir estas celebrações noturnas de uma folia pagã. Durante a cerimônia, dois sacerdotes com trombetas desciam os degraus, voltavam-se para o templo e proclamavam: "Os nossos pais que estiveram neste lugar voltaram suas costas para o templo de Deus e os seus rostos para o leste e se atiraram para o leste diante do sol; mas nós dirigimos os nossos olhos para Jeová". Deus era a luz de Israel, a Fonte da Salvação, da esperança e da alegria.

E foi nesta celebração, quem sabe no mesmo momento em que a multidão fez

silêncio para ouvir a afirmação dos sacerdotes, que Jesus levantou-se e clamou: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida”.

Ainda que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei de onde vim e para onde vou; mas vós não sabeis de onde vim, nem para onde vou (8.14). Anteriormente, Jesus argumentou que suas reivindicações não tinham apoio, mas na verdade eram endossadas pelo Pai e pelos milagres que Ele realizava. Aqui Ele diz algo diferente. Talvez uma corte judaica se recusasse a aceitar o testemunho de alguém sobre si mesmo, supondo que a evidência oferecida por uma pessoa a um caso seria tendenciosa a seu favor. Mas neste caso o testemunho de Jesus é válido: em primeiro lugar, porque Ele tem conhecimento exclusivo indisponível àqueles que “julgam segundo a carne” (8.15) e em segundo lugar porque é corroborado pelo Pai.

Não existe maneira de persuadir à fé aqueles que não crêem. O sobrenatural não pode ser provado por nenhum meio disponível aos homens mortais. Devemos aceitar o testemunho de Cristo com fé, simplesmente porque, como observou Morris, “nenhuma testemunha humana pode autenticar uma revelação divina”.

No entanto, é importante não supor que aceitar “com fé” as palavras de Jesus significa aceitar o que Ele diz “contra a razão”. Na verdade, é evidentemente razoável crer. Em vista dos milagres que Jesus realizou na verdade era irracional, para os oponentes de Jesus, não crer nele, da mesma forma como é irracional para os modernos não crer no testemunho das Escrituras e de milhões de cristãos que, durante cerca de vinte séculos, sentiram a alegria da salvação que Jesus Cristo traz àqueles que o seguem com obediência.

Quando levantardes o Filho do Homem, então, conhecereis quem eu sou (8.28). A expressão “levantar”, huposo refere-se à cruz (3.14). Estas últimas palavras, ego eimi, aparecem três vezes nesta extensa conversa (8.24,28,58) e identifica Jesus como o EU SOU do Antigo Testamento, o próprio Jeová.

O que é tão significativo sobre estas palavras, dirigidas àqueles mesmos homens que estão tão empenhados em ver Jesus morto, é a indicação de que quando eles tivessem levantado Jesus, saberiam que Jesus é o EU SOU. A ressurreição resolverá a questão de uma vez por todas, e então aqueles que tramaram a morte de Jesus saberão quem Ele é.

Mas, ao completarmos os Evangelhos, e lermos o Livro de Atos e as Epístolas, fazemos uma descoberta assustadora. Os líderes religiosos ainda se recusam a crer, e na verdade perseguem a igreja da mesma maneira como perseguiram seu fundador.

Aqui existe uma importante lição. “Saber” quem Jesus é não é o problema crítico. O problema crítico é o seguinte: sabendo quem Ele é, decidamos nos lançar à Sua misericórdia, e aceitemos o perdão que Ele obteve para nós na cruz.

Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (8.31,32). Estas palavras são dirigidas àqueles que crêem em Jesus e fazem uma afirmação vital. Permanecer na palavra ou no ensino de Cristo não é consentir intelectualmente, mas colocar em prática as palavras de Jesus. J. B. Philips traduz esta frase como: “Se vocês forem fiéis ao que eu disse...”

Apesar do mau uso deste verbo pelos principais jornais americanos, “conhecer a verdade” não é uma questão de ter informação. Um significado tanto da palavra grega quanto da hebraica para “verdade” é “estar em harmonia com a realidade”. Quando, mais tarde, João escreve: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (17.17), o que ele quer dizer é que a Palavra de Deus provê retrato preciso da realidade, da forma como Deus conhece a realidade. Aqui, quando uma pessoa “permanece na verdade” de Cristo (8.31), ela organiza sua vida de acordo com esta verdade e, ao fazer isto, começa a viver a realidade! É a experiência daquela realidade retratada nas palavras do Senhor, que nos liberta. Nós ficamos livres do sombrio mundo de ilusão onde os homens cambaleiam, agarrando-se a falsidades que parecem desejáveis mas que na realidade somente trazem sofrimento e dor. Ficamos livres pelas palavras de Cristo para conhecer o

que é certo e bom, e pela escolha do que é certo e bom descobrimos o que é melhor para nós e para os outros. A maior liberdade de todas é a liberdade do pecado e dos seus efeitos.

“Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado. Ora, o servo não fica para sempre em casa; o Filho fica para sempre” (8.34,35). Um escravo no século I desfrutava de algumas proteções sob a lei, mas não era considerado “pessoa” no sentido legal. Sem capacidade para reivindicar laços familiares, ninguém tem nenhuma obrigação para com ele, ao passo que o escravo tem obrigação para com seu senhor. A expressão “todo aquele que comete pecado” é particípio presente no texto em grego, e indica hábito continuado e não deslize eventual. Seres humanos são pecadores, aprisionados por uma tendência interior em direção ao pecado que é tão cruel quanto a escravidão. Somente o Filho de Deus pode conceder liberdade a uma pessoa, e fazer dela membro da família de Deus.

Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai (8.44). Os oponentes de Cristo argumentam que, como descendentes de Abraão e, portanto, membros da comunidade do concerto, têm relacionamento garantido com Deus. Jesus responde que a mera descendência física não é suficiente: os indivíduos precisam exercer a mesma fé em Deus que Abraão demonstrava.

Neste ponto, Jesus apresenta um ensino devastador. A humanidade pode ser dividida em dois grupos: Os membros de um dos grupos amam a Jesus e têm a Deus como seu Pai. Os outros são “incapazes de ouvir” (versão RA. A expressão é ou dunasthe, significa inerentemente incapazes, sem a capacidade”), porque seu “pai” é o diabo – um ser que adora mentiras e assassinatos, da mesma forma como os oponentes de Jesus.

É importante compreender o significado da palavra “pai” neste contexto. No pensamento hebraico, “pai”, ’ab, podia indicar a descendência biológica. Mas também servia como título, indicando respeito por um governador ou líder espiritual, e para indicar o fundador de uma tribo ou de um grupo familiar. É neste último sentido que Jesus utiliza “pai” ao condenar os seus oponentes. Suas ações mostram que eles fazem parte daquele grupo que se rebelou contra Deus e

contra a santidade, grupo que foi fundado por Satanás por ocasião de sua queda.

De alguma maneira, todos nós exibimos nosso relacionamento familiar espiritual. Podemos amar a Deus, e exibir suas qualidades em nossos relacionamentos com outras pessoas. Ou podemos exibir características de Satanás e, desta forma, demonstrar que fazemos parte daquela classe de renegados que resistem ao Senhor.

Não há meio termo.

Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou. Então, pegaram em pedras para lhe atirarem (8.58,59). Esta é a terceira vez, neste capítulo, em que Jesus afirma sua identidade como o Jeová do Antigo Testamento. Como o EU SOU, Jesus existia antes que Abraão nascesse, e como o EU SOU Jesus foi conhecido por aquele grande homem de fé. Fica claro, a partir da reação dos inimigos de Jesus, que eles não tinham dúvida sobre o que Cristo estava afirmando. Eles “pegaram em pedras para lhe atirarem” (8.59) pelo pecado de blasfêmia.

O Guia de Referência da obra Steinsaltz Edition of the Talmud explica o princípio Halakhic que deve ter sido aplicado, princípio chamado “os zelosos podem atacá-lo”.

Há várias transgressões para as quais a lei da Torá não exige que a pena de morte seja administrada por um tribunal de justiça. Portanto, se um “homem zeloso” perceber que um indivíduo está cometendo alguma destas transgressões pode matá-lo. Estas transgressões são: o roubo de utensílios sagrados; amaldiçoar a Deus usando o nome de um falso deus; manter, de forma comprovada, relações sexuais com mulher não judia; e servir no Templo se estiver impuro para os rituais. Se um “homem zeloso” testemunhasse uma destas agressões e então fosse pedir conselho a um tribunal, o tribunal não poderia aconselhá-lo a matar o transgressor. A permissão para fazê-lo somente era concedida se o “homem zeloso” agisse enquanto o transgressor estivesse cometendo a transgressão (Vol. 1, 254).

Parece claro que Jesus enfureceu os oponentes, e supondo que suas afirmações eram falsas, eles decidiram agir como “homens zelosos” e matar a Jesus sem nenhum julgamento.

Jesus viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? (9.1,2). A cura milagrosa é uma evidência vívida das verdades que Jesus afirmou. Ele é a Luz do mundo, capaz de trazer a visão ao cego. Aqueles como o homem cego, cuja visão foi restaurada, reconhecem Jesus e caminham na luz. Mas aqueles que afirmam ver, porém não conseguem reconhecer a confirmação de Deus em relação ao Salvador nos seus milagres, provam que estão espiritualmente cegos, e morrerão nos seus próprios pecados.

Aqui também há algo especial para nós. Os discípulos, depois de verem o homem nascido cego, foram levados a fazer uma interessante pergunta teológica. A crença popular sugeria que a deficiência deste homem era devida ao pecado em sua vida. Mas, como ele nasceu cego, como poderia ter merecido esta punição? Ele foi punido por algum pecado dos seus pais? Ou quem sabe algum pecado que Deus sabia de antemão que o homem iria cometer?

O que é importante aqui não é a resposta que Jesus deu – de que a cegueira não era punição por nenhum pecado, mas que servia como uma oportunidade para glorificar a Deus. O que é importante é o fato de que quando os discípulos viram o sofrimento – sua curiosidade, e não sua compaixão, foi despertada.

A luz que Jesus traz, e na qual nós devemos andar, deve mudar radicalmente as nossas prioridades. Resolver enigmas teológicos, e até mesmo estar “certos” em nossas interpretações sobre as Escrituras, deveria ser menos importante para nós do que exibir a compaixão e a preocupação pelos outros, que as ações de Jesus constantemente revelam.

Nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer. Responderam eles e disseram-lhe: Tu és nascido todo em pecados e nos ensinas a nós? E expulsaram-no (9.32,34). Que

fascinante! Os fariseus inquisidores retomaram seu antigo argumento de que Jesus não poderia ser de Deus porque Ele havia realizado uma cura no sábado (9.13,14). Depois de ficarem totalmente frustrados em sua tentativa de demonstrar que a cura havia sido fraudulenta, os líderes religiosos tiveram que admitir que o homem realmente havia nascido cego. Mas eles não poderiam render-se à conclusão que logicamente seria extraída deste fato.

Eles parecem quase desesperados quando insistem com o indivíduo que agora pode ver para que deixe Deus ter os méritos, desta maneira ignorando implicitamente o papel que Jesus desempenhou (9.24). No entanto o homem permanece firme: ele é comprometido discípulo de seu Benfeitor. Finalmente tudo o que os frustrados líderes podem fazer é insultar e organizar um ataque pessoal contra o homem cuja visão foi restaurada.

Não se surpreenda quando aqueles que rejeitam a Cristo demonstrarem ira ou hostilidade com suas testemunhas. A mensagem do Evangelho é uma mensagem de esperança para aqueles que crêem. Mas para aqueles que rejeitam a luz, é uma ameaça escura que pode levá-los a atacar o mensageiro com ódio e medo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

A mulher apanhada em adultério (7.53–8.11). Muitos acreditam que esta passagem, que não é encontrada nos manuscritos gregos mais antigos, que os estudiosos consideram os mais confiáveis, provavelmente não estava no texto original de João. Ao mesmo tempo, muitos também consideram esta história autêntica, exibindo claramente o espírito de Jesus e também o espírito dos seus antagonistas.

Como esta história é extremamente familiar e, muito freqüentemente, encontra lugar em nossos ensinamentos e em nossas pregações, ela permanece merecedora de estudo cuidadoso.

Contexto. Os babilônios, os assírios e os heteus consideravam o adultério crime capital. Nestas culturas, o adultério era visto como crime contra os direitos de

propriedade do marido, e o marido conservava o direito de exigir a penalidade máxima, uma penalidade menor ou perdoar completamente sua esposa. Em contraste, a lei bíblica encarava o adultério como uma afronta moral e não uma ofensa contra o marido. A nação de Israel era chamada por Deus para ser santa, uma comunidade cuja moral refletia a justiça do Deus que reivindicava este povo como sendo seu.

Desta forma, na lei bíblica, não se faz nenhuma provisão para um resgate, ou para o perdão de um crime por parte do marido. E a penalidade máxima é exigida, para ressaltar a seriedade de um crime que atinge a fundação familiar da sociedade. É importante observar que no Antigo Testamento o homem e a mulher são considerados culpados igualmente, e assim as Escrituras dizem que "morrerá o adúltero e a adúltera" (Lv 20.10).

A lei rabínica segue o tratamento que o Antigo Testamento dispensa ao adultério. Os "direitos" do marido não eram uma preocupação. Ao contrário, os escritos rabínicos contêm extensas discussões sobre como uma pessoa culpada de adultério deveria ser levada à morte. As formas adotadas pelos rabinos incluíam o apedrejar, o queimar e o estrangular, e há muita discussão sobre qual maneira de execução deveria ser usada com as várias formas de adultério que os rabinos distinguiam, e que eram: (1) o adultério com uma mulher casada; (2) o adultério com uma mulher casada que fosse filha de sacerdote; (3) o adultério com uma virgem prometida; e (4) o adultério com uma virgem prometida, que o marido descobria na noite de seu casamento que já não era mais virgem.

Apesar da extensa discussão, e da formulação de casos para definir como as regras complexas dos rabinos deveriam ser aplicadas, os rabinos pretendiam que sua discussão sobre a pena de morte permanecesse teórica! Na prática, ela não era aplicada por nenhuma corte rabínica. É fascinante observar que, na prática, os rabinos esforçavam-se vigorosamente para evitar sentenciar uma pena de morte para qualquer crime. Por exemplo, as cortes rabínicas exigiam que o criminoso fosse avisado, em presença de testemunhas, da seriedade de seu crime antes de cometê-lo. E o criminoso só poderia ser executado, se ele dissesse, usando as exatas palavras "eu sei e não me importo; eu assumo as conseqüências".

Na prática, portanto, outras penas – normalmente o açoitamento – eram as substitutas para a execução de uma adúltera nas cortes judaicas do século I. Isto torna a situação descrita no capítulo 8 de João ainda mais fascinante. Ao trazer

diante de Jesus uma mulher apanhada no ato do adultério, e ao desafiá-lo a apoiar ou rejeitar a Lei de Moisés, os oponentes de Cristo estão tentando forçá-lo a aplicar o que eles mesmos consideravam mera lei teórica para um caso verdadeiro! Se Jesus não condenasse a mulher, poderia ser acusado de negar a Lei de Moisés, que Jesus afirmava honrar. Se Jesus condenasse a mulher, este homem cujas curas no sábado haviam exposto os "escribas e os fariseus" como sendo impiedosos e cruéis, Ele mesmo seria exposto como tendo menos compaixão do que os rabinos!

Contra este cenário da cultura do século I, podemos sentir a verdadeira natureza da armadilha que se fecha sobre Jesus e, inesperadamente, sobre os seus acusadores!

Interpretação. O relato deste episódio é fascinante, de muitas maneiras. Como poderia uma pessoa normal saber aonde ir para encontrar uma adúltera? Se você soubesse aonde ir, como poderia apanhar uma mulher "no próprio ato do adultério?" (8.4) E há mais um problema. Onde está o homem que estava envolvido? A lei do Antigo Testamento era clara: tanto o homem adúltero quanto a mulher adúltera são culpados e devem cumprir a pena. Naquele caso, por que os "escribas e os fariseus" não trouxeram o homem culpado juntamente com a mulher?

A única coisa que podemos concluir é que esta não foi uma descoberta espontânea, mas sim uma artimanha cuidadosamente planejada para desacreditar Jesus aos olhos do povo. Se isso realmente foi assim, fica claro que houve o que podemos chamar de armadilha, e que os líderes religiosos na verdade conspiraram para apanhá-la no ato.

O texto afirma que Jesus inclinou-se e começou a escrever na terra. Esta é a única menção, nos Evangelhos, a Jesus escrevendo, e muitos especularam sobre quais palavras Ele teria rabiscado na terra. Alguns sugeriram que Ele escreveu, ao lado do nome de cada acusador, uma lista dos seus próprios pecados ocultos. Isto dificilmente parece necessário. Talvez consigamos ver aqui não tanto um contra-ataque aos seus oponentes, mas sim uma evidência da profundidade do desapontamento de Cristo diante da crueldade deles. Como poderiam aqueles a quem Deus havia dado tantas maravilhosas promessas de concerto, o privilégio de conhecê-lo por meio da Palavra, e de adorá-lo no templo, "usar" outro ser humano de maneira tão vergonhosa?

Os rabinos e os fariseus continuaram com seu ataque verbal confiantes, agora, da vitória. Mas Jesus levantou-se, e suas palavras deixaram-nos em silêncio. “Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”. De repente, os acusadores de Jesus enfrentavam um dilema. Em Deuteronômio 17.7, está escrito: “A mão das testemunhas será primeiro contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo”.

Mas, se as testemunhas estivessem presentes e não interrompessem o ato, na verdade, elas estariam sendo tolerantes com ele e seriam consideradas cúmplices nele. Se elas criaram a situação para aprisionar Jesus, então elas também eram culpadas. É possível que uma pessoa possa deparar-se acidentalmente com cena tão íntima. Mas qual é a probabilidade de que muitos, nesta multidão de líderes religiosos, que normalmente não têm nada a ver com pessoas comuns, pudessem ter descoberto o adultério?

Percebendo subitamente que sua armadilha os deixou terrivelmente vulneráveis, nenhum dos acusadores da mulher teve coragem de dar um passo à frente e apresentar-se como testemunha.

Depois que eles se foram, Jesus falou à mulher. Embora nosso Senhor não a condenasse, também não disse que era inocente. Na verdade, as palavras de Cristo deixam claro que ela era, de fato, uma prostituta: “vai-te e não peques mais” (8.11). Sem dúvida, os líderes religiosos haviam tramado o adultério, numa tentativa de desacreditar Jesus, sem perceber que, em lugar disso, colocariam a armadilha sobre si mesmos, e revelariam, não alguma falha em Jesus, mas sua própria culpa e seu próprio pecado.

Aplicação. A história mais uma vez exibe tanto a sabedoria quanto a compaixão de Jesus. E sua mais surpreendente revelação é a do caráter dos oponentes de Cristo.

Antes de criticá-los entretanto, precisamos nos lembrar de que a convicção religiosa pode ser tão moralmente corruptora quanto a luxúria. A pessoa que está tão completamente convencida de que está certa, tão convencida de que deve destruir aqueles que discordam, está correndo grave perigo. Tenhamos cuidado para que, enquanto permanecemos plenamente comprometidos com Cristo e sua Palavra, nunca nos deixemos apanhar pela armadilha de usar outros para provar um ponto de vista ou esquecer a compaixão em nossa paixão pela verdade.

A Escolha

EXPOSIÇÃO

-

O relato de João sobre o ministério de Jesus atinge agora o seu ponto crucial. Jesus se apresentou a Israel não apenas como o Messias prometido, mas também como o Revelador e o Filho de Deus. A elite religiosa, representada pelos escribas e fariseus, atacou Jesus abertamente. O povo comum, embora maravilhado pelos milagres de Jesus, parecia confuso pelas reivindicações ousadas que Jesus fez. À medida que a história de João continua, fica cada vez mais claro que todos simplesmente precisam escolher se aceitam ou se rejeitam as afirmações de Jesus.

Estes capítulos críticos se iniciam com a declaração pública de Jesus de que Ele é o Pastor das ovelhas de Deus (10.1-21). A imagem está enraizada no Salmo 23, e nas profecias de Jeremias e Ezequiel. Jesus é o cumprimento da promessa de Deus: "Eu apascentarei as minhas ovelhas" (Ez 34.15). Os líderes de Israel são meros mercenários, que não se preocupam com as

ovelhas. O sermão recebe interpretações diversas: “os judeus” o ridicularizam, mas muitas pessoas comuns ficam impressionadas. Pouco tempo depois, Jesus é cercado por um grupo dos seus oponentes, que exigem saber se Ele afirma ser o Cristo (12.22-42). Jesus confirma a Sua reivindicação, e também confirma a Sua autoridade para dar a vida eterna àqueles que atendem à Sua voz, pois Jesus é aquele que está com Deus Pai.

Mas como pode ser provada a capacidade reivindicada por Jesus de “dar-lhes a vida eterna” (10.28)? Quando Maria e Marta desesperadamente apelam a Jesus para que cure seu irmão, Jesus se atrasa, até que Lázaro esteja morto e enterrado (11.1-16). Quando Jesus finalmente chega, pede às irmãs entristecidas que reafirmem a sua fé de que Jesus é “a Ressurreição e a Vida” (11.17-37). Embora elas creiam, as irmãs e todos os presentes ficam surpresos quando Jesus chama Lázaro no seu túmulo – e o traz de volta à vida (11.38-44). O milagre obriga os oponentes de Jesus a revelarem suas verdadeiras intenções. Eles precisam decidir o que fazer, antes que os Seus notáveis milagres convençam todo o Israel de que Ele verdadeiramente é o Cristo. Em lugar de decidirem crer, os membros do conselho concordam que Jesus deve morrer (11.45-57). O povo continua

indeciso à margem, mas os líderes religiosos agora estão plenamente convencidos.

De volta a Betânia, enquanto os príncipes dos sacerdotes continuam a tramar, Jesus é ungido por Maria durante uma festa em que Lázaro estava presente (12.1-11). No dia seguinte, Jesus entra em Jerusalém, montado em um jumento, e é aclamado como Rei pela multidão entusiasmada (12.12-19). Mas Jesus sabe muito bem como será rápida a sua popularidade. Um tanto entristecido, Jesus fala da sua morte que está por acontecer, e confirma o seu compromisso de fazer a vontade do Pai (12.20-36). Ao mesmo tempo, o conselho e os príncipes dos sacerdotes, com corações endurecidos, se recusam a crer e dirigem intensa pressão contra todos aqueles que, dentre eles, crêem (12.37-49). Com tristeza, Jesus descreve as conseqüências da escolha de cada um daqueles homens: "A palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último Dia" (12.48).

Hoje nós também temos liberdade de escolha. Podemos escolher crer em Jesus, ou podemos nos recusar a fazê-lo. Mas não temos nenhuma liberdade para evitar as conseqüências da nossa decisão. Aqueles que crêem têm a vida eterna. Aqueles que não crêem permanecem condenados diante de Deus. A

decisão é nossa.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas... é ladrão e salteador (10.1,8). Um “ladrão”, kleptes, usa de habilidade, ao passo que um “salteador”, lestes, recorre à violência. Mas ambos têm a intenção de explorar os outros para o seu próprio benefício. Como é freqüente que os chamados “líderes religiosos” tenham a intenção de enganar em lugar de servir os demais.

O lobo as arrebata [as ovelhas] e dispersa (10.12). A parábola ou analogia de Jesus se baseia no conhecimento exato sobre ovelhas e pastores que a maioria das pessoas da Galiléia deveria ter. Este é apenas um exemplo. Se um rebanho de cabras é atacado, as cabras rapidamente se juntam e atacam com os chifres para defender-se. Mas as ovelhas se dispersam, o que as torna ainda mais vulneráveis. A sua única esperança é um pastor que se dedique a defendê-las, mesmo que ao fazer isso ele mesmo se coloque em perigo.

Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco (10.16). Muitos comentaristas acreditam que “este aprisco” se refere a Israel, ao passo que as “outras ovelhas” são aqueles gentios que reconhecerão a voz de Cristo através do Evangelho, e responderão positivamente ao Senhor.

E em Jerusalém havia a Festa da Dedicação (10.22). A festa era a Hanukkah, que comemorava a purificação e a re-consagração do Templo de Jerusalém por Judas Macabeu, aproximadamente 200 anos antes. O templo havia sido profanado por ordem do sírio Antíoco IV, e um porco havia sido sacrificado no seu altar.

Depois de uma rebelião de três anos, estimulados por este e outros atos que pretendiam banir o judaísmo, os macabeus libertaram o povo judeu e reconquistaram Jerusalém.

Rodearam-no, pois, os judeus (10.24). O verbo ekuklosan significa “rodear, cercar”. A imagem sugere uma multidão ameaçadora de líderes religiosos (veja o Estudo da Palavra de João 1.19) ao redor de Jesus, com a intenção de forçá-lo a “dizer abertamente” se Ele era o Cristo. Nós quase podemos ver Jesus balançando a sua cabeça com surpresa: “Já vo-lo tenho dito”, responde Ele (10.25). E ainda mais: “As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim”.

Nós não deveríamos ficar surpresos. Com que freqüência continuamos orando por algum sinal de que Deus permitir-nos-á fazer alguma coisa que sabemos que não é da sua vontade? O problema não é o fato de que precisamos saber “abertamente”. O problema é que com excessiva freqüência nós não queremos aceitar o que nos foi dito!

Se vivermos de uma forma completamente comprometida com a atitude de fazer a vontade de Deus da maneira que Ele a revela a nós, grande parte de nossa incerteza desaparecerá. Mas se encararmos a vida esperando que o Senhor permita que façamos aquilo que quisermos fazer, passaremos por muitos momentos de terríveis incertezas (Tg 1.5-8).

As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem (10.27). Os rebanhos de diferentes pastores freqüentemente eram guardados no mesmo curral à noite. Pela manhã, cada pastor chamava o seu rebanho, usando uma palavra ou expressão característica. Mesmo se outra pessoa chamasse as ovelhas, usando a mesma palavra ou expressão, as ovelhas não atendiam. As ovelhas reconheciam o tom e timbre específico da voz do seu próprio pastor, e respondiam somente a ele.

O rebanho de Deus só reconhece a voz de Jesus, e assim só responde positivamente a Ele. Quando vem o chamado do Evangelho, as Suas ovelhas levantam a cabeça e voltam os olhos em direção ao Salvador. E, reconhecendo-o, seguem-no de forma obediente até onde Ele as levar.

Eu e o Pai somos um (10.30). A palavra grega “um” é o pronome neutro hen. O seu uso aqui indica igualdade ou equivalência de naturezas. Mais uma vez os judeus sabiam exatamente o que Jesus estava dizendo, e mais uma vez eles reagiram como “homens zelosos” (veja Estudo da Palavra de João 8.58,59) e procuraram apedrejar Jesus pela Sua blasfêmia de “afirmar ser Deus” (10.33).

Uma vez mais nós vemos que o problema nunca foi a incerteza. A exigência de “dizer abertamente” (10.24) nunca foi sincera, nunca foi uma expressão de um desejo de saber ou entender. Na melhor das hipóteses, a exigência era um esforço frustrado para forçar Jesus a negar seu chamado. Na pior, era um esforço para flagrá-lo em uma admissão que poderia fornecer um motivo para apedrejá-lo – exatamente como a multidão desejava fazer agora.

Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses? (10.34). Esta afirmação enigmática gerou inúmeras interpretações confusas. Alguns supuseram que estas palavras implicam em uma negação de que as palavras de Cristo em 10.30 fossem de fato uma reivindicação de ser igual a Deus. De maneira nenhuma. Na verdade, a referência de Jesus ao Salmo 82.6 reforça a Sua afirmação de igualdade. O argumento é simplesmente o seguinte: se o Senhor chama de elohim (deuses) a meros seres humanos que serviam como juízes encarregados de aplicar a Lei de Deus, quanto mais Jesus, “aquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo” (10.36) merece ser considerado igual a Deus? A acusação de blasfêmia é tola, em vista do comprometimento demonstrado de Deus pelo Filho.

Disse, pois, Tomé, chamado Dídimo, aos condiscípulos: Vamos nós também, para morrermos com ele (11.16). Quando Jesus não se apressou a ir a Betânia em

resposta à mensagem de Maria e Marta, os discípulos concluíram que Jesus temia os seus oponentes. Betânia ficava a apenas três quilômetros de Jerusalém; naquela ocasião Cristo e os seus discípulos estavam a trinta e dois quilômetros de distância, na Peréia, e relativamente seguros. Assim, quando Jesus finalmente decidiu e disse: “Vamos outra vez para a Judéia” (11.7), os discípulos ficaram surpresos.

Os discípulos estavam corretos em sua avaliação do espírito dos inimigos de Jesus. E eles estavam convencidos de que se Jesus retornasse, Ele certamente seria morto.

Duas coisas se destacam nesta sentença de Tomé. A primeira, Tomé e os discípulos não compreendiam nada sobre a motivação de Jesus. Ele não estava agindo por medo, mas sim por compaixão e por uma firme determinação de glorificar a Deus. Vamos nos lembrar de que em tudo o que Deus nos pede para fazer, os seus motivos são sempre tanto positivos quanto bons.

A segunda, Tomé exibiu um comprometimento digno de louvor. Ele não entendia por que Jesus estava disposto a voltar, mas ele estava determinado a ir com o Senhor mesmo se isso lhe custasse a sua própria vida.

O discipulado ainda requer duas qualidades: um comprometimento para seguir a Jesus, não importa o custo. E uma convicção de que qualquer coisa que o Senhor nos peça para fazer é voltada para o bem.

Havia quatro dias que [Lázaro] estava na sepultura (11.17). A literatura rabínica sugere que o sepulcro devia ser visitado durante três dias para assegurar que a pessoa estivesse realmente morta (Sem. 8), ao passo que Gen. Rab. 100 (64a) diz: “Bar Qappara ensinou, A força total da lamentação não ocorre antes do terceiro dia, pois durante três dias a alma retorna ao túmulo, pensando que retornará [ao corpo]; quando, no entanto, ela vê que a cor da sua face já mudou, então ela se vai e deixa o corpo”.

Jesus esperou para aparecer no quarto dia, para que não houvesse nenhuma dúvida na mente de ninguém de que Lázaro estava realmente morto quando chamado para sair do túmulo.

Jesus, pois, quando a viu chorar e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito e perturbou-se (11.33). A palavra grega aqui é embrimaomai, que normalmente indica uma explosão de ira. No entanto, a maioria dos tradutores a interpretam como alguma emoção forte, tal como pesar ou simpatia.

Jesus sentiu um ímpeto de ira quando ouviu os lamentos da multidão, e pressentiu um desespero que lançava dúvidas sobre a sua crença na vida eterna? Ou quem sabe Jesus sentiu ira simplesmente pela existência da morte, e do seu domínio severo e desnecessário sobre a humanidade? Como o mesmo verbo é encontrado no versículo 38, isto talvez seja possível.

Mas é mais provável que “profundamente comovido” seja a tradução apropriada aqui. Pois, entre todos os homens, Jesus deve ter entendido a importância do pesar, de enfrentar a dor da rejeição e da perda que todos nós sentimos, e de levar esta dor a Deus, que definitivamente conhece a paz.

Virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação (11.48). A frase se refere ao medo de que Jesus pudesse estimular uma revolução religiosa espontânea. Se isto acontecesse, era provável que os romanos removessem dos judeus os seus últimos vestígios de identidade nacional e de um governo próprio. Parece significativo que a primeira preocupação expressa foi a de que os romanos tirassem “nosso lugar”. Como acontece com os políticos de qualquer época, houve uma tendência dos líderes pensarem em si mesmos em primeiro lugar, e na sua nação em segundo.

Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação (11.50). A afirmação de Caifás era uma profecia involuntária (11.51). Mas as palavras do sumo sacerdote refletem um extenso debate que deve ter chamado a atenção dos rabinos.

O debate nasceu da história de Seba, do Antigo Testamento (2 Sm 20.1), que

depois de ter liderado uma revolta contra Davi fugiu para a cidade de Abel-Bete-Maaca. Quando as forças de Davi atacaram a cidade, uma “mulher sábia” (20.16) persuadiu os cidadãos a cortar a cabeça de Seba e lançá-la por sobre o muro para o general de Davi, Joabe. A história levantou a questão: Quando é correto entregar um irmão judeu à morte?

Gen. Rab. 91.58a e 94.60a admitem o princípio: “É melhor que uma vida esteja em perigo incerto de morte do que todos em perigo certo de morte”, e “é melhor que este homem seja morto do que a totalidade ser castigada por sua causa”. Mesmo assim, os rabinos não estavam satisfeitos com isso e tentavam definir especificamente as condições sob as quais seria admissível entregar uma pessoa à morte para salvar muitos. O consenso determinava que se um grupo de assassinos ou autoridades pagãs exigissem que “um” entre um grupo de judeus, ou todo o grupo, fosse morto, todos deveriam morrer. Mas se as autoridades pagãs exigissem um indivíduo específico, ele seria entregue para o bem de todos.

No entanto, isto não era inteiramente satisfatório, e portanto foi sugerida uma nova exigência. Observando que Seba foi chamado de “homem de Belial” (2 Sm 20.1) Resh Laqish argumenta que até mesmo um indivíduo específico deveria ser entregue somente se estivesse realmente merecendo a morte.

Todos os bons sentimentos exibidos nesta discussão rabínica, no entanto, são irrelevantes aqui. Os romanos não haviam exigido que Jesus ou que qualquer judeu fosse entregue a eles. Caifás na verdade havia reinterpretado a antiga discussão, e os sumos sacerdotes e o Sinédrio estavam prestes a manipular os romanos para levar Jesus à morte. Jesus seria oferecido aos governantes pagãos por seu próprio povo, governantes que não haviam exigido nem que Ele especificamente nem que qualquer judeu lhes fosse entregue.

E, portanto, o uso de Caifás das palavras familiares, mesmo naquela época, “é melhor para vocês que um homem morra pelo povo”, estava completamente em desacordo com o contexto usual em que elas eram usadas. Nenhum rabino, ao examinar as implicações da entrega de Seba, jamais imaginou que o princípio que alguns extraíram daí seria usado para justificar a traição do Messias.

Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes (12.8). É possível distorcer este versículo para que as palavras pareçam frias e cruéis. Sabemos que tal interpretação distorce a verdade pois estas palavras foram proferidas por Jesus, que durante todo o seu ministério mostrou profunda

compaixão pelos oprimidos.

Como, então, devemos interpretar estas palavras? Com o verdadeiro sentido. Jesus não estaria com os seus seguidores por muito tempo. Mas se a preocupação de Judas com os pobres fosse sincera, ele não precisaria preocupar-se. Sempre haveria pobres que ele poderia ajudar.

Jesus estava certo. Ainda há muitos pobres. E muito poucos estão sinceramente preocupados com eles.

E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim (12.32). João só usa o verbo “levantar”, hupsoo, para descrever a morte próxima de Jesus (3.14; 8.28; 12.32,34). Este versículo não sugere que de alguma maneira todos os seres humanos serão, no final, salvos por meio da cruz. A expressão “todos”, pantas, nos ensina que a morte de Cristo era para todos, sem considerar a raça ou a nacionalidade, sem considerar riqueza ou pobreza, sem considerar a condição social ou o poder. Judeus, samaritanos e gentios, todos da mesma maneira, são chamados para a cruz, para Jesus Cristo, para encontrar nEle uma vida que sem Ele ninguém tem.

Ainda que [Jesus] tivesse feito tantos sinais diante deles, não criam nele (12.37). Jesus convida a todos. Mas cada indivíduo precisa fazer a sua própria escolha. Todos os que desejarem poderão vir. Todos os que não quiserem, não poderão ser salvos.

Quem me rejeitar a mim e não receber as minhas palavras já tem quem o julgue (12.48). Deus ainda está em Cristo, falando à humanidade perdida por meio do Evangelho. A sua voz é ouvida ainda hoje. E a escolha que cada pessoa faz tem conseqüências eternas.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O Pastor e seu rebanho (10.1-21).

Contexto. Muito foi escrito sobre as analogias que esta passagem desenvolve entre os costumes dos pastores orientais e a maneira como Cristo se relaciona com o seu próprio rebanho. Isto, naturalmente, é apropriado, pois Jesus esperava que os seus ouvintes, familiarizados com os costumes do pastor com as suas ovelhas, entendessem o que Ele estava dizendo. Ao mesmo tempo, é importante entender o histórico bíblico do que Jesus dizia. Certamente, os tão bem estabelecidos exemplos bíblicos eram pelo menos tão importantes, no que Jesus dizia, quanto era a agricultura.

Os exemplos bíblicos se originam de dois fatos. Deus é freqüentemente representado como Pastor e Israel como o seu rebanho. E os líderes humanos também são considerados pastores, responsáveis pelo bem estar do povo sob os seus cuidados.

A passagem mais familiar designando Deus como um Pastor é, naturalmente, o Salmo 23. No entanto, há muitas outras passagens. O Salmo 80, um hino usado em cultos públicos, começa com "Ó pastor de Israel, dá ouvidos; tu, que guias a José como a um rebanho, que te assentas entre os querubins, resplandece. Perante Efraim, Benjamim e Manassés, desperta o teu poder e vem salvar-nos".

Ezequiel enfatiza a ternura do pastor, e usa este exemplo para transmitir o amor de Deus pelo seu povo: "Eu apascentarei as minhas ovelhas, e eu as farei repousar, diz o Senhor Jeová. A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com juízo" (Ez 34.15,16).

Jeremias, advertindo contra os falsos pastores que não cuidam do rebanho de Deus, faz uma promessa que o Messias um dia cumprirá: "E eu mesmo recolherei o resto das minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; e frutificarão e se multiplicarão" (Jr 23.3).

Assim, quando Jesus afirmou "Eu sou o Bom Pastor", os seus ouvintes, mergulhados no Antigo Testamento, deveriam ter imediatamente percebido que Ele estava, uma vez mais, apresentando-se como o Messias de Israel e o seu Deus.

Ao mesmo tempo, as referências de Jesus aos “mercenários” (10.12,13) que não cuidam das ovelhas, eram um ataque inconfundível aos “escribas” ou “doutores da lei” que afirmavam ter autoridade espiritual sobre o povo de Deus. Não há dúvida de que o AT se refere aos líderes de Israel como pastores (Nm 27.15,16). E não há dúvida de que o AT condena severamente os líderes que deixam de se preocupar, como Deus faz, com o povo do concerto. Algumas passagens exemplificam: “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto, diz o Senhor. Portanto, assim diz o Senhor, o Deus de Israel, acerca dos pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e não as visitastes; eis que visitarei sobre vós a maldade das vossas ações, diz o Senhor” (Jr 23.1,2).

“Ovelhas perdidas foram o meu povo, os seus pastores as fizeram errar, para os montes as deixaram desviar” (50.6).

“E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize aos pastores: Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim, se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo, porquanto se espalharam. As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo o alto outeiro; sim, as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a face da terra, sem haver quem as procure, nem quem as busque” (Ez 34.1-6).

Com que clareza Ezequiel descreve os fariseus indiferentes, que não se preocupavam com os doentes que Jesus curou no sábado, nem com os “pecadores”, de cuja associação acusavam Jesus! E assim estas passagens do AT fornecem o histórico mais significativo para interpretar a afirmação de Jesus de ser “o Bom Pastor” e para ouvir as Suas palavras sobre “mercenários” que “não têm cuidado das ovelhas” (Jo 10.13).

Naturalmente, também existe valor em aprender sobre a maneira como os pastores do século I cuidavam das suas ovelhas. Precisamos visualizar o “curral” de que Jesus falou (10.1,9): uma caverna ou um curral com paredes de pedra,

coberto com urzes, que apresentava uma única entrada, na qual o pastor dormia para proteger o rebanho que estava dentro. Ao dizer “Eu sou a porta” (10.7,9) Jesus faz uma afirmação enfática de ser a única entrada para a salvação (10.9).

Nós observamos no Estudo da Palavra de 10.27 que o pastor oriental mais guia que pastoreia o seu rebanho, que atende à voz do pastor e confiantemente o segue. Todas estas analogias realmente têm uma possível aplicação em nosso relacionamento atual com Jesus. Mas é o histórico do AT dos exemplos do pastor e das ovelhas, e dos falsos pastores que não cuidam das ovelhas, que é a chave para entender o impacto das palavras de Cristo quando foram pronunciadas naquele ano fatal em Jerusalém.

Interpretação. Precisamos ler esta passagem à luz do uso do exemplo do pastor e das ovelhas no AT. Contra este cenário, o que Jesus está dizendo é simples e claro. Podemos resumir da seguinte maneira:

A afirmação de Cristo de que Ele é “o pastor das ovelhas” (10.2) é uma afirmação clara de que Ele é o Messias – o Deus que veio em carne para cuidar do seu rebanho. Como o “Bom Pastor”, Jesus voluntariamente dará sua vida pelo seu rebanho. Nisto, Ele é completamente diferente dos “mercenários” que não cuidam do rebanho, e na verdade exploram o povo de Deus para o seu próprio benefício.

Nem todos em Israel irão reconhecê-lo, mas aqueles que são as suas ovelhas irão reconhecer a sua voz e segui-lo.

Aplicação. Por um lado, a metáfora estendida contrasta de forma aguda a atitude de Deus e de Jesus para com os seres humanos, com a atitude dos líderes religiosos da época de Cristo. Qualquer pessoa que aceite um papel de liderança na igreja deve estar disposta a examinar a fundo os seus motivos e as suas atitudes. A menos que tenhamos aquela mesma preocupação pelos outros que motivava Jesus, nosso ministério certamente fracassará.

Por outro lado, podemos ter certeza de que apesar do predomínio dos falsos pastores, o povo de Deus reconhece a voz de Jesus. Podemos ter certeza, ao ensinar a Palavra de Deus, de que a sua verdade será ouvida e obterá a resposta daqueles que são de Deus.

A Morte e a Ressurreição de Lázaro (11.1-57)

Contexto. Veja o Estudo da Palavra de 11.17 para o significado da chegada de Jesus quatro dias depois da morte e do sepultamento de Lázaro. É necessário lembrar que os judeus enterravam um morto no mesmo dia da sua morte, sem a espera que marca nossos costumes da atualidade.

Interpretação. João desenrola esta história em quatro partes distintas: a demora de Jesus; o diálogo de Jesus e o ato decisivo de Jesus. Depois, se segue uma descrição da reação ao mais notável dos milagres de Cristo.

A DEMORA DE JESUS

Quando Lázaro adoeceu em Betânia, Jesus estava na Peréia, a uma distância de aproximadamente um dia de viagem. Mas enquanto o mensageiro se apressava pela estrada, correndo para dizer a Jesus: “Está enfermo aquele que tu amas” (11.3), Lázaro morreu. Antes que o mensageiro conseguisse chegar, Lázaro foi envolto nas roupas do sepultamento e colocado no seu túmulo.

Foi somente no dia seguinte que o mensageiro chegou e relatou a notícia a Jesus, e obteve a confirmação de que aquela enfermidade não era “para morte” (11.4). As palavras foram cuidadosamente escolhidas. A morte pode intervir. Mas, como no seu caso e no meu, nem mesmo a nossa enfermidade final terminará em morte, mas sim em uma nova vida.

João é cauteloso em nos contar que Jesus amava Marta, Maria, e Lázaro (11.5). Ele nos diz isso, porque os próximos atos não parecem expressar amor. Pois, depois de ouvir a notícia, “ficou ainda dois dias no lugar onde estava” (11.6). Este versículo é especial, e deveríamos memorizá-lo e agarrarmo-nos a ele, pois nos lembra que Deus nos ama mesmo quando Ele parece em silêncio, mesmo quando Ele parece não atender as nossas orações.

Jesus “ficou no lugar onde estava” e não fez nenhum movimento para se apressar para ir até onde estavam os seus amados. Mas a sua falta de ação não era uma prova de falta de preocupação. Nem significava que Jesus hesitava em fazer o que era melhor para Maria, Marta e seu irmão. Na verdade, a demora de Cristo era propositadamente destinada a trazer-lhes uma bênção assombrosa que iria fortalecer a fé deles, e glorificar a Deus. Acontece a mesma coisa conosco.

As dores que sofremos, as dúvidas angustiantes que nos fazem imaginar: “Isto poderia ter acontecido comigo se Jesus estivesse aqui?” um dia se dissolverão na alegria do maior milagre que Cristo deseja realizar em nossa vida.

E então, depois de dois dias, com Lázaro já há três dias enterrado, Jesus disse aos seus discípulos: “Vamos outra vez para a Judéia” (10.7). Alguns interpretaram mal as palavras, “Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono” (10.11). No entanto, “dormir” é um eufemismo bíblico freqüente para a morte. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

Existe uma similaridade óbvia entre uma pessoa que está dormindo e uma que está morta. Nenhuma delas está consciente nem reage ao que está acontecendo ao seu redor. Mas no NT existe uma similaridade teológica que nos leva além do óbvio. Nas duas passagens em que esta palavra é usada diversas vezes (1 Ts 4; 1 Co 15), o NT fala da nossa ressurreição. A alegre afirmação das Escrituras é que a morte, que parecia tão final para os pagãos, assume um novo significado com Cristo. Despida do temor que ela causa, a morte agora tem o rosto do descanso imperturbável; e assim, o crente de hoje pode dizer, como o significado mais profundo, as antigas palavras de Davi: “Eu me deitei e dormi; acordei, porque o SENHOR me sustentou” (Sl 3.5) [p.571].

Portanto, Jesus fala aqui do sono da morte; um sono do qual Ele pretende despertar Lázaro e demonstrar-nos o poder que Ele tem sobre o poder da morte.

Os discípulos não entenderam. Mesmo quando Jesus lhes disse claramente (11.14,15), não há nenhuma indicação de que eles sequer imaginassem o que iriam testemunhar em breve. Em lugar de levantar a excitação da expectativa, as palavras de Jesus tiveram o efeito contrário, e Tomé teve certeza de que o pequeno grupo estava retornando à Judéia para encontrar a sua própria morte, em lugar de ver a morte fugir diante da ordem de Jesus.

Ouçamos com mais atenção a Jesus, e guardemos as suas palavras. A morte biológica ainda é nossa inimiga. Mas é uma inimiga que podemos derrotar. Mesmo quando enfrentamos a morte, olhamos além dela, e vemos nela a aparência brilhante e luminosa da vida eterna.

O DIÁLOGO DE JESUS COM AS IRMÃS

Quando Jesus finalmente chegou a Betânia, Lázaro já estava no sepulcro há quatro dias. Já não havia dúvida de que ele estava realmente morto.

Marta saiu correndo e foi a primeira que encontrou Jesus. As suas primeiras palavras foram palavras de fé, e não, como alguns sugeriram, de censura. Se Jesus tivesse estado ali, o seu irmão certamente não teria morrido. Cristo detinha o poder de impedir aquela terrível ceifa. Mas Marta parece esperar ainda mais de Jesus: “Mas também”, diz ela, “tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá” (11.22).

Ainda assim, quando Jesus promete: “Teu irmão há de ressuscitar” (11.23), Marta pensa na ressurreição do último Dia.

Nisto, Marta, como também Maria (11.32), são muito parecidas com você e comigo. Nós estamos convencidos de que Jesus tem poder para realizar milagres. Estamos convencidos de que Ele pode fazer qualquer coisa. Sabemos e estamos convencidos de que Ele morreu e ressuscitou por nós, e de que quando Jesus retornar Ele conduzirá os crentes que morreram à vida eterna. Mas será que uma grande parte de nossa fé no poder que Jesus tem para atuar limita a Sua obra a um passado distante, ou a um futuro longínquo? Quanto da nossa fé se concentra no agora? Com que freqüência esperamos que Ele trabalhe em nós e para nós em nosso hoje?

Quando Jesus disse a Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida” (11.25), Ele usou um verbo não temporal. Nunca houve um momento da história passada em que o poder de Jesus de dar a vida estivesse limitado. Nunca haverá um momento na história futura em que Ele poderá estar incapaz de agir. Assim como nada limita Jesus exatamente agora – em nosso presente, assim como no presente de Marta, Jesus é a ressurreição e a vida, o poder e a autoridade definitivos em tudo neste universo.

Isto não significa que Jesus agirá para atender todas as nossas orações. Nem todas as doenças serão curadas. Nem todas as tragédias serão afastadas. Mas, apesar disso, podemos ter a certeza de que enquanto Jesus espera, Ele ama. E

quando por fim Jesus agir a nosso favor, descobriremos a bênção do amor naqueles dolorosos momentos em que o aguardamos.

João quer que saibamos que Jesus realmente se preocupa quando, como Marta e Maria, nós formos atingidos pela dor. Jesus “moveu-se muito em espírito e perturbou-se” (11.33) com o sofrimento das irmãs (11.33). E Jesus também chorou (11.35). Nunca é fácil para Deus permitir que sintamos dor. Ele não somente nos ama, Ele também sofre conosco. Ele permite nosso sofrimento, mas somente porque sabe que através de nosso sofrimento virão também o bem e a alegria.

O ATO DECISIVO DE JESUS

Quando Jesus chegou ao sepulcro, Ele ordenou que a pedra que bloqueava a entrada fosse removida. Marta objetou. O corpo já teria começado a se decompor. Jesus insistiu, e pronunciando uma oração de gratidão ao Pai, chamou: “Lázaro, vem para fora” (11.43).

O corpo de Lázaro sem dúvida havia sido preparado da maneira tradicional, envolto em um único e grande lençol de linho, dobrado ao redor do corpo e então envolto com faixas de linho. Quando o morto saiu, tinha “as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço” (11.44). Lázaro não caminhou com segurança até a luz. Ele deve ter vindo cambaleando, ainda carregando os símbolos da morte. Mas a sua aparição, vivo novamente, era uma demonstração suprema do poder da vida triunfando sobre a morte, e da supremacia de Cristo.

REAÇÕES

Finalmente, João descreve as variadas reações a este notável milagre que Jesus realizou. Alguns creram (11.45). Mas o Sinédrio estava cego à esperança implícita na ressurreição de Lázaro. Em seu ciúme e medo, eles viam a

possibilidade de que Jesus se tornasse cada vez mais popular, e desta forma eles ficaram ainda mais determinados do que nunca a matá-lo.

Que cegos. Como se a morte pudesse vir a superar a origem da vida. Ou se as trevas pudessem apagar a luz.

Aplicação. A história da ressurreição de Lázaro é extremamente encorajadora. Ela nos recorda de que Deus nos ama e tem um bom objetivo mesmo quando Ele nos permite sofrer. Ela nos recorda de que Jesus não está limitado em sua capacidade de agir por nós hoje. E nos assegura de que estaremos sempre seguros naquele que triunfa sobre a morte.

Jesus é Ungido em Betânia (12.1-11). Veja a história similar comentada em Lucas 7.36-50, e as passagens paralelas em Mateus 26.6-13 e Marcos 14.3-9.

A Entrada Triunfal (12.12-19). Veja o comentário sobre Lucas 19.28-44 e as passagens correspondentes em Mateus 21.1-11, 14-17 e Marcos 11.1-11.

Jesus Prediz a Sua morte (12.20-36). Veja outras predições em Mateus 16.21-28, Marcos 8.31-38 e Lucas 9.22-27.

Os Judeus Continuam com a sua Falta de Fé (12.37-50). Veja o Estudo da Palavra sobre João 12.37 e 12.48.

João 13.1–15.17

As Últimas Palavras de Jesus

EXPOSIÇÃO

-

Cada um dos Evangelhos fala brevemente de uma Última Ceia que Jesus compartilhou com os seus discípulos. Mas somente João nos convida a acompanhar os Doze que se reuniram ao redor de Cristo naquela noite significativa, para ouvir as últimas palavras que nosso Senhor dirigiria aos seus seguidores mais próximos. Essas palavras são resumidas para nós em João 13–17. A passagem tem sido chamada de "sementeira das Epístolas", pois praticamente todas as principais doutrinas desenvolvidas nas cartas do NT estão originalmente presentes nas instruções que Jesus deu na Última Ceia. Este sermão é tão importante que dois capítulos separados deste comentário estão dedicados a ele, e aos temas essenciais aqui desenvolvidos por nosso Senhor.

O relato de João começa quando a ceia está sendo servida. Jesus choca os seus discípulos ao assumir o

papel de uma mulher ou de um escravo doméstico, lavando-lhes os pés. Com isto, Ele exemplifica para eles a atitude servil que eles terão de exibir como líderes da Sua igreja (13.1-17). Quando Jesus prediz a Sua traição, Judas se encaminha para a escuridão, deixando Cristo sozinho com os Onze discípulos fiéis (13.18-30). É para eles que Jesus dá o seu "novo mandamento" de que se amassem uns aos outros... "como eu vos amei a vós" (13.31-38); é aos Onze que Cristo encoraja, com a promessa de que Ele retornará depois de preparar um lugar para eles (14.1-4); é aos Onze que Jesus lembra que Ele Mesmo é o único caminho pelo qual qualquer ser humano pode se aproximar de Deus Pai (14.5-14). Então, pela primeira vez, Jesus começa a explicar como os crentes serão capazes de continuar em um relacionamento pessoal com Ele depois da Sua ressurreição (14.15-31). Esta possibilidade existe porque Jesus enviará o Espírito Santo para residir no crente. Por meio do Espírito, o crente que ama a Jesus e obedece aos Seus ensinos verdadeiramente sentirá a presença de Cristo e conhecerá uma paz que somente Jesus pode dar.

Que importância tem continuarmos próximos a Jesus? É simplesmente tão importante para nós quanto é que um ramo continue unido à sua videira. A videira é a fonte da vitalidade e da vida; sem uma

união íntima que permite que os fluidos da vida passem da videira para os ramos, o ramo fica seco e inútil, incapaz de produzir frutos. Amando a Jesus e reagindo às suas palavras, o cristão mantém este união essencial e produzirá o fruto que Deus deseja. E, além disso, sentirá a alegria que resulta de uma união frutífera com o Senhor.

O sermão da Última Ceia, portanto, se inicia com um foco claro e característico. Jesus não está fisicamente presente conosco enquanto vivemos as nossas vidas neste mundo. Ainda assim, pelo Espírito a Sua presença espiritual se faz completamente real. Quando o amor por nosso Senhor se expressa em obediência a Ele, nós sentimos esta presença real e também somos espiritualmente produtivos. Não é de admirar que caminhar próximo ao Senhor produza tanto paz quanto alegria.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Antes da festa da Páscoa (13.1). Há algum debate sobre o fato de que a Última Ceia tenha sido de fato a refeição de Páscoa, ou uma refeição tradicionalmente feita na noite anterior à Páscoa. Em Mateus 26.19, no entanto, está escrito que os discípulos "prepararam a Páscoa". Alguns argumentaram que como João 13.29 indica que os discípulos pensaram que Jesus tivesse dito a Judas que

saísse e comprasse algo para a festa, esta não poderia ter sido a refeição de Páscoa. Se eles estivessem celebrando a Páscoa, dificilmente teriam se esquecido de comprar os ingredientes para essa refeição! Por outro lado, eles poderiam ter necessitado mais comida para continuar a festa. Se a Páscoa fosse realmente no dia seguinte, eles não teriam tido necessidade de se apressar. No entanto, na verdade, a expressão "que desse alguma coisa aos pobres" (13.29) estabelece que esta realmente era a Páscoa. Por que? Era costume dar esmolas aos pobres nessa noite, e os mendigos se reuniam junto aos portões do templo até meia-noite para aceitar doações daqueles que desejassem realizar esta boa ação.

Na verdade, portanto, os discípulos de Jesus haviam entrado na cidade por volta do meio-dia da quinta-feira, o décimo quarto dia do mês de nisã. Eles conseguiram a sala, levaram o cordeiro ao templo, onde ele foi morto e fizeram os outros preparativos para a refeição da noite. Então eles se reuniram depois do entardecer (o décimo quinto dia, pelo sistema judeu), e foram acompanhados por Jesus para celebrar a tradicional cerimônia. Na tarde seguinte, ainda o décimo quinto dia, o simbolismo da Páscoa se cumpriu quando Jesus morreu na cruz, abrigando, através do seu sangue derramado, todos aqueles que crêem.

À medida que prosseguimos na leitura, nos lembramos de que estas são verdadeiramente as "últimas palavras" de Jesus aos seus discípulos – palavras que expressam o que estava no fundo do seu coração, à medida que se aproximava a morte.

[Jesus] começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido (13.5). A tarefa de lavar os pés estava incluída entre as tarefas mais servis do século I. A literatura rabínica sugere o quanto era servil. Segundo Mekh Exod 21.2.82a, os escravos judeus não tinham que lavar os pés uns dos outros; isto era um trabalho somente para os escravos gentios, as mulheres e as crianças. Uma história interessante sobre o lavar dos pés está apresentada em Pe'a 1.15c. 14. A história conta que Rabi Ishmael não permitia que a sua mãe lavasse os seus pés quando ele voltava da sinagoga porque o trabalho era muito aviltante. Ela, no entanto, pediu que uma corte de rabinos o repreendesse por não permitir que ela tivesse essa honra. Embora a história tenha o objetivo de sugerir a posição elevada atribuída aos sábios do judaísmo rabínico, ela ressalta o motivo pelo qual os discípulos reagiram daquela maneira quando Jesus começou

a lavar os seus pés. O ato de Cristo, portanto, no contexto do judaísmo do século I, era verdadeiramente chocante – um exemplo completamente surpreendente de humildade que deve ter causado uma impressão profunda e duradoura nos seus seguidores. Nós não conseguimos imaginar uma maneira mais poderosa através da qual Deus pudesse ter deixado aos seus discípulos “um exemplo” (13-15) da atitude que eles deveriam desenvolver para liderar eficazmente o povo de Deus.

Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés (13.10, versão RA). Muitos intérpretes observaram, em primeiro lugar, que este versículo usa a imagem de banhar e lavar metaforicamente. Aqui “banhar” é louo ao passo que “lavar” é nipto, que significa lavar ou enxaguar.

O contexto desta observação é o choque de Pedro e a sua recusa a permitir que Jesus lavasse os seus pés. O texto grego no versículo 8 é enfático: “O Senhor, lavar os meus pés? NUNCA!” Mas consideremos. A lavagem que limpou os pés de Pedro não foi nada quando comparada com a purificação da personalidade de Pedro, que foi feita com o próprio sangue do Salvador! Ele foi completamente purificado por dentro: o seu coração foi “lavado”, e portanto se tornou adequado para o reino de Deus. Mas até mesmo aqueles que são purificados pela Palavra de Deus são imperfeitos. Assim como o homem que ao sair do banho para ir ao banquete de um vizinho acaba apanhando fuligem e poeira ao caminhar pelas ruas, também os cristãos precisam ser purificados de cada falha em que incorram ao caminharem por este mundo.

A perfeição nos escapa. Mas o amor de Deus que perdoa continua nos purificando à medida que confessamos nossos pecados àquele que nos purificou por dentro (1 Jo 1.9).

Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também (13.15). Durante a Reforma, alguns assumiram literalmente este versículo, e acrescentaram o “lava-pés” aos sacramentos que observavam. João Calvino, que viu no ato simbólico de Jesus a auto-humilhação pelo bem dos demais, era particularmente crítico em relação àqueles que se orgulhavam dos seus serviços

de lavar pés, e desprezavam outros cristãos. Calvino escreveu:

Todo ano eles mantêm um lava-pés teatral, e quando concluem esta cerimônia vazia e sem sentido, acham que realizaram perfeitamente o seu trabalho e então estão livres para desprezar os seus irmãos. Mas, quando terminam de lavar os pés de doze homens, eles torturam cruelmente todos os membros de Cristo e, desta forma, cospem no rosto do próprio Cristo. Esta comédia cerimonial não é nada além de uma zombaria vergonhosa de Cristo. De qualquer forma, Cristo aqui não prescreve uma cerimônia anual, mas manda que estejamos dispostos a lavar os pés de nossos irmãos durante toda a nossa vida.

A cerimônia é, na melhor hipótese, um símbolo de uma atitude em relação a si mesmo e aos outros, que deve ser vivida todos os dias da nossa vida.

Disse Jesus: Agora, é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado nele (13.31). Para um comentário sobre esta expressão e o seu uso por João, veja o comentário sobre João 17.1.

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros (13.34,35). Aqui a expressão grega é kainen, uma palavra que indica qualidade. Aqui “novo” não significa “mais recente”, e sim “superior, novo e de melhor qualidade”. Certamente o mandamento para amar é antigo, profundamente enraizado no Antigo Testamento (Lv 19.18,34). O que é superior àquele antigo mandamento na nova expressão que Jesus faz dele? Pelo menos três coisas:

Existe um novo relacionamento. O AT convocou o povo de Deus para “amar o seu próximo como a si mesmo” (Lv 19.18); Jesus nos convoca para “amar-nos

uns aos outros", uma expressão que nos recorda que na nova comunidade de Cristo nós não somos simplesmente próximos, mas sim uma família: ligados uns aos outros por nosso relacionamento comum com o Deus que agora reconhecemos como Pai.

Existe um novo padrão. O mandamento do AT era amar o próximo como você ama a si mesmo. O mandamento superior de Jesus nos convoca para amarmo-nos uns aos outros "como Eu vos amei". Da mesma maneira como Jesus colocou nosso bem-estar acima do seu próprio, até mesmo entregando-se para nos salvar, também nós devemos, igualmente, nos sacrificar pelos irmãos e irmãs que devemos amar.

Existe um novo resultado. A pureza da comunidade de fé do AT devia exibir a justiça de Deus. Agora Jesus diz que, se nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou, "todos conhecerão que sois meus discípulos" (13.35). O amor na comunidade cristã é uma prova forçosa para um mundo perdido de que Jesus é real e está entre nós. Quando eles virem nosso amor, saberão que a única explicação é a seguinte: nós somos o povo de Jesus e os seus discípulos.

Assim, o mandamento de Jesus é verdadeiramente novo. Não é que Deus nunca tenha chamado o seu povo para o amor antes. Mas que, em Cristo, o amor se torna uma expressão ainda mais dinâmica e poderosa do relacionamento que temos uns com os outros e com o nosso Senhor.

Não se turbe o vosso coração (14.1). A construção em grego, me tarassestho, realmente significa "deixem de se perturbar". Como é fácil ficar desencorajado ou amedrontado quando as coisas não vão bem. Apesar disso, a solução está à mão. Devemos colocar a nossa confiança em Deus e em Jesus. Concentrar-se em quem Deus é, e no grande amor que Jesus tem por nós, traz paz.

Na casa de meu Pai há muitas moradas (14.2). A versão King James em inglês, traduziu monai pollai como “muitas mansões”. Isto foi infeliz, pois a imagem que esta expressão em inglês transmite é a de casas grandes, imponentes mas impessoais. Uma imagem completamente diferente foi criada para o leitor do século I. Eles vislumbravam exatamente o que a versão NIV descreve, uma casa pequena com muitos quartos dispostos ao redor de um pátio central onde a família se reúne nas tardes de calor. Uma casa bonita em que cada membro da família tem o seu próprio apartamento e todos vivem em um contato próximo com o Pai que todos amam.

O céu pelo qual ansiamos, que Jesus está preparando para nós desde já, não é um lugar onde poderemos estar sozinhos, mas um lugar ao qual realmente pertenceremos. Um lugar onde verdadeiramente estaremos próximos do nosso Deus.

Na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai (14.12). À primeira vista, esta é uma afirmação surpreendente. Como pode qualquer discípulo – seja um dos onze, seja um cristão de hoje – fazer “obras maiores” do que as que Jesus fez? Isto simplesmente não pode ser verdade! Ainda assim, Jesus disse isto, e portanto deve ser verdade que essas “obras ainda maiores” do que as que Jesus fez sejam esperadas de nós.

O contexto nos dá as indicações que precisamos entender. Jesus falava do Pai, que vivia nEle, fazendo a Sua obra por meio do Filho Encarnado (14.10). Isto não é realmente surpreendente, pois o Pai e o Filho eram um só, e o Jesus sem pecado viveu a sua vida em uma união completa e indissolúvel com o Pai.

Mas nestas “últimas palavras” Jesus olha adiante, para um futuro em que Ele mesmo estará fisicamente ausente, embora espiritualmente presente com os crentes. Da mesma forma como Ele vivia em união com o Pai, nós viveremos em união com Ele. E da mesma forma como o Pai agia por meio do Filho, também o Filho agirá por nosso intermédio, que somos seu corpo aqui na terra.

E esta é a razão pela qual “aquele que crê em mim” fará “obras ainda maiores”. Não era de surpreender que o Pai pudesse agir por meio do Filho, mas é completamente maravilhoso que nós, seres humanos pecadores, possamos nos tornar o meio através do qual nosso Santo Deus agirá e expressar-se-á no mundo.

As obras são maiores, não porque elas sejam maiores em grau ou em poder, mas porque Deus expressará seu poder por meio de agentes pecadores, e não por um agente sem pecado. Quando Deus agir por seu intermédio, ou por meu intermédio – isto realmente será um milagre!

Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei (14.14). No pensamento hebraico, assim como no NT, o “nome” está intimamente ligado à identidade e ao caráter básico da pessoa citada. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

Quando Jesus incentivou os apóstolos a orarem em Seu nome (Jo 14.13,14; 15.16; 16.23,24,26), Ele não estava se referindo a uma expressão incluída no final de uma oração. Orar “em nome de Jesus” quer dizer (1) identificar o conteúdo e a motivação da oração com tudo o que Jesus é, e (2) orar com plena confiança nEle, da maneira que Ele se revelou. Jesus prometeu que as orações em seu nome seriam atendidas (p.454).

Esta promessa não é um cheque em branco que podemos sacar para satisfazer desejos egoístas, mas, sim, uma promessa de que quando fizermos dos objetivos de Cristo nossos próprios objetivos, Ele disponibilizará todos os recursos do céu para que possamos atingi-los.

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize (14.27). A promessa de Jesus está baseada no conceito do AT expresso na palavra shalom. Esse conceito é complexo e sugere plenitude, unidade, harmonia, integralidade, firmeza. Embora seja basicamente um conceito relacional no AT, shalom tem traços de prosperidade, saúde e satisfação.

O AT deixa muito claro que a origem da paz verdadeira é o relacionamento que uma pessoa tem com Deus, e é sentida somente por “aqueles que amam a sua lei” (Sl 119.165). Em contraste, “os ímpios são como o mar bravo que se não pode aquietar e cujas águas lançam de si lama e lodo. Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz” (Is 57.20,21).

A única paz que o mundo pode oferecer é o cessar da luta exterior. A paz que Jesus traz é uma calma e uma segurança interior que persistem, não importa o quão tempestuosas possam ser as circunstâncias.

Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e as colhem e lançam no fogo, e ardem (15.6). Este versículo suscitou medo no coração de muitos cristãos. Esta é uma advertência de Cristo de que a menos que estejamos nEle, Deus nos rejeitará e condenará ao castigo eterno?

Um dos princípios interpretativos mais importantes que deve ser seguido se tivermos a esperança de entender qualquer passagem nas Escrituras, é o de perguntar em primeiro lugar: Qual é o assunto da passagem que estamos lendo? Isto é: De que fala a passagem?

Neste caso, Jesus não está falando sobre a salvação, mas sim sobre a falta de frutos. Ao tratar deste tema, Jesus se baseia nos costumes comuns daqueles que cultivavam as videiras tão familiares nas regiões altas de Israel. Neste versículo, Ele simplesmente destaca a inutilidade de qualquer ramo que deixa de produzir fruto. A videira fibrosa não pode ser talhada, como o pinho ou o carvalho, para formar algum objeto útil. Não servindo para nada, ela é descartada e queimada pelo vinhateiro.

Deus nos escolheu para que demos frutos. Para fazer isto, devemos estar próximos de Jesus e reagir obedientemente às suas palavras. Não adianta dizer a nós mesmos que qualquer outro objetivo ao qual nos dediquemos tem valor eterno. Os cristãos são ramos, e nosso único valor para Deus é o de termos condições de produzir os frutos que Ele deseja.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Jesus Lava os Pés dos Seus discípulos (13.1-17). Veja o Estudo da Palavra sobre João 13.5 e 13.10, acima.

Jesus Prediz a Sua traição (13.18-30). Veja o comentário sobre Mateus 26.17-30 e as passagens paralelas em Marcos 14.18-21 e Lucas 22.21-23.

Jesus Prediz a Negação de Pedro (13.31-38). Veja os comentários sobre Mateus 26.31-35 e as passagens paralelas em Marcos 14.27-31 e Lucas 22.31-38.

Jesus consola os Seus discípulos (14.1-4). Veja o Estudo da Palavra sobre João 14.2, acima.

Jesus, o Caminho para o Pai (14.5-14). Veja o Estudo da Palavra sobre João 14.12,13, acima.

Contexto. O antigo Oriente Médio era uma terra de muitos deuses e deusas. Dois elementos eram comuns nas religiões antigas. Em primeiro lugar, acreditava-se que os muitos deuses e deusas de um povo tivessem papéis diferentes – como deus da guerra, deusa do fogo, do lar etc. E, em segundo lugar, muitas regiões eram encaradas como pertencendo a uma ou mais das divindades do povo. Assim, se uma pessoa se mudasse, digamos de Persépolis para Damasco, ela continuaria a adorar as suas próprias divindades, mas também seria sábio adorar os deuses que possuíam a Síria.

O Deus do AT é completamente diferente das divindades contemporâneas. Há um só Deus verdadeiro. Somente Ele tem todos os atributos da Divindade e controla todos os aspectos do destino do seu povo. Embora Israel seja exclusivamente a Sua terra, emprestada para o povo do concerto, o Senhor é o Criador e o Possuidor de todas as regiões da terra; o único Senhor do universo.

Este convicção sustentada pelos judeus devotos de que somente o Deus do AT é Deus, e que todas as divindades dos pagãos são ídolos vazios ou demônios disfarçados separa o judaísmo de todas as outras religiões do mundo. O resto era marcado pelas suposições supersticiosas de que havia muitos deuses, uma crença que levou a uma tolerância geral de todas as religiões dos outros povos. Em contraste, o judaísmo era considerado intolerante; as suas reivindicações exclusivas iam contra o pensamento de toda a cultura contemporânea. No século I, entretanto, o judaísmo foi aceito no Império Romano como uma religião legítima. Isto não aconteceu porque alguém aceitasse as suas pressuposições teológicas, mas sim por causa da antiguidade do judaísmo. Parecia aos romanos que qualquer religião que fosse antiga tinha muito a seu favor, e, de maneira similar, uma religião nova era vista com grandes suspeitas.

O que é importante para nós, à medida que estudamos esta passagem (Jo 14.5-14), é que entendamos que a fé bíblica sempre foi essencialmente intolerante com as outras religiões e sempre sustentou que somente ela promete um relacionamento com Deus. Não é de admirar, então, ouvir a Jesus, que se apresenta como o cumprimento das visões dos profetas do AT, fazendo uma reivindicação semelhante.

Interpretação. A afirmação de Jesus é objetiva e clara. “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (14.6).

Quando nós, cristãos, afirmamos esta verdade hoje em dia, provavelmente também seremos acusados de intolerância. Muitas pessoas nos dirão que Deus é conhecido por muitos nomes. E os homens e as mulheres religiosos irão insistir que existem muitos caminhos, mas que todos levam a Deus. Alguns, especialmente preocupados com os judeus, argumentam hoje a favor de uma abordagem de “dois concertos” à fé bíblica. O primeiro concerto (o Antigo Testamento) ainda é válido para os judeus, que são aceitos com base em seu comprometimento com o Deus do Antigo Testamento, ao passo que o segundo concerto (o Novo Testamento) é válido para os cristãos, que são aceitos com base em sua fé em Jesus Cristo. O judeu, eles dizem, não precisa crer em Jesus

para ser aceitável a Deus, pois o novo concerto não substitui, verdadeiramente, o antigo.

Outros irão dizer que Deus é tão bom e amoroso que não poderia condenar alguém à punição eterna; portanto, logicamente, todos os homens e mulheres serão salvos. Eles podem crer em Alá ou em Buda ou até mesmo não crerem em nada. Não faz diferença. No final, eles insistem, todos serão reunidos por Deus como seus. Mas Jesus diz simplesmente: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

Hoje em dia, cada pessoa certamente é livre para acreditar naquilo que escolher. Pode acreditar que todos serão salvos. Pode argumentar que a fé do Antigo Testamento é tão aceitável a Deus quanto o cristianismo. Pode haver grandes apelos emocionais a favor do crente “sincero” que procura se aproximar de Deus por meio do hinduísmo ou do xintoísmo. Mas a despeito daquilo que os seres humanos possam dizer, Jesus disse: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

Aplicação. Aquele que crê no Deus da Bíblia sempre teve a missão de dar testemunho a favor de um Deus que insiste que se chegue até Ele pelos Seus métodos, e não pelos métodos dos homens. Este ainda é nosso desafio: dar testemunho a favor dEle, e compartilhar as Boas Novas de que todos podem se chegar ao Pai – mas somente por meio de Jesus, o Filho de Deus.

Jesus Promete o Espírito Santo (14.15-31)

Contexto. Esta passagem contém alguns dos ensinos mais claros nas Escrituras de que o Espírito Santo é uma Pessoa divina e que ao mesmo tempo, com o Pai e com o Filho, constitui o Único Deus das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Quando Jesus disse: “ele vos dará outro Consolador” (14.16), Ele usou a palavra grega allos, que quer dizer “outro do mesmo tipo”. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words resume a evidência bíblica da individualidade e da divindade do Espírito.

Algumas pessoas sugeriram que o Espírito Santo pode ser compreendido simplesmente como a “influência divina” ou como o “poder animador” de Deus. Tais tentativas de destituir o Espírito Santo de individualidade e de divindade simplesmente fracassam, porque elas são claramente contraditas pelas Escrituras.

Quando Jesus falou do Espírito Santo, nosso Senhor escolheu o pronome pessoal “ele”, ainda que “espírito” em grego seja uma palavra neutra (Jo 14.17, 26; 16.13-15). Cristo prometeu enviar aos seus discípulos “outro Consolador” quando Ele retornasse ao céu, e Ele identificou o Espírito como o prometido. A palavra das Escrituras para “outro” é allos, uma palavra grega que significa “outro de mesmo tipo”, em distinção a heteros, que significa “outro de um tipo diferente”. Cristo, a segunda pessoa da Divindade, iria enviar o Espírito, que é igualmente Deus, para viver dentro daqueles que cressem.

Existem muitas outras indicações de que o Espírito é uma Pessoa e não uma força ou influência. O Espírito Santo conhece e entende (Rm 8.27; 1 Co 2.11). O Espírito Santo se comunica em palavras (2 Co 2.13). O Espírito ama (Rm 15.30), pode ser insultado (Hb 10.29); pode-se mentir a Ele (At 5.3), pode-se resistir a Ele (At 7.51) e pode-se entristecê-lo (Ef 4.30). O Espírito Santo ensina (Jo 14.26), intercede (Rm 8.26), convence (Jo 16.7,8), dá testemunho (Jo 15.26), e dirige (Jo 16.13). Cada uma destas atividades dá testemunho do fato de que o Espírito é uma Pessoa e não uma influência impessoal.

O Espírito Santo também é uma pessoa divina. A Bíblia identifica claramente o Espírito como Deus pelos títulos que dá a Ele. Ele é o Espírito eterno (Hb 9.14), o Espírito de Cristo (1 Pe 1.11), o Espírito do Senhor (Is 11.2), o Espírito do Senhor soberano (Is 61.1), o Espírito do Pai (Mt 10.20) e o Espírito do Filho (Gl 4.6). Nenhum ser, a não ser Deus, ostenta tais títulos divinos.

A divindade do Espírito é evidenciada de outras maneiras. Ele é onipresente, como somente Deus pode ser (Sl 139.7; 1 Co 12.13). Ele é Todo-poderoso (Lc 1.36; Rm 8.11). Ele é um agente da Criação (Gn 1.2; Sl 104.30) e tem poder de realizar milagres (Mt 12.28; 1 Co 12.9-11). O Espírito é aquele que nos traz o novo nascimento (Jo 3.6; Tt 3.5). Foi o Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos, e que traz a vida da ressurreição que vem de Deus para você e para mim (Rm 8.11). Pode-se blasfemar contra o Espírito Santo (Mt 12.31,32; Mc 3.28,29), e mentir ao Espírito Santo é considerado como mentir a Deus (At 5.3,4). O testemunho bíblico é claro. O Espírito Santo é uma Pessoa. E o Espírito Santo é Deus (p.186).

Interpretação. Esta passagem faz mais do que apresentar os ensinos do NT sobre o Espírito Santo como sendo uma Pessoa. Ela apresenta o tema da presença

pessoal do Espírito com o crente, e dentro dele. Isto tem muitas conseqüências para a vida e a experiência do cristão, algumas das quais estão exploradas no comentário sobre Romanos 8 e Gálatas 5. Aqui, o assunto em vista é a experiência pessoal do crente com a presença de um Cristo ausente.

Ao fazer a sua promessa do Espírito, Jesus disse: “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós” (14.18).

Fica claro, com base na ênfase deste capítulo no Espírito Santo, que Ele é aquele que estabelece o elo entre Cristo e o crente que torna possível a nossa experiência com o Senhor. A pergunta que permanece, entretanto, é: O que devemos fazer para verdadeiramente sentir a presença de Jesus?

Jesus responde claramente a esta pergunta. Observe estes versículos de nosso capítulo:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele” (14.21).

E “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras” (14.23,24).

Cada um destes versículos observa que o amor por Cristo motiva a obediência aos ensinos de Cristo. E cada um deles afirma que Jesus se mostra àquele cujo amor o motiva a responder.

É por isso que o mundo nunca sentirá a realidade de Jesus. O mundo não ama a Jesus e portanto não será movido, no coração, a obedecer às palavras de Cristo. Mas você e eu, que amamos a Jesus, e que desejamos agradar a Ele, iremos sentir a Sua presença – ao obedecermos.

Implicações. Há ocasiões em que o Senhor pode não parecer real aos crentes: ocasiões em que oramos e os céus parecem fechados. Ocasiões em que duvidamos, e não ouvimos nenhuma voz de certeza. Ocasiões em que temos medo e lutamos desesperadamente por paz interior. Mas nós temos a promessa de Cristo da Sua presença pessoal conosco, e as orientações de Cristo para “ver” a Ele – mesmo nas mais difíceis ocasiões.

Aqui não há nenhum chamado para que tenhamos a fé de um conquistador. Nem o conhecimento de um estudioso. Nem a sabedoria de um sábio. Nem a autonegação de um santo. Tudo o que necessitamos fazer é amar a Jesus e, à medida que o amor nos motiva, responder às palavras que Ele nos deixou. Agostinho disse muito bem: “Ame a Deus, e faça o que quiser”. O que ele quis dizer, é claro, é que se você realmente amar a Deus, você só fará o que agrada a Ele.

Portanto, quando vierem os tempos ruins, concentre-se em Jesus. Considere quem Ele é, e o que Ele fez por você. Reacenda o amor que queimou tão brilhantemente no passado. Então, à medida que o amor é renovado, viaje, passo a passo, pelo caminho que as palavras de Jesus assinalam. E repentinamente, inesperadamente, você sentirá Jesus ali com você.

Você seguramente verá Jesus ao seu lado.

A Videira e os Ramos (15.1-17)

Contexto. Inúmeras passagens do AT retratam o povo de Deus como uma videira, e os frutos como as conseqüências ou os resultados dos atos humanos. Este uso figurativo de “frutos” é o mais comum, encontrado cerca de 11 vezes no livro dos Salmos e 10 vezes em Provérbios. Sem dúvida, o exemplo principal é encontrado em Isaías 5.1-7, onde o profeta descreve Israel como a vinha de Deus. Embora o Senhor fizesse tudo para preparar a terra e proteger as plantas jovens, os resultados foram mais do que desapontadores. Aqui está a visão de Isaías da vinha de Deus: uma visão que nos ajuda a entender, como os discípulos de Jesus devem ter entendido, a analogia ampliada de Cristo – sobre o relacionamento da Sua própria videira e dos seus galhos – com os crentes.

Agora, cantarei ao meu amado

o cântico do meu querido a respeito da sua vinha.

O meu amado tem uma vinha

em um outeiro fértil.

E a cercou, e a limpou das pedras,

e a plantou de excelentes vides;

e edificou no meio dela uma torre

e também construiu nela um lagar;

e esperava que desse uvas boas,

mas deu uvas bravas.

Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá,

julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha.

Que mais se podia fazer à minha vinha,

que eu lhe não tenha feito?

E como, esperando eu que desse uvas boas,

veio a produzir uvas bravas?

Agora, pois, vos farei saber

o que eu hei de fazer à minha vinha:

tirarei a sua sebe,

para que sirva de pasto;

derribarei a sua parede,

para que seja pisada;

e a tornarei em deserto;

não será podada, nem cavada;

mas crescerão nela sarças e espinheiros;

e às nuvens darei ordem

que não derramem chuva sobre ela.

Porque a vinha do Senhor dos Exércitos

é a casa de Israel, e os homens de Judá

são a planta das suas delícias;

e esperou que exercessem juízo, e eis aqui opressão;

justiça, e eis aqui clamor.

Contra o cenário bastante conhecido desta imagem, Jesus agora anuncia: “Eu sou a videira, vós, as varas” (15.5). Da mesma maneira como Deus procurava frutos em sua plantação do AT, Israel; agora Deus procura frutos do seu investimento no Novo Testamento, a igreja. Diferentemente da videira do AT que produziu uvas bravas (amargas), Deus espera que os ramos ligados a Jesus produzam “muitos frutos”.

Uma pergunta freqüentemente feita é quanto ao significado da palavra “fruto” aqui. O significado é estabelecido nas imagens do AT e reforçado pelas imagens do NT. Paulo, em Gálatas 5.22,23, retrata o fruto como “caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” que o Espírito Santo produz na vida da pessoa convertida. Tanto o AT como o NT concentram a nossa atenção no caráter: “frutos” são aqueles atos bons e corretos que são produzidos por uma pessoa cujo coração está de acordo com o próprio caráter e a própria natureza de Deus (Mt 7.15-23).

O que Jesus diz aos seus discípulos, portanto, é que como a videira verdadeira Ele produzirá em seus ramos aquele fruto que Deus sempre procurou naqueles que são seus.

Interpretação. Dois temas dominam esta passagem crítica do NT: o tema da Videira e seus ramos e o mandamento de Jesus aos seus discípulos, de que se

amassem uns aos outros.

O primeiro tema é desenvolvido quando Jesus ressalta que cada cristão deve "estar nele" (15.4-10), como um ramo deve permanecer em união íntima com a videira. Isto é essencial, porque "como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim" (15.4). E "sem mim nada podereis fazer" (15.5). Assim, "estar nele" quer dizer algo muito diferente de continuar crendo em Jesus; quer dizer viver em união com Ele.

Somente na união é possível dar frutos. E somente dando frutos o objetivo de Deus para nós será atingido. É importante que percebamos que qualquer importância que possamos ter – na nossa igreja ou no mundo cristão mais ampliado – o objetivo de Deus para nós é que demos frutos. A menos que estejamos vivendo em união com o nosso Senhor e vendo os seus frutos produzidos em nossas vidas, tudo mais se torna sem sentido (veja o Estudo da Palavra de 15.6, acima).

Como vivemos naquela união com o Senhor que nos une a Ele tão intimamente como um ramo é unido à sua videira? Cristo novamente, como em João 14, enfatiza que devemos obedecer aos seus mandamentos e assim permanecer no seu amor. E Ele enfatiza um mandamento específico: "Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (15.12).

Deus nos escolheu para que demos frutos. Se o amor por Cristo nos levar a amarmo-nos uns aos outros, nós daremos.

Aplicação. Embora a passagem de João 15.1-17 normalmente seja considerada uma unidade separada, na verdade ela é parte de um único argumento que começou em 14.15. Jesus enviou o Espírito Santo para unir-nos a Ele mesmo. Nós sentiremos a presença real de Jesus quando o amor por Ele nos levar a obedecer aos seus ensinos. E, além disso, quando vivemos em união íntima com Jesus, Ele produz frutos em nossas vidas. Uma vez mais, a chave para viver em união é um amor que nos leva à obediência, e desta vez a um mandamento específico: de nos amarmos uns aos outros. Por que este mandamento? Porque o fruto identificado no AT – a retidão e a justiça – e o fruto identificado no NT – caridade, longanimidade, benignidade etc. – devem ser expressos em relacionamentos interpessoais. Quando nos amarmos uns aos outros, aquelas bonitas qualidades do nosso Senhor, que Ele procura expressar por nosso intermédio, se tornarão evidentes em nossas vidas. Se não nos amarmos uns aos

outros, não haverá frutos. Se tivermos amor a Cristo, e amor uns pelos outros, os frutos de Deus irão brotar e crescer.

João 15.18–17.26

As Últimas Palavras de Jesus (Continuação)

EXPOSIÇÃO

-

O sermão da Última Ceia continua. Jesus encorajou os seus discípulos com as Boas Novas. Mesmo depois de Cristo retornar ao Pai, os seus seguidores estarão ligados a Ele pelo Espírito Santo que reside neles. Aqueles que amarem a Jesus e, portanto, forem levados a lhe obedecer, irão "ver" Jesus de uma maneira como o mundo não pode fazê-lo. Eles sentirão a Sua presença e encontrarão paz e alegria. E, "estando em Jesus", como um ramo permanece unido à sua videira, os Seus seguidores estarão capacitados a dar muitos frutos.

Prosseguindo o sermão, Jesus fala aos seus discípulos sobre o que acontecerá quando Ele tiver partido. Ele falou sobre o futuro relacionamento íntimo, embora oculto, do crente fiel com Ele. Ele também enfatizou seu "novo mandamento", explicando a importância de nos amarmos uns aos outros. Agora Ele adverte os discípulos: o mundo, que o odiou, odiá-los-á também.

Mas, apesar da perseguição, os seguidores de Cristo deverão testificar dEle (15.18–16.4). Esta é mais uma razão pela qual a vinda do Espírito Santo é tão essencial. Devemos testemunhar, mas aquele que esclarece a mensagem de Jesus e convence o mundo é o próprio Espírito (16.5-16). Os discípulos permanecem perplexos, incertos sobre o que Jesus está lhes dizendo. Mas está chegando o dia em que a dor que os seguidores de Cristo irão sentir pela Sua partida se transformará em alegria, quando começarem a sentir o novo e maravilhoso relacionamento com Deus Pai, que lhes foi proporcionado por Jesus (16.17-33). O mundo pode continuar hostil, mas nós temos paz, pois Jesus venceu o mundo.

Sem nenhuma palavra de transição, João então registra as palavras que foram chamadas de oração "sacerdotal" de Cristo. A versão NIV a esquematiza como uma oração em três partes. Jesus ora por si mesmo (17.1-5), Jesus ora pelos seus discípulos (17.6-19), e Jesus ora por todos os crentes (17.20-26). Na oração de Cristo por si mesmo, descobrimos nosso dever e nosso destino. Na oração de Cristo pelos discípulos, descobrimos o segredo da nossa segurança e santificação. E na oração de Cristo por todos os crentes, aprendemos o verdadeiro significado da

unidade cristã.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim (15.18). A palavra grega aqui é kosmos, a mais significativa das palavras traduzidas como “mundo” no Novo Testamento. Ela é encontrada aproximadamente 200 vezes no Novo Testamento, com uma variedade de significados. Em um sentido, “o mundo” corresponde a todas as coisas criadas. Em outro, é a biosfera, onde os seres humanos vivem e trabalham. Num terceiro sentido, “o mundo” é a própria humanidade.

Mas kosmos também é um termo teológico. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words diz que kosmos, neste contexto:

Retrata a sociedade humana como um sistema deformado pelo pecado, atormentado por crenças, desejos e emoções que nascem cegamente e incontrolavelmente. O sistema do mundo é um sistema de trevas (Ef 6.12), que opera sob princípios que não são de Deus (Cl 2.20; 1 Jo 2.16). Todo o sistema está sob o poder de Satanás (1 Jo 5.19), e constitui o reino de onde os crentes são resgatados por Cristo (Cl 1.13,14). A sua hostilidade básica para com Deus é freqüentemente exibida (1 Co 2.12; 3.19; 11.32; Ef 2.2; Tg 1.27; 4.4; 1 Jo 2.15-17; cf. Jo 12.31; 15.19; 16.33; 17.14; 1 Jo 3.1, 13; 5.4,5, 19).

O que temos aqui, portanto, é um aviso claro. Não devemos esperar que um mundo perdido, conduzido por motivos e impulsos que são corruptos e não religiosos, alegremente abrace a Cristo ou a fé e os padrões cristãos. O indivíduo que imagina que o Evangelho um dia prenunciará a utopia deixa de perceber que a humanidade vaga por um mundo escuro de ilusões, não só incapaz de ver a luz

mas também hostil e rancoroso contra qualquer indicação de que os seus caminhos estejam sob o julgamento de Deus. Os cristãos que vivem segundo os ensinos de Cristo e que transmitem a mensagem de Cristo estão contra o mundo. E o mundo reage aos mensageiros modernos de Deus como reagiu ao próprio Cristo: “tudo isso vos farão por causa do meu nome” (15.21). Algumas vezes, é difícil entender a razão para a hostilidade aberta do mundo aos cristãos que procuram viver de acordo com os padrões de Deus, e que abertamente os afirmam. Jesus nos dá duas razões: “não conhecem [ouk oidasin] aquele que me enviou” (15.21), e em sua encarnação Jesus revelou justiça e desta maneira censurou o pecado (15.22). A primeira expressão sugere que ao mundo falta uma concepção adequada de Deus. Com uma visão distorcida de Deus, o mundo não tem como julgar corretamente os mensageiros nem a mensagem.

Mas o problema não é meramente conceitual: é moral. Na encarnação de Jesus, e por meio das suas palavras, o mundo recebeu uma visão clara da justiça. Em comparação com o padrão da vida perfeita de Jesus, como também com o padrão das Suas palavras, são eliminados cada fragmento de falso orgulho e cada desculpa, e o mundo é exposto como culpado diante de Deus. É isto que faz o mundo tão hostil em relação a Cristo e aos cristãos. Se tudo o que estivesse envolvido com o “nome de Jesus” fosse algum conceito filosófico sobre a natureza de Deus, o mundo não poderia simplesmente ignorar Cristo e os cristãos. É a mensagem moral implícita no nome de Cristo que faz surgir o ódio, pois essa mensagem moral expõe todos os seres humanos como culpados de pecado.

[Ele] testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio (15.26,27). O conceito implícito por “testificar” ou “testemunhar” (a mesma palavra em grego) nos dois Testamentos envolve fazer uma forte afirmação ou oferecer evidências baseadas em um conhecimento pessoal direto.

O tema do testemunho de Jesus é freqüentemente encontrado no Evangelho de João. João Batista testemunhou o fato de que Jesus era “o Filho de Deus” (1.34; 5.33). Os milagres que Jesus realizou testemunharam o fato de que Cristo realmente era enviado pelo Pai (5.36). O próprio Pai dá testemunho por meio dos

milagres de Jesus (5.37), e as Escrituras acrescentam o seu testemunho também (5.39). Mais tarde, Jesus argumentou que o seu próprio testemunho a seu respeito era válido, pois somente Ele tinha conhecimento pessoal a respeito da Sua origem (8.14). E mais uma vez, Jesus afirma que o seu testemunho a Seu respeito é confirmado pelo Pai (8.18).

Em nossa passagem, Jesus informa os seus discípulos que o Espírito Santo que Ele enviará "testificará de mim" (15.26), mas acrescenta "e vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio" (15.27). O Espírito Santo testemunhará, mas Ele deve testemunhar por meio das palavras e atos dos crentes.

Isto ainda é verdade hoje em dia. O mundo reage a Cristo e aos cristãos com hostilidade. Mas nós devemos reagir ao mundo com um amor que reflete o caráter de Cristo e com uma mensagem que oferece perdão e esperança.

Digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei (16.7). Nenhuma das duas palavras normalmente traduzidas como "bem" nas versões inglesas é encontrada nesta passagem (nas versões em português temos a expressão "vos convém"). Em lugar delas, o texto grego apresenta sumpherei, que significa alguma coisa que é vantajosa, e, portanto, melhor.

Deve ter sido difícil convencer os discípulos, que tinham chegado a amar o Senhor e a depender dEle em tudo, que a Sua partida era "boa". Eles não "desfrutariam" da ausência de Cristo, mas iriam obter benefícios dela!

É claro que a razão é que, enquanto Cristo estava ali fisicamente, os discípulos tinham que estar com Ele para desfrutar da Sua presença. Isto limitava seriamente o seu ministério. Mas com Cristo presente espiritualmente em todos os crentes na pessoa do Espírito Santo, o Senhor seria capaz de orientar e capacitar cada um deles, em todas as ocasiões e em todos os lugares!

É encorajador recordar, quando ansiamos pela presença de Jesus, que Ele está aqui, conosco, agora. Na pessoa do Espírito que passou a morar em nossa vida, nós estamos unidos com Jesus onde quer que estejamos. Qualquer que seja a

nossa situação ou necessidade, Ele está conosco agora e sempre.

Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade (16.13). A palavra traduzida como “guiar” é hodegeo. A tradução é boa, e transmite apropriadamente a imagem de alguém conduzindo um estranho num campo desconhecido.

Este versículo perturbou a alguns, que imaginaram por que, se o Espírito guia os crentes em “toda a verdade”, os cristãos diferem em tantos pontos teológicos. No entanto, estas pessoas não entendem corretamente o versículo supondo que “verdade” aqui significa “acordo doutrinário”. Fundamentando o conceito bíblico de “verdade” está a convicção de que somente Deus conhece a realidade e que Ele a revelou para nós em Sua Palavra. Somente Deus sabe o que é verdadeiramente certo e bom, o que é verdadeiramente benéfico é útil. Isto é a verdade: aquela realidade moral e espiritual que Deus conhece e nos revelou em Cristo e nas Escrituras.

Toda a humanidade vaga num turbilhão de névoa de ilusões, sem a disposição e a capacidade de aceitar estes padrões e valores revelados, que estão enraizados na própria natureza de Deus. Mas o crente, guiado pelo Espírito Santo, será capaz de encontrar o seu caminho em meio à névoa, e fazer as escolhas que estiverem em harmonia com a verdade.

Os cristãos de diferentes costumes podem perfeitamente bem discordar em muitos pontos de doutrina. Mas quaisquer que sejam as nossas diferenças, quando seguimos a orientação do Espírito, chegamos a conhecer, por experiência própria, o que significa viver naquele campo de realidade que é retratado nas Escrituras como a Verdade de Deus (veja os comentários sobre João 17.17).

E, naquele dia, nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar. Até agora, nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria se cumpra (16.23,24). Depois da ressurreição, os discípulos se sentiram mais confiantes sobre o que Jesus quis dizer nesta passagem. Os discípulos também terão um

relacionamento com o Pai, baseado na obra e na Pessoa de Cristo, que os capacita a apelar diretamente ao Pai, e a terem a certeza de que Ele os atenderá. Este pensamento maravilhoso continua em 16.26,27: “não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai, pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes e crestes que saí de Deus”.

Que segurança temos na oração! Nos chegamos a Deus com confiança, não porque mereçamos alguma resposta, mas porque sabemos que Deus nos ama em Jesus Cristo, e que, movido pelo amor, Ele faz por nós o que for melhor.

Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou (17.15,16). Parece que estes versículos deveriam ser estudados antes do versículo 17, mas o versículo 17 fornece a chave para a compreensão do que Jesus quer dizer aqui.

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade (17.17). Três conceitos teológicos críticos se encontram neste único versículo. “Verdade”, “Santificação” e a “Palavra” de Deus.

“Santificar” significa tornar santo, e/ou separar para uso sagrado. A “verdade” é a realidade como Deus a entende e a revela por meio das Escrituras e do Filho. A “Palavra” é o meio, escrito e encarnado, pelo qual Ele rompe o véu da confusão humana e revela a realidade como Ele – como criador e redentor – a conhece.

Quando colocarmos a nossa confiança na revelação de Deus e agirmos de acordo com ela, nós nos moveremos sob o campo da realidade, em que sentiremos a transformação e seremos úteis para o Senhor.

No AT, aquilo que era santificado era separado das coisas comuns e dedicado para o serviço a Deus. Era literalmente “tirado” do mundo comum, e poderia ser corrompido pelo mero toque de qualquer coisa que estivesse cerimonialmente impura. Agora, Jesus afirma que não tirará os crentes “do mundo”, mas nos

deixará nele. Embora estejamos protegidos do maldoso Satanás, ainda precisamos viver em contato diário com uma sociedade corrupta e corruptora. Nós nos encontramos diariamente sujeitos a influências que disputam entre si para distorcer nosso pensamento, nossos desejos, nossas emoções, nossos motivos, e nossos relacionamentos com as outras pessoas.

Isto nos apresenta a dramática diferença entre “santificar” como é idealizada no AT e no NT. No AT, a santificação era uma questão de isolamento. No NT, a santificação é uma questão de transformação – uma obra dinâmica e purificadora do Espírito Santo dentro de nós que nos capacita a viver vidas santas enquanto desempenhamos nossos papéis numa sociedade que é basicamente corrupta e hostil a Deus.

Esta é uma verdade importante que devemos entender e viver. Precisamos nos livrar da mentalidade de cerco militar que levou alguns cristãos a perseguirem a santidade através de um retrocesso ligado a atitudes do tipo “faça” e “não faça”. Ao invés disso, devemos estar ativamente envolvidos no mundo, mas como Jesus estava. Não como participantes das loucuras de uma sociedade perdida, mas como faróis que brilham por estarmos completamente comprometidos em viver de acordo com a verdade de Deus.

JESUS COMO A PALAVRA (17.17)

Há muitas correspondências entre a visão que João tem de Jesus como a Palavra encarnada, e o grande salmo de apreço de Davi pela Palavra escrita (Sl 119). Aqui estão algumas:

SALMO 119	
O CAMINHO	
Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. (14.6)	Aquele que tem os

A tua justiça é uma justiça eterna, e a tua lei é a verdade. (v. 142) Escolhi o camir

Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade e vivifica-me no teu caminho. (

A LU

Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho. (v. 105) Eu s

E alegrar-me-ei em teus mandamentos, que eu amo. Também levantarei as minha

Os teus testemunhos tenho eu tomado por herança para sempre, pois são o gozo d

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

O Mundo Odeia os Discípulos (15.18–16.4). Veja os Estudos da Palavra em 15.18, 15.21 e 15.26, acima.

A Obra do Espírito Santo (16.5-16)

Contexto. Na primeira parte deste sermão, Jesus prometeu aos discípulos que Ele iria enviar a eles o Consolador, a terceira pessoa da Trindade, e destacou alguns dos ministérios do Espírito Santo aos crentes.

Nesta seção do sermão da Última Ceia, Jesus agora define os ministérios do Espírito Santo para "o mundo". Aqui, como é freqüente nos textos de João, "o mundo" é tanto a cultura moldada pelas paixões pecaminosas de uma humanidade perdida, quanto os homens e as mulheres que a moldam. Ao apresentar este tema, Jesus diz, "aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim" (15.26) e acrescenta, "vós também testificareis [de mim]" (15.27).

Quando nós, os cristãos, testificamos de Jesus por meio de nossas vidas e obras, o Espírito Santo fala por nosso intermédio.

Interpretação. O crucial sobre esta passagem é a sua definição do ministério do Espírito para o mundo. Infelizmente, esta definição algumas vezes é distorcida nas versões em inglês (como ilustração, acrescentamos três exemplos adiante). Para entender o que texto está dizendo, precisamos interpretar esta passagem à luz de algo que o apóstolo Paulo diz em sua segunda carta aos coríntios. Ali, Paulo observa que aqueles que transmitem o conhecimento de Jesus são "o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes, certamente,

cheiro de morte para morte; mas, para aqueles, cheiro de vida para vida (2 Co 2.15,16). Para aqueles que estão sendo salvos, o ministério do Espírito Santo é libertador, traz vitalidade e vida. Para o mundo que rejeita a Jesus, o ministério do Espírito Santo esmaga, condena e destrói qualquer falsa esperança.

De modo que não devemos interpretar os versículos críticos que descrevem o ministério do Espírito para o mundo como elementos em um processo salvador e purificador. Em lugar disso, eles são aspectos do julgamento de Deus sobre "tudo o que há no mundo". Tudo o que João mais tarde caracterizará como "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 Jo 2.16).

Tendo dito isto, podemos examinar com mais detalhes o que Jesus diz aqui sobre o ministério do Espírito para o mundo que o odiava, e que odeia e persegue aqueles que o representam.

Para julgar qual destas três traduções é a que transmite melhor o significado do original, precisamos examinar o significado de quatro palavras, cada uma das quais é apresentada no versículo 8: convencer, pecado, justiça e juízo.

Convencer. A palavra grega aqui é elegcheo. O Theological Dictionary of the New Testament (2:473-474) diz:

Em Homero, elegcheo significa "zombar, desprezar"; na literatura posterior, significa (1) "envergonhar" pela exposição, oposição etc.; (b) "culpar"; (c) "expor, resistir"; (d) "interpretar, expor"; (e) "investigar". No NT, o uso é mais restrito, basicamente significa mostrar a alguém o seu pecado e convocá-lo ao arrependimento.

TRÊS TRADUÇÕES DE JOÃO 16.8-11 NO INGLÊS NEW INTERNATIONAI

No entanto, em João esta palavra transmite o primeiro elemento deste significado, o de “mostrar a alguém o seu pecado”, sem o segundo, “e convocá-lo ao arrependimento”. Assim, em João 3.20, João destaca que a pessoa ímpia odeia a luz e a evita por medo, “para que as suas obras não sejam reprovadas”. A reação da pessoa ímpia à exposição é correr cada vez mais em direção à escuridão, na tentativa de fugir da luz! Uma ênfase similar é vista em João 8.46, onde Jesus pergunta aos seus adversários: “Quem dentre vós me convence de pecado?” Este versículo pergunta: Pode alguém expor Jesus como um pecador?

Aqui, portanto, temos João usando elegcheo com o seu sentido usual. O ministério do Espírito Santo no mundo é o de expor: desmascarar, exibir o seu erro, destituir do fingimento. E aqui neste versículo temos uma definição clara desses erros específicos que o Espírito Santo exporá. O Espírito demonstrará o erro com referência ao pecado, à justiça e ao juízo.

Mas elegcheo tem uma importância ainda maior. No século I, esta palavra era também um termo legal. Ele era usado por um juiz ao pronunciar o veredicto que estabelece a culpa de alguém que é acusado de um crime. O Espírito Santo não somente expõe o pecado ao mundo, mas também elimina qualquer fragmento de fingimento e qualquer desculpa, e anuncia publicamente o veredicto de Deus.

Como é fascinante. O mundo anunciou o seu veredicto a respeito de Jesus, rejeitando e condenando o Filho de Deus. Agora o mesmo mundo está diante de um tribunal celestial, para ser condenado pelo Espírito Santo.

Jesus é cauteloso para não nos deixar em dúvida quando diz que o Espírito exporá o mundo com relação ao pecado, à justiça e ao juízo. Ele explica cuidadosamente cada ponto.

Pecado. “Do pecado, porque não crêem em mim” (16.9). O principal pecado da humanidade é a falta de fé. Repetidas vezes este pensamento é enfatizado no Evangelho de João. “Quem crê nele”, escreve João, “não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (3.18). A falta de fé não é um pecado de ignorância. É, e sempre foi, uma rejeição voluntária de Deus (Rm 1; Sl 19), uma rejeição que agora é

inconfundível, uma vez que Jesus veio e, através de Sua vida e morte, revelou o amor perdoador de Deus.

Os seres humanos podem ter pronunciado desculpas. Eles podem ter argumentado (equivocadamente) que a natureza revelou somente o poder e não o caráter de Deus (Rm 1.18-20) e, por esta razão, o medo daquilo que é desconhecido não deixou que cressem no Senhor. Mas agora Deus, em Cristo, eliminou esta desculpa. Na pessoa do Filho, o amor, a graça e a glória de Deus foram totalmente exibidos. Recusar-se a crer agora inevitavelmente expõe a natureza pecaminosa daquele que rejeita uma salvação tão grande, que é oferecida por um Deus tão maravilhoso.

Justiça. “Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais” (16.10). Cristo foi condenado à cruz como um pecador – um blasfemo para os judeus, uma ameaça para a ordem social dos romanos. Mesmo assim, a própria cruz à qual Cristo foi condenado pelo mundo foi o meio do seu retorno em glória ao Pai, tendo alcançado nela a nossa salvação, e estando completamente vindicado pela ressurreição. O retorno de Jesus ao Pai provou a justiça de Cristo, e o estabeleceu como o padrão pelo qual nós devemos determinar o que é a justiça. O julgamento do mundo de que Jesus era um pecador foi revertido por Deus quando Ele recebeu Cristo em casa, expondo a “justiça” do mundo como pecado, e o “pecador” como o padrão de justiça para a humanidade.

O retorno de Jesus ao Pai expôs a culpa do mundo de outra maneira também. Depois da ressurreição, a dor dos discípulos devido à crucificação de Jesus transformou-se em alegria quando perceberam que Ele agora estava com o Pai. Mas, incapaz de ver a Jesus, o mundo alegrou-se com a noção equivocada de que estava livre do Senhor! (16.20) A alegria do salvo que descansa com a visão clara do Cristo ausente está em agudo contraste com a alegria dos perdidos. E da mesma forma que a dor dos discípulos se transformou em alegria, a alegria do mundo também um dia transformar-se-á em angústia e remorso.

Juízo. “Do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado” (16.11). A cruz revelou inequivocamente que Deus está comprometido em julgar o pecado e os pecadores. Agora não é possível esperar que Satanás e os que o seguem escapem

à justiça divina. Antes, referindo-se à cruz, Jesus disse: “Agora, é o juízo deste mundo; agora, será expulso o príncipe deste mundo” (12.31). Na cruz e na ressurreição, Deus proclama o final do poder do pecado sobre o universo. Na cruz e na ressurreição, o “príncipe deste mundo”, Satanás, foi julgado – e um mundo que tenha alegremente se submetido ao governo deste príncipe é julgado com ele!

Aplicação. Esta importante passagem sobre o ministério do Espírito Santo ao mundo não é uma mensagem de esperança. Aqui não está o pensamento de que a obra do Espírito de “convencer” o mundo seja uma obra “salvadora”, apesar da impressão que fica a partir de uma das traduções – na verdade, uma das paráfrases – anteriores. A obra do Espírito que “convence” é na verdade uma obra de juízo, expondo o pecado tão profundamente enraizado no mundo como um sistema, e nos seus cidadãos individualmente.

Em um sentido real, a obra do Espírito de expor a culpa do mundo é um ministério realizado para o benefício dos crentes. Nunca devemos nos permitir crescer acostumados com este mundo ou os seus caminhos. Nós devemos, em lugar disso, estar sempre em guarda, pois o Espírito Santo expõe tudo o que se refere a este mundo como sendo corrupto, respirando um espírito de incredulidade, de injustiça e de comprometimento com os métodos de um “príncipe” que está sob o juízo de Deus. A notícia maravilhosa é que mesmo que o Espírito Santo exponha a culpa do mundo, Ele também nos “guiará em toda a verdade” (16.13). Ao olharmos para o Espírito, dependendo dEle para nos guiar, Ele nos capacitará a andar na luz.

A Dor dos Discípulos se Transforma em Alegria (16.17-33). Veja o Estudo da Palavra sobre 16.23, acima.

Jesus Ora por Si mesmo (17.1-5)

Contexto. No Evangelho de João, “glória” e “glorificar” são palavras chave. Os usos do NT refletem um conceito do AT expresso na palavra hebraica kabod. Esta palavra expressa a presença ativa de Deus com o seu povo, revelando

assim quem Ele é e capacitando-nos para louvá-lo por sua natureza e por seu caráter.

No uso secular, doxa, a palavra grega, concentrou a atenção na opinião que os outros têm sobre uma pessoa, com base em atos ou em realizações. Assim, no discurso normal, doxa tinha um significado bastante próximo a "fama". Mas no NT "glória" expressa um pensamento teológico muito característico e diferente daquele estabelecido no AT. A glória de Deus está enraizada em quem Ele é por natureza, e glorificar a Deus significa exibir a Sua natureza em atos que ocorrem no espaço e no tempo.

Interpretação. À medida que a Última Ceia se aproxima de seu final, Jesus se volta ao Pai em oração, plenamente consciente de que "é chegada a hora" (17.1). A primeira preocupação de Cristo, ao orar, é, corretamente, não por Si mesmo mas sim pela glória de Deus. Por isto Ele ora: "glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti" (17.1). E acrescenta: "Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer" (17.4) e novamente ora "glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (17.5).

Jesus glorificou a Deus na terra ao realizar a obra a Ele designada, pois em tudo o que Jesus fez e disse, Ele exibiu a natureza e o caráter de Deus. É surpreendente que o ato derradeiro de glorificação seja a própria cruz, pois ela é a demonstração mais assombrosa, na história, do amor e da glória do nosso Deus (7.39; 11.4; 12.16, 23; 13.31).

A cruz também é uma passagem. Ao passar por ela, Jesus experimentará a ressurreição, um evento decisivo pelo qual Ele é "declarado Filho de Deus em poder" (Rm 1.4). Em sua ressurreição, a sua própria identidade e natureza são completamente definidas, e o significado da sua crucificação é firmemente estabelecido. Tudo isto está contido na oração que Jesus fez por si mesmo: ou seja, em tudo o que Ele fez, e ainda iria fazer, Jesus glorificaria a Deus Pai, e também seria glorificado.

Aplicação. Da mesma maneira como Jesus glorificou a Deus realizando a sua obra no mundo, também nós podemos fazê-lo. O que exibimos, ao amar e servir os outros, não é a nossa própria bondade, mas a graça transformadora de um Deus que pode trabalhar por meio dos seres humanos. As nossas boas obras são realizadas para a glória de Deus, não a nossa, pois nós admitimos alegremente

que Ele é a origem de tudo o que é bom dentro de nós.

Jesus “Ora” pelos Seus discípulos (17.6-19). Veja o Estudo da Palavra sobre João 17.17 e 17.15,16, acima.

Jesus Ora por Todos os Crentes (17.20-26)

Contexto. Talvez não exista nas Escrituras uma passagem cuja mensagem tenha sido mais freqüentemente distorcida do que esta, nas últimas décadas. Muitos sermões foram feitos argumentando que a oração de Jesus para que os crentes “sejam perfeitos em unidade” (17.23) exige que confessemos nossos pecados pela divisão representada pelas diferenças denominacionais, e procuremos uma unidade organizacional. Mas esta pregação, como um todo, está baseada em uma interpretação completamente equivocada das palavras de Jesus!

Interpretação. A chave para a compreensão desta parte da oração de Jesus, que contém o pedido específico de Jesus pelos cristãos durante a era da igreja, se encontra nas palavras “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti” (17.21). A “perfeição em unidade” que sentiremos, é uma unidade como a que é sentida pelo Pai e pelo Filho.

Muitas passagens no Evangelho de João nos ajudam a entender a natureza daquela unidade, como foi sentida por Jesus em sua vida na terra.

João 5.19,20. “Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz”.

João 6.38. “Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”.

João 8.28,29. “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou. E aquele que me enviou está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada”.

João 12.44,45. “Quem crê em mim crê não em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim vê aquele que me enviou”.

João 14.9-11. “Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim”.

Basicamente, a unidade de Jesus com o Pai o capacitou a viver a sua vida humana no mundo em completa harmonia com a vontade do Pai.

Observe a correspondência desta linguagem com o que lemos em João 17.21. Anteriormente, Jesus falou em estar no Pai e o Pai estar nEle. Agora Ele ora para que “como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós”. E antes de pedir que os crentes sejam “perfeitos em unidade”, Ele define esta unidade pedindo uma vez mais que “sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim” (17.22,23).

A perfeita unidade que Jesus pede não é uma união organizacional das igrejas, mas sim uma união espiritual dos crentes com o Pai e o Filho. Uma união à qual nós nos submetemos para cumprir a vontade do Pai. Uma união que capacita Cristo a agir por nosso intermédio, “para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim” (17.23).

Desta maneira, João 17 retoma o tema de João 15. Ali, Cristo fala de si mesmo como a Videira, e se refere aos crentes como os ramos (as varas), e ressalta a importância de permanecer nEle decidindo expressar nosso amor por Ele através de uma resposta sempre obediente aos seus ensinos. Aqui Jesus ora para o Pai, pedindo que aquilo que é potencial na união que a fé cria entre o crente e o

Senhor possa ser real em nossa experiência.

Aplicação. Você e eu podemos ter um relacionamento íntimo e caloroso com crentes de outras denominações. Isto é possível, não por colocarmos o pingo no mesmo “i” doutrinário, nem porque cortamos o mesmo “t” teológico, mas sim porque como filhos do mesmo Pai, por meio da fé em Jesus, nós somos irmãos e irmãs, chamados para amar, em lugar de competir uns com os outros. Esta unidade de “família espiritual” característica verdadeiramente existe, e existe independentemente da união organizacional.

Mas aqui Jesus não ora pela união que você e eu temos um com o outro, mas pela união que devemos sentir com Ele e com Deus Pai! Esta união existe porque estamos ligados para sempre a Cristo pelo Espírito Santo. Esta união é sentida quando nós, como Jesus, nos comprometemos a realizar a vontade do Pai, e a sempre respondermos positivamente a Ele.

Quando nos comprometermos a fazer a vontade de Deus, Deus trabalhará por nosso intermédio, como Ele fez com Jesus. Ao permanecermos com Ele, veremos a sua glória. E a glória de Deus será expressa através de nossa vida.

EXPOSIÇÃO

-

Aqui no quarto Evangelho mais uma vez podemos encontrar um relato detalhado dos eventos associados com a crucificação e a ressurreição de Jesus. Como os quatro relatos são tão intimamente correspondentes entre si, o nosso estudo de cada Evangelho enfatiza um tema diferente. Como Mateus parece dedicar tanta atenção à fragilidade humana, o nosso estudo profundo do seu Evangelho se concentra na rejeição de Judas em relação a Jesus, e na negação de Pedro em relação a Ele. Marcos, no mais curto dos Evangelhos, fornece um registro seqüencial dos eventos, e por isto, ao estudar o seu Evangelho, nós examinamos esta seqüência e também examinamos as "sete palavras da cruz" de Jesus. Lucas destaca os sofrimentos de Cristo. Portanto, ao estudarmos o seu relato das últimas horas de Jesus nós nos concentramos no tormento físico, psicológico e espiritual que Jesus sentiu na cruz. Aqui, no Evangelho de João, nós examinamos outro tema

mencionado nos quatro Evangelhos: os julgamentos de Jesus diante do Sinédrio, diante de Herodes e diante do governador romano, Pôncio Pilatos.

O quadro abaixo fornece informações adicionais sobre as passagens específicas que são estudadas em cada Evangelho.

Tema	Mateus	Marcos	Lucas	João
O plano contra Jesus	26.1-5	14.1-11	22.1-6	
Ungido em Betânia	26.6-13	14.3-9		
Judas concorda em trair a Cristo	26.14-16			
A Última Ceia	26.17-30	14.12-25	22.14-23	13–17
A predição da negação de Pedro	26.31-35	14.27-31	22.31-38	13.31-38
O Getsêmani	26.36-46	14.32-42	22.39-46	
A prisão de Jesus	26.47-56	14.43-52	22.47-53	18.1-12
Diante do Sinédrio	26.57-68	14.53-65	22.63-71	18.12-40
Pedro nega a Jesus	26.69-75	14.66-72	22.54-62	18.17-27
Judas se enforca	27.1-10			
Jesus diante de Pilatos	27.11-26	15.1-15	23.1-25	18.28–19.16
Os soldados zombam de Jesus	27.27-31	15.16-20		
A crucificação	27.32-56	15.21-41	23.26-49	19.17-37
O sepultamento de Jesus	27.57-61	15.42-47	23.50-56	19.38-42
A guarda junto ao sepulcro	27.62-66			

ESTUDO DA PALAVRA

-

Tendo, pois, Judas recebido a coorte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali (18.3). A palavra grega speira é uma tradução do termo militar romano “coorte”, ou destacamento de soldados. João desta forma nos completa o quadro de quem esteve envolvido na prisão de Cristo. Além de uma multidão (ochlos) de pessoas normais armadas (Mt 26.47; Mc 14.43), e um grupo de oficiais do templo (Lc 22.52), alguns soldados da guarnição romana em Jerusalém foi designada para ajudar na captura. Isto é importante para João, que deseja que entendamos que os gentios, tanto quanto os judeus, estiveram envolvidos na execução de Jesus.

Da mesma maneira que o Evangelho é universal, e há um convite aberto à humanidade para que “todo aquele” que quiser possa vir (3.16), a responsabilidade pela morte de Jesus também é universal. Cristo morreu pelos judeus e pelos gentios da mesma maneira. Como é necessário, portanto, que mesmo neste pequeno detalhe nós vejamos os romanos tão envolvidos quanto os judeus nesta primeira prisão de Jesus!

Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus (18.15). Muitos supõem que este outro discípulo era o próprio João. O texto acrescenta que ele pôde seguir a Jesus na sala porque “era conhecido do sumo sacerdote” (18.15). Alguns especulam que, uma vez que Salomé, a mãe de João, era irmã de Maria (cf. Jo 19.25 e Mc 15.40), ela também poderia ter sido prima de Isabel, esposa de Zacarias, o sacerdote (Lc 1.36) e, portanto, poderia ter laços familiares com a classe sacerdotal.

De qualquer forma, o fato de João conhecer o sumo sacerdote possibilitou que ele testemunhasse e posteriormente relatasse o primeiro interrogatório secreto de

Jesus (18.19-24).

Depois levaram Jesus da casa de Caifás para o palácio do Governador romano (18.28, versão NTLH). O pouco que se sabe sobre o governador, Pôncio Pilatos, não é elogioso. A obra The Revell Bible Dictionary relata:

Pilatos serviu primeiramente como chefe da prefeitura e depois como procurador da Judéia. Como tal, ele tinha ampla autoridade, inclusive o comando das forças militares que ocupavam aquela pequena região. Somente ele poderia ordenar a sentença de morte. Ele indicava o sumo sacerdote judeu e até mesmo exercia o controle sobre os fundos do tesouro do templo. O seu serviço na Judéia é confirmado não somente nos Evangelhos, mas também pelos historiadores do século I, Flávio Josefo e Filo Judaeus, e por evidências recentemente descobertas em Cesaréia Marítima, a sede administrativa romana.

As fontes judaicas que falam sobre a década que Pilatos passou na Terra Santa [26-36 d.C.] retratam-no como uma pessoa hostil e insensível. Um dos seus primeiros atos foi de antagonismo aos judeus ao instalar colunas para imagens em Jerusalém [que eram] consideradas idólatras pelos judeus. Devido a determinadas demonstrações do povo, Pilatos foi forçado a remover as colunas. Josefo e Filo também o acusam de assassinar centenas de judeus (compare com Lc 13.1), e também de desapropriar fundos do templo para pagar por um aqueduto que traria a Jerusalém água de uma nascente distante. Ainda assim, Pilatos serviu na Judéia durante dez anos, em vez dos três ou quatro que seriam normais, uma evidência de que o imperador Tibério o considerava um administrador eficiente. Curiosamente, a única menção que se conhece sobre Pilatos em textos pagãos é uma referência de passagem, feita em Tácito, ao serviço de Pilatos na época da execução de Cristo (pp. 793).

É interessante que Pilatos, tão freqüentemente culpado de aceitar subornos, de insultar o povo que governava, de roubar abertamente e de ordenar inúmeras execuções sem julgamento, a princípio hesitou em ordenar a morte de Jesus – e

então o entregou aos líderes judeus. Para a fascinante “história por trás da história”, veja o comentário sobre o julgamento de Jesus diante de Pilatos, na Passagem em Profundidade abaixo.

Disseram-lhe, então, os judeus: A nós não nos é lícito matar pessoa alguma (18.31). Os governadores das províncias romanas supervisionavam a administração da lei criminal na sua jurisdição, e somente eles tinham a autoridade para infligir a pena de morte. O quarto decreto de Cirene (6-7 d.C.) afirmava o dever do governador de julgar os casos de morte pessoalmente, ou de indicar um júri para incumbir-se desta obrigação.

Pilatos foi um dos governadores mais opressivos da Judéia, e fazia uso freqüente do seu poder de ordenar execuções. Os registros mostram que nem mesmo os governadores indulgentes da Judéia hesitavam em executar aqueles que eles consideravam “desordeiros”. Assim, embora a suprema corte dos judeus não pudesse ordenar a execução de Jesus, eles tinham todos os motivos para esperar que Pilatos de boa vontade ordenasse a morte do jovem profeta popular que tinha mantido Jerusalém em um turbilhão. Eles ficaram chocados e abalados quando Pilatos disse: “Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei” (18.31).

É importante observar que a manipulação de Pilatos para executar Jesus tinha sempre sido o objetivo dos oponentes de Cristo. Os fariseus tinham tentado fazer Jesus cair numa armadilha perguntando a Ele se era correto pagar impostos a César; eles pretendiam encontrar base para acusar Jesus de fomentar rebelião contra Roma.

Respondeu Jesus: O meu Reino não é deste mundo... mas, agora, o meu Reino não é daqui (18.36). Quando interrogado por Pilatos se Ele é um rei, Jesus responde fazendo uma afirmação sobre o Seu reino. Uma tradução melhor aqui seria “a minha realeza”, pois basileia, como a hebraica malkuth, se refere mais ao poder ou à autoridade soberanos e não a fronteiras geográficas ou étnicas. Jesus afirma que o Seu reino não é “deste mundo”. Ele não se origina no mundo e, sem seguidores militantes dispostos a formar um exército, fica claro que Jesus

não tinha nenhum poder político. Desta forma Jesus, embora Rei, não representa nenhuma ameaça à autoridade romana.

A realeza de Jesus não é enteuthen, “daqui”. Ou seja, a autoridade de Jesus não tem a sua origem neste mundo mas sim no campo espiritual. Um dia, a autoridade do céu será imposta sobre toda a terra e todos os seus habitantes. Mas isto não é agora, e o reino do céu ainda não chegou. Pilatos entende perfeitamente as palavras de Jesus sobre “meu Reino” e exclama: “Logo tu és rei?” E Jesus é Rei.

Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? (18.38). O reino do homem se estabelece pelo poder. O reino de Jesus se estabelece pela verdade, especialmente a verdade salvadora que as obras e as palavras de Jesus proclamam. Nós conseguimos ouvir a zombaria na voz de Pilatos quando ele murmura: “Que é a verdade?”, e em seguida se afasta sem nem esperar por uma resposta.

Os sofisticados deste mundo levantariam as suas sobrancelhas juntamente com Pilatos, e polidamente ridicularizariam a noção de que existe a “verdade”... quanto mais que ela seja conhecida. E, como Omar Khayyam, do livro Rubaiyat de Fitzgerald, Pilatos descarta o valor de procurá-la:

Com eles a semente da Sabedoria eu plantei. E com a minha própria mão trabalhei para produzi-la; E esta foi toda a Colheita que eu obtive – Eu vim como a Água, e como o Vento eu vou. Para dentro deste Universo, e sem saber Por que nem para Onde, como o fluxo indeciso da Água. E para fora dele, como o Vento no deserto, eu não sei para onde soprar, por estar indeciso... Já não mais perplexo com o Humano nem com o Divino, o entrelaçar do Amanhã se conforma com o vento. E solta os seus dedos nas mechas do Ministério do vinho, esbelto como um cipreste. Como é fácil ignorar os verdadeiros problemas da vida e recusar-se a ficar perplexo com o humano ou com o divino.

Mas o que Pilatos nunca percebeu, ao afastar-se de Jesus sem esperar por uma resposta à sua pergunta: “Que é a verdade?”, é que ao deixar de ouvir a resposta de Jesus ele perdeu a sua melhor oportunidade de encontrar a vida eterna.

Este não, mas Barrabás! (18.40). Barrabás tinha participado de uma rebelião. O texto grego simplesmente identifica Barrabás como um lestes, palavra que era reservada para homens violentos – ladrões, piratas, soldados embriagados e insurgentes. Embora a população judia em geral pudesse ter encarado Barrabás como um “lutador pela liberdade”, a literatura do século I deixa claro que os sumos sacerdotes repudiavam as ações de tais nacionalistas ativos, com o objetivo de acomodar-se aos romanos que governavam. Portanto, quando Pilatos sugeriu que poderia soltar Jesus ou Barrabás, ele imaginou que os líderes religiosos que tinham acusado Jesus iriam pedir que ele soltasse a Cristo em lugar de arriscar-se a libertar o notório Barrabás.

Como Pilatos estava errado! E como a escolha exibe inconfundivelmente o caráter dos inimigos de Jesus. Em lugar de procurar libertar aquele que tinha curado o povo de Deus e expulsado demônios, os líderes escolheram a libertação de um homem violento e assassino (Mc 15.7).

Pilatos, pois, tomou, então, a Jesus (19.1). Uma dos mais interessantes relatos extra-bíblicos da morte de Cristo foi escrito por Josefo, pouco tempo depois da destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Os manuscritos gregos da obra de Josefo, The Jewish War, não incluem esta passagem ampliada, o que levou muitos estudiosos a julgarem que foi um acréscimo posterior. No entanto, ela contém uma explicação interessante, embora improvável, da atípica submissão de Pilatos aos desejos dos judeus, no assunto da crucificação de Jesus. A seguir, está um fragmento de uma tradução da obra The Jewish War, de Josefo, que consta na Loeb Classical Library:

Naquela época apareceu um homem... Alguns disseram a seu respeito “o nosso primeiro legislador ressuscitou dos mortos e realizou muitas curas e obras”, ao

passo que outros pensavam que ele tinha sido enviado por Deus. Apesar disto, em muitas coisas ele desobedecia a Lei e não respeitava o sábado, de acordo com os costumes dos [nossos] pais. Mas, por outro lado, ele não fazia nada vergonhoso, nem fazia nada com o auxílio das mãos, mas somente pela palavra ele realizava qualquer coisa.

E muitos, entre a multidão, o seguiam e ouviam atentamente os seus ensinos, e muitas almas ficavam comovidas, pensando que com isso as tribos dos judeus poderiam se libertar das mãos de Roma. Bem, era costume geral permanecer em frente à cidade no Monte das Oliveiras, e ali, também, ele realizou as suas curas em benefício do povo.

E ali se reuniram 150 ministros e uma multidão de pessoas. Eles viram o seu poder, viram que Ele realizava o que quer que fosse somente com [uma] palavra, e fizeram com que Ele conhecesse a sua vontade: que Ele entrasse na cidade e derrotasse as tropas romanas de Pilatos e governasse sobre nós. E mais tarde, quando os líderes judeus tomaram conhecimento disto, eles se reuniram com o sumo sacerdote e disseram: “Nós somos impotentes e [muito] fracos para resistir aos romanos. Além disto, vendo que o arco está curvo, nós iremos e informaremos a Pilatos sobre o que ouvimos, e ficaremos livres de problemas, para que ele não saiba disso por outros, e nós sejamos privados do nosso sustento, e sejamos dispersos juntamente com os nossos filhos”.

E então eles foram e informaram a Pilatos. E ele enviou soldados e mandou matar a muitos da multidão. E lhe trouxeram aquele “Fazedor de Milagres”, e depois de realizar o interrogatório, ele proferiu o julgamento: “Ele é um benfeitor, não um malfeitor, não é rebelde nem cobiça o reinado”. E o deixou ir, pois Ele tinha curado a sua esposa que estava à morte.

E ele foi ao seu lugar habitual, e realizou as suas obras habituais. E quando mais gente novamente se reuniu ao seu redor, as suas obras o glorificaram sobremaneira. Os escribas ficaram dominados pela inveja, e deram trinta talentos a Pilatos, para que ele o levasse à morte. E ele pegou [o dinheiro] e lhes deu liberdade para que realizassem a sua vontade. E eles o apanharam e crucificaram, de maneira contrária à lei dos seus pais.

Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima te não fosse

dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem (19.11). A reivindicação de Pilatos de ter poder para crucificar ou libertar Jesus (19.10) é rejeitada pelo Senhor. Como o poder de Pilatos é “de cima”, Pilatos deveria considerar que ele teria que responder a Deus pelos seus atos. A pessoa realmente julgada nesta situação não é Jesus, mas sim o próprio Pilatos!

A identidade da pessoa “que me entregou a ti” tem sido muito debatidas. Alguns sugerem que Cristo se refere a Judas, uma vez que o mesmo verbo, paradous, é usado para referir-se a ele em Jo 13.21. Mas Judas entregou Jesus aos Seus inimigos judeus, não a Pilatos. Alguns sugerem que quem entregou Jesus foi Deus Pai, observando que em At 2.23 está dito que Jesus “vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus”. Mas o restante das Escrituras identifica que isto não era pecado, mas sim uma demonstração da justiça de Deus (Rm 3.25-26). A melhor sugestão é a de que Jesus está se referindo ao sumo sacerdote, que como um líder espiritual do seu povo anunciou a necessidade da morte de Cristo (11.49-53), formulou as acusações contra Ele (Mc 14.61-64) e, como veremos, exerceu a pressão sobre Pilatos que o forçou a pronunciar a sentença de morte. Devido à sua posição de líder espiritual de Israel e o seu conhecimento mais amplo das obras e reivindicações de Jesus, a sua participação ativa no assassinato judicial era sem dúvida um pecado mais grave do que aquele cometido pelo governador romano. Mas talvez a expressão mais significativa aqui seja o lembrete de Jesus a Pilatos de que qualquer autoridade que ele possa ter lhe foi dada “de cima”. A mesma coisa acontece conosco hoje. É Deus quem nos dá a liberdade de fazer as escolhas significativas em nossa vida. E é a Ele que nós deveremos, um dia, responder.

Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro (20:1). Hoje, dois lugares em Jerusalém disputam a honra de serem reconhecidos como o lugar em que Cristo foi sepultado. Um deles fica sob a Igreja do Santo Sepulcro. O outro é o “sepulcro do jardim”, um sepulcro do século I redescoberto no século XIX. O lugar do sepulcro do jardim é considerado duvidoso pela maioria dos arqueólogos contemporâneos, embora se encaixe tanto nos relatos dos Evangelhos quanto nos costumes de sepultamento do século I.

Naturalmente, é irrelevante a determinação do lugar, pois Jesus estava somente de passagem! Hoje faz pouca diferença saber onde Maria, Pedro, João e os outros foram procurar por Jesus. O que faz toda a diferença do mundo é o fato de que aquele sepulcro estava vazio e que Jesus não estava lá! “Havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (20.22). Como a narrativa de João sobre a dádiva do Espírito Santo se encaixa no relato tão diferente de Atos 2? Calvino interpretou este evento como uma entrega parcial do Espírito, escrevendo em seu comentário sobre o Evangelho de João que “o Espírito foi dado aos apóstolos de tal maneira que neles a Sua graça foi apenas “borrifada”, e assim não foram saturados com o seu poder total”. Outros sugerem que o relato de João é preditivo, e tinha a finalidade de deixar claro que quando o Espírito realmente viesse no Pentecostes, Ele seria, inequivocamente, o presente do Senhor ressuscitado. Jesus falou do recebimento do Espírito como se fosse um ato completo porque o era, no sentido de estar garantido pela ressurreição de Jesus. Uma sugestão fascinante é a de que a expressão “assoprou sobre eles” é uma expressão idiomática em aramaico ainda usada hoje em dia, que significa simplesmente “Ele os encorajou”. Se for este o caso, o restante das palavras de Jesus aqui deve ser interpretado como promessa e sugestão, permitindo que os discípulos soubessem o que seria feito para eles e o que eles deveriam fazer.

Independentemente da maneira como se interpreta o texto, duas coisas são certas. O Espírito é a dádiva de Deus para a Sua igreja. E o Espírito veio, não apenas para nos capacitar para o serviço, mas também para enriquecer as nossas vidas com o Seu poder transformador.

Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos (20.23). J. R. Mantey, em um artigo intitulado “The Mistranslation of the Perfect Tense in John 20.23, Mt 16.19 and Mt 18.18” no Journal of Biblical Literature 58 (1939), destacou que as versões em inglês traduzem mal esta frase. Hoje, mais de 50 anos depois, as versões modernas continuam a cometer o mesmo erro. O que este versículo diz literalmente é que “aqueles cujos pecados vocês perdoarem, já foram perdoados; aqueles cujos pecados vocês não perdoarem, não foram perdoados”. Para compreender a diferença significativa que isto origina, verifique o Estudo da Palavra de Mateus 16.19.

Depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro (21.15). Nós podemos imaginar Pedro, ali, à margem, sentado atrás dos demais discípulos, quase escondido. A lembrança da sua negação de Jesus é quase opressora, e embora ele amasse o seu Senhor e estivesse extasiado quando percebeu a identidade da figura que estava curvada sobre o fogo à margem do mar (21.7), ele ficou, atipicamente, tão silencioso quanto os outros.

E então Jesus falou com Pedro.

O que os dois disseram é comentado no estudo em profundidade sobre a negação de Jesus encontrado no Estudo da Palavra sobre Mateus 26.31-35. O que é importante que observemos aqui simplesmente é o fato de que Jesus falou em primeiro lugar.

Que conforto para nós, quando falhamos com Deus e conosco, não precisamos nos afastar, inseguros. Cristo ainda nos procura, ansioso por nos devolver a comunhão e nos capacitar para a sua obra. Ouça com atenção, e você conseguirá ouvir a Sua voz hoje.

Vendo Pedro a este [João], disse a Jesus: Senhor, e deste que será? (21.21). Devemos ouvir a voz de Deus falando conosco sobre a nossa própria vida. A orientação não é dada de uma maneira coletiva, e nós não somos convidados a ouvir as instruções que Jesus dá a outra pessoa.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Jesus Cristo em Julgamento

Depois de ter sido preso, Jesus foi sujeito a uma série de julgamentos. Juntando o quadro fornecido nos diversos Evangelhos, podemos traçar os eventos daquela longa noite, da seguinte maneira:

I. Interrogatório Preliminar: durante a noite	
Diante de Anás:	João 18.12-14, 19-23
Diante de Caifás:	João 18.24; Mateus 26.57, 59-68;
II. O Julgamento Religioso: no amanhecer	
Diante do Sinédrio:	Mateus 27.1; Marcos 15.1; Lucas
III. O Julgamento Civil: pela manhã, bem cedo	
Diante de Pilatos:	João 18.28-38; Mateus 27.2,11-14
Diante de Herodes:	Lucas 23.6-12
Diante de Pilatos novamente :	João 18.39–19.1, 4-16; Mateus 27

I. Interrogatório Preliminar de Jesus: durante a noite

DIANTE DE ANÁS (18.12-14, 19-23)

Anás tinha sido o sumo sacerdote entre 6 e 15 d.C., antes de ser deposto pelo predecessor de Pilatos, Valério Grato. No entanto, a sua influência não diminuiu, pois ele viu cinco dos seus filhos e também o seu genro sucedendo-o no posto. É provável – pois de acordo com o Antigo Testamento o sumo sacerdote tinha um cargo vitalício – que muitos judeus o considerassem o único sumo sacerdote legítimo apesar da indicação romana de outras pessoas para este posto, uma atitude que pode estar refletida na referência que Lucas faz ao sumo sacerdócio de Anás e de Caifás (Lc 3.2).

Edersheim, na obra Life and Times of Jesus the Messiah, escreve o seguinte a respeito de Anás:

Nenhuma personalidade é mais bem conhecida na história judaica contemporânea do que Anás; nenhuma pessoa era considerada de mais sorte ou sucesso, mas ninguém também era mais execrado, de forma geral, do que tal sumo sacerdote. Ele tinha mantido o pontificado somente por seis ou sete anos, mas foi substituído por não menos do que cinco dos seus filhos, pelo seu genro Caifás e por um neto. E naqueles dias, pelo menos para alguém com o temperamento de Anás, era muito melhor ter sido do que ser sumo sacerdote. Ele desfrutava de toda a dignidade do cargo, e também de toda a sua influência, uma vez que era capaz de estendê-las aos mais intimamente ligados a ele. E, embora eles agissem publicamente, ele realmente dirigia os assuntos, sem ter nem a responsabilidade nem as limitações que o cargo impunha. A sua influência com os romanos ele devia às interpretações religiosas que professava, ao seu apoio aberto aos estrangeiros e à sua enorme riqueza. O saduceu Anás era um clérigo eminentemente seguro, que não se preocupava com qualquer convicção especial ou com qualquer fanatismo judaico, um homem “agradável e útil” também, que podia entregar aos seus amigos do pretório grandes somas de dinheiro. Nós vimos que imensas rendas da família de Anás devem ter sido derivadas de

barracas no Templo, e como era nefasta e impopular a sua prática comercial. Os nomes dos ousados, licenciosos, inescrupulosos e degenerados filhos de Arão eram pronunciados com maldições sussurradas.

Dada a influência de Anás, é compreensível que Jesus fosse levado em primeiro lugar à sua casa. O objetivo desta primeira entrevista era simplesmente determinar qual a melhor maneira de proceder para realizar a intenção dos sacerdotes de provocar a execução de Jesus. Como o texto nos diz, Cristo não viu necessidade de expandir em âmbito privado o que Ele tinha afirmado abertamente em público, e desta forma recusou-se a responder.

DIANTE DE CAIFÁS (Jo 18.24; Mt 26.57, 59-68; Mc 14.53, 55-65; Lc 22.54, 63-65)

Anás ordenou que Jesus, ainda amarrado, fosse levado à casa de Caifás. Mateus nos diz que “os escribas e os anciãos” já “estavam reunidos” ali. Fica claro que o plano para prender Jesus secretamente naquela noite era bem conhecido por todos os líderes de Israel. A Mishna, em Sinédrio 4:1, define as regras para os interrogatórios nos casos de pena capital e de outras penas; regras que claramente foram desrespeitadas nesse julgamento noturno e “extra-oficial” de Jesus. A Mishna diz que (4.1):

A. Os casos de propriedade e os de pena de morte terão as mesmas regras para exame e interrogatório.

B. Como está escrito: Uma mesma lei tereis (Lv 24.22).

C. Qual é a diferença entre casos de propriedade e casos de pena de morte?

D. (1) Os casos de propriedade [são julgados] por três [juízes] e os casos de pena

de morte por vinte e três.

E. (2) Nos casos de propriedade, eles começam com a análise do caso, seja para a absolvição, seja para a condenação, ao passo que nos casos de pena de morte eles começam somente com o caso para absolvição, e não com o caso para a condenação.

F. (3) Nos casos de propriedade, eles decidem por maioria simples (a metade dos votos mais um), seja para a absolvição, seja para a condenação, ao passo que nos casos de pena de morte eles decidem pela maioria simples para a absolvição, mas somente com uma maioria de dois [juízes] para a condenação.

G. (4) Nos casos de propriedade eles revertem a decisão, seja a favor da absolvição, seja da condenação, ao passo que nos casos de pena de morte eles revertem a decisão a favor da absolvição, mas não da condenação.

H. (5) Nos casos de propriedade, todos [juízes e até mesmo discípulos] argumentam, seja a favor da absolvição, seja da condenação. Nos casos de pena de morte, todos argumentam a favor da absolvição, mas não da condenação.

I. (6) Nos casos de propriedade, alguém que argumenta a favor da condenação pode fazê-lo a favor da absolvição, e alguém que argumenta a favor da absolvição pode fazê-lo a favor da condenação. Nos casos de pena de morte alguém que argumenta a favor da condenação pode argumentar a favor da absolvição, mas alguém que argumenta a favor da absolvição não tem a autoridade de se retratar e argumentar a favor da condenação.

J. (7) Nos casos de propriedade, eles julgam o caso durante o dia e o concluem à noite. Nos casos de pena de morte, eles julgam o caso durante o dia e o concluem durante o dia.

L. (8) Nos casos de propriedade eles chegam a uma decisão final no mesmo dia [como o próprio julgamento], seja a favor da absolvição, seja da condenação. Nos casos de pena de morte, eles chegam à conclusão final a favor da absolvição no mesmo dia, mas no dia seguinte a favor da condenação.

M. (Portanto eles não julgam [casos de pena de morte] nem na véspera do sábado, nem na véspera de uma Festa).

Uma comparação com o relato de Mateus mostra como era profunda a animosidade que havia contra Jesus, e como os líderes hipocritamente violaram as regras tradicionais que eles supostamente observavam com tanto zelo. Este julgamento noturno não era apenas ilegal, como também os juízes, em lugar de argumentarem a favor da absolvição, “buscavam falso testemunho contra Jesus, para poderem dar-lhe a morte” (Mt 26.59). No final, Jesus confirmou a sua reivindicação de ser “o Cristo, o Filho de Deus” (26.63). Triunfantemente, o sumo sacerdote gritou: “Eis que bem ouvistes, agora, a sua blasfêmia” (26.65) e convocou um imediato veredicto de culpado, e a pena de morte.

II.O Julgamento Religioso: no amanhecer

DIANTE DO SINÉDRIO (Mt 27.1; Mc 15.1; Lc 22.66-71)

O Sinédrio voltou a se reunir no amanhecer para confirmar um veredicto que eles já tinham proferido (ilegalmente).

É difícil para nós, hoje, entender a extensão da autoridade exercida pelo Sinédrio no século I. A investigação mostra cerca de nove funções diferentes exercidas por este grupo de aproximadamente 70 sacerdotes e rabinos.

(1) O Sinédrio servia como a suprema corte, para esclarecer pontos duvidosos sobre a religião e a lei. (2) O Sinédrio servia como a suprema corte para decidir assuntos controversos. Nenhuma corte local tinha a permissão de agir contrariamente a uma determinação do Sinédrio. (3) O Sinédrio tinha o poder de impor a disciplina (At 9.1-3). (4) O Sinédrio servia como um corpo legislativo, com poder de estabelecer taqanot (regulamentos) e gezerot (decretos) que se aplicavam aos judeus de todas as partes. (5) o Sinédrio tinha a responsabilidade de estabelecer o calendário oficial, importante porque isto definia as datas para as festas religiosas. (6) O Sinédrio supervisionava os serviços no templo. (7) Somente o Sinédrio tinha jurisdição em casos que poderiam envolver a pena de morte. (8) Politicamente, o Sinédrio também tinha o poder de agir como representante de toda a população da Terra Santa (como é o caso do senado moderno dos E.U.A)., em assuntos como dar consentimento à ordenação de reis ou a declarações de guerra. (9) O Sinédrio também servia como o corpo político

que tratava com as forças de ocupação romanas, ou com outros governantes e outras nações.

Portanto, não há dúvida de que o Sinédrio era a autoridade verdadeira e oficialmente constituída no judaísmo e na terra judaica, na ocasião em que os seus membros se reuniram naquela fatídica manhã para ratificar oficialmente um veredicto com que os seus membros tinham [ilegalmente] concordado nas primeiras horas da manhã. Oficialmente condenado por blasfêmia, o Sinédrio agora deve levar Jesus diante de Pilatos, pois somente ele tem a autoridade para ordenar a execução.

III.O Julgamento Civil: pela manhã, bem cedo

DIANTE DE PILATOS (Jo 18.28-38; Mt 27.2, 11-14; Mc 15.2-5; Lc 23.1-5. Veja o Estudo da Palavra sobre 18.28, acima).

Devemos recordar que “judeus” (18.28, na versão NTLH) é uma expressão usada por João para designar os líderes religiosos e não todo o povo judeu. Isto fica claro aqui quando Pilatos diz “Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei” (18.31). Os “judeus” aqui devem ser os do Sinédrio, que tinha o poder de julgá-lo segundo a lei dos judeus.

O Sinédrio tinha condenado Jesus por blasfêmia, ao afirmar que era Deus. Mas isto não estava contra a lei romana, de modo que os líderes judeus tiveram que encontrar outro crime importante do qual acusar a Jesus. Em lugar de fazer uma acusação específica, eles argumentaram que o fato de Jesus ter sido levado a Pilatos provava que Ele era um “criminoso” ou um “malfeitor”, kakon poion. Quase podemos sentir o pânico dos líderes quando Pilatos parece devolver Jesus à sua jurisdição: “A nós não nos é lícito matar pessoa alguma” (Veja o Estudo da Palavra sobre 18.31, acima).

A acusação específica do Sinédrio finalmente feita não é afirmada, mas fica claramente implicada no questionamento que Pilatos faz a Jesus sobre o Seu reino (veja o Estudo da Palavra sobre 18.36, acima). Se Jesus estivesse se estabelecendo como um rei dos judeus, isto constituiria uma rebelião e seria punível com a morte. Ao questionar Jesus, Pilatos chegou à conclusão: “Não

acho nele crime algum” (19.38).

É difícil explicar os próximos atos de Pilatos. Com base no que conhecemos a respeito do seu caráter, Pilatos não estava particularmente preocupado com o que era certo ou errado. Embora ele pareça freqüentemente ter prazer perverso em violar as sensibilidades dos judeus, o seu relativamente fraco esforço em libertar Jesus não apresenta a aura de desdém que marca muitos dos seus outros atos. Parece, a partir do relato de João, que Pilatos está um pouco amedrontado por Jesus – e que por alguma razão ele está hesitante em ofender o Sinédrio judeu.

DIANTE DE HERODES (Lc 23.6-12)

Lucas acrescenta um incidente que não é encontrado nos outros Evangelhos. Pilatos, ainda procurando alguma maneira para condenar Jesus, descobre que Cristo é galileu. A Galiléia é um território governado por Herodes, e portanto Pilatos ordena que Jesus seja levado a Herodes!

Herodes se deleita, pois ouviu muito a respeito de Jesus e deseja vê-lo realizar um milagre. Mas Jesus se recusa a falar com Herodes – embora os principais dos sacerdotes e os escribas estivessem ao seu redor, acusando-o todo o tempo. Desapontado e zangado, Herodes envia Jesus de volta a Pilatos.

NOVAMENTE DIANTE DE PILATOS (Jo 18.39–19.1, 4-16; Mt 27.15-26; Mc 15.6-15; Lc 23.13-25)

Quando Jesus retornou de Herodes, Pilatos ordenou que ele fosse açoitado. Este era um prelúdio para a crucificação, e o flagelo romano era uma arma terrível, com pedras ou metais presos a tiras de couro.

No entanto, Pilatos ainda parece insatisfeito, e novamente traz Jesus para fora, apresentando-o ao Sinédrio como um homem inocente. Quando os membros do Sinédrio vêem Jesus, eles exigem em voz alta que Ele seja crucificado. Pilatos,

sabendo muito bem que o Sinédrio não tem poder algum para fazer isto, diz: “Tomai-o vós e crucificai-o” (19.6). E uma vez mais, Pilatos proclama que Jesus é inocente.

Agora o Sinédrio repentinamente pronuncia a verdadeira razão por que deseja que Jesus seja executado. “Porque se fez Filho de Deus” (19.7). João diz que quando Pilatos ouviu isto, “mais atemorizado ficou” (19.8).

Então, o que está acontecendo aqui? Pilatos já proclamou que Jesus é inocente. Ele claramente tem algum medo de Cristo. E ele não tem nenhum respeito pelo Sinédrio, sabendo muito bem que as primeiras acusações que eles tinham feito não tinham nada a ver com a verdadeira razão por que eles queriam a Cristo morto. Por que, então, Pilatos está hesitando? Ele tem o poder de libertar Jesus, se desejar, e freqüentemente demonstrou que se importava muito pouco com as queixas dos judeus. Mas agora Pilatos mostra fraqueza, e apenas “procurava” soltar Jesus (19.12). Mas ele foi incapaz de se impor e proferir a palavra que o libertaria. Por que?

A resposta foi exposta no clássico estudo de Harold Hoener sobre Pôncio Pilatos. O imperador Tibério tinha “se retirado” a uma ilha privada onde poderia praticar à vontade as suas conhecidas perversões sexuais. Em Roma, o comandante da Guarda Pretoriana, um oficial chamado Sejano, na verdade estava governando o império em nome de Tibério, promovendo amigos e executando inimigos. Depois de alguns anos no poder, as acusações contra Sejano foram levadas às escondidas até Tibério, que ordenou ao Senado que o condenasse à morte.

A morte de Sejano criou um pânico entre aqueles que deviam a ele suas posições. Muitos se suicidaram; outros foram executados. Somente aqueles distantes de Roma escaparam ao banho de sangue. E Pilatos tinha sido um protegido de Sejano!

O Sinédrio estava plenamente consciente da precária posição política de Pilatos. Como Pilatos procurava desesperadamente uma maneira de libertar Jesus, os judeus continuavam gritando: “Se soltas este, não és amigo do César!” (19.12). Como já era um objeto das paranóicas suspeitas de Tibério, juntamente com outros antigos associados de Sejano, Pilatos não ousou libertar a Jesus, fosse qual fosse a verdade sobre a Sua culpa ou a Sua inocência! O verdadeiro temor de Pilatos era o de que, de alguma maneira, ele se encontrasse acusado, se libertasse a Jesus.

Finalmente Pilatos desistiu e ordenou que Jesus fosse crucificado.

Como é trágico quando os assuntos do certo e do errado se tornam irrelevantes, e nós tomamos as nossas decisões com base no que é conveniente, em lugar do que é justo.

RESUMO

O que nós vemos, quando examinamos os julgamentos de Jesus? A primeira coisa que vemos é que Cristo foi condenado por um Sinédrio que violou as suas próprias regras, ao conduzir um julgamento ilegal. Estes líderes religiosos então, de maneira fraudulenta, o levaram até Pilatos com acusações de que Ele não tinha sido condenado na sua corte. E quando Jesus foi julgado inocente por Pilatos, eles exerceram pressões políticas especialmente com o objetivo de forçá-lo a pronunciar um veredicto que estava contra a sua própria consciência e contra a lei romana também, que exigia que o inocente fosse exonerado.

A segunda coisa que vemos é um homem cruel e fraco, convencido de que Jesus era inocente, completamente consciente da índole vingativa e da falsidade dos acusadores de Jesus, que, apesar do seu poder, é excessivamente fraco e medroso para fazer o que sabe que é o certo. Pilatos finalmente se rende aos seus temores e às pressões políticas e condena Jesus à morte.

Com que clareza, então, os julgamentos de Jesus revelam as fraquezas e a natureza pecadora dos seres humanos. E com que clareza eles revelam a graça de Deus. Pois, como nos lembra o papel dos políticos na distante Roma que forçaram Pilatos a condenar a Cristo, Jesus foi entregue “pelo determinado conselho e presciência de Deus”.

A maior injustiça do mundo, em última análise, exibiu a justiça, a graça e o amor perdoador do nosso Deus.

Começa a Aventura

EXPOSIÇÃO

-

A ressurreição de Jesus foi recebida com choque por seus seguidores, seguida por uma onda de excitação. À medida que o autor do Evangelho de Lucas prossegue em sua história cuidadosamente pesquisada, ele captura o início do fogo de uma chama que brilhava intensamente em Jerusalém, e então se espalhou rapidamente por todo o Império Romano.

Os capítulos iniciais do Livro de Atos definem os alicerces do explosivo crescimento da jovem igreja. Por cerca de quarenta dias os discípulos foram ensinados, por Jesus, sobre "o Reino de Deus" e sua responsabilidade de difundir a mensagem de Jesus "até aos confins da terra" (1.1-8). A ascensão visível de Cristo ao céu foi seguida por um breve período de espera, durante o qual os discípulos escolheram um fiel seguidor de Jesus para assumir o lugar de Judas Iscariotes (1.9-26). Esta espera terminou no dia de Pentecostes. Então, com sinais visíveis exclusivos, o

Espírito Santo invadiu Jerusalém, entrando no pequeno grupo de fiéis, unindo-os para sempre a Jesus, e uns aos outros como o corpo vivo de Cristo, a igreja (2.1-13). Os sinais visíveis que acompanharam a vinda do Espírito atraíram uma multidão e forneceram a oportunidade para a primeira mensagem do evangelho da história (2.14-41). Esta mensagem contém todos os elementos essenciais da proclamação apostólica de Jesus, e neste sentido serve como modelo para a pregação evangelística por toda a nossa época. Da mesma maneira, a união dos convertidos para formar a íntima comunhão descrita em 2.42-47 e 4.32-37 serve para modelar os princípios universais da vida congregacional.

A seguir, Lucas reporta outro incidente. Incentivado pela cura de um "varão que, desde o ventre de sua mãe, era coxo" (3.1-10), Pedro prega outra poderosa mensagem evangelística (3.11-26). Nesta ocasião, Pedro e João são trazidos diante do Sinédrio e interrogados. Os dois apóstolos corajosamente confrontam os homens que conspiraram para levar à morte seu Senhor (4.1-12). Incapaz de punir os homens que realizaram publicamente milagre tão notável, o Sinédrio ameaçou Pedro e João e deixou que eles se fossem (4.13-22). Os dois apóstolos, novamente definindo um padrão que deve ser seguido

por nós hoje em dia, contaram o que havia acontecido "aos seus" e, assim, convocaram a igreja à oração. Deus respondeu, enviando novo derramamento do Espírito e capacitando-os a continuar a falar corajosamente.

Estes primeiros capítulos de Atos apresentam os temas que percorrem todas as epístolas do Novo Testamento, e são vitais para nós hoje. O primeiro tema é o Espírito Santo. Sua vinda inaugura a igreja; sua presença vitaliza o povo de Cristo; seu derramamento os capacita ao ministério. O segundo tema é a evangelização. Os primeiros cristãos são levados a proclamar o Senhor, absolutamente convencidos de que "em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (4.12). O terceiro motivo é a comunhão. Os membros da jovem igreja são unidos por comprometimento compartilhado com Jesus. Eles adoram, estudam, repartem e oram juntos, em unidade que inspira profundo carinho de uns pelos outros. Embora devamos encarar o Livro de Atos como documento descritivo que retrata o que aconteceu no século I, em lugar de encará-lo como um documento prescritivo que nos instrui sobre como nós devemos viver hoje, estes três temas nos lembram de

como dependência do Espírito, paixão pela evangelização e comprometimento com a comunhão são vitais para qualquer pessoa que procure seguir a Jesus Cristo em nossa época.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar (1.1). Embora Jesus já não mais esteja fisicamente presente neste mundo, sua obra aqui não está nem perto de estar terminada! O Livro de Atos registra a história do que Jesus continua a fazer por intermédio de seus seguidores.

Jesus ainda está “fazendo e ensinando” no mundo – por nosso intermédio.

Sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus (1.3). A expressão “Reino de Deus” não se refere apenas à soberania de Deus sobre o universo que Ele criou, mas mais particularmente à maneira como Deus expressa sua lei na história, e nas vidas dos crentes. Esta instrução era essencial, pois a morte e a ressurreição de Jesus exigiam uma completa reorientação da visão dos discípulos sobre aquilo que o futuro traria. Curvados como estavam, na visão do Antigo Testamento de um reino terreno governado pelo Messias, eles precisavam entender a missão do Messias em seu sentido mais amplo, e sentir seu próprio papel vital na divulgação da nova e atual forma do novo concerto do Reino de Deus.

As citações específicas de Lucas mostram como esta instrução era vital. Os discípulos perguntam: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (1.6). Os discípulos, claramente, ainda têm uma perspectiva do Antigo Testamento sobre o reino, uma perspectiva moldada pela visão dos profetas de um reino israelita dominante governado por um descendente divino de Davi – o Messias. Observe que Jesus não rejeita esta visão do reino. Na verdade, Ele confirma sua visão, dizendo: “Não vos pertence saber” quando (1.7). (Veja o quadro seguinte, que apresenta a relação entre as expressões do reino do Antigo Testamento e do Novo.)

Relação Entre as Visões do Antigo Testamento e do Novo Testamento Sobre o Reino de Deus



Mas aquela forma de governo de Deus é futura, não presente. Sendo assim, naquele que pode ser o mais citado de todos os versículos do Livro de Atos, Jesus diz aos seus discípulos: “Ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (1.8).

É importante trabalhar pela justiça em nossa sociedade e ser ativista pelo que é certo. Mas, devemos nos lembrar de que o reino presente de Deus encontra sua verdadeira expressão em um povo (e por intermédio dele) que crê em Jesus, e cuja primeira prioridade deve ser dar claro testemunho a respeito dele.

João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias (1.5). A promessa acontece logo no início de cada um dos sinóticos: Jesus batizará os seus com o Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.18; Lc 3.16). E a promessa é repetida durante a última semana do ministério de Jesus, com a vinda do Espírito ainda no futuro (Jo 14.26; 16.7-11). E ela ainda é futuro aqui, alguns dias antes do Pentecostes. Posteriormente, Pedro lembrará do

Pentecostes e identificará aquele dia como a ocasião da vinda do Espírito (At 10.45; 11.15,16).

Não ousamos nos esquecer de que o Espírito Santo é a fonte do poder espiritual nesta época. Nem esquecer que a promessa de Cristo foi cumprida, e que o Espírito agora é nosso.

[Judas] precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram (1.18). Sobre a forma da morte de Judas, veja o Estudo da Palavra de Mateus 27.3-5.

E, lançando-lhes sorte, caiu sobre Matias. E, por voto comum, foi contado com os onze apóstolos (1.26). Deve-se observar diversas coisas sobre o incidente. Em primeiro lugar, antes de lançar a sorte, os discípulos eliminaram todos os candidatos, exceto dois deles. O lançar da sorte foi o último recurso, depois que as qualificações pessoais dos candidatos foram cuidadosamente examinadas e nenhum "vencedor" declarado surgiu. Em segundo lugar, quando os discípulos não puderam decidir, eles adotaram o método de lançar sortes em oração. Eles não estavam confiando no acaso, mas esperavam que Deus expressasse sua vontade durante o processo, o que não era incomum durante a era do Antigo Testamento (Pv 16.33).

No entanto, mais importante é o fato de que esta é a última vez em que lemos sobre qualquer decisão sendo feita por sortes e de alguma maneira similar. Por que, lançar sortes era uma maneira reconhecida do Antigo Testamento de discernir a vontade de Deus? Muito provavelmente, porque somente alguns dias depois deste evento o Espírito Santo foi dado à igreja. A partir daquele momento, o Espírito tornou-se nosso guia. Agora nós olhamos para Ele, e em fé nos comprometemos a obedecer quando Ele nos mostrar o caminho (13.2).

Como é vital que reconheçamos a presença do Espírito em nossas vidas! Como é vital olhar para Ele procurando orientação em tudo o que fazemos!

Cumprindo-se o dia de Pentecostes... (2.1). Esta festa acontecia 50 dias depois da Páscoa, e marcava o final da colheita de grãos. A idéia era que fosse como uma festa de ação de graças, marcada pela oferta de sacrifícios e a doação de contribuições voluntárias da colheita recente (cf. Lv 23.15-22; Nm 28.26-31; Dt 16.9-12). O Pentecostes era uma das três “festas de peregrinos” a que os homens adultos de Israel deviam comparecer. Na tradição rabínica, o Pentecostes também marcava a data em que Deus entregou a Lei a Moisés. Não é de admirar que muitos milhares de peregrinos que vinham dos judeus espalhados por todo o império romano e pelo oriente estivessem presentes para este, o mais significativo de todos os Pentecostes!

Textos rabínicos relatam que aproximadamente 12 milhões de pessoas reuniam-se para celebrar a Páscoa. Josefo estima que fossem 3 milhões. Estes números são elevados, considerando a área dentro e ao redor de Jerusalém. Mas fica claro que a população da cidade de cerca de 55.000 pessoas no século I era dobrada ou triplicada pelos visitantes, dos quais muitos vinham para a Páscoa e permaneciam até o Pentecostes.

A referência de Lucas às terras nativas das quais vinham muitos dos peregrinos judeus (2.8-11) está em completa harmonia com o que conhecemos da diáspora judaica do século I. Os judeus constituíam uma minoria significativa no império romano, provavelmente cerca de 10 por cento dos 60 milhões de pessoas que ali viviam nessa época. Quase todas as cidades principais tinham sua população de judeus, e sem dúvida alguns de cada nação estavam presentes quando o Espírito foi derramado, e Pedro pregou a primeira mensagem evangelística da história.

De repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (2.2-4). O som, as línguas como que de fogo e o falar em outras línguas, juntos, serviram para assinalar o início da igreja.

Existe um paralelo fascinante – e um contraste – com a entrega da Lei a Moisés, que a tradição rabínica afirma ter acontecido no Dia de Pentecostes. Naquela ocasião, ressoavam trovões e chamas ardiam no cume do Monte Sinai, e o Espírito de Deus gravou os Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Aqui também há um som e chamas, mas não no cume de alguma montanha distante. Agora, o vento sopra em uma casa em Jerusalém; a chama divide-se para repousar sobre cada crente. E, capacitados pelo Espírito, todos começaram a "falar das grandezas de Deus" (2.11), demonstrando que a Lei de Deus agora está sendo gravada nos corações humanos.

Não devemos nos esquecer do fato de que a combinação de sinais aqui espelha, e também transmuta, sinais associados com a entrega da Lei no Sinai. A mensagem essencial destes sinais é clara: uma nova era chegou! O antigo concerto da Lei é substituído pelo novo concerto da graça, que é derramada sobre todos em Jesus Cristo.

Todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus (2.11). Entendemos que este versículo deixa muito claro que o fenômeno descrito aqui não é o mesmo que a glossolalia (o dom de línguas) descrita em 1 Coríntios 12–14. Ali, era necessário intérprete, quando a pessoa falava em outras línguas; aqui, todos entendiam os cristãos falando em línguas conhecidas (veja o comentário sobre 1 Coríntios 12–14).

Mas, novamente, devemos nos lembrar de que Lucas não entra em nosso debate sobre a natureza e a extensão do dom espiritual das línguas. Lucas está simplesmente descrevendo os sinais que, naquele dia de Pentecostes, inauguraram a era cristã e marcaram o início da comunidade do novo concerto de Deus.

Isto é o que foi dito pelo profeta Joel (2.16). A profecia original menciona evidências físicas espetaculares – sangue e fogo e colunas de fumaça, com o sol convertido em trevas e a lua convertida em sangue. Mas estes sinais não

aconteceram. No entanto, nem a citação nem o uso que Pedro faz dela exige o cumprimento integral da visão de Joel.

É bom recordar que os “últimos dias”, que começam com a vinda do Espírito e terminam com terríveis sinais imediatamente antes da volta do Senhor, já duraram quase dois mil anos. Os “sinais” mais espetaculares estão associados não com o amanhecer daquele dia, mas sim com seu crepúsculo.

Mesmo isto não é necessário para defender o uso de Pedro nesta passagem. Os pergaminhos do Mar Morto mostram que Pedro citou esta passagem como uma pesher (interpretação). Esta visão rabínica bem definida de uma passagem do Antigo Testamento não interpreta detalhes, mas encara o significado principal da passagem para provar um ponto de vista. Pedro está fornecendo uma imagem bíblica que capacitará seus ouvintes a interpretar corretamente o fenômeno que seus críticos testemunham. Basicamente, Pedro está dizendo: “vocês não se lembram de que Deus, por intermédio de Joel, falou de um derramamento futuro de Seu Espírito? Pois é isto!”

Do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão (2.17). Pedro não interpreta todos os detalhes da profecia de Joel, e nem nós deveríamos fazê-lo. Mas certamente há uma promessa e uma advertência de suas palavras. O Espírito de Deus é derramado sobre todos os crentes, homens e mulheres, da mesma maneira. Nesta era do Espírito, até mesmo a mais excelente das dádivas, a profecia (1 Co 14.1) é a providência de filhos e filhas. Vamos nos certificar de não impormos às mulheres no ministério restrições que o Espírito Santo não coloca!

Este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos (2.23). A Bíblia mantém um equilíbrio cuidadoso entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Tanto o “conselho” (boule) como a “presciência” (prognosei) determinaram o destino de Jesus: Deus desejou sua morte. Mas isto não alivia os judeus nem os gentios de sua responsabilidade pelo crime de pregar o Salvador

numa cruz.

Cada pessoa, antes de agir, está ciente de que pode escolher. Nós podemos culpar nossos pais, podemos culpar a discriminação ou a pobreza, podemos culpar a sociedade. Mas culpemos o que ou a quem quisermos, sabemos, e Deus sabe, que todo ser humano é responsável pelas escolhas que faz.

Disse-lhes Pedro: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados” (2.38). O Evangelho de João e as Epístolas de Paulo ensinam que a fé em Jesus é a única chave para a salvação. Por que, então, Pedro aqui convoca para o arrependimento e o batismo “para perdão dos pecados”? A razão é que aqui, neste contexto, o arrependimento é a fé!

O povo judeu deixou de reconhecer a Jesus como seu Messias. Agora, eles devem “arrepender-se” (mentanoesate), uma palavra que indica uma completa mudança, tanto de coração quanto de mente, quanto Aquele que a ressurreição demonstrou ser o Senhor.

Antes, o batismo de João servia como uma confissão pública do pecado. Agora Pedro convoca para o batismo “em nome de Jesus Cristo”, para servir como uma afirmação pública da fé nele.

Desta maneira, não existe discrepância nenhuma entre a convocação de Pedro aos judeus de Jerusalém para que se arrependam e sejam batizados, e o chamado de Paulo para que os gentios creiam em Jesus Cristo. Mudar um pensamento marcado pela falta de fé, e dar uma evidência pública desta mudança, por meio do batismo, é fé.

[Eles estavam] doendo-se muito de que ensinassem o povo e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos (4.2). A palavra é diaponoumenoi, que significa “instigado” ou “indignado”. A guarda do templo deve ter narrado que dois homens comuns haviam realizado um milagre e estavam pregando sobre Jesus nos pátios do templo. Duas coisas parecem ter aborrecido mais os líderes

religiosos a esta altura: Pedro e João estavam ensinando sem autorização, e – e isto certamente deve ter aborrecido os saduceus, que negavam a possibilidade de uma ressurreição – pareciam estar tentando provar a doutrina da ressurreição recorrendo ao caso "de Jesus" (en to Iesou).

Que choque deve ter sido quando, "no dia seguinte" (4.5), Pedro e João afirmaram que eles realizaram o milagre "em nome [poder] de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes" (4.10).

Muitos imaginaram por que, em vista desta acusação, o Sinédrio não agiu contra Pedro e João imediatamente. O versículo 13, que afirma que o Sinédrio soube que "eram homens sem letras e indoutos", fornece uma pista. Os 'am ha'eres (o povo da terra) não eram considerados capazes de entender os detalhes mais elaborados da lei rabínica. Portanto, eles não eram punidos por uma primeira ofensa, mas sim instruídos de que o ato era ilegal; e advertidos a não realizá-lo novamente. Isto foi exatamente o que aconteceu aqui: os discípulos foram instruídos para "que absolutamente não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus" (4.21).

No entanto não podemos dar ao Sinédrio muito crédito por seguir suas próprias regras com os discípulos de Cristo, depois de violá-las tão completamente ao condenar a Jesus (veja o comentário sobre João 18–21). Lucas acrescenta que "não achando motivo para os castigar, deixaram-nos ir por causa do povo; porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera" (4.21).

Como os líderes políticos são sensíveis à opinião pública! E com que rapidez eles a ignoram, quando seu próprio poder parece estar em risco.

Unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor… (4.24ss., versão RA). A imagem da igreja reunida para orar, face à oposição oficial, é vívida. Sua oração serve como um modelo para nós em situações semelhantes. Observe o padrão:

PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO

Atos 4.24: Nós afirmamos Deus como Soberano.

Atos 4.25: Nós nos lembramos de como é vazio qualquer esforço, e como é impotente qualquer pessoa, para tentar contrariar os propósitos de Deus.

Atos 4.26-28: Nós reconhecemos o completo controle que Deus sobre qualquer circunstância.

DEFININDO AS NOSSAS NECESSIDADES

Atos 4.29: Nós lhe pedimos que nos capacite.

Atos 4.30: Nós lhe pedimos que aja por nosso intermédio.

Como resultado desta oração de grande fé, “todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus” (4.31). As circunstâncias não haviam sido alteradas. Mas o povo de Deus sim – alterado e capacitado.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

O Espírito Santo e o Pentecostes (2.1-13)

Contexto. O Estudo da Palavra de 2.2-4 acima destaca que três sinais marcaram a vinda do Espírito no dia de Pentecostes. Juntos, eles simbolizam a

substituição do antigo concerto, que havia sido iniciado no Monte Sinai, pelo Novo Concerto, baseado na morte de Cristo. Infelizmente, esta implicação freqüentemente é perdida nos modernos debates sobre o papel de um dos sinais – as línguas. Um bom resumo deste tema quase sempre divisor é encontrado no Zondervan Dictionary of Christian Literacy:

Línguas na Bíblia. No Antigo Testamento, a palavra língua é usada para indicar o órgão físico e os idiomas. É também usada simbolicamente, como o órgão que expressa caráter, ao revelar o coração de quem fala. Às vezes, nosso Novo Testamento usa a palavra língua como o Antigo Testamento. Por exemplo, quando o Livro de Atos indica que os discípulos cheios do Espírito falavam em outras línguas, o contexto deixa claro que todos os espectadores (partos, medos, elamitas, egípcios, líbios etc.) ouviam a mensagem em sua própria língua nativa (At 2.4-12).

Em 1 Coríntios 12 e 14 uma língua não é um idioma inteligível, e requer uma pessoa dotada de "interpretação de línguas" para tornar a mensagem inteligível (1 Co 12.10). O próprio Paulo reivindica o dom de línguas (1 Co 14.18) e fala dele como "orar com o espírito" (1 Co 14.14-17). No entanto, ele adverte contra o uso indevido deste dom quando a igreja se reúne. Para proteger-se contra o uso indevido, as línguas só devem ser usadas na adoração pública quando a pessoa que fala (ou qualquer outra) puder interpretar, para que a igreja possa ser edificada (1 Co 14.6-17). Paulo está particularmente preocupado com o fato de que os não crentes possam entrar, pois eles interpretarão mal o que ouvirem, como um mero balbuciar... e "dirão... que estais loucos" (1 Co 14.23,24). Em contraste, Paulo insiste em que as reuniões da igreja concentrem-se na profecia – isto é, no claro ensino na própria língua da congregação – daquilo que Deus revelou ao seu povo. Neste caso, o infiel "de todos é convencido" de que é um pecador, e "lançando-se sobre seu rosto, adorará a Deus" (1 Co 14.24,25).

Fica certamente claro, a partir destes capítulos, que falar em línguas é um dom espiritual que edifica a pessoa que as fala, e que onde houver um intérprete presente, falar em línguas também pode edificar a congregação reunida. Também fica igualmente claro que este dom não deve se tornar o principal interesse em nossas reuniões como povo de Deus, pois a instrução clara e inteligível é mais

importante nessas ocasiões.

A discordância entre os cristãos. Os cristãos reconhecem o dom de línguas, como descrito na Bíblia. Mas a natureza e o papel desse dom são discutíveis.

Para alguns, falar em línguas é a evidência definitiva de que o Espírito Santo entrou na vida de alguém. Àqueles que não têm o dom lhes falta o Espírito – se não o próprio Espírito, pelo menos aquela ligação especial com o Espírito da qual o dom de línguas é o sinal. Para eles, possuir o dom de línguas é básico para que se tenha uma experiência espiritual mais profunda e o poder espiritual. Freqüentemente, aqueles que pensam assim acreditam que as línguas de Atos 2 e de 1 Coríntios 12 são a mesma coisa.

Por outro lado, muitos cristãos acreditam que o dom de línguas era temporário, limitado à época anterior à conclusão da escrita do Novo Testamento. Estes cristãos pensam que este e outros dons extraordinários tinham a finalidade de serem sinais, que já não eram mais necessários quando toda a Bíblia tornou-se disponível à igreja. Tipicamente citado como uma prova desta interpretação é 1 Coríntios 13.8, que contrasta a natureza infalível do amor com as línguas que cessarão. Um argumento teológico mais forte está na pneumatologia. Este campo está seguro de que a Bíblia indica que o Espírito Santo entra em todos os cristãos na ocasião da conversão. Desta forma, falar em línguas nunca teria sido um sinal exclusivo da presença do Espírito na vida do cristão.

Estas distinções teológicas refletem comprometimentos emocionais mais profundos. Aqueles que falam em línguas dão testemunho de uma vida mais profunda em Cristo do que aquela que haviam conhecido anteriormente. Compreensivelmente, eles se ressentem de outros que zombam de sua experiência como histeria ou auto-ilusão, ou até mesmo como alguma coisa demoníaca. Por outro lado, os tradicionalistas sempre se sentiram ameaçados pelo ensino pentecostal, que causou competição e divisão em muitas congregações.

Hoje em dia, as emoções já não estão tão exaltadas como já estiveram, e se desenvolveram posições mediadoras. Aqueles que falam em línguas reconhecem

a realidade da obra do Espírito naqueles que não falam, e as línguas estão assumindo seu lugar como um entre muitos dons espirituais, e não “o” dom. Aqueles que não falam em línguas estão menos prontos para descartar a experiência dos irmãos e irmãs que as falam. Esta moderação de atitudes cada vez mais nos permite, a todos, não somente manter nossas próprias convicções sobre o que tem sido um assunto sensível, mas também afirmar nossa unidade com os cristãos que não pensam como nós.

Quando examinamos os muitos livros escritos sobre este assunto, fica claro que os cristãos provavelmente não vão chegar a uma convicção comum e única. Portanto, precisamos concordar em discordar nesta área. É mais surpreendente perceber que, nas Epístolas, somente 1 Coríntios 12–14 trata deste problema e, basicamente, tenta regulamentar o uso público do dom, corrigindo o comportamento indevido. O restante do Novo Testamento não se pronuncia a respeito das línguas, mas é rico em instruções sobre o amor. Supostamente, muitos assuntos têm seu enfoque nos debates sobre as línguas, mas não há nenhum debate sobre o fato de que devemos o amor uns para com aos outros. Não devemos a concordância uns aos outros, mas somos obrigados a aceitar e amar uns aos outros. Quaisquer que sejam nossas convicções sobre as línguas, nós continuamos sendo os filhos de Deus, unidos por meio da fé em Jesus Cristo (Gl 3.26) (Veja os comentários sobre 1Coríntios 13).

Aplicação. Vamos manter o foco de nosso estudo deste texto naquilo que Lucas deseja retratar: o início de uma nova era – a era do Espírito, a era da comunidade da Nova Aliança.

Pedro se Dirige à Multidão (2.14-41); Pedro Fala aos Espectadores (3.11-26).

Contexto. Estas passagens contêm dois dos três “sermões evangelísticos” registrados no Livro de Atos. Eles foram estudados intensamente para definir a essência – o núcleo – do testemunho apostólico a favor de Jesus Cristo na comunidade judaica. C. H. Dodd, em sua obra clássica Apostolic Preaching, distingue seis temas recorrentes nestes sermões:

1. Amanheceu a época do cumprimento.

2. Isto ocorreu através do ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo, do qual é feito um breve relato, que é comprovado pelas Escrituras.

3. Em virtude da ressurreição, Jesus ascendeu à mão direita de Deus, como o Messias do novo Israel.

4. O Espírito Santo na igreja é o sinal da presença do poder e da glória de Cristo.

5. A era messiânica, dentro de pouco tempo, atingirá seu término com o retorno de Cristo.

6. O kerygma sempre termina com um apelo ao arrependimento, a oferta do perdão e do Espírito Santo, e a promessa da "salvação", isto é, "da vida na era que há de vir" àqueles que pertençam à comunidade eleita (pp. 21-24).

Uma coisa que a exposição de Dodd realmente sugere é que as mensagens de Pedro eram cuidadosamente contextualizadas. Ou seja, elas eram moldadas para o campo perceptivo de seus ouvintes e, portanto, bastante apropriadas para sua audiência judia. Isto é visto no uso que Pedro faz de "Cristo" com o sentido de "Messias judeu". Este uso característico é ressaltado (1) pela insistência de Pedro ao arrependimento, para que possa chegar o momento da vinda de Cristo para a "restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas" (3.21); e (2) pelo fato de que somente Lucas refere-se a "Cristo" como um título – e em todas as ocasiões em que é usado, é em um sermão dirigido a uma audiência judia! (2.31, 36; 3.18, 20; 4.26; 5.42; 8.5; 9.22; 17.3; 18.5, 28; 26.23).

A conclusão de Dodd, portanto, não nos fornece hoje o "evangelho essencial" que devemos proclamar às pessoas de nossa época, mas esse "evangelho essencial", que ecoa por todo o resto do Novo Testamento, e que configura nossa compreensão de nossa missão hoje em dia, é essencial para ambas as mensagens de Pedro.

Interpretação. Dizer que os elementos dos sermões de Pedro definem o

“evangelho essencial” não implica dizer que qualquer outra coisa que ele diga é falsa ou sem importância. Os elementos “essenciais” são, simplesmente, aquelas verdades que definem Jesus e sua obra, e, sem elas, o Evangelho estaria enfraquecido. Quais são essas verdades essenciais das quais depende nossa salvação?

Cristo era um verdadeiro ser humano, “Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus” (2.22). Cristo viveu e morreu como um verdadeiro ser humano, cumprindo as predições do “cântico do servo” de Isaías (At 3.13).

Cristo foi crucificado. A crucificação foi um evento histórico, parte do objetivo eterno de Deus, e, além disso, um testemunho contra uma humanidade que odiou e rejeitou o Filho de Deus (2.23; 3.13,14).

Cristo ressuscitou dos mortos. Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, em um evento histórico que ocorreu no tempo e no espaço, e foi exaltado à mão direita de Deus (2.24-33; 3.15).

Tudo isto ocorreu em completa harmonia com as Escrituras. Deus confirma tudo o que aconteceu com as Escrituras, que predisseram tudo com antecedência (2.25-36; 3.21-26).

Devemos reagir ao evento-Cristo e ao seu significado para podermos ser salvos. Para os judeus que haviam rejeitado a Jesus, uma reação de fé tomava a forma do arrependimento: de mudar sua opinião sobre Ele (2.38-41; 3.19). Para todos os que ouvem as Boas Novas, a fé traz o perdão.

Aplicação. O núcleo do Evangelho e da base de nossa fé é simplesmente isto: o

Jesus histórico morreu por nós, ressuscitou e assim se estabelece tanto como Senhor quanto como Salvador. Estas verdades são confirmadas por predições nas Escrituras do Antigo Testamento. Somente por meio de Jesus, e da fé em seu nome, a salvação pode ser encontrada.

Quando testificarmos, são estas verdades essenciais que deveremos ter em mente – e comunicá-las a todos tão claramente quanto pudermos.

A Comunidade de Crentes (2.42-47); os Crentes Compartilham suas Posses (4.32-37).

Contexto. O livro The Teacher's Commentary (Victor) ressalta uma palavra grega que fornece a chave para a interpretação destas passagens do Livro de Atos que descrevem a comunhão na igreja primitiva. Esta palavra é homothumadon. O comentário diz:

Uma palavra grega singular, que aparece 11 vezes no Novo Testamento, sendo 10 no Livro de Atos, nos ajuda a entender o caráter único da comunidade cristã. Homothumadon é composta de duas palavras que significam "correr juntos" e "em união". A imagem é quase musical; algumas notas, embora tenham sons diferentes, soam harmonicamente em tonalidade e altura. Da mesma maneira como os instrumentos de uma orquestra fundem-se sob a direção de um regente, também o Espírito Santo unifica as vidas dos membros da igreja cristã.

O primeiro uso de homothumadon é encontrado em Atos 1.14. Aqui, no cenáculo, os 11 discípulos e algumas mulheres estavam reunidos em oração. Já não havia mais a discórdia e os ciúmes que anteriormente desfiguraram seus relacionamentos; os discípulos eram como uma só pessoa, esperando pela prometida vinda do Espírito. Então, em Atos 2.1, vemos 120 crentes reunidos, enfocando o Senhor, à medida que sentiam o primeiro toque dinâmico do Espírito. A próxima ocorrência da palavra é no versículo 46, quando a comunidade (então de cerca de 3.000 pessoas) continuava perseverando unânime

[homothumadon] “todos os dias no templo e partindo o pão em casa”, comendo “juntos com alegria e singeleza de coração”... Como aqueles que são de Cristo fazem dele o enfoque comum de suas vidas e procuram ajudar-se uns aos outros para que encontrem a liberdade do Espírito Santo em suas vidas, homothumadon torna-se a marca da comunidade cristã (pp. 768-69).

Interpretação. Como podemos construir esta maravilhosa homothumadon que parece tão atraente, e ao mesmo tempo tão distante?

É surpreendente que a primeira coisa que cada parágrafo acima observa é que as pessoas da comunidade “tinham tudo em comum” e “repartiam com todos, segundo cada um necessitasse” (2.44; 4.32-37). Não devemos ler nestas descrições um “comunismo cristão” precoce. Como Pedro ressaltou a Ananias (5.4), que havia vendido uma propriedade e fingiu dar todo o dinheiro correspondente aos discípulos, para distribuição aos necessitados: “Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder?”

Na verdade, esta é a questão. Não havia a obrigação de entregar direitos pessoais ou propriedades. Na verdade, os valores dos primeiros cristãos passaram de propriedades às pessoas. Eles escolheram dar, porque aprenderam a preocupar-se profundamente com os outros.

Não pode haver uma verdadeira homothumadon em nossas igrejas hoje em dia a menos que aprendamos a nos preocupar profundamente uns com os outros. Quando o fizermos, também iremos expressar nosso amor em termos práticos.

O segundo elemento de homothumadon da igreja primitiva está expresso em 2.46,47: “Perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo”. A fonte de onde nasce o amor pelos outros é o amor de Deus. A maravilhosa unidade dos cristãos cresce à medida que descobrimos e continuamente afirmamos nossa unidade em adoração conjunta e no entusiasmo por Deus.

Aplicação. A obra The Teacher’s Commentary, conclui:

Às vezes estudamos os primeiros capítulos do Livro de Atos, como se eles retratassem uma igreja que está perdida – como se a unidade, o amor e a experiência da presença de Jesus fossem coisas que na verdade não pudessem ser nossas hoje. Não vamos cometer esse erro. O Espírito de Deus ainda é uma realidade presente. Homothumadon ainda é possível no mundo fragmentado e impessoal de hoje. Se procurarmos uma razão para o vazio em nossa própria experiência, deveremos olhar primeiramente para nossa hesitação em compartilhar com nossos irmãos e irmãs, ou olhar para nosso fracasso em permitir que outros ajudem a levar os fardos de nossa vida, e apresentá-los a Deus em confiante oração.

A igreja, a nova comunidade que Cristo formou, está aqui hoje. Nós somos a igreja. E Deus, o Espírito, é capaz de tomar nossos 11, e nossos 120, e nossos 3.000, e, quando enfocarmos alegremente nossa vida compartilhada em Jesus, Ele mesmo orquestrará nossa vida de acordo com sua maravilhosa “unidade” (p.769).

ATOS 5.1–11.18

EXPOSIÇÃO

À medida que a jovem igreja se estabelece em Jerusalém, ela enfrenta desafios de dentro e de fora. Apesar da tensão que esses desafios causam, cada um deles resulta no fortalecimento do corpo de Cristo e na definição permanente de sua missão.

Os primeiros desafios vêm de dentro. Ananias e Safira são incentivados por Satanás a introduzir avareza, hipocrisia e fraude na comunidade, desta forma corrompendo a pureza da igreja. Suas mortes deixam inegavelmente claro que Deus está ativo entre estas pessoas que são convocadas para refletir sua santidade e estimular uma nova onda de milagres e evangelização (5.1-16). Um pouco mais tarde, surge um conflito entre os cristãos de fala grega e os de fala aramaica, sobre a distribuição de alimentos aos necessitados. Este conflito, que tem um potencial explosivo, é solucionado de uma maneira devota e sábia que demonstra o amor unificador que existe dentro da jovem igreja. Este incidente também estimula a transmissão da palavra e “em Jerusalém multiplicava-se muito o número dos discípulos” (6.1-7).

É importante que nós hoje observemos que, quando os desafios internos à pureza e unidade da comunidade cristã são resolvidos, ocorre o crescimento numérico. Em grande escala, nossa eficácia na evangelização depende da pureza e da unidade de nossa congregação local.

A igreja primitiva também enfrentou desafios externos. A reação do povo à pregação dos apóstolos enche de inveja os membros do grupo do sumo sacerdote. Os apóstolos são presos e somente a voz moderadora de Gamaliel, talvez o mais honrado dos sábios judeus, até hoje, impede o Sinédrio de provocar a morte deles (5.17-42). Apesar disso, o rápido crescimento da igreja cria grande hostilidade. Frustrados pela ousada pregação de Estêvão, os

membros de uma sinagoga conspiram para acusá-lo falsamente de falar contra o templo e contra a Lei de Moisés – crimes religiosos graves. Arrastado diante do Sinédrio, Estêvão narra os esforços históricos de Deus para alcançar um povo determinado a resistir ao Espírito Santo, um povo que perseguiu os profetas, e que agora traiu e assassinou o próprio Justo. Num ataque de pura cólera, todo o grupo arrasta Estêvão para fora da cidade e o apedreja até a morte (6.8–8.1a).

O incidente leva a uma perseguição intensa, oficial, e aberta à igreja, o que obriga a um grande êxodo de cristãos para fora de Jerusalém. Mas isto também produz resultados positivos. Quando os cristãos param nas pequenas cidades da Judéia e da Galiléia, eles compartilham sua fé (8.1b-4). Então ocorre em Samaria um inesperado resultado da dispersão. Ali, quando Filipe prega Cristo, grandes multidões reagem ao Evangelho. Quando Pedro e João vêm para investigar, percebem que Deus pretende unir os judeus e os samaritanos em uma única igreja, e eles também anunciam o evangelho “em muitas aldeias dos samaritanos” (8.5-25).

Um pouco mais tarde, Lucas nos fala de outro incidente que apresenta outro desafio para a igreja. Pedro é enviado a encontrar um oficial romano chamado Cornélio. Deus mostra a Pedro que ele deve ir, apesar do fato de que o homem é um gentio. Na casa de Cornélio, Pedro mal começa a explicar o Evangelho, quando o Espírito Santo desce sobre Cornélio e os outros gentios, e eles começam a falar em línguas. Posteriormente, em Jerusalém, quando Pedro é criticado por ir até uma casa gentílica ou “impura”, ele é capaz de indicar este sinal como evidência de que Deus decidiu aceitar os gentios assim como aos judeus que crêem em Jesus (At 10.1–11.18). Os cristãos judeus aceitam isto como uma evidência de que “até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida” (11.18). Mas a maneira exata como os judeus e os gentios devem relacionar-se entre si como membros de um mesmo corpo apresenta um desafio que não estará resolvido nas próximas décadas.

Enquanto isso, o Sinédrio parece determinado a banir o movimento cristão onde quer que ele tenha se espalhado. Um fariseu chamado Saulo, um perseguidor inplacável da igreja, recebe cartas que o autorizam a prender judeus em Damasco. No caminho, ele é confrontado pelo próprio Cristo. Maravilhado, e cego, Saulo entra cambaleando na cidade da Síria, onde é curado e se converte completamente a Cristo (9.1-19). Em lugar de aprisionar cristãos hebreus, Saulo desconcerta a comunidade judaica proclamando poderosamente a mensagem cristã! A defesa fervorosa que Saulo faz de Cristo agita tanto os judeus que eles

decidem matá-lo, e ele é forçado a fugir para Jerusalém. Ali também ele debate com tanta ousadia que sua vida corre perigo, e ele é tirado da cidade e enviado à sua casa em Tarso por companheiros cristãos (9.20-31). Ali ele é instruído a esperar até que sua mensagem e seu caráter amadureçam, e ele reaparece como Paulo, o grande apóstolo dos gentios.

A história que Lucas nos conta nestes capítulos é complexa e seus temas são interligados. Mas apesar disto eles são muito claros. A jovem igreja cresce, mas em cada estágio enfrenta novos desafios, tanto internos como externos. Os perigos de dentro ameaçam a pureza e a unidade do corpo de Cristo. Quando estes são superados, o testemunho da igreja é realçado, e a igreja cresce. As ameaças de fora assumem a forma da perseguição. Ainda que as perseguições dispersem os crentes de Jerusalém, a missão da igreja de espalhar o Evangelho fica cada vez mais claramente definida. Não somente os judeus, mas também os samaritanos e até mesmo os gentios devem ouvir as Boas Novas de que Jesus salva. A igreja está prestes a descobrir sua missão e, desta forma, explodir de sua minúscula pátria para espalhar-se, como uma chama, por todo o império.

ESTUDO DA PALAVRA

Reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher; e, levando uma parte, a depositou aos pés dos apóstolos (5.2). O verbo nosphizo, "colocar de lado para si mesmo", é usado na Septuaginta para descrever o pecado de Acã, que roubou riquezas proibidas de Jericó (o anátema) e, como este casal, sofreu a pena de morte (Js 7). Para alguns, cada crime parece leve e não merece a pena de morte. Mas cada um deles é tratado como sendo extremamente sério nas Escrituras (5.3, 9).

Em cada caso, o povo de Deus havia acabado de iniciar um novo caminho: em Josué, a fundação de uma nova nação; em Atos, a fundação de uma nova comunidade de fé. Cada missão exigia a completa obediência e dedicação a Deus. Os dois atos, o de Acã e o de Ananias e Safira, introduziram um elemento de corrupção que, se crescesse, drenaria a vitalidade e o poder espiritual do povo

de Deus.

Além disso, cada caso, e sua punição serviram como um aviso: Deus estava presente entre seu povo: vital, ativo, e santo. Tanto Israel quanto a igreja esperavam que Deus agisse por eles, e precisavam aprender que deveriam permanecer fiéis, se quisessem que Deus trabalhasse por meio deles.

Houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas (5.11). Quando o Antigo Testamento descreve o temor do Senhor como o "princípio da sabedoria" (Pv 1.7; 9.10), ele simplesmente quer dizer que o temor a Deus como uma presença real faz uma grande diferença em como nós decidimos levar nossas vidas. Aqueles que estão convencidos de que Deus é real, e de que Ele está ativamente envolvido nos assuntos humanos, estão cientes de que Ele assiste tudo o que acontece, com aprovação ou desaprovação.

As mortes de Ananias e Safira tornaram inequivocamente clara a presença real de Deus na igreja, e causaram uma grande impressão na igreja e na população de Jerusalém.

Aliás, esta é a primeira vez em que se usa a palavra "igreja" (ecclesia) no Livro de Atos. A partir de agora, esta palavra aparecerá freqüentemente, uma descrição tanto das congregações locais como do corpo de crentes.

E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos (5.12). Enquanto 1 Coríntios 12.9,10 relaciona "dons de curar" e "operação de maravilhas" entre os dons espirituais dados pelo Espírito Santo, 2 Coríntios 12.12 identifica "sinais", "prodígios" e "maravilhas" como "sinais de apostolado". O Livro de Atos descreve milagres admiráveis semelhantes àqueles que Jesus realizou, e podemos esperar tais milagres hoje em dia.

PENSAMENTOS A RESPEITO DE MILAGRES

Milagre. Os naturalistas insistem que o universo material é tudo o que existe. O que quer que aconteça deve, portanto, ser o resultado de leis naturais, e os milagres simplesmente não podem acontecer. Relatos das obras milagrosas de Deus no Antigo Testamento e dos milagres de Jesus são rejeitados peremptoriamente ou então se dedica muita energia tentando encontrar causas naturais razoáveis que os expliquem.

O sobrenaturalista acredita que existe uma realidade além de nosso universo

material. O cristão, baseando sua fé na auto-revelação de Deus nas Escrituras, tem confiança no Deus que é o Criador e o Sustentador do universo físico. Nós também percebemos que não existe um abismo intransponível entre o natural e o sobrenatural. Deus freqüentemente transpôs esse abismo, e mostrou que Ele é perfeitamente capaz de agir no mundo material.

Olhando através da história e das Escrituras, encontramos duas maneiras com as quais Deus demonstrou esta capacidade.

Deus realizou milagres óbvios, que parecem envolver a suspensão das leis naturais.

Deus realizou milagres ocultos, que envolvem a configuração de eventos usando unicamente processos que aparentemente são naturais.

Milagres Óbvios. São eventos em que todos concordam que a palavra “milagre” deva ser aplicada. “Nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença” (Jo 9.32), argumentou alguém que havia recebido a cura de Jesus. Não havia dúvida na mente das testemunhas: alguma coisa sobrenatural acontecera ali. Até mesmo os inimigos de Jesus, ardendo de fúria frustrada, não podiam negar que alguma coisa havia acontecido, que eles não podiam explicar apelando a nenhum processo natural.

É importante que percebamos que os milagres óbvios estão concentrados em períodos específicos da história da Bíblia. Há milagres óbvios associados com o período do Êxodo (1450-1400 a.C.). Há milagres óbvios associados com o ministério dos profetas Elias e Eliseu (875-825 a.C.). Há muitos milagres associados com o ministério de Cristo na terra e os primeiros anos dos apóstolos (30-45 d.C.), mas além destes três períodos, os milagres também são a experiência corriqueira do povo de Deus. Porém também devemos considerar que a lei natural e os processos naturais foram instituídos por Deus.

Milagres Ocultos. O que realmente encontramos nas Escrituras, e especialmente nas profecias, é que Deus está trabalhando secretamente em nosso mundo. O Antigo Testamento conta como Deus usou cada invasão inimiga para disciplinar Israel quando a nação pecou. Em outras ocasiões, Deus usou enfermidades ou rumores para salvar seu povo. O Antigo Testamento está repleto também de profecias específicas a respeito do nascimento e da vida de Jesus e de outros eventos relacionados com sua morte e ressurreição. Tudo isto aconteceu exatamente como havia sido predito. Embora devamos crer que a mão de Deus participou, para guiar os eventos até suas conclusões pré-ordenadas, normalmente não há nenhuma indicação de um milagre óbvio. Causa e efeito seguem sua seqüência natural; as pessoas envolvidas agem livremente, movidas somente por seus próprios motivos. Ninguém que estivesse olhando teria razão para apontar e dizer: “Olhem! Ali, há evidência da intervenção de Deus!

Portanto, os milagres ocultos são reconhecidos pelos olhos da fé, e facilmente descartados pela falta de fé. Milagres ocultos não podem ser comparados à escuridão que atingiu toda a terra do Egito, ou à queda das muralhas de Jericó. Eles não podem ser comparados à alimentação das cinco mil pessoas, nem às curas realizadas através dos apóstolos em Jerusalém. Não há nada obviamente sobrenatural nos milagres ocultos. Na verdade, a mão de Deus está disfarçada pelo fluxo aparentemente natural de evento após evento. Apesar disso, são milagres: Deus trabalhando, gentilmente guiando os processos naturais para nos manter no centro de sua vontade, ou executando seu plano para você e para mim. Deus pode realizar milagres óbvios hoje em dia. E Ele certamente os fará. Assim, podemos ter certeza de que estamos rodeados pelo cuidado amoroso de Deus, que está trabalhando silenciosamente, realizando seus milagres em todos os detalhes de nossa vida.

Ouvindo eles isto, se enfureceram e deliberaram matá-los. Mas, levantando-se no conselho um certo fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, venerado por todo o povo... (5.33,34). Gamaliel (conhecido como “Rabban Gamaliel, o Primeiro) ainda é honrado como um dos maiores sábios. Uma tradição ainda o identifica como Nasi, o juiz instruído que serviu como presidente do Sinédrio (veja Hagigah, Mishnah II.2). Esta opinião, embora discutida, pode ser apoiada por um relato de Tosefta (Sanh. II.6) que retrata Rabban Gamaliel ditando a um

escriba chamado Johanan uma carta oficial para a alta e baixa Galiléia e para a Diáspora da Babilônia e para os medos, para designar um ano particular ao qual se deveriam acrescentar 30 dias para ajustar o ano lunar ao ano solar. O grande respeito devido a Gamaliel é indicado, além disso, nesta citação da Mishnah (Sotah 9.15 L): “quando Rabban Gamaliel, o ancião, morreu, a glória da Torá chegou ao fim, e morreram a pureza e a separação”.

Este cenário nos ajuda a perceber que muito provavelmente nenhuma outra voz, além da deste homem excepcional, poderia ter acalmado a fúria do grupo de sacerdotes e obter a libertação dos apóstolos.

Levantaram-se [contra Estêvão] alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos (6.9). “Estêvão” é um nome grego, e ele pregava aos judeus de língua grega que faziam parte da população permanente de Jerusalém. “Libertos” é Libertinoi, uma palavra latina que sugere que os membros desta sinagoga eram escravos libertados ou filhos de escravos. Isto não seria surpreendente, pois muitos judeus haviam sido tomados cativos e escravizados nas rebeliões anteriores na Terra Santa. Frustrados por sua incapacidade de derrotar Estêvão no debate; finalmente, eles trouxeram acusações contra ele, distorcendo o objetivo de seus ensinos sobre Cristo.

A longa defesa de Estêvão inverte as acusações. Deus realmente falou por meio de Moisés. Mas os acusadores de Estêvão não somente não seguiram o exemplo de seus ancestrais ao rejeitar Moisés, mas também assassinaram Aquele de quem Moisés falava! Não é Estêvão quem é ímpio, são seus acusadores e juízes. Quanto a Estêvão, ele vê a Jesus, exaltado no céu, à direita de Deus.

Enlouquecidos de fúria, os membros da suprema corte do judaísmo converteram-se numa turba, que expulsou Estêvão da cidade e o matou.

A morte deste primeiro mártir cristão inaugurou um período de perseguição oficial. Mas à medida que os cristãos fugiam de Jerusalém, eles levavam consigo a mensagem do Evangelho. Ao tentar esmagar o movimento cristão, os líderes somente conseguiram espalhá-lo! Sempre foi assim. O sangue dos mártires é a semente da igreja. Quanto mais os que têm o poder tentam esmagar a Cristo,

mais insistentemente os cristãos o proclamam.

Tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (8.15). Lucas acrescenta uma nota de explicação porque este é um evento extraordinário, e não um padrão do século I ou de hoje. Eles oraram e impuseram as mãos sobre eles “porque sobre nenhum deles [o Espírito Santo] havia ainda descido” (8.16,17). Por que aqui, e somente aqui, a oração e a imposição de mãos estão associadas com a descida do Espírito Santo sobre os crentes em Jesus?

Devemos nos lembrar de que a hostilidade profundamente enraizada, e a competição religiosa haviam existido entre os judeus e os samaritanos durante muitas gerações. Ao dar o Espírito por intermédio de Pedro e João, o Senhor deixou claro (1) que a igreja era uma só, e (2) que os apóstolos eram seus líderes autorizados. Sem esta evidência de unidade e de autoridade, os samaritanos poderiam perfeitamente bem ter iniciado um movimento dissidente. E sem ela, os cristãos judeus poderiam não estar dispostos a aceitar os samaritanos como membros, juntamente com eles, do corpo de Cristo.

Hoje, nós não precisamos de tais sinais para nos lembrar de que a fé em Cristo nos une com todos os outros crentes do mundo. Isto é ensinado claramente nas Epístolas do Novo Testamento (Ef 4.1-7; Gl 3.28). Mas, a hostilidade e as suspeitas que realmente existem na igreja hoje, nos lembram que a evidência clara e sobrenatural de unidade e autoridade, certamente era essencial, quando os samaritanos creram, e se tornaram membros da igreja universal.

E o anjo do Senhor falou a Filipe: …vai para a banda do Sul (8.26). Que estranho. Deus enviou Filipe para longe de um próspero trabalho evangelístico, para que se encontrasse com um homem.

Nunca nos esqueçamos, em nosso orgulho por números, de que são os indivíduos que são importantes para Deus. Uma única pessoa que você ou eu venhamos a alcançar é uma alma eterna, tão preciosa quanto cada um daqueles milhares a quem os famosos evangelistas pregam.

Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda (10.14). Na comunidade de fé do Antigo Testamento, o comprometimento para com Deus era demonstrado pelo isolamento de qualquer coisa ou de qualquer pessoa que fosse ritualmente impura. As leis de pureza ritual tocavam cada fase da vida de uma pessoa – desde a concepção e o nascimento até as roupas que podiam ser usadas, o alimento que podia ser comido, e o tratamento dos mortos. O objetivo destas leis de separação era lembrar constantemente ao povo judeu que eles eram separados para Deus, e que deviam honrar a Deus em todos os aspectos de suas vidas.

Na visão de Pedro, os animais que Deus lhe mostrou eram todos impuros ritualmente e, portanto, não poderiam ser comidos por um judeu (Lv 11). Quando ordenou a Pedro que matasse e comesse, Deus fez uma poderosa afirmação tanto a respeito das leis pelas quais Pedro vivera toda a sua vida quanto sobre a natureza essencial de nossa nova vida em Cristo.

A primeira mensagem é expressa em 10.15. O que torna uma coisa “impura” ou “limpa” não é a coisa em si, mas a Palavra de Deus. Pedro entendeu o significado de sua visão e, quando os mensageiros do gentio Cornélio chegaram, Pedro não os dispensou por serem gentios e, portanto, “impuros”. A missão de Pedro na casa de Cornélio abriu a porta do Evangelho para os gentios, e deixou claro para os crentes judeus que a salvação de Cristo estendia-se a todos.

A segunda afirmação implícita na visão de Pedro levou mais tempo para ser assimilada. A santidade na nova comunidade já não mais devia ser expressa pela separação de, mas por um ativo envolvimento com o mundo. A santidade na nova comunidade é uma força dinâmica e vital que capacita o crente a rejeitar as tentações ao pecado e, pela exposição de todos ao amor e à justiça de Cristo, a atrair outros para o Salvador.

E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos... porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus (10.44, 46). Uma vez mais, Lucas descreve um evento que não é nem prescritivo nem normativo para a igreja. Não existe um texto que prove a noção de que falar em línguas seja uma evidência essencial para a vinda do Espírito Santo aos crentes. Então, por que as

duas coisas estão associadas aqui?

Pedro explica. Falar em línguas era uma evidência irrefutável de que os gentios haviam sido plenamente aceitos por Deus, e que de fato eram membros da igreja de Cristo! Mesmo aqueles que provaram ser mais hostis à violação de Pedro das leis de separação (11.2,3) foram forçados, por esta evidência, a reconhecer que Deus aceitara estes gentios, e a perceber que “até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida” (11.18).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Escolha dos Sete (6.1-7)

Contexto. Escritos rabínicos sugerem que padrões já estabelecidos de cuidados para com os pobres foram adotados pela igreja de Jerusalém, e estão refletidos nesta passagem. O sistema judeu de ajuda aos pobres envolvia tamhuy, “a tigela dos pobres”, e quppah, a “cesta dos pobres”. A primeira era uma distribuição diária de comida, fornecida aos sem teto. A segunda era uma distribuição semanal de comida e roupas para as famílias pobres. Em ambos os casos, a ajuda era dada em bens e não em dinheiro.

O capítulo 6 do Livro de Atos descreve a ajuda aos pobres também sendo feita em bens. O fato de que ela fosse feita diariamente sugere que estava sendo disponibilizada uma quantidade suficiente de comida para as viúvas, para as duas refeições diárias que os judeus tomavam. Uma vez que Atos 2.42-46 relata que os cristãos reuniam-se diariamente para o culto, parece provável que a comida para os pobres fosse fornecida numa refeição comunitária noturna, com uma quantidade extra, distribuída para o dia seguinte.

Interpretação. A divisão entre os judeus de fala grega e os de fala aramaica em Jerusalém refletia-se na igreja. A antiga suspeita sobre aqueles que eram “diferentes” também acompanhou estes judeus quando eles se converteram e se

tornaram membros da nova igreja. O Talmude reflete o fato de que os fariseus desprezavam abertamente os helênicos, e encaravam os judeus nativos como sendo superiores. Não é de surpreender que o medo da discriminação também se espalhasse, e se refletisse no sentimento de que “suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano” (6.1). A acusação pode ter sido verdadeira ou não. O que é importante é que os apóstolos agiram imediatamente para lidar com esta ameaça à unidade da comunidade cristã.

É importante notar tanto o papel dos líderes espirituais (“os doze”) quanto o da comunidade (“a comunidade dos discípulos”, conforme a versão RA), na solução do problema (6.12). Basicamente, os líderes (1) reuniram a comunidade, (2) definiram seu próprio papel na igreja, (3) estabeleceram procedimentos a serem seguidos para resolver os problemas, (4) tornaram a congregação responsável por solucionar a disputa de uma forma unida, e (5) confirmaram oficialmente as escolhas da congregação e ordenaram suas tarefas. Nós podemos ver cada um destes elementos em Atos 6.2,3:

(1) “E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: (2) Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. (4) Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, (3) cheios do Espírito Santo e de sabedoria, (5) aos quais constituamos sobre este importante negócio”.

É particularmente admirável ver a maneira como a congregação cumpria com sua responsabilidade. Eles escolheram homens “cheios de fé e do Espírito Santo” (6.5). E, surpreendentemente, cada pessoa que eles escolheram possuía um nome grego – portanto representando o grupo que havia inicialmente feito acusações de discriminação! Basicamente, os que falavam aramaico na jovem igreja escolheram tornar-se vulneráveis perante aqueles que os haviam criticado, expressando uma surpreendente confiança de que seus críticos – que haviam sentido a discriminação – não seriam culpados de discriminar os outros.

Esta passagem foi usada em algumas correntes para definir o cargo de “diácono” na igreja contemporânea. É interessante observar que o texto grego que usa o substantivo diakonia (“distribuição”) em 6.1, e o verbo diakoneo (“servir”) em 6.2, nunca usa o substantivo diakonos (“diácono”) como um título. Ao mesmo

tempo, é provável que a função desempenhada pelos sete seja muito parecida com a daqueles que Paulo chama de diáconos em 1 Timóteo 3.8-13. Mais importante do que tentar justificar nossa definição dos cargos da igreja moderna a partir desta passagem é observar que, à medida que os problemas surgiram na igreja, eles foram resolvidos com criatividade pela introdução de uma função não estabelecida com base nos ensinos registrados de Cristo, nem com base em uma função secular correspondente. Os Doze simplesmente agiram para satisfazer a necessidade que surgiu da experiência progressiva da igreja.

Certamente, uma coisa que podemos aprender com esta passagem é que função é mais importante do que cargo, e que nós também precisamos ser flexíveis e responsáveis para com a liderança do Espírito, ao procurarmos satisfazer as necessidades em nossa atualidade.

Implicações. Esta passagem está repleta de implicações para as igrejas e para a liderança da igreja na atualidade:

Paternalismo. Talvez a primeira lição que deva ser aprendida é a de que a liderança espiritual da igreja precisa evitar o paternalismo. A maneira de se desenvolver uma igreja amadurecida não é impor soluções “de cima para baixo”, mas envolver a congregação na solução do problema, e confiar aos membros um papel significativo na tomada de decisões.

Confiança. Teria sido tão fácil tornar-se defensivo e argumentar em quem se deveria ou não colocar a culpa. Em lugar disso, a congregação concentrou-se no problema e os cristãos de fala aramaica demonstraram confiança em seus irmãos, ao fazer os cristãos de fala grega responsáveis pela distribuição a todos. Ao se fazerem eles mesmos vulneráveis, os pertencentes a este segmento da congregação exibiram uma confiança que tranqüilizou os temores dos membros gregos da jovem igreja.

Prioridades. Os líderes espirituais da igreja precisam concentrar sua atenção “na oração e no ministério da palavra” (6.4). Mas as preocupações materiais dos

crentes também precisam de atenção. E aqueles que lidam com as “coisas práticas” precisam ser pessoas “cheias de fé e do Espírito Santo”.

Flexibilidade. Precisamos estar prontos para reagir às necessidades. Freqüentemente, nossas igrejas estão encerradas em antigos programas ou antigos cargos. Em lugar de procurar com criatividade satisfazer as necessidades à medida que elas surgem, nós lutamos para manter o mecanismo da igreja. Este incidente na vida da igreja primitiva nos lembra de que as pessoas são mais importantes do que as constituições de nossa igreja, e que a inovação não é uma palavra feia.

A Conversão de Saulo (9.1-31)

Contexto. A experiência da conversão de Paulo é crítica para que compreendamos este homem, cujo comprometimento total com Jesus está refletido não somente no Livro de Atos, mas também em suas 13 cartas encontradas em nosso Novo Testamento. Lucas nos dá nada menos que três versões da história da conversão (9.1-19; 21.37–22.21; 26.1-32), duas das quais representam a história contada por Paulo, primeiramente a uma audiência de judeus e depois a uma de gentios. Está claro que a aparição de Cristo ressuscitado ao apóstolo foi fundamental, não somente para conversão, mas também para sua consciência de que ele havia sido separado por Deus como uma testemunha e um apóstolo para o mundo.

Interpretação. A história da conversão contém os seguintes elementos significativos:

A perseguição de Saulo à igreja.

A confrontação de Saulo por Jesus.

A comissão de Saulo como apóstolo.

O fanatismo anterior de Saulo.

Cada um destes elementos nos ajuda a compreender mais sobre este judeu zeloso que se transformou em missionário e teólogo cristão.

A perseguição de Saulo à igreja (9.1,2). A primeira vez em que encontramos Saulo é no apedrejamento de Estêvão. O texto diz: “E as testemunhas depuseram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo... E também Saulo consentiu na morte dele” (7.58, 8.1).

A palavra neanias, “homem jovem”, era aplicada no século I aos indivíduos de cerca de 24 a 40 anos de idade. Isto, aliado ao fato de que Saulo ficou encarregado das roupas das testemunhas (que, de acordo com a lei judaica, deviam atirar as primeiras pedras) e de que ele “consentiu” foi interpretado por alguns como indicador de que Saulo era, efetivamente, um membro do Sinédrio. Uma vez que, como Paulo mais tarde nos conta, ele havia estudado com Gamaliel, isto pode ser possível, mas ainda assim é improvável.

O ódio continuado de Saulo pelos cristãos como hereges está refletido em seu pedido por cartas do sumo sacerdote, que o autorizassem a prender quaisquer cristãos que ele encontrasse em Damasco. Mas como o sumo sacerdote poderia ter jurisdição sobre os cidadãos de Damasco?

No império romano, os grupos étnicos eram considerados como governados pelas leis de suas próprias nações, mesmo quando eles se mudavam para terras estrangeiras. Assim, os quase seis milhões de judeus espalhados pelo império romano ainda estavam sujeitos às leis do Sinédrio em Jerusalém. As cartas do sumo sacerdote a Paulo seriam consideradas, pelas autoridades de Damasco e pela comunidade judaica, como uma autorização adequada para aprisionar qualquer judeu cristão e levá-lo de volta a Jerusalém para julgamento.

Mas o que é importante nesta passagem não é a legalidade, mas a percepção que temos do completo fanatismo do jovem fariseu Saulo. Ele encara aqueles que seguem a Cristo como traidores ao judaísmo e a Deus, e ele está totalmente comprometido em esmagar este movimento pernicioso!

Devemos nos lembrar de Saulo quando encontrarmos, em nossa própria época, amargos inimigos do cristianismo. Os inimigos mais fanáticos da fé, quando convertidos, provavelmente se tornarão os mais ardentes defensores de Cristo.

A confrontação de Saulo por Jesus (9.2-6). Alguns argumentaram que os relatos de Lucas a respeito da conversão de Saulo são conflitantes. Lucas nos conta que Saulo ouviu a voz (phonen [9.4]) e que seus companheiros também a ouviram (phonen [9.7]). Em Atos 22.9 está escrito que os companheiros não ouviram a voz (phonen), ao passo que Atos 26.14 afirma que somente Saulo ouviu a voz (phonen). Os relatos conflitantes levaram alguns críticos a supor que Lucas está usando materiais de fontes diferentes, e simplesmente deixou de notar que eles não estavam de acordo entre si.

A solução está no fato de que phone pode significar tanto “som” quanto “fala”. O que os leitores do século I, sem dúvida, entenderam é que todos os que viajavam juntos ouviram o som, mas somente Saulo entendeu as palavras que a voz pronunciou.

Ainda mais significativo para o judeu é o fato de que “uma voz do céu” no pensamento rabínico sempre era a voz de Deus – não a voz de um anjo nem outro ser criado. Assim, Paulo ficou atordoado quando quem falava identificou-se como “Jesus, a quem tu persegues” (9.5). De repente, a teologia de Saulo abalou-se até à sua base, quando ele percebeu que Jesus devia realmente ser Deus!

A comissão de Saulo como apóstolo (9.7-19). Paulo ficou cego naquela confrontação a caminho de Damasco. Durante três dias ele caminhou nas trevas, sem dúvida considerando as implicações daquilo que a voz havia revelado.

Em Damasco, o Senhor enviou Ananias até Paulo para devolver-lhe a visão, e sem dúvida lhe transmitir palavras de comissionamento: “este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (9.15). Sua cura, em nome do Senhor Jesus, confirmou a verdade que ele havia começado a perceber, e realizou sua verdadeira conversão. A partir daquele momento, seguro tanto da soberania de Jesus quanto de seu próprio destino, Saulo começou a servir a Cristo e a promover sua causa.

O fanatismo anterior de Saulo (9.20-31). Saulo havia se convertido. E agora aquele mesmo fanatismo que o levara a perseguir a igreja transformou-se em zelo consciente à promoção do Evangelho.

É fascinante que a visão de Saulo da evangelização pareça ter sido tão abrasiva e antagônica quanto seus ataques aos cristãos. Em Damasco, “Saulo, porém, mais e mais se fortalecia... demonstrando [a partir das Escrituras do Antigo Testamento] que Jesus é o Cristo” (9.22, versão RA). Depois de alguns dias sendo confundidos pelo persistente evangelista, os judeus de Damasco conspiraram para matá-lo!

Saulo fugiu para Jerusalém. Ali, depois de, finalmente, ser aceito pelos crentes, Saulo, novamente, começou a falar “ousadamente” (9.29), e “disputar” (9.29) com os mesmos judeus gregos que haviam assassinado Estêvão. Uma vez mais, seu testemunho agressivo despertou tamanha hostilidade que seus oponentes tentaram matá-lo. Desta vez os cristãos de Jerusalém “o acompanharam até Cesaréia e o enviaram a Tarso” (9.30). O próximo comentário, de que “as igrejas... tinham paz” (9.31) pode ser um comentário sutil sobre o impacto do início do ministério de Saulo. Ao invés de apenas conquistar convertidos, o agressivo Saulo parece ter tido também o dom de despertar uma intensa hostilidade.

Existe um equilíbrio difícil que todos nós devemos manter ao testemunhar. Devemos apresentar convincentemente a mensagem de que somente Jesus salva. Mas devemos fazer isto de uma maneira que os outros sejam conquistados, ao

invés de se sentirem ofendidos. Dada a crescente polarização das comunidades judaica e cristã em Damasco e em Jerusalém, pode não ter sido possível atingir este ideal. E, portanto, não devemos ser excessivamente críticos a respeito de Saulo. Ao mesmo tempo, podemos ser lembrados de que o zelo excessivo não substitui a sabedoria. Nem a paixão do novo convertido é um substituto para a paciência de um crente maduro.

Implicações. De acordo com os Pergaminhos do mar Morto, um homem justo é aquele que “sente um ódio incessante por todos os homens de má reputação” (IQS 9.22). Outro pergaminho diz: “Quanto mais me aproximo de Ti, mais me encho de zelo contra todos os que fazem o mal, e contra todos os homens enganadores. Pois aqueles que se aproximam de Ti não conseguem ver os teus mandamentos serem contaminados, e aqueles que Te conhecem não podem suportar as mudanças nas Tuas palavras (IQH 14.13,14). Certamente este “ódio santo” foi sentido por Saulo, o perseguidor. E talvez por Saulo, o recém convertido.

Ainda assim, como esta atitude é diferente daquela que vemos refletida em Romanos 10.1 – “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação”. E como é diferente de 1 Coríntios 13.13 (na versão RA): “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor”.

Não podemos esperar uma mudança completa de atitude ou maturidade em um recém convertido. Mas à medida que você e eu amadurecermos em nossa fé, certamente nos tornaremos pessoas zelosas e amorosas como Saulo tornou-se.

ATOS 11.19–15.35

A Era da Evangelização

EXPOSIÇÃO

-

A igreja agora está bem estabelecida em Jerusalém, e comunidades menores de crentes foram plantadas por toda a Galiléia e até mesmo em Samaria. Os primeiros gentios converteram-se e foram aceitos, e uma igreja gentílica foi fundada em Antioquia (11.19-30). Em breve, Lucas narrará a maravilhosa inovação de Paulo – a evangelização direta dos gentios – uma inovação que prenunciará uma surpreendente era de evangelização por todo o mundo. Mas primeiramente Lucas retrocede, de forma breve, para deixar bem claro que embora nossa atenção esteja dirigida à missão aos gentios, Deus continua a trabalhar entre seu povo do AT.

Lucas estabelece isto relatando dois incidentes de intervenção divina direta para o bem da igreja judaica. Tiago, o irmão de João, é executado por Herodes Agripa, e Pedro é levado prisioneiro e mantido para um julgamento de espetáculo. Um anjo

liberta Pedro, e ele escapa (12.1-19). Pouco tempo depois, Herodes, que havia se mostrado um inimigo da igreja, é acometido por uma doença fatal (12.20-25). Lucas pode levar nossa atenção para longe da Terra Santa, mas Deus permanece vitalmente envolvido na experiência dos cristãos ali.

Enquanto isso, em Antioquia, Barnabé e Saulo são designados pelo Espírito Santo para a primeira viagem missionária (13.1-3). Lucas imediatamente estabelece o fato de que Deus também intervirá ativamente pelos missionários. Em Chipre, Deus deixa cego um mágico mau, através de uma simples palavra de Paulo, o que levou à conversão do procônsul romano (13.4-12). Passando a Antioquia da Psídia, Paulo apresenta o Evangelho à comunidade judaica na sinagoga, e é convidado a falar novamente. No sábado seguinte "quase toda a cidade" reuniu-se para o ouvir! (13.13-52). Esta esmagadora reação ao Evangelho pelos gentios enfureceu os judeus – e deu um novo enfoque às viagens missionárias de Paulo. Quando entrava em uma nova comunidade, Paulo continuava a compartilhar Cristo com os judeus em primeiro lugar. Mas, em suas sinagogas, ele também podia entrar em contato com muitos gentios que haviam sido atraídos ao judaísmo. Estes gentios, contrariamente aos judeus, tornar-se-iam o centro de

uma colônia de crentes em cada cidade do império. E, tragicamente, os judeus destas cidades freqüentemente se tornavam inimigos ativos dos missionários e de sua mensagem.

Nós vemos este padrão em Icônio e em Listra. Mas nestas cidades também vemos evidências de que Deus está ativo para o bem de seus representantes, pois realizou milagres de cura e restaurou Paulo, quando ele foi arrastado para fora de Listra e deixado ali como morto (14.1-20).

A experiência de Paulo nesta primeira viagem missionária inquestionavelmente formou a compreensão de sua missão. Ao voltar para Antioquia, Paulo visitou novas e prósperas igrejas que haviam sido fundadas. De volta à sua terra, ele relatou à igreja "quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrira aos gentios a porta da fé (14.21-28, ênfase do autor).

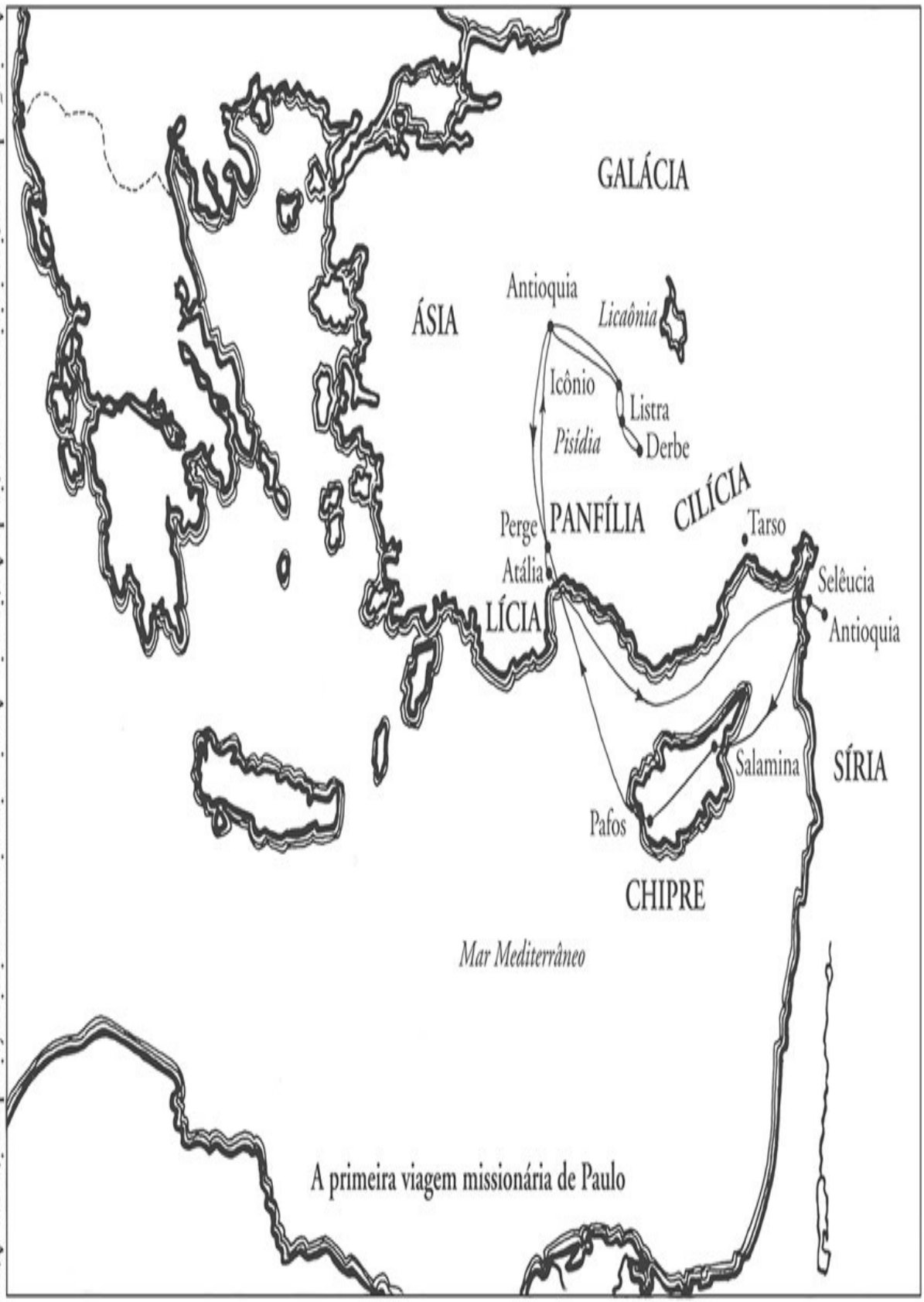
O repentino afluxo de gentios, e especialmente o estabelecimento de igrejas predominantemente gentílicas, levou a um debate teológico. Qual é o relacionamento destes gentios que criam no Messias de Israel com a Lei de Moisés? Muitos cristãos de origem judaica sinceramente acreditavam que, para agradar a Deus, os gentios que criam em Cristo

deveriam adotar o modo de vida que foi definido no AT de forma tão completa. Basicamente, os gentios deveriam tornar-se judeus para serem bons cristãos. No entanto, Paulo via isto como uma distorção do próprio Evangelho, um Evangelho que afirmava que os seres humanos eram aceitos e perdoados por Deus, não com base no que faziam, mas com base no que Jesus fez por todos. Esta questão perturbadora foi oficialmente solucionada num concílio que teve lugar em Jerusalém (15.1-35). Aqui, a visão de Paulo prevaleceu, e os apóstolos, os anciãos e "toda a igreja" concordaram que a salvação é uma dádiva recebida pela fé, tanto dos judeus como dos gentios. Nem os gentios, nem os judeus precisam abandonar sua herança cultural para que sejam cristãos fiéis.

Esta afirmação, proferida pelo primeiro concílio da história da igreja, foi verdadeiramente crucial. Entretanto, no decorrer das primeiras décadas desta era, os cristãos gentios seriam atormentados pelos judeus fanáticos que clamavam que somente através da obediência à Lei do Antigo Testamento, seria possível expressar a fé do Novo Testamento.

ESTUDO DA PALAVRA

Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos (11.26). Antioquia era a capital da província imperial da Síria. Ela controlava as rotas de comércio entre a Ásia Menor, o Eufrates e o Egito. A cidade desfrutava de liberdades, uma posição privilegiada que a isentava de pagar tributos a César, ou de servir como guarnição militar, e permitia uma constituição independente. Desde a fundação da cidade, os judeus formaram um segmento grande e influente da população. Mais tarde, durante a revolta dos judeus em 69 d.C., a população judaica daqui sofreu menos perseguição do que em outros centros do império.



A missão dos gentios iniciou-se a partir de Antioquia. A primeira viagem missionária descrita em Atos 13—14 foi até as vizinhanças da Ásia Menor.

A missão dos gentios iniciou-se a partir de Antioquia. A primeira viagem missionária descrita em Atos 13–14 foi até as vizinhanças da Ásia Menor.

Aqui, no início, o evangelho era pregado “somente aos judeus” (11.19). Mas, quando alguns falaram aos gregos (gentios) sobre Jesus, uma renovação significativa teve início na população não judia, e uma congregação gentílica independente foi estabelecida. Inicialmente, o cristianismo fora compreendido como sendo uma seita do judaísmo. Os judeus chamavam os cristãos de “galileus” ou de “nazarenos”, e os cristãos consideravam-se seguidores “do Caminho”. A designação Christianous reflete o uso grego comum e significa um “seguidor de” ou “pertencente a” Cristo. A palavra reflete o fato de que aqui, pela primeira vez, uma igreja verdadeiramente gentílica veio a existir e é distinguida, pela população da cidade, da comunidade judaica.

Os outros devem estar cientes de quem somos e pensar em nós como seguidores de Jesus Cristo.

Por aquele mesmo tempo, o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar (12.1). O governante é Herodes Agripa, o neto de Herodes o Grande. Herodes era um amigo pessoal íntimo do imperador Cláudio, que no ano 41 d.C. lhe concedeu todas as terras que pertenceram a seu avô, incluindo a Judéia e Samaria, assim como terras na Galiléia. Herodes, cuja família era odiada pelo povo, começou a obter o respeito de seus novos súditos interpretando o papel de um judeu devoto. O seu sucesso está refletido na Mishnah (escritos judaicos que datam de 30 a.C. até 200 d.C.). Uma passagem (Sotah 7.8) descreve a participação de Agripa na Festa de Sukkot, e em um trecho relevante lê-se:

I. Agripa, o rei, levantou-se e o recebeu, e o leu em pé, e os sábios o elogiaram por isso. [Ficar em pé era um sinal de respeito. Outros governantes indicados pelos romanos haviam permanecido sentados quando participaram desta cerimônia].

II. E quando ele chegou ao versículo não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos (Dt 17.15), lágrimas correram de seus olhos.

III. Eles lhe disseram: “Não tenha medo, Agripa, você é nosso irmão, você é nosso irmão, você é nosso irmão”.

Existe pouca dúvida de que a perseguição ativa que Herodes Agripa promoveu contra a igreja era parte de seu intento de conquistar a simpatia da liderança judaica. Até mesmo o fato de que Tiago, o irmão de João, foi decapitado é sugestivo, pois Mishnah Sanhedrin 9.1 prescreve esta forma de morte para “pessoas de uma cidade apóstata”. Como a execução de Tiago foi entusiasticamente saudada pelos “judeus” (usado aqui como no texto de João, como sinônimo do sumo sacerdote e de seus associados no Sinédrio [12.3]), Pedro foi colocado sob uma vigilância particularmente severa. Em lugar de ser acorrentado a um soldado, ele foi acorrentado a dois, com dois guardas adicionais postados à porta!

Os esforços pseudodevotos de Herodes realmente conseguiram ganhar a aprovação de seus súditos. Mas eles não obtiveram a aprovação de Deus. Lucas nos conta que pouco tempo depois, no ano de 44 d.C., depois de um reinado muito breve, Deus atingiu Herodes com uma doença fatal. Com base na descrição de Lucas, os comentaristas supuseram que o rei foi infectado com vermes intestinais. Estes vermes podem crescer até atingir 40 centímetros de comprimento, obstruindo os intestinos e causando extrema dor, assim como o vômito dos vermes e a morte.

Como Herodes teria sido mais sábio, se tivesse procurado agradar a Deus ao invés de ser influente entre seus súditos!

JOSEFO FALA SOBRE A MORTE DE HERODES AGRIPA

Depois de completado o terceiro ano de seu reinado sobre toda a Judéia, Agripa veio à cidade de Cesaréia... ele celebrou espetáculos em honra a César.

No segundo dia dos espetáculos, vestido numa roupa completamente prateada, de modo que sua textura era realmente maravilhosa, ele entrou no teatro quando nascia o dia. Ali, a prata, iluminada pelo toque dos primeiros raios do sol, era maravilhosamente radiante e, por seu brilho, inspirava medo e assombro naqueles que olhassem diretamente para ela. Imediatamente seus aduladores levantaram as vozes de várias direções – embora dificilmente para seu bem – chamando-o de deus. “Que você possa ser benévolo para conosco”, acrescentaram, “e se nós até agora o tememos como homem, a partir de agora concordamos que você é mais que mortal em seu ser”. O rei não os censurou nem rejeitou sua adulação como ímpia. Mas pouco tempo depois ele olhou e viu uma coruja pousada numa corda sobre sua cabeça. Imediatamente, reconhecendo isto como uma predição de tristezas, da mesma maneira como já havia sido de boas novas, ele sentiu um golpe no coração. Ele também foi assaltado por uma dor no estômago, uma dor generalizada nesta região de seu corpo, que foi intensa desde o início. Pondo-se em pé de um salto, ele disse aos seus amigos: “Eu, um deus perante seus olhos, não estou obrigado a entregar a minha vida, pois o destino traz a imediata negação das palavras que há pouco me foram dirigidas. Eu, que fui chamado de imortal por vocês, estou agora sob uma sentença de morte. Mas devo aceitar a minha sorte como Deus a quer. Na verdade, não tenho vivido de maneira incomum, mas sim no grande estilo que me saudou como verdadeira felicidade”. Enquanto dizia estas palavras, foi acometido por dores ainda mais intensas. Eles insistiram, portanto, em levá-lo ao palácio; e a notícia correu entre todos de que o rei estava à beira da morte... exausto, depois de cinco dias de dor incessante em seu abdômen, ele deixou esta vida no qüinquagésimo quarto ano de sua vida, e no sétimo de seu reinado (Antiquities, XIX, 343-350).

E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar

(12.13). Freqüentemente, pequenas coisas nos dizem muito. A “porta do pátio” é ten thyran tou pylonos, uma porta que dava para um vestíbulo que levava a uma moradia afastada da rua, o que indicava uma residência grande e rica. Rode provavelmente era uma escrava gentia. Nesta época, em Jerusalém, os senhores judeus não tinham escravos judeus. E, todos os escravos homens assim como as mulheres mencionados em fontes rabínicas, ou outras, eram gentios. Podia-se esperar que Rode observasse as leis bíblicas essenciais. Se tais escravos fossem libertados por seus senhores judeus, eles seriam considerados convertidos e se tornariam judeus. Não era incomum que os escravos libertos permanecessem como empregados da família, ou, até mesmo se casassem com um membro da família.

A total excitação de Rode, ao ouvir o chamado de Pedro, nos diz muito a seu respeito – e, sobre quão completamente a garota escrava havia sido aceita pela família e pela igreja. Ela compartilhava da fé da família. Ela compartilhava a preocupação pelo bem-estar de Pedro; e ela compartilhou a alegria de toda a congregação por sua libertação. Sempre devemos nos lembrar de que as distinções sociais importam muito pouco no corpo de Cristo. O que importa é a fé compartilhada, a preocupação pelos demais e a alegria com as obras de Deus em suas vidas

.

Todavia, Saulo, que também se chama Paulo... (13.9). O significado dos eventos em Chipre é capturado nesta observação, aparentemente trivial. Como um cidadão romano, o apóstolo, indubitavelmente, possuía um nome judeu (Saulo), e um nome grego (Paulo). Até agora, o apóstolo havia sido chamado “Saulo”, mencionado depois de Barnabé (13.7) e em suas visitas eles pregavam à população judia (13.5). A partir deste ponto do Livro de Atos o nome que Lucas usa é Paulo. Paulo é sempre mencionado em primeiro lugar e, embora os esforços evangelísticos em todas as cidades sejam iniciados na sinagoga, os gentios logo se tornam o foco do ministério e o núcleo dos membros de novas igrejas.

O que aconteceu aqui para causar esta mudança? Sérgio Paulo (muito provavelmente, Lúcio Sérgio Paulo, mencionado em inscrições descobertas como o “curador de Tibério no reinado de Cláudio”) mandou buscar os dois

pregadores. Isto era, sem dúvida, um interrogatório causado pelos distúrbios que a pregação a respeito de Cristo havia criado na comunidade judaica. Seu interesse, a esta altura, era oficial, e não religioso. Mas, quando o mágico judeu foi cegado por Deus pela palavra de Paulo, o procônsul creu.

Esta experiência aparentemente teve uma grande importância para o apóstolo. A partir deste momento Paulo tornou-se o líder da equipe missionária – e sua visão de levar o Evangelho aos gentios moldou a direção do ministério.

Varões irmãos, se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai (13.15). Havia um costume de convidar os visitantes para compartilhar a Palavra. Isto aconteceu com Paulo enquanto o apóstolo esteve em Antioquia da Pisídia (veja o mapa). Seu sermão foi cuidadosamente preparado para esta audiência, como mostra o resumo que Lucas nos fornece. Basicamente, Paulo argumenta que Deus, que agiu no passado histórico pelo povo judeu, agiu novamente. Tanto o judaísmo quanto o cristianismo, nascidos da fé, são confessionais, enraizados nos atos de Deus.

Paulo faz quatro afirmações ao resumir a base confessional de cada crença: o judaísmo está enraizado na convicção de que (1) Deus escolheu o povo de Israel, (2) fez com que esse povo se multiplicasse no Egito, (3) tirou o povo de lá com "braço poderoso", e (4) deu a ele a terra de Canaã como uma herança permanente (13.16-19).

Depois de demonstrar que Jesus está na linhagem messiânica (13.20-26), ele resume a base confessional do cristianismo: (1) Jesus foi crucificado, (2) sepultado, (3) ressuscitou dos mortos e (4) foi visto vivo por muitas testemunhas (13.27-31). O Deus que agiu no passado agiu novamente, e ao cumprir a profecia do AT agora oferece perdão e justificação para todos.

Embora adaptemos esta mensagem para o ouvinte, nunca mudamos a mensagem para que esta se adapte à crença ou à inclinação do ouvinte. Paulo afirma diretamente à sua audiência judaica que em Jesus... "de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê" (13.39). Nós precisamos ter igualmente claro que a salvação só é encontrada em

Cristo.

Visto que a rejeitais (13.46). Os judeus de Antioquia da Pisídia não rejeitaram e depois se opuseram ativamente à mensagem cristã por seu mérito, mas por causa da inveja. Em última análise, no entanto, nem os motivos daqueles que rejeitam nossa mensagem, nem sua hostilidade ativa, deveriam importar para nós. Existem aqueles que responderão à mensagem. Aqueles que a rejeitam, fazem mal a si mesmos.

Os judeus incrédulos incitaram e irritaram, contra os irmãos, os ânimos dos gentios (14.2). A intensa animosidade da comunidade judaica contra os missionários (o sentido da palavra "apóstolos" aqui) reflete-se em quase todas as cidades que Paulo visita. De certa maneira, aquela hostilidade contribuiu para com o esforço evangelizador. Ninguém na cidade poderia ter deixado de saber da presença dos apóstolos ou pelo menos de um resumo de sua mensagem.

Icônio era uma cidade grega que tinha seu governo estruturado num padrão grego tradicional. É provável, neste contexto, que "a multidão" (to plethos [14.4]) refira-se a uma reunião de cidadãos importantes que se reuniam para cuidar dos negócios da cidade. Se este for o caso, a resposta oficial à mensagem de Paulo foi mesclada. Até o ano 64 d.C., o cristianismo era oficialmente considerado uma seita do judaísmo e, portanto, era uma religião lícita, protegida pela lei. Seria difícil que os funcionários públicos da cidade tomassem partido no que deve ter parecido disputa judia interna, mesmo que muitos gentios acompanhassem o grupo cristão.

A impressão de confusão na desordem é ressaltada pelo uso da palavra horme, aqui traduzida como "motim" (14.5), o que sugere um ato repentino ou impetuoso, e não um plano cuidadosamente elaborado.

De muitas maneiras, é uma vergonha que o Evangelho crie tão pouca controvérsia hoje em dia. Apesar das ondas de transmissão repletas de pregações no rádio e na TV, apesar das cidades repletas de igrejas, parece que a maioria das pessoas ainda tem uma grande facilidade para ignorar o cristianismo. Talvez,

diferentemente de Paulo, nós tenhamos deixado de ser suficientemente antagônicos e de advertir corajosamente os que zombam: tenham cuidado! Hoje nós precisamos novamente proclamar que, a menos que os ouvintes creiam, certamente eles perecerão (13.41).

Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens (14.11). A geografia e o uso da língua licaônica pela população de Listra sugerem que esta era uma área afastada. O milagre de cura realizado através de Paulo levou os habitantes licaônios a identificar os dois como Zeus e Hermes. Por que? Inscrições, de aproximadamente 250 a.C., revelam que estes deuses gregos eram adorados na região, e Ovídio (43 a.C.) relata uma lenda de que, certa vez, estes dois deuses, disfarçados, visitaram a região. Mil famílias recusaram-se a recebê-los – e seus lares foram mais tarde destruídos. Um casal idoso recebeu os dois deuses – e foi ricamente recompensado. Em vista desta história familiar, a conclusão de que Paulo e Barnabé eram Hermes e Zeus não era surpreendente – como também não era a ansiedade da população em receber os dois supostos deuses.

Como é fascinante que pouco tempo depois esta mesma população tenha sido influenciada pelos judeus de Antioquia e Icônio a apedrejar Paulo, abandonando-o como morto.

E, havendo-lhes [Paulo e Barnabé] por comum consentimento eleito anciãos em cada igreja (14.23). A palavra grega aqui é cheirontonesantes, uma palavra composta de um termo que significa “estender a mão” e outro que significa “esticar”. Originalmente, significava votar mostrando a mão. A. T. Robertson afirma que finalmente veio a significar “indicar com a aprovação de uma assembléia que escolhe”, e algumas vezes no sentido de “indicar sem considerar a escolha”.

Podemos entender melhor o ato dos apóstolos como sendo um ato de ordenação da liderança da igreja local. Ao visitar novamente as jovens igrejas, Paulo e barnabé sem dúvida procuraram aqueles cujo progresso na fé e cujo caráter (1

Tm 3) fossem reconhecidos pela congregação, e lhes conferiram o reconhecimento oficial.

Os líderes cristãos não são criados por aqueles que ocupam uma posição mais alta na hierarquia da igreja, mas emergem ao exibir um profundo e total comprometimento para com Jesus, e ao serem reconhecidos pela congregação como crentes amadurecidos cujo exemplo os outros desejarão seguir.

Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação (15.29). O Concílio de Jerusalém regulamentou que os cristãos gentios eram isentos e não precisavam ser “circuncidados” e “guardar a lei de Moisés” (15.5).

Mas o concílio prosseguiu escrevendo uma carta às igrejas gentílicas especificando determinados requisitos ou “encargos” (15.28). Esta expressão pode parecer excessivamente forte, pois a expressão em grego indica que o Concílio pediu não mais que “estas coisas necessárias” (plen touton ton epanagkes).

Agora é necessário responder a duas perguntas. Para que são estas coisas “necessárias”, e qual é o relacionamento entre estas “coisas necessárias” e a Lei Mosaica? Em primeiro lugar, é claro que estas coisas são necessárias para a salvação. Mas, a maioria dos comentaristas concorda que as coisas especificadas também eram necessárias para que tudo “corresse bem” (eu praxete) entre os cristãos de origem judaica e gentílica. Isto é, as coisas mencionadas eram tão ofensivas aos judeus que sua prática dificultaria ou impossibilitaria a manutenção da comunhão entre os dois maiores grupos que estavam unidos na nova comunidade cristã.

Existe um elo entre a Lei do AT e as coisas “necessárias” para manter a comunhão. Mas é a intensidade dos sentimentos dos judeus sobre estes assuntos que as define. A moralidade básica não é um problema: os judeus e os gentios concordavam, na maior parte das ocasiões, sobre o que era moralmente correto e, como Tiago destacou: “Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas” (15.21).

O que podemos dizer sobre estas coisas? “Coisas sacrificadas aos ídolos” reflete o horror completo dos judeus a qualquer coisa associada à idolatria. Consumir o sangue e a carne dos animais que eram estrangulados (sufocados), retendo desta maneira o sangue na carne, reflete uma abominação igualmente profunda do consumo deste que é o mais sagrado dos fluidos (Lv 17.11,12). O mais difícil de definir é a abstenção da “fornicação”, ou imoralidade sexual (porneia). Isto é difícil porque, se a intenção é a moralidade geral, esta é uma questão moral. É difícil entender porque a moralidade sexual básica não era claramente compreendida e praticada pelos cristãos de origem judaica e gentílica. Portanto, é mais provável que a palavra porneia seja usada em um sentido mais técnico (como em 1 Coríntios 5.1) para indicar casamentos que são proibidos em Levítico 18.6-18, alguns dos quais não eram considerados errados na cultura grega.

Nesta exigência oficial dos judeus às igrejas dos gentios, existe um reconhecimento implícito de que não precisamos fazer as mesmas coisas para ter comunhão com outros crentes. Nós também precisamos ser suficientemente abertos para compartilhar as convicções peculiares que mantemos, as quais, se violadas, tornariam difícil nosso relacionamento com nossos irmãos e irmãs em Cristo. E precisamos estar dispostos a honrar as convicções dos outros e fazer o que for necessário para viver em comunhão e harmonia com eles.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O Concílio de Jerusalém (Atos 15)

Contexto. A enorme conversão de gentios a Cristo introduziu tensões na jovem igreja. Os cristãos judeus tradicionalistas insistiam em que os gentios convertidos adotassem o estilo de vida que o AT prescrevera para o povo judeu. Paulo viu isto como uma negação da natureza essencial do Evangelho, e combateu violentamente esta opinião. Quando a questão foi finalmente trazida diante dos apóstolos e dos anciãos em Jerusalém, foi escrito um “documento de posição oficial”. Os gentios convertidos não precisavam ser – ou viver como –

judeus.

Esta decisão do Concílio de Jerusalém, e as batalhas travadas contra os judaizantes na maioria das igrejas gentílicas durante as décadas seguintes, tiveram um impacto significativo tanto nos judeus quanto nos cristãos gentios. Como os primeiros cristãos eram judeus, e como estes crentes judeus continuavam a viver uma vida de religiosidade de acordo com a lei judaica, a igreja a princípio foi considerada uma seita (min) do judaísmo. O fato de que Paulo foi autorizado pelo sumo sacerdote a fazer prisioneiros dos seguidores de Jesus em Damasco (At 9.1-4) mostra que mesmo os inimigos da igreja consideravam que os crentes eram judeus. Se eles não fossem considerados judeus, o sumo sacerdote e o Sinédrio não teriam nenhuma autoridade para aprisionar os seguidores de Jesus em Damasco!

Mas agora, com o surgimento de igrejas predominantemente gentílicas por todo o império, e com a decisão do Concílio de Jerusalém registrada, ficou cada vez mais claro que o cristianismo era uma crença que, apesar de suas raízes no AT, era distinta do judaísmo. O resultado foi o antagonismo crescente por parte dos judeus ortodoxos em relação aos cristãos judeus. Este antagonismo logo atingiu um nível tão intenso que os sábios consideraram os cristãos de origem judaica como apóstatas, e não como judeus!

Os estudiosos identificaram diversas seitas cristãs judaicas diferentes, designadas como ebionitas A, ebionitas B, nazarenos (Notzrim) e gnósticos-sincretistas. A mais interessante para nós é a dos nazarenos, que consistia de judeus que criam em Jesus como o Filho de Deus nascido de uma virgem, criam no Espírito Santo como uma pessoa distinta na Divindade, e aceitavam as cartas de Paulo como Escrituras. A animosidade ativa em relação aos cristãos judeus é refletida nos escritos de Justino Mártir, que em 150 d.C. acusou: “Vocês, judeus, pronunciam maldições contra os cristãos em suas sinagogas”. Esta acusação é confirmada pela liturgia antiga que devia ser usada pelos judeus devotos como “bênçãos” três vezes por dia:

“Que os apóstatas não tenham esperanças, e possas Tu desarraigar rapidamente o governo ímpio em nossos dias. Possam os nazarenos e os minim (sectários) desaparecer em um momento. Sejam eles apagados do livro da vida, e não sejam inscritos com os justos”.

Uma história do século II reproduzida no Tosefta (Hul. II.24) acrescenta a disposição dos sábios em relação aos cristãos judeus:

Rabi Eliezer foi preso pelos romanos e acusado de ser um Min (aqui, o equivalente a “cristão”). Eles o colocam na tribuna para ser julgado. O governador diz: “Por que um homem idoso como você envolveu-se nestes assuntos?” O Rabi respondeu: “Eu coloco minha fé no Juiz”. Naturalmente, ele queria dizer o Pai no céu, mas o governador pensou que se referia a ele, então disse: “Como você coloca sua fé em mim – rejeitado! Você é inocente”. Quando Rabi Eliezer deixou a tribuna, ele estava preocupado porque havia sido preso por minut. Seus discípulos vieram consolá-lo, mas ele não podia ser confortado. Então o rabino Akiba entrou e disse: “Rabi, posso dizer uma coisa sem ofendê-lo?” Ele respondeu: “Diga”. “É possível que alguém dos minim alguma vez lhe tivesse dito algo de seus ensinos que lhe agradou?” ele respondeu: “Meu Deus! você me lembrou! Eu estava certa vez caminhando pela rua principal de Sephoris, e encontrei Jacob de Kefar Sikhnin, e ele me contou um pouco de minut em nome de Yeshua ben Pantera (Jesus), e eu gostei!... é por isto que fui preso por minut, porque violei as Escrituras que dizem: ‘Afasta dela o teu caminho e não te aproximes da porta de sua casa” (Pv 5.8).

Este e outros itens similares nos escritos dos sábios nos lembram que a igreja de Jerusalém pagou um preço por sua corajosa manifestação. Ao reconhecer a independência do judaísmo para os gentios, estes judeus cristãos também se isolaram da comunidade de fé do AT. Judeu e cristão agora eram completamente distintos um do outro, apesar de suas muitas semelhanças. E os judeus cristãos, embora observassem a Lei de Moisés, teriam negada qualquer participação em sua herança antepassada por aqueles judeus que rejeitavam as reivindicações de Cristo.

Interpretação. O capítulo pode ser dividido em quatro seções: a questão levantada, o debate, a conclusão, e a posição oficial documentada.

A questão levantada (15.1-4). Aqueles identificados como “alguns” da Judéia provavelmente eram judeus cristãos identificados nas cartas de Paulo como judaizantes (Gl 6.12,13). Podemos supor que eles estavam convencidos de que sua posição era correta. Mas em vista da crescente hostilidade para com os judeus cristãos (veja Exposição, acima), eles podem ter agido por motivos mesclados. Se de fato a conversão a Cristo transforma pagãos em bons judeus, desta maneira identificando-os com a causa judaica, a crescente hostilidade do judaísmo oficial pode ter sido insensível! Mas Paulo e Barnabé disputavam fortemente a noção de que a conversão a Cristo exige que os gentios adotem os costumes e a cultura judaicos. A igreja rapidamente os enviou a Jerusalém junto com outros representantes para ver se estes visitantes da Judéia refletiam a opinião dos apóstolos e dos anciãos da igreja mãe.

O debate (15.5-12). Um grupo significativo de fariseus cristãos apoiava esta visão dos judaizantes. Naturalmente os cristãos devem “ser circuncidados e guardar a Lei de Moisés”. Esta não era necessariamente uma questão de salvação para estes fariseus. O apoio para esta posição muito provavelmente estava no fato de que os ensinos de Moisés eram na verdade a vontade revelada de Deus, dizendo que qualquer pessoa que cresse em Deus estaria por necessidade (dei, “dever, mister” [15.5]) sujeita à Sua vontade revelada.

Em resposta, Paulo contou a história da conversão de Cornélio, e ressaltou que ele e sua família foram aceitos por Deus como gentios. Deus “não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando seu coração pela fé” (15.9). Certamente, esta experiência abre um precedente para que os gentios possam ser alcançados como gentios, sem a insistência de que eles se tornem cristãos judeus.

É interessante a observação gratuita de Pedro de que a lei era “um jugo [aqui no sentido de peso ou carga] que nem nossos pais nem nós podemos suportar” (15.10). Se, devido às fraquezas humanas, a Lei deixou de realizar o que a graça de Deus, e a fé em Jesus, agora haviam conseguido, por que forçar a Lei sobre os convertidos gentios?

Paulo e Barnabé rapidamente acompanharam as observações de Pedro. Pedro chegara à sua conclusão com base na obra que Deus havia realizado naquele

episódio. Agora os dois apóstolos o acompanhavam relatando múltiplas histórias dos sinais miraculosos que Deus havia realizado entre os gentios. O caso, naturalmente, era que Deus havia colocado claramente seu selo de aprovação na evangelização direta dos gentios.

É importante observar que tanto o judaísmo quanto o cristianismo são crenças que estão enraizadas na convicção de que Deus agiu por seu povo ao longo da história. O chamado e o concerto com Abraão, um homem real. Os atos poderosos de Deus para o bem de Israel, quando o povo era escravo no Egito; o trovão, e o fogo que envolveu o cume do Sinai, o maná fornecido no deserto, a secagem do Jordão – estes atos de Deus foram o alicerce da compreensão de Deus por parte de Israel. Assim, a menção de Paulo de como Deus agiu a favor dos gentios era particularmente motivadora. Estes homens esperavam plenamente desenvolver sua teologia com base nos atos de Deus na história, e não apelando para um argumento lógico ou filosófico.

A conclusão (15.12-21). Embora fosse válido desenvolver a teologia a partir dos atos de Deus, a interpretação da igreja destes atos precisa enfrentar outro teste. Precisa estar em harmonia com as Escrituras. Assim, a contribuição decisiva para resolver o problema foi feita por Tiago, que se levantou e argumentou que “com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito” (15.15), com a evidência empírica de que Deus está na verdade “tomando dos gentios” um povo para Si.

Tiago, a seguir, afirma uma conclusão que ninguém na reunião do Concílio pode debater mais. Não se deveria pedir aos gentios que adotassem a cultura judaica, pois isto estaria “perturbando” (15.19) aqueles que se convertiam a Deus. No entanto, eles deveriam se abster de determinadas práticas que dificultariam sua comunhão com os cristãos de origem judaica (veja o Estudo da Palavra de 15.29 acima).

A posição oficial documentada (15.22-35). A conclusão de Tiago, que fôra dirigida pelo Espírito Santo, expressou o consenso dos “apóstolos e anciãos, com

toda a igreja” (15.22). Delegados foram enviados com Paulo a Antioquia para autenticar um documento que deveria então circular para as novas igrejas gentílicas.

Aplicação. De muitas maneiras, este primeiro concílio da igreja pode servir como um exemplo para solucionar questões hoje em dia. Nós observamos especialmente que:

(1) A questão estava claramente definida.

(2) A questão foi trazida para toda a liderança, para discussão aberta e debate.

(3) Posições divergentes eram ativamente argumentadas.

(4) A evidência do que Deus estava fazendo foi considerada.

(5) A interpretação do que Deus estava fazendo foi testada quanto à harmonia com as Escrituras.

(6) Uma preocupação especial foi mostrada pelas sensibilidades daqueles que “perderam” o debate.

(7) Pediu-se que os “vencedores” cedessem alguns dos direitos que haviam ganhado em vista de algumas das convicções dos “perdedores”.

Embora este modelo de solução de disputas seja útil, é importante lembrar que mesmo no século I a ação do Concílio não resolveu a questão. A maioria das igrejas gentílicas ainda era perturbada por alguns professores itinerantes que persistiam em ensinar que os cristãos deveriam submeter-se à Lei de Moisés. Não podemos esperar que todos abandonem convicções que são erradas, não importa o quão clara seja a voz de Deus por meio da igreja e das Escrituras.

O que podemos fazer é procurar ouvir a voz do Espírito Santo por intermédio de nossos irmãos e da Palavra de Deus. Devemos nos lembrar sempre que somos uma família em Cristo, quando debatermos; e que aqueles que divergem de nós permanecem irmãos e irmãs, a quem temos o dever de amar.

ATOS 15.36–19.41

A Igreja Gentílica

EXPOSIÇÃO

-

A decisão do Concílio de Jerusalém (Atos 15) assinalou uma transição dramática no movimento cristão. Inicialmente, o cristianismo havia sido encarado como uma seita do judaísmo. Mas o concílio decidiu que aos gentios fosse concedida plena aceitação sem que fosse exigida a adoção de um estilo de vida judeu. Agora, os missionários cristãos podiam promover o cristianismo ativamente na cultura mais ampla do século I como uma fé verdadeiramente independente, apesar de suas reconhecidas raízes no AT.

Os capítulos 16–19 do Livro de Atos nos dão uma descrição surpreendente do impacto dilacerador da mensagem cristã sobre a sociedade helênica e da reação confusa e freqüentemente hostil do mundo gentio.

A mudança de foco é assinalada pelo chamado de Paulo de deixar a Ásia e cruzar em direção à Europa

(16.6-10). Em Filipos, Paulo não encontra nenhuma sinagoga, então ele prega na praça, defendendo "costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos" (16.21). Quando os missionários são açoitados e aprisionados, Paulo reivindica a proteção assegurada por sua cidadania romana (16.22-40). Paulo, agora, está desempenhando seu ministério no mundo gentílico, não como um judeu, mas sim como um homem de Roma. Em Tessalônica, Paulo vai, em primeiro lugar, à sinagoga local. Mas, a hostilidade dos judeus é despertada quando a população gentílica mostra intenso interesse na mensagem de Paulo. À medida que este capítulo desenvolve-se, parece que os episódios terão um resultado dramático devido ao foco missionário na evangelização dos gentios: por todo o império, as comunidades judaicas tornam-se cada vez mais antagônicas ao evangelho e aos seus mensageiros (17.1-15). Mas, como mostra a pregação de Paulo em Atenas, os conceitos mais básicos sobre Deus, há muito tempo estabelecidos no judaísmo, parecem não somente estranhos, mas ridículos àqueles cuja perspectiva foi formada pelas especulações dos filósofos gregos (17.16-34). A mensagem do evangelho está em conflito direto com as raízes pagãs da sociedade do século I.

Lucas prossegue descrevendo outros incidentes que esclarecem o impacto da transição do cristianismo para um movimento predominantemente gentio. Embora a comunidade judaica esteja dividida sobre o evangelho, a maioria opõe-se ativamente ao cristianismo (18.1-11). E, cada vez mais, o governo secular é atraído para a disputa (18.12-17), embora com diferentes resultados (16.22-24; 19.35-41). Talvez ainda mais revelador seja o retrato que Lucas nos dá do impacto do ministério de Paulo em Éfeso (19.1-41). Ali, o evangelho faz com que muitos abandonem a prática da magia, que estava profundamente enraizada na cultura pagã do século I (19.1-20). Mas, ele também ameaça o sustento daqueles que ganhavam a vida vendendo itens religiosos a peregrinos que visitavam o mundialmente famoso templo de Ártemis, que fica justamente do lado de fora de Éfeso (19.23-41).

Tomados juntos, os incidentes que Lucas descreve nestes capítulos nos ajudam a entender por que tantos viam o cristianismo como uma ameaça à paz do império. Os ensinamentos radicais do cristianismo antagonizavam os judeus que, naquela época, eram provavelmente uma décima parte da população total do império. Uma intensa hostilidade era despertada e criava problemas para os governadores, encarregados

de manter a lei e a ordem. Adicionalmente, a insistência dos missionários em que os convertidos abandonassem a tolerância fácil do paganismo e se comprometessem completamente com Jesus como Senhor levou a sérios problemas econômicos. A perda do sustento dos artesãos de prata de Éfeso é apenas um exemplo deste fenômeno.

É difícil para nós, que vivemos em uma cultura em que o cristianismo exerce uma forte presença, entender o quão dramaticamente o surgimento de uma igreja gentílica desafiou as crenças e instituições do século I. Ainda assim, a história dos séculos seguintes dá testemunho do fato de que devido aos missionários como Paulo o mundo iniciou um caminho que levou a uma mudança dramática e freqüentemente dilaceradora.

ESTUDO DA PALAVRA

-

A Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele [Marcos] que desde a Panfília se havia apartado deles (15.38). A palavra grega é exiou, do verbo axioo, que quer dizer “considerar merecedor, adequado”. Neste caso, Paulo olhava a maneira como o jovem Marcos havia se comportado em sua primeira viagem missionária. Em contraste, Barnabé julgava no que Marcos poderia se tornar e desejava dar-lhe uma segunda oportunidade. Neste caso, Barnabé

provou estar certo. Anos depois, Marcos escreveu o Evangelho que leva seu nome, e até mesmo Paulo escreveu a respeito dele: “Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério” (2 Tm 4.11).

Como Barnabé, faremos bem se enxergarmos o potencial das outras pessoas, ao invés de enfocarmos seus fracassos passados.

E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro (15.39). A palavra grega é paroxysmos, “irritação, desentendimento”. A palavra é propositalmente neutra, e Lucas parece cuidadoso para não atribuir alguma culpa. Na verdade, devemos atribuir os melhores motivos a cada pessoa: a Paulo, que tanto valorizava o comprometimento total com Cristo; e a Barnabé, que tanto valorizava o cuidado e o crescimento dos outros.

Às vezes, até mesmo o melhor dos cristãos deixará de encontrar uma base comum, e decidirá mover-se em direções diferentes. Neste caso, houve um resultado positivo imediato: o alcance dobrou, quando dois grupos missionários, em lugar de apenas um, saíram para compartilhar o Evangelho.

Paulo quis que este [Timóteo] fosse com ele e, tomando-o, o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares (16.3). Alguns condenaram Paulo por este ato de “concessão”. O texto nos diz que Timóteo era “filho de uma judia” (16.1). No judaísmo, a identidade racial é estabelecida pela mãe e não pelo pai. Assim, Timóteo poderia ser considerado um judeu pelos “judeus que estavam naqueles lugares”. Portanto, era apropriado circuncidar a Timóteo, pois o argumento coerente do apóstolo Paulo no NT é que os crentes deveriam expressar sua fé por meio das formas culturais que herdavam. Não era adequado que os judeus insistissem para que os cristãos gentios adotassem um estilo de vida judeu. A conseqüência é que não era apropriado que Paulo insistisse em que os cristãos judeus abandonassem seu estilo de vida com a conversão!

Paulo é totalmente coerente então em fazer com que Timóteo seja circuncidado, como um testemunho para os judeus de que o comprometimento com Jesus não requer apostasia de seus queridos costumes judeus.

Nos saiu ao encontro uma jovem que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores (16.16). O texto grego diz que ela tinha um pneuma pythona, um “espírito pítio (da pitonisa de Apolo)”. Na mitologia grega, a píton era uma serpente / um dragão que guardava o oráculo de Apolo. A expressão que Paulo usa veio a significar uma pessoa possuída pelo demônio que servia como porta-voz de píton.

Com a expulsão do espírito da jovem escrava, o valor que esta tinha para seus senhores foi destruído. Este fato levou a uma revolta e à prisão de Paulo e Silas. O incidente também exemplifica um tema mencionado anteriormente, na Exposição. O “editorial” abaixo poderia ter aparecido em qualquer jornal do século I, e nos ajuda a entender um aspecto do impacto dilacerador que a disseminação do Evangelho causou dentro do império romano:

O “ESPÍRITO SANTO” AMEAÇA UMA INDÚSTRIA QUE ABRANGE TODO O IMPÉRIO

Relatos de todas as partes do Império Romano indicam que uma indústria importante, com vendas de muitos milhões de dólares, pode estar ameaçada por uma nova religião oriental.

Em Samaria, o mágico Simão fica maravilhado com a capacidade dos cristãos de realizar verdadeiros milagres. Quando Simão oferece um pagamento pelo “Espírito Santo” que dá este poder, é ameaçado pelo líder cristão, Pedro (At 8.9-25).

Em Chipre, o encantador Elimas tenta opor-se a um cristão chamado Paulo – e é cegado por este homem que diz ser um apóstolo (At 13.4-12).

Em Filipos, este mesmo homem, Paulo, expulsa um espírito maligno de uma escrava usada por seus senhores para prever a sorte. “E agora? Como poderemos obter dinheiro com ela?” – Reclamam infelizes os senhores. Quando Paulo é levado à prisão, um terremoto abre as celas e o liberta. “Paulo usa a mágica deste ‘Espírito Santo’, dizem os proprietários da escrava”. “Então, por que não está certo que ganhemos dinheiro através dos demônios?” (At 16.16-40).

Em Éfeso, sete exorcistas judeus apanham de um homem possuído pelo demônio. Eles haviam sido pagos para tratar este homem. Eles tentam expulsar o demônio usando o nome “Jesus” como uma fórmula mágica, mas o demônio, que afirmava conhecer a Jesus e a Paulo, os agride (At 19.13-16).

Em Éfeso, Paulo influencia a população a destruir livros de mágica que possuíam grande valor para eles (At 19.17-20).

Ainda em Éfeso, Paulo arruina o negócio daqueles que fabricam e vendem imagens da deusa Ártemis. Demétrio, presidente de um dos sindicatos locais, inicia uma revolta entre os negociantes preocupados. “Precisamos parar este movimento”, clama Demétrio, “ou todos ficaremos sem emprego”.

A preocupação expressa pelas vítimas deste missionário cristão são verdadeiras. Diariamente, os cidadãos americanos gastam mais de 80 milhões de dólares americanos com o ocultismo. Eles visitam cartomantes, compram encantos e amuletos, contratam mágicos para curar doenças ou amaldiçoar inimigos. Ora,

toda a indústria turística americana está baseada nas pessoas visitando cidades como Éfeso, onde há famosos templos e santuários.

Simplesmente falando, o império não pode dar-se ao luxo de tolerar pessoas como Paulo, que pregam contra a feitiçaria e a idolatria. Toda a nossa economia desmoronará, se estes fanáticos forem tolerados.

Alguns podem argumentar que a mensagem de Paulo é verdadeira, e que o poder de seu "Espírito Santo" e de "Jesus" é maior do que o poder dos espíritos dos quais eles dependem. Isto pode ser verdade. Mas, definitivamente, não ousamos nos converter, tornando-nos cristãos. Há muita gente que ganha a vida com o ocultismo. É uma indústria que o império simplesmente precisa apoiar.

Estes homens, sendo judeus, perturbaram nossa cidade (16.20). Esta acusação, por parte dos senhores da escrava que Paulo libertou, reflete um anti-semitismo incipiente que caracterizava a maioria das cidades com população judaica. É significativo que os judeus de Filipos não podiam nem mesmo agrupar os dez homens, necessários para estabelecer uma sinagoga (16.13) e, mesmo aqui, um forte sentimento contrário aos judeus se revela. A obra de Emil Shurer, History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (Vol. III.1, p.132) ressalta que isto é…

Bastante coerente com o quadro histórico completo, de que os judeus eram perseguidos pelas cidades, embora a autoridade mais alta do imperium romano os tomasse sob sua proteção. O ódio contra os judeus surgia repetidamente nas cidades, e naturalmente, especialmente onde os judeus tinham os direitos comunais mais marcados, como em Alexandria, Antioquia, muitas cidades na Ásia Menor e até mesmo em Cesaréia na Palestina, onde os pagãos e os judeus haviam recebido igualdade de direitos por Herodes, o Grande. A queixa principal era precisamente que os judeus recusavam-se a adorar os deuses da cidade, mas era sempre a autoridade suprema de Roma que protegia a liberdade religiosa dos judeus.

A história registra muitos incidentes específicos que exemplificam o

antagonismo da população em geral contra os judeus, cuja atitude é refletida neste versículo. E a história deixa igualmente claro que, muito em breve, um antagonismo similar seria dirigido contra os cristãos.

A razão era a mesma – a recusa em adorar os deuses da comunidade, e, portanto, uma retirada significativa da vida comunitária. Mas, tão cedo como tornou claro que o cristianismo não era uma seita judaica, a proteção do estado foi retirada de sobre os seguidores de nosso Senhor.

Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa (16.31). Uma corrente teológica vê nesta frase um comprometimento singular com o concerto. Aqueles que fazem parte desta corrente vêem nas palavras de Paulo a própria promessa de Deus de salvar os filhos dos crentes.

Esta doutrina da "salvação da família" não implica em que uma pessoa possa ser salva por causa da fé de seus pais, mas sugere que Deus concederá graciosamente a dádiva da fé aos filhos daqueles que crêem, e que estes filhos farão um compromisso pessoal com o Senhor em alguma ocasião ao longo de sua vida.

Embora não possamos duvidar da graça que Deus exibe em relação aos crentes quando lida com nossos filhos, este versículo acrescenta um significado para o termo "casa" que é estranho ao século I, e quase certamente não é o que Lucas pretendia aqui. Este significado é explicado na Passagem em Profundidade de Atos 16.31, que vem a seguir.

Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos (16.37). Na obra Studies in Roman Government and Law (Praeger, p. 54), A. H. M. Jones observa que até mesmo os governadores provinciais romanos eram proibidos de "matar, açoitar, torturar, condenar ou amarrar um cidadão romano que apelasse ao povo, ou de impedir um acusado de se apresentar em Roma". Como um cidadão, Paulo possuía direitos que os magistrados violaram, quando responderam rapidamente aos gritos da multidão. Esta era uma ofensa séria, um fato refletido no "alarme" dos funcionários da

cidade, e em sua ansiedade em “apaziguar” Paulo e Silas (15.38,39).

Os cristãos têm uma dupla cidadania. Devemos fidelidade total ao céu, mas vivendo de acordo com as leis de nossa nação terrena, também podemos reivindicar todos os direitos a nós concedidos aqui.

Todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus (17.7). É interessante observar a variedade de acusações feitas aos vários magistrados das cidades, como registrado nestes capítulos. Em Filipos, Paulo e Silas foram acusados de serem judeus que estavam “perturbando a cidade” e de defender costumes ilegais (16.20,21). Em Tessalônica, os judeus acusaram falsamente Paulo e Silas de desafiar os decretos de César e, basicamente, afirmar a soberania de uma autoridade concorrente, Jesus.

Mais tarde, em Corinto, outro grupo de judeus acusou Paulo de “persuadir os homens [ho laos, isto é, o povo judeu, em distinção ao povo gentio] a servir a Deus contra a lei” (18.13). Posteriormente, em Éfeso, a acusação implícita foi que eles “desconsideraram” a deusa Ártemis (ou Diana, 19.27). Apesar da gritaria furiosa da multidão, a acusação foi rejeitada, pois “estes homens... nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa” (19.37).

Estes incidentes também demonstram a desordem social, criada no império romano pela pregação do evangelho, e revelam um pouco da frustração dos inimigos do cristianismo, tanto quanto das autoridades do governo. Que acusação legal válida poderia ser lançada contra os missionários? E, qual base na lei os governadores poderiam encontrar para pronunciar julgamento?

Finalmente, encontrou-se uma solução, exemplificada na correspondência entre um governador provincial chamado Plínio e o imperador Trajano (veja o quadro na página seguinte). O cristianismo simplesmente não era uma religião lícita (legalmente sancionada). Portanto, embora os cristãos não fossem culpados de nenhum crime em si, eles eram culpados de praticar uma superstição – um culto estrangeiro. Somente isto já representava uma violação da lei romana, e era base suficiente para condenar os cristãos à morte.

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE PLÍNIO E TRAJANO A RESPEITO DOS C

Alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele [Paulo] (17.18). Estas duas escolas principais de filosofia, apesar de suas diferenças, representavam o melhor que a cultura pagã poderia produzir, em termos da compreensão do lugar do homem no mundo. Os estóicos colocavam grande confiança na racionalidade, na autoconfiança e na obrigação moral. Para o os estóicos deus infundia tudo o que existe e, portanto, eles ressaltavam a vida em harmonia com a natureza.

Os epicureus acreditavam que quaisquer deuses que pudessem existir não tinham interesse nos assuntos humanos. Embora freqüentemente mal interpretados como sendo hedonistas, os verdadeiros epicureus diziam que ataraxia, a vida de tranqüilidade sem dor, paixões destrutivas e medos supersticiosos, era o máximo em termos de prazer.

Apesar das diferenças entre eles, os adeptos dos dois grupos supunham a eternidade da matéria, negavam a possibilidade de um Deus pessoal que intervém nos assuntos humanos e julgavam completamente ridículas as noções de julgamentos futuros e ressurreições. As suposições mais básicas do paganismo e do cristianismo estavam em um completo conflito, da mesma maneira que as suposições básicas do cristianismo e a teoria evolucionária contemporânea estão em conflito.

Estando Paulo no meio do Areópago, disse... (17.22). O sermão de Paulo aos homens de Atenas foi analisado repetidas vezes. O que talvez seja importante para nós é observar o esforço de Paulo em encontrar algum ponto de partida para argumentar seu caso. Como já foi observado acima, as suposições básicas – a perspectiva – dos cristãos e dos pagãos eram diametralmente opostas. Mas, mesmo o pensamento pagão tem alguma percepção da verdadeira natureza do Deus que o próprio altar dos atenienses demonstra que eles não conhecem (17.23). Aqui, Paulo cita poetas pagãos, não como autoridade do que ele está prestes a dizer, mas, simplesmente, para exemplificar que mesmo os poetas pagãos haviam percebido que Deus não pode ser representado por imagens materiais. É, portanto, o Deus verdadeiro e imaterial que os pagãos vislumbram somente vagamente que Paulo apresenta.

O CONTEXTO DAS CITAÇÕES DE PAULO

Eles criaram um túmulo para ti,

Oh santo e altíssimo –

Os de Creta, sempre mentirosos,

Bestas ruins, ventres preguiçosos! –

Mas tu não estás morto;

Tu vives e permaneces para sempre,

Pois em ti nós vivemos e nos movemos

E temos o nosso ser.

Epimenides, o cretense, 600 a.C.

Comecemos com Zeus. Nunca, Oh homens,

Permitamos que ele não seja mencionado. Todos os caminhos

estão cheios de Zeus, e todos os mercados

de seres humanos. O mar está cheio dele;

como também os portos. De todas as maneiras nós temos tudo

a ver com Zeus, pois somos verdadeiramente sua descendência.

The Phainomena

Aratus, 310 a.C.

Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? (19.2). O contexto deixa claro que estes homens eram discípulos de João Batista. Eles aceitaram João como precursor do Messias, mas ainda não haviam ouvido sobre Jesus. Para um comentário sobre as razões para o expediente incomum da imposição de mãos, veja o Estudo da Palavra sobre Atos 8.15.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Paulo e Silas na Prisão (At 16.16-40)

Contexto. Tudo sobre esta passagem evidencia seu contexto cultural. Lucas está escrevendo sobre a penetração do Evangelho no mundo gentio, e cada característica reflete esta orientação. A escrava tinha um espírito pítio; as multidões acusam Paulo de "defender costumes ilícitos para nós, romanos" (16.21); o carcereiro tenta suicídio, quando descobre que as portas da prisão se abriram, pois naquela sociedade aquele que estivesse encarregado de cuidar de criminosos sofria a punição deles, se estes escapassem. Ao concluir a história, Paulo é libertado por magistrados moderados, depois de se certificarem de sua cidadania romana.

Tudo nesta passagem assinala que os missionários estão trabalhando em uma sociedade pagã, e não judaica. Como resultado, somos levados a interpretar termos significativos usados no relato como teriam sido usados e compreendidos dentro daquela cultura.

Interpretação. Isto nos leva a uma suposição que deve ser a base da compreensão que temos da promessa de Paulo ao carcereiro de Filipos: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (16.31). Para interpretar este versículo não podemos importar uma compreensão judaica para a palavra "casa". Certamente não podemos importar a idéia moderna de que uma "casa" seja o núcleo familiar. Na verdade, nem devemos supor que os usos posteriores cristãos de "casa" sejam completamente definidos. Ao invés disso, precisamos entender o que o

próprio carcereiro como um pagão do século I teria compreendido quando Paulo usou esta palavra. Em poucas palavras, a “casa” romana incluía o pater familias, sua esposa, seus filhos e cônjuges, os escravos e outros que lhe deviam qualquer obrigação social, tais como agregados ou escravos libertos.

Quando Paulo disse ao carcereiro sobre su kai o oikos sou, “você e sua casa”, ele estava sem dúvida incluindo mais do que o homem, a esposa e os filhos! Na verdade, Lucas usa esta terminologia de “casa” em cinco passagens diferentes no Livro de Atos, e em cada ocasião como uma referência a uma pessoa de um nível social suficientemente alto para ter escravos e/ou empregados domésticos: Cornélio (10.2; 11.14); Lídia (16.15); o carcereiro (16.31); e Crispo, o principal da sinagoga (18.8).

O uso que Paulo faz de oikos (casa) é similar, como é visto ao compararmos 1 Coríntios 1.16; 16.15 e Filemom 2. Particularmente significativa é a menção de Paulo à “oikias de César” em Filipenses 4.22. Está claro que o apóstolo não se refere aos parentes de César, mas aos membros da guarda pretoriana ou a outros da administração do império com quem teve contato quando esteve aprisionado.

Com este significado de “casa” estabelecido, fica claro que o versículo em questão não pode ser interpretado como um tipo de compromisso de concerto feito aos crentes de que seus filhos terão uma fé pessoal. A alternativa mais provável é a mais simples. A promessa que Paulo fez ao carcereiro é uma promessa que é feita a todos os membros da casa do carcereiro: cada indivíduo que crer será salvo. O Evangelho faz uma grande promessa a toda a humanidade, e cada indivíduo deve escolher se responde positivamente ou não ao seu convite. Aqueles que crerem, e responderem, serão salvos.

Aplicação. Outra interpretação foi sugerida para este versículo. Alguns observam que, na cultura romana, o chefe da casa tinha grande influência sobre os outros membros, fossem estes a família imediata, escravos, ou agregados. Assim, alguns entendem a promessa de Paulo implicando que a chave para a salvação da família é o ato de fé do chefe da família.

Talvez, em nossa ênfase da salvação como uma escolha individual, tenhamos deixado de enxergar a importância de alcançar aqueles que têm grande influência sobre a vida de outros. Mas seja como for, as palavras de Paulo aqui nos lembram duas grandes verdades. Todo lar da humanidade está incluído na promessa que Deus, em Jesus Cristo, faz a cada um de nós. E cada um de nós

deve, como indivíduo, fazer uma escolha pessoal de fé.

Paulo em Éfeso (19.1-22)

Contexto. Estes poucos versículos são notáveis por sua referência ao oculto. Nós temos um vislumbre dos exorcistas judeus trabalhando, e lemos sobre livros de mágica com um valor talvez de 5 milhões de dólares sendo destruídos. Também lemos sobre "maravilhas extraordinárias" (19.11) realizadas por Paulo: milagres que são notáveis por causa de seu caráter incomum.

É surpreendente que Éfeso, o lugar de um magnífico templo a Ártemis, que atraía peregrinos de todas as partes do mundo Mediterrâneo, fosse também um centro de práticas de ocultismo. Que testemunho para o fato de que o público do século I sentia desesperadamente a falta da satisfação das necessidades espirituais da população da cidade! Existe muita literatura que nos dá a percepção da natureza das práticas de ocultismo do século I. Lendo hoje em dia, podemos perceber um pouco daquele desespero daqueles que, não encontrando conforto nem na religião nem na filosofia pública, voltavam-se à superstição.

Observe o esclarecimento de um incidente relatado por Lucas:

E alguns dos exorcistas judeus, ambulantes, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. Os que faziam isto eram sete filhos de Ceva, judeu, principal dos sacerdotes. Respondendo, porém, o espírito maligno, disse: Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? E, saltando neles o homem que tinha o espírito maligno e assenhoreando-se de dois, pôde mais do que eles; de tal maneira que, nus e feridos, fugiram daquela casa (19.13-16).

Embora as práticas de magia fossem condenadas pelos sábios, a magia não somente era praticada pelos judeus, mas exorcistas judeus eram altamente considerados por seus vizinhos pagãos. Em grande parte, isto acontecia porque

tanto a magia pagã quanto a judia assumiam que a capacidade de nomear um ser sobrenatural dava a um indivíduo algum poder sobre aquele ser. O respeito que os judeus tinham pelo nome Yahweh, nunca o pronunciando, fez nascer a opinião comum de que os exorcistas judeus controlavam vastos poderes sobrenaturais. O relato de Lucas no Livro de Atos deixa claro que alguns supunham que Paulo realizava curas “mágicas” ao pronunciar o nome “Jesus”, e assim, exorcistas judeus empreendedores acrescentavam seu nome às suas fórmulas ou aos seus encantamentos.

Um livro antigo de magia judaica, o Sefer ha-Rasim (Livro de Mistérios) nos dá esta lista de nomes de seres angelicais que eram invocados em várias fórmulas, supondo que estes “anjos de quarta grandeza” teriam o “poder de fazer o bem ou o mal”: SGR’L, MLKY’L, ’WNBYB, PGRY’L, PRYBY’L, KLNMYY’, ’WMY’L, MPNWR, KWZZYB’, ’LPY’L, PRYBY’L, S’QMYH, KDWMY’L, ’SMD1, HWDYH, YHZY’L. O mesmo livro fornece as seguintes instruções “interessantes” para amaldiçoar e para libertar um inimigo:

Eu entrego a vocês, anjos da inquietude que estão no quarto degrau, a vida, a alma e o espírito de N, filho de N, para que vocês possam acorrentá-lo com cadeias de ferro e prendê-lo em barras de bronze. Não permitam que suas pálpebras durmam, nem que ele tire uma soneca, nem que se sinta sonolento. Deixem que ele chore como uma mulher no parto, e não permitam que ninguém o liberte.

Escrevam isso [numa tira de couro] e coloquem na boca da cabeça de cachorro. Coloquem cera em sua boca e selem com um anel que tenha um leão gravado sobre ele. Então vão e escondam atrás de sua casa, ou no lugar onde ele entra e sai. Se desejarem libertá-lo, tragam [a cabeça] do lugar onde está escondida, removam o selo, retirem o texto e o lancem no fogo. Ele imediatamente adormecerá. Façam isto com humildade, e terão sucesso.

Muitos exorcismos tinham sua confiança depositada em tais fórmulas, e na repetição de palavras com pouco ou nenhum significado. A eficácia do encanto

dependia mais da pronunciação correta das palavras do que da humildade ou de outra característica do exorcista.

Existe uma surpreendente similaridade entre magia/exorcismo judaicos e pagãos há muitos milhares de anos. Por exemplo, este encantamento da antiga Mesopotâmia, realizado enquanto se circulava a entrada de uma casa com farinha queimada, não teria parecido estranho para os judeus ou para os gentios da cidade de Éfeso nos dias de Paulo:

Saia, saia, vá, vá,

Parta, parta, fuja, fuja!

Vá, vá embora, saia, e vá!

Possa sua maldade como fumaça subir para sempre rumo ao céu!

Saia do meu corpo!

Vá embora do meu corpo!

Parta do meu corpo!

Fuja do meu corpo!

Vá embora do meu corpo!

Ao meu corpo não retorne!

Do meu corpo não se aproxime!

Do meu corpo não se avizinhe!

Não esteja no meu corpo!

Pela vida de Samas, o honorário, seja conjurado!

Pela vida de Ea, senhor das profundezas, seja conjurado!

Pela vida de Asalluhi, o mago dos deuses, seja conjurado!

Pela vida de Girra, seu executor, seja conjurado!

Do meu corpo você será realmente separado!

Como é trágico, quando os seres humanos precisam se voltar, em angústia, a tais artifícios, desesperados para encontrar algum alívio de suas enfermidades, pobreza, ou dores. Desesperados por uma esperança que só pode ser encontrada no conhecimento e na confiança no Deus vivo.

Interpretação e Aplicação. Lucas nos conta que, em Éfeso, Paulo realizou "maravilhas extraordinárias" (19.11). Por que em Éfeso, este centro do ocultismo? Só podemos ver, nas milagrosas curas realizadas por intermédio de Paulo, uma maravilhosa exibição da graça de Deus. Pois estes milagres, absolutamente extraordinários, mesmo no contexto das obras apostólicas, serviram como testemunhos do poder de Jesus.

Alguns interpretaram mal a natureza deste poder, e tentaram associar o nome do Senhor às práticas do ocultismo. Mas outros, que haviam praticado feitiçaria, entenderam. Aqui, por fim, estava o que eles haviam procurado durante todo o tempo: esperança!

"Jesus é a resposta!"… nós quase podemos ouvi-los gritando, ao trazerem seus pergaminhos e livros de fórmulas mágicas, queimando-os publicamente.

Jesus fornece aquilo que nenhum tipo de ocultismo consegue fornecer.

A Prisão de Paulo

EXPOSIÇÃO

Nos últimos capítulos de Atos, Lucas abandona o comentário do impacto do Evangelho sobre a sociedade contemporânea para descrever o que aconteceu a Paulo, o grande pioneiro e missionário do primeiro século. Impulsionado pelo Espírito (20.22), Paulo dá início a uma dolorosa jornada até Jerusalém – uma jornada que o afastaria das congregações que tanto amava e que o expunham a um risco pessoal.

Seu adeus aos anciãos de Éfeso (20.13-38), a única mensagem que o livro de Atos registra como tendo sido entregue aos crentes, retrata vigorosamente o pesar provocado pela separação. Durante a caminhada, advertências proféticas ajudaram a preparar seu espírito para aquilo que o esperava no futuro (21.1-17) – o cativeiro e a ameaça da morte.

Em Jerusalém, Paulo foi solicitado a demonstrar solidariedade ao seu povo submetendo-se ao ritual da purificação (21.17-26). Mas, durante esta cerimônia, foi reconhecido pelos judeus da diáspora e acusado de estar profanando o templo. Somente a intervenção romana salvou Paulo da revolta que se seguiu (21.27-36). No entanto, a multidão aquietou-se e ouviu a história de sua conversão – até o apóstolo revelar que havia sido enviado por Deus aos odiados gentios (21.37–22.21). Conduzido à fortaleza romana, localizada ao lado do templo, Paulo conseguiu evitar a confissão sob tortura insistindo que era cidadão romano (22.22-29). No entanto, o comandante romano achou que era seu dever investigar qual era a exata acusação que os judeus faziam ao apóstolo, e providenciou uma reunião do Sinédrio. Nessa reunião, Paulo afirma que o verdadeiro motivo da desordem era sua doutrina sobre a ressurreição, e que os fariseus que acreditavam nela e os saduceus que negavam sua possibilidade, haviam entrado em um irado e rumoroso conflito (22.30–23.11).

Ao descobrir que havia uma conspiração para matá-lo, o comandante enviou Paulo, acompanhado de uma escolta, a Cesaréia, sede do governo de Roma (23.12-35). Depois de um decisivo julgamento perante o governador Félix, Paulo foi mantido em prisão domiciliar durante cerca de dois anos (24.1-27). Quando Félix foi substituído por Festo, os judeus renovaram sua tentativa de condená-lo. Festo resolveu enviar Paulo a Jerusalém para um novo julgamento, orientando que ele deveria exercer seu direito de cidadão romano a fim de ser julgado por um tribunal imperial em Roma (25.1-12). Antes de sua partida, Festo pede a Agripa, que controlava as terras da Judéia e estava familiarizado com a discussão entre cristãos e judeus, para orientá-lo sobre como deveria tratar quaisquer acusações que poderiam ser feitas contra o apóstolo em Roma. Isso deu a Paulo a oportunidade de contar novamente sua história e argumentar poderosamente em favor do Evangelho, não só perante o governador e o rei, como também perante os "tribunos e varões principais" de Cesaréia (25.23–26.32).

Finalmente, depois de dois anos de prisão em Roma, Paulo foi enviado sob escolta a outro lugar, tendo Lucas como companheiro. O retrato gráfico que Lucas fez do naufrágio tem sido considerado o registro mais revelador dos navios do primeiro século, e das práticas de navegação existentes (27.1-44). No entanto, o que é importante em seu relato é a presença do anjo que Deus enviou a Paulo, para acalmar seus temores e dizer que ele faria sua defesa perante César (27.13–28.11). A prisão, os perigos, e a tristeza por estar isolado das igrejas que havia fundado faziam parte do plano maior de Deus para levar o Evangelho a todos os elementos da sociedade imperial.

O Livro de Atos encerra-se repentinamente. Em Roma, Paulo convida os líderes da comunidade judaica para conhecer sua visão sobre o movimento cristão, do qual foi dito: "Quanto a esta seita, notório nos é que, em toda parte, fala-se contra ela" (28.22). Depois de um dia inteiro de ensino, alguns ficam convencidos, mas a maioria rejeita a mensagem do Evangelho. Lucas conclui esse livro com a "declaração final" de Paulo. Como disse Isaías, o povo de Deus do AT havia fechado seu coração e mente ao Senhor. Portanto, a salvação de Deus havia sido enviada a um povo que ouviria: os gentios (28.17-31).

Nesse sentido, tudo isso representa o resumo do propósito desta obra histórica de Lucas. Ele identificou as origens do movimento cristão desde a ressurreição de Cristo até o florescimento de uma entusiasmada comunidade judaica messiânica dentro do próprio judaísmo. Lucas identificou os acontecimentos sobre a

surpreendente descoberta da igreja, de que o Evangelho é tanto para os gentios como para os judeus e a decisão do Concílio de Jerusalém de que os gentios cristãos devem ser aceitos como irmãos sem precisar abandonar suas próprias culturas ou seus costumes. Lucas passa, então, a nos dar uma visão do desestabilizador impacto da mensagem cristã, agora divorciada de suas raízes judaicas, na vastidão do mundo romano – um impacto que, finalmente, levaria a uma condenação oficial da nova fé e de seus adeptos.

Nesse contexto, o registro dos julgamentos de Paulo serve a várias finalidades. Ele acompanha a perplexidade experimentada pelos tribunos da cidade ao administrarem as acusações feitas contra os cristãos (16–19). Ele mostra que, quando examinado pelas mais altas autoridades da província, Paulo foi considerado inocente de qualquer crime. Nesse sentido, Atos faz apologia – uma defesa contra as acusações posteriores de que o cristianismo era um movimento criminoso.

Além disso, o Livro de Atos, como um todo, representa uma afirmação da intenção de Deus de realizar seu propósito através de Cristo. A despeito de qualquer coisa que os governos e os povos possam fazer, a igreja e cada cristão certamente triunfarão.

ESTUDO DA PALAVRA

-

E, agora, eis que, compelido eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer (20.22).

A palavra grega é dedemenos, o particípio perfeito passado do verbo deo, “ligar”, “obrigar moralmente”. O Espírito Santo havia comunicado a vontade de Deus ao apóstolo, com o resultado de que Paulo era agora obrigado a ir a Jerusalém.

Apesar da dor de partir, e da incerteza que encobre o futuro, o apóstolo

permanece firmemente comprometido em fazer a vontade de Deus.

Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios (21.11). Muitos têm especulado que esta e outras mensagens que os profetas entregaram a Paulo sobre a viagem a Jerusalém eram “advertências”. Estes críticos sugeriram que sua determinação de ir a Jerusalém havia sido gerada por algum desejo pessoal, atribuído errônea ou enganosamente ao Espírito Santo. Mas será que isso não seria um aviso ou um sinal da graça de Deus?

No texto de 20.22, acima, Paulo confessa não saber o que poderia lhe acontecer em Jerusalém. Como é terrível sentir alguma incerteza! Como deve ter sido frustrante para o apóstolo experimentar a hostilidade de seu povo, sem saber se o próximo momento seria o último. Mas, depois veio a palavra da profecia! Paulo encontraria hostilidades, e seria preso. Mas, sobreviveria e seria entregue aos gentios. Dessa forma, finalmente, realizaria sua missão junto àquele mundo.

Uma advertência? Não, uma palavra de graça e um lembrete de que até homens de grande fé, como Paulo, precisam do estímulo do Senhor. Como nós todos também.

Toma estes contigo, e santifica-te com eles, e faze por eles os gastos... e todos ficarão sabendo que nada há daquilo de que foram informados acerca de ti, mas que também tu mesmo andas guardando a lei (21.24). Os comentaristas que criticam Paulo por ter ido a Jerusalém apesar das advertências do Espírito Santo, são os mesmos que tendem a denunciá-lo por sua “hipocrisia”, ao submeter-se aos ritos judaicos de purificação. Eles atribuem as razões mais mesquinhas ao apóstolo e, por fim, o acusam de práticas enganadoras.

Na verdade, tais acusações são injustificadas. O fato é que quando Paulo visitou Jerusalém os tempos estavam difíceis. Muitos estavam até morrendo de fome e o movimento nacionalista, que aproximadamente dentro de uma década levaria à

primeira revolta dos judeus e à destruição do templo, já estava bastante forte. Paulo havia trazido uma grande oferta aos crentes de Jerusalém, uma contribuição das igrejas dos gentios. No entanto, politicamente falando, não era conveniente que a comunidade cristã aceitasse essa oferta identificando-se, assim, com os odiados gentios!

Portanto, os líderes da igreja apresentaram uma sábia sugestão. Paulo submeter-se-ia aos ritos de purificação, obrigatórios a cada peregrino judeu, e pagar a despesa de quatro homens que estavam fazendo um voto nazireu – considerado um ato piedoso para o judaísmo. Isso demonstraria sua solidariedade para com sua própria nação e, talvez, silenciar o falso rumor de estar conclamando seus judeus convertidos a negar sua identidade cultural. Então, a igreja aceitaria a oferta, e assim demonstraria sua solidariedade à igreja mundial que era composta, em sua maioria, por gentios.

O plano mostrava-se aceitável para Paulo, pela simples razão de não envolver nenhum compromisso. Ele nunca havia ensinado “todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei” (21.21). O que Paulo realmente ensinava era que os cristãos de origem gentílica não deveriam negar sua herança cultural e entender que, ao se tornarem “judeus”, tornar-se-iam mais agradáveis a Deus. Para ele, a cultura de uma pessoa, excetuando o folclore e as questões religiosas, era irrelevante e o compromisso com Deus poderia e deveria ser expresso dentro do contexto oferecido por sua própria sociedade.

O próprio Paulo era um homem de duas culturas. Dessa forma, como a cultura é irrelevante ao relacionamento com Deus, Paulo vivia livremente como um gentio entre os gentios e como judeu entre os judeus. Sem qualquer hesitação, Paulo aceitou a sugestão, de acordo com um princípio que ele mesmo havia estabelecido:

E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns. E eu faço isso por

causa do evangelho, para ser também participante dele (1 Co 9.20-23).

Devemos nos assegurar – ao criticarmos os outros ou quando limitamos nossa liberdade de ação baseando-nos na percepção do que é certo ou errado – que nosso raciocínio não seja tão superficial como o daqueles críticos que condenaram Paulo.

E ouviram-no até esta palavra e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva! (22.22). A multidão ouviu tranqüilamente quando Paulo descreveu sua conversão, dizendo que ouviu a voz de Jesus. Mas, quando falou a palavra “gentios” todos explodiram em um acesso de fúria. Não precisamos ter mais provas do extremado nacionalismo que prevalecia naqueles dias, ou da sabedoria dos líderes da igreja que pediram a Paulo para demonstrar seu respeito pelas tradições judaicas submetendo-se ao ritual da purificação.

E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? (22.27). Para nós, é muito estranho que uma autoridade perguntasse a Paulo simplesmente se ele era realmente um cidadão e depois aceitasse a palavra de uma pessoa acusada de fomentar uma rebelião. Mas no primeiro século ninguém carregava passaportes, título de eleitor ou documento de identidade. Naquela época a cidadania era uma raridade e o diploma civitatis Romanae, concedido a pessoas recentemente promovidas por causa de algum serviço ou elevado padrão social, era mantido nos arquivos familiares. O nome do novo cidadão era registrado em Roma, e ele era relacionado como cidadão no respectivo registro municipal. Mas os cidadãos romanos não carregavam qualquer identificação quando viajavam, nem usavam qualquer vestuário que os distinguisse dos demais.

O fato é que, no primeiro século, uma simples declaração verbal de cidadania era aceita por seu valor de face. Talvez a razão disso não seja tão difícil de entender, se, examinando a legislação romana, descobrirmos que uma pessoa que declarasse uma falsa cidadania ou falsificasse documentos era condenada à morte.

No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado (23.6). Aqui, novamente, Paulo foi acusado pelos críticos de falsidade e mentira. Se as palavras de Paulo eram o resultado de uma conspiração, elas certamente teriam tido sucesso, pois os setenta e um homens presentes no tribunal dividiram-se em duas facções, com os fariseus defendendo Paulo, enquanto os saduceus o atacavam.

Não temos a intenção de censurar as falhas humanas de qualquer grande homem da história da fé, e também não desejamos imputar defeitos dos quais eles são inocentes. Como princípio geral, será melhor aceitar uma interpretação que considera qualquer ato sob um aspecto positivo, a não ser que alguma coisa no texto deixe bem claro que esse ato era realmente errado ou erroneamente motivado.

Nesse caso, precisamos entender que Paulo falava e pensava na ressurreição dentro de uma estrutura que se originou da ressurreição de Cristo dentre os mortos. Em um sentido bastante realista, todo o Evangelho cristão está fundamentado na ressurreição – de Cristo e nossa. Como Paulo escreveu anteriormente aos coríntios: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã nossa pregação, e também é vã a vossa fé”... e “se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (15.14, 17).

A legitimidade de todo ministério de Paulo, assim como seu entendimento do AT e sua esperança futura, giravam em torno da ressurreição de Jesus.

Portanto, a afirmação de Paulo: “no tocante à esperança e à ressurreição sou julgado”, era totalmente verdadeira e, de uma forma bastante distinta, tinha como alvo a questão que agora estava sendo enfrentada não só pelo povo judeu, mas por todo o mundo romano.

O texto nos diz que “havendo dito isso” (23.7) os fariseus e saduceus entraram em uma violenta discussão, pois as duas facções divergiam teologicamente. Talvez a tragédia deva-se ao fato de o Sinédrio ter retornado à sua antiga e cáustica discussão teológica, ao invés de tratar da verdadeira questão colocada pela afirmação de Paulo – “Cristo ressuscitou para que tenhamos esperança?”

Quantas vezes vemos isso acontecer em nossas tentativas de testemunhar. Colocamos a questão – Cristo. E, a pessoa com que falamos rapidamente, muda de assunto, e apresenta uma outra questão teológica segura, que podemos debater sem necessidade (geralmente presente) de qualquer confronto com o evangelho. Não é necessário discutir, mas fazer uma escolha decisiva, pessoal, e que venha a moldar a vida da pessoa.

Conjuramo-nos, sob pena de maldição, a nada provarmos até que matemos a Paulo (23.14). Números 30.2 declara: “Quando um homem fizer voto ao Senhor ou fizer juramento, ligando sua alma com obrigação, não violará sua palavra; segundo tudo o que saiu de sua boca, fará”. Mas não suponha que os 40 homens que juraram perante o sumo sacerdote que matariam Paulo chegaram a morrer de fome!

A edição Reference Guide to the Steinsaltz do Talmude (Random House, 1989) descreve um halakic (interpretação e aplicação) do conceito chamado se‘elat lehakam, “pedido [feito] a um sábio”. Essa obra explica: “Se uma pessoa fizer uma promessa, ou um voto, ou se consagrar adequadamente, e depois se arrepender do que fez, poderá procurar um sábio e lhe pedir para desobrigá-la de seu voto” (p. 259).

O Talmude de Jerusalém (Avod. Sar.40a) dá exemplo desse princípio com o seguinte texto, que tem uma notável semelhança com a história de Lucas: “Se um homem fizer o voto de se abster de alimentos, ele será maldito, se comer; e, maldito, se não comer! Se comer, pecará contra seu voto; se não comer, pecará contra sua vida. Então, o que deverá fazer? Deverá ir aos sábios, e eles o absolverão de seu voto.

Não existe dúvida de que, a despeito daquilo que Números estivesse ordenando, os desventurados 40 assassinos correram para um dos rabinos, assim que Paulo foi escoltado para Cesaréia, a fim de implorar a dispensa de seu voto.

E escreveu uma carta que continha isto (23.25). O texto grego diz echousan ton tupon touton, ou “com esse padrão”. Lucas não está afirmando ter visto uma

cópia da carta enviada, mas deixa claro que aquilo que está relatando é o sentido desta carta.

Apelo para César! (25.11). Os cidadãos romanos tinham o direito de apelar ao imperador (provocatio ad Caesarem). Durante o primeiro século este direito só podia ser exercido pelos cidadãos romanos que viviam fora da Itália quando o caso era extra ordinem, isto é, estivessem além da competência do governador provincial e, particularmente, quando existia a possibilidade da pena de morte.

Posteriormente esse direito, assim como a cidadania, foi amplamente estendido.

Disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar! (26.24). A noção da ressurreição era estranha tanto ao romano de senso prático, como Festo, quanto aos saduceus. Festo concluiu que a intensa concentração espiritual de Paulo nas tradições o havia enlouquecido (mainomai, “louco”). Em essência, a acusação de Festo era que Paulo estava sendo totalmente insano, pois havia se concentrado em uma religião que não tinha nenhum sentido.

A resposta de Paulo foi que sua posição e suas palavras eram aletheias kai sophrosynes (26.25), isto é, verdadeiras e razoáveis. Essas palavras significam “em harmonia com a realidade” e “racional, sóbrio”. Tudo que Paulo afirma pode ser provado para satisfação daqueles que têm uma mente saudável.

Públio, o principal da ilha (28.7). As inscrições latinas dessa época nos dizem que no primeiro século o governador romano de Malta era chamado de “o principal da ilha”. Aqui, como em toda parte do livro de Atos, o texto demonstra um conhecimento preciso e direto dos lugares e acontecimentos relatados nesse documento histórico altamente confiável.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Anteriormente, Lucas nos apresentou quadros bastante reveladores da reação das várias cidades do império ao evangelho e seus mensageiros. Nesses capítulos, que descrevem a viagem de Paulo de volta a Jerusalém, sua prisão em Cesaréia, e sua ida a Roma para ser julgado, Lucas nos apresenta várias personalidades fascinantes do primeiro século. Se o retrato que fez de Éfeso, a cidade templo, corrompida pela prática do ocultismo, nos lembra que a sociedade precisa de uma renovação espiritual, o pouco conhecimento sobre os principais indivíduos que ele nos apresenta lembra a necessidade pessoal que cada ser humano tem de receber a salvação e o perdão dos pecados.

O sumo sacerdote Ananias (23.2). Ananias, filho de Nedabeu, foi sumo sacerdote de 48 a 58 ou 59 d.C. Embora fosse muito rico, era conhecido por sua ganância, e não hesitava em usar violência e morte para alcançar seus fins. Josefo diz que seus servos iam ao local de debulha e exigiam os dízimos que deveriam ser entregues aos sacerdotes comuns. É interessante verificar que o Talmude (Pesahim 57a) contém uma paródia do Salmo 24.7 que ridiculariza Ananias por causa de sua ganância:

“Levantai suas cabeças, ó portais, para que Yohanan ben Narbai, o discípulo de Pinqai (iguaria feita de carne) possa entrar e encher o ventre com os sacrifícios divinos”.

Como a maioria dos homens ricos, Ananias demonstrava um forte posicionamento a favor dos romanos. Essa posição, juntamente com seu cruel caráter e avareza, tornavam-no extremamente impopular com o povo que estava tornando-se cada vez mais nacionalista. Quando rompeu a rebelião contra Roma, no ano 66 d.C., a multidão arrastou Ananias de seu esconderijo e o executou.

Em Atos 23 vemos Ananias agindo conforme seu caráter – transgredindo a lei, mandou ferir Paulo. A resposta de Paulo foi profética e imediata: “Deus te ferirá, parede branqueada! Tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei e, contra a lei, me mandas ferir?”

O Governador Félix (Atos 24). Se aceitarmos as palavras de Tértulo, o orador profissional empregado pelos líderes judeus para enfatizar suas queixas contra Paulo, concluiremos que Félix era um homem admirável. Afinal de contas, de acordo com Tértulo,

“Visto como, por ti, temos tanta paz, e, por tua prudência, se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer” (24.2,3).

De fato, essa lisonja estava muito longe da verdade. Antonias Félix havia nascido como escravo no lar de Antônia, mãe do imperador Cláudio, que o nomeou governador da Judéia no ano 48 d.C., embora, tradicionalmente, este posto fosse reservado aos romanos que tinham, pelo menos, a categoria de cavaleiro. De acordo com Josefo, o período em que ocupou este posto foi caracterizado por inúmeras revoltas e insurreições. Ele as derrotou com absoluta crueldade; o historiador romano Tácito lhe dava o nome de “mestre da crueldade e da luxúria que exerceu o poder de um rei com o espírito de um escravo”.

É interessante que este homem ávido e cruel tenha se casado com três esposas, sendo cada uma delas uma princesa. A última foi Drusila, filha caçula do rei Agripa I, que abandonou o marido para ficar com Félix.

Certamente o judeu comum teria ficado atônito ao ouvir as palavras de Tértulo sobre esse homem que foi notório por sua ferocidade e brutalidade. Período de paz? Reformas? Um governante que conquistou a gratidão dos governados? Claro que não podia ser Félix, cujo período de governo desde o ano 52 a 59 d.C. foi suficiente para revelar como o coração humano pode ser terrivelmente corrupto e degenerado. O abuso de sua autoridade deixa bem claro o quanto ele necessitava do evangelho e da transformação interior que é dada por Cristo a todos aqueles que crêem.

Drusila (24.24). Drusila era a terceira esposa de Félix, como mencionamos acima, e filha de Herodes Agripa I. Ainda adolescente, casou-se com Azizo, governador de Emesa, que se converteu ao judaísmo a fim de conquistá-la. Porém, a beleza de Drusila atraiu Félix, da mesma forma que sua depravação a deixava fascinada. Assim, abandonou o marido e se tornou esposa de um pagão. Sua decisão pode ter sido motivada pelo desejo de poder e de ascensão social, enquanto Félix havia sido motivado pelo amor.

O texto nos conta que, inicialmente, tanto Félix como Drusila mandaram chamar Paulo e ouviram suas palavras a respeito "da justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro" (24.24). Essa mensagem, dirigida diretamente ao estilo de vida do casal, deve ter sido especialmente indigesta para Drusila. Embora Félix tenha falado "muitas vezes" com o apóstolo nos dois anos seguintes (24.26,27) não há nenhuma menção de Drusila ter ouvido novamente o apóstolo.

O que aconteceu a Félix e Drusila depois que Nero chamou o governador a Roma? Não sabemos, pois eles simplesmente desapareceram da história.

Festo (25.1-12). Nada sabemos sobre Festo antes de sua nomeação para governador da Judéia no ano 59 d.C. Ele recebeu como herança uma terra perturbada e hostil, com profundos problemas que haviam se exacerbado durante o cruel governo de Félix. A impressão deixada por Lucas é que se trata de uma pessoa com boas intenções, mas insegura em sua luta para entender o difícil povo daquela terra que estava agora sob sua direção. A história nos conta pouco sobre a espécie de governante que se tornou, pois quando morreu, no ano 62 d.C., ele ainda ocupava este posto.

O Rei Agripa (25.13). O nome completo desse rei era Marco Júlio Agripa II, e era bisneto de Herodes o Grande. Foi criado em Roma, assim como seu pai, mas tinha apenas 17 anos, quando seu pai morreu no ano 44 d.C. (veja o Estudo da Palavra de Atos 12.1). Seis anos mais tarde, depois da morte de um tio, o imperador Cláudio nomeou Agripa como rei de Cálcis. No ano 53 d.C., seu

pequeno reino foi trocado por terras mais extensas ao norte da Judéia, que mais tarde foram ampliadas por Nero no ano 56 d.C. Embora governasse terras ocupadas principalmente por judeus, Agripa lutou para evitar a rebelião do ano 66 d.C., que culminou com a destruição de Jerusalém e de seu templo. Durante a guerra, Agripa permaneceu definitivamente ao lado de Roma e, depois que a rebelião foi dominada, foi recompensado por Vespasiano com as terras que antes governava, mais o acréscimo de novos territórios. A história não registra nenhum descendente de Agripa e, com sua morte, a linhagem de Herodes desapareceu.

Talvez em Atos 26.25-32, se encontre o retrato mais revelador da história sobre Agripa. Festo interrompe a apresentação de Paulo sobre Cristo com uma exclamação: “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar! Paulo responde: “Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um são juízo”. Depois, olhando para Festo ele diz: “Porque o rei... sabe estas coisas” (26.26). E, com uma pequena frase, leva todos os olhares a se voltarem para Agripa: “Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês” (26.27).

Podemos quase sentir a tensão provocada por esta afirmação. Todos voltam seu olhar ao rei. Festo estava incrédulo, outros talvez chocados, esperando o que o rei diria. Faz-se uma pausa enquanto Agripa luta para encontrar uma resposta. Ele realmente acredita nos profetas. O Talmude (b. Pesahim 88b) mostra que sua mãe estava profundamente interessada na religião judaica e os romanos consideravam Agripa um especialista dessa obscura fé. Mesmo assim, como podia admitir que estava dando algum crédito a uma doutrina que o imperador romano havia acabado de classificar como insana? Então, ele deixa escapar palavras que a versão KJV, como consta terrivelmente, revela: “Quase me persuadistes a que me faça cristão!” (26.27). A NVI diz claramente: “Você pensa que assim, em tão pouco tempo, pode me persuadir a me tornar cristão?”

O gracejo é sem lógica alguma, mas suficiente. Ao ver a escolha de Agripa, Paulo diz: “Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tal qual eu sou”. Depois, levantando as mãos e olhando seus grilhões, completa ironicamente, “exceto estas cadeias”. Sua resposta alivia a tensão do ambiente, e os homens e mulheres importantes do séqüito do rei começam a abandonar a sala.

Na saída, Agripa diz a Festo: “Bem podia soltar-se este homem, se não houvesse apelado para César” (26.32).

Na verdade, tanto Agripa quanto Festo sabiam muito bem que o governador tinha autoridade para libertar Paulo depois de seu apelo. Só não tinha para condená-lo. Mas, com sua resposta, Agripa estava dando tácita aprovação a um curso politicamente correto. Não haveria lucro para Festo em libertar Paulo logo no início de seu governo, indispondo o povo que governaria. Enviar Paulo a Roma! Lá ele deixaria de ser um problema para Festo e não desafiaria mais Agripa a tomar uma decisão que o rei queria, desesperadamente, adiar.

Como era grande a necessidade de Agripa. Das respostas de Paulo podemos concluir que ele sabia que as assertivas sobre Cristo eram tanto “verdade quanto juízo”. No entanto, considerava que a aprovação de Festo era mais importante do que a aprovação de Deus. Embora fosse rei, ele também era um homem fraco e relutante em defender a verdade. Por causa de sua fraqueza estava ansioso para se livrar do homem que havia exposto seus defeitos, a si mesmo e ao mundo.

Berenice (25.23). Poderíamos hoje chamá-la de Berenice Verônica, seu nome em latim. No primeiro século, era chamada por muitos nomes.

Berenice era irmã de Agripa e um ano mais jovem que ele. Acabara de se casar com seu tio Herodes de Cálcis e, quando este morreu, passou a viver com o irmão dele. Tanto o escritor romano Juvenal quanto o escritor judeu Josefo relatam insistentes boatos de que Berenice e Agripa matinham um relacionamento incestuoso. Aparentemente, seu breve casamento com o rei Polemo da Cilícia, no ano 63 d.C., era uma tentativa de acabar com esses boatos. Mas, depois de três anos, ela retornou ao seu irmão. Depois da guerra, Berenice tornou-se amante de Tito, comandante do exército que mais tarde se tornaria imperador. Ela acompanhou Tito até Roma no ano 75 d.C., mas, a opinião pública obrigou-os a terminar esse relacionamento e Berenice foi obrigada a deixar a cidade. Ela correu para Roma, quando Tito tornou-se imperador no ano 79 d.C., mas ele foi novamente obrigado a ignorá-la. Depois disso, Berenice retornou à Palestina.

A vida nômade de Berenice sugere a procura de uma satisfação que ela nunca foi capaz de encontrar. Não era apenas o homem comum do primeiro século que tinha uma “vida de desespero”. Se eliminarmos os palácios, as jóias, a pompa e os ricos vestuários, perceberemos que as maravilhosas pessoas da história eram tão vazias e frágeis quanto o resto do povo. Elas procuram no meio dos tesouros do mundo, mas nada encontram que possa dar um significado à sua vida, ou algum valor que estivesse divorciado das posses materiais. Berenice nos lembra de como todo ser humano precisa olhar para além daquilo que esse mundo pode oferecer, para encontrar a verdadeira satisfação em um relacionamento pessoal com Deus.

Resumo. Seria errado sugerir que não havia homens e mulheres bons e sensíveis no primeiro século. A correspondência entre Plínio e Trajano (veja o Estudo da Palavra de Atos 17.7) sugere que havia, em muitas pessoas, uma disposição humana moderada, e até admirável, que caracterizava pelo menos algumas pessoas poderosas do mundo pagão. No entanto, até mesmo os “bons” estavam longe da justiça divina, precisando do Salvador tanto quanto os ímpios.

EXPOSIÇÃO

-

O Livro de Romanos tem sido justamente chamado de o maior tratado teológico do cristianismo. Paulo, apresentado em Atos como o protótipo do missionário, aqui se revela também como eminente teólogo.

Um segundo papel foi atribuído ao grande apóstolo. À medida que o evangelho propagava-se, a estrutura da igreja passou rapidamente de comunidade predominantemente judaica a outro tipo de comunidade, onde os gentios predominavam. Com esta mudança surgiram sérios problemas. Como o Deus, que havia escolhido o povo judeu, podia agora receber os gentios pagãos? Como Ele, que revelou sua lei através de Moisés, poderia construir uma comunidade em que a Lei não mais serviria como o fundamento da vida comunitária? Será que a suposta oferta de Deus de uma salvação "pela fé" àqueles que estavam fora de seu antigo pacto com Israel não implicaria, pelo menos, uma inconsistência e, o que é

pior, uma negação de sua própria Palavra? Forçado a discutir questões como essas em suas viagens missionárias, Paulo apoiou-se em seu conhecimento do AT, e o Espírito Santo o conduziu a uma inspiração reveladora do propósito de Deus, e providenciou a resposta definitiva do cristianismo.

Em sua forma mais simples, a resposta é essa: Os seres humanos devem ser justos para que possam ter comunhão com o Deus Santo. Todavia, nem o judeu nem o gentio são justos. Portanto, Deus agiu através de Cristo para oferecer justiça como uma dádiva que ambos devem receber pela fé.

Embora a resposta seja simples, ela tem múltiplas implicações. Em Romanos, Paulo começou a descrever o impacto dessa justiça "pela fé" sobre a nova comunidade da fé. Seu desenvolvimento dessas implicações está descrito nas páginas seguintes. Os três primeiros capítulos de Romanos introduzem o argumento de Paulo e estabelecem um ponto crítico. Tanto judeus como gentios são desprovidos de justiça. Portanto, são objetos da ira de Deus.

O Livro de Romanos inicia-se com saudações de Paulo, apóstolo de Jesus, o Filho de Deus, aos santos de Roma (1.1-17). Depois de expressar seu desejo de encontrar os crentes daquela cidade que nunca havia

visitado, Paulo declara seu tema: Deus revelou no evangelho uma justiça que vem “de Deus”, uma justiça que é “de fé em fé” (1.16,17). Em seguida, inicia seu argumento. A corrupção da humanidade demonstra sua falta de justiça e a ira de Deus (1.18-32). Isso é especialmente verdadeiro em se tratando tanto dos gentios (2.1-16) quanto dos judeus (2.17-29); uma realidade estabelecida pela clara afirmação das Escrituras de que “não há um justo, nem um sequer” (3.1-18). É irrelevante discutir se o conhecimento moral origina-se daquilo que Deus plantou na natureza humana, ou daquilo que Ele revelou na Lei de Moisés. Qualquer lei, natural ou revelada, estabelece padrões que os homens devem obedecer, mas, pela qual nenhum ser humano vive! Dessa forma, tudo o que qualquer padrão de justiça pode fazer é condenar aquele que o afirma, tornando a pessoa consciente do pecado e considerada responsável perante Deus (3.19,20).

A conclusão de que “todos pecaram” se parece muito com o veludo negro onde foi colocado um magnífico brilhante para permitir que todo o seu esplendor seja plenamente apreciado. Contra a obscura ameaça da impotência humana, Paulo exibe a adornada peça central da graça de Deus. No entanto, através de Jesus Cristo, Deus revelou sua ira contra o pecado.

Entretanto, em surpreendente contradição, a chama da ira contra o pecado que brilhava tão intensamente no Calvário, transformou o próprio ato de juízo. Jesus, o Filho de Deus, ascendeu triunfante das cinzas, para se tornar o canal através do qual a graça e a redenção de Deus fluem para todos aqueles que o buscam com uma simples fé (3.21-31). Em Cristo, as más notícias transformam-se no maravilhoso evangelho; a acusação de que todos pecaram é transformada em uma mensagem de esperança. Pois, somente aqueles que reconhecem o pecado, e abandonam qualquer esforço para se justificar, é que olharão para Jesus como sua única esperança, e encontrarão nele o dom da justiça que Deus oferece de graça a todos aqueles que estão dispostos a crer.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Romanos

-

Romanos. Esse livro recebeu o nome dos cidadãos da cidade à qual foi enviado. Inicialmente, Roma tinha uma grande comunidade de judeus. Na era de Augusto, eles eram aproximadamente 40.000 pessoas, ou 5% da população. Suetônio

relata que no reinado de Cláudio irrompiam várias rebeliões entre os judeus, “instigadas” por um certo “Cresto”. Os estudiosos discutem se isso ocorreu no ano 41, 46 ou 49 d.C., mas a maioria entende que a causa mais provável era uma disputa dentro da comunidade judaica entre tradicionalistas e seguidores de Cristo.

Como resultado destas rebeliões, o imperador exilou certo número de líderes dos dois grupos (incluindo, provavelmente, Áqüila e Priscila: Atos 18.2 e Romanos 16.3) e fechou as sinagogas. Não há dúvida de que essa medida estimulou uma aguda separação entre a igreja romana e a comunidade judaica. No entanto, quando Cláudio morreu, em 54 d.C., os judeus exilados tiveram permissão de voltar. Dessa forma, quando Paulo escreveu essa carta aos romanos, provavelmente no ano 57 d.C., muitos dos exilados judeus e cristãos já haviam voltado e se reinstalado na capital do império.

Não seria de admirar, embora a comunidade judaica e as igrejas cristãs fossem visivelmente distintas, se as questões levantadas nos antigos debates continuassem a perseguir judeus e cristãos de origem gentílica. Para responder a estas questões não havia ninguém mais qualificado que Paulo, o fariseu, que também era cidadão romano; homem de duas culturas, compreendido nos dois mundos, judeu e gentílico.

Paulo, servo de Jesus Cristo (1.1). Aqui, a palavra grega para servo é doulos, “escravo”. Na cultura helênica, ser escravo era considerado uma vergonha. No entanto, a intenção de Paulo é deixar bem clara sua identidade. Ele é escravo de Cristo, preso à vontade de Jesus e não à sua própria vontade. Foi Jesus quem o convocou ao apostolado e o escolheu (aphorismenos: consagrou, comissionou) para o evangelho. Paulo escreve como representante de Cristo, para servir aos propósitos de Jesus e não aos seus.

Como deve ser especial poder dizer, “Sou doulos de Cristo Jesus”, saber que para mim sua vontade é mais importante do que a minha própria vontade. Nunca haverá outro apóstolo Paulo, mas o mais humilde dos cristãos pode afirmar junto com ele: “Sou doulos de Jesus Cristo”. Você pode dizer isso, e eu também, desde que seja sincero e o pratiquemos em nossa vida.

Jesus Cristo, nosso Senhor (1.3,4). Paulo já estabeleceu sua identidade, agora estabelece a identidade daquele de quem ele é doulos. A humanidade de Jesus pode ser demonstrada através de Davi. Mas, Ele é conclusivamente Deus, "declarado em poder" (1.4) para ser o Filho de Deus por Sua ressurreição. A frase está assim escrita: "oristhentos uiou theou en dunamei". A primeira palavra é entendida como "designado oficialmente". Embora o filho mais velho de um rei humano seja, de fato, seu herdeiro, em quase toda sociedade existe uma cerimônia na qual ele é oficialmente designado como sucessor de seu pai. Jesus não se tornou Filho de Deus em virtude da ressurreição. Na verdade, esse ato de inimaginável poder foi o anúncio público e oficial, da parte de Deus, da posição que Jesus sempre ocupou em virtude de sua eterna Filiação.

Não devemos entender o livro de Romanos como forma de transformar um simples ser humano em Deus. Paulo fala como apóstolo, como mensageiro de Jesus, o Filho de Deus. Romanos, como o restante do NT, é a Palavra inspirada de Deus.

A todos que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos (1.7). Em grego, a frase é kletois hagiois e pode ser traduzida como "chamados santos". Conhecemos a identidade de Paulo e a identidade de Jesus. Quem seriam os destinatários dessa carta? Paulo diz que eles são os "chamados santos" de Deus – aqueles que são santos em virtude de terem sido chamados.

A palavra "santos" tem profundas raízes no AT como termo cujo sentido é "ter sido separado para uso exclusivo de Deus". Assim como os objetos usados no serviço do templo não poderiam ser utilizados para fins comuns ou impuros, da mesma forma, Deus separou, através do evangelho, aqueles que Ele chamou para si e para seu serviço.

Isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, tanto

vossa como minha (1.12). Paulo está ansioso para ministrar a estes crentes de Roma (1.11). Mas, seu entusiasmo quase o abandona. Ele tem muito com que contribuir. Porém, quase negou implicitamente a verdade que desenvolveria mais tarde; os cristãos são interdependentes. Como é abençoada a congregação onde o pastor é tão sensível quanto o apóstolo Paulo em relação ao maior perigo da liderança: o orgulho que faz com que o líder pense que pode instruir, mas não precisa aprender com os outros; que faz com que ele ouça, porém nunca compartilhe; que faz com que ele oriente seus congregados, mas nunca procure seu conselho.

Não me envergonho do Evangelho de Cristo (1.16). No NT a palavra “vergonha” (epaischunomai) representa a desgraça de uma pessoa quando os acontecimentos mostram que ela confiou em algo vazio, ou de nenhum valor. Paulo está convencido de que a confiança em Cristo não é em vão, e apostou toda a sua vida na veracidade do evangelho.

Talvez, o mais importante seja que Deus não terá motivos para se envergonhar de nós, se também vivermos e agirmos como aqueles que são “chamados santos” de Deus, com a convicção de que Cristo é real.

Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (1.16). O termo grego para a palavra poder é dunamis. Ele não é, como alguns acreditam, uma força explosiva (dinamite) de Deus, mas uma inextinguível energia que permite que Ele faça uma transformação interior nos seres humanos.

O conceito subjacente da “salvação” mantém nossa atenção focalizada em nosso interior. No AT, a “salvação” era principalmente a libertação dos inimigos estrangeiros; mas no NT ela representa principalmente a libertação do poder corruptor do pecado, e o temor de suas eternas conseqüências. Paulo talvez esteja esperando aqui que seus leitores também pensem no uso cotidiano dessa palavra no primeiro século, onde soteria significava “saúde, segurança, preservação”. O evangelho é o poder de Deus – poder que é transmitido a todos os que crêem, para nos livrar das trágicas conseqüências de nosso pecado, e nos tornar espiritualmente sadios para sempre.

Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé (1.17; Hc 2.24). Veja o artigo abaixo para uma discussão sobre a natureza da justiça. É importante notar que, na afirmação contida nesse tema, Paulo lança mão do AT para estabelecer a ligação essencial entre a justiça e a fé.

Na comunidade judaica, muitos usaram esse versículo de Habacuque para ensinar que o homem justo vive por sua fé na (ou fidelidade à) Lei de Moisés. Paulo, entretanto, está prestes a mostrar o que esse versículo do AT realmente significa, ao ensinar que o homem justo é aquele que vive por sua confiança em Deus.

JUSTIÇA

As palavras hebraicas traduzidas como “justo” e “justiça” foram construídas sobre a raiz SDQ. Cada uma delas reflete a convicção de que as pessoas são justas quando seus atos estão de acordo com um padrão já estabelecido, e pressupõem que este padrão é a vontade de Deus, como está revelado em Sua Lei. No entanto, ao louvar ao Senhor como “Deus de justiça” (Sl 4.1; Is 45.21), e cujos atos são “sempre justos” (Jr 12.1; Sl 71.24), o AT deixa claro que, além disso, a justiça absoluta pertence somente a Deus. Portanto, o Próprio Deus é o padrão que o homem deve seguir, pois a vontade de Deus expressa seu caráter essencial.

O AT identifica duas maneiras especiais pelas quais Deus revela sua justiça em seus relacionamentos com os seres humanos. Deus odeia o pecado, e seu caráter exigiu que criasse um universo moral e aceitasse o papel de Juiz absoluto. Assim, diz o AT: “Ele mesmo julgará o mundo com justiça” (Sl 9.8; 96.13). Entretanto, o AT também identifica o papel de Deus como Salvador em uma outra expressão de sua justiça (Sl 31.1; Is 45.21). Este conceito, de que a justiça de Deus está expressa nestas duas maneiras aparentemente contraditórias, é básico para o argumento de Paulo em Romanos.

No entanto, o AT também fala sobre o “homem justo”. É fácil comparar um homem com outro e dizer que um é “mais justo” que o outro (1 Sm 24.17). Mas, se o Próprio Deus é a verdadeira medida da justiça, como um ser humano pode ser considerado justo em comparação com Ele? Paulo argumenta que isso é impossível. Embora, em sentido limitado, o indivíduo que vive em conformidade com a Lei de Moisés seja “justo” de acordo com este padrão (Dt 6.25), esta justiça humana não está à altura do favor de Deus (Dt 9.4-6). Somente aquela resposta pessoal de confiança em Sua revelação, que os dois Testamentos conhecem como “fé”, poderá levar qualquer ser humano a uma situação de justiça perante Deus (Gn 15.6).

O que Paulo pretende explicar em Romanos é que a justiça imputada da qual o Antigo Testamento fala, está agora disponível a toda humanidade através da fé em Jesus Cristo. Esta justiça nada deve à Lei (Rm 3–4) e é, antes, oferecida aos pecadores com base na morte substitutiva de Cristo, que só é recebida através da fé (4–5). No entanto, atribuir aos seres humanos uma justiça que não pertence à nossa natureza, não representa uma mera operação de contabilidade cósmica. O Deus que atribui justiça ao crente entra em sua vida! Unido a Jesus, pela obra do Espírito Santo e capacitado pelo mesmo Espírito, o cristão que vive pela fé, e não pela lei, está verdadeiramente capacitado para viver uma vida realmente justa! (capítulos 6–8). Ao final, com a ressurreição, a transformação de Deus será completa e cada indício de pecado será removido. Neste dia glorioso, e por toda a eternidade, “seremos semelhantes a ele [Jesus]; porque assim como é o veremos” (1 Jo 3.2).

Portanto, descobrimos no evangelho a surpreendente extensão do plano de nosso Deus Justo. Em Cristo, Ele se inclinou para levantar a humanidade caída, não apenas do lamaçal do pecado no qual havíamos mergulhado, mas levando-nos cada vez mais alto até que, purificados e transformados, possamos compartilhar plenamente seu caráter moral.

Nessa carta, portanto, qualquer referência de Paulo à “justiça” dos crentes terá uma das seguintes ênfases: Existe uma justiça imputada, creditada em nossa conta com base nas obras de Cristo, que faz com que sejamos pronunciados inocentes no tribunal celestial de Deus. Existe uma justiça ativa, baseada em nossa ligação com o Senhor ressurreto, que passa a fazer parte de nossa vida atual à medida que permanecemos abertos ao Espírito Santo, e que nos permite, aqui e agora, viver uma vida verdadeiramente justa. E ainda existe uma justiça prometida, uma eternidade que Jesus conquistou para nós, durante a qual

seremos finalmente semelhantes ao nosso justo Senhor.

Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou (1.19). Em cada caso, a raiz da palavra é phaner, como distinto termo verbal cristão que afirma a revelação. Como adjetivo, ela descreve o sujeito como “visível, claro, plenamente visto, evidente”. Este versículo afirma mais do que pode parecer. Toda a humanidade recebeu a revelação de Deus em Sua criação, e através dela. Além disso, Deus planejou a humanidade para que essa revelação fosse entendida! O universo é o “transmissor” de Deus (1.20) e cada pessoa na humanidade foi criada com um “rádio” em si mesma, pré-sintonizado na estação de Deus. Ainda assim, nós abaixamos o volume voluntariamente, tentando suprimir a mensagem de Deus, fingindo não reconhecê-lo através da obra de suas mãos. Paulo conclui corretamente que os homens são “inescusáveis” (1.20).

Semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, inflamaram-se em sua sensualidade uns para com os outros (1.27). Nem o AT, nem o NT, reconhecem a homossexualidade como “estilo de vida alternativo”. Em todos os textos bíblicos o homossexual é desnaturado, “indecente” e uma “perversão” da vontade de Deus.

Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem (2.1). A palavra grega é o vocativo ho anthrope. Ela nos diz imediatamente que Paulo usa o estilo da diatribe em Romanos; ele faz uma pausa para se dirigir a um representante que está presente, e que o ouve. Esse ouvinte se colocou à parte do resto da humanidade e zomba da insensatez daqueles que Paulo descreve em 1.18-32.

Mas Paulo encerra o argumento aqui com uma relação de vícios, suficientemente extensa para incluir a todos – até os escrupulosos fariseus! Alguém pode escarnecer da idolatria e rejeitar a homossexualidade, mas ainda estar sob o domínio da ganância, da falsidade, da malícia, da incredulidade, ou da arrogância. E como é fácil, até mesmo para os melhores entre nós, ceder à maledicência, calúnia ou ostentação. O fato é que a descrição de Paulo sobre os

caminhos do pecador é suficientemente ampla para incluir a todos. Como então podemos julgar, nós que fazemos “o mesmo?”

A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção (2.7). Aqui Paulo não está ensinando a salvação pelas obras, mas fazendo contraste entre duas abordagens à religião: aquele que procura a glória e a honra de Deus fazendo persistentemente o bem, e a outra que é essencialmente egoísta e que se afasta rapidamente da verdade para o pecado. É surpreendente como os gentios, tais quais os judeus, entenderiam esse grande cenário que Paulo, intencionalmente, exibe aqui. O judeu poderia reclamar posse exclusiva da Lei, mas não da atitude em relação à religião que Paulo está descrevendo! Mais tarde, Paulo vai deixar claro que somente uma pessoa que vive na plena dependência da fé no Senhor é capaz de ter uma vida de persistente bondade como é exigido pela verdadeira religião.

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei (2.14). Os judeus afirmavam que a posse da Lei de Moisés lhes dava uma vantagem espiritual em relação aos gentios. Mas Paulo está insistindo que Deus deu a todos os seres humanos uma natureza moral e que todos têm padrões sobre o que é certo e errado. Embora as regras específicas possam ser diferentes, as mesmas espécies de coisas são entendidas como questões morais em toda sociedade. Embora o que é considerado sexualmente ilícito possa variar, nenhuma sociedade admite que um homem tenha a mulher que quiser, a hora que quiser. Embora as regras possam ser diferentes, toda sociedade identifica algumas áreas nas quais as pessoas gozam de direitos pessoais e de responsabilidades sociais. Dessa forma, o fato dos gentios agirem, “naturalmente”, conforme padrões estabelecidos nas mesmas áreas regulamentadas por Moisés, prova que os não judeus não foram deixados sem lei!

Paulo, então, continua a observar que isso não é uma vantagem, de forma alguma. Por que? Nenhuma pessoa, em nenhuma sociedade, viveu sempre plenamente de acordo com seus próprios padrões! O que a lei natural faz, assim

como a Lei de Moisés, é tornar os seres humanos vulneráveis ao julgamento! (2.12). Como a consciência exige que a pessoa viva de acordo com os padrões que aceitou, e a condena quando deixa de cumpri-los, as leis são a testemunha da incapacidade de cada um de viver essa vida de fazer persistentemente o bem, que é a única maneira de agradar a Deus.

E confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas (2.19). A base do orgulho religioso dos judeus era a convicção de que foram escolhidos por Deus para receber sua lei. Isso os tornava superiores a todos os outros povos – uma convicção que, ao final, Paulo mostra ser estímulo ao orgulho e à jactância, que eram ridículos em vista (1) do fato dos gentios também terem a luz (veja 2.14 acima), (2) do fato dos judeus transgredirem sua lei, da mesma forma que os gentios transgrediam seus padrões (2.21-24), e (3) do fato de que a lei foi transmitida para ser obedecida, e não para ser "possuída".

Podemos encontrar exemplos modernos dessa atitude bem intencionada, mas de extrema superioridade, que Paulo está criticando. Em sua obra Studies in Jewish Law, Custom and Folklore (KTAV Publishing, 1970), Jacob Z. Lauterbach escreve:

Assim, a própria doutrina da escolha de Israel (por Deus), longe de tornar o judeu reservado e inamistoso para com os outros povos, transformou-o em universalista, tolerante, receptivo e amigo em relação a eles. Pois, se cabe a ele ajudar na educação dos filhos menores do Pai Celestial, ele só será bem sucedido através de dedicada bondade e de compassivo entendimento dos filhos menores, e não por uma atitude dominadora e antipática. Pois "uma pessoa impaciente e de mau humor não pode ser o melhor dos mestres".

E, de acordo com essa mesma doutrina da escolha de Israel, sua relação com outras nações é precisamente a relação de um mestre com seus alunos. Não pode existir inimizade ou má vontade, especialmente quando o mestre se incumbe de ensinar voluntariamente e sem remuneração. Naturalmente, até esse mestre pode

ocasionalmente ficar um pouco impaciente com seus alunos. Às vezes, ele pode ser provocado até mesmo a uma justa e irada indignação pela indiferença e falta de reconhecimento demonstrados por alguns alunos, ou pelo mau comportamento ou má conduta de outros... No entanto, ele não abandona sua função. Ele sabe muito bem que só alcançou essa posição por ter recebido a preciosa doutrina que seus grandes mestres lhe transmitiram, e por ter se exercitado assiduamente para obedecer às instruções e executar as ordens de seu Mestre (pp. 166-67).

Como é difícil convencer um povo – tão confiante que a posse da Lei o havia tornado mestre da humanidade – que, assim como o resto dos seres humanos, eles eram realmente pecadores e precisavam substituir sua confiança na Lei pela simples fé em Jesus Cristo a fim de serem salvos!

Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne (2.28). A palavra grega significa “visivelmente” e ajuda a resumir a crítica de Paulo sobre a religião na qual havia sido treinado. Ela colocava demasiada importância nas aparências, no exterior, no ritual e no físico. Em última análise, o que faz um verdadeiro judeu é uma questão do coração e não da carne, e isso não pode ser medido como os vigilantes judeus mediam a piedade.

Qual é, logo, a vantagem do judeu? (3.1). A expressão grega é to perisson tou Ioudaiou, literalmente “a vantagem do judeu”. Esta é uma questão racial e não individual. A resposta de Paulo é “Muita, em toda maneira!”, pois ao judeu foi confiada a logia de Deus. Esse conceito não se deve tanto às “próprias palavras”, como diz a versão NVI em inglês, mas ao seu uso comum grego no sentido de “declarações inspiradas”, ou “oráculos” de Deus. A nação de Israel foi escolhida e, embora ao longo da história, e também no momento presente, alguns tenham sido “incrédulos” (3.3), Deus é fiel às suas declarações.

Nesse ponto, Paulo passa da abordagem dos judeus ao AT, e das leis que

descrevem o que o homem deve fazer, para o caráter do NT como uma promessa divina com a descrição daquilo que Deus certamente fará. Ele permanece fiel às promessas de seu pacto, uma surpreendente fidelidade em vista da persistente recusa de Israel em lhe responder com confiança.

E, se nossa injustiça for causa da justiça de Deus, que diremos? (3.5) No Kaddish, Israel se rebelou e se recusou a atacar Canaã. Somente dois dessa geração, Josué e Calebe, viveram para entrar na Terra Prometida. No entanto, apesar da futura rebelião do povo de Deus, Ele foi fiel às Suas promessas. A iniqüidade da geração do Êxodo “mostra explicitamente” a justiça de Deus ao manter “mais claramente” as promessas de seu pacto.

Mas isso não é desculpa para os iníquos! Eles não podem dizer: “veja, afinal de contas, o que fizemos realmente glorificou a Deus!” Pecado é pecado, e a condenação de todos aqueles que fazem o mal é bem merecida. E garantida!

Não há um justo, nem um sequer (3.9-18). Paulo havia argumentado que tanto os judeus quanto os gentios haviam pecado, e não alcançaram a glória de Deus. Agora ele prova essa observação citando vários Salmos. Seus leitores judeus poderiam rejeitar seu argumento, mas dificilmente rejeitariam o veredicto das palavras que eles sabem que são palavras de Deus.

Tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus (3.19,20). A palavra hupodikos foi usada no sentido legal de “passível de punição”. A lei moral, na qual esperam o judeu obediente e o gentio de boa moral, provou não ser uma fonte de esperança, e sim o padrão pelo qual foi estabelecido o insucesso deles! Assim, a lei não é marco de estrada nos direcionando à recompensa divina, mas espelho que, quando usado corretamente, nos revela nossos pecados.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Ira de Deus Contra a Humanidade (1.18-32)

Contexto. Muitos cristãos foram interrompidos por desafios à justiça de Deus. “O que dizer daqueles que nunca ouviram? Será justo Deus condenar o pagão que nunca teve a oportunidade de ouvir falar a respeito de Jesus?”

Essa questão não é nova. No mundo da antiguidade, assim como em nosso mundo, a pergunta: “E a respeito daqueles que nunca tiveram a oportunidade de conhecer a Deus?”, foi colocada como uma séria objeção ao cristianismo. Celcus escreveu no segundo século: “Foi somente agora, depois de tanto tempo, que Deus se lembrou de julgar a vida dos homens? Será que antes Ele não se importava? (Cels. 4.7). Porfírio argumentou que o Deus do universo não se revelaria somente a um povo específico e perguntou o que aconteceria aos antigos romanos que nada sabiam a respeito de Jesus, porque haviam vivido antes de sua vinda? O imperador Juliano, o apóstata, zombava de Jesus perguntando por que Deus enviou profetas aos judeus “mas, nenhum profeta para nós, nenhum óleo de unção, nenhum mestre, nenhum arauto para anunciar seu amor pelo homem que, algum dia, embora tarde, poderia nos alcançar também?... Se Ele é o Deus de todos nós, e o Criador de tudo, por que se esqueceu de nós?”

Existe uma resposta a essa pergunta, e ela é encontrada nessa passagem em poderoso argumento desenvolvido pelo apóstolo Paulo.

Interpretação. É importante observar de imediato que nosso texto diz que a ira de Deus está sendo manifestada (1.18). Essa passagem não é, como alguns supõem, uma lista de pecados que merecem julgamento escatológico. Paulo escreve sobre uma ira que “está sendo manifestada” contra uma raça que voluntariamente elimina o que conhece sobre aquele Deus que, desde o início, revelou-se a todos através de sua criação.

Esse pensamento é repetido várias vezes na passagem: “O que de Deus se pode

conhecer neles se manifesta” (1.19); “Porquanto, tendo conhecido a Deus” (1.21); “Mudaram a verdade de Deus em mentira” (1.25); eles “se não importaram de ter conhecimento de Deus” (1.28). Somente os judeus tinham as Sagradas Escrituras. Mas Deus se tornou disponível a todos, falando a todos através de sua criação e, de fato, Ele era conhecido de todos – na medida em que podia ser conhecido através desse canal de revelação.

Entretanto, o que o homem fez com essa revelação foi rejeitá-la, e assim também rejeitou ao Deus que através dela estava se apresentando a eles. Eles suprimiram a verdade. Eles “não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças” (1.21). Acharam que não valia a pena conservar o conhecimento de Deus.

O fracasso do mundo pagão quanto a adorar ao Deus das Escrituras não é culpa de Deus, pois Ele não se afastou. A omissão é deles por não terem respondido positivamente ao Deus que se fez conhecer!

No entanto, o propósito de Paulo aqui não é discutir a justiça de Deus, mas explicar porque, e como a ira contra “toda impiedade e injustiça dos homens” (1.18) está, até agora, sendo revelada pelo céu. A atitude básica do homem em relação a Deus está revelada na supressão e rejeição à bênção de conhecer ao Senhor. Agora, Paulo mostra que a ira de Deus está revelada nos pecados aos quais a humanidade, afastada de Deus, se entregou!

Três vezes, em 1.24, 26 e 28, Paulo diz que Deus “os abandonou” ou “os entregou” (paredoken autos). Aqui, o verbo significa “entregar o controle ou a responsabilidade por”. Como o homem não queria glorificar nem responder a Deus, nem lhe agradecer, Deus o entregou ao controle das “concupiscências de seu coração” (1.24). Como o povo adorava e servia às coisas criadas, Deus o entregou ao controle de suas próprias “paixões infames” (1.26).

Como achavam que não valia a pena conservar o conhecimento de Deus, Ele os entregou ao controle de seu “sentimento perverso” (1.28). Esse ato deliberado de “entregar” é ato de julgamento, que resultou em uma contínua revelação da ira de Deus, desde o céu. Nesse ponto, precisamos insistir que os atos relacionados por Paulo nessa passagem não são apresentados como pecados pelos quais o homem deverá enfrentar um julgamento escatológico. Eles são, em si mesmos, a própria evidência de que a humanidade é o atual objeto da ira de Deus!

As obras de ficção científica da década de 1940 exploravam muitas vezes qual

seria o resultado de uma guerra atômica. Os escritores pareciam fascinados pela idéia de que uma excessiva radiação poderia criar seres mutantes. Livros e até filmes de cinema estavam habitados por seres hostis, feios e malformados, com a face distorcida e membros suplementares, nada mais que bárbaros que lutavam e se alimentavam de suas vítimas. Basta apenas olhar para os malformados mutantes, homens e mulheres, e observar seu comportamento, para entender que a guerra atômica corrompeu a civilização humana.

Este é exatamente o argumento de Paulo aqui! A sociedade que conhecemos está corrompida, e os pecados nela predominam. Os seres humanos são mutantes, homens e mulheres mal formados, com mentes distorcidas, depravadas e paixões infames. A sociedade foi corrompida por toda sorte de "iniqüidades" (1.29) com homens e mulheres "cheios de toda iniqüidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade", que se alimentam de tais pecados ao invés de se amarem uns aos outros. Este pecado que vemos em nós mesmos e à nossa volta é a indiscutível prova de que Deus está até agora castigando uma humanidade que o rejeitou e abandonou.

Aplicação. Hoje em dia raramente podemos assistir o noticiário da TV ou ler um jornal, sem nos depararmos com mais evidências de que os seres humanos de nossa sociedade se encontram sob a ira de Deus. Os mutantes espirituais que habitam nosso pecaminoso planeta esqueceram-se daquilo que a humanidade era antes do pecado de Adão e Eva – e o que ela podia voltar a ser se cada um de nós reorientasse sua vida em direção ao Senhor nosso Deus.

A Justiça Através da Fé (3.21-31).

Contexto. A principal discussão dessa passagem está baseada na palavra grega traduzida pela versão NVI como "sacrifício de expiação" (3.25). Não existe qualquer dúvida na mente do leitor de que esses poderosos versículos apresentam a esperança de uma salvação que é disponível a todos e que foi conquistada para a humanidade através de Jesus Cristo no Calvário: uma salvação que é apropriada pela fé. A questão é: como a morte de Jesus tornou possível que Deus não só absolvesse os pecadores, mas também imputasse uma justiça que é estranha à natureza humana?

A resposta repousa sobre nosso entendimento da palavra grega hilasterion. Será que a expressão "sacrifício de expiação" seria uma tradução satisfatória, ou será que precisamos utilizar versões mais antigas que trazem o termo "propiciação?"

Os tradutores da Septuaginta usaram o verbo hilaskesthai para traduzir a palavra hebraica kipper. C. H. Dodd concluiu que quando o sujeito é humano, ela tem o sentido de fazer expiação (pagamento, satisfação), mas que quando o sujeito é Deus o conceito é simplesmente de perdão. Assim, o versículo estaria apenas afirmando que a morte de Jesus era um sacrifício através do qual Deus oferece a salvação aos crentes pecadores, sem qualquer definição sobre como ou porque este sacrifício foi eficaz.

Mas nem todos estão de acordo. Não há dúvida de que, no primeiro século, o significado comum dessa palavra identificava sacrifício como propiciatório. Isto é, o sacrifício tinha a finalidade de servir como uma oferta para propiciar (agradar, satisfazer) uma divindade irada. No entanto, muitas vezes a Septuaginta usa esta palavra em contextos onde está muito claro que a ira e Deus, em relação ao seu povo pecador, é fator decisivo. Mais importante ainda, todo o fluxo do argumento dessa seção deixa claro que Paulo está escrevendo sobre a ira de Deus que "do céu manifesta-se... sobre toda impiedade e injustiça dos homens" (1.18). A palavra ira (orge) é mencionada quatro vezes (1.18; 2.5,8; 3.5) de forma que deixa claro que o Deus justo não só pretende julgar como já está julgando a humanidade pecadora. Deus não está livre para, "figuradamente", encolher os ombros e dizer "eu perdôo", ignorando o pecado. De alguma forma, a morte de Jesus deve atender aos requisitos da justiça e, dessa forma, desviar a ira de Deus, para que o perdão possa ser derramado. Só poderemos realmente entender o ensino destes versículos se o sacrifício de Jesus for entendido como hilasterion, no sentido clássico de sacrifício propiciatório.

Interpretação. Paulo havia mostrado em Romanos 1–3 que "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". O homem não é justo; portanto, encontra-se sob a ira de Deus. No entanto, através do evangelho Deus oferece "a justiça [que vem] de Deus" (3.22), e que é recebida através da fé em Jesus.

Mas, como pode um Deus, cuja justiça é expressa pelo castigo do pecado, inocentar os pecadores "gratuitamente por sua graça?" (3.24). A reposta de Paulo é que isso é possível porque Jesus ofereceu a redenção, no sentido de que Ele foi apresentado por Deus como sacrifício propiciatório. A morte de Jesus era necessária para que Deus pudesse perdoar, pois a própria natureza de Deus exigia o castigo do pecado. Ao castigar o pecado em Jesus, como nosso substituto, Deus demonstrou sua justiça.

De repente, o mistério de como Deus poderia agir em harmonia com seu próprio

caráter de justiça, e ainda perdoar os santos do AT, está desvendado. Desde a eternidade, Deus pretendia confirmar os requisitos da lei moral, tanto da natural quanto da revelada, pelos quais cabia ao Criador a obrigação de punir o pecado. Ele tomou esta punição sobre Si Mesmo na Pessoa do Filho.

Nesse ato, Deus tornou-se totalmente livre para estender sua graça à humanidade e oferecer o perdão que nada tem a ver com a lei, mas que foi simplesmente apropriado pela confiança na promessa daquele que apresenta seu Filho como objeto de nossa fé, assim como a base de nossa salvação.

Aplicação. Devemos nos lembrar de que a morte de Cristo não foi simples gesto da parte de Deus. Não foi, como dizem alguns, apenas a forma de mostrar seu amor. A morte que Jesus morreu não deve ser considerada como algo trivial. Foi uma morte preciosa, na qual o Filho tomou nossos pecados sobre Si e experimentou todo o peso da ira do Pai contra a iniqüidade. Somente esta espécie de morte poderia ter atendido as exigências que a natureza de Deus impôs sobre Jesus. Somente esta espécie de morte poderia conquistar para nós a liberdade que agora gozamos com Ele.

A Justificação pela Fé

EXPOSIÇÃO

-

Paulo mostrou que todas as pessoas encontram-se condenadas por Deus, sem nenhuma justiça própria (capítulos 1–2). No entanto, como a história registra, por que alguns homens e mulheres da antiguidade estavam tão próximos a Deus? A resposta de Paulo é: Somente porque "o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (3.28).

Como prova, Paulo mostra o exemplo de Abraão. Os sábios judeus contemporâneos sugeriram muitas vezes que foi a obediência de Abraão que levou Deus a abençoá-lo e conceder-lhe o relacionamento de um pacto. Mas as Escrituras dizem que Abraão "creu em Deus" e "que isso (sua fé) lhe foi imputado como justiça" (4.1-5). Assim, Davi também concordou com o Salmo 32.1,2. Além do mais, como Abraão não era circuncidado na época em que Deus falou essas palavras, o gentio tem todo direito, assim como o judeu, de chamar Abraão de "Pai!" O que Deus

considera é se a pessoa tem uma fé igual à de Abraão (4.10-17). E o que caracterizou a fé de Abraão foi simplesmente o fato de que, quando ouviu de Deus a "impossível" promessa de lhe dar um filho através de Sara, ele esteve certíssimo de que o Senhor era poderoso para o fazer o que havia prometido! (4.18-25).

É para aqueles que crêem na promessa de Deus, e não para os que procuram estabelecer sua própria justiça, através da Lei, que Deus concede suas bênçãos de paz, acesso e transformação pessoal (5.1-5). Os que têm esperança e alegria são aqueles que reconhecem sua iniqüidade e impotência e entendem que Cristo morreu por eles (5.6-11).

Ainda assim, como é que todos são pecadores? A resposta é que, através do pecado de Adão, todos se tornaram corrompidos. Mas agora Deus agiu em Cristo para nos redimir e nos tornar justos. O pecado reinava, mas através de Jesus, é a graça que reina agora! (5.12-21). Essa regra encontra sua expressão na vida de cada crente. Através de nossa união com Jesus, fomos libertados do domínio que o pecado passou a ter em nossa personalidade por causa da queda de Adão e Eva. Além disto, a nova vida para a qual o próprio Senhor Jesus foi ressuscitado flui

através de nós (6.1-7). Se confiarmos diariamente nessa promessa, e nos recusarmos a atender as exigências do pecado, oferecendo-nos inteiramente a Deus, também com nosso corpo, como instrumentos da justiça, não seremos mais dominados pelo pecado! (6.8-13).

Paulo encerra esse capítulo com uma importante observação. As cadeias do pecado foram quebradas por Jesus, mas o que isso tudo significa é que agora estamos livres para escolher quem será nosso senhor. Nenhum ser humano é verdadeiramente independente; portanto, a única escolha que nos resta é a quem vamos servir. Devemos sempre nos lembrar de que Cristo nos libertou a fim de podermos escolher servir a Deus, e assim colhermos as recompensas da santidade e da vida eterna (6.19-23).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? (4.1) Os comentaristas não perderam tempo em observar que este capítulo é um Midrash intimamente discutido – isto é, a exposição de um texto do AT (4.3; Gn 15.6) desenvolvido segundo um modelo rabínico. Portanto, alguma visão sobre os princípios expositivos do judaísmo rabínico será de muita ajuda para nós.

Nesse versículo de abertura, Paulo exorta seus leitores judeus a voltarem os olhos para Abraão. Por que a experiência de Abraão foi relevante? Os rabinos tinham a convicção de que as Escrituras eram atemporais. Isto é, a Bíblia não é um livro só do passado, mas também do presente e do futuro. Na história sagrada, Deus fala ao povo com autoridade sobre o presente. Assim, o que aconteceu a Abraão é significativo tanto existencialmente quanto historicamente.

Portanto, Paulo é capaz de argumentar que aquilo que Abraão encontrou em seu relacionamento com Deus estabelece padrão para todos aqueles que reivindicam um relacionamento semelhante com Ele.

Isso é muito importante para que abordemos as Escrituras como a Palavra viva e presente de Deus. Na obra A Midrash Reader, Jacob Neusner faz um resumo do elo que sempre existiu entre os verdadeiros cristãos e os judeus religiosos: “Nós e eles compartilhamos a convicção de que as Escrituras sempre foram a Palavra de Deus, não apenas antigamente, mas também agora, falada não em tempo muito longínquo, mas em nossa própria era e para nossa era: para cada um de nós, aqui e agora” (p. 163).

Portanto, Paulo convidou Deus a falar, através de suas Palavras a Abraão, aos leitores contemporâneos do apóstolo, e também para você e para mim.

Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus (4.2). Na “tapeçaria” da religião judaica do primeiro século, a “fé” representava apenas uma série de fios, entrelaçados com obras, lei, obediência, méritos e bênçãos, em um conjunto que mais confundia do que distinguia seus papéis. Paulo, entretanto, começou a separar este emaranhado de fios, insistindo que eles deveriam ser mantidos afastados para que pudéssemos entender a mensagem de Deus.

Aqui, as “obras” devem ser entendidas como “piedade”, aquela reverente obediência à Lei de Deus que os judeus consideravam como fé. Assim, a bênção no judaísmo representava alguma coisa que um crente merecia por causa de sua piedade. Esta opinião determinava até a interpretação dos acontecimentos da vida de Abraão, como se vê nos escritos de Ben Sira (44.19-21), do segundo

século d.C.:

Abraão, pai de muitos povos, manteve sua glória imaculada.

Ele obedeceu à ordem do Supremo, que fez pacto com ele;

Em sua própria carne essa ordem foi gravada e, quando testada, mostrou-se firme.

Por esta razão, Deus lhe fez a promessa de abençoar todas as nações através de seus descendentes.

De fazê-los tão numerosos como os grãos de areia

E exaltar sua posteridade como as estrelas,

Dando-lhe uma herança de oceano a oceano,

E do Rio até os confins da Terra (itálicos adicionados pelo autor).

Conhecendo bem a opinião emitida por Sira, Paulo desafia essa interpretação ao perguntar: “O que diz a Escritura? “Creu Abraão em Deus” (4.3). A bênção era resposta à fé, não às obras. Era dádiva, não pagamento (4.4-8). A justiça com que Deus agraciou Abraão foi concedida 13 anos antes de sua circuncisão, e não por causa dela (4.9-12). Nada tinha a ver com a Lei, pois as palavras de Deus a Abraão eram de promessa e não de obrigação (4.13-18). Abraão recebeu o crédito da justiça baseado na fé e somente na fé! O judaísmo rabínico havia perdido o caminho da bênção por deixar de fazer essas distinções, perdendo de vista, portanto, a graça salvadora de seu Deus.

Abraão foi justificado (4.2). A palavra grega dikaioo significa “inocentar”, “justificar”, “pronunciar justiça”. Em Romanos 1–3 Paulo mostrou que todos pecaram. Assim, por já serem culpados perante Deus, a questão não era como alguém poderia permanecer em suas boas graças, mas como alguém já

condenado poderia ser inocentado, ou justificado!

O evangelho ainda não faz sentido para aqueles que, de alguma forma, pensam que estão em uma fase de testes, e que seu destino gira em torno daquilo que farão no futuro. Só têm esperança os que entendem que já estão condenados, pois somente eles passarão das obras para aquela fé que repousa somente na graça de Deus, e que é expressa em Jesus Cristo.

Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado (4.6-8). É difícil entender essas palavras ao lemos os versículos do Salmo 32, citados por Paulo. Que correspondência existe entre "a fé que foi imputada como justiça a Abraão" e "o homem a quem o Senhor não imputa o pecado?"

A resposta é encontrada em outro princípio de interpretação do Midrash chamado gezerah shavah ou "analogia verbal". O artigo sobre hermenêutica do Talmude de Stienmetz (p.150) chama isso de:

Princípio fundamental do Talmude para a interpretação bíblica que aparece em todas as listas padrão das regras exegéticas. Se a mesma palavra ou frase aparece em dois lugares da Torá, e uma determinada lei é explicitamente estabelecida em um desses lugares, podemos inferir, com base na "analogia verbal", que a mesma lei também deve aplicar-se ao outro lugar. Em sua forma mais simples, então, gezerah shavah é um tipo de interpretação lingüística através da qual o significado de uma palavra ou frase obscura fica inferido com base na outra ocorrência da mesma palavra ou frase em um contexto mais claro.

O que Gênesis 15.6 e o Salmo 32.7,8 têm em comum é a palavra grega

logizesthai, encontrada nos dois versículos na Septuaginta, traduzidos na versão NVI pelas palavras “crédito” (4.6) e “imputar” (4.8). O que Paulo fez foi usar o princípio estabelecido da analogia verbal para argumentar que o sentido de Gênesis 15.6 pode ser transportado para o Salmo 32 a fim de explicar o que Davi está dizendo sobre o perdão dos pecados. A pessoa que é perdoada por Deus recebe, ao mesmo tempo, crédito de justiça; e essa bênção é conseqüência da fé.

Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente? (4.9). Agora Paulo usa a “bem-aventurança” para concluir seu argumento (4.6-9). Neste contexto, está claro que a bem-aventurança da Escritura fala de uma salvação plena e completa resumida em frases essencialmente análogas: “Deus imputa a justiça, “maldades são perdoadas”, “pecados são cobertos”, e “o Senhor não imputa o pecado”, referindo-se ao homem que crê. A “bem-aventurança” não é uma recompensa, mas uma dádiva concedida a todos que têm fé. E esta dádiva está disponível tanto aos gentios quanto aos judeus (4.9).

[Abraão] em esperança, creu contra a esperança (4.18). Veja a discussão sobre 4.1-25 no Texto em Profundidade (abaixo).

Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo (5.1). Os manuscritos não são unânimes quanto à grafia da palavra que foi utilizada aqui, echomen; alguns trazem a escrita com um “o” curto e outros com um “o” longo – duas letras gregas diferentes, mas parecidas. Considerando o “o” como longo, algumas versões traduzem “temos [ou continuamos a ter] paz com Deus”. Entretanto, o contexto parece apoiar a NVI, pois Paulo continua a relacionar os benefícios que são nossos através de Jesus Cristo.

Ao examinarmos essa relação de benefícios será importante lembrar esta frase, “Nós temos”. Esse não é um catálogo teórico, tudo que está nessa relação nos pertence agora, devendo ser buscado e desfrutado. Veja a lista de bênçãos:

Temos paz com Deus (5.1).

Temos acesso a Deus e à Sua graça (5.2).

Temos justificação (5.9).

Temos salvação hoje (5.10).

Temos reconciliação (5.11).

Temos agora a capacidade de viver uma vida justa (5.17).

Temos a própria vida (5.18).

Temos a vida eterna! (5.21).

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações (5.3). Parece estranho encontrar a palavra “tribulações” mencionada numa passagem que relaciona os benefícios que os crentes gozam através de Jesus. Mas, examinando a relação acima, entendemos que cada benefício relacionado é espiritual, e não material. Jesus não morreu para nos tornar materialmente ricos, para garantir saúde física, ou nos imunizar contra as tribulações durante nossa vida terrena. Jesus morreu para nos dar bênçãos muito mais ricas do que estas!

Aqui Paulo nos lembra que, através de Cristo, recebemos o privilégio de entender o propósito de Deus ao permitir aquelas coisas que nos trazem sofrimento. Em palavras mais simples, nossa fé nos dá uma perspectiva que nos permite experimentar a alegria apesar das pressões e das frustrações que cada ser humano deve experimentar. Através do sofrimento, o Senhor nos enriquecerá desenvolvendo nossa perseverança e nosso caráter. O sofrimento ajudará a nos proteger do erro de fixar nossas esperanças naquilo que podemos ganhar aqui, amanhã, e não em Deus.

Portanto, quando ouvimos um pregador afirmar no rádio ou na TV que “Deus deseja que seus filhos sejam ricos” devemos nos lembrar: o que Deus quer realmente é que as pessoas entendam que elas são ricas. Deus pode usar a pobreza, a doença, o desemprego, as perdas e o sofrimento, para manter nossos olhos fixados na riqueza espiritual que já possuímos, e nossas esperanças fixadas nele.

Mas Deus prova seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (5.8). O verbo sunistesin significa “reunir”. É difícil sentir o amor de Deus quando estamos experimentando o sofrimento. No entanto, a morte de Cristo representa o ato que reuniu tudo para nós – a demonstração plenamente segura e decisiva da história da profundidade do amor que Deus tem por nós.

Aquele ato de amor é absolutamente admirável quando nos lembramos de que nós, por quem Cristo morreu, éramos impotentes, descrentes e ainda pecadores. Lembrando-nos daquilo que éramos quando Jesus morreu por nós, como podemos duvidar do amor de Deus – agora que a morte de Jesus nos devolveu a harmonia com Deus, e que Ele nos cobriu de bênçãos espirituais? Não é de admirar que possamos nos regozijar em Deus! Através de Jesus conhecemos a Deus, e temos a garantia de seu amor.

Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos

batizados em sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele (6.3,4a). Romanos 5 fala dos benefícios que os crentes recebem através de Jesus. Agora, Paulo descreve os benefícios que são nossos com Ele.

Paulo não está escrevendo aqui sobre o rito da água do batismo. Na verdade, ele está falando da realidade espiritual explicada em 1 Coríntios 12.13, que usa a palavra batizo para definir aquela obra do Espírito Santo pela qual Ele une o crente a Jesus como membro do corpo de Cristo.

Aqui, a palavra “batismo” está claramente explicada no contexto; significa estar “unido a” Jesus por inquebrantável vínculo espiritual.

Talvez a analogia mais próxima ao significado desse relacionamento possa ser encontrada nas leis que regem o casamento em estado de “propriedade comunitária”. Imagine uma jovem pobre que é cortejada e conquistada por um milionário. No ato do casamento, a esposa passa a ser considerada possuidora da metade das posses do marido. Quando um casal une-se pelo casamento, de acordo com esse estado, suas vidas e propriedades fundem-se.

Paulo diz que é isso que acontece quando cremos. Nossas vidas e nossas posses fundem-se. Trazemos nossos pecados, e Jesus os coloca sobre Si mesmo. Cristo traz sua vida da ressurreição e, de repente, em Jesus, o poder de santidade flui em nossa vida. De acordo com os termos de Paulo, nós morremos com Cristo, e fomos ressuscitados com Cristo. E é essa união com Jesus que nos dá a liberdade de rejeitar a força do pecado que ainda mancha nossa personalidade, e preferir viver uma vida justa que honre nosso Senhor.

Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça (6.14). Em 6.1-13 Paulo explicou que não estamos mais sob o domínio do pecado. Então, qual a razão da palavra “porque” aqui? E o que a “lei” tem a ver com o domínio do pecado no coração humano?

Para encontrar a resposta as essas perturbadoras questões precisamos analisar Romanos 7–8 que analisa se a “lei” – que segundo Paulo mostrou não pode ser

considerada uma ajuda para conquistar a salvação – exerce algum tipo de papel na vida do cristão.

Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? (6.16). Toda essa passagem (6.15-23) representa uma digressão do argumento de Paulo, embora seja muito importante. Paulo mostrou que Cristo deixa os crentes livres do poder da morte, e insiste para que os leitores apresentem seus "membros a Deus, como instrumentos de justiça" (6.13). Agora, Paulo responde a um leitor imaginário que entende mal a situação, e gritando "finalmente livre", confunde graça com licenciosidade para fazer o que bem entende.

A resposta de Paulo é que, para os seres humanos, não existe algo como uma "liberdade" dos poderes que competem por nossa lealdade. Usaremos nossa liberdade para fazer o mal ou para fazer o bem. Nos dois casos nos tornamos servos: do pecado que nos impele ao mal; ou de Deus, cujo espírito nos conduz à justiça.

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor (6.23). Paulo não nos adverte que se escolhermos o pecado Deus nos condenará. Em Romanos 8.1, ele rapidamente corrige qualquer impressão sobre isso, afirmando que agora não existe condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. Aqui Paulo nos lembra da natureza dos territórios aos quais nos levam os dois caminhos que devemos escolher.

O pecado é uma trilha que leva à morte. Aqui, precisamos entender a morte em seu sentido mais amplo e exclusivo. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words resume o ensino do NT sobre a morte, da seguinte maneira:

Morte é um conceito biológico, aplicado teologicamente para transmitir concretamente o verdadeiro estado da humanidade. A morte que impera sobre a humanidade é moral e espiritual. Ela envolve e afasta o homem do padrão da criação original. Todo o potencial humano fica distorcido, toda a capacidade – para a alegria, relacionamentos, harmonia com Deus, a verdadeira bondade – ficam tragicamente deformados. E, pelo fato de cada volta repugnante dar expressão ao pecado, o homem – originalmente destinado a refletir a imagem e semelhança de Deus – cai sob sua condenação (pp. 409).

Assim como o pecador condenado, o crente pecador vagará pela vida vazio, frustrado, e não realizado. Pois a trilha do pecado leva, cada vez mais profundamente, à região da morte.

Como seria mais profícua nossa vida, se escolhêssemos ser servos da justiça, e buscássemos, a cada passo, conduzir-nos a uma experiência mais rica, plena, mais abençoada e satisfatória – benefícios da existência de Deus em nós hoje!

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Abraão foi justificado pela fé (4.1-25)

Contexto. Observamos anteriormente que a religião judaica do primeiro século tratava fé, obras, lei, obediência, méritos e bênçãos como um todo, sem fazer uma clara distinção entre esses elementos vitais da religião do AT.

Atualmente, é fascinante analisar o Mishnah, essa tremenda obra dos sábios dos anos 30-200 a.C. que tinham a intenção de codificar a Lei Oral – as tradicionais regras para a vida diária e para a adoração – que mesmo na época de Jesus dominavam a vida dos fariseus. Através de detalhes repetitivos e tediosos, os sábios analisavam e definiam os deveres religiosos do judeu para produzir um livro que tem, no judaísmo rabínico, a mesma importância do AT, isto é, a revelação de Deus ao homem. Ao fazê-lo, os sábios lutavam para definir coisas

que eram semelhantes e coisas que eram diferentes, criando listas e depois construindo regras baseadas nestas listas. O que é fascinante é que neste intenso esforço para fazer esta definição, nenhuma atenção foi dada às questões levantadas por Paulo em Romanos. Não existe uma análise das suposições sobre a natureza da fé, ou da fidelidade à obediência. Ninguém faz as perguntas de Paulo sobre a natureza do homem e dos danos causados pelo pecado de Adão e Eva. Os sábios, ao invés disto, continuam com a suposição de que Israel goza de uma posição especial perante o Senhor em virtude do pacto de Deus com Abraão e que, obedecendo às Leis de Deus, o judeu piedoso merece bênçãos aqui na terra e (se for ortodoxo) ganha a recompensa de entrar no céu. Assim, tudo que realmente conta é definir cuidadosamente o que constitui uma vida de obediência, para que o judeu piedoso possa entender o que Deus está exigindo.

Mas, em Romanos, Paulo pede que seus leitores analisem suas premissas e definam, não as leis, mas conceitos teológicos essenciais. Nesse processo, Paulo é forçado a rever seu próprio entendimento do AT, e é levado a fazer distinções que nenhum judeu de sua geração havia sequer imaginado que pudessem existir.

Interpretação. Ao lermos toda essa passagem vemos que Paulo escolhe, cuidadosamente, os conceitos teológicos que ele passa a analisar em duas categorias opostas. Essa abordagem está claramente dentro daquela que é utilizada pelo judaísmo rabínico. Ele procura agrupar as coisas que estão realmente juntas, distinguindo-as das coisas que são diferentes. Entretanto, como já observamos, Paulo aplica essa abordagem do Midrash não às halakah (leis para viver), mas para aquilo que é aggadah (filosófico, teológico e ético).

Nessa passagem Paulo apresenta duas listas que, segundo ele, são mutuamente exclusivas. Embora os itens de cada lista estejam intimamente ligados entre si, nenhum deles pode ser associado a qualquer item da outra lista – uma vez que o assunto do qual falamos é o ato de Deus justificar gratuitamente os pecadores.

Lista #1

Obras (atos piedosos, obediência)

Recompensas

Circuncisão

Lei

Ira

Morte

Lista #2

Fé (confiança na promessa de Deus)

Justificação

Bem-aventurança

O crédito da justiça

O perdão dos pecados

Dádivas

Promessa

Graça

Herdeiros de Abraão

Vida depois da morte

Ao lermos cuidadosamente essa passagem, fica claro que “fé” é a palavra chave da segunda lista. É a pessoa que tem fé quem sai do reino caracterizado pelos elementos da primeira lista para um reino caracterizado pelos elementos da segunda. Não é de admirar, então, que em 4.18-25 Paulo retorne a Abraão para apresentar uma definição e um exemplo dessa “fé salvadora” com a qual ele está preocupado aqui (Para “fé e obras”, veja a discussão sobre Tiago 2.14-26,pp.516-18).

Nesse ponto, Paulo analisa o contexto histórico no qual Abraão exerceu sua fé onde Gênesis 15.6 diz “creu em Deus”, de modo que “isso lhe foi imputado como justiça”. Deus promete a Abraão, agora com 100 anos e uma esposa com 90, que já estava na menopausa há muito tempo, que os dois teriam um filho. Abraão sabia que, humanamente falando, isso era impossível. Mas, ao invés de “duvidar por incredulidade” (4.20), Abraão creu em Deus.

Ele ouviu a palavra da promessa, e confiou no Deus que a fez.

A analogia é clara. Deus também faz uma promessa para nós em Cristo: uma

promessa de perdão e de aceitação, uma promessa de aceitação e de vida. Humanamente falando, é impossível mudar a natureza ou nosso estado pecador, justamente que estão, com justiça, sujeitos à ira de Deus. Quando, como Abraão, ouvimos a palavra da promessa, e confiamos no Deus que a deu, a nós também é imputada a justiça, e recebemos tudo que está vinculado a ela.

No AT, a palavra hebraica ’aman expressava uma complexa mistura de conceitos, e foi levada para a Septuaginta grega da mesma forma como é usada por Paulo aqui; pistis. A idéia subjacente é a de uma “certeza e uma garantia”. Em suas várias formas, a raiz é aplicada a inúmeros relacionamentos. Portanto ela denota lealdade, fidelidade, confiança, firmeza, fé, certeza e firmeza. A forte tendência do judaísmo era, e é, enfatizar a dimensão da fidelidade. Deus era honrado por sua fidelidade ao seu pacto. E a “fé” era, na verdade, a “fé” do judeu piedoso que vivia de acordo com suas obrigações sob a Lei Mosaica.

Ao retornar a Abraão, Paulo argumenta que pistis, uma palavra creditada para justiça, é na verdade uma simples confiança – a alegre resposta do coração à promessa da Palavra de Deus, uma convicção de que, embora Deus ofereça o impossível, Ele certamente cumprirá aquilo que disse.

Em Israel a percepção de “fé”, como fidelidade do judeu às exigências da lei, estava errada, pois deixava inteiramente de considerar o fato de que todos pecaram, foram destituídos da glória de Deus, e permanecem sob sua ira. A única esperança do gentio ou do judeu é a palavra da promessa, pela qual Deus compromete-se a fazer por nós o que nenhum ser humano pode fazer por si mesmo.

Aplicação. Embora o judeu do primeiro século considerasse a palavra pistis como fidelidade, portanto uma coisa prática, os cidadãos modernos (e particularmente os americanos) tendem a considerar essa palavra como uma crença, portanto algo intelectual. Para a grande maioria, a pergunta: “Você acredita em Deus?”, significa pouco mais do que: “Você acredita que Deus existe?”, ou, “Você acha que Jesus é o Filho de Deus?” Considerando dessa maneira, ter “fé” é supor que algo seja verdade.

A antiga percepção da fé, assim como a moderna, são tragicamente defeituosas. A fé salvadora é alguma coisa totalmente diferente: é ouvirmos a Palavra da promessa de Deus em Jesus e, em resposta, confiarmos nossa vida a Deus de uma forma completa. Em última análise, pistis não está relacionada aos atos ou

ao intelecto. É uma palavra que descreve nossa atitude básica em relação a Deus. Até que a atitude de uma pessoa mude em relação ao Senhor, abandonando a independência e a autoconfiança para se apoiar inteiramente na graça de Deus, ela permanecerá prisioneira e perdida.

Morte através de Adão, Vida através de Cristo (5.12-21)

Contexto. Em Romanos 1–3, Paulo argumentou que toda humanidade está perdida nas garras do pecado, tanto judeus como gentios. Em Romanos 4, ele mostrou que a justificação pela fé também está universalmente disponível a todos aqueles que crêem que Deus manterá a promessa que fez no evangelho – tanto para os gentios como para os judeus.

Agora, Paulo dá um passo atrás, apenas por um momento, para perguntar como pode ser isso. Como todos os homens tornaram-se pecadores? E como a vida pode ser oferecida a todos?

Como contexto, precisamos entender uma coisa importante sobre o relacionamento entre “pecado” e “pecados”. Enquanto “pecados” são atos de iniqüidade ou transgressões à Lei de Deus, o “pecado” é algo diferente. Ele se refere àquele defeito essencial da natureza humana que distorce o caráter moral do homem, obscurece sua inteligência e o inclina em direção ao mal. De acordo com a terminologia bíblica, esta condição é freqüentemente mencionada como “morte”, não no sentido biológico, mas espiritual.

O judeu da época de Paulo considerava como “pecados” certos atos distintos pelos quais uma pessoa transgredia a Lei recebida através de Moisés. Paulo esclarece que, mesmo onde não existe lei e, portanto, ninguém pode ser acusado de ter cometido “pecado”, os seres humanos estavam espiritualmente mortos. Eles viviam em estado de pecado, pois estavam espiritualmente mortos. Dessa forma, Paulo diz que “a morte reinou desde Adão até Moisés” (5.14).

A maravilha do evangelho é que, em suas Boas Novas, Deus vem a todos nós com a promessa de nos dar vida.

Interpretação. Paulo começa sua exposição afirmando: “Pelo que, como por um

homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (5.12). O relacionamento da humanidade com Adão é a fonte do pecado em nossa raça e em cada indivíduo.

Esta é uma concepção específica do Apóstolo Paulo, que também havia sido abordada nos apócrifos. O Livro de 2 Esdras, uma obra judaica do primeiro século, encontrada na Bíblia Católica Romana Apócrifa, diz:

[Adão] transgrediu... Tu designaste a morte para ele e para seus descendentes...

Pois o primeiro Adão, inflamado com um coração pecaminoso, transgrediu e foi vencido, assim como o foram todos aqueles que eram seus descendentes. Assim, as enfermidades tornaram-se permanentes (3.7,21,22).

Oh, Adão, que fizeste? Pois embora foste tu que pecaste, este pecado não era somente seu, mas também nosso, que somos teus descendentes (7:118).

Mas, outras palavras apócrifas não dão seu inteiro apoio a esta opinião. O Apocalipse de Baruque, do segundo século, diz: "Portanto, Adão não é a causa, exceto por sua própria alma. Mas cada um de nós tem sido o Adão de sua própria alma" (2 Baruque 54.19). Mas Paulo é claro. De alguma maneira terrível, o pecado corrompeu tanto a natureza essencial de Adão, que a mácula multiplicou-se e desde então todo ser humano nasce espiritualmente morto. É nosso relacionamento com Adão que nos torna pecadores.

Agora Paulo faz comparações e contrastes. Assim como o ato pecaminoso de um homem trouxe a morte para sua raça, o ato de obediência de um Homem trouxe a vida. Jesus é o Segundo Adão, o fundador de uma nova raça de homens e mulheres nos quais a vida foi restaurada. Ao estabelecer novo relacionamento, através de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos afastamos do reino do pecado para o reino da justiça e da vida, onde reina a graça. Somos finalmente capazes de nos tornar aquilo que, segundo a intenção de Deus, a humanidade sempre teria sido.

Aplicação. É difícil entender a razão exata por que ou como tudo isso é verdade. No entanto, não podemos duvidar que o pecado de Adão causou uma grande mutação em nossa raça, e se tornou a fonte inesgotável do pecado e do sofrimento. O pecado de Adão mudou seu relacionamento com Deus, e também modelou nossa inata atitude em relação ao Senhor.

No final, "pecado" e "morte", e também "vida" e "justiça" são todos termos relacionais, pois seu significado mais profundo reflete a verdade sobre a natureza de nosso relacionamento com Deus. Não é somente o que fazemos que nos transforma em pecadores; é o fato de estarmos alienados de Deus. Não é o que fazemos que nos salva, pois o que pode salvar é o relacionamento com Ele. E no evangelho, através de Jesus Cristo, isto se tornou agora disponível a todos nós.

Mortos para o Pecado, Vivos em Cristo (6.1-14).

Contexto. O raciocínio de Paulo leva-o agora a uma excitante conclusão. Todas as pessoas são pecadoras (caps. 1–3). Deus justifica os pecadores através da "fé" que não tem nada a ver com a fiel obediência aos mandamentos de Deus, mas que existe como uma resoluta confiança em Deus (cap. 4). A promessa salvadora de Deus é Jesus Cristo, e através da fé nele todos aqueles que crêem recebem uma multidão de benefícios – paz com Deus, acesso a Ele, esperança, reconciliação, justiça e vida (5.1-11). Anteriormente, Paulo havia mostrado que está disponível aos gentios, assim como aos judeus, um relacionamento fiel com Deus. Agora, ele mostra a razão: todos os homens têm parentesco com Adão, e este parentesco é a fonte da morte da raça. Mas, agora a fé abre todas as portas do relacionamento com Jesus, e este relacionamento é a fonte de nossa nova vida.

Exposição. Agora Paulo investiga as implicações do relacionamento que temos com Jesus. Como índica o Estudo da Palavra de 6.1, esse relacionamento é de união com. Nosso vínculo com Jesus é tão íntimo e próximo que, à vista de Deus, nós morremos com Jesus no Calvário e, quando Jesus ressuscitou dos mortos para uma nova vida, nós ressuscitamos com Ele.

As implicações de nossa identificação com Jesus são surpreendentes. Se

morremos para o pecado, então o pecado – como uma distorção da natureza humana – não tem mais poder sobre nós.

Isso não significa que o pecado, novamente como uma distorção da natureza humana, não tenha mais alguma influência. Ainda somos tentados. Ainda sentimos sua pressão. Estamos, muitas vezes, demasiadamente conscientes de nosso desejo de fazer o que sabemos que é errado. Mas, quando chega o impulso, não temos que cometer o pecado! Não podemos dizer: “O diabo me fez fazer isso” ou, “Simplesmente não pude resistir à tentação”. Em Jesus, nossa liberdade de escolha entre o que sabemos ser bom, e o que sabemos ser mau, foi recuperada!

Além disso, se ressuscitamos para a vida em Jesus, esse mesmo poder que o ressuscitou dos mortos também nos ressuscitará para a vida. Não fomos abandonados para lutar sozinhos contra o pecado. Fomos convocados para escolher e, escolhendo a obediência, é sua vida que flui em nós, sua vontade que nos anima, e sua força que permite que sejamos os “instrumentos de justiça” para nosso Deus.

É nesse ponto que Paulo começa a responder a questão que tem perturbado muitos cristãos: “Sei que a união com Jesus tornou possível que eu viva uma vida santificada. Mas, o que devo fazer?” A resposta de Paulo está resumida em uma série de verbos de ação: saber (6.6), considerar (6.11), e apresentar (6.13). A prescrição de Paulo pode ser mostrada em três fases:

1. Saber: entender o que significa esta união com Jesus. Nossa crucificação com Ele encerrou o domínio do mal, e nossa ressurreição com Ele nos dá forças para que vivamos uma vida santificada.

2. Considerar: considerar que as palavras de Deus são a verdade. Considerar que Deus torna realidade – em nossa experiência – aquilo que Ele promete.

3. Apresentar: ou “apresentar-se a Deus”. Isto é, agir de acordo com a vontade de Deus.

Aplicação. Muitas vezes, transformamos as coisas fáceis em difíceis. Porém, é a sabedoria de Deus que transforma as coisas difíceis em fáceis.

Isto é bastante verdadeiro, quando se trata de viver uma vida cristã. Alguns oram desesperadamente para ter forças, outros enfatizam o comprometimento. Alguns

lutam para encontrar e seguir as regras, ou procuram em Deus uma palavra especial de orientação. Outros ainda falam em fortalecer nossa própria vontade. Mas Paulo nos lembra que, para termos uma vida harmoniosa com Jesus, é necessário termos fé; e fé o mais simples possível.

Será que somos suficientemente simples para aceitar a palavra de Deus e crer que não devemos pecar? Será que somos suficientemente simples para crer que Deus cumprirá hoje o que prometeu para nossa vida? Se assim for, tudo que temos a fazer é caminhar na fé, e agir de maneira certa – e o poder de Cristo nos elevará acima de nossas próprias possibilidades, e sua justiça estará presente em nossa vida cotidiana.

EXPOSIÇÃO

-

Em Romanos 6.14, Paulo fez uma declaração que escandalizou todos os leitores judeus: “O pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas dentro da graça”. Nos versículos seguintes ele se afasta do assunto, mas retorna agora para responder às objeções que irromperiam da garganta de cada judeu. O diálogo entre o injuriado judeu e Paulo segue mais ou menos estas linhas.

Objeção: “Como você pode dizer que não estamos sob a lei”. Resposta: “Nós morremos com Cristo. A morte trouxe a libertação” (7.1-3).

Objeção: “Mas por que alguém desejaria libertar-se da maravilhosa Lei de Deus?” Resposta: “Porque a Lei desperta nossa natureza carnal, e produz o pecado. Deus quer que nos relacionemos com Ele conforme a orientação do Espírito Santo” (7.4-6).

Objeção: “Como você pode falar dessa maneira

contra a própria Lei de Deus?" Resposta: "A Lei, como expressão da justiça, é santa, justa e boa. O problema reside na maneira como os pecadores reagem à Lei. Na verdade, foi a Lei que me fez entender a minha terrível condição espiritual. Eu estava espiritualmente morto" (7.7-13).

Objeção: "Mas, Paulo, será que o fato de você ser agora cristão não faz nenhuma diferença?" Resposta: "Agora, eu quero fazer o que a Lei manda. Mas quando procuro me relacionar com Deus através da Lei, descubro que ainda sou impotente" (7.14-25).

Exclamação: "Ó Paulo, então não há esperança?" Resposta: "Graças a Deus, não! Cristo morreu para condenar o pecado na carne, e agora o mesmo Espírito que o ressuscitou vive em mim, para me capacitar a viver uma vida verdadeiramente santificada. Quando vivemos 'de acordo com o Espírito' e 'controlados pelo Espírito', tornamo-nos capazes de agradar a Deus e atender plenamente a todas as exigências da Lei" (8.1-11).

Objeção: "Paulo, não compreendo". Resposta: "Sei que é difícil. Mas este é o caminho. Agora você tem relacionamento totalmente diferente com Deus. Sua obrigação é para com o "Papai" e não para com um senhor distante. Vocês são seus herdeiros, e não seus

escravos. Quando Ele falar com você através do Espírito, você deverá responder sem medo, como filho, e aprenderá, através da experiência, aquilo que estou querendo lhe dizer” (8.12-17).

Ao concluir esse diálogo imaginário, Paulo encontra-se cheio de entusiasmo e de santo temor. Em uma das passagens mais poderosas do NT, Paulo continua a exultar pelo impacto cósmico da ressurreição de Jesus. Ela significa uma transformação tanto para nós, como também para todo o universo (8.18-25). Ela significa o poder em nossas orações hoje, e a conformidade com a semelhança de Jesus amanhã (8.26-30). E tudo isso significa que vivemos nossa vida humana, hoje, de forma totalmente segura na inabalável confiança de que Deus nos ama, e que nada, em toda a criação, “poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!” (8.31-39).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? (7.1). Uma das questões mais difíceis dessa passagem é o uso que Paulo faz da palavra nomos, lei. E a razão é a complexidade do termo, e não a complexidade do argumento de Paulo.

O contexto desse uso é, naturalmente, o conceito hebraico da Torah. Esta palavra significa “ensinamento” ou “instrução”, e é extensamente usada. A Torah pode se referir à revelação de Deus de uma forma geral. Pode indicar um conjunto específico de instruções – como em Romanos 7.2, onde temos a “lei do casamento”. Pode indicar códigos morais ou cerimoniais, ou os cinco primeiros livros de Moisés. Entretanto, qualquer que seja sua referência específica, a Torah sempre assume uma instrução divina. A Lei é uma dádiva de Deus que revela o que está certo e o que está errado, o caminho que leva o homem à bem-aventurança durante sua vida neste mundo.

A palavra grega nomos, conforme é usada no NT, reflete freqüentemente os significados da Torah. No entanto, a cultura grega acrescentou sua própria complexidade a este termo. A palavra nomos abrangia as tradições e as normas da sociedade e também refletia a convicção dos filósofos helênicos de que existem princípios universais que governam o mundo, e que o homem precisa aprender a viver em harmonia com estes. Muitas referências feitas por Paulo à “lei”, em Romanos 7–8, podem ser consideradas como tendo o seguinte sentido: Quando Paulo fala de uma “lei do pecado e da morte” (8.2), ele dá a entender que existe outro princípio universal que opera nos seres humanos caídos. Em contraste, “a lei do Espírito de vida” em Jesus Cristo (8.2) deve ser entendida como o princípio universal que opera na vida dos crentes, pelo qual o Espírito de Jesus os vitaliza e capacita.

A abordagem interpretativa que procura identificar as transposições ocorridas nessa passagem entre a Torá e a Lei (considerando a Lei como uma revelação divina), e a lei do nomos (a Lei como princípio universal), tem uma tradição longa e respeitável. Ela pode ser a melhor forma de lidar com esta passagem.

Entretanto, precisamos nos lembrar de que, nesse caso, a questão do apóstolo origina-se do fato de a Lei do AT ter sido uma revelação divina. Toda a sua atenção está enfocada na análise desta Lei, e de seu relacionamento com o judeu e com o cristão. Portanto, seria mais sábio tentarmos identificar o conceito dessa passagem e, ao mesmo tempo, conservarmos o significado Torá-Lei como nosso principal enfoque.

Se realmente adotarmos esta abordagem, constataremos rapidamente que a questão central de Paulo é bastante simples. A maneira de nos relacionarmos com a Torá será a chave para alcançarmos ou não o sucesso na vida cristã! Se lermos a Torá (revelação de Deus) como servos obrigados a obedecer às leis

estabelecidas por nosso Excelso Mestre, o pecado aproveitar-se-á da vantagem de nossa fraqueza e nos condenará. Mas, se lermos a Torá (revelação de Deus) como filhos que de boa vontade respondem ao Pai na completa confiança de sermos herdeiros de sua promessa, o Espírito nos dará poder, mesmo em nossa mortalidade, e seremos capazes de viver uma vida santificada, de temor e obediência ao Senhor.

Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei (7.2). A palavra grega correspondente é a rara hupandros, que significa "sob um marido". De acordo com a lei judaica, apenas o marido tinha direito ao divórcio. Somente se o marido da divorciada morresse, a mulher estaria livre "das obrigações da lei do casamento" (NEB) para se casar com outro homem.

Nesse exemplo, Paulo reconhece esse conceito judeu de que nenhum ser humano pode se libertar das obrigações da Lei Mosaica imposta aos judeus. Mas, em seguida, ele observa que nossa união com Jesus em Sua morte representa, realmente, nossa morte. Dessa forma, a morte libertou o crente da "Torá como uma obrigação", da mesma forma que a morte liberta o marido a quem a esposa estava unida! Paulo está correto, do ponto de vista legal, ao afirmar: "não estais debaixo da lei!" (6.14).

Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte (7.5). Este é, sem dúvida, um dos versículos mais importantes sobre esta questão em todo o NT.

A frase que a versão NVI traduz como "controlado pela natureza pecaminosa" é, na verdade, en te sarki, ou "na carne". Paulo usa essa frase para descrever os condenados, mas também para sua própria experiência como crente (Gl 2.20; Fp 1.22; 1 Pe 4.2). Em seu sentido mais amplo, as palavras en sarki ou kata sarki (de acordo com a carne, Romanos 8.8) indicam as atitudes, percepções e motivos do homem caído. Assim, nessa passagem, Paulo pretende analisar primeiro como um homem caído abordaria a Torá, e depois faz um contraste com a forma como um crente, que possui o Espírito de Cristo, faria esta abordagem.

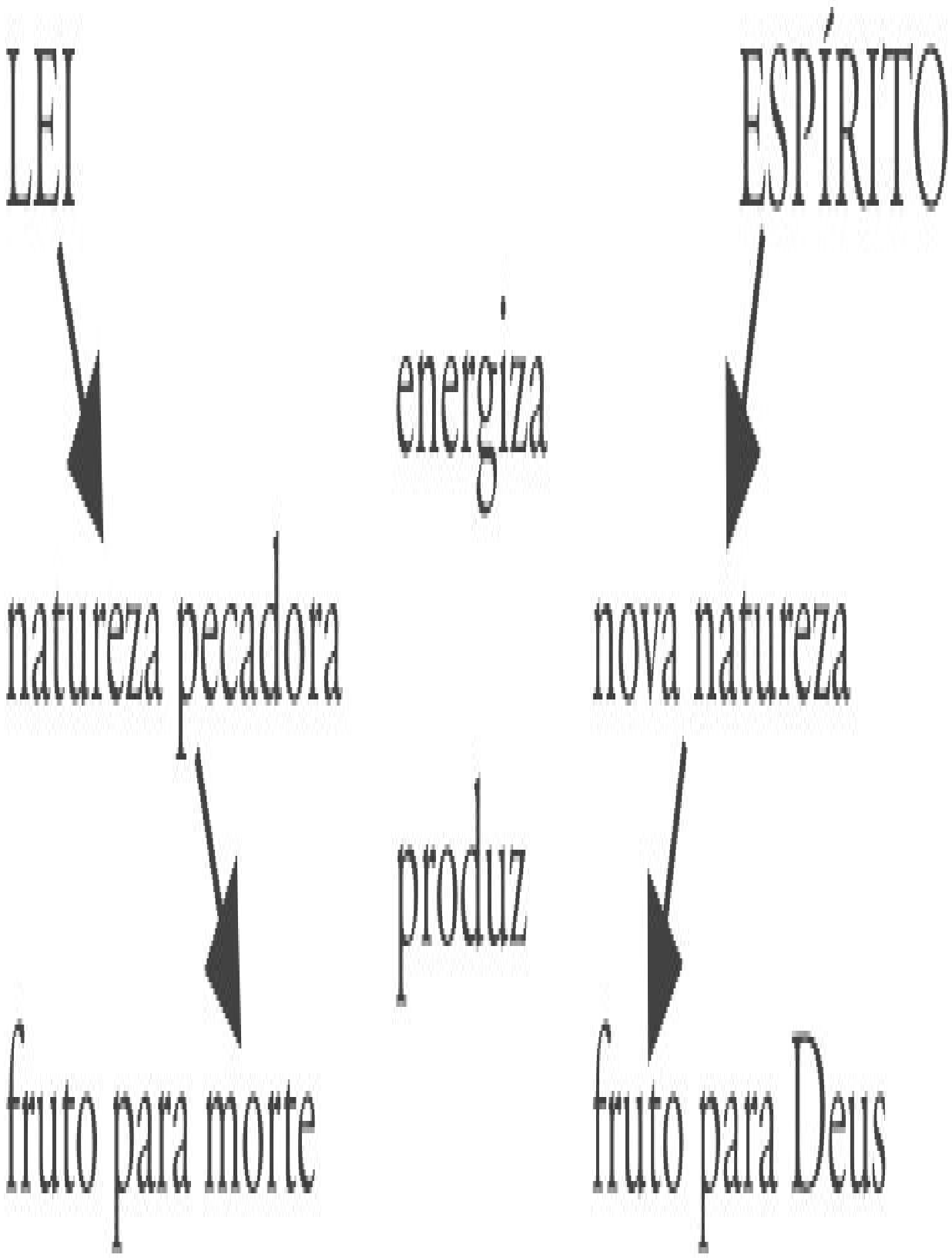
A frase "que são pela lei" é dia tou nomou energeito (7.5). A lei, segundo a

abordagem do homem caído, estimula ou dá forças à natureza pecaminosa! O resultado é que as obras realizadas sob a lei, pelos seres humanos, são defeituosas e devem, necessariamente, levar à morte!

A visão de Paulo, em relação à Torá, é totalmente contrária à dos judeus quanto às obrigações (veja a citação de Josefo). Mas ela é essencialmente básica para os ensinos de Paulo sobre o caminho para a vitória na vida cristã. Paulo está convencido de que existe uma forma diferente de abordar a Torá, não como uma obrigação, mas como uma promessa. E se o crente adotar essa "nova" forma, experimentará uma vida cristã vitoriosa.

Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra (7.6). O texto grego diz en kainoteti pneumatos ou "em novidade de espírito". Aqui, a palavra para "novo" não significa "recente" como "fresco, vigoroso e superior". Em Cristo teve início uma nova época, e a forma antiga e inferior de abordar a Torá pela "letra da lei" foi substituída pela abordagem através do Espírito, ao descobrir não a obrigação, mas a promessa.

Em 7.4-6 Paulo faz um quadro da diferença que isto faz, como podemos ver ao comparar os elementos dos versículos abaixo:


LEI
ESPÍRITO
energiza
natureza pecadora
nova natureza
produz
fruto para morte
fruto para Deus

Que alívio maravilhoso receber o ensino de Deus, nossas Escrituras, e ouvir não a Torá das obrigações, mas a Torá da promessa, e dessa maneira encontrar na Palavra de Deus a libertação, e a própria liberdade.

Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda a concupiscência: porquanto, sem a lei, estava morto o pecado (7.8). Esta frase era a favorita dos escritores militares, pois descrevia a base de onde era encenada uma agressiva expedição. O pecado tinha não só uma base de operações em nossa vida, como também estava fortemente direcionado a atingir nossa personalidade de uma forma profunda.

JOSEFO E O CONCEITO QUE OS JUDEUS TINHAM DA LEI Começando do

Aqui, o pensamento de Paulo é que quando lemos a Torá como obrigação, suas próprias proibições estimulam a natureza pecaminosa ao identificar uma oportunidade de atacar. Todos nós já passamos por isto como fenômeno psicológico. Quando nos dizem: “Não corte o bolo” isso o torna ainda mais desejável. Se alguém disser: “Espere até o casamento”, parece que seus desejos juvenis tornam-se ainda mais inflamados.

Mas aqui Paulo tem em vista muito mais do que o simples fator psicológico. Ele está descrevendo uma terrível realidade. O pecado sempre torce a reposta que damos à Torá como obrigação. Aqueles que permanecem castos tornam-se críticos e condenam aqueles que erram, ou sentem orgulho que é, em si mesmo, tão pecaminoso quanto a imoralidade. Seja qual for a situação, aqueles que abordarem a Palavra de Deus com a atitude e a perspectiva da humanidade pecadora, sofrerão conseqüências que, de alguma forma, envolverão o pecado.

E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri (7.9). Um dos elementos que podem causar alguma confusão nesta passagem é o uso que Paulo faz do pronome “eu”. Será que o apóstolo está falando de sua experiência pessoal? Será que está falando de sua pessoa como representante dos judeus, ou da raça humana? Será que o sentido do “eu” é universal, usado no contexto de “todo homem?”.

Talvez a confusão possa diminuir se entendermos duas verdades. Primeiramente, Paulo é um ser humano que participa de uma natureza comum a todos nós. Portanto, quando lemos “eu”, podemos certamente entender que ele está tratando do caso de “todos os homens”. Se nos lembrarmos de que, em Romanos 2, Paulo mostrou que o gentio, assim como o judeu entende a Torá no sentido de um ensino divino concedido através de revelações, entendemos que Paulo, o fariseu, pode falar de sua própria experiência a todos os homens tanto judeus como gentios.

Em segundo lugar, ao analisar sua experiência, Paulo está ciente de que como cristão ele é um homem profundamente dividido. Vivendo apenas en sarki (como um ser humano pecador), Paulo havia sentido que “estava vivo” (7.9). Mais tarde, ele diria sobre sua vida anterior no judaísmo: “Segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3.6). Depois de sua conversão, Paulo tornou-se terrivelmente consciente de sua

natureza pecaminosa. E descobriu que embora ainda amasse a Torá de Deus e quisesse obedecê-la, alguma coisa no íntimo de sua personalidade estava constantemente batalhando com ele, e assim a perfeita obediência que tão apaixonadamente desejava, sempre lhe escapava.

A divisão que Paulo sente dentro de si corresponde à divisão que ele vê dentro da Lei. Existe um "eu" da carne, assim como existe uma Torá de obrigações. E existe um "eu" que foi vivificado pelo Espírito, assim como existe uma Torá de promessas. O que Paulo está fazendo nessa passagem é descrever como abordar a Torá com uma perspectiva modelada de acordo com o "eu" da carne. Mesmo quando uma pessoa deseja a santidade, está sujeita a errar completamente.

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (8.1). Paulo descreveu as condições daqueles que estão en sarki, isto é, na carne. Agora, ele dirige sua atenção ao que significa estar "en Christo". Em primeiro lugar, esta expressão significa que para nós "não existe condenação".

Katakrima é termo legal que quer dizer "pronunciar julgamento contra alguém". Nesse caso, essa palavra tem duas implicações: a forense, e a prática. Por causa de Jesus, Deus nos inocentou e não há nenhum juízo anotado contra nós nos registros celestiais. Além disso, agora "não existe condenação" para aqueles que se relacionam com Deus em Espírito. As obrigações da carne, expressas na Torá, não têm relevância para o crente. A época do Salvador transformou tudo com surpreendente solavanco.

Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (8.3,4). A versão NVI em inglês é uma tradução dinâmica, isto é, ao invés de fazer uma tradução palavra por palavra do original, ela procura comunicar o sentido ou o propósito da passagem. Aqui os tradutores preferiram fazer a tradução de um termo básico que Paulo usou em Romanos 7 como referência ao "homem pecador" ou à

“natureza pecaminosa”. A palavra grega é sarx, ou carne. Talvez a tradução consiga esclarecer o argumento de Paulo, mas é importante entender que nesses capítulos a expressão en sarki, ou “na carne” está caracterizando a humanidade relacionada com Adão, que está nas garras de um pecado que modifica e distorce os desejos e as percepções, assim como as obras. Paulo está dizendo aqui que Cristo, ao assumir a semelhança humana relacionada com Adão, colocou um ponto final no que era antigo e introduziu uma nova época através de sua própria morte como verdadeiro ser humano. Agora o crente está em Cristo, e se relaciona com Deus através do Espírito de Cristo. À medida que vivemos, e nos relacionamos com Deus sob a perspectiva de um novo “eu”, em lugar da perspectiva do antigo “eu”, descobrimos que os “justos requisitos” da Torá foram, realmente, “plenamente atendidos” em nossa vida.

Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós (8.9a). Esse “se” não é o “se” da incerteza, mas corresponde a “desde”, referindo-se à gloriosa realização. Paulo rapidamente explica que todo crente possui o Espírito de Cristo (8.9b).

Agora temos a possibilidade de nos relacionar com Deus através do Espírito ao invés da carne. E quando o fazemos... “Aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, por seu Espírito que em vós habita” (8.11).

A frase “corpo mortal” é importante. Em 8.3, Paulo destaca que a Torá das obrigações era impotente para modelar um povo santificado, porque como somos criaturas pecadoras, nossa fraqueza mantinha nosso “eu” em abraço inquebrantável. Paulo está nos lembrando que o Espírito de Deus vive em nós para nos revitalizar em nossa mortalidade, dando energias ao novo “eu” que adquirimos através do novo nascimento, para que agora possamos agradar a Deus.

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba,

Pai (8.15). Basicamente, a diferença crítica que existe entre a época antiga e a nova continua a ser o relacionamento. Como pecadores, os homens eram escravos e a Torá expressava as obrigações que cada pessoa, por ter sido criada, devia ao Criador. Por ser uma pessoa redimida, o crente é herdeiro, e a Torá expressa as bênçãos prometidas que Deus tem reservado para nós, que somos seus filhos e filhas.

A pessoa que vive na carne forçosamente entenderá a Torá como uma compilação de deveres a serem cumpridos e, de alguma forma, entenderá que o ser humano merece alguma recompensa do Senhor. Mas a pessoa que vive no Espírito entenderá a Torá como uma carinhosa explicação do que Deus pretende fazer no interior de seus filhos queridos, e através de cada um deles. A carne considera a Torá como obrigação e tem medo, pois o homem sincero sabe que não conseguirá cumpri-la. O espírito considera a Torá como uma promessa e exclama Abba (“Papai!”), exatamente como um filho cujo pai, ao retornar de uma viagem, lhe trouxe um presente muito especial.

Na esperança de que também a mesma criatura será libertada (8.21). A palavra significa “libertar” da “escravidão da corrupção”. A intenção de Paulo é fazer as pessoas entenderem que a nova época, assim como a época antiga, tem implicações pessoais e cósmicas. No pecado de Adão a própria essência da natureza foi rasgada e rompida, forçada a adquirir uma forma caracterizada pela corrupção e decadência moral (Gn 3.17,18). Em Cristo, o estado original do universo natural será certamente restaurado.

E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção de nosso corpo (8.23). A Lei Mosaica exortava os israelitas a apresentar as primícias dos frutos de suas terras como uma oferta ao Senhor (Êx 23.19; Ne 10.35).

Esse ritual expressava a gratidão a Deus, e a confiança em suas bênçãos pela colheita, que seria realizada em seguida. Aqui, Paulo está delineando o Espírito

que foi concedido a cada crente, com a promessa de Deus de que nós, que agora fomos recebidos em Cristo como herdeiros de Deus, na cerimônia final da adoção receberemos todos os benefícios desse relacionamento e seremos semelhantes ao Próprio Senhor Jesus.

E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus (8.28). Nem tudo que nos acontece é “bom”, de acordo com a maneira como entendemos essa palavra. Mas a palavra grega faz uma distinção que não estamos vendo. A palavra Kalos sugere “bom” ou “bem” no sentido de “belo e agradável”, enquanto Agathos, palavra usada nesse versículo, sugere “bom” no sentido de “útil e benéfico”.

Deus nunca promete que gostaremos de “todas as coisas” que acontecem em nossa vida. Mas Ele realmente promete que, sob sua supervisão, não permitirá que nada venha tocar aqueles que o amam, exceto aquilo que for útil ou benéfico em suas vidas.

Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho (8.29). Embora os cristãos continuem a discutir a questão de alguns serem predestinados por Deus para a salvação, esse versículo não pode ser considerado como prova para qualquer uma destas duas opiniões. O tema do apóstolo é o significado de uma nova época para aqueles que estão “em Cristo”. O surpreendente neste versículo é que, assim como a natureza será recuperada e restaurada da corrupção causada pelo pecado, o mesmo acontecerá com aqueles que crêem. E ainda tem mais! Elevados, acima de Adão em sua inocência, somos destinados a ser transformados para que sejamos semelhantes ao Próprio Senhor Jesus!

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Lutando Contra o Pecado (7.1-25)

Contexto. Todos aqueles que lerem essa passagem cuidadosamente, e fizerem uma comparação com Romanos 8, não poderão deixar de observar uma dramática mudança na terminologia. Em Romanos 7, Paulo usa 20 vezes a palavra "lei" (nomos). Ele fala sobre o "eu" cerca de 22 vezes e, "eu faço", menos de 14! Por outro lado, em Romanos 8, Paulo usa a palavra "lei" apenas 4 vezes, e 20 vezes "Espírito [Santo]"

Obviamente, será crucial para o entendimento dessa passagem chegarmos a alguma conclusão sobre o que Paulo quer dizer com nomos em Romanos 7, e o que quer dizer com o pronome "eu".

Como já discutimos no Estudo da Palavra de Romanos 7.1 acima, nessa importante seção de Romanos será melhor entender nomos, no sentido mais básico do termo do AT, conforme a Torah. A "Lei" representa o ensino dado por Deus (revelação) aos seres humanos: para os gentios, através da natureza – ou para os judeus, sob a forma escrita. A questão crucial da discussão de Paulo é que o homem caído (o homem en sarki) percebe a revelação de Deus como as obrigações da Torá. Mas quando a Palavra de Deus chega ao homem caído (ou pecador), ela não é considerada somente uma obrigação, mas também uma oportunidade. Ele entende que foi chamado para tentar obedecer a Deus; ele pode obedecer a Deus, e essa obediência faz com que Deus também assuma certas obrigações a favor do homem. Para o homem caído (ou pecador), a Torá parece oferecer um caminho de salvação, e o mais bem intencionado dos homens encontra satisfação nesta provisão.

O que está preocupando Paulo em Romanos 7 é a Torá como conjunto de obrigações, a Torá e o homem caído procurando relacionar-se com a lei e, através dela, com Deus. A conclusão de Paulo é que essa abordagem é infrutífera tanto para o crente, quanto para os não salvos!

Da mesma forma, o Estudo da Palavra de Romanos 8.9 acima explora o uso da palavra "eu" nessa passagem. Notamos aqui uma semelhança entre o seu "eu" dividido e as duas maneiras de entender a Torá. Paulo está ciente de que, como crente, está influenciado pela carne (sua natureza pecaminosa), assim como por sua nova natureza. Quando se aproxima de Deus com a mente dirigida para a

carne, e vê uma Torá de obrigações, o crente encontra-se incapaz de fazer o bem que tanto deseja. Ele quer agradar a Deus, mas, quando tenta obedecer, não consegue!

Assim, Romanos 7 termina com um grito de desespero. Mas um grito que Paulo transforma em uma exultante exclamação de vitória em Romanos 8.

Interpretação. O fluxo do argumento de Paulo não é difícil de ser analisado, embora seja um tanto obscuro em termos de detalhes.

O Paradoxo: a boa, santa e justa natureza da lei versus suas terríveis conseqüências (7.7-13).

As Implicações: Uma lei “espiritual” não pode beneficiar os seres humanos pecadores (7.14-21).

A Frustração: Mesmo um homem convertido sob a lei torna-se prisioneiro do pecado (7.21-25).

O Paradoxo (7.1-13). O judeu crente, ainda um entusiasta da Lei de Deus, imediatamente consideraria o ensino de Paulo em 7.4-6 como um ataque à revelação de Deus no AT. O gentio cristão que também respeitava o AT também ficaria confuso. Portanto, Paulo esforça-se para esclarecer seu pensamento.

Ele concorda inteiramente que a Torá, em si, é “santa, justa e boa”. A revelação de Deus reflete Sua própria natureza e caráter, e assim não poderia ser outra coisa senão algo muito bom.

Mas os seres humanos não experimentam a Torá como uma abstração distante. O Homem e a Lei necessariamente interagem. Nessa interação, segundo Paulo, aquilo que é santo, justo e bom, “mata!”

Paulo aqui não se afasta do que ensinou em Romanos 5.12-21, quando diz que todos os seres humanos nascem espiritualmente mortos. Na verdade, ele está examinando a interação do homem pecador com a Lei, e o impacto que ela exerce sobre ele. O homem pecador (o homem caído, “na carne”) descobre que sua natureza está rebelando-se contra os padrões revelados na Lei. Portanto, quando a Lei diz: “Não cobiçarás”, o que “operou em mim” (versão NTLH) é “toda a concupiscência” (7.7,8).

Todos nós já vimos como as crianças comportam-se nas lojas, correndo para longe da mamãe e do papai que dizem “fiquem aqui”, ou gritam, “voltem!” De certa forma, a insistência dos pais para a criança ficar quieta faz com que ela se agite e corra ainda mais. O mesmo acontece com o terrível paradoxo da “Lei” quando experimentada pelo homem pecador. Embora santa, boa e justa, quando se aproxima da carne, a Lei torna-se estímulo para o pecado!

E o resultado é que, quando ouvimos a Lei falar, o pecado agita-se dentro de nós. E essa é, de fato, a intenção de Deus “a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno” (7.13).

Paulo está explicando aquilo que disse anteriormente, quando perguntou: “Anulamos, pois, a lei pela fé?” (3.31). Você se lembra da resposta? A “fé” nos permite “sustentar a lei”. Ao fazer da salvação um assunto de fé, e não da Lei, o cristão coloca a Torá como obrigação no verdadeiro lugar intencionado por Deus, não como marcador guiando-nos em direção à salvação que deve ser alcançada pelas obras, mas como espelho que reflete nossa condição de pecadores, necessitados de uma salvação que nunca poderíamos merecer por nossos próprios atos!

As Implicações (7.14-21). Agora Paulo nos leva a uma terrível realidade. Quando o “eu” aborda a Lei como um ser humano caído e pecador, ele a entende como uma Torá de obrigações, e experimenta o pecado como uma força dominadora dentro de si, uma força que modela sua experiência. O “eu” aceita as exigências da Lei e deseja praticar suas regras, porém “o que aborreço, isso faço” (7.15). E Paulo repete: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (7.19).

Em certo sentido, não é o “eu” que deseja agradar a Deus que está agindo, mas a causa de nossa frustração e insucesso encontra-se no fato de que “o pecado vive em mim” e controla as minhas ações (7.20).

A Frustração (7.21-25). A conclusão de Paulo pode ser tirada de sua experiência pessoal anterior como crente. No entanto, em seus escritos ele fala por todos nós. A guerra interior toma a forma de uma infindável luta entre o meu prazer na Lei de Deus e o “[princípio] do pecado que está nos meus membros” (7.23).

Olhando para trás e à frente. Para interpretar essa passagem, precisamos nos lembrar de que esta dolorosa descrição é encontrada em duas passagens com tons muito diferentes. Romanos 6.1-14 celebra nossa união com Jesus e promete: “o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. O texto em Romanos 8.1-11 anuncia que agora não existe “condenação” para nós. A morte de Cristo cuidou de nossa natureza pecaminosa e o Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos vitaliza nossos corpos mortais. Quando falamos de acordo com o (em harmonia com, controlados pelo) Espírito Santo, estamos plenamente cientes de nossa nova posição como herdeiros de Deus, filhos de um Pai amantíssimo, que fomos capacitados pelo Espírito para viver uma vida santa e justa!

Então, como explicar o tom de Romanos 7? Observando que nessa passagem Paulo está explicando porque o crente deve deixar a antiga maneira de considerar a Torá como obrigação. Esta é a perspectiva que a humanidade perdida tem em relação à Palavra de Deus, e que é tão destrutiva tanto para os salvos quanto para os não salvos. Nós, cristãos, devemos olhar para as Escrituras como uma Torá de promessas, ao invés de tentarmos manter a Lei de Deus esperando que o Espírito Santo torne real em nós aquilo que, segundo as Escrituras, é agora nossa herança como filhos de Deus.

Todas as vezes que abordamos as Escrituras como uma Torá de obrigações, nossa natureza pecaminosa é estimulada, pela Lei, a cometer atos pecaminosos. Mas quando abordamos as Escrituras no Espírito, e ouvimos a Palavra de Deus

como uma Torá de promessas, nossa nova natureza é estimulada pela Palavra da promessa de Deus na qual podemos confiar, e à qual devemos obedecer.

Aplicação. Os versículos de Romanos 7 não nos dizem como devemos abordar as Escrituras como uma Torá de promessas. Mas, em Romanos 6 encontramos a explicação.

Saber: Entender o que significa a união com Cristo.

Nós morremos com Jesus e ressuscitamos com Ele para uma nova vida. A antiga época e a antiga maneira de se relacionar com Deus foram totalmente substituídas.

Considerar: Considerar aquilo que Deus fala como sendo a mais pura verdade.

Quando Deus fala conosco agora, Ele traz a promessa do que acontecerá, e não a exigência de fazermos o que é impossível. A Torá, como promessa, me diz que não devo tentar, mas confiar em Deus.

Apresente-se a Deus: Levante-se e aja.

Agir com plena convicção de que o Espírito Santo pode e agirá dentro e através de você.

O simples segredo da justiça é, na verdade, a fé. A confiança nos traz uma justiça forense: a declaração de Deus de que fomos inocentados por causa de Jesus. E a confiança nos traz uma justiça prática. Quando simplesmente confiamos que Deus tornará real em nós aquilo que sua Palavra nos revela, Ele o faz.

Mais do que Vencedores (8.28-39)

Contexto. O que nos deixa livres para entender a Palavra de Deus como uma Torá de promessas, ao invés de entendermos que ela é uma Torá de obrigações?

A resposta encontra-se no entendimento da verdadeira natureza do novo relacionamento com Deus do qual agora dispomos através de Cristo. Os seres humanos pecadores têm uma consciência inata de sua alienação em relação a Deus. A Lei é entendida como padrão estabelecido, para permitir que o homem aproxime-se de Deus. Esses seres humanos pecadores, levados pelo medo, entendem que, se tentarem, sinceramente, viver de acordo com esse padrão, merecerão ao menos alguma consideração por seus atos. Mesmo quando são condenados por sua consciência, pelos erros que cometem, os não salvos esperam que suas boas obras excedam as más.

Então, chega o evangelho e, através de Cristo, ouvimos as boas novas de que Deus nos ama apesar de nossos terríveis defeitos. Descobrimos que Cristo morreu por nossos pecados: ao invés de nos condenar, Ele nos declarou inocentes. Além disso, aprendemos que Deus nos tornou seus herdeiros e nos enviou seu Espírito para nos transformar e habilitar. De repente, a Torá como obrigação torna-se totalmente irrelevante para nosso relacionamento com o Senhor! Não precisamos mais ter medo, ou tentar merecer uma salvação que recebemos como presente.

Quando essa realidade toma conta de nós e, em cada bondosa Palavra revelada por Deus, vemos a Torá como promessa, então, em total confiança, nos lançamos em seus braços. Então a Lei passa a descrever não o que deveríamos ser, mas o que já é realmente nosso. Não é o que recebemos como pagamento, mas o que nos é concedido gratuitamente. Não é o que tentamos fazer, mas o que confiamos que Ele fará em nós. E tudo isso é nosso. É na completa confiança que temos no amor de Deus, que somos libertos.

Portanto, Paulo encerra esse magnífico capítulo com um lembrete sobre a grandeza do amor de Deus por nós. Pois quando finalmente aprendermos a entender a Palavra de Deus, tendo em vista nossa nova natureza como filhos e herdeiros de Deus, o que sentiremos é a promessa, e exclusivamente a promessa. E, conforme prometido, Deus cumprirá sua Palavra em nossa vida.

Considere, então, a poderosa descrição do amor de Deus com a qual Paulo

conclui este assunto. E considere como a garantia do amor de Deus por nós nos libertará do medo e da responsabilidade de lermos sua Palavra como dever a ser cumprido.

Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor! (8.31-39)

Justos na História?

EXPOSIÇÃO

-

A exposição que Paulo fez sobre a justiça terminou em um hino de louvor. A justiça de Deus que vem pela fé transforma não só nossa posição com Deus, mas nossa experiência. Somos declarados justos (capítulos 4–5), somos capacitados a viver vidas justas (6–8.17), e finalmente, seremos feitos perfeitamente justos quando, na ressurreição, formos transformados à imagem do Filho de Deus (Rm 8.18-39). Para o judeu, que via a justiça como a fiel adesão à Lei Mosaica, a apresentação de Paulo da justiça que vem de Deus, através de Cristo, como dom a todos os que crêem, era realmente espantosa.

Contudo, o argumento de Paulo sobre este ponto deixou um grande problema não resolvido. Ao falar da "justiça de Deus" (1.17; 3.21,22) que é mediada pela fé, será que Paulo não se tornou vulnerável à acusação de que Deus mesmo está agindo injustamente? As boas vindas agora estendidas aos

gentios não significam que Deus voltou atrás em sua Palavra ao seu povo da aliança, Israel? Se Paulo está certo em sua opinião, como pode ser justo que Deus dê suas costas a Israel em favor desta nova comunidade de fé, a igreja de Cristo?

Para responder a esta objeção, Paulo recorre outra vez ao AT, e a um argumento cuidadosamente raciocinado, desenvolvido a partir do texto bíblico. Primeiro Paulo mostra que a promessa da aliança não é estendida automaticamente a todos os descendentes físicos de Abraão (9.1-9). Desde o princípio, Deus demonstrou sua liberdade de estender a misericórdia a quem escolhesse (9.10-21). Deus não está, portanto, sendo incoerente com relação a Israel, porque, mesmo na era da igreja, está preservando o remanescente de um povo que rejeitou a fé em favor das obras (9.27-33).

No que diz respeito ao ser justo, Cristo está disponível a todos, tanto a judeus como a gentios, e é "rico para com todos os que o invocam" (10.1-15). Certamente por toda a história Israel ouviu a mensagem de Deus. No entanto, a história mostra que geração após geração foi "desobediente e obstinada" (10.16–11.8). A cegueira de Israel na história passada e na era presente é um juízo divino sobre um povo incrédulo

(11.9,10). Mas isto não significa que Deus tenha rejeitado seu povo, ou que tenha quebrado as promessas de sua aliança com Israel! Os gentios são ramos, mas a raiz na qual eles foram enxertados é judaica. Um dia Deus agirá para restaurar os ramos naturais. Naquele grande dia quando a visão do profeta for cumprida e o "Libertador [Messias] vier de Sião", "todo o Israel será salvo" (11.11-27).

A única certeza grande e completa que sublinha toda a história é que "os dons de Deus e seu chamado são irrevogáveis". A era do evangelho pode mostrar que o plano de Deus é mais complexo do que seu povo do AT, ou até mesmo nós, somos capazes de compreender. Mas jamais devemos interpretar os eventos de forma a fazermos de Deus o mais infiel à sua Palavra (11.28-32).

E assim Paulo conclui sua defesa da justiça de Deus com uma doxologia de louvor àquele cujos juízos são insondáveis, e cujos caminhos são "inescrutáveis" (11.33-36).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas (9.3,4). Para Paulo, o povo de Israel constitui um problema tanto emocional quanto teológico. Individualmente, Paulo sente pesar e angústia incessante, quando vê aqueles de sua própria raça darem as costas à salvação pela fé. Teologicamente, Paulo deve lidar com esta acusação: se Cristo é para os gentios, então Deus voltou atrás em sua palavra à semente de Abraão, e quebrou as promessas de sua aliança. A tristeza de Paulo por seu próprio povo persistiu por toda a sua vida. Mas em Romanos 9–11 ele é capaz de resolver a tensão teológica.

Contudo, quando lemos estes capítulos, mal podemos compreender como era difícil para uma pessoa mergulhada no judaísmo ouvir o que o apóstolo está dizendo.

A razão é que para o judeu comum, e para os sábios, Israel é inigualável. Os muitos privilégios concedidos à raça (9.4,5) eram muito freqüentemente considerados merecidos. Esta opinião é ilustrada em uma citação de Leviticus Rabba, encontrada na p.313. Embora terminada por volta de 450 d.C., esta exposição de Levítico reflete a opinião persistente dos sábios com relação a Israel e seu relacionamento com Deus, no mínimo a partir do século I em diante. Na passagem citada, os rabis argumentam que quando uma palavra é aplicada a Israel, ela expressa louvor chamando a atenção para as qualidades superiores de Israel. Porém, quando a palavra é aplicada às nações, aquela palavra condena e chama a atenção para seus defeitos.

Não há nada aqui além da pressuposição expressa de que Deus não só ama seu povo, como também se agrada deles. E a pressuposição de que a fidelidade de Israel à Lei de Deus, faz com que eles mereçam o favor de Deus!

É bom ter a certeza de que Deus nos ama. É desastroso presumir que Deus nos ama porque o merecemos!

Não que a palavra de Deus haja faltado (9.6). A palavra empregada aqui é ekpipto, e significa “cair” ou “recuar”. Ela é usada em Atos 27.17,26 e 29 para retratar um navio que falha em manter seu curso. Paulo está dizendo que apesar da criação da igreja, da afluência de crentes gentios, e da rejeição de seu Messias pela maioria dos judeus, o curso estabelecido na Palavra de Deus não foi abandonado.

Não importa como as coisas possam parecer, Deus não mudou, nem voltará atrás em relação à sua Palavra.

Também é muito fácil para nós, quando nos deparamos com uma tragédia ou perda, imaginarmos se Deus afastou-se e agora nos negligencia a despeito de sua promessa de amor inabalável. Podemos achar difícil entender nossas circunstâncias, exatamente como os judeus do século I sentiram-se espantados pelos eventos. Mas, nestes momentos, devemos confiar em Deus, não duvidando dele. Devemos buscar novo entendimento de seus caminhos, e não insistir que Deus ajuste-se a nossas velhas idéias de como Ele deve se comportar.

Porque nem todos os que são de Israel são israelitas (9.6). Apesar da tendência de alguns de ver a descendência física de Abraão como uma garantia de salvação, havia no século I muitos que estavam perturbados pelo fracasso de companheiros judeus em se comprometerem totalmente com a Lei de Deus. Esta complacência incomodava aqueles judeus que identificavam a si mesmos e ao seu grupo como os piedosos, os “justos”, ou “os eleitos da justiça”.

Eles deviam estar bem cientes do ponto que Paulo argumenta aqui. Nem todos os que fisicamente são israelitas, o são espiritualmente.

LEVITICUS RABBA V:VII 1.B. [Visto que, ao colocarem suas mãos sobre a cab

É importante observar que Paulo não está contrastando o Israel físico (judaico) do AT com um suposto Israel espiritual (a igreja) do NT. Ele está nos levando de volta ao AT para deixar muito claro que dentro do círculo maior dos descendentes físicos dos patriarcas há um círculo menor desenhado. E dentro do círculo menor estão os descendentes espirituais que compõem a verdadeira família de Abraão e de Deus. Nascer judeu era feliz acaso de nascimento. Mas, nascer de novo não foi, desde o princípio, um acaso; mas sim, uma escolha pessoal e consciente de confiar na Palavra da promessa de Deus.

E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai (9.10). A frase grega é ainda mais explícita, e diz que Rebeca "concebeu [Jacó e Esaú] por ato de relação sexual".

Por que isto é importante? Paulo citou anteriormente a escolha de Deus a favor de Isaque e a rejeição de Ismael como a evidência de que o significado mais profundo de "Israel" não pode ser estabelecido pela mera descendência física de Abraão. No entanto, o leitor judeu poderá argumentar que Ismael era filho de uma escrava, não de Sara. Portanto, o argumento de Paulo não seria válido.

"Tudo bem", Paulo parece dizer. "Olhe para Esaú e Jacó". Eles não tinham apenas a mesma mãe, mas o fato de serem gêmeos – concebidos através do mesmo ato – é uma prova indiscutível de que eles tinham ambos o mesmo pai e a mesma mãe. Contudo, Deus escolheu Jacó e rejeitou Esaú! Mesmo que a genealogia de uma pessoa seja exaltada, a descendência física simplesmente não é uma garantia do favor de Deus!

É ótimo nascer em lar cristão. Mas a fé da mãe ou a fé do pai não pode salvar ninguém além deles mesmos.

Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (9.11). E então o que dizer quanto ao argumento da elite, de que eles eram o verdadeiro

Israel porque, diferentes de seus irmãos indulgentes, eram fiéis à Lei de Deus?

Com estas palavras, Paulo bate uma outra porta na face de seus leitores. Você não pode estabelecer relacionamento com Deus com base na descendência física. Nem pode estabelecê-lo com base nas obras – porque Deus anunciou que escolheu Jacó antes de os gêmeos nascerem!

O ponto de Paulo é simplesmente este. Quando examinamos a história sagrada, devemos simplesmente concluir que Deus sempre operou de acordo com princípios que Israel, de algum modo, compreendeu de uma forma totalmente equivocada!

Como é perigoso ser dogmático. Precisamos estudar e desenvolver crenças sólidas; crenças que estejam profundamente arraigadas nas Escrituras. Contudo, jamais devemos ser dogmáticos, mas sempre dispostos a submeter o pouco que entendemos à Palavra de Deus, visando correção e renovação.

Para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme (9.11). Esta frase, que tem causado tanto tumulto teológico e que ainda perturba a muitos, é kat' eklogen, literalmente, "em termos de Sua livre escolha".

Paulo não está defendendo nesta passagem uma predestinação que determina o destino eterno de indivíduos passivos, empurrando alguns desamparadamente para a perdição e resgatando outros do fogo. Paulo não está defendendo que os seres humanos não possuam livre arbítrio. O que Paulo está defendendo é que, a suposição de Israel de que a descendência dos patriarcas, ou sua observância da Lei limita a liberdade de escolha de Deus, é comprovadamente errada!

A história sagrada em si revela diversas vezes que Deus é livre para fazer as escolhas que melhor servirão aos seus bons propósitos. A clara implicação é que, se Deus escolhe oferecer sua salvação aos gentios e trazer à existência uma nova comunidade de aliança, Ele certamente é livre para fazê-lo!

Que tolice nossa, tentar encaixar Deus em alguma caixa conceitual. Que tolice,

quando ouvimos o testemunho de um irmão quanto ao que o Senhor fez em sua vida, objetarmos: “Mas Deus não pode fazer isso”. Deus é mais livre do que podemos supor, e faz escolhas que refletem seus propósitos, e não nossos próprios propósitos; a perspectiva que Ele tem de sua própria Palavra, é freqüentemente diferente da nossa.

Amei Jacó e aborreci Esaú (9.13). A frase é legal em vez de emocional. É modo do AT dizer que Jacó foi escolhido, enquanto qualquer reivindicação de Esaú em relação às promessas da aliança foi rejeitada de forma decisiva.

O apóstolo não ensina que Jacó estava predestinado para a salvação, ou Esaú predestinado a se perder. As implicações da declaração estão limitadas pelo tema de Paulo, que é a completa liberdade que Deus tem para escolher.

Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer (9.18). A citação que indica que Deus “endureceu” a Faraó é ainda mais problemática para muitos do que as palavras que expressam o “ódio” de Deus por Esaú.

Mas, outra vez, devemos entender a ênfase como apropriada ao tema de Paulo da completa liberdade de escolha por parte de Deus – e não devemos presumir que Deus age tão livremente que nós, seres humanos, não temos absolutamente nenhuma liberdade de escolha!

Na verdade, é possível mostrar, a partir de Êxodo, que este exercício da liberdade de Deus não afetou a própria responsabilidade que o Faraó tinha por suas escolhas. The Bible Reader’s Companion (Victor, 1991) observa que muitos sentem que...

“Se Deus fez com que Faraó resistisse a Ele, não foi justo punir o governante e o Egito por aquele pecado! E o texto realmente diz que Deus endureceu o coração

de Faraó (4.21; 7.3; 14.4). Mas também diz que Faraó endureceu seu próprio coração (8.32; 9.34,35). A maneira como Deus endureceu o coração de Faraó também é importante. Deus não mudou a tendência natural de Faraó, nem forçou Faraó a agir contra sua vontade. Foi o ato de auto-revelação de Deus que endureceu o coração de Faraó. Uma auto-revelação semelhante fez com que os anciãos hebreus cressem" (4.30,31).

"Deus ainda endurece e amolece corações – através dos mesmos meios. Ele se revela a nós em Cristo. Aqueles que escolhem crer são amolecidos, e respondem positivamente ao Senhor. Aqueles que escolhem não crer são endurecidos, e recusam-se a responder positivamente. Cada um escolhe livremente sua reação à auto-revelação de Deus. E cada um, como o Faraó, é totalmente responsável por sua própria escolha" (p. 56)

A liberdade que Deus tem não deve nos levar a presumir que os seres humanos sejam marionetes. Da mesma forma, a responsabilidade dos seres humanos por suas próprias ações não deve nos levar a presumir que Deus seja limitado em sua liberdade de escolha por qualquer coisa que você ou eu possamos fazer.

Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vazo para honra e outro para desonra? (9.21) Esta imagem relembra Jeremias 18.1-11. Ali Deus, o Criador, é descrito como oleiro, que toma em suas mãos um vaso quebrado, e o esmaga formando novamente uma massa; então "tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer" (18.4).

Então que objeção real o judeu pode ter se Deus agora escolhe refazer gentios quebrados e modelá-los em vaso nobre, a igreja? A criação não pode questionar o Criador.

Devemos observar de forma particular a frase: "A mesma massa [de barro]". Israel considerava-se povo singular, especial, completamente diferente do restante da humanidade. Contudo, para Deus, toda a humanidade é uma "mesma massa"; e não duas. Nem os judeus nem os gentios têm o direito de reivindicar, de uma forma exclusiva, a graça, a bondade, ou o amor de Deus.

E que direis, se Deus, querendo mostrar sua ira e dar a conhecer seu poder,

suportou com muita paciência os vasos da ira? (9.22) Esta frase também pode ser traduzida da seguinte forma: "E se for o caso de que..." O exercício de Deus de sua liberdade de escolha não é arbitrário ou caprichoso. E aquilo que Ele escolhe fazer é guiado por seu propósito na Criação e na salvação.

Paulo não tenta oferecer uma explicação total da escolha que Deus faz. Ele faz simplesmente uma ilustração a partir de um princípio estabelecido em Romanos 1–2. Deus tem grande paciência. Embora o pecado que mancha a sociedade humana mostre tanto a ira de Deus quanto seu poder, Deus retarda seu juízo final a fim de que hoje as "riquezas de sua glória" (9.23) possam tornar-se conhecidas tanto pelos judeus como pelos gentios, a quem ele decidiu (ou escolheu) chamar de seu povo (9.25).

Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo (9.27). O remanescente (to hupoleimma) é tema constante dos profetas do AT, e é uma doutrina muito positiva. A despeito de quão terrível seja a apostasia da nação de Israel, e o desvio de sua população em relação a Deus, o Senhor permanece fiel ao compromisso de preservar um grupo de crentes verdadeiros. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

O tema "remanescente" permeia o AT. Este é um tema importante, porque afirma que não importa quão grande seja a apostasia de Israel, e o conseqüente juízo de Deus, um grupo de fiéis ainda existirá (por exemplo, 1 Rs 19.18; Ml 3.16-18). Ele é profeticamente importante, porque retrata o cumprimento do propósito divino em apenas uma parte do povo de Israel. A apostasia, mesmo da maioria dos judeus, não poderia anular a promessa divina. Por diversas vezes os profetas retrataram juízos contemporâneos ou futuros nos quais a maioria morreu, restando apenas uma minoria de crentes. Portanto, a doutrina do remanescente sublinha o ensino do AT sobre a fé. Não era o mero nascimento físico que estabelecia relacionamento pessoal com Deus. Aqueles que nasceram dentro da aliança ainda precisavam responder pessoalmente a Deus, demonstrando uma confiança semelhante à de Abraão, através de uma resposta positiva à Palavra de Deus (p. 521).

Entendendo o significado e a importância do “remanescente”, podemos ver a força desta citação no argumento de Paulo. Deus tem sido coerente desde o princípio. Ele sempre fez distinção entre o Israel físico e o Israel espiritual. Ele sempre demonstrou ser totalmente livre para decidir mostrar misericórdia àqueles que crêem, sejam judeus ou gentios. E Deus desde o princípio tem demonstrado seu compromisso de realizar seu propósito declarado – não através do “povo” Israel, mas através do remanescente que crê.

Os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça (9.30). A frase não significa que os gentios, como povo, estivessem despreocupados com as questões morais. Paulo está dizendo que os gentios não olhavam para a justiça como os judeus o faziam, como uma coisa a ser buscada dentro da estrutura estabelecida pela Aliança Mosaica. Que estranho! Os judeus, que ansiavam por Deus, viam a Lei como lances de escada que deveriam ser galgados para que pudessem chegar ao Senhor; eles tropeçaram e foram ultrapassados pelos gentios, que simplesmente responderam à promessa dele com fé.

Não é suficiente ser sincero, ou mesmo “zeloso” (10.2). Com Deus, a única coisa que conta é a confiança na promessa que Ele nos fez em Jesus Cristo.

Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê (10.4). Paulo diz que a vinda de Cristo coloca fim à má interpretação judaica da lei como modo de salvação – o assunto de 10.1-3. Ninguém pode ouvir o evangelho da graça de Deus em Jesus, e ao mesmo tempo apegar-se à opinião de que aquilo que fazemos leva Deus a nos salvar ou a nos abençoar.

Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo (10.9). Paulo atesta a coerência entre os testamentos, ao ver Deuteronômio 30.11-14, texto que ele cita como fonte crítica do AT.

Uma vez mais, a completa harmonia entre os Testamentos é revelada – quando o AT é corretamente compreendido como uma Torá da promessa em vez de uma Torá da lei.

Portanto, a presente rejeição de Israel está totalmente explicada. Nas palavras de Deuteronômio 29.25, eles “deixaram o concerto do Senhor, o Deus de seus pais” – que é a forma como esta aliança deve ser entendida.

Porventura, não ouviram? Sim, por certo (10.18-21). O judeu fiel pode ainda argumentar que a mensagem cósmica do AT, uma Torá da promessa, simplesmente não é clara. Paulo rejeita este argumento imediatamente. Eles não ouviram? Certamente que sim! O problema é que Israel não queria ouvir. E assim, como “povo desobediente e obstinado”, deram as costas à fé em favor das obras.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

O Remanescente de Israel (11.1-32)

Contexto. O que aconteceu e acontecerá a Israel permanece uma questão profundamente divisora nos círculos teológicos. A questão também tem implicações práticas para relacionamentos judaico-cristãos.

A posição cristã tradicional em relação ao povo judeu é chamada de substitucionismo. É o ensino de que a igreja substituiu Israel como o povo da Aliança de Deus. A convicção central do substitucionismo é que ninguém é salvo fora da fé pessoal em Jesus Cristo. As antigas distinções, uma vez feitas entre judeus e gentios, foram apagadas no que diz respeito ao caminho da salvação!

O substitucionismo tem sido recentemente desafiado. Muitos, buscando relacionamento mais próximo entre judeus e cristãos, postularam uma

abordagem de duas alianças. A abordagem observa que judeus e cristãos adoram o mesmo Deus, e assim conclui que o judeu estabelece um relacionamento pessoal válido com Deus através da Antiga Aliança (Lei Mosaica), enquanto o cristão baseia seu relacionamento igualmente válido e igualmente pessoal com Deus através da fé em Jesus Cristo.

Os ensinos básicos são colocados de lado de uma forma discreta: o testemunho universal do NT de que a salvação é pela fé e não pelas obras; a demonstração cuidadosa de Paulo de que todos são pecadores necessitados de uma justiça que Deus fornece como uma dádiva àqueles que crêem; e até mesmo a declaração de Jesus de que "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Que extraordinário! Não há nenhuma maneira de apoiar uma teologia "de duas alianças" a partir da Palavra de Deus.

O problema, porém, é que algumas das conclusões a que chegam aqueles que corretamente defendem o substitucionismo são erradas! Algumas destas conclusões são:

A igreja tomou o lugar de Israel no plano de Deus.

A igreja herdou as bênçãos que Deus prometeu a Israel.

Os judeus foram rejeitados como povo, e as promessas da aliança que lhes foram feitas, foram revogadas.

Paulo, em Romanos 11, fará uma pergunta em vista daquilo que ele mesmo ensinou anteriormente: "Rejeitou Deus seu povo?" A repentina revelação da igreja como o povo de uma Nova Aliança significa que os propósitos e promessas do AT foram colocados de lado? A resposta de Paulo é extremamente clara.

Exposição. Será que Deus rejeitou seu povo do AT? Paulo responde com um

esboço simples e lógico.

-

Deus Rejeitou seu Povo do Antigo Testamento? A. A ACEITAÇÃO, POR PART

A aceitação, por parte de Deus, de um Israel espiritual (11.1-6). A primeira prova de que Deus não rejeitou Israel é óbvia. O próprio Senhor Jesus é judeu e cristão. Ainda mais, embora na época em que Paulo escreveu esta carta os gentios predominassem na igreja, cristãos de origem judaica estavam presentes em número significativo. Estes cristãos de origem judaica haviam respondido com fé à promessa de Deus em Cristo, e eles agora representam o remanescente fiel do qual o AT fala tão freqüentemente.

Paulo então aponta para a precedência bíblica e histórica. No tempo de Elias a apostasia marcou toda faceta da vida nacional de Israel. Contudo, quando Elias clamou a Deus, o Senhor lhe falou de 7.000 crentes escondidos que não haviam se prostrado diante de Baal. Na graça, Deus preservou seu povo do AT naquele remanescente fiel durante uma época de terrível apostasia.

E agora? Em vez de rejeitar Israel, Deus novamente mostrou sua graça extraordinária em relação a este povo, preservando um remanescente dEle dentro da igreja de Jesus Cristo!

A rejeição, por parte de Deus, do Israel racial (11.7-32). Sem dúvida, é verdade que a igreja substituiu o Israel racial como o povo de Deus. Mas Paulo tem várias coisas a dizer sobre esta rejeição.

A rejeição de Israel é merecida (11.7-10). O Israel racial não obteve, junto a Deus, a posição que tão ansiosamente buscou. Ao buscar relacionamento com Deus baseado nas obras, ao invés da fé (10.1-4), Israel caiu sob a ira de Deus. Não há nenhuma dúvida de que o estado atual do Israel racial é resultado do juízo divino, exatamente como Isaías e Davi mostram.

A rejeição de Israel é benéfica (11.11-16). Ela ajudou o resto da humanidade. Israel não está “além da recuperação” (11.11). E pelo fato de Israel não ter recebido seu Messias, a porta para a salvação foi escancarada aos gentios.

Ao falar da rejeição de Israel como a “reconciliação do mundo” (11.15), Paulo está claramente pensando na visão dos profetas de um mundo dominado pela nação de Israel, governado pelo Messias de Deus. Embora a especulação “e se” seja fútil, Paulo sugere claramente que, se Israel tivesse aceitado a Cristo imediatamente após sua ressurreição, o programa divinamente revelado referente às eras poderia ter marchado para um cumprimento imediato. Em vez disso, a contínua recusa de Israel ao conhecimento de Cristo significou a “reconciliação do mundo [gentílico] com Deus através do Salvador.

Qual é a referência em 11.16 às “primícias?” Aqui, como em Romanos 8, a imagem é a do primeiro produto maduro da terra, que serve como uma promessa da futura colheita. O Israel espiritual, cristãos de origem judaica que aceitaram tanto a Deus quanto ao Messias, serve como a clara promessa de Deus de redimir seu povo antigo em seu próprio tempo de colheita.

É interessante que Paulo deixa claro em 11.15 que, embora a rejeição temporária da nação de Israel tenha beneficiado a humanidade, a restauração do Israel nacional trará benefícios ainda maiores para o mundo. “Se sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será sua admissão, senão a vida dentre os mortos?”

Portanto, embora a rejeição do Israel nacional seja juízo divino sobre a incredulidade, tudo o que Deus fez e fará visa, em última instância, que todos sejam abençoados. Apesar da rejeição do Israel nacional, o Israel espiritual é abençoado, e o mundo dos gentios recebe uma oportunidade de experimentar a graça de Deus.

Digressão: uma advertência contra a arrogância (11.18-24). Aqui Paulo apresenta uma advertência. A principal causa da rejeição de Israel era a arrogância de seu povo. Eles presumiam possuir uma posição privilegiada, e assim torciam a Torá da promessa de Deus, considerando-a apenas a Torá da lei. Em vez de confiar, e pela fé reivindicar uma justiça que Deus está ansioso para dar, Israel insistiu nas obras, e com orgulho presumiu que atos piedosos poderiam torná-lo um povo justo perante Deus. Paulo nos lembra que a raiz e o tronco da salvação são judaicos. A atual rejeição de Israel é simplesmente a quebra de ramos judeus daquela árvore que ainda está de pé, e o enxerto de

gentios. Aqueles ramos judeus foram quebrados por causa da incredulidade, “e tu estás em pé, [somente!] pela fé” (11.20). Com que facilidade Deus poderia arrancar os ramos gentios e enxertar de volta os judeus. Afinal, é a árvore deles!

Devemos tomar cuidado aqui para não lermos esta passagem como se Paulo estivesse falando sobre um indivíduo e sua salvação pessoal. Esta não é uma advertência de que uma vez salvo, um indivíduo está em perigo de ser arrancado do Salvador. Paulo está falando sobre povos, não indivíduos. O substituto, que despreza Israel e vê a igreja como tomando o lugar de Israel no plano eterno de Deus, está em terreno perigoso. É certamente mais fácil para Deus enxertar Israel de volta no relacionamento que dá vida, do que foi para Ele enxertar os gentios, que viviam como estranhos a Deus fora de suas antigas alianças!

A rejeição de Israel é temporária (11.25-32). Paulo dá sua última explicação: Deus restaurará o Israel nacional! Citando promessas registradas em Isaías 27.9 e 59.20-21, Paulo prevê um dia em que Cristo “virá de Sião”, cumprindo o papel que Ele tem como o Messias no AT. O povo judeu, na condição de povo, ainda é o povo eleito de Deus. E quando aquele dia chegar, “todo o Israel será salvo” (11.26).

Aplicação. Paulo dá uma declaração resumida que nos ajuda a definir aquele elemento de substituição que é correto, e conclusões associadas que não o são. “Quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais” (11.28).

Não há salvação para nenhum ser humano, gentio ou judeu, longe do evangelho da fé em Jesus Cristo. E a teologia da “dupla aliança” que postula duas maneiras de salvação está errada. Contudo, não se pode concluir que Deus rejeitou Israel, ou que abandonou seus compromissos com Israel. Quanto à eleição, Israel é amado. “Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (11.29).

À medida que a história encaminha-se para sua conclusão, haverá uma restauração de Israel, primeiro à fé e então à proeminência, à medida que cada predição a respeito do povo da Aliança for cumprida. Não conhecemos os

detalhes. E é tolice estarmos confiantes demais em nossos quadros proféticos que diagramam cada detalhe do noticiário do fim dos tempos, que será exibido no futuro. Contudo, a inesperada rejeição presente e temporária do Israel nacional, evento que não foi claramente previsto pelos profetas, nos lembra de que o plano de Deus é mais complexo do que freqüentemente presumimos.

E é com este pensamento que o apóstolo encerra esta seção de Romanos (11.33-36). Sua análise da história sagrada mostrou claramente algumas das profundidades escondidas da sabedoria e do conhecimento de Deus, e tornou claro que seus juízos são “insondáveis” (11.33). Não conhecemos e não podemos conhecer o pensamento de Deus de uma forma completa. Mas podemos, em total assombro, louvá-lo e glorificá-lo pela complexidade, pela graça, pela beleza e pela glória de seu plano.

Uma Igreja Justa e Amorosa

EXPOSIÇÃO

-

Os capítulos finais de Romanos têm sido chamados de sua seção “prática”, em contraste com seu centro “teológico”. Paulo mostrou que o judeu e o gentio, igualmente, não possuem justiça própria (capítulos 1–3), mas que Deus credita a justiça àqueles que crêem (capítulos 4–5). Esta justiça proveniente de Deus não é simplesmente retórica ou “forense”, porque ao nos salvar Deus nos une a Cristo, fornecendo um canal através do qual o poder do Espírito Santo pode fluir para realmente nos capacitar a vivermos de forma justa aqui e agora. E na verdade, a presença do Espírito é a garantia dada por Deus de nossa redenção final e de nossa perfeição final na própria imagem de Cristo (capítulos 6–8). Com sua exploração desta justiça que é completa “de fé em fé” (1.17), Paulo fez uma pausa para responder à objeção daqueles que viam nisto a aparente separação de Israel. Deus não tem agido injustamente, porque a história sagrada demonstra sua liberdade de fazer tais escolhas, o

princípio de misericórdia que fundamenta seus atos, e seu compromisso com suas promessas. A história sagrada também estabelece o princípio do remanescente, que o Israel espiritual é sempre preservado apesar da apostasia do Israel nacional, e portanto Paulo assegura ao seu leitor que em última instância "todo o Israel será salvo" (capítulos 9–11).

Mas agora resta uma única questão. A "justiça" é mais que uma questão retórica. É mais que uma questão individual. Por toda a Escritura vemos que a justiça é também uma questão corporativa. Deus está decidido a criar uma comunidade justa e moral, um povo cujas vidas, juntas, darão testemunho de seu caráter bem como de sua graça. E assim, em Romanos 12–16 Paulo nos convida a visualizar o estilo de vida compartilhado por uma igreja justa e amorosa.

Como então a comunidade da fé expressa e experimenta a justiça? Inicialmente, cada indivíduo deve estar comprometido com a vontade de Deus (12.1,2). Depois, cada um deve comprometer-se com o corpo, o grupo, usando quaisquer dons que ele ou ela tenham para o benefício dos outros (12.3-8) enquanto, diariamente, expressa o amor real e prático (12.9-21). Os membros da comunidade justa de Deus viverão como bons cidadãos do estado secular (13.1-7), sempre

agindo de acordo com o princípio do amor, tanto para com aqueles que estão de fora como também para com o irmão ou irmã em Cristo (13.8-14).

Os cristãos também estenderão, individualmente, a liberdade de ser responsável perante Cristo por muitas convicções pessoais. Recusando-se a condenar ou debater sobre assuntos "conflitantes", a igreja manterá seu espírito de unidade, e glorificará a Deus. A aceitação, não a conformidade, deve ser a norma na comunidade da fé (14.1–15.13).

Como conclusão, Paulo compartilha um nível mais pessoal, falando sobre seus motivos e planos futuros (15.14-33). De interesse especial, são as muitas saudações registradas no último capítulo, onde, na lista de nomes, encontramos várias mulheres, e uma mistura de nomes judeus, gregos e romanos (capítulo 16). A igreja de Cristo, verdadeiramente, é uma nova comunidade; formada por todos os tipos de pessoas, e ligada a Ele para viver – juntamente – uma vida de amor.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (12.1). Paulo intencionalmente adota a linguagem do AT a fim de mostrar o contraste com o chamado do cristão. Em vez de corpos queimados em um altar, o culto cristão requer uma entrega diária dos nossos membros vivos para fazer a vontade de Deus. Isto, Paulo diz, é nosso logiken latreian, melhor entendido como "religião racional". Latreia é geralmente traduzida como "servir", e se refere à prática da adoração no templo do AT. O que Paulo está dizendo é estimulante.

Em vista do fato de que Deus nos deu a justiça, o culto apropriado assumirá a forma de viver aquele dom em nossa vida cotidiana.

Cada um de nossos atos de obediência pode ser considerado como um gesto de adoração!

Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento (12.2). A palavra usada aqui para "entendimento" é nous, e não deve ser confundida com "conhecimento" nem com "razão". O que Paulo tem em mente é expresso mais apropriadamente como "perspectiva" ou "modo de pensamento".

Os crentes devem resistir às pressões exercidas pelo mundo para nos conformar com seu modo de pensamento, e em vez disso ter cada uma de nossas perspectivas sobre as questões da vida renovada e transformada. A única maneira de você ou eu podermos fazer a vontade de Deus é reconhecê-la. E nós só podemos reconhecer a vontade Deus se aprendermos a ver as questões da vida a partir da perspectiva de Deus.

Que grande dádiva é a Escritrura. E que grande dádiva é o Espírito, que usa a Palavra para renovar nosso entendimento e transformar nossa vida.

Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros (12.5). Paulo sabe que deve haver uma expressão corporativa da obra de Deus nos indivíduos. Aqui ele sugere uma maneira única de olhar para os relacionamentos cristãos

interpessoais. A igreja é um “corpo”.Os cristãos são estes membros do corpo espiritual. Quão intimamente então nós cristãos estamos unidos uns aos outros.

Nesta passagem Paulo enfatiza uma única implicação do relacionamento do “corpo”. A igreja funciona como um corpo quando cada membro usa seus dons para servir aos outros (para uma discussão dos dons espirituais, veja o comentário sobre 1 Coríntios 12–14).

Esta ênfase de Romanos 12 serve como um lembrete importante. Com muita freqüência, os cristãos olham para as igrejas locais como “organizações de serviço”. Que programas a igreja tem para os meus filhos? Que programas ela tem para mim? O coral é bom? Existe um grupo de jovens?

Embora estas possam ser preocupações legítimas, esta não é realmente a maneira de Deus olhar para a igreja. Devemos abrir nossos corações para a Palavra de Deus, e deixar o Espírito renovar nossa perspectiva. Devemos começar a ver a igreja como uma comunhão de homens e mulheres firmemente unidos, que são dedicados a cuidar uns dos outros, e servir uns aos outros. E devemos vir às nossas igrejas procurando compartilhar a vida de uma forma mútua e recíproca.

O amor seja não fingido... amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal (12.9,10). Em cada passagem do NT que trata da igreja como um corpo, o contexto enfatiza o amor. A palavra para amor aqui é agape. No grego secular este era o menos distinto dos termos comuns. Assim, os escritores do NT tomaram esta palavra e a utilizaram atribuindo-lhe um significado cristão inigualável.

Esta é a palavra que a igreja primitiva escolheu usar ao falar do amor de Deus expresso em Jesus. O amor de Deus não é resposta para nossa suposta bondade ou beleza. Em vez disso, o amor de Deus é uma expressão do caráter e da vontade daquele que escolheu amar a nós, pecadores.

O amor agape é um compromisso com o cuidado. Mais ainda, o amor agape é um compromisso de agir para o bem-estar da(s) pessoa(s) amada(s).

Ao enviar Jesus, Deus encheu uma palavra comum de um significado incomum, e definiu para sempre a maneira como você e eu devemos nos relacionar uns com os outros na igreja de Cristo. Quando realmente amamos uns aos outros com o amor agape, com o compromisso de cuidar, e com o compromisso de agir para o bem-estar uns dos outros, então e somente então a igreja de Jesus funciona como o corpo que ela é.

Comunicai com os santos as suas necessidades (12.13). No livro The New Testament in Its Social Environment (Westminster Press, 1986), Stambaugh e Balch escrevem:

Talvez a qualidade mais notável dos cristãos fosse sua caridade, sua generosidade em relação aos pobres. O Evangelho de Mateus é especialmente enfático sobre a necessidade de vestir o nu e visitar o doente (5.42–6.4; 19.16-22 e passagens paralelas; 25.31-46), e em Atos vemos gestos individuais de caridade (3.1-10; 9.36; 10.2-4) como também uma provisão mais institucionalizada para os pobres – as distribuições para as viúvas em Jerusalém (6.1) e a coleta para as vítimas da fome (11.27-30; 24.17). Há muitas exortações à caridade (At 20.33-35; Rm 12.13; Ef 4.28; 1 Tm 5.3; Hb 13.1-3; Tg 2.14-17; 1 Jo 3.17-24), que na geração seguinte foram reconhecidas pelos que eram de fora como uma das qualidades características da comunidade cristã [ênfase minha] (cf. Lucian, Passing of Peregrinus 12–13; Julian, Misopogon 363a-b; Letters 430d, ed. Spanheim).

Ainda é verdade que o amor cristão pode ser medido por nossa preocupação com outros.

Fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre sua cabeça (12.20). Esta palavra de Provérbios 25 tem intrigado os comentaristas há vários séculos. A opinião de Crisóstomo e outros, de que Paulo sugere que façamos o bem a um inimigo para que seu castigo final seja ainda mais severo, não parece absolutamente combinar com o tom do apóstolo aqui. A opinião de Agostinho e Jerônimo parece mais

provável, ao mencionar que Paulo usa o versículo para sugerir uma “vergonha ardente” que pode levar ao arrependimento.

Nossa única ajuda real ao entendermos a metáfora da expressão “amontoarás brasas de fogo” sobre a cabeça de uma pessoa é encontrada do Targum Judaico sobre Provérbios 25.21,22. Ali a imagem é entendida em um sentido positivo, porque o texto acrescenta “e o Senhor to pagará” (isto é, o tornará seu amigo, permite que você o conquiste). Podemos concluir que, a despeito do significado da imagem para o leitor do século I, a intenção era positiva. Fazendo o bem para aqueles que procuram nos prejudicar, nós, na verdade, “vencemos o mal com o bem”.

A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros (13.8). O idioma grego traz o termo opheilete, uma palavra que expressa um sentido de obrigação moral e responsabilidade pessoal. Paulo expande esta obrigação para além da igreja (“uns aos outros”) fazendo referência aos “seus companheiros”. Nós, cristãos, devemos amar a todos assim como Deus nos amou quando éramos seus inimigos.

Mas, por que Paulo sugere que o amor é a única coisa que podemos dever aos outros? Pelo simples motivo de que o amor inclui todas as coisas! Visto que o amor agape só procura beneficiar a pessoa amada, não há necessidade da lista da Lei para as coisas que não se devem fazer. Uma pessoa que ama verdadeiramente não usará o corpo de outra pessoa para, de maneira egoísta, cometer adultério; também não matará, não roubará, nem mesmo cobiçará os bens dos outros!

O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor (13.10). Paulo não sugere, como fizeram os proponentes da ética situacional, que o amor substitui a lei como uma diretriz moral. Antes, Paulo argumenta que uma pessoa que ama escolherá o caminho que a lei demarca.

Agostinho observa sucintamente: “Ame a Deus, e faça como bem lhe aprouver”. Uma pessoa que ama a Deus não fará nada para desagradá-lo. E uma pessoa que ama os outros não fará nada para prejudicá-los.

Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus (14.22). As coisas em que se tem fé, nesta passagem, são práticas não proibidas nas Escrituras, mas que alguns cristãos sentiam não serem apropriadas para crentes. No século I, alguns sentiam fortemente que manter um dia por semana como “sagrado”, e limitar significativamente as atividades neste dia, era uma expressão importante da fé cristã. Semelhantemente, alguns crentes estavam horrorizados pelo fato de outros cristãos comerem carne. O problema era, e é, que os cristãos que “não fazem” condenam e criticam aqueles que “fazem”; enquanto os cristãos que “fazem” desprezam os “fanáticos” que “não fazem”.

O conselho de Paulo neste versículo é admirável por sua simplicidade. Depois de argumentar que cada cristão deve receber liberdade pela comunidade da fé para decidir sobre tais coisas, Paulo apresenta um princípio muito prático: “Guarde suas convicções para si mesmo”.

Quantas divisões em nossas famílias, e em nossas igrejas seriam curadas, se apenas mantivéssemos entre nós e Deus nossa opinião sobre assuntos discutíveis – e nos concentrássemos no pagamento da dívida de amor que temos para com todos.

Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencréia (16.1). A mesma palavra grega é traduzida como “diácono” e “diaconiza” em outras passagens nas cartas de Paulo, como a nota da NVI reconhece.

Os eruditos, estudando a sociologia do século I, desenvolveram várias

inspirações que possuem esta referência, e são sugestivas quando consideramos o papel de Febe – e das outras mulheres – na igreja do século I. Uma amostra de suas opiniões é encontrada no quadro abaixo. Embora este contexto dificilmente constitua uma "prova" de que Febe desempenhasse a função de diaconisa na igreja, ele nos ajuda a responder à pergunta se uma mulher poderia, ou não, ter sido aceita como líder na sociedade do século I.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Sujeição às Autoridades (13.1-7).

Contexto. A igreja veio à existência como uma comunidade de fé, espalhada por todo o mundo pagão. Para que a igreja fosse a comunidade justa imaginada por Paulo, era vitalmente importante que ela tivesse um relacionamento adequado com a sociedade, e particularmente com o governo.

As raízes das incertezas originais podem ser identificadas nas raízes judaicas da igreja. Na Babilônia, a comunidade judaica adotou, como princípio diretor, a regra pela qual "a lei do soberano é a lei para nós". Entretanto, no ocidente, hostilidade intensa e inabalável, em relação a Roma, foi gerada na Judéia/Palestina e influenciou os judeus por todo o Império. Na Judéia, Roma era vista como "Roma a Culpada", o "reino da impiedade", cujo domínio deveria ser resistido. Que contraste isto era com a perspectiva de outros povos submissos, que celebravam Roma como "eterna e divina", e que louvavam seus imperadores como "salvadores". É interessante que enquanto as populações judaicas das cidades do Império constantemente excitavam a opinião pública pelos direitos civis, eles também, por razões religiosas, isolavam-se da vida política e das responsabilidades de outros cidadãos. Portanto, os judeus eram ressentidos por todo o Império e eram, freqüentemente, alvo de acusações, mesmo quando sua seção da cidade não era local de freqüentes tumultos.

Boa parte desta hostilidade era desenvolvimento natural na visão do século I, de que cada cidadão responsável deveria participar ativamente da vida de sua

comunidade. Posteriormente esta convicção gerou grande crítica aos cristãos. Contudo, a vida pública nas cidades do Império Romano era uma vida pagã. Eventos públicos dirigidos pelos oficiais municipais e provinciais envolviam o culto aos deuses e deusas tradicionais da sociedade e, ao mesmo tempo, honravam ao imperador como divindade. Como os judeus, os cristãos não estavam dispostos a participar daquilo que consideravam idolatria.

E assim, pensadores pagãos como Minúcio reclamavam que os cristãos “não compreendem seu dever cívico” (Octavius 12), e Celso argumentava que os cristãos deveriam “aceitar o ofício público em nosso país... pelo bem da preservação das leis da piedade” (c. Cels. 8.75). Ele ridicularizou o motivo alegado pelos cristãos para sua exclusão – que o serviço público exigia o envolvimento no culto pagão e, portanto, a negação do verdadeiro Deus. Para Celso, “No que diz respeito a Deus, é irracional evitar adorar vários deuses”. Afinal, o “homem que adora vários deuses é amado pelo grande Deus, porque está adorando um deus que está entre aqueles que lhe pertencem”. Qualquer que honra e adora todos aqueles pertencentes a Deus, não o fere, visto que todos eles são seus” (c. Cels. 8.2).

FEBE A “DIACONIZA”: CONCLUSÕES A PARTIR DO CONTEXTO CULTU

Portanto, aconteceu que, embora os primeiros cristãos não compartilhassem da hostilidade dos judeus da Palestina em relação a Roma, a natureza da sociedade romana forçou a comunidade cristã em um curso de ação que foi percebido como desleal e hostil pelo governo e pelo povo romano.

Em essência, a igreja de Jesus Cristo foi forçada a tentar viver a justiça de Deus em situação onde havia tensão constante entre os crentes e o estado. E, então, a questão de como o cristão deveria relacionar-se com um governo essencialmente hostil foi extremamente difícil para a igreja, e o ensino de Paulo aqui era de importância crítica.

Interpretação. O princípio de Paulo para se relacionar com o governo secular é essencialmente o dos judeus babilônios. A ordem: "Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores" (13.1-7) é claro paralelo à expressão: "A lei do soberano é a lei para nós".

Paulo, porém, é cuidadoso ao apresentar uma base teológica para a sujeição às autoridades seculares (13.1). Ele argumenta que o próprio Deus ordenou o governo. Isto não significa que Deus tenha ordenado um governo em particular, tal como o "governo dos Estados Unidos". O que Paulo está dizendo é que Deus estruturou o mundo de seres humanos de tal forma, que haverá autoridades e submissos, governantes e cidadãos. Aquele que se considera cidadão deve responder apropriadamente ao governo, caso contrário violará a ordem da sociedade divinamente ordenada. Aquele que faz isso se achará em rebelião contra Deus.

Paulo continua explicando por que Deus ordenou este estado de coisas (13.3,4). Ele o fez para promover a paz pública. A missão de um governo é "portar a espada". Nisto o governo é o "ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal".

Isto não sugere que o governo seja o servo consciente de Deus, ou que o governo seja responsável por estabelecer leis que estejam em conformidade com os padrões bíblicos. Em vez disso, Paulo argumenta que a própria natureza que o sistema de governo-governado que Deus criou leva os governantes a punir aqueles que fazem o mal – em benefício dos interesses da própria sociedade.

Pelo fato de que em nosso mundo caído os seres humanos têm grande potencial para a impiedade, a restrição imposta pelo governo humano é absolutamente essencial. O fato é que qualquer governo, para sobreviver, deve punir os que fazem o mal. Ele não pode dar-se ao luxo de permitir que seus cidadãos sejam vitimados e assassinados, porque cidadania próspera é essencial para o bem-estar do estado. Portanto, o interesse próprio esclarecido requer governantes que punam os que praticam o mal, e um benefício que procede deste fato é a proteção e o bem-estar de seus governados.

Paulo argumenta que ao se submeter aos governantes, o cristão apóia o sistema que Deus ordenou, e assim participa de um dos propósitos da graça de Deus em nosso mundo atual. Isto é o que Paulo quer dizer quando menciona que devemos nos sujeitar por causa da consciência, e não apenas porque o governo tem o poder de nos punir. A consciência exige que nós apoiemos ativamente o funcionamento de um sistema que Deus instituiu para o benefício da humanidade.

Como Paulo conclui, “Por esta razão... pagais tributos” (13.6,7). Portanto, a finalidade destes recursos é apoiar um sistema que Deus ordenou – embora este sistema, como no caso do Império Romano, às vezes seja usado de forma equivocada, chegando a perseguir os cristãos! Estes versículos sugerem claramente que nosso apoio ao governo deve ser ativo e sincero.

O princípio de sujeição que Paulo estabeleceu foi seguido rigorosamente pela igreja cristã mesmo em tempos de perseguição. Mas, como foi salientado acima (veja o tópico Contexto), os cristãos foram incapazes de participar do governo. Os cristãos falharam, em meio a uma convicção religiosa de que seus vizinhos pagãos podiam não entender nem apreciar, em fazer muitas das contribuições cívicas esperadas dos cidadãos no século I. Com o passar do tempo, os cristãos começaram a ser vistos com hostilidade mais profunda do que aquela que os judeus haviam sofrido. A exclusão dos cristãos da vida pública era traição tão grande ao ideal helenístico, que os crentes foram acusados de odiarem a humanidade, e a recusa dos cristãos de adorarem às divindades da sociedade maior levou a acusações de ateísmo.

Mesmo assim, o cristão comum concentrou-se em viver uma vida boa dentro da estrutura humana, bem como da lei divina. Atenágoras, o escritor cristão do século II, faz esta defesa: “Entre nós você encontrará pessoas incultas, artesãos, e mulheres idosas, que, mesmo incapazes de provar o benefício de nossa

doutrina com palavras, por seus atos mostram o benefício que surge da persuasão de sua verdade; eles não ensaiam discursos, mas exibem boas obras; quando atacados, não atacam novamente; quando roubados, não vão à lei; eles dão àqueles que lhes pedem, e amam o próximo como a si mesmos" (Plea, cap. 11). Em resumo, os cristãos eram os melhores cidadãos em um estado que os desprezava, não os compreendia e os maltratava.

Aplicação. Uma pergunta crítica em nossos dias gira em torno de com que rigor nós, cristãos, devemos aplicar o princípio de Paulo de sujeição aos governantes. Ninguém toma Romanos 13 para ensinar que o crente deve obedecer ao governante, nas situações em que fazer isto significaria desobedecer a Deus. Ninguém toma Romanos 13 para sugerir que a vontade do governante é, ipso facto, a vontade de Deus.

Mas, freqüentemente, as questões não são bem delineadas. Será que Romanos 13 significa, por exemplo, que os colonos não tinham o direito de se rebelar contra a coroa britânica nos anos de 1770? Romanos 13 significa, por exemplo, que aqueles que marcharam durante os anos de 1960 em oposição às leis racistas estavam errados? Que uma pessoa convencida de que a guerra é imoral não tinha o direito de resistir ao alistamento militar nos anos de 1970? Que nos anos de 1990 é errado fazer piquete diante de clínicas de aborto? Em vista do texto de Romanos 13, será que a desobediência civil está sempre errada?

Embora a obediência a Deus deva sempre tomar a precedência, podemos freqüentemente nos achar em um dilema moral, onde nenhum "isto está certo" coloca-se de forma bem definida em contraste com um bem definido "isto está errado".

Como resolvemos uma questão, quando vamos a uma Escritura que diz: "Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores", e nossa consciência parece exclamar que desta vez, pelo menos, não devemos nos sujeitar?

Para responder, devemos voltar ao centro do ensino de Paulo. O apóstolo disse que o governo como sistema é ordenado por Deus. A sujeição do cristão aos governantes é questão de consciência, e expressa intenção de apoiar o governo como estrutura que Deus ordenou para o benefício da humanidade. Portanto, o que quer que façamos, devemos apoiar o governo em sua função de direito.

Uma maneira pela qual apoiamos e nos sujeitamos ao governo é obedecendo às

leis de nossa terra. Mas também é possível apoiar e se sujeitar ao governo embora desobedecendo as leis de nossa terra. Nos sujeitamos obedecendo, mas também nos sujeitamos recusando-nos a resistir ao governo em seu papel legal de punir aqueles que infringem suas leis.

Por exemplo, se eu fizer piquete diante de uma clínica de aborto e minha consciência requerer de mim que eu ilegalmente bloqueie o acesso a ela, então também devo, em minha consciência, apoiar o direito que o governo tem de me punir pela minha ação. Não posso me recusar a comparecer ao julgamento, ou fugir para o Canadá. Eu posso ter infringido uma lei bloqueando o acesso, mas apoio a regra da lei aceitando qualquer punição que os tribunais imponham.

O que Romanos 13 nos ensina é que devemos agir sempre com uma boa consciência para apoiarmos a regra da lei, mesmo quando meu compromisso com a lei de Deus me obriga a infringir a lei da sociedade.

Nunca é fácil viver com a tensão que sentimos, como cristãos, entre nosso compromisso com um Deus cujos valores são, freqüentemente, muito diferentes dos valores de nossa sociedade, e nosso compromisso de vivermos como bons cidadãos no mundo dos homens. Contudo, somos chamados para viver com esta tensão; e agimos assim para obedecermos às leis humanas, ou para demonstrarmos nossa submissão à regra da lei, aceitando a punição quando a consciência nos chama a desobedecer.

O Fraco e o Forte (14.1–15.7).

Contexto. Há realmente uma única questão levantada nesta passagem. Isto é, "Qual é o preço da aceitação na comunidade cristã?"

A aceitação é importante para todos, cristãos ou não. A questão da aceitação é extraordinariamente importante durante os anos da adolescência, quando a auto-estima é frágil e as dúvidas pessoais crescem. Os adolescentes tentam encontrar um grupo com que eles possam identificar-se, grupo ao qual eles possam pertencer. Não é de admirar que seja tão importante vestir o que as outras crianças vestem, gostar do mesmo tipo de música, e fazer o que quer que os outros façam. Agindo como os outros em seu grupo, os adolescentes ganham a

aceitação e sentem que fazem parte dele.

E o mesmo acontece com a maioria dos adultos. Nos vestimos da mesma forma que nossos colegas de trabalho. Quando somos convidados a jantar fora, a primeira pergunta é: “O que devemos usar?” Por baixo dos padrões óbvios da roupa estão regras mais sutis. Para se encaixar em uma turma você precisa jogar tênis e pertencer ao clube; para pertencer a outra turma você precisa envolver-se em uma causa comum.

Em toda sociedade humana há um preço a pagar pela aceitação – a conformidade. Conformidade no vestir, conformidade em atividades, conformidade em valores e estilo de vida. Se formos como os outros, presumimos que seremos aceitos por eles, e finalmente sentiremos que também fazemos parte.

Muitos cristãos têm adotado este sistema e, espremidos para dentro do molde do mundo, freqüentemente têm estabelecido seus próprios padrões para fazerem parte. Nós também colocamos etiqueta de preço na aceitação. Para alguns, a etiqueta de preço é doutrinária: para ser aceito você precisa crer na Bíblia, ou que a volta de Cristo ocorrerá antes do Milênio. Mas, para a maioria daqueles que estão no mundo, o preço é a conformidade no estilo de vida em vez da crença. Você deve fumar ou beber. Você não deve reunir-se na igreja, nem participar de um estudo bíblico em casa. Não deve estar em uma igreja em casa, nem em uma igreja que se reúna em um prédio. Você deve ser conservador político ou liberal; e ter forte opinião sobre o aborto.

No caso da igreja, há muitas coisas não estão diretamente proibidas nas Escrituras. Contudo, se você falhar no teste de conformidade que a comunidade cristã local estabelece, você pode ser tolerado, mas não será aceito. De maneiras sutis você será informado de que realmente não faz parte. Podemos não anunciar nossos “preços”, mas em muitas igrejas o preço da aceitação está lá, e as pessoas lêem nossos preços.

É disto que o apóstolo Paulo fala nesta passagem; do preço que exigimos dos outros para que os aceitemos.

Interpretação. Quando entendemos a aceitação como algo que o mundo oferece em troca da conformidade, podemos entender como o ensino da Bíblia é agitador. Paulo escreve extensivamente sobre este tópico aqui, e começa sua

instrução com estas palavras: "Quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas" (14.1).

A passagem continua explicando. Como nas comunidades cristãs hoje, os crentes na época de Paulo haviam começado a colocar a etiqueta de preço da conformidade sobre a intenção de fazer parte. Um grupo aceitava apenas cristãos vegetarianos. Outro aceitava somente aqueles que concordavam com eles sobre qual dia da semana é mais sagrado. Uma pessoa seria verdadeiramente aceita somente se cresse em Jesus e se conformasse com as distinções dos grupos divergentes.

Mas Paulo fala com ousadia a favor da liberdade dos cristãos. Ele lembra os romanos que cada indivíduo pertence ao Senhor agora, e que... "morreu Cristo e tornou a viver, para ser Senhor tanto dos mortos como dos vivos" (14.9). Em áreas abertas à disputa (isto é, onde a coisa certa a fazer não está claramente estabelecida por ensino direto da Palavra de Deus), não devemos julgar ou desprezar nossos irmãos. Somente Jesus está qualificado para julgar (14.10-12). Libertos de nossa responsabilidade auto-imposta de vivermos a vida dos outros, somos livres simplesmente para amá-los. Paulo define a questão desta forma: visto que Deus aceitou nossos irmãos cristãos, quem somos nós para estabelecer testes adicionais de comunhão? (14.3,4)

Há uma liberdade maravilhosa que temos em Cristo. No mundo, os seres humanos podem temerosamente insistir em estabelecer testes que os outros devem atender. Em Cristo, podemos abrir nossos corações para os outros calorosamente, recebendo até aqueles cuja fé é fraca. Paulo conclui sua explicação com estas palavras desafiadoras: "Recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus" (15.7).

Aplicação. Nesta passagem, Paulo esclareceu a perspectiva divina quanto às "contendas sobre dúvidas". Neste processo, ele estabeleceu vários princípios pelos quais nós cristãos devemos aprender a viver:

Não devemos julgar ou desprezar outras pessoas cujas convicções difiram das nossas.

Devemos reconhecer o senhorio de Jesus Cristo como realidade prática. Isto significa que devemos proteger a liberdade que os cristãos têm, individualmente, de tomarem suas próprias decisões quanto às “contendas sobre dúvidas”. Jesus, não a minha consciência, é o Senhor do meu irmão.

As “contendas sobre dúvidas”, nas quais divergimos, não são erradas nem certas em si mesmas. Mas, qualquer ato que viole a consciência é errado para as pessoas.

No exercício de nossa liberdade, devemos permanecer sensíveis às convicções dos outros. Escolher agir de maneira a beneficiar nossos irmãos é mais importante do que afirmar nossa liberdade de fazer algo que viole a consciência dos outros.

Estaremos em situação bem melhor se, todos nós, concordarmos em manter para nós mesmos nossas convicções sobre questões duvidosas, e tratarmos de assuntos relacionados a amar e servir uns aos outros.

Lembremo-nos sempre do exemplo de Cristo. Como Jesus aceitou a você e a mim? Ele nos recebeu em nossa imperfeição. Ele nos recebeu em nossa ignorância. Ele nos recebeu enquanto velhas práticas ainda estavam ligadas a nós, como as faixas de linho da sepultura ligavam o Lázaro que o Senhor ressuscitou (João 11.44). Jesus nos recebeu para uma experiência transformadora de amor, confiante de que o poder do perdão de Deus nos limparia e nos purificaria. É privilégio nosso como cristãos alcançarmos, com esta mesma recepção de amor, a todos os que confessam a Jesus como Salvador.

Aceitar os outros não significa que devemos concordar com tudo o que eles crêem imediatamente. Não significa que aprovemos tudo o que eles fazem. No mundo, a aceitação significa que deve haver conformidade. Em Cristo, a aceitação significa que, na companhia do povo de Jesus, há recepção, calor

humano e amor –amor que diz a irmãos e irmãs que, finalmente, eles encontraram o povo de que fazem parte.

Uma Família Unida - A Igreja

EXPOSIÇÃO

A carta aos Coríntios tem sido chamada de a “epístola problemática” do NT. Ela contém a resposta de Paulo a relatos de conflito no corpo local, e de confusão sobre a doutrina e a prática cristãs. Cada novo tópico é apresentado pela frase grega peri dei, “e quanto a”, tornando relativamente fácil descrever o livro em linhas gerais, e seguir a discussão de Paulo. Contudo, os comentaristas não têm concordado em um tema unificador, mas têm apenas notado que, ao longo de todo o livro, Paulo parece ter a intenção de defender sua autoridade apostólica, que foi desafiada pelas facções que existiam em Corinto.

Entretanto, parece haver realmente um tema unificador, um problema fundamental que é refletido em várias das questões com as quais Paulo trata. Este problema fundamental é simplesmente o seguinte: através de um meio ou de outro, alguns membros da igreja em Corinto parecem ter o intuito de estabelecer a superioridade espiritual de seu grupo. A questão é prestígio: quem dentro da igreja possui a posição mais elevada, a maior influência, mais poder, direito de controlar?

Em seu desejo por posição, os vários grupos de Corinto afirmavam sua reivindicação de maneiras diferentes. Um grupo reivindicava superioridade, porque sua lealdade estava dedicada a um líder humano mais impressionante (capítulos 1–4). Outro reivindicava ser mais espiritual, porque seus membros abstinham-se do sexo no casamento (capítulo 7). E ainda outro, porque seus membros não comiam a carne que era proveniente dos mercados de carne pagãos (capítulo 8). Havia ainda outros que reivindicavam uma superioridade, por causa de sua posição superior na sociedade da cidade (capítulo 11), enquanto um outro grupo protestava que seus membros eram obviamente mais espirituais porque falavam em línguas (capítulos 12–14). Por diversas vezes sentimos a luta dos cristãos em Corinto para estabelecer uma hierarquia dentro da comunidade da fé;

uma hierarquia que, na escala de valores deste ou daquele grupo, os tornaria superiores aos demais!

Não é de admirar que os escritos de Paulo sejam tão enérgicos aqui! A igreja deve ser uma, o corpo vivo de Cristo na terra. Para cumprir seu propósito divinamente ordenado, a igreja deve ser uma em experiência bem como em realidade. Então Paulo apresenta-se para a tarefa, não só na defesa de sua autoridade apostólica, mas também corrigindo o pensamento daqueles que supunham que sua doutrina, ou prática em particular, fossem a base para uma reivindicação de superioridade sobre seus irmãos e irmãs.

E então chegamos aos capítulos de abertura desta importante epístola. Ali, após as saudações iniciais (1.1-9), Paulo dirige-se àqueles que procuravam construir seu próprio prestígio reivindicando serem seguidores de um líder humano mais impressionante do que os outros (1.10-17). Paulo prossegue, mostrando que este tipo de pensamento mundano pode parecer “sábio” de acordo com os padrões humanos. Mas a sabedoria de Deus, que o homem julga “loucura”, revelou que tal pensamento era vão. O evangelho concentra nossa atenção em Cristo, não em líderes humanos (1.18-31); o que atrai é a fé, não o argumento persuasivo (2.1-5). O conteúdo da sabedoria de Deus é nosso por revelação, e cada pessoa que tem o Espírito tem acesso à mente de Cristo (2.5-16). Em vista disso, a discussão dos coríntios sobre os líderes humanos mostra que eles agem como “meros homens”, e não como cristãos maduros (3.1-4). Os líderes humanos são apenas trabalhadores no campo que Deus está cultivando; seu povo é que é importante, e não seus líderes. O que conta é que você é de Cristo – não que você segue Apolo ou Paulo ou qualquer outra pessoa (3.5-23).

No entanto, a igreja deve considerar os apóstolos como “ministros de Cristo”, e se dar conta de que eles receberam a confiança do Senhor ao serem designados como “despenseiros dos mistérios de Deus” (4.1-7). Apesar da baixa consideração que Paulo teria pelas pessoas do mundo helenístico (4.8-13), ele é seu “pai” através do Evangelho, o fundador de sua igreja, e Deus lhe concedeu a autoridade espiritual à qual os arrogantes dentre eles devem sujeitar-se; caso contrário, experimentarão as conseqüências (4.14-21).

A cidade de Corinto localizava-se em um istmo, controlando o acesso a dois mares: o Egeu no oriente, e o Jônio no ocidente. Esta antiga cidade próspera, chamada de “a ponte dos mares”, havia sido destruída pelos romanos em 146 a.C. Ela foi restabelecida em 46 a.C. por Júlio César, e habitada por veteranos do exército e homens livres. A localização estratégica da cidade atraiu rapidamente uma grande população, e na época do nascimento de Cristo, Strabão escreveu: “Corinto é tida como uma cidade ‘rica’ por conta do comércio”. Uma outra fonte de prosperidade era a indústria bancária que se desenvolveu ali. Um terceiro fator era a grande colônia de artesãos que se fixaram em Corinto. Por exemplo, o bronze de Corinto era apreciado por todo o Império, e as lâmpadas de Corinto eram exportadas para todas as terras. Finalmente, nos dias de Paulo, Corinto também era a capital da Acáia, e a atividade do governo trouxe tanto a população como a riqueza para a cidade. O retrato que obtemos é o de uma comunidade atarefada e apressada, ativa, e próspera, habitada por homens e mulheres ambiciosos, ansiosos por prosperar e serem bem-sucedidos.

Muito tem sido escrito sobre as práticas sexuais de Corinto, e o relato de um templo dedicado a Afrodite, e servido por mil prostitutas, é controvertido. Não há dúvida de que a moral era indolente em Corinto, como em qualquer cidade portuária! Mas a palavra “corintianizar”, um eufemismo para a indulgência na promiscuidade, foi criada antes de a cidade antiga ser destruída em 146 a.C., e não se refere à Corinto do século I.

O que parece mais significativo é o tom geral da cidade: suas diretrizes e entusiasmo, seu foco no sucesso e na realização pessoal. Quando olhamos para a epístola que Paulo escreveu para sua “congregação problemática” ali, sentimos rapidamente que estas características contaminaram a igreja, e são refletidas no desejo de seus membros de estabelecer seu próprio prestígio dentro da comunhão da fé.

Certamente em nossa própria sociedade valorizamos os traços do trabalho árduo, do entusiasmo, e do compromisso com o sucesso pessoal que marcavam os homens e mulheres de Corinto. No entanto, estes mesmos traços, como veremos, podem ser destrutivos para a unidade que devemos aprender a desenvolver ao vivermos juntos como membros do corpo único de nosso Senhor Jesus Cristo.

ESTUDO DA PALAVRA

Paulo, chamado apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus (1.1). Paulo tipicamente inicia suas cartas identificando a si mesmo como um apóstolo. Aqui, porém, ele enfatiza seu chamado “pela vontade de Deus”. Aqueles de Corinto que arrogantemente desconsideram o aparecimento do apóstolo, e o comparam desfavoravelmente com melhores oradores, ignoram a verdadeira questão. Paulo é um homem de Deus; é pela vontade de Deus que Paulo possui a posição de apóstolo. Por esta razão, a igreja deve respeitar Paulo e ouvir seu ensino com atenção.

É importante que nós também olhemos além das coisas artificiais em nossos relacionamentos com aqueles que possuem autoridade espiritual em nossas igrejas. Uma atitude de desrespeito, ou de antagonismo, pode prejudicar mais a igreja local do que quaisquer fraquezas dos líderes, ou até mesmo que os erros de julgamento que um líder possa cometer.

À igreja de Deus que está em Corinto... chamados santos, [junto] com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1.2). Esta carta é dirigida a toda a igreja, não a qualquer facção dentro dela. Os cristãos foram chamados, como um povo, para que juntos fossem separados para Deus. Somos chamados em Cristo para sermos o povo santo de Deus – juntos. Não devemos estabelecer um curso independente, como os coríntios fizeram, fixando nossos próprios critérios pelos quais devemos nos julgar espiritualmente uns aos outros.

Os cristãos que procuram estabelecer sua própria superioridade dentro da igreja abandonam o chamado da igreja para serem uma comunidade de fé santa e unificada.

Nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (1.7). Não é nosso potencial espiritual que conta. É se nos esforçamos ou não para colocar nosso potencial em prática.

Ao mesmo tempo, Paulo compartilha uma perspectiva importante aqui. Paulo diz: “Sempre dou graças ao meu Deus” (1.4) por esta igreja dividida e defeituosa – porque o apóstolo sabe que o potencial existe. Posteriormente, Paulo nos mostrará que Deus concede dons espirituais a cada crente. Portanto, o potencial para o crescimento e mudança existe em todos. Olhando para os problemas da igreja de Corinto, Paulo poderia muito bem ter ficado desanimado. No entanto, ele escolheu concentrar-se na promessa que a posse do Espírito de Deus traz para cada pessoa em Cristo.

Quando estivermos desanimados com outros, lembremo-nos do exemplo de Paulo. Vamos nos unir a ele agradecendo a Deus pelo potencial que, a seu tempo, Deus fará com que seja desenvolvido até mesmo na vida do cristão mais apático.

Que não haja entre vós dissensões (1.10). A palavra grega é schismata. O significado literal é “rasgo” ou “rachadura”. Paulo não está pensando aqui em tal fenômeno como o denominacionalismo. Antes, sua preocupação é pelo conflito no corpo local que coloca cristão contra cristão, e destrói a unidade “da mente e do pensamento” que é essencial quando damos um testemunho vital a favor de Jesus.

Além disso, isto não significa que os cristãos não devam ter opiniões diferentes. O que isto significa é que não se deve permitir que nossas diferenças rasguem o tecido de unidade que nos capacita a testificar de nossa unidade essencial no Senhor.

Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus (1.18). Paulo pretende deixar claro que o

Evangelho não é uma forma de “sabedoria”. No mundo grego, a “sabedoria” envolvia um esforço racional para que houvesse sentido naquilo que o homem observava ou experimentava. No judaísmo, a “sabedoria” exigia um milagre visível, a intervenção direta de Deus para cumprir as promessas do fim dos tempos (cf. 1.20 com 1.22).

Mas Paulo faz uma exposição importante ao usar o particípio presente, colocando o crente e o descrente em contraste. Aqueles que “estão sendo salvos” rejeitaram as abordagens humanas a fim de confiarem na sabedoria de Deus conforme expressa na mensagem de Cristo. São aqueles que estão “perecendo” que fazem pouco da mensagem de Cristo como loucura, e rejeitam sem demora a sabedoria de Deus.

As implicações são óbvias. Se fundamentarmos nossa vida de fé considerando a loucura da cruz como a verdadeira sabedoria, devemos certamente prosseguir em nossa caminhada cristã comprometendo-nos totalmente com a sabedoria de Deus, e com seus caminhos.

Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres (1.26). O fato nesta questão é que, no século I, somente cerca de 1 por cento da população poderia ter sido caracterizada como sábia pelos padrões humanos; por sua influência ou por se tratarem de pessoas nascidas como nobres. O fato de pelo menos alguns da classe superior – que era extremamente pequena – terem sido cristãos, é muito significativo.

Mesmo assim, os cristãos, como uma classe, eram desprezados pela elite. O escritor pagão Celso é citado por Orígenes (Contra Celsus 3.44) em uma passagem que deturpa e zomba desta declaração de Paulo. Celso escreveu:

Suas injunções são assim. “Não permita que ninguém que seja educado, sábio, sensato aproxime-se. Porque estas habilidades são consideradas por nós como más. Mas quanto a qualquer que for ignorante, estúpido, inculto, qualquer que

for infantil, deixe-o vir com ousadia". Mas pelo fato deles mesmos admitirem que estas pessoas são dignas de seu Deus, mostram que querem e que são capazes de convencer apenas os loucos, desonrados e estúpidos, além de escravos, mulheres e crianças.

A elite autonomeada de nossos dias também tende a zombar do cristianismo. Contudo, no tempo de Deus, aqueles que crêem serão apresentados como os que são verdadeiramente sábios.

Quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria (2.1). No capítulo 1, Paulo chamou a atenção para o conteúdo do Evangelho, e o identificou como uma expressão da sabedoria de Deus. Aqui, Paulo chama a atenção para a maneira da apresentação do ensino de Cristo. Nem a "sublimidade de palavras" (ou eloqüência, hyperochen logou: uma poderosa oratória) (2.1) nem a "sabedoria", ou a "sabedoria superior", conforme algumas versões (o significado provável de sophia aqui é "discurso filosófico") são relevantes.

Este ponto é importante, porque na cultura helenística a habilidade de um orador era sempre julgada como mais importante do que o conteúdo de seu discurso, e em muitos casos nos tribunais o veredicto era mais favorável ao advogado cuja oratória era poderosa, do que àquele que possuía o direito a seu lado.

Quando se trata da apresentação do evangelho, porém, a mensagem é mais importante que o mensageiro. É a verdade do evangelho que move as pessoas. A validade de nosso testemunho não se sustenta ou cai dependendo de nossa aparência, ou de nossa habilidade de discursar.

Os cristãos modernos também podem dar mais importância ao mensageiro do que à mensagem. "Eu gosto muito da forma como esta pessoa prega..." esta é uma expressão que mostra que, para alguns, a maneira de pregar pode parecer muito mais importante do que o conteúdo do sermão. O que devemos considerar é se o sermão nos desafia, nos ensina, e nos chama para um modo de vida transformado.

Falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério (2.7). O que caracteriza a sabedoria de Deus? Paulo tem quatro coisas importantes a dizer sobre ela.

Ela está contida em um mysterion; ela é uma sabedoria “oculta em mistério”. O termo refere-se à verdade inacessível aos seres humanos, mas agora revelada a todos em Cristo.

“Oculta em mistério”. Até a Encarnação, Deus ocultou em vez de revelar aquela parte de seu plano eterno que agora foi revelado em Jesus.

“Nenhum dos príncipes deste mundo conheceu” (2.8). Paulo quer dizer que a sabedoria de Deus permanece oculta àqueles que se recusam a crer. Embora revelada àqueles que estão comprometidos com a maneira como o homem vê o universo, simplesmente não conseguem “enxergar” o evangelho.

Finalmente, embora fora de ordem, a sabedoria de Deus tem como finalidade nossa glória (2.7). Ao firmarmos nossa posição junto à sabedoria divina, somos assegurados da salvação definitiva que nos foi prometida, porque seremos transformados na própria imagem de Cristo na presença de nosso Deus.

Que contraste com a sabedoria humana, restrita como é não só por nossos poderes insignificantes, mas também por nossa própria incapacidade de enxergar a realidade que reside além do mundo físico e social no qual vivemos.

Que loucos seremos se deixarmos que os argumentos de meros seres humanos nos desviem, de alguma forma, de nosso compromisso para com a verdade revelada de Deus!

Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu” (2.9). Os comentaristas têm lutado com a questão do que Paulo está citando aqui, porque nenhuma passagem do AT lembra realmente a citação, seja em hebraico ou na Septuaginta em grego. Visto que os paralelos mais próximos que foram encontrados são Isaías 64.4 e 65.17, argumentos tortuosos têm sido desenvolvidos para mostrar como Paulo derivou aquilo que deve ser uma paráfrase excepcionalmente livre.

No entanto, Paulo está nesta passagem contrastando a sabedoria humana com a sabedoria oculta de Deus. É possível que ele esteja fazendo uma citação de uma fonte secular, não como prova de sua posição, mas para ilustrar os limites da capacidade da humanidade de compreender a realidade. Se este for o caso, Paulo pode muito bem-estar referindo-se a uma passagem nos escritos do grego, Empédocles, do século V a.C., cujas palavras tão admiravelmente lembram as de Paulo! (veja a porção em itálico na citação de Empédocles, abaixo) Certamente a passagem de Empédocles expõe exatamente o que Paulo quer dizer aqui, quando contrasta a sabedoria de Deus com a sabedoria do homem.

EMPÉDOCLES

Fracos e limitados são os poderes implantados nos membros do homem; muitas são as desgraças que caem sobre eles e que cegam os limites do pensamento; curta é a medida da vida na morte pela qual eles labutam. Então eles são levados para longe; como fumaça que desapareceu no ar; eles sabem que aquilo com que sonham é apenas o pouco com que cada um tropeçou ao vagar pelo mundo. Contudo, todos se vangloriam de terem aprendido tudo.

Tolos, vãos! Porque isto, nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nem pode ser imaginado pela mente do homem.

Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido (2.15).

Nesta passagem o pneumatikos é “o homem com o espírito”. É importante para o argumento de Paulo saber que ele consistentemente ensina que todo cristão recebeu o Espírito de Deus. Por um lado, então, Paulo lembra os coríntios que nenhuma facção pode reivindicar a superioridade espiritual sobre outra, porque todos possuem o Espírito!

Alguns consideram a frase “de ninguém é discernido” significando que o cristão não está sujeito ao julgamento de nenhum homem que não tenha o Espírito. Em vista de Romanos 14, e em vista das divisões em Corinto, é mais provável que Paulo aqui esteja advertindo os coríntios a não julgarem uns aos outros. Cada crente tem acesso à mente de Cristo através do Espírito, e é responsável perante Ele como Senhor. E, visto que conhecemos a mente de Cristo, devemos certamente reconhecer que a vontade dEle é a unidade do Seu corpo na terra!

Ainda sois carnais (3.3). A palavra aqui é sarkikos, que significa “carnal” ou “da carne”. Embora possuam o Espírito, os coríntios não vivem pelo Espírito; sua perspectiva e comportamento expressam a natureza pecaminosa da humanidade.

Embora a tradução da NVI como “mundanos” seja inadequada, ela nos lembra uma verdade importante. As coisas mundanas não são apenas aquelas que os cristãos “não devem fazer”, tais como fumar, beber etc. As coisas mundanas estão relacionadas com “agir como meros homens” (3.3), movidos pelos impulsos egoístas que guiam a humanidade perdida.

Com leite vos criei e não com manjar, porque ainda não podíeis (3.2). O Evangelho é tanto leite como carne, conforme 1 Coríntios 2.6-16 sugere. A salvação é o leite; o manjar é a percepção de que a vida cristã deve ser vivida à luz da sabedoria de Deus, e não conforme a sabedoria e os caminhos da sociedade humana.

Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo (3.15). A sabedoria de Deus exige que cada um de nós edifique a própria vida com materiais que sobrevivam quando o universo material for consumido (2 Pe 3.5-7). A nossa salvação não está em questão aqui. O que está em questão aqui é se nosso comportamento resistirá ou não ao escrutínio no dia em que Deus recompensar aqueles que fizeram sua vontade.

Infelizmente, alguns dos que se alinharem para a inspeção naquele dia – conforme a ilustração de Paulo – saltarão rapidamente da estrutura de madeira perecível de seus atos, assim que o fogo a reduzir a cinzas.

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo (3.17). É importante notar que a admirável advertência de Paulo diz respeito à destruição (phtheiro: ruína, corrupção) da igreja como uma verdadeira comunidade cristã. A razão para esta advertência é que o templo de Deus é santo, separado para seus próprios propósitos. Outra vez, nenhuma perda de salvação está sugerida. Mas a advertência é extremamente séria. A pessoa (ou pessoas), ou a facção que corromper a comunidade cristã e a arruinar – no que diz respeito à sua capacidade de refletir a sabedoria de Deus – será destruída pelo Senhor.

Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado (4.3,4). Paulo é um servo de Jesus, a quem foi confiada uma missão, e está ciente de que aqueles que recebem tal confiança devem ser fiéis. Os coríntios zombaram de Paulo e atacaram tanto sua conduta quanto seu ensino.

Contudo, a fidelidade é algo que só o Senhor pode avaliar. Embora tenhamos que manter uma consciência limpa, não somos competentes nem mesmo para julgar a nós mesmos, porque podemos não conhecer os motivos e desejos que nos desviam do caminho de Deus. Então o que devemos fazer? Nós

simplesmente nos comprometemos a fazer a vontade de Deus, da maneira como a entendemos.

Esta era não é a ocasião para criticarmos os outros. Nem é o momento para uma introspecção agonizante. É o momento de concentrarmos todo nosso esforço para servirmos ao Senhor.

Porque quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido? (4.7) A palavra utilizada aqui é diakrino, que significa avaliar, julgar, fazer distinções. Paulo aqui desafia os indivíduos que estão causando as divisões em Corinto: O que lhe diferencia? O que lhe torna diferente?

Seja qual for a distinção que o cristão possa reivindicar – seja a riqueza, seja um dom espiritual em particular, seja o que for – este cristão agora é confrontado com o fato de quem ele ou ela realmente é e, sejam quais forem os dons ou habilidades que ele ou ela possam ter, tudo vem do Senhor.

Esta verdade é ambígua. Não há espaço para nos vangloriarmos ou ficarmos orgulhosos de algo que recebemos. Ao mesmo tempo, há um grande conforto aqui. Você e eu percebemos que nosso Deus misericordioso e amoroso nos fez como somos. Ele supervisionou o desenvolvimento de nossos corpos no ventre de nossa mãe. Ele escolheu as culturas e famílias nas quais nascemos. E tudo o que Ele fez é um dom, pois sua formação nos adequou para nosso papel na vida – nosso papel em sua igreja – que agora somos capazes de desempenhar.

Então, agradeçamos a Deus pelo que somos, sem colocarmos o orgulho nas coisas que podem nos diferenciar dos outros. E agradeçamos a Deus pelo que distingue os outros também, porque eles, como nós, são dádivas de Deus para todo seu povo.

Até ao presente, temos chegado a ser como o lixo deste mundo e como a escória de todos (4.13). Estas palavras são fortes. Perikatharmata é a sujeira ou a imundície que é removida pela lavagem; peripsema é a sujeira incrustada que só

é removida pela esfregação, após o banho. Que imagem poderosa Paulo apresenta, e com que intensidade o grande apóstolo faz esta distinção entre a sabedoria do mundo e a de Deus.

Aqueles que tinham cultura no mundo helenístico zombavam de Paulo e de seus companheiros evangelistas, como se fossem “lixo”. Contudo, a história os validou não só como os que moldaram a cultura ocidental, mas como os portadores das Boas Novas que têm transformado bilhões de pessoas.

O qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte [estão de acordo com o que eu] ensino em cada igreja (4.17). As palavras em itálico não estão no texto grego. Aquele texto diz simplesmente “os meus caminhos em Cristo, como por toda parte ensino”.

Jamais presumamos que o ensino cristão é uma doutrina separada da prática. Ensinar os cristãos a viverem vidas piedosas é uma missão do pastor ou do missionário, que também devem instruí-los na doutrina. Mas para verdadeiramente ensinar um modo de vida piedoso, o líder cristão deve viver aquilo que ensina. Para os cristãos, viver o Evangelho é um complemento necessário à pregação do Evangelho.

Porque o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude (4.20). A palavra utilizada neste texto é dunamis, uma liberdade de ação que não pode ser frustrada por nada que o homem possa fazer. A virtude em que Paulo confia não é a sua própria, mas do Espírito Santo. Deus lidará com os arrogantes e os punirá, a menos que eles se sujeitem às Suas palavras que lhes foram transmitidas através do apóstolo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Sabedoria do Espírito (2.6-16)

Contexto. Como a citação de Celso mostra (veja o Estudo da Palavra de 1 Coríntios 1.26, acima), as pessoas mais cultas no Império Romano olhavam para o cristianismo, e desdenhosamente o descartavam como se fosse uma religião de tolos e para tolos.

Embora o Império fosse governado por Roma, a cultura do Império era essencialmente grega. O idioma grego e o pensamento grego dominavam nas cidades do Império, e moldavam a perspectiva das classes mais elevadas. A opinião grega, moldada durante centenas de anos por filósofos e poetas notáveis, celebrava a conquista humana. O atleta bem sucedido que havia esculpido seu corpo até à perfeição, o grande orador, o pensador cujas especulações sobre a natureza do universo fascinavam a mente – eram os admirados e idolatrados. Até mesmo as pessoas comuns tinham acesso à sabedoria da época, pois professores itinerantes viajavam de cidade em cidade, cobrando tarifas dos estudantes que se juntavam em torno deles enquanto propunham as teorias de Platão, ou discutiam a postura ética dos estóicos e epicureus.

Fundamentando cada escola de pensamento, porém, estava uma pressuposição não declarada, mas universal. Os seres humanos, usando suas faculdades racionais, podiam penetrar nos segredos mais profundos do universo e compreender sua realidade básica. Os filósofos podiam diferir quanto à natureza desta realidade. Contudo, todos concordavam que a sabedoria (Sophia) – o exercício do intelecto e da inspiração – era o meio pelo qual a humanidade podia entender o universo, e aprender a viver em harmonia com as leis universais.

Em vista desta perspectiva profundamente arraigada, podemos entender por que Celso e outros descartavam o cristianismo de uma forma tão desdenhosa. Os cristãos não dependiam da sophia. Sua religião estava baseada na crença supersticiosa (isto é, irracional) de que um judeu morto havia voltado à vida. E seus líderes exigiam até que esta mensagem inacreditável fosse aceita pela fé. Esta nova religião sem base na sophia (argumento racional) era na verdade contra toda a sophia (razão). O cristianismo simplesmente deve, então, ser uma religião de tolos e loucos, dos ignorantes que abandonaram a razão substituindo-a pela irracionalidade.

Quando entendemos melhor o clima intelectual do mundo do século I, sentimos a importância do ensino de Paulo em 1 Coríntios 2.6-16. Aqui o apóstolo argumenta que há uma outra sophia – uma sabedoria divina que é drasticamente diferente, em natureza, da sophia do homem.

Interpretação. O argumento de Paulo, de que o cristianismo é baseado em uma sabedoria divina que se opõe à mera sabedoria humana, pode ser resumido da seguinte forma:

Natureza da sophia de Deus (2.6-8).

Limitações da sophia humana (2.9).

Revelação da sophia de Deus (2.10,11).

Nosso acesso à sophia de Deus (2.12-14).

Importância de nosso acesso à sophia de Deus (2.15,16).

A Natureza da Sophia de Deus (2.6-8). Paulo começa afirmando que ele profere "uma mensagem de "sophia" (2.6). Esta é uma mensagem que ele profere entre os "maduros", que aqui devem ser entendidos como aqueles que foram iluminados pelo Espírito.

Esta sophia de Deus coloca-se em forte contraste à "sabedoria deste século" e seus príncipes. A sabedoria do mundo é inútil, porque seus proponentes são "os que se aniquilam". Os "príncipes" devem ser entendidos como aquelas pessoas influentes que estabelecem o tom da época: os pensadores, os líderes de movimentos, os líderes seculares e religiosos. O grande problema com a sabedoria humana é que ela é um fim morto. Mais do que isso, ela é um caminho que se dissolve sob os pés da humanidade enquanto as pessoas o seguem; ela se torna cada vez mais uma teia de aranha até se dissolver completamente, deixando aqueles que a experimentam suspensos no ar.

Que contraste com a sabedoria de Deus, que é "ordenada... para nossa glória" (2.7). Aqueles que seguem o caminho da sabedoria de Deus não só estão edificados sobre uma base sólida, mas este caminho lhes trará segurança e glória.

Quais são as características contrastantes da sabedoria de Deus e da sabedoria do homem?

A sabedoria de Deus é mysterion, “oculta”.

Ela estava oculta antes da vinda de Cristo.

Ela não pode ser entendida pelos seres humanos que não têm o Espírito.

Ela conduz à glória.

Em contraste:

A sabedoria do homem é aparente.

Ela reflete aquilo que pode ser tocado e visto.

Ela se encaixa no modo de pensar da pessoa natural (perdida).

Ela não leva a nada.

A sabedoria de Deus e a do homem são de ordens completamente diferentes, distintas tanto em natureza como em conteúdo.

As Limitaçõs da Sophia Humana (2.9). O problema essencial com a sabedoria humana é que suas conclusões são necessariamente defeituosas. Primeiro, os homens só podem raciocinar a partir das evidências que são capazes de acessar através dos sentidos. Apenas o que o olho viu ou o que o ouvido ouviu pode ser considerado pelos homens que especulam sobre a verdadeira natureza do universo.

E há um outro problema. A mente humana, mesmo em seu mais impetuoso vôo de imaginação, é incapaz de conceber a realidade que Deus conhece.

Não há, portanto, nenhuma maneira pela qual o homem possa descobrir o “que Deus preparou” (2.9) através do exercício das faculdades racionais (sophia).

É interessante que Paulo pareça citar aqui não as Escrituras, mas uma expressão de Empédocles. Contudo, como esta citação é apropriada! Porque o poeta do século V a.C. claramente declarou o defeito fatal da sophia humana; ele sabia muito bem que aqueles que “se gloriam... de terem aprendido tudo” são “tolos vãos!” (Empédocles) Homens desamparados que vagam pelo mundo, na melhor hipótese podem tropeçar em fragmentos da verdade, porém jamais podem aprender tudo (veja toda a citação no Estudo da Palavra de 2.9, acima).

A Revelação da Sophia de Deus (2.10,11). Como podemos então, nós os seres humanos, limitados como somos, ter acesso à sophia oculta de Deus?

A resposta é a revelação. O Espírito de Deus, que como Deus tem acesso à mente do Pai, conhece os próprios pensamentos de Deus. E o Espírito revelou estes pensamentos em palavras (2.13).

Portanto, o cristão não tem a necessidade de depender de suas habilidades humanas limitadas. Em vez disso, o cristão olha para a revelação, e em revelação ganha o acesso ao conhecimento sobre “todas as coisas” (2.15), que nenhum mero homem poderia descobrir por si mesmo.

O Nosso Acesso à Sophia de Deus (2.12-14). Mas não são todos que agora têm acesso à sophia de Deus através das Escrituras? A resposta é sim e não. Porque as palavras do Espírito foram escritas, e qualquer um as pode ler. Mas ler, ou mesmo ouvir esta sabedoria oculta exposta, não significa que o homem natural entenderá ou aceitará a sabedoria divina! Somente aqueles que possuem o Espírito entenderão, porque o Espírito que inspirou as palavras deve residir no interior de cada um, para interpretá-las apropriadamente de forma que a sabedoria de Deus possa nos beneficiar.

Isto não significa que somente o cristão possa entender o Evangelho suficientemente bem para explicá-lo aos outros. Significa que somente aqueles que têm o Espírito receberão a Palavra de Deus no coração, sentirão suas implicações para suas vidas hoje, e seguirão o caminho que ela delimita.

A Importância do Nosso Acesso à Sophia de Deus (2.15,16). A primeira implicação é que o "homem espiritual" (isto é, a pessoa que possui o Espírito [2.15]) é capaz de enxergar as questões da vida a partir de uma perspectiva completamente diferente do restante da humanidade. Tendo acesso à Palavra de Deus, e tendo o Intérprete desta preciosa Palavra habitando em seu interior, o cristão "discerne bem tudo" sem ser "de ninguém discernido" (2.15).

O mundo pode zombar do cristão e chamar de loucura suas crenças e seu modo de vida. Mas nossos juízos sobre as questões da vida, guiados pelo Espírito, simplesmente não estão sujeitos ao julgamento humano. Homens e mulheres perdidos, cegos para as realidades que entendemos através da revelação, não têm uma base a partir da qual possam julgar a você e a mim. Através da Palavra e do Espírito você e eu temos acesso aos ensinamentos originais do Senhor Jesus Cristo!

Aplicação. A exposição de Paulo possui uma aplicação dupla. Em primeiro lugar, sua exposição dos defeitos na abordagem do homem à sabedoria, nos reafirma em nosso compromisso com a Palavra de Deus. Não há necessidade de nos curvarmos quando os sofisticados deste século atacam nossa fé. Nenhuma

pessoa sem o Espírito de Deus pode entender a realidade da maneira que Deus a formou. Mas você e eu, com a Palavra escrita e seu Intérprete em nosso interior, temos acesso à verdade definitiva. Permaneçamos firmes, e afirmemos a verdade de Deus sem medo de nenhuma zombaria ou ataque dos perdidos.

Em segundo lugar, no contexto do partidarismo que estava destruindo a unidade da igreja de Corinto, a discussão de Paulo sobre as duas sabedorias nos lembra que devemos nos comprometer totalmente com a sabedoria de Deus, se quisermos viver em harmonia com os outros membros da igreja de Cristo. O acesso à mente de Cristo que nossa fé provê não é somente nosso, mas também de nossos irmãos. Não devemos julgar as convicções dos outros, nem eles as nossas. O caminho da sabedoria de Deus é o caminho da unidade – uma unidade forjada pela percepção de que Deus nos chamou para amarmos uns aos outros, e, em amor, descobrirmos uma unidade que permanecerá para sempre como um mistério para os meros humanos.

Quando eu reconhecer que o meu irmão também tem o Espírito para guiá-lo, não insistirei mais em impor as minhas convicções sobre ele, nem procurarei me exaltar como se fosse melhor do que ele. Então finalmente perceberei que o Espírito me foi dado, não para que eu possa julgar ou controlar os outros, mas para que eu possa descobrir o caminho em que Deus quer que eu ande, com Ele.

A Disciplina da Família da Igreja

EXPOSIÇÃO

-

Na competição dos coríntios por posição e prestígio, a igreja havia abandonado a sabedoria de Deus em favor da sabedoria falida de meros homens. Paulo agora segue lidando com relatos de que a igreja na verdade tolera a imoralidade sexual, e que os crentes estão levando suas disputas diante dos tribunais seculares. A relação destes assuntos com o argumento dos capítulos 1–4 é clara. Os coríntios são "carnais", porque abandonaram a aplicação da sabedoria de Deus às questões que tratam da pureza da igreja.

A primeira evidência da carnalidade é a tolerância da imoralidade em sua igreja. Paulo julga o pecador e insiste que a igreja "o entregue a Satanás" (5.1-5). É essencial que a igreja "se livre" da malícia e da maldade para que a comunidade possa ser marcada pela "sinceridade e verdade" (5.6-8). Paulo então continua a esclarecer suas palavras. Sua instrução para não se "associarem com os que se prostituem"

(5.9) refere-se apenas aos relacionamentos dentro da igreja. Os cristãos não devem afastar-se dos incrédulos que são imorais. Não nos compete julgar os perdidos; mas, com toda certeza, a igreja deve disciplinar os crentes que vivem uma vida imoral (5.9-13).

Paulo então muda o assunto para a questão das contendas dentro da igreja, contendas que em alguns casos foram levadas diante dos tribunais seculares. Se as contendas realmente surgirem, por que não pedir que outros crentes – que tenham acesso à sabedoria de Deus – julguem entre os rixosos? (6.1-6) A própria existência de processos judiciais mostra uma falha quanto a viver pela sabedoria de Deus. Os tipos de contendas relatadas a Paulo envolvem acusações de trapaças e ações erradas contra os outros. Certamente ninguém que esteja comprometido com a sabedoria – o modo de vida estabelecido por Deus para seu povo – perpetrará tais atitudes erradas (6.7,8). Exasperado e irado, Paulo declara o óbvio. Muitos relacionamentos em Corinto refletem os caminhos dos ímpios, que jamais "herdarão o Reino de Deus" (6.9). Tudo isto deveria ficar no passado para os crentes de Corinto, que foram purificados, santificados, e justificados no Nome de Jesus (6.9-11).

Nós nos unimos a Cristo, e estamos ligados a Ele pelo Espírito de Deus na mais íntima das uniões. Como alguém pode imaginar que Jesus estaria voluntariamente envolvido na imoralidade sexual? Contudo, quando o cristão peca, ele envolve Jesus em sua iniqüidade (6.12-17). Quão impensável, então, é o pecado sexual. Estes coríntios que falam muito da tolerância não percebem que seus corpos são templos do Espírito Santo de Deus? Eles não percebem que foram comprados com um preço, e, sendo agora o próprio povo de Deus, devem honrá-lo com seus corpos?

Podemos sentir o desgosto intenso de Paulo enquanto lida com a corrupção moral na igreja de Corinto. Estas pessoas presunçosas, que se exaltam tanto aos seus próprios olhos, não apenas deram suas costas à sabedoria de Deus; elas repudiaram seu chamado à santidade, e a uma vida que honra seu Senhor.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Geralmente, se ouve que há entre vós fornicação e fornicação tal, que nem ainda entre os gentios (5.1). Embora possamos tender a ver a sociedade pagã do século I como excessivamente imoral, este não é necessariamente o caso. Os romances

gregos da época, de forma diferente dos romances de nossos dias, desenvolveram sua trama em torno da fidelidade mútua entre o herói e a heroína! Um bom exemplo é visto na Ephesiaca de Zenofon, de Éfeso, na qual Habrocomes e Anthia fazem o seguinte voto: “Que você permaneça casta esperando por mim, e nunca tolere um outro homem; e que eu jamais me associe a outra mulher” (1.11.3-5). A popularidade de tais romances com pessoas comuns sugere que a fidelidade era grandemente admirada. Esta atitude também é atestada em muitos epitáfios da época, que traziam um elogio às mulheres, atribuindo-lhes o título de monoandros, “mulher de um homem só”.

É extraordinário que a imoralidade tolerada pela igreja de Corinto fosse de um tipo que não ocorre nem “ainda entre os gentios”. Esta imoralidade é definida na frase seguinte: “como é haver quem abuse da mulher de seu pai” (5.1). O verbo “abuse” é um infinito presente; ele indica um caso imoral contínuo. Visto que a “imoralidade sexual” é porneia, um termo geral, em vez do termo mais específico para incesto, é muito provável que o caso envolvesse um homem em um caso com uma mulher que tinha sido mulher de seu pai, embora agora o pai e a mulher estivessem divorciados ou o pai estivesse morto. Tal relacionamento era ilícito não só pela Lei do AT (Lv 18.8), mas também era proibido pela lei romana, pelo menos como declarado nos Institutos de Gaio.

Contudo, este relacionamento sexual imoral, igualmente escandaloso aos olhos dos judeus e dos gentios, era ignorado pelos líderes da igreja primitiva.

Estais inchados e nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação (5.2). Qual é a reação apropriada quando um irmão crente passa a praticar o pecado de forma regular? A nossa primeira reação deve ser a tristeza – uma profunda angústia na alma não só pelo pecado de nosso irmão, mas por nosso próprio fracasso em ajudá-lo a se manter no caminho certo.

Esta atitude é confrontada com o orgulho dos coríntios, e nos lembra que sempre que for necessário exercer a disciplina na igreja, jamais ousemos fazer isso com um espírito de orgulho ou de condenação. O fracasso de nosso irmão, até certo ponto, também é nosso.

Ao pedir que a igreja tire o homem “dentre vós”, Paulo prescreve como devemos lidar com aqueles que continuamente praticam o pecado. O fundamento lógico é importante. O pecado interrompe a comunhão entre o crente e o Senhor. Quando um cristão continua no pecado, ele claramente não entende ou não se importa com sua atual condição espiritual.

Torna-se, então, uma responsabilidade da igreja fazer a separação espiritual de tal pessoa do corpo de Cristo aqui na terra. Colocamos para fora de nossa comunhão aqueles que persistem em praticar o pecado, para que eles possam sentir a dor da separação do Senhor através de seu ostracismo forçado, em relação ao povo de Deus.

Seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus. (5.5) Outra vez a tradução da NVI poderia ser diferente. Os tradutores interpretaram este texto em vez de fazerem a tradução. O texto grego diz que o pecador deve ser entregue “para que a natureza pecadora possa ser destruída”.

Há uma variedade de interpretações quando se trata da entrega do pecador a Satanás. Alguns consideram que a frase signifique expulsar alguém para a esfera de ação de Satanás. Outros dizem que ela é uma expressão aramaica que significa “Deixe-os sofrer com seus próprios instrumentos malignos”, ou “deixe-os cozinhar em seu próprio suco”.

Uma sugestão alternativa que pode ser considerada, é que Paulo pretende fazer uma distinção entre a participação na comunhão dominada pelo Espírito, e a participação em um mundo dominado por forças demoníacas. Confrontado pela realidade desta diferença, o crente isolado pode experimentar a dor que é causada por se viver na carne, e sua atração pode ser eliminada.

O que recomenda esta interpretação é o simples fato de que a disciplina da igreja não é criada para punir os pecadores, mas para fazê-los voltar à razão e restaurá-los à comunhão com o Senhor e com seu corpo – a igreja.

Alimpai-vos, pois, do fermento velho (5.7). Paulo usa a ilustração do AT para expor um ponto importante. Quando uma dona de casa no século I fazia pão, ela usava fermento para fazer o pão crescer. A maior parte da massa era cozida, mas uma pequena porção era guardada e misturada com novos ingredientes. Durante a noite, o fermento penetrava na nova mistura, e o processo era repetido diversas vezes.

Na época da Páscoa, cada pedaço do fermento velho era lançado fora, e Israel novamente celebrava sua redenção e um novo começo. E assim Paulo lembra os coríntios. Cristo é nosso Cordeiro pascal. Ele nos deu um início totalmente novo; e, afastando-nos das coisas "velhas" como a malícia e a maldade, devemos nos tornar o que somos – novos homens e mulheres, renovados em Jesus para vivermos uma vida de sinceridade e verdade.

Isso não quer dizer absolutamente que os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras (5.10). Que estranho que os cristãos rapidamente desprezem e se afastem dos incrédulos que são imorais, mas sejam tolerantes com os irmãos crentes. Paulo nos lembra que não devemos evitar o contato com os incrédulos. Nem devemos julgá-los. Afinal, quando os perdidos mostram-se pecadores, eles estão simplesmente "fazendo o que vem naturalmente". Eles não precisam que condenemos ou que critiquemos seu comportamento. Eles precisam de Jesus para perdoar seus pecados e colocá-los em um novo modo de vida!

Testificar não é convencer os outros de que eles são pecadores. Testificar é lhes transmitir as Boas Novas de que Jesus os ama apesar dos pecados que praticaram. Testificar também é mostrar-lhes o amor de Jesus e cuidar verdadeiramente deles, apesar de seus pecados.

Expulse o crente pecador, sim. Mas não se afaste do incrédulo que é pecador. Afinal, a mensagem que você tem a transmitir é a melhor esperança para o pecador!

Todas as coisas me são lícitas (6.12). Paulo não está expressando sua própria opinião, mas a afirmação de alguns em Corinto de que eles têm liberdade irrestrita para agirem de qualquer forma que lhes agrade, no que diz respeito ao corpo físico. O argumento deles? "Os manjares [são] para o ventre, e o ventre, para os manjares" (6.13). Um estudante de faculdade expressou o mesmo argumento desafiando Billy Graham: "Comer um sanduíche de presunto não é uma questão moral. Sexo é igualmente natural, não sendo também uma questão moral".

Visto que comida e fome completam-se, por que não devemos ser igualmente livres para satisfazer nossos impulsos sexuais através das estruturas do corpo que Deus criou para os completar?

Horrorizado, Paulo rejeita esta opinião, e apresenta quatro testes que os cristãos devem aplicar a qualquer questão.

A ação está sendo considerada benéfica (sumpherei)? Ela faz uma contribuição positiva para nosso próprio desenvolvimento cristão e para o desenvolvimento dos outros?

A ação está sendo considerada como algo que nos dominará (exousiasthesomai: controlar ou dominar [6.12])? Está bastante claro que a natureza sexual do homem, torcida pelo pecado, domina muitos de nós.

A ação está sendo considerada em harmonia com o fato de que o corpo é "para o Senhor"? (6.13) Paulo consistentemente deixa claro que fomos redimidos a fim de apresentarmos nossos "membros a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13). O argumento de que o sexo é "natural" é vazio e irrelevante. O que conta é que tudo o que façamos em nossos corpos tenha a finalidade de servir à causa da justiça. E a imoralidade sexual não é justiça. É pecado.

O teste final de Paulo é: A ação é contemplada em harmonia com a verdade de que o Senhor é “para o corpo?” (6.13). Paulo está dizendo que Cristo redimiu nossos corpos. Ele nos levantou da corrupção da sepultura que marcava nossa vida velha, e se uniu a nós com uma ligação indestrutível. Nesta união, tudo o que fizermos deve ser uma expressão de Jesus; somos um canal através do qual Jesus é incorporado em nosso mundo hoje.

Não é de admirar que Paulo tenha tal horror aos pecados sexuais. Um horror que ele quer que compartilhemos. Como os templos vivos do Deus vivo, devemos fugir da imoralidade sexual como de uma praga! Por ser uma praga, ela é uma absoluta desonra aos olhos do Senhor.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Expulse o Irmão Imoral (5.1-13).

Contexto. Em 1 Coríntios 4.5 Paulo instruiu os coríntios dizendo, “nada julgueis antes do tempo”. Contudo, nesta passagem Paulo é contundentemente crítico em relação à igreja por falhar em julgar um irmão imoral.

Paulo não está sendo incoerente. Um estudo das passagens sobre “julgar” nos ajuda a fazer distinções importantes. Em geral não devemos “julgar” no sentido de condenar os outros. Mas devemos “julgar” no sentido de avaliar.

Ainda mais importante é fazer distinções entre aquilo que os cristãos não devem tentar avaliar, e aquelas áreas nas quais a avaliação é importante.

O Que Não Devemos Julgar

Não temos o direito de condenar os outros, mas, antes, devemos perdoar (Mt 7.1,2; Lc 6.37,38).

Não devemos julgar a fidelidade de outro crente, em se tratando de seu chamado no Senhor (1 Co 4.3-5).

Não devemos nos relacionar com os não-cristãos como se fôssemos seus juízes. Sua moralidade ou imoralidade não é a questão. A única questão é que eles precisam conhecer a Cristo (1 Co 5.12).

Não devemos usar condenação ou crítica na tentativa de forçar outros a se conformarem à nossa consciência (Cl 2.16).

Não devemos falar contra, ou "caluniar", nossos irmãos. Quando o fazemos, exaltamos a nós mesmos como juízes em vez de cumpridores da Lei. Somente Deus, que deu a Lei, pode condenar (Tg 4.11,12).

Em cada uma destas passagens, "julgar" tem uma força quase legal. A pessoa que julga põe em dúvida os motivos ou escolhas dos outros, e então os condena. Contudo, cada elemento deste processo é excluído, antes de tudo pelo fato de que meros seres humanos não são competentes para avaliar os motivos dos outros ou as práticas "duvidosas". Mesmo quando uma ação é claramente errada, nosso papel não é condenar, mas perdoar e procurar restaurar. Atitudes de julgamento e tentativas de punir ou simplesmente condenar, não são apropriadas na comunidade cristã.

O Que Devemos Julgar

Os seres humanos devem julgar a violação da lei criminal e civil. Deus estabeleceu o governo humano para coibir os que praticam o mal (Rm 13.1-7).

Devemos fazer “julgamentos sobre todas as coisas”. Aqui anakrino significa exercer discernimento, examinar. Por termos a Palavra e o Espírito Santo podemos enxergar as questões da vida sob a perspectiva de Deus (1 Co 2.15).

A igreja deve julgar o irmão ou a irmã que persistem na prática da imoralidade ou de outro pecado (1 Co 5.12,13).

Os crentes devem servir em grupos de julgamento estabelecidos para resolver disputas entre cristãos (1 Co 6.2-5).

“Julgai vós mesmos” em questões claramente estabelecidas nas Escrituras, e também com a finalidade de desenvolver convicções baseadas em princípios estabelecidos na Palavra de Deus (1 Co 10.15; 11.13).

Devemos julgar a nós mesmos, no sentido de estarmos cientes quando nossas ações não estão de acordo com a vontade de Deus. Reconhecendo os pecados, os confessamos e somos restaurados à comunhão com o Senhor. Quando julgamos a nós mesmos, não é necessária nenhuma disciplina da igreja ou do Senhor (1 Co 11.31,32).

A consciência do ensino do NT sobre o julgamento fornece uma base

significativa ao abordarmos a questão da disciplina da igreja, e da necessidade que esta disciplina impõe sobre nós quanto a julgar as ações de um irmão ou irmã no Senhor.

Interpretação. A questão mais importante é estabelecida na simples declaração de que "há entre vós fornicação" (5.1). Paulo está referindo-se à prática persistente (veja o Estudo da Palavra de 5.1, acima) de algo que é inquestionavelmente imoral. Mas por que é "inquestionavelmente imoral"? Certamente não porque Paulo ou mesmo a igreja chamam-na de imoral. Paulo sabe que a prática é sexualmente imoral porque este comportamento foi identificado como imoral nas Escrituras. Portanto, Paulo e a igreja não estão julgando os motivos ou a fidelidade de uma outra pessoa em relação ao Senhor. Eles estão concordando com a Palavra de Deus de que o comportamento que está sendo praticado é errado.

Esta é a primeira disciplina distinta da igreja. Ela só é apropriada nos casos onde o assunto que está sendo julgado é o pecado, como é claramente definido na Palavra de Deus.

Em vez de abordar esta passagem versículo por versículo, podemos notar os seguintes elementos no caso com o qual Paulo está lidando. A partir disto podemos estabelecer princípios que nos guiem em nossa própria aplicação da disciplina da igreja hoje. Os elementos relevantes são:

A escolha pessoal de um irmão crente de praticar o que a Bíblia identifica como pecado – esta é a atitude que necessita da disciplina da igreja.

O objetivo da disciplina não é o castigo, mas restaurar o irmão à comunhão com Deus e com a igreja. No caso do irmão coríntio, sua expulsão levou ao arrependimento e a uma completa restauração à comunhão (2 Co 2.6-8).

O fundamento lógico para a disciplina que a igreja impõe em particular (expulsão) é uma realidade espiritual básica. O pecado rompe nossa comunhão com o Senhor (1 Jo 1.6). Portanto, é apropriado para o corpo de Cristo na terra

representar esta realidade na própria terra, ajudando o crente pecador a experimentar a separação que sua prática pecaminosa lhe impôs.

A ocasião para a disciplina da igreja é a falta moral, não um ato isolado de pecado, mas uma prática contínua do pecado. É importante notar aqui que a igreja não deve disciplinar devido a diferenças de convicção, ou devido a diferenças de ponto de vista doutrinário. Somente a prática daquilo que as Escrituras claramente identificam como pecado está sujeita à disciplina da igreja.

A comunidade cristã local possui a responsabilidade de administrar a disciplina sobre os membros pecadores. A maioria acredita que o que vemos nesta passagem é um passo final e não o primeiro passo ao procurarmos restaurar um irmão pecador; e olhamos para Mateus 18.15-17 para desenvolvermos um processo passo a passo. No entanto, quando o irmão persiste em pecar, então a igreja "reunida em nome do Senhor Jesus" (1 Co 5.4) deve agir em concordância para excluí-lo.

Há uma grande diferença entre o "julgar" que está envolvido neste exercício da disciplina da igreja, e a atitude de julgar que vemos refletida nas passagens que advertem contra julgar os outros. No caso da disciplina da igreja, o cristão não faz uma determinação independente do que é certo e do que é errado, mas, antes, concorda com Deus em seu julgamento de uma prática de pecado em particular.

Aplicação. Como fundamento do ensino desta passagem, está a convicção de que a igreja de Jesus Cristo é, e deve ser, santa. Não há espaço em nossa comunhão para uma atitude indolente em relação ao pecado. Pelo menos até certo ponto, a pureza da igreja e seu poder estão relacionados. É improvável que vejamos um reavivamento sem também vermos um compromisso renovado e completo por parte do povo de Deus, em relação à santidade pessoal e coletiva.

Processos Judiciais entre Crentes (6.1-11).

Contexto. Pouco tempo depois de Paulo escrever isto, o orador Aristides elogiou o sistema de justiça romano por sua equidade por todo o Império, e a todas as

classes de pessoas (Orations, 26.94).

“Há uma igualdade abundante e bela dos humildes com os grandes, e dos obscuros com os ilustres, e, acima de tudo, do homem pobre com o rico e do comum com o nobre”.

Esta afirmação, embora lisonjeira ao governo, dificilmente estava de acordo com a realidade. Os códigos da lei romana, na verdade, faziam uma profunda distinção entre o tratamento a ser dado aos “ilustres” e o tratamento aos “humildes”. A classe superior, apenas cerca de 1 por cento da população, tinha uma distinta vantagem nos tribunais. Não só podiam contratar oradores para defenderem suas causas. Eles eram favorecidos pela própria estrutura das leis.

É interessante que a frase que Paulo usa para descrever as disputas levadas para os tribunais gentílicos seja pragma echon (ter um processo judicial). O termo indica que os casos civis levados aos tribunais eram casos de propriedade (pragma), e isto pode bem sugerir que aqueles que apelavam para os tribunais eram membros da classe elevada, que poderiam esperar um julgamento favorável.

Se este é o caso ou não, a construção de Paulo indica uma intensa reviravolta na prática. A ordem das palavras em grego sugere que o versículo 1 poderia ser traduzido como: “Não ousem mais, quando tiverem um caso entre vocês, levá-lo a juízo diante dos ímpios e não diante dos santos!”

A convicção de Paulo de que as contendas entre os cristãos deveriam ser resolvidas dentro da comunhão de crentes, reflete tanto um antiga tradição do judaísmo como também um aspecto único da lei romana. Os romanos mostravam grande tolerância para com os costumes e crenças daqueles povos que foram conquistados pelo Império. Isto significa que as várias raças e nacionalidades tinham a permissão de aplicar suas próprias leis e costumes na solução de disputas que surgissem entre os membros de seu próprio grupo.

O direito há muito tempo havia sido exercido pelos judeus, que estavam comprometidos com a Lei de Moisés e cujos sábios procuravam aplicá-la a todas as áreas da vida. Na Palestina, grupos de sábios serviam como juízes, e casos

difíceis eram levados ao Sinédrio em Jerusalém. Freqüentemente os sábios eram enviados para informar as comunidades judaicas espalhadas por todo o Império sobre decisões importantes em relação ao calendário religioso, e para servirem como juízes resolvendo casos nos lugares que visitavam.

Esta tradição de usar juízes judeus para resolver disputas entre os judeus estava profundamente arraigada, pelo horror de apelar aos tribunais gentílicos. Com base em Êxodo 21.1 os rabis defendiam que era ilegal para um judeu até mesmo comparecer diante de um tribunal gentílico. Um estatuto baseado neste versículo encontrado em b. Git. 88b diz:

R. Tarfon costumava dizer: Em qualquer lugar que você encontrar um tribunal de justiça gentílico, embora sua lei seja a mesma que a lei israelita, você não deve recorrer a ele visto que a Lei diz: “Estes são os juízos que trarás diante deles”, isto quer dizer, “diante de seus irmãos”, e não diante dos gentios.

Mas seria um erro presumirmos que o horror de Paulo é modelado pela perspectiva do judaísmo contemporâneo. Sua reação é formada por um entendimento muito mais profundo das questões envolvidas. Em última instância, sua preocupação é que a igreja falhou em assumir a responsabilidade pela solução das disputas entre os crentes, disputas que devem por sua própria natureza causar feridas e divisões.

Interpretação. Esta passagem levanta uma série de questões que são muito mais complexas do que muitos supõem. Embora um versículo aqui seja freqüentemente usado como um “texto de prova” para condenar o cristão que pensa até mesmo em processar um outro cristão em um tribunal, esta aplicação que Paulo ensina pode estar tragicamente errada! Para explorar as questões complexas que esta passagem introduz, precisamos examinar tanto as palavras de Paulo aos indivíduos envolvidos, como suas palavras à comunidade cristã.

AS PALAVRAS DE PAULO AOS LITIGANTES

Em vez de levar disputas civis para os tribunais de justiça pagãos, Paulo instrui os coríntios a levarem tais questões “perante os santos” (6.1). Certamente os santos – que Paulo revela que um dia participarão do julgamento dos anjos caídos – são competentes para julgar as “coisas mínimas” (6.2), posteriormente definidas como “coisas pertencentes a esta vida” (6.3).

Assim classificando os assuntos em disputa, Paulo deixa claro que, comparado com nosso chamado para vivermos como cidadãos do Reino de Deus, dificilmente vale a pena entrar em litígio por meras questões financeiras. Contudo, as questões não são triviais em um outro sentido. Tornando-se envolvido no conflito, o cristão “vai a juízo com o irmão” (6.6). Em vez de procurar o bem-estar do outro, cada um procura ganhar seu caso, sem se preocupar com o prejuízo ou com as feridas que suas ações podem causar.

Posteriormente Paulo dirá: “Na verdade, é já realmente uma falta entre vós terdes demandas uns contra os outros” (6.7). Se as questões em litígio tivessem sido abordadas de uma maneira cristã, com cada pessoa preocupada com o que é justo e certo para a outra, estes conflitos não poderiam existir! O próprio fato deles existirem, mostra que membros do corpo local abandonaram o princípio mais básico do amor fraternal que deve governar os relacionamentos interpessoais dos cristãos.

O que Paulo, então, tem em mente quando diz: “Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?” (6.7) Ele está realmente propondo que adotemos o papel de vítima, deixando que o cristão carnal explore o cristão espiritual? A resposta aqui é tanto sim – como não.

Em um nível individual, Paulo, dirigindo-se ao queixoso (aquele que se sente defraudado) desafia esta ação defensiva. Cristo ensinou que cada cristão deve amar seus inimigos, e orar por aqueles que o maltratam (Mt 5.43-48). O próprio Paulo escreveu aos romanos que os crentes não devem “tornar mal por mal” (12.17). Pelo contrário, “Se o teu inimigo tiver fome, dai-lhe de comer” (12.20). Quando maltratado, a resposta apropriada do cristão é “vencer o mal com o bem” (12.21). Portanto, ao promover uma ação judicial, em vez de suportar o dano e retribuir com o bem, o queixoso abandonou os princípios de Cristo de uma vida piedosa. Vencendo ou perdendo a ação judicial, tal cristão já sofreu uma derrota espiritual significativa.

Dito isto, Paulo dirige-se ao réu, cujo dano precipitou a ação judicial. Ao

cometer a injustiça, infligindo o dano a um irmão (6.8), o réu agiu no espírito de ganância e egoísmo que motiva aqueles que não têm parte no Reino de Deus (6.9-11). Quer este cristão tenha êxito ou não na busca de alguma vantagem temporal, ele também já sofreu uma grande derrota, porque sua atitude ameaça seu galardão eterno.

Em um nível individual, então, tanto a vítima quanto o ofensor falharam em agir como santos que foram lavados, santificados e justificados no Nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

AS PALAVRAS DE PAULO PARA A IGREJA

Com este juízo transmitido aos indivíduos envolvidos nas ações judiciais levadas diante de incrédulos, precisamos voltar para o início da passagem e notar que aqui há uma mensagem para a igreja. Quando os litígios surgem, resolvê-los é uma responsabilidade do corpo de Cristo – a igreja. E assim Paulo pergunta: “Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?” (6.5)

O fato em questão é que, por recebermos o Espírito, e portanto por termos acesso à mente de Cristo (1 Co 2.15,16), somente os cristãos são competentes para resolver os litígios que surgem entre si mesmos. Na verdade, aqui estão em jogo questões muito maiores do que quem vence e quem perde, quem ganha financeiramente e quem sofre prejuízo. O processo de avaliar não deve considerar apenas o caso em litígio, mas deve também resolver o conflito de uma forma que a harmonia seja restaurada entre as partes. Até que cada parte chegue novamente ao ponto em que ele ou ela verdadeiramente se importe com o outro, e alegremente o sirva, o litígio não terá sido resolvido de forma completa.

Também há um outro aspecto com relação aos litígios entre crentes. Olhando outra vez para a questão do ponto de vista da comunidade da fé, é essencial que o comportamento ofensor seja tratado. A estrutura da lei do AT sugere que, embora uma pessoa possa iniciar uma ação judicial a partir de um motivo errado, em alguns casos o crente deveria levar um caso de injustiça para a avaliação da igreja, como um ministério para o que pratica o mal como também em

cumprimento à responsabilidade que cada cristão tem de manter a pureza do corpo de Cristo.

O conceito de responsabilidade do Antigo Testamento é expresso no sistema de justiça criminal da Lei Mosaica. O AT não estabelecia nenhuma polícia ou sistema de corte criminal. Em vez disso, cada comunidade era responsável por reforçar o código bíblico de leis. Dentro da comunidade, anciãos serviam como juízes dos fatos, e cada membro da comunidade era responsável por servir como uma testemunha em qualquer caso de que tivesse conhecimento pessoal (Lv 5.1). Mais importante ainda, qualquer cidadão que testemunhasse um crime era responsável por se apresentar com sua informação, e assumir o papel de promotor público (Lv 24.11; Nm 15.33).

Esta responsabilidade era tão significativa que Deuteronômio 13.6-11, falando de idolatria, diz: “Quando te incitar teu irmão, filho da tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo” a adorar falsos deuses, “não terás piedade deles”. O mal deveria ser exposto e, no caso da idolatria, o idólatra deveria ser morto. A passagem continua: “A tua mão será a primeira contra ele, para o matar; e depois a mão de todo o povo”.

A idéia fundamental aqui é que a nação de Israel deve ser santa, porque Deus é santo. E cada israelita era considerado responsável por manter a pureza da comunidade de crentes.

Este princípio do AT é resgatado no NT, e aplicado por Jesus. Mateus 18.15-17 registra o ensino de Cristo:

“Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano”.

Note que o princípio expresso em ambos os Testamentos permanece o mesmo. Um indivíduo com conhecimento ou experiência direta de um delito é responsável por agir. O objetivo de sua ação em ambos os Testamentos é

confrontar o erro, restaurar a harmonia entre o que pratica o mal e sua vítima, e assim manter a pureza da comunidade de crentes.

O que preocupa Paulo em 1 Coríntios 6 é, antes de mais nada, a atitude errada de ambas as partes nos litígios. Mas estaríamos errados se tirássemos esta passagem do contexto maior de ensinar a justiça e a santidade fornecida tanto pelo Antigo como pelo Novo Testamento. Uma pessoa que é injustiçada pode, com a atitude correta, levar a injustiça diante da igreja. E muitos entendem que a última frase em Mateus 18.17 – "Se também não escutar a igreja, considera-o como gentio e publicano" – indica que as ações judiciais diante de tribunais seculares são uma opção válida e até necessária se aquele que praticar o mal não responder de forma positiva à arbitragem da igreja.

Aplicação. A passagem que estamos estudando possui uma aplicação tanto pessoal como coletiva.

Ela nos fala como indivíduos, trazendo-nos um lembrete; em primeiro lugar, o mais importante é aprender a avaliar cada experiência a partir da perspectiva de Deus – uma perspectiva que difere grandemente da perspectiva de meros homens. É tragicamente difícil – quando outros nos fazem mal – lidar em primeiro lugar com nossas próprias atitudes em relação a eles. Em vez de procurarmos defender a nós mesmos ou os nossos direitos, devemos nos comprometer a fazer apenas o bem à pessoa que nos feriu.

Mesmo quando esta é nossa atitude, é difícil dar o passo seguinte. Devemos confrontar a injustiça, primeiro para o benefício de nosso irmão, e também para mantermos a pureza da comunidade da fé. Isto significa ir até aquele que nos fez a injustiça, e envolver outros cristãos em um processo de confrontação que tem a intenção de curar em vez de dividir.

Por fim, se nosso irmão falhar em responder a nós e à igreja, é concebível que ele deva ser levado aos tribunais seculares, e ali seja obrigado a confrontar sua injustiça publicamente.

Contudo, as implicações desta passagem para a comunidade cristã podem ser ainda mais importantes, porque a comunidade da fé deve ser uma comunidade autopurificadora, comprometida a fazer o que for necessário para manter sua pureza e ministrar aos seus membros. Tragicamente, a igreja moderna parece não só hesitante, mas também indisposta a se envolver no processo de purificação.

Paulo nos diz para levarmos os litígios “perante os santos [a igreja]” (6.1). Mas embora a igreja aceite esta palavra, ela se afasta e se recusa a se envolver em tais assuntos. Muitos líderes cristãos preferem “disfarçar” os litígios. Eles rogam ao injustiçado que perdoe, sem pedir à pessoa que cometeu a injustiça que a confesse e peça perdão. Eles dizem ao injustiçado que sofra em silêncio em vez de confrontar. E, ao tomarem esta atitude, tais líderes cristãos permitem que aquele que pratica o mal sofra sua própria perda espiritual, e permitem que a igreja exista em um estado maculado em vez de purificado.

Não é fácil viver os ensinos do Senhor. Não é fácil para os indivíduos. Não é fácil para a comunidade cristã. Mas a facilidade não é a questão. A questão é: estamos dispostos a nos comprometermos a viver os ensinos de Cristo? Ou continuaremos vivendo como meros homens?

Controvérsias na Comunidade da Igreja

EXPOSIÇÃO

-

Com muita freqüência, a comunhão entre cristãos torna-se estremecida quando certas práticas que um grupo entende serem perfeitamente aceitáveis criam uma reação contrária em outro grupo. Seu primeiro pensamento, "Como pode um (verdadeiro, dedicado) cristão fazer isso?", cria um sentimento de indecisão, depois de suspeita e finalmente um espírito de reprovação e divisão na igreja. Aqueles que expressam diferentes perspectivas podem ser um em Cristo, mas nessa unidade desenvolver-se-á uma cisão causada pela questão que os divide.

Em Corinto a questão que dividia a igreja era se um cristão devia ou não comer o alimento oferecido aos ídolos no sacrifício pagão. Um grupo ficava horrorizado: "Como pode um (verdadeiro, dedicado) cristão fazer isso?", enquanto o outro grupo divertia-se dizendo: "Por que não? Não existem deuses pagãos".

Essa questão atingia várias áreas da vida dos coríntios. Na época da Bíblia raramente as pessoas comiam carne. No caso dos moradores de uma cidade, a carne era comprada diretamente de um mercado associado a um templo pagão e representava um terço do animal que pertencia à porção do sacerdote. Se um morador de Corinto desejasse fazer um assado em um jantar especial, o mercado de carne do templo era o lugar exato para comprar a carne. Mas alguns cristãos tinham um forte sentimento de que era terrivelmente errado ter qualquer relação, mesmo indireta, com o paganismo.

Entretanto, havia um outro problema mais premente. Quando os pagãos do primeiro século ofereciam um jantar ou banquete, fosse para poucos amigos ou um grande número de convidados, era tradição dedicar a refeição a alguma divindade. Portanto, muitos cristãos recusavam convites para ir às casas dos pagãos porque não desejavam comer algum alimento que estivesse, mesmo de longe, relacionado com a idolatria. Outros, porém, não viam nenhum mal em comparecer, afinal de contas, sabiam "que o ídolo nada é no mundo e que não há outro Deus, senão um só" (8.4). E, para aqueles que estavam no comércio, ou para os clientes de um poderoso benfeitor, a presença em tais ocasiões sociais era muito importante.

Muitos comentaristas sugerem um terceiro problema. Aparentemente, alguns cristãos estavam realmente participando de refeições patrocinadas pelos amigos nos templos pagãos. Estes cristãos zombavam da noção de que havia alguma coisa errada com essa prática, pela mesma razão de que "o ídolo nada é no mundo".

Nessa passagem, Paulo dá ao coríntios vários princípios como orientação que são específicos sobre o consumo de alimentos oferecidos aos ídolos. Nesse processo, ele também desenvolve outros princípios que podem servir de orientação para mim e para você em qualquer questão onde possa existir um conflito entre cristãos que reclamam liberdade para participar de uma prática que está preocupando outros irmãos e irmãs dentro de sua igreja. Paulo ensina que o amor por um irmão em Cristo é mais importante que o direito de exercer a liberdade cristã (8.1-13).

No desenvolvimento dessa passagem vemos que, de boa vontade, o próprio Paulo renunciou a muitos de seus "direitos" como apóstolo (9.1-18). Ele demonstrou seu amor e seu comprometimento para com o Senhor adotando os padrões sociais e culturais dos grupos aos quais ele havia testemunhado e ensinado (9.19-27). A antiga nação de Israel, ao

contrário, exercia um autocontrole sobre tudo e na verdade adotava a idolatria e participava da imoralidade a ela associada (10.1-13). Portanto, estejam prevenidos, Paulo adverte. É muito perigoso brincar, de qualquer forma, com a idolatria. O cristão não deve participar de atividades que envolvem práticas pagãs evidentes.

No entanto, em se tratando de ocasiões sociais habituais, não está errado participar. Porém, se o anfitrião anunciar publicamente que a carne foi dedicada a um ídolo, ela não deve ser comida em nome de sua própria consciência. E, quanto a comprar carne de um mercado associado a um templo pagão, não faça disso um problema. Desfrute de seu alimento como uma dádiva de Deus – mas seja sensível à consciência de seus irmãos e deixe o amor, não seus "direitos", servir como princípio orientador (10.14-22).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos (8.1). A palavras é eidolothuton e a questão era mais importante do que podemos imaginar. Somente as pessoas muito ricas do primeiro século comiam carne regularmente. Em quase todas as

ocasiões sociais, nas quais 99 por cento da população iriam comer carne, havia alguma associação com uma divindade que podia ser considerada um convidado de honra ou anfitrião. Normalmente, a carne era comprada nos açougues que a obtinham dos sacerdotes.

Embora seja difícil para nosso entendimento, até o terceiro século d.C. não havia realmente nenhuma atividade social que fosse completamente secular. E todas estas ocasiões tinham algum tipo de associação religiosa.

A posição dos judeus em relação a comer esta carne era bastante clara. O Rabino Akiba determinou: “A carne que estiver para ser levada ao culto pagão é legítima, mas aquela que vem dele é proibida porque é igual aos sacrifícios dos mortos” (Avod.S.ii.3). Ainda assim, nenhum judeu sentar-se-ia à mesa de um gentio para comer carne, qualquer que fosse sua origem.

É claro que a maioria dos primeiros cristãos concordava com Akiba. Plínio, o Moço, um autor do fim do primeiro século, relata que as conversões dos cristãos haviam afetado profundamente o mercado de carne em muitas partes do Império (Letters, 10.96.9-10).

Sabemos que todos temos ciência. A ciência incha (8.1). A NVI apresenta uma boa tradução numa nota de rodapé que diz: “Na verdade, como se diz, ‘todos nós temos conhecimento’”.

Em vários pontos em 1 Coríntios, as palavras de Paulo representam a posição adotada por algum dos lados nas muitas discussões que ocorreram na igreja. A citação acima está indicando que cada um deles discutia sua opinião com base em alguma verdade conhecida; por exemplo: “Sabemos que a idolatria é pecado”, enquanto o outro lado argumentava, “Sim, mas sabemos que os deuses e deusas dos pagãos nada representam no mundo”.

Qual seria o problema em adotar essas abordagens para resolver as controvérsias? Paulo diz que a “ciência incha”. A palavra usada aqui é phusioi (inchar, inflar como uma onda). Que imagem; tais argumentos são todos uma conversa vã, sem nenhum conteúdo. Apelar para o que “conhecemos” e tentar convencer os outros a aceitar nossas conclusões representa um estudo de trivialidades.

Paulo explica melhor no versículo 2: “Se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber”. Nosso “conhecimento” da verdade

espiritual é limitado e imperfeito e toda tentativa de resolver as dificuldades, apelando para o que “sabemos”, está destinada ao fracasso.

Sabemos que todos temos ciência. A ciência incha, mas o amor edifica (8.1). Aqui a palavra é oikodomeo. A estrutura dessa metáfora é importante no NT e é usada freqüentemente para retratar o fortalecimento do povo de Deus e o desenvolvimento espiritual do indivíduo.

Essa observação de Paulo é básica para o argumento que desenvolve em toda essa passagem composta de três capítulos. Ao abordar uma questão sob o ponto de vista da ciência, os crentes adotam posições diferentes e passam a discutir. Nenhum está disposto a ouvir o outro e cada um deles está imaginando novas formas de dar suporte às sua própria posição e “vencer” a discussão. O resultado é muita conversa inútil, sem nenhuma resolução, e sem nenhum crescimento espiritual!

Ao abordar uma questão sob o ponto de vista do amor, os crentes ficam unidos. O amor permite ouvir os dois lados e, ao considerar cada ponto de vista, eles abrem seu coração ao Espírito de Deus, que é o Mestre dos cristãos. O resultado de dar prioridade ao amor é que nos estimulamos mutuamente e crescemos não só em compreensão, mas também espiritualmente.

Nosso primeiro objetivo ao procurar resolver nossas diferenças com outros cristãos não é tentar “vencer”, mas manter o espírito de unidade e amor que nos permitirá explorar outras questões sem interromper nossa comunhão.

Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele [de Deus] (8.3). Alguns dos melhores textos primitivos gregos não têm palavras em itálico. Nesses textos, a passagem diz: “Se alguém ama, esse alguém conhece realmente (ou é conhecido)”. Essa parece ser a melhor tradução para esse contexto. A pessoa que realmente entende como tratar essa questão é aquela que ama, não aquela que “sabe”.

Isso serve de lembrete para nós atualmente. A pessoa verdadeiramente sábia e santa de nossa congregação não se destaca por seu conhecimento superior, mas por seu grande amor (1 Co 13).

Sabemos que o ídolo nada é no mundo (8.4). Aqui, será melhor entender que Paulo está citando uma posição adotada por um dos grupos em Corinto. Ele está admitindo que esse grupo chegou a uma conclusão. O fato de existir apenas um Deus significa que os deuses e deusas pagãos são irreais. Parece que Paulo está sugerindo que uma pessoa convencida dessa verdade pode muito bem comer "coisas sacrificadas aos ídolos" sem sentir dor na consciência.

Mas, o que Paulo queria dizer com: "Há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai"? (8.5). Ele está dizendo que embora os deuses pagãos sejam desprovidos de uma realidade objetiva, eles ainda têm um efeito subjetivo sobre os que acreditam neles.

Mais tarde, Paulo mostrará que o paganismo também exerce um impacto comportamental naqueles que participam de atividades sociais ligadas à idolatria.

Assim, dizer que "sabemos que... não há outro Deus, senão um só" (8.4) é verdade, embora não represente toda verdade. Portanto, o apóstolo indica as limitações de abordar uma questão como essa do ponto de vista da "ciência" ou do "conhecimento".

Mas vede que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos (8.9). A palavra "liberdade" aqui é exousia que significa "autoridade", "poder", "liberdade de ação". Paulo está sugerindo que aqueles crentes cuja fé é suficientemente forte para reconhecer a irrealidade objetiva das divindades pagãs, e suficientemente isentos de qualquer influência, estão autorizados a comer a carne sacrificada aos ídolos. Depois, ele faz um apelo ao amor e aos cuidados com o bem-estar dos outros que é a marca registrada desse amor.

Se um coríntio "forte" analisar sua escolha baseado na ciência, concluirá que tem o direito de comer. Mas, se o mesmo coríntio analisar seu direito de comer com base no amor, ele abster-se-á a fim de não causar nenhum possível mal a um

irmão mais “fraco”.

Se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize (8.13). A conclusão de Paulo é muito convincente. Falando em seu nome, ele se sente totalmente comprometido. Seus atos serão guiados pelo amor.

Não temos nós direito de comer e de beber? Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas? (9.3-5). Paulo mostra-se fortemente a favor de ceder um direito (a liberdade de agir de uma forma particular) quando o exercício desse direito pudesse prejudicar um companheiro crente. Agora ele se esforça para mostrar que ele mesmo tem vivido consistentemente dentro desse princípio.

Ele dá vários exemplos de ter renunciado aos seus direitos pessoais. Paulo gozava do direito do apóstolo de receber apoio material daqueles a quem ensina (9.4,7-14) e ele tem o direito à companhia de uma esposa (9.5). No entanto, não usou “nenhum desses direitos” (9.12,15). Sua intenção, ao contrário, era tornar o Evangelho “gratuito” (9.18). Paulo não queria deixar a menor dúvida de que o Evangelho é, totalmente, a expressão do amor de Deus.

Nós que ensinamos e encorajamos os outros a viver o amor não podemos esperar que façam sacrifícios que nós mesmos não estamos dispostos a fazer.

TRABALHAR OU ACEITAR O SUSTENTO?

Alguns sugerem que Paulo pode ter sido criticado porque preferiu não aceitar ajuda à sua subsistência. Afinal de contas, Jesus não havia instruído seus seguidores a partir sem levar a bolsa e aceitar a hospitalidade daqueles que os receberiam? (Mt 10). Será que sua decisão de trabalhar “defraudava” a igreja da oportunidade de ajudá-lo em sua missão?

Talvez. No entanto, havia um claro precedente na sociedade grega e judaica para a posição assumida por Paulo. Entre os rabinos mencionados no Talmude, mais de 100 são identificados por sua profissão! Entre os mais famosos rabinos do primeiro século, Shammai era carpinteiro e Hillel prestava serviços diários, mesmo quando estudava. Os rabinos Eleazar b. Zadoq e Abba Saul b. Batnith possuíam lojas em Jerusalém durante todos os anos em que ensinavam. Portanto, se Paulo trabalhasse em alguma profissão isso pareceria natural e "correto" para seu próprio povo.

Por outro lado, uma longa tradição da cultura helênica poderia conspirar contra ele. Epicteto, o Cínico, reflete a opinião da maioria dos inúmeros filósofos itinerantes que viajavam pelo Império e ensinavam em troca de alimentos e remuneração. Em Dissertations III, 22, pp. 46-48, ele escreveu:

Veja, Deus enviou a você alguém que mostrará pela prática como é possível (ser feliz com a maneira Cínica de viver). "Olhe para mim, não tenho casa ou cidade, propriedade ou escravo e durmo no chão. Não tenho mulher ou filhos, nenhum miserável palácio, somente a terra e o céu e um pobre manto. No entanto, será que me falta alguma coisa? Não tenho sofrimento ou medo. Não sou livre?"

Pelo fato de trabalhar para seu sustento e de sua missão, Paulo pode ter dado a alguns a impressão de estar não só transgredindo essa tradição, mas até de estar demasiadamente preocupado com as coisas mundanas, ao invés de estar livre delas para servir a seu Deus.

A explicação que ele oferece aqui coloca toda essa questão sob uma certa perspectiva. Ele é livre para aceitar o sustento, mas não exerce esse direito, não por se preocupar com o dinheiro, mas porque não quer que alguém deixe de entender que o Evangelho é verdadeiramente gratuito.

Podemos estar certos de uma coisa: muitas vezes Paulo era mal compreendido. Quanto a nós, as pessoas também podem não entender nossos motivos, a despeito daquilo que façamos. Portanto, o que devemos fazer é imitar o exemplo de Paulo, isto é, fazer o que acreditamos estar certo e compartilhar nossos motivos com os outros que duvidam de nós, sem qualquer posição defensiva.

Fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus (9.20). Paulo faz referência a três grupos para melhor ilustrar sua disposição de ceder seus direitos pessoais em benefício dos outros. Entre os judeus Paulo adota os costumes judaicos, embora não estivesse obrigado a observar as regras e tradições que definiam seu estilo de vida em todo o Império. Entre os gentios, ele não tinha a obrigação de viver como judeu, embora afirmasse sua pretensão de não se considerar "livre" da responsabilidade de viver de acordo com a vontade de Cristo.

Paulo também adapta seu comportamento para não ofender a consciência dos fracos, pois em tudo isso, seu objetivo é "salvar alguns" (9.22).

Alguns acusaram Paulo de comprometer suas próprias convicções a fim de parecer que estava obedecendo a convicções que realmente não eram suas. Mas aqui não existe nenhum comprometimento. Paulo está exercendo sua liberdade de renunciar a direitos pessoais em benefício dos outros e nisso ele serve de exemplo para mim e você. Muitas coisas que as pessoas consideram importantes são, na realidade, irrelevantes. Paulo escreveu: "O manjar não nos faz agradáveis a Deus, porque, se comemos, nada temos de mais, e, se não comemos, nada nos falta" (8.8). Ao adaptar-se à cultura daqueles entre os quais trabalhava seu objetivo era evitar colocar qualquer obstáculo que pudesse impedi-los de prestar atenção à verdadeira questão – Jesus e a salvação que Deus oferece a todos nós através de sua pessoa.

Todo aquele que luta de tudo se abstém (9.25). Paulo está fazendo referência aos jogos Ístmicos realizados a cada dois anos em Corinto. Seu argumento é claro. Os atletas desistem voluntariamente de seu "direito" a uma vida fácil e se entregam a um "rígido treinamento" para se prepararem para os jogos. O cristão procura alcançar um prêmio muito maior do que a coroa de louros oferecida aos ganhadores das corridas e das lutas. O fato de Paulo desistir de seus direitos por causa da "coroa incorruptível" (9.25) que receberia por seu serviço fiel e amoroso, mostra que ele tinha mais sabedoria do que os homens que não conheciam a Deus.

Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado (9.27). Aqui a palavra é adokimos, “desqualificado” ou “reprovado”. Ela foi usada em um contexto de atletismo: o autocontrole é necessário, não para a salvação, mas para vivermos uma vida disciplinada que nos mantenha no curso das recompensas escatológicas.

Esse lembrete final é significativo. É realmente importante deixarmos o amor nos guiar e estarmos dispostos a renunciar a nossos “direitos”, quando isso for para beneficiar outros. Os coríntios podem insistir em seus direitos e saborear a carne no mercado do templo. Ou podem entender como esses “direitos” são irrelevantes, exercer seu autocontrole, e procurar aquelas recompensas oferecidas pelo serviço fiel, que Deus concederá por ocasião da volta de Jesus.

Todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (10.2). Essa frase refere-se à iniciação de Israel no relacionamento do pacto com Deus sob a liderança de Moisés. O argumento de Paulo é que, como os coríntios, a antiga nação de Israel também recebia bênçãos espirituais, inclusive a proteção e o amparo de Cristo. Ele estava com os israelitas, assim como com seu povo do NT (10.3).

O argumento de Paulo é que, apesar de suas bênçãos, essa geração não era agradável a Deus – e, ao invés de entrar na Terra Prometida, seus corpos “foram prostrados no deserto” (10.5).

Esse argumento é muito claro. As bênçãos de Deus não representam uma licença para ignorarmos a Ele ou aos Seus mandamentos. Devemos responder ao Deus que nos abençoa com um total comprometimento aos Seus caminhos.

Estas coisas nos foram feitas em figura para não cobiçarmos as coisas más, como eles cobiçaram (10.6). A palavra é typoi, que significa uma figura ou padrão que pode servir de modelo ou exemplo. Paulo faz um retrocesso e vê certos padrões, no relacionamento da geração do Êxodo com Deus, que deviam servir como

advertência aos coríntios daquela época. Esses padrões são:

	ISRAEL	DEUS
10.7,8	Adorava ídolos;	Destruiu 23.000 num só dia.
	era sexualmente imoral.	Foram mortos pelas serpentes.
10.9	Testava a Deus.	
10.10	Murmuravam.	Foram mortos pelo anjo destruidor.

As bênçãos que recebemos de Deus são a maior garantia de que Ele não tolerará nossos pecados. Não devemos ser orgulhosos ou arrogantes; ao contrário, os dons de Deus devem nos tornar humildes e compreensivos.

Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia (10.12). Nesse ponto, Paulo usa o verbo pipto para representar a prática do pecado. Paulo está falando aqui àqueles cristãos “fortes” e convictos de que as bênçãos que receberam torná-los-ão invulneráveis aos perigos contidos na adoração pagã. Embora os ídolos possam não ser nada nesse mundo (8.4), a história de Israel mostra que a idolatria é perigosa! Àqueles que estão seguros de si, Paulo diz, Cuidado! A autoconfiança excessiva é, muitas vezes, um prelúdio do pecado.

Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar (10.13). A palavra é peirasmos, que significa “teste” ou “prova” e foi traduzida muitas vezes como “tentação” pois, muitas pessoas tendem a pecar sob alguma pressão externa ou interna.

Por ser um dos versos mais conhecidos das cartas aos coríntios ele tem encorajado os cristãos através dos séculos, quando a vida torna-se difícil. Nesse contexto, ele serve como uma advertência, assim como uma promessa. Paulo considera os testes como comuns aos homens; em outras palavras, ele considera as tentações como “humanas”. Os coríntios eram vulneráveis aos pecados associados à idolatria, apesar do que pudessem dizer: que “o ídolo nada é no mundo”. Ao afirmar sua fidelidade a Deus, Paulo deixa claro que ninguém precisa pecar quando as provações acontecem. Mas, veja que Paulo diz que Deus “dará também o escape”.

Os que comem os sacrifícios não são, porventura, participantes do altar? (10.18)

Aqui a palavra koinonoi significa “sócios” ou “aqueles que compartilham alguma coisa”. No judaísmo, parte do sacrifício era devolvida ao ofertante, que dele se alimentava juntamente com sua família e amigos. O anfitrião dessa refeição era considerado um deus, porque além de fornecer o alimento estendia sua proteção a todos que participavam. Filo, o grande estudioso judeu do primeiro século, faz uma referência a isso em spec.leg. 1.221, dizendo que esse alimento devia ser comido em três dias porque pertencia a Deus, e não a quem oferecesse o sacrifício. Ele, “o benfeitor, o generoso... transformou aqueles que oferecem sacrifícios e que convivem através desta prática (koinonon) em parceiros do altar e da mesa de que participam”.

Acontece que aqueles que participam de refeições semelhantes, patrocinadas em templos pagãos e dedicadas aos ídolos pagãos, tornam-se parceiros da idolatria. E, embora os ídolos possam nada ser, “as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios” (10.20). Existem poderes espirituais hostis que operam nos seres humanos através da adoração pagã.

Então, está claro que “não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios” (10.21). O cristão não deve participar de nenhum evento público ou social que seja abertamente dedicado a uma divindade pagã.

Comei de tudo quanto se vende no açougue (ou mercado, versão RA), sem perguntar nada, por causa da consciência (10.25). Por outro lado, a carne vendida no mercado (makellon) não tem mais nenhum significado religioso, independentemente de ter sido ou não oferecida anteriormente como sacrifício a um ídolo.

E, se algum dos infiéis vos convidar e quiserdes ir, comei de tudo o que se puser diante de vós, sem nada perguntar, por causa da consciência (10.27). A palavra é apistos ou “sem fé”. Paulo mantém uma consistente opinião sobre o relacionamento com os não cristãos: esse relacionamento é mais encorajado do que condenado (5.9-13). Então, como devem os cristãos reagir quando são convidados para um jantar? A diretriz de Paulo é muito simples.

Aproveite a refeição sem se preocupar com a origem do prato principal. A carne, em si mesma, não tem nenhum significado religioso e não deve ser um problema para a consciência do cristão (suneidesis, ou um redutor moral).

Mas, se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência; porque a terra é do Senhor e toda a sua plenitude (10.28). Aqui, a palavra “consciência” (syneidesis) é usada de acordo com o sentido habitual de “consciência moral”. Nosso entendimento gira em torno de uma questão. Por que alguém levantaria uma dúvida dizendo que a carne foi “oferecida em sacrifício?” A resposta parece ser que o anfitrião está admitindo que os cristãos, assim como os judeus, não comeriam carne sacrificada a uma divindade pagã. Portanto, esta advertência do descrente é um ato moral, um ato que o cristão deveria honrar, não fazendo com que o anfitrião se preocupasse com o fato de que, ao comer essa carne, o cristão poderia estar cometendo algum “erro”.

O alimento não representa um problema para a consciência cristã (8.8; Rm 14.5,14). Mas o cuidado com a consciência dos outros – cristãos e não cristãos, é um ato de consciência. Em “qualquer coisa” que fizer (10.31) o cristão deve agir para a glória de Deus, tomando cuidado para não ser um escândalo “nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus” (10.32,33).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Os Direitos de um Apóstolo (9.1-27). Paulo inicia esse capítulo com uma questão retórica: “Não sou livre?” Essa pergunta introduz uma questão que está subordinada não só ao que Paulo ensina aos coríntios, mas a seu ensino em Romanos 14–15 e também a outras passagens do NT. Portanto, para a

interpretação dessa passagem é importante entender a perspectiva do NT sobre a liberdade. Quando os coríntios reivindicam o direito de comer em templos pagãos, comprar carne que foi anteriormente oferecida aos ídolos, e reunir amigos pagãos em sua casa para festas e jantares que, de acordo com o costume, eram geralmente dedicados a alguma divindade pagã, eles também estão perguntando: “Não sou livre? Agora que sou cristão, e entendo que os deuses dos pagãos nada representam, será que não posso fazer o que quero quanto ao alimento sacrificado aos ídolos?”

Ao afirmar esse direito, os “fortes” de Corinto, que haviam sido libertados de qualquer respeito supersticioso aos ídolos, confirmavam exatamente o que Paulo havia dito: “Não sou livre?” Atualmente, os cristãos que são “fortes”, e cuja consciência não está preocupada com as coisas irrelevantes que perturbam seus irmãos e irmãs, fazem muitas vezes essa mesma indagação. “Por que não devo fazer isso ou aquilo? Não sou livre?” Certamente essa pergunta merece uma resposta. E para respondê-la precisamos entender a natureza e os limites da liberdade cristã.

A Liberdade no Antigo Testamento

Diferentes palavras hebraicas foram traduzidas como “liberdade” nas versões inglesas. Entre elas estão salah, ‘azab, naqi e hapsi. Uma pesquisa sobre seu uso no AT indica o conceito de “liberdade” como a desobrigação a restrições internas ou externas impostas pelos outros ou pela sociedade. Entretanto, essas palavras são aplicadas apenas a situações específicas, e nenhuma delas sugere o conceito abstrato de “liberdade” ou da doutrina da “liberdade” como encontramos no NT.

As Palavras Gregas

Ao contrário da cultura hebraica, a grega realmente falava sobre “liberdade” em um sentido abstrato. A palavra elutheria queria dizer liberdade no sentido de ser “independente dos outros”. Elutheros significava “livre” ou “libertado” e implicava que a pessoa era dona de si, capaz de agir sem qualquer referência a limites que os outros poderiam tentar impor sobre ela. Elutheroo queria dizer “libertar, soltar ou livrar”.

Originalmente, esses eram termos políticos e faziam a distinção entre a liberdade dos membros plenos de uma comunidade e aquela que não era gozada pelos escravos ou estrangeiros. Com o passar dos séculos, tornou-se claro que a "liberdade" política não livrava o indivíduo ou a comunidade de certas tragédias como guerras, injustiças ou fome. Portanto, os filósofos do mundo helênico começaram a procurar internamente, com a finalidade de descobrir uma liberdade pessoal do sofrimento ao qual o homem estava exposto no mundo. Para os estóicos, que eram profundamente preocupados com essa questão, a liberdade só podia ser encontrada, quando a pessoa desligava-se das preocupações mundanas.

O homem comum adotou os termos utilizados para "liberdade" e os aplicou de diferentes maneiras. Para ele, "liberdade" queria dizer a oportunidade de fazer o que quisesse. O homem livre era seu próprio senhor, desimpedido pela falta ou pelos limites impostos pelos outros. A pessoa que era realmente livre podia fazer o que quisesse, em qualquer momento que escolhesse. Libertado dos limites externos, o homem livre era capaz de obedecer aos seus próprios desejos.

Em nenhum lugar do NT as palavras para liberdade são usadas de acordo com o sentido estóico ou político. Tampouco a liberdade é considerada como licença para fazer o que a pessoa deseja sem conseqüências ou impedimento. O NT desenvolve um novo conceito de liberdade que está arraigado na profunda convicção das Escrituras de que todo ser humano está preso à escravidão do pecado – uma escravidão que nenhum ser humano é capaz de vencer sozinho.

O Novo Testamento e a Escravidão Humana

A escravidão humana é complexa e completa. Os seres humanos estão sujeitos às forças do mal, que são capitaneadas por Satanás e seus servos (Lc 13.16; Ef 6.12; 2 Tm 2.26).

Os seres humanos são escravos de sua própria natureza pecaminosa; um redemoinho de paixões que ao invés de servir, domina os condenados. Nessas condições, as pessoas ficam espiritualmente mortas, dominadas por um "eu anterior" que é totalmente corrupto e que os impele ao uso da "liberdade" para

pecar (Rm 6.6; Ef 4.22; Cl 3.9; Gl 5.1; 2 Pe 2.19).

Além disso, os seres humanos são escravos da lei. Isso acontece porque a lei, embora seja santa, justa e boa, estimula a natureza pecaminosa a pecar (Rm 7.1-4). Ela estabelece padrões morais, mas o homem pecador nunca é capaz de viver de acordo com esses padrões. Como resultado, a lei ascende sobre os seres humanos, exigindo sem capacitar, e condenando ao invés de oferecer esperança (Rm 3.19,20; 6.14; 7.7-25).

Enquanto os seres humanos clamam pela liberdade de fazer o que querem, por causa da escravidão a Satanás, ao pecado e até à lei, a liberdade é uma ilusão. Pois o homem pecador só usará sua liberdade para pecar, e a conseqüência – ou a maior recompensa – do pecado é a morte.

A LIBERDADE DOS FILHOS DE DEUS

Então, ao homem que está nesse estado desesperador, chegam as Boas Novas do Evangelho. E levando-as consigo, Paulo anuncia, “Cristo nos libertou” (Gl 5.1). E diz aos coríntios: “Não sou livre?”, esperando pela segura resposta, “Sim!”

Então qual é a natureza da liberdade que Cristo conquistou para os cristãos? Várias passagens importantes nos ajudam a entender.

João 8.31-36. Jesus promete àqueles que se mantiverem fiéis aos seus ensinos: “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Aqui, a palavra “verdade” refere-se à realidade de acordo com Deus. Os meros seres humanos tropeçam através da vida, incapazes de separar a verdade da ilusão. Aqueles que se comprometem em seguir os ensinos de Jesus, vencem as ilusões e experimentam a realidade. Quando seguimos a Cristo somos levados daquilo nos prejudica para o que nos ajuda. Para longe do que é mau, para tudo que é bom.

Por que isso é tão importante? Jesus explica: “Todo aquele que comete pecado é

servo do pecado” (8.34). A liberdade que Jesus nos dá é a libertação do poder do pecado e a capacidade de experimentar a vida como Deus a revelou.

Romanos 6.15-23. Paulo apóia-se no argumento de Jesus. Somos “servos” daquele que obedecemos. O homem nunca é livre no sentido de ser independente. Cada um de nós deve escolher um senhor. E este senhor será o pecado – que traz como recompensa a morte – ou Deus – que orienta seus servos para uma vida justa e os abençoa com a vida eterna.

Romanos 8.2-11. Paulo insiste que até o cristão está sujeito aos fortes “puxões” e limitações de um corpo ainda infectado pelo pecado. Mas Deus nos deu o Seu Espírito Santo, e o Seu poder vivificador é a fonte de uma nova dinâmica para uma vida de santidade.

Gálatas 5. A “liberdade” de Cristo nos dá um poder que nos capacita a ignorar os impulsos de nossa natureza pecadora e viver para agradar a Deus. O que é vital em tudo isso é poder fazer uma escolha, pois como nenhuma pessoa é independente, ela deve decidir se prefere servir ao pecado, ou servir a Deus.

Se preferirmos escolher o pecado, nossa vida será marcada pelo ódio, ciúme, acessos de ira, inveja etc. Se escolhermos servir a Deus, estaremos livres para viver uma vida paciente, amorosa, boa, e fiel.

A liberdade cristã não é a liberdade para fazermos aquilo que quisermos. É a liberdade do domínio do pecado; é a liberdade para nos comprometermos com Deus e vivermos para lhe sermos agradáveis. E, no contexto de 1 Coríntios, é a liberdade para renunciarmos a nossos direitos por consideração aos outros, para seu bem-estar espiritual, sejam eles judeus, gregos ou membros da igreja de Deus.

A VIDA DE UM CRISTÃO VERDADEIRAMENTE LIVRE

O que Paulo pretende em Romanos 14–15 e 1 Coríntios 8–10 é nos fazer um esboço do estilo de vida daquele que é verdadeiramente livre.

O cristão tem consciência de que regras relativas a coisas duvidosas nada têm a ver com ele. O homem livre sabe que tais regras como “Não coma isso” e “Não compre carne nos mercados públicos” não representam questões de consciência, e comer ou se abster de comer nada têm a ver com ser agradável a Deus. Dessa forma, o cristão tem o “direito” de comer ou não, sem julgar os outros ou ser julgado por eles.

O cristão também está consciente de que a consideração pelos outros é uma questão de consciência. O homem verdadeiramente livre é tão livre para exercer seus “direitos” como para não praticá-los. E, quando se abstém de praticar um ato que poderia fazer outra pessoa tropeçar, o cristão exerce a liberdade que Deus lhe concedeu para servir ao Senhor praticando o bem.

O cristão que consegue distinguir entre atos que são ou não questões de consciência evitará transformar assuntos irrelevantes em problemas dentro da comunidade cristã. Ele agirá de acordo com sua consciência, sem fazer de suas escolhas assuntos de discussão pública. E o cristão sempre procurará ser sensível àqueles que podem não estar de acordo com sua perspectiva, mas a cujo bem-estar ele tem o compromisso de servir.

Dons Espirituais da Comunidade da igreja

EXPOSIÇÃO

Paulo havia tratado de uma série de problemas que haviam surgido na igreja de Corinto. Em um esforço para alcançar prestígio, alguns haviam afirmado ser superiores aos outros porque obedeciam a líderes superiores (caps. 1–4). Outros entendiam ser melhores que seus irmãos porque eram “fortes”, portanto livres para comer alimentos sacrificados a ídolos (caps. 8–10). Agora, Paulo trata de uma outra pretensão, “Somos melhores que vocês”, insistiam alguns, “e podemos prová-lo. Falamos várias línguas – e vocês não”.

Ao examinarmos Coríntios 12–14 será importante entender que a questão discutida agora por Paulo não é relativa aos “dons espirituais”. Ele está mais preocupado com o tópico mais abrangente da espiritualidade. Afinal, o que é espiritualidade? O que os dons espirituais têm a ver com a espiritualidade? Como podemos reconhecer o individuo verdadeiramente espiritual que está entre nós? E, finalmente, o que podemos dizer sobre esse dom de “línguas” que alguns afirmam ser capaz de torná-los melhores que os outros?

No momento em que entendermos que a questão aqui é a espiritualidade e não os dons espirituais, tornar-se-á relativamente fácil acompanhar o argumento de Paulo. O grande apóstolo começa observando que o que torna uma pessoa “espiritual” é o Espírito Santo (12.1-3). Mas o Espírito revela sua presença de várias maneiras em diferentes cristãos (12.4-11). Uma boa analogia pode ser encontrada na constituição e nas funções do corpo humano. Embora cada parte do corpo seja diferente da outra, suas funções são essenciais para que o todo funcione como um único conjunto. Assim como nenhum conjunto de “olhos” ou de “pés” forma um todo, também a igreja não seria um todo, se cada crente tivesse o mesmo dom. Dessa maneira todo crente espiritualmente dotado é essencial ao corpo de Cristo. Os dons mais espetaculares, como as “línguas”, não representam, absolutamente, qualquer evidência de superioridade espiritual.

Nesse ponto Paulo faz uma pausa para declarar uma importante conclusão. Se a igreja deseja um teste de espiritualidade, Paulo é capaz de fornecê-lo! O teste é muito simples, mas arrasador para aqueles que através de sua arrogância e orgulho asseveram ser superiores aos seus irmãos e irmãs no Senhor. A pessoa verdadeiramente espiritual é caracterizada pelo amor. E o amor é “sofredor, é benigno... não é invejoso... não trata com leviandade, não se ensoberbece” (13.1-4). Em resumo, a pessoa espiritual demonstra qualidades em todos os seus relacionamentos, fazendo um contraste direto com as atitudes e comportamentos daqueles que parecem estar dispostos a estabelecer seu próprio prestígio na comunidade da fé!

Agora, Paulo retorna à questão dos dons espirituais e de sua prática. Todo dom espiritual é importante para o corpo. No entanto, se os dons pudessem ser categorizados, a “profecia” (instrução) é definitivamente mais importante que as “línguas”. Por que? No que concerne à igreja, a pessoa que instrui através de palavras inteligíveis edifica os outros, enquanto a pessoa que fala através de línguas pode edificar a si próprio, mas não está fazendo nenhuma contribuição aos outros (14.1-19). Quanto aos estrangeiros, as “línguas” podem servir-lhes como um alerta inicial da presença de Deus, mas se os estrangeiros posteriormente visitarem a igreja e todos estiverem falando diferentes línguas, essa impressão inicial logo desaparecerá e o visitante concluirá simplesmente que essas pessoas ficaram loucas! Se o visitante ouvir a Palavra de Deus ensinada em sua própria língua, ele ficará convencido e se converterá (14.20-25). Então, na melhor hipótese, o dom que os coríntios exaltam como sinal de superioridade espiritual é insignificante e faz uma contribuição muito pequena ao bem-estar espiritual dos cristãos, e uma contribuição ainda menor à propagação do Evangelho.

Para terminar, Paulo oferece um ensino muito prático sobre como conduzir as reuniões da igreja. Aparentemente, a competitiva exaltação das línguas havia levado a uma completa desordem nas reuniões da congregação. Portanto, Paulo insiste na ordem; uma ordem que dá a todo membro a oportunidade de contribuir de acordo com seu próprio dom, uma ordem que exige de cada membro do Corpo mostrar aos demais a cortesia de saber ouvir (14.26-33).

As palavras finais de Paulo são dirigidas a grupos específicos da igreja, grupos que estavam aparentemente mais envolvidos na discussão sobre as línguas. Aquelas mulheres que haviam provocado uma cisão nas reuniões da igreja deviam permanecer “caladas” e aprender a “ser submissas” (14.33b-37). Aqueles

que haviam afirmado ser “espirituais” deviam agora reconhecer que as palavras de Paulo têm a força de um mandamento divino (14.38). Mas, e quanto às línguas? A igreja não é proibida de falar diferentes línguas, pois se trata de um válido dom espiritual. O que a igreja de Corinto deve aprender, e também a igreja de nossos dias, é estruturar a reunião a fim de que a ordem seja mantida, e aqueles que têm dons espirituais devem receber uma estrutura dentro da qual possam ministrar a todos (14.39,40).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Acerca dos dons espirituais não quero irmãos que sejais ignorantes (12.1). A língua grega não tem o correspondente a “dons” e a frase é ton pneumatikon, “o espiritual”. Não há um consenso entre os comentaristas se o significado dessa frase implica “dons” espirituais ou “pessoas” espirituais. Em vista da abrangência do discurso de Paulo, cada uma dessas traduções parece ser muito limitada. Será melhor considerar essa frase como “Agora sobre as coisas do Espírito”, ou ainda melhor “Agora quanto à espiritualidade, irmãos, não quero que sejais ignorantes”.

Não é de admirar que os coríntios estivessem confusos sobre a espiritualidade. Atualmente, cerca de 2.000 anos depois, muitos cristãos também estão confusos. Essa longa passagem é muito importante para nós porque Paulo está nos oferecendo um teste muito simples pelo qual podemos reconhecer quem é verdadeiramente espiritual entre nós. E um objetivo para o qual cada um de nós deve se esforçar.

Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados (12.2). Essa combinação de verbos (’egesthe ’apagomenoi) é rara na língua grega. Ela sugere que eles estão indicando um fenômeno singular e precisam ser traduzidos em conjunto e não separadamente. Provavelmente, Paulo está referindo-se às “declarações espirituais” ou a um “discurso em

êxtase” daqueles que, segundo a cultura grega, eram considerados inspirados por um dos “ídolos mudos” dos pagãos.

Isso lança muita luz sobre o problema de Corinto. Alguns dos cristãos transportavam para sua nova fé as suposições do paganismo. Aqueles que falavam em línguas pareciam ter um dote especial do Espírito, da mesma forma que os oráculos associados aos templos pagãos que entravam num êxtase semelhante. Por esta razão supunham que eles estavam muito próximos aos seus deuses e deusas.

Mas essa crença encontrava-se arraigada em uma ignorância que Paulo estava a ponto de dissipar. Uma ignorância sobre o Espírito de Deus e Seu relacionamento com os crentes que atualmente caracteriza inúmeras pessoas dentre o povo de Deus.

Ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema! E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo (12.3). Paulo acabou de ensinar que o pronunciamento de alguém, quando proferido em êxtase, não representa prova da presença vital do Espírito. Então, o que seria? A reposta é que o relacionamento da pessoa com Jesus é a prova da presença do Espírito.

Ninguém que considera Jesus como um anathema (objeto da ira divina) tem o Espírito. Em contraste, aquele que reconhece Jesus como kurios, ou “Senhor” (o Deus eterno, o Jeová do AT) é guiado pelo Espírito e assim demonstra sua presença.

Entretanto, esse versículo tem perturbado alguns, pois afirmam que qualquer um pode dizer “Jesus é Senhor”. Essa frase representava uma confissão de fé dos cristãos primitivos. Confessar publicamente que “Jesus é Senhor” era comprometer-se com Jesus, reconhecendo-o como Aquele que é glorificado, o Deus encarnado, Aquele que ressuscitou dos mortos e é a fonte da vida eterna para todos que nEle crêem.

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil (12.7). Paulo disse que a pessoa que confessa Jesus como Senhor “fala pelo Espírito Santo” (12.3), isto é, essa pessoa possui o Espírito.

Agora, a questão é: como o Espírito manifesta sua presença na vida do crente? A resposta de Paulo é que o Espírito dá “dons”, ou charismata. Estes dons são manifestações ou expressões do Espírito através do crente. Paulo insiste em três coisas nesse verso e nseu contexto. (1) Os dons, embora de “diferentes espécies” (12.4-6), são a obra do único e mesmo Espírito. (2) Cada crente tem um dom espiritual (12.7). E (3) os dons têm a finalidade de promover o bem comum, ou seja, fazer “o que for útil”, visando um fim proveitoso (12.7). Isto é, os charismata devem ser usados para fortalecer e edificar os crentes e sua comunidade. Eles não representam testes ou medidas de espiritualidade.

Aprendemos muitas coisas nesse verso. Talvez a mais importante é que cada irmão ou irmã no Senhor tem alguma coisa com a qual contribuir à sua igreja. Cada crente representa um ministro, cada crente tem uma habilidade com a qual pode contribuir para o bem-estar dos outros. Precisamos aprender a nos considerar, e também aos outros, como ministros e não apenas como aqueles que recebem o ministério de algum líder profissional cristão. E precisamos estender a mão para cuidar de nossos irmãos e irmãs cristãos. Quando o fizermos, o Espírito operará através de nós e outros serão abençoados.

DONS ESPIRITUAIS

Existe muita discussão sobre a natureza dos dons relacionados em 1 Coríntios 12, Romanos 12 e Efésios 4. Um conjunto típico de definições pode ser encontrado no livro de Charles C. Ryrie, The Holy Spirit (Moody Press, 1965). Fizemos aqui uma adaptação do ponto de vista de Ryrie a respeito dos dons e suas funções.

Administração: Capacidade de guiar, dirigir, liderar e cuidar da igreja.

Apostolado: Capacidade de servir como missionário ou outro representante especial de Deus.

Discernimento: Capacidade de distinguir verdadeiras de falsas fontes da revelação.

Evangelização: Capacidade excepcional de conquistar outros para o Senhor.

Exortação: Capacidade de encorajar, consolar e admoestar outros de maneira construtiva.

Fé: Capacidade de acreditar no poder que Deus tem para atender necessidades especiais.

Doação: Capacidade de fazer contribuições excepcionais de seus próprios recursos materiais para outros crentes.

Hospitalidade: Capacidade de receber os viajantes que necessitam de alimento e abrigo.

Misericórdia: Capacidade de oferecer consolo e bondade aos aflitos.

Milagres e Curas: Capacidade de realizar atos de cura e de restaurar a saúde sem o emprego de meios naturais.

Pastor/Mestre: Capacidade de liderar, proteger, guiar, ensinar e cuidar dos membros do corpo de Cristo.

Profecia: Capacidade de entender e comunicar uma mensagem imediata de Deus ao seu povo.

Serviço: Capacidade de identificar as necessidades de outros e ajudá-los a enfrentá-las.

Ensinar: Capacidade de entender as implicações da revelação de Deus para a vida diária, e de guiar outros para que entendam e vivam a verdade de Deus.

Línguas: Capacidade de falar em linguagem desconhecida [espiritual].

Interpretação de línguas: Capacidade de entender e explicar as palavras de alguém que fala outras línguas.

Será importante considerar esta lista como uma relação representativa e não exaustiva. Na verdade, qualquer coisa que o crente possa fazer para fortalecer, ou contribuir para o desenvolvimento de outro é “manifestação do Espírito”, o exercício de um dom que contribui para o bem comum, ou seja, para o que for útil, visando um fim proveitoso (12.7).

Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também (12.12). A frase “assim é... também” (houtos kai) nos alerta para o que é talvez a primeira metáfora do NT com a intenção de nos ajudar a entender a natureza da igreja. Em Romanos, Paulo ensinou que pela fé o crente une-se a Jesus em uma união indissolúvel. Agora, ele ensina que aqueles que estão unidos a Cristo também estão unidos entre si, num relacionamento orgânico, como aquele que existe entre os membros e órgãos do corpo.

Essa imagem transmite inúmeras realidades. Não podemos ser cristãos isolados dos outros, devemos funcionar junto com eles. Não podemos cumprir nossa missão na vida separados da igreja, e devemos estar suficientemente próximos para exercer nossos dons através do amor e do serviço. Não podemos permitir discussões e divisões em nossas congregações, e devemos estar unidos por um compromisso comum, não só com Jesus mas também entre nós.

Todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo (12.13). A contribuição desse versículo é sua definição bíblica da frase “batismo pelo Espírito”. O batismo pelo Espírito é a obra do Espírito pela qual todos os que crêem estão unidos a Jesus tornando-se membros, juntamente com todos os outros cristãos, daquela igreja que representa o único corpo de Cristo.

Mas agora Deus colocou os membros do corpo, cada um deles como quis (12.18). Na época helênica, o verbo grego etheto significava “estabelecer” ou “arranjar”. Aqui ele está enfatizando o papel ativo de Deus ao determinar o papel que cada cristão desempenhará dentro da igreja. Juntamente com 12.11, que afirma que o Espírito concede dons a cada um “como quer” (bouletai, “escolhe” ou “prefere”), essa frase estabelece um ponto importante.

Deus é aquele que escolhe nossos dons. Eles não são indicativos de

espiritualidade, mas do papel que Deus nos deu para ser executado dentro do corpo. Seria pouco apropriado para nós “procurar” os dons que nos faltam, ou exaltar aqueles irmãos que têm um dom a mais que outros. Devemos, ao contrário, nos regozijar porque cada um de nós foi equipado por Deus para o papel que devemos executar dentro do corpo de Cristo.

Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela (12.24). O jogo de palavras da língua grega nos versos 23-25 é impossível de ser traduzido para o português. Entretanto, o argumento é claro. Costumamos cobrir as partes do corpo que consideramos “não apresentáveis, por exemplo, os órgãos sexuais [12.22] e damos atenção especial às partes “mais fracas” (por exemplo, o estômago, fornecendo-lhe alimento [12:23]). Da mesma forma, a igreja deverá dispensar atenção especial às pessoas cujos dons não são tão visíveis como as línguas, ou tão “desejáveis” como o dom de pastorear.

O fato é que cada parte do corpo é indispensável e merece igual cuidado. Se alguma delas sofre, o todo fica prejudicado. Se alguma é exaltada, todas as outras participam de sua glória. É claro, então, que cada membro é digno de igual consideração e os coríntios que exaltavam apenas as línguas como um dom espiritual, haviam perdido completamente o contexto!

Portanto, procurai com zelo os melhores dons (12.31). Um conceito semelhante é expresso em 14.1: “Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais”. Mas como essa exortação pode ajustar-se à insistência de Paulo sobre o fato de que Deus distribui dons espirituais de acordo com Sua soberana vontade? (12.11)

A resposta é que Paulo está falando a uma comunidade cristã, e não a indivíduos, como estão indicando os versos gregos na segunda pessoa do plural. Ele lembra à igreja que ao invés de exortar as línguas, ela deve dar prioridade aos dons “maiores” ou mallon. (14.5). De acordo com o capítulo 14, dons como a profecia (14.3), fortalecem, encorajam e consolam a igreja e contribuem diretamente para

o bem comum.

Mas antes de Paulo continuar com sua explicação, ele faz uma pausa para explicar um caminho ainda “mais excelente”; o do amor (12.31). Não o “amor ao invés dos dons”, mas o amor como um contexto dentro do qual os dons espirituais devem ser exercitados.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade [ou amor], seria como o metal que soa ou como o sino que tine (13.1). É provável que os coríntios realmente pensassem sobre o dom das línguas em termos da linguagem dos anjos. No Testamento de Jó hebraico (48-50), as três filhas de Jó receberam cinzas para capacitá-las a falar “estaticamente no dialeto angelical”. Alguns sugeriram que algumas pessoas em Corinto rejeitavam a sexualidade (1 Co 7) por entenderem que o dom de línguas os iniciava no reino dos anjos, portanto acreditavam que haviam “alcançado” a perfeição espiritual.

No entanto, o comportamento desse mesmo grupo mostrava uma distinta falta de amor! Viver uma vida de amor é o “caminho mais excelente” e o caminho da verdadeira espiritualidade.

Nesse ponto, a crítica de Paulo é arrasadora. Mesmo que um coríntio realmente falasse “as línguas dos homens e dos anjos”, se não tivesse amor, seria apenas um chalkos echon, ou “metal que soa”. Paulo está referindo-se aos grandes e vazios receptáculos de bronze colocados nos fundos dos anfiteatros de pedra para servir como sistema de amplificação de som. Longe de serem modelos de espiritualidade, aqueles que falam em línguas, mas não têm amor, são homens e mulheres vazios.

Ainda que distribuísse toda a minha fortuna... e não tivesse caridade [ou amor], nada disso me aproveitaria (13.3). As línguas e a “fé” (13.2) não representam prova suficiente de espiritualidade. O que dizer sobre a total dedicação de uma pessoa que dá tudo que possui aos pobres, estando disposta até mesmo a receber o martírio? Sem amor, qualquer doação torna-se vazia (13.3).

Certamente o pobre que recebeu o alimento, aproveitou. As boas obras certamente são proveitosas para seus beneficiários. Sem amor não existe uma satisfação íntima. Sem amor não existe o crescimento espiritual do indivíduo e sem amor não existe a recompensa escatológica.

Em tudo isso, Paulo não está criticando as línguas, a fé que opera milagres, ou aquelas boas obras que são benéficas aos outros. Na verdade, ele está nos lembrando que o amor tem primazia na vida cristã. Sem amor o cristão fica vazio, sem amor não existe benefício para nós em qualquer coisa que possamos fazer.

A caridade [ou amor] é... (13.4,5). Quantas vezes nos esquecemos de que Deus expressa-se através das coisas simples e humildes. Cristo não chegou em um formidável facho de luz, mas como um bebê nascido em uma manjedoura em um obscuro local do mundo civilizado. A “espiritualidade” também não é uma questão de ter um dom espetacular. Ela é percebida nas ações mais modestas e na rotina de nossa vida cotidiana.

Se quisermos verdadeiramente discernir aquele que é realmente espiritual entre nós, e se desejarmos ser pessoas espirituais, precisaremos antes de tudo entender a definição que Paulo nos oferece aqui sobre a natureza do amor.

Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face (13.12). A frase grega é en ainigmati e provavelmente não quer dizer “um pobre reflexo”. Corinto era um lugar famoso por seus espelhos de bronze e a excelente imagem que refletiam. O que Paulo está dizendo é que, da maneira como vemos atualmente a revelação de Deus, nada se compara à imagem que iremos conhecer quando estivermos em Sua presença, contemplando ao Senhor face a face. Agora, nosso conhecimento é indireto e parcial, portanto às vezes ele pode falhar. Mas o amor nunca falha (13.8); portanto, vamos nos comprometer com ele, e permanecer humildes sobre o que pensamos “saber”.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Dons de Profecia e de Línguas (14.1-25)

Contexto. Uma aura de êxtase marcava a religião pagã. O oráculo de Delfos aspirava as exalações vulcânicas que se elevavam até seu cubículo e proferia a mensagem ininteligível do deus que era, então, interpretado pelos sacerdotes. Diziam que pessoas com epilepsia sofriam da "doença divina" e acreditavam que elas estivessem próximas de alguma divindade. Não é de admirar, então, que os novos cristãos de Corinto ficassem profundamente impressionados com aqueles que falavam várias línguas, acreditando que fossem especialmente espirituais. Considerando a crença de muitos judeus de que o discurso carismático era a linguagem dos anjos (veja o Estudo da Palavra de 13.1 acima), nenhum crente judeu da igreja de Corinto desafiaria a admiração que aparentemente sentiam por aqueles que tinham o dom de línguas.

Em Atos 2 "todos" foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas (2.4). Cada membro da multidão "os ouvia falar em sua própria língua" (2.6). Em Atos 2, falar em outras línguas servia ao propósito da evangelização.

Ao ler cuidadosamente 1 Coríntios 12–14 ficamos admirados pelo fato de que somente alguns, e não todos os coríntios, falavam em outras línguas. Também ficamos impressionados pelo fato de que ao invés de serem cheios do Espírito, aqueles que falavam em diversas línguas eram iguais aos outros "carnais" e andavam "segundo os homens" (3.3). Além disso, aqueles que falavam em línguas em 1 Coríntios não podiam ser entendidos por ninguém. Ao invés de ser uma linguagem estrangeira reconhecida, as línguas reproduzem aqui um discurso ininteligível que exige um intérprete. Finalmente, embora Paulo considere as línguas como um dom que edifica o orador (14.17), esse dom, se não for interpretado, não edifica outros cristãos nem é útil à evangelização (14.23).

Embora nenhuma dessas observações seja suficiente para fornecer uma

definitiva evidência de que dois fenômenos estejam envolvidos, parece claro que na congregação de Corinto a prática do dom de línguas criou uma variedade de problemas. Para resolver esses problemas, Paulo primeiro explicou que o dom espiritual de uma pessoa não representa prova de sua espiritualidade, pois cada dom é a “manifestação do Espírito” que reside em cada crente (cap. 12). Depois, Paulo coloca o “amor” como a verdadeira medida da espiritualidade, além de ser uma qualidade essencial ao contexto dentro do qual qualquer dom espiritual deve ser exercido (cap. 13).

Agora Paulo começa a ensinar a igreja a regulamentar o exercício do dom de línguas. Ao invés de simplesmente estabelecer as regras, o grande apóstolo explica cuidadosamente as razões das diretrizes que pretende estabelecer. Podemos resumir essa discussão da seguinte maneira:

As línguas são um Dom Menor (14.1-25)

As línguas são inferiores à profecia (14.1-5)

As línguas não nutrem nem educam os crentes (14.6-19)

As línguas não salvam os perdidos (14.20-25)

Regulamentando o Dom de Línguas (14.26-40)

Deve haver a presença de um intérprete (14.26-28)

A ordem deve ser mantida (14.29-33)

Devem cessar as desordens (14.34-36)

As línguas não devem ser proibidas (14.37-40)

As Línguas são um Dom Menor (14.1-25). A proclamação da igreja de que as línguas representam o supremo dom espiritual e a principal evidência da espiritualidade está totalmente errada. Os coríntios têm realmente se apegado a um dom menor, e feito dele uma questão maior. Mas o que torna as línguas um dom menor? Paulo explica cuidadosamente.

As línguas são inferiores à profecia (14.1-5). Os dons espirituais são concedidos para o bem comum, para o que for útil, visando um fim proveitoso (12.7). Isto é, sua primeira função é educar/nutrir e edificar os indivíduos e a igreja. Mas, ao falar em línguas, a pessoa está dirigindo esse exercício a Deus, não aos homens (14.2). Ao contrário, a pessoa que profetiza (no sentido de falar a palavra de Deus, comunicando ou explicando Sua mensagem ao homem) fala diretamente ao homem “para edificação, exortação e consolação” (14.3). O dom de línguas é menos importante quando comparado a outro dom como a profecia. As línguas, como um dom, não podem sustentar-se sozinhas porque precisam ser interpretadas para que desempenhem na igreja o papel que é destinado aos dons.

As línguas não nutrem nem educam os crentes (14.6-19). Paulo desenvolve as implicações do fato das línguas serem ininteligíveis. Até os instrumentos musicais devem produzir sons que podemos reconhecer. As trombetas que chamam os exércitos para a batalha devem soar de forma reconhecível. Até a linguagem dos estrangeiros tem um significado para aqueles que a pronunciam. É óbvio que para alguma coisa ter um significado (14.10,11) ela deve ter um

padrão reconhecido. Ela deve ser inteligível.

Como as línguas são ininteligíveis, elas dão uma contribuição à vida espiritual do orador (14.4), porém uma contribuição pequena para os ouvintes (14.14,15). É óbvio que elas não podem fazer nenhuma contribuição aos outros crentes, a não ser que o orador ou outro membro da congregação possa interpretá-las. Aqueles que ouvem uma pessoa falar em outras línguas não conseguem nem dizer “Amém” à expressão de ação de graças do orador visto que não sabem o que está sendo dito (14.16).

Paulo analisa o valor das línguas para a igreja quando ele, como alguém que também fala em línguas, diz: “Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida” (14.19). Porém, em termos espirituais, é importante falar em línguas, pois quem o faz edifica a si mesmo (14.4).

As línguas não salvam os perdidos (14.20-25). Esse parágrafo parece um pouco confuso, fato atribuído muitas vezes a uma pequena transmissão de erros do texto grego. No entanto, o pensamento de Paulo é bastante claro.

O AT parece indicar que embora Deus fale através de “gente de outras línguas”, esse fenômeno não levará as pessoas a ouvirem sua voz (14.20,21). Em vista do conceito habitual dos pronunciamentos feitos em êxtase no mundo helênico, o exercício público do crente de seu dom de línguas poderá criar uma impressão inicial de que essa pessoa tem um relacionamento especial com Deus (14.22). Mas, se aqueles que não são cristãos acompanharem essa impressão inicial e forem à reunião de uma igreja, onde todos estão falando em línguas... “não dirão, porventura, que estais loucos?” (14.23). Por causa dessa grande manifestação em línguas, essas pessoas simplesmente rejeitarão os cristãos por serem loucos e partirão meneando a cabeça, cheias de aversão.

Por outro lado, Paulo argumenta que se um infiel vier a uma reunião cristã e ouvir os membros da congregação falarem as palavras de Deus num discurso

inteligível... “de todos é convencido, de todos é julgado. Os segredos de seu coração ficarão manifestos, e assim, lançando-se sobre seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós” (14.24,25).

Falando de forma mais simples, as línguas contribuem para a igreja como um todo, e também para os oradores, desde que haja interpretação. Assim, fica claro que a igreja deve dar prioridade a certos dons como a profecia, que realmente contribuem para todos.

Regulamentando o Dom de Línguas (14.26-40). Paulo não proíbe a prática desse dom nas reuniões da igreja. No entanto, ele estabelece diretrizes com a intenção de regulamentar seu uso.

Deve haver a presença de um intérprete (14.26-28). A reunião da congregação deve ser uma ocasião em que cada irmão e irmã têm a oportunidade de exercitar seu dom “para o fortalecimento da igreja”. Como as línguas, por serem ininteligíveis, não podem fazer tal contribuição, esse dom desse ser praticado somente quando o orador, ou alguma outra pessoa presente, seja capaz de interpretá-lo.

A ordem deve ser mantida (14.29-33). O fato de Paulo insistir nesse ponto sugere que aqueles que falavam em línguas tinham o hábito de interromper os outros, supostamente levados pelo Espírito. Aparentemente, as reuniões tinham muitas vezes se deteriorado e se transformado em disputas sonoras com vários oradores competindo para ver quem conseguia proferir suas palavras em um volume mais alto. Paulo diz que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (14.32). Isto é, Deus não transforma seu povo em marionetes e puxa seus cordões a fim de controlá-los! A desculpa, “Não pude me controlar. Estava possuído por Deus!”, simplesmente não convence.

As reuniões da igreja devem, então, ser marcadas pela cortesia e pela ordem, não

pela confusão e pela competição. Deus não é um Deus de desordem.

Devem cessar as desordens (14.34-36). Essa instrução para que as mulheres "estejam caladas nas igrejas" tem causado consideráveis discussões, particularmente em vista do aparente reconhecimento de Paulo quanto às mulheres serem "profetizas" da igreja no capítulo 11.4,5 dessa mesma carta. A questão das mulheres na igreja será explorada com maior profundidade, mais adiante, no estudo de 1 Coríntios 7 e 11. Entretanto, o fato destas palavras de Paulo serem encontradas nesse contexto parece indicar que esse grupo era, talvez, o mais barulhento e desordeiro nas reuniões da igreja de Corinto.

As línguas não devem ser proibidas (14.37-40). Paulo havia explicado cuidadosamente as limitações do dom de línguas. Agora ele lembra aos coríntios, e também a nós, que embora esse dom não seja o maior, ele não deixa de ser um dom espiritual. Assim sendo, o dom de línguas não deve ser proibido pela igreja.

Aplicação. Nessa longa passagem, todo o propósito de Paulo é fornecer uma análise do dom de línguas. Esse dom não representa um sinal de espiritualidade, pois todo crente tem o Espírito, e cada dom é uma concessão do Espírito. Um indicador muito mais seguro da espiritualidade é o amor, que é essencial para o contexto interpessoal no qual todo dom deve ser exercido. Um discurso ininteligível faz uma contribuição muito pequena à edificação da igreja ou à conquista do infiel. Cinco palavras proféticas, num discurso compreensível, significam mais do que 10.000 palavras numa outra língua.

Assim, embora essa prática não seja proibida, ela deve ser limitada e regulamentada nas reuniões da igreja.

Que maravilhosa solução traz 1 Coríntios 12–14 a uma discussão que continua até nossos dias. Aqueles que falam em outras línguas não devem ser arrogantes, como se, de qualquer forma, esse dom os tornasse especiais. E aqueles que não falam noutras línguas não devem se sentir ameaçados, nem devem rejeitar

imediatamente o exercício desse dom. Antes, devemos entender que o “caminho ainda mais excelente” (12.31) de Deus, o caminho do amor, deve governar nossos relacionamentos com aqueles que são como nós em sua experiência cristã e no conceito das línguas – e com aqueles que são diferentes de nós em sua experiência cristã e no seu conceito das línguas.

Se continuarmos no espírito do amor, nem o exercício do dom, nem sua ausência, serão suficientes para dividir nossa expressão local como o corpo vivo de Cristo.

A Ordem no Culto (14.26-33)

Contexto. A casa igreja. Durante os três primeiros séculos d.C., os cristãos reuniam-se nas casas para realizar seu culto semanal. Essa passagem nos dá alguma visão sobre o que acontecia nessas reuniões: aparentemente, havia um livre intercâmbio no qual cada pessoa contribuía de acordo com seu dom. Nas palavras de Paulo, “Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação” (14.26). Somente poucas passagens descrevem as reuniões de uma congregação do primeiro século, mas cada uma delas reflete essa atmosfera de mútuo ministério. Hebreus 10.24,25 diz: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras, não deixando nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros”. E Colossenses 3.16 acrescenta o seguinte ao desenvolvimento desse quadro: “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração”.

Quantas pessoas reúnem-se semanalmente na igreja? Um artigo da revista Biblical Archaeologist de setembro de 1984 (vol, 47: No. 3), escrito por Jerome Murphy-O’Connor, nos dá uma perspectiva sobre “a Corinto que o apóstolo Paulo via”:

À medida que crescia o número de convertidos de Paulo, tornou-se necessário

encontrar um lugar onde pudessem se reunir. As estremecidas relações com os judeus excluíam a sinagoga e a falta de “status” dos cristãos colocava fora de questão qualquer outro lugar público. Portanto, as casas particulares tornaram-se o centro da vida da igreja.

A casa de campo de Anaploga, uma das quatro casas do período romano escavadas em Corinto, pode ser da época de Paulo. Portanto, ela pode ser o tipo de casa na qual Gaio, como anfitrião, hospedou Paulo e a igreja (Rm 16.23).

Devido às condições sociais daquela época, qualquer reunião que envolvesse outras pessoas, além dos amigos mais íntimos da família, estava limitada às áreas públicas da casa, o triclinium [sala de jantar] e o atrium. Na casa de campo de Anaploga, o triclinium media 5,5 por 7,5 metros, mas o espaço livre de 41,25 metros ficava diminuído pela presença de divãs ao longo das paredes. O atrium, localizado ao lado, media 5 por 6 metros, mas novamente a medida de espaço útil estava diminuída pela presença de uma piscina de 2 metros por 2, localizada no centro do ambiente.

Essas medidas estão longe de explicar os problemas que surgiram na celebração da Ceia do Senhor em Corinto (1 Co 11.16-34). Essa comunidade tinha, no mínimo, quarenta a cinqüenta crentes, o que significa que havia um desconfortável excesso de pessoas e que nem todas podiam ser acomodadas no mesmo aposento (p.157).

Esse é exatamente o fato importante para nós. As reuniões que atualmente chamamos de “igreja local”, onde várias centenas congregam-se e sentam nos bancos, não refletem as reuniões da igreja do primeiro século. Havia cerca de 30 a 40, ou no máximo 50 casas-igreja espalhadas pela cidade que se reuniam para ministrar umas às outras. Lá, na relativa intimidade do que nós certamente iríamos chamar de “pequeno grupo”, eram exercitados os dons do Espírito, e cada uma delas, nas palavras de Paulo, contribuía “para a edificação” da igreja (1 Co 14.26).

1 CORÍNTIOS 7, 11, 14

As Mulheres na Comunidade da Igreja

EXPOSIÇÃO

-

James Thurber colocou o seguinte cabeçalho em uma de suas caricaturas da revista New Yorker, “Adoro a idéia de haver dois sexos, e você?” Lendo 1 Coríntios parece improvável que Paulo tivesse concordado. Não porque ele fosse contra as mulheres, apesar do que alguns dizem. Simplesmente porque inúmeros problemas da igreja de Corinto envolviam uma interação entre os sexos. No capítulo 5, Paulo falou imperiosamente contra a imoralidade sexual. No capítulo 7 ele escreve para corrigir algum mal entendido sobre o sexo no casamento e no divórcio. No capítulo 11 ele analisa uma questão do culto que inclui o vestuário das mulheres e, em seguida, passa a corrigir os coríntios que haviam deturpado a celebração da Ceia do Senhor. Finalmente, no capítulo 14 ele levanta novamente a questão do procedimento das mulheres na adoração, embora de forma breve (14.33b-36). Como essas passagens estão interligadas, parece-nos útil explorar as questões levantadas em

cada capítulo.

Sem dúvida, Paulo condenou a imoralidade sexual muito severamente enquanto viveu em Corinto, como mostram os capítulos 5 e 6 dessa carta. Mas o que seria essa solitária e dedicada atitude do apóstolo em relação ao sexo? Aparentemente, algumas pessoas de Corinto acreditavam que o compromisso cristão exigia o celibato, e chegavam a ponto de recusar os relacionamentos normais com o cônjuge ou até a se divorciarem. Portanto, Paulo discute primeiro a questão mais geral do sexo (7.1-9). Depois, examina o divórcio e observa que um cristão não deve dar início à separação, mesmo que tenha um cônjuge não crente (7.10-16). Como princípio geral, os convertidos deviam procurar viver uma vida cristã no mesmo estado em que vieram a conhecer ao Senhor, sem se esforçar por uma mudança dessa condição (7.17-25). Depois, Paulo volta para a questão da sexualidade e explica que embora o casamento seja certamente autorizado às virgens e às viúvas, ele vê uma grande vantagem em permanecer na condição de solteiro (7.26-40).

O casamento é um importante contexto social dentro do qual os homens e as mulheres interagem. A própria igreja é outro importante contexto social no qual os

dois sexos devem interagir. Portanto, Paulo considera essas duas situações específicas nas quais se desenvolveu o conflito entre os sexos. No primeiro caso, algumas mulheres tornaram-se tão animadas por poderem participar da adoração, que se recusavam a se vestir da forma que era considerada a mais apropriada para ir à igreja (11.2-10). Paulo está lhes fazendo uma censura, mas imediatamente abandona qualquer sugestão de que as mulheres sejam inferiores. Na verdade, homens e mulheres são interdependentes e o direito delas participarem no ministério da igreja deve ser preservado (11.11-16).

Depois, Paulo exorta as mulheres a limitarem sua participação nas reuniões da igreja local, uma limitação que deve ser entendida no contexto da discussão de Paulo sobre o mau uso do dom espiritual de línguas (14.33b-36).

Mas os comentários de Paulo sobre a propriedade do vestuário no culto o levaram a se lembrar de um outro problema em Corinto (11.17-31). Essa igreja, tão marcada pela divisão, havia deturpado a celebração da própria Ceia do Senhor. Essa celebração religiosa havia se transformado numa refeição comum onde os amigos mais privilegiados do anfitrião recebiam alimento e os membros menos afortunados eram

deixados de lado ou relegados a ficar de pé e famintos no atrium, enquanto os outros se banqueteavam no tricliniun (sala de jantar). O erro dos coríntios em reconhecer o significado dessa prática era sério, e a insensibilidade aos seus irmãos e irmãs foi a causa das enfermidades sofridas por vários cristãos na igreja.

Vemos novamente nessa passagem aquele que é o principal problema subjacente em Corinto. A igreja estava dividida e corrompida por pressões de prestígio, e arruinada pelos esforços individuais e de grupos para estabelecer sua primazia às custas dos outros. Esse espírito de competição e antagonismo pode ser observado em todo relacionamento interpessoal, inclusive nos relacionamentos entre maridos e esposas, e entre homens e mulheres dentro da comunidade. E esse espírito fica certamente revelado quando os membros das classes superiores reivindicam privilégios que colocam os pobres como cidadãos de segunda classe no reino de Deus, como ocorre no reino dos homens.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Bom seria que o homem não tocasse em mulher (7.1). Aqui, como em outras passagens (8.1), o apóstolo não está fazendo um julgamento deliberado, mas está citando uma opinião expressa por alguns em Corinto. Isso fica ainda mais claro quando percebemos que o original grego diz, “não deve tocar uma mulher”, isto é, não deve ter relação sexual. Aqui, a questão principal não é o casamento, mas o celibato.

A questão do casamento é unicamente dos gentios. Os judeus, de cuja herança Paulo também compartilhava, adotavam uma posição baseada em Gênesis 2.18: “Não é bom que o homem esteja só”. No judaísmo, o casamento era considerado a principal responsabilidade de todo homem. Mas alguns coríntios, que haviam sido convertidos da cultura geral, com atitudes negligentes em relação ao sexo e indecisos sobre a extensão da pureza moral à qual eram exortados em Cristo, foram para o outro extremo. Também é provável que, para alguns, seu passado de relacionamentos sexuais havia se tornado uma questão de orgulho, uma base para a pretensão àquela espiritualidade superior à qual muitos se inclinavam, desejando ter um prestígio superior no corpo de Cristo.

A resposta de Paulo rejeitava esse conceito e argumentava a favor de uma expressão normal e plena do sexo dentro do casamento.

Da mesma maneira, o marido não tem poder sobre seu próprio corpo, mas tem-no a mulher (7.4). Paulo usa o verbo exousiazo. O marido não tem direito exclusivo sobre seu corpo, mas cada parceiro em “uma só carne” na relação do casamento (1 Co 6.16), tem direitos sexuais dos quais nenhum deles deve ser privado.

Essa linguagem é dirigida. Aqueles que optaram pelo celibato no casamento não são espiritualmente superiores aos outros. Sua renúncia privou seus cônjuges de alguma coisa que é legalmente importante. Ao invés de agir no amor, os celibatários fizeram sua escolha sem qualquer referência às necessidades ou desejos dos cônjuges no matrimônio!

Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que se abrasar (7.9). Nesse ponto, a NVI posicionou-se fora do contexto. Paulo está escrevendo sobre aqueles que têm uma forte inclinação sexual e, de acordo com o verbo que usa, “não” se controlam. Essa frase é apoiada pela forma condicional do verbo

(“se” com o presente do indicativo), que supõe a condição a ser atendida. Paulo, então, está escrevendo às pessoas solteiras que estão tendo relações sexuais. Deve-se observar que Paulo está insistindo que o antídoto é o casamento, dentro do qual os indivíduos podem dar uma legítima expressão a seu impulso sexual.

“Aos casados, mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido” (7.10). No primeiro século, não existia a distinção que fazemos entre “separação” e “divórcio”.

Paulo introduz esse mandamento como uma ordem direta do Senhor, referindo-se sem dúvida à tradição registrada em Mateus 19 e Marcos 10. Paulo não está introduzindo um tema novo, e continua a falar àqueles que exaltam o celibato, afastando-se de seus cônjuges e indo até o extremo de se divorciar por razões ascéticas. As palavras de Cristo certamente se aplicam a essa situação.

Se, porém, se apartar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido (7.11). A frase, ean de kai, representa uma condição geral. Ao invés de apresentar uma situação hipotética, Paulo está descrevendo uma possibilidade alternativa que embora não seja a ideal, não deixa de ser permissível.

Entretanto, Paulo deixa bem claro que, ao oferecer essa alternativa, ele não está dando àqueles que se divorciaram uma licença generalizada para se casarem novamente. A pessoa que se divorciou a fim de viver uma vida de celibato deve fazer exatamente isso, permanecer sem se casar ou se reconciliar com seu cônjuge.

Entretanto, existe mais sobre o divórcio nessa passagem, pois logo Paulo analisa uma situação muito diferente, e chega a uma outra conclusão muito diferente (veja o Estudo da Palavra de 7.15 abaixo).

Porque o marido descrente é santificado pela mulher, e a mulher descrente é santificada pelo marido. Doutra sorte, os vossos filhos seriam imundos; mas, agora, são santos (7.14). As duas palavras em questão são hagiazo, “santificar, escolher” e hagia, “santo, escolhido por Deus”. Estes termos não foram usados em um sentido moral, mas relacional. No AT, a pessoa que entrava em contato com alguma coisa ou pessoa impura, também se tornava impura. Agora, a

dinâmica da presença de Cristo transformou a situação. A presença do crente na unidade familiar leva os filhos e o cônjuge não crente à esfera daquela influência divina exercida pelo Espírito através do crente.

O argumento de Paulo é que a pessoa convertida não precisa separar-se de seu cônjuge que ainda não conheceu a Cristo – desde que o cônjuge esteja disposto a viver com um cristão.

Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão (7.15). Paulo ainda está tratando dos problemas práticos enfrentados pelos novos convertidos em Corinto.

Paulo não trata aqui da questão de um novo casamento. E, através dessa passagem, ele recomenda enfaticamente uma vida de celibato (7.25,26), insistindo com seus leitores para não procurarem uma mudança de condição, qualquer que seja seu estado atual (7.27,28).

Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião (7.21). No Império Romano era fundamental a mudança de condição de pessoa escrava para livre, ou vice-versa. Na verdade, estavam envolvidos três níveis: escravo, homem liberto e livre. O homem liberto era a pessoa que havia sido um escravo, mas que havia recebido liberdade de seu senhor ou tinha comprado essa liberdade.

O significado e a importância dessas categorias estão refletidos nos epitáfios desse período. Na verdade, essas categorias parecem muitas vezes ter dominado outras considerações de posição, como sexo ou posição na família. O nome de uma mulher libertada deveria ser colocado antes do nome de seu marido escravo. E o nome de um filho que nasceu livre devia ter preferência sobre o nome do pai (escravo) ou da mãe (libertada).

Eram extremamente almejadas a mudança da condição de escravo para homem libertado, e a oferta de uma condição mais elevada de nascidos livres aos filhos. E muitos habitantes do Império subiram socialmente nessas condições. Pesquisas feitas por Gordon, sobre a aristocracia menor da Itália, mostram que cerca de um terço dos funcionários dos centros comerciais de Óstia e Cápua eram filhos de homens libertados.

Em vista disso, a advertência de Paulo parece surpreendente: “Cada um fique na vocação em que foi chamado (1 Co 7.20). Por que um cristão não quereria melhorar de condição? Por que não procurar um caminho que ofereceria vida melhor a seus filhos?

A expressão “se ainda” de Paulo em 7.21 nos ajuda a entender. Ele não é contra o progresso em si, mas é contra o fato de o crente concentrar-se demasiadamente nos objetivos mundanos a ponto de se desviar de sua vocação que é viver como um “servo de Cristo”. O objetivo do cristão deve ser praticar a vontade de Deus em cada situação – e não se concentrar em tentar mudar de condição.

Esta é uma palavra muito apropriada para nossos dias. Quantas vezes pensamos que se apenas tivéssemos mais dinheiro, ou mais tempo, ou se não tivéssemos um cônjuge e filhos, então poderíamos nos dedicar mais a Deus. Paulo nos lembra que este tipo de pensamento está errado. Não devemos nos concentrar no que faríamos se as coisas fossem diferentes, mas em servir a Jesus nas condições atuais. Somente assim experimentaremos a paz.

A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo em que seu marido vive; mas, se falecer seu marido, fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor (7.39). A palavra traduzida como “ligada”, isto é, dedatai é a mesma palavra encontrada em 7.15 onde Paulo diz que a mulher não estará ligada a seu marido descrente, se ele não desejar viver com ela. Está claro, então, que aqui Paulo está afirmando o ideal que rege o matrimônio.

A contribuição mais importante é a reafirmação de um ideal com o qual todos os cristãos estão de acordo e o comentário de Paulo de que uma viúva cristã que se casar novamente deve fazê-lo no Senhor.

Até porque casar com um cônjuge cristão não garante imunidade contra as dores do coração, a frustração ou até mesmo o divórcio. Mas significa que temos a oportunidade de ter um lar cristão harmonioso e cheio do amor que todo adulto ou criança necessitam.

Quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo (11.3). Apesar dos esforços de alguns para impor implicações hierárquicas, Paulo evita claramente usar a palavra "cabeça" em um sentido de subordinação, ou em um sentido superior. Geralmente, a palavra cabeça, kephale, não era usada na literatura grega no sentido de "chefe" ou "superior em categoria". Embora a palavra hebraica ro'sh tenha realmente este sentido, os tradutores da Septuaginta quase nunca usam kephale para traduzir ro'sh quando o sentido é "chefe", embora tenham usado kephale quando o sentido é a "cabeça" física. Os leitores de Paulo do primeiro século teriam entendido essa metáfora significando a "fonte da vida" e não "chefe" ou o "superior versus inferior".

Mas por que Paulo começa dessa maneira, e o que está dizendo? Logo ele tratará de um problema específico que diz respeito à cobertura da cabeça. Mas, antes disso, ele deseja construir uma moldura para suas observações. Essa moldura é ao mesmo tempo teológica, histórica e relacional. Cristo é a fonte da vida humana (Jo 1.4). Adão (ho aner, "o homem") é a fonte de onde a mulher foi formada. O Próprio Deus é a fonte da qual veio o Cristo encarnado. Então, o que fazemos reflete a fonte de onde surgimos, para sua honra ou desonra.

De tempos em tempos ouvimos alguém afirmar que essa passagem significa que os homens, a "cabeça" são superiores e que as mulheres são inferiores, portanto elas devem obedecer aos homens. Mas, como Cristo pode ser inferior ao Pai que é sua "cabeça"? Desde a eternidade existiram o Pai, o Filho e o Espírito Santo como um só Deus, iguais, porém com diferentes papéis na execução do plano da salvação. Podemos argumentar, com maior lógica nesse verso, mais a favor da igualdade entre homens e mulheres do que pela subordinação da mulher. Na verdade, Paulo está fazendo exatamente isso ao realçar a interdependência dos sexos em 11.11,12.

No entanto, os papéis do homem e da mulher são diferentes; na família, na sociedade e na igreja. Mas essa diferença de papéis não deve ser distorcida para sugerir qualquer superioridade ou inferioridade. E o uso da palavra "cabeça" por Paulo não deve ser entendido como um conceito hierárquico da relação

homem/mulher no lar ou na igreja.

Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada (11.5). Paulo não está fazendo objeção às mulheres de “orar e profetizar” nas reuniões da igreja. O que ele está condenando é fazer isso com a cabeça “descoberta”.

Apesar das intensas pesquisas e discussões não é possível entender exatamente a que Paulo refere-se com “cabeça descoberta” ou, porque isso não era apropriado. As opiniões sobre a cobertura da cabeça variam desde os véus, como aqueles usados pelas mulheres da Idade Média, até as echarpes, o uso do cabelo solto e despenteado, ou o corte bem curto. Infelizmente, estamos tão longe do primeiro século, e particularmente das práticas dos primeiros cristãos, que não temos como saber exatamente a que estas palavras estão referindo-se.

Entretanto, o que sabemos é realmente suficiente. Aparentemente, as mulheres de Corinto estavam empolgadas com a nova liberdade que experimentavam em Cristo. É verdade que, no primeiro século, elas exerciam um papel no culto da sinagoga, mas este papel estava limitado, como define T. Megillah 23: “Todos podem apresentar-se para constituir o quorum de sete, até as mulheres e os menores. Mas o sábio diz que uma mulher não deve ler a Escritura, em respeito à congregação”.

Mas em Corinto, as mulheres não só dirigiam a oração como também profetizavam e serviam como agentes permanentes da revelação de Deus ao Seu povo!

Aparentemente, o que aconteceu foi que algumas mulheres de Corinto decidiram afirmar sua igualdade aos homens adotando uma forma masculina de pentear o cabelo. Se agora gozavam de um privilégio antes reservado aos homens durante o culto, elas iriam confirmar esse privilégio adotando um vestuário e um estilo masculinos.

É isso que incomodava Paulo. Ao adotar uma posição extremamente feminista, as mulheres de Corinto estavam, com efeito, negando a verdade da Criação, pois o Próprio Deus havia criado os homens diferentes das mulheres, e não iguais.

Mas a mulher é a glória do varão (11.7). Paulo desenvolve um argumento original. Deus é a fonte das diferenças entre o homem e a mulher (11.7-9). Essa diferença não é humilhante, pois “a mulher é a glória do varão”.

Essa frase nos ajuda a entender que, ao dizer que a mulher foi criada “para” o homem, Paulo não está dizendo que ela foi criada para ser dominada pelo homem, ou para que ele tenha autoridade sobre ela. Antes, o apóstolo está afirmando que a mulher, tendo vindo do homem, o complementa e com ele torna a raça humana uma possibilidade realizável. As qualidades da mulher trazem créditos ao homem, de cuja costela foi formada como sua companheira e sua igual.

Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos (11.10). Agora, Paulo explica seu argumento. O poderio, ou exousia, do qual está falando, não é uma suposta autoridade do homem sobre a mulher, como alguns ensinaram. Ela representa a nova liberdade, a autoridade e o direito que agora as mulheres têm dentro da igreja de orar e profetizar. Por serem mulheres, ao cobrir orgulhosamente seus cabelos elas demonstrarão aos homens e aos anjos que não são cidadãos de segunda classe e não precisam negar sua natureza feminina para alcançar a igualdade. É como mulheres que Paulo deseja que elas tomem seu lugar ao lado – e não abaixo – dos homens da congregação, como parceiras iguais, igualmente participantes da adoração a Deus.

A mensagem dessa passagem tem um toque de atualidade. Hoje em dia algumas mulheres sentiram que devem se vestir, agir e se comportar como os homens para alcançar a igualdade. As boas novas do Evangelho dizem que, em Cristo, as mulheres são aceitas e valorizadas como mulheres. E que elas têm autoridade para participar plenamente do ministério ao exercitar os dons espirituais que lhes foram concedidos por Deus.

Atualmente, a igreja tem aprendido o que Paulo sabia e ensinava. Por esta razão, muitas portas foram abertas para a cooperação das mulheres na obra de Deus, o

que há muito tempo não ocorria de forma tão ampla.

Como em todas as igrejas dos santos. As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas (14.33,34). Depois de estudar a declaração de Paulo sobre a liberdade e a autoridade, as mulheres devem se comportar na igreja como mulheres tanto na oração como na profecia. Esse versículo, que aparece três capítulos depois, não deixa de ser um choque. Será que Paulo está sendo inconsistente? Como podem as mulheres orar e profetizar, e ao mesmo tempo ficar caladas? Como podem ter autoridade, mas não ter permissão para falar? Como as mulheres podem ser consideradas iguais no capítulo 11 e serem aqui computadas como subordinadas que devem se manter em sujeição?

Para uma discussão a esse respeito, veja a Passagem em Profundidade sobre o papel das mulheres na igreja.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Ceia do Senhor (11.17-34)

Contexto. Embora ainda estivesse falando do tema da adoração, Paulo escreve para corrigir práticas associadas à celebração da Ceia do Senhor. Três assuntos o estão preocupando. (1) A igreja está abusando do agape (festa do amor) que acompanha essa celebração, como mostram os versículos 17-22. (2) A igreja não está levando a sério essa celebração, ou deixando de seguir a forma estabelecida por Jesus, como mostram os versículos 23-26. Paulo reafirma essa forma, e insiste no fato de que a cerimônia é uma "lembrança ou memória" (11.24,26), uma oportunidade para nos colocarmos novamente ao pé da cruz. (3) Algumas pessoas na igreja estão participando da Ceia "indignamente", como mostram os versículos 27-34. Aqui a falha é a maneira indigna (11.27) de

participar. O problema não é a forma da celebração, mas a atitude do celebrante. Aqueles que se aproximam com soberba, ignorando pecados não confessados, se arriscam a desagradar a Deus, podendo vir a sofrer enfermidades e até mesmo a morte física. A Ceia do Senhor reverencia um sacrifício feito para nos libertar do grilhão do pecado. Não podemos participar dignamente, se estivermos chafurdando alegremente nas presas do pecado e, dessa forma, negando o propósito da morte de Cristo.

Entretanto, esse é o primeiro tópico que reflete o tema geral dessa carta. “Ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões” (11.18). Nesse caso, aparentemente as dissensões são sociais porquanto o anfitrião recebe os membros de sua classe social, bem como os das classes superiores, e ignora os pobres.

A descrição feita por Murphy-O’Connor dos lares em que se reuniam os coríntios cristãos deixa bem claro que o pequeno aposento estava disponível (veja A Ordem no Culto [14.26-33] em O Texto em Profundidade sobre 1 Coríntios 12–14). De acordo com a necessidade, alguns eram recebidos no triclinium (sala de jantar) enquanto outros teriam que ficar no atrium. Nos últimos 30 anos tem sido dada muita atenção à sociologia da igreja de Corinto, e a maior parte das tensões que existiam dentro desse corpo foram atribuídas a uma estratificação social pré-existente. Quanto às refeições que compartilhavam, em um mesmo jantar aqueles que pertenciam a diferentes classes sociais iriam normalmente receber quantidades e qualidades muito diferentes de alimentos. Aparentemente, essa prática comum era seguida por algumas pessoas de Corinto que serviam como anfitriões nas reuniões da igreja; e esta prática trouxe como resultado a divisão! Ao seguir essa prática... “desprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm” (11.22).

Uma interessante seção das cartas de Plínio sugere uma maior sensibilidade ao impacto desse tratamento do que aquela mostrada pelos cristãos de Corinto aos seus irmãos.

Aconteceu que fui jantar com um homem – embora não fosse seu amigo particular – cuja elegante parcimônia, como ele chamava, pareceu-me uma espécie de mesquinha extravagância. As melhores iguarias eram colocadas à sua frente e à frente de alguns seletos escolhidos, enquanto refugos baratos eram

servidos ao restante dos presentes. Ele até despejava o vinho em minúsculos frascos, divididos em três categorias, não para dar aos seus convidados a oportunidade de escolher, mas para tornar-lhes impossível recusar o que estava sendo oferecido. Uma quantidade era destinada a ele e a nós; a outra, a seus amigos menores (todos os seus amigos eram graduados) e a terceira para seus homens livres e também para os nossos. Meu vizinho de mesa notou esse fato e perguntou se eu o aprovava. Respondi que não. “Então como você faz?”, quis saber. “Sirvo o mesmo a todos, pois quando convido alguém, não é para uma refeição, nem para fazer uma distinção de classes; eu os convido como iguais à mesma mesa, portanto em tudo lhes dou o mesmo tratamento”. “Até aos homens livres?”, “Claro, pois eles são meus companheiros de refeição, não homens libertados”. “Mas isso deve custar muito dinheiro”, “Pelo contrário”. “Como assim?, “Porque meus homens livres não bebem o mesmo tipo de vinho que eu; eu é que bebo o deles”.

O mesmo deve acontecer na igreja, diz Paulo. Quando os crentes reúnem-se para o banquete do amor, e para celebrar a morte de nosso Senhor, sua intenção não é fazer uma distinção social. Todos são igualmente convidados do Senhor ressuscitado, todos são iguais aos Seus homens livres, cuja liberdade foi comprada ao custo do sangue de nosso Salvador.

As Mulheres na Igreja (11.2-16; 14.33-36).

Resumo. A fim de entender qualquer passagem que aborda esse tema será necessário colocá-lo dentro de um contexto mais amplo. Por essa razão, coloquei aqui uma citação de um longo artigo do Zondervan Expository Dictionary of Bible Words.

1. Provas da Importância das Mulheres

Apesar da realidade de viver em uma cultura dominada pelos homens, as mulheres desempenharam um papel extremamente significativo na igreja primitiva. A razão, sem dúvida, era que as mulheres cristãs, assim como os homens, recebiam os dons espirituais para o ministério. Dessa forma, sua contribuição ao ministério total do corpo de Cristo foi básica para o bem-estar e o crescimento de toda a congregação.

Frases específicas, como prova o NT, mostram que foi dado às mulheres um lugar importante na vida da igreja. Alguns fatos são dignos de nota.

As mulheres desempenharam um papel crucial no estabelecimento de várias congregações do NT (At 16.13-15,40; 17.4,12).

As mulheres são identificadas pelo nome e chamadas de “cooperadoras” (especialmente em Romanos 16 onde sete mulheres foram identificadas pelo nome). Essa inclusão das mulheres na equipe do ministério representa um significativo abandono da prática judaica. Também a menção do nome de Priscila, antes do nome do marido, é extremamente significativa (Rm 16.3).

As mulheres são vistas participando de orações e profecias nas reuniões da igreja (1 Co 11.5). Embora o AT tenha previsto o dia em que filhos e filhas iriam profetizar quando o Espírito fosse derramado sobre “homens e mulheres” (Jl 2.28-32; At 2.17,18), a participação das mulheres nas reuniões da igreja violava novamente a tradição do AT.

Febe é identificada em Romanos 16.1 (em algumas versões) como uma diaconisa, e uma outra evidência sugere que as mulheres podem ter participado do diaconato junto com os homens.

Apesar das claras evidências em cada uma dessas áreas, sugerindo que as

mulheres participavam da vida da igreja primitiva e eram reconhecidas como importantes colaboradoras do ministério, existem passagens problemáticas difíceis de interpretar.

2. As Mulheres nas Funções da Igreja

As funções mencionadas no NT eram geralmente preenchidas pelos homens. Isso parece ser verdade quando se fala dos apóstolos, anciãos ou supervisores (bispos). Entretanto, não é verdade quanto à função dos diáconos. Febe é identificada em Romanos 16.1 (na versão NTLH) como diaconisa da igreja em Cencréia. Essa palavra quer dizer “servo” e dessa forma ela foi traduzida na maioria das versões em inglês; mas ela é a mesma palavra usada em 1 Timóteo 3.8, onde os “diáconos” devem ser (entre outras coisas) “honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância”. Depois, o versículo 11 diz: “Da mesma sorte as mulheres [gyne] sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo”. Além de outras versões, a NVI interpreta a palavra gyne como “suas esposas”, mas acrescenta uma nota de rodapé: “Ou diaconisa”. A falta do possessivo no original (“suas”) sugere que a melhor tradução seria “mulheres” e não “esposas”. Essa passagem pode estar falando daquelas mulheres que, como os homens mencionados por Paulo, eram diaconisas e desempenhavam as responsabilidades dessa função.

Embora existam provas de que as mulheres serviam como diaconisas na igreja primitiva, faltam provas relativas a seus serviços em qualquer outra função. Devemos ter cuidado ao argumentar sobre o silêncio. Temos indicações positivas de que as mulheres serviram ao lado deles, quaisquer que tenham sido os papéis dos diáconos na igreja,

3. As Mulheres no Serviço Religioso

As passagens mais controvertidas relacionadas com as mulheres apresentam um contexto comum: elas tratam de questões que dizem respeito à adoração.

Entretanto, entendemos que essas passagens devem ser interpretadas no contexto abrangente de uma reunião na qual as mulheres realmente (pelo menos na igreja de Corinto) tomavam parte, pois Paulo escreveu sobre mulheres orando e profetizando quando a congregação reunia-se (1 Co 11.5). Dentro desse panorama de participações, apresentamos a seguir essas passagens e as interpretações mais prováveis.

De acordo com 1 Coríntios 14.34-36, as mulheres deviam permanecer “caladas nas igrejas... porque lhes não é permitido falar”. Quaisquer dúvidas deviam ser guardadas até que chegassem em casa, e pudessem perguntar a seus próprios maridos. Essa áspera instrução tem sido interpretada de várias maneiras. (1) Ela decisivamente impossibilitava a participação das mulheres. (2) Foi acrescentada por outra pessoa e não por Paulo. (3) Representa um exemplo da inconsistência de Paulo e reflete uma opinião antifeminista ligada à cultura. (4) As afirmações de Paulo no capítulo 11 foram mal interpretadas, e as mulheres não devem falar na igreja. (5) No capítulo 14 a proibição deve ser vista dentro de um contexto limitado que trata de algum problema específico, e não reflete um padrão para as reuniões da igreja como um todo.

Essa última opção está mais de acordo com uma opinião mais elevada sobre as Escrituras, e com uma cuidadosa atenção ao texto. Em 1 Coríntios 14.26-40, Paulo está tratando não só das desordens nas reuniões como também da questão da revelação profética (14.30). Paulo indicou que dois ou três profetas deveriam falar, e os outros deveriam julgar (14.29). Aqui o verbo grego traduzido como “julgar” é diakrino (“julgar”, “discernir”). É dentro desse contexto imediato que Paulo transmite suas instruções sobre o silêncio das mulheres. Portanto, será melhor aceitar que essa passagem significa que, no processo de julgar os profetas, as mulheres devem permanecer caladas e não participar.

Esta interpretação está em harmonia com o entendimento de uma outra passagem crítica, 1 Timóteo 2. Ao escrever a Timóteo, Paulo volta ao tema das reuniões da congregação. Aqui ele diz sobre as mulheres: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (2.11,12). Depois, ele apresenta um argumento teológico da Criação e do pecado de Adão e Eva como os fundamentos para essa ordem (2.13,14).

Existe uma diferença entre essa passagem e a passagem em 1 Coríntios 14. Aqui a palavra “calada” e “em silêncio” são duas traduções de hesychia, enquanto em

1 Coríntios 14 a palavra grega é sigao. Essa última palavra é usada nove vezes no NT (Lc 9.36; 20.26; At 12.17; 15.12,13; Rm 16.25; 1 Co 14.28,30,34) e significa “fique em silêncio”, com a força da expressão “cale-se”. Porém, hesychia é usada apenas quatro vezes no NT (At 22.2; 2 Ts 3.12; 1 Tm 2.11,12) e indica uma atenta e tranqüila receptividade. Essa atitude, que promove o aprendizado, em seguida é colocada em contraste com “ensinar” ou “ter autoridade” sobre um homem. Será melhor não separar os conceitos de ensino e autoridade, embora isso seja possível gramaticamente falando. Precisamos entender, em toda a discussão, a questão do “ensino autoritário”. Na igreja, o ensino autoritário é entendido como incompatível com o papel apropriado à mulher conforme hesychia e submissão.

Dessa forma fica claro o paralelismo entre as duas passagens. As mulheres realmente participavam, em certa medida, das reuniões da igreja em Corinto, sob a forma de oração e profecias. Porém, qualquer participação proeminente e dominante era proibida, especialmente no julgamento dos profetas e na prática de ensinos que tinham autoridade para o corpo da igreja.

4.As Implicações Atuais

As duas limitações ao ministério das mulheres, especificadas pelas Escrituras, correspondem aos papéis que a maioria acredita terem sido preenchidos pelos presbíteros e bispos (supervisores) da igreja primitiva.

Essencialmente, parece que essas funções estavam ligadas a resguardar o bem-estar do corpo local, protegendo aqueles processos que promovem o bem-estar espiritual da igreja. Também pode estar incluído o julgamento da mensagem de um profeta contemporâneo e a prática do ensino com autoridade (interpretação das Escrituras) dirigidos ao corpo local.

Se este ponto de vista estiver correto, parece claro que a igreja primitiva não incluía as mulheres entre os presbíteros e os supervisores. Parece possível que, como os argumentos de Paulo estão enraizados na teologia e não nos costumes contemporâneos, essa limitação também esteja direcionada à igreja atual.

Devemos nos lembrar que ainda perduram muitas discussões sobre essas

passagens. Certamente qualquer convicção que seja desenvolvida deve ter a devida humildade, além de estar apoiada por uma sólida afirmação sobre a importância das mulheres como pessoas na igreja de Jesus Cristo (pp. 631-33).

Ressurreição: Essa Família é Eterna

EXPOSIÇÃO

-

À medida que a carta de Paulo aproxima-se da conclusão, ele se volta para uma última questão: o ensino de "alguns dentre [eles]" (15.12) de que nenhuma ressurreição aguarda os crentes. A reposta de Paulo está dividida em três partes. Na primeira ele lembra aos coríntios a verdade fundamental: Cristo ressuscitou dos mortos (15.1-11). A ressurreição representa claramente uma realidade objetiva e é na verdade a fonte da nova vida do crente em Cristo. Na segunda, Paulo mostra as absurdas conseqüências de se negar a ressurreição (15.12-34). Se não há a ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou e o próprio cristianismo é uma mentira (15.12-19). Se Cristo ressuscitou, então essa ressurreição é uma prova de que a morte foi vencida e que os mortos em Cristo serão ressuscitados (15.20-28). Depois, Paulo observa algumas implicações práticas de se negar a ressurreição. Nesse caso, sofrer por Cristo seria uma tolice, e os crentes poderiam muito bem viver para a

carne – como aparentemente muitos estavam fazendo (15.29-34).

Tendo resolvido essa questão, Paulo volta-se para outro problema: como os mortos ressuscitarão? (15.35-58). Para os pagãos, mais do que qualquer outra coisa, essa questão parecia ser contrária à razão. Mais tarde, Celso comentou: "Que tipo de corpo, depois de ter estado inteiramente corrompido, poderia retornar à sua natureza original, e àquela mesma condição que tinha antes de se dissolver?" Como eles nada têm a dizer como resposta, fogem para o refúgio mais ultrajante dizendo que "tudo é possível com Deus". Mas, na verdade, Deus não pode fazer, nem faz, o que é vergonhoso, nem deseja o que é contra a razão" (c. Cels. 5.14). A cuidadosa atenção de Paulo ao como sugere que Celso está expressando o ponto de vista dos céticos de Corinto. Sua resposta evita a expressão "refúgio ultrajante", usando uma analogia para mostrar que a ressurreição realmente não restaura o corpo à sua "natureza original" ou "àquela mesma condição" que tinha antes de sua dissolução. Os homens não acham estranho o fato de uma nova vida surgir da semente plantada no solo, embora a semente original tenha se dissolvido. Qual a razão de se surpreender porque o corpo terreno sofreu uma transformação, do corrupto para a

incorruptibilidade, da desonra para a glória, da fraqueza para o poder, do natural para o espiritual? Agora, estamos relacionados com Cristo, e não com Adão, e quando Cristo retornar, os mortos em Cristo ressuscitarão e os crentes vivos serão transformados com eles. Depois, um clamor de alegria ressoará pelo universo: "Tragada foi a morte na vitória" (15.54).

O capítulo 16 parece ser um anticlímax, após o grito triunfante que conclui a defesa que Paulo faz da ressurreição. No entanto, ele nos lembra que, embora a glória encontre-se à nossa frente, devemos nesse ínterim lidar com o que é material – e que o material é importante. Assim, Paulo lembra aos coríntios a respeito da coleta que estão fazendo para os pobres (16.1-4) e que Timóteo está para chegar (16.5-11), embora Apolo não esteja disposto a voltar tão cedo para Corinto (16.12). Depois, com uma série de exortações e votos de saudações, Paulo termina sua carta aos Coríntios. Na verdade, a igreja de Corinto era problemática. Mas seus membros continuavam sendo bastante queridos do grande apóstolo, e suas últimas palavras expressam uma atitude que, embora não esteja sempre presente nas vigorosas palavras que usa nesta carta, estão certamente impregnando tudo que ele escreveu: "O meu amor seja com todos vós, em Cristo Jesus. Amém!"

ESTUDO DA PALAVRA

Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi (15.3). A língua grega permite usar “primeiramente” em um sentido temporal. Mas o contexto deixa bem claro: Paulo está enfatizando a centralidade daquilo que lhes havia entregado; a mensagem do Evangelho. Quais são as doutrinas centrais do cristianismo? Os versículos seguintes nos contam:

que Cristo morreu por nossos pecados,

segundo as Escrituras,

que foi sepultado,

que ressuscitou ao terceiro dia,

segundo as Escrituras,

e que foi visto por Cefas e

depois pelos doze (15.3-5).

Deus predisse nas Escrituras o que aconteceria no espaço e no tempo, e os apóstolos e outros foram testemunhas oculares destes fatos. Portanto, a ressurreição é uma realidade histórica.

Alguns tentaram relegar a ressurreição a um reino “espiritual” na história. Este reino da história da salvação seria diferente – em termos de tipo – tanto do espaço quanto do tempo da história. Eles entendem a história da ressurreição de Jesus como uma forma criativa de expressar a convicção dos apóstolos de que

mesmo depois da cruz Jesus continuava a ser “real” para eles. Como essa teologia é diferente da simples afirmação de Paulo de que a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus eram igualmente reais, atestados tanto pela Escritura como pelas testemunhas oculares! Como Pedro diz de forma muito clara: “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos sua majestade” (2 Pe 1.16).

“E que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (15.4). Os comentaristas discordam se a frase “segundo as Escrituras” refere-se somente à ressurreição ou a uma ressurreição no terceiro dia.

O conceito popular dos judeus do primeiro século afirmava que a dissolução de um cadáver somente começava no terceiro dia. Assim, Paulo pode estar fazendo uma referência indireta ao Salmo 16.10: “Não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”.

Entretanto, é mais provável que Paulo esteja referindo-se às Escrituras simplesmente como uma testemunha do fato de que o Messias deveria morrer e ressuscitar. Embora o Salmo 16.9-11 esteja referindo-se à ressurreição de Jesus (At 2.25-31), Paulo pode ter pensado em uma passagem mais clara.

Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo de sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes e pela transgressão do meu povo foi ele atingido.

E puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico, em sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano em sua boca.

Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando sua alma colocar-se por expiação do pecado, verá sua posteridade, prolongará os dias, e o bom prazer do Senhor prosperará em sua mão.

O trabalho de sua alma ele verá e ficará satisfeito; com seu conhecimento, o meu servo, o justo, justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si.

Pelo que lhe darei a parte de muitos, e, com os poderosos, repartirá ele o despojo; porquanto derramou sua alma na morte e foi contado com os

transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercede.

Isaías 53.8-12

Essas palavras, escritas pelo profeta Isaías cerca de 700 anos antes do nascimento de Jesus, constituem um poderoso testemunho da morte e ressurreição de Jesus. Nada pode ser deduzido ou desprezado. Tanto a morte quanto a ressurreição são essenciais ao Evangelho cristão, e são plenamente atestados como acontecimentos reais que aconteceram na história, no espaço e no tempo.

O ANTIGO TESTAMENTO FALA

SOBRE A NOSSA RESSURREIÇÃO

A doutrina da ressurreição pessoal não foi desenvolvida no AT. No entanto, ela está claramente presente, e foi ensinada pelos fariseus da época de Jesus. Sem dúvida, a afirmação mais clara do AT pode ser encontrada em Daniel 12.2: “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno”. Mas a doutrina do AT não está limitada a um único versículo. Isaías aguardava o dia em que o Senhor “aniquilará a morte para sempre” (Is 25.8) e proclamou: “Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, vós que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos” (Is 26.19). Tanto Enoque como Elias foram levados diretamente para o céu (Gn 5.24; 2 Rs 2.11), acontecimentos que sugerem a continuação da vida além de nosso mundo, embora esses casos sejam obviamente muito raros. Outros versículos que sugerem uma libertação que se estende além da vida incluem Jó 14.14; Salmos 17.15; 49.7-12; 73.23-26.

Embora essa doutrina não tenha sido desenvolvida, ela foi bastante clara de forma que Jesus pôde justamente condenar os saduceus que ridicularizavam a idéia de uma ressurreição pessoal, dizendo: “Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29; Mc 12.24).

E que foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos… (15.5,6). O verbo é ophthe, significando simplesmente que Jesus era visível àqueles que serviam como testemunhas de sua ressurreição. A lista das testemunhas é impressionante, especialmente em vista do fato de que quando Paulo escreveu, a maioria delas ainda estava viva. Uma lista completa das aparições depois da ressurreição inclui o seguinte:

Pedro	Lucas 24.34; 1 Coríntios 15.5
Dois discípulos	Lucas 14.13-31
Apóstolos (sem Tomé)	Lucas 24.36-45; João 20.19-24
Apóstolos (com Tomé)	João 20.24-29
Sete no Lago Tiberíades	João 21.1-23
500 na Galiléia	1 Coríntios 15.6
Tiago em Jerusalém	1 Coríntios 15.7
Muitos na Ascensão	Atos 1.3-11
Paulo, perto de Damasco	Atos 9.3-6; 1 Coríntios 15.8
Estêvão ao ser apedrejado	Atos 7.55
Paulo no templo	Atos 22.17-21; 23.11
João em Patmos	Apocalipse 1.10-19

Como muitos já mencionaram, temos mais evidências históricas da ressurreição do corpo de Jesus do que de qualquer outro acontecimento do mundo da antiguidade. Aqueles que rejeitam o Evangelho não podem ter certeza de que suas declarações não podem ser historicamente autenticadas.

E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens (15.18,19). Aqui, a palavra “dormiram” é koimaomai, usada freqüentemente no NT como um eufemismo para a morte (Mt 27.52; 28.13; Lc 22.45; Jo 11.11,12; At 7.60; 12.6; 13.36; 1 Coríntios 7.39; 11.30; 15.6,18,20,51; 1 Ts 4.13-15; 2 Pe 3.4). Paulo fez uma revisão das evidências da ressurreição física de Cristo. Agora, ele analisa as implicações de sua negação. Se Cristo ressuscitou, nós ressuscitaremos também. Mas, se Cristo não ressuscitou, e a ressurreição é uma mentira, então o cristianismo é fútil, estamos ainda com nossos pecados e os mortos estão perdidos. Para o cristão, a esperança exige a ressurreição. Sem ela, tudo mais não tem sentido.

A ênfase cristã na ressurreição é particularmente significativa em vista do fato de que nenhuma esperança foi oferecida pelo paganismo da antiguidade, ou pelas misteriosas religiões do oriente. A ressurreição de Cristo foi proclamada como evidência da efetividade de sua morte ao providenciar nossa salvação e como evidência de que algum dia o crente também ressuscitaria.

FUNERAIS ROMANOS

Os ritos dos funerais romanos levavam em conta o passado e não o futuro. Os ritos dos homens famosos realçavam uma breve biografia, com ênfase nas virtudes e no caráter do falecido. Políbio (6.54.2) os considerava como “uma forma pela qual a boa reputação dos homens dignos é constantemente renovada; a fama daqueles que realizaram grandes coisas é imortalizada e a glória dos

benfeitores do país torna-se conhecida pelo povo e é transmitida à posteridade". Tácito (Agric.1, 46) considerava a ênfase biográfica uma forma de "legar à posteridade um registro dos feitos e do caráter dos homens ilustres" e, dessa forma, "permitir que vivam eternamente".

Embora não houvesse qualquer dúvida na mente dos pagãos de que a memória ou a fama dos "homens ilustres" pudesse viver eternamente, os próprios indivíduos estavam mortos e já não podiam mais fazer coisa alguma. Somente depois que a luz do Evangelho começou a brilhar no mundo do primeiro século, é que os pagãos passaram a sonhar que os mortos podiam viver novamente.

Não é de admirar que Paulo, preocupado com aqueles que "dormem", tenha lembrado aos tessalonicenses: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança" (1 Ts 4.13). O Evangelho realmente traz esperança, e a esperança da ressurreição é aquela à qual todos nós nos apegamos alegremente.

Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem (15.20). Antes, Paulo havia apresentado hipóteses "Se Cristo não tivesse ressuscitado" (15.14,17). Agora, as hipóteses foram abandonadas e Paulo afirma uma certeza. Cristo realmente ressuscitou. Além disso, Sua ressurreição é como os primeiros frutos de uma colheita. Ela serve como garantia de que logo em seguida acontecerá uma colheita total. Nesse sentido a ressurreição de Cristo serve como garantia pessoal de Deus de que nós também iremos ressuscitar quando chegar a época da colheita.

Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força (15.24). O argumento de Paulo é que a ressurreição, embora muito importante, é um acontecimento em uma seqüência de acontecimentos culminantes. O primeiro evento foi a ressurreição de Jesus, que transformou o curso da história e garantiu a ressurreição do crente. No entanto, ela deve ser colocada em um cenário que reflete o plano geral de Deus. Existem:

Cristo, Quando Ele vier, Então o fim as primícias aqueles que pertencem a Ele qu

Dessa maneira, a ressurreição de Cristo representa mais do que uma garantia de nossa própria ressurreição. Ela é o acontecimento crítico da história, o evento que introduz uma ordem escatológica que executará os propósitos de Deus e abolirá Satanás e a morte, restaurando o universo a seu estado puro e original, revertendo o curso do poder destruidor que foi liberado através do pecado de Adão.

Não devemos nos admirar com as palavras de Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (15.17). Tudo – para nós individualmente, para nossa raça, para o universo e para a realização dos planos de Deus – depende da ressurreição de Jesus Cristo.

Então também o mesmo Filho se sujeitará Àquele que todas as coisas lhe sujeitou para que Deus seja tudo em todos (15.28). A linguagem é mais funcional que ontológica. Isto é, Paulo não está sugerindo a inferioridade de Cristo, que desde a eternidade esteve com Deus, como o próprio Deus. Paulo está dizendo que com a realização de seu papel como Messias e Salvador, Jesus recuperou a plena harmonia do universo segundo a vontade do Pai, para o Pai administrar novamente.

Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? (15.29). Essa referência é intrigante, em vista do fato de não existir qualquer referência a tal prática na história da igreja, e nenhuma alusão nas Escrituras a qualquer doutrina que a justifique. A melhor explicação parece ser que alguém em Corinto, reconhecendo que o batismo era necessário para que uma pessoa entrasse no futuro reino de Deus, praticasse batismo substituto em nome dos entes queridos que houvessem morrido.

Ao fazer referência a essa prática, Paulo não está sugerindo sua aprovação. Ele está, ao contrário, indicando a inconsistência dos coríntios. Como podem, de um lado, afirmar que não existe ressurreição, e de outro praticar o batismo a favor dos mortos? Ou existe uma vida futura, ou não existe. Se não existe, por que essa

compulsão de realizar o batismo pelos mortos?

Por que estamos nós também a toda hora em perigo? (15.30). A frase grega é muito forte: Paulo está arriscando sua vida para promover o Evangelho. Mas, diferente dos coríntios, ele não está sendo inconsistente! Sabe que a ressurreição está à sua frente, portanto compromete-se plenamente com uma forma de vida que não teria sentido se não houvesse a ressurreição.

A grande maioria de nós jamais perguntou a si mesmo aquilo que Paulo claramente perguntou e respondeu. Como a ressurreição está à nossa frente, também faríamos bem em nos comprometer de todo coração com o serviço a Deus, qualquer que seja o sacrifício material envolvido.

Vigiai justamente e não pequeis (15.34). Será que o “pecado” aqui representa a negativa da ressurreição do crente, ou os elementos de um estilo de vida negligente, como se ela não existisse? A melhor resposta é sugerida pela citação, no versículo 33, da obra do poeta grego Menandro: “A má companhia corrompe o bom caráter”. A palavra homilia, traduzida como “companhia” em algumas versões, pode significar “conversação”, assim como “companheirismo”. O que Paulo pode estar dizendo é que “a má conversa [como, por exemplo, negar a ressurreição] exerce uma influência corruptora no compromisso cristão. Os coríntios precisavam“ vigiar justamente” (15.34), manter os olhos fixos naquela futura ressurreição garantida pelo próprio retorno de Cristo à vida, e parar de cometer aqueles pecados da carne que ninguém que espera ansiosamente pelo retorno de Cristo cometeria.

João apresenta o mesmo argumento em sua primeira epístola ao escrever: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 Jo 3.2,3).

Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? (15.35). Como foi mostrado na Exposição acima, o "como" representava um assunto de grande preocupação no primeiro século. O foco dessa questão fica muito claro com a interação de duas palavras encontradas nesse versículo. A palavra nekros, ou morto, é encontrada 11 vezes nos versículos 1-34, mas somente 3 vezes no restante do capítulo. Por outro lado, a palavra soma, ou "corpo", é encontrada 10 vezes na última parte do capítulo, mas nenhuma vez nos versículos 1-34. Então a preocupação, aqui, é como o corpo pode ressuscitar? Como pode alguma coisa que sofreu uma completa decomposição no túmulo ser reanimada? E, mais ainda, quem gostaria de retornar a uma coisa tão repugnante? Assim, podemos compreender porque essa noção parecia tão repugnante e difícil de entender para os coríntios: eles estavam pensando que a ressurreição de um corpo morto fosse um retorno à animação, provavelmente com a aparência de um "zumbi".

Paulo explica que embora exista uma correspondência entre o corpo que morre e o corpo que ressuscita, eles não são exatamente iguais. O corpo mortal é perecível, ignominioso, fraco e "natural". O corpo ressuscitado, ao contrário, será imperecível, glorioso, poderoso e "espiritual" (15.42-44). Ao invés de uma semelhança com o corpo de Adão, o corpo ressuscitado terá a imagem de Cristo (15.49).

Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo ou doutra qualquer semente (15.36,37). Essa afirmação de Paulo tem sido criticada como não científica, pois alguns entendem que, tecnicamente falando, a semente plantada não morre. Mas Paulo não está escrevendo um texto sobre biologia e sim explicando que a própria natureza responde à "insensata" objeção daqueles que supõem que a ressurreição do corpo significa a reanimação do que está descomposto. Quando uma semente é plantada, emerge uma coisa nova! Esse padrão é obedecido na ordem natural e também na ordem sobrenatural. O corpo do crente é enterrado, mas na ressurreição aquilo que emerge do túmulo estará renovado e transformado.

Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados (15.51). Quando Jesus retornar, os crentes vivos também sofrerão a transformação de seus corpos. A palavra grega é allasso, que geralmente não é usada para indicar essa transformação. Entretanto, seu significado é claro, pois Paulo diz: “convém que isto que é corruptível revista-se da incorruptibilidade e que isto que é mortal revista-se da imortalidade” (15.53), pois “carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus” (15.50). A transformação a ser efetuada por ocasião de nossa ressurreição não é opcional, ela é essencial. Em sua forma presente, o corpo não pode simplesmente “herdar o reino”.

Então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória (15.54). Paulo está citando duas profecias do AT, as únicas citadas por ele que ainda não haviam se cumprido. Isaías 25.8 diz: “Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos”. E Oséias 13.14 diz: “Eu os remirei da violência do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição? No entanto, em um outro sentido, essas profecias cumpriram-se em Jesus e nós estamos simplesmente aguardando seu pleno cumprimento. Em sua própria morte e ressurreição, Jesus deixou desamparado aquele que tinha o poder da morte, e conquistou a vitória eterna para você e para mim (Hb 2.14,15; Cl 2.15).

O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei (15.56). Ao triunfar sobre a morte, Jesus também venceu os inimigos que levavam a morte à humanidade. O primeiro inimigo é o pecado que, segundo Romanos 6, não está mais exercendo seu poder corruptor sobre a pessoa que está unida a Jesus pela fé. O segundo inimigo é a lei, que, de acordo com Romanos 7.1-4, é o “poder do pecado” no sentido de que a lei, ao dizer “não faça”, na verdade estimula e dá energia à natureza do pecado para que esta entre em ação.

Ao derrotar a morte, Jesus colocou um fim no poder dos associados da morte para que possamos, agora mesmo, viver vidas santificadas. A conclusão de Paulo

não é de admirar: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor” (15.58,59).

Cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme sua prosperidade (16.2). Muitas das cartas de Paulo referem-se a coletas para o alívio dos crentes judeus da Terra Santa, mas a razão nunca é mencionada. Entretanto, talvez por volta do ano 55-56 d.C., ocasião da terceira viagem missionária de Paulo, a atitude em relação aos cristãos tenha se tornado ainda mais rígida, e os crentes da Terra Santa podem ter encontrado dificuldade para ganhar a vida. De qualquer forma, Paulo menciona aqui os gálatas e escreve sobre a coleta em Romanos 15.26, assim como em 2 Coríntios 8–9.

Embora o principal ensino de Paulo sobre ofertar esteja incluído em sua segunda carta aos coríntios, a ênfase aqui sobre separar regularmente algum dinheiro “conforme sua prosperidade” representa um importante complemento a esta passagem maior.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Ressurreição

Nessa passagem, Paulo afirma que a ressurreição, tanto de Cristo como do crente, é extremamente básica para a verdade cristã. Ele também deixa bem claro que a “ressurreição” é totalmente diferente daqueles milagres do passado pelos quais os mortos eram restaurados à vida terrena.

Existem inúmeros episódios no AT e no NT relacionados com a restauração a uma vida mortal. Entre eles vemos o retorno à vida dos filhos de duas mulheres (1 Rs 17.17-24; 2 Rs 4.8-37). A ressurreição da filha de Jairo (Mt 9.18-26; Lc 8.41-56) por Jesus, e a espetacular ressurreição de Lázaro depois de três dias no

túmulo (João 11) demonstram o poder que Deus tem sobre a morte. Mas cada uma dessas pessoas, que foram restauradas à vida, morreu novamente. De um modo diferente dos ressuscitados, elas não passaram além do poder da morte para experimentar uma vida eterna.

A ressurreição de Jesus nunca é comparada a esses ressuscitados, pois Jesus vive para sempre (Hb 7.24); Ele “permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (7.24,25). A ressurreição de Cristo representa a prova de todas as Suas afirmações de divindade, pois Ele foi “declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4).

Não é de admirar que a ressurreição de Jesus tenha sido um ponto chave na pregação apostólica (At 2.24-36; 3.15-26; 4.10; 5.30; 10.40; 13.34,37; 17.18-32). Além disto, a ressurreição de Jesus é a garantia de que os crentes também serão ressuscitados e viverão eternamente (1 Co 15.20).

Existem três aspectos do ensino da ressurreição que são importantes para nós: sua natureza como transformação, suas características e seu poder.

A Ressurreição como transformação. Embora a Bíblia ensine que todos os mortos deverão comparecer perante Deus para serem julgados (Hb 9.27; Ap 20.11-15), a ressurreição para um estado transformado do ser é exclusivamente para os crentes. João escreve que o Deus que nos tornou Seus filhos pretende que sejamos iguais ao Seu Filho (1 Jo 3.2; Rm 8.29).

Em 1 Tessalonicenses 4 Paulo explica que quando Jesus retornar, aqueles que “em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele” (4.14), e aqueles que estiverem vivos por ocasião deste evento encontrar-se-ão com o Senhor nos ares. Os que “morreram em Cristo” (4.16) serão ressuscitados antes que os crentes que estiverem vivos sejam arrebatados. Junta, toda a família encontrará Jesus nos ares, e assim “estaremos [para] sempre com o Senhor” (4.17).

Esta passagem acrescenta mais detalhes. Aqui Paulo está observando que, embora o corpo ressuscitado corresponderá ao nosso corpo atual, ele será

incorruptível, glorioso e infundido com poder (1 Co15.42-44). Transformado na "imagem do celestial" (15.49) através de uma transformação que terá lugar "num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta" (15.52), "os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados".

A ressurreição, portanto, significa uma completa transformação de nosso corpo mortal em alguma coisa além de nossa capacidade de imaginar.

Características do corpo da ressurreição. Apesar de sabermos pouco sobre o estado da ressurreição, é fascinante descobrir indícios de suas características através da descrição que o NT faz a respeito de Jesus ressuscitado. Cristo falou que seu corpo era de "carne e osso" (Lc 24.39), talvez em contraste com "carne e sangue" (1 Co 15.50), "porque a alma da carne está no sangue" (Lv 17.11). Também observamos que Jesus era capaz de aparecer repentinamente entre os seus discípulos em um aposento fechado (Jo 20.26). Será que o corpo ressuscitado está livre das limitações materiais sob as quais somos forçados a viver? Esse assunto, embora fascinante, não foi devidamente desenvolvido em nenhum dos Testamentos, portanto temos que ficar com a frase de João: "Ainda não é manifesto o que havemos de ser" (1 Jo 3.2). No entanto, sabemos que quando chegar nossa ressurreição a fraqueza com a qual nós mortais vivemos será substituída pelo vigor e pela imortalidade. E viveremos eternamente.

O Poder da ressurreição. Um dos aspectos mais importantes – e muitas vezes negligenciado – dos ensinos do Novo Testamento, é que a ressurreição de Jesus tornou disponível aos crentes um fluxo de poder de ressuscitar. Depois do desespero inicial, quando Paulo tentou viver uma vida cristã através de seus próprios recursos, ele descobriu a vida de fé, e escreveu exultante: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará vosso corpo mortal, por seu Espírito que em vós habita" (Rm 8.11). Isso significa que, embora estejamos vivendo hoje dentro de corpos mortais, o Espírito nos eleva para além de nossas limitações permitindo-nos viver vidas santificadas.

Às vezes, a omissão de entender essa verdade levou a uma interpretação errada de outras passagens. Em Filipenses 3, Paulo não está expressando uma incerteza sobre sua própria ressurreição ao dizer: “... para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos” (3.11). Na verdade, Paulo está ansioso “para conhecê-lo [a Cristo], e a virtude de sua ressurreição, e a comunicação [agora!] de suas aflições, sendo feito conforme sua morte [agora!]; para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos” [no sentido de experimentar a nova vida que o Espírito é capaz de nos dar, mesmo em nosso estado de mortalidade] (3.10,11).

Apesar de Paulo aguardar sua futura ressurreição, e encorajar os coríntios a terem uma perfeita confiança de que um dia eles serão transformados e ressuscitarão, ele está mais preocupado com o presente do que com o futuro. O que Paulo pretende fazer é viver sua vida atual alimentando-se do Espírito, que é a fonte do poder da ressurreição, e assim experimentar em sua rotina diária uma qualidade de vida que só será plenamente cumprida na eternidade.

Que objetivo para você e para mim! Sabemos que um dia seremos semelhantes a Jesus. Devemos confiar que o Espírito de Deus nos capacitará a vivermos nossa vida aqui como Jesus viveu. No poder de Deus, e para a glória de Deus.

O Homem Inadequado

EXPOSIÇÃO

-

A segunda epístola aos coríntios foi escrita entre seis e dezoito meses depois da primeira. Aparentemente, a maioria dos problemas com que Paulo teve que lidar ali, tais como ações judiciais e uso indevido da Ceia do Senhor estava, agora, corrigida. Mesmo assim, o relacionamento de Paulo com os coríntios continuava a se deteriorar, talvez exigindo "visita dolorosa" e rápida do apóstolo (2.1; 12.14,21; 13.1,2). Isto não conseguiu resolver o problema, e os oponentes do grupo de Paulo continuavam a atacar o apóstolo e seus representantes (2.5-8,10; 7.12), incentivados pelos judaizantes da Palestina (11.4,22).

Embora isto seja discutível, muitos comentaristas acreditam que Paulo então escreveu uma carta curta, mas severa (2.3,4,6,9; 7.8,12), que foi entregue por Tito (2 Co 8.6a). Enquanto isto, o próprio Paulo deixou Éfeso para ministrar em Trôade (At 19.23–20.6,2 Co 1.8-11) e na Macedônia (2.16; 7.5). Ali, Tito

uniu-se a ele, e lhe trouxe boas notícias: os coríntios haviam reagido positivamente à severa carta que ele havia entregado (7.5-16). Mas, não se passou muito tempo antes que Paulo ouvisse de mais problemas em Corinto. Frustrado, porém ainda confiante, escreveu então a carta que chamamos de 2 Coríntios. Uma carta que, talvez, seja a mais reveladora, em termos pessoais, de todas as epístolas de Paulo. Apesar deste contínuo conflito com os críticos de Corinto, com grande sinceridade, compartilha sua fraqueza, assim como seus pontos fortes, ao explicar os princípios de seu ministério na Nova Aliança.

A completa sinceridade de Paulo é revelada no primeiro capítulo. Depois das saudações de costume (1.1,2), Paulo louva o Senhor como o "Deus de toda consolação" e ao continuar, confessa sua própria angústia e necessidade de consolo (1.3-11). Isto é verdadeiramente surpreendente. Em lugar de defender-se, enumerando suas credenciais como apóstolo, Paulo expõe sua fraqueza como homem: "Sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos". Esta auto-revelação tem um objetivo: somente um homem consciente de suas fraquezas, que tenha sentido o consolo que Deus provê, é capaz de identificar-se com outros que são fracos, e de lhes

transmitir o consolo de Deus. As cartas de Paulo expuseram as fraquezas dos coríntios. Agora ele expõe sua própria fraqueza, para lhes garantir que Deus é capaz de resgatar a todos.

A seguir, Paulo responde à acusação de que, apesar de suas promessas de passar algum tempo em Corinto, tenha voltado atrás em sua palavra. A resposta de Paulo é simples: ele havia exposto suas intenções, mas, como servo de Cristo, havia entregado a direção de suas atividades à vontade de Deus. E o Senhor tinha outros planos (1.12-22). Além disto, a demora de Paulo não é evidência de falta de amor pelos coríntios. Ele hesitou, para poupá-los de outra "visita dolorosa", e em lugar de ir, ele escreveu, com grande aflição (1.23–2.4). Aparentemente, a carta de Paulo foi eficaz, e a igreja castigou aqueles que lideraram o ataque contra o apóstolo. Paulo incentiva o grupo a perdoar a pessoa agora arrependida e a recebê-la de volta na comunhão (2.5-11).

A esta altura, Paulo entra no que se denomina "digressão" (divagação), que se estende de 2.12 a 7.16. Divagação ou não, estes capítulos contêm assombrosa explicação dos princípios do ministério sob o Novo Concerto, em contraste com o ministério sob o Antigo Concerto da Lei Mosaica.

Paulo inicia, mostrando-se em marcha vitoriosa, que celebra o triunfo de Jesus sobre todos os inimigos de Deus (2.12–3.6). À medida que esta marcha abre seu caminho pelo mundo, a mensagem do evangelho é como o aroma das ofertas de ação de graças que sopra pelo mundo, aroma que para os perdidos é como cheiro de morte, mas para os salvos é "cheiro de vida". O impacto desse ministério é visto nos seres humanos que são transformados por ele, pois a Palavra de Deus é escrita pelo Espírito Santo "não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração".

Os pensamentos de Paulo são levados a outra comparação (3.7-18). O Antigo Concerto tinha certa glória, mas uma glória que desapareceu, da mesma maneira que o esplendor que brilhava na face velada de Moisés desapareceu quando ele deixou a presença de Deus. Mas, o Novo Concerto tem uma glória muito maior. Israel, ainda com seus olhos fixos em Moisés, não pode ver a glória de Cristo, porque o verdadeiro significado da Lei permanece oculto. Como é diferente com os cristãos! Por meio de Cristo, Deus está trabalhando dentro de nós, realizando transformação progressiva e duradoura, e não transformação que desaparece. À medida que nos descobrimos, doando-nos livremente e sinceramente, nós vemos Cristo

refletido na transformação que Ele está realizando em cada um de nós.

Que base de confiança Paulo tem, apesar de sua própria fraqueza confessada e das falhas óbvias dos coríntios! Cristo está em ação dentro de cada crente. À medida que o Espírito prossegue em seu trabalho, e os membros do corpo descobrem aquela sinceridade e honestidade que Paulo exibe, Cristo continuará a realizar sua obra transformadora dentro deles. E eles verão e conhecerão sua glória.

ESTUDO DA PALAVRA

-

O Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação (1.3,4). Estes versículos apresentam um tema central nos capítulos 1 a 7. “Consolação” é paraklesis, palavra que pode significar “incentivo” e também “conforto” ou “consolo”. Esta palavra aparece dez vezes nos versículos 3 a 7, com thlipsis (“problemas”, “aflição”, três vezes) e pathema (“sofrimento”, quatro vezes). A vida é cheia de pressões e aflições para Paulo, mas a coragem que ele recebe de Deus o fortalece e capacita.

Nenhuma vida está livre de problemas e aflições, mas somente o cristão sente o incentivo divino em “toda a tribulação”.

Que nos consola em toda a nossa tribulação (1.4). Paulo usa o pronome ou o verbo na primeira pessoa do plural referindo-se a várias coisas, desde (1) o

próprio Paulo, (2) Paulo e seus colaboradores, (3) Paulo e os destinatários de sua carta, (4) todos os cristãos, (5) os homens em geral e, (6) até mesmo todos os judeus. Aqui, a referência não é ao próprio Paulo, mas a Paulo como representante cristão.

Como é bom estar incluído nesta classe de pessoas a quem Deus Pai, fonte de toda consolação, curva-se para encorajar e renovar.

Fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos (1.8). A palavra aqui é exaporethenai, palavra rara que significa literalmente “não conseguir sair” ou “sem saída”. Aqui, o “nós” de Paulo é “eu”, e sua confissão de desespero nasce dele devido a uma experiência de “grande tribulação”. A versão RSV traduz a expressão como “esmagado completamente, insuportavelmente”.

A confissão parece correr grande risco. Paulo já está sofrendo severo ataque por parte dos críticos de Corinto. Esta admissão de fraqueza não o tornará ainda mais vulnerável aos seus inimigos?

Embora este seja o medo que leva muitos a esconderem suas fraquezas e enfatizarem sua força, Paulo é muito mais sábio sobre os métodos do Senhor. Todos os homens são fracos, facilmente oprimidos pelas circunstâncias. Somente uma esperança confiante na contínua intervenção de Deus, e um apelo pela ajuda que as outras pessoas podem oferecer através de suas orações, podem nos auxiliar quando ficamos “sobremaneira agravados” por não parecer haver maneira de escapar.

Com santidade e sinceridade de Deus… temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco (1.12, versão RA). Muitos dos melhores textos gregos apresentam haploteti (“integridade”) em lugar de hagioteti (“santidade”). Paulo está respondendo a acusação de alguns de ser incoerente e volúvel. Sua resposta é que não, ele sempre agiu com integridade.

O problema é que Paulo havia planejado visitar novamente Corinto. Em 1

Coríntios 16.2-8, ele menciona duas opções: depois de Éfeso ele iria à Macedônia e depois a Corinto a caminho de Jerusalém. Em 2 Coríntios 1, ele menciona outra rota: Éfeso, depois Corinto, depois Macedônia, de volta a Corinto e então a Judéia. O problema não foi somente esta mudança de planos, mas a probabilidade de que ele tenha feito rápida "visita dolorosa" a Corinto depois de Éfeso, e depois disso voltou ao seu plano de viagem original (At 20.1-3,16). Os oponentes de Paulo não somente acusaram o apóstolo de ser incapaz de decidir-se, mas também de ser volúvel e enganador. Daí, a afirmação de que, apesar destas mudanças, Paulo sempre tratou os coríntios com haploteti (integridade).

Deliberando isso, usei, porventura, de leviandade? Ou o que delibero, o delibero segundo a carne, para que haja em mim "sim, sim" e "não, não"? (1.17). Paulo admite que não cumpriu seu plano original (1.23). Mas isto não foi porque seu caráter é fraco e vacilante (elaphria, agir com "leviandade"). Na verdade, ele não faz planos kata sarka ("segundo a carne" e, portanto, "à moda do mundo").

O que Paulo está dizendo é importante. Ele não é vendedor ambulante que está planejando um itinerário. Paulo é um servo de Cristo. Deus diz "sim" e "não", e sempre cumpre suas promessas. Uma implicação disto é que Deus tem o direito de "sim" e "não" sobre os planos feitos por seus servos (1.18-20).

O Espírito de Deus que habita dentro de nossos corações é sua garantia de nossa redenção futura. A referência de Paulo ao Espírito como aquele que nos ungiu é importante. A palavra chrisas, encontrada aqui, sempre é usada figurativamente, e indica uma unção ou tarefa (comissão) especial de Deus. Mas uma palavra similar, chrisma, também é usada a respeito da unção do Espírito. A primeira palavra enfatiza a obra de comissão do Espírito; a segunda, a obra do Espírito no crente como professor e guia (1 Jo 2.20,27; Jo 16.12-15).

A passagem contém uma verdade vital que cada um de nós precisa aplicar à sua própria caminhada cristã. Não devemos fazer planos. Mas ao mesmo tempo precisamos estar sempre sensíveis ao Espírito Santo, que pode perfeitamente nos levar em direções diferentes das que pretendíamos tomar.

Nosso “sim” hoje pode refletir a luz limitada que nós temos, e pode perfeitamente tornar-se “não” amanhã, à medida que o Espírito nos mostra a vontade de Deus. Não devemos ficar tão presos a nossos planos a ponto de não reagir à liderança do Espírito.

Para vos poupar, não tenho até agora ido a Corinto (1.23). Paulo acaba de sugerir que sua mudança de planos não foi capricho, mas sim resposta à liderança de Deus. Agora, Paulo não está sendo incoerente ao apresentar seu próprio motivo para não ter retornado?

Novamente, aqui está importante lição para nós. O Espírito nos fala de muitas maneiras diferentes, e quando vivemos em sintonia com Ele, reconhecemos sua voz. Neste caso, o Espírito falou por meio da preocupação de Paulo pelos coríntios, e de seu desejo de “não ir mais ter convosco em tristeza” (2.1). Quando cresceu a convicção de que uma visita, como havia sido originalmente planejada, seria maneira ruim de expressar o amor que ele sentia pelos coríntios, o apóstolo sentiu a direção e a obra do Espírito e assim mudou seus planos.

Não espere que o Espírito escreva mensagens claras no espelho do banheiro, nem que interrompa um programa de rádio para falar em voz alta. O Espírito fala dentro de nós, em nossas mentes e em nossos corações, e por meio de nosso amor e de nossa preocupação com os outros. Aprendamos a olhar para dentro e ter sensibilidade ao que o Espírito sussurra ali!

Basta ao tal esta repreensão feita por muitos. De maneira que, pelo contrário, deveis, antes, perdoar-lhe e consolá-lo (2.6,7). Alguns opinaram que a pessoa mencionada aqui é o irmão imoral de 1 Coríntios 5, que agora se arrependeu devido à repreensão (epitimia) da comunidade. Aqui, ton pleionon, “muitos”, é bem provavel que seja uma referência a toda a comunidade, e não uma maioria que apoiava o castigo, em contraste com uma minoria que não concordava com ele.

Os comentaristas modernos encontram poucas evidências para a opinião de que, aqui, se tenha em mente o irmão imoral de 1 Coríntios 5 e, em lugar disto, argumentam que Paulo está falando de alguém que é ativamente contrário a ele.

Com base na carta severa do apóstolo, sugerem que ele teria sido castigado pelos coríntios.

O problema básico com a opinião contemporânea é teológico. A disciplina da igreja é dirigida diretamente contra alguém que pratica algum pecado conscientemente. Alguém poderia argumentar que resistir à autoridade apostólica é pecado. Mas não há nenhuma sugestão, em nenhuma outra parte do NT, de que tal ação deva ser tomada contra alguém que discorde dos líderes cristãos, ou que até mesmo resista a eles.

Embora esta discussão provavelmente nunca seja solucionada, um princípio mais importante fica claramente expresso nesta passagem. O objetivo definitivo da disciplina da igreja não é o castigo, mas sim a restauração. Os arrependidos devem ser perdoados e bem-vindos. E assim, Paulo nos lembra de que nós também devemos estar ansiosos “para confirmar... o amor” (2.8) para com aqueles que se desviaram, dando-lhes as boas-vindas quando eles demonstrarem seu pesar.

Para que não sejamos vencidos por Satanás, porque não ignoramos seus ardis (2.10,11). Deixar de estender o perdão, e confirmar o amor por um irmão arrependido, abre a porta para Satanás, que aproveitará a ocasião para pleonektethomen (defraudar, enganar, derrotar) a congregação. Não se trata simplesmente de que Satanás obterá o controle do irmão que está sendo castigado. A igreja, como um todo, será afetada e endurecida por esta falha em estender o perdão e o amor.

Quando Paulo diz que não “ignoramos os ardis de Satanás”, ele usa a palavra noemata, “idéias”, “maus desejos”. A idéia de Deus é perdoar os pecadores. A de Satanás é manter os homens presos aos seus pecados, impedindo que eles sintam o perdão e o poder purificador de Deus.

Se viermos a errar em termos de disciplina e restauração, tenhamos a certeza de que falhamos ao seguir os métodos de Deus, e não os de Satanás.

Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo (2.14). A imagem é extraída dos Triunfos dos generais, que eram considerados vitoriosos pelo senado romano. O general, conduzido em um carro, liderava um desfile de soldados que conduziam os prisioneiros e outros espólios tomados em uma campanha militar notavelmente bem-sucedida.

Qual é o papel de Paulo nesta procissão? Ele é ao mesmo tempo prisioneiro, despojo de guerra obtido por Cristo em sua conquista no Calvário, e membro do exército conquistador de Cristo, por intermédio de quem Deus “manifesta em todo lugar” (2.14) as boas novas do evangelho.

Hoje em dia nós desfilamos na mesma procissão. Somos exibidos por Cristo como preciosos itens obtidos na conquista. E somos soldados em seu exército. Que nossas vidas possam exibir a beleza que Ele vê em nós, e que possamos ser tão ousados no ministério quanto Paulo foi.

Nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus (2.17). A palavra kapelos era usada por Platão para zombar dos filósofos que, dizia ele, “vendem sabedoria”, como se o conhecimento pudesse entrar em liquidação. Uma das coisas que distinguia Paulo era a pureza de suas motivações. Em 1 Coríntios 9.9-12, Paulo argumenta que aqueles que ministram em tempo integral têm direito ao apoio material. Mas isto é muito diferente daqueles cuja motivação para o ministério é ganhar oferta daqueles a quem o verdadeiro ministro de Deus é convocado a servir.

O qual nos fez… capazes de ser ministros dum Novo Testamento (3.6). O texto grego diz que Deus ikanosen hemas, “nos qualificou”. O tempo aoristo do verbo sugere que Paulo está pensando em seu chamado para o ministério por Deus. Nenhuma capacidade nata qualifica ninguém para ser ministro de Deus. É o chamado de Deus que qualifica, pois com seu chamado Ele fornece a capacitação.

Nos fez também capazes de ser ministros dum Novo Testamento, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, e o Espírito vivifica (3.6). O tema controlador da carta de Paulo é exatamente este: o ministério do Novo Concerto.

O Antigo Concerto é a Lei de Moisés, que governou o relacionamento entre cada geração de israelitas e o Senhor. Paulo demonstrou, em Romanos 4–5, que a Lei nunca pretendeu ser caminho para a salvação, mesmo que Israel estivesse inclinada a encará-la desta maneira. Assim, Jeremias predisse um dia em que o Senhor realizaria um Novo Concerto com Israel, diferente, em essência, do antigo, no sentido de que oferece ao povo de Deus tanto o perdão quanto um novo coração. Os padrões morais de Deus, registrados em pedra no Sinai, seriam então gravados nos corações de seu povo. Na era do Novo Concerto os homens reagiriam não à exigência externa, mas sim aos estímulos internos do Espírito à devoção.

Paulo usou a linguagem do Novo Concerto, ao descrever os coríntios como uma "carta de Cristo" (3.3). Agora ele prossegue para explorar ainda mais as diferenças entre o Antigo Concerto e o novo. O Novo Concerto é o campo do Espírito. O Antigo Concerto, o campo da letra. O Espírito vivifica; a letra, mata.

Mas o que Paulo quer dizer com a letra, gramma? Tanto o Antigo como o Novo Concerto são revelações divinas. Ambos, corretamente interpretados, invocam a fé e convidam aqueles que ouvem a confiar em Deus para a salvação. Mas Israel deixou de entender esta mensagem de salvação, vendo somente a letra da Lei. Ao tratar o Antigo Testamento como letra, como palavra que pretende invocar o esforço próprio em vez da fé, a nação de Israel foi morta, em vez de ser vivificada.

Mas agora, abordando as mesmas Escrituras no Espírito, o crente descobre que a lei aponta para Alguém que viria mais adiante, para Cristo, e invoca a completa confiança da graça de Deus que constitui a fé salvadora.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O Deus de Toda Consolação (1.3-11)

Contexto. 2 Coríntios é verdadeiramente a mais reveladora de todas as cartas de Paulo. Ao mesmo tempo, é a mais importante das epístolas do NT em termos de formar uma filosofia do ministério do Novo Concerto, filosofia de ministério tão importante para o crente leigo quanto para aquele que foi consagrado ao ministério.

Não parece que o objetivo de Paulo seja definir princípios de ministério. Na verdade, o que ele parece fazer é compartilhar, e é isto o que gradualmente nos ajuda a entender não somente o homem mas também a natureza do próprio ministério do Novo Concerto.

Interpretação. Como foi observado no Estudo da Palavra sobre 1.3, acima, o enfoque de Paulo nestes parágrafos está nos problemas, sofrimentos e aflições – e no consolo ou no encorajamento que Deus provê graciosamente.

A palavra Thlipsis, traduzida como “tribulação” e “aflição”, é freqüentemente usada no Novo Testamento para descrever intensa aflição espiritual e emocional, causada por pressões externas ou internas. Todo ser humano que vive ou que já viveu é/foi vulnerável, pois nenhum de nós pode exercer controle sobre todas as circunstâncias de nossa vida.

Esta realidade é expressa mais fortemente na palavra usada na passagem sobre sofrimento, pathema. Na cultura grega, esta raiz expressava a visão comum de que a humanidade é afligida, forçada a suportar experiências além do controle humano, que também causam grande angústia física e mental. Basicamente, a raiz é usada para sofrimento e aflição. Em primeiro lugar, Paulo sente que Deus é a fonte do consolo ou do encorajamento. Não importa quão grande possa ser a aflição, Deus “nos consola em toda a nossa tribulação” (1.4).

Em segundo lugar, tais pressões ensinaram a Paulo uma lição vital. Ele precisa confiar em Deus, não em si mesmo nem em sua capacidade. Deus o libertou de circunstâncias como estas no passado. Assim, ao invés de permitir que as pressões o levem a desistir, Paulo olha para frente com “esperança” (1.10).

Esta palavra, “esperança” (elpizo) é utilizada 70 vezes nas epístolas do NT, onde sempre representa a expectativa em relação a algo bom. Se pensarmos apenas no

presente, e nas dificuldades sob as quais vivemos, poderemos ficar presos a desespero permanente. Porém, Paulo nos lembra que devemos pensar no amanhã com grande expectativa e confiar em Deus, e somente em Deus, como Aquele que é capaz de fazer com que o amanhã brilhe com a libertação tão esperada.

Mas Paulo tem mais a dizer sobre nossa experiência com as tribulações e sofrimentos. Deus não só nos conforta, mas também nos dá esperança – Deus torna o sofrimento significativo. Nossas dificuldades não devem ser encaradas como movimentos do destino na vida de pessoas que estão entregues ao acaso, mas sim como parte do plano de um Deus amoroso, que usará nossos sofrimentos não apenas para nosso bem, mas para beneficiar outras pessoas.

Tais sofrimentos são, na verdade, parte de nosso chamado para formarmos o corpo de Cristo neste mundo. Isto está expresso no versículo 5, que diz que “as aflições de Cristo são abundantes em nós”. Uma interpretação sugere que Paulo aqui reflete uma doutrina judaica conhecida como heble hammasiah, “as aflições do Messias”. Este não é o sofrimento do Messias, mas o sofrimento sentido por aqueles que se associam a Ele antes que Ele venha ao seu reino.

Mas, é melhor dar à expressão significado mais caracteristicamente cristão. Cristo, em sua obra redentora, comprometeu-se a viver como ser humano, sujeito ao sofrimento. Agora, nós, o corpo de Cristo na terra, continuamos sua missão e sentimos o mesmo antagonismo do homem natural. Nosso desejo de viver como Jesus viveu, a serviço de Deus e de nossos companheiros, nos assegura que os sofrimentos de Cristo serão abundantes e nos envolverão também.

Mas existe razão ainda mais surpreendente pela qual Deus nos permite sofrer. O sofrimento e a aflição não são simplesmente concomitantes, à medida que seguimos os passos de Jesus. O sofrimento e a aflição são qualificações essenciais para ministrar aos outros. Quando passamos por aflição, e percebemos nossa vulnerabilidade, nos voltamos para o Senhor e sentimos seu consolo. E o sentimento tanto de nossa condição humana quanto da graça de Deus é necessário para o ministério eficiente. Como diz Paulo, nós somos capazes de “consolar os que estiverem em alguma tribulação, [somente] com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus” (1.4).

Para consolar os outros, nós precisamos sofrer como eles sofrem, pois somente quando nos mostrarmos vulneráveis ao sofrimento os outros nos aceitarão como uma testemunha válida do consolo provido por Deus. Em poucas palavras, se

esperamos que outros aceitem nosso testemunho a respeito de Deus como fonte de consolo, eles precisam nos ver suficientemente parecidos consigo mesmos, para que possam identificar-se conosco. A única pessoa que pode trazer aos outros a esperança que há em Deus, é aquela que é reconhecida como companheira nas circunstâncias adversas, que também já foi vítima das circunstâncias, que conhece a mesma aflição e a mesma dor que aqueles que sofrem estão sentindo.

Não é de surpreender que Paulo deseje correr o risco de se fazer vulnerável aos seus críticos. Temporariamente deixando de lado seu manto de apostolado, Paulo abre seu coração para mostrar aos coríntios um homem muito humano, homem que sofre, duvida, e teme como os outros. O homem "terreno" (Tg 3.15) de Corinto dificilmente poderia identificar Paulo como "superapóstolo", ou como "excelente apóstolo" (2 Co 11.5; 12.11). Mas ele pode identificar Paulo com o homem inadequado, que sofre em sua vulnerabilidade da mesma maneira como ele. E, de Paulo – o homem vulnerável – os coríntios podem ouvir a mensagem de consolo de Deus que eles nunca teria aceitado de Paulo – o Grande.

Aplicação. Talvez uma das mais importantes contribuições desta passagem seja a orientação que ela fornece para o que, em outro livro (Youth Ministry, Zondervan) chamei de "conselho de identificação". Esta abordagem para ajudar os outros reconhece que uma vivência de problemas comum fornece a base da qual nós podemos falar significativamente aos problemas dos outros, e compartilhar o que nos consolou e encorajou. Muitos que tentam ministrar adotam abordagem direta. Esperam que a pessoa que sofre revele seu problema. A pessoa que ajuda sugere (espera-se que ela realmente faça isto) uma solução bíblica, e a pessoa que sofre deve aceitar esta solução e agir de acordo com ela. Outros que tentam ministrar adotam abordagem indireta. Esperam que a pessoa que sofre revele seu problema; e assim, aquele que deseja ajudar ouve, e expressa sentimentos e idéias. Este processo deve supostamente esclarecer o problema, de modo que a pessoa que sofre possa encontrar sua própria solução e, então, agir de acordo com ela.

A abordagem de Paulo, como vemos nesta passagem, é muito diferente. Como auxiliador, ele conhece as pressões sob as quais os outros vivem, compartilha seus próprios conflitos similares, e também compartilha com eles suas próprias soluções – o consolo e a esperança que ele encontra ao confiar em Deus. A partir deste processo de compartilhamento, a pessoa que sofre descobre a solução de Deus, e é motivada pelo exemplo do auxiliador a escolher e agir de acordo com

esta solução.

A chave desta abordagem ao ministério é a disposição de se humilhar – que deve ser demonstrada pela pessoa que ministra – ao revelar sua vulnerabilidade como ser humano e, depois de a revelar, compartilhar "a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus" (1.4).

A Glória do Novo Concerto (3.7-18)

Contexto. Nós somos imediatamente surpreendidos pelo uso constante que Paulo faz da palavra "glória", que aparece 12 vezes nestes 11 versículos. O Antigo Concerto tinha glória própria, mas o Novo Concerto tem glória maior. Antes de examinar os contrastes que Paulo desenvolve entre o Antigo e o Novo Concerto, é útil entender o significado de "glória".

Sobre este termo, o Zondervan Expository Dictionary of Bible Words diz:

No Antigo Testamento, a glória de Deus está intimamente ligada à auto-revelação do Senhor. Há muitas imagens: esplendor fulgurante, e santidade flamejante marcam sua presença (por exemplo, Êxodo 16.10; 40.34,35; 2 Crônicas 7.1,2). Mas, nenhum poder elementar ou santidade flamejante expressam a Deus de maneira absolutamente adequada. Desta forma, o Êxodo relaciona a glória de Deus com revelação de seu caráter amoroso. Quando Moisés implorou para que Deus lhe mostrasse sua glória, a Bíblia relata: "Ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer. E disse mais: Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá" (Êx 33.19,20). Com o mesmo sentido de revelação, Deus diz: "serei glorificado", no caso da recusa do Faraó em deixar que Israel saísse do Egito (Êx 14.4). O grande poder redentor de Deus foi exibido no Êxodo (Nm 14.22), da mesma forma como seu poder criativo é exibido quando "os céus manifestam" sua glória (Sl 19.1).

Mas "glória" implica em mais do que revelação de como Deus é. Implica em invasão do universo material, expressão da presença ativa de Deus entre seu povo. Assim, o Antigo Testamento conscientemente relaciona o termo "glória" à presença de Deus em Israel, em tabernáculos e templos (por exemplo, Êxodo 29.43; Ezequiel 43.4,5; Ageu 2.3). A glória objetiva de Deus é revelada por sua

vinda, para estar presente conosco – seu povo – e para se mostrar a cada um de nós por suas ações neste mundo (pp. 310-11).

Agora Paulo argumenta não que o Antigo Concerto não possuía "glória", mas que a glória do Novo Concerto supera muito aquela do antigo. Ao falar sobre isto, Paulo fixa nossa atenção em como a glória de Deus é exibida em sua vinda para estar com seu povo sob o Antigo Concerto e sob o Novo. Ao fazer isto, ele também nos mostra como o cristão é verdadeiramente livre para adotar a abordagem de "risco" ao ministério do Novo Concerto, que ele próprio, Paulo, exibiu ao mostrar-se vulnerável no capítulo 1.

Interpretação. Paulo indicou que Deus, o Espírito Santo, escreveu nos corações dos coríntios, fazendo deles uma "carta de Cristo". Esta é a essência do ministério do Novo Concerto: Deus exibe sua glória por meio de sua presença dentro do crente. Mas, um momento de reflexão sugere que esta é uma exibição pobre da glória de Deus! Afinal, os coríntios certamente são mais uma pobre que uma boa expressão da glória de Deus! Ora, os coríntios exibiam as características contenciosas de "homens carnais" (Rm 2.3; 1 Co 3.3,4), toleravam a imoralidade, recorriam à lei em cortes pagãs, estavam divididos sobre comer a carne oferecida nos templos dos ídolos, e estavam aprisionados por muitas outras falhas óbvias. Como é que Paulo pode dizer que eles são uma "carta de Cristo"? Certamente a leitura desta carta não revela nada da glória de Deus!

Até mesmo Paulo é exemplo pobre. Paulo admite que sentiu tribulações que estavam acima de sua capacidade de "suportar", a ponto de se desesperar da própria "vida" (2 Co 1.8). Certamente, o Antigo Concerto, entregue por Moisés, homem verdadeiramente admirável, exibe glória muito maior do que este Novo Concerto que Paulo elogia!

Paulo concorda que Moisés é a figura humana central associada com o Antigo Concerto. E por isto, ele pede que seu leitor compare a glória de Deus exibida em Moisés com a glória de Deus exibida no crente do Novo Concerto. Para fazer isto, Paulo seleciona um episódio registrado em Êxodo 34.29-35, e usando somente princípios estabelecidos pelo midrash (explicação, comentário) judaico, mostra que a glória do Antigo – aquela evidência visível da presença de Deus naquela época – era uma glória passageira, em contraste com a glória do Novo –

a evidência atual visível da presença de Deus – que é uma glória crescente (3.18). A passagem que Paulo desenvolve em 2 Coríntios diz:

E aconteceu que, descendo Moisés do monte Sinai (e Moisés trazia as duas tábuas do Testemunho em sua mão, quando desceu do monte), Moisés não sabia que a pele de seu rosto resplandecia, depois que o Senhor falara com ele. Olhando, pois, Arão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele de seu rosto resplandecia; pelo que temeram de chegar-se a ele. Então, Moisés os chamou, e Arão e todos os príncipes da congregação tornaram a ele; e Moisés lhes falou. Depois, chegaram também todos os filhos de Israel; e ele lhes ordenou tudo o que o Senhor falara com ele no monte Sinai. Assim, acabou Moisés de falar com eles e havia posto um véu sobre seu rosto. Porém, entrando Moisés perante o Senhor, para ouvi-lo, tirava o véu até que saía; e, saindo, falava com os filhos de Israel o que lhe era ordenado. Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés, e que resplandecia a pele do rosto de Moisés; e tornava Moisés a pôr o véu sobre seu rosto, até que entrava para falar com Deus.

Examinando esta passagem, Paulo a vê como exemplo vívido da diferença entre a “glória” admitida da revelação do Antigo Concerto, e a “glória” muito maior da era do Novo Concerto.

Paulo observa que quando Moisés foi falar com o Senhor, seu rosto ficou resplandecente. Estar na presença de Deus transformou a aparência de Moisés. Mas Paulo observa alguma coisa a mais. Quando Moisés deixava a presença do Senhor, ele falava com o povo sem véu. Mas, logo, ele colocava um véu sobre seu rosto e o deixava ali até entrar novamente na presença de Deus. Por que Moisés comportava-se desta maneira? Certamente, não era para poupar as pessoas da visão assombrosa, pois ao retornar da presença de Deus ele falava com o povo sem véu. A verdadeira razão para o véu, afirma Paulo, era esconder o fato de que a resplandecência, a glória, era temporária e desaparecia! Assim, Moisés punha o véu sobre seu rosto “para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório”! (3.13) Portanto, fica claro que o Antigo Concerto, conforme exemplificado na própria pessoa que deu as leis, não oferece transformação permanente!

Agora, diz Paulo, comparemos o impacto do Novo Concerto. Em lugar de subir ao Sinai ou de entrar na tenda para comparecer diante de Deus, o Novo Concerto traz o Espírito Santo até o crente. E, com o Espírito vem uma glória que, ao invés de desaparecer, aumenta! Pois, como diz Paulo, “todos nós... somos transformados de glória em glória, na mesma imagem [de Cristo], como pelo Espírito do Senhor” (3.18).

O judeu que olhava para Moisés e via seu rosto resplandecente como evidência da presença gloriosa de Deus no Antigo Concerto, agora olha para o cristão e não vê este sinal. Mas, diz Paulo, o judeu não entendeu! O véu ainda permanece, de modo que ele não percebe que a glória do Antigo Concerto é transitória, temporária, ao passo que a do Novo Concerto é glória transformadora e crescente!

A exibição real e inconfundível da presença viva de Deus no cristão é o processo de transformação pelo qual nós passamos.

E assim, Paulo prontamente admite que o Antigo Concerto continha uma glória própria. Deus revelou-se por meio daquelas letras gravadas na pedra. Mas o Novo Concerto tem uma glória muito maior, pois hoje o Espírito de Deus reside naqueles que conhecem a Cristo, e escreve ativamente em suas personalidades aquela santidade que exibe a presença de Deus em uma glória muito maior do que a do Antigo.

Aplicação. Paulo entrelaça a aplicação da verdade em seu argumento. O cristão com esta expectativa segura (“esperança”) de uma transformação contínua usa de muita “ousadia” (3.12). Nisto, nós “não somos como Moisés, que punha um véu sobre sua face” (3.13). Ele vai ainda mais adiante: “Todos nós”, diz Paulo, “com cara descoberta...” (3.18).

Moisés cobria seu rosto para que os israelitas não pudessem ver o que estava acontecendo com sua vida. Em contraste, os cristãos removem o véu, para que os outros possam ver exatamente o que está acontecendo em suas vidas! Naturalmente, isto é exatamente o que Paulo fez, quando no capítulo 1 revelou sua vulnerabilidade, e falou da grande pressão que sentia, de sua própria incapacidade de suportar e do sentimento de desespero que se apoderava dele (1.8).

Mas, certamente, alguém dirá: “Paulo, isto é fraqueza. Você não está expondo-se

às críticas?” E a resposta de Paulo é: “Claro que sim!” É por isto que é necessário ter “ousadia” para ser um cristão (3.12). Nós realmente nos fazemos vulneráveis para sermos criticados e mal interpretados. E é assustador, sermos nós mesmos com os outros, removendo os véus por trás dos quais a maioria dos homens esconde sua fraqueza.

Mas alguém mais poderá objetar: “Paulo, você deveria pregar Cristo. Você deveria dizer aos outros como Ele é suficiente e poderoso, e quão maravilhoso é ser um cristão. Este tipo de ousadia que você sugere não destrói sua mensagem, e faz com que ser cristão torne-se algo menos atraente?” E a resposta de Paulo é um categórico “Não!” A mensagem do evangelho não é: Creiam em Cristo e sejam perfeitos agora. A mensagem do evangelho é: Cristo salva os pecadores. Ele consola e capacita os homens inadequados. A mensagem do evangelho ensina que Jesus nos entende em nossas fraquezas, nos encontra onde estivermos, e trabalha para nos tornar novas criaturas. E, além disso, sua obra dentro de nós é exibida ao longo do tempo. Nós olhamos para trás e fazemos a descoberta maravilhosa de que, embora ainda não sejamos o que vamos ser, nós já não somos o que éramos! O Espírito de Deus esteve trabalhando em nossas vidas, e nós crescemos à semelhança de Deus.

Para Paulo, é por isto que nós, cristãos, devemos ser muito ousados. É “com cara descoberta” que todos nós “refletimos a glória do Senhor”. A palavra grega que a versão NVI traduz como “refletir” é katoptrizomenoi (“espelhar” ou “contemplar”). Contemplar significa submeter-se à apreciação. Paulo está dizendo que, quando removermos nossos véus, precisamos necessariamente mostrar nossas imperfeições atuais. Removendo nossos véus nós também capacitamos os demais a testemunharem o processo de transformação que está ocorrendo dentro de nós. À medida que nós, cristãos, vivemos juntos, sem véus, vulneráveis e fracos como somos, descobrimos que Deus está operando nas vidas de todos nós. Nós veremos Jesus nos rostos sem véu daqueles que chegarmos a conhecer e amar, pois o Espírito de Deus, que nos dá a liberdade para sermos verdadeiros uns com os outros (3.17) está realizando sua obra de transformação em nossas vidas.

Não é de admirar que Paulo diga: “Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia” (3.12). A confiança de que o Espírito Santo, que é Deus, está atuando dentro de nós nos dá a liberdade de sermos verdadeiros uns com os outros. E à medida que exercitamos essa liberdade, vemos uma glória que supera tanto a glória do Antigo Concerto que “o que foi glorificado, nesta parte, não foi

glorificado, por causa desta excelente glória” que é nossa em Cristo (3.10).

O Ministério da Reconciliação

EXPOSIÇÃO

-

Paulo forneceu um exemplo completo de sinceridade e vulnerabilidade e estabeleceu o alicerce para um ministério do Novo Concerto (capítulo 1). As boas novas do evangelho são que Deus está presente na vida do crente, dando a todos nós a esperança de transformação gradual em direção à semelhança de Cristo (capítulo 3). Construindo sobre esta realidade, Paulo afirma duas vezes: "Por isso... não desfalecemos" (4.1,16). O ministério do Novo Concerto rejeita o uso da "falsidade" para pregar as perfeições de Cristo, e não "a nós mesmos" (4.1-6). Somos como vasos de barro que contém um grande tesouro; o que importa não é o que é visto, mas o que não é visto; não o temporário, que está desaparecendo, mas o núcleo da eternidade interior (4.7-18).

Paulo faz uma pausa para observar que nossa mortalidade certamente será "absorvida pela vida".

Vida, aqui, é sinônimo de perfeição. Isto não modifica nosso objetivo de procurar agradar ao Senhor, seja agora ou na glória (5.1-10). Uma vez mais, Paulo afirma um princípio básico do ministério. Diferentemente daqueles que se orgulham do que pode ser visto, Paulo conta com o que não pode ser visto: a realidade de Cristo no coração do crente, e fato de que o amor motivará o crente a viver para o Senhor. Paulo está completamente convencido disto. O propósito da morte de Cristo foi que "os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou". É inimaginável que o sacrifício de Cristo deixasse de cumprir seu propósito (5.11-15).

Com esta perspectiva, Paulo já não mais considera a ninguém "segundo a carne". Não se trata das aparências, mas da realidade espiritual. Não são as falhas atuais, mas a promessa do futuro que é mais real para o apóstolo. Uma vez que o crente está agora em Cristo, o novo chegou. E o novo certamente renovará o crente. Assim, a missão de Paulo para com o cristão é insistir na reconciliação – isto é, uma vida que esteja em completa harmonia com Cristo, e com o fato de que, ao tornar-se pecado para nós, Cristo nos capacitou "para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (5.16-21). E isto acontecerá hoje! (6.1,2)

Com esta fundação teológica estabelecida, Paulo retorna a assuntos mais pessoais. Em todo o seu sofrimento, Paulo falou livremente aos coríntios, abrindo seu coração a eles (6.3-13). Com completa integridade, Paulo pode insistir para que os coríntios evitem a intimidade com os incrédulos, e confiem na promessa de Deus de que a pessoa que se purifica do pecado, será recebida por Deus como sua (6.14–7.1). Quanto aos coríntios, as críticas de Paulo nunca tiveram a intenção de serem condenações. Paulo continua a ter grande confiança nestes crentes e os ama intensamente. Mas ele não lamenta as palavras que possam ter parecido ásperas, pois estas palavras foram ouvidas com uma "tristeza segundo Deus" que levou ao arrependimento. A reação dos coríntios às suas ásperas palavras demonstrou exatamente o que Paulo já sabia: que o Jesus invisível em seus corações realmente é a influência que controla suas vidas. E a reação deles trouxe alegria ao apóstolo e a outros que os amam como ele os ama (7.2-16).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não

desfalecemos (4.1; cf. 4.16). Em grego, a palavra é ouk egkakeo, “não se comportar com fraqueza”, e indica perseverança. Paulo entende a natureza da obra transformadora do Espírito nos crentes, e isto o mantém no caminho correto, não importando que revezes possam acontecer.

Como é importante que nós também entendamos. É tão fácil ficar desencorajado, quando nossos filhos nos desapontam ou, quando alguém em quem investimos muito tempo, e por quem oramos, retorna ao seu antigo modo de vida. Como Paulo, nós precisamos perceber que temos um ministério do Novo Concerto – ministério que reconhece as fraquezas humanas, e ainda confia no Espírito do Senhor para realizar aquela transformação interior gradual que, com o tempo, capacitará cada crente a refletir melhor a glória de nosso Senhor.

Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós (4.7). A imagem vívida do vaso de barro (ostrakinon skeuos) atraiu a atenção de muitos comentaristas. Tais vasos, freqüentemente usados como lâmpadas de azeite no século I, eram ao mesmo tempo frágeis e baratos. Em nossos frágeis corpos mortais arde a chama do Espírito, revelando uma glória que é muito mais maravilhosa em vista da simplicidade de seu recipiente.

O fato de que Deus revelou-se no Cristo encarnado foi um grande milagre. Talvez um milagre ainda maior seja o fato de que Deus seja capaz de revelar-se para você e eu.

De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida (4.12). Os tradutores da versão NIV colocam “opera” na primeira sentença, o que pode levar a interpretação equivocada. A expressão en humin aqui é um dativo de vantagem, e a expressão deveria ser “mas é vida para vós”.

Paulo relatou as constantes pressões sob as quais ele desempenha seu ministério (4.7-9). Para Paulo, esta experiência de morte constante (sofrimento) não é

apenas seu destino, mas também prova de seu chamado. Sua constante exposição ao sofrimento e à sua fraqueza evidente significa somente que, nele, a vida da ressurreição de Jesus é manifestada (phanerothe [4.10]). Paulo sofre voluntariamente porque seu compromisso contínuo, apesar de sua "morte", exibe o poder de Jesus. Ele também sofre voluntariamente porque sua "morte" tem grande vantagem para os coríntios, pois seu sofrimento lhes trouxe a nova vida em Jesus de que eles agora desfrutam.

Existe um sentido no qual todos nós, que conhecemos Jesus, somos chamados ao sofrimento, da mesma forma como Jesus foi. Somente em nossas fraquezas nós podemos verdadeiramente exibir a força de Jesus. E, muito freqüentemente, somente sacrificando alguma coisa importante para nós, poderemos levar o dom da vida aos outros. Mas, como é bom quando podemos fazer nossos sacrifícios com a mesma alegria que Paulo expressa quando escreve: "Tudo isso é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, torne abundante a ação de graças, para glória de Deus" (4.15).

Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas (4.18). A palavra é skopounton, normalmente usada com o sentido de "fixar os olhos em", e indica um exame minucioso, um olhar penetrante que determina o valor da coisa examinada e mantém em vista aquele valor.

Este versículo é crucial para a compreensão do argumento de Paulo nestes capítulos. Claramente, ele vê falhas nos coríntios, e com a mesma clareza ele vê a aflição e os sofrimentos que estão associados com seu compromisso de servir a Cristo. Mas estas coisas são deixadas de lado por serem proskaira, "temporárias" (4.18). Paulo olha além dos meros fenômenos sensoriais, percebendo que tudo o que ele pode sentir e ver é passageiro e, em última análise, irreal. Paulo está preocupado com aquilo que é eterno, com uma realidade que está além do poder que nossos sentidos têm de descobrir. É essa realidade – que ele descobriu em Cristo, e na qual ele fixou seu olhar ("atentou") – que determina seu caminho.

Quanto melhor entendermos os métodos de Deus, e quanto mais firmemente estivermos comprometidos com eles, melhor veremos nosso próprio caminho

pela vida. Manter o olhar fixo no Eterno é a melhor maneira de proteger-se contra os desapontamentos e as aflições da vida.

Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus (5.1). Uma profusão impressionante de interpretações faz desta passagem uma das mais debatidas do NT. A maioria dos estudiosos, entretanto, iguala a “casa terrestre” ao corpo mortal, e a “casa eterna” ao corpo da ressurreição ou a algum corpo intermediário com o qual o crente será “revestido” até a chegada do dia da ressurreição.

Embora este debate nunca possa ser adequadamente solucionado, vemos aqui um tema básico no pensamento cristão. Muitos, no século I, acreditavam que a alma “nua” (5.3) poderia aproximar-se de Deus “despida” (sem um corpo). Para eles, a “ressurreição” era mais espiritual que corporal. Paulo resolveu este problema em 1 Coríntios 15, mas aqui retorna brevemente a ele. Aquela morte da qual o próprio Paulo está tão consciente (4.7-15), não é perda maior do que a morte física será; pois a perda do corpo mortal simplesmente significará ultrapassar o visível para um campo no qual – embora invisível para nós agora – seremos revestidos novamente, e desta vez pela vida! (5.4). E esta maravilhosa transição do visível para o invisível, da mortalidade para a experiência completa da vida eterna, é assegurada pelo Espírito que está presente em nós (5.5).

Como são insignificantes nossas especulações sobre se Paulo tem ou não um corpo temporário, transitório, em vista nestes versículos. Nós temos certeza da verdadeira mensagem da passagem: além do tempo, existe a eternidade. E o retorno deste corpo presente ao pó é um evento completamente insignificante, pois um corpo celestial glorioso espera aqueles que morrem em Cristo.

Confiantes desta maravilhosa verdade... “o que nós queremos é agradar o Senhor, seja vivendo em nosso corpo aqui, seja vivendo lá com o Senhor” (5.9, versão NTLH).

Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo (5.10). O bema em

Corinto era uma plataforma elevada, localizada perto do centro da cidade. Embora fosse deste tribunal que as autoridades da cidade anunciavam as sentenças judiciais, a imagem não era assustadora para os leitores de Paulo no século I. Era do bema que se faziam todas as proclamações públicas, aquelas que elogiavam as pessoas e aquelas que as censuravam.

Aqui Paulo não se refere ao julgamento final, mas àquela avaliação das obras do crente, mencionadas em 1 Coríntios 3.10-15. Na volta de Cristo, os crentes não somente irão sentir a plenitude da salvação, mas também comparecerão perante o Senhor hina komisetai, “para que cada um receba segundo o que tiver feito” (5.10). O retorno de Cristo será tempo de colheita para nós, assim como para o Senhor. Nós somos a colheita de Deus, ao passo que cada um de nós colherá “segundo o que tiver feito por meio do corpo”.

Estejamos certos de viver de modo que nossa colheita seja abundante, e as palavras que Jesus dirá do bema celestial serão palavras de elogio e não de censura.

Porque o amor de Cristo nos constrange (5.14). “O amor de Cristo” é mais freqüentemente compreendido como um objetivo e não como um genitivo subjetivo. É o amor que Cristo tem por nós e expressou no Calvário, e não o amor que nós sentimos por Cristo, que exerce força constrangedora na vida do cristão. “Constranger” é sunechei, “estar controlando alguém”. Há mais coisas implicadas além da influência moral. O amor de Cristo liberou em nós um poder que não pode ser negado. Esse amor é transformador em caráter, e com muita certeza renovará o crente da mesma maneira que transformou Paulo – que antes era inimigo do Senhor – em seu servo mais dedicado.

Julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (5.14,15). Os termos de ligação neste texto explicam o significado das palavras de Paulo. Por que o amor de Cristo nos constrange? Porque esse amor encontrou expressão em sua morte por “todos”

(aqui, claramente todos os crentes). Portanto, o crente, em união com Jesus, também morreu, e em união com Jesus ressuscitou para uma nova vida (Rm 6.1-14). “Para que” é hina, que aqui expressa propósito mais do que resultado. O que Paulo quer dizer é que por meio da morte de Jesus e de nossa união com Ele, Deus pretende trabalhar tanto em nossas vidas que nós chegaremos ao lugar em que Paulo está agora – um lugar onde viveremos para Jesus e não para nós mesmos!

O que Paulo fez aqui foi lançar a base teológica na qual ele constrói seu ministério – a grande verdade que modela a maneira como se relaciona com os coríntios e os outros. Paulo não perde a coragem, mesmo quando a igreja de Corinto está dividida por disputas e pela imoralidade. O apóstolo continua a ministrar com confiança, porque ele está absolutamente convencido de que nada no mundo será capaz de impedir o propósito de Deus na expiação! Deus, certamente, cumprirá sua vontade na vida de cada crente. O Senhor fará aquilo que planejou fazer quando deu seu Filho por nós.

Como Deus cumprirá seu objetivo? Unindo-nos a Jesus, para que compartilhemos tanto de sua morte quanto de sua ressurreição. Esta obra realizada pelo amor de Cristo exercerá força impulsionadora na vida do crente, e assim também os crentes de Corinto, certamente, crescerão à semelhança de seu Salvador.

Que verdade vital para ter em mente. Às vezes, parece que damos um passo em direção à vida cristã, somente para retroceder dois. E freqüentemente aqueles que amamos parecem indiferentes, inabaláveis pelo chamado de Cristo ao pleno comprometimento. Quando desencorajados, nós podemos ter esperança. Deus certamente realizará seu objetivo em nós e neles. Por meio de seu grande amor, foi introduzido dentro de nós um poder que nos levará, como levou a Paulo, a “não viver mais para [nós mesmos], mas para aquele que por [nós] morreu e ressuscitou” (5.15).

Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne (5.16). O mundo avalia as pessoas com base em seu desempenho, no que elas fazem ou deixam de fazer. De uma perspectiva mundana, os próprios coríntios poderiam

ser considerados como fracassos – cristãos defeituosos, na melhor das hipóteses, indistinguíveis dos “homens carnais” (1 Co 3.3). Mas, Paulo vê Cristo, vivo em seus corações, influência motivadora que modificará cada raciocínio deles até que decidam alegremente viver somente para Ele.

Ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já não o conhecemos desse modo (5.16). O verbo é egnokamen, “conhecer”, usado aqui no sentido de maneira de encarar ou compreender a Cristo. A idéia é introduzida para esclarecer a importância de não encarar os outros de maneira mundana (segundo a carne). Aqueles que julgam pelas aparências poderão pensar que Jesus foi um fracasso – um Messias rejeitado por seu próprio povo e entregue por eles para a crucificação. Sob o ponto de vista do mundo, alguns poderão pensar que Jesus foi figura trágica ou cômica. Mas, como a realidade é diferente! A crucificação, longe de marcar sua missão como um fracasso, provou ser o principal pilar de seu sucesso. E a ressurreição demonstrou que Ele é o eterno Filho de Deus.

Que lembrete para nós, de que as coisas espirituais raramente são o que parecem ser. Nós aprendemos a olhar além das aparências, e devemos basear nossa vida em crenças que, apesar de freqüente falta de evidências visíveis, sabemos que refletem a realidade.

Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo (5.17). O termo “velho” em grego é archaias, aquilo que vem de um tempo anterior. O novo ato da criação realizado no crente deixou em nosso passado a antiga ordem do pecado, da morte e da carne que está associada com Adão. A partir de agora, devemos encarar os outros e a nós mesmos a partir de uma perspectiva modelada pela realidade da obra de Cristo em nossas vidas. Paulo não está ensinando aqui o perfeccionismo. Nem está dizendo que devemos sentir agora libertação da influência daquilo que é “velho” em nossa vida. O que Paulo está dizendo é que o velho “já passou” no sentido de que seu poder sobre nós está rompido. A nova dinâmica da vida em Cristo nos promete liberdade transformadora – a liberdade que virá.

E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação (5.18). Paulo prossegue seu argumento observando a tensão entre nosso estado reconciliado atual, e nossa experiência de reconciliação.

“Reconciliar” (katallasso) é um termo teológico crítico no NT, e indica mudança nos relacionamentos pessoais entre os seres humanos e, particularmente, entre os seres humanos e Deus. O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa que diversas verdades vitais estão expressas em passagens nas quais esta palavra aparece.

(1) São os seres humanos que precisam ser reconciliados; sua atitude pecadora em relação a Deus deve ser modificada. (2) Deus atuou em Cristo para realizar a reconciliação, para que, com nossos pecados já não mais computados contra nós, os crentes já não mais tenham base para considerar Deus como um inimigo. (3) Quando cremos no evangelho, sentimos mudança psicológica e espiritual, pois nossas atitudes passam a estar em harmonia com a realidade divina (p. 515).

Esta passagem confirma a obra objetiva de Cristo ao realizar a reconciliação. Também concentra nossa atenção naquilo que é psicológico e espiritual. O “ministério da reconciliação” de Paulo está direcionado aos crentes e não aos incrédulos (5.18-20). O objetivo deste ministério é realizar essa mudança em percepção e em atitudes em relação a Deus, que irão capacitar o cristão a tornar-se verdadeiramente novo. Com nosso exterior em completa harmonia com o próprio exterior de Deus, nós seremos... “Nele... feitos justiça de Deus”.

Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando seus pecados (5.19). O argumento de Paulo nesta passagem é bem fundamentado. A morte de Jesus foi uma propiciação, no sentido de que Ele pagou o preço que o pecado exige. A morte de Jesus foi redenção, no sentido de que o preço que Ele

pagou, comprou nossa liberdade. E a morte de Jesus é reconciliação, no sentido de que ela exibe a graça de Deus e constitui prova de que Deus verdadeiramente perdoa, em lugar de computar nossos pecados contra nós.

A expressão me logizomenos autois, “não lhes imputando seus pecados” reflete uma verdade enfatizada em Romanos 4. Deus não imputa os pecados contra ninguém que tenha fé em Jesus (Rm 4.3; Sl 32.2). O evangelho de Cristo enfatiza o perdão, não a condenação! Deixemos que a lei e nossa consciência nos condenem e nos deixem desconfortáveis a respeito de nossa situação com Deus. Jesus deixa tudo aquilo para trás e nos convida a ir livremente a Deus, certos de que os pecados já não são problema mais em nosso relacionamento com o Senhor.

O que torna este tema tão importante, é que o “ministério da reconciliação” do Novo Concerto divulgado por Paulo mantém esta mesma ênfase! Em seu relacionamento com os coríntios, ele não parece inclinado a computar seus pecados. E ele não os usa contra eles! Ao contrário, ele é positivo e otimista. Olhando além dos problemas atuais, ele diz, com total sinceridade: “Grande é a ousadia da minha fala para convosco, e grande a minha jactância a respeito de vós; estou cheio de consolação e transbordante de gozo em todas as nossas tribulações” (7.4).

Paulo está absolutamente convencido de que o amor de Cristo é a influência controladora na vida dos coríntios, e que eles chegarão à posição em que, como Paulo, viverão alegremente para o Senhor e não para si mesmos. O papel de Paulo não é culpar ou condenar, mas continuar a expressar a confiança que ele tem na obra de Cristo dentro deles – e expressando esta confiança, ajudar os coríntios a viver mais e mais em harmonia com o Senhor.

Uma vez mais, que grande lição para nós. O pai ou o pastor que confia na crítica constante, cujas palavras produzem culpa, mais atrapalha que ajuda o crescimento espiritual. Mas o pai ou o pastor que diz “eu tenho grande confiança em você”, e se recusa a permitir que esta confiança seja abalada por falhas, mesmo que repetidas, realiza um ministério de reconciliação que produz frutos. Cristo está no coração de cada crente. O Espírito está presente para realizar sua obra de transformação. Devemos crer e confiar a Deus o crescimento e a transformação de nossos filhos, até que, pelo exemplo de nossa fé, eles venham a

crer nele por si mesmos.

Antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo (6.4). A palavra é sunistanein, “provar ou mostrar”. Paulo está partindo de sua própria experiência para fornecer um esquema que capacitará o leitor a reconhecer um verdadeiro servo de Deus.

Esta imagem, desenvolvida nos versículos seguintes, que lembra quadros de Rembrandt, é um estudo sobre a luz em contraste com as trevas. Contra o cenário das aflições (6.4,5), o servo de Deus exibe qualidades interiores através das quais brilha a luz de Jesus.

As nove aflições do cenário são apresentadas em grupos de três: provações gerais (“aflições, necessidades, angústias”); perseguições (“açoites, prisões, tumultos”) e as conseqüências naturais do compromisso (“trabalhos, vigílias, jejuns”). Mas a escuridão projetada por estas dificuldades serve mais para enfatizar do que para extinguir “a pureza, a ciência, a longanimidade e a benignidade” juntamente com “o amor não fingido” e “a palavra da verdade”, que o Espírito Santo e o poder de Deus operam na vida daqueles que servem a Cristo de forma voluntária (6.6,7).

Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis (6.14). A palavra aqui é heterozygountes, um “arreio duplo”, e só é encontrada aqui no NT. Os comentaristas concordam que a instrução baseia-se na proibição do AT contra lavrar com animais diferentes (Dt 22.10), e quem sabe também contra o cruzamento de tipos diferentes de animais domesticados (Lv 19.19).

O problema é determinar como se aplica este princípio. Paulo já disse que os coríntios não devem se retirar da associação com os não cristãos, mesmo que estes sejam imorais (1 Co 5.9-13). E ele disse aos cônjuges cristãos que permanecessem com seus cônjuges não cristãos, pelo tempo que aquela pessoa desejasse viver com eles (1 Co 7.12-14). Mas fica claro que Paulo espera que os

cristãos só contraiam um novo matrimônio “contanto que seja no Senhor” (1 Co 7.39).

Paulo afirmou um princípio geral, que nós podemos parafrasear. Não entre em nenhum relacionamento com infiéis que possa envolver um comprometimento dos padrões ou testemunhos cristãos. Sejam quais forem esses relacionamentos – sociais, de negócios, ou outros – Paulo sabe que cada um de nós precisa confiar na orientação do Espírito, que nos ajudará a decidir.

Mais tarde, Paulo nos dá uma palavra adicional de orientação. Devemos nos lembrar de que Deus nos chama para uma vida de pureza, eliminando de nossa vida qualquer coisa que contamine a carne e o espírito (7.1). Se um relacionamento que estivermos considerando não promover o “aperfeiçoamento da santificação no temor de Deus”, então ele deve ser evitado.

Recebei-nos em vossos corações (7.2). A palavra choresate foi parafraseada como “abram espaço para mim”. A palavra transmite a idéia não somente de abertura, mas também de expansão. Paulo está dizendo: expandam seus corações, ampliem sua capacidade de reagir.

Freqüentemente, quando reagimos a alguma desconsideração real ou imaginária, quase podemos sentir nossos corações fechando-se. Paulo lembra os coríntios que não importa quais acusações possam ter sido feitas contra ele, “a ninguém agravamos, a ninguém corrompemos, de ninguém buscamos nosso proveito” (7.2). E mesmo seu pedido de que eles abram espaço para ele em seus corações, não é pronunciado em um espírito de condenação.

A melhor maneira de ajudar alguém a abrir o coração para nós é seguir o exemplo de Paulo e reafirmar nosso próprio amor, tendo cuidado para não atacar, criticar nem condenar.

Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte (7.10). A palavra traduzida como “tristeza” é lupe em cada caso. Esta palavra grega, também

traduzida como “pesar” e “dor” no NT, é um termo amplo que abrange todos os tipos de aflições físicas e emocionais. Curiosamente, os tradutores da Septuaginta a usaram para traduzir cerca de 13 termos hebraicos diferentes que exibem nuances sutis de significado não encontrado na língua grega.

Aqui, no entanto, a ênfase de Paulo está no fato de que a reação de uma pessoa a lupe será “segundo Deus” ou “segundo o mundo”. Quando a tristeza leva ao arrependimento – aquela mudança no coração e na mente que nos coloca no caminho que leva à salvação – esta tristeza cai na categoria das tristezas “segundo Deus”. É importante recordar que “salvação” é freqüentemente usada no sentido da libertação atual. Aqui, o que Paulo quer dizer é que o arrependimento reverte nossa corrida para o desastre, e redime a situação, de modo que somos libertos das conseqüências associadas às escolhas anteriores, e erradas, que fizemos.

Por outro lado, a tristeza é “do mundo”, se tudo o que ela produz é pesar, ou até mesmo um reconhecimento de que estivemos errados – mas, sem nos levar ao arrependimento. Um bom exemplo de tristeza do mundo é vista em Saul, que parece ter sentido arrependimento, quando admite a Davi “Pequei... Eis que procedi loucamente e errei grandissimamente” (1 Sm 26.21). Mas, apesar desta admissão, Saul não se arrependeu – e seu fracasso em fazê-lo levou à sua morte pouco tempo depois.

A tristeza, o pesar ou a dor, não importa como interpretemos lupe aqui, é um presente de Deus para nós. O arrependimento significa que o aceitamos como um presente e transformamos a dor em alguma coisa que nos traz benefícios, apesar da dor.

Regozijo-me de em tudo poder confiar em vós (7.16). O verbo “confiar em tudo” é tharrein, “ter confiança, coragem”, ou ainda “ter completa confiança”. Paulo olha para frente sem medo, confiante no contínuo progresso dos coríntios em direção à fé.

Anteriormente, vimos que a confiança de Paulo está baseada em sua convicção

de que Cristo morreu para trazer os crentes a uma situação de compromisso em que eles vivam para Ele e não mais para si mesmos (5.15). O apóstolo não baseia sua avaliação no que pode ser observado, mas no fato de que Cristo está no coração, e seu amor os "impelirá" às transformações.

E assim, a ênfase de Paulo, vista pelo lugar proeminente que foi dedicado à Palavra no início da sentença, não está na reação dos coríntios, mas sim na sua própria! Chairo! "Regozijo-me!"

Como é bom ver nos outros a evidência de que, mesmo agora, estão reagindo positivamente àquela compulsão interior, e dando passos rumo ao temor e à obediência ao Senhor. Como é bom ver que nossa confiança não está equivocada!

Assim é com Paulo. Ele não está confiante porque eles foram "obedientes", tendo recebido Tito com "temor e tremor" (7.15). Ao contrário, sua resposta era esperada, era confirmação da confiança que Paulo já possuía. O que esta resposta cria não é aumento da confiança, como se tivesse havido dúvida, mas sim alegria!

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O Ministério da Reconciliação (5.11-21)

Contexto. Paulo afirmou que não fixa os olhos "nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (4.18). Este é um princípio básico do ministério do Novo Concerto, que Paulo desenvolve em sua importante exposição da natureza de seu "ministério da reconciliação" aos coríntios.

Esta ênfase está em grande contraste com o judaísmo. Por um lado, o judaísmo tem um credo definido. Talvez a melhor representação do credo do judaísmo esteja expressa nos "Treze princípios da fé", expostos por Moisés Maimônides (1135-1204 d.C.). Esse credo, preservado no livro de orações diárias, começa

com... “eu creio, em perfeita fé, que o Criador, bendito seja seu nome...” e continua enumerando os seguintes princípios: (1) Deus é o único Criador, (2) exclusivamente Único, (3) Ele está além de toda a concepção e forma, (4) o Primeiro e o Último, e (5) o verdadeiro Deus da oração, e (6) são verdadeiras as palavras dos profetas, (7) Moisés é o Primeiro e o verdadeiro profeta, (8) toda a Torá foi dada a Moisés, (9) não há Novo Concerto, (10) o Criador é onisciente, (11) e recompensa e castiga a observância dos mandamentos; (12) em seu próprio tempo Deus ainda trará o Messias, (13) e ressuscitará os mortos.

Mas embora o judaísmo seja um sistema teológico, é basicamente um sistema ritual, que coloca sua ênfase prática no princípio número 11 acima: a crença de que o que é visto é importante, pois Deus recompensa e castiga a observância dos mandamentos.

Em um livro útil, entitulado Judaism, Michael A. Fishbane, professor de História Religiosa Judaica na Brandeis University, na cadeira que homenageia Samuel Lane, escreve sobre o judaísmo como um sistema ritual:

No judaísmo tradicional, todos os aspectos da vida têm rituais segundo regulamentos halakhic – desde os primeiros pensamentos e orações matinais até as orações finais na cama à noite, desde os alimentos permitidos ou não permitidos, até as práticas comerciais permitidas ou não permitidas, desde as obrigações diárias de oração até os requisitos para a celebração das festas e para o luto pessoal. Da mesma maneira, todos os aspectos da vida assumem o caráter legal de mutar e asur, ou ato “permitido” e “proibido”; e outras categorias como hayyav e patur, ou “obrigatório” e “livre” (não obrigatório), e qodesh e hol, ou “sagrado” e “profano”, também dominam a consciência religiosa diária e a experiência dos judeus tradicionais. Da mesma maneira, o judeu observante será tipicamente escrupuloso na execução de suas obrigações halakhic, ou seja, altamente atento à ocasião adequada e à maneira de cumprir os mandamentos (p.83).

Esta era, naturalmente, a formação de Paulo como fariseu, em uma das seitas judaicas mais rígidas no século I. Portanto, o fato de Paulo dizer, como ministro do Novo Concerto – abandonemos o que é visível, porque é temporário e

transitório, e, deste modo, basicamente sem importância – é realmente surpreendente.

De fato, a afirmação deve ter maravilhado também os pagãos do século I. Como todos os homens de todas as épocas que tivessem a mais vaga noção de moralidade, ou de uma divindade que avaliava as ações de um homem segundo algum padrão moral, eles teriam avaliado a si mesmos e aos outros somente de acordo com o comportamento – pelo que faziam, não com base no invisível, mas somente no que podia ser observado.

Por que Paulo passou para a posição radical que agora assume? Porque, como ele disse no capítulo 3, ele é um ministro do Novo Concerto de Deus – um concerto que o credo de Maimômides nega abertamente. A obra do Antigo Concerto de Deus foi uma Lei externa, escrita em pedras. A obra do Novo Concerto de Deus é transformação interna do caráter do crente, escrita no coração. As obras do homem, sob o Antigo Concerto, eram visíveis; a obra de Deus no Novo Concerto é invisível. Ainda assim, o antigo é transitório e basicamente inútil, ao passo que o novo é eterno, repleto da promessa de salvação.

O ministério da reconciliação de Paulo está enraizado nesta percepção de realidade do Novo Concerto, percepção que modela o modo como ele se relaciona com os coríntios e com cada crente nas igrejas que ele ou outros tenham fundado por todo o império.

Interpretação. Muitos pontos do Estudo da Palavra (acima) analisaram os termos e idéias essenciais desenvolvidos nesta passagem. Portanto, aqui, para evitar repetições, é necessário somente explicar brevemente o argumento do apóstolo.

Paulo, com temor ao Senhor, está completamente comprometido com a missão de persuadir os homens. Ele rejeita a acusação que alguns lançaram contra ele, de apresentar um caminho “fácil” para a salvação, com a finalidade de obter o favor dos coríntios e de outros. E ele considera necessário explicar novamente o princípio do ministério em que ele opera: “Para que tenhais que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração” (5.12). Aqui, vemos novamente o contraste entre o visível e o invisível. Os críticos de Paulo baseiam suas afirmações em resultados visíveis; Paulo baseia suas esperanças em algo o que não pode ser visto nem medido, naquilo que está no coração. Embora isto possa parecer loucura para alguns, não o é para o apóstolo, que conta com o amor de

Cristo para “dinamizar” (ou “impelir”) uma transformação que flui do coração para o exterior.

Mas, tal transformação de dentro para fora realmente acontecerá? É preciso, uma vez que Cristo morreu por todos (os crentes), e os crentes “portanto morreram”. O propósito de Deus neste grande ato foi o de transformar inimigos não apenas em amigos, mas em seguidores. Ele morreu “para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (5.15).

Isto modificou completamente a perspectiva de Paulo sobre a realidade espiritual. Ele não mais avalia os outros “segundo a carne” (5.16). Uma vez mais, nós retornamos ao contraste entre o visível e o invisível. O mundo, sem a percepção espiritual, só pode formar julgamentos com base nas evidências que estejam disponíveis aos sentidos. Paulo olha mais além, para o coração, e percebe que, “se alguém está em Cristo, nova criatura é” (5.17). O antigo elo com Adão, que mantinha a pessoa em escravidão, sem esperanças, está quebrado. O novo elo irrompeu em seu coração!

Portanto, o que Paulo tem é um “ministério de reconciliação”. Da mesma maneira como uma semente é regada para que possa crescer, também Paulo encoraja o crescimento do novo que, como uma semente esperando para irromper e florescer, reside no coração. No que se refere à posição legal, o crente foi trazido à harmonia com (reconciliado com) Deus por Cristo. Agora, é simplesmente uma questão de trazer o modo de vida de alguém à harmonia com Cristo; simplesmente questão de incentivar a nova vida a se expressar na maneira de viver.

Novamente vemos o agudo contraste entre o Antigo Concerto e o Novo. Aquele enfoca no que é exterior: no comportamento ritualizado. Este olha além das falhas e fracassos atuais e enfoca na “nova criatura” que está dentro. Aquele exige conformidade. Este incentiva a transformação.

Mas como um ministério de reconciliação do Novo Concerto incentiva a transformação? Paulo vê a chave na própria atitude demonstrada por Deus em relação à humanidade. Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não considerando os pecados cometidos pelas pessoas. Da mesma maneira, Paulo recusa-se a considerar os pecados dos coríntios. E se recusa a usar os fracassos deles contra eles mesmos! Em lugar de condená-los por suas inúmeras falhas, Paulo simplesmente continua implorando, pedindo, rogando

(parakalountos, 5.20) que os coríntios conduzam suas vidas em harmonia com Cristo.

E ele o faz com tanta confiança e certeza, que deve ter incentivado os coríntios a se lançarem com total submissão. Afinal, aconteceu a grande transação. Deus colocou todo o peso de nossos pecados sobre Jesus Cristo, e em transação correspondente plantou nova vida em nossos corações, “para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (5.21).

Aplicação. É muito fácil cair na armadilha de avaliar com base no visível. Isso acontece nas igrejas que tendem a medir o sucesso e o fracasso em termos de crescimento numérico. Acontece nas famílias em que os pais tendem a avaliar seu sucesso mais em termos das falhas de seus filhos no presente, do que em termos de seu potencial futuro. Acontece em nossa própria vida, quando nos encontramos às vezes tão oprimidos pela culpa e por nossos fracassos, que não estamos dispostos a arriscar dar outro passo em nova jornada de fé.

Mas, o entendimento de Paulo reflete a realidade como Deus a conhece, e como Deus quer que nós também a conheçamos. Coisas que podem ser vistas são transitórias. Por mais desencorajador que possa ser o presente, o dia de hoje não só está sujeito a mudança; as mudanças com certeza ocorrerão! A mensagem maravilhosa do Novo Concerto é que esta mudança – pelo fato de Cristo estar no coração do crente – dar-se-á em direção à semelhança com nosso Salvador.

Os Princípios da Caridade do Novo Testamento

EXPOSIÇÃO

-

No final de sua primeira carta aos coríntios (16.1-4), Paulo mencionou uma "coleta para os santos". Agora ele aborda com detalhes o tema da caridade. As Epístolas do Novo Testamento e o Livro de Atos deixam claro que entre 52 e 57 d.C., grande parte do trabalho de Paulo foi dedicada à arrecadação de dinheiro para "os pobres dentre os santos" que estavam em Jerusalém (Rm 15.26; Gl 2.10). Mas por que havia tanta pobreza entre os cristãos de Jerusalém? Sem dúvida, um motivo era o fato de que muitos eram colocados no ostracismo pelos judeus, que se recusavam a empregar, ou até mesmo comprar bens de pessoas que nessa época eram encaradas não como membros de uma seita judaica, mas como apóstatas. Outra razão foi uma escassez de alimentos causada pela superpopulação, que resultou em época de fome no ano 46 d.C., durante o governo de Cláudio (At 11.27-30). O problema dos pobres teria sido exacerbado pelos pesados impostos cobrados na

Palestina, não somente pelos romanos, mas também pelos governantes locais. Também foi sugerido que a boa vontade daqueles que possuíam grandes propriedades de vender suas posses para manter os pobres, embora pudesse ter satisfeito necessidades imediatas, teria, a longo prazo, causado o impacto do empobrecimento de todos (At 2.44,45; 4.32-35).

Quaisquer que sejam as causas, os cristãos da Terra Santa quase estiveram privados de recursos durante este período, e Paulo dedicou-se a arrecadar fundos entre as igrejas gentílicas para satisfazer o que era uma necessidade verdadeiramente desesperadora. De muitas maneiras, as contribuições que Paulo tão fervorosamente encorajou eram demonstração vívida de verdades cristãs essenciais. Como era apropriado que a preocupação dos gentios simbolizasse não apenas a unidade dos judeus, e dos gentios em Cristo (Ef 2.11-22), mas também reconhecesse a dívida que estes antigos pagãos tinham para com o povo em cujo meio originou-se o evangelho (Rm 15.19,27). Isto talvez também tivesse um significado especial para Paulo, como maneira pela qual ele poderia compensar, em parte, os santos que, ainda como Saulo, ele havia perseguido (At 8.3; 9.1; 26.10,11; 1 Co 15.9; Gl 1.13). Mas, acima de tudo, tanto a ênfase de Paulo sobre a caridade quanto a boa vontade das igrejas gentílicas

em ajudar (2 Co 8.3,4) demonstravam aquele comprometimento com os outros que o Novo Testamento chama de “amor fraterno”: disposição para fazer sacrifícios pessoais pelo bem-estar de outros, na família de nosso Senhor.

Contra este contexto, Paulo escreve com entusiasmo aos coríntios sobre o exemplo dado pelas igrejas da Macedônia (8.1-5), insistindo que eles também se sobressaiam nesta “graça” que estava relacionada à caridade (8.6,7). Paulo é cauteloso em não ordenar: a caridade do Novo Testamento deve fluir de um coração disposto, e não de uma ordem para reservar uma porcentagem da renda (8.8-12). Ele também é cauteloso em ressaltar que o objetivo é a “igualdade”: a satisfação de todas as necessidades atuais, plenamente consciente de que algum dia o destinatário poderá também satisfazer uma necessidade de quem lhe doou (8.13-15).

Depois de algumas observações pessoais sobre si mesmo e sobre Tito (8.16–9.5), Paulo continua a desenvolver o que na verdade é uma teologia sobre a caridade no Novo Testamento. Cada pessoa deve “propor em seu coração” o que dar, olhando para Jesus como o modelo de Deus para todos os relacionamentos com os outros. Cada um deve

também se lembrar de que o que é semeado determina o que é colhido (9.6,7), e que ninguém pode dar mais que Deus, que nos fornece a todos tudo o que necessitamos para podermos ser generosos com os outros (9.8-11). Tal caridade provocará elogios bem como orações nos corações de quem a recebe (9.12-15).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos (8.4). O texto grego apresenta ten charin, “a graça” da caridade.

Charis (“graça”) aparece não menos do que dez vezes nos capítulos 8 e 9, e é traduzida de diferentes maneiras. Aqui é a honra ou o privilégio de participar do serviço. Em 8.1; 9.8 e 9.14, charis é usada sobre a dádiva de Deus que capacita os coríntios a participarem. Em 8.6 e 8.19, charis é a própria coleta, como expressão de amor e de boa vontade. Em 8.7 doar-se é descrito como “graça”, enfatizando a virtude do ato. Em 8.9, charis é a própria generosidade de Deus, ao passo que em 8.16 e 9.15 charis é a gratidão que jorra naqueles que recebem a oferta de amor.

Subordinada a cada um destes usos está a idéia básica implícita na palavra. A graça (charis) é favor ou benefício concedido e, ao mesmo tempo, resposta de gratidão que é adequada ao que foi recebido. O uso múltiplo da palavra nestes capítulos ressalta o fato de que a caridade é completamente ato de graça. Dar é nossa resposta agradecida à grande dádiva que nos foi dada em Cristo. Dar é a concessão de benefício a outros, que por sua vez estimula sua resposta de louvor a Deus e orações por quem doou. A própria liberdade que nós temos de ofertar

generosamente é uma dádiva por si mesma, e um reconhecimento do comprometimento gracioso de Deus em satisfazer todas as nossas necessidades para que nossa abundância possa transbordar para satisfazer as necessidades dos outros.

Que privilégio é ver a caridade, não como dever ou peso, mas como graça. Como é libertador entender que nossa oferta semanal na igreja, e nosso apoio material regular para missões e aos necessitados é verdadeiramente fonte de alegria.

Não digo isso como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade da vossa caridade (8.8). Aqui epitagen tem o sentido de “uma ordem”. Paulo não faz uso impróprio de sua autoridade apostólica para ordenar uma ação que precisa, para agradar a Deus, ser expressão genuína de amor sincero e não obrigação ou dever.

Um modo de roubar a alegria de contribuir de nossos companheiros cristãos é insistir utilizando a expressão “você deve”, em lugar de fazer um convite: “você tem a oportunidade”. Alguns temem que a caridade poderia diminuir, se os cristãos não pensassem que eles “devem” entregar uma porcentagem de sua renda. Quando impomos uma exigência de porcentagem, algo que Paulo cuidadosamente evita fazer, na verdade estamos limitando a caridade, pois o amor é, na vida cristã, uma motivação muito mais poderosa do que a obrigação.

OBSERVAÇÕES SOBRE O DÍZIMO

A passagem básica sobre o dízimo é encontrada em Levítico 27.30-33, que apresenta:

Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores

são do Senhor; santas são ao Senhor. Porém, se alguém, de suas dízimas, resgatar alguma coisa, acrescentará seu quinto sobre ela. No tocante a todas as dízimas de vacas e ovelhas, de tudo o que passar debaixo da vara, o dízimo será santo ao Senhor. Não esquadrinhará entre o bom e o mau, nem o trocará.

Outras passagens também oferecem explicações detalhadas. Números 18.21-32 dá a instrução de que o dízimo seja usado para sustentar os levitas, a tribo separada para servir a Deus. Conseqüentemente, ele não foi dado em sua própria província quando Canaã foi conquistada por Josué. Deuteronômio 12.5-14 e 14.22-26 ensinam que os dízimos deviam ser trazidos ao santuário central, que foi mais tarde estabelecido em Jerusalém. Deuteronômio 14.27-30 e 26.12-15 apresentam outro dízimo, que devia ser coletado a cada três anos. Este dízimo devia ser guardado localmente e distribuído aos necessitados. Embora alguns vejam três dízimos no Antigo Testamento, parece mais provável que fossem dois: os dez por cento anuais, separados para aqueles que serviam ao Senhor, e o dízimo de cada três anos, destinado ao auxílio de viúvas, órfãos e estrangeiros desamparados.

O dízimo era aplicável a tudo aquilo que a terra produzia, e não à renda originada do comércio. Na opinião de alguns, o dízimo era um aluguel que Deus cobrava do povo de Israel a quem Ele concedia o privilégio de viver ali (Dt 1.8; 3.2). O dízimo também tinha o intuito de ser uma oportunidade para se expressar fé. Deus prometera abençoar o trabalho de seu povo (14.29). Aqueles que confiavam nele separavam seus dízimos alegremente, certos de que Ele satisfaria suas necessidades através de abundantes colheitas futuras (Ml 3.10).

Mas por que o Novo Testamento não menciona o dízimo dos cristãos? Para responder, precisamos nos lembrar de que o dízimo foi primeiramente imposto a Israel, uma comunidade de fé que também era uma nação. Israel tinha sua própria terra, e estruturas civis governadas pela lei de Moisés. O dízimo básico de Israel financiava o centro de adoração da nação, e uma classe especial, levítica e sacerdotal, dedicada ao serviço. Além disso, o dízimo servia como a parte de Deus na produção da terra que Ele permitia que Israel ocupasse.

Em contraste, a comunidade de fé do Novo Testamento existe como pequenas comunidades, dispersas em cada nação. Nossa comunidade de fé não tem um centro de adoração principal para financiar. Já não existe mais um sacerdócio à

moda do Antigo Testamento, mas cada crente agora é visto como um sacerdote. No Novo Testamento, Paulo argumenta a favor do direito que os obreiros cristãos de tempo integral têm, de serem mantidos por aqueles a quem ministram. Assim, há diferença no motivo e na maneira como estas contribuições serão usadas nos dois Testamentos. Há também um paralelo entre aquela preocupação pelos pobres expressa no dízimo de cada três anos de Israel, e na coleta de Paulo pelos pobres de Jerusalém.

Podemos justificar a importação do dízimo para nossa era. As raízes daquele costume eram parte da vida de Israel sob a Lei, tanto quanto qualquer sacrifício ritual.

Quanto aos ensinos do Novo Testamento, quando se trata de ofertas, e não do dízimo, cada um deve dar não uma quantia estabelecida, mas que "cada um contribua segundo propôs em seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria" (2 Co 9.7). Como expressão do amor e da confiança que Deus suprirá cada uma de nossas necessidades, a caridade cristã é verdadeiramente algo gracioso. É nossa resposta de amor à maravilhosa dádiva de amor que recebemos de Deus, e nossa resposta de amor aos nossos irmãos e irmãs que estejam passando por necessidades.

Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem e não segundo o que não tem (8.12). A palavra utilizada aqui é prothumia, "vigor", "disposição para agir". Não é o tamanho da doação que agrada a Deus, mas sim a atitude de quem doa.

Como podemos medir atitudes? Paulo diz que é "segundo o qualquer tem". A doação que a viúva faz de duas pequenas moedas (Mc 12.41-44) supera e muito as moedas de ouro e prata que deram os ricos, porque ela deu tudo o que tinha. Não devemos cair na armadilha de pensar quanto daríamos se fôssemos ricos. Em lugar disso, devemos simplesmente dar conforme nossa capacidade, ansiosos para ajudar o quanto pudermos.

Mas não digo isso para que os outros tenham alívio, e vós, opressão; mas para

igualdade (8.13,14a). A palavra grega isotetos significa mais que igualdade, também significa imparcialidade, ou cotas iguais.

Paulo explica no versículo seguinte. Sua intenção é que as necessidades sejam supridas, com a expectativa de que os que podem doar agora, possam, no futuro, estar em posição que suas próprias necessidades poderão ser satisfeitas por aqueles com quem eles compartilharam.

Talvez a imagem da igreja como o corpo de Cristo nos ajude a entender melhor. O dinheiro é como o oxigênio e os nutrientes transportados pelo sangue para as células em todo o corpo. “Dar” é simplesmente maneira de distribuir os recursos para que todos os membros do corpo tenham suas necessidades satisfeitas, e sejam capazes de funcionar dentro do conjunto. Não é satisfatório que uma perna esteja inchada e gorda, enquanto a outra está definhando de fome. Não é assim que as coisas funcionam no corpo humano. E não é assim que as coisas devem funcionar no corpo de Cristo.

Cada um contribua segundo propôs em seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria (9.7). Talvez a palavra proeretai devesse ter sido traduzida como “determinou” em seu coração. Ela enfatiza a consciência e a profunda convicção que deve ser refletida quando cada um de nós considera quanto pode dar.

Não é de admirar que tantos cristãos não se sintam à vontade com a liberdade que nós recebemos em Cristo. Talvez percebamos que com a liberdade vem a responsabilidade, e isto nós não estamos prontos para aceitar.

Certamente, algumas igrejas podem ter fracassado no ensino da liberdade e da responsabilidade na área da caridade. Algumas estabeleceram um padrão que libera seus membros da responsabilidade de “propor” em seus corações, e que lhes rouba a alegria de decidir expressar livremente seu amor pelo Senhor e seu comprometimento para com os irmãos e irmãs. Embora Paulo insista na generosidade, ele é cauteloso para não impor falsas exigências ou determinar quantias para os demais. Ele protege tanto a liberdade quanto a responsabilidade,

convencido de que, uma vez livres, os cristãos serão responsáveis.

Que possamos ter esta mesma confiança em Deus, em nós mesmos, e em nossos irmãos.

Que em tudo enriqueçais para toda a beneficência (9.11). Deus nos abençoa não para que nos sintamos confortáveis, mas sim para que possamos ser generosos.

Confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles e para com todos (9.13). A palavra é koinonias, expressão daquela união comum que faz de cada cristão um participante juntamente com todos os demais crentes em Cristo. Surpreendentemente, koinonia, diferentemente de outras palavras, é tipicamente usada para descrever a generosidade cristã (Rm 15.26; 2 Co 8.4; 1 Tm 6.18). A mensagem contida aqui é importante. Generosidade cristã não é “tirar” de nós mesmos para “transferir” aos outros, mas é transição mais suave do que esta; é um compartilhar que enriquece tanto o doador quanto o receptor, ao invés de empobrecer um deles.

Graças a Deus, pois, por seu dom inefável (9.15). A palavra anekdiegetos não é comum – ela descreve um dom que está além de nossa capacidade de avaliar. Nosso primeiro pensamento é que Paulo deve estar referindo-se mais uma vez à dádiva de Cristo: Ele deu a si mesmo (8.9). Porém, é mais provável que a doxologia seja estimulada pela graça, pelo fato de Paulo sentir que ela contenha tudo: o exemplo de Cristo, a liberdade de doar com responsabilidade e alegria, o privilégio de compartilhar recursos com outros, além da gratidão e do louvor que a generosidade desperta nos corações daqueles que a recebem. Tudo é tocado pela graça; e a caridade, que parece um peso a muitos de nós, é verdadeiramente uma oportunidade de ouro.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Os Princípios da Caridade do Novo Testamento (2 Co 8,9)

Contexto. Seria muito fácil ler estes capítulos, e extrair uma falsa dicotomia entre a ênfase de Paulo, no Novo Testamento, sobre uma responsabilidade pessoal de ofertar, e a necessidade do Antigo Testamento de pagar o dízimo de Deus. Certamente, se pudéssemos, apontaríamos grande diferença de tom entre esta passagem e os textos dos sábios que procuraram definir a natureza e os limites exatos da responsabilidade justa dos judeus.

Por exemplo, a Mishnah (Maaserot 3.10) examina o caso de uma figueira em um jardim, com um galho que se estende sobre o pátio de um vizinho. Quem estiver naquele pátio terá a permissão de comer os figos, um a um, se assim o desejar. Mas, se apanhar todos os figos juntos (encher uma cesta), deverá pagar o dízimo sobre eles.

Ou tomemos o tratado Maaser Sheni, que comenta o segundo dízimo. Ali, em 4.6, os sábios examinam a situação em que um comprador se apossa da produção com a condição do segundo dízimo. Quais são suas obrigações se, antes de poder pagar por isso, seu preço suba a duas "selas"? E o que acontece se seu valor for de duas selas quando ele a compra, mas depois o preço cai para uma sela antes que ele possa pagar?

O motivo de formular e responder perguntas como estas era colocar limites à Lei. Isto é, os sábios estavam profundamente preocupados com a exploração de todas as implicações da Lei de Moisés, para que uma pessoa comprometida com a obediência não violasse a Lei inadvertidamente. Mas, qualquer que seja o motivo, existe diferença ampla e clara de tom entre esta abordagem da caridade e a abordagem que Paulo assume em 2 Coríntios 8–9.

Mas, como observei, existe um sentido em que este contraste cria uma falsa dicotomia. A razão é que não existe um paralelo real entre o dízimo do Antigo Testamento e a caridade do Novo! O dízimo era obrigação imposta a Israel, um aluguel devido a Deus pelo uso de sua terra, que continuaria em vigor mesmo depois que sua promessa de dar a terra à semente de Abraão (Cristo) se cumprisse no final da história (Gn 12.7; 3.15). Os sábios tinham intenção de definir a extensão desta obrigação e estabelecer regras que guiariam os judeus

religiosos a cumpri-las. Em contraste, Paulo está falando a respeito da caridade voluntária para ajudar aos pobres. O que sempre foi considerado, no Antigo Testamento e no judaísmo, como um assunto separado do dízimo.

Portanto, Ben Shira, que escreveu 150 anos antes de Cristo, incentiva o religioso a respeitar o sacerdote e lhe “dar sua cota, como foi ordenado” (7.31), e passa imediatamente do assunto do dízimo ao assunto da generosidade para com os pobres.

Ao pobre também estenda sua mão,

Para que sua bênção seja completa.

Faça sua doação a alguém vivo,

Não evite os que choram,

Mas chore com aqueles que choram;

Não negligencie o cuidado com os doentes –

Por estas coisas você será amado (7.32-35).

No livro Book of Jewish Knowledge, Nathan Ansubal observa que os rabinos antigos:

Acreditavam que, ao dar posses aos ricos, Deus não lhes deu diretamente, nem fez isso para recompensá-los por suas ações ou por qualquer mérito especial. Ele simplesmente lhes deu riqueza como um depósito para os pobres. Então, eles – os ricos – seriam somente, por assim dizer, os agentes fiscais de Deus na terra, para os pobres. Estender tzedakah ‘a mão cheia’ para os pobres, portanto, cumpria seu significado verdadeiro como um ato de ‘justiça’. A partir daí, foi desenvolvido o axioma de que, se os ricos verdadeiramente fossem honestos e tementes a Deus, distribuiriam com fervor a riqueza que estão guardando para

Deus, para os inúmeros credores de Deus – os pobres, os doentes, os desamparados, os necessitados etc. (p. 82).

Em seu agradável livro The Joys of Yiddish, Leo Rosten observa que não existe palavra para “caridade” em iídiche, mas que dar é tzedaka, a obrigação de ser honesto, correto, e acima de tudo, de ajudar aos companheiros. Ele escreve:

Toda comunidade judaica colocava grande ênfase na ajuda aos pobres, aos doentes, aos inválidos – e aos refugiados, que sempre foram parte triste da história dos judeus. Toda comunidade tinha um fundo especial para os necessitados; todo feriado incluía atividades filantrópicas; e toda casa continha pequenas caixas nas quais eram colocadas moedas para caridades variadas. Todas as crianças judias eram ensinadas, desde muito jovens, a sentirem obrigação de ajudar aqueles que fossem necessitados; elas deveriam sempre dar moedas para os mendigos que viessem à porta (pp. 420-21).

Dar ajuda aos pobres, portanto, era, e é, virtude tão grande no judaísmo assim como o é na grande exortação de Paulo aos coríntios (e a nós!) para que todos sejam generosos com os necessitados.

Nós podemos, é claro, argumentar que existe grande diferença na motivação para contribuir que está explícita nos textos dos sábios e de Paulo. Este vê a caridade como uma resposta para a graça de Deus; os rabinos a viam como um ato meritório. Desta forma, conta-se a história do debate do rabino Akiba com Tineius Rufus, o governador romano da Judéia. Rufus desafiou o rabino: “Se, como você diz, seu Deus ama aos pobres, por que então Ele não os ajuda?” Diz-se que o rabino respondeu que Deus deixou o cuidado dos pobres a cargo dos judeus “para que muitos possam ser salvos da punição do Geena, pelo mérito alcançado através da caridade”.

Mesmo assim, nossa distinção básica ainda permanece. A caridade descrita e incentivada no Novo Testamento não é comparável ao dízimo do Antigo Testamento, mas está, na verdade, mais intimamente relacionada ao princípio estabelecido em Deuteronômio 15.10,11: “Livremente lhe darás, e que o teu

coração não seja maligno, quando lhe deres; pois por esta causa te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obra e em tudo no que puseres a tua mão. Pois nunca cessará o pobre do meio da terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado e para o teu pobre na tua terra".

É neste tipo de caridade que o Novo Testamento também concentra nossa atenção. Naquela época, não havia edifícios com grandes hipotecas a serem pagas, e havia poucos ministros assalariados. Mas, já houve cristãos em várias partes do mundo que, em épocas diferentes, precisaram de ajuda para sobreviver como membros do corpo de Cristo. Sem criticar os objetivos de construção de templos e edifícios para igrejas, para os quais se destina grande parte da caridade contemporânea, nós, certamente, concordamos que as verdadeiras necessidades dos seres humanos devem ter prioridade, quando consideramos piedosamente como Deus deseja que direcionemos os recursos que Ele nos orienta a separar para sua obra.

Interpretação. Baseados nestes dois importantes capítulos estão alguns conceitos básicos que modelam nossa compreensão da caridade cristã. Em lugar de tentar esquematizar esta passagem, a melhor maneira de explorá-la é identificar e discutir estes conceitos básicos. Eles podem ser relacionados da seguinte maneira:

A caridade é um privilégio (8.4)

A caridade nasce do comprometimento (8.5)

A caridade é voluntária (8.8)

A caridade tem um objetivo (8.13-16)

A caridade tem conseqüências pessoais (9.6)

A caridade envolve coração e mente (9.7)

A caridade tem resultados espirituais, além dos materiais (9.12)

À medida que estudamos estes conceitos um a um, começamos a construir uma teologia característica do Novo Testamento sobre a caridade que poderá nos orientar individualmente e em nossas igrejas.

A Caridade é um Privilégio (8.4). Paulo descreve a participação na oferta que ele está arrecadando para os santos atingidos pela pobreza em Jerusalém, como “a graça de participarem da assistência aos santos” (8.4, versão RA).

É claro que as igrejas da Macedônia, a que Paulo refere-se, encaravam a caridade como um privilégio. Apesar de suportar “muita tribulação”, e apesar de sua própria “profunda pobreza” (8.2), os cristãos desta província estavam ansiosos para participar. Aqui, é importante observar que Paulo descreve estes crentes como também tendo abundância de alegria. Eles tinham relacionamento vital e satisfatório com Jesus, que lhes dava alegria interior, apesar de suas circunstâncias difíceis.

É impossível encarar a caridade isoladamente do resto da experiência cristã de alguém. Ninguém cujo amor por Cristo tenha esfriado, ninguém que esteja orientado para o mundo em lugar de para o céu, ninguém cuja felicidade esteja relacionada àquilo que possui, ninguém que deixe de sentir um jorro de alegria, ao sentir o toque diário de Jesus achará a caridade um privilégio, ou sentirá a graça que inspira a oportunidade que Deus nos dá de compartilhar com aqueles que estão em privação.

A Caridade Nasce do Comprometimento (8.5)

Paulo continua a descrever os macedônios, e observa que “a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus”.

A experiência macedônica da graça de Deus causava um gozo abundante (8.2). Os primeiros metodistas eram criticados pela igreja da Inglaterra daquela época, de quem eles se separaram como “entusiastas”. Toda aquela emoção era considerada inadequada. Mas, a emoção desempenha um papel vital no verdadeiro cristianismo. A religião nunca é suficiente, entretanto. A alegria em Cristo deve estar ao lado do comprometimento com o Senhor, e esse comprometimento deve ser expresso ao vivermos uma vida que é “pela vontade de Deus” (8.5).

Se a caridade cristã deve ser tão generosa e espontânea como Paulo parece descrever aqui, a alegria que nós temos em Jesus deve nos levar a nos dedicarmos ao Senhor, e a nos comprometermos conscientemente em fazer sua vontade.

Uma vez mais, somos lembrados de que a caridade não deve ser considerada isoladamente da experiência espiritual global de um indivíduo, ou de uma congregação. Se concentrarmos nossa atenção em cultivar o crescimento espiritual, as pessoas responderão generosamente, quando diante de uma necessidade.

A Caridade é Voluntária (8.8). Uma verdade que muitos acham difícil de aceitar é que a caridade é verdadeiramente voluntária. O cristão não é obrigado a fazer caridade. O cristão não está obrigado a contribuir, mas deve fazê-lo de forma abundante e com alegria. Portanto, Paulo diz: “Não digo isso como quem manda”.

Uma das verdades mais difíceis de serem compreendidas é a de que a graça que nos liberta das obrigações em nosso relacionamento com Deus, na verdade nos liberta para fazermos muito mais do que faríamos de outra maneira. Quando

Paulo diz que ele deseja “provar a sinceridade da vossa caridade”, ele nos alerta para a motivação definitiva e necessária para a caridade, e para cada ato do serviço.

Diferentemente do rabino Akiba, que via a caridade como maneira de obter o mérito que poderia salvar alguém dos tormentos do Geena, Paulo diz: “já sabeis [ou conheceis] a graça de nosso Senhor Jesus Cristo” (8.9). Em lugar de procurar um mérito que resulta de nossas ações, entendemos que, por meio do auto-empobrecimento de Cristo, nós que estávamos completamente necessitados, agora “enriquecemos”. Cristo aqui não é apresentado como um exemplo que devemos seguir, mas, como a fonte de uma salvação que já conseguiu para nós o prêmio supremo – a salvação – e nos enriqueceu com todas as bênçãos espirituais.

Então, o que sobrou para nós fazermos? Nada! Mas, o que o conhecimento desta graça de Cristo cria dentro de nós? Amor! E a sinceridade de nosso amor – caridade – é demonstrada em atos de serviço voluntários – atos de serviço, sejam de caridade ou não, que nós realizamos, não porque sejamos obrigados, e não porque esperemos obter alguma coisa com eles, mas, simplesmente, porque amamos o Senhor e encontramos grande alegria em fazer sua vontade, e julgamos isso um privilégio.

A Caridade Tem um Objetivo (8.13-16). Existe característica diferença aqui, entre a razão para a caridade no Novo Testamento e no judaísmo do século I. No judaísmo, os pobres da terra eram os despojados socialmente: as viúvas, os órfãos, os sem teto, os trabalhadores diaristas, que não encontravam trabalho. A caridade para com estas pessoas era incentivada, pois Deus havia expressado preocupação especial por elas. Além disso, Provérbios 19.17 ensina: “Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, e ele lhe pagará seu benefício”. Certamente, havia compaixão semelhante pelos pobres na igreja primitiva (At 4.32-37; 6.1-3; Tg 1.27). Mas, neste caso, Paulo apresenta um objetivo muito diferente para a caridade que não o alívio da necessidade individual.

Em Jerusalém e na Judéia, toda a comunidade cristã era quase pobre, pelas razões apresentadas no tópico Exposição (acima). Paulo vê isto como um

problema especial, problema da igreja, que em parte significativa das condições do mundo tornava impossível que os crentes sobrevivessem e trabalhassem. A oferta de Paulo não pretende somente satisfazer as necessidades humanas reais, mas também prover os recursos necessários para capacitar os cristãos a darem um testemunho vital de Cristo em Jerusalém e na Judéia.

Aqui, vemos a adequação da analogia entre a igreja e um corpo. Cada membro precisa receber o que for necessário para sua saúde, e vitalidade para a realização da obra de Cristo no mundo. A contribuição que Paulo está solicitando pretende não somente satisfazer as necessidades dos pobres em Jerusalém, mas também capacitar a igreja dali a sobreviver e trabalhar.

Esta análise sugere dois objetivos básicos para a caridade cristã. Nós damos, para satisfazer as necessidades humanas, simplesmente porque Deus realmente se preocupa com os pobres e oprimidos. Nós também ofertamos com a finalidade de capacitar os cristãos a trabalharem como igreja, testificando de Cristo de diversas maneiras dentro da sociedade.

Com relação a este segundo objetivo, que é soberano nesta passagem, Paulo nos lembra de que esta caridade não deve ser encarada como sendo interminável. Em Deuteronômio, está a afirmação direta de que sempre haverá pobres que precisarão de ajuda (15.11). Mas Paulo diz que devemos dar agora, “para que também sua [deles] abundância supra a vossa falta” (2 Co 8.14). A igreja dispersa por todo o mundo é interdependente e, com o passar da história, primeiramente uma região, depois outra prosperarão ou decairão. É responsabilidade daqueles que prosperam agora, dar generosamente para satisfazer os crentes necessitados, nas regiões que não prosperam, plenamente conscientes de que com o tempo as situações poderão estar invertidas.

A Caridade Tem Conseqüências Pessoais (9.6). Embora a salvação do crente não dependa, de nenhuma maneira, de quaisquer atos meritórios. E, embora o cristão não tenha nenhuma obrigação de fazer caridade, existem conseqüências pessoais para cada escolha que fazemos. Paulo, sem querer ordenar a caridade, apesar disto, sente-se completamente livre para mencionar algumas das implicações da decisão dos cristãos de contribuir ou não. Desta forma, Paulo diz: “o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância em abundância também ceifará.”

Este versículo não deve ser transformado em promessa de bênçãos financeiras imediatas. Deus não nos dá nenhuma garantia de que um “investimento” de 50 dólares no ministério da TV do irmão “Fulano de Tal” nos dará um retorno de 500 dólares depois de três meses! A promessa é escatológica. Nós semeamos coisas materiais, aqui e agora e, ao fazer isso, acumulamos tesouros no céu (Mt 6.19-21). É fato simples: aquele que semeia poucas coisas materiais terá poucos recursos acumulados no céu, quando Jesus voltar para buscar sua igreja.

Este não é, e não deve ser, o principal motivo para que doemos algo a alguém. Mas, é realidade que devemos manter em mente, com a finalidade de termos a perspectiva correta sobre a importância da riqueza material. Se nos retrairmos, estaremos demonstrando que as coisas materiais são preciosas para nós. Paulo quer que nos lembremos de que as coisas não são preciosas; as pessoas sim são preciosas. Ao ofertarmos com generosidade, com a finalidade de ajudar o povo de Deus que esteja atravessando dificuldades, demonstramos que nossas prioridades estão em harmonia com as prioridades de Deus, e demonstramos um amor que será, pela graça de Deus, ricamente recompensado quando Jesus voltar.

A Caridade Envolve Coração e Mente (9.7). Como o Estudo da Palavra sobre 9.7 destacou, devemos avaliar cuidadosamente e “decidir” o que vamos dar. Isto não somente enfatiza a responsabilidade pessoal, mas também a avaliação cuidadosa e racional.

Mas, qual é o princípio que devemos usar para a avaliação? A resposta é sugerida em 8.13. Devemos olhar o que temos, e olhar o que os outros necessitam. E então, equilibrando o que temos, e o que os outros necessitam, devemos tomar nossa decisão.

O tipo de caridade que Paulo está explorando aqui não é simplesmente um assunto para a mente. É também um assunto para o coração. Uma vez tomada a decisão adequada, devemos fazer a contribuição com alegria, “porque Deus ama ao que dá com alegria”. A caridade deve produzir contentamento, deve ser prazerosa. Quando nosso coração está na doação, não existe qualquer sentimento de obrigação ou de má vontade, e o ato de caridade é purificado, um sacrifício que Deus aprova e a cujo autor Ele ama.

Seria errado desencorajar qualquer oferta que seja feita sem sentimento de

alegria. Se fizéssemos isto, o destinatário seria privado da doação. Mas, também, seria igualmente errado deixar de lembrar que qualquer doação que não seja motivada por amor, e feita com alegria, não traz benefícios para o doador! (1Coríntios 13.3)

A Caridade Tem Resultados Espirituais, Além de Resultados Materiais (9.12). O recebimento da doação estimula o louvor a Deus, e orações pelo doador. Doar, portanto, tem conseqüências espirituais diretas, além das materiais. Nós não doamos somente para suprir necessidades de outros; mas, porque, ao doarmos, aprofundamos o relacionamento de outros com o Senhor; e fazemos com que sintam seu amor, e sua preocupação constantes.

Aplicação. Os dois grandes capítulos de Paulo sobre a caridade nos ajudam, como indivíduos, a reexaminarmos nossa atitude em relação à riqueza, e nossa sensibilidade em relação às necessidades de outros. Mas, estes ensinamentos também sugerem que aqueles em posição de liderança na igreja deveriam reexaminar não somente seu ensino sobre caridade, mas também a maneira como a igreja procura angariar fundos. Apresentando claramente as necessidades para as quais se destinam as contribuições, e instruindo as pessoas sobre os conceitos que Paulo apresenta aqui, generosidade ainda maior pode ser estimulada, e Deus receberá ainda mais louvor.

A Autoridade Espiritual

EXPOSIÇÃO

-

A exortação incomparável de Paulo à caridade cristã (capítulos 8–9) termina com uma nota de louvor. Então, quase repentinamente, o tom de sua carta muda. Embora ainda peça, em lugar de ordenar, seu tom agora é severo. Ele coloca ao seu redor o manto da autoridade, e confronta aqueles em Corinto que, reivindicando autoridade maior, desafiam a dele.

Estes capítulos não são tanto uma defesa da posição de Paulo; são, porém forte julgamento dos coríntios. A evidência que Paulo apresenta sempre estava disponível a eles; mas, ainda assim, muitos decidiram ouvir a "excelentes apóstolos" (11.5; 12.11) que se promoviam, em lugar de promover a Cristo.

Paulo inicia sua defesa com um pedido e uma advertência (10.1-6). O Senhor deu-lhe a autoridade que ele tem, e as críticas de que "sua presença corporal é fraca" não muda o fato de que as reivindicações de seus críticos estão enraizadas

somente no louvor próprio (10.7-12). Deus deu Corinto a Paulo como parte de seu kanon, aquele território pelo qual ele é responsável e, portanto, ele está intensamente preocupado com o bem-estar deles (10.13–11.3). Não é de admirar que o apóstolo se preocupe, quando alguém vem a Corinto e prega um evangelho diferente, e o ataca com pretextos insignificantes (11.4-12). Tais homens são "falsos apóstolos", que servem a Satanás e não à justiça (11.13-15).

Contra sua vontade, é levado a "gloriar-se", apresentando aqui a evidência de seu apostolado (11.16-21). Surpreendentemente, a "jactância" de Paulo é diametralmente oposta à dos falsos "excelentes apóstolos". Eles apontam para seus pontos fortes; ele para seus sofrimentos (11.22-29) e fraqueza (11.30–12.10). Ele aprendeu que a fraqueza humana é o segredo da força espiritual, pois é o homem fraco que confia no Senhor, e é por meio de nossa fraqueza que sua força é exibida de forma mais vívida. Tudo isto, acompanhado por um poder de realizar milagres, é evidência de seu apostolado (12.11-13). A dificuldade dos coríntios em atender é de grande preocupação, pois Paulo teme que, ao visitá-los, encontre a comunidade desfigurada pela falta de espiritualidade e pelo pecado (12.14-21).

Paulo conclui com uma advertência. Se os problemas que identificou não forem corrigidos, “digo aos que antes pecaram, e aos demais que, se outra vez for, não lhes perdoarei”. Se os coríntios não “se examinarem”, Paulo poderá ter que usar o “rigor” (13.1-10). Ele, então, conclui o livro com um pedido aos membros da igreja — “Escutem bem o que eu digo” (versão NTLH) – e uma bênção (13.11-14).

A longa defesa que faz de sua autoridade é importante para nós hoje. Não porque a igreja moderna hesite entre suas palavras e aquelas de seus oponentes do século I. A história estabeleceu seus textos como Escrituras, e os “excelentes apóstolos” que se opunham a ele já foram esquecidos há tempos. Mas, estes capítulos fornecem conhecimentos vitais sobre a natureza da autoridade espiritual, e sobre o delicado equilíbrio que os líderes cristãos de hoje devem manter entre a proteção da liberdade dos crentes de responderem ao Senhor, e sua própria responsabilidade de guiar e proteger o corpo de Cristo.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Rogo-vos, pela mansidão e benignidade de Cristo (10.1). A palavra parakalo nos lembra que, mesmo que esteja perto de confirmar sua autoridade apostólica, Paulo não manda, mas, com muito tato, lembra as igrejas de sua responsabilidade pessoal de exercer o julgamento moral.

A liderança cristã está mais preocupada em obter comprometimento do que conformidade. Paulo não quer obrigar a igreja a fazer o que ele diz. Em lugar disso, procura influenciá-la a reconhecer seus ensinos como sendo vontade de Deus, e que sintam o desejo de responder a eles positivamente.

As armas da nossa milícia não são carnais (10.4). O vocábulo é strateias, palavra militar explicada neste versículo e no próximo. Os argumentos dos oponentes de Paulo são como um muro de palavras, erigido não contra Paulo, mas “contra o conhecimento de Deus”.

O que são as armas carnais (sarkinos), ou deste mundo, que Paulo evita? Provavelmente as mesmas coisas que seus oponentes enfatizam: olhares impressionantes, habilidade na oratória, coisas que parecem muito atraentes, mas somente “segundo a aparência” (10.7). Veremos mais claramente a natureza das “armas” de Paulo à medida que ele prossegue em sua defesa. Mas elas podem ser resumidas como fraqueza que permite que Cristo fale mais claramente por meio do apóstolo.

Quanto menos dependermos de nossa força no ministério, mais dependeremos de Cristo. E, quanto mais dependermos do Senhor, mais Ele poderá operar por nosso intermédio.

Estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência (10.6). “Vingar” aqui é ekdikesai, um termo legal que mescla as idéias de vingar e fazer justiça. A palavra “vossa”, na frase “quando for cumprida a vossa obediência”, indica que Paulo está referindo-se à igreja como um todo. Assim, Paulo tem dois grupos em mente, os intrusos que se recomendam como “excelentes apóstolos” (11.5) e levam a comunidade cristã a desviar-se do caminho correto, e a comunidade que eles influenciaram. Paulo

tratará dos falsos apóstolos. Porém, antes, deseja que a comunidade rejeite o falso evangelho e volte a unir-se em seu comprometimento com o evangelho do qual Paulo é apóstolo.

Uma vez mais, vemos a consciência de Paulo de que os cristãos são responsáveis e devem agir com responsabilidade. Ele escreve, em lugar de visitar, para dar aos coríntios oportunidade de se purificarem.

Ainda que eu me glorie mais alguma coisa do nosso poder, o qual o Senhor nos deu para edificação e não para vossa destruição… (10.8). O tema da vanglória, apresentado aqui, é expandido em 10.15-18 e também nos capítulos 11–12. O verbo kauchaomai significa “vangloriar-se, gloriar-se, orgulhar-se de”. Aqui, a palavra é usada com alguma ironia: os críticos de Paulo vangloriam-se, comparando suas forças com a suposta fraqueza de Paulo e, desta forma, recomendam-se como superiores. Paulo, por outro lado, gloria-se em um aspecto: foi Deus quem lhe deu autoridade na igreja. E esta autoridade é exercida não para destruir a igreja, mas para edificá-la.

A mesma coisa deveria ser verdadeira para os líderes cristãos de hoje. Eles servem porque foram chamados por Deus para um ministério de serviço aos outros. E se concentram não em suas próprias posições, mas na tarefa de edificar o corpo de Cristo.

Se esta for nossa atitude, o falso orgulho e a arrogância refletidos na vanglória dos oponentes de Paulo serão substituídos pela alegria daqueles que humildemente se gloriam no Senhor Jesus Cristo.

Ainda que eu me glorie mais alguma coisa do nosso poder, o qual o Senhor nos deu para edificação e não para vossa destruição (10.8). A palavra exousia significa “liberdade de ação” e, portanto, poder ou autoridade. Como apóstolo de Deus, Paulo recebeu autoridade, ou liberdade de ação, em relação à igreja em Corinto. Mas está bastante consciente de que sua liberdade de ação é limitada

pelo objetivo de sua comissão: ele deve construir, em lugar e destruir.

Esta consciência sem dúvida é a razão principal pela qual ele pede em lugar de ordenar, e espera que a igreja responda antes de ir até eles. Freqüentemente, ao forçar a obediência, os pais e os líderes da igreja enfraquecem em lugar de fortalecer os jovens. Paulo ensina, incentiva, pede, adverte e explica, procurando influenciar a congregação a se decidir livremente a fazer aquilo que for correto. Paulo sabe que tomar a decisão adequada fortalece o caráter, ao passo que, ser forçado a fazer o que for correto – contra a vontade – pode enfraquecer as pessoas.

Não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos (10.12). O problema com os oponentes de Paulo é que suas reivindicações estão baseadas em heautous sunistanonton, auto-recomendação. Sua abordagem é a de contraste entre suas supostas forças com a suposta fraqueza de Paulo. O apóstolo, com um pouco de sarcasmo, diz, na verdade, que não é capaz de lidar com as comparações. À medida que continua, veremos que ele não enfatiza seus pontos fortes, mas sim a mesma fraqueza que seus oponentes desprezam.

Antes disso, entretanto, conclui seu argumento com algo mais importante. Foi comissionado por Deus, e o Senhor deu-lhe autoridade dentro de um território pelo qual foi feito responsável.

Esta sempre foi a questão, e não, se nós temos mais sabedoria, melhores dons de oratória, mais conhecimento, ou mais talento que outros. A questão é que Deus nos chamou para ser líderes e nos deu um “território” pelo qual devemos ser responsáveis.

Nos gloriaremos... conforme a reta medida que Deus nos deu, para chegarmos até vós (10.13). A palavra aqui é kanon, que em outros contextos significa “regra” ou “padrão”. Seu uso aqui é técnico, ilustrado em uma inscrição

encontrada na Galácia em 1976, em decreto de 13 a 15 d.C., que define os serviços que uma cidade deveria realizar. Esta inscrição diz, em parte, que...

Sextus Sotidius Strabo Libuscidianas, legado de [Tibério] César Augusto, agindo como pretor, declara... que ninguém fará uso do transporte gratuito, mas, uma vez que o abuso de certas pessoas exige ação imediata, promulguei nas cidades e vilas individualmente um cânone do que julgo desejável que seja fornecido; ou, se negligenciado, obrigatório, não meramente pelos meus próprios poderes, mas pela divindade do excelente salvador Augusto, de quem aceitei isto mesmo em meu mandato.

Aqui, kanon é uma lista das coisas que os oficiais em viagem podiam requisitar, e, o que é importante para a passagem que estamos estudando, o território prescrito dentro do qual aqueles que estavam sujeitos ao decreto eram responsáveis por cumpri-lo.

A reivindicação de Paulo, portanto, é de que Deus lhe concedeu um kanon, um território prescrito, pelo qual ele é o responsável, e este inclui os coríntios. O debate sobre forças e fraquezas é, portanto, completamente irrelevante, pois não importa o que seus oponentes possam dizer, a responsabilidade perante Deus sobre o que acontece em Corinto é dele. E ele recebeu autoridade comissionada.

Uma vez mais, este assunto da auto-recomendação baseada na comparação com os outros é completamente irrelevante para a liderança espiritual. A primeira e mais importante questão é: que kanon Deus atribuiu aos líderes, e quais são suas responsabilidades dentro dele.

Estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo (11.2). A função de Paulo não é a de um pai, como nos casamentos modernos, mas sim a de um “amigo do esposo” (philos tou numphiou, João 3.29). Edersheim, na obra Sketches of Jewish Life, observa que na Judéia um “amigo” era designado à noiva e outro ao noivo. Estes agiam como intermediários e serviam como “avalistas da castidade da noiva”. Depois do casamento, o amigo do noivo continuava a servir o casal, procurando manter boas relações entre eles e

também defendendo a reputação da noiva contra quaisquer críticas.

Usando esta imagem, Paulo deixa claro que embora Corinto seja seu kanon, designado por Deus, seu ministério é motivado por um intenso amor por este povo que é a noiva de Cristo, e por um ardoroso desejo de ver a igreja manter um relacionamento íntimo com seu Senhor.

Os líderes não devem somente ser fiéis à sua responsabilidade. Eles precisam amar.

Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus? (11.7). A palavra aqui, tapenion, significa “rebaixar-se”, mas sugere mais do que isso. Na cultura grega, palavras com esta raiz transmitem desprezo; uma pessoa que fosse tapeinos era socialmente fraca, uma condição vista como vergonhosa no mundo helênico.

Mas, por que a disposição de Paulo de se manter poderia ser causa de críticas? Uma sugestão interessante é a de que seus críticos acusavam-no de que, ao trabalhar, demonstrava falta de fé. Afinal, quando Cristo enviou seus discípulos aos pares, disse-lhes que não levassem dinheiro, mas, que dependessem da generosidade daqueles que receberiam seu ministério! (Mt 10) Assim, aqueles “excelentes apóstolos” que apregoavam que sua oratória era superior (11.6) também se vangloriavam de que eles eram mais espirituais, porque recebiam dinheiro dos coríntios e deixavam que a igreja os mantivesse!

O argumento deve ter sido difícil de manter, em vista da explicação anterior de Paulo de que, embora ele tivesse o “direito” de receber ajuda financeira, ele abria mão desse direito (1 Co 9), sacrificando-o em favor de uma recompensa eterna. Os oponentes de Paulo distorceram seus motivos, para que eles, que eram “falsos apóstolos”, “obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo” pudessem parecer servos de Deus, quando, na verdade, serviam aos objetivos de Satanás (2 Co 11.13,14).

Qualquer pessoa na liderança espiritual, com certeza, viverá o que Paulo enfrentou aqui – críticas baseadas na distorção de seus motivos, e má

interpretação de seus atos. É frustrante, mas é parte do preço de servir a Cristo.

No que qualquer tem ousadia (com insensatez falo), também eu tenho ousadia (11.21). Paulo foi forçado a uma disputa tola: a comparação de credenciais. Na verdade, suas credenciais são melhores. Ele também é judeu educado na Palestina (um “hebreu” [11.22]); trabalhou mais que seus oponentes (11.23a); sofreu mais (11.23b-27) e, preocupa-se mais (11.28,29).

Tendo dito isto, apresenta uma observação surpreendente que desenvolverá no capítulo 12. Ele é mais fraco que seus oponentes, e isto é, na verdade, um dos segredos de sua força. Ao desenvolver este tema, ele exibirá uma “loucura de Deus” que é “mais sábia do que os homens” (1 Co 1.25).

Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos... foi arrebatado até ao terceiro céu (12.2). Esta passagem tem causado especulação incalculável. Por que Paulo, obviamente falando de si mesmo, usa a terceira pessoa? O que é este “terceiro céu?” O que ele quer dizer com “se no corpo, se fora do corpo”? (12.3) E o que, mais tarde, foi este “espinho na carne?” (12.7)

No que diz respeito ao uso da terceira pessoa, a melhor sugestão é a de que Paulo a adota para evitar qualquer insinuação de que ele recebe crédito pessoal pelas visões ou revelações que lhe são dadas (12.1).

A menção ao “terceiro céu”, normalmente, é compreendida como assumindo uma cosmologia que encara a atmosfera da terra como um primeiro céu; o campo dos corpos celestiais como um segundo; e o campo espiritual, habitado por Deus e seus anjos, como o terceiro. No entanto, textos da época intertestamentária também mencionam uma divisão dos céus em sete partes (2 Enoque 8–11 e Ascensão de Isaías), um quinto céu (3 Apocalipse de Barrabás 11.1); e, até mesmo sugerem uma divisão dos céus em dez partes (2 Enoque 20.3b). Uma vez que o Novo Testamento não se pronuncia sobre o assunto, parece inútil especular a respeito da cosmologia de Paulo. Mas a insinuação permanece. Ele foi arrebatado a um campo acessível somente por Deus.

A incerteza de Paulo, quanto ao fato de que esta visão possa ter sido recebida no corpo ou fora dele (12.3), foi citada por aqueles que argumentam a favor da

“projeção astral”, fenômeno no qual se assume que a alma deixa o corpo vivo. Estes parênteses dificilmente apóiam esta teoria. Paulo simplesmente está dizendo que, embora a visão fosse real, não sabe se esteve ou não fisicamente presente naquele paraíso, onde vivenciou tais maravilhas, e ouviu coisas que até aquele momento era incapaz de revelar.

A esta altura, Paulo, rapidamente, apresenta seu “espinho na carne” (12.7). Deus permitiu que Satanás enviasse este “mensageiro”, que, no final, ao invés de conseguir prejudicar Paulo, acabou cumprindo os propósitos do Senhor. Depois de implorar a Deus três vezes para sua remoção, percebeu que o “espinho” era um presente, que pretendia fazê-lo fraco aos olhos humanos, para que o poder de Deus pudesse ser “aperfeiçoado” (12.9) em sua fraqueza.

Ninguém jamais saberá o que era aquele espinho, apesar de haver muita especulação. A palavra skolops significa “estaca” e também “espinho”, e sugere um grave tormento. Embora alguns sugiram que o “espinho” era os oponentes de Paulo, a maioria interpreta que era alguma doença crônica e debilitante. Em último caso, a palavra seria, certamente, munição para os inimigos de Paulo. Como poderia um verdadeiro apóstolo, com algum poder real, ser incapaz de curar a si mesmo?

Porque, quando estou fraco, então, sou forte (12.10). Fraqueza é astheno, palavra que indica mais que fragilidade; sugere deficiência incapacitadora. Em contraste, forte é dunatos, não saudável, mas poderoso. Paulo é forte em sua fraqueza, porque Deus opera na fragilidade humana, e por meio dela.

Este é um tema completamente estranho ao pensamento dos críticos de Paulo. Mas, afinal, as armas deles são do mundo, carnais (10.4). Em sua extensa defesa, Paulo ofereceu aos coríntios alternativa surpreendente. Eles podem avaliar a autoridade de uma pessoa pelos critérios que os críticos do apóstolo colocam em evidência – ou podem reconhecer o critério que Paulo apresentou. O critério que exalta a Cristo, e não a algum ser humano. O critério que exibe a sabedoria de Deus, que fica em completo contraste com a sabedoria deste mundo (cf. 1 Co 1.18–2.16).

Cuidais que ainda nos desculpamos convosco? (12.19) A palavra dokeite aqui é mais bem interpretada como "supor" ou "imaginar". Quando os coríntios – e os cristãos modernos – lêem estes capítulos, muitos "supõem" que o que Paulo está fazendo é defender-se, a si mesmo e à sua autoridade apostólica.

Na verdade, ele está fornecendo um padrão que capacitará os coríntios a se reavaliarem – um padrão que, se falharem em reconhecer a validade, igualmente lhes fornecerá a base para seu julgamento!

É esta a terceira vez que vou ter convosco. Por boca de duas ou três testemunhas, será confirmada toda palavra (13.1). Aqui, Paulo cita Deuteronômio 19.15, mas, o fato de fazê-lo neste versículo desconcerta os comentaristas. A que "testemunhas" Paulo refere-se? Estará referindo-se às suas próprias visitas? Estará ameaçando fazer um julgamento quando vier, convocando testemunhas que possam desmascarar os pecadores? Quem sabe deveríamos entender as testemunhas como as palavras desta carta, palavras que expressam verdades espirituais "perante Deus" (12.19), e que seu Espírito autentica nos corações dos seus (1 Co 2.12).

Certamente esta compreensão está em harmonia com as palavras de Jesus aos líderes judeus que se opuseram a Ele. "Não cuideis que eu vos hei de acusar para com o Pai", advertiu Ele. "Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais" (Jo 5.45). A mesma Palavra de Deus que liberta aqueles que a ela respondem positivamente, condena aqueles que não o fazem. Cada palavra que Paulo escreveu na defesa de seu apostolado tem o potencial de libertar seus leitores – ou de servir como a base para seu julgamento, quando ele os visitar novamente.

Lembremo-nos desta natureza de duas faces das Escrituras. Ela convida e também adverte, liberta e também prende, defende e também julga. Sejamos cautelosos ao responder à Palavra de Deus, para que esta mesma Palavra não sirva como testemunha contra nós, quando estivermos diante de nosso Senhor em sua volta.

Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos (13.5). “Examinar” é peirazo, que normalmente quer dizer testar ou tentar, mas aqui é usado com o sentido neutro de “discernir”. Isto é seguido imediatamente por uma exortação: dokimazete “testem a si mesmos”. A palavra transmite a expectativa de aprovação: examinem-se e testem-se, e vocês descobrirão que verdadeiramente estão na fé.

Um auto-exame cuidadoso revelará o Cristo que está dentro dos coríntios, e eles reconhecerão sua voz falando por meio do apóstolo, pois o Senhor verdadeiramente deu a Paulo a autoridade para edificá-los (13.10).

Como é melhor olhar para dentro e ouvir a voz interior de Cristo, do que fixar nossa atenção na suposta fraqueza dos líderes que Deus colocou em nossas igrejas. Também não devemos ser influenciados pelas reclamações dos críticos que censuram qualquer fraqueza real ou imaginária para destruir, em lugar de fortalecer o ministério da igreja local.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Defesa que Paulo Faz de seu Ministério (capítulos 10–13).

Contexto. Os problemas que Paulo trata na primeira carta aos coríntios foram criados por membros da congregação local. Os problemas que ele trata na segunda carta foram criados por gente de fora, por intrusos da Palestina que pregavam um “evangelho diferente” (2 Co 11.4) e que procuravam fortalecer seu controle sobre a jovem congregação com vigorosos ataques sobre a autoridade de Paulo. Murray J. Harris, em seu comentário sobre a segunda

carta aos coríntios (Zondervan) nos dá um excelente resumo destas acusações:

Paulo, eles diziam, era um [apóstolo] inconstante, que agia caprichosamente (2 Co 1.17,18; 10.2-4), e de maneira soberana sobre seus convertidos (1.24; 7.2), restringindo desta maneira seu desenvolvimento espiritual (6.12). Ele não tinha cartas de recomendação (3.1; 10.13) porque ele se auto-recomendava (4.2, 5; 5.12; 6.4; 10.12, 18; 12.11; cf. 1 Co 9.1-3; 14.18; 15.10b), como faria um louco (5.13; 11.1,16-19; 12.6,11) ou um impostor (6.8). Da mesma maneira como seu evangelho era obscuro (4.3; 6.2,3), também as cartas que ele escrevia eram ininteligíveis ou tortuosas (1.13) e eram escritas com o perverso objetivo de condenar, destruir (7.2,3; 10.8; 13.10), e causar dor (2.2, 4,5; 7.8). Ele causava impressão à distância, mas era fraco e corruptível, quando se permitia fazer uma aparição pessoal (10.1,2, 9-11; 11.6; 13.3,4,9). Sua recusa em aceitar remuneração dos coríntios provava que ele se preocupava pouco com eles e que ele estava ciente de ser um falso apóstolo, não o porta-voz de Cristo (11.5,7-11,13; 12.11-15; 13.3a, 6). E ele explorou a disposição da igreja em ajudá-lo fazendo com que seus agentes organizassem uma coleta, supostamente para os santos de Jerusalém, mas, que, na realidade, era para ele mesmo (12.16-18). Estas eram algumas das acusações feitas pelos caluniadores de Paulo (p. 314).

Talvez, a compreensão mais significativa destes competidores do apóstolo esteja em 11.22: “São hebreus?” Todos concordam que esta expressão significa “judeus palestinos” para contrastar com “israelitas” ou os judeus de origem racial. Estes indivíduos eram, ou afirmavam ser, cristãos, que reivindicavam uma autoridade especial, talvez, derivada (1) de um conhecimento pessoal de Jesus durante sua vida, o que alguns julgam estar implicado em 5.16, (2) dos doze apóstolos ou de Pedro, ou ainda (3) da igreja de Jerusalém.

O que é interessante é que era habitual que o Sinédrio enviasse delegações às comunidades judaicas por todo o império, com cartas que comprovavam sua autoridade, para dar avisos oficiais sobre as datas das festas anuais e para servir como juízes para resolver problemas. Estes homens, verdadeiramente sábios, agiam com autoridade inquestionável, pois não somente era o Sinédrio a autoridade suprema de todos os judeus de todas as partes, mas também, acreditava-se que os rabinos palestinos possuíam santidade superior e maior

autoridade.

A AUTORIDADE NO JUDAÍSMO RABÍNICO Uma ampla gama de escritos ar

Aparentemente, o que aconteceu é que os cristãos judeus da Palestina apareceram em Corinto, e reivindicaram o mesmo tipo de autoridade sobre aquela congregação que os rabinos judeus enviados pelo Sinédrio exerciam sobre os judeus da Diáspora! Quando muitos em Corinto resistiram, apelando à autoridade de Paulo, estes intrusos montaram um vigoroso ataque contra o apóstolo ausente, que teve sucesso em minar seriamente sua autoridade. Isto levou à escrita da segunda carta aos coríntios, na qual Paulo faz mais do que defender seu apostolado. Ele explica a natureza do ministério do novo concerto, e, nos capítulos que agora estão em análise, contrasta a abordagem à liderança espiritual representada por seus apóstolos “excelentes”, com sua própria abordagem.

Interpretação. Os capítulos 10–13 apresentam a resposta específica de Paulo aos intrusos palestinos cujas reivindicações de autoridade confundiram os coríntios. Embora estes demandantes se autodenominassem “apóstolos”, é claro que eles usavam esta palavra como um equivalente funcional a “rabino” ou “sábio”, e que por trás de sua reivindicação está um conceito característico de liderança espiritual. A resposta de Paulo desenvolve três conceitos vitais. Conceitos que, certamente, aplicam-se à igreja moderna, porque são centrais para um entendimento de liderança espiritual; qualquer que seja o título que possamos dar aos nossos líderes. Nós podemos examinar estes conceitos sob os seguintes títulos:

As marcas de um apóstolo

O ministério de um apóstolo

A autoridade de um apóstolo

AS MARCAS DE UM APÓSTOLO

A reivindicação de autoridade espiritual dos intrusos sobre a igreja de Corinto era apoiada por diversas afirmações. Eles possuíam conhecimento, e eloqüência superiores (11.6). Eles afirmavam ter visões e revelações (12.1,7). Eles possuíam cartas de recomendação (3.1). Eles aceitavam dinheiro como pagamento por serviços espirituais (11.12). Além disso, eles eram da Palestina, o berço do cristianismo primitivo (5.16; 10.7).

Se tomarmos 2 Coríntios 12.12 como traduzido na versão NIV e RA, poderemos supor que as marcas de um apóstolo são a capacidade de realizar milagres. Aquele versículo diz: “as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos” (12.12, versão RA). Mas a tradução da NIV/RA não é a melhor, porque implica que os milagres são a marca essencial que autentica um apóstolo. Esta tradução é teologicamente improvável, pois Paulo acabou de fornecer extensa defesa na qual lista inúmeras outras coisas como evidências de seu apostolado. A tradução é logicamente improvável, pois, se os milagres fossem “credenciais de apostolado”, seus oponentes teriam concluído o caso com sua capacidade de realizar milagres, e Paulo poderia ter se defendido simplesmente enumerando os milagres que ele tinha realizado quando estava em Corinto. A tradução é gramaticalmente improvável. A expressão “sinais, prodígios e poderes miraculosos” está no caso dativo, e não no nominativo, o que seria de se esperar se a tradução da NIV e da versão RA fossem as melhores.

Então, o que Paulo está dizendo? Simplesmente que “as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, juntamente com sinais, prodígios e poderes miraculosos”. O árduo trabalho de Paulo, seus sofrimentos, sua profunda preocupação com as igrejas, e o fato de que Deus trabalhou poderosamente por meio dele, apesar de sua evidente fraqueza – são as evidências convincentes de que Paulo foi comissionado por Deus.

A mesma coisa ocorre hoje. A marca dos líderes em que podemos confiar e a quem podemos responder positivamente permanece sendo um comprometimento persistente para com o serviço, um serviço que também hoje é demonstrado através do trabalho árduo, do sofrimento, da profunda preocupação com o povo de Deus, e da evidência de que Deus está trabalhando, apesar da fraqueza humana que também está presente em cada um de nós.

O MINISTÉRIO DE UM APÓSTOLO

Duas vezes, neste capítulo, Paulo fala do “nosso poder, o qual o Senhor nos deu para edificação e não para vossa destruição” (10.8; 13.10). Paulo aqui faz mais do que afirmar que o Senhor (não a Palestina!) é a fonte de sua autoridade. Ele defende e também limita sua autoridade. Seu kanon, aquele campo do qual ele foi feito responsável, inclui Corinto (10.13). Ele é responsável por “edificá-los”, mas ele também está especificamente limitado, pois em seu ministério ele não deve fazer nada para a “destruição” deles.

A questão, portanto, é: Como Paulo, o apóstolo, ministra, para que ele possa edificar os coríntios e evitar destruir a igreja? Diversas características do ministério de Paulo são mostradas por toda a segunda carta aos coríntios. Nos capítulos 1–3, Paulo exemplificou a auto-revelação, e mostrou que Cristo é visto no processo de transformação que tem lugar nos crentes, não em alguma reivindicação de perfeição, sem pecado, que afirma seus próprios pontos fortes. Nos capítulos 4–7, Paulo mostrou que um ministério de reconciliação está baseado na convicção de que o amor de Cristo é força convincente dentro do coração do crente. Como Paulo sabe que Deus certamente realizará nos crentes aquele propósito pelo qual Cristo morreu, o apóstolo confia na obra invisível do Espírito; ele tem e também expressa completa confiança, mesmo em santos imperfeitos. Nos capítulos 8–9, Paulo prosseguiu demonstrando sua confiança ao recusar-se a ordenar que os coríntios fossem caridosos, mas, em lugar disso, enfatizando sua responsabilidade pessoal em considerar cuidadosamente a caridade, embora deixando claro as várias razões pelas quais a caridade alegre e generosa é sábia, além de correta.

Este mesmo espírito permeia o capítulo atual. Paulo “roga” que os crentes respondam (10.1) e esta aparente autodefesa é, na realidade, uma revelação do ministério baseada na fraqueza, e não na força; no serviço, e não na superioridade.

Com base nesta surpreendente explicação da natureza da liderança do novo concerto, Paulo convoca seus leitores a se “examinarem”, e expressa a confiança de que, quando eles o fizerem, serão aprovados no teste, ao reconhecerem que

Cristo, verdadeiramente, estava falando por meio dele, não por meio dos falsos profetas da Palestina, que baseavam suas reivindicações em visão completamente diferente, tanto do ministério quanto da autoridade do líder.

A AUTORIDADE DE UM APÓSTOLO

O problema com a interpretação sugerida aqui é que ela parece ser negada pelo fato de que Paulo adverte os coríntios muito severamente. Paulo afirma muito claramente: “Já anteriormente o disse, e pela segunda vez o digo, como quando estava presente; mas agora, estando ausente, o digo aos que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não lhes perdoarei” (13.1,2). Um pouco adiante, ele diz: “escrevo essas coisas estando ausente, para que, estando presente, não use de rigor” (13.10).

Pela leitura destes versículos, parece que Paulo abandonou seu comprometimento anterior de modelar, ensinar e pedir, e voltou-se a ameaças de punição (cf. 10.6). Assim, parece que a autoridade espiritual inclui, verdadeiramente, o direito de exigir submissão, como também de existir como posição de influência sobre o povo de Deus.

Pelo menos, assim pareceria, se Paulo não tivesse acrescentado uma frase final ao seu aviso, e em seguida uma explicação. Paulo disse: “digo aos que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não lhes perdoarei”, mas então acrescenta, “visto que buscais uma prova de Cristo que fala em mim”. A seguir, Paulo diz: “[Cristo] não é fraco para convosco; antes, é poderoso entre vós” (13.2,3).

O que Paulo fará para punir aqueles que se recusam a responder positivamente aos seus gentis ensinamentos? Nada! Ele não precisa fazer nada! O fato é que sendo apóstolo, indicado pelo Senhor, cujo kanon inclui Corinto, Cristo está falando por meio dele. Se os coríntios deixam de responder, não é Paulo que está sendo rejeitado, mas o Senhor! Desta forma, afirma Paulo, é Cristo quem lidará com os pecadores; e Ele não é fraco para lidar convosco... Mas, é poderoso entre vós.

O verdadeiro líder espiritual não precisa de recursos coercivos. O verdadeiro

líder espiritual, convocado por Deus, indicado para um ministério e responsável para cuidar e orientar um povo, é aquele por meio de quem Jesus está trabalhando. A pessoa que permanece sem responder positivamente, quando este líder compartilha a verdade de Deus, que são as Escrituras, deve prestar contas a Jesus e não ao líder.

E certamente o fará.

Aplicação. A liderança espiritual na igreja de Jesus Cristo é papel desafiador, não somente para o líder, mas também para toda a congregação. Freqüentemente nossa visão de liderança é terrena, e tem muito mais em comum com a abordagem dos críticos de Paulo do que com a abordagem que Paulo esquematiza nesta epístola.

Há outras passagens que também devemos explorar para desenvolver uma teologia de liderança apropriada, como por exemplo: As palavras de Jesus sobre o serviço, encontradas em Mateus 20. A instrução que Paulo dá a Timóteo e a Tito para a escolha de líderes, que de tantas formas é semelhante a Atos 6. As palavras do autor da carta aos hebreus sobre como devemos responder aos líderes que Deus nos dá. A visão sobre o papel dos indivíduos talentosos no corpo, encontrada em Efésios 4. A exortação em 1 Pedro 5 àqueles que cuidam do rebanho de Deus.

Mas, certamente, todo o livro da segunda carta aos coríntios é crítico para compreendermos não somente o papel do líder, mas também como o líder deve ministrar para despertar o melhor no povo de Deus, e como não deve ser o relacionamento de um líder, que está em contato com a natureza do ministério do novo concerto, com uma congregação que ele é convocado a edificar e não destruir.

O Evangelho

EXPOSIÇÃO

-

A carta aos Gálatas é uma defesa breve e poderosa do evangelho como Paulo o pregava. Seus oponentes são judaizantes – homens de ascendência judaica convencidos de que, para ser cristã, uma pessoa deveria não somente aceitar a Cristo, mas também aceitar a circuncisão e observar a Lei de Moisés. Quase tão rapidamente como os evangelistas espalhavam o cristianismo entre os gentios no vasto império romano, os judaizantes visitavam as igrejas jovens e introduziam seus ensinos corruptos.

Esta carta provavelmente foi escrita a igrejas que Paulo fundou na província romana da Galácia, em sua primeira viagem missionária – cidades como Antioquia da Pisídia, Icônio, Derbe e Listra (Atos 13–14). Embora a época da escrita seja muito discutida, parece muito provável que Paulo a tenha escrito pouco tempo depois do Concílio de Jerusalém, relatado em Atos 15. Neste curto livro, ele responde a

três conjuntos de acusações levantadas pelos judaizantes: (1) que não era um dos apóstolos originais e não reflete a visão daqueles que conheceram pessoalmente a Jesus, capítulos 1–2; (2) que seu evangelho não é o verdadeiro, porque ele deixa de lado a Lei de Deus, capítulos 3–4; (3) que seu evangelho deve conduzir à perda da vida, pois a lei é a proteção do homem contra a imoralidade, capítulos 5–6. Nenhuma destas acusações é verdadeira. E a resposta de Paulo, em particular às duas últimas acusações, constitui, com a carta aos Romanos, a mais clara exposição da natureza das boas novas da salvação em Jesus Cristo.

Paulo responde ao primeiro grupo de acusações contando a história da sua vida e o relacionamento com os 12 apóstolos. Depois de breve saudação (1.1-5), e da expressão de choque por saber que as igrejas da Galácia haviam, tão rapidamente, sido influenciadas por um "outro" evangelho (1.6-10), Paulo inicia sua defesa. Seu desejo é esclarecer que, em lugar de ser dependente de qualquer autoridade humana, recebeu tanto seu chamado quanto seu evangelho diretamente do Senhor (1.11-24). Paulo então prossegue contando a respeito de seu relacionamento com os outros apóstolos. O apóstolo levou diante dos doze, nas reuniões particulares que eram realizadas

paralelamente às sessões públicas do Concílio de Jerusalém... “O evangelho que prego entre os gentios”. Os doze nada acrescentaram ao ensinamento de Paulo, nem dele subtraíram nada, mas reconheceram sua comissão para liderar a obra entre os gentios, da mesma maneira como Pedro foi comissionado para liderar a obra entre os judeus (2.1-10).

A seguir, Paulo conta uma história que ilustra dramaticamente sua reivindicação de ter a mesma reputação que os doze de Jerusalém. Quando o próprio Pedro, em visita a Antioquia, deixou de andar “conforme a verdade do evangelho”, Paulo confrontou-o “na presença de todos”. E o confrontou sobre o mesmo tema que os judaizantes estavam levantando: forçar os gentios a seguir costumes judaicos, como se a salvação fosse questão de observar a Lei! (2.11-15). Citando suas próprias palavras, Paulo afirma a verdade central, e maior maravilha do cristianismo: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Qualquer afastamento desta grande realidade em direção à Lei, na verdade deixa de lado a graça de Deus, e torna a morte de Cristo sem sentido (2.16-21).

A carta de Paulo é mais curta do que poderíamos

desejar. E certamente estes dois primeiros capítulos deixam muitas questões biográficas sem resposta. Exatamente quando Paulo foi a Jerusalém? O que acontecia naquelas reuniões em particular com os doze? O que Pedro disse, e fez, depois que Paulo o confrontou? Mas Paulo não está preocupado aqui em responder às nossas perguntas. Ele tem em mente um objetivo claro, e se concentra nele. Paulo realmente prega o verdadeiro evangelho. Ele o recebeu de Deus, foi confirmado pelos doze e pelos anciões de Jerusalém. E, em lugar de estar subordinado aos doze, ele é igual a eles no apostolado, como demonstrado em sua ousada confrontação de Pedro quando este errou.

ESTUDO DA PALAVRA

Paulo, apóstolo – não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai (1.1). A primeira preposição, apo, indica a origem, ao passo que a segunda, dia, indica o meio ou o agente. As primeiras palavras de Paulo, portanto, afirmam fortemente seu apostolado e, na verdade, afirmam: o Senhor ressuscitado e Deus Pai me comissionaram diretamente como apóstolo, e eu não devo esta posição nem aos homens, nem dependo dos homens para o conteúdo do meu evangelho.

É verdade que Paulo era único, como também o era o apostolado particular que somente ele compartilhava com os doze. Entretanto, sua confiança de que foi Deus quem o chamou e capacitou, é algo que cada um de nós pode compartilhar

enquanto estivermos conscientes de caminhar de acordo com a vontade de Deus.

O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau (1.4). “Livrar” aqui é exeletai. Paulo não diz que devemos ser removidos da sociedade, mas que devemos ser resgatados da corrupção vinda através de sua influência maligna. A era atual – sugerindo que ela é passageira e temporária – é caracterizada como poneros, “mau”. Esta palavra, em contraste com a mais filosófica kakos, denota maldade e rebelião ativa contra a vontade de Deus. Poneros é usada para descrever o caráter de Satanás (Ef 6.12) e também o caráter de uma humanidade que não somente está perdida como também é depravada (Mt 15.18,19; Mc 7.21-23).

Consideremos, portanto, como é grande a salvação que Jesus oferece. Jesus nos resgata, não somente da influência corruptiva da sociedade em que vivemos, mas também do poneros interior! Como é errada a acusação dos judaizantes de que o evangelho que Paulo prega leva à imoralidade. A transformação moral depende da obra de Cristo dentro de nós, não de leis, ou regras que qualquer pessoa pode construir externamente.

A Experiência Cristã: Passado, Presente, Futuro.

Passado: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também” (Ef 2.1-3).

Presente: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (Ef 2.4-6).

Futuro: “Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, por sua benignidade para conosco em Cristo Jesus” (Ef 2.7).

Passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro (1.6,7). Em grego, há duas palavras freqüentemente traduzidas como “diferente” ou “outro”: allos, que indica outro do mesmo tipo, e heteros, que indica outro que é basicamente diferente daquilo com que é comparado. Os gálatas, ao ouvir a versão do Evangelho dos judaizantes, estavam abandonando a verdade por um sistema que “não é Evangelho”. Nesta carta, Paulo está tratando da verdade essencial – a verdade que é central para o significado da morte de Cristo por nós, e central para a nossa libertação do poder do mal.

A confusão sobre a verdadeira natureza do evangelho é uma das mais sérias ameaças ao cristianismo moderno também. Qualquer “evangelho” que misture obras com fé, ou que confunda liberdade com abuso, é um evangelho sem poder que desapontará aqueles que o aceitarem.

Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema (1.8). A palavra anathema normalmente é traduzida como “amaldiçoado”, e está intimamente relacionada com o conceito do AT de dedicar as cidades capturadas ou os saques à destruição. Desta forma, a palavra indica dedicar um objeto ou uma pessoa a Deus para um julgamento que certamente resultará em sua condenação.

Esta expressão tão enérgica não é usada somente uma vez, mas duas (1.9), indicando a intensidade da reação de Paulo ao “evangelho” pregado pelos judaizantes. Esta não é uma questão de menor importância. Uma vez mais vemos que a confusão sobre o caráter essencial do evangelho é altamente destrutiva, e deve ser esclarecida custe o que custar.

Como é importante, portanto, que este pequeno livro exista. Se alguém estiver confuso, a carta aos Gálatas certamente definirá as questões e esclarecerá o

verdadeiro evangelho.

Persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? (1.10). Este versículo serve como uma transição. Paulo foi acusado de ocultar a verdade, de tornar o evangelho “fácil” e, portanto, mais agradável aos seus ouvintes. Basicamente, os judaizantes argumentavam que eles estavam interessados na aprovação de Deus – como provado por sua insistência de que os gálatas deveriam observar uma Lei da qual Paulo os libertava ligeiramente. As palavras atuais de Paulo aos gálatas, severas, e alguns poderiam julgar até mesmo ásperas, deixam claro que ele não está “agora” (um toque de ironia) inclinado a tentar agradar os homens em lugar de agradar a Deus. À medida que Paulo prossegue escrevendo sobre seu histórico, fica cada vez mais claro que ele sempre esteve comprometido em agradar ao Senhor, e em cumprir sua comissão apostólica.

Não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo (1.12). A questão levantada aqui é a respeito de como a verdade é transmitida.

“Receber” é parelabon, que Paulo pode usar aqui em um sentido técnico. Sendo assim, essa palavra descreve a maneira como os rabinos memorizavam cuidadosamente as interpretações e expansões tradicionais da Lei, feitas pelos sábios antigos – as “tradições dos anciãos”, que Jesus tão fortemente houvera criticado (Mt 15.1-9). No mundo helênico, a antiguidade era vista como um teste da validade de uma religião. Muitos romanos, embora ridicularizando alguns costumes judeus, ainda encaravam o judaísmo como uma religião válida, porque suas raízes possuíam mais de dois milênios de existência. Sem dúvida, uma das bases dos judaizantes para as reivindicações seria a de que as regras que eles insistiam que os convertidos de Paulo deveriam seguir haviam sido “recebidas” em um processo histórico válido.

“Aprender” é edidachthen, que olha para o presente e não para a transmissão histórica. Os gálatas haviam aprendido o evangelho com os ensinamentos de Paulo. Um agente humano estava envolvido. Mas Paulo está prestes a afirmar

que nenhum agente humano esteve envolvido na transmissão do evangelho a ele!

“Revelação” é apokalupsis, a mais significativa entre as palavras da Bíblia para a comunicação de Deus com os seres humanos. Esta palavra, no século I, continha pouco significado religioso. Desta maneira, como acontecia freqüentemente, os primeiros cristãos tomaram um termo religiosamente neutro e o encheram de significado teológico exclusivo. Embora esta palavra tenha diversas aplicações diferentes, a expressão que a define é Iesou Christou. O nome está no caso genitivo, e pode ser objetivo ou subjetivo. Desta forma, o texto pode significar “revelação sobre Jesus Cristo”, indicando que Ele foi o objeto da revelação, ou, no caso de um genitivo subjetivo, “revelação de Jesus Cristo”. A versão NVI escolhe corretamente de, pois a questão que Paulo levanta aqui é sobre a origem do evangelho que está sendo pregado.

Paulo coloca a questão muito claramente. Estes judaizantes podem apelar para as tradições de seu povo. Eles podem reivindicar ter aprendido seu evangelho com os mestres da igreja de Jerusalém. Mas o apóstolo Paulo recebeu o seu do próprio Senhor Jesus!

Em quanto tempo isto foi reconhecido pelas igrejas, e em quanto tempo os textos de Paulo receberam o status de Escrituras – o mesmo status que têm os livros canônicos do AT? O testemunho não vem somente dos primeiros textos dos patriarcas da igreja, mas também do apóstolo Pedro! Pois, escrevendo em (2 Pe 3.15,16), esse apóstolo menciona os textos de “nosso amado irmão Paulo” e fala sobre aqueles que distorcem suas cartas e que “torcem igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição”.

Excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais (1.14). Todos os meninos judeus deveriam aprender passagens básicas da Bíblia e memorizar capítulos dos livros de Moisés. Desta maneira, o conhecimento da Bíblia era transmitido. Mas este era somente o primeiro estágio do estudo que era seguido por outros estágios. Podemos calcular a proporção que prosseguia com o seguinte provérbio, que reflete uma época posterior, mas ainda significativa, citado na introdução à edição Steinsaltz do Talmude: “Mil entram para estudar a Bíblia, cem para estudar a Mishna, dez para estudar a Gemara e um para ensinar”.

No século I, o fato de Paulo estudar com Gamaliel, fundador de uma das duas mais importantes escolas interpretativas do judaísmo do século I, indica que ele verdadeiramente “excedia em judaísmo a muitos judeus de sua idade!”

Qual a importância disto no judaísmo? Nós podemos perceber algo sobre o fundamento desta reivindicação, observando a estrutura extremamente hierárquica do judaísmo na Palestina, durante o período Talmúdico (200-500 d.C.), o qual preservava suas raízes no período Mishnaico anterior (30 a.C. - 200 d.C.). Somente uma minoria seleta de alunos era ordenada como rabino e entrava na aristocracia erudita. Mesmo dentro deste pequeno grupo, havia uma rígida hierarquia. Por exemplo, nas reuniões do Sinédrio de 23 ou de 71, os estudiosos sentavam-se seguindo uma ordem fixa, definida segundo o lugar dentro da hierarquia. Era comum que tais estudiosos assinassem sua correspondência indicando seu lugar na fila: “o terceiro” ou “o sexto”.

Paulo... “hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3.5,6), certamente teria alcançado o nível mais alto dentro do judaísmo – um ponto que ele não hesita em afirmar, ao refutar os judaizantes que estão corrompendo as igrejas na Galácia.

Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou por sua graça (1.15). A palavra grega é koilias, “desde o útero”. A idéia é que Deus separou Paulo desde antes do seu nascimento. A mesma idéia é expressa ainda mais claramente em Jeremias 1.5, onde Deus diz: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saísses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta”.

Sem dúvida, Paulo faz aqui um paralelo consciente entre seu chamado e o de Jeremias. Não somente o Evangelho que ele prega veio de Deus, como também ele mesmo foi escolhido por Deus para a missão de pregá-lo!

Em nossos dias existe outra implicação vital desta passagem. Apesar da evidência médica de que um feto é um ser totalmente independente, com sua

exclusiva identidade cromossômica, as pessoas pró-aborto continuam a afirmar que o aborto é um direito de uma mulher que pode decidir o que quer fazer “com seu próprio corpo”. Mas desde o útero, muito tempo antes do nascimento, Deus reconheceu a Jeremias e a Paulo como indivíduos únicos, e Ele escolheu cada um deles para uma missão especial na vida.

Quantos servos potenciais de Deus são hoje em dia brutalmente removidos do útero, com seus direitos como seres humanos independentes violados, por razões que são – freqüentemente – completamente egoístas? Deus conhece os que ainda não nasceram como indivíduos, como pessoas que um dia terão nomes que reconhecerão sua existência independente. Precisamos orar para que, em breve, os que já foram gerados, mas ainda não nasceram, sejam semelhantemente reconhecidos por nossos tribunais e por nossa gente.

Depois, passados catorze anos, subi outra vez a Jerusalém (2.1). Os estudiosos discordam quanto à cronologia da visita. Parece mais provável que Paulo esteja referindo-se à viagem que fez a Jerusalém, para apresentar diante do Concílio de Jerusalém a questão que discute nesta carta.

Embora não mencione as reuniões públicas citadas em Atos 15, sem dúvida, houve reuniões privadas com os líderes da igreja, como está descrito aqui. O fato de a decisão do Concílio não ser mencionada também é compreensível, em vista de as concessões, que o Concílio pediu, serem mal interpretadas pelos gálatas nesta ocasião.

Paulo não deseja introduzir uma questão externa, mas, sim, manter o foco no problema central: tanto a experiência cristã quanto a salvação são questões de fé e não de lei.

Supondo que a visita mencionada aqui, seja a mesma viagem de Paulo para o Concílio de Jerusalém, podemos fazer o seguinte esquema geral de sua vida e de seu ministério:

34 d.C.	Conversão
36 d.C.	Ida a Tarso, para os anos “em silêncio”
46 d.C.	Ida a Antioquia
47-48 d.C.	Primeira viagem missionária
48 d.C.	Concílio de Jerusalém (Atos 15)
49 d.C.	Escreve a carta aos gálatas
50-51 d.C.	Segunda viagem missionária
53 d.C.	Começa a terceira viagem missionária
59 d.C.	Viagem a Roma
64 d.C.	Martírio

Mais uma vez, a cronologia não é exata. Mas a cronologia não é a questão. O que Paulo deseja mostrar é que, embora seu evangelho não dependa de nenhuma maneira dos outros apóstolos, eles ouviram e confirmaram seus ensinamentos, e aprovaram sua comissão divina como apóstolo para os gentios.

Mas nem ainda Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se (2.3). A circuncisão era a marca física da inclusão no concerto de Abraão, e já existia antes da Lei (Gn 17.14). Os judaizantes insistiam que os convertidos a Cristo deveriam ser primeiramente circuncidados, e então observar a Lei Mosaica. Basicamente, seu ensino era "creia em Jesus, torne-se um judeu e observe a Lei de Moisés, e você será salvo". Paulo lidará com a Lei no capítulo seguinte. Aqui, ele refuta a noção ensinada pelos líderes de Jerusalém sobre a necessidade de circuncisão dos convertidos gentios. A prova? Eles nem mesmo exigiram isso de Tito – que fazia parte da equipe missionária de Paulo! Como então exigiam que os gálatas e outros cristãos gentios fossem circuncidados?

É importante ver neste parágrafo os três grupos que Paulo define. Há Paulo, Barnabé e Tito, representando o Partido de Liberdade. Há os "falsos irmãos", (2.4) infiltrados no movimento com o intuito de "nos porem em servidão", o Partido da Escravidão. E, também, há "aqueles" (2.6), definidos em (2.9) como "Tiago, Cefas (Pedro) e João, considerados colunas".

Deu-se simplesmente o caso de que, ao lançar-se disputa, os apóstolos e colunas da igreja de Jerusalém ficaram completamente ao lado do apóstolo Paulo.

Isto não comprova a correção de Paulo, pela simples razão de que sua comissão vem de Deus, não de Jerusalém. Mas, esta experiência tira a razão dos judaizantes de Jerusalém. Os líderes da igreja nunca estiveram de acordo com eles, mas, desde a primeira explosão do evangelho no mundo gentio, ficaram ao lado de Paulo!

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Paulo Confronta Pedro (2.11-21).

Contexto. É difícil para nós compreendermos a intensa pressão que deve ter sido posta sobre Pedro e Barnabé pelos cristãos judeus em Jerusalém. O fato de eles serem "da parte de Tiago" (2.12) sugere que dificilmente poderiam ser classificados juntamente com os "falsos irmãos" (2.4) que se opuseram a Paulo na época do Concílio de Jerusalém.

É mais provável que estes representantes "da parte de Tiago" fossem um comitê muito parecido com aquele liderado pelo próprio Pedro, que fora verificar as notícias de uma grande renovação em Samaria (Atos 8.14). Nenhuma indicação há, no texto, de que esta delegação se opusesse à renovação em Antioquia. Em lugar disto, vemos que estes homens eram membros do "grupo da circuncisão" – judeus observadores que, antes de sua conversão, teriam estado entre os haber, aqueles que se dedicavam ao cumprimento da lei em cada detalhe da tradição; em contraste com os am haares, a população judaica em geral, que observava a lei, mas não tão escrupulosamente.

Sem dúvida, pessoas com este histórico não teriam tido disposição para comer com os gentios convertidos a Cristo. Não necessariamente porque duvidassem de sua conversão, mas porque se tratava de gentios.

Isto fica claro pelas regras da Mishnah que tratam do relacionamento entre um judeu haber e um am haares. Por exemplo, de acordo com Tohorot 7:4, se a esposa de um haber permitisse que a esposa de um am haares moesse grãos em sua casa, a casa seria impura – se cessasse o som das pedras de moer. Por outro lado, se o som não cessasse, a casa somente seria impura onde os am haares pudessem alcançar e tocar.

Naturalmente, se houvesse duas am haares moendo, e a esposa do haber as deixasse sozinhas, a casa seria impura, mesmo se o som não cessasse, pois, de acordo com o rabino Meir, "uma mói e a outra bisbilhota".

Conhecendo estes pensamentos, podemos ver por que os membros deste grupo desaprovavam firmemente qualquer fiel judeu que ousasse realmente comer com um cristão gentio. Sem necessariamente dizer uma palavra, mas com olhares chocados e condenatórios, tais pessoas exerciam imensa pressão sobre os cristãos judeus na igreja basicamente gentílica de Antioquia.

E, naturalmente, isto foi exatamente o que aconteceu. Sob pressão, Pedro, os outros judeus, e "até Barnabé" (2.13) foram extraviando-se e abandonaram seus irmãos e irmãs, gentios, em Cristo.

Em certo sentido, isto era insignificante e irrelevante. Em outro, era de vital importância, um ato que distorcia simbolicamente a própria mensagem do evangelho, e corrompia a unidade do corpo de Cristo, introduzindo potencialmente aquelas mesmas distinções hierárquicas que dividiam o judaísmo contemporâneo em grupos freqüentemente hostis e competidores. Talvez ainda mais sério, este ato simbólico, tão em desacordo com "a verdade do evangelho" (2.14), certamente, levaria, com o tempo, a uma negação da justificação exclusiva pela fé e transmutaria o cristianismo de um evangelho de graça em um evangelho de obras; da mesma forma como o AT fora transmutado no judaísmo de uma religião de justiça baseada na fé, em religião que, falsamente, prometia uma justiça supostamente obtida pelas obras da Lei.

Portanto, não é de admirar que Paulo, vendo a questão claramente, se opusesse abertamente a Pedro, e argumentasse que os crentes devem viver tanto quanto crer em uma justificação dependente somente da fé.

Interpretação. O breve relato de Paulo sobre o incidente cobre somente os pontos principais de sua confrontação com Pedro.

Pedro "aparta-se" dos cristãos gentios (2.11-13).

Paulo confirma a justificação pela fé (2.14-16).

Paulo defende a justificação pela fé contra a acusação de antinomianismo (2.17-

21).

Pedro “Aparta-se” dos Cristãos Gentios. O Contexto acima nos ajuda a entender as pressões dos colegas que levaram não somente Pedro como também outros cristãos judeus da Antioquia a “se apartarem” dos crentes gentios.

Observar que Pedro “temia” (phoboumenos) os gentios, e o fato de acusá-lo de hipócrita por se afastar destes irmãos e irmãs, preocupou os teólogos católicos. Alguns supuseram que Paulo está falando de um Pedro diferente, ou que a confrontação foi “encenada” para esclarecer alguma verdade do evangelho para os crentes da Antioquia. Afinal, não havia o próprio Deus mostrado a Pedro que agora os gentios haviam sido “purificados?” (Atos 10.15). E não havia Pedro, ousadamente, confirmado esta verdade, em face de severas críticas, depois de entrar na casa de Cornélio? (At 10–11) Não parece possível que Pedro, o príncipe dos apóstolos e reconhecido líder do doze, abrisse mão desta posição!

Na verdade, está envolvido algo bem diferente. O tempo do verbo nos diz que antes que os homens viessem da parte de Tiago, Pedro costumava comer regularmente com os crentes gentios. Uma coisa era que a igreja primitiva judaica concordasse que os crentes gentios estavam livres das obrigações concernentes à Lei de Moisés. Outra coisa, completamente diferente, era que a igreja primitiva concordasse que os crentes judeus não mais tivessem a obrigação de observar a Lei de Moisés.

Foi este problema que Pedro, o “apóstolo da circuncisão” (2.8), estava despreparado para enfrentar. Em particular, ele estava disposto a comer com os gentios, violando, desta forma, a interpretação contemporânea da lei judaica. Mas, quando os haber de Jerusalém vieram a Antioquia, ele se retirou “temeroso”.

Não é necessário dar a pior aparência ao temor de Pedro e supor que ele simplesmente não estava disposto a suportar críticas. Podemos dar-lhe o crédito do melhor dos motivos: a preocupação de que, se o rumor que ele não observava a Lei se espalhasse, perderia toda a credibilidade na comunidade judaica e, em decorrência disto, seu futuro ministério seria prejudicado. Quaisquer que tenham

sido os motivos de Pedro, sua retirada levou outros judeus na igreja da Antioquia, e até mesmo Barnabé, a seguirem o seu exemplo e a se afastarem dos crentes gentios.

Quaisquer que tenham sido os motivos de Pedro, suas ações criaram uma divisão no corpo de Cristo, e não somente isto, elas não estavam de acordo com a "verdade do evangelho" (2.14).

O incidente serve como um importante lembrete. Se Pedro era tão vulnerável a ponto de temer o que poderiam pensar e fazer os outros, e assim agir hipocritamente, você e eu com certeza também somos vulneráveis. Como é vital que provemos cada uma de nossas ações, para nos certificarmos de que estamos "andando conforme a verdade no evangelho!" Devemos praticar a verdade, além de acreditar nela e proclamá-la.

O versículo 13 deixa claro que a ação de Pedro teve um impacto nos cristãos gentios da Antioquia, e também nos cristãos judeus de lá. Enquanto Pedro estava vivendo "como os gentios" (2.14), seu exemplo deixava claro à igreja predominantemente gentílica que a Lei judaica era irrelevante para a vida em Cristo. Mais tarde, ao separar-se deles, reverteu sua influência moral e, na verdade, "obrigou-os" (anankazo, "insistiu, compeliu") a seguirem os costumes dos judeus. Suas ações não só implicaram que os costumes judaicos eram espiritualmente superiores, mas também que a unidade da igreja poderia ser preservada se os gentios também os adotassem.

Paulo Confirma a Justificação Pela Fé (2.14-16). Agora Paulo faz um breve resumo do que disse quando confrontou Pedro "na presença de todos". Pedro e os outros judeus sabiam bem que "o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo" (2.16).

Esta verdade é afirmada nada menos que três vezes. "Temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei". E ainda "pelas obras da lei nenhuma carne será justificada".

Há três palavras essenciais aqui: fé, lei, e justificado. "Justificado" é uma palavra legal, que na linguagem da corte significava ser declarado inocente, ou não

culpado. É o oposto de ser declarado culpado, ou ser condenado.

“Fé” é uma palavra religiosa que no seu sentido cristão significa “colocar a confiança em”. Plenamente convencida da fidelidade de Deus, uma pessoa crê “em” (eis) Cristo, comprometendo-se com o Senhor e confiando completamente em Jesus para a salvação.

“Lei” aqui é basicamente a Lei de Moisés, mas mais que isso, é a interpretação feita por Israel daquela Lei, que assumia que ao observá-la uma pessoa poderia ser justificada diante de Deus.

Paulo, agora, lembra Pedro e os outros judeus de que eles sabem que um homem não é, nem pode ser, justificado pela observância da Lei, ao passo que uma pessoa pode ser, e será, justificada pela fé em Jesus Cristo. Além disso, e aqui uma vez mais, Paulo está falando com os judeus que seguiram Pedro em sua hipocrisia: “[nós] temos também crido em Jesus Cristo”.

Voltar a observar os costumes judaicos neste contexto de uma igreja gentílica fatalmente confundirá a verdade da justificação somente pela fé, e implicará que a observância da Lei de Moisés é algo essencial ao cristianismo.

Qual é a importância do princípio da justificação somente pela fé? Ele é tão importante que o próprio Pedro teve que ser confrontado quando seus atos somente deram a entender que a Lei tinha alguma coisa a ver com a salvação.

Paulo não é contrário à Lei. Em Romanos 7, ele deixa muito claro que a Lei, em seu papel como um revelador do caráter de Deus, é santa, justa e boa. Mas a Lei não tem nada a ver com a justificação, e nós devemos ter muito cuidado em não fazer nada que possa implicar que ela tem!

Paulo Defende a Justificação Pela Fé Contra a Acusação de Antinomianismo. Não se sabe ao certo se Paulo continua a citar o conteúdo de suas palavras a Pedro ou se neste ponto ele deixa de citar e passa a dirigir-se aos gálatas. No entanto, fica claro que Paulo passou do ataque à defesa, e que ele se defende contra a acusação – ouvida, repetidas vezes, durante os séculos de nossa era – de que a justificação pela fé deve levar à perda da vida.

Comentaristas propuseram inúmeras interpretações para o versículo 17. Pode-se supor que ele argumenta que mesmo que os cristãos pecassem depois de serem justificados pela fé, isto não faria do cristão um promotor do pecado. Mas isto parece irrelevante ao tema de Paulo na carta aos gálatas, e ao argumento que ele desenvolveu. A melhor interpretação mantém o foco na questão da justificação pela fé em lugar da Lei, e na suposição dos judaizantes de que sem a Lei aqueles que procuram a justificação pela fé iriam pecar e, portanto, a doutrina faria de Cristo um promotor do pecado. A resposta de Paulo à acusação é: os legalistas entendem errado, completamente, as implicações da justificação!

No versículo 18, Paulo destaca que uma pessoa justificada pela fé, que abandona o princípio da fé para retornar à Lei como uma maneira de relacionar-se com Deus, estaria provando que seria uma transgressora. Afinal, como Paulo escreverá mais tarde na carta aos romanos, a pessoa que tenta observar a Lei está destinada a fracassar e assim demonstrar que é pecadora (Rm 7.21-24). Somente aquele que vive “segundo o Espírito” (8.4) é capaz de cumprir “a justiça da lei” e, desta forma, romper a rede que o pecado teceu ao redor de todos os seres humanos.

Com isto tendo sido entendido, Paulo apresenta a dinâmica positiva que possibilita ao crente, e somente a ele, viver uma vida justa. Não é a Lei, mas sim Cristo que nos liberta. A pessoa que crê em Cristo é capaz de viver para Deus, porque o crente é crucificado com Cristo, e agora Cristo vive nele. A fé não somente justifica, a fé vivifica e traz um resultado precioso: “A vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus”. O cristão deve viver pela fé, pois um retorno à Lei como base, seja para justificação ou para um auxílio à vida cristã, nos separa do Senhor, e torna a graça de Deus irrelevante.

Concluindo seu resumo, Paulo chama a atenção para um último ponto. Se a justiça pudesse ser alcançada por meio da Lei, a morte de Cristo teria sido desnecessária. O fato de Cristo ter de morrer deixa claro que a lei é impotente para salvar ou aliviar.

À medida que a carta desenrola-se, veremos que o relato deste incidente, feito por Paulo, é essencial para seu argumento. Paulo não está contando a história somente para fundamentar sua reivindicação de independência e igualdade apostólica com os doze. A história serve como uma transição para o núcleo da defesa que Paulo faz de seu evangelho contra os judaizantes.

O retorno de Pedro aos costumes judaicos obscureceu verdades básicas do evangelho que precisam ser afirmadas. E Paulo continuará a afirmá-las poderosamente. Nos capítulos 3 e 4, Paulo explorará em profundidade a natureza e as inadequações da Lei Mosaica como um caminho de salvação e como um auxílio para a vida cristã. Nos capítulos 5 e 6, Paulo confrontará diretamente a acusação de que a liberdade em relação à Lei resulta, obrigatoriamente, em pecado. Como Paulo demonstrará, a questão não é a Lei, mas a natureza do pecado. A solução não é reforçar nenhuma lei, mas “andar em Espírito” (5.16). Somente uma mudança interior, e somente esta mudança operada por Deus nos corações daqueles que crêem em Jesus pode libertar uma pessoa para viver uma vida justa.

Aplicação. Para a maioria de nós, a aplicação mais imediata da história de Paulo sobre sua confrontação com Pedro é pessoal. Somos lembrados de como cada um de nós é vulnerável às pressões impostas por nossos colegas, e aos medos sobre como os outros reagirão se nos comportarmos de maneira que eles não esperam.

Mas, talvez, exista uma lição ainda maior aqui. Pedro agiu aparentemente sem estar ciente de que seu comportamento estava, na verdade, negando verdades em que ele mesmo acreditava. Paulo, no entanto, viu as implicações das ações de Pedro, e a distorção do Evangelho implícita naquilo que Pedro estava fazendo.

EXPOSIÇÃO

-

Paulo fez um breve relato sobre uma ocasião em que ele desafiou o apóstolo Pedro por deixar de andar "conforme a verdade do Evangelho" (2.14). Sob a pressão de um grupo recém chegado de judeus cristãos de Jerusalém, Pedro hipocritamente adotou um modo de vida governado pela Lei Mosaica. Seu ato estava fadado a enviar uma mensagem errada sobre o papel da Lei no cristianismo.

Paulo conta como ele confrontou Pedro, fornece uma curta afirmação sobre sua posição e usa isto como um trampolim para uma análise cuidadosa do papel e das limitações da Lei.

Paulo inicia sua análise com uma expressão de sua frustração. Como a tradução de J. B. Phillips apresenta, Paulo explode: "Ó, queridos tolos da Galácia!" Para Paulo, parece incompreensível que os gálatas tenham abandonado tão rapidamente a confiança no Espírito, que tanto fizera por eles, para

tentar atingir objetivos espirituais por meio do esforço humano (3.1-5). Paulo chama a atenção para Abraão, e lembra seus leitores de que o princípio da fé também está enraizado no AT (3.6-9). E esse mesmo AT deixa claro que a Lei traz uma maldição, e não uma bênção. Cristo assumiu essa maldição por nós, para que Ele pudesse tornar as bênçãos dadas a Abraão disponíveis aos gentios por meio do mesmo caminho pelo qual Abraão as recebeu – a promessa de Deus, da qual nos apropriamos pela fé.

Os judaizantes serão rápidos em argumentar contra esta interpretação do AT. E assim, Paulo dirige sua atenção às severas limitações que as próprias Escrituras atribuem à Lei Mosaica. Embora a "fé" seja um princípio básico e persistente, a Lei, segundo o próprio AT, é temporária (3.19,20). Além disso, a Lei é limitada em sua capacidade, pois a Lei não tem a capacidade de dar a vida espiritual (3.21,22). Naturalmente, a Lei nunca teve a intenção de salvar. A Lei não era nada além de um servo do lar, que vigiava os filhos de Deus que ainda não haviam atingido a maioridade (3.23,24), até que Cristo pudesse vir, e a fé conduzisse todos os que crêem a uma filiação completa na família de Deus. Como o pedagogue de Deus, designado para levar seu povo a Cristo, a missão da Lei terminou com a vinda de Cristo. Desta

forma, a Lei já não mais está em vigor, e sua autoridade está anulada no que diz respeito ao crente (3.25–4.7).

Esta questão vai além de um ponto de teologia. Ao se voltarem para a Lei, os cristãos gálatas arriscam-se a ficar aprisionados em um modo de vida que já lhes roubou a alegria e retardou a formação de Cristo dentro de cada um deles (4.8-20). Para provar este ponto, Paulo retorna ao AT, e usando um princípio estabelecido da interpretação rabínica aplica uma história ali encontrada à situação atual. O próprio Deus disse a Abraão que enviasse Ismael, seu filho, com a escrava Agar, para longe das tendas em que habitavam Abraão, Sara e Isaque, que nasceu daquele casal "como filho da promessa [de Deus]". A história exemplifica o que Paulo quer dizer: não há maneira de que possam coexistir na mesma casa o antigo concerto e o novo. Como o povo do novo concerto de Deus, os gálatas devem "lançar fora a escrava e seu filho (a Lei)" e viver somente com aquela promessa, e por ela (4.21-31).

O argumento de Paulo é complexo, mas completo. A experiência, o exemplo, o ensino explícito das Escrituras e até mesmo a interpretação alegórica da história sagrada, testemunham a favor do fato de que

a Lei não tem nenhuma contribuição para uma vida cristã. Além disso, a Lei é prejudicial, e devemos nos livrar de todo o modo de pensar moldado pela Lei se quisermos sentir alegria e crescer na nossa fé.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Ó insensatos gálatas! (3.1). Paulo não usa moros, que indica uma pessoa que é deficiente moralmente ou espiritualmente. A palavra aqui é anoetos, que indica uma pessoa que deixa de exercer seus poderes de percepção.

O cristão fiel tem a capacidade de avaliar adequadamente os assuntos da vida no mundo. O problema é que freqüentemente não nos damos o trabalho de considerar as coisas até seu final lógico.

A Vida Versus a Lei

-

GÁLATAS 3–5 Por que a Lei não é para nós agora? I. A Lei opõe-se à vida (3.1-

Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? (3.3). A palavra é epiteleisthe, “completar”, aqui usada com o sentido de “chegar ao fim”, em contraste com “começar”.

Paulo fica surpreso com a falta de aptidão dos gálatas, porque o assunto está muito bem delineado. A escolha é entre o Espírito e a carne (sarx), entre a fé e as obras.

Não seria necessário pensar muito para perceber que nenhum esforço humano nos traz a vida espiritual. Por que alguém no mundo imaginaria, então, que o esforço humano, mesmo o esforço guiado pela Lei de Deus, teria alguma relação com o viver cristão?

Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé? (3.5). O texto grego apresenta ex akoes pisteos, onde a preposição ex indica um relacionamento causal direto. O uso do particípio presente tanto para “dá” quanto para “opera maravilhas” indica que Paulo continua o contraste entre começar e ir até o fim que apareceu no versículo 3. Tanto a salvação quanto a experiência vital cristã são funções, não da observância da Lei, mas de “crer naquilo que se ouve”.

Nem akoes nem pisteos são independentes aqui. Cada termo é um elemento em um processo contínuo – um processo de ouvir que está ligado à fé, e que é acontece pela fé.

Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão (3.7). Um dos argumentos mais fortes lançados pelos judaizantes reflete-se nas palavras dos fariseus, relatadas em João 9.29: “Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés”.

Partindo desta certeza, os judaizantes argumentaram que, uma vez que a Lei havia sido dada por Deus a Moisés, a Lei deve ser obrigatória a todos aqueles

que procuram agradar a Deus ou relacionar-se com Ele.

Paulo, entretanto, convoca os gálatas a “considerarem Abraão” (3.6). Moisés é honrado como aquele que deu as leis, mas Abraão é honrado como o pai do povo de Deus. Abraão, que era um pagão quando Deus falou com ele, e quando ele creu pela primeira vez, é o homem com quem Deus iniciou esta obra. Assim, Deus indica Abraão, e não Moisés, como o protótipo válido a quem estes convertidos pagãos devem olhar.

Então, qual foi a experiência de Abraão? Muito tempo antes da introdução da Lei, Abraão creu em Deus e sua fé lhe foi imputada como justiça. Mas, em que sentido os que crêem são filhos de Abraão? “Filhos” é huioi, “filhos homens”. Além de identificar os nascidos do sexo masculino, huios pode significar “descendente” e, figurativamente, um relacionamento espiritual. Aqui Paulo diz que existe uma ligação espiritual entre os que crêem hoje e Abraão.

De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão (3.9). O particípio passivo do presente do indicativo aqui enfatiza que eles “estão sendo benditos”. O que Paulo quer dizer é que aqueles que têm fé compartilham a bênção de que Abraão desfrutou. Qual é a bênção que Paulo tem em mente? O texto deixa claro que Paulo concentra a nossa atenção nas bênçãos da justificação pela fé, sem as obras. Isto também é apoiado pelo uso do singular, “a bênção”, em (3.14).

Nós desfrutamos de muitas bênçãos espirituais em Cristo. Mas a bênção definitiva é a de uma salvação que é concedida gratuitamente a todos os que crêem.

Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição (3.10). O texto diz ex ergon nomou, “obras da lei”. Paulo contrasta duas abordagens diferentes da salvação: uma procura a bênção de Deus por meio da fé; a outra reivindica a bênção de Deus com base na realização do que a Lei exige.

Paulo destaca que todo aquele que adotar esta segunda abordagem da religião recebe o oposto da bênção de Abraão – a maldição de Deus.

A maldição é inevitável, pois a Lei exige obediência “perfeita” (3.10), isto é, devemos interpretar a Lei como um todo, não como um grupo de regras separadas e distintas. Da mesma maneira como uma pessoa que usa um alfinete para furar um balão rompe todo o balão, também uma pessoa que infrinja qualquer estatuto estará infringindo toda a Lei.

Dada a natureza unitária da Lei, é impossível que a pessoa que procura relacionar-se com Deus por meio da Lei evite estar sob a maldição como um infrator.

Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós (3.13). A palavra é exagorazo, pagar um preço para comprar e libertar da escravidão.

Mas como Paulo chega à relação que existe entre a maldição sobre aqueles que violam a Lei, e a morte de Cristo? Usando um princípio básico, da interpretação rabínica, chamado gezera savah, “analogia verbal”. Em sua forma mais simples, este princípio significa que, se a mesma palavra ou expressão aparece em passagens diferentes na Torá, pode-se chegar a conclusões com base na similaridade verbal, em lugar da correspondência conceitual.

Aqui Paulo cita dois versículos de Deuteronômio (21.23–27.26), cada um deles começando com uma palavra que tem a mesma raiz verbal (“amaldiçoar”). Paulo usa a “analogia verbal” para conectar os versículos, e mostra que na morte de Cristo na cruz, que estava ligada a uma maldição, Ele tomou sobre Si mesmo a maldição proferida sobre aqueles que deixaram de observar perfeitamente a Lei de Deus.

Por que Ele fez isto? Para que todo o assunto do relacionamento com Deus passe de ser uma questão da Lei a uma questão de fé; de uma questão de obediência aos mandamentos de Deus a uma resposta de fé à promessa de Deus.

Que contraste completo e agudo Paulo desenvolve entre as duas abordagens da salvação! De um lado, Paulo coloca a Lei, a confiança nas obras e a maldição de

Deus. De outro lado, ele coloca a promessa, o ouvir com fé e a bênção de Deus (veja também 3.18).

O que Paulo está dizendo aos gálatas é que nenhum destes princípios é intercambiável. Os gálatas estiveram ouvindo a homens que ligavam a Lei e a confiança nas obras com a bênção, e deixaram de perceber que o que sempre deve acompanhar a Lei e a confiança nas obras não é bênção, mas sim maldição.

As promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua posteridade, que é Cristo (3.16). Tanto em hebraico como em grego “posteridade” (descendência) freqüentemente funciona como um substantivo coletivo. Por que, então, Paulo diz que o objetivo de Deus era singular, e que a referência na verdade é a Cristo?

Se o versículo original fosse interpretado como “prole”, alguns poderiam argumentar que a promessa cumpriu-se em Abraão e nos patriarcas, antes da entrega da Lei. Mas agora Paulo mostra que a promessa é feita a Cristo e, portanto, abrange as épocas anteriores e posteriores à Lei, e por implicação, operou também durante a época da Lei.

E ainda há mais. Uma vez que a verdadeira descendência de Abraão é Cristo, o Filho de Deus, e aqueles que crêem são levados a uma união com Cristo por meio da fé – então nós nos tornamos filhos de Deus por meio dele, e filhos espirituais de Abraão, herdando com Cristo as bênçãos prometidas a Ele por Deus.

[A Lei] foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro. Ora, o medianeiro não o é de um só, mas Deus é um (3.19,20). Gálatas 3.20 foi considerado o versículo “mais obscuro” da Bíblia, e foram apresentadas entre 250 e 300 interpretações diferentes dele. O ponto principal, no entanto, parece claro. A Lei era um instrumento multipartidário e, portanto, o contraste envolvido dependia do desempenho das duas partes.

Por outro lado, a promessa feita a Abraão e sua descendência fora um concerto exclusivo: encerrava o caráter de um juramento ou promessa feita por Deus, e não dependia, de forma nenhuma, do desempenho de Abraão nem de sua descendência.

Logo, a lei é contra as promessas de Deus? (3.21). Paulo mostrou que a Lei, a confiança nas obras, e a maldição de Deus são um sistema completamente diferente daquele da promessa, que consiste em ouvir com fé e receber a bênção de Deus.

Poderia parecer que estes dois sistemas, dos quais não é possível intercambiar nenhum elemento, são opostos entre si. Aqui o texto grego apresenta kata, "contra". Os dois sistemas são completamente diferentes, mas serão incompatíveis? Poderia o mesmo Deus ter sido a fonte, tanto da Lei quanto da promessa?

A resposta de Paulo é que eles não são incompatíveis. A Lei não tem a capacidade de dar a vida (3.21), portanto a Lei claramente não funciona no mesmo campo governado pela promessa, que realmente tem a capacidade de dar a vida. Como, então, a Lei será compatível com a promessa?

Paulo argumenta que toda a humanidade está "encerrada debaixo do pecado" (3.22) e prossegue dizendo que "antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei" (3.23). A palavra synkleio, "trancar juntos", "estar fechados por todos os lados" aparece em cada versículo. Mas, a expressão "estar guardado debaixo da lei" é upo nomon ephrouroumetha, "guardado pela lei". A questão, aqui, é se a guarda é colocada para proteger aqueles que estão encerrados pelo pecado, como alguns argumentam que é a implicação da expressão grega phroureo, ou para mantê-los prisioneiros, como apresenta a NVI.

A resposta é sugerida pela referência que Paulo faz a um paidagogos, um "aio", freqüentemente um escravo da família, que devia tomar conta de uma criança até que ela atingisse a idade da responsabilidade. Como seria irritante para uma criança, ansiosa por sair e brincar, ser "guardada" por seu pedagogo e obrigada a

um padrão de comportamento que o próprio aio normalmente odiava. A imagem aqui não é a Lei educando gradualmente uma criança em direção ao reconhecimento de Cristo, mas a Lei obrigando a criança aos padrões de comportamento que eram contrários à sua natureza, e portanto demonstrando repetidas vezes a natureza do pecado (4.1).

O que a Lei faz, então, é lembrar constantemente o pecador de que ele está "encerrado debaixo do pecado". A Lei grita repetidamente que não há saída – até que alguém se afaste, por esforço próprio, em direção à fé, e repentinamente perceba uma liberdade que o liberta da supervisão da Lei.

Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos (4.4,5). A palavra grega é huiothesian, que geralmente significa adoção. Veja os comentários sobre esta imagem no tópico A Passagem em Profundidade (abaixo).

Qual é, logo, a vossa bem-aventurança? (4.15). A palavra aqui é markarismos, que significa bem-aventurança ou felicidade. A palavra usual para "alegria" no NT é chairo.

O que Paulo afirma aqui é importante. A experiência subjetiva daqueles que são objetivamente abençoados (3.9-14) deveria ser a de uma felicidade abundante. Os gálatas abandonaram a fé como a fonte da experiência cristã, e como resultado perderam seu sentimento de alegria.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Os Filhos de Deus (3.26–4.7).

Contexto. Nesta passagem, Paulo usa duas imagens para transmitir o tremendo impacto de se estabelecer um relacionamento com Deus tendo como base a fé. A primeira imagem é a do herdeiro que atinge a idade adulta. E a segunda é a de uma pessoa que é adotada em uma família romana.

Atingir a idade adulta no século I era extremamente significativo tanto na sociedade judaica como na helênica. No judaísmo, um menino passava da infância à idade adulta com a idade de 12 anos. No mundo helênico, um adolescente tornava-se um adulto aos dezoito anos de idade. Nas duas culturas havia ritos de passagem que ressaltavam a importância do evento.

No judaísmo, um menino tornava-se um "filho da Lei". Antes dessa ocasião, ele tinha uma responsabilidade em relação a seus pais, que por sua vez eram responsáveis por ele. Depois de seu bar mitzvah, o menino aceitava a total responsabilidade por seus próprios atos, e se comprometia a ser obediente à Lei de Deus.

No mundo helênico, o menor tornava-se adulto durante o festival de Apatouria. Também aqui o evento simbolizava a entrada nas responsabilidades do mundo adulto, e o rapaz deixava de ser responsabilidade de seus pais, passando a ser responsabilidade do Estado.

Era costume romano assinalar a passagem com uma festa familiar sagrada, a Liberalia, que acontecia no dia 17 de março e incluía a adoção formal do menino pelo pai. A cerimônia marcava o reconhecimento do menino por parte do pai como seu filho tanto quanto seu herdeiro, e este pai tinha a prerrogativa de estabelecer a idade para a Liberalia do filho.

O importante em todas estas culturas, como Paulo enfatiza nesta passagem, é que sendo criança, nem mesmo um filho possuía mais direitos legais do que um escravo. Além disto, a criança não tinha nenhuma liberdade e nenhum direito para tomar decisões independentes. Mas, depois, a criança adulta desfrutava tanto de responsabilidade quanto de liberdade de decisões.

Pode-se argumentar que, ao desenvolver seu argumento, Paulo só está pensando na cerimônia de entrada na idade adulta. Afinal, a "adoção" fazia parte da cerimônia romana. Ao mesmo tempo, é útil que entendamos algo sobre a adoção tanto de fora da família quanto de dentro. Pois cada adoção possibilitava ao novo

“filho” os mesmos direitos maravilhosos!

Na lei romana, quando uma pessoa era adotada, seus antigos relacionamentos eram cortados e as dívidas e obrigações passadas eram canceladas. O adotado passava a estar sob a autoridade do pai da sua nova família. Por um lado, o pai agora era considerado proprietário das posses do adotado e ganhava o direito de orientar o comportamento do seu novo filho. Além disso, como o pai ficava responsável pelos atos do adotado, ele também adquiria o direito de castigá-lo.

Por outro lado, o filho tornava-se um herdeiro e desta forma, até certo ponto, um proprietário legal de tudo o que o pai possuísse. Ao mesmo tempo em que ele devia obediência a seu pai, o pai aceitava a responsabilidade por seu novo filho, e se comprometia a cuidar do seu sustento.

Que maravilhosa imagem para Paulo utilizar. Ela lembrou os crentes da Galácia que, agora, como filhos de Deus, já não deviam fidelidade a antigos senhores. Tudo o que tinham, e eram, pertencia a Deus, entretanto, em compensação, todos os recursos de Deus eram deles! Deus compromete-se totalmente com aqueles que se tornam seus “filhos” por meio da fé em Jesus Cristo; de nossa parte, nos comprometemos a viver como seus filhos, de modo que em tudo o que fizermos possamos glorificá-lo.

Interpretação. Em Gálatas 3.7, Paulo introduziu a idéia de que por meio da fé os crentes tornam-se a descendência espiritual de Abraão. Agora ele vai ainda mais adiante. Por meio da fé em Jesus Cristo, todos os crentes tornam-se filhos de Deus!

A palavra “filho” aqui não implica gênero, mas é usada com um sentido legal distinto. No mundo do século I, os “filhos” desfrutavam de uma posição legal bem definida e vital que não se transmitia simplesmente pelo relacionamento biológico. Naturalmente, isto era muito familiar aos primeiros leitores de Paulo. Não é familiar a nós, porque nosso sistema legal não tem uma correspondência com aquele sistema.

No entanto, entender o histórico do século I nos permite esquematizar a passagem para que os pontos principais de Paulo sejam enfatizados.

A filiação define a nossa identidade (3.26-29).

A filiação estabelece nossos direitos (4.1-5).

A filiação explica nosso acesso (4.6,7).

A Filiação Define a Nossa Identidade (3.26-29). Quando Paulo escreve que “não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (3.28), ele não está sugerindo que estas importantes distinções sociais do século I deixem de existir. Certamente os cristãos judeus, cuja maioria continuava a observar costumes judaicos, eram diferentes dos gentios por diversas maneiras. E não havia maneira como a conversão eliminasse a divisão social que se abria entre o escravo, que basicamente nenhum direito possuía no império romano, e o homem livre, que detinha direitos. De maneira similar, especialmente em vista de 1 Coríntios 11, Paulo não está sugerindo que todas as diferenças sociais entre homens e mulheres sejam eliminadas.

Paulo está dizendo que nenhuma dessas diferenças pode continuar a ser usada para estabelecer a identidade dos cristãos. Existem cristãos judeus e escravos cristãos. Existem homens cristãos e mulheres cristãs. Mas estas agora são meras palavras descritivas, e nenhuma delas é relevante quando fazemos a pergunta básica: “O que é um cristão?” Paulo agora afirma que a única coisa que resume a identidade de todos os cristãos é o relacionamento que cada um tem com Deus Pai. Por intermédio de Jesus Cristo “todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” (3.26).

Como se observou, a palavra “filhos” indica, no mundo romano, alguma coisa mais importante do que a descendência biológica. “Filhos” é termo legal, e denota a posição de que desfruta um indivíduo depois de ter sido formalmente reconhecido por um pai, adotivo ou natural.

No contexto do raciocínio de Paulo, este argumento conclui sua insistência de

que os cristãos não estão sujeitos à Lei de Moisés. Ele se esforçou muito para mostrar a inadequação e os limites da Lei, e para provar que Deus nunca pretendeu que a Lei cumprisse a função atribuída a ela pelos judaizantes que estavam atormentando os gálatas. Aqui, ele lembra seus leitores de que a Lei nenhuma autoridade possuía mais sobre aquele que houvesse sido reconhecido pelo Pai como seu filho e herdeiro, não mais do que um escravo que deve cuidar para que um menor faça o que o chefe da família exige.

Uma vez estabelecida nossa nova identidade como filhos, chega ao seu final conclusivo nosso antigo relacionamento com a Lei, e ela já não tem mais nenhuma autoridade sobre nós.

A Filiação Estabelece Nossos Direitos (4.1-5). Paulo afirma o que quer dizer quando declara nitidamente o ponto legal central: nem mesmo uma criança, que é potencialmente herdeira das propriedades de seu pai, tem direito legal além de um escravo, até que seja adotado como filho de seu pai.

Agora, Paulo abandona a imagem do pedagogo para falar sobre guardiões (epitropos) e curadores (oikonomos), palavras que eram usadas como sinônimas no século I. O pedagogo cuidava da criança e orientava seu comportamento. Ao passo que os guardiões e curadores cuidavam de sua herança. Eram eles que tomavam as decisões diárias e administravam as propriedades. E a criança, embora todas as propriedades lhe pertencessem, não tinha direito algum de tomar qualquer decisão a esse respeito. Uma vez mais, a analogia é poderosa. A criança menor de idade, aos cuidados de guardiões e curadores, tem tão pouco controle sobre si mesma e sua herança quanto o ser humano, sem Cristo, tem sobre os “primeiros rudimentos do mundo” (4.3) sob os quais vivem os não salvos. Embora Deus tenha criado o homem para viver em comunhão com Ele, e para ser herdeiro da criação, quando o pecado surgiu, a humanidade perdeu todo o controle sobre si mesma e sua herança, entregando-a aos “primeiros rudimentos do mundo” que operam em nosso mundo perdido e distorcido.

Mas, tudo isto mudou quando Deus enviou seu Filho para redimir aqueles que estavam “sob a lei”. Seria um erro interpretar isto como se referindo à “Lei de Moisés”, e limitar o enfoque de Paulo à raça dos hebreus. Ambos, gentio e judeu

estão “debaixo da lei”, tanto no sentido de ter responsabilidade para com uma revelação divina de princípios morais (Rm 2) quanto no sentido de encarar o relacionamento com Deus, como se ele fosse uma questão de obras. Deus enviou seu Filho para redimir a todos nós, com o objetivo de que por intermédio de Cristo nós pudéssemos receber a “adoção de filhos” (4.5).

Assim, Cristo é a chave para uma dramática mudança da condição legal de todos aqueles que crêem. O crente torna-se um filho de Deus, e como tal sua herança deixa de estar sob o controle dos curadores e administradores e o crente obtém pleno acesso a ela. De repente, nós somos livres para viver como indivíduos responsáveis, livres para tomar decisões responsáveis e talvez o mais importante, agora temos acesso aos vastos recursos de Deus, que são a nossa herança em Jesus Cristo.

A Filiação Explica Nosso Acesso (4.6,7). Os judaizantes que promoviam seu falso “evangelho” na Galácia afirmavam que Deus desejava que a Lei fosse um recurso para auxiliar o povo a viver uma vida de justiça. Paulo agora lembra os gálatas desse acesso à sua herança em Cristo, que é o verdadeiro recurso para uma vida santa. Como agora somos filhos, Deus enviou “o Espírito de seu Filho” (4.6) aos nossos corações. O Espírito possibilita o acesso direto e imediato a Deus, e Ele mesmo serve como o canal por meio do qual a capacitação chega até nós, a partir de Deus.

Muito se discutiu sobre o uso de “Aba”, um diminutivo que sugere intimidade e pode ser traduzido como “Papai”. No entanto, ainda mais se deveria discutir sobre a expressão “Aba, Pai”. Um servo poderia dirigir-se ao seu senhor como Pater (Pai) como uma expressão de respeito. Mas somente um filho deste senhor ousaria dirigir-se a ele familiarmente, utilizando o termo “Aba, Pai”.

Paulo demonstra decisivamente o que queria dizer. Por meio da fé, nós temos um relacionamento com Deus que nunca poderia ter sido estabelecido pela dependência das obras. Um senhor poderia determinar seu relacionamento com um escravo com base nas obras do escravo, mas um filho tem um relacionamento com seu pai que é estabelecido pela decisão do pai, definido pela lei, e que garante ao filho tanto o acesso ao seu pai quanto que seu sustento seja

provido por ele.

Aplicação. Como pode alguém que realmente compreenda o relacionamento entre pai e filho, imaginar que Deus deseje relacionar-se conosco por meio da Lei, ou que as bênçãos que são nossas devam ser conquistadas, e não recebidas pela fé?

Os gálatas são verdadeiramente insensatos. E, com muita freqüência, nós também.

Agar e Sara (4.21-31)

Contexto. A Bíblia raramente interpreta as histórias dos patriarcas alegoricamente. Mas ao dar uma interpretação figurativa da história de Ismael e Isaque (4.24), Paulo não se separa do midrash (interpretação) judaico já estabelecido. Não é incomum, de nenhuma maneira, que os sábios vejam nas histórias do AT alguma aplicação direta a uma questão atual.

Por exemplo, Genesis Rabbah 47 XLVII:V (cerca de 400-450 d.C.) examina o mesmo incidente a que Paulo está referindo-se, e vê o povo judeu em Isaque e, como já estabelecido em outra passagem, vê a Roma cristã em Ismael (O comentário está apresentado no quadro abaixo).

O que o midrash quer dizer é que embora tanto os judeus (que interpretaram como Isaque) quanto os cristãos (que interpretaram como Ismael) tenham suas origens em Abraão, é Israel que possui as promessas permanentes do concerto, ao passo que a ascendência dos cristãos é temporária e passageira. Isto é afirmado sutilmente, com um típico jogo de palavras rabínico, pois as letras principais em “príncipes” são as mesmas que em “vapor” (2C), ao passo que as letras principais em “tribo” são as mesmas encontradas em “haste” ou “vara” (2D).

Naturalmente, Paulo vê outras implicações na história. Paulo diz que Sara e Agar representam o novo concerto e o antigo. Os detalhes que suportam esta opinião são os seguintes: Agar dera à luz em parto natural, ao passo que o útero de Sara estava morto, e o nascimento de Isaque veio como resultado de uma promessa.

De maneira similar, a Lei, o antigo concerto, baseia-se nos esforços que o homem natural faz para agradar a Deus, ao passo que o novo concerto, que ocorre através de Cristo, baseia-se inteiramente na promessa.

Tendo estabelecido isto, Paulo volta à história e pergunta o que aconteceu com o filho da escrava? A resposta é que o filho da escrava perseguiu o filho da mulher livre (isto é, a lei foi e ainda é hostil à promessa) e Deus ordenou que Abraão "lançasse fora" (4.30) a escrava e seu filho, pois "de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre".

A Lei e a promessa não podem coexistir.

Portanto, os gálatas precisam livrar-se da lei, e confiar completamente na promessa de Deus, ouvindo-a e respondendo a ela com fé.

GENESIS RABBAH FALANDO SOBRE GÊNESIS 16 1. A. "E disse Deus: Na

As Boas Novas da Liberdade

EXPOSIÇÃO

Paulo estava profundamente preocupado com as notícias de que as igrejas da Galácia haviam sido influenciadas pelos judaizantes, homens que reivindicavam a autoridade de Jerusalém para corrigir a "distorção" que Paulo faz da mensagem do Evangelho. O evangelho, segundo os judaizantes, era: Creia em Jesus, seja circuncidado e observe a Lei de Moisés. Basicamente, eles insistiam que para ser um cristão uma pessoa precisa converter-se ao judaísmo, aceitar os costumes dos judeus e observar a lei judaica para ter um relacionamento com o Messias judeu. Eles atacavam o Evangelho "fácil" de Paulo, discutindo a sua autoridade, enfatizando que a Lei era uma revelação histórica e acusando que o Evangelho sem lei de Paulo promovia uma vida incorreta.

Quando chegamos ao capítulo 5 de Gálatas, Paulo já havia respondido às duas primeiras acusações. Ele recebeu seu evangelho por uma revelação direta e sua mensagem não requer nenhuma marca humana de aprovação, embora seu ensinamento e sua comissão como apóstolo dos gentios tenham sido confirmados pelos líderes de Jerusalém, (capítulos 1–2). Quanto à insistência dos judaizantes sobre a observância da Lei, fica claro que há uma interpretação completamente equivocada da revelação de Deus no AT. A Lei não tem a capacidade de trazer a vida; ela está associada mais com a maldição do que com a bênção, e sempre teve a intenção de ser temporária (capítulo 3). O que aconteceu agora é que, por meio da fé em Cristo, Deus concede formalmente aos crentes a "adoção de filhos" (4.5). Isto nos liberta da nossa escravidão passado e à Lei. Assim, da mesma forma como Deus disse a Abraão que "lançasse fora" Agar e Ismael, que simbolizam o esforço humano e que não devem ser herdeiros juntamente com Isaque, que simboliza a promessa, também os crentes devem "livrar-se" da Lei se quiserem viver uma vida cristã bem sucedida (capítulo 4).

Que importância tem esta nova liberdade de que desfrutamos com o fato de

sermos formalmente reconhecidos como “filhos” de Deus? Paulo diz que os cristãos devem permanecer firmes e reivindicar a “liberdade com que Cristo nos libertou” (5.1). A pessoa que aceita a circuncisão, que aqui simboliza a dependência da carne, não obtém nenhum benefício atual de seu relacionamento com Jesus. Somente a fé abre o canal por meio do qual a graça capacitadora de Deus flui até nós (5.1-12).

Uma vez mais, Paulo lembra seus leitores de que eles foram chamados à liberdade. Mas, a liberdade dos cristãos não é uma permissão para tolerar a carne, e, portanto, afundar numa vida de pecado (5.13-21). O que a liberdade cristã realmente envolve é a liberdade do pecado, uma liberdade que permite que o Espírito Santo produza, na nossa personalidade, aquelas qualidades que todos nós sabemos que caracterizam a religiosidade e a santidade.

Quando estas qualidades existem e crescem em nós, a Lei é irrelevante. A questão para o cristão, portanto, não é lutar para observar a Lei, mas sim viver segundo o Espírito (5.22-26).

Paulo conclui com diversos pensamentos ligeiramente relacionados com este tema. Embora não governados pela Lei Mosaica, nós ainda somos responsáveis perante os outros, e uns pelos outros (6.1-6). Não se deve jamais imaginar que a libertação da Lei indica que Deus seja indiferente ao pecado. Cada pessoa colhe o que planta, e a colheita daqueles que pecam é a destruição, ao passo que a colheita daqueles que semeiam para agradar ao Espírito é uma experiência plena da vida eterna (6.7-10).

Finalmente, Paulo resume sua mensagem. Os judaizantes estão insistindo em um modo de vida que não tem nada a ver com o cristianismo. A herança cultural de uma pessoa, seja ela judia ou gentia, é irrelevante (apesar de influênciá-la em muitas áreas), pois tudo o que importa é que em Cristo cada um de nós é uma nova criatura de Deus. O poder do Evangelho depende não do que qualquer homem faz em um esforço para obter a aprovação de Deus, mas sim no que Deus fez em nós e para nós por meio de Jesus Cristo (6.11-18).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Na liberdade com que Cristo nos libertou (5.1). Este é chamado o versículo chave da carta aos gálatas. Ele resume tudo o que foi dito antes e nos orienta em direção ao restante da curta carta de Paulo.

No judaísmo, assumir o jugo da Lei era considerado o núcleo da religião. Mas Paulo demonstrou que a promessa, e não a Lei, é essencial na revelação de Deus, e que Cristo morreu para nos libertar tanto do pecado quanto da Lei que o definia.

Mas o que é a “liberdade” com que Cristo nos libertou? A palavra grega é eleutheria, que na sociedade secular geralmente indicava uma pessoa que era o seu próprio senhor. Não é assim nas Escrituras, onde a liberdade cristã é compreendida contra o histórico da escravidão da humanidade em relação ao pecado e, posteriormente, à Lei. Paulo está dizendo que Jesus Cristo nos libertou de tudo o que impedia que vivêssemos uma vida justa, para que pudéssemos desfrutar as bênçãos que nos estão reservadas como filhos de Deus, chamados para refletir o caráter de nosso Pai Celestial.

Para colocar a nossa experiência em harmonia com a nossa posição como filhos de Deus, nós devemos permanecer firmes na nossa fé, e não permitir a nossa opressão aceitando voluntariamente o “jugo da servidão” (5.1) outra vez.

A Liberdade Cristã

Gálatas 5.1 e 5.13 descrevem os cristãos como sendo aqueles que são chamados para a liberdade. Estas passagens nos ajudam a entender melhor a liberdade que devemos reivindicar e aproveitar.

João 8.31-36. Uma pessoa que viva de acordo com as palavras de Jesus chega a “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Aqui, “verdade” é a revelação da realidade dada por Deus, uma revelação que nos capacita a compreender as diversas noções sobre o que é a vida. Os seres humanos não salvos vivem em um

mundo de ilusão, nunca sendo capazes de dizer o que é verdadeiramente bom e correto, o que é útil e o que é prejudicial. A pessoa que é guiada pela Palavra de Deus toma boas decisões e evita os perigos que assaltam aqueles que hesitam nas trevas.

Assim, a “liberdade” é a libertação da cegueira e obstinação espiritual que são inerentes na trágica condição da humanidade pecadora. A capacidade que a fé tem de ouvir e responder às palavras de Deus nos capacita a conhecer, por experiência própria, uma realidade que os outros não poderão nunca sequer vislumbrar e muito menos compreender. Esta é a verdadeira liberdade.

Romanos 6.15-23. Paulo desenvolve um tema que Jesus apresentou em João 8.34. “Todo aquele que comete pecado é servo do pecado”. A liberdade é a libertação do domínio que o pecado tem sobre nós – a capacidade de colocar todos os nossos membros à disposição de Deus a serviço da justiça.

Longe de ser independência, a liberdade cristã envolve uma mudança de senhor. Nós somos libertos da dominação do pecado e transferidos para um campo em que a vontade de Deus é soberana.

A passagem enfatiza o resultado final do serviço realizado para cada senhor. Aqueles que servem o pecado sentem vergonha e vivenciam a morte. Os que servem a justiça tornam-se santos.

Romanos 8.2-11. Romanos 8 explica como uma pessoa sem capacidade de observar a Lei pode sentir liberdade. A resposta é o Espírito Santo que dá vida e poder aos crentes que se voltam ao seu controle, apesar da mortalidade de cada um deles.

Aqui também, liberdade é a capacidade concedida divinamente para fazer o que é certo e bom.

Gálatas 5.1-26. Paulo deixou claro que a Lei não é um meio de salvação, nem um caminho para a realização espiritual. Cristo nos libertou da Lei, concedendo àqueles que crêem a "adoção de filhos". Mas qual é a natureza desta liberdade? É a liberdade de "servir uns aos outros pela caridade" (5.13). Isto é liberdade: relacionar-se tanto com o Espírito Santo que, ao invés de ter nossas atitudes e ações modeladas pelas motivações de nossa natureza pecaminosa, nós e nosso modo de vida somos transformados por Deus de dentro para fora.

Aqui a liberdade cristã é a liberdade de viver uma vida tão boa, que a "lei" torna-se completamente irrelevante, pois nada em nosso modo de vida é proibido por lei.

Resumo. Claramente, a liberdade cristã não é independência, nem o direito de fazer qualquer coisa que desejemos. A liberdade cristã é uma dependência do Espírito, que nos liberta da escravidão do poder do pecado que habita em nós. E o exercício da nossa liberdade consiste em vivermos uma vida disciplinada, fazermos o bem, e sermos bons.

Se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará (5.2). A circuncisão simbolizava a identificação com o povo de Deus do AT, descendente de Abraão e dos patriarcas, e a participação no concerto. Ela significava "ser judeu" e estar sujeito à Lei que Deus deu ao Povo Escolhido. Aqui, Paulo usa "circuncisão" para indicar a aceitação da posição em que insistiam os judaizantes: um cristão deve, voluntariamente, decidir viver sob o concerto antigo depois de sua conversão.

Mas por que Paulo diz que Cristo "de nada... aproveitará" (literalmente, "não dará lucro") ao cristão que adotar voluntariamente a Lei como uma maneira de relacionar-se com Deus? Paulo não está falando aqui sobre a salvação, mas sim sobre a vida cristã. É como se uma pessoa tivesse recebido uma lâmpada, mas tem que escolher entre dois soquetes elétricos para ligá-la. Um dos soquetes está energizado, mas o outro não permite a passagem de corrente elétrica. A pessoa que ligar sua lâmpada no soquete morto não receberá nenhum benefício, a

despeito de quão boa seja a sua lâmpada.

Enquanto o crente procurar o poder da vida cristã conectado à Lei, conhecer a Cristo não fará nenhuma diferença em sua vida diária.

Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído (5.4). O texto da NVI obscurece o que Paulo quer dizer ao atribuir à palavra dikaiousthe sua tradução usual de “justificados”. A razão pela qual esta tradução obscurece é que temos a tendência de interpretar “justificação” em seu sentido legal, como aquela declaração judicial feita por Deus de que aqueles que crêem em Jesus são inocentes. Portanto nós supomos que “justificação” sempre deverá ser interpretada como uma palavra equivalente a “salvação”, e assim concluímos que este versículo está falando a respeito da salvação. Mas simplesmente este não é o caso!

O Theological Dictionary of the New Testament de Kittel (Vol. II, p. 216) rejeita o significado forense em Galatas 5.4 e dá uma alternativa que reflete o uso comum de dikaioo na comunicação oral do século I. Ele traduz a frase em grego como “vós que seríeis justos pela lei”, ou seja, Paulo não está falando sobre justificação/salvação, mas sobre o fato de que alguns na Galácia haviam adotado o ponto de vista dos judaizantes e tentado obter uma justiça experimental por meio da Lei.

Paulo não desviou seu enfoque da experiência cristã da salvação, mas continua a explicar por que a Lei não tem valor para o crente. A razão é que ao tentar “ser justo pela Lei” (Kittel), o crente “apartou-se” (katargeo, “arrancar”) daquela esfera na qual Cristo opera, uma esfera caracterizada não pela Lei mas pela graça.

Portanto, alguns entendem que a “queda da graça”, mencionada por Paulo, não implica na perda da salvação de um crente, mas descreve uma desconexão experimental de um cristão da fonte do poder que nos permite viver uma vida justa.

Em Jesus Cristo, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas, sim, a fé que opera por caridade [ou amor, conforme a versão RA] (5.6). Paulo resume seu raciocínio. Nem judeus nem gentios têm vantagem alguma. O que faz a diferença na experiência cristã não é a Lei, mas "a fé que opera por caridade [ou amor]".

Por que esta frase? Talvez em parte para refutar a reivindicação dos judaizantes de que a fé pode expressar-se por meio da Lei. Mas, quem sabe, ainda mais para enfocar nossa atenção na evidência básica da obra do Espírito em nossos corações.

Em breve, Paulo nos dirá que "o fruto do Espírito" é caridade/amor (5.22). Certamente, aqui temos um eco dos ensinos de Paulo em 1 Coríntios 13; Ali ele diz que a verdadeira espiritualidade não é indicada pela posse de nenhum dom espiritual em especial, mas sim por aquela caridade que é retratada de maneira extremamente bela nos versículos 4-7 daquele grande capítulo.

Aqui Paulo diz a mesma coisa. O cristão não demonstra sua fé pelo rigor com o qual ele observa a Lei de Moisés, mas pelo amor que ele mostra em cada relacionamento, com Deus e com os demais.

Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade [ou pelo amor RA] (5.13). A palavra traduzida como "dar ocasião" é aphorme (tolerar, perdoar). A palavra originalmente indica uma base de operações da qual parte uma expedição. Paulo está dizendo: afirmem sua liberdade em Cristo, mas não permitam que a carne use esta liberdade como uma base da qual ela opere. Corretamente interpretada, a liberdade é uma base da qual se parte para uma vida de amor e de serviço.

A pessoa que diz: "Eu estou salvo agora, portanto posso fazer o que quiser" entendeu mal a liberdade cristã e usa essa liberdade para justificar ações que sabe que estão erradas. A pessoa que diz "eu estou salvo agora, portanto posso me dedicar a amar a Deus e aos outros" é a única que entendeu corretamente a

natureza de sua liberdade em Cristo.

Toda a lei cumpre-se numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (5.14). Este tema é desenvolvido em Romanos 13.8-10. O que Paulo quer dizer em cada passagem é que tanto o amor quanto a Lei estão relacionados com a justiça. Elas não estão em conflito a este respeito. Na verdade, os estatutos da Lei do AT eram definições operacionais do amor: descreviam como uma pessoa que amasse a Deus e aos outros iria – não apenas deveria! –comportar-se.

O problema com a Lei, naturalmente, é que embora ela descreva o amor com algum nível de detalhes, ela não tem a capacidade de criar o amor nos seres humanos. E toda a motivação da Lei resumia-se no mandamento: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Que tremenda vantagem nós temos, agora que a Lei já não mais é um problema. Agora, por intermédio de Cristo, nós somos livres para realmente amar os outros. Quando realmente o fizermos, nós nos encontraremos vivendo aquela vida justa que o amor exige tanto quanto a Lei.

Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne (5.16). O texto original apresenta “andai” (peripateite) em Espírito”. Esta frase reflete uma expressão idiomática comum em hebraico, na qual “andar” significa “conduzir a própria vida”.

Os judaizantes disseram aos gálatas que conduzissem suas vidas observando a Lei. Mas Paulo argumentou que a lei não tem papel algum na vida do cristão. A pessoa que procura ser “justificada pela lei” (5.4) cai da graça, e se separa de Cristo como a fonte da vida justa.

Em Rm 7.4-6, Paulo vai ainda mais adiante, e diz que a natureza pecadora (sarx, a carne) na verdade é energizada (ou estimulada) pela Lei.

Então, o que o cristão deve fazer? O cristão deve conduzir sua vida observando não a Lei, mas o Espírito de Deus. Pois, Paulo promete, a pessoa que olhar para o Espírito (confiar nele) “não cumprirá a concupiscência da carne [sarx]”.

As obras da carne são manifestas (5.19). Uma vez mais a palavra é sarx, usada teologicamente para retratar a natureza humana corrompida. Paulo diz que a Lei não era realmente necessária para definir o que todos reconhecem como prejudicial, odioso e errado. Ninguém jamais deveria imaginar que, com lei ou sem lei, as pessoas que “cometem tais coisas” (5.21) terão qualquer participação [“herdarão”] no reino de Deus.

A seguir, prossegue descrevendo o fruto que o Espírito produz, e destaca que a Lei não tem valor para o crente, pois a Lei meramente define o que é errado. Ninguém jamais deveria sequer pensar em aprovar uma lei contra os costumes de amor daqueles que vivem pelo Espírito.

Novamente, nosso desafio não é tentar observar a Lei, mas sim permanecer sensíveis e prontos para responder ao Santo Espírito de Deus (5.25).

Os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus (5.21). O “Reino de Deus” é aquele campo no qual o poder e a autoridade de Deus operam sem qualquer obstáculo. Os cristãos que vivem pelo Espírito desfrutam da “adoção de filhos” para participar agora de sua herança definitiva.

O particípio prassontes enfatiza um comportamento habitual. As pessoas cujo estilo de vida é dominado pela carne não têm acesso às bênçãos e ao poder que estão disponíveis para nós em Cristo.

Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo (6.2). A Lei de Moisés é caracterizada por regras e regulamentos. Os rabinos, na verdade, contaram cerca de 613 “faça” e “não faça”. Paulo os reduziu a um: amor (5.14), que é o que ele quer dizer em (6.2) com a “lei de Cristo”.

Cada qual levará sua própria carga (6.5). À primeira vista, isto parece estar em

conflito direto com o que Paulo disse em (6.2): “Levai as cargas uns dos outros”. No entanto, os primeiros leitores da carta de Paulo teriam entendido perfeitamente. A palavra grega traduzida como “cargas”, em Gálatas 6.2, é bare, uma carga extraordinariamente pesada, ao passo que Gálatas 6.5 apresenta phortion, uma carga que é apropriada para o barco designado a transportá-la, ou a mochila normal de um soldado.

O amor convoca-nos a ajudar outros em aflição. Mas, proteger outros das dores normais ou das responsabilidades da vida não é amor.

O que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna (6.8). A imagem da “colheita” nas Escrituras geralmente tem uma referência escatológica. Paulo está advertindo seus leitores de que se eles deixarem de viver para agradar o Espírito, estarão perdidos. O apóstolo também diz que não importa a maneira como os encaremos, a carne e o Espírito são princípios opostos.

Anteriormente, Paulo escreveu que a carne e o Espírito “opõem-se um ao outro” em sua natureza essencial (5.17). A seguir, Paulo mostrou que a carne e o Espírito contrastam entre si no estilo de vida que eles geram (5.19-23). Agora Paulo completa sua análise mostrando que a carne e o Espírito obtêm colheitas diferentes.

Em vista de tudo isto, por que então qualquer cristão desejaria viver uma vida segundo a carne? É melhor fazermos o bem; confiantes de que “a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido”! (6.9)

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Gálatas, um Estudo de Contrastes.

Contexto. Os primeiros cristãos eram judeus que reconheceram Jesus como o Messias. Profundamente comprometidos com um estilo de vida dirigido pela Lei, eles não viam nenhum conflito entre seu comprometimento com Jesus e seu vigilante modo de vida. Mesmo a descoberta de que os gentios haviam respondido positivamente à mensagem do evangelho, e de que os novos conversos, que criam, recebiam o Espírito Santo, parecia irrelevante para o contínuo comprometimento dos primeiros cristãos judeus com um modo de vida governado pela Lei e pela tradição.

No entanto, surgiu um problema, quando alguns da igreja primitiva argumentaram que os cristãos gentios também deveriam submeter-se à circuncisão e observar a Lei de Moisés. À primeira vista este ponto de vista parecia razoável. Afinal, o próprio Deus deu a Lei a Israel. Como poderia alguém que reconhecia a Deus deixar de submeter-se àquela Lei que o próprio Deus revelou? E, além disso, que alternativas havia? Os cristãos gentios não olhariam para seus próprios valores morais e culturais se não fossem ensinados a procurar pela orientação da revelação histórica de Deus a Israel?

No curso normal dos eventos, a antítese entre duas posições quaisquer tende a ser solucionada pela síntese. A tensão entre dois pólos é reduzida gradativamente com a construção de pontes entre eles, e então surge alguma coisa nova. Mas, na carta aos Gálatas, adota-se uma abordagem diferente. Paulo não procura uma síntese que os judeus e os gentios possam aceitar confortavelmente. Em lugar disto, ele argumenta que existe um conflito essencial. Nenhuma síntese pode ser obtida, mas deve ser mantida uma distinção absoluta – entre a Lei e a Promessa, entre a servidão e a liberdade, entre a vida conforme a carne e a vida conforme o Espírito.

Na carta aos Gálatas, Paulo desenvolve o seu tema ao rejeitar completamente a síntese, e por descrever a antítese cada vez mais categoricamente. Uma maneira muito útil de examinar a carta aos Gálatas e entender o poder deste livro breve, é acompanhar a introdução e o desenvolvimento de várias antíteses que Paulo propõe para a nossa consideração:

Gálatas 1.1–2.21

Evangelho de Paulo	Outro Evangelho
* liberdade	* servidão
	* exige que todos “sigam os costumes judaicos”
* fé	* observar a Lei
* justificado	* ninguém é justificado
* crucificado em Cristo	
* Cristo vive em mim	
* vida pela fé	
* afirma a graça	* deixa a graça de lado
* traz justiça	* não pode trazer justiça

Gálatas3.1–5.12

Fé	Observân
* recebe o Espírito	
* atinge o objetivo	
* justificado (declarado justo por Deus)	* ninguén
* nos faz filhos de Abraão	
* nos dá as bênçãos de Abraão	* traz um
* relacionada à promessa	* relacion
* depende somente de Deus	* depende
* dá a vida	* não pod
* é o agente pelo qual nos tornamos filhos de Deus com direitos plenos	
* liberdade	* servidã
* se expressa por meio do amor	* se expre

Interpretação. À medida que esta curta carta desenvolve-se, Paulo define, cada vez com mais detalhes, os elementos da vida e da experiência cristãs, não pela síntese, mas pela antítese. Aqui está um esquema de como se desenvolvem estes contrastes.

O Evangelho que Paulo pregava entre os gentios foi recebido pela revelação direta de Deus. Tanto a responsabilidade que Paulo recebeu de Deus, quanto o conteúdo do Evangelho que ele proclama, foram confirmados pelos líderes da igreja de Jerusalém.

O Evangelho do apóstolo Paulo é de salvação exclusivamente por meio da fé, sem nenhuma contribuição feita pela observância à lei. O Evangelho estabelece uma união entre Jesus Cristo e o crente de modo que o cristão participa da crucificação de Cristo e também compartilha da nova vida de Cristo, para que Cristo viva nele. Esta vida cristã é vivida pela fé, e como ela não tem nada a ver com a observância à Lei, serve para exibir a maravilhosa graça e misericórdia de nosso grande Senhor.

O evangelho de Paulo é um evangelho de fé, onde não há lugar para a dependência da observância à Lei. A salvação se dá pela fé, e o objetivo da nova vida dada pelo Espírito é, antes de qualquer coisa, tanto uma questão de fé como de receber o Espírito. A Lei exige o esforço humano para ser atingida. Mas ninguém pode ser justificado pela observância à Lei. Tudo o que a Lei traz é servidão e uma maldição.

Por outro lado, a fé baseia-se exclusivamente na promessa de Deus. Aquele que deposita uma fé simples na promessa de Deus recebe a vida, e com a vida o Espírito Santo. Por meio da fé na promessa de Deus, nos tornamos não apenas filhos de Abraão, mas também somos adotados na família de Deus com os plenos direitos de filhos, tanto com respeito à intimidade com o Pai como também ao acesso às abundantes bênçãos, que são parte de nossa herança.

Além disso, nosso reconhecimento formal como filhos de Deus traz consigo a liberdade da Lei, que antes de Cristo servia como um pedagogo (ou aio), responsável por cada uma de nossas ações, não nos concedendo nenhuma liberdade além daquela que um escravo desfrutava.

Esta liberdade é importante, pois a pessoa que retrocede com a finalidade de se

colocar sob a Lei, obriga-se a obedecer toda a Lei; e, ao assumir esta obrigação, rejeita a graça, e se “desliga” de Cristo – a fonte da capacitação diária.

Gálatas 5

O Espírito	A natureza pecadora
* amor	* lei
* em conflito com a natureza pecadora	* em conflito com o Espírito
* se conduzido pelo Espírito, não está sob a Lei	* a Lei é “contra” seus atos
* o Espírito produz frutos bons e justos	* a natureza pecadora produz atos

Paulo negou que a “Lei” tenha qualquer lugar na experiência cristã. Mas isto não é uma negação da importância da justiça? Agora Paulo mostra que ao descartar a Lei, ele não abriu a porta ao abuso. A razão é que o princípio do amor baseia todas as exigências de justiça da Lei. E o Espírito de Deus produz amor no coração do crente!

A antítese que importa é aquela que existe não entre a Lei e a fé, mas entre a carne e o Espírito. Pois tão logo uma pessoa procure relacionar-se com Deus por meio da Lei, ela deve necessariamente se voltar para seus próprios recursos, e isto ativará a carne. Em contraste, uma pessoa que procure relacionar-se com Deus pela fé, volta-se para o Espírito; e o Espírito cria o amor em seu coração, que se derrama sobre todas as atitudes e ações que sejam corretas e boas.

Aplicação. Ao descrever este conjunto de opostos, Paulo nos lembra de verdades vitais e maravilhosas. O que não conseguimos fazer, Deus consegue e fará, tanto em nós quanto para nós. Nunca nos tornaremos as pessoas verdadeiramente boas que desejamos ser, tentando obedecer à Lei de Deus. Mas, nos tornaremos gradativamente mais justos à medida que confiarmos no Espírito de Deus para nos orientar e capacitar.

A Vida Pelo Espírito (5.13-26)

Contexto. O contraste que Paulo desenvolve entre os atos da carne e o fruto produzido pelo Espírito é o clímax de seus ensinamentos na carta aos Gálatas. Deus não nos libertou da Lei para que pudéssemos nos comportar de maneira ilegal, mas para que ao confiarmos completamente no Espírito, Ele pudesse transformar nosso interior. Isto fica particularmente claro quando comparamos as duas listas nesta curta passagem: a lista dos atos da carne e a lista do fruto do Espírito.

A primeira lista contém quatro categorias distintas de atos da carne. Cada uma delas é um comportamento, um ato público e não uma característica de personalidade. As categorias da lista de Paulo são:

Pecados sexuais: prostituição, impureza, lascívia (sensualidade).

Pecados religiosos: idolatria, feitiçarias.

Pecados entre as pessoas: inimizades, porfias, emulações (ou ciúmes), iras, pelejas (ou discórdias), dissensões, heresias (ou facções), invejas, homicídios.

Pecados de falta de moderação: bebedices, glutonarias.

Em contraste, a lista que Paulo fornece do fruto produzido pelo Espírito não inclui nenhum ato nem comportamento específico! Tudo nesta lista é interior, uma qualidade do caráter.

Por que Paulo não faz estas duas listas estritamente correspondentes e contrasta as ações devotas com as ações pecadoras, ou contrasta as características devotas da personalidade com as pecaminosas?

Quem sabe a melhor explicação é que a Lei, que os judaizantes tanto elogiavam, lida somente com o exterior em sua abordagem à justiça. Ela está relacionada com o que uma pessoa faz, e não com o que a pessoa é. Por outro lado, Deus aborda a justiça de uma maneira completamente diferente. Na melhor hipótese, o que fazemos é apenas um reflexo do que somos. A maneira de se produzir justiça é fazer uma mudança interior, para que a pessoa torne-se realmente amorosa e boa. Quando este tipo de transformação ocorre, as ações de uma pessoa serão verdadeiramente boas e amorosas também.

Os judaizantes do século I parecem incapazes de compreender esta que é a mais básica das verdades assim como aqueles que hoje mesclam a Lei e a graça.

Um Povo

EXPOSIÇÃO

-

Efésios é uma das várias cartas que Paulo escreveu quando estava aprisionado em Roma (At 28.30). Alguns acreditam que esta carta era originalmente uma carta encíclica, que teria o objetivo de circular entre todas as igrejas, ao invés de estar dirigida somente aos efésios. Esta questão, no entanto, parece irrelevante. Como as outras cartas obtidas de Paulo, esta epístola destina-se a nós. E, claramente, esta carta maravilhosa é diferente de 1 e 2 Coríntios que respondiam a problemas específicos surgidos em uma congregação. Ao contrário, a Carta aos Efésios compartilha uma visão exaltada da igreja de Cristo. Nesta carta, descobrimos nossa identidade como o corpo de Cristo, como um templo que está sendo edificado pelo Espírito Santo, e como a família de Deus. Aqui parecemos ver as maravilhas da obra de graça de Deus, quando Ele toma pecadores pervertidos que o antagonizam, os salva e une tendo Jesus como líder e então cria, a partir desta matéria

prima, “um novo homem”. Um novo homem que não apenas serve alegremente a Deus, mas experimenta uma transformação crescente, tornando-se “perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (4.13). Do princípio ao fim, a Carta aos Efésios exalta a Cristo, pois são o Seu papel cósmico e os Seus objetivos que estão sendo cumpridos no mundo hoje, por meio do Seu corpo aqui na terra, daquela igreja de que eu e você somos parte integrante.

Depois de uma breve introdução (1.1,2), Paulo inicia sua carta com uma das mais claras e poderosas passagens sobre a Trindade na Bíblia (1.3-14). Nós fomos abençoados com “todas as bênçãos espirituais... em Cristo” como resultado direto da obra da Trindade. O Pai nos escolheu antes da criação do mundo, e derramou sobre nós sua graça em Cristo (1.3-7). O Filho nos redimiu, comprando o perdão de nossos pecados com seu sangue, escolhendo-nos nEle para “sermos para louvor de sua glória” (1.8-12). E, sendo incluídos em Cristo, o Espírito serve como um selo de Deus e assegura nossa redenção definitiva (1.13,14). A igreja, portanto, não é uma instituição posterior, mas é essencial para o plano de Deus. A igreja não é uma cabana, mas uma construção que envolveu o esforço dedicado de cada Pessoa da Divindade.

Tendo escrito isto, Paulo é levado a uma admiração que se derrama em oração e louvor, terminando em uma doxologia ao Cristo ressuscitado. Nosso Senhor não é exaltado somente sobre todos os poderes cósmicos; mas, de uma maneira especial, Ele é a "cabeça" da igreja, pois comanda todas as coisas. E, a maravilha das maravilhas, nós, seu corpo, somos "a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (1.15-23).

Esta revelação inicial da importância da igreja para Deus é particularmente surpreendente quando consideramos, como Paulo pede que façamos, a matéria prima inferior que Deus usou em sua construção. Deus tomou seres que estavam espiritualmente "mortos em ofensas e pecados", merecedores de nada além da ira de Deus. E, como Ele nos amou mesmo assim, Deus "nos vivificou juntamente com Cristo". Então nos ressuscitou e "nos fez assentar nos lugares celestiais" com Ele. E nada disto foi nenhuma resposta a qualquer boa obra que pudéssemos ter realizado: tudo foi pela graça, tudo foi uma expressão do favor imerecido de um Deus que nos recriou em Cristo. Somente agora, como sua obra, podemos realizar as boas obras, e agora elas irão refletir o Seu crédito e glorificá-lo (2.1-10).

Isto, portanto, é a igreja. É uma nova criação, uma nova criação na qual as antigas diferenças entre "judeus" e "gentios" são irrelevantes. Pois todos nós vamos a Deus por meio de Cristo, cuja morte destruiu a antiga barreira da Lei e dos mandamentos, fazendo a paz entre toda a humanidade e Deus. De repente, tudo o que importa é Cristo, pois nEle toda a humanidade está reunida em "um novo homem". Unidos, por fim, em Cristo, uma humanidade variada e freqüentemente hostil finalmente tem um único fundamento sobre a qual se apoiar. Sobre este fundamento, unidos no Senhor e por Ele, nós somos "edificados para morada de Deus no Espírito" (2.11-22).

Com demasiada freqüência nós temos a tendência de pensar na salvação em termos individualistas: Ele foi salvo e vai para o céu. Ela está salva e comprometida com o Senhor. Eu também estou salvo. Efésios nos convoca a olhar além de nós mesmos como indivíduos, e percebermos a visão que Deus tem da igreja como o Corpo de Cristo; como um povo unido em Cristo; chamados juntamente para as boas obras que glorificam Aquele que nos criou; chamados para sermos, juntos, uma morada na qual Deus viva pelo Seu Espírito.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Bendito o Deus... o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo (1.3). Não imagine que Paulo pretende contrastar as bênçãos materiais com as espirituais. Paulo não está sugerindo que o material é irrelevante. Em lugar disto, ele nos lembra de que as bênçãos verdadeiramente significativas concedidas a nós por Deus são espirituais, transmitidas a nós pelo Espírito Santo.

Por que a expressão “nos lugares celestiais?” Porque Cristo, exaltado nos céus sobre todos os principados e todo o poder, é aquele que os assegurou para nós, e os garante para nós.

Nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele (1.4). O verbo aqui é exelexato, “selecionar”. Este verbo normalmente é usado na Septuaginta para traduzir verbos que falam da escolha que Deus faz de Israel como o Seu povo do concerto.

Um dos maiores estudiosos gregos, o Bispo Lightfoot, afirma que o uso desta palavra implica em três idéias: a raiz da palavra (leg), “narrar”; a preposição na palavra composta (ek), selecionar entre um grupo, e não selecionar outros; e a voz intermediária do verbo, que se refere a Deus “tomando para Si mesmo”.

A implicação de que Deus “antes da fundação do mundo” selecionou alguns para a salvação tem perturbado alguns comentaristas, que vêem alguma forma de predestinação como uma ameaça à “justiça” de Deus. Eles sugerem que a “seleção” de Deus não é para a salvação e observam que este versículo afirma que Ele “nos” selecionou (aqueles que creram) “para sermos santos e irrepreensíveis”. De acordo com esta opinião, a escolha divina limita-se a cumprir o objetivo de Deus naqueles que crêem em Cristo.

Veja a Passagem em Profundidade para um comentário sobre a escolha de Deus, o pré-conhecimento e a predestinação em Efésios 1.1-14.

Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça (1.7). Este é um dos grandes termos teológicos usados no NT para descrever o significado da morte de Cristo. Essa morte foi necessária, pois o sangue de Cristo é o preço da redenção: somente assim Deus poderia oferecer perdão e liberdade aos pecadores.

Redenção. O conceito é introduzido no AT com vários matizes de significados, expressos por três termos hebraicos diferentes, além de dois termos gregos. Em cada termo está implícita a convicção de que os seres humanos são impotentes, cativos de forças externas ou internas que eles não podem superar sem a intervenção de algo externo. A redenção, que é a solução, é:

Padah, um termo comercial que indica a transferência de uma propriedade por meio de pagamento ou alguma coisa equivalente. Esta é a palavra usada em Deuteronômio 15.15, sobre o Êxodo, quando Deus liberta Israel da escravidão no Egito (Sl 78.42,43). De todos os usos deste verbo no AT, somente em Salmos 130.7,8 uso sugere a redenção do pecado.

Ga'al, um termo relacional, significa "realizar a função de um parente" e agir para aliviar alguém que está em perigo ou com problemas. A ênfase aqui está na necessidade da existência de um relacionamento entre o redentor e o redimido. Era necessário um relacionamento íntimo para dar ao redentor o direito de agir para o bem de outro, ou obrigá-lo a fazer isto. Esta palavra também é usada em referência à libertação de Israel por Deus (Êx 6.5,6).

Koper normalmente é traduzida como "resgate". É uma forma do verbo kapar "reconciliar".

O AT registra os atos de Deus para o bem de Israel, e freqüentemente os interpreta usando palavras que enfatizam o parentesco de Deus com o Seu povo

do concerto. Tanto o amor quanto o dever levaram Deus a libertar povo dos inimigos contra os quais eles eram completamente impotentes. Qualquer que fosse o preço, Deus estava disposto a pagá-lo para obter a segurança do seu povo.

O NT tem duas palavras traduzidas como “redimir” ou “redenção”. Elas devem ser interpretadas dentro do quadro estabelecido no AT e não pela referência ao seu uso na cultura helênica pagã.

Lytroo significa “redimir ou resgatar” e concentra a atenção tanto na libertação obtida quanto nos meios pelos quais se realiza esta libertação. A raiz é encontrada somente poucas vezes nas cartas do NT, em Tito 2.14, 1 Pedro 1.18, Hebreus 9.12. No entanto, um substantivo mais forte, apolu-trosis, traduzido como “redenção”, aparece em Efésios 1.7 e em oito outras passagens do NT. A aplicação destes termos no NT deixa claro que o sangue de Jesus foi o preço da redenção. Foi necessário o sangue de Cristo para nos libertar do “modo de vida vazio” do passado para que nós “pudéssemos servir ao Deus vivo”.

Aqui existe um paralelo interessante com a lei romana. Uma pessoa capturada na guerra, e posteriormente resgatada por outro cidadão romano, tinha uma dívida para com libertador até que o preço tivesse sido devolvido. Nem você nem eu nunca poderemos devolver ao Senhor o preço de nossa redenção. Assim, nós temos uma dívida eterna para com Ele, e em gratidão entregamos alegremente tudo o que temos e somos nas Suas mãos.

Agorazo, “comprar”, é outra palavra que é usada para esclarecer o significado da redenção. Uma palavra composta, exagorazo, é uma alusão ao mercado escravo, e foi interpretada como significando não somente a compra de um escravo como também uma compra com a intenção de tirar o escravo do mercado permanentemente. Desta forma, a redenção é uma compra que nos tira permanentemente de nossa antiga condição de escravos do pecado, de nós mesmos e de Satanás.

Embora os termos do AT definam o conceito da redenção, é o NT que aplica este conceito à salvação pessoal. Os seres humanos são revelados como sendo impotentes, aprisionados no poder inquebrantável do pecado. Somente o sangue de Cristo pode redimir, rompendo a corrente do pecado e assegurando-nos um lugar na família do nosso Deus.

Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça (1.7). Este versículo usa outro dos grandes termos teológicos do Novo Testamento, “graça”. Este conceito está intimamente ligado àquele da redenção, pois a “graça” também opera contra o cenário da impotência humana.

Graça. A palavra hebraica mais próxima ao conceito desenvolvido no NT é o verbo hanan, “ter graça, ser misericordioso”, e também o substantivo hen, “graça, favor”. A ênfase, em cada um, está na resposta compassiva de alguém que é capaz de ajudar outra pessoa em uma necessidade desesperada.

No NT, “graça” é charis. Na linguagem corrente e nos Evangelhos, o verbo indica um favor ou benefício concedido, e também a gratidão apropriada ao que foi recebido. Mas charis é desenvolvida como uma palavra teológica técnica nas epístolas. Aqui, Paulo a usa para comunicar uma verdade que está no centro da obra salvadora de Deus em Cristo. Na verdade, a “graça” provê a perspectiva que nos capacita a sentir o significado nos atos passados e presentes de Deus.

Por exemplo, em Romanos 3, Paulo mostra que todos são pecadores, mas, então, descreve o ato decisivo de Deus de enviar a Cristo como um sacrifício propiciatório para que pudéssemos ser perdoados. Isto, afirma Paulo, é graça.

Em Romanos 5.15-21, Paulo retrata a salvação como uma dádiva que vem até nós por meio de Jesus, que reverte o impacto destruidor do ato inicial do pecado de Adão. Isto, afirma Paulo, é graça.

Em Efésios 2.1-11, Paulo resume a condição impotente da raça humana. Nós nascemos mortos em pecados, guiados por este mundo e por Satanás, satisfazendo os desejos de nossa natureza pecadora. Mas Deus nos alcançou em

nossa total impotência para nos dar a dádiva da vida. Isto, afirma Paulo, é graça.

O mais maravilhoso de tudo isto é que na origem de todo ato de graça está o caráter de Deus. Ele nos estende a mão por causa de quem Ele é: amoroso, compassivo e misericordioso – e apesar de sermos quem somos, e não por causa de quem somos. Como a graça está enraizada no caráter de Deus, nós somos libertados de qualquer medo de que nossos pecados possam nos separar dele. Deus aproxima-se de nós com a promessa do perdão, dizendo-nos que Ele nos ama e nos aceita de qualquer maneira, e nos convidando a receber a dádiva que Ele nos oferece tão gratuitamente em Jesus Cristo. E isto, a Bíblia nos diz, verdadeiramente é a graça.

Tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa (1.13). “Selo” é a forma passiva aorista de sphragizo, selar. No mundo helênico, o selo de um homem, uma insígnia em relevo pressionada em cera, tinha um significado legal. Gravado em possessões, o selo indicava a propriedade e servia como uma proteção contra roubos. Em um documento, o selo autenticava a mensagem que ele continha, e simbolizava a plena autoridade da pessoa que o enviava. Além disso, um documento selado só poderia ser aberto pela pessoa a quem era destinado.

Aqui Paulo retrata o Espírito Santo como o selo de Deus, gravado no coração do crente. O Espírito nos marca como pertencendo a Deus, e nos coloca sob sua proteção, garantindo que podemos ser entregues a Deus, Aquele que em Cristo nos separou como Seus.

O Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção (1.13,14). O Espírito Santo é uma promessa que foi cumprida. Ele está conosco hoje. Agora, Paulo usa uma analogia para nos ajudar a compreender melhor a implicação da presença do Espírito dentro de nós.

O Espírito de Deus é um arrabon. A palavra vem do mundo do comércio, e

significa um depósito feito sobre bens, que serve como uma garantia de que será feito um pagamento total e de que os bens serão entregues ao comprador.

Deus nos comprou em Cristo para sermos sua possessão preciosa. O Espírito Santo está conosco como um arrabon, assegurando-nos que no final da história Deus certamente nos receberá como seus.

Além disso, este depósito em particular nos garante nossa herança. Todas aquelas "bênçãos espirituais" de que fala o versículo 1.3 irão abundar plenamente em nós quando nos unirmos a Jesus nos lugares celestiais.

Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação (1.18). A palavra "entendimento" é freqüentemente usada nas Escrituras com o sentido de "toda a pessoa interior"; o núcleo da percepção, da emoção e da vontade. A "esperança" que Paulo tem em vista aqui não é nossa salvação futura e definitiva, mas sim as "riquezas da glória da sua herança nos santos" (1.18) e "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos" (1.19).

Existe um problema a respeito da primeira expressão. Paulo quer dizer que devemos apreciar quanto somos preciosos para Deus – e, desta forma, ganhar confiança, conhecendo o valor que Deus nos atribui? Ou Paulo quer dizer que devemos apreciar os vastos recursos que são nossa herança agora, como filhos de Deus?

Ainda que qualquer interpretação seja possível, a segunda é mais provável. Nós temos esperança hoje porque recebemos o Espírito. Ele é o selo e a garantia de que pertencemos a Deus. Além disso, Ele é Aquele por meio de quem nós temos acesso às riquezas de Deus, que agora são nossa herança. Quando compreendermos os vastos recursos disponíveis a nós, encararemos o amanhã, e também a eternidade, com confiança e esperança.

A sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos (1.19). Paulo está ansioso para que compreendamos exatamente o que podemos esperar

(“sobre o que podemos ter esperança”) agora por causa de nosso relacionamento com o Espírito de Deus. O Espírito é o canal do poder incomparável de Deus, que opera eis hemas “por nós”. A idéia de Paulo é que o poder incomparável de Deus é canalizado em direção a nós, para fluir em nós e por nosso intermédio.

Paulo junta sinônimos para enfatizar a impressionante natureza daquele poder divino que tem sua mais completa demonstração na ressurreição de Cristo de entre os mortos e sua exultação sobre qualquer autoridade concorrente do universo. As palavras de Paulo incluem dynamis (capacidade intrínseca), energeia (poder efetivo em ação), kratos (poder exercido para controlar e vencer a resistência) e ischys (o poder vital inerente à vida, mas normalmente usado para referir-se à força física).

Muitos cristãos sentem-se fracos e vivem como fracos, esperando o fracasso espiritual e, portanto, não têm disposição para tentar, ou tentam com indiferença. Paulo ora para que os olhos de nosso entendimento, ou de nosso coração, abram-se, para que percebamos que todo o vasto poder de Deus está disponível agora para nós, canalizado para nós pelo Espírito Santo.

Devemos encarar os desafios da vida como vitoriosos e não como vítimas. Pois o poder que flui a nós é o próprio poder de Cristo, e Ele é supremo sobre tudo.

Sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo (1.22,23a). Este, que Deus exaltou “acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio” (1.21) nos foi dado como “cabeça da igreja”, estando sobre todas as coisas. Nós temos o poder de vencer porque aquele que é nossa Cabeça é supremo.

Mas o que a palavra “cabeça” sugere aqui? No AT, a palavra “cabeça” é freqüentemente usada em um sentido institucional, para indicar autoridade, como cabeça (comandante) do exército. Mas a epístola aos Efésios vê a igreja como um organismo vivo, e o relacionamento entre Jesus e cada crente é de natureza orgânica. Um estudo das passagens que usam esta metáfora, retratando Jesus como cabeça da igreja como um organismo vivo (Ef 1.22; 4.15; Cl 1.18;

2.10, 19) enfatiza o papel de Jesus como a fonte, o mantenedor, o protetor e o organizador da vida da igreja.

Precisamos ter os olhos do nosso coração (entendimento) iluminados para ver uma implicação importante desta verdade. Jesus é a cabeça viva da igreja. Nós, como o povo de Deus, precisamos aprender a ver Jesus como o organizador de nossas vidas, e não entregar aos líderes humanos um papel de orientação e direção que pertence, de direito, somente a Jesus.

O seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos (1.23). A relação de to pleroma com os outros elementos da frase é discutida. A NVI o assume como uma aposição ao substantivo precedente, “corpo”. Neste caso, o corpo pode ser interpretado como complementando o papel de Cristo na terra como Cabeça no céu.

Mas o particípio traduzido “que cumpre” pode ser tanto intermediário, “Aquele que cumpre”, como passivo, “aquele que enche” (versão RA). Desta forma, Paulo pode estar dizendo que o corpo está sendo preenchido por Cristo, infundido com sua vida, com os seus atributos e poder.

Seja qual for a idéia intencionada aqui, esta afirmação final resume a exclusividade de nosso relacionamento com Jesus. Nós, juntos, completamos o Jesus ressuscitado, e sua presença dentro de nós nos completa.

Estando vós mortos em ofensas e pecados (2.1). “Morte” e “vida” são metáforas básicas no NT, levando-nos além do lado biológico para exibir o estado espiritual dos não salvos. Efésios 2.1-4 é talvez a mais poderosa descrição da Bíblia sobre o impacto da morte espiritual na experiência atual dos seres humanos.

A morte é caracterizada por um estilo de vida de ofensas (paraptomata, “errar”) e pecados (hamartia, “ficar aquém das expectativas”). Os homens perdidos são

completamente fracos, totalmente inadequados ao desafio de viver segundo a vontade e o caminho de Deus.

A morte é caracterizada por viver segundo o curso deste mundo (kosmos). Aqui, "mundo" é usado teologicamente, para descrever uma sociedade em que a moral e os costumes estão ancorados no tempo e não na eternidade, e refletem valores humanos distorcidos em lugar dos valores de Deus (2.2).

A morte é caracterizada por viver "segundo o príncipe das potestades do ar" (2.2), uma metáfora para Satanás. Os seres humanos percorrem ansiosamente a trilha que Satanás marcou, e ignoram o caminho que Deus assinalou para nós em sua Palavra.

A morte é caracterizada por andar "nos desejos de nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (2.3). Geralmente é o que há de pior na natureza humana – e não o que há de melhor – que consegue obter nossa fidelidade. O problema é mais do que uma simples inadequação: os seres humanos estão rebelados contra Deus.

A morte é caracterizada por viver sob a nuvem da ira de Deus, sentindo nossa culpa, sabendo que um Deus santo certamente irá nos punir.

Que imagem apropriada, pois os seres humanos estão tão completamente arruinados pelo pecado, que têm tanta esperança de agradar a Deus quanto um morto em seu caixão tem de responder ao chamado de um vizinho.

Esta breve, mas poderosa descrição da morte espiritual serve a dois propósitos. Ela nos lembra de que nós verdadeiramente somos impotentes sem a graça de Deus. Ela também afirma o fato de que os materiais de construção que Deus utiliza para edificar sua igreja não são perfeitos. Somente um verdadeiro milagre pode nos vitalizar e transformar, ou tornar-nos participantes adequados do corpo de Cristo.

Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie (2.8,9). Gramaticalmente, kai touto, "e isso", pode referir-se a "salvos", a "fé", ou a todo o processo que Paulo descreveu. É melhor interpretá-la com o terceiro sentido.

A discussão do fato de que a “fé” pode ser interpretada como “obra” (alguma coisa gerada por ou em um ser humano perdido) não é a questão aqui. Paulo quer dizer que, como os seres humanos estão mortos em suas ofensas e pecados, nada há que uma pessoa possa fazer que contribua para sua própria salvação. A salvação é obra de Deus, do princípio ao fim.

Neste caso, nossa resposta apropriada é aquela da gratidão humilde por uma salvação motivada pela graça, que nos é oferecida como uma dádiva – e não discutir se o “nada” que os seres humanos podem fazer inclui ou não o “crer”.

Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus, para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas (2.10). Paulo nos lembra de que como cristãos agora somos poiema do Senhor, as Suas obras de arte. Mas a beleza da obra de Deus não se exibe na pose, mas só pode ser exibida quando passamos a trabalhar, cumprindo o propósito que Ele tem para nós.

Existe algum conflito aqui entre as “boas obras”, que tentam realizar os que não são salvos, e as “boas obras” que os cristãos são convocados a realizar. Existe uma grande diferença entre procurar obter o favor de Deus por nosso desempenho, e cumprir o propósito que Deus tem ao nos conceder seu favor. Realizar “boas obras” antes da salvação, com o intuito de obter a bênção de Deus, é como tentar construir uma estrada na lua acumulando montes de terra aqui na terra. Realizar “boas obras” depois da salvação, como uma resposta agradecida a Deus pelo que o Senhor fez por nós, simplesmente é andar por uma estrada que Ele construiu para nós.

Porque ele é nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação... na sua carne desfez... a lei dos mandamentos (2.14,15). Muitas palavras e expressões em 2.11-22 nos lembram da grande diferença entre os judeus e os pagãos (gregos) no século I. Aos olhos dos judeus, a humanidade dividia-se em duas raças: os judeus, e todo o resto da humanidade, os gentios. Os gentios estavam separados de todos os privilégios concedidos aos judeus por

Deus (2.11-13), mas estas pessoas que tinham estado “longe” de Deus (makran) agora estavam “perto” (engus) em Cristo.

Não apenas os gentios estavam perto, como também para os cristãos a antiga barreira da religião tinha sido derrubada, e os dois povos constituíam, religiosamente falando, um “novo homem”. Desta forma, Clemente de Alexandria posteriormente citaria uma obra chamada The Preaching of Peter dizendo: “Nós, que adoramos a Deus de uma maneira nova, como a terceira raça, somos cristãos”.

Aqui Paulo aponta para Cristo como a “nossa paz”, não somente aquele que faz a paz mas aquele em quem nós sentimos uma paz e uma harmonia entre as “raças” que não existiam antes. O que Cristo fez foi “desfazer” (katargo, “anular”, “deixar sem efeito”, “tornar irrelevante”) a Lei que aos olhos dos judeus os separava de todos os outros homens. O que Paulo quer dizer é que uma vez que o judeu crente não mais se relaciona com Deus por meio da Lei Mosaica, não há motivo para o antigo antagonismo de qualquer grupo. Agora, o crente de origem gentílica participa de todas aquelas bênçãos que, anteriormente, só estavam disponíveis ao judeu fiel; e, juntos, nós somos concidadãos do povo de Deus, e membros da casa de Deus.

Se você e eu nos relacionarmos com os outros com base em nossa participação conjunta em Cristo, nenhuma das diferenças étnicas ou sociais que nos dividem agora será capaz de permanecer.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

As Bênçãos Espirituais em Cristo (1.3-14).

Contexto. O AT retrata um Deus que age livremente ao escolher Israel e ao dar a ele sua terra. A completa liberdade de ação de Deus está ressaltada de diversas maneiras. Desta forma, Deus disse a Moisés: “Terei misericórdia de

quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer" (Êx 33.19). A mesma verdade está afirmada de outra maneira em Deuteronômio 9.6. Ali, Deus adverte a geração do Êxodo para não supor que sua dádiva para eles, a terra, está baseada em qualquer mérito seu. "Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o Senhor, teu Deus, te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo obstinado".

Em Romanos 9–11, Paulo desenvolve este tema de maneira muito cuidadosa. Uma revisão da história sagrada demonstra repetidas vezes que a liberdade de ação de Deus não se restringia, de nenhuma maneira, por nenhum ato humano, nem qualquer ato humano obriga a Deus a alguma ação. Paulo argumenta que alguns eventos históricos, tais como a anunciação a Rebeca antes do nascimento dos seus gêmeos de que o mais velho (Esaú) serviria ao mais jovem (Jacó), ocorreram "não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)" (9.11). O argumento de Paulo em toda esta passagem é que os atos de Deus são determinados internamente, e nascem de sua misericórdia. Eles não são determinados externamente, como uma resposta ou reação ao comportamento do homem.

Paulo poderia, perfeitamente, ter uma grande quantidade de exemplos do AT. Mas ele expressa o que quer dizer, e, surpreendentemente, os sábios do século I não entendem. Eles supuseram a soberania de Deus, mas, ao mesmo tempo, era inimaginável para eles que Deus, o Juiz Moral do Seu universo, que recompensa os bons e que pune os maus, não respondesse aos bons de acordo com seus méritos.

Na verdade, os escritos dos sábios e seus sucessores freqüentemente ampliam esta suposição e retratam a Deus agindo de uma determinada maneira por conta dos méritos de Israel. Por exemplo, Genesis Rabbah 29, comentando Gênesis 6.8, "Noé... achou graça", cita o rabino Simon, que argumenta sobre o uso de "achar" em Oséias 9.10 – "Achei Israel como uvas no deserto" – que Noé achou a graça "por conta do mérito da geração do deserto!" (XXIX: III 1. H.).

Este estudioso apresentou uma conclusão como esta, apesar de Deus ter se irado com esta geração incrédula, condenando-a a vagar até que todos os adultos que tivessem participado da grande desobediência tivessem morrido!

É ainda mais sugestivo examinar o índice da maciça obra em três volumes de

Emil Shurer, History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ, e não encontrar referência alguma à seleção, pré-conhecimento, predestinação, soberania e outros conceitos associados à relação entre a liberdade de escolha de Deus, e os supostos méritos do homem! Em poucas palavras, tais questões eram ignoradas porque os sábios imaginavam que uma pessoa zelosa da Lei poderia agradar a Deus e também que Deus certamente recompensaria esta pessoa tanto agora quanto no mundo futuro.

Mas esta suposição não se reflete no NT. Ao contrário, as epístolas do NT apresentam uma visão de uma humanidade perdida, completamente separada de Deus pelo seu pecado, e sem nenhum mérito aceitável ao Senhor. A Lei dada aos judeus não oferece nenhuma ajuda, porque a Lei condena aqueles que ficam aquém das expectativas, e todos se incluem neste grupo. A lei moral implantada aos pagãos não ajuda, pois, embora eles reconheçam o certo e o errado, eles não atingem o padrão imposto por suas próprias consciências (Rm 2). Desta forma, todos pecaram e todos estão aquém da glória de Deus, e todos se posicionam diante de Deus sem méritos, e condenados (Rm 3). A Lei não é nenhuma ajuda, porque os seres humanos pecadores estão espiritualmente mortos, e a Lei não pode dar vida (Gl 3.21,22).

Como todo ser humano está completamente impotente, nossa única esperança é apelar para a misericórdia de Deus. E esta misericórdia é oferecida a todos em Jesus Cristo, que morreu por todos. Graças à grande misericórdia estendida a todos nós em Jesus, todos os que crêem serão salvos.

Mas agora a carta aos Efésios parece levar a questão ainda mais adiante. O ato salvador da fé será alguma coisa gerada dentro do coração do ser humano perdido? Ou este ato salvador da fé, por si só, é uma dádiva do Deus misericordioso? E, se a fé por si só é uma dádiva, esta dádiva é claramente dada a alguns, mas não a todos. Então, Deus ao escolher alguns e não outros para a salvação, está destinando os demais à perdição?

É no contexto desta questão – uma questão que não surgiu no século I, nem no judaísmo contemporâneo, simplesmente porque naquela religião a salvação é interpretada como uma questão de mérito – que a maioria entende Efésios 1.3-14. E muitos encontram dificuldades.

Interpretação. Paulo começa com uma doxologia, na forma de uma bênção judaica tradicional (1.3). A seguir ele passa a descrever o papel de cada pessoa

da Divindade ao trazer-nos as bênçãos de que desfrutamos agora. A passagem pode ser assim esquematizada:

O papel do Pai (1.4-6).

O papel do Filho (1.7-12).

O papel do Espírito Santo (1.13,14).

O Papel do Pai (1.4-6). O papel do Pai ultrapassa estes versículos para dominar toda a passagem. Mesmo a obra do Filho estava de acordo com o propósito e a decisão do Pai (1.11). O que o Pai fez, especificamente?

Deus nos elegeu em Cristo antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis.

Deus nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo.

Deus fez isto “segundo o seu beneplácito” (1.9).

A palavra traduzida como “elegeu” (1.4) é exelexato, o aoristo intermediário de indicativo de eklego, que significa selecionar e implica em escolher alguns dentre muitos. A escolha é descrita como tendo ocorrido antes da Criação e, portanto, dificilmente dependeria de qualquer coisa que o escolhido tivesse feito.

A escolha também é descrita como tendo ocorrido “em Cristo”. Em resumo, o nome de Cristo exclui qualquer mérito e qualquer vaidade que os homens tenham de si mesmos; pois quando Deus mostra que somos escolhidos em Cristo, a conseqüência é que nós não fizemos por merecer esta bênção através de nossas próprias qualidades”.

A palavra “predestinou” é proorisas. A palavra significa “marcar antes do tempo” e é encontrada seis vezes no NT. É útil comparar outros usos da palavra para entender a maneira como ela é usada nas Escrituras. Em Atos 4.28 está escrito que os eventos associados com a morte de Jesus, e que nela culminaram, eram exatamente o que a mão e o conselho de Deus tinham anteriormente determinado que havia de acontecer. O texto em 1 Coríntios 2.7 fala do plano de Deus para nos redimir por intermédio de Cristo como alguma coisa “ordenada antes dos séculos para nossa glória”. Um exame destas passagens indica que todo o processo da salvação – incluindo especificamente a morte de Jesus, nossa adoção na família de Deus, nossa transformação à semelhança de Jesus – tudo isto foi planejado e executado conforme Deus tinha decidido de antemão.

Outra expressão deixa ainda mais clara esta ênfase. Tudo o que Ele fez foi “conforme o seu propósito, segundo o conselho de sua vontade” (1.11). Aqui, “vontade” é eudokian, um verbo usado 21 vezes no NT, das quais não menos que 15 expressam a vontade de um ser humano ou de Deus a respeito de uma escolha que é feita. Deus está completamente satisfeito com as Suas escolhas.

Finalmente, “propósito” aqui é thelematos. Como seu sinônimo bouloumai, quando usado em relação aos objetivos de Deus, thelo indica um objetivo fixo e uma determinação absoluta (Lc 7.30; At 4.28; Hb 6.17).

No caso de um déspota, estas palavras parecerão verdadeiramente ásperas e impiedosas. Mas precisamos nos lembrar de que o caráter da Pessoa que escolhe, predestina e deseja dá a conotação destes termos. Paulo não hesita em apresentar a Deus como sendo totalmente soberano na distribuição de suas bênçãos. Mas Paulo também nos lembra de que a escolha de Deus deve ser compreendida em vista do seu amor (1.4), e de sua graça (1.6).

O Papel do Filho (1.7-12). Cristo foi comissionado para executar o grande desígnio de Deus. Paulo fala da “redenção por seu sangue, a remissão das ofensas”, que nos é dada através do auto-sacrifício de Cristo.

Mas aqui também Paulo volta no tempo para isolar a origem destas bênçãos que nós recebemos. A raiz não está em nós mesmos, mas sim na vontade de Deus e em seu “beneplácito” (novamente eudokeo, 1.9), que Deus propôs em Cristo. A palavra traduzida como “propôs” é proetheto, “colocar diante de Si mesmo”. Desde a própria eternidade, o Pai não somente estudou bem este plano, mas o tratou com carinho, voltando a ele repetidas vezes como uma demonstração definitiva do bem que ficaria bastante claro quando Ele agisse: “Congregar em Cristo todas as coisas... tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (1.10). Mas aqui Paulo também nos lembra de que você e eu sempre estivemos no coração e na mente de Deus. Agora usando termos familiares, Paulo diz: “nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho de sua vontade” (1.11, itálicos do autor). E tudo isto Deus fez para nós “com o fim de sermos para louvor de sua glória” (1.12).

A Obra do Espírito (1.13,14). Aqui, pela primeira vez, Paulo retrata os seres humanos como atores no drama da salvação. “Também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido...” Se supusermos que “ouvir a palavra” significa, como é freqüente tanto no AT como no NT, responder à Palavra, entenderemos que Paulo está dizendo que fomos inseridos em Cristo quando cremos. Isto está confirmado pelo particípio que vem a seguir, “tendo crido”.

Assim, Paulo vê a escolha, o plano, e o objetivo de Deus que se originou na eternidade, mas nossa participação é algo que ocorre no tempo, e somente quando cremos.

O apóstolo retorna imediatamente ao seu tema, e descreve a obra do Espírito Santo ao nos trazer as bênçãos da salvação aqui e agora. Este retorno ao seu

tema nos lembra de um importante princípio interpretativo. Precisamos ter a certeza de que não estendemos a abrangência de qualquer passagem além daquilo que seu autor pretendia. Paulo está louvando a Deus pelo que Ele fez por nós, e nesta brilhante expressão de gratidão e felicidade nos leva a considerar – assombrados e maravilhados – o investimento de cada pessoa da Divindade em nossa salvação. Não somos uma preocupação menor e insignificante de um Deus cuja atenção está voltada aos problemas cósmicos. Nossa salvação foi o centro das Suas preocupações muito tempo antes do ato de criação, e cada pessoa da Divindade apresentou-se para investir seu poder – e sua dor – para realizar nossa redenção.

Paulo não está perguntando se a fé é, por si mesma, alguma coisa que Deus provoca nos corações daqueles que crêem. Logicamente, as expressões “Deus é soberano” e “o homem tem livre arbítrio” parecem contraditórias. Mas, biblicamente, o ensino de que Deus escolhe, predestina, e deseja está ao lado do convite – quem desejar poderá vir – sem nenhuma espécie de contradição.

Aplicação. Nós, seres humanos, sem dúvida continuaremos a pensar, e alguns ficarão perturbados pelas palavras que Paulo usa em Efésios 1 para descrever o papel de Deus no planejamento e na execução de nossa salvação. Entretanto, eu penso que Paulo não estava preocupado, por uma razão muito simples: O grande apóstolo compreendia e confiava no amor e na sabedoria de Deus.

Dizer que algo “não parece justo” talvez seja a pior de todas as razões para ficar perturbado sobre Efésios 1 ou Romanos 9–11. Quando quer que esta afirmação seja feita, precisamos, com completa honestidade, acrescentar as palavras “em minha opinião”. O que realmente estamos dizendo é “não me parece justo”. E, ao fazermos tal afirmação, agimos de forma tola, como se você e eu, em nossa limitada compreensão e ignorância da realidade definitiva, tivéssemos alguma base para julgar a Deus!

Mas a segunda razão é ainda mais convincente. Se quaisquer conclusões que obtivermos sobre estas passagens, corretas ou não, nos apresentarem um dilema mortal, ainda assim permanece o fato de que nós conhecemos o Deus que escolhe. E o recurso definitivo ao lidar com qualquer paradoxo deste tipo é recordar e permanecer no caráter do Deus que nós conhecemos, em Cristo, como o Deus de amor e compaixão infinitos.

Será que a predestinação, como nós a imaginamos, é injusta? Nós simplesmente

não temos nenhuma base para julgar. Mas será que Deus pode agir injustamente? Claro que não! E nesta verdade maravilhosa nós podemos nos refugiar de qualquer dúvida – e abandonar a discussão.

Uma Família, Um Corpo

EXPOSIÇÃO

-

Paulo prossegue em sua exploração das implicações corporativas da salvação. O AT deixa claro que desde o início Deus pretendia salvar tanto os gentios como os judeus. Mas a intenção de Deus de tornar os gentios e os judeus "membros de um mesmo corpo" foi propositadamente omitida na revelação anterior (3.1-9). Esta surpreendente modificação dos acontecimentos não deve ser encarada como uma mudança nos planos de Deus, nem como uma rejeição de Israel. Em lugar disto, é uma demonstração da "multiforme sabedoria" de Deus; a revelação de uma nova faceta do "eterno propósito" muito mais complexo do que o que tinha sido imaginado anteriormente (3.10-13). É somente quando os elementos diferentes que formam a igreja de Cristo estão enraizados e estabelecidos no amor de uns pelos outros que, juntos, os crentes vêm a conhecer o amor de Cristo – um amor que embora esteja muito além de nossa compreensão não está além de nossa capacidade

de senti-lo (3.14-19). Mas como isto é possível? Em uma grande doxologia, Paulo louva a Deus como Aquele que é capaz de fazer "tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos" por meio de seu poder que está trabalhando dentro de nós, trazendo a Ele a glória por todas as gerações (3.20,21).

Agora, Paulo estabeleceu o fato de que a igreja é um "mistério" – termo técnico – que indica um aspecto anteriormente oculto, mas agora revelado, do propósito de Deus. Em Efésios 4, Paulo concentra nossa atenção na unidade do corpo e explica algo a respeito do objetivo de Deus nesta criação inesperada de uma comunidade de fé verdadeiramente nova. Os crentes devem "fazer todo o esforço" para conservar a unidade de um corpo que é verdadeiramente um só: onde habita um Espírito, conquistado por um Senhor, devendo fidelidade a um Pai (4.1-6). No contexto de uma unidade mantida por tais expressões de amor como humildade, mansidão, longanimidade e tolerância, são exercidos os dons distribuídos por Cristo, o vitorioso, em sua ascensão, e se cumprem os objetivos de Cristo em seu corpo e a favor de seu Corpo (4.7-10). Surpreendentemente, estes objetivos não se cumprem nos líderes que Cristo dá à igreja, mas nos leigos. Os líderes são servos cujo papel é

equipar o povo de Deus para sua “obra do ministério”. Por meio dos esforços de todos os seus membros, o corpo de Cristo é edificado (4.11-13). E por meio da participação ativa em um corpo que cresce, e que ministra de forma constante, o crente amadurece individualmente (4.14-16).

E que maravilhosa transformação ocorre no contexto do corpo de Cristo. Aqueles que viviam nas trevas e na impureza são ensinados a despojar-se de seu antigo modo de vida e revestir-se do novo ser que Deus cria em Cristo (4.17-24). Aqui está uma teologia verdadeiramente prática, pois com uma experiência das realidades dinâmicas que dão à igreja de Cristo sua forma, surge uma maneira de viver completamente nova. Os seres humanos, antes perdidos e hostis, tornam-se imitadores de Deus e vivem vidas de amor (4.25–5.2).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada (3.2). A palavra é oikonomia, normalmente “tarefa” ou “administração”. Aqui, Paulo apresenta-se como aquele a quem Deus confiou a tarefa de colocar em prática a estratégia implícita na doutrina da graça, servindo aos outros (veja o Estudo da Palavra sobre a Graça em 1.7).

Podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo (3.4). Um mysterion é um aspecto do propósito de Deus não revelado no AT, mas exposto em Cristo e na pregação do Evangelho. A expressão preposicional “de Cristo” pode ser interpretada de diversas maneiras: como um mistério de autoria de Cristo, um mistério que é Cristo, ou um mistério relativo a Cristo. Esta última opção é preferível. O Evangelho de Cristo envolve uma revelação surpreendente da extensão inesperada da graça divina (3.2), uma graça que se estende para abranger judeus e gentios igualmente.

Os gentios são co-herdeiros (3.6). Paulo utiliza três termos com o prefixo syn- para expressar o fato surpreendente de que os gentios são bem-vindos no corpo de Cristo como iguais ao povo escolhido. Os gentios e os judeus são co-herdeiros (sygkleronoma), co-membros de um mesmo corpo (syssoma) e co-participantes (symmetocha). Para entender a natureza verdadeiramente maravilhosa desta nova revelação tanto aos judeus como aos gentios do século I, veja os comentários na Passagem em Profundidade deste capítulo.

Mistério, que... esteve oculto em Deus (3.9). Novamente esta seção enfatiza a imprevisibilidade da atual unidade dos judeus e dos gentios em Cristo. Deus deixou de mencionar este aspecto do seu objetivo na revelação anterior deliberadamente. Agora, no entanto, a igreja veio a existir e tanto os seres angelicais quanto nós, seres humanos, podemos começar a apreciar um pouco da complexidade do eterno propósito de Deus, e glorificá-lo com temor, porém maravilhados.

Por causa disso, me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família... toma o nome (3.14,15). Quando Jesus ensinou seus discípulos a orar “Pai nosso”, o objetivo era enfatizar a maravilhosa intimidade com Deus, que os indivíduos podem sentir agora. Aqui Paulo tem um intuito diferente. A igreja é uma “família” (patria) que deriva sua identidade daquele que é Pai (pater).

Embora aqui traduzida como “toda a família”, no século I uma patria era qualquer grupo unido pela descendência de um antepassado comum. Desta forma, a patria poderia ser uma família ou um grupo tribal ou, no caso de Israel, toda uma nação. Mas a essência que unia os membros de qualquer patria era sua origem comum, uma origem que lhe dava sua própria identidade.

Paulo está claramente continuando a reforçar seu ensino sobre a unidade de judeus e gentios na igreja de Cristo. Nós somos co-membros do corpo de Cristo. Além disso, por meio de Cristo nós agora traçamos nossa genealogia de volta a um Pai comum, Deus; desta forma, foi constituída uma patria, uma família.

Orando pela igreja, Paulo considera Deus como o pater (Pai) que nos deu nossa identidade compartilhada. E, em sua oração, ele pede que nós possamos sentir a realidade desta unidade que ele descreveu.

[Oro] a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento (3.17-19). A nossa compreensão desta oração depende de como interpretamos a expressão “em amor”.

Devemos estar arraigados e fundados no amor de Cristo por nós? Devemos estar arraigados e fundados no amor por Cristo? Ou quem sabe devemos estar arraigados e fundados no amor de uns pelos outros? A gramática não nos fornece a resposta, portanto precisamos nos referir ao contexto. E aqui o contexto parece ser decisivo. Toda a passagem é uma exploração da igreja como um mistério, no qual os crentes judeus e gentios são unidos como iguais. Como membros de uma patria agora, nós precisamos desenvolver relacionamentos arraigados e fundados no amor. Somente assim teremos poder “com todos os santos” para sentir aquilo que não pode realmente ser compreendido intelectualmente: o amor que Cristo tem por nós.

É vital que compreendamos este ponto. O amor de Cristo é muito largo, longo, alto e profundo para que o compreendamos. Apesar disto, esse amor pode ser

conhecido experimentalmente. E é comunicado a nós na igreja à medida que a nova comunidade de fé torna-se arraigada e fundada no amor de uns pelos outros.

O princípio da encarnação permanece válido. Nós conhecemos a Deus, porque Ele se tornou encarnado em Cristo. E conhecemos a Cristo à medida que nosso Senhor continua a se expressar por meio de nossos irmãos e irmãs, que são membros do Seu corpo vivo aqui na terra.

Andeis como é digno da vocação com que fostes chamados (4.1). A palavra axios significa “erguer o outro prato da balança”. A imagem é de equilíbrio; o modo de vida cristão deve estar em harmonia com as verdades nas quais ele professa crer.

Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros (4.2). Paulo agora introduz quatro graças que são elementos essenciais naquela vida “digna” que é apropriada à vida do cristão. Estas quatro graças não esgotam o assunto. Como o restante desta passagem, elas se referem a características que são críticas se a igreja desejar experimentar o amor e a unidade.

“Humilde” é tapeinophrosyne. Na cultura grega, a raiz servia como uma expressão de desprezo aplicada aos que eram inferiores socialmente. No NT a palavra é positiva, representando a avaliação adequada que uma pessoa faz de si mesma em relação a Deus e aos outros. A pessoa humilde vê os outros como pessoas de grande valor porque elas são amadas por Deus e encontra satisfação ao servi-las.

“Manso” é prautes, que pode ser traduzido como consideração. As palavras derivadas desta raiz sugerem uma qualidade suave, calmante. Em lugar de provocar discórdia, uma pessoa mansa tende a gerar um clima pacífico e harmonioso ao seu redor.

“Paciente” é makrothymia, uma capacidade de autocontrole que capacita uma pessoa a continuar amando e perdoando apesar das provocações.

“Suportando” é anechomenoi, que pode ser traduzido como “agüentando” até que a provocação termine.

Basicamente, Paulo nos deu uma explicação clara do amor que ele deseja que os membros da igreja exibam. Se vivermos nestes termos, uns com os outros, aprenderemos o que é o amor, e sentiremos o amor que Cristo tem por cada um de nós.

Há um só corpo e um só Espírito (4.4-6). Paulo continua a enfatizar a unidade da igreja. Como em Efésios 1, ele vê cada Pessoa da Divindade como envolvida vitalmente. Em Efésios 1, Paulo concentrou-se no envolvimento do Pai, do Filho e do Espírito Santo na obra da salvação. Aqui, em Efésios 4, Paulo reverte a ordem, e enfoca o envolvimento do Espírito, do Filho e do Pai na criação e na conservação da unidade da igreja.

O Espírito Santo é o agente da unidade; o Filho é Aquele em quem nós estamos unidos; o Pai é Aquele cujos propósitos são expressos por meio da unidade do corpo.

Com esta grande afirmação, Paulo conclui esta seção de sua carta, que novamente enfatizou a unidade da igreja como uma comunidade de fé verdadeiramente nova, e desvia sua atenção à questão de como os membros individuais desta comunidade devem viver.

Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens (4.8). O uso que Paulo faz deste salmo perturbou a muitos, pois o Salmo 68.18 apresenta: “Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativeiro, recebeste dons para os homens e até para os rebeldes”. Como podemos harmonizar as versões do AT e do NT deste versículo?

Uma sugestão baseia-se no fato de que o Targum, que é a paráfrase aramaica do texto original em hebraico, apresenta “Tu subiste ao firmamento, ó profeta

Moisés, levaste cativo o cativeiro, ensinaste as palavras da Lei, destes dons aos filhos dos homens". Desta forma, uma suposição é a de que Paulo possa refletir esta paráfrase em lugar do original.

Uma sugestão mais satisfatória está baseada na imagem do triunfo do conquistador. Cristo, o Vitorioso, retorna ao céu com os cativos no seu séqüito. Então, em seu trono de glória, Ele compartilha com seus seguidores na terra o espólio que Ele conquistou. O AT e o NT, portanto, referem-se a um evento comum, o triunfo de Cristo, e enfatizam duas conseqüências diferentes, mas harmoniosas. O Vitorioso recebe os espólios – e generosamente os distribui entre seus seguidores.

Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério (4.11,12). A Encíclica Papal de 1906, Vehmenter Nos, afirma: "Quanto às massas, elas não têm nenhum direito além de permitir que sejam guiadas, e de seguirem seus pastores como um rebanho dócil". Como é diferente a ênfase de Paulo! Quer os líderes tenham grandes áreas de responsabilidade (apóstolos, profetas, evangelistas) ou somente responsabilidades locais (pastores e doutores), eles são ordenados para servir os leigos. São os leigos que realizam a "obra do ministério" que edifica o corpo de Cristo.

Do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (4.16). Paulo resume a situação. A maturidade para os indivíduos e para a igreja corporativa vem por meio da ativa participação de "cada parte".

E digo isto e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios (4.17). É somente agora que Paulo desvia nossa atenção do corpo e de nossa participação nele para o crente individual. O cristianismo requer uma reorientação radical da vida, o despojar-se do "velho homem" e o

revestir-se de um “novo homem” que foi criado para ser como Deus em justiça e santidade.

Aqui Paulo insiste para que os efésios não retrocedam ao seu antigo modo de vida. É um modo de vida gentio, em primeiro lugar porque a igreja em Éfeso era predominantemente gentia, e em segundo lugar porque os pecados descritos aqui eram mais característicos de um modo de vida gentio do que de um cristão. Paulo adverte especificamente contra:

“A vaidade do seu sentido” (4.17). A palavra é mataiotes, freqüentemente associada com idolatria, mas aqui indicando as tolas crenças subjacentes ao seu comportamento.

“A ignorância que há neles” (4.18). Suas opiniões são expressões de uma completa ignorância a respeito da realidade.

“A dureza do seu coração” (4.18). Esta ignorância é tanto moral quanto mental. Os gentios decidem não responder positivamente à luz que eles têm, e ao endurecerem seus corações contra ela, condenam-se a vagar nas trevas, cativos das crenças enraizadas na falsidade.

Além disto, Paulo também descreve os gentios do seguinte modo:

“Havendo perdido todo o sentimento” (4.19). A palavra é apelegkotes. Seus corações endurecidos já não mais são capazes de distinguir entre o certo e o errado, deixando-os vulneráveis às paixões que surgem incontroláveis internamente.

“Se entregaram à dissolução” (4.19). Dissolução, ou sensualidade é aselgeia. O abandono irrefreável à devassidão sexual e outras práticas pecaminosas.

“Cometerem toda impureza” (4.19). Aqui a palavra é akatharsia, que significa imundície ou torpeza.

“Para, com avidez, cometerem toda impureza” (4.19). Aqui a palavra é pleonexia, que indica um desejo insaciável. A vida gentia de completa auto-indulgência não traz satisfação, mas acende a chama de um desejo irreprimível que leva o indivíduo cada vez mais longe de Deus, e cada vez mais longe do que Deus pretende que os seres humanos se tornem.

Vos despojeis do velho homem... e vos revistais do novo homem (4.22, 24). É comum na literatura grega a ilustração de despir e vestir roupas, e também é freqüentemente encontrada nas Escrituras. Aqui está outro lembrete de que existe tanto um potencial antigo quanto um novo potencial na personalidade do crente. Deus nos deu um novo ser. É nossa responsabilidade decidir vestir esse novo ser e viver de acordo com suas motivações.

Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira (4.26). Extraímos dois princípios destes curtos provérbios. Em primeiro lugar, que a ira por si só não é um pecado, desde que permaneça sendo emoção. Entretanto, ela pode levar-nos a ações que se constituem pecados. Em segundo, precisamos encarar este perigo tão seriamente que lidemos com nossa ira antes que o sol se ponha. Isto é, não guardar rancor, nem permitir que ele se transforme em amargura. Na verdade, precisamos que “toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre [nós]” (4.31).

Nosso objetivo é “andar em amor”, nos dando voluntariamente aos outros, da mesma maneira que Cristo se deu por nós (5.1,2).

A IRA HUMANA

As palavras hebraicas traduzidas como “ira” tendem a ser descritivas, retratando os sintomas físicos da ira. As narinas dilatadas, a sensação de ardor, o olhar feroz e hostil, tudo isto é descrito nas palavras hebraicas. Isto se deve, naturalmente, ao fato de a ira ser, na verdade, uma reação física e emocional ao que aparece em nós para, de alguma maneira séria, violar um relacionamento.

Uma investigação de passagens do AT deixa claro que em alguns casos a ira é justificada, como é o caso da reação de Moisés ao bezerro de ouro fabricado por Arão (Êx 32.19; cf. 1 Sm 20.34). Em muitos casos a ira, ainda que compreensível, não pode ser justificada (1 Sm 17.28; 18.8).

Outro importante ensinamento é o de que a ira pode ser expressa com justiça ou com pecado. O furioso Potifar sentiu-se justificado ao condenar José à prisão, e na verdade reagiu com reservas, ao invés de vingar-se pessoalmente. Embora a ira que Simeão e Levi sentiram devido ao estupro de sua irmã fosse justificada, sua trama de assassinar todos os homens de Siquém não o era, e é severamente condenada (Gn 34; 49.6,7). Qualquer que seja a justificativa, o indivíduo irado não tem nenhum direito de vingar-se. Como diz o Salmo 37.8,9: “Deixa a ira e abandona o furor; não te indignes para fazer o mal. Porque os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra”.

Em vista da tendência da ira em levar ao mal, o AT contém muitos avisos contra ela (cf. Pv 27.4; 29.22; 30.33 etc.).

Em última análise, a Bíblia deixa claro que somos responsáveis por nossa própria ira. A ira é nossa reação às circunstâncias, e nós podemos optar por reagir de outras maneiras. Assim, o Salmo 37.8 diz que devemos “deixar a ira” e “abandonar o furor”, e não “nos indignarmos” devido às situações que possam estimular nossa ira. Em lugar de aceitar o peso da ira, devemos entregar as situações injustas ao Senhor. Como Deus é o Juiz moral do seu universo, nós podemos estar certos de que “os malfeitores serão desarraigados”. O Salmo 37.7 diz: “Descansa no Senhor e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos”. Em lugar de nos indignarmos, entregamos a situação ao Senhor. Agradecidos porque o peso da resposta apropriada será dele e não nosso.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Paulo, o Pregador dos Gentios (3.1-21)

Contexto. Paulo é extremamente cauteloso em admitir que a igreja é uma entidade absolutamente especial. Embora o AT deixe claro que Deus sempre desejou estender as bênçãos da salvação aos gentios, não existe, na antiga revelação, a indicação de que Deus quisesse deixar a salvação disponível aos judeus e aos gentios da mesma maneira, colocando-os no mesmo patamar dentro da comunidade da fé.

PASSAGENS TÍPICAS DO ANTIGO TESTAMENTO A RESPEITO DA SALV

Os judeus do século I, na verdade, lutavam com esta profunda questão emocional a respeito das relações entre os judeus e os gentios, e nunca conseguiram resolvê-la. Por um lado, Israel via-se como aquela nação que levava o conhecimento de Deus aos gentios, e estava convencida de que um dia o judaísmo tornar-se-ia uma religião mundial. Quando os gentios finalmente reconhecessem a Deus, eles seriam aceitos pelo Senhor. Mas, por outro lado, a atitude básica do mundo gentio em relação aos judeus era de desprezo e aversão. Reconhecendo isto, os judeus, compreensivelmente, confortavam-se com passagens do AT que falavam do julgamento de Deus sobre os gentios. Desta forma, os comentaristas judeus posteriores eram inclinados a interpretar as palavras das Escrituras a respeito dos gentios de uma maneira negativa, argumentando que ainda que os mesmos termos fossem aplicados a Israel e aos gentios, os termos idênticos ainda implicariam na bênção de Israel e na maldição dos gentios. Leviticus Rabbah V:VII observa:

J. “As nações do mundo são chamadas sábias, e Israel é chamada sábia”.

K. “As nações do mundo são chamadas sábias, ‘e eu farei perecer os sábios de Edom” (Ob 1.8).

L. “E Israel é chamada sábia. ‘Os sábios escondem a sabedoria’” (Pv 10.14).

M. “As nações do mundo são chamadas puras, e Israel é chamada pura”.

N. “As nações do mundo são chamadas puras: ‘inteiras, como os que descem à cova’” (Pv 1.12).

O. “E Israel é chamada pura: ‘os sinceros herdarão o bem’” (Pv 28.10).

Dada esta ambivalência e o fato de a igreja ser um mistério não revelado no AT, é compreensível que judeus e gentios igualmente se sentissem desconfortáveis a respeito da noção de que as duas raças agora eram uma; uma terceira raça da humanidade, modelada em Cristo pela obra do Espírito Santo. E não era fácil deixar de lado os antigos preconceitos, e aprender a viver aquela vida de amor

que é a única capaz de manter uma unidade que existe como uma realidade teológica, mas que também precisa ser sentida como uma realidade prática.

Interpretação. Existe uma forte ênfase sobre a unidade do corpo de Cristo no livro de Efésios. Em Efésios 2.14-22 afirma-se que Cristo “derrubou a parede de separação” que estava entre os judeus e os gentios, para criar “dos dois um novo homem”.

Como resultado, os gentios são “concidadãos dos Santos [o povo do Antigo Testamento]”, elementos num único edifício que Deus está construindo agora a partir de pessoas como um templo sagrado no qual Ele irá residir.

Em Efésios 3, Paulo admite que isto é um mistério – um elemento de surpresa no plano de Deus, que não tinha sido revelado no AT. Ainda assim, este elemento é coerente com a graça de Deus e também com sua “multiforme sabedoria”. Não deveríamos esperar que os desígnios de Deus fossem simples ou simplistas. Assim, embora isto não tivesse sido revelado anteriormente, a igreja agora se exibe a todos como uma patria que assume a identidade de Deus, que é o Pai de todos nós.

Tipicamente, Paulo não pode deixar de extrair implicações práticas de seu ensino doutrinário. Deus nos constituiu como uma família, e é nela, e por meio dos relacionamentos familiares de amor, que nós iremos, juntos, sentir algo que ninguém pode entender – o verdadeiro amor de Cristo.

Ao passar para o capítulo 4, Paulo retorna ao seu tema principal. A unidade existe. No entanto, ela deve ser mantida pelo esforço coerente de cada membro do corpo, ao se relacionar com humildade, mansidão, longanimidade e tolerância. Fazendo isto, descobrimos outra maravilha: Cristo “deu dons aos homens” (4.8). Em seu triunfo, o Vitorioso compartilha o espólio conosco, capacitando cada crente a contribuir para o crescimento e a maturidade do corpo e de seus membros!

Uma vez mais, é essencial sentir a unidade que realmente existe. Ela cresce à medida que “todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas” cresce, e isto ocorre somente com “a justa operação de cada parte” (4.16).

Embora o restante do capítulo mova nossa atenção para os indivíduos que juntos constroem o corpo, fica claro que mesmo aqui o indivíduo é considerado em termos de seu relacionamento com os outros membros do corpo.

Aplicação. Os ensinos da carta aos Efésios sobre a unidade do corpo de Cristo têm aplicações diretas agora, da mesma forma que já tiveram ao longo da história da igreja. Sejam quais forem as barreiras sociais que possam existir dentro de qualquer sociedade, essas barreiras tornam-se irrelevantes em Cristo, e devem ser irrelevantes para o povo de Cristo.

Isto é muito mais uma questão prática do que teórica. Dentro do corpo, devemos viver uma vida de amor. Dentro do corpo, devemos ser completamente humildes e mansos, longânimos, suportando-nos uns aos outros com amor. Dentro do corpo devemos reconhecer a primazia do amor em nossos relacionamentos, e amar ativamente. E também devemos reconhecer nossa dependência uns dos outros. Nenhum segmento da sociedade é superior, chamado para "ministrar" ao passo que outros segmentos devem "receber o ministério".

Em uma obra fascinante de George H. Gallup, Jr. e Timothy Jones (The Saints Among Us, Morehouse, 1992), os autores concluíram que aqueles classificados como "santos" teriam provavelmente maior probabilidade de serem encontrados entre os desamparados da sociedade: os pobres que não são brancos, as mulheres, os que não têm instrução. Hoje em dia, como na época do NT, precisamos aprender que Deus não opera segundo os métodos de uma sociedade humana. Como Paulo escreveu em 1 Coríntios 1.26-29: "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias... E Deus escolheu as coisas vis deste mundo... para que nenhuma carne glorie-se perante ele".

Aquele que Ama

EXPOSIÇÃO

-

Paulo convocou os que estão em Cristo, que fazem parte do terceiro povo humanidade, para serem "imitadores de Deus" e, desta forma, "andar em amor" (5.1,2). O versículo olha para trás, para 4.17-32, e também para frente, para 5.3–6.9. Inicialmente, Paulo continua a convocar os crentes individualmente e a igreja para que permaneçam comprometidos com a moralidade sexual (5.3-14), com a temperança (5.15-18) e com a adoração comum (5.19,20). No entanto, neste ponto Paulo muda significativamente seu rumo para descrever como viver uma vida de amor dentro do esquema das estruturas sociais rígidas que marcavam o mundo do século I.

A hierarquia estava implícita nas estruturas sociais do século I. O imperador ficava sozinho no topo da pirâmide. Imediatamente abaixo, ficava o senado, com cerca de 600 homens. Abaixo deles, estavam os equites, ricos proprietário de terras e homens de

negócios. Abaixo, estavam os aristocratas locais das províncias e cidades do império, que possuíam algum poder político ou influência devido à sua riqueza. Nestas classes, as mulheres deviam sentar-se atrás, ter filhos, e permanecer fiéis aos seus maridos, e viver vidas completamente monótonas. Entendia-se que o marido devia governar e a mulher era sua subordinada. A condição das mulheres reflete-se na regra geral de que uma mulher romana não podia herdar mais do que dez por cento das propriedades de seu marido.

A maior parte da população ocupava as classes inferiores – pequenos proprietários de terras, artesãos e comerciantes, e os pobres que conseguiam sustentar-se como trabalhadores diaristas. Abaixo deles, os mais inferiores na escala social, estavam os escravos, considerados segundo a lei como meras propriedades, apesar do fato de que muitos escravos eram indivíduos muito instruídos e talentosos. Nesta sociedade social altamente estratificada, a posição e os privilégios eram guardados ferozmente.

O NT não desafia diretamente as estruturas sociais existentes. Em lugar disto, como exemplificado aqui, o NT fala diretamente às pessoas cristãs, e as convoca para viverem uma vida de amor dentro das estruturas

da sociedade. Desta forma, embora a esposa deva submeter-se ao seu marido, ele é exortado a amar sua mulher o suficiente para colocar suas necessidades em primeiro lugar em seu relacionamento (5.23-33). Embora os filhos devam obedecer aos seus pais, os pais não devem "provocar a ira" em seus filhos (6.1-4). E, embora os escravos devam obedecer aos seus senhores na terra, os senhores cristãos devem tratar bem seus escravos, e com respeito (6.5-9). Em última análise, a vida de amor à qual os cristãos são convocados deve romper todas as barreiras artificiais erigidas pela sociedade. Inicialmente, a vida de amor capacitaria o povo de Deus a unir-se no que Paulo mostrou que nós somos – um corpo, uma patria no Senhor.

O livro de Efésios termina com uma revisão exclusiva. Paulo examina o que escreveu e visualiza as verdades que enfatizou como o equipamento de um soldado romano. Armado com as grandes realidades de sua fé, o cristão está capacitado a permanecer confiante e seguro (6.10-20,21-23).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Mas a prostituição e toda impureza ou avareza nem ainda se nomeiem entre vós (5.3). A palavra é porneia. Um termo geral que abrange a depravação sexual, que era tão comum na época de Paulo como é na nossa. E também igualmente errada.

Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas, antes, ações de graças (5.4). Este é o único trecho do NT onde aparecem estas três palavras. Torpeza é aischrotes, “linguajar obsceno”. Parvoíce é morologia, conversa tola. Chocarrice é eutrapelia, que sugere a visão do sofisticado que trata o sexo com arrogância irreverente. Tais linguagens não são adequadas para os cristãos, cujas bocas seriam mais bem empregadas para dar graças a Deus.

Noutro tempo, éreis trevas, mas, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz (5.8). Paulo não afirma que os crentes estavam nas trevas, mas sim que eles eram trevas. O significado disto está poderosamente retratado em 2.1-3 e 4.17-24. De maneira similar, agora os crentes não se limitam a andar na luz, mas eles são a luz. Nossa chamada, neste mundo, consiste em sermos o tipo de pessoas que nos tornamos em Cristo.

Vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus (5.15,16). Aqui kairon, que normalmente indica tempo, poderia ser traduzido como “oportunidade”. As circunstâncias nas quais vivemos são difíceis, mas como qualquer homem de negócios perspicaz pode perceber, as épocas difíceis sempre apresentam oportunidades incomuns para lucros. Ao invés de ficar desanimado, o cristão deve estar ainda mais alerta, disposto a aproveitar todas as oportunidades que se apresentarem para deixar que Cristo brilhe.

E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito (5.18). Devemos estar sob a influência do Espírito de Deus, não do álcool.

A analogia pode se basear no poder que ambos têm para diminuir as inibições naturais. No entanto, quando nossas inibições são diminuídas pelo vinho, ele nos leva à “contenda”. Este pensamento reflete-se em uma passagem dos escritos pseudoepígrafos na obra The Testament of Judah (veja abaixo). Em contraste, ser cheio com o Espírito é uma bênção que relaxa a inibição que nos leva a hesitar, quando devemos nos manifestar a favor do Senhor.

TESTAMENTO DE JUDÁ 14.14 E agora, meus filhos, eu lhes digo: não se emb

Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja (5.32). Nas cartas de Paulo, um mysterion é a revelação atual de uma verdade não revelada no AT. O seu uso aqui é inesperado, até que percebamos que o ensino de Paulo sobre o relacionamento entre marido e esposa é verdadeiramente uma exposição surpreendente e inesperada da verdadeira natureza do objetivo de Deus no casamento. Em Gênesis 2.24, a que Paulo faz referência, está a fundação para a união matrimonial. Mas as implicações dessa união somente ficaram claras quando Cristo apareceu e modelou o casamento para nós em seu relacionamento com sua noiva, a igreja.

Como será comentado mais adiante, na Passagem em Profundidade, o modelo do casamento visto em Efésios está em pronunciado contraste com a visão comum do mundo do século I – e freqüentemente com a visão que muitos cristãos têm hoje em dia.

Filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor (6.1). A exortação é dirigida diretamente aos filhos. Aparentemente, Paulo espera que os filhos estejam presentes nas congregações onde sua carta será lida!

A expressão “no Senhor” não pretende libertar os filhos, cujos pais não são crentes, da obrigação da obediência. Pelo contrário, a expressão sugere a transformação da família iniciada pelo cristianismo. Na sociedade romana, o paterfamilias era soberano. A expressão “no Senhor” é um reconhecimento explícito de que tanto os filhos quanto os pais estão sujeitos a Cristo. É sua autoridade que é soberana na família, assim como na igreja.

Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa (6.2). Uma sugestão bastante adequada é que protos (“primeiro”) aqui é usado fora da ordem seqüencial, para indicar que “honrar pai e mãe” é um mandamento básico.

Talvez, entretanto, os rabinos que interpretavam este como o mandamento mais

importante, estivessem corretos. Psicologicamente, pelo menos, este seria o primeiro mandamento com significado para uma criança pequena. E a criança que aprender a se relacionar apropriadamente com seus pais, terá maior probabilidade de se relacionar adequadamente com Deus.

Pais, não provoqueis a ira a vossos filhos (6.4). A palavra grega é parorgizete, que sugere tratamento tão irracional dos filhos que eles se tornam desanimados ou ressentidos. No entanto, ainda mais significativo é o fato de que Paulo responsabiliza os pais pelo modo como tratam seus filhos. De acordo com a lei romana, o pai era soberano em sua casa. Embora seus filhos lhe devessem respeito e obediência, ele não tinha obrigação de considerar seus sentimentos ou seu bem-estar. A extensão deste direito é ilustrada no fato de que se um proprietário vendesse um escravo, e o escravo posteriormente comprasse sua liberdade, o primeiro proprietário não teria direito a qualquer reivindicação. Porém, se um pai vendesse um filho ou uma filha como escravo, e esse filho comprasse ou obtivesse sua liberdade, o pai ainda poderia vender o filho outras vezes.

Desta forma, no contexto daquela época, foi verdadeiramente revolucionária a indicação de Paulo de que viver uma vida de amor gera, para os cristãos, obrigações em relação à família e àqueles que são socialmente inferiores, como também obriga os cristãos a respeitar as famílias destes e também aqueles que são socialmente superiores.

Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor... E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles (6.5, 9). O mesmo tema surpreendente da obrigação mútua é apresentado aqui na mais opressiva das instituições sociais do século I. Naquela época, os escravos eram propriedade e tinham poucos direitos sociais. Paulo convoca os escravos a “viverem uma vida de amor”, prestando aos seus senhores humanos um serviço sincero. E, a seguir, ele convoca os senhores cristãos a encararem seus escravos como companheiros humanos, e a viverem sua vida de amor dentro dos esquemas daquela instituição social, demonstrando consideração por seus escravos. Este tema de obrigação

mútua é encontrado em diversas passagens do NT, reproduzidas aqui.

Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu e que para com ele não há acepção de pessoas (Ef 6.5-9).

Vós, servos, obedecei em tudo a vosso senhor segundo a carne, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração, temendo a Deus. E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis...

Vós, senhores, fazei o que for de justiça e eqüidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus (Cl 3.22-24; 4.1).

Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor ao senhor, não somente ao bom e humano, mas também ao mau; porque é coisa agradável que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus (1 Pe 2.18-20).

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo (6.11). A obra The Teacher’s Commentary interpreta a passagem sobre a armadura, observando:

Foram dadas muitas interpretações diferentes sobre a armadura, e foram discutidos os equivalentes na panóplia do soldado romano da época de Paulo. Mas o que é freqüentemente mais importante foi negligenciado: Paulo aqui descreve a armadura que nos capacita a resistir aos ataques à nossa vida, unidos, como a nova comunidade de Cristo. A partir desta perspectiva, quais são os recursos divinos que recebemos? (p. 932)

O cinturão da verdade. “Deixai a mentira e falai a verdade cada um com seu próximo” – aconselhou Paulo – “porque somos membros uns dos outros” (4.25). A sinceridade e a honestidade nos unem; os desentendimentos e as segundas intenções nos dividem.

A couraça da justiça. Não deve haver “prostituição, impureza ou avareza” (5.3) entre o povo santo de Deus. Uma vida justa é essencial, e devemos guardar aquilo que é essencial na vida que compartilhamos.

Pés equipados com o evangelho da paz. Mais de uma vez, nesta carta, Paulo ressaltou como o evangelho traz paz, reconciliando-nos com Deus e tornando-nos um só. Em Efésios, a paz é o elo que mantém a unidade criada pelo Espírito. Quando a unidade é mantida, a igreja de Cristo é capaz de se mover em uma resposta completa Àquele que é o Cabeça da igreja.

O escudo da fé. Nós mantemos uma esperança confiante na realidade e no poder de Deus. Esta confiança extingue a dúvida. Nós somos inadequados por nós mesmos, é verdade, mas nossa confiança está em Deus, “que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera” (3.20).

O capacete da salvação. A salvação nos trouxe uma nova vida e identidade. Conservando nossa identidade como a igreja viva de Cristo constantemente diante de nós, nossa percepção de vida é transformada. Os sonhos de Satanás de relacionamentos distorcidos não conseguem nublar a mente de uma pessoa que compreende plenamente o significado da salvação de que nós desfrutamos em Cristo.

A espada do Espírito. Por que Paulo explica aqui que a espada é a "Palavra de Deus"? (6.17) Porque, ao longo de toda a carta aos Efésios, Paulo não comentou as Escrituras da mesma maneira como comentou os outros elementos de nossa armadura. Esta ferramenta vital é necessária para que travemos nossa batalha espiritual.

"Orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos" (6.18).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Esposas e Maridos (5.21-33)

Contexto. Foi sugerido que ninguém, vivendo hoje em dia, é capaz de compreender a beleza desta famosa passagem sobre o relacionamento entre o marido e a esposa. Para entender, deve-se reproduzir a atitude que existia em relação às mulheres no século I. Talvez ainda mais significativo, deve-se também reproduzir a atitude em relação ao significado pessoal, pois no mundo social altamente estratificado do século I, a posição social era protegida ferozmente, e os direitos dos superiores eram afirmados a qualquer custo perante alguém que fosse inferior.

Assim, como cenário a Efésios 5, precisamos examinar (1) a atitude geral em

relação às mulheres na sociedade, e (2) as hipóteses a respeito do significado pessoal que se refletiam em todas as instituições sociais, inclusive o casamento.

HIPÓTESES SOBRE AS MULHERES

Lefkowitz e Fant, em sua antologia Women's Life in Greece and Rome (Baltimore: John Hopkins University, 1982) fornecem diversas citações de autores antigos a respeito das mulheres. Juntas, elas retratam uma atitude que dificilmente seria compartilhada nem mesmo pelos homens mais chauvinistas hoje em dia. Dois exemplos típicos já bastam. O grego Simónides, ao escrever On Women no século VI a.C., diz:

> Sim, esta é a pior praga que Zeus criou – as mulheres; se elas parecem ter alguma utilidade para aquele que as tem, é especialmente a ele que elas provam ser uma praga. O homem que vive com uma mulher nunca atravessa o dia inteiro com alegria... Justamente quando um homem mais deseja desfrutar do lar, a mulher descobre uma maneira de encontrar algum problema nele e levanta a crista para a batalha. A mesma mulher que parece ser mais respeitável é aquela que demonstra ser culpada da pior atrocidade.

No século I d.C., o romano Valério Máximo comenta sobre os relacionamentos históricos entre grandes homens da história romana e suas esposas. Ele escreve:

> Egnatius Metellus... tomou um bordão e espancou sua esposa até a morte porque ela tinha bebido um pouco de vinho. Não apenas ninguém o acusou de nenhum crime, mas ninguém nem mesmo o culpou... Gaio Sulpício divorciou-se de sua esposa porque a tinha flagrado fora de casa com sua cabeça descoberta: uma penalidade dura, mas não sem uma certa lógica. "A lei", disse ele, "determina que é somente para os meus olhos que você pode provar sua beleza... se você – com uma provocação desnecessária – convida o olhar de outra pessoa, você deve ser afastada por fazer o mal". Quinto Antistio Veto não se sentia de maneira diferente quando se divorciou de sua esposa porque a viu em público conversando com uma mulher liberta. Movido não por um crime real, mas, poderíamos dizer, pelo nascimento e fomento de um, a puniu antes que o pecado

chegasse a ser cometido, para que ele pudesse evitar que a ação fosse realizada ao invés de puni-la depois... E assim, há muito tempo, quando os erros das mulheres eram evitados, suas mentes ficavam afastadas de fazer o mal.

Esta suposição fácil do direito de um homem tratar uma mulher como desejasse, também se reflete nos escritos de Ben Sirah. Em 9.2, ele adverte: “Não dê a mulher alguma o poder de pisar sua dignidade”. Embora os escritos de Ben Sirah, freqüentemente elogiem o casamento, e descrevam a boa esposa como sendo uma grande bênção, estes mesmos escritos mostram que o relacionamento entre a esposa e o marido no judaísmo, como também no mundo secular, não era concebido como um relacionamento entre pessoas iguais. Assim, Ben Sirah escreve:

Homens deprimidos, o rosto entristecido,

O coração partido – isto por causa de uma mulher má.

Mãos frágeis e joelhos trêmulos –

Por causa de uma mulher que não traz felicidade ao seu marido.

Em uma mulher esteve o começo do pecado;

Por causa dela todos nós morremos.

Não ofereça uma saída para as águas,

E não seja indulgente com uma esposa que erra;

Se ela não estiver ao seu lado,

Afaste-a de sua carne com uma comunicação de divórcio (25.23-26).

No século I o judaísmo definia dez deveres que um marido tinha para com sua

esposa. Eles incluíam coisas como prover tratamento médico, um funeral respeitável, o sustento de suas filhas até que se casassem etc. No entanto, a "coisa feia" (Dt 24.1) que poderia levar um homem a divorciar-se de sua esposa, de acordo com Edersheim, levava à inclusão de "todo tipo de comportamento inadequado, como sair com o cabelo solto, correr pela rua, conversar intimamente com homens, tratar mal os pais do marido diante dele, e até mesmo falar com o marido num tom tão alto de voz que os vizinhos pudessem ouvir" (Sketches of Jewish Social Life).

Não há dúvida de que o casamento era encarado de uma maneira muito mais positiva no judaísmo do que na sociedade secular. Mesmo assim, a orientação quanto ao casamento, conforme refletia Ben Sirah, era masculina, e mostrava como a mulher era benéfica ao seu marido e não como ele poderia servi-la ou ser benéfico a ela. Desta forma, Ben Sirah escreve:

Embora qualquer homem possa ser aceito como marido,

Algumas mulheres são melhores esposas que outras.

A beleza de uma mulher ilumina o rosto de seu marido,

Pois ultrapassa todo o resto que encanta os olhos.

E, se, além disso, sua fala for suave,

A sorte dele é maior do que a dos outros homens mortais.

Uma esposa é o tesouro mais rico de seu marido,

Uma ajudadora semelhante a ele mesmo, um apoio firme.

A vinha que não tiver sua cerca será invadida,

Um homem sem esposa torna-se um andarilho sem teto.

HIPÓTESES SOBRE A IMPORTÂNCIA PESSOAL

O mundo do século I era rigidamente estratificado. As pessoas que tinham posições sociais mais elevadas supunham ser intrinsecamente superiores àqueles que eram socialmente inferiores. Assim, a importância e o significado pessoal de um indivíduo, aos seus próprios olhos, e também aos olhos dos outros, era grandemente determinado por sua posição social.

Stambaugh e Balch, na obra The New Testament in Its Social Environment, observam que “os ‘honoráveis’ viam os ‘humildes’ com desprezo e sem considerar o grande abismo que se abria entre eles”. Os autores prosseguem, observando que “a literatura clássica está repleta de zombarias das classes superiores, não atenuadas por nenhum sentimento de compaixão, sobre a preguiça, a miséria e o servilismo dos pobres... mesmo nas refeições, seja nos jantares privados aos quais um senhor rico convidava alguns dos seus clientes, ou em banquetes públicos oferecidos por algum aristocrata aos seus concidadãos, o lugar de cada um, e até mesmo o que cada um iria comer, dependia estritamente do seu status” (p. 114).

A orientação do status refletia-se nos termos honoríficos – dos quais a língua grega estava repleta. Mas, como as cartas do NT exemplificam, o cristianismo representava um poderoso desafio a este modo de pensar. Paulo, ao falar da “dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada” (3.2) não reivindica nenhum título sublime, mas em lugar disto fala de si mesmo como um mero “servo do evangelho” (3.7, versão NTLH). Quando ele menciona os apóstolos, os profetas, os evangelistas e os pastores e doutores da igreja, ele assombra o leitor do século I ao atribuir a estas pessoas o papel de preparar o povo de Deus para a obra do ministério – uma tarefa educacional normalmente realizada por escravos ou homens libertos, os mais inferiores na ordem social, independentemente de sua inteligência ou de seu talento (4.11,12). Ao definir a igreja como uma patria em que judeus e gentios são herdeiros em conjunto, membros em conjunto e compartilhando conjuntamente um único corpo (3.6), Paulo estabelece um modelo igualitário que literalmente não tinha precedentes nas culturas antigas. Como Paulo afirma em outra parte, tendo nos revestido de Cristo “não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

Quando chegamos a Efésios 5.21-33, somente conseguimos distinguir a poderosa verdade que ele afirma se interpretarmos a passagem no contexto da

sociedade do século I. Uma sociedade em que as mulheres eram valorizadas, mas somente quanto à sua contribuição para a felicidade dos homens. E na forma de pensar dos homens da época – que sequer imaginavam a possibilidade da existência de um outro modo de pensar – a condição de marido ofuscava a da esposa de tal maneira que, embora um homem pudesse cuidar de sua esposa, não lhe devia praticamente nada além do sustento físico. Era literalmente inimaginável iniciar qualquer discussão sobre o relacionamento entre marido e esposa como Paulo faz aqui, com a afirmação "sujeitai-vos uns aos outros no temor de Deus" (5.21).

Interpretação. O princípio controlador desta discussão dos relacionamentos entre marido e esposa está em 5.21, infelizmente separado de 5.22 por um título e um parágrafo na NVI. Aquele "sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus" é o princípio controlador ilustrado de duas maneiras.

Primeiramente, Paulo passa a discutir os relacionamentos interpessoais em três situações: marido/esposa, pai/filho, e senhor/escravo. Cada situação envolve relacionamentos nos quais a cultura supunha a autoridade absoluta de um elemento e a total submissão do outro. Em cada situação, Paulo afirma a responsabilidade do "subordinado" em responder ao "superior".

E, em cada situação, Paulo convoca o "superior" a demonstrar uma preocupação pelo "subordinado" que não se esperava culturalmente. Na verdade, em cada situação, o que Paulo pede teria sido considerado não somente inapropriado, mas sim uma vergonhosa subordinação de um superior a um inferior.

Para nós, hoje em dia, as regras de "amai vossa mulher", "não provoqueis a ira a vossos filhos" e "tratai seus escravos [com consideração]" parecem quase corriqueiras, ao passo que no século I elas eram verdadeiramente radicais.

A segunda razão para interpretar "sujeitai-vos uns aos outros" como o princípio controlador em cada uma destas situações é gramatical. No grego, o versículo 22 é Hai gynaikes tois idiois andrasin hos to kurio, "esposas, aos seus próprios maridos como ao Senhor". O verbo "sujeitando-vos" não está no texto original, mas é adotado pelos tradutores com base no versículo 21.

A questão que Paulo está discutindo em Efésios 5.22,23, então, é como um marido e uma esposa sujeitam-se um ao outro por causa da reverência que têm a Cristo. Ao desenvolver este tema, Paulo é cauteloso para não sugerir que uma

esposa deve adotar um modo de relacionar-se com seu marido que seja contrário às normais culturais para a instituição do casamento. Nem sugere que os escravos rebelem-se e violem as normas daquela instituição. A esposa deve reagir ao seu marido da mesma maneira como a igreja reage a Cristo. Os escravos devem obedecer aos seus senhores da terra.

A mudança radical está em que, no contexto de cada instituição, o tirano deve inclinar-se para se sujeitar passando a ver e a tratar a esposa, a criança ou o escravo como um ser humano com sentimentos, necessidades e preocupações que o "superior" tem a responsabilidade de satisfazer!

O que isto quer dizer dentro do casamento? Nós podemos resumir, observando três deveres que Paulo atribui ao marido:

Marido, ame sua esposa (5.25).

Marido, ame com a intenção de Cristo (5.26-28).

Marido, ame sua esposa como você ama a si mesmo (5.33).

Marido, ame sua esposa (5.25). Se esta frase tivesse sido escrita por um autor clássico, ele certamente teria escolhido uma palavra para "amor" entre três possibilidades. Erao expressava paixão sexual, e é apropriado que o marido cristão tenha um desejo maduro e contínuo por sua esposa. Phileo e storgeo são termos freqüentemente usados para expressar afeição familiar. E é apropriado que o marido sinta uma afeição cordial por sua esposa. No entanto, Paulo decide usar agapao, um termo meigo do grego secular, mas uma palavra infundida com um significado cristão único, por seu uso no NT. Aqui, agapao expressa o amor desinteressado – um amor que se compromete conscientemente a procurar o bem-estar da pessoa amada, independentemente do custo pessoal.

Ao decidir colocar o bem-estar da esposa em primeiro lugar, pois é isto que agapao implica, o marido voluntariamente sujeita seus próprios interesses às necessidades de sua esposa, e, portanto, sujeita-se a ela, em uma atitude de reverência a Cristo.

Marido, ame com a intenção de Cristo (5.26-28). Paulo nos lembra de que Cristo amou a igreja e se deu por ela “para a santificar”. A intenção de nosso Salvador era que por intermédio do Seu ministério nós pudéssemos nos tornar tudo o que podemos ser. A sua intenção era a de nos elevar, e de nos capacitar para virmos a ser muito mais do que éramos.

No século I, as classes superiores viam o casamento como algo significativo para o progresso da riqueza ou da posição do homem. A família da qual a esposa vinha, o dote que ela trazia, eram coisas importantes por causa do impacto que tinham no status do homem na comunidade. A idéia de que um marido devesse se preocupar com as necessidades, ambições, ou com o potencial de sua esposa nunca passou pela cabeça do homem do século I.

Mas é exatamente isto que Paulo está dizendo. O marido deve amar sua esposa, vê-la como uma pessoa importante e preocupar-se em satisfazer suas necessidades, ajudando-a a atingir seu potencial.

Marido, ame sua esposa como você ama a si mesmo (5.33). No casamento, o marido e a esposa são unidos como uma só pessoa. Uma esposa não deve ser vista como uma propriedade, mas como uma extensão do próprio marido. Nós nos dedicamos a manter nossa saúde e integridade, e a promover nosso desenvolvimento. Esta mesma preocupação deve ser abundante por parte do marido em relação à esposa.

Tendo dito isto, Paulo volta-se para a esposa. O marido deve amar a esposa, e a esposa deve ao seu marido o respeito apropriado.

Aplicação. Com excessiva freqüência, a discussão nos tempos modernos concentrou-se nas questões erradas. Quanta autoridade o marido possui? Como a esposa deve se sujeitar? Uma mulher pode trabalhar se seu marido não aprovar isso? O homem tem o direito de castigar (ou espancar) sua esposa? As mulheres podem ser médicas ou advogadas?

O próprio Paulo recusa-se a se envolver neste tipo de discussão. Em cada cultura, determinados padrões de comportamento são considerados apropriados dentro do contexto de suas instituições. Paulo não está convocando a extinção do casamento nem da família, nem a abolição da escravatura. Ele não está criticando as expectativas que sua sociedade impõe para as esposas, para os filhos, ou para os senhores. Paulo está dizendo que, dentro da igreja, cada pessoa, independentemente de seu papel na sociedade, tem uma dívida de sujeição recíproca para com os outros. Esta dívida só pode ser paga quando se dota cada relacionamento com um comprometimento mútuo. A esposa tem obrigações para com seu marido. Mas o marido deve à sua esposa um amor que coloque as necessidades dela ao lado das suas, e coloque seu crescimento e desenvolvimento acima dos seus. O filho tem obrigações para com seu pai, mas o pai deve ao seu filho a consideração e a educação adequadas. O escravo tem obrigações para com seu senhor, mas o senhor deve aprender a ver e tratar o escravo como uma pessoa que tem dignidade e valor, e não simplesmente como uma propriedade.

Naturalmente, o que aconteceu é que o ideal cristão, com o passar dos séculos, transformou as expectativas culturais de tal forma, que a maioria de nós se candidata a adotar o modo de vida que Paulo pede aqui. Nós lemos estes versículos e dizemos: “É claro”, e nunca percebemos como estas palavras são revolucionárias.

Para alguns, é claro, elas continuam sendo revolucionárias. Para o homem que apela para as Escrituras como uma desculpa para maltratar sua esposa, as palavras ainda devem ser ouvidas. Paulo não está falando sobre a instituição do casamento, mas sobre o relacionamento entre os parceiros do casamento. Quando o marido ama com o amor de Cristo, e com a intenção de Cristo, e se preocupa tanto com o bem-estar de sua esposa quanto com seu próprio, as questões tão freqüentemente discutidas são facilmente solucionadas. Se o marido não ama, ou não procura viver em sujeição mútua, as questões não podem ser solucionadas, e o casamento ficará aquém do ideal de Deus.

FILIPENSES

Chamados Para a Alegria

EXPOSIÇÃO

-

A carta de Paulo à igreja filipense foi escrita enquanto ele estava preso em Roma, aguardando julgamento. A missiva calorosamente pessoal de Paulo é notável por sua ênfase na alegria e no regozijo, apesar das dificuldades.

A carta de Paulo adota a forma padrão para uma carta, mas introduz uma invenção que posteriormente se tornou o padrão. Após um breve salutatio (saudação, 1.1,2), Paulo muda para o captatio benevolentiae (1.3-11). Nesta seção, que tem tradicionalmente a intenção de assegurar a boa vontade do leitor, Paulo compartilha sua profunda afeição pelos filipenses e reafirma o compromisso mútuo que eles compartilham com o evangelho, como também a oração específica que ele oferece em favor deles. É neste ponto que Paulo introduz sua própria invenção, que nos séculos II e III tornou-se uma convenção: ele compartilha informações sobre sua

própria situação e sentimentos atuais sobre ela (1.12-27). Paulo está frustrado por sua prisão e incerto quanto ao seu futuro. Mas ele vê evidências de que as coisas que aconteceram com ele "contribuíram para maior proveito do evangelho" (1.12), e nisto ele se regozija.

O restante da carta é mais complexo, quando Paulo muda várias vezes entre narratio e petitio (pedido ou exigência específica) antes de chegar a uma breve conclusão (4.21-23). Dentro do corpo da carta, estão vários trechos de exortação, misturados com várias narrações, e um hino admirável com respeito a Cristo. Paulo roga que seus leitores vivam uma vida digna do evangelho (1.27-30), marcada por uma unidade (2.1-4) que só pode ser alcançada por uma humildade semelhante à de Cristo na relação com os outros (2.5-17). Em um aparte, Paulo pede à igreja para receber de volta a Epafrodito, e que ela responda positivamente ao ministério de Timóteo (2.18-30). Ao mesmo tempo eles devem "vigiar" por causa dos judaizantes, que estavam querendo transformar o evangelho da graça em uma religião de esforço humano (3.1-11). Outra vez, Paulo roga a seus leitores que mantenham seu foco em Cristo, e que sigam seu padrão de vida compromissada enquanto aguardam ansiosamente pela volta do Senhor (3.12–4.1).

A carta então apresenta uma série de exortações breves de natureza tanto pessoal (4.2,3) como universal (4.4-9) antes de agradecer aos filipenses pela oferta financeira, e por colocarem sua generosidade em perspectiva espiritual (4.10-20).

Em parte por causa de sua complexidade e dos vários tópicos abordados, alguns comentaristas têm argumentado que Filipenses é uma composição de várias cartas diferentes em vez de uma única composição. No entanto, não há nenhuma forte razão que nos leve a presumir que Filipenses não seja o que parece ser: uma carta escrita por Paulo durante o período em que esteve preso, e levada pessoalmente a Filipos por Timóteo e Epafrodito, repleta de calorosas notas e exortações pessoais que são totalmente apropriadas como as palavras enviadas por um apóstolo para uma congregação à qual ele tem em afetuoso apreço.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora (1.5). A palavra grega koinonia significa “ter algo em comum com”. Esta palavra é usada 13 vezes por Paulo, e é o termo que ele usa para descrever o que nós chamamos

hoje de “doação”. Em vista disso, e do paralelo da construção deste texto com Romanos 15.26 e 2 Coríntios 9.13, foi sugerido que Paulo está se referindo ao fato de que os filipenses têm, desde o início, contribuído financeiramente para permitir que ele dê continuidade ao seu ministério evangelístico.

Para que... sejais sinceros e sem escândalo algum até ao Dia de Cristo, cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (1.10,11). Paulo ora para que os filipenses possam ser os melhores cristãos possíveis, e usa três adjetivos para descrever o que está envolvido no alcance deste objetivo.

Eilikrineis é traduzido como “sinceros”, e significa “discernir pela luz do sol.” A imagem sugere viver uma vida tão aberta e transparente que todos estejam cientes da integridade moral do indivíduo.

Aproskopoi é traduzido como “sem escândalo algum”, um composto que significa “sem provocar o tropeço de ninguém” ou “sem tropeçar.” Paulo pode querer dizer que devamos tomar o adjetivo em ambos os sentidos. O cristão deve igualmente ter cuidado para evitar obstáculos que têm o propósito de fazê-lo tropeçar, e evitar qualquer ação que possa fazer os outros tropeçarem.

Os “frutos de justiça” é uma imagem comumente usada nas Escrituras para retratar as qualidades de caráter produzidas pela obra de Deus dentro da personalidade do crente (Am 6.12; Gl 5.22). Estes frutos só podem ser produzidos por uma transformação interior operada pelo Espírito de Deus através de Cristo.

É por esta razão que a vida sincera, sem escândalo, e que produz verdadeiros frutos na vida do cristão é para glória e louvor de Deus”. Somente Deus é capaz de nos tornar o melhor que podemos ser.

De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares (1.13). Visto que Paulo havia feito uma apelação ao imperador, ele era guardado por turnos da Guarda Pretoriana do

imperador (o significado de praitorio aqui). É impressionante como o Senhor, verdadeiramente, transforma em bem o que quer que aconteça conosco. Que outra oportunidade os membros desta força militar de elite teriam tido de ouvir o evangelho?

Alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boa mente (1.15). Posteriormente Paulo voltará sua atenção aos judaizantes, que distorcem o evangelho insistindo nas obras como algo essencial para a salvação (3.2-11). Aqui a tensão é pessoal em vez de doutrinária. Alguns se tornam evangelistas mais ativos por um espírito competitivo, tendo um prazer perverso no pensamento de que Paulo está atado e incapaz de tentar alcançá-los. Outros se tornam evangelistas mais ativos por amor, em um esforço de aliviar Paulo da preocupação de que a expansão do evangelho retrair-se-á devido à sua inatividade forçada.

É fascinante ver como Paulo recusa-se a julgar as motivações, e está encantado com o fato de que, seja pela razão que for, o evangelho está sendo pregado. Poucos de nós têm essa maturidade. Os críticos de Paulo poderão ficar amargamente ressentidos com seu sucesso, mas o apóstolo não ficará ressentido com eles! Em vez disso ele se regozijará por Cristo estar sendo pregado, e deixará a questão dos motivos para o Senhor.

Porque sei que disto me resultará salvação (1.19). Paulo não se refere aqui à sua libertação da prisão. O maior perigo que qualquer um de nós enfrenta é o desânimo que as dificuldades freqüentemente criam. Paulo tem, porém, “intensa expectação” e “esperança” que através da experiência... “Cristo será... engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte” (1.20).

“Intensa expectação” (apokaradokia) é um termo que só é encontrado na literatura cristã depois de Paulo e sugere um foco concentrado naquilo que está pela frente. “Esperança” é a família elpis, que indica a antecipação confiante da contingência futura a ser realizada. O segredo do livramento de qualquer ameaça presente à nossa saúde espiritual é concentrarmo-nos no futuro que nos é

assegurado por Jesus Cristo, e em Jesus Cristo.

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus (2.6). A palavra harpagmon é usada somente aqui no NT, e é rara em outra literatura. Neste contexto, o argumento deixa claro que Paulo a usa para dar o exemplo definitivo de humildade. Cristo, que existia como Deus, igual ao Pai, não pensou que deveria manter sua posição a qualquer custo. Em vez de insistir na posição que era apropriada à sua natureza essencial. Cristo, voluntariamente, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a forma humana. Se esta foi a atitude de Cristo, que tolice a nossa lutarmos para manter as migalhas de posição que nos são oferecidas pela sociedade humana!

Para mais detalhes sobre este hino exaltado e seu papel no argumento dos filipenses, veja mais adiante o tópico O Texto em Profundidade.

Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade (2.12,13). Paulo presume que os filipenses estejam salvos. Portanto, torna-se importante "operar" a dimensão experimental desta nova vida que os crentes agora possuem.

Porém isto não depende de nós; mas, antes, do fato de que o Deus que nos concede a salvação opera em nós. A sua operação transforma nossas vontades e ações, para que nossos desejos e impulsos sejam canalizados para a execução da vontade de Deus.

A salvação não é ganha pelas obras. Mas a salvação que Deus nos dá é uma realidade tão dinâmica, que ela irá necessariamente operar em nossas vidas.

E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé,

folgo e me regozijo com todos vós (2.17). Tanto nos rituais pagãos como judeus, os sacrifícios tipicamente envolviam derramar vinho por cima do holocausto ou ao pé do altar. Esta libação geralmente completava o sacrifício.

O uso de Paulo do tempo verbal no presente aqui, sugere que ele vê o sofrimento presente como uma espécie de selo colocado sobre a doação sacrificial e as obras de serviço dos crentes filipenses. O que Paulo está dizendo é que ele está verdadeiramente satisfeito e agradecido por poder compartilhar com eles desta forma em seu próprio ministério e serviço a Deus.

Pela obra de Cristo, chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida, para suprir para comigo a falta do vosso serviço (2.30). Paulo elogia Epafrodito por causa de sua disposição a paraboleusamenos te psuche. A imagem aqui é forte e sugere um ato imprudente. Lightfoot sugere que a expressão poderia ser usada em relação a “pessoas que arriscam suas vidas para cuidar de doentes acometidos por pragas”. Na verdade, a palavra era desconhecida fora do NT até ser encontrada em uma inscrição do século II d.C. perto do Mar Negro, onde significa “expor-se ousadamente ao perigo”.

Sabemos pouco sobre Epafrodito. Sabemos que ele foi um membro da igreja filipense. Sabemos que ele levou para Paulo uma contribuição da parte deles. Sabemos que ele estava terrivelmente doente enquanto estava com Paulo, e que o apóstolo estava profundamente preocupado com ele. E, a partir do particípio paraboleusamenos sabemos que sua decisão de alcançar Paulo com a ajuda foi feita em total consciência de que estava arriscando a própria vida. O compromisso que Paulo sentia para com os filipenses foi retribuído com uma reciprocidade, pelo menos por este homem que veio deles.

Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor! (3.1) O uso de to loipon aqui tem sido tomado por alguns como evidência das posteriores adições a este livro. No entanto, um estudo da literatura contemporânea sugere que a frase também era usada para introduzir novos tópicos, e portanto poderia muito bem ser traduzida como “além disso.” Neste caso, o título do parágrafo pode confundir,

porque a exortação “regozijeis no Senhor” acompanha o que se segue, e se coloca em contraste com a advertência de Paulo contra depender da carne (as obras humanas).

Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão! Porque a circuncisão somos nós (3.2,3). Paulo, muito conscientemente, chama de cães (kuon) os homens que ele descreve. Esta é uma palavra para vira-latas de rua, sujos; usada em contraste com o diminutivo afeiçoadamente aplicado aos cães domésticos (kunarion). “Cão” era um termo de desprezo, freqüentemente aplicado pelos judeus aos gentios. Aqui, Paulo volta o epíteto contra os judeus, que são “maus obreiros” e mutilam a carne por meio da “circuncisão”. Esta última frase envolve um trocadilho de palavras, contrastando katatome (cortar para fins religiosos) com peritome (circuncisão). Paulo afirma que os judeus praticam um ritual que não tem significado algum porque, em vez de se regozijarem no Senhor como a fonte da salvação, eles cortam a carne na expectativa de que este ritual tenha o mesmo valor da salvação. Pelo fato da circuncisão no judaísmo contemporâneo ter perdido sua importância espiritual, e por esta importância ser entendida por aqueles que crêem em Jesus, os cristãos é que são verdadeiramente “a circuncisão” – isto é, o povo da aliança de Deus.

Pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco (3.8). O fato de Paulo ter utilizado o termo panta aqui é significativo. Ele listou as coisas enfatizadas pelo judaísmo que ele mesmo já havia considerado como sendo de valor, em seu esforço para estabelecer sua própria justiça. Mesmo que tais coisas tivessem algum valor, as reivindicações de superioridade espiritual de Paulo eram, ao menos, tão firmemente embasadas quanto às dos judaizantes que agora perturbam a igreja. Na verdade, porém, Paulo virou suas costas a eles, e não só a eles, mas a “todas estas coisas” sobre as quais qualquer ser humano em todos os lugares poderiam confiar para estabelecer uma reivindicação a favor de Deus.

Resumindo, todas estas coisas são esterco, sem nenhum valor. Somente Cristo, e a justiça que Deus atribui àqueles que são encontrados nEle, é que possuem um significado importante.

Para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos (3.11). É surpreendente que tantos comentaristas insistam em ver a observação de Paulo como escatológica. Paulo está ansioso para experimentar o poder que foi liberado e disponibilizado aos crentes na ressurreição de Cristo (3.10). Ele continua na mesma veia com a frase incomum, ten exanastasin ten ek nekron: uma ressurreição “dos” mortos. Paulo está profundamente compromissado em viver sua vida em Cristo, de modo que o estilo de vida que surge seja verdadeiramente uma expressão admirável do cristianismo – a salvação daqueles que estão espiritualmente mortos. A frase “para ver se, de alguma maneira”... não expressa dúvida, mas deslumbramento. E esta linha de pensamento reflete uma verdade que Paulo não só entende, mas que claramente expressou em Romanos 8.11: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, por seu Espírito que em vós habita.”

Vida, emergindo da morte, certamente! Vida, emergindo não de qualquer esforço humano, mas da operação sobrenatural de Deus no interior de cada crente.

Esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo (3.13,14). A poderosa analogia de Paulo é extraída do atletismo. Ela permite que sintamos a intensidade com a qual os corredores se dirigem em direção ao alvo, através de um esforço muscular.

Na verdade “alvo” é skopos, “marcador de alvo”. Este era um poste no final da pista no qual o corredor fixava seus olhos e pelo qual ele podia medir seu progresso. Paulo não define o que serve como um marcador de alvo em nossa experiência cristã. Talvez a resposta seja auto-evidente; o modelo de Cristo que assumiu como propósito cumprir a vontade de Deus, cujo poder de ressurreição permite que escolhamos esta mesma vontade como propriamente nossa.

Rogo a Evódia e rogo a Síntique que sintam o mesmo no Senhor (4.2). “Sintam o mesmo” não pode explicar a amplitude de to auto phronein. A frase grega, “ter o mesmo pensamento”, enfatiza uma harmonia de atitude e de emoções, como também de perspectiva.

Não é suficiente que os cristãos concordem com a doutrina, ou até mesmo com a prática. Somos chamados a uma unidade baseada em um amor que supera as feridas bem como as discordâncias, e que dissolve os rancores.

O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei (4.9). Este versículo talvez seja o resumo clássico do ensino cristão, tanto para o instrutor como para o aluno. Os dois pares de verbos descrevem o papel do instrutor. “Aprendestes” e “recebestes” descrevem instrução; “ouvistes” e “vistes” descrevem o exemplo apresentado pelo instrutor. O ensino cristão envolve a descrição de uma realidade que o crente é chamado a experimentar. Dessa forma, o instrutor deve tanto ensinar como demonstrar o cristianismo.

O aluno, porém, tem uma responsabilidade única. Ele ou ela deve “colocar em prática” aquilo que é ensinado. Pode-se dizer que só se aprende quando se faz, e não quando se sabe apenas no sentido de dominar as palavras e os conceitos.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Imitando a Humildade de Cristo (2.1-11).

Contexto. A idéia de que Deus poderia ou iria se tornar um homem era uma

grande pedra de tropeço para os pagãos. Celso, um grego que escreveu por volta do ano 170 d.C., considerava a doutrina da encarnação "vergonhosa", e argumentava que "Deus é bom, belo e feliz, e existe em um estado muito belo. Se então Ele desce até o homem, deve sofrer uma mudança, uma mudança de bom para mau, de belo para vergonhoso, de felicidade para a desgraça, e do que é melhor para o que há de mais perverso" (Cels. 4.14).

Na cultura helenística/romana não era impensável que um ser humano pudesse ser elevado à divindade. Alguns críticos do cristianismo até mesmo admitiam que Jesus poderia ser uma pessoa assim, embora fossem avessos a considerar que o operador de maravilhas judeu se comparasse a alguns dos seus próprios heróis do passado, e até mesmo a heróis judeus como Daniel. Mas o Deus Único, em quem os pagãos esclarecidos do século I creram... Deixar o "estado bom, belo e feliz" no qual Ele deve existir para se tornar um mero homem? Nunca! Tal transformação não só seria contra a natureza de Deus; seria também contra seus melhores interesses!

Para Paulo, este pensamento também é surpreendente. Contudo, a encarnação havia acontecido. Portanto, em vez de negar sua possibilidade em bases teológicas/filosóficas, Paulo nos convida a re-avaliarmos a nossa noção do que é "bom, feliz e belo", em vista do que a Encarnação necessariamente envolvia.

Esta é exatamente a força do chamado de abertura de Paulo aos membros da comunidade cristã em Filipos; que mantenham sua unidade, nada fazendo "por contenda ou por vanglória, mas por humildade"; cada um considerando os outros superiores a si mesmo. "Não atente cada um para o que é propriamente seu", Paulo escreve, "mas cada qual também para o que é dos outros" (2.3,4). Ao adotar esta atitude, o cristão segue o exemplo estabelecido por Jesus Cristo em sua Encarnação. O bom, feliz, e belo não são encontrados ao se observar seus próprios interesses, mas quando alguém se dedica aos interesses dos outros.

Interpretação. Filipenses 2.6-11 é geralmente considerado como um hino da igreja primitiva, seja ele escrito por Paulo ou simplesmente citado pelo apóstolo aqui. A estrutura exata do hino é debatida, mas seu tema duplo é claro. Jesus voluntariamente escolheu a encarnação, e foi subseqüentemente exaltado pela ação soberana de Deus.

O Ato Voluntário de Jesus (2.6-8). A frase “sendo em forma de Deus” (2.6) é literalmente “existir na forma [morphe] de Deus”. A palavra morphe sugere uma harmonia entre a aparência e a natureza essencial, para que uma reflita a outra. A ênfase de Paulo aqui não é tanto à natureza essencial de Cristo, mas à posição que Cristo por direito desfrutava porque Ele era Deus nesta natureza essencial. Todo sinal e símbolo exterior, todo privilégio da divindade, pertenciam a Cristo porque Cristo é Deus.

Quando Paulo diz que Cristo “não teve por usurpação ser igual a Deus”, é o estado associado à divindade, em vez de Deus em si, que ele tinha em mente. A atitude fundamental de Cristo foi demonstrada em seu ato de esvaziar-se, pois “aniquilou-se a si mesmo”, e “tomando a forma [novamente, morphe] de servo, fazendo-se semelhante aos homens...” (2.7).

Por um lado a gramática indica que Cristo sempre existiu na forma de Deus, enquanto que na Encarnação Ele também assumiu, como algo novo, a forma de servo. Aqui também morphe sugere tanto a essência como a imagem, mas outra vez enfatiza a imagem. Ao tornar-se um ser humano, Jesus não cessou de ser Deus em sua natureza essencial. Mas Ele abandonou sua posição e sua divindade, trocando-as temporariamente pela condição de “servo.”

A palavra traduzida como “servo” é doulos, um escravo. O que Paulo quer dizer é: como um escravo não possui nenhuma vantagem social, mas está na verdade inferiorizado pela falta de toda a posição social, da mesma forma Jesus abandonou totalmente sua posição como Deus para viver como um “nada” entre os homens.

Mas Paulo continua. Vivendo entre nós como um ser humano, Jesus humilhou-se ainda mais, e aceitou sofrer a mais vergonhosa e dolorosa de todas as formas antigas de execução: a crucificação (2.8). Portanto, a atitude de Cristo foi totalmente generosa e sem qualquer egoísmo; ela foi totalmente auto-sacrificial; unicamente direcionada para os interesses e necessidades dos outros. Portanto, na encarnação descobrimos verdades a respeito de Deus e de seu amor pelos seres humanos, que ninguém poderia imaginar anteriormente.

O Ato Soberano de Deus (2.9-11). A humilhação voluntária de Jesus foi seguida de sua exaltação pelo Pai. Cristo não só foi ressuscitado dos mortos e restituído à

posição apropriada à sua natureza; Deus “exaltou soberanamente” a Cristo, e lhe deu um “nome que é sobre todo o nome” (2.9). A palavra grega é huperupsosen, uma palavra que só ocorre aqui no NT, significa literalmente “superexaltar”.

Neste ato, Deus deu a Jesus um nome, Senhor (2.11), diante do qual todo joelho deve se dobrar, e que toda língua deve confessar (2.10). Portanto, a restauração de Jesus por Deus é a uma posição mais elevada – isto é, a uma posição de maior visibilidade do que aquela que Ele desfrutava anteriormente.

Antes de Cristo voluntariamente escolher o caminho do auto-esvaziamento, Ele existia como Deus; mas, na incredulidade, os seres humanos poderiam ignorá-lo, e assim fizeram. Agora, ressuscitado e exaltado acima de tudo e todos, e com o Nome recebido de Deus Pai, Cristo voltará em glória e naquele grande desfecho será reconhecido por todos – crentes e incrédulos igualmente. O crente reconhece a Jesus hoje e alegremente escolhe ajoelhar-se diante dele. O incrédulo irá reconhecer a Jesus quando Ele voltar, e contra sua vontade será forçado a se ajoelhar e confessar a Cristo como Senhor de todos.

O padrão observado na passagem, então, é o seguinte:

	Pré-Encarnação	Encarnação	Pós-Encarnação
Essência	Deus	Deus / Homem	Deus / Homem
Forma	Divindade	Humano	Deus / Homem
Estado	Igual a Deus	Escravo sem direitos	Super Exaltado
Nome	Deus, o Filho	Jesus, o Cristo	Senhor

Aplicação. Embora este grande hino da igreja primitiva tenha um tremendo impacto teológico, Paulo o apresenta a fim de fazer uma explanação ética. O que é certo, e bom, e belo, é "considerar os outros superiores a si mesmo" (2.3) e atentar "para o que é dos outros" (2.4). Esta é uma posição que estava em oposição aos valores culturais, porque no helenismo a coisa certa, boa e bela a fazer era considerar a si mesmo e aos seus interesses sempre, e esforçar-se em busca da realização pessoal. Não é de admirar que os pensadores pagãos opusessem-se à noção de que Deus escolheria tornar-se encarnado. Sua opinião a respeito de Deus era moldada por seus valores, e não podiam crer que Deus iria agir de uma maneira tão estranha ao seu próprio ponto de vista.

Em contraste, o judaísmo e o cristianismo nos chamam para aceitarmos a Deus como Ele mesmo se revela a nós, e então moldarmos nossos valores para que eles se encaixem na revelação de Deus, contida nas Escrituras. Em vez de argumentar que Deus não escolheria a humilhação porque jamais se disporia a agir assim, o cristão olha para o exemplo de Cristo e decide escolher a humildade porque, fazendo assim, Cristo revelou a humildade como uma virtude.

Em vez de considerar a posição e o estado representando o que é bom, feliz e belo, olhamos para o exemplo de Jesus e percebemos que a vida boa, feliz e bela é uma vida vivida para os outros.

Há, naturalmente, um outro aspecto deste hino que é importante para nós. Jesus escolheu o caminho da auto-humilhação, e o resultado foi que Deus o exaltou sobremaneira. Deus é galardoador daqueles que vivem seus valores. Por termos a aprovação de Deus como um bem muito maior do que qualquer coisa que ganhemos aqui, nós alegremente escolhemos abandonar a posição social para servirmos. E por termos a felicidade na eternidade como um benefício muito maior do que qualquer prazer desfrutado durante a nossa breve existência na terra, temos em alta estima a oportunidade de compartilhamos os sofrimentos de Cristo.

O grande hino de Paulo em louvor a Cristo torna indiscutivelmente claras as implicações de várias declarações bastante enigmáticas registradas nos evangelhos. "E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado" (Mt 23.12; Lc 14.11; 18.14).

“Porque aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida... achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” (Mt 16.25,26). E então o grande paradoxo é explicado. Para o cristão, o caminho para o alto leva para baixo. E, dar, é o caminho para ganhar.

A Alegria em Filipenses

Contexto. Todos querem ser felizes. Isto era tão verdadeiro no século I quanto hoje. E, nesta área, várias filosofias ofereciam sistemas éticos que prometiam guiar os estudantes a uma vida completa e feliz. Estes sistemas eram sofisticados demais para confundir “sentir-se feliz” com felicidade. E assim os filósofos começaram a redefinir o termo, porque embora não pudessem ajudar ninguém a se sentir feliz, era certamente possível convencê-los de que seu estado era feliz, não importa como pudessem se sentir!

A maioria das filosofias da época, cada uma das quais tinha raízes que remontavam a algumas centenas de anos no passado, tinham a sua própria noção de felicidade e de como alcançá-la. Os estóicos e os platonistas geralmente concordavam que era necessário ser feliz para viver uma vida moral, e que este tipo de vida só poderia ser alcançado quando a razão dominasse as emoções e guiasse a alma. Os cínicos estavam convencidos de que haviam encontrado um atalho para a felicidade. Este consistia em viver uma vida simples; na prática era como “precisar apenas de poucas coisas”. Uma pessoa que quer pouco é auto-suficiente, e está livre dos desejos e preocupações daqueles que são enredados pelo desejo de possuir bens. Para os epicureus, parecia absurdamente fácil alcançar a felicidade. Eles simplesmente distinguiam a “felicidade” do “prazer”, e preenchiam a vida com algumas atividades austeras que eram – tanto quanto possível – isoladas da dor. A felicidade deveria ser encontrada no “raciocínio sóbrio” que leva a um “entendimento do bem definitivo da carne e de seus limites”, e assim “nos fornece a vida completa” (Diógenes Laertius).

Os filósofos consideravam a alegria (chara) uma subdivisão do prazer (hedone). Como uma emoção, chara era vista com desconfiança pelos estóicos, que sob a pressão da opinião comum posteriormente a classificaram como um “bom humor” da alma. Embora as outras escolas tivessem um ponto de vista mais

positivo da alegria, estes homens ainda a viam como algo reservado para os sábios que se aproximavam de sua obtenção ao se aproximarem da busca da felicidade.

O que é admirável no uso do NT deste conceito, seja na forma de um substantivo (chara) ou verbo (chairo), é que ela retém uma força secular básica. Contudo, a forma como se experimenta este estado de espírito forte, positivo, confiante e exaltado está diretamente ligada a um outro paradoxo da fé. Mesmo sabendo que o caminho para a exaltação é a humilhação voluntária, ilustrada em Filipenses 2.6-11 (veja acima), a alegria do cristão é freqüentemente experimentada em circunstâncias que ninguém consideraria feliz! A alegria, uma graça produzida em nós pelo Espírito Santo (Gl 5.22), pode ser experimentada na tribulação, e apesar dela. A alegria que nós cristãos sabemos que nos aguarda, de alguma forma projeta-se do futuro escatológico para nosso presente, e assim conhecemos a alegria.

Interpretação. As palavras "alegria" e "regozijar-se" ocorrem 14 vezes nesta breve carta. Chara, "alegria" ou "gozo", é encontrada em 1.4,25; 2.2,29; 4.1. Chairo, "regozijar-se", é encontrada em 1.18; 2.17,18,28; 3.1; 4.4 (duas vezes). Além disso, sugchairo, "regozijar-se com", é encontrada em 2.17 e 18.

Ocorrências de chara:

1.4,5: "Fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas, pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora".

1.25: "Permanecerei com todos vós para proveito vosso e gozo da fé".

2.2: "Completai o meu gozo, para que sintais o mesmo".

2.29: "Recebei-o [Epafrodito], pois, no Senhor, com todo o gozo".

4.1: "Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa..."

O capítulo 2 deste grande livro contém o apelo de Paulo aos filipenses para que adotassem a visão de Cristo, e colocassem os interesses dos outros em primeiro

lugar. O hino cristológico neste capítulo deixa claro que aqueles que voluntariamente se humilharem serão exaltados por Deus. Portanto, há uma recompensa escatológica reservada para aqueles que adotarem a atitude de Cristo.

Porém mesmo uma rápida leitura destes versículos nos quais chara aparece, torna evidente que este estilo de vida traz uma recompensa presente como também futura. Quando nós cristãos nos envolvemos nas vidas uns dos outros, percebemos que um sentimento de alegria nos alcança. Um sentimento de cooperação nos une; observar o crescimento uns dos outros no Senhor nos emociona; e os outros que se tornaram queridos para nós, tornam-se uma fonte de alegria constante sejam quais forem as circunstâncias.

Ocorrências de chairo:

1.18: “Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento, ou em verdade, nisto me regozijo e me regozijarei ainda”.

2.17: “E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós”.

2.18: “E vós também regozijai-vos e alegrai-vos comigo por isto mesmo”.

2.28: “Por isso, vo-lo enviei mais depressa, para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis.”

3.1: “Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor”.

4.4: “Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos”.

Aqui, o texto em 1.18 sugere que um foco na comunicação do evangelho aos outros é a fonte da alegria para o cristão. 2.28 tanto quanto 4.4 voltam ao tema da ligação mútua dentro da comunhão como uma fonte de alegria, enquanto que 3.1, pede um enfoque no relacionamento pessoal com Deus.

Ocorrências de sugchairo:

2.17: “E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós”.

2.18: “E vós, também, regozijai-vos e alegrai-vos comigo por isto mesmo”.

Aqui, Paulo mistura os temas de ministério e de relacionamentos. A alegria vem quando participamos com os outros do serviço a Cristo, e qualquer sacrifício que possamos fazer ou sofrimento que possamos suportar assumem um novo significado à medida que os compromissos que nos movem são compartilhados.

Uma Nova Humanidade

EXPOSIÇÃO

-

Colossos é a cidade menos significativa de todas a receber uma das cartas de Paulo. Embora tenha sido um dia uma grande cidade, quando Paulo escreveu esta carta, era uma "insignificante cidade comercial", desprovida de importância devido a Laodicéia e Hierápolis, que estavam a aproximadamente 16 e 19 quilômetros de distância. Contudo, a carta aos colossenses é uma declaração crítica e poderosa da centralidade de Jesus Cristo. Escrita a uma igreja aparentemente confusa sobre sua primazia. Embora a população de Colossos fosse principalmente de frígios e gregos, 2.000 famílias judaicas haviam sido instaladas no distrito por Antíoco III, mais de 200 anos antes desta época. Portanto, as raízes culturais de Colossos em si eram diversas – um fator no desenvolvimento de uma "heresia colossense" que parece ter envolvido uma síntese de idéias pagãs, gregas e judaicas. Os detalhes do sistema de pensamento, que Paulo desafia, permanecem

indefinidos. Mas as questões centrais são claras, quando Paulo escreve para afirmar a primazia de Jesus Cristo, e para descrever a vida que aqueles que seguem a Jesus devem viver neste mundo.

Após uma breve saudação (1.1,2), Paulo expressa seu apreço pela comunidade cristã em Colossos (1.3-8), e compartilha com eles uma oração que estava em seu coração há muito tempo (1.9-14). Tendo assegurado os colossenses de seu apreço, e da preocupação que sentia por eles, Paulo muda imediatamente para a questão crítica que o preocupa: o ponto de vista deles em relação a Jesus Cristo. Por causa de quem Jesus é em sua natureza essencial, e por causa daquilo que Ele realizou por nós em sua morte, Cristo deve em todas as coisas receber a supremacia que verdadeiramente é sua (1.15-23). Toda a vida de Paulo, desde sua conversão, foi concentrada em apenas uma coisa: explicar a esperança que "Cristo em vós" traz. Porque quaisquer bons argumentos que possam ser apresentados pelos outros, "todos os tesouros de sabedoria e conhecimento" estão resumidos em Cristo (1.24–2.5).

Paulo agora lembra aos seus leitores que "assim como recebestes a Cristo Jesus como Senhor", também devemos "continuar a viver nele". O poder para um

viver cristão não é encontrado em nenhuma "tradição humana", mas, antes, na nova vida para a qual fomos ressuscitados com Cristo (2.6-12). Nós cristãos vivemos em um mundo novo – um mundo não caracterizado pelas cédulas de dívidas agora riscadas, que eram cobradas sob a Lei (2.13-15), ou por regras e rituais impostos por aqueles em Colossos que perderam de vista o significado e a importância de Cristo. O que conta na experiência cristã é o relacionamento vital que Jesus mantém com os membros de seu corpo – um relacionamento orgânico, no qual o crescimento depende de mantermos uma ligação próxima com Cristo, a nossa Cabeça (2.16-19). A retirada de tantos em Colossos para as práticas ascéticas pode ter uma "aparência de sabedoria", mas, na realidade, estas disciplinas são "auto-impostas" e não têm valor na oposição às paixões que acometem a carne (2.20-23).

Logo Paulo continuará descrevendo o estilo de vida que surgirá quando os colossenses redirecionarem sua fé em Cristo. Mas este estilo de vida só se torna possível através de um relacionamento com uma Pessoa; com o Deus verdadeiro, que é o Único do qual tanto o padrão quanto o poder para uma vida santificada podem ser conseguidos.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Por causa da esperança que vos está reservada nos céus (1.5). “Esperança” nas cartas de Paulo pode se referir à confiança estabelecida quanto ao futuro (o ato de esperar), ou àquilo que está sendo esperado (o objeto da esperança). Aqui a ênfase está naquilo que está sendo esperado – um futuro que Deus já preparou e guarda em segurança para o crente no céu. Esta “orientação futura” do verdadeiro cristianismo pode ter sido criticada pelos falsos mestres de Colossos. Isto certamente tem sido criticado por zombadores desde então, que têm caracterizado a nossa fé como uma oferta “maravilhosa demais para ser verdade”, que é propagada pouco a pouco. Contudo, para aqueles de nós que percebem que os anos que passamos aqui são menos que um piscar de olhos quando comparados com a extensão infinita da eternidade em direção à qual todos os homens são impulsionados, este “pouco a pouco” recebe a correta prioridade.

A despeito daquilo que a filosofia humana possa parecer prometer, somente Cristo pode garantir o nosso futuro eterno.

Comerciais Nada Novos

As propagandas de hoje que apresentam fotos “antes” e “depois” de homens e mulheres que perderam 20, 25 ou 50 quilos no “diet X” realmente não são nada novas. O filósofo Porfírio, um discípulo de Plotino, produziu este tipo de testemunho em relação ao valor dos pontos de vista de seu mestre:

Também havia Rogatiano, um senador, que avançou tanto na renúncia da vida pública, que desistiu de toda a sua propriedade, dispensou todos os seus servos, e renunciou a sua posição. Quando ele estava no ponto de aparecer em público como pretor e os leitores já estavam lá, ele se recusou a aparecer ou a ter alguma

coisa a ver com o mandato. Ele nem mesmo manteve sua própria casa para viver, mas circulava entre seus amigos e conhecidos, jantando na casa de um e dormindo na casa de outro (mas ele só comia em dias alternados). Como resultado desta renúncia e indiferença das necessidades da vida, embora tenha sofrido tanto de “gota” a ponto de ter que ser carregado em uma cadeira, ele recuperou sua saúde e, embora não pudesse estender suas mãos, tornou-se capaz de usá-las muito mais facilmente que artesãos profissionais. Plotino o tinha em grande estima e elogiava-o grandemente, freqüentemente apontando-o como um exemplo a todos os que praticavam a filosofia (Vita Plotini 7).

Certamente o comprometimento de Rogatiano para com a filosofia de Plotino levou a uma melhoria significativa em sua saúde física. Mas somente o comprometimento com Cristo traz a vida eterna.

Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor (1.13). “Tirar” (errusato) é libertar, liberar. A ilustração lembra o AT e o sofrimento de Israel sob os tiranos egípcios. Talvez o mais significativo seja o tempo verbal: Deus nos “tirou” em Cristo da tirania das trevas, e nos “transportou” para o Reino de Cristo. O verbo aqui é metestesen, usado para descrever o transporte de um grupo de pessoas de um país, restabelecendo-as em um outro. Deus nos libertou da tirania das trevas. E diferentemente da geração do Êxodo, nós não estamos destinados a vagar por muitos anos em um deserto vazio. Fomos restabelecidos no “Reino do Filho do seu amor”, onde Cristo governa, e onde podemos experimentar uma nova vida, agora.

Portanto, o cristianismo não é apenas uma religião “maravilhosa demais para ser verdade”, que é propagada pouco a pouco. O relacionamento com Jesus tem um impacto extraordinariamente poderoso sobre a nossa vida agora, libertando-nos do velho e liberando-nos para vivermos o novo.

Por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus (1.20). Este versículo tem sido às vezes

interpretado para ensinar o universalismo – a crença de que, no final, todos, inclusive Satanás, serão salvos. Este argumento depende da identificação de "todas as coisas" do v. 20 com "todas as coisas" do v. 16, que claramente incluem os seres angelicais, combinado com o entendimento soteriológico de apokatallaxai, "reconciliar". Mas está conexão é uma incoerência hermenêutica.

A raiz allasso significa "uma alteração de coisas", e no NT indica uma mudança nos relacionamentos. A forma que temos aqui, apokatallasso, enfatiza o término e a finalidade da mudança em vista. Sempre que o relacionamento entre Deus e os seres humanos está em vista, a mudança específica no relacionamento é a restauração da harmonia entre Deus e o homem, o inimigo de Deus. E esta restauração é sempre vista como realizada por Jesus Cristo em sua morte e ressurreição (Rm 5.10,11; Ef 2.16; etc.).

Se (1) "todas as coisas" abrangem toda a criação, de uma forma pessoal e impessoal, material e imaterial, pareceria melhor entender o versículo ensinando que Cristo realizou uma reorganização de um universo que se tornou selvagem, corrompido em todos os aspectos pelo pecado de Satanás e então pelo pecado humano. A morte e ressurreição de Cristo, seguidas por sua exaltação ao trono de Deus, foi aquele ato cósmico com base no qual Deus trará o universo de volta à completa harmonia com a bondade e com sua vontade perfeita.

Se (2) "todas as coisas" em vista são os anjos caídos, então a mudança efetuada por Cristo era a sujeição. A rebelião deles foi efetivamente sufocada, porque, na cruz, Cristo "despojou os principados e potestades", e "os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (2.15).

A heresia colossense estava destruindo o lugar que por direito pertence a Cristo na fé cristã. E assim Paulo responde. Cristo não só é Deus, o Criador e sustentador do universo; a encarnação de Cristo e sua morte na cruz eram centrais no plano de Deus para a salvação – e isto tanto em um sentido cósmico, como também pessoal. Em sua morte, Cristo salvou aqueles que crêem, e de uma vez por todas estabeleceu o controle Soberano de Deus sobre todo o universo. O cristianismo é Cristo, porque Cristo é, verdadeiramente, supremo.

Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja (1.24). Fica claro que o sofrimento de Cristo por nós na cruz é totalmente eficaz. Como o escritor aos Hebreus diz, “temos sido justificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez” (10.10). Em que sentido então o sofrimento de Paulo cumpre “o resto” das aflições (thlipseon) de Cristo? Dois pontos de vista têm defendido as seguintes posições: (1) Paulo quer dizer que ele está sofrendo por causa de Cristo, ou (2) os sofrimentos de Paulo lembram os sofrimentos de Cristo. Há, porém, uma solução melhor: somos o corpo de Cristo, e Cristo está presente em nós. Portanto, Cristo continua sofrendo conosco quando nós cristãos conhecemos a dor e a dificuldade. Então, na estrada para Damasco, Cristo disse a Paulo, que estava ativamente perseguindo os cristãos: “Por que Me persegues?” (Atos 9.4). Ao perseguir os cristãos, Paulo estava perseguindo a Cristo!

Agora Paulo é um daqueles que experimentava o sofrimento como um cristão, e o grande apóstolo está profundamente ciente de que Cristo sente cada uma de suas dores. Contudo, o apóstolo sente grande alegria por sofrer “por vós [os colossenses]”. Como seres humanos vulneráveis vivendo em um mundo corrompido, estamos sujeitos a muitos tipos de sofrimento. Mas o sofrimento de Paulo é uma conseqüência específica de seu compromisso com Cristo e com os colossenses. Paulo identificou-se com a missão de Cristo, e pode enxergar seus sofrimentos corretamente como algo empreendido voluntariamente por amor à igreja, considerando-os como aflições que ajudam a “cumprir” (ou completar) aquilo que Cristo ainda deve sofrer por amor ao seu povo que está aqui na terra.

Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo (2.8). No século I, “filosofia” não era tanto um sistema de pensamento especulativo, porém era mais uma perspectiva que fornecia um direcionamento para se viver a vida neste mundo. Cada “filosofia” contemporânea era baseada em noções sobre a natureza do universo e o lugar do homem nele. Cada uma propunha definir um caminho para a vida, em que se presumia estar em harmonia com a realidade fundamental.

De acordo com Paulo, o problema com tais filosofias é que elas são kenes apates, um “engano vazio”. Como um balão altamente decorado, as filosofias humanas podem parecer atraentes, mas são vazias, sem qualquer essência para apoiar seu aparecimento. Paulo até mesmo explica estes fatos. As filosofias humanas dependem da “tradição dos homens” – e os homens são falíveis. O fato de um ponto de vista ser simplesmente antigo, não o torna correto. As filosofias humanas também se baseiam nos “princípios básicos do mundo”. O termo grego traduzido como “princípios básicos”, stoichea, indicava originalmente o alfabeto, e posteriormente os elementos físicos. No sentido escolhido pela NVI, o termo significa o elementar; o “ABC”. O homem é tão limitado, por natureza, que nunca consegue alcançar uma compreensão da realidade que seja maior do que a de uma criança do jardim de infância.

O defeito final nas filosofias que perturbava os colossenses é que eles ignoram a Cristo. Em vez de dependerem de Cristo como o fundamento do nosso entendimento, eles dependem de idéias velhas e ultrapassadas desenvolvidas por pessoas que por natureza são tão limitadas, que nunca conseguem ir além do ABC em seu entendimento da realidade.

Como seríamos tolos hoje se nos impressionássemos pelos sábios deste mundo, e falhássemos em nos lembrar de que não importa quanto o intelecto deles possa ultrapassar do nosso, o melhor deles nada é quando comparado com a sabedoria de Deus revelada em Cristo e registrada na Palavra de Deus.

Havendo riscado a cédula que era contra nós nas ordenanças (2.14). A “cédula” é representada pelo termo cheirographon, “caligrafia”. Todos entendem isso como uma referência ao Código Mosaico, mas debatem sobre o sentido de seu propósito. Cheirographon pode descrever a Lei como uma condenação contra nós, os acusados. A palavra também pode descrever a Lei como uma lista de acusações que nós, os acusados, lemos e assinamos, indicando que as acusações estão corretas.

Este segundo sentido é preferível, e nos lembra de que a Lei divina condena judeus e gentios igualmente. Como Paulo assinala em Romanos 2, embora os judeus afirmem a validade da Lei de Deus, a consciência desempenha uma

função similar entre os gentios, testificando que o certo e o errado realmente existem – e que cada indivíduo fez, conscientemente, aquilo que acredita ser errado.

Esta Lei consiste de ordenanças (“exigências legais”, versão RSV). Elas são “contra nós” pois todos estamos sujeitos à Lei através do Código Mosaico ou da consciência, e ela “era contra nós”, pois, quando não podíamos satisfazer suas exigências, a Lei necessariamente se tornava o nosso acusador. Mas por causa de Cristo, A Lei e sua cédula de condenação tornaram-se irrelevantes! Cristo “riscou” a condenação: Ele “a tirou do meio de nós”; Ele “cravou-a na cruz”.

A palavra grega para “riscado” (ou cancelado, como em algumas versões), significa rasurar, remover, ou, no caso da lei, abolir. Em Cristo, cada obrigação que tivemos para com Deus por causa da lei é removida, e somos libertos para vivermos uma nova vida sem qualquer referência ao passado.

E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo (2.15). O verbo grego é apekdusamenos, intensivo aqui na voz média, e significa “tendo despido”. Não está exatamente especificado o que Cristo tirou das autoridades angelicais hostis, as “potestades das trevas” (1.13). Alguns presumem que a imagem retórica seja militar, e que as autoridades angelicais foram despidas de suas armas que lhes davam poder sobre a humanidade. No entanto, o contexto do reino sugere um cenário político em vez de militar, e a referência de “expor publicamente” estes seres, indica uma outra possibilidade fascinante.

No Império Romano aqueles bens intangíveis que as pessoas no poder possuíam, e através dos quais dominavam as outras pessoas, eram auctoritas e dignitas. Colleen McCullough, no glossário de seu fascinante bestseller The Grass Crown, descreve estas qualidades como se segue:

auctoritas. Este termo transmitia nuances de preeminência, influência, liderança, importância pública, e – acima de tudo – a habilidade para influenciar eventos através de absoluta reputação pública (p. 993).

dignitas. O termo auctoritas era público; dignitas, porém, era pessoal. Um

acúmulo de influência, e linhagem firme das próprias qualidades e conquistas pessoais de um homem. De todos os bens que um nobre romano possuía, dignitas provavelmente era aquele em relação ao qual ele era mais sensível; para defendê-lo, ele poderia estar preparado para ir à guerra ou ao exílio, cometer suicídio, ou executar sua esposa e filhos (p. 1101).

O que Paulo pode muito bem estar dizendo neste versículo é que, através da Cruz, Cristo despiu os poderes demoníacos de suas auctoritas e dignitas. Eles não são mais capazes de influenciar os eventos através de uma reputação absoluta. E a reputação ganha por conquistas passadas reduziu-se a pó, quando, na cruz, Jesus expôs publicamente a impotência definitiva deles.

Os principados e potestades sobrenaturais agora podem ser ignorados, porque foi revelado Aquele que tem as verdadeiras auctoritas e dignitas. E nós alegremente transferimos a Ele a nossa completa lealdade.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Cristo e a Heresia Colossense (1.15-22).

Contexto. A teoria de que Paulo escreveu esta carta para atacar uma heresia emergente foi fortemente expressada pelo Bispo Lightfoot em seu comentário de 1875 sobre Colossenses. Desde então, estudiosos têm debatido não só a natureza, mas a essência desta heresia. Embora não tenha sido possível dar uma clara definição do sistema herético, parece claro que Paulo escreveu para combater uma heresia, e que seus principais elementos podem ser discernidos.

Em parte, a evidência para a existência de um sistema herético é encontrada em várias palavras e expressões associadas com idéias religiosas antigas e religiões obscuras. Paulo fala de ensinadores de uma “filosofia”, que eles apresentam

como antiga (e que era, portanto, para as pessoas do século I, digna de confiança). Estes ensinadores usam lemas como “plenitude” (pleroma) e frases chamativas como “coisas vistas na entrada” (ha heoraken embatteuon). Os falsos ensinadores também insistiam na “adoração voluntária” (etheloth-reskia) de seres angelicais (threskei ton angelon) que eram aplacados pela rígida observância de tabus (cf. 2.21) e pelo “tratamento severo do corpo” (apheidia somatos).

Além disso, os detalhes da heresia que se estabeleceu em Colossos são debatidos. Paulo escreve contra o judaísmo esseno, uma seita pagã obscura, um sincretismo do judaísmo e paganismo gnósticos, ou contra o ascetismo místico cristão judaico? Contudo, embora a natureza exata da heresia colossense seja incerta, fica claro que Paulo escreve para combater uma ameaça específica à igreja. E, quando examinamos o que ele diz à luz dos sistemas filosóficos conhecidos daquela época e dos poucos séculos seguintes, os dogmas básicos da heresia colossense podem ser discernidos.

Primeiro, fica claro que a heresia colossense estava baseada no dualismo. Isto é, aqueles que perturbavam a igreja em Colossos faziam uma pressuposição comum na filosofia grega, de que tanto o universo material como o imaterial eram co-eternos. Isto é, a matéria não foi criada por Deus. A matéria existia desde o princípio, e Deus – ou uma divindade inferior – simplesmente moldou a matéria já existente para “criar” o nosso mundo.

Uma outra tradição antiga defendia que Deus existia de forma distante e impassível em relação ao que acontece no mundo material. Posteriormente Plótio iria refinar a obra de Platão e apresentaria um argumento complexo para mostrar que entre o Deus imaterial e o universo material, deve existir uma série de “emanações”.

Plótio desenvolveu o tema já presente em algumas filosofias, de que somente o Deus imaterial era verdadeiramente o “bem”. Ele argumentou que neste caso, em contraste, o material deve ser o “mal”. Ele continuava dizendo que Deus não poderia se contaminar com nenhum contato com o universo material. Como então o universo material foi moldado nesta forma atual? Para resolver o problema, Plotino postulou uma série de seres colocados entre Deus e o universo material. Aqueles mais próximos de Deus eram mais “imateriais” e mais “do bem”. Aqueles mais próximos do universo eram mais “materiais” e mais “do mal”. O Deus que na verdade formou o universo, o demiurgo de Platão,

simplesmente não poderia ser “Deus”, mas deve ser um dos poderes angelicais mais “materiais”, de posição inferior.

Embora não devamos aplicar ao século I a filosofia desenvolvida por Plótio (207-260 d.C.), os elementos básicos de sua filosofia certamente existiam dentro da cultura, e as tendências místicas exibidas em Plotino também estavam presentes tanto no judaísmo como nas seitas obscuras orientais. Portanto, quando lemos Colossenses e vemos os temas que Paulo enfatiza, podemos reconstruir as crenças básicas defendidas pelos falsos ensinadores que estavam corrompendo esta igreja primitiva. E podemos apreciar por que Paulo responde aos seus ensinos da maneira como o faz.

A primeira razão para a resposta vigorosa de Paulo é que a heresia colossense deprecia completamente o papel central no cristianismo de Jesus Cristo. Mesmo que Jesus seja reconhecido como uma divindade, estes homens pensam que Ele deve, por definição, ser uma divindade inferior, porque nenhum ser superior em posições ordenadas existentes entre o universo e Deus, dignar-se-ia entrar em contato com o mundo material do “mal”. Jesus até poderia ser reconhecido como o demiurgo de Platão, ou o Criador das Escrituras, e ainda ser relativamente insignificante.

E assim os proponentes da heresia colossense podem ter dado a Jesus um louvor com os lábios, mas exortavam os cristãos a irem além de Cristo para encontrarem a “plenitude” de Deus. Isto eles poderiam alcançar pela humilhação voluntária e pela adoração aos poderes supostamente mais elevados do que Jesus, e por seguirem cuidadosamente tabus definindo o que podiam e não podiam tocar, que celebrações religiosas deviam observar, e o que eles podiam e não podiam comer e beber (cf. 2.16-18).

Interpretação. Após estas preliminares que marcavam a correspondência educada no século I, Paulo imediatamente lança sua crítica da heresia colossense com um parágrafo que esclarece perfeitamente a verdadeira natureza de Jesus Cristo e de sua obra.

1.15. “O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação”. A palavra “imagem” é eikon, que sugere tanto a semelhança como a manifestação. A natureza de Deus está estampada em uma moeda: Jesus é reconhecidamente

Deus, e assim é o revelador de Deus. O “Deus invisível” não está oculto pelas fileiras ombro a ombro de seres angelicais. Ele está presente, disponível aos olhos, em Jesus Cristo.

A palavra “primogênito” é prototokos, que sugere tanto a prioridade quanto a supremacia. No que diz respeito ao tempo, Cristo existia antes do universo. No que diz respeito à supremacia, Cristo tem a posição mais elevada possível na família de Deus. Como herdeiro de Deus, Cristo é aquele que tem o direito de domínio sobre o controle de todo o universo. Não há um modo pelo qual Cristo esteja subordinado a anjos “superiores”.

1.16,17. “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele”. Aqui Paulo faz uma afirmação vital. O universo material e imaterial não são co-eternos. Na verdade, somente Deus é eterno. Tanto o universo material como o imaterial foram criados, e criados por Cristo!

Isto significa que sejam quais forem os seres angelicais, eles só existem porque Jesus Cristo os criou! Eles são totalmente subordinados a Cristo, e não poderiam ser de modo algum superiores a Ele. Contudo, existe mais. É somente por Cristo que “todas as coisas subsistem”. A palavra sunesteken significa “sustentar”. O pensamento de Paulo é que não só Cristo trouxe à existência o mundo visível e o invisível, mas é somente pelo exercício do presente contínuo de seu poder que o universo mantém sua forma. Se por um momento Jesus parasse de exercer este poder, o cosmos cairia no caos.

1.18,19. “Ele é a cabeça do corpo da igreja, é o princípio e o primogênito entre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse”. Cristo é supremo não só no universo material e imaterial, mas também na igreja. Em sua ressurreição, Cristo

estabeleceu uma nova humanidade, responsiva e responsável somente a Ele. Em vez de ser uma religião “inferior,” o cristianismo é a fé mais elevada, porque o cristão está em um relacionamento orgânico com aquele em quem habita toda a plenitude de Deus.

1.20. “... havendo por ele feito a paz, pelo sangue de sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”. Para um estudo deste versículo, veja o Estudo da Palavra sobre Colossenses 2.15, acima.

1.21,22. “A vós também que noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou no corpo de sua carne, pela morte, para, perante ele, vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis”. Paulo estabeleceu a supremacia de Cristo tanto no reino espiritual como material. Agora ele mostra que Jesus, aquele em quem toda a plenitude de Deus habita, entrou no universo material e realizou um propósito espiritual “no corpo de sua carne, pela morte”. O material e espiritual não são reinos que estão isolados um do outro. Em vez disso, o que acontece em um reino pode afetar – e realmente afeta – o que acontece no outro. Mesmo quando o homem rebelou-se no universo físico comendo um fruto proibido, tornando-se portanto “alienado” e “inimigo em sua mente”, então Deus, morrendo no universo físico, reverteu a condição espiritual daqueles que crêem nas boas novas do Evangelho.

Aplicação. Jesus é a figura central e suprema no cristianismo. Ele é totalmente Único: Ele é Deus em sua plenitude; embora seja verdadeiramente humano, Ele é o Senhor do universo material e imaterial.

Hoje, é improvável que nós sejamos atraídos para dentro do tipo de sistema religio-filosófico ao qual aqueles, no século I, estavam vulneráveis. Mas é provável que façamos uma dicotomia similar em nosso pensamento. É muito provável que todos nós releguemos Jesus ao reino do sobrenatural e do invisível, e falhemos em perceber que Ele também exerce controle total sobre os detalhes

da nossa vida comum, e que por causa do nosso relacionamento com Jesus podemos influenciar os eventos através da oração.

O Viver Cristão e a Heresia Colossense (2.6-23).

Contexto. As suposições dualísticas que residem no coração da heresia colossense tinham implicações práticas bem como filosóficas/teológicas. O dualismo levava a uma negação da completa divindade e primazia de Jesus Cristo. O dualismo também levava à opinião de que a natureza do homem tinha tanto aspectos "espirituais" como "materiais", e que os dois eram essencialmente separados. O homem interior e espiritual era "bom" e o homem físico e material era "mau". O imaterial é que poderia sentir a presença de Deus, e aproximar-se de Deus. E isto deve ser feito através da mente ou do espírito. Dois estilos de vida diferentes surgiram do dualismo. Um estilo de vida era caracterizado pela licenciosidade. Se o físico é intrinsecamente mau, qualquer prazer sensual em que uma pessoa envolva-se se tornará a única coisa que poderia ser esperada do homem físico. Além disso, visto que não há uma ligação direta entre o imaterial e o material, o que o corpo físico faz não tem um impacto real sobre a parte espiritual do homem. Uma pessoa pode ser mística – com seu espírito tentando buscar a Deus – e ao mesmo tempo ser um devasso cujo corpo entrega-se aos pecados mais torpes.

O segundo estilo de vida é caracterizado pelo ascetismo. O bom espírito humano está preso dentro de um corpo físico mau. Uma maneira de fortalecer o espiritual é negar ou punir o corpo com uma "disciplina". Aqui, é a disciplina que conta – o rigor ao seguir regras que governam o comer, o dormir e o tocar. Regras que exigem uma severa observação de horas e dias de oração e jejum.

Embora na carta de Paulo haja pouca ou nenhuma indicação de que a igreja foi influenciada em relação à licenciosidade, há evidências significativas de que um padrão de ascetismo estava sendo imposto pelos ensinadores heréticos. Paulo adverte quanto a permitir que outros nos julguem "pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados" (2.16). Ele fala de regras: "não toques, não proves, não manuseies!" (2.21) E também fala de "disciplina do corpo" (2.23). Reunindo todas estas preciosas diretrizes, parece

claro que aqueles que introduziram falsos ensinos na igreja colossense impuseram não só uma teologia falsa, mas também insistiram em um modo cético de vida que supostamente promovia o progresso espiritual.

Interpretação. Paulo estabeleceu que Cristo Jesus é verdadeiramente o Senhor. Agora ele roga aos colossenses: "assim também andai nele" (2.6) e devem fazer isto da maneira como receberam o Senhor Jesus Cristo (como Senhor) – pela fé. Somente quando o crente está "arraigado e edificado nele" é que ocorre o crescimento espiritual (2.7).

A abordagem ascética à espiritualidade executada pelos falsos ensinadores é uma "vã sutileza", uma mera "filosofia" que está baseada na "tradição dos homens, segundo os rudimentos [os "ABCs"] do mundo" (2.8). Paulo então passa a contrastar as duas abordagens à vida espiritual.

A abordagem cristã: a transformação interior (2.9-15). Deus nos deu sua própria plenitude em Cristo. Jesus exercita seu poder para ir além da operação externa e ineficaz na carne, que os homens chamam de circuncisão, e que servia como um sinal externo do relacionamento da aliança com Deus. Jesus atingiu profundamente nossas personalidades e desempenhou uma operação que amputou a "natureza pecadora" (lit., "a carne", sarx). Isto foi feito através da nossa união a Cristo (que é o sentido de "batismo" aqui, como é em 1 Coríntios 12.13 e Romanos 6), que tomou a morte que merecíamos e nos deu sua nova vida. Então, Paulo diz, sobre o tempo que estávamos mortos: "[Deus] vos vivificou juntamente com ele [Cristo]" (2.13). E, despojando todos aqueles poderes que uma vez dominaram a perda de suas auctoritas e dignitas, Cristo libertou o crente para viver um relacionamento pessoal com Deus.

A abordagem dos falsos ensinadores: autonegação ascética (2.16-23). No lugar do relacionamento pessoal dinâmico com Jesus, os falsos ensinadores oferecem apenas um sistema vazio de ordenanças – o que se pode e não se pode fazer – comprometidas para se ganhar o favor de seres angelicais supostamente colocados entre Cristo e Deus, que exigem a autonegação como um sinal de "devoção voluntária". Paulo, embora descrevendo as disciplinas que os falsos ensinadores impuseram, diz que suas pretensões de "humildade e... disciplina do

corpo... não são de valor algum, senão para a satisfação da carne” (2.23).

Este é um ponto importante. Em vez de subjugar o corpo, o ascetismo simplesmente redireciona as expressões da natureza pecadora. Os ascéticos podem não se entregar ao sexo promíscuo, mas o orgulho e o desprezo que eles sentem por aqueles que são menos disciplinados é equivalente a uma satisfação sensual – uma expressão da carne – equivalente à promiscuidade.

Aplicação. Pareceria, à primeira vista, que Paulo, embora contrastando a ênfase exterior dos ensinadores pseudocristãos que se infiltrou na congregação colossense com o cristianismo vital, não explica como viver esta vida interior que ele recomenda.

Na verdade, porém, Paulo já explicou o segredo. Ele está contido na oração que o apóstolo oferece regularmente pelos colossenses, como registrado em Colossenses 1.9-12.

Ali Paulo pede que Deus encha os colossenses do conhecimento de sua vontade (tou thelematos autou [1.9]). Mas este conhecimento do conteúdo da vontade de Deus, que temos nas Escrituras através da revelação, deve ocorrer em “sabedoria e entendimento” (sophia e sunesin [1.9]). Cada uma destas virtudes direciona a nossa atenção para a habilidade de se enxergar as implicações práticas da revelação de Deus, “para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo” (1.10).

O que acontece quando vemos as implicações da revelação de Deus para a vida neste mundo, e respondemos escolhendo viver uma vida digna dEle? Uma série de particípios nos traz a resposta. Nós frutificamos em toda boa obra. Crescemos no conhecimento (pessoal, não teórico) de Deus. E somos fortalecidos por seu próprio poder glorioso.

EXPOSIÇÃO

Em Colossenses, o apóstolo Paulo confronta uma heresia que havia capturado a lealdade de muitos na igreja de Colossos. A heresia estava baseada no dualismo: a opinião de que os mundos espiritual e material eram opostos e co-eternos. Uma fagulha no homem participava do espiritual, o reino de Deus e do bem, embora o corpo fosse material, uma parte do universo físico "do mau".

A aceitação destas pressuposições corromperam totalmente o cristianismo. De acordo com esta opinião equivocada, Jesus Cristo simplesmente não podia ser identificado com o Deus definitivo, porque Deus não poderia ter nada a ver com o universo material. Jesus, na melhor das hipóteses, seria um membro de posição inferior daquela série de seres angelicais que preenchiam a lacuna entre os reinos material e espiritual. Dadas as mesmas suposições básicas, a "vida espiritual" deve ser interior e intelectual, tendo pouca ou nenhuma relação com a vida cotidiana de um ser humano. Poderia se justificar uma vida de auto-indulgência sensual desdenhando do que o corpo "mau" fez, ou poderia se argumentar a favor de uma vida ascética de autonegação como uma tentativa de fortalecer a pessoa interior negando-se aos desejos da carne.

Em Colossenses 1–2, Paulo confronta tanto as suposições básicas dos heréticos sobre a realidade, como também suas conclusões. A realidade é que Jesus criou tanto o universo material quanto o espiritual. Em vez de estarem isolados para sempre um do outro, eles encontram sua base de unidade em Cristo, que permanece agora como Senhor em cada reino. Em Cristo, o Deus Filho entrou no universo material, e através de sua morte em seu corpo físico reconciliou "todas as coisas" com Deus, trazendo ambos os reinos de volta à harmonia com Deus. Portanto, no cristianismo, Cristo é exaltado ao lugar de supremacia que lhe pertence por direito, um lugar que lhe foi negado na filosofia e "vã sutilezas" defendida pelos heréticos.

A heresia colossense também possui uma opinião defeituosa quanto à espiritualidade. Os seres humanos não possuem uma dupla natureza: um homem espiritual ou interior “bom”, e um homem físico e exterior “mau.” A natureza humana é totalmente corrompida, porque por natureza os seres humanos eram “estranhos e inimigos no entendimento” por suas “obras más” (1.21). Mas Cristo supriu as nossas necessidades. Ele suportou os nossos pecados na cruz, e através da união da fé com Jesus, o velho homem em nós é morto e recebemos uma nova vida da parte de Deus. Esta transformação interior é a base para a vida espiritual, e todas aquelas “ordenanças” seguidas pelos ascéticos com o intento de subjugar a carne, são totalmente irrelevantes para a espiritualidade. Na verdade, elas não têm “valor algum, senão para a satisfação da carne” (2.23).

Com isto estabelecido, o apóstolo agora continua em Colossenses 3–4 a descrever a vida vivida por uma pessoa que experimentou a renovação interior através de Cristo. Aqui nós outra vez vemos um contraste admirável entre a abordagem dos heréticos em Colossos e a abordagem do cristianismo bíblico. No cristianismo, a vida que vivemos no corpo não é irrelevante para a espiritualidade. Na verdade, a verdadeira espiritualidade é expressa pela vida no corpo. Portanto, a pessoa que experimentou a renovação interior “mortificará” os pecados que se originam das paixões do corpo (3.1-7) e do orgulho egoísta (3.8-11). Esta renovação interior será expressa na prática pela compaixão, bondade, humildade, benignidade e paciência do crente. Esta renovação será expressa na paz e harmonia que marca o corpo cristão local como aqueles que são de Deus (3.12-17). Esta renovação será expressa na maneira positiva pela qual todas as pessoas relacionam-se com as outras dentro das estruturas estabelecidas por sua sociedade (3.18–4.1). Assim, o verdadeiro cristianismo, longe de apoiar um ponto de vista dualístico da realidade, apresenta um ponto de vista unitário da realidade, no qual os universos espiritual e material estão unidos em Cristo, e a vida cristã é nada menos do que a vida de Cristo dentro de nós, expressando-se em cada ato e relacionamento.

O capítulo 4 de Colossenses é essencialmente a conclusão da carta. Paulo apresenta algumas breves instruções de encerramento (4.2-6), e acrescenta saudações pessoais a vários indivíduos em Colossos, e nas proximidades de Laodicéia (4.7-17). A sua última observação é um pedido para se lembrarem do apóstolo e de suas cadeias (4.18).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima (3.1). A palavra grega é zeteite, que significa literalmente “buscar”. A palavra indica tanto o foco quanto a urgência. Seu tempo verbal no imperativo presente indica uma ação contínua. Portanto, mantenha sua vida no foco correto, e continue a buscar as coisas do alto.

Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus (3.1). A frase “as coisas que são de cima” (ta ano) tem uma conotação ética como também espacial. O que Paulo quer dizer não é que todas as coisas da terra sejam intrinsecamente malignas, mas devemos estar dispostos a avaliar todas as coisas sob a perspectiva fornecida pela eternidade.

A definição adicional da expressão “de cima” como o lugar onde Cristo está assentado “à destra de Deus”, presta uma contribuição especial. Nos tempos bíblicos, uma posição à direita de uma pessoa poderosa era vista como o lugar de honra, influência e poder. Quando o cristão avalia algo pelas coisas que são de cima, está fazendo uma avaliação através de Cristo.

Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra (3.2). A palavra grega é phroneite, que significa “considerar” no sentido de “julgar”, “prestar atenção”, “estar atento” ou “ser sensato e razoável”. A espiritualidade cristã não é simplesmente uma paixão por santidade, mas é um modo de pensar; uma orientação para a vida que não é terrena em natureza, mas que constantemente leva em consideração tanto a Cristo quanto a sua perspectiva.

Quando Cristo que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória (3.4). As realidades que o cristão conhece, por revelação e experiência, estão “escondidas com Cristo em Deus” (3.3). A lacuna entre o mundo invisível e o visível permanece durante esta época, embora a lacuna tenha sido ligada por Cristo e esteja, mesmo agora, sendo ligada no crente que morreu e foi ressuscitado para a nova vida no nosso Senhor. Mas está chegando a hora que a unificação dos dois mundos alcançada por Cristo no Calvário será percebida por todos. Isto acontecerá quando Cristo “se manifestar”. O verbo grego phaneroo significa manifestar ou tornar visível. Quando Cristo voltar visivelmente, no mesmo instante, nossa posição “com Ele em glória”, também se tornará aparente a todos.

Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra (3.5). A palavra nekrosate, “tornar morto”, é muito forte. E o tempo verbal aoristo indica um ato decisivo. Isto é muito diferente da abordagem tomada pelos heréticos colossenses, que tentaram suprimir o corpo através da “disciplina”. O que Paulo pede é uma decisão de exterminar aquelas coisas que estão associadas ao velho homem, mudando a nossa lealdade totalmente para as coisas que estão associadas à nova vida que temos em Cristo.

Paulo é cuidadoso ao definir as coisas que “estão sobre a terra”. Ele não quer que confundamos as necessidades moralmente neutras e os desejos associados à vida aqui na terra como coisas intrinsecamente pecaminosas. E assim ele acrescenta, em justaposição, “a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria” (3.5). As quatro primeiras estão ligadas ao vício sexual. A última, a avareza (pleonexian), indica uma paixão feroz e impiedosa pelas coisas materiais.

É este tipo de coisa que o crente deve decisivamente rejeitar, “mortificando” e sepultando estas expressões da natureza pecaminosa.

Mas, agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca (3.8). O verbo grego apothesthe

significa “mandar embora”. Tanto literalmente (At 7.58) quanto metaforicamente (Rm 13.12; Ef 4.22), a palavra é usada quanto ao ato de tirar a roupa. Juntamente com “mortificai” em 3.5, “despojai-vos” é uma imagem de rejeitar decisivamente qualquer expressão do velho homem em favor do novo (3.9,10).

Em 3.5 as características do velho homem em vista eram essencialmente sensuais, originando-se das paixões da carne. Em 3.8 as características são essencialmente de atitude, originando-se a partir da orientação psicológica da pessoa.

“Ira, cólera, malícia” sugerem uma disposição hostil em relação aos outros. Quando dirigida contra outras pessoas, a “maledicência” (blasphemia) indica insulto e acusação caluniosa, enquanto que “palavras torpes” (aischrologia) neste contexto significa, mais provavelmente, “fala abusiva”. Juntas, elas retratam o ego revoltado: ocupado consigo mesmo, insolente e hostil em relação aos outros em disposição e em ação.

O que Paulo fez aqui, naturalmente, foi fornecer duas listas que representam, em 3.5, pecados associados ao corpo físico, e, em 3.8, pecados associados ao homem psicológico, ou interior. Outra vez Paulo explica o fato de que o dualismo dos falsos ensinadores em Colossos é verdadeiramente um engano vazio. As corrupções da natureza humana na Queda contaminam a pessoa de uma forma completa, e a renovação que é nossa em Cristo tem a finalidade de limpar a pessoa inteiramente. Qualquer coisa menos do que isto é indigna de Cristo, e uma negação do novo homem em que o cristão torna-se.

Não mintais uns aos outros (3.9). A forma do verbo pseudesthe, com a partícula negativa, significa “pare de mentir.” O tratamento separado que foi dado aqui ao termo “mentir”, tende a dar-lhe uma ênfase especial. Por que deveria ser assim? Talvez porque mentir e enganar sejam os meios pelos quais a maioria das pessoas expressa a hostilidade e a malícia em relação aos outros. A pessoa que é abertamente antagonista e ataca verbalmente aqueles com quem entra em contato, afugenta aos outros, e logo é isolada da sociedade normal. Muitas pessoas disfarçam sua hostilidade básica com uma aparência de sociabilidade.

Pois que já vos despistes do velho homem com seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (3.9,10). Paulo usou imagens que poderiam ser mal entendidas. “Mortificai” e “despojai-vos” parecem ser atos únicos, decisivos e definitivos. Agora Paulo nos lembra de que, embora se converter a Cristo seja um ato único, e que a conversão consista em despir-se do velho homem e vestir-se do novo, a renovação que experimentamos é gradual e progressiva. Sabemos disto, porque a expressão “se renova” (anakainoumenon) está no tempo verbal presente, indicando um processo contínuo.

Há várias razões para esperança nesta verdade: (1) Não somos forçados a esperar a perfeição de nós mesmos. Quando um novo cristão, ou um cristão maduro falha não precisa colocar em dúvida sua salvação. (2) Em Cristo já nos vestimos do novo homem. Uma novidade vital existe para nós. (3) Este novo homem “se renova... segundo a imagem daquele que o criou”. Como cristãos, estamos em um caminho que definitivamente nos leva para cima!

É possível que os cristãos falhem temporariamente. Mas, no final, o novo homem que Deus implantou em nós encontrará expressão em nossa vida.

Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados (3.12). O mandamento “revesti-vos” (endysathe) é paralelo aos mandamentos anteriores de Paulo; “mortificai” e “despojai-vos.” O chamado urgente, presente, expressa o aspecto positivo da responsabilidade pessoal do cristão, enquanto que os chamados anteriores expressam o aspecto negativo da responsabilidade do cristão.

O que Paulo faz nestas exortações é nos lembrar de que, embora a transformação que experimentamos dentro de nosso ser seja uma obra de Deus em sua totalidade, você e eu somos responsáveis por fazer as escolhas morais que determinam se aquela obra de Deus encontrará ou não expressão em nossa vida cotidiana (veja A Passagem em Profundidade).

E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações (3.15). A palavra é brabeuo, e só é usada aqui no NT. No grego mais antigo ela possuía uma conotação esportiva e significava “arbitrar”. É possível que no século I a palavra significasse simplesmente decidir ou julgar.

A questão crítica aqui é se Paulo está continuando a discutir os relacionamentos dentro da igreja, e assim a “paz” seria interpessoal, ou se Paulo apresenta um novo sujeito, e assim a paz seria interior. Os tradutores da NVI preferem a segunda opinião, na qual “paz” é uma confiança que vem quando fazemos escolhas que estão dentro da vontade de Deus. Uma falta de paz pode muito bem indicar que temos que repensar uma decisão, ou adiá-la por algum tempo.

E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus (3.17). No século I, agir “em nome” de uma outra pessoa era agir como seu representante. Tudo o que dizemos ou fazemos ajudará a moldar a impressão que os outros têm de Jesus.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Regras para Famílias Cristãs (3.18–4.1).

Contexto. No século I, como acontece nos nossos próprios dias, a maioria das pessoas indiscutivelmente aceitava a “integridade” das instituições sociais existentes. Elas também, indiscutivelmente, aceitavam as expectativas estabelecidas para aqueles que cumpriam seus papéis dentro destas instituições. Portanto, um senador romano jamais se envolveria em um comércio, mas devia derivar sua renda do arrendamento de terras ou da riqueza ganha (ou extorquida) enquanto cumpria o mandato em uma das províncias ou territórios

distantes de Roma.

Não é que haja qualquer coisa de imoral sobre o comércio em qualquer sentido objetivo e bíblico. Mas dentro daquela sociedade, envolver-se no comércio não era considerado coisa apropriada para um senador e, na verdade, teria sido considerado escandaloso.

O fato é que em cada grupo social existem conjuntos de expectativas desta sociedade – geralmente não escritos, mas compreendidos por todos – para cada papel. Pode não haver nada intrinsecamente "certo" ou "errado" sobre estas expectativas. Mas para viver harmoniosamente dentro de uma sociedade, e ter influência dentro dela, uma pessoa não pode violar as expectativas associadas ao seu papel.

Em certos casos, os primeiros cristãos eram radicais, pois eles violavam as expectativas daqueles que viviam dentro de sua comunidade. Por exemplo, esperava-se que os ricos que eram "bons cidadãos" participassem dos assuntos públicos. Mas todas as atividades públicas envolviam sacrifícios a deuses do estado ou, posteriormente, ao imperador como um deus. Isto simplesmente não era possível para os cristãos, e com o passar do tempo os cristãos eram zombados como antipatrióticos e anti-sociáveis.

Semelhantemente, esperava-se que os soldados romanos venerassem as águias que serviam como símbolo de sua legião. Os soldados cristãos recusavam-se a tomar parte no que consideravam um ato de idolatria, mas seus oficiais consideravam esta atitude como uma deslealdade. A história registra que muitos cristãos no exército romano foram executados por causa da posição que tomavam ao adorarem somente a Jesus.

Contudo, muito freqüentemente, não havia nenhuma razão moral obrigatória para que os cristãos violassem as expectativas da sociedade. Uma esposa cristã poderia ser uma "boa" esposa de acordo com os pontos de vista do casamento do século I, sem negar a Cristo. Um pai cristão poderia ser um "bom" pai sem violar os pontos de vista do papel dos pais do século I. E um escravo cristão poderia ser um "bom" escravo de acordo com os pontos de vista do papel de escravo do século I, sem violar seu compromisso com Cristo.

É importante reconhecer este fato quando lemos as exortações de Paulo para as esposas e os maridos, filhos e pais, e para escravos e senhores. O que Paulo diz

não exige que aceitemos o ponto de vista do século I quanto aos papéis matrimoniais, aos relacionamentos entre pais e filhos, ou no que se refere à escravidão. O que Paulo ensina aqui é simplesmente que os cristãos devem cumprir as expectativas que a sociedade tem em relação a eles – desde que fazer isto não envolva uma violação da lealdade que devemos a Jesus Cristo.

Interpretação. Paulo começa com a exortação: "Vós, mulheres, estais sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor" (3.15–4.12). A série de exortações introduzidas por este versículo faz um paralelo com as instruções que Paulo dá em Efésios 5.21–6.9, e uma discussão daquela passagem mais longa está incluída no capítulo que trata de Efésios 5 e 6.

O que queremos observar aqui são vários princípios que governam o tratamento que Paulo dá a três conjuntos de relacionamentos: o relacionamento entre esposas e maridos, filhos e pais, e escravos e senhores.

Primeiro, esta série de exortações origina-se do mandamento em 3.17 – "Fazei tudo em nome do Senhor Jesus". Como Cristo viveu sua vida aqui na terra dentro da estrutura fornecida pelas expectativas de sua sociedade, assim devemos viver dentro da estrutura fornecida pela nossa sociedade. Isto não sugere necessariamente, por exemplo, que Deus coloque seu selo de aprovação sobre a escravidão. Significa que um escravo no século I deveria ser guiado pelas normas do século I que governassem o relacionamento de um escravo com seu senhor. Como um representante de Cristo dentro de sua sociedade, o escravo deveria ser um escravo ideal. Como um representante de Jesus, o senhor de escravos deveria ser um senhor ideal.

Além disso, Paulo não está dizendo que a escravidão ou o comportamento esperado de um escravo seja "certo". Esta não é, absolutamente, a questão. A questão é que para representar a Cristo, o cristão deve ganhar a admiração daqueles que fazem parte de sua sociedade, excedendo-se nas qualidades que sua sociedade aprova.

Podemos chegar a uma conclusão semelhante no caso das esposas. No século I, esperava-se que as esposas fossem submissas a seus maridos, uma qualidade expressa de diversas maneiras. A esposa cristã, para representar a Cristo, deveria começar ganhando a admiração de seu marido e dos outros, excedendo-se naquelas qualidades que a sociedade aprovava.

Segundo, Paulo enfatiza os deveres esperados das pessoas em cada papel que ele discute. Ele não discute os direitos de uma esposa, de um filho ou de um escravo sob a lei. Não é de se surpreender tendo em vista outras cartas nas quais Paulo roga aos cristãos que voluntariamente abram mão dos seus direitos em favor dos deveres. O exemplo clássico é encontrado em 1 Coríntios 9, onde Paulo destaca seus direitos como um apóstolo (9.1-12), e prossegue para explicar que ele não usa (reivindica) nenhum dos seus direitos, preferindo agir de outro modo: “Fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais” (9.13-19). Paulo prossegue, comentando: “E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus” e “Para os que estão sem lei, [fiz-me] como se estivera sem lei” (9.20-23). O que Paulo está dizendo é que quando estava entre os judeus, ele se sujeitou a eles, vivendo conforme as expectativas deles; e quando estava entre os gentios, ele viveu conforme as expectativas dos gentios.

Isto não era “transigência”, mas, antes, dever – o mesmo dever que ele roga aos maridos e esposas, filhos e pais, e escravos e senhores, aqui em Colossenses. O dever de servir como representante de Cristo sendo o melhor em qualquer papel que sejamos solicitados a cumprir, da forma como este papel é definido pela nossa sociedade.

Nisto Paulo deve enfatizar o “dever”, porque ali está o nosso chamado, como foi o chamado de Paulo: “fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais” (1 Co 9.19).

Terceiro, em sua descrição de como viver em sociedade “em nome do Senhor Jesus Cristo” (Cl 3.17), Paulo enfatiza o fato de que os deveres são recíprocos. Todo papel na sociedade tem um papel complementar. Empregados têm patrões. Esposas têm maridos. Filhos têm pais. Escravos têm senhores. Embora a pessoa no papel (socialmente) subordinado tenha um dever para com a pessoa no papel (socialmente) superior, a pessoa no papel superior também tem uma obrigação para com a pessoa que está no papel subordinado.

Este princípio é mais importante do que poderíamos suspeitar, porque ele significa que, em última instância, os papéis sociais são irrelevantes. Isto é, para os cristãos, um papel social não é superior nem inferior. Tudo o que um papel social faz é definir como o cristão deve servir aos outros.

Ser uma esposa no século I significava servir a um marido pela submissão. Ser um marido no século I significava servir a uma esposa pelo amor.

Ser um filho ou uma filha no século I significava servir ao pai ou à mãe pela obediência. Ser um pai ou uma mãe no século I significava servir aos filhos dando-lhes uma diretriz gentil, em vez de severa.

Ser um escravo no século I significava servir a um senhor através do trabalho árduo sincero. Ser um senhor no século I significava servir ao escravo com um tratamento justo.

No cristianismo, o papel não torna nenhuma pessoa superior ou inferior, porque cada um de nós é um servo chamado por Deus para servir aos outros. No cristianismo, tudo o que o papel faz é definir a obrigação que devemos aos outros, e definir como os serviremos.

Implicações. As implicações surpreendentes do ensino de Paulo aqui e em Efésios são freqüentemente tratadas com indiferença. Cometemos o erro da pessoa secular pensando nos papéis sociais como se eles estivessem definindo importância. Mas, para o cristão, nem homem ou mulher, nem senhor ou escravo, é mais importante que o outro. Cada um é chamado para viver dentro de seu papel como um representante de Jesus Cristo, para que aquilo que disser ou fizer reflita a presença de Jesus Cristo em seu interior.

Para este fim precisamos enfocar não as prerrogativas dos nossos papéis sociais, mas os nossos deveres. A pergunta central torna-se: Considerando que sou uma esposa, um marido, um filho ou uma filha, um patrão, etc. como posso agora servir aos outros? Que oportunidades únicas o meu papel – da forma que é entendido em minha sociedade – me dá para que eu possa fazer o bem?

Também é importante notar o impacto deste entendimento do ensino de Paulo sobre o debate contínuo no que diz respeito às mulheres. Por que Paulo roga que a esposa se “sujeite”? Seria porque na ordem divina as mulheres foram criadas para se sujeitar aos homens? Ou seria porque na estrutura da sociedade do século I esperava-se que as mulheres fossem submissas?

Muitos argumentariam que a base para a “submissão” das mulheres, como eles entendem a submissão, é ontológica e arraigada na ordem da criação. Mas, no contexto do ensino de Paulo aqui e em Efésios, uma séria consideração deve ser feita quanto à possibilidade de que Paulo esteja conscientemente instruindo as esposas do século I a viverem dentro da estrutura das expectativas da sociedade, a fim de melhor cumprirem o dever exigido de cada cristão de “fazer tudo em

nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (3.17).

EXPOSIÇÃO

-

Tessalônica era uma cidade vital e cosmopolita no século I. A partir de 146 a.C., ela havia servido como um centro administrativo romano para a sua província, ganhando o título de "A mãe de toda a Macedônia". Paulo chegou à cidade no início de 49 d.C. Após um breve ministério na sinagoga da cidade, descrito em Atos 17.1-9, Paulo trabalhou por algum tempo com os convertidos predominantemente gentios que ele havia conseguido, até ser expulso da cidade. Não sabemos quantos meses Paulo ministrou em Tessalônica, mas ele esteve lá o tempo suficiente para se envolver em seu trabalho secular (1 Ts 2.9; 2 Ts 3.8), para levantar duas ofertas especiais que foram enviadas de Filipos, e também o tempo suficiente para que os membros da jovem igreja viessem a conhecer bem a Paulo (2.4-12). Esta carta, escrita de Corinto em 50 d.C., tinha a finalidade de expressar o seu entusiasmo pela natureza vital de sua fé, e encorajar os crentes a viverem para agradar a Deus.

A carta começa de forma típica, com ações de graças pela resposta ávida dos tessalonicenses ao Evangelho. Eles não só receberam a Palavra, como também a Palavra repercutiu a partir deles, de forma que em todo lugar as pessoas estavam falando sobre aquilo que Deus estava fazendo entre eles (1.2-10). Paulo também revisa o seu ministério ali, talvez para se opor aos críticos que o seguiam por toda parte e atacavam a fé através de seus ataques a Paulo. Paulo os lembra de como ele serviu entre eles (2.1-12), da própria resposta deles ao seu ensino da Palavra de Deus (2.13-16), e fala de seu interesse contínuo pelo bem-estar deles (2.17–3.13). Neste ponto, Paulo os lembra de seu ensino anterior, e roga que eles vivam vidas puras, santas e amorosas (4.1-12). Paulo também lida com um aspecto de escatologia sobre o qual os tessalonicenses estão confusos. Aqueles que morrem como cristãos participarão com os santos, vivos, da ressurreição que ocorrerá quando Jesus voltar. É apropriado chorar por nossos queridos que passam para a eternidade. Mas o futuro que aguarda a eles e a nós introduz um elemento de esperança bastante encorajador (4.13–5.11). Quatro breves exortações seguem-se (5.12-22), e nos levam a uma conclusão relativamente breve que apresenta uma oração que Paulo oferece pelos tessalonicenses, além de pedidos por si mesmo (5.23-28).

ESTUDO DA PALAVRA

Da obra da vossa fé, do trabalho da caridade e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo (1.3). Paulo recebe grande conforto ao se lembrar do tremendo progresso na fé que os membros desta jovem igreja fizeram em um curto período.

Paulo especifica três evidências de progresso, em que cada uma delas está irmanada com uma qualidade de caráter que a produz. Portanto:

Qualidade		Expressão
Fé	produz	Obra
Amor	produz	Lida
Esperança	produz	Perseverança

Nota: “Obra” ou “trabalho” (ergou) é o produto do esforço; “lida” (kopou) é um esforço incomum. O amor nos move para fazermos mais do que poderia ser normalmente esperado para servir aos outros.

Colocando uma ao lado da outra, Paulo nos lembra de uma verdade importante. Aquelas qualidades cristãs interiores, se verdadeiramente existirem, certamente acharão expressão na maneira como vivemos.

Sabendo... que a vossa eleição é de Deus; porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder (1.4,5). Paulo notou que as qualidades cristãs interiores acham expressão na maneira como o crente vive a sua vida. Agora ele apresenta um aspecto semelhante. O Evangelho vem como palavras, mas não simplesmente com palavras. O Espírito Santo infunde estas palavras com poder, e os dois têm um impacto visível.

Nesta passagem do Evangelho, os termos “foi” (1.5), “recebendo” (1.6), e então “soou” (1.8) vieram daqueles que foram tão poderosamente afetados por aqueles que se tornaram “nossos imitadores e do Senhor” (1.6).

Eles mesmos anunciam... como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro (1.9). A mensagem do Evangelho foca a nossa atenção em Cristo e na salvação que Deus nos oferece nEle. Os primeiros evangelistas cristãos não atacavam a idolatria, mas apresentavam a Jesus. A decisão de converter-se a Deus era crítica; a decisão de rejeitar a idolatria era uma conseqüência.

Às vezes perdemos de vista esta ordem de conversão. Nos pronunciamos a favor da oração na escola, somos contra o aborto, e reivindicamos uma mudança social. Confrontamos o alcoólatra ou o que abusa de crianças, e requeremos uma reforma pessoal. Mas a salvação não é uma questão de converter-se do álcool a

Deus. É uma questão de se converter a Deus (e então) abandonar o álcool.

Não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens. E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim (2.15,16). A referência de Paulo é aos adversários judeus que, com efeito, após matarem aos profetas e a Jesus, continuaram a se opor a Deus perseguindo os cristãos. A frase "a fim de encherem sempre a medida de seus pecados" reflete uma palavra semelhante a de Jesus encontrada em Mateus 23.32. O que Paulo quer dizer é que Deus estabeleceu um limite, uma linha que quando cruzada torna o juízo inevitável. A frase ephthasen de ep' autous he orge eis telos poderia ser traduzida como "a ira os alcançou para todo o sempre", indicando que não só a linha foi cruzada, mas que Deus começou a executar o juízo que decretou.

É importante não generalizar esta afirmação para incorporar o povo judeu como um todo. Paulo deixa claro em Romanos 11 que mesmo agora um remanescente fiel de Israel está sendo preservado. As palavras de Paulo são direcionadas contra aqueles judeus de Tessalônica que, como os líderes em Jerusalém, opuseram-se violentamente a Cristo e aos seus representantes.

Cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra, não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus (4.4,5). A palavra traduzida como "possuir" é ktasthai, que geralmente significa "adquirir," enquanto "vaso" é skeuos. Enquanto skeuos é usado metaforicamente quanto ao corpo na LXX e também no NT, em 1 Pedro 3.7 tanto o marido quanto a esposa são citados como skeue, e a mulher como o "vaso mais fraco".

Uma nota de rodapé da NIV reconhece este fato, oferecendo uma leitura alternativa: "Aprenda a adquirir uma esposa, não na paixão de concupiscência, como os gentios".

Seja qual for a tradução que reflita a intenção de Paulo, o apóstolo pretende

lembrar os tessalonicenses de que eles não devem se deixar levar por seus impulsos sexuais.

Talvez seja mais necessário, em nossa sociedade, enfatizar o significado alternativo em vez do significado aceito. Muitos jovens (e pessoas mais velhas!) foram programados para ver o amor e o casamento em primeiro lugar em termos de sexo, e buscar um cônjuge entre aqueles que são mais sexualmente atrativos. Não é surpresa que os casamentos baseados na “paixão da concupiscência” raramente durem.

Procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado (4.11). A instrução de Paulo sugere que muitos em Tessalônica eram ociosos e precisavam concentrar-se na colocação dos seus próprios negócios em ordem. No entanto, o seu chamado para trabalhar com as “próprias mãos” sugere muitas coisas sobre a camada social que compunha esta igreja.

No mundo romano, trabalhar com as próprias mãos era considerado algo inferior – uma atividade que só era apropriada para os escravos e para aqueles que foram libertos, pertencentes à camada mais baixa da ordem social. Em contraste, o judaísmo exaltava o trabalho com as mãos, e o judeu ideal era um homem que era treinado tanto nas Escrituras como no comércio. O cristianismo compartilhava esta visão do trabalho, e, para dar o exemplo, o próprio Apóstolo Paulo ocupou-se do seu negócio na confecção de tendas (trabalho em couro) sempre que possível.

O chamado de Paulo para trabalhar com as próprias mãos sugere fortemente que a maioria dos cristãos em Tessalônica originava-se das classes mais baixas (1 Co 1.26-31).

Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo (5.9). Este versículo tem sido usado por alguns como um texto de prova para mostrar que o cristão não passará pelo período de tribulação o qual os profetas do AT e o próprio Senhor Jesus Cristo associam

com a Segunda Vinda e com o fim dos tempos. No entanto, ira (orge) aqui, como em 1.10, é mais bem entendida como a ira a ser expressa na ocasião da volta de Jesus, e não no arrebatamento.

Não extingais o Espírito (5.19). Em versões mais antigas lê-se “Não esfrieis o Espírito”, que é o significado literal de to pneuma me sbennute. A figura do fogo está relacionada em ambos os Testamentos ao Espírito Santo e às suas atividades (Jr 20.9; Mt 3.11; Lc 3.16; At 2.3). Este versículo muito breve é seguido imediatamente por uma referência às profecias (5.20,21a). Portanto, muitos concluem que “esfriar” o Espírito significa recusar-se a falar quando o Espírito nos inspira a compartilhar a sua mensagem.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

O Ministério de Paulo em Tessalônica (2.1-12).

Contexto. O capítulo 1 deste livro relata o que aconteceu quando a Palavra de Deus veio a Tessalônica. Neste capítulo Paulo enfatiza o sobrenatural, o poder do Evangelho e o papel do Espírito Santo.

No capítulo 2, Paulo nos traz uma inspiração fascinante da dimensão humana do evangelismo. Em essência, Paulo nos mostra o evangelismo em seu melhor, no qual o sobrenatural e o natural, o divino e o humano, trabalham juntos para ganhar outros para Cristo e alimentar o seu crescimento no Senhor. Na verdade, quase todo versículo nesta seção nos ajuda a entender melhor a natureza do ministério pessoal efetivo.

Interpretação. A descrição que Paulo faz do evangelismo nos leva a destacar três elementos poderosos que são apresentados. São eles:

Integridade (2.3-6)

Investimento (2.7-9)

Envolvimento (2.10-12)

Integridade (2.3-6). Paulo começa lembrando os tessalonicenses do tipo de pessoa que ele é – e provou ser entre eles. Paulo não espera discordância. Ele diz, “bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras” (2.5) e posteriormente “Vós... sois testemunhas... Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos” (2.10,11). Paulo havia estabelecido um relacionamento com os tessalonicenses que era tão íntimo que o apóstolo estava certo de que os membros da igreja jamais duvidariam dele quando falasse dos seus motivos.

Quantas pessoas em nossas igrejas hoje conhecemos bem o suficiente para estarmos confiantes quanto aos seus motivos? Quantos nos conhecem tão bem? É importante agir com integridade. Mas também é importante estar perto o bastante dos outros para que eles nos conheçam bem o suficiente para estarem certos da nossa integridade.

O que, então, envolve a integridade em um relacionamento evangelizador? Paulo diz o seguinte:

Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência; mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como que para agradar aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de

palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha. E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros (2.3-6).

A passagem está repleta daquilo que poderíamos chamar de “descrição negativa”. A integridade de Paulo é vista em primeiro lugar entendendo o que os seus motivos e métodos não envolvem.

Não foi com engano (2.3). A palavra grega para engano é planes, usada aqui no sentido passivo da auto-ilusão. Embora seja aparentemente um traço intelectual, Paulo pode ver nesta palavra uma reflexão das palavras hebraicas para “louco”, que possuem uma dimensão moral. O ministério de Paulo não foi desempenhado com engano, porque em sua integridade Paulo não é moralmente corrupto. Ele conhece a verdade purificadora de Deus, e a apresenta aos outros.

Nem com imundícia (2.3). A palavra akatharsia tipicamente denota a impureza sexual. É provável que os ensinadores (não cristãos) itinerantes que viajavam de cidade em cidade no século I promovendo suas filosofias, freqüentemente explorassem os outros sexualmente. Paulo declara o que todos em Tessalônica sabiam: ele não era um “usuário”, e em sua integridade ele se abstinha de explorar os outros sexualmente ou de qualquer outra forma.

Nem com fraudulência (2.3). A palavra aqui é dolo, significando “perfídia” ou “trapaça”. Às vezes Paulo foi acusado disto por seus inimigos (2 Co 4.2; 12.16). Mas ele se recusou a confiar nas técnicas oratórias às quais as pessoas no século I eram tão responsivas. Referindo-se a isto em 1 Coríntios 2.4, Paulo diz: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana”. Não havia a menor desonestidade na abordagem de Paulo ao ministério, em seu coração, ou na maneira pela qual ele apresentava o Evangelho aos outros.

Não como para agradar aos homens (2.4). Paulo era freqüentemente acusado de ajustar o seu estilo de vida ou a sua mensagem ao seu público, comprometendo assim a sua integridade (Gl 1.10). Mas a frase “não como para agradar aos homens” sugere agradar aos homens para o seu próprio benefício. Paulo serve com integridade. A única glória que Paulo busca é a de Deus, e o único benefício que Paulo busca é a pessoa que ele está tentando alcançar com o Evangelho.

Nunca usamos de palavras lisonjeiras (2.5). A palavra grega, kolakeias, é encontrada freqüentemente nos escritos clássicos, onde ela descreve alguém que diz coisas agradáveis para ganhar alguma vantagem egoísta. No amor e no afeto que Paulo freqüentemente expressou pelos tessalonicenses não há nenhum elemento de kolakeias. Em todas estas expressões o apóstolo foi totalmente sincero.

Nem houve um pretexto de avareza (2.5). “Avareza” é pleonexias. O termo é mais inclusivo do que a palavra grega que indicava uma paixão pelo dinheiro. Aqui “avareza” envolve qualquer (ou todo) tipo de egoísmo.

Paulo ministrava com integridade porque, como diríamos, ele não estava no ministério pelo que pudesse conseguir para o seu benefício próprio.

Não buscamos glória dos homens (2.6). Aqui “glória” é doxan, honra ou glória. O que Paulo está dizendo aqui é que ele não estava no ministério por qualquer prestígio, ou para a admiração que os filósofos e os mágicos da época tanto desejavam.

E assim, em algumas breves palavras e frases Paulo descreve a integridade exigida de alguém que ministrasse o Evangelho de Deus. Uma integridade que não só devemos possuir, mas que também devemos comunicar vivendo vidas abertas com aqueles a quem ministramos, de forma que nos conheçam – bem.

Investimento (2.7-9). O segundo elemento na abordagem de Paulo ao ministério é o investimento. Isto significa a sua boa vontade de investir a si mesmo, de coração e alma, naqueles a quem ele ministrou. Vemos isto no seguinte:

Antes, fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de voa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma; porquanto nos éreis muito queridos. Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus (2.7-9).

Novamente Paulo usa várias frases e imagens poderosas para lembrar a seus leitores de como ele dedicou (ou investiu) profundamente a si mesmo no relacionamento que desenvolveu para com eles.

Brandos entre vós (2.7). Brandos é nepioi, que sugere atenção e consideração. Da mesma forma significativa é a frase “entre vós” (en meso hyumon), onde en meso indica mover-se entre os membros da igreja como pessoas iguais. Paulo e sua equipe rejeitaram toda oportunidade de dominar e, em vez disso, procuraram desenvolver uma relação sincera e mútua como um contexto dentro da qual o verdadeiro cuidado poderia ocorrer.

Como a ama que cria seus filhos (2.7). Novamente as palavras são significativas. “Ama” é trophos, o que sugere aqui uma ama de leite. “Seus” é intensivo; estes são os seus próprios filhos.

Talvez o mais fascinante sobre esta descrição é que Paulo aplica a imagem a si mesmo – um homem que de acordo com uma antiga descrição era um homem

pequeno e curvado, que examinava os outros debaixo de grossas sobrancelhas que faziam sobressair um nariz que quase encontrava o seu queixo. Como o grande apóstolo parecia diferente de uma ama de leite! Mas apesar de tudo, a imagem servia, porque todos sabiam que o seu coração era de uma ama de leite que sentia prazer em relação a seus filhos pequenos.

Sendo-vos tão afeiçoados (2.8). A palavra aqui é incomum, homeiromenoi. Significa desejar ardentemente. Paulo não está falando aqui do amor altruísta agape que todo cristão deve aos outros. Ele está falando daquele anseio por estar com os amados, que só surge quando passamos a conhecer uma outra pessoa como um indivíduo e passamos a gostar de alguém profundamente.

De boa vontade quiséramos comunicar-vos... a nossa própria alma (2.8). O desejo ardente que Paulo mencionou é uma poderosa evidência do seu investimento próprio nos tessalonicenses. Aqui ele fornece outra evidência. “De boa vontade” é eudokoumen, que indica um prazer intenso. O ministério era um prazer para Paulo, não uma obrigação, e tudo isto está ocorrendo porque ele veio a se importar com os tessalonicenses de uma forma profunda e pessoal. “A nossa própria alma” é psychas, que vai além de compartilhar experiências, e compartilha também o ser completo de Paulo – seus sentimentos, pensamentos, atitudes, crenças – tudo que o torna a pessoa que ele é.

Muito queridos (2.8). Aqui nós finalmente temos agape, aquela raiz usada no NT para expressar o tipo de compromisso mais profundo – o amor.

Trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós (2.9). O amor de Paulo pelos tessalonicenses não é só profundamente emocional, mas também caracterizado pelo compromisso altruísta. Paulo menciona apenas um indicador. Em vez de aceitar apoio dos tessalonicenses, Paulo trabalhou em seu negócio “noite e dia” a fim de se sustentar.

O impulso desta seção da carta de Paulo é bastante claro. O apóstolo verdadeiramente investiu a si mesmo da maneira mais profunda possível naqueles a quem ele ministrava. Movido por um amor crescente, o apóstolo generosamente compartilhou a si mesmo com eles, e sacrificou-se por eles.

Envolvimento (2.10-12). A seção final resume e dá uma descrição fascinante de como Paulo envolveu-se na vida dos cristãos tessalonicenses.

Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos houvemos para convosco, os que crestes. Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos, para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória (2.11).

O ministério de Paulo tinha um objetivo. Tudo o que ele fez entre os tessalonicenses estava centralizado na educação destes novos crentes... “para que vos conduzísseis dignamente para com Deus” (2.12). Como?

Paulo cuidou de cada um deles (2.11). É admirável como o apóstolo achou tempo para lidar individualmente com os seus convertidos. Sabemos que ele trabalhou em seu negócio para se sustentar em Tessalônica. Sabemos, a partir de Atos 17, que ele rapidamente reuniu um grupo de seguidores e os ensinou no sábado. Podemos presumir a partir de outras descrições do ministério de Paulo em Atos que ele falou a grupos que estavam em muitos contextos diferentes. Contudo, apesar de sua rotina atarefada, Paulo escreve para aqueles que muito certamente teriam conhecido a verdade através de exortações pessoais (2.11).

Como o pai a seus filhos (2.11). Vários dos patriarcas da igreja salientaram que Paulo compara-se a uma ama de leite quando fala de acalentar estes crentes, mas a um pai quando fala sobre treiná-los. Dois pensamentos podem ser sugeridos.

Primeiro é o pai que aceita a responsabilidade de examinar o treinamento daqueles que são, literalmente, os seus “próprios” filhos. E segundo, vários anos passam-se antes que o pai envolva-se pessoalmente na instrução de um filho. No que diz respeito ao amor, Paulo deseja ardentemente abraçar estes novos crentes. No que diz respeito à educação, Paulo dá um passo atrás e trata cada indivíduo com o respeito devido a uma pessoa que é um indivíduo responsável. Não importa o quanto amemos os outros, não devemos tratá-los como crianças quando se trata da educação.

Exortávamos (2.12). A palavra é parakalountes que também pode significar “admoestar”. Ela provavelmente tem este sentido aqui, indicando que Paulo estimulava indivíduos ao compromisso com a conduta cristã. Portanto, a frase provavelmente deveria ser lida como “exortávamos e encorajávamos”.

Consolávamos (2.12). A palavra é paramuthoumenoi, que é mais bem entendida como encorajamento. Ela transmite um caloroso senso de apoio à pessoa que está desanimada, não com a intenção de desculpar a falha, mas para colocá-la em perspectiva como um prelúdio ao sucesso.

Rogávamos [em algumas versões] (2.12). Aqui a palavra é martyromenoi que possui um tom de autoridade. Ela sugere dar um forte direcionamento.

O que talvez seja mais significativo é que o apóstolo demonstra aqui conhecer “a cada um” deles (2.11) bem o suficiente para poder dar a cada um o que é necessário para que progridam em uma vida digna, estejam estes indivíduos precisando de exortação, consolo ou disciplina.

Em sua integridade, Paulo investiu a si mesmo na construção de um relacionamento verdadeiramente afetuoso com os crentes tessalonicenses, e se envolveu significativamente em suas vidas.

Aplicação. Talvez pouco mais precise ser dito. O evangelismo eficaz envolve a

comunicação da Palavra de Deus que é poderosa, sobrenatural e eficaz. Mas as Escrituras nos mostram que aqueles que ministram são chamados tanto para preparar os corações daqueles que ouvem, como também para proclamar.

Hoje, como no século I, o ministério eficaz requer a construção de uma comunidade de amor. Nesta comunidade a Palavra de Deus será ouvida. E a partir desta comunidade, a Palavra de Deus divulgar-se-á.

A Vinda do Senhor (4.13-18).

Contexto. É difícil compreendermos como os homens e as mulheres do século I entendiam a morte. Tanto para nós, como para eles, naturalmente, a morte permanece um inimigo, e a dor experimentada na morte de uma pessoa querida é certamente grande. Contudo, a nossa perspectiva sobre a morte foi formada por dois fatores que não estavam presentes naquela época. O primeiro deles é que a nossa perspectiva foi formada por séculos de uma tradição cristã que afirma a certeza da ressurreição. O segundo é que a nossa perspectiva também é formada pela vida longa que a maioria das pessoas vivem. Baseado nas idades registradas nos epitáfios inscritos nos túmulos de dois ou três séculos antes e depois de Cristo, a expectativa de vida de um homem era de 29 anos e da mulher era de 27 anos. Para a maioria de nós, a morte chega em um momento que pode ser considerado como uma hora apropriada – após uma vida longa e produtiva. Para o homem ou a mulher do século I, a morte era um espectro negro que insistia em visitar os seres humanos muito antes de sua hora.

Um dos aspectos mais fascinantes da arqueologia tem sido a coleção de epitáfios de túmulos judeus, antes e durante os primeiros séculos da era cristã. A primeira coleção foi publicada por Jean-Baptiste Frey na década de 1930, e a mais recente, Ancient Jewish Epitaphs, por Pieter W. Van Der Horst em 1991. A maioria deles foi inscrita em grego em vez de hebraico, e muitos expressam um pouco do desespero obscuro sobre a morte, sentido por judeus e pagãos igualmente. Três inscrições extraídas da obra de Frey ilustram esta realidade:

Teodoro, o pai adotivo, ao seu filho mais querido. Gostaria que eu, que lhe criei,

Justo, meu filho, pudesse lhe colocar em um caixão de ouro. Agora, ó Senhor, [conceda] em seu justo juízo um sono de paz a Justo, um filho incomparável.

Aqui jaz Justo, 4 anos e 8 meses, que fui querido ao meu pai adotivo.

Este é o túmulo de Horaia; transeunte; derrame uma lágrima por ela. A filha de Nikolaos, que foi infeliz em todas as coisas em seus trinta anos. Três de nós estão aqui, marido, filha e eu, a quem eles abateram com pesar. Meu marido morreu no terceiro, e então no quinto minha filha Eirene, a quem o casamento não foi concedido. Eu, então, sem lugar ou alegria estive aqui depois deles debaixo da terra no sétimo de Choiak. Mas você, estranho, já conhece tudo o que há para se saber a nosso respeito, para falar a todos os homens sobre a rapidez da morte.

Esta é a cova de Arsinoe, transeunte. Aproxime-se e chore por ela; infeliz em todas as coisas, cuja vida foi dura e terrível. Porque eu perdi minha mãe quando era pequena, e quando a flor da juventude me deixou pronta para um noivo, meu pai me casou com Fabeis. E o Destino me trouxe para o final de minha vida ao dar à luz ao meu filho primogênito. Tinha pouca idade, mas grande graça floresceu na beleza do meu espírito. Esta cova esconde em seu seio meu corpo casto, mas a minha alma voou para os santos. Lamente por Arsinoe.

Ler epitáfios como estes nos ajuda a sentir a frustração e o desespero associados à morte, na época em que Paulo escreveu este grande parágrafo sobre a esperança do cristão em 1 Tessalonicenses.

Interpretação. Paulo escreve para esclarecer um aspecto do seu ensino da ressurreição que não havia sido explicado durante a sua estadia relativamente breve em Tessalônica. Os crentes ali sabiam que Cristo voltaria, e aguardavam ansiosamente este acontecimento (1.10). Mas o que o cristão que morreu antes da volta de Cristo perderia? E o que aconteceu com o crente que estava agora "dormindo" (4.13)? A opinião pagã comum é expressa em um poema de

Catallus:

O sol pode se pôr e nascer outra vez

Mas uma vez que a nossa breve luz se põe

Não há nenhuma noite eterna para se dormir.

Dado o senso geral de desespero associado com a morte no século I, a incerteza teria sido pesada sobre os corações daqueles cristãos que perderam pessoas queridas. E assim Paulo é ágil em tranqüilizá-los. A morte é uma tragédia, e o cristão, como o pagão, ficará consternado quando uma pessoa querida morrer. Mas diferente do pagão, o cristão tem uma esperança. Uma esperança que quando entendida traz um conforto tremendo – e além disto separa o cristianismo do paganismo.

Paulo começa afirmando uma doutrina central: “Cremos que Jesus morreu e ressuscitou” (4.14). A ressurreição é um fato estabelecido. Portanto, a questão não é se há ou não uma ressurreição, mas (1) O que acontece com o crente quando morre? e (2) Qual é a relação dos crentes que morreram com aqueles que estiverem vivos quando Jesus voltar?

É claro que um cristão se entristece quando morre uma pessoa que lhe é querida. Mas se este amado é um crente, não podemos nos entristecer por ele! Como Paulo escreveu aos Coríntios, “Enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor” (2 Co 5.6), e “Desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (5.8).

Portanto, o “sono” da morte no cristianismo está limitado ao corpo. A consciência do crente está acordada, alerta e “com o Senhor”.

Qual é a relação dos mortos com o crente vivo? Como a sua ressurreição ocorrerá? A pessoa que morreu estará ausente na Segunda Vinda? O que acontecerá?

Aqui Paulo é bastante explícito. Os que estiverem vivos na ocasião da volta de

Cristo não precederão “os que dormem” (4.15). O crente vivo não desfruta de alguma vantagem especial sobre a pessoa que morreu no Senhor.

O que acontecerá, então? “O mesmo Senhor descerá do céu” (4.16). Quando ele vier, falará en keleusmati, “uma palavra de ordem”, ou “uma ordem”. Este é um termo militar, e enfatiza a natureza da autoridade da palavra pela qual Jesus chama os crentes mortos de volta à vida. Como João 5.25 diz, “Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão”. Naquela mesma hora a voz do arcanjo e o toque da trombeta de Deus servirão como um eco para a ordem de Cristo (Mt 24.31; Ap 11.15). E os mortos responderão. Paulo escreve que “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro”, e “depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados... a encontrar o Senhor nos ares” (4.16,17).

A palavra traduzida como “encontrar” o Senhor é apantesin. Ela é freqüentemente usada em um sentido técnico, para descrever uma delegação de cidadãos que formalmente se encontra com um visitante importante fora de uma cidade, e o acompanha para dentro de seus muros. Alguns têm concluído que os santos ressuscitados e transformados encontram Cristo “nos ares” e então o acompanham de volta para executar os juízos descritos em 1.5-10, e em outras passagens. Outros argumentam que os salvos encontram-se com Cristo e voltam com Ele para o céu. No entanto, Paulo claramente identifica o ponto que ele deseja explicar, dizendo: “E assim estaremos sempre com o Senhor” (4.17). Onde quer que Jesus esteja, nós estaremos com Ele. E é esta verdade que Paulo quer que os seus leitores entendam: que aqueles que morrerem antes de nós, e nós – se estivermos vivos por ocasião da vinda de Cristo – podemos ter a mesma esperança maravilhosa. E, tendo explicado isto, Paulo conclui: “Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (4.18).

Aplicação. Esta passagem em 1 Tessalonicenses tem estimulado vários debates teológicos. Por que, por exemplo, Paulo diz “[nós] os que ficarmos vivos” quando Cristo voltar? Será que Paulo esperava que Jesus viesse ainda durante a sua época? Se este for o caso, será que o fato de Jesus não ter voltado nos dias de Paulo não lança dúvidas sobre o restante do seu ensino sobre a Segunda Vinda? Há, naturalmente, várias soluções possíveis para a pergunta original que tornam a conclusão sugerida totalmente desnecessária. Paulo pode estar simplesmente identificando duas categorias, os mortos e os vivos. Ele deve se colocar entre os vivos, porque está claro que ele não havia morrido. É mais provável, porém, que Paulo tivesse a esperança de que Cristo viesse durante o seu tempo de vida. Jesus deixou bem claro que ninguém sabe a data de um

retorno que o Pai mantém como o seu próprio segredo (Mt 24.36). Portanto, Cristo poderia voltar a qualquer momento, um assunto explicado por Jesus em Mateus 25. Considerando, então, que a volta de Jesus seria iminente, Paulo, na verdade, nos dá um exemplo. Como o apóstolo, vemos a nós mesmos como membros daquela última e feliz geração que não verá a morte, mas que estará viva quando o nosso Senhor voltar.

A passagem também tem sido o centro de discussões escatológicas. Alguns argumentam que o evento descrito, recebendo o nome de "Arrebatamento", prova uma visão pré-milenial do futuro. Eles notam que Paulo não descreve uma ressurreição geral, mas uma ressurreição apenas dos mortos "em Cristo". Juntando esta descrição com outras descrições de ressurreição no Antigo e no Novo Testamento, eles encontram apoio para o seu ponto de vista dispensacional em que Israel e a igreja são aspectos distintos e complementares de um plano divino muito mais complexo do que a maioria acredita.

Embora possamos conceder ao teólogo o direito de pesquisar, e ao estudante das profecias o direito de tentar encaixar esta passagem aqui ou ali em seus quadros, devemos nos lembrar de que a preocupação de Paulo aqui não é esclarecer nem confundir a seqüência escatológica.

A preocupação de Paulo é pastoral, e é como um pastor que Paulo chama a nossa atenção para este aspecto singular do futuro. Os mortos e os vivos compartilham uma mesma esperança em Cristo. Ambos seremos transformados; seremos arrebatados juntos para o céu; estaremos igualmente com o nosso Senhor para sempre.

É esta verdade maravilhosa que nos conforta, e que transforma a tristeza em confiança e até mesmo em alegria.

O Dia de Cristo

EXPOSIÇÃO

-

A segunda carta de Paulo aos Tessalonicenses foi provavelmente escrita algumas semanas depois da primeira. Notícias de Tessalônica alertaram o apóstolo para um aumento significativo da perseguição que estava ocorrendo ali. Sob esta pressão, alguns membros da igreja, confundidos com uma carta supostamente de Paulo (2.2), foram convencidos de que a intensidade de seu sofrimento provava que o Dia de Cristo estava às portas, e Cristo estava prestes a aparecer. Vários cristãos raciocinaram que se Jesus estava prestes a voltar, era inútil trabalhar, e estavam sendo sustentados por seus companheiros crentes. Cada uma destas questões corresponde a temas encontrados em 1 Tessalonicenses (1 Ts 4.9-12 com 2 Ts 3.12; 1 Ts 4.13–5.11 com 2 Ts 2.1-12), o que é outra indicação da relação próxima entre as duas cartas.

Após uma típica saudação (1.1,2), Paulo tranqüiliza os tessalonicenses de que seus sofrimentos têm um

propósito (1.3-5) e que, quando Cristo voltar, Deus punirá aqueles que os oprimem (1.6-12).

Então, Paulo prossegue corrigindo um sério mal-entendido. O sofrimento presente deles não é uma evidência de que o "Dia de Cristo já chegou". Vários eventos, incluindo o aparecimento do "iníquo" apoiado por falsos milagres, que estarão associados com o Dia de Cristo, não ocorreram (2.1-12). Até àquele dia, o cristão deve permanecer firme e ter boa esperança (2.13-17). Fica claro, a partir desta breve palavra de correção que, apesar da brevidade da permanência de Paulo em Tessalônica, ele tinha instruído a congregação ali na escatologia. Eles estavam bem cientes de que uma época que os profetas do AT e Jesus identificam como um período de "Grande Tribulação" virá no início do fim dos tempos. Em vista do desespero que muitos sentiam pela hostilidade e perseguição intensas que estavam experimentando, havia um rumor de que Paulo havia dito que seus problemas eram uma evidência de que este era o tempo do fim, e que Jesus devia estar prestes a voltar.

Este mal-entendido gerou uma falsa esperança, e também os levou a práticas destrutivas. Após pedir oração (3.1-5), Paulo adverte contra a ociosidade. A

crença de que Cristo poderia voltar a qualquer momento não é desculpa para a ociosidade: aqueles que não estão dispostos a trabalhar não têm direito a uma ajuda financeira por parte de outros cristãos (3.6-15). Após lidar com estas três questões, Paulo conclui sua carta (3.16-18).

ESTUDO DA PALAVRA

-

De maneira que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais (1.4). Diogmois (“perseguições”) é usada em relação aos sofrimentos incorridos por causa de Cristo, enquanto que thlipsesin (“aflições”) abrange todo tipo de problemas que os seres humanos poderiam experimentar. Paulo não se gloria na igreja tessalonicense porque ela está sofrendo, mas porque apesar das perseguições e aflições a igreja estava crescendo em fé e amor (1.3).

Não há benefício no sofrimento em si. A maneira como respondemos ao sofrimento é que pode ser digna de louvor.

Prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do Reino de Deus, pelo qual também padeceis (1.5). A fidelidade dos tessalonicenses diante do sofrimento não os torna “dignos do Reino”. Em vez disso, Deus os pronunciou dignos com base no sacrifício de Cristo, quando creram. Sua fidelidade é, verdadeiramente, uma evidência de que Deus está certo ao justificar aqueles que crêem; eles são diferentes agora, e um dia seu valor será revelado a todos.

É justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam (1.6). A doutrina da retribuição divina está bem estabelecida nas Escrituras (Sl 137.8; Is 66.6; Rm 12.19; Hb 10.30). É também uma linha principal nos escritos intertestamentários judaicos, como na seguinte citação de 1 Enoque, que data de aproximadamente 200 a.C.

O Grande Santo sairá de sua habitação e o Deus Eterno caminhará dali para o Monte Sinai.

E ele aparecerá com seu exército, sim, ele aparecerá com seu exército poderoso do céu dos céus.

E todos os vigilantes temerão e se abalarão, e aqueles que estão se escondendo em todos os confins da terra cantarão; e o grande medo que faz tremer se apoderará deles até aos confins da terra.

E as altas montanhas serão abaladas e cairão e se desfarão, e os altos montes serão postos abaixo e se derreterão como cera diante do fogo;

E a terra será totalmente feita em pedaços, e tudo na terra perecerá, e haverá juízo sobre todos.

Eis que Ele vem com as miríades de seus santos, para executar juízo sobre todos, e para destruir os ímpios, para condenar toda carne, por todas as obras de impiedade que fizeram, e pelas palavras orgulhosas e duras que os pecadores que não o temem falaram contra Ele (1.4-7,9).

Quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos seu poder, como labareda de fogo (1.7). A palavra aqui é apokalypsei, um termo que tem uma variedade de aplicações no NT, mas sempre com significado teológico.

Aqui é usada com relação à volta visível de Cristo no fim dos tempos – um retorno que é visível a toda a humanidade porque envolve a todos. Aqui a referência aos “anjos de seu poder” é remanescente de Mateus 24.30, que relata o ensino de Jesus: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as

nuvens do céu, com poder e grande glória". Em cada contexto, o acompanhamento de Cristo pelos "anjos" é descrito como visível ao mundo dos homens.

A volta de Cristo significa uma única coisa para o salvo: nós apareceremos com ele em glória. Isto significa outra coisa totalmente diferente para aqueles que rejeitam a Cristo e perseguem o povo de Deus.

Tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo (1.8). Alguns vêem nas duas frases uma referência aos gentios (aqueles que "não conhecem a Deus") e aos judeus (aqueles que "não obedecem ao evangelho").

A distinção parece desnecessária. Toda descrença humana é marcada não pela ignorância a respeito de Deus, mas por uma rejeição ao que é conhecido a respeito dele (Rm 1.18-20), e que encontra sua mais clara expressão naqueles que ouvem o evangelho e se recusam a lhe dar uma resposta positiva.

Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado (2.3). Em 1 Tessalonicenses 4, Paulo escreveu sobre a volta de Jesus para aqueles que estavam "em Cristo". Os mortos deveriam ser ressuscitados, e os vivos transformados, antes de juntos serem arrebatados para se encontrarem com o Senhor nos ares. Em 2 Tessalonicenses 2, Paulo escreve para lembrar os membros desta igreja que o "Dia de Cristo" não poderia estar presente naquele momento porque duas condições não haviam sido satisfeitas. O Dia de Cristo é caracterizado (a) pela "apostasia", e (b) pela manifestação do "homem do pecado".

A palavra apostasia é traduzida em algumas versões como rebelião, e era usada na literatura contemporânea para indicar uma rebelião política ou uma rebelião contra a autoridade divina. Este último significado tem esta intenção aqui: a

humanidade tornar-se-á abertamente hostil a Deus e ao seu povo.

“Pecado” nesta frase é anomias [iniqüidade]. O dicionário Zondervan Expository Dictionary of Bible Words diz que as palavras desta raiz “são conceitos ativos. Elas refletem ações que não estão fora do governo da lei, mas que estão na violação ativa dos princípios morais divinos ou inatos. O apóstolo João diz: ‘Qualquer que comete o pecado também comete iniqüidade, porque o pecado é iniqüidade’” (1 Jo 3.4) (p. 399). O “homem do pecado” é posteriormente descrito aqui como um homem “destinado à destruição” e que “se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus” (2.4). A nota adicional de que ele até mesmo “se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” claramente identifica este evento com uma predição sobre o fim dos tempos, manifestada por Daniel em sua profecia (11.31,32) e confirmada pelo próprio Senhor Jesus (Mt 24.15).

O argumento de Paulo, mostra que o arrebatamento ocorrerá antes da “tribulação”; no tempo do fim os cristãos são arrebatados nos ares para estarem com o Senhor (1 Ts 4.13-18). O evento é seguido de uma grande rebelião liderada pelo “homem do pecado” ou “iníquo” (2 Ts 2.3), que é finalmente debelada pela volta de Jesus à terra com poder (1.5-10). Os tessalonicenses são lembrados de que “o Dia de Cristo” – o grande plano de Deus para o tempo do fim –não poderia de forma alguma ter se estabelecido naquele momento. Isto se devia ao fato de que não haviam sido arrebatados e ainda estavam sofrendo perseguições; e, além disto, a segunda etapa do programa do fim dos tempos que envolve uma apostasia mundial liderada por aquele que chamamos de Anticristo, também não havia começado!

Enquanto nossa sociedade está se deteriorando e os cristãos estão sofrendo, é tentador supor que Cristo deva voltar logo para nos resgatar. Isto pode muito bem acontecer. Mas lembremo-nos de que, para muitas gerações de cristãos, o propósito de Deus tem sido desenvolver nossa “paciência e fé”, em todas as “perseguições e aflições” que devemos suportar (1.4).

E, agora, vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado (2.6). A expressão grega to katechon é neutra aqui, porém, é masculina em 2.7, e é traduzida como “um que, agora, resiste”. Muitas sugestões têm sido feitas no que diz respeito à identidade deste poder retentor. Isto abrange

desde a pregação do evangelho, a igreja, a existência do estado judeu, o Império Romano, e até mesmo o governo humano. Talvez um argumento mais provável dê preferência ao Espírito Santo, em parte porque as referências ao Espírito Santo no discurso de Jesus no Cenáculo, mostrem uma alternação entre o neutro e o masculino. O pensamento aqui é que o Espírito Santo, que está presente no mundo na vida dos crentes, será "retirado" no Arrebatamento da igreja (cf. Jo 16.7-11; 1 Jo 4.4). Somente então "será revelado o iníquo" (2.8).

Com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça para os que perecem (2.9). Os milagres nunca foram algo comum, apesar de nossa fascinação por eles. A Bíblia registra somente três períodos marcados pela operação de milagres múltiplos: o tempo do Êxodo, a época de Elias e Eliseu, e o tempo de Cristo e dos apóstolos. Cada um destes períodos estendeu-se por cerca de 40 anos; cada um deles ocorreu em um período central da história sagrada. Admiravelmente, embora os milagres que foram operados cumprissem os propósitos de Deus – ganhando a liberdade de Israel no Egito, fazendo com que Israel deixasse a adoração a Baal, e dando autenticidade a Cristo e a seus discípulos – nenhum destes períodos de milagres produziu um re-avivamento universal. Os milagres confirmavam a fé daqueles que criam, mas não criavam fé nos incrédulos.

Embora desfrutemos muitos milagres de Deus hoje em dia, o quarto grande período de milagres ainda está por vir. Ele é descrito aqui, porém suas maravilhas não são atribuídas a Deus, mas a Satanás. Desta vez os milagres servirão para reunir um determinado tipo de pessoas, "os que perecem" (2.10), e eles se aglomerarão, em massa, atrás do homem do pecado!

A fé em Deus vem em resposta à sua Palavra. Aqueles que não crêem na Palavra de Deus estão terrivelmente vulneráveis a toda e qualquer falsificação religiosa.

E, por isso, Deus lhe enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes tiveram prazer na iniqüidade (2.11,12). Paulo não está ensinando que Deus é o responsável pela

incredulidade daqueles que seguirem o “homem do pecado”, a quem nós freqüentemente chamamos de “Anticristo”. A “operação do erro” que levará estas pessoas, no tempo do fim, a seguirem o homem do pecado, faz parte do juízo de Deus sobre aqueles que “não receberam o amor da verdade para se salvarem” (2.10).

Deus não causou a incredulidade deles. A responsabilidade de Deus é semelhante à responsabilidade que um juiz tem pela sentença que ele impõe aos criminosos; neste caso, a operação do erro é que move os perdidos a aclamarem o Anticristo.

Por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade (2.13). Para uma discussão sobre o papel da escolha de Deus na salvação, veja O Texto em Profundidade sobre Efésios 1.3-14.

Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa (2.15). A exortação de Paulo “estai firmes” (stekete) concentra-se na situação presente em Tessalônica. Retendo os ensinos (paradoseis, literalmente, “tradições”) que Paulo lhes deu com relação ao futuro, os tessalonicenses podem evitar se tornar “perturbados e alarmados” pelos eventos do dia.

Se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai o tal e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe. Todavia, não o tenhais como inimigo, mas admoestai-o como irmão (3.14,15). Para mais detalhes sobre a disciplina da igreja, veja o comentário A Passagem em Profundidade sobre 1 Coríntios 5.1-13.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

O Dia de Cristo (2.1-12).

Contexto. Paulo refere-se aqui ao "Dia de Cristo" (2.2) em um contexto que claramente associa este dia com a "vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (2.1). Ao escrever, "Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco?" (2.5). Paulo deixa claro que apesar da brevidade de sua permanência em Tessalônica ele teve o cuidado de instruir estes novos crentes sobre a escatologia. O uso aqui da frase "o Dia de Cristo" também deixa claro que o ensino de Paulo incorporava a visão do futuro, revelada através dos profetas do AT, porque esta frase possui raízes profundas na revelação mais antiga.

Juntamente com "aquele dia", "o Dia de Cristo" é freqüentemente – mas nem sempre – usado para significar que o profeta está na verdade transmitindo uma mensagem sobre o fim dos tempos, e o ponto culminante do plano de Deus para os séculos. O dicionário Zondervan Expository Dictionary of Bible Words nota, porém, que "a chave para entender as frases é notar que elas sempre identificam um período de tempo durante o qual Deus pessoalmente intervém na história, diretamente ou indiretamente, para realizar algum aspecto específico de seu plano" (p.211). Para entender a discussão de Paulo sobre a "apostasia" e o "homem do pecado" devemos então colocá-los dentro do contexto da visão do AT do "Dia de Cristo" e daquele "dia".

O Expository Dictionary descreve os eventos mais freqüentemente ligados a este "dia":

Em resumo, o dia do Senhor é visto como um dia de terror, durante o qual Israel seria invadido e expurgado por uma terrível destruição. Amós advertiu aqueles de sua época que esperavam que Deus interviesse logo: "Ai daqueles que desejam o dia do Senhor! Para que quereis vós este dia do Senhor? Trevas será e não luz (5.18).

Sofonias acrescenta: “O grande dia do Senhor está perto, está perto, e se apressa muito a voz do dia do Senhor; amargamente clamará ali o homem poderoso. Aquele dia é um dia de indignação, dia de angústia e de ânsia, dia de alvoroço e de desolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas” (1.14,15). O terror e a escuridão do juízo divino deveriam ser derramados sobre o Israel incrédulo (Is 22; Jr 30.1-17; Jl 1–2; Am 5; Sf 1) e sobre os povos incrédulos do mundo (Ez 38–39; Zc 14).

Mas o juízo não é o único aspecto daquele dia. Quando Deus intervier na história, Ele também libertará o remanescente de Israel, produzirá uma conversão nacional, perdoará os pecados, e restaurará seu povo à terra prometida a Abraão (Is 10.27; Jr 30.19–31.40; Mq 4; Zc 13) (p.211).

Podemos compreender melhor o contexto dentro do qual Paulo escreve, se olharmos para algumas das passagens com as quais Paulo aparentemente familiarizou os tessalonicenses. Para este fim, várias passagens que lidam com os aspectos tanto escuros como brilhantes do Dia de Cristo estão incluídos abaixo.

Quando as examinamos, podemos entender por que os tessalonicenses podem ter identificado seus sofrimentos com as perseguições que têm sido chamadas de “grande tribulação” dos tempos do fim. E, se presumirmos que Paulo os ensinou que o Arrebatamento da igreja ocorreria antes deste período, podemos ver por que os crentes em Tessalônica ficaram “perturbados” e “alarmados” sobre o que estava acontecendo com eles.

ISAÍAS 2.10-12

Vai, entra nas rochas e esconde-te no pó, da presença espantosa do Senhor e da glória de sua majestade. Os olhos altivos dos homens serão abatidos, e a altivez dos varões será humilhada; e só o Senhor será exaltado naquele dia. Porque o dia do Senhor dos Exércitos será contra todo o soberbo e altivo e contra todo o que se exalta, para que seja abatido.

JOEL 1.13-15

Cingi-vos e lamentai-vos, sacerdotes; gemei, ministros do altar; entrai e passai, vestidos de panos de saco, durante a noite, ministros do meu Deus; porque a oferta de manjares e a libação cortadas foram da Casa de vosso Deus. Santificai um jejum, apregoai um dia de proibição, congregai os anciãos e todos os moradores desta terra, na Casa do Senhor, vosso Deus, e clamai ao Senhor. Ah! Aquele dia! Porque o dia do Senhor está perto e virá como uma assolação do Todo-Poderoso.

JOEL 2.1,2

Tocai a buzina em Sião e clamai em alta voz no monte da minha santidade; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, ele está perto; dia de trevas e de tristeza; dia de nuvens e de trevas espessas; como a alva espalhada sobre os montes, povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração.

AMÓS 5.18-20

Ai daqueles que desejam o dia do Senhor! Para que quereis vós este dia do Senhor? Trevas será e não luz. Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso ou como se, entrando em uma casa, sua mão encostasse à parede, e fosse mordido por uma cobra. Não será, pois, o dia do Senhor trevas e não luz? Não será completa escuridade sem nenhum resplendor?

MATEUS 24.15-21

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, que entenda), então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; e quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás a buscar

suas vestes. Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado, porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais.

AMÓS 9.11-15

Naquele dia, tornarei a levantar a tenda de Davi, que caiu, e taparei suas aberturas, e tornarei a levantar suas ruínas, e a edificarei como nos dias da antigüidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo seu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas. Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lavra alcançará ao que sega, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; e os montes destilarão mosto, e todos os outeiros derreter-se-ão. E removerei o cativeiro do meu povo Israel, e reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão do seu vinho, e farão pomares, e lhe comerão o fruto. E os plantarei em sua terra, e não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus.

Interpretação. Referindo-se ao Dia de Cristo, Paulo identifica a preocupação específica dos perturbados tessalonicenses. Eles estão experimentando uma intensa perseguição, e os ímpios em sua cidade parecem estar descontrolando-se. Pode este ser o tempo do fim? Como os eventos atuais relacionam-se com o futuro sobre o qual Paulo lhes ensinou tão cuidadosamente?

Paulo dá à preocupação deles uma atenção cuidadosa. Ele explica que o presente não pode ser o tempo do fim, a que se refere a profecia, porque aquele período é marcado por uma apostasia aberta e mundial, e pelo aparecimento do Anticristo, um líder mundial chamado aqui de “homem do [ou caracterizado pelo] pecado” (2 Ts 2.3). Embora a iniqüidade encontre expressão no presente de cada geração, ela não encontra sua expressão total porque a expressão total do mal é restringida pelo Espírito Santo.

Aplicação. É importante notar que, seja qual for a escatologia, o próprio Paulo não está preocupado em diagramar o plano de Deus para o futuro. Paulo deseja acalmar a incerteza e os temores dos crentes em Tessalônica que ficaram

alarmados com seus sofrimentos presentes. Em vez de entrar em detalhes, o apóstolo apenas esclarece dois temas proféticos principais, sem fazer referência específica à relação deles uns com os outros, ou até mesmo com o arrebatamento que ele descreveu em uma carta enviada a Tessalônica poucas semanas antes. Paulo quer que os tessalonicenses entendam, primeiro, que aqueles que os perturbam serão punidos por Deus (1.5-10), e que seus problemas não podem ser identificados com o período de terrível tribulação do fim dos tempos predito pelos profetas e confirmado pelo Senhor Jesus. Com esta confusão resolvida, os crentes em Tessalônica serão novamente libertados para ajustarem sua esperança em Cristo e em seu retorno – deixando os detalhes daquela Vinda a critério do Senhor.

Advertência contra a Ociosidade (3.6-15).

Contexto. As instruções de Paulo aos tessalonicenses sobre aqueles membros ociosos da igreja, que haviam parado de trabalhar na expectativa da volta de Cristo, parecem indelicadas e quase grosseiras. "Se alguém não quiser trabalhar, não coma também" (3.10) – este não é um preceito voltado à facilidade e ao conforto.

A injunção, porém, pode ser entendida levando-se em consideração a base do ensino da Bíblia Sagrada sobre a natureza e a função do trabalho.

O que o Antigo Testamento diz sobre o Trabalho.

Diversas palavras para "trabalho" são encontradas no AT. Várias delas retratam o trabalho como uma atividade pesada e fatigante. 'Mal transmite a frustração e a fadiga da labuta que falha em produzir a satisfação. Yaga' enfatiza a exaustão que vem do trabalho árduo, enquanto que mas e sebalah são trabalhos forçados. Contudo, apesar do reconhecimento do AT de que o trabalho possui seu lado de dificuldades, outras palavras hebraicas retratam um lado brilhante.

‘Abad significa servir, e embora às vezes seja usada em relação ao serviço forçado, é freqüentemente empregada para descrever o serviço a Deus. Para que o trabalho seja caracterizado como uma alegria ou como uma dor, ele freqüentemente depende de um detalhe – para quem nós estamos trabalhando. ‘Asah significa “fazer, efetuar, realizar”. O substantivo derivativo ma‘eseh olha para o processo e o produto dos nossos trabalhos. Deus tem muita satisfação em Suas obras; quando o nosso trabalho é produtivo, também podemos sentir satisfação por nossas obras. Po‘al é um outro termo para “trabalho” que incorpora a idéia de recompensa. Todo trabalho – seja uma atividade física ou um ato moral – merece uma recompensa adequada.

As palavras mais obscuras para “trabalho” no AT nos fazem lembrar que o pecado impactou tanto o nosso universo, que o trabalho é, freqüentemente, uma luta contra uma natureza insensível. Contudo, o trabalho, que pode ser frustrante e inútil, tem o potencial de ser produtivo e satisfatório.

Além disso, a idéia de trabalho de modo geral possui um significado intrínseco. Nós, seres humanos, obtemos nossa identidade de Deus. Visto que Deus com seu trabalho trouxe à existência nosso universo, e continua a executar seu bom propósito através da história, jamais podemos dizer que o trabalho não tem sentido. O trabalho é – em um sentido profundo e real – uma realização pessoal: no nosso trabalho podemos glorificar a Deus bem como participar de seus bons propósitos para nós e para o mundo.

O que o Novo Testamento diz sobre o Trabalho.

O vocabulário grego do NT reflete muitos dos significados encontrados nas palavras hebraicas para trabalho. Ergon e termos correlatos falam de tarefa, atividade, realização. Poiema, uma forma do verbo “fazer”, pode referir-se ao produto do trabalho, bem como ao próprio trabalho. Tanto a Criação quanto a salvação são mencionadas como obras de Deus. Praxis é um outro grupo de palavras que descrevem atos e realizações.

A palavra kopos sugere trabalho árduo, e reflete a percepção de que o trabalho é freqüentemente difícil, e não gratificante. Contudo, esta é a palavra que Paulo

usa para descrever sua própria atividade na confecção de tendas (1 Co 4.12), e a labuta honesta na qual Paulo pede que os que antes eram ladrões ocupem-se (Ef 4.28). O trabalho não é sempre fácil. Mas ele não precisa ser fácil para ser gratificante, satisfatório – ou correto. É verdade que mochthos vai além do simples trabalho, e expressa trabalho e fadiga. Mas esta palavra aparece apenas três vezes no NT: em 2 Coríntios 11.27, 1 Tessalonicenses 2.9, e aqui, onde Paulo descreve a si mesmo como servindo de exemplo para os tessalonicenses, trabalhando... “noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós” (3.8). Fica claro que não podemos medir o trabalho por sua dificuldade, porque a atividade mais custosa é, freqüentemente, a mais significativa.

Sem dúvida alguma, falando de nossos semelhantes, Paulo é o melhor exemplo do trabalho ético no NT. Ele escolheu trabalhar com as próprias mãos em vez de aceitar o apoio financeiro dos crentes, para que pudesse tornar o evangelho gratuito para todos, e para que ele mesmo pudesse dar um exemplo. A ociosidade e a dependência dos outros não é uma prática cristã. Os cristãos devem aceitar a responsabilidade de ganhar seu próprio sustento, e devem ganhar dinheiro para compartilhar com aqueles que são verdadeiramente necessitados. Em um sentido especial, o NT vê o trabalho não como um fim em si mesmo, mas, antes, como uma oportunidade que os cristãos têm para dar um exemplo do comportamento correto, como uma oportunidade de servir diretamente de modo que o nosso trabalho beneficie outros, e como uma oportunidade de servir indiretamente compartilhando recursos extras com aqueles que estão necessitados.

Contra este pano de fundo podemos entender melhor a insistência de Paulo para que aqueles que se tornaram ociosos em Tessalônica endireitassem seus caminhos. Outros cristãos deveriam parar de permitir que estes fossem ociosos, pois estavam até mesmo fornecendo o alimento de que precisavam para atender às suas necessidades básicas. Se um cristão não estiver disposto a trabalhar por causa de uma visão confusa do papel do trabalho no plano de Deus, a fome cuidará da situação e fará com que ele mude seus modos.

A Vida e a Liderança na Igreja

EXPOSIÇÃO

-

As epístolas de 1 e 2 Timóteo, bem como a epístola a Tito, normalmente são consideradas um conjunto. Estas “epístolas pastorais” são dirigidas aos homens mais jovens que ministraram com Paulo e que representam a próxima geração de líderes da igreja. Até certo ponto, a palavra “pastoral” é mal interpretada, pois Timóteo e Tito eram, como Paulo, líderes itinerantes que viajavam de um lugar a outro, conforme a necessidade, para orientar e corrigir as congregações locais. 2 Timóteo foi escrita durante o segundo período de encarceramento de Paulo em Roma, e pouco tempo antes de sua execução. As outras duas cartas provavelmente foram escritas no período de três ou quatro anos antes desta data, provavelmente em 66 ou 67 d.C.

Esta primeira carta a Timóteo está cheia de conselhos úteis sobre a estrutura da vida na igreja, e observações sobre o desafio da liderança da igreja.

Paulo começa insistindo na supressão dos falsos mestres (1.3-7), e lembrando Timóteo de que o uso adequado da Lei é limitado a estabelecer o fato de que o comportamento da pessoa sem religião e pecadora é verdadeiramente pecado (1.8-11). Ainda assim, como mostra a experiência de Paulo, a graça transformadora de Deus estende-se até o pior dos pecadores (1.12-17). Em vista da graça de Deus, Timóteo deve "militar boa milícia, conservando a fé e a boa consciência" (1.18,19).

O centro do ensino de Paulo a Timóteo concentra-se no modo de vida que é apropriado dentro da igreja. As suas lições falam de oração (2.1-8), mulheres (2.9-15), a escolha de "bispos" (3.1-7) e "diáconos" (3.8-13) e concluem com uma liturgia de louvor (3.14-16). Estas lições têm o objetivo de ajudar Timóteo a saber "como convém andar na... igreja do Deus vivo.

A seguir, Paulo passa a falar do próprio Timóteo. É aparente que, embora Paulo amasse muito Timóteo, e o enviasse em importantes missões, Timóteo, por natureza, era tímido e hesitante. Por isto as palavras de Paulo parecem, às vezes, ir além do incentivo e da exortação. Paulo lembra Timóteo de que ele pode esperar falsos ensinos infectando as igrejas, e que é o seu dever "propor" a verdade aos irmãos (4.1-10).

Mas Timóteo deve fazer ainda mais. Ele deve "mandar e ensinar" a verdade, e não deve permitir que alguém "despreze" sua "mocidade". E as exortações prosseguem: Timóteo deve "meditar nestas coisas", "ocupar-se nelas" e "perseverar nelas" (4.10-16).

Paulo agora retorna ao problema da conduta cristã dentro da igreja, com instruções para diversos grupos específicos. Ele fala sobre relacionamento entre os anciãos e os jovens (5.1,2), sobre o ministério às viúvas (5.3-16), sobre o respeito devido aos presbíteros (5.17-25) e sobre o dever que os escravos/servos devem aos seus senhores crentes (6.1,2). Então Paulo adverte contra os falsos mestres, que são descobertos devido ao seu comportamento e à sua atitude doentia em relação ao dinheiro (6.3-10).

Paulo começa a conclusão de sua carta encarregando Timóteo de uma tarefa: "Milita a boa milícia da fé... sem mácula e repreensão" e a "mandar" que o povo de Deus faça o bem (6.11-19). Até mesmo a despedida de Paulo contém exortações, lembrando-nos, uma vez mais, de que ele permanece preocupado não com o compromisso de Timóteo, mas com sua "resistência" e sua capacidade de suportar pressões (6.20,21).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis (1.4a). A palavra grega mythos normalmente significava uma história ou narrativa, mas no século I o significado tinha passado a implicar uma fábula ou ficção. Alguns vêem a menção às genealogias como uma referência à crença gnóstica em uma série de seres angelicais que supostamente estão entre Deus e o homem. É mais provável que Paulo refira-se às intermináveis interpretações especulativas das genealogias bíblicas em que alguns mestres judeus envolviam-se.

Em contraste com as verdades codificadas que os rabinos procuravam nos nomes dos heróis do AT, as boas novas do Evangelho estão claras e produzem fé, em vez de promover controvérsias.

O fim do mandamento é a caridade [ou amor] de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida (1.5). “Fim” é telos, o “objetivo” ou a conseqüência desejada. Diferentemente das falsas doutrinas que somente produzem especulações e controvérsias inúteis, o Evangelho produz amor, que pode fluir somente de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera.

Nunca suponha que o objetivo de ensinar a doutrina cristã é produzir pessoas que conheçam a verdade. O objetivo de ensinar a doutrina cristã é purificar o coração humano para que os crentes amem verdadeiramente.

Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente, sabendo isto: que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados (1.8,9). Como Paulo estava falando sobre os que se autoproclamavam líderes religiosos (1.6,7), fica claro que “a lei” aqui é a lei divina, seja como revelada por Moisés ou como a implantada por Deus na consciência dos pagãos (Rm 2). Paulo diz

que a lei é boa (kalos: equilibrada e bonita) se usada “legitimamente” (“adequadamente”, nominos).

A seguir ele prossegue apontando que a lei “não é feita”, (ou keitai), não é estabelecida ou decretada. As leis são decretadas por causa dos males que os homens fazem. Se ninguém roubasse, não haveria nenhuma lei contra o roubo. E além disso, depois da promulgação de uma lei, ela é irrelevante para o homem que não rouba.

O que Paulo quer dizer é importante. A vida que está em harmonia com a “sã doutrina” (1.10) é uma vida boa. E uma vez que a pessoa que vive uma vida boa não faz as coisas contra as quais as leis são promulgadas, a lei simplesmente não tem nenhuma utilidade para aqueles que vivem em harmonia com o Evangelho.

Para um comentário mais detalhado a respeito do crente e da Lei, veja os textos de Romanos 6–7 e Gálatas 3–4.

Milites por elas boa milícia, conservando a fé e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé (1.18,19). A palavra traduzida como “rejeitando” é apotheomai, afastar ou repudiar. Alguns comentaristas sugerem que a palavra indica uma rejeição decisiva e violenta. A imagem de um naufrágio é apropriada. Quando tempestades violentas atingiam os barcos que navegavam pelo Mediterrâneo, as frágeis embarcações de madeira freqüentemente eram levadas contra as costas rochosas. Em tais casos, aqueles que estavam a bordo perdiam tudo o que tinham e davam graças por escapar com vida.

Aqueles que rejeitam a fé também perdem tudo o que têm de valor, e também a si mesmos.

Os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar (1.20). Para um comentário sobre esta expressão, veja o Estudo da Palavra sobre 1 Coríntios

5.5.

Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade (2.3,4). Paulo descreve como sendo “boa” a vida pacífica e tranqüila, vivida no temor e na obediência ao Senhor, e na santificação. Aqui a palavra é kalos, que significa “bonito”, em contraste com agathos, bom, no sentido de “útil”. O que Paulo quer dizer aqui é que a bonita vida de religiosidade e de santidade vivida pelos cristãos é um fator significativo para que os incrédulos venham a conhecer a verdade.

O Seu amor somente pode ser exercido em harmonia com a Sua santidade e a Sua justiça. Como é maravilhoso que Deus tenha encontrado uma maneira pela qual o Seu amor pode ser expresso e a Sua justiça satisfeita.

Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção [ou resgate] por todos (2.5,6). A palavra para “resgate” (versão RA) é antilytron. Esta é a única aparição desta palavra no NT. No século I, lytron era o preço pago para libertar um escravo. A palavra composta que temos aqui significa o que é dado em troca ao preço da libertação.

Qualificações para a Liderança

Escrituras	Qualificação
	1. Irrepreensível
	2. Marido de uma só mulher
	3. Que tenha filhos fiéis
	4. Não soberbo

	5. Não iracundo
	6. Não dado ao vinho
	7. Não espancador
	8. Não cobiçoso de torpe ganância
Tito 1.5-9	9. Dado à hospitalidade
	10. Amigo do bem
	11. Moderado
	12. Justo
	13. Santo
	14. Temperante
	15. Retendo firme a Palavra
	16. Capaz de admoestar com sã doutrina
	17. Capaz de convencer os contradizentes
	18. Sóbrio
	19. Modesto ou honesto
Adicionalmente, de 1 Tm 3.1-7	20. Que governe bem sua própria casa
	21. Não neófito
	22. Que tenha bom testemunho
	23. Não por força, mas voluntariamente
	24. Segundo a vontade de Deus (em alguns textos
	25. Não por torpe ganância
Adicionalmente, de 1 Pe 5.1-4	26. Não tendo domínio sobre a herança de Deus
	27. Servindo de exemplo
	28. Responsável perante o Sumo Pastor

Este preço de resgate ou redenção foi pago por [a favor de] toda a humanidade (4.10). Naturalmente, não é culpa de Deus que nem todos serão salvos. O problema está nos seres humanos que rejeitam o Evangelho, e se recusam a aceitar o título devido pela emancipação das garras do pecado, oferecido a todos em Jesus Cristo.

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio (2.11,12). “Em silêncio” traduz a palavra grega hesychia, que é usada apenas quatro vezes no NT e indica uma atitude receptiva. Não implica na sujeição das capacidades intelectuais de uma mulher nem no que foi chamado de “dever de julgamento privado”. Também não deve ser interpretada como implicando que uma mulher não deva fazer comentários durante as reuniões da igreja: um direito de participação que está estabelecido em 1 Coríntios 11.5.

Paulo parece desejar que interpretemos 2.11 em uma associação com 2.12, que coloca o “silêncio” e a “sujeição” no contexto da liderança da igreja e não na filiação participativa.

Aqui, “ensinar ou usar de autoridade” é mais bem interpretado como “um ensino com autoridade” como poderia ser realizado por um presbítero da igreja local ou como um líder itinerante da igreja maior, como Timóteo ou Tito, ou o próprio Paulo.

Muitos tentam evitar as implicações destes versículos difíceis sugerindo que Paulo escreve movido pela sensibilidade para com a visão existente quanto ao papel da mulher, e que esta passagem, portanto, não fala realmente à igreja moderna. Entretanto, os versículos seguintes deixam completamente claro que Paulo cita uma base teológica para o seu julgamento. Parece mais provável que Paulo aqui restrinja realmente as mulheres, não da participação nas reuniões da igreja, e nem mesmo das profecias (1 Co 11.5), mas de um papel que envolva o ensino com autoridade apostólica que a igreja deve ter.

[A mulher] salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade e na santificação (2.15). O verbo aqui é sozo, “salvar”. A palavra é usada no NT com dois significados: descrever a cura física e a salvação espiritual. O problema é que muitas mulheres religiosas morriam ao dar à luz, tornando improvável essa tradução. Mas ao mesmo tempo, é difícil conectar o nascimento de filhos à dimensão espiritual da salvação.

Este é, sem dúvida, um dos versículos de mais difícil interpretação da Bíblia. Três interpretações básicas foram propostas. (1) a palavra grega para nascimento de filhos é acompanhada pelo artigo “o”. Alguns comentaristas argumentam, portanto, que “o nascimento” é uma referência ao nascimento de Cristo, por meio do qual tanto as mulheres quanto os homens são salvos. (2) Uma segunda interpretação vê este versículo como uma referência a Gênesis 3.15, e a predição de que a semente de uma mulher esmagaria a cabeça de Satanás e traria a salvação a toda a humanidade. (3) Uma terceira, sugerida por Vine, propõe que Paulo está ensinando que ao aceitar a maternidade como o papel apropriado para a mulher, uma mulher seria salva de ser uma presa dos males sociais do século I e seria capaz de acrescentar o seu testemunho ao dos outros crentes na igreja.

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher (3.2). A NVI usa a palavra “supervisor” ao passo que outras versões em nosso idioma utilizam a palavra “bispo”. A palavra grega episcopos é muito provavelmente um sinônimo de presbyteros, que é traduzida como “presbítero” ou “ancião” (Tt 1.6,7; At 20.17-28). Este foi o primeiro papel de liderança local na igreja primitiva, mas era um papel compartilhado, pois a passagem do livro de Atos e outras indicam que as igrejas locais eram guiadas por uma equipe de anciãos [ou presbíteros] e não por um único “pastor”.

Paulo fornece uma lista de itens para avaliação daqueles que aspiram esta posição, uma lista que enfatiza a importância do caráter e não os dons ou a educação dos líderes espirituais (veja a lista de “Qualificações para a

Liderança”).

Provavelmente, a qualificação mais discutida é a citada neste versículo: “marido de uma mulher”. No final do século II, esta qualificação era interpretada como significando “casado uma única vez”. No entanto, a maioria dos comentaristas sustenta que “marido de uma mulher” enfatiza a monogamia e a fidelidade total. O líder espiritual precisa ser aquele tipo de homem de uma mulher só.

Da mesma sorte os diáconos sejam honestos (3.8). A palavra “diácono” vem do grego diakonos, “servo”. Muitos vêem os sete diáconos de Atos 7 como protótipos para este ofício na igreja local. Na época em que a carta aos filipenses foi escrita, “bispos e diáconos” eram postos distintos na igreja (Fp 1.1). A distinção fica ainda mais clara nas pastorais, embora os deveres de cada ofício não sejam definidos. No entanto, em geral, os comentaristas concordam que os bispos/anciãos eram responsáveis pela supervisão espiritual da congregação local, ao passo que os diáconos administravam sua prática ministerial aos membros e a outros.

Da mesma sorte as mulheres sejam honestas (3.11). O texto grego diz simplesmente gyne, palavra usada com o significado de “mulher” como também de “esposa”. O pronome possessivo, “suas” não aparece no texto grego. Por esta razão, muitos estudiosos afirmam que Paulo referia-se às mulheres diáconos como sendo mulheres dignas de respeito, uma interpretação confirmada pela identificação de Febe como diaconisa [versão NTLH] da igreja de Cencréia (Rm 16.1, versão NTLH).

Proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças (4.3). Embora a lei do AT exigisse a abstenção de certos alimentos, essa lei não continha nada do espírito de asceticismo exibido pelos falsos mestres que infestavam a igreja primitiva. (Para uma discussão, veja o comentário sobre Colossenses 1–2). Paulo diz que a tendência ao asceticismo, que na verdade substitui a dependência de Deus pelo esforço próprio, é

encorajada por forças demoníacas que operam por meio da “hipocrisia de homens que falam mentiras” (4.2). A expressão implica que os falsos mestres sabiam que estavam errados. A sua persistência em fazer o mal os tornou insensíveis ao pecado.

A tendência ao asceticismo era muito forte nos primeiros séculos da nossa era. O seu impacto está refletido na veneração, pela igreja, dos membros que adotavam os seus ideais ascéticos, e que eram classificados como “santos”. Simeão Estilita permaneceu em pé no topo de uma coluna durante décadas, comendo pequenas refeições somente às terças-feiras e aos sábados. Outros santos retiravam-se para o deserto, e rolavam sobre arbustos espinhosos para punirem-se a si mesmos quando assaltados por algum pensamento ou desejo sexual. A mesma tendência ao ascetismo é parcialmente responsável pelo desenvolvimento de um sacerdócio celibatário no catolicismo romano.

Entretanto, asceticismo e autonegação simplesmente não são cristãos. Paulo diz que a perspectiva do cristão deve ser moldada pela percepção de que tudo que Deus criou é bom (1 Tm 4.4) e deve ser recebido com ação de graças. A referência aqui à consagração “pela palavra de Deus e pela oração” (4.6) não quer dizer que as boas dádivas de Deus precisem ser purificadas. O que Paulo quer dizer é que ao recebermos “tudo” o que Deus criou com fé e com uma atitude de oração, somos capazes de aproveitar as suas dádivas com uma consciência limpa.

Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza (4.12). A palavra grega é neotes, que indica uma pessoa que é adulta, mas abaixo dos 40 anos. No mundo antigo, não era esperado que uma pessoa com a idade de Timóteo, provavelmente nos seus 30 anos de idade, tivesse obtido o discernimento e a sabedoria requerida para os líderes.

Uma passagem na Mishna, citando o rabino Judah ben Tema (Abot 521), reflete uma visão similar ao caracterizar 14 períodos na vida de um homem:

(1) aos 5 anos, Escrituras, (2) aos dez, a Mishna, (3) aos treze, os deveres

religiosos, (4) aos quinze, o Talmude, (5) aos dezoito, ao dossel do casamento, (6) aos vinte, a responsabilidade pelo sustento da família, (7) aos trinta, a plena força, (8) aos quarenta, o entendimento, (9), aos cinqüenta, o aconselhamento, (10) aos sessenta, velhice, (11) aos setenta, idade avançada, (12) aos oitenta, uma resistência admirável, (13) aos noventa, as costas curvadas e (14) aos cem – ele é como um cadáver que já passou e se foi deste mundo.

Podemos entender, em virtude do ambiente social, no qual pagãos e judeus igualmente esperavam que uma pessoa tivesse entre 40 e 60 anos para ser qualificado a compreender e aconselhar, por que Timóteo, com 30 anos de idade, pode ter estado hesitante em afirmar sua autoridade.

É significativa a apresentação de novos critérios pelos quais a igreja deve avaliar os seus líderes. O que qualifica uma pessoa para a responsabilidade de liderança na igreja de Deus não é a idade, mas sim o caráter. Timóteo e os líderes devem dar exemplo para os crentes no modo de falar, na vida, no amor, na fé e na pureza.

Por que a juventude de Timóteo era perturbadora? Fazia alguma diferença, no século I, de quem se recebia os ensinamentos? Naturalmente! Quanto mais alto o status do professor, maior o status da doutrina e mais seguro sentir-se-ia socialmente o seguidor daquela doutrina. É interessante que, mesmo no final do século IV, o escritor romano Libânio ridicularizava os cristãos de sua própria classe elevada, dizendo que eles tinham recebido sua doutrina da “sua mãe, de sua esposa, de sua governanta, de seu cozinheiro.”

Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem (4.16). É essencial que aquilo em que se crê e como se vive esteja em completa harmonia. Desta forma, devemos prestar atenção a estas duas coisas. Muito freqüentemente em nossa própria época, o escândalo arruína não somente a reputação como também o ministério de conhecidos líderes cristãos. Defender uma doutrina sadia e, ao mesmo tempo, desviar-se do modo de viver comprometido com os princípios cristãos é o caminho mais certo para se perder – e também conduzir seus ouvintes à perdição.

Mas a [viúva] que vive em deleites, vivendo, está morta (5.6). Nos tempos da

Bíblia, as viúvas geralmente não tinham meios de ganhar a vida. Aquelas que não tinham filhos nem netos que as sustentassem eram literalmente necessitadas. Os judeus e os primeiros cristãos mostravam grande preocupação por estas mulheres, e eram cuidadosos em prover para elas. Esta carta a Timóteo sugere que as viúvas cristãs não se limitavam a receber ajuda. Aquelas que tivessem demonstrado um caráter cristão recebiam papéis quase oficiais na igreja (5.9,10), e um ministério ativo junto a jovens casadas (Tt 2.3-5).

Paulo, no entanto, limita ainda mais os membros neste papel oficial, embora sem limitar os direitos das viúvas que não tinham famílias que as sustentassem. Ele incentiva as viúvas jovens a se casarem novamente. E adverte dizendo que “a viúva que vive em deleites, vivendo, está morta”. A expressão “que vive em deleites” é uma única palavra em grego, spatalao, que significa viver auto indulgentemente ou em luxúria. Paulo não está acusando estas viúvas de uma conduta sexual errada, mas sim de materialismo, de uma perspectiva voltada a si mesmas, que contrasta com a de uma viúva que “espera em Deus e persevera de noite e de dia em rogos e orações”.

Uma mulher assim está “morta” no sentido de que ela é insensível às realidades que marcam os outros como sendo espiritualmente vitais e vivos.

A ninguém imponhas precipitadamente as mãos (5.22). A referência provavelmente é à ordenação (At 14.23, onde a palavra traduzida como “encomendaram” significa literalmente “estender a mão”). Aparentemente o papel dos líderes itinerantes da igreja mais ampla, fosse Paulo ou Timóteo, confirmava oficialmente os líderes da igreja local escolhidos (talvez eleitos) pelas congregações locais. Desta forma, Paulo adverte Timóteo sobre a extensão deste reconhecimento oficial de uma maneira “precipitada”. Ao fazer isto, Timóteo poderia, de alguma forma, estar atestando o caráter da pessoa que ele estivesse consagrando e, se ela provasse ser indigna de tal confiança, ele pareceria estar participando “dos pecados alheios”.

Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades (5.23). Timóteo parece ter concluído, a partir de vários ensinos das Escrituras, que ingerir bebidas

alcoólicas era errado, e assim bebia “somente água”. É interessante que Paulo não diz a Timóteo que reivindique ou, até mesmo, peça a cura. Em lugar disto, ele aconselha o uso medicinal de “um pouco de vinho”.

O uso de vinho para combater o efeito da água impura era comum no mundo antigo. Peritos judeus e gregos, incluindo Hipócrates, recomendavam um uso moderado de vinho no tratamento de pacientes com problemas estomacais crônicos.

Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males (6.10). Este pode ser o versículo mais erroneamente citado de toda a Bíblia. Paulo não diz que “o dinheiro é a raiz de todo o mal”, mas que o amor ao dinheiro é a raiz de onde nascem todos os males. Aqueles motivados pelo amor ao dinheiro serão vulneráveis à tentação de seguir por qualquer caminho – por pior que seja – para consegui-lo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Retratos da Igreja Primitiva

É sempre difícil retratar a vida em uma época antiga. Nós encaramos a história com idéias formadas pela nossa experiência na nossa cultura. Como resultado, temos a tendência de levar as nossas percepções ao passado. Talvez isto seja particularmente verdadeiro quando se trata de pensar a respeito da igreja. Em nossa experiência, a igreja é o lugar onde vamos aos domingos para cantar e ouvir um sermão. A reunião tem lugar em um edifício de igreja, onde há atividades educacionais e sociais planejadas para as noites de domingo e também para outras noites durante a semana. Freqüentemente, este edifício é o lugar das

reuniões de comitês ou conselhos que têm a responsabilidade de ministrar para uma comunidade maior, ou a responsabilidade de realizar o trabalho necessário para manter a igreja como edifício e instituição. De alguma maneira, nós nunca percebemos que a nossa experiência de vida cristã é muito diferente da experiência dos crentes do século I, como refletida no NT.

Essa experiência era formada por forças culturais muito diferentes, e talvez por uma visão muito diferente da natureza da própria igreja. Para entender, nós precisamos considerar a natureza da igreja primitiva como uma comunidade, e a natureza e funções dos líderes da época do NT.

A Igreja Como Uma Comunidade

As necessidades sociais de uma pessoa normal no século I eram satisfeitas, em parte, por uma variedade de clubes, ou collegia. Havia clubes para os trabalhadores de diversas profissões, clubes para os adeptos de diferentes religiões, clubes que prometiam aos seus membros um funeral decente, etc. A maioria destes clubes consistia de pequenos grupos de vizinhos, que se encontravam na casa de um patrocinador que estivesse em melhor condição financeira.

A igreja primitiva seguia os moldes dos grupos de vizinhos menores, basicamente porque o modelo existente se adequava à sociedade. A maior parte da vida de uma pessoa era vivida em meio à sua vizinhança: uma viagem de carro de 30 minutos representa um dia de viagem no século I. Nas cidades abarrotadas do século I não havia grandes auditórios onde centenas de pessoas pudessem se reunir. Na igreja em casa, a quantidade de membros era limitada pelo espaço disponível. A proximidade entre os membros, e o tamanho limitado destas congregações permitiam um nível de intimidade que raramente é experimentado pelos crentes modernos que se sentam passivamente nas manhãs de domingo, ouvindo, juntamente com outros que, como eles, viajaram 16 quilômetros ou mais para “ir à igreja”.

A organização da igreja primitiva em grupos menores tinha vantagens definidas. O NT retrata a igreja como um organismo vivo, composto de indivíduos cujos dons espirituais lhes davam a possibilidade de contribuir para o crescimento uns dos outros. Na intimidade promovida pela estrutura da igreja primitiva, estes dons eram mais provavelmente exercidos à medida que “cada um” contribuísse com o seu hino/salmo, ou palavra de instrução ou de revelação, ou língua ou

interpretação (1 Co 14.26). Ao invés de estar passivamente dependente do ministério de um pastor, a forma da igreja promovia a responsabilidade de todos os seus membros no ministério da igreja. Isto não sugere que o ministério leigo não possa ocorrer na igreja da nossa época. Simplesmente destaca que a forma da igreja do século I – uma forma que persistiu talvez por 250 anos – incentivava o ministério mútuo, ao passo que as formas institucionais prevalecentes na nossa época não o fazem.

De modo similar, a natureza de "vizinhança" das congregações pequenas do século I, juntamente com a intimidade relativa incentivada pelo contexto das igreja nas casas, tornava muito mais fácil para os primeiros cristãos o envolvimento na vida uns dos outros, como requer o constante chamado do NT de amarmo-nos "uns aos outros". Pois o amor bíblico ao próximo não é abstrato, mas prático, e é expresso através da interação das pessoas que compartilham a vida de uma maneira significativa.

A forma de "clube" de vizinhos na qual a igreja do século I – e do século II – existiu, promovia a vida em comunidade de uma maneira que as formas modernas da igreja não fazem, nem conseguem fazer.

Os líderes da Igreja

Dois tipos básicos de líderes existiam na igreja primitiva. Eram os líderes locais e os itinerantes.

É importante observar que na época em que Paulo escreveu as cartas a Timóteo e a Tito, havia surgido uma distinção entre os postos de liderança da igreja local e os dons espirituais. Embora alguém possa argumentar que uma pessoa consagrada como um bispo/presbítero deveria ter o dom de ensinar (1 Tm 3.2), a maturidade espiritual e o caráter são os requisitos básicos necessários para esta posição principal de liderança local, e para o posto inferior de diácono.

Talvez o mais significativo aspecto da estrutura de liderança local do século I seja o fato de que o NT fala consistentemente de anciãos/presbíteros, no plural. Fica claro que a supervisão das igrejas era colocada nas mãos de um grupo de anciãos/presbíteros, e não de um só. Embora não tenhamos nenhuma evidência

clara, em vista do pequeno tamanho das igrejas de bairro “em casa” do século I, parece provável que os anciãos/presbíteros supervisionavam todas as igrejas em casa em uma cidade ou em um distrito de uma cidade.

O ministério dos líderes locais era, além disso, apoiado e supervisionado pelos líderes itinerantes como Paulo, Timóteo e Tito. Professores de filosofia itinerantes eram uma visão familiar no século I. E pares de sábios viajantes do Sinédrio de Jerusalém visitavam comunidades judaicas por todo o império para informá-las das regras daquele organismo e para servir como juízes nas disputas entre os judeus. Assim, esta rede de líderes itinerantes também refletia padrões que já existiam na sociedade do século I.

Aplicação. Não devemos examinar toda a forma e os padrões da igreja primitiva com a noção de que eles devem ser normativos para a igreja de qualquer época e sociedade. Fica claro, com base no fato de que a igreja adotou padrões que já existiam naquele tempo, que a cultura sempre irá ter um impacto sobre as formas que as congregações assumem.

Entretanto, examinar serve para nos lembrar de duas verdades vitalmente importantes. A primeira, que as formas assumidas pelas nossas próprias igrejas, e muito freqüentemente aceitas sem questionamentos, na verdade não são normativas. Elas também refletem a nossa sociedade contemporânea, e têm raízes na nossa própria cultura ocidental. Elas estão longe de ser sagradas ou de ter sanção bíblica.

A segunda, sejam quais forem as formas que as nossas igrejas assumem, essas deveriam ser avaliadas por critérios teológicos e não culturais. A forma da igreja local que você freqüenta facilita o exercício dos dons espirituais dos membros? Promove o desenvolvimento da intimidade e o crescimento do amor recíproco?

Perguntas similares podem e devem ser feitas a respeito das funções e cargos na igreja. A liderança local é múltipla, ou nós exaltamos os indivíduos? Nós enfatizamos a importância do caráter sobre os dons ou a capacidade quando selecionamos líderes? Existe alguma rede de suporte e respeitabilidade que se estenda além da congregação alcançando a igreja de uma forma mais ampla?

Pode ser impossível, e até mesmo desnecessário, tentar duplicar a forma da igreja do século I nos dias de hoje. Mas nós precisamos considerar seriamente o desenvolvimento daqueles processos dinâmicos tão essenciais para a formação

espiritual, que no modelo da igreja do século I funcionavam tão bem.

Um Olhar à Frente

EXPOSIÇÃO

-

A segunda carta a Timóteo é a última carta de Paulo. Foi escrita durante seu segundo período de encarceramento em Roma – que culminou com sua execução ali. Como tal, tem um peso especial, o peso tipicamente atribuído às últimas palavras de um homem que morre. Nesta carta, Paulo olha à frente e descreve desafios que ele prevê para o movimento cristão. Ele dá ao jovem Timóteo, e a nós, conselhos críticos a respeito de como vencer estes desafios.

Mas os temas desenvolvidos nesta curta carta não são novos. Na verdade, muitos deles também são desenvolvidos na primeira carta de Paulo a Timóteo (veja o quadro comparativo abaixo). Para vencer os desafios do futuro, os cristãos devem permanecer comprometidos com uma vida santa (1.3-12) e uma doutrina sólida (1.13,14). Esta verdade que foi confiada a Timóteo deve ser transmitida intacta à próxima geração, por intermédio de homens fiéis (2.1-

7). Depois de um breve lembrete sobre seu o próprio comprometimento com o evangelho (2.8-13), Paulo retorna ao seu tema. No futuro, será cada vez mais importante que os líderes vivam vidas devotas e ministrem com sabedoria (2.14-26), pois o pecado estará cada vez mais entrincheirado na sociedade, e os falsos mestres irão infiltrar-se na igreja e corromper a fé de muitos (3.1-9). Como podemos resistir a tais ataques de dentro da igreja, e também de fora dela? A receita de Paulo é simples, mas profunda. Devemos continuar a viver vidas devotas e a pregar a verdade, estando dispostos e desejosos de suportar qualquer problema que nosso comprometimento possa nos causar (3.10-45).

A carta de Paulo nos lembra tanto de nossa fraqueza quanto de nossa força. Existem forças na sociedade e na igreja que freqüentemente parecem nos dominar. Mas nosso chamado é para a fidelidade. Enquanto permanecermos fiéis às grandes verdades do evangelho , e continuarmos a viver uma vida de santificação e amor, nós certamente triunfaremos. Pois a verdade em que cremos é a verdade de Deus, e a vida que vivemos é a vida de Cristo, e nosso Deus, no final, triunfará.

Temas paralelos na primeira e na segunda carta a Timóteo:

1 Timóteo	
1.3-7	O objetivo do ministério: o amor com um coração puro.
1.8-11	Estilo de vida contrário à sã doutrina descrita.
1.18-20	Timóteo deve conservar a fé.
2.8-10	Exemplos de uma vida de santidade.
3.1-15	As qualificações do líder.
4.1-5	Um estilo de vida falso.
4.11-16	A necessidade de dar o exemplo de fé em nossa vida.
2 Timóteo	
1.3-12	O chamado para uma vida ministerial fiel.
1.13,14	É preciso conservar a sã doutrina.
2.1-7	Timóteo deve confiar a verdade a homens fiéis.
2.14-19	Os líderes devem viver vidas santificadas.
2.14-19	Como os líderes vivem e ensinam.
3.1-9	O falso ministério.
3.10–4.5	A necessidade de continuar a viver uma vida santificada e de ensino.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos (1.6). Dom, aqui, é charisma. É a mesma palavra que é usada a respeito dos dons espirituais “comuns” distribuídos pelo Espírito Santo a todos os crentes. Este, entretanto, é um dom incomum, que pretende capacitar Timóteo para o ministério. A respeito do significado da imposição de mãos, veja o Estudo da Palavra de 1 Timóteo 4.14.

Talvez mais importante seja o lembrete implícito no chamado para “despertar [o dom]”. Deus dá graciosamente seus dons a nós – mas nos deixa livres para usá-los bem ou mal.

Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação (1.7). A palavra deilia significa “covardia”. Em contexto com outras passagens destas duas cartas, ela indica a natureza tímida e hesitante de Timóteo. Mas Timóteo não está limitado por sua fraqueza, da mesma forma como nem você nem eu estamos limitados pela nossa. Deus nos deu seu próprio Espírito – um Espírito que transmite poder, amor e autodisciplina à vida do crente.

TIMÓTEO

Timóteo juntou-se ao grupo missionário de Paulo na segunda viagem do apóstolo (At 16.1). A exortação de Paulo a Timóteo de não permitir que ninguém o despreze devido à sua juventude (1 Tm 4.12) sugere que Timóteo tinha uma natureza tímida e reservada, ou reflete a valorização da idade para a liderança naquela cultura. Ainda assim, a recomendação de Timóteo aos filipenses

transmite a força e o comprometimento deste jovem discípulo. Paulo diz: “E espero... que em breve vos mandarei Timóteo... Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado; porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus. Mas, bem sabeis qual a sua experiência, e que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai” (Fp 2.19-22).

Timóteo pode perfeitamente representar muitos cristãos jovens que permanecem inseguros e hesitantes apesar de um histórico de ministério fiel. Ele também representa uma realidade na igreja. Os líderes de cada geração devem transmitir o ministério a outros, que por sua vez instruirão ainda outros para assumir a responsabilidade da liderança. Timóteo pode parecer jovem, mas um comprometimento precoce com Cristo e uma autêntica preocupação pelos outros o equiparam eficientemente para o ministério (The Revell Bible Dictionary, p. 960).

Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia (1.12). Este é um daqueles grandes versículos das Escrituras que pede para ser memorizado, nesta versão, ou naquela que diz: “Eu sei em quem tenho crido e estou convencido de que Ele é capaz de guardar, até aquele Dia, aquilo que lhe confiei” (KJV).

Aqui “o meu depósito” (NVI/RC) ou “o que eu confiei” (KJV) é paratheke. A palavra “depósito” só é encontrada aqui e em 1 Timóteo 6.20. A imagem é a de uma pessoa que deve realizar uma longa jornada e deixa seus pertences com um amigo, que deve guardá-los até sua volta. Paulo nos lembra de que nossa vida na terra é verdadeiramente uma jornada. Como é bom sabermos que tudo o que é valioso e duradouro está depositado nas mãos do Senhor, que guarda tudo em absoluta segurança para nós até nossa chegada.

O que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros (2.2). A transmissão do evangelho era, e continua sendo, de pessoa a pessoa. Justino Mártir, que viveu aproximadamente entre 100 e 167 d.C., estudou todos os sistemas filosóficos da sua cultura, convencido de que somente a filosofia poderia produzir a felicidade. Em sua obra Dialogue with Trypho, Justino registra uma conversa com um

“velho” que mudou completamente o rumo da sua vida – e que ilustra a dimensão humana da transmissão do evangelho de geração a geração. O velho começou:

Há muito tempo, antes da época destes filósofos famosos, havia homens abençoados que eram justos e amados por Deus, homens que falavam inspirados pelo Espírito Santo e prediziam acontecimentos que iriam ocorrer no futuro, e que estão ocorrendo agora. Nós chamamos esses homens de profetas. Somente eles conheciam a verdade e a comunicavam aos homens, a quem não se submetiam nem temiam. Sem nenhum desejo de glória pessoal, eles reiteravam somente o que eles ouviam e viam quando inspirados pelo Espírito Santo. Seus textos ainda são precisos, e quem os ler com a fé adequada irá obter grandes benefícios em seu conhecimento sobre a origem e o fim das coisas, e sobre qualquer assunto que um filósofo deveria conhecer... Acima de tudo, está Deus para abrir a você os portões da vida, pois ninguém consegue perceber ou compreender estas verdades a menos que tenha sido iluminado por Deus e pelo Seu Cristo.

Depois de dizer estas e muitas outras coisas que agora não é conveniente esclarecer, ele prosseguiu em seu caminho, depois de me aconselhar a meditar sobre o que ele me tinha dito, e eu nunca mais o vi. Mas o meu espírito imediatamente se incendiou, e uma afeição pelos profetas e por aqueles que são amigos de Cristo tomou conta de mim; ao ponderar sobre suas palavras, descobri que ele era a única filosofia segura e útil. Por causa disto é que eu agora sou um verdadeiro filósofo. Além disto, é o meu desejo que todos tenham os mesmos sentimentos que eu, e nunca desprezem as palavras do Salvador, pois elas têm em si mesmas uma tremenda majestade, a ponto de poderem instilar o temor naqueles que vagueiam longe do caminho da justiça, enquanto podem, simultaneamente, permanecer como um grande consolo para aqueles que prestam atenção a elas.

Palavra fiel é esta:

que, se morrermos com ele,

também com ele viveremos;

se sofrermos,

também com ele reinaremos;

se o negarmos,

também ele nos negará;

se formos infiéis,

ele permanece fiel;

não pode negar-se a si mesmo

(2.11-13).

Muitos acreditam que estes versículos foram extraídos de um hino cristão antigo. Nós devemos conectar o hino à referência anterior que Paulo faz à “salvação que está em Cristo Jesus” (2.10). No que se refere à salvação, Cristo é a questão. E existem somente duas reações possíveis quando uma pessoa é confrontada por Cristo através do evangelho .

A primeira reação é positiva. Aqueles descritos “morreram com ele”. O verbo synapethanomen é aoristo, e se refere àquela união com Cristo que a fé possibilita (Rm 6). “Sofrer” (hypomenomen) está no tempo presente, e nos mostra uma ação continuada. Mas “sofrer” não transmite bem o significado da palavra grega. “Sofrer” sugere sobreviver com dificuldades; a palavra grega hypomeno é um termo positivo e ativo, e sugere um crente que morreu em Cristo e foi ressuscitado, e agora enfrenta dificuldades e as transforma em triunfos, da mesma maneira como Jesus transformou a cruz em uma coroa. Esta é uma opção que todas as pessoas têm: a de vir até Cristo, trocando a morte espiritual pela vida espiritual e vivendo essa vida triunfantemente.

A segunda opção que nós temos é negar a Cristo. Aqui “negar” (arnesometha) também está no aoristo, indicando uma decisão conclusiva, ou que reflete uma disposição permanente de espírito. Não se trata de hesitação nem de dúvida. É

uma decisão tomada por pessoas que são apistoumen, “sem fé”. Isto já deixa claro que o pronome “nós” a que se referem os versículos significa a raça humana, e o hino reflete as escolhas que estão disponíveis para toda a humanidade.

Mas o que, então, o hino antigo pretende assegurar com a afirmação de que Deus permanece fiel, “pois não pode negar-se a si mesmo?” Deve-se interpretar isto como uma confirmação do comprometimento de Deus para com um evangelho que alguns homens tolamente rejeitam. Qualquer que seja a reação do homem ao evangelho, Jesus permanece sendo a única maneira pela qual os seres humanos podem ser salvos. Ele se comprometeu consigo mesmo em prover a salvação em Cristo. Ele cumprirá seu compromisso, não importa o que os homens possam dizer ou fazer.

Em 1992, o Concílio Internacional de Cristãos e Judeus elaborou um depoimento teológico destinado a construir o que no Jerusalem Post de 22 de agosto de 1992 foi chamado de uma “aliança de trabalho” entre os cristãos e os judeus. É interessante avaliar a seguinte citação dos documentos teológicos que resultaram daquele concílio, à luz deste antigo hino cristão, e de versículos como João 3.16 e João 14.6.

A Torá, como expressão do concerto do Sinai, permanece válida para os judeus como um presente que nunca foi revogado. Observando a situação deste modo, a missão para os judeus é teologicamente inaceitável. A igreja... não é o sucessor nem o herdeiro do concerto de Deus com Israel, mas uma maneira universal de entrar em comunhão com o Deus de Israel, juntamente com o povo de Israel.

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade (2.15). A palavra grega orthotomounta significa “manter um curso correto”. Fica claro que Paulo definia o “curso direto” nas Escrituras, e também o uso “fora de curso” da Palavra. A “sã doutrina” das Escrituras pretende conduzir a uma vida de amor e santidade. Os falsos mestres que Timóteo deve confrontar usam mal a Palavra de Deus, dedicando-se a “falatórios profanos”, usando mal a Lei e envolvendo-se em argumentos vazios sobre o significado oculto de suas genealogias (cf. 1 Tm 1.4-

7; 2 Tm 2.16-18; 3.1-9).

Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniqüidade (2.19). A salvação, como uma moeda, tem dois lados: o de Deus, que conhece os seus olhando dentro de seus corações, e o do homem, quando demonstramos que somos de Deus por nossa determinação de viver uma vida santa.

E ao servo do Senhor não convém contender (2.24). A palavra grega machesthai é forte, usada a respeito de combates armados e lutas corpo a corpo. Ela passou a ser usada a respeito de uma "guerra de palavras" ou uma luta constante. Discutir e brigar não são caminhos para conquistar outros para Cristo. Em nível humano, quanto mais fortemente confrontarmos ou condenarmos outros mais provavelmente endurecer-se-á sua oposição à fé. Em outro nível, "contender" deixa de levar em consideração o fato de que os não salvos estão sob o controle de Satanás. Nós poderíamos parafrasear, com Thayer, que os não salvos precisam "ser libertados dos laços do diabo, retornando a uma mente sã".

Não adianta insistir para que uma pessoa espiritualmente cega tenha o mesmo ponto de vista que possuímos. Em lugar disto, nós podemos apenas "instruir com mansidão" (2.25) essas pessoas, confiando que o Senhor Deus pode lhes dar o "arrependimento para conhecerem a verdade".

Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos (3.1). A expressão vem do AT (cf. Is 2.2; Mq 4.1; Jl 2.28). A questão aqui é se, como muitos pensam, Paulo pretende identificar a era presente como "os últimos dias" ou se os "últimos dias" se referem ao fim dos tempos. O retrato severo que Paulo faz das pessoas durante este período certamente sugere o que ele chamou de "apostasia" em 2 Tessalonicenses 2.3.

Por outro lado, a maioria das passagens em que esta expressão é encontrada parece indicar que “os últimos dias” estão ocorrendo agora (At 2.17,18; 3.24; Hb 1.2; 2 Pe 3.3; 1 Jo 2.18). Se a história implica num desdobrar progressivo dos propósitos de Deus na Criação e na redenção, e o “Dia do Senhor” é o período culminante, então os “últimos dias” podem perfeitamente ser o período anterior ao dia do Senhor.

Se adotarmos esta perspectiva, os “últimos dias” estendem-se desde a ressurreição de Jesus até sua Segunda Vinda. Embora a expressão plena das maldades que Paulo descreve em 3.1-5 seja limitada, elas estão todas claramente evidentes em nossa sociedade hoje em dia.

Seja qual for a interpretação dos “últimos dias”, precisamos estar cientes de que a sociedade moderna é hostil a Deus e aos Seus valores. E a descrição que Paulo faz dos homens e das mulheres daquela época delineia muito eficazmente muitos em nossa própria época.

Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela (3.5). As aparências podem ser enganadoras, e uma religiosidade exterior pode disfarçar muitas ou todas as características que Paulo estava descrevendo em 3.1-4. A descrição adicional que Paulo faz do modus operandi destes indivíduos corruptos, em 3.5-9, indica que ele espera que estas pessoas surjam dentro e não fora da igreja! Por sua vez, isto sugere que Paulo está pensando nos “últimos dias” como sendo o presente, aqui e agora.

A história da igreja fornece um interessante exemplo do tipo de pessoa que Paulo parece estar descrevendo. Um homem chamado Peregrinus uniu-se à igreja para explorar os cristãos. Quando finalmente ele foi preso pelas autoridades seculares, os cristãos continuaram enganados e o trataram como um herói, levando-lhe dinheiro e comida. O seu contemporâneo, Luciano, comentou:

Os pobres infelizes tinham se convencido... de que eles serão imortais e viverão para sempre... eles ignoram todas as coisas indiscriminadamente e as consideram propriedade comum, recebendo tais doutrinas costumeiramente sem nenhuma

evidência definitiva. Assim, se qualquer charlatão e malandro, capaz de aproveitar-se da ocasião, entrar em seu meio, ele rapidamente adquirirá repentina riqueza, impondo-se sobre as pessoas simples (Peregrinus 13).

Como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade (3.8). Estes homens não são mencionados no AT, mas uma antiga tradição judaica os identifica como os mágicos na corte de Faraó que se opuseram a Moisés (Êx 7.11).

Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra (3.16,17). A palavra grega traduzida como “inspirada” (theopneustos) é encontrada somente aqui no NT. A imagem sugerida é a de um barco levado pelo vento que infla suas velas. Mas esta palavra nos diz pouco sobre o processo da inspiração. Em lugar disso, o foco está no resultado: “Escrituras” que trazem o significado que Deus pretendia sem bloquear, de maneira alguma, a liberdade ou a individualidade do autor.

No entanto, a ênfase de Paulo aqui está no valor das Escrituras. A palavra para “proveitosa” é ophelimos, “lucrativa”. Uma vez mais, da mesma forma que em todas as pastorais, o apóstolo concentra sua atenção na maneira como nós devemos usar as Escrituras para viver nossa vida cristã. Como as Escrituras tocam nossa vida?

“Ensinar” (didaskalia) é um termo geral para a instrução. “Redargüir” (elegmos) tem o sentido da condenação do pecado na Septuaginta. “Corrigir” (epanorthosin) significa “devolver ao estado correto”. “Instruir [paideia] em justiça” é o tipo de orientação dada por um pai que educa um filho. Quando examinamos as Escrituras para aprender, permitindo que a Palavra de Deus indique áreas nas nossas vidas em que estamos fora de compasso com Deus e reagindo de forma que a palavra de Deus nos devolva a um estado correto, somos orientados – como um pai orienta um filho – a viver uma vida justa. Como resultado deste tipo de envolvimento com a palavra de Deus, nós estaremos equipados para “toda boa obra”.

Desde agora, a coroa da justiça me está guardada (4.8). Aqui, coroa é stephanos, a coroa de louros dada aos vitoriosos em um dos jogos atléticos gregos. “Da justiça” pode significar “a coroa apropriada para um homem justo” ou “a coroa que é ganha pelos justos”, dependendo de como se interpretar o genitivo. Paulo prossegue afirmando que esta coroa espera “a todos os que amarem sua vinda” (4.8). Se conectarmos esta afirmação a 1 João 3.3: “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele [Cristo] é puro”, encontraremos apoio para a idéia de que a coroa que Paulo tem em mente é aquela ganha pelos justos.

Quanto mais você e eu ansiarmos pela volta de Cristo, menos preocupados estaremos com essas coisas que podem nos impedir de viver vidas justas.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A incumbência que Paulo dá a Timóteo (3.10–4.5)

Contexto. Jacob Neusner escreve na obra A Midrash Reader (Fortress Press, 1990):

“Nós e eles compartilhamos a convicção de que as Escrituras são a Palavra de Deus, não somente naquela época, mas também agora: para mim, aqui e agora... todos os cristãos e os judeus devem começar aproximando-se das Escrituras e colocando-se nas Escrituras, considerando as épocas e os lugares a que elas se referem. Pois o estudo dessas palavras de Deus, a Bíblia para os cristãos e toda a Torá para os judeus, é o único testemunho palpável, terreno e concreto que nós temos. E eu acredito que são tudo o que temos e que sempre teremos para nos transmitir aquilo que Deus tem a nos dizer” (p. 163).

Nisto, talvez, possamos ouvir um eco das palavras de Paulo a Timóteo, de que “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (3.16,17).

Todos os que têm uma elevada perspectiva das Escrituras, certamente concordarão. A Bíblia é a Palavra de Deus, não somente naquela época, mas também agora. Não somente para nos informar, mas também para nos transformar. No entanto, não há um consenso geral sobre como usar a Palavra de Deus.

Este é, na verdade, um dos temas principais das epístolas pastorais, que freqüentemente espelham os conflitos a respeito da abordagem às Escrituras adotada pelo apóstolo e por várias escolas de falsos mestres. Aqui estão algumas das passagens que refletem uma abordagem inadequada às Escrituras:

Usos Inadequados das Escrituras

A abordagem mitológica (1 Tm 1.3-8). A primeira carta a Timóteo inicia-se com a comissão de Paulo a Timóteo de “advertir a alguns que não ensinem outra doutrina” (1.3). Estas doutrinas aparentemente eram geradas pela devoção dos falsos mestres a “fábulas ou a genealogias intermináveis” (1.4). A palavra “mito” (mythos) que originalmente significava “história” veio a significar “fábula”. Hoje, nós pensamos em fábulas como histórias inventadas e que têm uma moral. Como nesta mesma passagem Paulo fala que eles “querem ser doutores da lei” (nomos, a palavra grega para torah: usada aqui com o significado da “revelação divina”), fica aparente que esses mestres encaram as histórias da Bíblia como mythos, procurando extrair e aplicar significados ocultos, abordando suas genealogias com uma especulação interminável sobre seus significados ocultos.

Esta abordagem às Escrituras é mencionada algumas vezes nas duas cartas a Timóteo. Em 1 Timóteo 4.7, Paulo diz: “rejeita as fábulas profanas e de velhas”, e a mesma carta fala da pessoa que ensina “falsas doutrinas” como um indivíduo que “delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de

entendimento” (6.3-5).

A abordagem legalista (1 Tm 1.8-11). Intimamente associada à abordagem mitológica há uma interpretação equivocada da lei do AT. Paulo observa que a lei é boa (útil, benéfica) se uma pessoa a usa adequadamente. Isto significa, antes de qualquer coisa, um reconhecimento de que o conjunto dos “não faça” da Bíblia é promulgado não “para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos” (1.9). O crente fiel não procura as Escrituras em busca de regras para seguir, como se os “faça” e “não faça” pudessem conquistar mérito junto a Deus ou algum progresso na vida cristã.

Mas não ocorre apenas que muitos tratam as Escrituras basicamente como uma fonte de regras a serem seguidas; muitos vão além de suas leis para impor exigências adicionais. Paulo fala um pouco sobre isto, quando descreve os falsos mestres “proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças” (1 Tm 4.3).

A abordagem rebelde (2 Tm 3.1-9). Neste parágrafo, Paulo descreve pessoas que rejeitam as Escrituras como uma autoridade. Estes são “amantes de si mesmos” (3.2), que dão prioridade à satisfação de seus próprios desejos egoístas em lugar de procurar e agradar a Deus. “Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela” (3.5) – Paulo nos lembra de que até mesmo o pior corrupto deseja parecer correto. Eles são ansiosos por esconder seus motivos, da mesma forma como uma pessoa que fala obscenidades tenta revestir-se com o manto de um defensor da liberdade de expressão!

Em lugar de utilizar mal as Escrituras tornando sua mensagem mitologizada ou legalizada, eles rejeitam sua mensagem, embora possam perfeitamente usar sua linguagem como um disfarce para seus próprios desejos maus. Tais pessoas não distorcem, mas “resistem” à verdade (3.8).

Embora as passagens nas duas cartas a Timóteo sugiram várias maneiras pelas quais as Escrituras são mal utilizadas, também existe uma ênfase em ser um "obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15). Também existe uma consideração razoável sobre como as Escrituras devem ser utilizadas pelos crentes.

Diversos princípios estão implícitos nos escritos de Paulo.

Usos Adequados das Escrituras

A abordagem das Escrituras como uma testemunha da salvação. Primeiramente, e o mais importante, as Escrituras são uma testemunha da salvação que Deus nos possibilitou em Cristo. Paulo reflete sobre isto em 1 Timóteo 1.15, ao escrever: "Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores". As Escrituras dão testemunho de Cristo porque Deus "quer que todos os homens salvem-se e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo" (1 Tm 2:3-6). O evangelho está entrelaçado com estes conceitos, como também com as outras cartas de Paulo (cf. também 2 Tm 1.8-11; 2.8-10; 3.15). De uma maneira muito real, Cristo e o evangelho são as lentes por meio das quais todos devemos ir até as Escrituras para descobrir alguma coisa de valor. Pois todo o resto que as Escrituras têm a dizer não terá nenhum valor para alguém que ignora ou deixa de perceber a mensagem de Deus a respeito do seu Filho.

A abordagem das Escrituras como uma "sã doutrina" e como um guia para a vida cristã. Nesta expressão, encontrada em 1 Timóteo 1.10 e 2 Timóteo 4.3, o adjetivo é hygiainouse, que significa ser "saudável" ou "são". A idéia é que o ensino cristão não é somente proveitoso e útil, mas também promove a saúde espiritual. Paulo observa que o objetivo em interromper os falsos ensinos é o de ensinar uma sã doutrina que produzirá um amor que vem "de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida" (1 Tm 1.5).

O que Paulo tem em mente é o fato de que o cristão não está procurando estar em conformidade com as Escrituras, como um padrão exterior, mas procura uma transformação através de uma experiência com as “palavras da fé” (1 Tm 4.6). Assim, quando lemos as Escrituras, nós procuramos descobrir realidades que podemos sentir com a ajuda de Deus. Desta forma, Paulo lembra Timóteo a “ser o exemplo dos fiéis” (4.12) e a “ter cuidado de si mesmo e da doutrina” (4.16).

É neste contexto que Paulo, em 2 Timóteo 3.10–4.5 fornece uma instrução específica, mostrando-nos como ler as Escrituras para evitar os erros dos mitologistas, legalistas, e daqueles que rejeitam completamente os ensinos das Escrituras.

Interpretação. Em nenhuma parte, Paulo sugere que encarar as Escrituras como a Palavra de Deus e verdadeiramente ouvi-la promove uma vida fácil. Na verdade, em 2 Timóteo 3.10–4.5 Paulo deixa perfeitamente claro que o uso correto das Escrituras irá colocar o cristão em um caminho que irá envolver dificuldades e conflitos, pois os caminhos de Deus não são apreciados no mundo do homem. E o cristão que seguir o caminho que as Escrituras definem encontrar-se-á à parte da cultura humana.

O seguinte esquema exemplifica:

O custo (3.10-12).

O conflito (3.13-15).

O valor das Escrituras (3.16,17).

A incumbência (4.1-5).

O custo (3.10-12). Paulo escreve muito claramente a Timóteo: “Tu, porém, tens seguido minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência”. O fato é que a compreensão que Paulo tem das Escrituras modelou todo o seu “modo de vida” desde a origem da sua motivação e confiança em Deus até suas expressões visíveis de longanimidade, amor e paciência. Timóteo não pode de nenhuma maneira supor que as Escrituras, corretamente interpretadas, podem produzir o egoísmo, as discórdias ou o rígido legalismo que são produzidos pela abordagem equivocada dos falsos mestres à Palavra de Deus.

Paulo continua. Timóteo também sabe que a compreensão que Paulo tem das Escrituras, e seu comprometimento em viver de acordo com a Palavra de Deus, o levaram a “perseguições e aflições” (3.11). Existe um custo associado à decisão de seguir o caminho que é definido pela Palavra de Deus.

O conflito (3.13-15). Paulo afirma de uma maneira bastante áspera que “todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (3.12). Quanto mais de perto seguirmos a Jesus, da maneira como este procedimento está definido na Palavra de Deus, mais nosso caminho afastar-se-á do caminho dos “homens maus e enganadores [que] irão de mal para pior”. Isto inevitavelmente nos deixará em conflito com o mundo. Não devemos interpretar “perseguições” como a hostilidade de alguns governos que ameaçavam a vida dos cristãos, mas sim como qualquer hostilidade ativa: a ridicularização dos padrões morais de um colega por adolescentes, ou a recusa de um empregador em dar uma promoção a um cristão ativo, ou a ira de uma pessoa não cristã em relação ao novo desejo de seu cônjuge de seguir a Jesus.

Quaisquer que sejam os conflitos envolvidos, como Timóteo nós devemos “permanecer naquilo que aprendemos e de que fomos inteirados” (3.14). O aprendizado e a convicção de Timóteo cresceram da confiança na integridade das pessoas que lhe ensinaram as Escrituras e de conhecer as Escrituras como a

fonte da mensagem salvadora de Deus.

O valor das Escrituras (3.16,17). Tendo ouvido a palavra salvadora, o novo crente, que agora é um “homem de Deus”, precisa estar plenamente equipado para as boas obras. Neste ponto, as Escrituras assumem este papel desafiador. A Palavra de Deus é “proveitosa” (lucrativa, útil, ophelimos). E como encaramos as Escrituras para ouvi-la como a palavra capacitadora de Deus?

Paulo afirma que as Escrituras são proveitosas para “ensinar, para redargüir [condenar], para corrigir [restaurar ao estado correto], para instruir em justiça”.

Aqui há um padrão. “Ensinar” é uma palavra genérica que podemos assumir como a informação a respeito da realidade que Deus conhece e revelou. Por um lado, esta revelação nos condena, por nos mostrar onde os nossos caminhos estão em conflito com os caminhos de Deus. Por outro lado, esta mesma revelação nos corrige, restaurando-nos, ao nos conduzir de volta àquilo que é correto. Restaurados novamente à harmonia com Deus, esta mesma revelação nos instrui em justiça ensinando-nos diariamente como devemos louvar ao Senhor e viver para Ele.

Assim, quando lermos as Escrituras, deveremos permitir que elas nos falem destas maneiras pouco usuais, respondendo de forma positiva àquilo que ouvirmos e entendermos.

A incumbência (4.1-5). Em vista do afirmado, Paulo incumbe Timóteo de pregar a palavra “a tempo e fora de tempo”. Existe um paralelo fascinante e também uma diferença entre o ministério das Escrituras ao repreender e corrigir, e o ministério de Timóteo. Timóteo deve redargüir (epitimeson), que significa censurar ou reprovar. Mas as Escrituras são capazes de redargüir (elegmos), que significa condenar pelo pecado. Timóteo deve repreender (elenxon), que significa reprovar. Mas as Escrituras podem corrigir (epanorthosin), que significa devolver à posição correta. A pessoa que ministra a palavra chama a atenção do ouvinte à sua necessidade, mas somente as Escrituras podem realizar a mudança necessária.

Desta forma, Timóteo é corretamente incumbido por Paulo a pregar a Palavra que transforma vidas. Ele deve ministrar com grande paciência e cuidadosa instrução, a despeito da resistência dos ouvintes, ou da sua ansiedade por mestres que irão dizer o que eles desejam ouvir, em lugar de pregar a verdade.

Mas Timóteo não deveria ficar desencorajado, assim como você e eu não devemos nos sentir desencorajados. Reconhecendo que sempre há e sempre haverá um conflito entre os caminhos de Deus e os do homem, os cristãos cumprirão sua incumbência dada por Deus da mesma maneira como Timóteo deveria cumprir a incumbência que lhe foi dada pelo Senhor: “Sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério”.

Vamos viver a Palavra de Deus.

TITO

Ensinando para ter Resultados

EXPOSIÇÃO

-

A breve carta de Paulo a Tito é significativa principalmente por três características. Ela fornece sumário sucinto da verdade do NT, um esquema similar da vida cristã, e descreve o ensino pelo qual a verdade traduz-se em experiência cotidiana.

Merrill Tenney fornece este sumário dos tópicos teológicos abordados na carta a Tito: a personalidade de Deus (2.11; 3.6); o amor e a graça de Deus (2.11; 3.4); seu título como Salvador (2.10; 3.4); o Espírito Santo (3.5); a Trindade (3.5,6); a divindade de Cristo (2.13); a expiação vicária de Cristo (2.14); a oferta universal da salvação (2.11); a salvação pela graça, não pelas obras (3.5); a vinda do Espírito Santo ao interior dos cristãos (3.5); a justificação pela fé (3.7); a santificação do povo de Deus realizada pelo próprio Senhor (2.14); a separação do mal (2.14); a herança da vida eterna (3.7); e a volta de Cristo (2.13).

Em outra obra, identifiquei lista similar de

características de um estilo de vida cristã: a religiosidade (1.1); a fé (1.2; 2.2); as qualidades dos líderes (1.5-9); o ministério dos líderes (1.8,9); a sobriedade/temperança (2.2); o amor (2.2,4); o autocontrole ou domínio próprio (2.2,5,6); a paciência (2.2); a dedicação a fazer o bem (2.7; 3.1,8,14); a integridade pessoal (2.7,10); a gravidade (2.7); a sujeição à autoridade (2.9; 3.1); a lealdade (2.10); a rejeição do pecado (2.12); a humildade (3.2); a consideração (3.2); a mansidão (3.2); a harmonia (3.10).

Mas, talvez, o elemento mais surpreendente nesta curta carta seja sua ênfase no ensino, não como mera comunicação de informações sobre Deus, mas como ensino que pretende produzir um modo de vida que está em harmonia com a verdade revelada. Este tema, desenvolvido no capítulo 2 de Tito, é uma das passagens mais significativas do NT no desenvolvimento de uma filosofia bíblica do ministério, seja ele o ministério de púlpito, o de salas de aula, ou o ministério não formal dentro da comunidade cristã e do lar.

Adicionalmente, os comentaristas freqüentemente apontam para três pequenas pedras preciosas incrustadas na carta a Tito, que são ricos sumários de

verdades essenciais para a nossa fé. Elas são encontradas em 1.1-3 (os fundamentos da fé), 2.11-14 (o fruto da graça), e 3.3-7 (o poder transformador da graça).

ESTUDO DA PALAVRA

-

A seu tempo, manifestou a sua palavra (1.3). A expressão grega é kairois idiois, "Seu próprio tempo". Freqüentemente, Paulo refere-se à encarnação como evento que ocorreu em momento cuidadosamente escolhido por Deus, para que acontecesse em momento exato no fluxo da história. A idéia é encontrada em Atos 17.26; Romanos 5.6; Gálatas 4.4; 6.9; Efésios 1.10; 1 Timóteo 2.6 e 1 Timóteo 6.15. Certamente, os primeiros anos do século I estavam adequados de maneira única aos objetivos de Deus. O mundo romano estava finalmente unificado e em paz; uma língua comum facilitava a comunicação da mensagem do evangelho; as fronteiras abertas, com excelente sistema de estradas e linhas de navegação facilitavam as viagens missionárias; o reconhecimento que o judaísmo obteve como religião lícita no império protegia a nova fé que dele emergia nas primeiras décadas. A ampla distribuição de judeus pelo oeste e pelo leste, também era elemento vital na explosiva disseminação do evangelho. É adequado dizer que em nenhuma outra época na história, anterior ou posterior a esta, houve tantas condições favoráveis combinadas para a disseminação da mensagem de Jesus.

Manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador (1.3). Nas últimas décadas, os teólogos tiveram a tendência de interpretar a palavra kerygma como termo teológico técnico, como a própria mensagem do evangelho. Esta ênfase no conteúdo do evangelho deu-se às custas de um significado alternativo, o ato da pregação. Os

tradutores da NVI optaram por um termo intermediário. Em lugar de implicar que nós devemos optar pela mensagem pregada ou pelo ato da pregação, a nossa versão combina as duas coisas: a Paulo foi confiada a missão de divulgar a mensagem de Deus.

Isto é adequado, especialmente quando percebemos que “pregar” não é o ministério de púlpito que hoje nós imaginamos ser, mas o ato de um arauto ou pregoeiro público, encarregado de anunciar publicamente as boas novas nas ruas, ou, onde quer que as pessoas estivessem.

Te deixei em Creta, para que... de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros (1.5). A palavra kathistemi não indica “ordenação” como nós a entendemos. O uso desta palavra em Atos 6.3 sugere que ela significava a aprovação de alguém aos líderes locais escolhidos ou apresentados pela congregação. Isto é, a congregação, que conhece os seus membros melhor do que os líderes itinerantes, avalia os seus membros usando critérios que Paulo lista na primeira carta a Timóteo e nesta epístola. Paulo ou os seus representantes então kathistemi, davam sua aprovação à escolha da congregação.

Aqui existe um sistema saudável de verificação e equilíbrio. Nenhuma congregação simplesmente “designava” os seus líderes. Mas a necessidade de aprovação eclesiástica deixa claro que existia poder de veto, para que as escolhas imprudentes pudessem ser revertidas.

De cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei... porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus (1.5,7). Duas palavras gregas podem ser traduzidas como “presbíteros” nestes versículos: presbuteros e episkopos. Esta última palavra é traduzida como “bispo” em muitas versões. No entanto, a tradução da NVI é adequada, e os dois cargos podem provavelmente ser usados indiscriminadamente. Assim, Jerônimo, no século IV, escreveu “entre os antigos, bispos e presbíteros são a mesma coisa, pois a primeira palavra é termo de dignidade, a segunda é de idade”. E “o

apóstolo claramente mostra que os presbíteros são iguais aos bispos". Uma vez mais, "se alguém pensa que os bispos e os presbíteros são a mesma coisa, não em vista das Escrituras, mas de acordo com sua própria opinião, deverá estudar as palavras do apóstolo aos filipenses". A maioria dos demais patriarcas da igreja adotou a opinião de Jerônimo.

Marido de uma mulher (1.6). Alguns comentam que esta expressão indica que presbítero/bispo deve ser casado. Mas neste caso teria sido mais natural que escrevesse "marido de mulher", e não "uma" mulher.

Em era de devassidão sexual, Paulo insiste que os líderes da igreja dêem o exemplo de pureza sendo "o tipo de homem de uma mulher só".

Convém que o bispo seja... despenseiro da casa de Deus... dado... (1.7,8). Estes dois versículos fornecem conjuntos de qualidades contrastantes, negativas e positivas, de pessoas às quais será confiada a obra de Deus. Diversas estão em contraste direto; outras detalham imagens poderosas do caráter pessoal.

Negativas	Positivas
Não...	Mas
Soberbo	Dado à hospitalidade
Iracundo	Moderado
Dado ao vinho	Temperante
Espancador	Santo (que procura agradar a Deus)
Cobiçoso	Amigo do bem Justo

Não importa o quão intimamente examinemos os termos individualmente, quando juntos eles fornecem um retrato detalhado e claro do caráter necessário para qualquer pessoa na liderança cristã.

Um deles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos (1.12). Uma boa tradução do texto grego é: “Até mesmo um deles, seu próprio profeta”. Aqui o termo “profeta” é usado com o sentido de um líder ou reformador religioso. A referência é a Epimenides, o poeta do século V a.C., reverenciado pelo povo de Creta. A avaliação desdenhosa dos cretenses é refletida em textos pagãos e mesmo na própria língua grega, em que a palavra kretizo, “cretizar”, veio a significar “mentir” ou “enganar”.

Como é surpreendente que esta carta a Tito preveja uma transformação completa daqueles cretenses cuja desonestidade, brutalidade e sensualidade fizeram deles o objeto do desprezo de todo o mundo Mediterrâneo.

Não dando ouvidos às fábulas judaicas (1.14). Veja o Estudo da Palavra de 1 Timóteo 1.4.

Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis (1.15). Este versículo enigmático tem duplo impacto sobre nós. De acordo com o ensino de Cristo (Mt 15.10,11; Lc 11.37-41), Paulo lembra-nos que pureza não é qualidade das coisas. Pureza é questão do coração, de modo que os objetos e as atividades assumam o caráter do objetivo da pessoa que os usa ou se envolve neles. Da mesma maneira, a noção dos falsos mestres de que se envolvendo em certas atividades ou evitando tocar certos objetos a pessoa torna-se santa não faz sentido. Para uma pessoa que não tenha sido salva e transformada internamente por Jesus, nada é puro: tudo está corrompido.

A serem... boas donas de casa (2.5). A palavra grega é oikourgos, que literalmente quer dizer “uma pessoa que trabalha em casa”. Ela é encontrada somente aqui no NT. O contexto sugere que as mulheres mais velhas devem ajudar as recém-casadas a fazer de sua casa e de sua família prioridade.

A serem... sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada (2.5). O verbo pode ser interpretado na voz intermediária, “sujeitar a si mesma” e desta forma enfatizar a natureza voluntária da sujeição no contexto do casamento cristão. De maior significado é a expressão explicativa acrescentada por Paulo: “a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada”.

Paulo afirma, coerentemente enfatizado em suas outras epístolas que, embora todos os seres humanos sejam iguais aos olhos de Deus, a sociedade atribui, a cada um de nós, papéis diferentes. Assim, não apenas devemos obedecer às autoridades governamentais humanas, mas também mostrar respeito; os senhores devem ter a obediência dos seus escravos e as esposas devem estar sujeitas aos seus maridos. Ninguém é humilhado ou diminuído como pessoa ou crente pelo cumprimento apropriado de sua obrigação social.

Para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós (2.8). A palavra grega aqui é akatagnostos, “não aberto a censuras [ou repreensões] justas”. Observe a diferença. Nós não podemos impedir que os outros digam coisas más a nosso respeito, mas podemos ter a certeza de que nada do que fizermos justifique qualquer coisa má que eles possam dizer.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Contexto. Na época do NT, a "filosofia" desviara o foco da especulação sobre a natureza e a origem do universo para assuntos relacionados ao modo de vida. Até mesmo a palavra grega usada para descrever escolas filosóficas era bios, "modo de vida". Embora as raízes de cada escola estivessem mergulhadas em terreno de visão particular sobre a natureza da realidade, a ênfase de cada uma estava diretamente no que aquela visão implicava em termos da natureza de uma vida de virtude. O filósofo Musônio Rufo descreveu o objeto da filosofia como "descobrir, pela discussão, o que é adequado e apropriado e então prosseguir em sua execução".

Esta ênfase pode parecer surpreendente para os modernos, cujo estudo dos antigos filósofos tende a concentrar-se em sua metafísica. Também pode ser surpreendente para os cristãos, que colocam grande ênfase na doutrina e na teologia. Na verdade, esta ênfase na fé cristã tem tido impacto significativo em nossas hipóteses sobre a natureza do ensino e do aprendizado. Se o que é diferente sobre o cristianismo é seu sistema de fé – sua exclusiva compreensão da realidade – então o ensino do cristianismo deve enfatizar a transmissão da verdade. Mas Paulo lembra a Tito e a nós que o cristianismo é a "verdade, que é segundo a piedade" (1.1). Como conseqüência, o ensino cristão deve fazer mais do que transmitir informações verdadeiras. Ele deve promover a vida cristã.

As implicações deste fato não foram plenamente entendidas pela igreja ou pelos seus líderes. Embora a informação possa ser transmitida em salas de aula formais, ou pela pregação, nenhum destes cenários é particularmente eficiente para modelar um modo de vida. Mesmo quando um pregador explica a aplicação prática de uma verdade, somente a explicação verbal dificilmente facilita mudança significativa.

Neste cenário, o segundo capítulo da carta a Tito adquire significado particular, pois, aqui, Paulo descreve "ensino" que não depende somente da conversa, mas integra uma variedade de atividades que são especialmente projetadas para desenvolver um modo de vida que "convém à sã doutrina" (2.1).

Tito 2

Ensine o que está de acordo com a doutrina verdadeira. Ensine os mais velhos a serem moderados, sérios, prudentes e firmes na fé, no amor e na perseverança.

Aconselhe também as mulheres mais idosas a viverem como devem viver as mulheres dedicadas a Deus. Que elas não sejam caluniadoras, nem muito chegadas ao vinho! Que elas ensinem o que é bom, e a fim de instruírem as mulheres mais jovens para que aprendam a amar o marido e os filhos e a ser prudentes, puras, boas donas de casa e obedientes ao marido, a fim de que ninguém fale mal da mensagem de Deus!

Aconselhe também os homens mais jovens a serem prudentes. Você mesmo deve ser, em tudo, exemplo de boa conduta. Seja sincero e sério quando estiver ensinando. Use as palavras certas, para que ninguém possa criticá-lo e para que os inimigos fiquem envergonhados por não terem nada de mau a dizer a nosso respeito.

Exorte os escravos/servos para que obedeçam aos seus senhores e os agradem em tudo! Que não sejam respondões, nem roubem os seus senhores! Pelo contrário, que eles mostrem que são sempre bons e fiéis em tudo o que fazem. Desse modo, por causa das coisas que eles fizerem, todos falarão bem da doutrina de Deus, nosso Salvador, e esta doutrina será cada vez mais atrativa.

Pois Deus revelou sua graça para dar a salvação a todos. Essa graça nos ensina a abandonar a descrença e as paixões mundanas, e a viver neste mundo vida prudente, correta e dedicada a Deus, enquanto aguardamos a feliz esperança – o glorioso aparecimento do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo. Foi Ele quem se deu a si mesmo por nós, a fim de nos livrar de toda maldade e nos purificar, fazendo de nós povo que pertence somente a Ele e que se dedica a fazer o bem.

Ensine essas coisas e use toda a sua autoridade para encorajar e também para repreender os seus ouvintes. E que ninguém lhe despreze!

Interpretação. Paulo estava preocupado com a doutrina da comunicação, com a misericórdia, com o comprometimento, com a conduta – as verdades, além de todo um novo modo de vida. A comunicação cristã deve tocar a pessoa como um todo, para formar crenças, atitudes, valores e comportamentos. Para ensinar a pessoa como um todo, a instrução deve ir além do processamento de informações. Até mesmo tratando-se da informação verdadeira.

Se estudarmos cuidadosamente as epístolas pastorais, veremos que a ênfase de

Paulo na instrução basicamente se concentra em modelar um estilo de vida e não em transmitir a verdade. Esta segunda geração de cristãos conhecia e aceitava as doutrinas básicas da nossa fé. O que eles mais necessitavam era aprender como viver em harmonia com as verdades que conheciam. Nós poderíamos resumir a visão que Paulo tem do ensino usando suas próprias palavras: ensinar é ajudar o povo de Deus a aprender como “andar na casa de Deus” (1 Tm 3.15).

O segundo capítulo de Tito nos ajuda a entender o que está envolvido neste tipo de ensino. Para vê-lo, precisamos examinar cada uma das palavras em itálico.

“Ensinar” em Tito 2.1 [versão NTLH] é laleo, que também significa “falar, afirmar, proclamar”. Qual deve ser o sujeito desta instrução oral? Não a “sã doutrina” propriamente dita, mas um modo de vida que está em harmonia com as verdades reveladas que moldam a compreensão que temos a respeito de Deus, e o significado da nossa vida neste mundo.

Não existe uma palavra para “ensine” no original de Tito 2.2. O texto grego, no entanto, usa construção gramatical comum que implica em comunicação imperativa e urgente. A que deve ser dada atenção tão urgente? Novamente, é ao modo de vida: um modo de vida “sóbrio, grave, prudente, são na fé, na caridade e na paciência”.

“Ensinem o que é bom” em Tito 2.3 [na versão NTLH] é kalodidaskalous, usada somente aqui no NT. As mulheres mais velhas são responsáveis por ser pessoas dignas de admiração, e também por ensinar as mulheres mais jovens a desenvolverem caráter semelhante.

“Instruir” em Tito 2.4 é sophrontizo, que significa “encorajar, aconselhar, incentivar”. Nos tempos do NT, a palavra implicava ensino de moralidade e bom julgamento. Basicamente, as mulheres mais velhas deviam mostrar preocupação pelo desenvolvimento moral e pelo aperfeiçoamento das mulheres mais jovens.

“Exortar”, em Tito 2.6, é parakeleo, que significa “encorajar”. Este termo sugere união; relacionamento íntimo e pessoal e verdadeira amizade na qual se pode aprender e obter força uns dos outros.

“Exemplo” em Tito 2.7 é typon. Esta palavra significa mais do que “impressão visível”. Ela implica “um padrão ou exemplo a seguir”. Nós ensinamos aos outros os caminhos de Deus, mostrando-lhes, por nosso próprio modo de vida, quais são estes caminhos.

“Doutrina”, em Tito 2.7, é didaskalia, o ato da instrução (normalmente verbal). É importante que a instrução e o exemplo andem juntos.

“Ensinar”, em Tito 2.12, é uma palavra diferente, paideuousa, que implica dar orientação, como o pai que orienta ou corrige o filho. Os outros vêem nosso modo de vida. Nós explicamos com palavras esse modo de vida. E quando os outros tentam então nos imitar, nós ficamos ao lado deles, para orientar e corrigir os seus passos iniciais em direção ao temor e à obediência ao Senhor.

Em Tito 2.15, “ensinar” é novamente laleo, “falar”. E “exortar” [ou encorajar] é novamente parakaleo. Mas, “repreender” é nova palavra, elencho, que quer dizer “trazer à luz, expor”. No contexto, ela significa convencer, e se necessário reprovar, para condenar.

Quando integramos todos estes termos e conceitos na nossa noção de ensino, descobrimos que o conceito é muito mais amplo do que geralmente se admite na nossa sociedade. Em primeiro lugar, ministério de ensino é aquele que molda vidas, não simplesmente aquele que transmite informação, ainda que verdadeira. Em segundo lugar, o ensino cristão lida com todos os aspectos de nossa vida diária. As tarefas e tensões da vida cotidiana, os relacionamentos com os outros – tudo isto são preocupações em que se concentra o ensino cristão. Em terceiro lugar, precisamos concluir que ensino é tarefa muito complicada, que envolve ativamente professor com aprendiz em um relacionamento que engloba ensinar, modelar, animar, aconselhar, incentivar, exortar, orientar, repreender e condenar.

Aplicação. Se quisermos levar a sério o retrato que Paulo faz do ensino cristão, precisamos repensar muitos aspetos da vida na igreja contemporânea. Precisamos levar mais a sério o aspecto relacional, pois a comunicação eficiente de uma vida que está de acordo com a sã doutrina, exige mais do que falar para uma audiência passiva no domingo; seja em banco de igreja seja em sala de aula. Precisamos de cenários nos quais vidas possam ser compartilhadas, onde o significado vivo das verdades cristãs possa ser explorado, e onde juntos possamos nos ajudar, uns aos outros, enquanto procuramos seguir a Jesus Cristo.

FILEMOM

Um Bilhete para um Companheiro de Trabalho

EXPOSIÇÃO

-

Esta breve carta contém somente 335 palavras no original grego. É um bilhete: um pedido pessoal de Paulo para um rico líder de igreja chamado Filemom, para que acolha de volta um escravo fugitivo chamado Onésimo. Com base em alusões neste bilhete, parece que Onésimo não tinha somente fugido, mas também roubado alguma coisa do seu senhor. Onésimo fugiu para Roma, aparentemente para passar despercebido em meio à multidão da capital do Império. Enquanto estava em lá, encontrou Paulo que aguardava julgamento e, ouvindo a Palavra, o escravo fugitivo converteu-se. Aparentemente, Onésimo ficou com Paulo durante algum tempo e cresceu em sua nova fé. Mas, finalmente, chegou a hora em que foi necessário retornar ao seu senhor. Foi, levando este bilhete de Paulo, no qual o apóstolo roga a Filemom que o aceite como "irmão amado", ou como "um querido irmão em Cristo" (16).

Este bilhete é fascinante em dois aspectos:

Em primeiro lugar, reflete o compromisso de Paulo com uma liderança voltada ao serviço. Em vez de ordenar, Paulo procura persuadir. O líder cristão não pode satisfazer-se com uma obediência de má vontade. Somente estendendo aos outros o direito de recusar-se a servir a Cristo, é que sua escolha poderá ser feita livremente. O objetivo do líder inteligente não é exigir conformidade, mas sim encorajar o comprometimento.

Em segundo lugar, este curto bilhete destaca o que alguns interpretaram como um conflito moral no ensino de Paulo. Por um lado, o apóstolo afirma que, uma vez que todos os crentes são, agora, membros da própria família de Deus, "não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Por outro lado, coerentemente, insiste em que os cristãos aceitem seu papel dentro do mundo rigidamente estratificado do século I. Os cidadãos devem sujeitar-se a regras. As esposas devem sujeitar-se aos seus maridos. Os escravos/servos devem servir aos seus senhores lealmente. Em cada caso, a instituição mencionada estava seriamente corrompida, para não dizer que era moralmente

repugnante. Como, então, pode o apóstolo, aquele que por um lado afirma a igualdade entre homens e mulheres em Cristo, por outro lado convocar os cristãos para sujeitar-se à injustiça, em lugar de resistir a ela?

Esta última questão não parece preocupar Paulo ao escrever este bilhete, apelando a Filemom "por caridade" em nome do amor (9), para receber de volta aquele escravo, antes "inútil" (11), "que gerei nas minhas prisões" (10). O bilhete é especialmente caloroso por estar repleto de evidências da confiança que Paulo tem na natureza generosa de Filemom, assim como da confiança que Filemom, da mesma maneira, depositará no julgamento de Paulo, honrando seu pedido. Que privilégio temos como cristãos, e que laços de afeto, e apoio mútuo crescem de um comprometimento compartilhado em Jesus Cristo.

ESTUDO DA PALAVRA

-

E à igreja que está em tua casa (2). Na expressão kat' oikon sou, sou (tua) está no singular, e nos lembra de que até o século III d.C. não é possível encontrar nenhum registro de edifícios separados para a igreja. Isto, além do fato de que

Filemom possuía escravos, indica também que ele era próspero e que era provavelmente um homem influente.

Outras referências a igrejas nas casas no NT também mencionam os seus donos: Priscila e Áqüila, em Romanos 16.5, e Ninfa em Colossenses 4.15.

Graças dou ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações (4). A construção do texto grego indica a expressão “na hora” das minhas orações. Isto sugere que Paulo reservava horários específicos, durante o dia, para orar. Prática seguida no judaísmo.

Embora a oração freqüentemente seja um ato espontâneo, ela tem um grande valor nas experiências de Paulo.

Noutro tempo, te foi inútil, mas, agora, a ti e a mim, muito útil (11). Este versículo pode certamente provocar risos por parte do leitor, pois naquela época os jogos com palavras eram um dos principais elementos do humor. O nome Onésimo, um nome comum dado aos escravos, significa “lucrativo” ou “útil”. Embora uma raiz diferente, chestos, seja usada aqui, as duas palavras claramente se opõem ao nome do escravo. Onésimo, “lucrativo” era antigamente a-chrestos, “inútil” para o seu senhor. Agora, como um cristão, ele seria eu-chrestos, “de boa utilidade’.

O humor, que pretende provocar um sorriso, suaviza o tom do bilhete e, além disso, indica a própria confiança de Paulo em Filemom como sendo alguém com quem ele pode compartilhar as suas preocupações livremente.

Não já como servo; antes, mais do que servo, como irmão amado (16). Este

versículo tem sido interpretado por alguns como uma indicação de que Paulo está sugerindo que Filemom assegure a Onésimo sua liberdade. Isto é possível, mas não necessariamente a intenção de Paulo. Em 1 Coríntios 7.21, (versão RA), Paulo insiste em que os escravos não estejam insatisfeitos com a sua condição. "Não te preocupes com isso", diz ele, e acrescenta "mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade". Ainda mais significativa é a passagem em Efésios 6.9, em que Paulo insiste para que os senhores cristãos tratem bem os seus escravos. Ele realmente convoca os proprietários de escravos cristãos a libertá-los.

Uma vez mais, vemos a tensão peculiar que existe no NT, entre a afirmação de igualdade para todos em Cristo, e o aparente apoio das instituições sociais existentes, apesar do fato de que estas instituições aparentemente violam os direitos dos indivíduos que Deus vê como iguais.

Não já como servo (16). Esta expressão merece ainda outro comentário. Não há dúvida de que no mundo do século I, a transição do escravo para um homem liberto assinalava uma extraordinária ascensão no seu status. No entanto, o homem liberto, um libertas, continuava a estar preso por laços tanto legais quanto informais ao seu antigo senhor, que agora se tornava o seu patrão. Mesmo se Onésimo tivesse sido libertado por Filemom, como um liberto o ex-escravo teria estado obrigado a Filemom como seu patrão, e desta forma poderia perfeitamente ter sido "útil" em qualquer condição.

Se te fez algum dano ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta (18). A palavra é elloga, um termo de contabilidade. A maneira como Paulo aborda esta questão para indicar, a muitos, que como muitos escravos fugitivos, Onésimo financiou a sua fuga roubando algo de valor do seu senhor. No entanto, o próprio ato de fugir já constituía um roubo. Um escravo no século I era propriedade, de valor por si mesmo. Um escravo comprado para trabalho manual era barato, valendo cerca de 500 denários. Esta quantia adquire importância ao nos lembrarmos que um trabalhador livre ganhava um único denário por um dia de trabalho. Por outro lado, Cícero fala de um escravo, educado por um comediante

conhecido, e que valia mais de cem mil denários; e diversos autores da época mencionam 50 mil denários como sendo o preço de um escravo educado em medicina, filosofia ou retórica.

Assim, independentemente do fato de Onésimo ter ou não roubado dinheiro do seu senhor, sem dúvida ele roubou a sua própria pessoa de Filemom. Uma mercadoria que Filemom, como seu proprietário, tinha todo o direito de vender para um serviço mais caro do que o serviço na sua própria casa.

O apelo de Paulo, então, é para que Filemom aceite Onésimo de volta na sua casa, e a garantia do apóstolo é a de indenizar Filemom por qualquer perda monetária que ele possa reivindicar pela perda do serviço de Onésimo durante o período da sua deserção do seu posto.

A oferta é muito generosa. Mas não há dúvida de que Paulo, conhecendo o caráter de Filemom, sabe muito bem que este cavalheiro cristão recusará sua oferta, porém, movido por ela, receberá Onésimo de volta e... “ainda farás mais do que digo” (21).

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Contexto. A escravidão era uma instituição aceita no império romano do século I. A colossal obra editada por S. Safrai e M. Stern, The Jewish People in the First Century, observa que a escravidão era característica da sociedade judaica como também da secular. Ben Sira, escrevendo cerca de dois séculos antes de Cristo, inclui conselhos sobre como lidar com os escravos. Embora gentil, de maneira geral, este autor judeu sugere:

Forragem e chicotadas e cargas para um burro;

comida, castigo e trabalho para um escravo.

Faça um escravo trabalhar, e ele procurará o seu descanso;

deixe as suas mãos ociosas e ele procurará ser livre.

O jugo e o arreio são a cura para a teimosia;

e para um escravo teimoso,

castigo no tronco.

Force-o a trabalhar para que ele não fique ocioso.

pois a ociosidade é a mestra de muito prejuízo.

Dê-lhe o trabalho que lhe seja adequado;

mas se ele deixar de lhe obedecer, acorrente-o

(33.25-30a).

Embora Ben Sira também aconselhe a gentileza, a base para a sua sugestão é tanto benevolente quanto prática.

Nunca imponha algo sobre qualquer ser humano,

e não faça nada que não seja justo.

Se você tiver somente um escravo, trate-o como a si mesmo;

você sentirá a sua falta como se fosse você que estivesse perdido.

Se você tiver somente um escravo, trate-o como a um irmão;

o sangue da sua própria vida entregue por ele.

Se você o maltratar e ele fugir,

em que direção você o procurará?

(33.30b-33).

Em contraste, Filo elogia os essênios do século I que se recusavam a praticar a escravidão. Na obra De vita contemplative (A Vida Contemplativa), Filo escreve:

Nem um único escravo é encontrado entre eles, mas são todos livres, intercambiando serviços entre si, e denunciam os proprietários de escravos, não somente pela sua injustiça em afrontar a lei da igualdade, mas também pela sua irreverência em anular o estatuto da Natureza, que como uma mãe deu à luz e criou todos os homens como iguais, e os criou como irmãos genuínos, e não simplesmente com o mesmo nome, mas na verdadeira realidade, embora este parentesco tenha sido levado a confusão pelo triunfo da cobiça maligna, que trabalhou pelas desavenças ao invés da afinidade, e pela inimizade ao invés da amizade.

As fervorosas palavras de Filo refletem uma repugnância pela instituição da escravidão, que alguns entendem que está claramente ausente do NT. Ainda assim, a própria existência dos sentimentos que Filo expressa no mundo do século I, e numa comunidade essênia, que estava bem estabelecida na Palestina na época de Cristo, torna o silêncio do NT algo interessante. Certamente o argumento de Filo, que ataca a hipótese da exploração por um lado, e abrange uma afirmação filosófica da igualdade natural inata de todos os seres humanos, é muito mais fraco do que os argumentos que poderiam ter sido expressos pelo apóstolo Paulo. Mas Paulo, em lugar de repreender Filemom, o proprietário de escravos, assume claramente seu direito de tratar Onésimo como desejar. Em lugar de criticar a instituição da escravidão, Paulo fala diretamente aos escravos e, repetidas vezes, insiste para que eles se sujeitem aos seus senhores.

As seguintes passagens de Paulo e de Pedro demonstram a perspectiva da

escravidão dos autores do NT:

Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre.

E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu e que para com ele não há acepção de pessoas (Ef 6.5-9).

Vós, servos, obedecei em tudo a vosso senhor segundo a carne, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração, temendo a Deus. E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis. Mas, quem fizer agravo receberá o agravo que fizer; pois não há acepção de pessoas.

Vós, senhores, fazei o que for de justiça e eqüidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus (Cl 3.22–4.1).

Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor ao senhor, não somente ao bom e humano, mas também ao mau; porque é coisa agradável que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas (1 Pe 2.18-21).

Em nenhuma destas passagens, o NT sequer implica em qualquer objeção moral à escravidão. Na verdade, as palavras de Paulo parecem não condenar de forma direta esta instituição, que, de qualquer maneira, devemos julgar moralmente repreensível.

Portanto deve ser feita a pergunta: “Por quê?” “O que Paulo está pensando?” E “Qual é a base da posição adotada no NT?”

Interpretação. Um primeiro passo na interpretação de qualquer passagem das Escrituras é examiná-la no seu contexto: tanto o contexto imediato no qual aparece a passagem, quanto no contexto mais amplo da própria mensagem do evangelho.

Se examinarmos o contexto imediato das duas passagens de Paulo, observaremos que a sua prescrição de submissão não se dirige somente aos escravos, mas se aplica igualmente ao relacionamento marido/mulher. Pedro acompanha a sua exortação aos escravos dizendo: “Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas ao vosso próprio marido” (3.1). E isto não se aplica somente às mulheres com maridos cristãos, mas especificamente àquelas mulheres cujos maridos são pagãos.

O problema aqui, naturalmente, é que, no caso das mulheres, o NT rompe radicalmente com o molde do pensamento judeu do século I, e também do helênico e do romano. Lucas faz grandes esforços para descrever os freqüentes contatos de Jesus com as mulheres, algo bastante fora do comum para um rabino daquela época. Com a chegada da era do Espírito, Pedro proclama que os jovens e as jovens irão profetizar de igual maneira (At 2.17; 1 Co 11.5). Em suas cartas, Paulo freqüentemente menciona mulheres que trabalhavam com ele (Fp 4.3), e uma delas, inclusive, como “diaconisa” (Rm 16.1, NTLH). Embora no judaísmo os maridos devessem às suas esposas o cumprimento do dever conjugal uma vez por semana, isto está aquém da afirmação de Paulo em 1 Coríntios 7.4 de que da mesma maneira como o corpo da mulher pertence ao marido, “também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher”.

Tudo isto, e outras evidências, invalidam a hipótese fácil de que o chamado de Paulo à “sujeição” possa ser usado para acusá-lo, no mínimo, de insensibilidade,

e, na pior das hipóteses, de um chauvinista empedernido.

Fica claro que nós devemos procurar uma explicação mais profunda para o chamado surpreendente de Paulo para a submissão de escravos e esposas dentro do contexto das instituições do século I que, como constituídas na época, eram repugnantes aos princípios da igualdade que os cristãos acertadamente prezam.

A resposta é encontrada no que os modernos poderiam chamar de "invenção social" exclusiva. Para entendê-la, devemos nos lembrar de que no mundo rigidamente estratificado do século I a identidade era unicamente uma função do status social. Uma pessoa era definida pelo papel que tinha na sociedade. O cidadão romano rico era "alguém" porque ele tinha a cidadania e a riqueza. O escravo e o liberto não eram nada na avaliação da elite e da classe média. As mulheres eram definidas pelo seu relacionamento com os homens, seja como mães, como esposas, ou filhas. Como observamos em estudo anterior, em O Texto em Profundidade sobre Efésios 5–6, o status inerente às mulheres reflete-se no fato de que, na lei romana, as mulheres não poderiam herdar mais do que 10 por cento das propriedades de seus maridos. Ainda que alguns casais certamente se amassem muito, a esposa permanecia enormemente restrita a sua casa e, inquestionavelmente, obedecia ao seu marido.

O cristianismo explodiu neste mundo rigidamente estratificado com as boas novas de que a identidade de nenhum indivíduo é definida pela raça, pelo sexo, pela riqueza ou pela posição social. O cristão que se revestiu de Cristo entrou num campo em que "não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Além disso, dentro da comunhão desta nova comunidade, existe uma igualdade exclusiva. Cada crente tem um dom espiritual que o capacita a ministrar a outros. Quando os membros da igreja em Corinto tentam atribuir status com base nos dons que o indivíduo possui, Paulo os repreende. Todo dom é uma expressão do Espírito Santo. A comunidade de fé é um corpo, que embora tenha muitas partes, mantém uma unidade essencial. Neste corpo/comunidade, todas as partes são indispensáveis, para que aqueles que parecem ser inferiores aos olhos dos homens sejam honrados por Deus e sejam tratados com igual consideração pelos demais. Mesmo os líderes espirituais são considerados não como as autoridades sobre o corpo, mas como servos, que modelam os seus ministérios no ministério de um Cristo que estava disposto a dar tudo de Si por nós.

Repentina e decisivamente, todos aqueles critérios, segundo os quais a sociedade

humana atribuía status, são vistos como irrelevantes. Eles simplesmente não se aplicam aos cristãos, pois nós somos um povo cuja identidade é estabelecida por nosso relacionamento com Cristo e pelo fato de que Deus, em Cristo, nos ama não por nossa posição, mas por nós mesmos.

A surpreendente invenção social de Paulo não é nada além da separação da identidade de um papel e de um status social. Desta forma, uma mulher ou um escravo pode sentir-se seguro(a) de si. Independentemente da maneira como a sociedade os vê, cada um deles tem a certeza de ser importante para Deus, e também de ser importante dentro da comunidade cristã.

Então retornamos à nossa pergunta. Como pode Paulo ignorar a instituição da escravidão, que Filo e outros reconheciam, até mesmo no século I, como intrinsecamente má? Como pode Paulo deixar de desafiar a humilhação das mulheres que sem dúvida está refletida na visão predominante no século I sobre o casamento?

Ele o faz por três motivos. Em primeiro lugar, isso é irrelevante para a verdadeira preocupação do cristão: ser um homem de Cristo ou uma mulher de Cristo. O papel social de alguém já não mais define o homem cristão ou a mulher cristã. O escravo já não mais precisa da liberdade para ter uma importância pessoal. Nem a esposa precisa ter um emprego para ser “liberada”.

Em segundo lugar, a posição social de alguém é uma dádiva de Deus. Isto está implícito em 1 Coríntios 7.20, onde Paulo diz: “Cada um fique na vocação em que foi chamado”. Uma reflexão rápida nos ajuda a ver por que é importante encarar o papel de cada um como dádiva. Se apenas os escravos fossem cristãos, nenhum senhor receberia o evangelho. Se os crentes fossem somente a elite rica do império, aquelas 600 famílias que no século I compunham a classe senatorial, o cristianismo ter-se-ia tornado religião de uns poucos. Na verdade, entretanto, o cristianismo espalhou-se ultrapassando as barreiras sociais. E claramente, para que a mensagem se divulgasse, seu canal mais natural deveria ser de proprietário rico de escravos a proprietário rico de escravos, e não de escravo a proprietário. Em última análise, ser escravo cristão significava que essa pessoa teria oportunidade exclusiva de alcançar outros escravos; comerciantes com quem negociava-se diariamente alimento; ou, mesmo, aos filhos da família cuja criação era confiada aos escravos. Os cristãos eram necessários em todas as camadas da sociedade, para que todos pudessem ouvir o evangelho. Neste sentido, qualquer que fosse a posição social do cristão no século I, deveria ser

encarada como dádiva: como comissão divina para um ministério voltado a outros, que somente uma pessoa em sua posição particular poderia realizar.

A terceira razão está intimamente ligada à segunda. Cada pessoa deve cumprir qualquer obrigação exigida por sua posição social como testemunha da cura através da graça de Deus. O cristianismo não ameaça diretamente a ordem social da sociedade, mas, na verdade, a fortalece, pois, desenvolve indivíduos responsáveis e caridosos, que são esposas melhores, maridos melhores, escravos melhores, senhores melhores do que os pagãos ao seu redor. Assim, Paulo diz ao jovem Tito que incentive as mulheres mais velhas a instruírem as mais jovens a amarem seus maridos e a se sujeitarem a eles “a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (2.5). A capacidade do cristão de viver uma vida devota em qualquer circunstância, ainda que injusta, é testemunho brilhante do poder que Cristo tem para satisfazer e encher o coração com alegria.

Aplicação. Na sociedade moderna, os cristãos entendem, e ao mesmo tempo fracassam em entender a grande invenção social que está sob o espírito radical do NT. Já não acreditamos, como os antigos, que o status social realmente nos defina e nos dê identidade. E mais, a frustração sentida por muitas mulheres em nossa sociedade reflete a falha em verdadeiramente compreendermos. Isto, antes de tudo, é falha da parte dos homens, cuja visão limitada do papel das mulheres, em casa e na igreja, reflete um esforço persistente em discriminar pelo sexo. E acontece também com as mulheres, cujas frustrações mostram que, da mesma maneira, elas deixaram de compreender que os limites impostos pela sociedade são irrelevantes tanto para sua identidade quanto para sua importância como pessoas cristãs.

A solução de Paulo não agradará a muitos, mas, ainda assim, é verdadeiramente piedosa e sábia. Ao convocar tanto o escravo quanto o senhor para servirem um ao outro, o apóstolo estabeleceu um alicerce para a rejeição definitiva de uma instituição injusta. E, ao convocar o escravo e o senhor para exercerem com responsabilidade seus papéis, ele os desobrigou para viverem como indivíduos desprendidos. Livres, não de restrições impostas pelas instituições da sociedade, mas, livres dentro da estrutura destas instituições, para viverem uma vida cheia de jubiloso serviço para Jesus Cristo.

Ninguém está, para sempre, livre de restrições impostas por nossas instituições, quer sejam da sociedade secular quer sejam acréscimos institucionais que a história impôs à igreja. A liberdade singular do cristão é encontrada no viver

triunfantemente dentro de tais limitações, vendo nelas, sempre, meios renovados para promover o reino espiritual de nosso Senhor.

HEBREUS 1.1-4.13

EXPOSIÇÃO

Na verdade, a Epístola aos Hebreus é mais um tratado do que uma carta. Seu autor é desconhecido, mas seu objetivo é claro. Embora ela mesma não tenha título, sua designação “aos hebreus” é antiga, já registrada no oriente por Eusébio e no ocidente por Tertuliano. O grupo ao qual é dirigido este tratado não é de judeus, mas sim de cristãos de origem judaica. Mantendo-se rigidamente dentro do contexto do pensamento e das imagens do AT, o autor demonstra àqueles que aparentemente sentem a atração dos costumes antigos que Cristo é, em todos os aspectos, tanto o cumprimento do antigo concerto quanto o autor de um relacionamento de concerto novo e melhor com Deus. Embora não se conheça a identidade do autor, parece mais provável, pela falta de referência à destruição do Templo por Tito em 70 d.C. – um evento que teria fortalecido seu argumento a respeito do sacrifício e do sacerdócio dos levitas – que o livro tenha sido escrito anteriormente àquela data. A confiança do autor na Septuaginta, em suas citações do AT, seu grego puro e elegante, combinados à sua familiaridade com os princípios de interpretação característicos dos judeus, sugerem que ele próprio era judeu helênico, talvez endereçando sua carta aos cristãos judeus na Palestina cujas relações íntimas, com aqueles que ainda praticavam as tradições antigas, exerciam forte apelo aos seus corações.

Para o autor de Hebreus, não pode haver retorno. Toda a antiga revelação aponta diretamente para Cristo, não somente como o que a cumpre, mas como seu objeto original. Portanto o autor lança imediatamente uma afirmação poderosa, e em sete partes, de quem é Jesus (1.1-4), seguida por uma comparação enraizada nas Escrituras entre o Filho de Deus com os anjos que, na tradição judaica, eram os mediadores do antigo concerto (1.5-14). Uma vez que o novo concerto é mediado pelo Próprio Filho, como resultado o crente deve “atentar, com mais diligência” a ele do que ao antigo (2.1-4). Na verdade, o Filho de Deus tornou-se verdadeiro ser humano e sofreu para fazer dos seres humanos os filhos

espirituais de Deus – objetivo que realmente exigiu que Ele se tornasse carne e sangue, pois somente como ser humano Ele poderia servir com qualidade sacerdotal e expiar nossos pecados (2.5-18).

O autor, em breve, retomará os temas do sacrifício e do sacerdócio. Mas antes ele retoma a questão do próprio relacionamento do concerto. Os judeus viam os anjos como mediadores do antigo concerto, e o autor mostrou que o Mediador do novo concerto é o Deus Filho. Mas ele também argumentou que Jesus é verdadeiro ser humano. Como Ele se compara, então, com Moisés, venerado por Israel como aquele que deu a Lei e o maior homem na história sagrada? A resposta do autor é a seguinte: Moisés foi um grande homem, servo fiel na casa de Deus. Mas Jesus também foi fiel, e não como servo, mas como o filho "sobre a casa de Deus" (versão TB). Moisés serviu, mas serviu na estrutura de uma casa que Cristo criou. Está claro que o Filho a quem pertence a casa, e o Construtor que a idealizou e construiu é superior àquele que serve nela, por melhor que possa ser esse servo (3.1-6).

Agora vem um dos maiores avisos, e um dos maiores convites de todas as Escrituras. O autor examina a geração do Êxodo e observa que eles foram incapazes de entrar em Canaã devido à falta de fé. Eles ouviram a voz de Deus chamando-os para subir e conquistar a terra, mas endureceram seus corações e se recusaram a responder ao seu chamado. Em lugar de experimentar o descanso na Terra Prometida, eles foram condenados a anos de peregrinação inquieta pelo deserto (3.7-19). Usando um princípio há muito estabelecido de interpretação judaica, o autor recorre a uma expressão essencial, "hoje", para mostrar que o "repouso" que Deus prometeu é atemporal e está disponível a todas as gerações. Mas nenhuma geração que se recusa a ouvir a Palavra de Deus, e que está corrompida por um coração mau pela falta de fé, pode conhecer este repouso. A aparente falta da disposição daqueles a quem o autor escreve em se voltarem completamente a Deus, e confiarem completamente nele , os coloca em perigo de viverem o destino daqueles peregrinos do deserto que nunca conheceram a paz porque, em sua incredulidade, desobedeceram à voz de Deus (4.1-13).

Para o autor de Hebreus, não existe opção de dois concertos: um caminho para a salvação dos judeus encontrado no antigo concerto feito por Moisés no Sinai, e outro caminho para a salvação dos gentios encontrado numa fé em Cristo como o Filho de Deus e Salvador, no novo concerto. Só existe uma opção: reconhecer a voz de Deus no evangelho, reconhecer Cristo como o objeto e o cumprimento do AT, e, sem hesitar, colocar a confiança nEle , e somente nEle .

ESTUDO DA PALAVRA

Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais (1.1). Autores pagãos levantaram uma série de objeções ao cristianismo. Uma das mais sérias foi expressa por Celso, que escreveu no século II: “Foi somente agora, depois de um período tão extenso, que Deus se lembrou de julgar a vida dos homens? Ele não se preocupava antes?” (cf. Cels. 4.7).

A resposta do autor de Hebreus é que Deus não estava em silêncio no passado. Ele efetivamente falava, de muitas maneiras diferentes, para os nossos “pais”. Paulo teria respondido que Deus falava não somente aos judeus, por meio de revelações especiais, mas também a todos os povos gentios, por meio da natureza (Rm 1.18-21). A culpa não é daquela revelação que Deus concedeu a todos os seres humanos, mas da resposta da humanidade àquela revelação. A história dos gentios e judeus demonstra igualmente e com muita clareza a falta de fé básica do homem e sua recusa em responder à voz de Deus.

Mas agora o autor de Hebreus dirá que Deus falou a nós com uma voz forte e inconfundível, “pelo Filho” (1.1). Esta é uma voz que nós devemos ouvir, pois verdadeiramente não há desculpa para ignorar ou rejeitar a mensagem tão claramente transmitida pela Palavra Viva.

E, quando outra vez introduz no mundo o Primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem (1.6). Esta é a única passagem do NT em que Jesus é descrito diretamente como o prototokos, “primogênito” de Deus. Muitos sectários argumentam que esta palavra mostra que Cristo é um ser criado, não o Deus de toda a eternidade como João 1.1-3 e outras passagens ensinam claramente. No entanto, a intenção do autor nesta passagem é comparar o status de Cristo com o dos anjos. Neste contexto, prototokos é usado em sentido quase legal, para indicar que Jesus tem, com Deus Pai, o mesmo relacionamento que um primogênito tinha com seu pai terreno. Como “herdeiro de tudo” (1.2), Jesus, o

Filho de Deus, é adorado da mesma maneira como Deus Pai, por todos os anjos de Deus.

Longe de levantar dúvidas sobre a divindade essencial de Cristo, prototokos aqui a afirma da maneira mais forte possível.

Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação? (1.14). Este é um contraste final de uma série de comparações entre Cristo e os anjos. Cristo está no trono, em glória; todos os anjos, sem exceções, são servos. Embora sejam “espíritos”, e, portanto, de uma ordem mais elevada do que a dos homens neste momento, os anjos são servos não simplesmente de Deus mas daqueles que expressam sua lealdade a Deus (leitourgika, “ministério”), servindo aos seres humanos salvos.

Portanto, convém-nos atentar, com mais diligência, para as coisas que já temos ouvido, para que, em tempo algum, nos desviemos delas (2.1). O verbo prosechein significa não somente concentrar a nossa atenção em alguma coisa, mas também agir de acordo com o que aprendemos. “Desviar” é prararyomen, palavra familiar usada a respeito de um anel que escorrega despercebido do dedo de uma pessoa, ou de um barco que escapa de sua âncora e se afasta, à deriva, de seu porto seguro. Aqueles que deixam de agir de acordo com a mensagem transmitida pelo Filho de Deus estão correndo sério perigo de se afastarem da verdade, ficando à deriva.

Mas, agora, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas (2.8). Tendo definido o relacionamento entre Cristo e os anjos, o autor começa a revisar o lugar dos seres humanos no plano de Deus. O homem deveria ter domínio sobre a criação de Deus. Mas está claro que, na atualidade, este objetivo não se concretizou.

Por que? Antes que a humanidade pudesse cumprir aquilo para que foi destinada, Jesus teve que provar a morte por nós, para que por seu sofrimento nós pudéssemos ser elevados à glória, como filhos de Deus. O que nossa passagem fornece é uma perspectiva especial no relacionamento entre Jesus, anjos e seres humanos. Um relacionamento que podemos esquematizar da seguinte maneira:

Original	Encarnação	Ressurreição
Jesus		Jesus/nós
anjos	anjos	anjos
nós		Jesus/nós

Jesus não é somente exaltado acima dos anjos, mas também nos elevou consigo. O nosso destino se cumpre em Cristo, por cujo intermédio a intenção original de Deus de fazer com que todas as coisas estejam sujeitas à humanidade, por fim, cumprir-se-á.

Convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe, consagrasse, pelas aflições, o Príncipe [ou Autor] da salvação deles (2.10). A palavra traduzida como “príncipe” (em algumas versões, “autor”) é archegos, que também já foi traduzida como “pioneiro” ou fundador. A idéia aqui é claramente a de que Cristo é Aquele em quem se origina a salvação; Ele não somente foi pessoalmente na frente, para mostrar o caminho, mas por meio de seu sofrimento Ele tornou-se o Caminho.

Em que sentido Deus “consagraria” [Cristo]? A palavra é teleios, e é mais freqüentemente usada no sentido de perfeição ou conclusão. O sofrimento não poderia acrescentar nada à natureza essencial de Cristo. Ele não se modificou nem ficou diferente. Mas a verdadeira idéia do sofrimento no tempo e no espaço era necessária para que Jesus se tornasse o Príncipe [ou o Autor] de uma salvação que exigia sua morte e ressurreição. A cruz aperfeiçoou Cristo, no sentido de qualificá-lo plenamente para servir como o Salvador da humanidade – uma obra que Ele não poderia ter realizado sem seu sofrimento e sua morte.

Para expiar os pecados do povo (2.17). A palavra é hilaskesthai, que significa “propiciar”, e não apenas “expiar”. A diferença é importante, pois a propiciação está relacionada com a justa ira de Deus, que é suscitada pelo pecado. Em sua morte, Cristo tomou o castigo que a justiça decretava “com respeito a [caso acusativo] todos os pecados do povo”.

Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência (4.11). A palavra grega é spoudazo, que sugere

“esforço diligente, concentrado”. Parece quase contraditório que alguém possa lutar para entrar em repouso. Mas o autor quer dizer algo importante. Em lugar de lutar com os desafios da vida por nossa conta, nós devemos concentrar nossos esforços na obediência a Deus, confiantes de que sua voz nos guiará a cada dia, ou seja, a cada “hoje”.

Quadro de Conceitos-chave

Hebreus	Tema	Conceito
Cap 1	Identidade de Jesus	Jesus é Deus
2	Nossa Identidade	Somos irmãos de Jesus
3 e 4	Princípio de Vida	Experimentar a nossa posição
5	Sumo Sacerdote	Jesus nos liga a Deus
6	Maturidade	A segurança estimula o crescim
7	Sacerdócio	Garante o relacionamento
8 e 9	Lei	A justiça é necessária
9 e 10	Sacrifício	A santidade é nossa
10	Advertência	O amadurecimento requer temp
11	Fé	A fé capacita
12	Disciplina	A fé se transforma em compron
13	Amor	A fé produz o amor

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Identificação de Jesus Cristo em Sete Partes (1.1-3)

Contexto. Tanto os judeus quanto os gentios se perturbavam com a fé cristã na divindade de Cristo, mas por razões muito diferentes.

A noção de que um deus pudesse aparecer como ser humano era elemento comum em muitas religiões pagãs. Assim, havia a possibilidade de que Jesus pudesse ter sido um deus. Mas certamente Ele não teria sido o Deus que as mais elevadas filosofias postulavam que existia. Pois, embora as elevadas filosofias gregas supunham a existência de um Ser supremo, os filósofos também acreditavam que cada povo criava suas próprias divindades, locais e subordinadas, cada uma das quais expressava alguma verdade, embora não precisa, sobre Deus. Além disso, os pagãos esclarecidos acreditavam que quando adoravam estas divindades, na verdade, por intermédio delas, adoravam ao único Deus Supremo.

Adicionalmente, para pensadores como o imperador Juliano, o Apóstata, era inimaginável que o Deus Supremo se revelasse somente a um povo, os judeus, ou por intermédio de uma Pessoa, Jesus Cristo. Na melhor hipótese, o Deus dos judeus e o Deus dos cristãos era uma divindade regional, como outras divindades regionais, imperfeitas representações do Deus Supremo, ainda que fossem seres por cujo intermédio Aquele que estava oculto poderia ser adorado.

Os judeus tinham uma objeção muito diferente quanto a Jesus. Para eles, era inimaginável que o Yahweh transcendente do AT se tornasse um ser humano. Fosse quem fosse este Cristo, profeta, rabino ou até mesmo o Messias, Ele não poderia nunca ser o Criador, o Deus de Abraão, o Deus de Moisés.

Estes primeiros versículos da carta aos Hebreus confrontam as crenças dos pagãos e as dos judeus com uma afirmação ousada e clara de quem Jesus é exatamente.

Interpretação. Os três versículos seguintes, do início da carta aos Hebreus, contêm sete afirmações sobre Jesus Cristo, que são numeradas:

Havendo Deus antigamente falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais pelos profetas, a nós, falou-nos nestes últimos dias, pelo Filho, (1) a quem constituiu herdeiro de tudo, (2) por quem fez também o mundo. O qual, (3) sendo o resplendor de sua glória, e (4) a expressa imagem de sua pessoa, e (5) sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, (6) havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, (7) assentou-se à destra da Majestade, nas alturas.

O que, então, diz cada uma destas afirmações sobre Cristo?

Cristo foi constituído “herdeiro de tudo”. Em nossa sociedade, “herdeiro” é uma pessoa que obtém a posse de alguma coisa com a morte de outra pessoa. No mundo do século I, “herdeiro” enfatizava uma possessão legal, sem a implicação de como a pessoa obteve aquela possessão – como o Filho de Deus, Cristo tem a posse justa do próprio universo e de tudo o que ele abrange. Ele não é uma divindade regional dos pagãos, nem é inferior, de maneira alguma, ao Deus do AT, pois Ele é o próprio Deus encarnado.

Cristo é Aquele “por quem [Deus] fez também o mundo [ou, o universo]”. A expressão “o mundo” na verdade é tous aionas, “os tempos”, ou “as eras”. Fica claro, a partir de outras passagens, que o próprio Cristo foi o Agente da Criação (Jo 1.3; 1 Co 8.6; Cl 1.16). Aqui, o autor pode perfeitamente refletir a convicção judaica profundamente arraigada de que Deus é o Deus da história, que comanda o fluxo da história, que é também o Criador do universo material. Cristo, o Filho, desde o início supervisionou tudo o que ocorre na terra, canalizando os eventos de geração em geração para que tudo se mova objetivamente em direção ao final desejado por Deus.

Cristo é “o resplendor da glória de Deus”. O termo apaugasma pode significar “resplendor” ou “reflexo”. Jesus resplandece com o brilho da própria “glória” de Deus, uma palavra que é freqüentemente usada no AT, para referir-se à presença de Deus. Inequivocamente, diz o autor, Deus está presente em Jesus, e o brilho desta presença emana de dentro dEle.

Cristo é “a expressa imagem da sua pessoa [de Deus]”. A expressão chave aqui é “expressa imagem”, character. É usada literalmente para referir-se à imagem cunhada numa moeda por uma matriz. O que o autor quer dizer é que em Jesus a natureza essencial de Deus é revelada para nós, pois Cristo “é a expressão exata do seu ser” (RSV).

Cristo até agora está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”. A palavra pheron quer dizer “continuar”. A imagem é de uma ação dinâmica: somente a sustentação ativa de Cristo capacita o universo e todos os seus processos para uma operação contínua. Aqui, novamente, “universo” é aionas, que significa tempos ou eras. Isto não significa simplesmente que Cristo sustenta e suporta tudo o que nós chamamos de processos da lei natural. Cristo está ativamente envolvido no fluxo desta época presente, certificando-se de que os propósitos de Deus Pai sejam cumpridos.

Cristo “fez a purificação dos pecados”. Agora, repentinamente, o autor muda a direção do nosso olhar. Em lugar de olhar para cima, maravilhado, para contemplar quem é Cristo em Sua natureza essencial, ele concentra a nossa atenção no fato de que este Ser surpreendente entrou voluntariamente no tempo e no espaço para, pessoalmente, tirar os nossos pecados. “Purificação” é katharismos, “limpeza”. E em breve o autor voltará sua atenção para esta obra, mostrando-nos que o Cristo encarnado tornou-se ao mesmo tempo Sumo Sacerdote e Sacrifício, o Único no universo capaz de restaurar uma humanidade pecadora ao correto relacionamento com Deus.

Cristo “assentou-se à destra da Majestade, nas alturas”. A frase é rica no simbolismo do AT. Assentar-se significa repouso e trabalho terminado. A destra significa o lugar de honra. Esta imagem final nos mostra um Cristo restaurado à Sua glória original e eterna, porém mais do que apenas devolvido – honrado eternamente por ter concluído a obra de salvação que lhe foi confiada.

Implicações. Assim o autor conclui sua apresentação de Jesus Cristo. Como Cristo está distante da divindade regional do pagão! Ele é a divindade transcendente do AT. É importante conhecer a Cristo, reconhecê-lo como quem Ele de fato é. Tanto os pagãos quanto os judeus, como também os “homens científicos” modernos devem abandonar as suposições pessoais a respeito de Deus, e se curvar diante de Jesus Cristo como o Senhor de tudo e de todos.

Ouvindo a Voz de Deus (3.7–4.13)

Contexto. Esta é a segunda de quatro advertências encontradas na carta aos Hebreus. A primeira (2.1-4) é uma advertência para não se desviar de Deus por deixar de prestar diligente atenção à mensagem do evangelho.

A segunda advertência, encontrada aqui, é para não ignorar a voz de Deus quando Ele nos fala no nosso “hoje”. Ignorar a voz de Deus é no íntimo uma falta de fé, pois a verdadeira fé é expressa pela obediência a Deus quando Ele nos fala. Somente respondendo à voz de Deus é possível encontrar o repouso que é prometido a cada geração do povo de Deus.

A terceira advertência (6.1-12), uma das passagens mais mal interpretadas das Escrituras, diz respeito à maturidade. O cristão não deve retornar, em pânico constante, às questões básicas da nossa fé, mas sim “prosseguir” (6.1) construindo sua vida na confiança do que Cristo fez.

A quarta advertência (10.26-39) contrasta aqueles que retrocedem (quando começam as dificuldades) com aqueles que permanecem firmes e perseveram

para cumprir a vontade de Deus.

Cada uma destas advertências é apropriada para os cristãos hebreus que se sentem atraídos às suas raízes do AT. Em vista da superioridade de Cristo, e do novo concerto que Ele administra, o autor adverte seus leitores. Eles devem estar muito atentos a este evangelho, responder quando Deus fala com eles, prosseguir na maturidade em lugar de retornar às verdades básicas e, a despeito das pressões externas e internas, eles devem perseverar em realizar a vontade de Deus conforme esta vontade se revela em Jesus Cristo.

Todas estas advertências aos cristãos hebreus do século I têm a maior relevância para nós hoje em dia. Talvez a segunda advertência contenha as maiores verdades que nós devemos compreender. Esta passagem nos mostra o caminho para uma vida de paz interior. Um caminho que nos leva a uma vida de verdadeiro repouso, a despeito de qualquer luta interior ou exterior que possamos ter.

Interpretação. Citando Salmos 95.7-11, o autor concentra a nossa atenção numa atitude que caracterizava o relacionamento de Deus com uma geração particular do AT, a geração daqueles que, libertados da escravidão no Egito pelo poder de Deus, foram levados por Moisés rumo à Terra Prometida. Esses homens e mulheres ouviram a voz de Deus, primeiramente numa revelação eterna no Sinai, e depois numa revelação limitada pelo tempo em Cades-Barnéia. No Sinai, Deus revelou os princípios gerais segundo os quais sua vontade poderia ser distinguida. Em Cades-Barnéia, Deus falou uma única palavra, uma palavra que era exclusivamente para aquele momento e para aquela geração. Seu povo devia entrar na terra e tomá-la.

Mas o povo de Deus endureceu seu coração e recusou-se a obedecer. Como resultado, Deus foi forçado a declarar: “não entrarão no meu repouso” (3.11). Neste contexto, repouso se refere claramente à terra de Canaã, prometida por Deus a Israel, e para onde Deus tinha conduzido seu povo a partir do momento de sua redenção (Êx 3–11).

Fazendo a Aplicação (3.12-15). O autor chega imediatamente onde queria. Nós fomos elevados para tomar posse das bênçãos que há em Cristo. A nossa participação nEle nos torna novos homens e novas mulheres, e nos abre a

possibilidade de uma vida cristã vitoriosa. Mas a nossa participação em Cristo não pode ter valor prático para nós se permitirmos que se desenvolva em nós a mesma atitude que foi exibida por Israel no AT. Esta atitude, caracterizada aqui como má e infiel (3.12), pode nos deixar insensíveis e impedir que respondamos à voz de Deus quando Ele falar conosco.

O autor está dizendo que a questão básica que enfrentamos como crentes, e o foco da nossa preocupação diária, deve ser a de conservar nossos corações abertos a Deus. Devemos estar dispostos e ansiosos para responder positivamente quando ouvirmos sua voz falando conosco em nosso próprio "hoje".

Um Trágico Fim (3.16-19). O autor retorna às gerações do AT, para identificá-las claramente, e para ressaltar os trágicos resultados do endurecimento dos nossos corações a Deus. Quem eram os rebeldes? Na verdade, eram homens e mulheres que tinham vivenciado os atos poderosos de Deus pelos quais Ele os libertou da escravidão no Egito! Com quem Deus estava irado? Com aquelas mesmas pessoas que pecaram – e cujos corpos, no final, caíam no deserto, sem jamais conhecer o repouso que lhes aguardava na Terra Prometida. E, segundo a declaração de Deus, quem jamais poderá sentir seu repouso? Aqueles que desobedecem. Todos aqueles que desobedecem.

Ainda Resta Um "Repouso" (4.1-11). Esta seção da carta aos Hebreus é complicada devido ao uso múltiplo da palavra "repouso" e um argumento complexo. Nós podemos acompanhar melhor a linha de pensamento se destacarmos alguns dos elementos, em vez de estudar a passagem versículo por versículo.

A promessa permanece. Esta é a idéia com a qual se inicia o capítulo (4.1). Ainda que uma geração posterior e obediente tenha entrado na Terra Prometida, essa entrada não cumpriu plenamente a promessa de um "repouso" para o povo

de Deus. Na verdade, muito tempo depois, na época de Davi, a promessa e a advertência foram repetidas! “Hoje, se ouvirdes sua voz” (4.7). Se a bênção plena de Deus para seu povo tivesse sido alcançada quando Josué conduziu Israel a Canaã, então a promessa de um repouso não teria sido repetida muito tempo mais tarde para o povo da época de Davi. Nem teria sido repetida pelo autor de Hebreus aos cristãos do século I, e por meio deste livro do NT, para você e eu.

A natureza do repouso. A palavra “repouso” é usada em Hebreus 3–4 de três formas diferentes. A primeira é o uso que acabamos de ver: a entrada na Terra Prometida é um retrato, exemplo tangível, do conceito de repouso.

É um retrato adequado. Deus tinha prometido a terra a Abraão e seus descendentes. Durante os anos da escravidão de Israel no Egito, povos pagãos habitaram e melhoraram a terra. Construíram casas, plantaram vinhas e pomares, e subjugaram o deserto. Mas seu estilo de vida evidenciava cada vez mais o pior dos pecados. A ocasião de seu julgamento por Deus correspondeu à libertação de Israel da escravidão. Com a ida a Canaã, Israel seria o instrumento de Deus para o julgamento de seu pecado – e Israel herdaria riquezas pelas quais não tinha trabalhado. Eles se sentariam à sombra de árvores que não tinham plantado e beberiam vinho feito de uvas que eles não tinham cultivado. Eles entrariam numa terra onde todo o trabalho havia sido feito para eles – e repousariam.

Como a nação de Israel de antigamente, você e eu, em Jesus, fomos libertados da escravidão. O poder do pecado nas nossas vidas foi quebrado, e somos chamados por Deus para entrar em uma “Terra Prometida” espiritual onde encontraremos repouso. Vamos desfrutar os benefícios da obra que Deus fez por nós. A vida cristã não é uma vida de lutas que tem a finalidade de alcançar a difícil sobrevivência em algum deserto. A vida cristã é uma vida em que se toma posse dos benefícios da abundância espiritual que Jesus provê tão ricamente.

Uma segunda conotação para “repouso” é vista na aplicação da palavra ao repouso de Deus, na conclusão da criação. Professores judeus observaram uma característica fascinante no relato de Gênesis. Para cada um dos seis primeiros dias, o texto fala de “tarde e manhã”. O início e o fim estavam claramente

definidos. Mas o sétimo dia não tem essa definição. Os rabinos entendem que isto significa que o repouso de Deus não tem fim. Com sua obra criativa concluída, Deus não está inativo, mas já não mais trabalha da mesma maneira, pois sua obra está concluída.

Existe uma idéia maravilhosa expressa aqui. Nos seis dias da Criação, Deus previu e solucionou qualquer problema que pudesse surgir. Ele já planejou cada solução, para que o final esteja assegurado desde o início. E é no repouso de Deus (4.5) que os crentes são convidados a entrar! Nós devemos nos apropriar completamente daquilo que Deus fez e, embora nunca estejamos inativos, devemos deixar de trabalhar de uma forma exaustiva. A vida cristã que tantos consideram como uma luta exaustiva, não é o que Deus deseja para nós. A vida de repouso que Deus tem para nós é sentida somente quando respondemos à Sua voz "hoje", quando ela nos mostra o caminho que devemos percorrer. Ele já o assinalou há muito tempo para nós. O medo do futuro e a incerteza são afastados de nós quando percebemos que o nosso dever é permitir que Deus nos guie, e responder positivamente quando Ele nos falar no nosso "hoje".

A entrada no repouso. A análise do fracasso daquela primeira geração tem uma aplicação específica à nossa experiência. "Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus" (4.9). A Bíblia nos diz que devemos repousar do nosso próprio trabalho, assim como Deus repousou do seu (4.10). O modo de vida da pessoa que recebe a bênção de viver em Cristo não deve ser de luta incessante. Nós devemos repousar.

Na análise final que o capítulo 3 faz sobre a primeira geração, vemos que o problema crítico era a atitude em relação a Deus. O povo ouviu o que Ele disse, mas endureceu o coração e não respondeu. Sem a disposição de confiar em Deus, eles foram incapazes de responder.

A psicologia moderna descreve uma "atitude" como uma disposição ou tendência a reagir ou responder. As atitudes estão sempre relacionadas a comportamentos. Dizer que uma pessoa tem uma atitude crítica implica que em muitas situações ela terá a tendência de criticar em lugar de apreciar os demais. A atitude rebelde exibida pelos homens e mulheres que Moisés conduziu para

fora da escravidão teve conseqüências no comportamento. Quando Deus falou com eles, sua tendência foi, antes de qualquer coisa, de deixar de confiar em sua palavra, e, em seguida, de desobedecer.

Nas Escrituras estas duas características, confiança e obediência, estão sempre ligadas. A confiança em Deus nos leva a crer que o que Ele nos diz é motivado pelo amor. Esta atitude é crítica para o tipo de obediência que Deus deseja. Uma pessoa que não confia, mas teme, pode externamente estar em conformidade com as ordens de um tirano. Mas somente a confiança e o amor nos capacitam a assumir um compromisso interior voluntário de seguir as instruções do nosso Pai celestial. Quando confiamos em Deus, nós nos libertamos para obedecer a Deus sinceramente.

Assim, o autor nos diz que devemos fazer todos os esforços para entrar no repouso de Deus. Ele não nos diz que devemos lutar para obedecer a Deus, pois isso seria inútil. Mas se fizermos todos os esforços para amar a Deus e desenvolver aquela atitude de simples confiança, então, quando ouvirmos sua voz no nosso “hoje”, obedeceremos. E neste tipo de obediência nós encontraremos repouso.

A palavra de Deus. A passagem termina com uma promessa que freqüentemente é confundida com uma ameaça. A Palavra de Deus, diz o autor, é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (4.12,13).

Alguns interpretam estas palavras como uma ameaça, como se Deus fosse descrito examinando a todos, ansioso para expor qualquer pecado oculto. Mas não se trata disto! O autor acabou de explicar o repouso. O repouso retrocede e chega a um período anterior à promessa da Palestina a Israel. O repouso de Deus é um repouso de alma e de espírito, um repouso de pensamentos e atitudes. O íntimo de uma pessoa também deve estar em repouso. E nós podemos repousar, pois nada está oculto aos olhos de Deus. Ele conhece as nossas necessidades

mais profundas, mais secretas. Por meio de sua Palavra, nós podemos ouvir sua voz no nosso “hoje”; e quando respondermos positivamente, Ele nos guiará às Suas soluções para as nossas necessidades.

E assim nós conheceremos o repouso.

Jesus, o Nosso Sumo Sacerdote

EXPOSIÇÃO

-

É difícil hoje para nós compreendermos o papel que o sumo sacerdote desempenhava no judaísmo do século I. Continuando sua demonstração da superioridade do cristianismo, o autor de Hebreus pede que seus leitores comparem o Sumo Sacerdócio de Jesus com aquele sujeito à Lei Mosaica. O autor começa afirmando que nós temos um "grande Sumo Sacerdote", um superlativo por si só, uma vez que os judeus descreviam o Sumo sacerdote como o "grande sacerdote". Por meio de Jesus, nosso "Sumo Sacerdote", nós nos aproximamos do próprio trono de Deus, e encontramos misericórdia e graça (4.14-16). Da mesma maneira que somente Aquele que é designado por Deus pode servir como Sumo Sacerdote, Jesus também foi designado exclusivamente por Deus como a fonte de uma salvação eterna, modelada não no sacerdócio de Arão, mas no sacerdócio de Melquisedeque (5.1-10).

Uma vez mais o autor se desvia do tema principal para incorporar sua terceira advertência. Seus leitores tinham sido fiéis durante um período de tempo suficiente para serem professores, mas não tinham passado além dos rudimentos da doutrina. Eles precisam evoluir além do ABC da Escrituras e amadurecer (5.11–6.3). No contexto desse chamado à maturidade, o autor levanta uma questão hipotética. Eles já experimentaram o relacionamento com Deus por intermédio de Cristo (6.4,5). Se eles se afastarem e retornarem ao judaísmo, onde eles esperam encontrar salvação? Eles esperam que o Filho de Deus seja crucificado novamente? (6.6) O exemplo do campo toma o contexto do crescimento. Deus possibilitou, em Cristo, aquela "chuva" que é essencial para a produção de frutos. É seu objetivo que seu povo evolua, não que se torne um campo inútil e cheio de ervas daninhas (6.7-9). E, certamente, apesar do tom desta advertência, a produção de frutos é o que o autor espera destes cristãos hesitantes, mas apesar disso, fiéis (6.10-12).

Em que base, então, o autor espera vitalidade e crescimento espiritual? Em primeiro lugar, ele espera que o povo evolua porque a salvação que nós temos em Cristo está garantida por aquela promessa e por aquele juramento de Deus – uma promessa e um

juramento pelos quais Jesus foi ordenado ao sacerdócio de Melquisedeque (6.13-20). Esse sacerdócio é de uma ordem mais elevada que o Arônico (7.1-10). E, o mais importante, a mudança do sacerdócio de Arão ao de Melquisedeque indica uma mudança radical em toda a abordagem do AT à fé, como definida pelo Concerto Mosaico (7.11-22). Como Sumo Sacerdote, Cristo vive para sempre para nos assegurar uma salvação eterna (7.23-28). Sob o Novo Concerto que Ele provê, nós recebemos uma transformação interior, um relacionamento íntimo com Deus e o perdão de todos os nossos pecados (8.1-12). O Novo e melhor Concerto iniciado na morte de Cristo tornou o Antigo obsoleto (8.13). Certamente, então, não existe razão para que os inseguros cristãos judeus, aos quais a carta aos Hebreus é dirigida, retornem ao Antigo Concerto. Em lugar disso, eles podem assumir um compromisso pleno com o Novo, e evoluir à maturidade.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Visto que temos um grande sumo sacerdote (4.14). Toda a argumentação desta seção da carta aos Hebreus depende da importância do sumo sacerdote. É apropriado, portanto, que iniciemos com uma breve investigação a respeito da

atitude dos judeus em relação ao sumo sacerdote.

Seu papel na fé do AT está estabelecido nos próprios documentos do AT. Somente o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, uma vez por ano, para realizar o sacrifício que expiava “todos os pecados” do povo de Deus (Lv 16). Acreditava-se que mesmo sua morte tinha o poder de expiação, pois quando um sumo sacerdote morria, todos aqueles que tinham matado acidentalmente a outros e fugido a uma cidade de refúgio (Nm 35.9ss.; Dt 19.1ss.) ficavam livres e podiam retornar às suas casas (Nm 35.25). Os escribas concordavam que sua culpa tinha sido tão completamente expiada pela morte do sumo sacerdote, que eles podiam voltar às suas ocupações antigas.

Ben Sira, escrevendo em aproximadamente 200 a.C., compôs o seguinte hino para o sumo sacerdote Simon II, que sugere um pouco do respeito com que os crentes do AT consideravam a pessoa que ocupava este posto.

Quão esplêndido ele parecia ao olhar para fora da Tenda,

ao sair do lugar do véu!

Como uma estrela brilhando entre as nuvens,

Como a lua cheia na estação do dia sagrado;

Como o sol brilhando no templo do Rei,

Como o arco-íris surgindo no céu nublado;

Como as flores nos galhos na época na primavera,

como um lírio nas águas em movimento;

Como o viço do Líbano no verão,

como a brasa do incenso no sacrifício;

Como um vaso de ouro forjado,

pontilhado com um sortimento de pedras preciosas;

Como uma oliveira exuberante cheia de frutos,

uma planta cujos galhos se encarregam do óleo;

Vestindo seus trajes esplêndidos

e revestido de sublime magnificência,

Quando ele subia ao altar glorioso

E emprestava majestade à sala do santuário.

Quando ele recebia as vítimas partidas de seus irmãos sacerdotes

se posicionava diante do fogo do sacrifício,

Seus filhos ao seu redor como uma coroa de flores,

como jovens cedros no Líbano;

E como os álamos junto ao ribeiro eles se juntam à sua volta,

todos os filhos de Arão, em sua dignidade,

Com as ofertas ao Senhor nas mãos,

na presença de toda a assembléia de Israel.

The Wisdom of Ben Sira (50.5-13).

Outra indicação do sentimento intenso de Israel a respeito do sumo sacerdote está refletida em uma interessante informação histórica. No século I, o poder do cargo era visto ao se transmitir a um sumo sacerdote vivo as oito partes dos trajes do sumo sacerdócio, que eram verdadeiramente esplêndidas. Desta forma, como uma garantia contra rebeliões, Herodes o Grande, e mais tarde os romanos, conservavam esses trajes encerrados na Fortaleza de Antônia, e somente os entregavam ao sumo sacerdote nos dias de festa.

Os judeus protestaram durante décadas pela liberação dos trajes do sumo

sacerdote, até que, finalmente, em junho de 45 d.C., o imperador Cláudio ordenou pessoalmente a entrega das roupas.

De uma maneira significativa, portanto, o sumo sacerdote resumia os elementos centrais da religião do AT. A Lei podia condenar, mas ela também oferecia um modo de aproximação com Deus por meio de um sacrifício de expiação que só poderia ser oferecido pelo sumo sacerdote. Assim, o sumo sacerdote era uma ponte entre o homem e Deus, e uma via pela qual a graça de Deus poderia fluir em direção a um povo que, por menos merecedor que fosse, ainda era o objeto da afeição de Deus.

Não é de admirar, portanto, que o autor da carta aos Hebreus se esforce tanto para mostrar que, da mesma maneira como o judaísmo tem seus sumos sacerdotes, Cristo, o "Sumo Sacerdote" do cristianismo (4.14) é muito mais glorioso e oferece uma salvação muito maior, e que inspira muito mais respeito.

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado (4.15). Em grego, kath' homoioteta pode significar "da mesma maneira" como somos tentados, ou tentados "por motivo de sua semelhança em relação a nós". O que o autor quer dizer é que Cristo era um verdadeiro ser humano, que compartilhava todas as fraquezas inerentes a uma criatura limitada por sua natureza física. Como Cristo "esteve no nosso lugar", por assim dizer, Ele entende, por experiência própria, o que quer dizer ser tentado e, portanto, pode nos compreender.

Alguns podem argumentar que como Cristo era Deus, Ele não se perturbou com as limitações que nos perturbam. O autor discorda: Cristo era plenamente humano. A expressão "mas sem pecado" nos lembra de que, na verdade, Cristo sabe ainda mais a respeito da tentação do que nós. Afinal, quem compreende melhor a pressão? A pessoa que desiste depois de alguns minutos? Ou a pessoa que nunca desiste?

Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar

misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno (4.16). A compreensão de Cristo se estende tanto àqueles que se renderam às tentações quanto àqueles que resistiram a ela. Ele tem misericórdia dos nossos fracassos. Nas nossas dificuldades, Ele tem a graça para nos ajudar na nossa hora de necessidade. Qualquer que seja a nossa situação, Jesus entende e se preocupa.

E possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados (5.2). O verbo metriopathein lembra os leitores de que o sumo sacerdote deve assumir uma posição entre a indignação e a indiferença. Ele não deve condenar o pecador nem fechar os olhos ao pecado. Isto só era possível porque todos os sumos sacerdotes eram “tomados dentre os homens” e, portanto, eram sensíveis às fragilidades humanas e também às exigências da Lei de Deus. Para o sacerdócio de Arão, isto significava que cada um devia “tanto pelo povo como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados” (5.3).

A seguir o autor prossegue a distinguir o ministério de Cristo daquele da linha sacerdotal do AT. Como Arão, Cristo foi convocado por Deus para a posição de sumo sacerdote (5.4,5), mas, diferentemente de Arão, Cristo era o próprio Filho de Deus e ao mesmo tempo um sacerdote eterno (5.6). Diferentemente do Arão imperfeito, que sob pressão entregou-se ao pecado, Cristo “aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (5.8). Aqui a expressão “tendo sido aperfeiçoado” ou “sendo ele consumado” (5.9) tem o significado de “estar novamente qualificado para seu papel”. Cristo se tornou a fonte da eterna salvação para você e para mim.

O qual, nos dias de sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia (5.7). Os comentaristas concordam que esta é uma referência à experiência de Cristo no Getsêmani. O que o autor quer dizer com a referência a ser salvo da morte, no entanto, continua a confundir a todos. Alguns dizem que Cristo não pediu para ser salvo de morrer, mas da morte, e que a ressurreição é a resposta de Deus à Sua oração. Alguns sugerem que Deus libertou Cristo do medo da morte. Outros dizem que Cristo estava preocupado com a possibilidade de que, sob a

pressão que fez com que Ele suasse sangue, Ele pudesse morrer ali no jardim, e não completar sua obra.

Talvez seja melhor lembrar que o relato da oração de Cristo no jardim enfatiza suas palavras, “todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39). A oração de Jesus foi ouvida. A vontade de Deus foi realizada. E por meio de seus sofrimentos na crucificação, como durante toda a sua vida, os pés de Cristo marcharam firmemente pelo caminho da obediência.

O mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal (5.14). A perfeição ou a maturidade não vem com facilidade. Não é suficiente conhecer a Palavra de Deus. Nós devemos colocá-la em uso constante, como um guia para tomarmos as nossas decisões cotidianas. Portanto ela é capaz de nos treinar no temor e na obediência ao Senhor. As Escrituras por si só não podem nos tornar perfeitos ou amadurecidos. É necessário que haja o compromisso de praticar constantemente a Palavra de Deus.

Os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda (6.16). Esta passagem é significativa por nos lembrar do caráter do concerto do AT, ou brit, no que diz respeito à definição do relacionamento de Deus com os seres humanos. Usado no contexto de negócios, o termo brit pode ser traduzido como “contrato”. Usado no contexto de política nacional, berît pode ser traduzido como “constituição”. No contexto de política internacional, berît é um “tratado”.

Em cada um destes contextos, o berît pode ser rompido por qualquer das partes envolvidas, e basicamente as penalidades para a violação estão relacionadas no documento do berît. Mas quando usado a respeito do relacionamento de Deus com os seres humanos, berît deve ser interpretado como um “juramento”, uma afirmação solene do que Deus se compromete a fazer. Até mesmo o concerto da Lei tem este caráter, pois as penalidades impostas caso o povo de Deus violasse

a Lei, e as bênçãos prometidas caso ele a observasse, são por si mesmas afirmações do que Deus firmemente tencionava fazer.

Este caráter de “juramento” do concerto divino fica claramente compreendido no AT, como refletido na oração de Moisés registrada em Êxodo 32.13: “Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, teus servos, aos quais por ti mesmo tens jurado e lhes disseste: Multiplicarei a vossa semente como as estrelas dos céus e darei à vossa semente toda esta terra, de que tenho dito, para que a possuam por herança eternamente”.

Assim, o autor da carta aos Hebreus lembra seus leitores de que por toda a história sagrada os juramentos de Deus não foram rompidos. Surpreendentemente, a designação de Jesus Cristo como um “sumo sacerdote eternamente” está registrada nas Escrituras (5.5,6), conferindo-lhe a natureza de um juramento e um compromisso de concerto. Desta forma, o autor conclui que temos “a esperança proposta [em Jesus]”, como a “âncora da alma segura e firme” (6.18,19).

É significativo que a advertência do capítulo 6 da carta aos Hebreus esteja encapsulada nesta exaltada apresentação de Jesus como o nosso sumo sacerdote. Se a nossa salvação está garantida pelo juramento de Deus, então as palavras do autor sobre “recair” (6.6) devem ser hipotéticas, pois todo aquele que é beneficiário pelo ministério sumo sacerdotal de Cristo tem, assegurada, a “eterna salvação” (5.9).

Para mais informações sobre a passagem da advertência, veja a Passagem em Profundidade adiante.

Feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque (6.20). A palavra grega traduzida como “ordem” é taxis. Ela é usada seis vezes no NT sobre o sacerdócio, e se refere a um grupo ou uma classe particular. Desta forma, o autor está dizendo que o sacerdócio de Cristo deve ser classificado juntamente com o de Melquisedeque e não com o de Arão. O capítulo 7 é dedicado à explicação do significado desta classificação. Em poucas palavras, o autor argumenta que a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque está demonstrada no AT pelo fato de que:

Melquisedeque abençoou Abraão, e não ao contrário, demonstrando que Melquisedeque era mais importante (7.1).

Abraão lhe pagava o dízimo, reconhecendo implicitamente a superioridade de Melquisedeque (7.2).

Melquisedeque “não tinha princípio de dias nem fim de vida” (7.3). Isto não implica necessariamente que o Melquisedeque original era um ser angelical ou uma aparição pré-encarnada de Cristo, mas reflete uma perspectiva rabínica típica, que afirmava que muitas conclusões poderiam ser obtidas a partir do silêncio das Escrituras, da mesma forma que de suas afirmações. A questão é que Cristo não se qualifica para seu sacerdócio por sua genealogia, mas por suas qualidades pessoais. O silêncio também implica que o sacerdócio de Cristo não chega ao fim com a morte.

Foi testificado que Cristo “vive” (7.8). Esta idéia tem um desenvolvimento adicional em 7.23,24. Os sacerdotes Arônicos morriam, mas como nem mesmo a morte pode impedir Cristo de continuar em seu cargo, Ele tem um “sacerdócio perpétuo” (7.24) e é capaz de “salvar perfeitamente” (7.25) aqueles que vão a Deus através dele.

Até mesmo Levi, então nos lombos de seu pai, pagou dízimo a Melquisedeque (7.9), mostrando decisivamente a superioridade do sacerdócio do sacerdote-rei.

Este pode ser um argumento estranho para nós. Mas não é tão incomum no contexto de uma cultura em que a identidade pessoal estava enraizada em sua genealogia. Para entender Arão, é necessário colocá-lo na linhagem de Levi, seu

pai, Israel, seu avô, Isaque, seu bisavô e Abraão, seu trisavô. Somente no contexto desta linhagem a identidade de Arão pode ser estabelecida, e somente pela descendência de Arão pode a identidade de qualquer sacerdote subseqüente ser estabelecida. De uma maneira muito real, portanto, Levi e Arão efetivamente participaram de todos os atos decisivos da vida de Abraão. Nesse sentido, o próprio Arão pagou dízimos a Melquisedeque, com este ato demonstrando novamente a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque sobre o de Arão.

Então, qual é a conclusão inevitável? A de que Cristo verdadeiramente é “o Sumo Sacerdote” que “nos convinha” (7.26). Como Cristo é majestoso aqui! Ele está separado e muito acima do sacerdócio de Arão, que era forçado a oferecer diariamente os sacrifícios repetidos por si mesmo e pelos outros. Mas Cristo ofereceu o sacrifício de uma vez por todas, quando ofereceu a Si mesmo. E o fato de que seu sacrifício nunca foi repetido prova que cumpriu o propósito para o qual se destinava: a nossa salvação.

Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei (7.12). Este é um dos versículos mais significativos desta seção da carta aos Hebreus. Ele lembra os leitores de que a torah é uma só. A revelação mosaica retrata um sistema interligado no qual o relacionamento de Deus com Israel é definido, um sistema de concerto que define as exigências de Deus e que equilibra os pecados do homem com sacrifícios oferecidos pelos sacerdotes Arônicos.

O que o autor destaca é que uma mudança no sacerdócio destrói o equilíbrio do sistema do AT, e claramente implica numa mudança em todos os demais aspectos também – uma mudança na Lei e uma mudança no sacrifício.

À medida que saímos do capítulo 7, vemos que o autor desenvolve este mesmo tema: houve uma mudança dramática na Lei (capítulo 8) e também uma mudança no sacrifício (capítulos 9–10).

Servem de exemplar e sombra das coisas celestiais (8.5). O autor lança uma fundação adicional para seu argumento lembrando seus leitores de que o

Tabernáculo e o Templo na ordem antiga exibiam, mas não constituíam, a realidade celestial. Tudo sobre o Antigo Concerto promulgado por Moisés era um mero reflexo, apontando além de si mesmo para realidades celestiais.

Cristo, que entrou no próprio céu, é o Mediador de um concerto novo e muito melhor do que aquele mediado por Moisés.

Se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo (8.7). No contexto, o "primeiro" é o concerto Mosaico. Ao argumentar que alguma coisa estava "errada" com ele, o autor simplesmente destaca que o próprio Deus encontrou um problema no fato de que o sistema mosaico foi incapaz de aperfeiçoar Israel, como a história demonstra (8.9).

A ênfase cristã no Novo Concerto suscitou uma oposição furiosa no judaísmo. Esta contínua hostilidade de Israel a este ensino está refletida na obra do grande estudioso, e filósofo judeu, da Idade Média, Moisés Maimônides. Seus "treze princípios de fé", encontrados em muitos livros judeus de oração hoje em dia, incluem as afirmações de que Moisés é o Primeiro e Verdadeiro profeta e de que "não existe um novo concerto".

Mas o autor da carta aos Hebreus cita a promessa de Deus de um Novo Concerto registrada em Jeremias 31: "não segundo o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito" (Hb 8.9). Sob o Novo Concerto, a Lei antes escrita em pedra será transcrita dentro do crente. A dificuldade de relacionamento do homem com o Senhor será transformada em intimidade. E os pecados compensados pelos sacrifícios da antiga ordem são por fim perdoados plenamente e gratuitamente, para não mais serem lembrados.

Dizendo novo concerto, envelheceu o primeiro. Ora, o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar (8.13). A palavra grega é kainos, que no NT, bem como no grego secular do século I, concentra a atenção na qualidade. Não é que o Novo Concerto seja mais recente. O importante é que o Novo Concerto é superior.

O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words observa:

A morte de Cristo inicia um novo concerto entre Deus e o homem – um concerto que é superior ao antigo código mosaico (Mc 14.24; Lc 22.20; 1 Co 11.25; 2 Co 3.6; Hb 8.8). Por intermédio de Cristo, os próprios seres humanos se tornam novas criaturas (2 Co 5.17) e descobrem um campo da vida em que todas as coisas se tornam novas (2 Co 5.17). Estas novas criaturas feitas pelo próprio Cristo vivem como um novo povo, a humanidade renovada de Deus (Gl 6.15; Ef 4.24). Os crentes formam uma nova comunidade (Ef 2.15) na qual o novo mandamento de Jesus, de amar como Ele nos amou, está encarnado (Jo 13.34; 1 Jo 4.7,8; 2 Jo 5). Um dia, Deus completará sua nova obra de criação e chamará à existência um novo céu e uma nova terra (2 Pe 3.13; Ap 21.1-25) (p. 458).

Assim, o termo “novo”, no sentido qualitativo, afirma da forma mais firme possível o impacto das Boas Novas que vêm a nós em Jesus. A mensagem do evangelho não é uma mensagem de reforma, mas de transformação. É uma palavra nova e poderosa de Deus. Em contraste com tudo o que Deus faz em Cristo, o “velho” é verdadeiramente obsoleto e inferior.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

A Advertência Contra Se Desviar (5.11–6.12)

Contexto. Durante séculos esta passagem foi provavelmente aquela a que mais freqüentemente os estudiosos recorreram, quando tinham a intenção de provar que um crente pode perder sua salvação. Ainda assim, durante esses mesmos séculos, inúmeras interpretações foram apresentadas.

É indiscutível, que, com interpretações tão variadas e fortemente defendidas, que esta é uma passagem difícil, que nós somente conseguimos compreender

adequadamente através da referência ao tema principal do livro, pelo contexto mais próximo desta advertência dentro de seu argumento, e pelo desenvolvimento do tema do autor dentro da própria advertência.

No que diz respeito ao livro, é melhor entendê-lo como destinado aos cristãos de origem judaica. Como já vimos, a força do antigo continua vigorosa nesta comunidade cristã/judaica, aproximadamente três décadas depois da morte de Cristo. Eles acreditam em Jesus como Salvador, mas ainda são fortemente atraídos à sua herança do AT. Desta forma, o autor parte para reforçar seu comprometimento com Jesus e o movimento cristão que florescia devido a uma abrangente exposição da superioridade de Jesus Cristo. Para demonstrar esta superioridade, o autor compara o Antigo e o Novo, ponto a ponto. O Antigo era mediado por anjos, o Novo pelo próprio Filho de Deus. O Antigo apresentava Moisés, um servo honrado na casa de Deus. O Novo apresenta Jesus, o Construtor e Proprietário da casa em que Moisés serviu. O Antigo tinha um glorioso sumo sacerdócio. O Novo tem um sumo sacerdócio muito mais glorioso, exercido pelo próprio Senhor Jesus. E em cada ponto, o sacerdócio de Jesus, que é tipificado pelo de Melquisedeque, é muito superior ao sacerdócio de Arão.

É dentro desta discussão sobre os dois sacerdócios que se encontra a passagem de advertência da carta aos Hebreus. A implicação está clara. Como alguém poderia pensar em voltar a procurar o relacionamento com Deus por intermédio de um sacerdócio cujas deficiências estão tão claramente exibidas em contraste com a “eterna salvação” (5.9) que nos é assegurada pelo sumo sacerdócio de Jesus Cristo?

Em meio a esta argumentação, o autor faz uma pausa para examinar a experiência atual daqueles a quem ele escreve, e insiste para que examinem com ele as implicações da escolha que estão considerando fazer.

Interpretação. A advertência é desenvolvida com uma lógica própria. Nós podemos resumi-la da seguinte maneira:

A negligência fez com que os leitores permanecessem imaturos (5.11-14). Eles não aplicaram à vida cotidiana os princípios da fé cristã, que é a única que pode levá-los à maturidade ou à perfeição.

Eles concentravam sua atenção nas verdades fundamentais e rudimentares (6.1-3). As coisas que eles enfatizam são a fundação da herança judaico-cristã. Estas são as coisas sobre as quais os cristãos devem construir, e não às que devem constantemente retornar.

Eles deixaram de ver as implicações da escolha que estão considerando fazer (6.4-6). Aqui o argumento realmente se torna hipotético. O autor pergunta: “O que deve um cristão que deu as costas para a cruz fazer para retornar? Crucificar Jesus novamente?”

De volta ao assunto da maturidade/perfeição, o autor usa a imagem familiar de um campo (6.7,8). A graça é, para o crente, o mesmo que a chuva é para um campo. As duas coisas foram imaginadas pelo Criador para produzir uma colheita. O campo que produz somente ervas daninhas é queimado, para que suas cinzas possam fertilizar o solo. Em vez de imaginar um retorno ao Antigo Concerto, os leitores devem mergulhar na graça que flui até eles por meio de Jesus, seu Sumo Sacerdote, tornando-se maduros para que possam produzir frutos.

O autor volta a tranqüilizar seus leitores. Apesar de sua advertência, ele está confiante de que Deus produzirá as “coisas que acompanham a salvação” (6.9) em suas vidas. Para isto, eles devem continuar com suas boas obras e “mostrar o mesmo cuidado” (6.11) juntamente com aqueles que “pela fé e paciência, herdam as promessas” (6.12).

A lógica da advertência, então, expressa a preocupação do autor com seus irmãos. Ele não teme que eles se percam. Esta realmente não é sua preocupação na advertência. No entanto, ele teme que estes crentes hebreus possam deixar de compreender o problema, e como resultado estarão aprisionados em um modo de

vida que não pode levá-los à maturidade espiritual, nem tornar suas vidas frutíferas para Deus.

Sem comentar cada palavra desta argumentação, nós realmente precisamos dedicar maior atenção aos três versículos críticos sobre os quais houve tanto debate.

Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro, e recaíram sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério (Hb 6.4-6).

A primeira coisa que devemos admitir é que o autor sem dúvida identificou as pessoas que ele tem em mente como sendo cristãos. Eles são descritos por quatro expressões que estão no particípio, das quais a primeira é complementada pelas outras três. O autor está falando de pessoas que:

Foram iluminadas: isto é, elas:

provaram o dom celestial

se fizeram participantes do Espírito Santo

provaram a boa Palavra de Deus.

Nos textos de João e de Paulo (Ef 5.14), a “luz” vem com a aceitação da mensagem do evangelho. Todos os demais caminham nas trevas. No NT, em particular, “provar” é usado metaforicamente a respeito da experiência consciente de uma relação. Alguém que “prova” a morte está morto (Jo 8.52; Hb 2.9). Portanto, não existe nenhum contraste implicado aqui entre “provar” e “experiência completa”. Estes são os verdadeiros crentes, que experimentaram o dom da salvação, receberam o Espírito Santo, e participaram da boa palavra de Deus. Eles são fiéis cristãos em todos os sentidos da palavra.

O que dizer do argumento de que “é impossível que os que... recaíram sejam outra vez renovados?” (6.4,6). A palavra adynaton, “impossível”, é forte e absoluta e, nesta mesma carta, é usada a respeito da impossibilidade de Deus mentir (6.18), a impossibilidade de que o sangue de animais remova pecados (10.4), e da impossibilidade de agradar a Deus sem fé (11.6). Claramente, o autor sustenta que se um cristão apostatar, não existe um caminho de volta. Observe, no entanto, que ele não implica que um cristão irá ou poderá apostatar. O argumento “é impossível, se... então” é, por sua própria forma, necessariamente hipotético. Se um verdadeiro cristão apostatar (e isto não implica nem que sim, nem que não) então ele nunca poderá se arrepender e retornar ao relacionamento perdido.

Mas por que não? A resposta é que a atitude de se afastar de Cristo envolve uma rejeição da eficácia que Ele ofereceu como nosso Sumo Sacerdote. E o que faria alguém que rejeita esta bênção? Pediria para que Jesus fosse crucificado novamente? Inimaginável! Pois fazer isto seria expor Cristo ao vitupério, e seria uma admissão de que seu sacrifício foi inadequado para fazer por nós o que Deus havia prometido.

Nós podemos parafrasear estes versículos (6.4-6) da seguinte maneira:

O que você desejaria fazer? Abandonar os fundamentos de fé e retornar ao judaísmo? Como, então, você poderia retornar ao relacionamento do Novo Concerto com o Senhor – você, que foi iluminado, provou do dom celestial, participou do Espírito Santo, e conheceu o fluxo do poder da ressurreição? Você crucificaria Jesus novamente, e por meio de um novo sacrifício seria trazido de volta ao arrependimento? Completamente impossível! Que desgraça esta idéia de que a obra de Jesus por você não é suficiente!

E assim a advertência do autor pretende mostrar aos seus leitores que não existe uma maneira possível de retornar ao Antigo Concerto. Cristo agora vive como Sumo Sacerdote para todos aqueles que crêem nele. Retornar seria negá-lo. E se alguém negar a Cristo e à Sua obra, já não existe esperança.

Implicações. Hoje é popular procurar uma melhoria do relacionamento cristão/judeu afirmando uma "teologia de dois concertos". O Concerto Mosaico, dizem alguns, ainda está em vigor para Israel. O Novo Concerto, dizem as mesmas pessoas, abre para os gentios um caminho de salvação que os judeus não necessitam.

Como soa estranho este argumento quando ouvimos novamente as palavras do autor da carta aos Hebreus. Cristo foi indicado Sumo Sacerdote para representar todos aqueles que vêm a Deus por meio dele. Cristo é o Mediador do Novo Concerto, um concerto que substituiu aquele sistema antigo que "foi tornado velho e se envelhece" e... "perto está de acabar" (8.13). E acabou, pois hoje nenhum Sumo Sacerdote oferece sacrifícios no Dia da Expiação. Nenhum templo permanece contendo um altar onde o sangue sacrificial tenha sido derramado. Hoje, a única esperança de toda a humanidade, dos judeus e dos gentios igualmente, é encontrada em Jesus Cristo.

Jesus, a Nossa Santificação

EXPOSIÇÃO

O autor da carta aos Hebreus se prepara para demonstrar a superioridade de Cristo e do Novo Concerto que Ele administra. Ele mostrou que Jesus é superior em Sua Pessoa (caps. 1–2). Jesus também é superior a Moisés como legislador, pois Ele fala como o Filho com a voz impositiva de Deus (caps. 3–4). O autor também mostrou a superioridade de Cristo como Sumo Sacerdote (caps. 5–6) e argumentou que a mudança no sacerdócio que Jesus representa implica numa mudança em todo o sistema da religião por meio do qual o crente do AT se relacionava com o Senhor (cap. 7). Especificamente, Cristo introduz o Novo Concerto, que o próprio AT prediz que substituirá o Concerto Mosaico. Por meio do ministério do Novo Concerto de Cristo, os pecados que antes eram meramente cobertos agora são completamente perdoados, os seres humanos são transformados e um novo relacionamento, mais íntimo, com Deus é estabelecido (cap. 8).

Agora o autor prossegue, mostrando que, embora somente o sangue sacrifical possa obter o perdão, os sacrifícios de animais oferecidos sob o Antigo Concerto, e o Tabernáculo onde seu sangue era derramado, não eram nada além de imagens indistintas de uma realidade celestial (9.1–10.18). Aquele sangue oferecido na terra purificava as coisas terrenas, mas não era capaz de purificar a consciência dos seres humanos. O sangue do sacrifício de Cristo é infinitamente superior, pois seu sangue foi oferecido ao céu. O sangue de Cristo não somente obteve a salvação eterna para nós, mas purifica até mesmo as nossas consciências para que possamos sentir a transformação interior aqui e agora. Os sacrifícios de animais que eram oferecidos repetidamente nos lembram da nossa condição pecadora, pois eles não podem apagar os pecados. Em contraste, o sangue de Cristo foi oferecido de uma vez por todas, e esse único sacrifício nos purifica para sempre dos nossos pecados, pois ele nos garante o perdão completo e absoluto.

O autor agora concluiu sua grande comparação entre o Antigo Concerto e o Novo. E assim ele escreve o que alguns interpretam como uma nova advertência. Se aqueles que rejeitam a Lei de Moisés “morrem sem misericórdia” (10.28), quão mais certo será o castigo daqueles que rejeitam a graça oferecida sob um Novo Concerto que foi instituído com o sangue do Filho de Deus? Mas este lembrete não tem a intenção de ser uma ameaça aos leitores cristãos-judeus do autor, mas sim um incentivo. Deus, agora e então, é o Defensor de sua Palavra. Na verdade, no despertar de sua fé estes cristãos suportaram intensos sofrimentos. Certamente eles não “rejeitarão sua confiança” (10.35), mas, em lugar disso, depois de fazer a vontade de Deus, “poderão alcançar a promessa” (10.36).

Com a conclusão desta grande exposição do Antigo e do Novo Concerto, o autor revê brevemente o papel da fé (cap. 11). Em lugar de argumentar, como Paulo faz na carta aos romanos, este autor simplesmente expõe o fato de que a fé em Deus (em lugar da observância à Lei) foi a chave para todas as realizações e sucessos dos santos, sob o Antigo Concerto e também sob o Novo! E agora nós recebemos, no Novo Concerto instituído por Cristo, algo que não é diferente no caráter básico, mas que é muito, muito “melhor” (11.40). Em vista deste testemunho que tem passado geração após geração de santos, nós precisamos fixar os olhos em Jesus como “autor e consumador da fé” e, com perseverança, devemos segui-lo (12.1-3).

Então, como os cristãos hebreus devem entender as perseguições que, conforme esta próxima seção pode sugerir, levaram à sua hesitação, em primeiro lugar? Pois a história nos conta que os cristãos judeus da Palestina foram severamente perseguidos por seus irmãos judeus, vindo não somente a cair no ostracismo, mas também empobreceram e foram “feitos espetáculo com vitupérios e tribulações” (10.33). Tais experiências, diz o autor, devem ser vistas como disciplina, imposta por um Pai Celestial amoroso para “produzir um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela” (12.4-13).

Entendendo isto, cada cristão deve se concentrar na santidade, sendo sempre sensível à graça de Deus e ao fato de que ao se comprometer com o Senhor no relacionamento do Novo Concerto, o crente deve se afastar da terra e das coisas terrenas para ser leal ao reino de Deus que não podemos contemplar visivelmente. O universo criado, em breve será levado à não existência e então somente as realidades celestiais, agora invisíveis, permanecerão. E nós, que adoramos a Deus de uma maneira aceitável, com reverência e temor,

permaneceremos juntamente com estas realidades (12.14-29).

O último capítulo do autor (13.1-25) contém uma série de exortações breves, e aquela que talvez seja a maior bênção de todas: “O Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém!”

ESTUDO DA PALAVRA

Ora, também o primeiro tinha ordenanças de culto divino e um santuário terrestre (9.1). O autor volta na história até o Tabernáculo, cujo padrão foi duplicado no Templo de Jerusalém. Ele argumenta que embora este se baseasse em realidades celestiais, na melhor hipótese era uma sombra terrena lançada sobre aquelas realidades, servindo como “uma alegoria para o tempo presente” (9.9). O fato de que o autor não se refira à destruição do Templo de Jerusalém, que tornou impossível para Israel oferecer os sacrifícios exigidos por Moisés, sugere que esta carta foi escrita antes de 70 d.C. A destruição, no entanto, mais tarde apresentou uma questão mais significativa. Como os judeus poderiam relacionar-se com Deus sob o Antigo Concerto quando os requisitos básicos daquele sistema de concerto não podiam ser satisfeitos?

Os sábios do judaísmo rabínico se debatiam com este problema depois da destruição. A quem pagar o dízimo, se os levitas já não serviam no Templo e exigiam um dízimo por seus serviços? (Nm 18.21) A resposta dos sábios foi que o dízimo deveria ser entregue a um sacerdote, mas somente alguém que tivesse estudado (um haverim), e como um favor.

Mas e quanto aos sacrifícios que eram fundamentais para o sistema do AT, e por cujo intermédio acontecia a expiação dos pecados pelo povo de Deus?

O seguinte fragmento, extraído da compilação do Midras, chamado Pesiqta deRab Kahana, revela a solução dos sábios:

2. B. “Disse o Santo – bendito seja ele – a eles: ‘Quando vocês se envolverem no estudo deles, será como se vocês realmente os cumprissem’”.

3. A. R. Huna fez duas afirmações.

B. R. Huna disse: “Todos os exilados serão reunidos somente no interesse do estudo dos ensinamentos do Midras”.

C. “Qual versículo das Escrituras diz isso? ‘Ainda que eles marquem [os ensinamentos da Mishna] entre as nações, eu os congregarei’” (Os 8.10).

D. R. Huna fez uma segunda afirmação.

E. R. Huna disse: “Mas, desde o nascente do sol até ao poente, será grande entre as nações o meu nome; e, em todo lugar, se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura” (Ml 1.11). É o caso de que uma oferta pura seja feita na Babilônia?

F. “Disse o santo, bendito seja ele: ‘Quando vocês se envolverem no estudo dele, será como se vocês realmente o oferecessem’”.

4. A. Samuel disse: “E, envergonhando-se eles de tudo quanto fizeram, faze-lhes saber a forma desta casa, e sua figura, e suas saídas, e suas entradas, e todas as suas formas, e todos os seus estatutos, e todas as suas formas, e todas as suas leis; e escreve isto aos seus olhos, para que guardem sua forma” (Ez 43.11).

B. “Mas existe alguma coisa como a forma da casa nesta época?”

C. “Mas disse o Santo, bendito seja ele: ‘Quando vocês se envolverem no estudo do assunto, será como se vocês realmente a construíssem’”.

Os sábios, depois da destruição do Templo de Jerusalém, rejeitaram a argumentação cristã de que o sacrifício de Cristo cumpria e tornava irrelevantes os sacrifícios exigidos sob o Antigo Concerto. Ainda assim, era impossível que qualquer sumo sacerdote servisse num Templo não existente ou cumprisse a lei no que dizia respeito aos sacrifícios. Tudo o que sobrou aos adeptos da fé do AT

foi o próprio AT. E, portanto, a conclusão dos sábios foi aquilo que nós vimos, que o estudo dos sacrifícios e das ofertas agora seria o mesmo que realizar essas práticas. E que o estudo do Templo agora seria o mesmo que subir até aquela casa de Deus para ali adorar ao Senhor.

A solução é criativa, mas uma vez mais os ensinos dos homens substituem as exigências definidas na Palavra de Deus. A destruição do Templo de Jerusalém na verdade validou todos os argumentos desenvolvidos pelo autor da carta aos Hebreus. O “santuário terrestre” (9.1) foi destruído. Mas Cristo, o nosso Sumo Sacerdote, tomou o ministério antes realizado pelos filhos de Arão, e por meio da oferta de sua própria vida em sacrifício, abriu o caminho para nós no verdadeiro santo dos santos, no próprio céu.

É uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço, consistindo somente em... várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção (9.9,10). Diversas vezes em Hebreus 9–10 o autor se refere à consciência, e contrasta o efeito do sangue de Cristo com o efeito dos sacrifícios de animais do AT. O sangue de Cristo purifica o crente internamente. Os sacrifícios do AT tinham efeitos externos, purificando somente as coisas materiais e mesmo assim transitoriamente, pois aqueles sacrifícios eram repetidos diariamente.

O Zondervan Expository Dictionary of Bible Words comenta sobre a consciência purificada (9.14), enfatizada nesta seção de dois capítulos pelo autor da carta aos Hebreus:

A carta aos Hebreus nos mostra outro aspecto da consciência. O autor examina o sistema de sacrifícios do AT, com seus sacrifícios repetidos pelos pecados, observando que eles “quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço” (9.9). Os sacrifícios infindáveis eram na verdade um “lembrete anual dos pecados” (10.3), um constante testemunho para o adorador de que seu passado permanecia com ele e que ele continuava sendo culpado diante de Deus. Todos os pecados de um indivíduo acumulavam-se em sua consciência, alardeando sua culpa e esgotando qualquer confiança na possibilidade de um futuro diferente.

A culpa faz isto conosco. Ela consome a nossa resistência e nos deixa sem disposição de correr riscos. Ela nos rouba a esperança de que o nosso futuro será diferente do nosso passado.

A carta aos Hebreus apresenta este argumento para mostrar um contraste. O que os sacrifícios do AT não podiam fazer, o sangue de Jesus realiza. Aquele sangue, oferecido a Deus, realmente "purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo" (9.14). Por intermédio de Cristo nós fomos purificados "de uma vez por todas" (10.2,10,14). Com os nossos pecados perdoados, e nós mesmos purificados, temos a certeza de que o próprio Deus já não mais se lembra dos nossos atos ilícitos (10.17).

A purificação é ao mesmo tempo objetiva, realizada pelo sacrifício de Deus, e subjetiva, experimentada progressivamente à medida que nos apossamos do que Jesus fez por nós. Haverá ocasiões em que nossa consciência arrastará nosso olhar de volta ao passado e proferir acusações. Então nós deveremos nos lembrar de que nossos pecados estão perdoados (e o passado esquecido). Nós precisamos esquecê-los (e ao passado) e olhar para frente, para a maneira como podemos servir ao Deus vivo.

À medida que continuamos a ter confiança na palavra de Deus e a agir de acordo com a promessa de um novo futuro, a nossa confiança será recompensada. E nós estaremos livres para olhar somente para frente, entusiasmados a respeito das nossas oportunidades de servir ao Senhor (pp. 186-87).

Onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive? (9.16,17). A palavra traduzida como "testamento" é diatheke, usada na Septuaginta e no NT para transmitir a idéia de concerto. A flexibilidade de diatheke permite que o autor realize um intercâmbio fácil entre o conceito de um concerto e o de um testamento. O principal ponto de comparação é que em cada caso a morte assinala os termos do documento final. Quando alguém morre, ninguém pode modificar os termos de seu testamento: uma vez em vigor, é irrevogável.

A palavra grega traduzida como “intervenha a morte” é pheresthai, que quer dizer “apresentar”, e talvez seja usada aqui com o sentido técnico de “ser registrado” ou “demonstrado por evidências”. A morte de Cristo instituiu o Novo Concerto; Ele “ofereceu-se uma vez, para tirar os pecados de muitos” (9.28). O Novo Concerto está agora, irrevogavelmente, em vigor, e o Antigo Concerto tornou-se obsoleto (8.13).

Nesses sacrifícios, porém, cada ano, se faz comemoração dos pecados (10.3). A palavra grega é anamnesis, “lembrança”. O que o autor quer dizer é que os sacrifícios do sistema Mosaico estimulavam a recordação dos pecados. Uma analogia pode ser útil. Uma pessoa com rins deficientes pode ser forçada a usar freqüentemente uma máquina de diálise para limpar seu sangue. Embora a máquina ajude a mantê-la viva, cada uso também a faz lembrar de sua doença mortal.

O próprio fato de que os sacrifícios do Antigo Concerto tivessem que ser repetidos constantemente lembrava o adorador de sua condição de pecador. Em contraste, o fato de que Cristo ofereceu um único sacrifício e então “está assentado para sempre à destra de Deus” (10.12) mostra que seu sacrifício foi eficaz. A novidade gloriosa é que o pecado já não mais representa um problema! Pois sob o Novo Concerto Deus disse “jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniqüidades” (10.17).

Onde há remissão destes [pecados], não há mais oblação pelo pecado (10.18). Este versículo resume o ensino destes capítulos. De acordo com a vontade de Deus “temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez” (10.10).

Deus permitiu a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. porque os serviços realizados ali tinham se tornado completamente irrelevantes! A verdadeira resposta ao problema com o qual se debatiam os sábios do judaísmo rabínico não é o estudo das regras sobre os sacrifícios e as ofertas. A verdadeira

resposta é que o Antigo Concerto foi substituído pelo Novo Concerto. Pela morte de Jesus Cristo, a salvação está garantida para todos aqueles que estiverem dispostos a ir a Deus por meio deste precioso Cristo.

Se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados (10.26). “Verdade” (alethia) aqui significa o conteúdo do evangelho. O autor não está se referindo àqueles que receberam a Pessoa do Salvador, mas àqueles que conheceram a verdade do Novo Concerto e a rejeitaram. Eles certamente estão sujeitos a uma punição muito mais séria do que a pena de morte imposta àqueles que rejeitaram o caminho assinalado no Antigo Concerto. Existem três motivos. Aquele que rejeita a Cristo:

“Pisou o Filho de Deus” (10.29). Esta expressão forte vai além da rejeição até a consideração com hostilidade e desprezo completo.

“Profanou o sangue da aliança” (10.29, versão ARA)

“Ultrajou o Espírito da graça” (10.29, versão ARA)

Uma vez mais, somos lembrados de uma verdade básica enfatizada no NT, mas freqüentemente comprometida nos tempos modernos. Ali a verdade é somente um caminho para a salvação. Afastar-se de Jesus Cristo e tentar aproximar-se de Deus de qualquer outra maneira é uma atitude que merece “certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (10.27).

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem (11.1). Este famoso capítulo é freqüentemente interpretado como um conjunto de observações gerais sobre a natureza da fé. Mas que papel tem o capítulo no argumento global do autor?

Na verdade, o autor faz diversas afirmações significativas sobre a fé. A fé proporciona a perspectiva que nos capacita a perceber que Deus é diferente do universo material, mas ainda assim é sua origem (11.1). A perspectiva da fé é também essencial para o relacionamento com Deus, pois ela nos capacita a senti-lo não somente como uma realidade presente, mas a vê-lo como uma Pessoa – que recompensa aqueles que o procuram fervorosamente (11.6). Mas a intenção do autor não é realmente filosofar sobre Deus ou sobre a fé. Sua intenção é mostrar-nos que a "fé", tão essencial no relacionamento entre um crente do Novo Concerto com o Senhor, também era essencial no relacionamento dos santos do AT que viveram na época do Antigo Concerto.

Em Romanos 4, o apóstolo Paulo faz algo semelhante. Depois de mostrar que a Lei não consegue salvar, ele se volta para o AT para provar que a fé sempre foi a chave para o relacionamento pessoal com Deus. Fazendo referência a Abraão e a Davi neste capítulo, Paulo cuidadosamente expõe os textos associados a cada um deles para construir um argumento bíblico cautelosamente fundamentado.

Em Hebreus 11, o autor não argumenta: ele mostra. Repetidas vezes, ele destaca que "pela fé" os heróis e as heroínas do AT realizaram grandes obras (11.4-35a). Além disso, aqueles que fracassaram segundo os padrões humanos, e sofreram ou até mesmo perderam suas vidas, todos "obtiveram bom testemunho por sua fé" (11.39, versão ARA).

Portanto, não é de admirar que aquele algo "melhor" (11.40) que Deus possibilitou para nós no Novo Concerto também possa ser obtido pela fé. E o sistema Mosaico, agora obsoleto, não deve ter relevância para aqueles cuja fé está firmada em Jesus Cristo.

Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas (12.1). A palavra nuvem (nephos) era algumas vezes usada metaforicamente no grego clássico com referência a uma grande multidão. "Testemunhas", aqui, é marturon. A palavra "portanto" sugere que o autor não tem em mente "espectadores". Ele parece estar pensando naqueles que foram descritos no capítulo 11, que nos deram testemunho do que significa correr a corrida da vida pela fé.

Suas palavras seguintes nos lembram de que nós obtemos a força necessária para correr essa corrida olhando para Jesus. Talvez as testemunhas, vivendo ainda com o Senhor em quem confiaram, não somente nos inspirem, mas até mesmo nos incentivem.

Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos (13.2). No versículo 1 deste capítulo, o autor convoca à “caridade [ou amor] fraternal” (philadelphia). Aqui ele convoca à hospitalidade, usando uma palavra grega que literalmente significa “amar os estrangeiros” (philoxenia).

É importante recordar que embora nossa fé nos convoque a amarmo-nos uns aos outros intensamente, ela também nos convoca a mostrar hospitalidade para com os estranhos. O amor de Deus não se limita ao nosso pequeno círculo de amigos. Em Cristo, esse círculo se expande passando a abranger toda a humanidade.

Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei (13.5). A palavra é apkoumenoi, e significa “ter o suficiente”. A maioria dos usos no NT concentra a nossa atenção na atitude de contentamento que nos permite a satisfação com o que estiver disponível (1 Tm 6.6-8).

Aqui o autor estabelece um contraste significativo. Por um lado, uma pessoa pode amar o dinheiro, concentrando sua atenção nele como uma base para sua segurança. Ou pode concentrar sua atenção em Deus, e encontrar a base para sua segurança no Senhor.

Nenhum versículo do AT apresenta as palavras exatas que o autor cita. No entanto, o filósofo judeu do século I, Filo, usa exatamente as mesmas palavras em uma de suas obras, o que sugere que os dois estão citando uma interpretação

da Septuaginta que foi perdida. A idéia, entretanto, está refletida em várias passagens do AT:

E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra, porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito (Gn 28.15).

Esforçai-vos, e animai-vos; não temais, nem vos espanteis diante deles, porque o Senhor, vosso Deus, é o que vai convosco; não vos deixará nem vos desamparará (Dt 31.6).

Ninguém se susterá diante de ti, todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei (Js 1.5).

Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e sua língua se seca de sede; mas eu, o Senhor, os ouvirei, eu, o Deus de Israel os não desampararei (Is 41.17).

Por toda a história sagrada, Deus foi a única das “partes” do concerto que se manteve estável na experiência de seu povo. Aqueles que olham para Ele se sentem seguros, a despeito das incertezas da vida. Aqueles que procuram a segurança nas coisas materiais permanecem sempre descontentes.

Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para sua maneira de viver (13.7). A palavra grega aqui é o particípio presente do verbo hegeomai. Este é um termo muito genérico, e não define posição, como seria o caso de “presbítero”, “bispo” ou “apóstolo”. Nós só sabemos que esses pastores falavam a palavra de Deus para os hebreus, quer no início de sua história, ou mais recentemente, na época destes escritos. A “sua maneira de viver” provavelmente não é, como sugerem alguns, o martírio. Essa

maneira se deve mais ao caráter cristão do que ao modo de vida que a fé produz.

Esta palavra para “pastor” (ou líder) é usada três vezes neste breve capítulo; aqui, no versículo 17, e no versículo 24. O versículo 17 é particularmente importante – e freqüentemente mal interpretado. A obra Church Leadership (Zondervan) comenta este versículo de forma profunda:

O livro de Hebreus primeiramente exorta os crentes: “Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para sua maneira de viver” (13.7). Logo em seguida, o autor diz: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles” (v. 17). Parece que aqui nós temos um caso nítido do mesmo tipo de autoridade que este capítulo sugere que os líderes espirituais devem rejeitar. Aqui há uma exigência de obediência. Os pastores devem ter pelo menos algum direito de controle. E aqui há uma referência a uma “autoridade” que os líderes têm.

Mas vamos examinar mais detalhadamente este versículo. No original, a frase é Peithesthe tois hegoumenois hymon kai hypeikete. Cada palavra aqui é significativa e transmite uma mensagem muito diferente da transmitida pela equivalente em português.

Peithesthe vem de peitho, que literalmente quer dizer “permitam-se ser persuadidos ou convencidos”. Uma tradução correta seria “estejam abertos para a persuasão de seus líderes”.

Tois hegoumenois hymon é traduzida como “seus pastores”. É uma palavra usada sobre os governantes e príncipes, mas a palavra original significa “liderar ou guiar”. Aqui vemos o líder espiritual da igreja como aquele que percorreu o caminho rumo à santidade e, como um modelo válido, é capaz de mostrar este caminho aos demais.

Hypeikete é uma única palavra traduzida pela expressão “sujeitai-vos a eles”. A palavra é algumas vezes traduzida desta maneira. No entanto, originalmente, ela era usada, como no grego clássico, para descrever substâncias suaves e flexíveis. A idéia raiz não é “entregar-se” mas “estar disposto a ceder”.

Toda a instrução, portanto, se concentra na atitude que os membros do corpo devem manter em relação aos seus líderes. Nós podemos parafrasear a instrução e desta forma captar a idéia subjacente ao versículo como ela teria sido compreendida por um leitor grego do NT: “Em seu relacionamento com aqueles que são seus líderes e guias à religiosidade, estejam certos de manter uma disposição de ceder e permaneçam abertos à sua persuasão”. A passagem continua: “porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil”.

Com esta perspectiva, todo o sentido de obedecer é alterado. A “autoridade” do líder não é vista como sendo algum direito de controle, mas somente como um direito de influenciar as escolhas dos irmãos e das irmãs sobre quem o líder mantém vigilância (p.140).

Porque os corpos dos animais cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o Santuário, são queimados fora do arraial. E, por isso, também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta. Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério (13.11-13). A frase permite múltiplas imagens. O primeiro uso se refere à disposição dos corpos dos animais de sacrifício cujo sangue era apresentado ao Senhor no Dia da Expiação. Mas também existe uma recordação de que nos dias da experiência de Israel no deserto, aqueles considerados impuros eram banidos e isolados do povo de Deus. O fato de que Cristo morreu numa cruz de madeira (“o madeiro”, Gálatas 3.13) desqualificava Jesus para sempre da participação naquela comunidade formada pela Lei. Mas a mesma coisa que o torna amaldiçoado aos olhos de Israel, torna santos aqueles que nEle crêem.

A conclusão é inevitável. O próprio Cristo está excluído para sempre da comunidade de fé do AT. Estes cristãos judeus não podem mais hesitar. Eles devem aceitar aquilo que para os amigos e vizinhos do Antigo Concerto parece ser uma vergonha, e devem sair, ficando separados daquela comunidade para mostrar sua solidariedade com Cristo e seu compromisso com o Novo Concerto que substitui o antigo.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

Deus Disciplina seus Filhos (Hb 12.4-15)

Contexto. Em suas primeiras décadas, o movimento cristão era considerado uma seita do judaísmo. Esta visão também foi inicialmente mantida pelos líderes judeus. Isto está claramente refletido nas palavras da comunidade cristã da Palestina a Paulo, registradas em Atos 21.20: “Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei”.

Mas os relatos do ministério de Paulo aos gentios fora da Palestina levaram a sérias preocupações. Não é que a comunidade cristã objetava à mensagem da salvação pela fé. Naquela época, nos anos 50 d.C., os cristãos de origem judaica da Palestina estavam preocupados porque Paulo... ensinava “todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei” (At 21.21).

Este compromisso com o “costume da lei” não estava arraigado em nenhum esforço nem compromisso, mas nasceu do compromisso que os judeus-cristãos sentiam em relação ao AT, e em seu sentimento de que sua fé em Cristo era um desenvolvimento adicional daquela primeira revelação, e não rejeição dela. Mas mesmo naqueles primeiros dias os cristãos eram discriminados dentro da vasta comunidade judaica da Palestina. Um dos motivos de Paulo para insistir freqüentemente com os gentios na coleta das ofertas para os santos da Palestina é que, em tempos de dificuldades, a minoria judaico-cristã era a primeira a perder o trabalho e era negligenciada na distribuição da caridade que era uma obrigação tão importante dentro do judaísmo.

Aparentemente, na época em que a carta aos Hebreus foi escrita, no final dos anos 60 d.C., a divisão entre as comunidades judaica e judaico-cristã na Palestina havia aumentado. Na verdade, um dos mais interessantes relatos paralelos na história da igreja primitiva é o de que, antes da destruição de Jerusalém, os profetas cristãos tinham avisado aqueles que criam em Jesus para que fugissem da cidade. Apesar do comprometimento compartilhado com os

costumes enraizados no AT, as comunidades do Antigo Concerto e do Novo Concerto haviam se tornado progressivamente distintas.

Esta separação das comunidades ocorreu muito mais rapidamente fora da Palestina. Pouco tempo depois da primeira viagem missionária de Paulo, desenvolveu-se a oposição judaica, e o NT fala freqüentemente dos judaizantes que tentavam impor um modo de vida do Antigo Concerto aos gentios convertidos.

Uma hostilidade desenvolvida dos judeus contra os cristãos está refletida na carta de Apocalipse a Esmirna, com data de 90 d.C., aproximadamente. Esta carta adverte e incentiva:

Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são, mas são a sinagoga de Satanás. Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida (Ap 2.9,10).

Tudo isto nos dá uma perspectiva melhor sobre a situação que enfrentavam aqueles a quem se destina a carta aos Hebreus. A separação entre as comunidades do Antigo e do Novo Concerto tinha crescido. Agora, por fim, os cristãos hebreus precisavam considerar se eles estavam ou não dispostos a “sair, pois, a ele [Jesus] fora do arraial, levando seu vitupério” (13.13). Para ajudá-los a considerar esta escolha, o autor comparou cuidadosamente as características do Antigo e do Novo Concerto, para demonstrar a superioridade do Novo. Ele mostrou que por toda a história sagrada foi a fé, e não “o costume da lei” (At 21.21), que foi o elemento chave.

Agora, em Hebreus 12, o autor lida com uma outra questão. O compromisso atualmente de seus leitores com Cristo lhes trouxe sofrimento. E mais sofrimento os espera, certamente. Como pode o sofrimento ser explicado dentro do contexto do Novo Concerto?

Interpretação. No início de Hebreus 12, o autor usa a imagem de uma corrida. Em 12.4, a imagem muda. O crente ainda está em uma competição, mas desta

vez é uma luta de boxe, e o adversário do cristão é o próprio pecado. Diferentemente de Cristo, estes cristãos ainda não sangraram em sua luta. Quaisquer que sejam os sofrimentos ou as perseguições que o comprometimento completo possa trazer, sua aflição não pode ser comparada à do Senhor.

Tendo dito isto, o autor prossegue explicando o papel do sofrimento da experiência do Novo Concerto. Ele afirma diversas coisas:

O sofrimento é uma correção motivada pelo amor (12.5,6).

A correção é um direito e uma obrigação de um pai (12.7-10a).

A correção de Deus tem a finalidade de produzir justiça e paz (12.10b,11).

A nossa resposta à correção é crítica (12.12-15).

Na estrutura destes poucos versículos, temos uma resposta satisfatória àquela pergunta que perturbou os crentes desde o tempo de Jó, e certamente antes dele: por que os justos sofrem? Por que acontecem coisas más às pessoas boas? A resposta que este autor apresenta é: porque Deus nos ama como filhos.

O sofrimento é uma correção motivada pelo amor (12.5,6). Este ponto básico fica estabelecido com a citação de Provérbios 3.11,12. Em lugar de perder a coragem com o sofrimento, devemos nos encorajar lembrando que “o Senhor corrige quem ele ama”.

“Correção” é uma palavra difícil para nós porque tem a conotação de castigo. Mas a palavra em hebraico, yasar, e sua derivada musar denotam “correção que contribui para a educação”. Às vezes, isto pode envolver castigo, mas a atenção é sempre dirigida ao objetivo. Às vezes os meios podem ser dolorosos, mas o resultado pretendido é sempre para o bem da pessoa corrigida.

Isto é fortemente transmitido pela palavra grega usada nesta passagem, paideuo, que significa “educar” ou “instruir”. Em todas as ocorrências desta palavra no NT, exceto quatro, ela tem o sentido de uma orientação corretiva como meio de instrução ou educação. Desta forma os problemas que nós enfrentamos como cristãos não devem ser interpretados como uma retribuição ou um castigo. Não devem ser vistos como expressões de ira. E não devemos nos encolher por causa deles, temerosos de que de alguma maneira tenhamos ofendido a Deus e feito com que Ele nos retribua a ofensa. Tudo o que acontece conosco deve ser visto como uma expressão do amor divino.

A correção é um direito e uma obrigação do pai (12.7-10a). Cada filho reconhece o direito de seu pai humano de castigá-lo. Na verdade, a disciplina leva um filho a respeitar seu pai, apesar do fato de que os nossos pais, em vista das limitações humanas, só podem fazer o que acham que é melhor. As palavras sugerem claramente que os pais humanos cometem erros. E apesar disto, seus filhos continuam a respeitá-los.

Deus, o nosso Pai, não comete erros. Então deveríamos aceitar muito mais as dificuldades como uma disciplina de Deus, demonstrando o respeito que temos por Ele através da nossa atitude em meio aos problemas.

A correção de Deus é dirigida à produção de justiça e paz (12.10b,11). O autor revela o fim para o qual se destina a disciplina ou a correção de Deus. Não importa o quanto possam ser desagradáveis as experiências difíceis das nossas vidas, ou dolorosos os nossos sofrimentos, nós podemos obter consolo do fato de que “mais tarde” tais experiências produzirão “um fruto pacífico de justiça”.

O resultado, entretanto, não é automático. A palavra traduzida como “exercitados” no versículo 11 é gegymnasmenois, que deriva do atletismo, onde ela significa um exercício contínuo. O atleta diz: “sem esforço não há resultados”, querendo dizer que somente rompendo o tecido muscular e reconstruindo tecidos mais fortes é que ele pode atingir seu objetivo. A correção que Deus impõe nos dá oportunidades cada vez mais novas para nos exercitarmos espiritualmente, e desta forma nos aproximarmos mais do objetivo de Deus para nós, de vidas verdadeiramente justas e de paz interior.

A nossa resposta à correção é crítica (12.12-15). O que devemos fazer quando surgem as dificuldades? Desistir? Afundar em desespero? Abandonar a esperança e fugir com medo do futuro? De maneira nenhuma. Ao invés de permitir que o sofrimento nos paralise espiritualmente, devemos nos levantar, mobilizar os nossos recursos e prosseguir (12.12). E em que direção devemos seguir? Em direção à paz nos nossos relacionamentos sociais. E em direção à santidade em todas as áreas das nossas vidas.

A passagem termina com um lembrete fascinante. “Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem” (12.15). É fácil, sob a tensão do sofrimento, voltar-se para seu próprio interior e afundar-se em autopiedade. É fácil também ficar amargurado, consumido por pensamentos sobre a injustiça de tudo. O que o autor da carta aos Hebreus quer nos lembrar é que mesmo as nossas dificuldades são uma dádiva da graça de Deus.

A graça nos rodeia nos nossos sofrimentos. A graça vem até nós não somente por meio da nossa dor, mas também nela. Pois, em sua maravilhosa graça, Deus decidiu nos tratar como filhos; portanto, Ele está pessoalmente envolvido na nossa instrução. Aquilo que nós recebemos, vem diretamente de suas mãos. E o que recebemos por suas mãos é verdadeiramente bom.

Aplicação. Poucas passagens das Escrituras têm uma importância tão inequívoca para os leitores do século I, e ao mesmo tempo uma importância tão clara também para você e para mim. As palavras de Hebreus 12 permanecem

sendo um consolo e uma inspiração para todo crente que passa por qualquer tipo de sofrimento.

Como precisamos sentir o amor e a graça de Deus fluindo para nós em meio às coisas dolorosas que nos acontecem! Elas são, à medida que prosseguimos, as portas de Deus para a justiça e a paz.

TIAGO

A Vida Pela Fé

EXPOSIÇÃO

-

Tiago continua sendo um dos livros mais práticos e interessantes do Novo Testamento. Também foi um dos mais controvertidos, particularmente durante a Reforma quando os líderes protestantes emergentes ressaltaram a doutrina de Paulo a respeito da salvação somente pela fé. Tiago menciona freqüentemente a fé, mas sua ênfase na expressão da fé na vida do crente pareceu, para os reformadores, estar muito próxima à sugestão de uma salvação baseada em obras. Para Martinho Lutero, este livro foi "uma epístola sem valor" e somente sua autenticação pela igreja primitiva impediu que alguns o omitissem do cânone.

O livro foi escrito por Tiago, o meio irmão de Jesus, nos primeiros dias, antes que o agressivo movimento missionário cristão trouxesse aquele crescimento explosivo que foi marcado por um grande influxo de gentios. Desta forma, Tiago escreve numa ocasião em

que a igreja era nitidamente cristã-hebraica, e seus membros viviam como judeus praticantes. O Livro de Atos retrata Tiago como um líder proeminente da igreja de Jerusalém, uma posição confirmada pelo apóstolo Paulo em Gálatas 2.9. Tradições antigas conferem a Tiago o apelido "o Justo". Um interessante texto ilustra sua religiosidade dentro da estrutura dos costumes judaicos. Tradições antigas nos dizem que Tiago foi executado no ano 62 d.C., durante o período de três meses entre a morte de Pórcio Festo e a chegada de L. Lucceius Albinus para assumir o cargo de procurador de Roma. Isto foi feito por instigação do sumo sacerdote, Ananus II. Mas a reputação da religiosidade de Tiago era tamanha que os fariseus expressaram abertamente seu pesar e secretamente fizeram uma petição para remover Ananus de seu posto.

Fica muito claro, portanto, que o Livro de Tiago reflete o antigo cristianismo na Palestina, diante das questões surgidas nos anos 60, e do agravamento das distinções entre as comunidades de fé cristã e judaica. Muitos definiriam a data do livro como estando entre 45 e 50 d.C. Naquela época, as preocupações de Tiago eram claramente mais pastorais que polêmicas, pessoais e não teológicas. Sua maior preocupação era que aqueles que seguissem a Jesus vivessem vidas

apropriadas a homens e mulheres de fé. Com este tema em mente, nós podemos facilmente esquematizar o desenvolvimento deste livro pequeno, porém prático, do Novo Testamento.

Tiago começa com uma convocação à prática da vida pela fé (1.2–2.13). Ele desenvolve este tema examinando, em primeiro lugar, questões individuais: como o crente deve reagir diante das tentações (1.2-4); como deve pedir sabedoria a Deus (1.5-8); como deve lidar com as riquezas e a pobreza (1.9-11); como encarar e reagir às tentações (1.12-18).

Tiago então examina questões sociais: não há lugar para um temperamento irritável nem para a imoralidade, mas em lugar disso os crentes devem viver a Palavra (1.19-25). A religiosidade deve ser exibida no cuidado dos necessitados (1.26,27), ao rejeitar favoritismos (2.1-7), e pela prática do amor, e não somente em palavras (2.8-13). A seguir, naquela que é a passagem mais controvertida do livro, Tiago explica os princípios em que se baseia a vida de fé do crente (2.14-26). Veja O Texto em Profundidade sobre este tema.

Então Tiago volta-se a problemas que continuarão a atormentar qualquer pessoa que procure expressar sua fé na vida diária. Até mesmo o cristão mais

comprometido lutará para dominar sua língua (3.1-12), para pedir a sabedoria de Deus e não a do mundo (3.13–4.10), para deixar de julgar os outros (4.11,12) e para refrear a arrogância natural (4.13-17).

No entanto, o homem ou a mulher de fé tem expectativas que simplesmente não estão disponíveis a outras pessoas. O crente espera a futura compensação de Deus de todos os males que lhe foram feitos (5.1-6). Ele espera uma colheita pessoal de bênçãos futuras, apesar do sofrimento presente (5.7-11). E ele percebe as respostas às suas orações aqui e agora (5.12-18).

O livro termina com um lembrete misericordioso (5.19,20). Aqueles que se desviaram do caminho da fé não devem ser condenados, mas restaurados.

Por todo o livro, portanto, Tiago mantém nossos olhos fixos no que significa viver como um cristão. Para aqueles que argumentam que esta ênfase contradiz implicitamente os ensinos de Paulo sobre a fé como "simplesmente crer", João Calvino responde: "Não é necessário que todos aceitem os mesmos argumentos". Se você quiser saber como ser salvo, leia Paulo. Mas se quiser saber como os salvos devem viver, leia Tiago.

ESTUDO DA PALAVRA

Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações (1.2). A palavra peirasmois inclui testes morais, como tentações, e também testes externos, tais como perseguições. O fato é que os seres humanos são vulneráveis a ambas as fontes de tensão. Mas a pessoa que tem fé deve encarar esta situação na qual nos encontramos de uma forma positiva e com alegria. Por que? Porque se enfrentarmos as provas com “paciência” (1.3) nós nos tornaremos amadurecidos como cristãos, desta forma atingindo o objetivo de Deus para nós.

“Paciência” é hypomonen, uma palavra que sugere determinação e persistência. A tensão por si só não tem valor terapêutico. É a nossa reação, movida pela fé, à tensão, que produz a maturidade.

E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto (1.5). Aqui, como no Livro de Provérbios, “sabedoria” é saber como reagir às provas e aos desafios que enfrentamos em nossa vida diária. Tiago afirma duas coisas importantes. Primeiramente, Deus não se aborrece quando não sabemos o que fazer, mas está ansioso para nos mostrar nosso passo seguinte. E em segundo lugar, quando pedimos orientação a Deus, precisamos fazer isso com responsabilidade. Isto é, nosso motivo para pedir orientação deve ser a obediência e não a curiosidade. Não podemos nos aproximar de Deus perguntando: “o que devo fazer?” a menos que estejamos dispostos a fazer o que Ele nos mostrar.

Isto é salientado na descrição do homem “de coração dobre” (1.8). O termo grego é dipsychos, e significa “inconstante”. Ele é o homem que se mantém “sobre a cerca”, inclinando-se para um lado (“eu farei”) e para o outro (“não farei”). Deus não revela sua vontade para este tipo de pessoa.

Com o conhecimento vem a responsabilidade. A pessoa que sabe o que fazer, mas não o faz, é culpada de desobediência. Mas, da mesma maneira, revelar sua vontade àquele que está comprometido em realizá-la também é um ato de graça, pois a pessoa que realiza a vontade de Deus é abençoada em sua obediência.

Peçamos sabedoria a Deus. Mas somente o façamos se estivermos verdadeiramente dispostos a fazer o que quer que Deus nos mostre que devemos fazer.

Mas glorie-se o irmão abatido na sua exaltação, e o rico, em seu abatimento (1.9,10). A primeira palavra é hupsos, “exaltação”. A segunda é tapeinosis, “humildade/humilhação”. O perigo da pobreza é que uma pessoa pode invejar os ricos e sentir-se inferior, ao passo que o perigo da riqueza é que uma pessoa pode tornar-se orgulhosa e arrogante. Cada perigo é equilibrado pela perspectiva da vida, que é modelada pela fé. O pobre encontra conforto e identidade na percepção de que em Cristo ele foi exaltado até a posição de um filho de Deus. O rico recupera a humildade ao contemplar o fato de que a riqueza material é passageira, e que para vir até o Senhor ele abandonou a dependência de suas posses, aproximando-se de Deus como um homem necessitado, procurando a salvação que está enraizada na graça.

Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado (1.13). “Tentado” aqui é peirasmos, que pode referir-se a circunstâncias externas ou a um impulso em direção ao pecado. Aqui, as referências ao “mal” (1.13), à “concupiscência” (1.14) e ao “pecado” (1.15) deixam claro o fato de que Tiago está tratando com o segundo caso. Ele começa refletindo sobre a reação comum daqueles que não têm fé, quando são tentados a fazer o mal. Eles olham à sua volta procurando algo ou alguém em quem possam lançar a culpa. Se não conseguem culpar as circunstâncias, eles culpam as outras pessoas, o diabo, e até Deus. O Word Bible Handbook resume o ensino da Bíblia sobre a tentação, com especial referência a esta passagem:

Diversas palavras hebraicas e gregas expressam a idéia de prova, teste ou sedução, e, portanto, de tentação. A tentação nem sempre é vista na Bíblia como sendo má. A tentação pode levar a atos de pecado, mas também pode ser uma oportunidade para a obediência e desta maneira uma chance de afirmar nosso compromisso pessoal com Deus.

Existem dois aspectos dos testes e das tentações. Um dos aspectos é externo e envolve situações de pressão nas quais nós nos encontramos. Tanto Tiago como Pedro encaravam os sofrimentos e a perseguição sob esta luz. Uma decisão difícil de tomar pode encaixar-se nesta categoria. Até mesmo o desejo por um

bom objetivo que somente pode ser atingido por meios questionáveis pode gerar tensões e ser descrito como uma tentação. Nós nunca estamos abandonados, nem mesmo na mais difícil das circunstâncias. Tiago escreve que qualquer que seja a tentação, nós podemos pedir sabedoria a Deus e ter certeza de que Ele nos dará a orientação.

Existe também um aspecto interno da tentação. Tiago descreve o que acontece dentro de nós: “Cada um é tentado, quando atraído e engodado por sua própria concupiscência. Depois, havendo, a concupiscência, concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (1.14,15). Aquele impulso interior em direção ao pecado é uma expressão da natureza pecadora do homem, e sempre está conosco. Nenhuma atração que sentimos pelo mal vem de Deus, mas sim de dentro de nós. Deus pode colocar-nos em uma situação em que sentimos grande pressão, mas Deus nunca é responsável quando nosso impulso é o de reagir da maneira errada.

É neste ponto que a tentação nos fornece a oportunidade. Nós podemos seguir as tendências de pecado que as situações de tensão provocam, ou podemos decidir responder positivamente a Deus. A Bíblia diz: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (1 Co 10.13). Inspirando-nos na sabedoria de Deus, e tomando decisões que agradam ao Senhor – a despeito das circunstâncias externas ou das pressões internas – nós crescemos rumo à maturidade ou à perfeição (Tg 1.4). É por meio das escolhas agradáveis a Deus que demonstramos a autenticidade da nossa fé, e assim trazemos “louvor, e honra, e glória” a Deus e a nós mesmos (1 Pe 1.3-9).

É útil que nos lembremos de que Jesus também suportou tentações. Suas provas vieram diretamente de Satanás, e ainda assim tiveram a permissão de Deus, para que Jesus pudesse ser visto como sendo um homem perfeito. Quando vêm as nossas provas, elas também são permitidas, pois Deus quer que você e eu conheçamos a alegria da vitória, e a satisfação que resulta de permanecermos fiéis a Ele (pp. 767-68).

Se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de como era (1.23,24). O verbo traduzido como

“contempla” é katanoounti, que indica “um escrutínio atento”. Esta pequena alegoria descreve uma pessoa que encontra um espelho e olha intensamente para si mesma.

A alegoria depende de uma questão simples. Por que as pessoas olham-se no espelho? Embora alguns possam simplesmente desejar admirar-se, na maioria dos casos nós olhamos no espelho para guiar nossos atos. Como devo pentear o meu cabelo? Para trás, ou para a esquerda? Preciso melhorar algo em minha pele? Meu rosto está sujo? E nós agimos com base no que vemos. Mas o que acontece se olharmos com atenção, e nos afastarmos, simplesmente esquecendo a sujeira em nosso rosto, ou aquela mecha que fica em pé de maneira tão selvagem? Então o espelho terá provado ser totalmente irrelevante e nosso exame completamente sem significado.

Da mesma maneira, Tiago argumenta que olhar para a Palavra de Deus e não agir de acordo com o que vemos ali significa que o que encontramos nas Escrituras não tem significado para nós. Não é a pessoa que conhece o que diz a Bíblia que é abençoada, mas sim a pessoa que faz o que a Bíblia diz.

A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo (1.27). Na Bíblia Sagrada a palavra threskos só é encontrada neste texto. Seu significado, estabelecido em textos judeus e em antigos textos cristãos, é “fé e/ou adoração expressa pela observância religiosa”. A preocupação de Deus não é com as observâncias dos rituais, mas é uma preocupação com os necessitados.

Este tema não é novo. Dificilmente poderia ser expresso com maior clareza do que em Miquéias 6.8: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?”

Porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos e não vos fizestes juízes

de maus pensamentos? (2.4). A palavra grega, diekrithete, é construída a partir da mesma raiz de “julgar”. Ao mostrar favoritismo pelos ricos, alguns membros da igreja mostravam que eles valorizavam determinados seres humanos sobre os demais. Nós podemos ser diferentes uns dos outros de muitas maneiras: riqueza, inteligência, habilidades sociais, ou posição. Mas à vista de Deus cada um de nós tem valor infinito como pessoa, e deve aprender a valorizar e a tratar os demais como irmãos e irmãs – como iguais.

É interessante que o Talmude (Niddah 9.16) declara a mesma coisa, observando que “Antigamente, era usado um dargash para o sepultamento dos ricos e um klivas para os pobres, e os pobres sentiam-se envergonhados: ficou determinado que, por respeito aos pobres, todos os sepultamentos seriam feitos em klivas”.

Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos (2.10). Aqui ton nomon refere-se aos mandamentos que expressam a vontade de Deus para os seres humanos. Seu argumento parece estranho para nós, pois é claro que mostrar favoritismo não é a mesma coisa que um adultério ou um assassinato.

Mas o que Tiago quer dizer é que a Lei não pode ser compreendida por partes mas deve ser interpretada como um conjunto íntegro. Os seres humanos gostam de tranqüilizar suas consciências pensando “bem, eu menti, mas nunca cometi adultério”. Ou então, “É verdade, eu fraudei os meus impostos, mas nunca matei ninguém”. Isto somente faz sentido se desmontarmos o conjunto e classificarmos suas partes em categorias como “não grave demais”, “grave” e “realmente grave”.

Mas, e se encararmos a Lei como um todo sem emendas? Neste caso, a violação de um dos regulamentos da Lei nos torna “transgressores”, da mesma forma que a violação de qualquer outro regulamento. Imagine que nós enchamos um balão e escrevamos cada um dos Dez Mandamentos em uma parte diferente de sua superfície. Por mais que tentemos, é impossível tomar um alfinete e romper somente aquela parte do balão. O balão é um todo. Qualquer que seja a parte que

rompamos, estaremos rompendo o todo.

Não há consolo para aqueles que argumentam: “Ele (ou ela) é pior do que eu”. Nem para aqueles que dizem: “Eu fiz mais coisas boas que más”. Como a Lei é um conjunto sem emendas, violar a Lei em um só ponto faz com que a pessoa torne-se uma transgressora.

Assim falai e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade (2.12). Tiago refere-se ao que ele chamou de “lei real” (2.8) do amor. Esta lei dá liberdade, em parte porque ela reafirma a natureza unitária da vontade de Deus para nós, e liberta o cristão das dificuldades impostas pela visão do judaísmo rabínico a respeito da observância da Torá. O amor também dá a liberdade, pois quando agimos com amor, nós nos encontramos cumprindo a Lei (Rm 13.10). Mas, de maneira ainda mais significativa, o amor nos liberta para receber e estender misericórdia quando cometemos erros. Desta maneira, o amor triunfa sobre o julgamento agora e no final da história.

Com ela [a língua] bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus (3.9). A palavra é homoiosin, o termo grego usado na Septuaginta e na literatura hebraica do período intertestamentário, para traduzir referências à criação do homem à imagem de Deus (Gn 9.6; Sir 17.3). Tiago enfatiza o fato de que isto é incoerente, e “não convém que isto se faça assim” (3.10).

De particular importância, é a indicação de que a “semelhança de Deus” tão distorcida quanto pode ser, apesar disto, persiste nos seres humanos pecadores. Claramente, a semelhança não pode ser, como alguns sugeriram, inocência nem falta de pecado. A melhor resposta é que o homem foi criado como uma pessoa, com todos aqueles atributos divinos que distinguem os seres humanos dos animais.

A sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia (3.17). Tiago aqui está falando de uma orientação básica para a vida,

uma perspectiva divina que orienta os relacionamentos e as escolhas. Isto é contrastado com uma “sabedoria” humana que não é nada sábia. Como podemos saber? Sabemos que cada tipo de sabedoria é distinguido por sinais inconfundíveis que marcam o caráter da pessoa que vive segundo aquela sabedoria.

Fica claro que aqueles cujas vidas estão marcadas pela inveja e por ambições egoístas, pela desordem e pela prática do mal, não têm nada a ver com o céu.

Nada tendes, porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites (4.2,3). A palavra grega utilizada aqui é hedonais, da qual vem o termo “hedonismo”. O ponto que Tiago está destacando é claro; apesar de muitos apresentarem em seus sermões a ilustração de uma conta no céu, semelhante a uma “conta bancária” da terra, a oração não retira de um banco os fundos necessários para que façamos aquilo que desejamos. A oração é, antes, a avenida pela qual aqueles que desejam fazer a vontade de Deus buscarão os meios necessários para fazê-la.

Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O Espírito que em nós habita tem ciúmes? (4.5). A nota de rodapé da NVI para esta passagem capta o significado deste difícil versículo: “Deus anseia com ciúme pelo espírito que Ele fez viver em nós”. O contexto nos ajuda a entender. Tiago está escrevendo àqueles cuja ligação com este mundo e com seus prazeres fez com que se desviassem do pleno compromisso com Deus. Quando isto acontece, Deus, com ciúmes, deseja que nós retornemos a Ele com aquele amor que Cristo despertou em nossos corações.

Sujeitai-vos, pois, a Deus (4.7). Deus prometeu graça aos humildes. Sujeitar-se é hupotagete. A submissão não é a obediência, mas sim a decisão de colocar-se sob a autoridade de outra pessoa. Esta atitude leva à obediência. Mas somente aquele que se humilhou e jurou ser leal somente a Deus permanecerá nesse caminho.

“Sujeitai-vos” é o primeiro de dez mandamentos imperativos nos versículos 7 a 10. Cada mandamento é contundente e exige uma reação imediata. Não há lugar para demoras naquele que procura viver pela fé. A fé deve ser expressa não em palavras, mas em ações tais como: sujeitar-se, resistir, aproximar-se, limpar-se, purificar-se, sentir, lamentar-se, chorar, converter-se e humilhar-se.

Irmãos, não faleis mal uns dos outros (4.11). A palavra katalaleite significa “não falar uns contra os outros”. Falar mal sugere fazer falsas acusações. Esta palavra é bastante ampla para incorporar coisas que podem ser verdadeiras, mas que são faladas com intenção maldosa. Basicamente, a pessoa que fala toma para si a função de punir um irmão ou uma irmã, apesar do fato de que somente Deus é Juiz.

As palavras de Paulo em Efésios 4.15 são objetivas: Devemos falar a verdade no amor. Se o que tivermos a dizer não contiver verdade nem amor suficientes, devemos permanecer em silêncio.

Em lugar do que devíeis dizer: Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo (4.15). É muito fácil para nós desenvolver atitudes independentes, e nos esquecer de que somos verdadeiramente dependentes do Senhor em todas as coisas. Não há grande valor em pronunciar as palavras “Se Deus quiser” quando falamos sobre nossos planos para o futuro. Mas é essencial que em nossos corações rejeitemos a suposição arrogante de que temos alguma maneira de prever ou controlar o futuro. Nós – juntamente com tudo o que somos e temos – permanecemos nas mãos de Deus.

Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente (5.14,15). Tiago coloca o sofrimento no contexto do sofrimento e dos problemas em geral, pois a mesma

raiz, kakopath-, é usada nos versículos 10 e 13. A reação do crente é, acima de tudo, de paciência e perseverança. Mas o maior recurso do crente, em qualquer situação extrema, é a oração.

Tiago destaca a enfermidade como uma circunstância na qual a oração é especialmente importante. Ele também dá cuidadosas instruções para os presbíteros, que devem orar pelos enfermos, ungindo-os com azeite. A oração é muito importante, pois "orar" é o verbo principal. A unção é secundária, pois aleipsantes é um particípio subordinado.

Porém não é plausível a discussão sobre a unção ter um caráter ritual ou medicinal. A palavra usada para a unção ritual é chrio, ao passo que aleipho, que significa "ungir", é usada normalmente quando se tem em vista uma aplicação medicinal de óleo. Além disso, ungir com óleo era sem dúvida um dos tratamentos médicos mais comuns nos tempos antigos. O que é significativo aqui é que, embora incentivando o uso dos tratamentos médicos, Tiago atribui o crédito total da recuperação subseqüente à fé e às orações dos crentes.

Se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. [Portanto] confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis (5.15,16). A frase condicional sugere que embora algumas doenças sejam um castigo divino imposto devido ao pecado persistente, o pecado não é a causa de todas as enfermidades. O termo "portanto", que está implícito ou explícito em algumas versões, sugere que, uma vez que existe alguma relação entre os pecados e as enfermidades, é prudente que "confessemos [nossos] pecados uns aos outros". Parece melhor interpretar exomologeisthe, "confessar" com o sentido básico de reconhecer, ou admitir. Devemos viver vidas abertas e honestas uns com os outros, a ponto de sermos sensíveis às tentações uns dos outros, e, desta forma, sermos capazes de orar uns pelos outros.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

A Fé e as Obras (2.14-26)

Contexto. É difícil encontrar referências à "fé" em textos do período intertestamentário, ou rabínicos, ou em comentários modernos sobre aquelas obras. Isto não quer dizer que o judaísmo rabínico seja desprovido de doutrina, mas a "fé", como é compreendida no NT, simplesmente não é um assunto principal naquela religião. Por exemplo, na impressionante obra de três volumes The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ, de Emil Schurer, "fé", em seu sentido do NT, não aparece no índice. Isto se deve, em parte, ao fato do judaísmo rabínico não ter uma doutrina clara da ressurreição ou da salvação pessoal. Mas outro motivo é que o judaísmo desenvolvido supõe que observar a Lei de Deus é o caminho para as bênçãos, aqui, e amanhã, se houver um amanhã. No volume IIIa, p.194, Schurer assim comenta uma obra do período intertestamentário, "The Psalms of Solomon": Eles atestam a fé no amanhã, e que o destino futuro de um homem é determinado por seu modo de vida atual. Sua livre escolha contém a opção de fazer o que é certo ou errado (cf. esp. 9.7). Se ele optar pela primeira possibilidade, ascenderá para a vida eterna; se pela última, descerá para a destruição eterna (3.16; 13.9-11; 14; 15).

Em uma obra intitulada simplesmente Judaism (Harper e Row, 1987), Michael A. Fishbane escreve que "por meio da obediência devotada às prescrições da Torá e seus aperfeiçoamentos rabínicos, o judaísmo ensinou que uma pessoa pode levar uma vida de santidade orientada divinamente e ascender por esse caminho à perfeição religiosa e à comunhão com Deus" (p.16).

Se examinarmos o Livro de Tiago contra este cenário, observaremos algo muito dramático. As palavras de Tiago apresentam uma clara semelhança com os ensinos de muitos dos profetas e os do próprio Cristo. Sua referência é a de um homem cujas raízes são as de um judeu palestino. Ainda assim, "fé" é um dos temas persistentes de Tiago, e na verdade ele utiliza essa palavra com mais freqüência – 16 vezes – em seu pequeno livro, do que Paulo a usou na epístola aos Gálatas – 15 vezes!

Fica claro que Tiago saiu de sua referência de pensamento rabínico neste pequeno livro, e adotou aquela visão exclusiva de um relacionamento com Deus que afirma que a ruína de todo ser humano começa pelo pecado, e afirma também com fervor que a fé é a única base para um relacionamento renovado e

contínuo com o Senhor.

Por que então, a preocupação de Lutero e outros reformadores de que o pequeno livro de Tiago sugere uma salvação por obras em contraste com uma salvação unicamente pela fé? O quadro a seguir pode ajudar a distinguir as preocupações de cada autor e desta maneira esclarecer a razão para as diferenças em sua abordagem.

Tiago escreveu:

Para explorar como a fé encontra expressão na vida do crente.

Com a preocupação de que os que têm fé produzam frutos (2.20), para que ninguém confunda as crenças com o cristianismo vital.

Pouco tempo depois da ressurreição de Jesus, quando a igreja ainda era judaica, e as verdades do AT eram conhecidas por todos.

Paulo escreveu:

Para explicar a fé que salva em relação à obra de Cristo no Calvário.

Com a preocupação de que a fé seja colocada exclusivamente em Jesus, sem nenhuma dependência da lei ou de qualquer suposta "obra de justiça".

Quando a conversão dos gentios tinha despertado muitas questões teológicas nunca antes exploradas.

É neste contexto que Tiago escreveu sua seção sobre a "fé" que tanto perturbou os reformadores, e também confundiu a outros. Nós precisamos nos lembrar de que Tiago, como Paulo, faz uma distinção entre a fé que existe como uma "crença a respeito de algo" e a fé que existe como "confiança em algo". Para aqueles que clamam "eu creio que existe um só Deus", Tiago responde com um golpe clássico de afiado sarcasmo: "Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem" (2.19). Em contraste, Tiago dirá, existe uma fé que repousa tranqüilamente em Deus, e nós reconheceremos esta fé pelo fato de que ela produz obras que são realizadas como uma reação à Palavra de Deus.

Interpretação. Talvez a melhor maneira de examinar a argumentação de Tiago nesta passagem é citá-la com títulos.

Meras Palavras São Vazias (2.14-17)

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.

A Fé e as Obras Não Podem Ser Separadas (2.18,19)

Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o crêem e estremecem.

Abraão Demonstra a Unidade Entre a Fé e as Obras (2.20-24)

Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada, e cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus. Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé.

Raabe Demonstra a Unidade Entre a Fé e as Obras (2.25)

E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários e os despediu por outro caminho?

Conclusão (2.26)

Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Meras Palavras São Vazias (2.14-17). Tiago inicia seu comentário sobre a fé descrevendo uma pessoa que “diz ter a fé, mas que não tem as obras”. Este presente do subjuntivo, usado em uma frase condicional do terceiro tipo, indica um padrão. Tiago está falando sobre pessoas que “continuam dizendo que têm fé, mas ainda assim continuam não tendo obras”. Uma vez mais, é o modo (ou estilo) de vida de fé que tanto preocupa este líder religioso da igreja de Jerusalém. Tiago imediatamente coloca uma questão: pode esse tipo de fé salvá-lo? Imediatamente, vemos que Tiago está falando de “fé versus fé” e não de “fé versus obras”, ou mesmo “fé e obras”. Há um tipo de fé que existe como meras palavras, sem nenhuma obra que a acompanhe.

Para mostrar o quanto essas palavras podem ser vazias, Tiago dá um exemplo familiar. Imaginemos que um irmão crente esteja necessitado, e você sorria e lhe

deseje boa sorte. Que bem podem trazer a alguém essas palavras vazias – a você, ou ao irmão necessitado? E assim Tiago estabelece um princípio que ele se esforça para provar. Quando consideramos fé versus fé, o único tipo de fé que importa é aquele que é “acompanhado por uma ação”. A fé de qualquer outro tipo está morta, no sentido de que é inútil e ineficiente.

Posteriormente, Tiago concluirá, tendo provado seu ponto de vista: Qualquer “fé” sozinha não é uma fé verdadeira – assim como um corpo sem o fôlego de vida não é uma pessoa viva (2.26).

A Fé e as Obras Não Podem Ser Separadas (2.18,19). A seguir, Tiago responde a alguém que comenta que a fé e as obras devem, por sua própria natureza, ser tratadas separadamente. Isto fica implícito na declaração: “Tu tens a fé, e eu tenho as obras”.

É melhor considerar o versículo 18b, como fazem os tradutores da NVI, como a resposta de Tiago a esta declaração. A expressão “Mostra-me a tua fé sem as tuas obras” é, na verdade, um desafio em forma de resposta. Como Jesus disse certa vez a alguns fariseus: é mais fácil dizer “Perdoados te são os teus pecados” do que dizer “Levanta-te e anda” (Mt 9.4-7). Não existe uma maneira de demonstrar nem o perdão dos pecados nem a reivindicação de uma pessoa de “ter fé”. Mas, ressalta Tiago, enquanto você precisa lutar para me mostrar sua fé sem obras, eu certamente “te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (2.18).

Mas existe um problema ainda mais sério na “fé” daqueles que afirmam crer, mas cuja fé não tem a companhia das obras. Mesmo se aceitarmos sua reivindicação em sentido intelectual e de crença, devemos nos lembrar de que até mesmo os demônios acreditam que Deus é Único. Sua “fé”, entretanto, os faz estremecer, pois eles sabem que um dia Deus julgá-los-á!

Na resposta de Tiago está implícita a afirmação de que aquele tipo de fé não pode fazer nada pela pessoa, que continua vulnerável ao julgamento e desta forma, como os demônios, ao invés de ponderar o que deve fazer, ela estremece! Pois esse tipo de fé não salva!

Abraão Demonstra a Unidade Entre a Fé e as Obras (2.20-24). Tiago afirmou que a verdadeira fé em Deus não pode estar separada das obras. Se alguém verdadeiramente crê, isto estará refletido em seu comportamento.

Agora ele se volta para o AT em busca de evidências das Escrituras, e pergunta: “Porventura Abraão, o nosso pai, não foi justificado pelas obras” (... ouk ex ergon edikaiothe). Quando usada por Paulo, esta raiz, dikaio-, é claramente usada com o significado de Deus declarando que a pessoa que crê em Jesus é justa a seus olhos.

À primeira vista, parece que Tiago está contradizendo Paulo – parece que Tiago aqui propõe uma salvação pelas obras. No entanto, esta raiz grega não somente significa “declarar justo”, mas também pode significar “justificar” no sentido de defender. Aqui, o que Tiago quer dizer é que a nossa visão de Abraão, e a declaração de Deus de que Abraão deve ser considerado justo, estão demonstradas por suas ações. É importante observar aqui que Tiago chama a atenção para um episódio de Gênesis 22, o sacrifício de Isaque, para comprovar o que quer dizer. Este episódio ocorreu muito tempo depois de Gênesis 15.6 ter declarado que Deus aceitava a fé de Abraão como justiça. Desta forma, logo após sua salvação pela fé, Abraão demonstrou sua fé respondendo imediatamente de forma positiva quando Deus lhe pediu que levasse seu filho até o Monte Moriá, e o apresentasse em sacrifício!

Portanto, conclui Tiago, vedes, “então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé”. Isto é, a “fé” isolada das obras não é o tipo de fé de que o cristão está falando quando diz que somos salvos pela fé, e declarados justificados por Deus.

Raabe Demonstra a Unidade Entre a Fé e as Obras (2.25). O judaísmo do século I era fascinado por Raabe, e a considerava um excelente exemplo de uma pessoa temente a Deus. Desta forma, Tiago chama a nossa atenção para Raabe e expressa o mesmo conceito. Nós consideramos Raabe justa por causa do que ela fez, e não por causa de uma mera declaração verbal de “fé”.

Conclusão (2.26). Tiago conclui sua argumentação. É impossível isolar a fé das obras, assim como é impossível isolar o espírito do corpo. “Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta”.

Em poucas palavras, a “fé” sem as obras não funciona. A fé que salva não é esse tipo de “fé”.

Aplicação. A questão que Tiago explora permanece um problema prático na igreja moderna. Não se trata de Deus ter indicado alguns de nós como inspetores de frutas, encarregados de examinar a vida de nossos irmãos e irmãs para ver se eles têm uma fé que funciona.

O mais importante é ouvir atentamente o que Tiago tem a dizer; e cada um de nós deve examinar a si mesmo. É muito fácil ir à igreja e “crer”. Mas a fé cristã pede um compromisso, como também uma confissão.

Submissão e Sofrimento

EXPOSIÇÃO

-

Esta Primeira Epístola de Pedro foi provavelmente escrita em aproximadamente 64 ou 65 d.C. Mas seu tema de submissão a despeito de sofrimentos injustos permaneceu particularmente relevante para a igreja por diversas centenas de anos. Durante este período, os cristãos passaram por significativas perseguições. Uma carta escrita em aproximadamente 110 d.C. pelo jovem Plínio, um administrador de província, pergunta ao imperador Trajano "se é o mero nome de cristão que é passível de punição, ainda que inocente de crime, ou se os crimes estão associados com o nome". A resposta de Trajano instrui Plínio a não aceitar acusações anônimas contra ninguém por ser cristão, nem "caçá-los". Mas ele diz que "se [os cristãos] forem trazidos à sua presença e a acusação contra eles [de que realmente são cristãos] for provada, eles devem ser punidos". Menos de 50 anos depois que Pedro escreveu esta carta, ostentar o nome "cristão" no império romano era considerado um

crime capital. Que necessidade Pedro sentiu, consciente da crescente hostilidade mesmo nos anos 60, de escrever e mostrar aos crentes como viver em épocas em que conservar a lealdade para com Jesus significava sofrimento, discriminação, ridicularização e até mesmo a morte.

Pedro começa estabelecendo um alicerce vital. Para enfrentar o sofrimento o cristão precisa ter um forte sentimento de sua identidade em Cristo (1.3–2.10). Isto está enraizado, antes de mais nada, em uma salvação que nos é concedida por Deus (1.3-12), uma salvação pela qual nós passamos a viver uma vida de santidade, reverência e genuíno amor (1.13-25). Nessa vida, nós servimos ao nosso Deus como o Seu sacerdócio escolhido (2.1-10).

Nossa resposta ao sofrimento deve ser feita em vista de quem somos como povo de Deus, pois o privilégio traz consigo a responsabilidade. E esta responsabilidade consiste em um "viver honesto entre os gentios, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no Dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem" (2.12). Este "viver honesto" é aquele caracterizado por um respeito submisso aos outros e às instituições humanas, a despeito do fato de que eles possam nos

tratar de modo injusto (2.13–3.12). Se a perseguição acontecer, mesmo que não façamos nada, exceto o bem, devemos confiar em Deus e recordar que Cristo também sofreu injustamente – com resultados que são bênçãos (3.13–4.11).

Agora Pedro se volta a outro assunto correlato. Nós vimos como os indivíduos devem reagir aos sofrimentos. Quais são as responsabilidades da igreja e dos seus líderes em épocas de provações (4.12-19) e julgamento? (5.1-11). Para os líderes, o desafio é o de apascentar o rebanho de Deus. Para a congregação, o desafio é o de permanecer sensível à vontade de Deus, alerta e controlada. Também é necessário esperar que Deus nos restaure depois de "termos padecido um pouco". A carta termina com saudações breves e uma bênção (5.12-14).

Ao longo de toda a história da igreja, esta carta falou a milhares de cristãos que permaneceram comprometidos com Cristo, apesar das perseguições. Pedro tem mais a dizer a respeito do sofrimento do que qualquer outro livro do Novo ou do Antigo Testamento. Ele nos lembra de que Deus usa o sofrimento para purificar nossa fé e ajudar-nos a sentir a Sua própria presença em nossas vidas. E, Pedro ensina que Deus usa o nosso sofrimento como

um testemunho para o mundo – um testemunho que irá trazer a glória a Deus, e de certo modo a nós, quando Jesus voltar.

ESTUDO DA PALAVRA

-

Aos estrangeiros dispersos... eleitos segundo... Deus (1.1,2). A palavra é parepidemois e, juntamente com a expressão “eleitos segundo... Deus” define a identidade do crente. Teologicamente, eles são os eleitos de Deus, eternamente ligados a Ele. Sociologicamente, eles se tornaram estrangeiros, vivendo em uma sociedade em que eles não somente não têm raízes mas que é hostil a eles. A citação a seguir da carta de Plínio a Trajano nos ajuda a perceber o que começava a significar ser um cristão quando Pedro escreveu à igreja dispersa.

O método que segui em relação àqueles que foram denunciados a mim como sendo cristãos é este: eu lhes perguntava se eram cristãos; se eles confessassem eu repetia a pergunta novamente duas vezes, acrescentando a ameaça da pena de morte; se eles ainda assim perseverassem, eu ordenava que fossem executados, pois qualquer que fosse a natureza de sua crença, eu podia, ao menos, não ter dúvida de que a contumácia e a obstinação inflexível mereciam uma punição severa. Havia outros que também possuíam a mesma paixão cega, mas como eram cidadãos de Roma eu ordenava que fossem levados para lá.

Estas acusações se espalharam, como acontece normalmente, a partir do mero fato da questão estar sendo investigada, e diversas formas de maldades vieram à luz. Foi colocado um anúncio, sem nenhuma assinatura, acusando nominalmente um grande número de pessoas. Aqueles que negaram que eram, ou que já tinham sido cristãos, que repetiam comigo uma invocação aos deuses e ofereciam adoração com vinho e incenso, à tua imagem, que eu tinha ordenado que fosse trazida para este objetivo, juntamente com as imagens dos deuses, e que

finalmente amaldiçoavam a Cristo – é sabido que nenhum daqueles que são realmente cristãos podem ser forçados a realizar estes atos – estes eu julguei adequado inocentar. Outros que foram citados pelo nome por aquele informante, de início se confessavam cristãos e depois negavam; na verdade eles tinham sido adeptos desta fé, mas a tinham abandonado, alguns há três anos, outros há muitos anos e uns poucos há 25 anos. Todos adoraram a tua estátua e as imagens dos deuses, e amaldiçoaram a Cristo.

No entanto, eles afirmavam que a totalidade de sua culpa, ou de seu crime, foi que eles tinham o hábito de se reunir em um determinado dia, enquanto ainda havia luz, quando cantavam em versos alternados um hino a Cristo como a um deus e se comprometiam com um juramento solene, não a alguma obra má, mas sim a nunca cometer nenhuma fraude, nenhum roubo ou adultério, nunca dar falso testemunho nem se recusarem a restituir alguma coisa que lhes foi confiada. Depois disto eles costumeiramente se separavam e então voltavam a se reunir para compartilhar alimentos – mas alimentos de um tipo inocente e comum. Até mesmo esta prática, entretanto, eles tinham abandonado depois da publicação do meu decreto, pelo qual, de acordo com as tuas ordens, eu proibia associações políticas. Julguei muito mais necessário extrair a verdade por meio da tortura de duas escravas, que estavam vestidas como diaconisas; mas não consegui descobrir nada além de uma superstição depravada e excessiva.

Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo (1.2). Contra a hostilidade do mundo, conforme refletida na carta de Plínio, um homem que para seu tempo era tanto moderado quanto escrupuloso, os cristãos são imediatamente lembrados de que cada Pessoa da Divindade está pessoalmente envolvida em sua salvação. O cristão pode ser tratado com crueldade casual por sua sociedade, mas nenhum crente é tratado casualmente por Deus!

Que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo (1.5). Salvação (soteria) é um tema principal na primeira seção de 1 Pedro. É a salvação que estabelece o nosso relacionamento com Deus; é sendo salvos que ganhamos nossa nova identidade nEle.

Este termo ocorre aqui em 1.9,10, e em 2.2. Estes versículos nos lembram de que a salvação é algo que nós vivemos, e também esperamos. A plenitude de tudo o que esta salvação significa será revelado “no último tempo”.

Mesmo hoje, diz Pedro, estamos komizomenoi (1.9) (recebendo) salvação. Nós sentimos a salvação agora como um amor crescente por Cristo, e como um “gozo inefável e glorioso” (1.8) que existe apesar das circunstâncias externas. Nisto nós vivemos o florescer de uma promessa feita nos tempos antigos – uma promessa que intrigava os profetas e que por meio de Cristo agora foi cumprida.

Finalmente, Pedro desafia os seus leitores para que lhes “seja dado crescimento para salvação” (2.2, versão ARA) e com isto a maturidade na fé.

A compreensão de nossa identidade como pessoas que são “salvas” é vital em épocas de perseguição, pois ela nos possibilita a perspectiva essencial. Em 1 Pedro 1.3-9, Pedro lembra os seus leitores de que os salvos têm:

Um novo nascimento.

Uma esperança viva de uma ressurreição futura.

Uma herança guardada no céu.

Segurança, como aqueles que são protegidos pelo poder de Deus.

Uma fé genuína, que é polida até ter um esplendor brilhante através das provações. Estas nos trazem uma tristeza no momento em que nos sobrevêm.

Uma fé genuína que pela perseverança irá resultar em “louvor, e honra, e glória” quando Jesus voltar (1.7).

Um amor por Jesus, gerado pelo Espírito, mesmo que Ele ainda não tenha sido visto.

Um “gozo inefável e glorioso” (1.8) que jorra apesar da perseguição e da dor.

Quanto ganhavam estes crentes que se recusavam a se curvar diante das imagens do imperador e dos deuses romanos, e que rejeitavam a exigência de amaldiçoar a Cristo, além de perderem a própria vida?! Não sabemos os nomes das duas diaconisas que Plínio torturou antes de matar. Mas as veremos e as honraremos na glória.

Todos estes conheciam sua própria identidade em Cristo, e estão se alegrando com Ele hoje mesmo.

Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir (1.11). A expressão tina e poion kairon é um lembrete salutar para os estudiosos das profecias. Os principais elementos do plano de Deus para o futuro foram revelados por intermédio dos profetas. O que é incerto é o “tempo e a ocasião de tempo”. A seqüência de eventos, a relação entre eles, o tempo necessário para os eventos ou entre eles, tudo isto não era claro nem para os próprios profetas. Não vamos ser excessivamente confiantes pensando que são exatos aqueles quadros que se propõem a representar a seqüência de eventos ainda futuros para nossa época. Sim, a profecia nos mostra o que está à frente. Mas “o tempo e a ocasião de tempo [ou as circunstâncias]”, não.

Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo (1.13). Esta é a principal ênfase do versículo. Elpisate é um imperativo aoristo que estabelece e resume o curso que os cristãos devem seguir. Em vista de nossa identidade como cristãos, nós somos os eleitos de Deus, estrangeiros em nossa sociedade. Desta maneira, nossas esperanças, nossas expectativas, não devem estar concentradas em nada que este mundo possa oferecer. Riqueza, fama, aceitação, até mesmo sobrevivência – tudo isto é sem significado quando comparado com a herança que será nossa quando Cristo vier. Se não esperarmos por nada aqui, se todas as expectativas estiverem fixas na Segunda Vinda, então nada que aconteça pode nos levar a agir de maneira que possa implicar negação de nosso Senhor.

Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver (1.15). A santidade aqui é a pureza moral. Assim como a atitude de fixar nossa esperança na graça que será nossa nos fortalece para vivermos na sociedade como estrangeiros, fixar a nossa esperança nele nos separa do poder daquelas “concupiscências que antes havia em [nossa] ignorância” (1.14).

Purificando a vossa alma na obediência à verdade, para caridade fraternal, não fingida, amai-vos ardentemente uns aos outros, com um coração puro (1.22). O mandamento é modificado pelo advérbio ektenos, “incessantemente”. Não se espera que o cristão que enfrenta perseguição suporte sozinho a pressão da sociedade pagã. Em épocas de dificuldades nós temos uma necessidade especial de um incessante apoio dos outros irmãos na comunidade de fé.

O mandamento é colocado em um cenário fortemente teológico. Tal amor é possível porque os crentes se “purificaram na obediência à verdade”. “Obediência” aqui, como freqüentemente no NT, tem o sentido de “fé”. A fé era o que fazia a diferença no caráter dos crentes, capacitando-os ao amor. Agora os

cristãos precisam exercitar esta nova habilidade e reunir-se para prover um apoio incessante para aqueles que estão sendo perseguidos.

É significativo que Pedro enfatize a natureza “incorruptível” na semente que, agora plantada nos nossos corações, nos coloca em um curso completamente diferente daqueles que, meramente como carne e sangue, se secam como a erva (1.23-25). Nós morremos, mas somos imunes à morte. Nós sofremos, mas ao sofrer sentimos alegria. Nós amamos, e amando oferecemos aos demais o apoio que eles necessitam para permanecerem fiéis ao que eles são – o próprio povo de Jesus, nascido de novo da Sua Palavra imperecível.

Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo (2.5). No primeiro capítulo de sua carta, Pedro retrata o cristão como um indivíduo escolhido por Deus, mas um estrangeiro em seu mundo, que é enriquecido pela experiência da salvação e apoiado por outros na amorosa comunidade de fé. Agora, 1 Pedro 2.1-10 conclui a primeira seção desta carta, e a definição que Pedro faz da nossa identidade em Cristo. Aqui, diz ele, nós somos os sacerdotes escolhidos por Deus, chamados para servi-lo aqui e agora. Na verdade nós somos um “sacerdócio real”, pois além de ser Sumo Sacerdote, Jesus Cristo é Rei.

O que significa ser um crente-sacerdote? Antes de mais nada, significa que nós servimos a Deus pessoalmente, e o louvamos por meio de palavras e obras. Significa que nós temos acesso direto a Deus. Significa que ministramos a outros, levando a eles a palavra de Deus e ao Senhor suas necessidades. Significa que cada um de nós é chamado para servir, não para ser servido, da mesma maneira como Cristo se deu por nós.

Uma das maiores tragédias da história da igreja é que a doutrina do sacerdócio de todos os crentes, redescoberta durante a Reforma, nunca foi plenamente implementada. Pois o “ministério” abrange muito mais do que pregar e ensinar. Ele deve inspirar os nossos relacionamentos com os outros, e também o nosso relacionamento com o Senhor.

Tendo o vosso viver honesto entre os gentios, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no Dia da visitação (2.12). A expressão é anastrophe... kalen, que pode ser traduzida como “conduta elegante” ou “nobre modo de vida”. Era comum, à medida que cresciam as hostilidades para com o cristianismo, acusar crentes de serem ateus e anti-sociais. Com o tempo, histórias loucas de orgias nas festas de caridade cristãs e rumores de que os cristãos bebiam o sangue de vítimas assassinadas se espalharam pelo império. Os cristãos somente podiam reagir “vivendo de maneira honesta” entre os gentios. Em última análise, quando Cristo voltar, aqueles gentios que perseguiram os crentes serão forçados a admitir que tudo o que eles sempre testemunharam nos cristãos foi uma beleza, uma pureza, e uma simplicidade de vida que refletem a glória do nosso Senhor.

Tendo o vosso viver honesto (2.12). Os versículos 11 e 12 são essenciais na carta de Pedro. Eles retrocedem à nossa identidade como “peregrinos e forasteiros” de Deus [no mundo] (2.11), e levam nossa atenção à frente, pois Pedro está prestes a descrever o que constitui o “viver honesto” que ele insiste que os seus leitores tenham.

Os textos de moralistas gregos freqüentemente exortavam os leitores a viver vidas melhores incluindo listas de virtudes e vícios. Paulo e outros autores do NT fazem a mesma coisa. Aqui vemos Pedro adotando esta abordagem, em uma extensa lista de haustafeln, que são os deveres que se espera que os membros de uma família cumpram.

No mundo antigo, a família era vista como um microcosmo da sociedade. Se a família, composta por seu chefe masculino, pelos membros da família, pelos escravos e outros, estivesse bem organizada, os moralistas acreditavam que o estado também estaria. Desta forma, a haustafeln detalhava as obrigações devidas pela família aos deuses, ao estado, aos cônjuges e aos filhos.

É útil ver 1 Pedro 2.13–3.7 exclusivamente como uma lista dirigida à família de Deus, descrevendo o padrão de vida que é belo aos olhos de Deus.

Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana por amor do Senhor (2.13). Em lugar de “toda ordenação”, o grego ktisis é mais bem interpretado como “criatura”. Pedro convoca os cristãos a sujeitarem-se a toda pessoa que tiver autoridade, sejam reis, maridos, senhores etc. “Sujeitar-se” aqui é a palavra hypotasso, “subordinar-se” e implica em ser sensível e obediente.

Diversas coisas são significativas na lista de Pedro. Em primeiro lugar, ela não tem a reciprocidade encontrada em instruções similares nas cartas de Paulo. Tanto em Colossenses 3.18–4.1 como em Efésios 5.21–6.9, o mandamento da submissão do socialmente inferior é equilibrada por um mandamento dado ao socialmente superior, desta forma:

Mulheres, estai sujeitas, versus Maridos, amai.

Filhos, obedecei, versus Pais, não irriteis.

Servos, obedecei, versus Senhores, tratai com justiça.

Aqui, entretanto, a lista de responsabilidades de Pedro é dirigida somente aos socialmente inferiores. Além disso, ele freqüentemente supõe que os socialmente superiores serão injustos! Desta forma, os escravos devem sujeitar-se “ao mau” (2.18), e as esposas devem ser submissas até mesmo a maridos que “não obedecem à palavra” (3.1).

A segunda diferença explica a primeira. Paulo está falando sobre relacionamentos entre cristãos. Supõe-se que maridos e mulheres, escravos e senhores, tenham em comum a fé em Cristo. Mas Pedro escreve explicitamente sobre viver honestamente “entre os gentios” (2.12). A questão, naturalmente, é que apesar do fato de que os gentios não têm nenhum dever recíproco para com os cristãos, os cristãos ainda assim têm um dever para com os gentios que são

seus superiores socialmente.

Em terceiro lugar, Pedro diz que eles devem sujeitar-se “por amor do Senhor” (2.13). A expressão dia ton kyrion significa, literalmente, “por causa do Senhor”. É o desejo de Deus que nossas vidas sejam visivelmente bonitas. Nós nos sujeitamos, não porque as instituições humanas oprimam aqueles que são cidadãos do céu, mas porque se nossas vidas devem refletir o louvor ao Senhor, nós devemos fazer o que é bom conforme o entendimento que os membros de nossa sociedade têm daquilo que é bom. Ao decidir sujeitar-nos voluntariamente nós demonstramos a todos que, seja o que for que eles possam pensar sobre nossa fé, nós não podemos ser acusados, com justiça, de apresentar um comportamento anti-social ou conspirador.

Para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas (2.21). A palavra é hypogrammon, um padrão que deve ser copiado ao escrever ou desenhar. O versículo nos pede para lembrar, quando estamos perturbados pela injustiça de outros, que Cristo foi tratado injustamente pelos seus contemporâneos. Apesar de não ter feito nada errado, Ele evocou a hostilidade dos líderes religiosos de seu povo, e não só foi perseguido, mas foi assassinado através de uma sentença judicial. A convocação de Pedro para uma vida marcada pela submissão é um chamado para uma “vida bela”, simplesmente e unicamente porque esta é a maneira como Jesus escolheu viver no nosso mundo. E esta é a maneira como, no final, nós refletiremos a glória sobre o nosso Deus.

Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros (3.7). A lista de Pedro contendo as obrigações da família é concluída com um pensamento recíproco, quando ele se dirige aos maridos cristãos que vivem com esposas crentes. Talvez isto tenha o objetivo de evitar uma tendência vista por toda a história – quando os homens insistem na submissão de suas esposas, sem a ênfase de equilíbrio que a Escritura coloca no amor e na consideração.

A expressão “como vaso mais fraco” (hows asthenestero skeyei) usa a palavra comum para fraqueza, e não define o que Pedro quer dizer. No entanto isto fica definido pelo contexto geral. É claro que Pedro não está falando de fraqueza física, mas ele está, nestes capítulos, examinando questões de poder social. No século I as mulheres eram, no aspecto legal e nos demais, muito mais fracas socialmente do que os seus maridos. Mas na comunidade cristã, o reconhecimento de tal fraqueza deve receber um respeito crescente em contraste à exploração. Somente quando o marido cristão honrar sua esposa, como Paulo define em Efésios 5, ele poderá manter um relacionamento correto com Deus e, portanto, estar em uma posição em que suas orações poderão ser atendidas.

Acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós, os quais hão de dar conta ao que está preparado para julgar (4.4,5). O modo de vida cristão de submissão está em agudo contraste com o modo de vida pagão, que é movido por paixões e por uma ambição egoísta. O pagão pensa que o nosso modo de vida é “estranho” (zenizontai). A palavra não é comum e tem a conotação de choque, desapontamento e até mesmo ira. Nós podemos entender a reação. O modo de vida cristão expõe a corrupção do modo de vida do pagão e suscita o ódio. O pagão escolhe este modo de vida porque ele não acredita no julgamento futuro. Mas o julgamento certamente virá.

Em vista do fato de que sabemos que “já está próximo o fim de todas as coisas” (4.7), nós escolhemos uma vida de autocontrole, amor, hospitalidade, e ministério recíproco – uns a favor dos outros.

Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse (4.12). Toda a sentença resume a situação que Pedro e os seus leitores enfrentam na sociedade. Esta erupção de perseguição não deve causar surpresa. Esta é a mesma raiz que encontramos no versículo 4.4 acima. o surgimento de perseguições que varreram a igreja na época de Pedro e durante séculos posteriores, não deve causar nos cristãos aborrecimento ou ira. Em lugar disso, nós devemos nos alegrar com elas, pois

elas nos possibilitam ser “participantes das aflições de Cristo”. Em tal circunstância os nossos sofrimentos, como os dEle, vêm porque nós estamos comprometidos com a vontade de Deus em uma sociedade em que aqueles que vivem uma vida de temor e obediência ao Senhor evocam o antagonismo daqueles que não crêem na Palavra de Deus.

Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus (4.17). Deus julga o pecado. Por que ficar surpreso se esse julgamento nos envolve em sofrimento? Um Cristo inocente sentiu o peso desse julgamento. Por que ficar surpreso se um povo redimido participar dos Seus sofrimentos, não de alguma maneira propiciatória, mas sim como parceiros com Cristo em uma experiência das conseqüências do pecado que deformou todos os seres humanos? Certamente, se nós, que fomos redimidos, ainda sentimos as conseqüências do julgamento de Deus sobre o pecado, “onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (4.18)

Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele (5.2). As palavras de Pedro aqui nos lembram do que Cristo disse sobre o Bom Pastor. Ele é Aquele que dá sua vida por suas ovelhas. Pedro escreve em uma época em que estava ficando perigoso ser um cristão, quanto mais um líder daquele movimento. Estes primeiros cristãos serviram, “não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer” (5.2, versão ARA).

Nós precisamos somente recordar a carta de Plínio, citada no início deste estudo, para entender algo sobre o possível custo de ser um líder. “Julguei muito mais necessário extrair a verdade por meio da tortura de duas escravas, que estavam vestidas como diaconisas”. Uma dimensão da lealdade dos líderes da igreja que foram martirizados está refletida na conclusão de Plínio: “Mas não consegui descobrir nada além de uma superstição depravada e excessiva”.

E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará,

fortificará e fortalecerá (5.10). A palavra grega é katartisei, “aperfeiçoar” ou “tornar completo”, e implica no pleno desenvolvimento do potencial de alguém. A promessa de Pedro é que Deus irá intervir agora. Sim, nós sofremos, mas somente por um breve momento, que perde seu significado quando comparado com a eterna glória que nos espera. E, enquanto esperamos, sentimos a obra de Deus em nossa vida, nos aperfeiçoando, nos fortalecendo, para que possamos enfrentar a vida como seguidores firmes e leais do nosso Senhor.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Sofrendo por Fazer o Bem (3.8-4.2)

Contexto. Pedro definiu regras que aqueles que buscam a Deus devem obedecer em uma sociedade pagã. O seu objetivo é claro: ele descreve um modo de vida que é “bom”, no sentido de ser belo e atraente.

O surpreendente sobre este modo de vida é que ele é patentemente injusto para aquele que o adota! Pedro chega a ponto de indicar que será um mérito nosso se “fazendo o bem”, formos afligidos e sofrermos” (2.20). Ele nos lembra que Cristo nos escolheu para viver desta mesma maneira, e que nós devemos seguir os Seus passos.

Mas isto suscita uma questão muito básica sobre a natureza de Deus. Como pode um Deus justo permitir que seu povo sofra injustamente? O mero fato de que somos convocados a nos sujeitarmos à injustiça não indica uma falha moral no caráter de Deus?

Esta questão surgiu freqüentemente, e foi sugerida uma variedade de respostas. Livros como Good Grief, de Granger Westberg, Why Do Bad Things Happen to Good People? do rabino Harold Kushner, e o clássico The Problem of Pain, de C. S. Lewis, examinam esta questão. Mas Pedro apresenta o que sem dúvida é a análise mais clara e satisfatória das Escrituras.

Interpretação. Muitos elementos nesta passagem têm perturbado os intérpretes. Mas se considerado no fluxo do argumento, o significado é claro. Esse argumento é o seguinte: o modo de vida de acordo com a vontade de Deus leva à bênção, pois o próprio Deus supervisiona as conseqüências de nossas escolhas (3.8-13). No entanto, se o resultado for algo incomum, e nós sofrermos por fazer o que é correto, podemos nos considerar verdadeiramente abençoados (3.14-17). Esta verdade é demonstrada por Cristo, que também sofreu injustamente; mas como resultado nos levou a Deus (3.18a).

Aqui Pedro introduz um exemplo um tanto complexo que irá desenvolver um ponto secundário. Por intermédio de Noé, o Espírito de Deus falou ao povo que vivia naquela época distante. Naquela época somente uns poucos se salvaram, sendo levados com segurança pelas águas do julgamento para serem posteriormente colocados em um novo mundo. Da mesma maneira, nós flutuamos com segurança nas águas do juízo em Cristo, e somos colocados em um campo espiritual, o que resulta em um compromisso de viver o resto de nossa vida terrena fazendo a vontade de Deus em vez de satisfazer desejos humanos terrenos (3.18b–4.2).

O significado de toda a passagem é, simplesmente, que se fizermos o que é correto e tivermos problemas, isto acontecerá de acordo com a vontade expressa de Deus e terá o objetivo de, no final, trazer uma bênção a nós e aos outros.

Antes de estudar com mais profundidade o principal argumento da passagem, talvez seja melhor examinar a analogia problemática e complicada que o apóstolo Pedro traça entre a experiência do cristão e a de Noé. O quadro seguinte explica as comparações que Pedro faz.

Passagem. “Espíritos em prisão, os quais em outro tempo foram rebeldes”

(3.19,20).

“Oito [pessoas] ao todo” (3.20, versão NTLH).

“Água” (3.20).

“Batismo” (3.21).

“Figura” (ou simboliza, 3.21).

Identificação. Os homens da época de Noé, que rejeitaram a mensagem que Deus anunciou por intermédio deste patriarca (cf. 1.11).

A família de Noé, que creu e entrou na arca.

O Dilúvio de Gênesis, o meio do juízo.

A união com Cristo (1 Co 12.13). A água é uma imagem de julgamento, não de salvação.

As duas imagens de libertação são correspondentes, ponto a ponto. A correspondência não é entre a água e o batismo nas águas.

Paralelo. Os “injustos” (3.18) que rejeitaram a mensagem de Jesus e o crucificaram.

“Vós” (3.21), aqueles que crêem em Cristo.

O julgamento futuro de Deus sobre o pecado.

Em Cristo, nós somos levados através do julgamento para a salvação.

Da mesma maneira como Noé recebeu um novo mundo onde poderia viver, também em Cristo nós entramos em um novo mundo, e vivemos sob novos princípios.

Tornar-se um cristão, então, não é simplesmente ser perdoado, mas ser

transportado através do julgamento até um novo mundo, onde se espera que governemos nossa vida de acordo com princípios novos e, completamente, diferentes (a vontade de Deus) daqueles que nos governavam no mundo antigo e perdido que nós abandonamos para seguir ao nosso Senhor.

Tendo compreendido esta conseqüência da salvação, podemos retornar ao argumento principal e à resposta de Pedro ao problema da dor, e particularmente à razão por que somos chamados por Deus para viver de modo submisso mesmo quando aqueles que estiverem investidos de autoridade em nossa sociedade nos tratarem injustamente.

Deus Supervisiona os Resultados das Nossas Escolhas (3.8-12). Pedro nos diz que apesar de sua convocação para que nos sujeitemos até mesmo ao tratamento injusto, Deus nos chamou “para que, por herança”, alcancemos “a bênção” (3.9). Com o ritmo normal das coisas o nosso comprometimento para com o Seu belo modo de vida irá resultar exatamente nisto. Por que? Observando o AT, Pedro cita Salmos 34.12-16, para demonstrar que “os olhos do Senhor estão sobre os justos” (3.12). Esta frase significa mais do que “Deus está vendo”. Ela significa que Ele está observando ativamente, com a intenção de se envolver na vida do justo. Nem você nem eu podemos controlar os resultados de qualquer ação. Mas Deus é o Deus da providência: Ele sempre está realizando sua vontade oculta por meio de cadeias de causa e efeito que parecem, para o infiel, uma casualidade ou um resultado necessário de alguma ação. O cristão vê a mão de Deus em todas as coisas e reconhece que embora nós ajamos é Deus quem determina os resultados de qualquer ação.

Se, portanto, Deus está sempre vigilante para supervisionar o resultado de nossas escolhas, como conseqüência, se nós fizermos o que é correto e bom, na maioria dos casos o resultado será bom e nós seremos abençoados. Mesmo examinando o assunto desde um ponto de vista humano, Pedro pergunta: “Qual é aquele que vos fará mal, se fordes zelosos do bem?” (3.13)

Mas às Vezes nós Sofremos por Fazer o Bem (3.14-17). Aqui Pedro usa uma

condicional que deixa claro que ele está falando de algo incomum: “se padecerdes por amor da justiça” (3.14). Ele rapidamente acrescenta a frase que irá explicar mais tarde: mesmo assim, “sois bem-aventurados”.

Antes de explicar, no entanto, ele examina como você e eu deveríamos reagir a este tipo de experiência incomum mas assustadora. Quando fazemos o bem, e alguma coisa terrível acontece, nós devemos (1) não ter medo, (2) santificar a Cristo como Senhor nos nossos corações, (3) estar preparados para dar uma resposta a todo aquele que nos pedir uma razão para a esperança que sentimos e (4) manter a consciência limpa (3.14-16).

O medo é aquele sentimento completamente normal que surge quando alguma coisa tem um resultado terrivelmente errado, e nós nos sentimos abandonados, imaginando se Deus terá removido sua mão protetora. Existe um antídoto para o medo, parcialmente encontrado na compreensão de como aquilo que está acontecendo se encaixa na intenção anunciada por Deus de nos abençoar. Ele pode ser parcialmente encontrado em nossa convicção de que Jesus Cristo é o Senhor.

É por isto que Pedro nos diz: “santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração”. Nós sempre devemos nos lembrar de que Cristo é soberano. Não importa o tamanho da provação, não acontece nem acontecerá nada que esteja além do Seu controle. O nosso presente e o nosso futuro estão seguros nas mãos do Senhor nosso Deus.

Esta convicção nos capacita a lidar com a tragédia de uma maneira completamente inesperada. Nós continuamos a ter “esperança”. Aqui, como também no restante do NT, a esperança existe como a expectativa confiante de que há coisas boas no futuro. Enquanto outros cometem suicídio em desespero, o cristão que em seu coração santificou a Cristo como Senhor permanece otimista e positivo, ansioso por ver o que está além do amanhã. Esta atitude é o que surpreende os pagãos que nos conhecem, e fornece uma oportunidade incomparável para testemunharmos. Desta forma, Pedro nos diz que devemos estar preparados para explicar àqueles que nos perguntam: Como pode ser isto? Mas devemos responder de uma maneira gentil, positiva e respeitosa.

A seguir, Pedro nos lembra da importância de manter uma consciência limpa.

Como pode parecer tentador tentar escapar do nosso mar de problemas fazendo alguma coisa conveniente, mas errada. Em lugar disto, nós devemos permanecer comprometidos em fazer o bem.

Finalmente Pedro nos lembra: “Melhor é que padeçais fazendo o bem (se a vontade de Deus assim o quer) do que fazendo o mal” (3.17). A implicação clara é que quando sofremos por fazer o bem, isto se dá pela vontade expressa de Deus, um evento inigualável e incomum, bastante diferente do sofrimento que vem como conseqüência de fazer o mal.

Cristo é o Maior Exemplo do Princípio (3.18). Qualquer pessoa que duvide que a bênção pode vir por intermédio da injustiça é convidado a olhar para Cristo. “Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (3.18).

O que Pedro quer dizer é que Cristo morreu por nós, os injustos. Pedro está dizendo que Cristo, o homem verdadeiramente justo, morreu em lugar dos homens injustos! Vista a partir de um ponto de vista meramente humano, esta foi uma terrível injustiça. O Filho de Deus, a Dádiva do amor de Deus, curvou sua cabeça e permitiu que seres humanos corruptos e pecadores fizessem uma completa injustiça.

Mas você e eu não vemos a morte de Cristo de uma maneira tão básica quanto uma injustiça. Nós a vemos como ela foi, um ato de sacrifício próprio, por meio do qual Deus reconciliou uma humanidade perdida consigo mesmo, e trouxe o perdão à terra. Desta forma, Pedro diz, usando uma hina de resultado e não de objetivo: Cristo morreu. E Ele o fez, não apenas “para levar você a Deus”, mas sim “como o resultado de ter nos levado a Deus”.

E repentinamente nós conseguimos enxergar. Por meio da maior injustiça da história, Deus trouxe a maior bênção da eternidade para você e para mim!

Se quisermos imaginar se o sofrimento injusto pode ser uma bênção, nós precisamos apenas olhar para a cruz como prova.

E, desta forma, nós temos a Palavra de Deus para nos consolar quando surgem

os problemas. A despeito daquilo que venhamos a sofrer como uma conseqüência de fazer o bem, esta será a vontade de Deus. E, se essa conseqüência for o sofrimento, então poderemos saber que por meio de nossa dor Deus pretende abençoar. Não somente aos outros, mas, quando Jesus vier, também abençoará ao sofredor.

Aplicação. Hoje vivemos em uma terra em que a sociedade, embora dificilmente seja cristã, não é hostil a nossa fé. Não corremos o risco de perder o emprego por causa da nossa fé. Não corremos o risco de perder o lar, nem nossa vida. Dificilmente corremos o risco da ridicularização.

E ainda assim cada um de nós já teve a experiência de fazer o que julgava ser o correto, e ver as coisas acontecerem de uma maneira tragicamente errada. Para todas as experiências deste tipo, 1 Pedro 3–4 tem uma palavra de conforto. Sim, o sofrimento é uma parte normal da experiência cristã. Mas não é um sinal de falta de espiritualidade, não é necessariamente o resultado do pecado, e certamente não é uma indicação de que Deus já não nos ama mais.

Ele nos ama.

E Ele pretende usar qualquer sofrimento que possamos enfrentar, à medida que procuramos segui-lo, buscando as Suas bênçãos.

2 PEDRO e JUDAS

Perigo! Perigo!

EXPOSIÇÃO

-

Existem tantas semelhanças entre 2 Pedro e Judas que muitos comentaristas sugeriram uma dependência oral ou literária. Certamente, cada autor está profundamente preocupado a respeito do perigo dos falsos mestres para a igreja. E a linguagem que eles utilizam para descrever e denunciar os falsos mestres é quase idêntica. Quaisquer que sejam os laços pessoais entre os dois autores – um deles o apóstolo Pedro e o outro o irmão de Tiago e meio irmão do nosso Senhor – fica claro que a partir do final dos anos 60 o cristianismo esteve sob ataques tanto de dentro quanto de fora. A perseguição intensificada do governo, de que Pedro tratou em sua primeira carta, competia com uma corrupção do verdadeiro cristianismo, introduzida por mestres que distorciam a graça do Evangelho de Deus. E assim dois homens, sendo ambos líderes reconhecidos, se sentiram obrigados a tratar do perigo da contaminação da verdade por homens que se disfarçavam de mestres

cristãos visando alcançar os seus próprios objetivos egoístas.

A carta de Pedro trata ainda de outros assuntos. Depois de uma curta saudação (1.1-4), Pedro afirma as virtudes essenciais que devem marcar os crentes individualmente e também os líderes (1.5-15), e reafirma a majestade divina de Jesus Cristo (1.16-21). Pedro então dedica 22 versículos a uma intensa e longa advertência contra os falsos mestres (2.1-22). Isto é seguido pela reafirmação da certeza da volta de Cristo (3.1-18). Em vista da futura destruição de todas as coisas, o povo de Deus deve procurar ser achado "imaculado e irrepreensível em paz" quando Cristo voltar, e crescer na graça de Deus.

Judas, que se prepara para escrever sobre a salvação (1.1-3a), se vê levado a proferir uma fervorosa conclamação aos crentes, para que lutem pela fé. Aqui a "fé" significa aquele conjunto de verdades transmitidas à igreja definitivamente pelos profetas e apóstolos. Este chamado é necessário porque a fé já está sendo corrompida pelos falsos mestres. Como Pedro, Judas se prepara para descrever estes homens e caracterizar os seus ensinos – e advertir que eles estão condenados a enfrentar o julgamento de Deus.

A seguir Judas apela diretamente aos verdadeiros

cristãos, para que perseverem... “edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé” (1.20-23). O livro termina com uma doxologia que louva o poder e a habilidade de Deus em impedir que o Seu povo tropece (1.24-25).

ESTUDO DA PALAVRA

-

Os que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo (1.1). Em grego a expressão é en dikaiosune, por meio da justiça, ou talvez melhor, a “retidão” do nosso Senhor. Ao agir para nos salvar, Deus escolheu o caminho moralmente justo: Ele puniu o pecado, recebendo Ele mesmo o seu castigo.

Ao prosseguir, Pedro irá freqüentemente usar dikaosune com o seu significado moral (1.13; 2.5, 7, 8, 21; 3.13), estabelecendo um forte contraste entre o Senhor e o povo fiel a Deus e os falsos mestres e aqueles que os seguem.

Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo (1.4). Pedro não está sugerindo aqui que os cristãos se tornem deuses, antes, ele ensina que por meio da promessa de Deus, como foi expressa na Pessoa e na obra de Jesus, Deus opera uma mudança radical dentro de nós. Ele nos arranca do mundo e da sua corrupção e transforma os nossos desejos, voltando os nossos corações para o céu. Em 1 Pedro, o apóstolo explicou: “fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1.23, versão ARA).

Porque, se em vós houver e aumentarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (1.8). Aqui argos é ocioso, inativo, ao passo que akarpos é improdutivo. Pedro está afirmando um resultado positivo ao descrever o seu oposto. Um cristão que possua as qualidades que ele listou acima irá experimentar um crescimento vital e constante e irá produzir frutos espirituais.

A descrição que Pedro faz de uma cadeia de virtudes, cada uma delas levando a outra e ressaltando-a até atingir um clímax é um artifício literário familiar chamado sorites ou gradatio. Um exemplo do apócrifo Livro da Sabedoria (6.17-20) apresenta:

O início da sabedoria é o mais sincero desejo por instrução, a preocupação pela instrução é o amor por ela e o amor por ela é a observância das suas leis, e o prestar atenção às suas leis é a garantia de imortalidade e a imortalidade traz a pessoa para perto de Deus; deste modo, o desejo de sabedoria leva a um reino (RSV).

Outro exemplo, que data aproximadamente de 90 d.C., é esta lista em m. Sota 9.15, composta por R. Phineas ben Jair:

O zelo leva à limpeza,

e a limpeza à pureza,

e a pureza leva ao auto-controle,

e o auto-controle leva à santidade,

e a santidade leva à humildade,

e a humildade leva ao medo do pecado,

e o medo do pecado leva à religiosidade,

e a religiosidade leva ao Espírito Santo,

e o Espírito Santo leva à ressurreição dos mortos.

A sorites de Pedro começa com a fé e descreve aquelas qualidades que nascem da fé e que culminam na caridade [ou no amor] (2 Pe 1.5-7). Que contraste entre as virtudes descritas aqui e as paixões que consomem os falsos mestres que Pedro irá descrever em breve!

Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis (1.10). A palavra chave aqui é bebaian “firme”. Na lei, bebaian significa validar, como no caso de um testamento. No discurso geral, isso significa confirmar. Pedro não sugere que a vocação ou a eleição depende da resposta do homem, mas ele nos lembra de que é respondendo à graça de Deus vivendo uma vida cheia da graça que ele descreveu que a realidade da nossa eleição é confirmada para que todos a vejam.

Por outro lado, o que vemos quando olhamos para os falsos mestres e aqueles que os seguem? Clara evidência, na sua vida e caráter, de que Deus não os chamou nem escolheu. O seu modo de vida corrupto confirma que eles se destinam somente ao julgamento.

E temos, mui firme, a palavra dos profetas (1.19). A palavra chave é bebaioteron. Esta palavra é um comparativo forte, significando “mais certo”, “mais confiável”, e é freqüentemente usada como um superlativo. É melhor interpretá-la aqui com o seu último significado. Neste caso, Pedro, que deu testemunho da sua visão pessoal da glória de Deus (1.16-18) está dizendo que ele mesmo, apesar da confiança na autenticidade da sua visão, deposita uma confiança muito

grande na palavra dos profetas.

Nós não temos simplesmente o testemunho dos apóstolos que presenciaram a glorificação de Cristo e a Sua ressurreição, apesar do fato de que tudo o que eles informam é digno de confiança. Nós temos o testemunho mais confiável de todos: o dos profetas que falaram de Cristo e da Sua glória muito tempo antes da Encarnação.

Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo (1.21). Como podemos depositar tanta confiança nas palavras dos profetas? Nós podemos fazer isso porque os profetas não são a origem da sua mensagem. Antes, é o Espírito Santo a origem da profecia, e as palavras dos profetas são verdadeiramente mensagens de Deus.

Uma vez mais, existe um contraste implícito aqui. Os falsos mestres, como os falsos profetas, são a fonte das suas próprias mensagens, assim como os intérpretes do que estão dizendo. Portanto existe uma forte correlação entre os falsos profetas do AT e os falsos doutores que perturbam e atormentam a igreja (2 Pe 2.1). É muito mais prudente depositar “uma confiança muito mais forte” na palavra dos profetas, e rejeitar as murmurações daqueles que divergem daquela Palavra que é segura e confirmada.

Dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação (3.4). A expressão em grego é panta autows diamenei ap’ arches ktiseos, que pode ser traduzida como “tudo continua exatamente como era desde o princípio do mundo”.

Aqueles que ridicularizam a doutrina da Segunda Vinda baseiam a sua zombaria

em uma suposição que está por trás de uma boa parte da moderna perspectiva "científica" do mundo. O universo e tudo o que há nele pode ser explicado por processos naturais que funcionaram desde o princípio. Não há a necessidade de inventar um "Deus" para explicar a origem do universo nem o desenvolvimento das criaturas vivas. O homem é somente mais um animal que evoluiu acidentalmente.

Pedro responde apontando para a criação e para o julgamento cataclísmico do Dilúvio em Gênesis. Deus criou e interveio no fluxo da história.

Quando Pedro denuncia que os críticos "voluntariamente ignoram" isto, ele reflete um argumento já lançado por Paulo em Rm 1. Aquilo que pode ser conhecido a respeito de Deus foi revelado à humanidade desde a criação. Mas, sem a vontade de reconhecer a Deus, os seres humanos "torcem as Escrituras" e no seu lugar inventam e afirmam explicações para a maneira como as coisas são – seus raciocínios e conclusões são patentemente ridículos.

O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se (3.9). A expressão grega ou bpaduvei também pode ser traduzida como "não atrasa". Deus não deixou de cumprir nenhuma das suas promessas. Na verdade, o ritmo pausado que Ele adotou é motivado pela paciência. Deus está esperando para estender a oportunidade aos seres humanos, para que se arrependam.

O significado da expressão "não querendo que alguns se percam" foi o ponto de discórdia entre os calvinistas e os arminianos. No entanto, o versículo não favorece nenhum ponto de vista, pois a expressão simplesmente nos lembra de que o amor de Deus abrange a todos. O Seu desejo é que ninguém se perca, apesar do fato das Escrituras ensinarem que aqueles que permanecem afastados dEle se perderão.

Guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza (3.17). A palavra sterigmou representa

uma posição estável, como a dos planetas no céu. Como o sol, a verdade revelada é o centro ao redor do qual nós orbitamos. É tragicamente possível que até mesmo os verdadeiros crentes sejam enganados e levados ao erro ao promover os falsos mestres. Quando isto acontece, a nossa "órbita" se torna instável e as nossas vidas são completamente afetadas pela "oscilação".

Mas isto não é alguma coisa que Pedro espera que os seus leitores experimentem. Em lugar disso, ele espera que eles "cresçam na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (3.18).

Conservai a vós mesmos na caridade [ou amor] de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna (Jd 21). Como Pedro, Judas conclui a sua advertência contra os falsos mestres com uma exortação. A exortação provoca uma pergunta. Como podemos "conservar a nós mesmos" no amor de Deus? A resposta é encontrada no Evangelho de João. Ali, Cristo nos diz: "permanecei no meu amor" (Jo 15.9). E o versículo seguinte explica que nós permanecemos no amor de Deus obedecendo aos Seus mandamentos.

Sim, os falsos mestres ainda ameaçam a igreja. Mas se conservarmos a nossa estabilidade confiando completamente na Palavra de Deus, e permanecendo no amor de Deus pela obediência, nós certamente estaremos seguros.

O TEXTO EM PROFUNDIDADE

-

Os falsos mestres e a sua destruição (2 Pe 2); o pecado e a ruína dos homens ímpios (Jd 3-19).

Contexto. Nós vimos, em nosso estudo de 1 Pedro, que os cristãos eram vistos com crescente hostilidade pelo povo romano e pelo governo. No início dos anos 100, ser um cristão era um crime capital, quer a pessoa fosse ou não condenada por qualquer outro crime. A reação dos cristãos foi seguir o caminho definido por Pedro na primeira carta: viver de forma submissa, como cidadãos, esposas e/ou escravos/servos irrepreensíveis.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que alguns dos rumores de práticas estranhas têm algum fundamento na verdade. Fica claro, a partir da leitura de 2 Pedro e do livro de Judas, que supostos mestres cristãos, que nós poderíamos hoje chamar de líderes de seitas, ganharam seguidores entre os adeptos descuidados da fé. Não é de surpreender que os pagãos, de que dificilmente se esperaria que conhecessem as diferenças, atribuíssem aos cristãos em geral os excessos de alguns poucos.

Mas quais eram algumas das práticas associadas com os falsos ensinos? Examinando 2 Pedro e o livro de Judas vemos intimações da imoralidade e da corrupção refletidas nesta citação dos textos de Epifânio de Chipre, que descreve as práticas de um suposto grupo cristão chamado Fibionitas (Panarion 26.4-5).

Quando eles comiam desta maneira juntos e, por assim dizer, enchiam as suas veias com o excedente das suas forças, eles se voltavam à excitação. O homem que está deixando a sua mulher diz a si mesmo: “Levante-se e realize o agape com o irmão”. Então os infelizes se uniam uns aos outros, e, embora eu esteja verdadeiramente envergonhado de dizer as coisas vergonhosas que estão sendo feitas por eles – porque, de acordo com os santos apóstolos, as coisas que estão acontecendo a eles são vergonhosas até mesmo para serem mencionadas – não obstante, eu não ficarei envergonhado de dizer aquelas coisas que eles não se envergonham de fazer, para que eu possa causar, de qualquer maneira, um horror naqueles que ouvirem falar a respeito destas práticas vergonhosas. Depois que eles realizaram o ato sexual, na paixão da fornicação, levantam a sua própria blasfêmia ao céu. A mulher e o homem tomam o fluido emitido pelo homem nas suas mãos, levantam-se, se voltam para o céu, com as suas mãos sujas com a impureza e oram, enquanto as pessoas dizem stratiotikoi e gnostikoi, trazendo ao pai a natureza de tudo o que têm nas mãos, dizendo: “Nós lhe oferecemos este presente, o corpo de Cristo”. E então eles comiam aquilo, a sua própria feiúra e diziam: “este é o corpo de Cristo e esta é a Páscoa pela qual os nossos corpos

sofrem e são forçados a confessar os sofrimentos de Cristo". De maneira similar, também com a mulher, quando está no seu ciclo, eles reúnem o sangue da menstruação da sua impureza e o comem juntos e dizem: "este é o sangue de Cristo".

A descrição de Epifânio é, ao mesmo tempo, vívida e revoltante. Mas ela reflete rumores a respeito das práticas cristãs que eram correntes no império romano do final do século I e durante o século II da nossa era. Certamente, ele retrata um excesso, talvez implicado no aviso de Judas contra "homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus" (v. 4) e que, de acordo com Pedro, apelam para "as concupiscências da carne" (2:18) e são, eles mesmos, "servos da corrupção" (2:19).

Sem dúvida, muitos dos falsos mestres que atormentavam a igreja primitiva lideravam grupos que se pareciam mais com as modernas congregações do que com o grupo devasso que Epifânio descreve. Mas um falso mestre, seja disfarçado de "anjo de luz" (2 Co 11:14-15), ou abertamente depravado, sempre constitui uma séria ameaça à igreja de Cristo. Uma ameaça contra a qual tanto Pedro quanto Judas advertem os leitores do século I – e a nós também.

Passagens paralelas em 2 Pedro e em Judas

2 Pe 2.1-22

E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição.

[2] E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade; [3] e, por avareza, farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita.

[4] Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo; [5] e não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé, pregoeiro da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; [6] e condenou à subversão as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente; [7] e livrou o justo Ló, enfadado da vida dissoluta dos homens abomináveis [8] (porque este justo, habitando entre eles, afligia todos os dias a sua alma justa, pelo que via e ouvia sobre as suas obras injustas). [9] Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o Dia de Juízo, para serem castigados [10], mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia e desprezam as dominações.

Atrevidos, obstinados, não receiam blasfemar das autoridades; [11] enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder, não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor. [12] Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção, [13] recebendo o galardão da injustiça; pois que tais homens têm prazer nos deleites cotidianos; nódoas são eles e máculas, deleitando-se em seus enganos, quando se banqueteiam convosco; [14] tendo os olhos cheios de adultério e não cessando de pecar, engodando as almas inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição; [15] os quais, deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça. [16] Mas teve a repreensão da sua transgressão; o mudo jumento, falando com voz humana, impediu a loucura do profeta.

[17] Estes são fontes sem água, nuvens levadas pela força do vento, para os quais a escuridão das trevas eternamente se reserva; [18] porque, falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne e com dissoluções aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, [19] prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.

[20] Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro [21]. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado.

[22] Deste modo, sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: O cão voltou ao seu próprio vômito; a porca lavada, ao espojadouro de lama.

Judas 4-16

[4] Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.

[5] Mas quero lembrar-vos, como a quem já uma vez soube isto, que, havendo o Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram; [6] e aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia; [7] assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno.

[8] E, contudo, também estes, semelhantemente adormecidos, contaminam a sua carne, e rejeitam a dominação, e vituperam as autoridades. [9] Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda. [10] Estes, porém, dizem mal do que não sabem; e, naquilo que

naturalmente conhecem, como animais irracionais, se corrompem.

[11] Ai deles! Porque entraram pelo caminho de Caim, e foram levados pelo engano do prêmio de Balaão, e pereceram na contradição de Corá.

[12] Estes são manchas em vossas festas de caridade, banqueteando-se convosco e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas; [13] ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações, estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas.

[14] E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, [15] para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele. [16] Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse.

Interpretação. Um exame destas duas passagens, lado a lado, rapidamente revela que Pedro e Judas estão em completa harmonia na sua descrição dos falsos mestres. Nós observamos os seguintes temas comuns:

Tema	2 Pedro	Judas
(1) Infiltração	2.1	4, 12

(2) Imoralidade	2.3, 10, 14, 18-19	4, 7
(3) Negação de Cristo	2.1	4
(4) Movidos pela ambição	2.3, 14-15	15-16
(5) Rejeição da autoridade	2.10	8-10
(6) Animais Irracionais	2.12	10
(7) Dominados por desejos de pecado	2.10,	12, 16, 18; 14-15, 18
(8) Vazios, inúteis	2.17-19	12-13
(9) Retribuição é certa	2.1, 3-6, 13	5-7, 14-16

Examinando cada um destes temas individualmente, vemos:

Infiltração (2 Pe 2.1; Jd 4, 12). Os falsos mestres ganham penetração fingindo ser crentes. Judas diz que eles “se introduziram com dissimulação” (v. 4, versão ARA). Inicialmente, a sua agenda não é clara, pois eles hipocritamente participam da adoração na igreja. Somente quando eles são aceitos e já obtiveram alguma influência sobre a congregação é que a sua verdadeira natureza e os seus verdadeiros motivos são revelados.

Eles praticam e ensinam imoralidade (2 Pe 2.3, 10, 14, 18-19; Jd 4, 7). Uma das características dos falsos mestres que é mencionada repetidas vezes é o seu modo de vida imoral. Eles justificam o seu comportamento com base na graça. O argumento é que uma vez que o cristão foi libertado da Lei, ele está livre para fazer o que desejar. Judas diz que isto é “converter” (metatithentes, transformar, tornar em outra coisa; aqui com a clara conotação de “corromper”) a graça de Deus em alguma coisa que ela não é – permissão para o pecado. E para convencer da atitude de Deus em relação à imoralidade, cada autor examina a história para descrever o julgamento de Deus sobre Sodoma e Gomorra para o mesmo tipo de pecados.

É importante observar que uma boa parte da atração destes falsos mestres está no fato de que os seus ensinamentos parecem validar o comportamento imoral. É falando “coisas mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne e com dissoluções aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro” (2 Pe 2.18). O falso doutor/mestre apresenta isto como liberdade, enquanto é, na verdade, o pior tipo de escravidão: a escravidão de alguém aos seus instintos mais básicos, e o cativeiro aos pecados que rapidamente nos dominam (2 Pe 2.19-20).

O seu ensino nega a Cristo o Seu lugar como Senhor soberano e Salvador (2 Pe 2.1; Jd 4). As epístolas de João desenvolvem também a natureza desta negação. É basicamente a rejeição dos ensinos das Escrituras de que Cristo é o Deus eterno, que veio em carne (1 Jo 2.22-23, 4.2-3).

Os falsos mestres são motivados pelo egoísmo e pela avareza e não pelo desejo de servir (2 Pe 2.3; 14-15; Jd 15-16). O termo “avareza” (pleonexia) pode ser usado a respeito de luxúria sexual, mas neste caso é mais provavelmente uma referência a finanças. Os falsos mestres exploram as pessoas que enganam para seu próprio ganho pessoal. A imagem de Judas é explícita; eles são pastores que apascentam “a si mesmos” (12). Que contraste com os verdadeiros pastores descritos em 1 Pedro 5, que servem “não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade” (5:2, versão RA).

Os falsos mestres rejeitam a autoridade (2 Pe 2.10; Jd 8-10). A autoridade que os falsos mestres rejeitam não é a dos apóstolos, mas a do próprio Deus. O exemplo usado por cada um dos autores envolve anjos. Em parte, isto reflete a crença dos judeus de que a Lei de Moisés era mediada por anjos, e que os anjos observavam atentamente a sua prática. Desta forma, Paulo encoraja o comportamento adequado na igreja “por causa dos anjos” (1 Co 11.10). Parece que os falsos mestres aqui poderiam ter sido repreendidos por ofender aos anjos pelo seu comportamento imoral. A sua reação foi a de ridicularizar os seres angelicais. O que Pedro e Judas querem dizer é que mesmo que eles fossem tão justos quanto Moisés ou tivessem a autoridade espiritual de Miguel, eles não estariam acima da lei moral que está expressa tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Que lição para as igrejas que agora lutam com a reivindicação dos homossexuais, que exigem o reconhecimento de um “modo de vida alternativo” como sendo válido, e até mesmo pedem a ordenação no ministério! O simples fato de considerar uma solicitação como esta é rejeitar a autoridade de Deus, e

encontrar-se não na companhia de santos, mas dos hereges contra os quais Pedro e Judas advertem a todos nós.

Os falsos mestres reagem como animais irracionais (2 Pe 2.12; Jd 10). O Zondervan Dictionary of Bible Words explica o significado desta imagem:

A mente do animal (um animal selvagem) se encerra na experiência atual e deve reagir ao presente sem a percepção do universo espiritual, e sem a capacidade de fazer uma projeção do presente ao futuro. Um animal pode aprender com as experiências passadas, mas não pode extrair informações além da experiência nem pode raciocinar, a partir da informação, até o fim de uma cadeia de prováveis eventos de causa e efeito.

Algo similar é dito por Pedro e por Judas. Eles descrevem os falsos mestres como sendo “animais irracionais, que seguem a natureza” (2 Pe 2.12), e que “naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais, se corrompem” (Jd 10). A mente do animal é capaz de compreender, mas a sua compreensão é de um tipo diferente do ser humano. As experiências do animal são interpretadas por instinto, e os animais não têm a capacidade de raciocinar a partir da experiência para uma compreensão mais profunda do passado ou do futuro (p. 53).

Os falsos mestres são dominados por desejos pecaminosos (2 Pe 2.10, 14-15, 18; Jd 12, 16, 18). Tais desejos os levam a atos que corrompem o corpo (2 Pe 2.10). Por que não a alma? A resposta é que por dentro eles já estão corrompidos, com, literalmente, “os olhos cheios de adultério” (2.14). A expressão sugere que eles sempre estão à espera de uma mulher com quem eles possam cometer adultério. Como acrescenta Judas, eles são levados a andar “segundo as suas ímpias concupiscências” (Jd 18).

Os falsos mestres e seus ensinos são vazios, inúteis e sem nenhum valor (2 Pe

2.17-19; Jd 12-13). Uma série de vívidas analogias retrata o homem vazio e os seus ensinos vazios. Nuvens sem chuva e fontes sem água são incapazes de promover o crescimento da natureza. Árvores desarraigadas no outono são mortas e infrutíferas. As ondas do mar e as estrelas errantes não têm propósito nem valor.

Mas os falsos ensinos não são apenas desprovidos de valor. Eles são destrutivos, pois prometem liberdade enquanto, na verdade, acrescentam elos às correntes que tornam os seres humanos perdidos escravos do pecado.

O destino dos falsos mestres e seus seguidores é certo: eles enfrentam o julgamento de Deus como retribuição dos seus erros (2 Pe 2.1, 3, 4-6, 13; Jd 5-7, 14-16). Este tema ecoa repetidas vezes através destes breves avisos. O apelo dos falsos mestres aos desejos mais básicos dos homens pode ser momentaneamente atraente, mas cada passo dado no caminho indicado pelos falsos mestres é um passo em direção ao julgamento.

Aplicação. Judas e Pedro expressam uma preocupação profunda de que os crentes não se extraviem por causa dos falsos mestres. Tragicamente, existem falsos mestres na igreja de hoje – e freqüentemente em posições elevadas. O nosso papel, bem como o das nossas instituições, é estar alerta.

EXPOSIÇÃO

-

As Epístolas de João, juntamente com o Livro do Apocalipse, são os últimos textos do Novo Testamento. Todos foram escritos no final da vida do amado apóstolo, que sobreviveu aos seus companheiros por aproximadamente três décadas. Irineu (aprox. 130-200 d.C.) escreveu que "todos os presbíteros, que se uniram a João, o discípulo do Senhor, na Ásia, testemunham que João lhes transmitiu [estas coisas]. Pois ele permaneceu com eles até a época de Trajano [98-117 d.C.]... E também a igreja de Éfeso fundada por Paulo – com a qual João permaneceu até a época de Trajano – é uma testemunha fiel da tradição dos apóstolos".

É importante comparar as cartas de João com as últimas cartas de Paulo, Pedro e Judas. Na primeira carta de Pedro, ele escreve sobre a perseguição futura. Em sua segunda carta, como na segunda carta de Paulo a Timóteo e a de Judas, o apóstolo adverte

sobre o perigo representado pelos falsos mestres. João, que viveu os desafios que os outros três previram, escreve de uma maneira afetuosa e pastoral sobre a reação da igreja a tais desafios. Esta reação deve reafirmar as verdades básicas da fé, e enfatizar o modo de vida positivo do amor e da obediência que nasce de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Enquanto os cristãos permanecerem comprometidos com Ele, e viverem vidas de amor e de obediência, a igreja será forte e segura.

A primeira carta de João é, sem dúvida, o livro bíblico mais difícil de esquematizar. Ela está cheia de pensamentos e temas recorrentes, pois João retorna diversas vezes às suas ênfases sobre a comunhão com Deus, a verdade, o amor, a justiça e a fé. Este padrão levou a maioria dos comentaristas e crer que o livro não tem um plano lógico, e é marcado pela associação destas idéias básicas. Outros se esforçaram para identificar uma estrutura que eles acreditam que exista ali, mas sem um sucesso convincente.

Ainda assim, pode parecer produtivo se lermos simplesmente este livro bonito e persuasivo, parágrafo por parágrafo, e pensamento por pensamento, sem a preocupação com a estrutura global. A carta de João é, antes de mais nada, pastoral e verdadeiramente

devocional. Meditando sobre cada pensamento, nós aprendemos como viver em comunhão com Jesus e uns com os outros em uma comunidade unida pelo amor, e por uma forte disposição de responder positivamente às palavras vivas de Jesus Cristo.

Um esquema bem pensado que pode auxiliar aqueles que se sentem mais confortáveis lendo um comentário que esteja dentro de uma estrutura composta para este livro, foi proposta por Stephen S. Smalley, no seu volume sobre as três cartas de João, na obra Word Biblical Commentary.

Primeira Epístola de João

I.Prefácio (1.1-4) A Palavra da Vida

II. A Vida na Luz (1.5-2.29)

(a) Deus é Luz (1.5-7)

(b) A Primeira Condição Para Viver na Luz: Renunciar ao Pecado (1.8-2.2)

(c) A Segunda Condição: Ser Obediente (2.3-11)

(d) A Terceira Condição: Rejeitar as Coisas do Mundo (2.12-17)

(e) A Quarta Condição: Manter a Fé (2.18-29)

III.Viver Como Filhos de Deus (3.1-5.13)

(a) Deus é Pai (3.1-3)

(b) A Primeira Condição para Viver como Filhos de Deus: Renunciar ao Pecado (3.4-9)

(c) A Segunda Condição: Ser Obediente (3.10-24)

(d) A Terceira Condição: Rejeitar as Coisas do Mundo (4.1-6)

(e) A Quarta Condição: Manter a Fé (5.5-13)

IV.Conclusão: A Confiança do Cristão (5.14-21)

ESTUDO DA PALAVRA

-

Vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada (1.2). Os quatro primeiros versículos da primeira carta de João são uma única sentença no texto grego. O verbo principal, "anunciamos" (apangellomen), aparece aqui no texto grego e foi adicionado pelos tradutores da versão NIV ao versículo 1 para tornar a idéia mais compreensível aos leitores. Mas por que a construção complicada? Talvez porque o próprio assunto seja um mistério. O Deus eterno tornou-se carne, e foi sentido pelos homens mortais por meio dos sentidos (foi ouvido, visto e tocado)! Esta mensagem assombrosa – uma

mensagem rejeitada pelos falsos mestres que infectam a igreja (cf. 1 Jo 4.2-3; 2 Jo 7) – é a verdade central do Evangelho. Somente aqueles que respondem positivamente a Jesus, como o próprio Filho de Deus, terão a comunhão com o Pai e com o Filho.

Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa (1.4, versão ARA). Os textos de João contêm referências freqüentes à alegria que é gerada pela comunhão com Jesus (cf. Jo 15.11; 16.22-24; 17.13). Aqui, a palavra "nossa" é mais do que uma experiência individual. Ela reflete uma alegria compartilhada por toda a comunidade de fé; uma ampliação da experiência individual que vem quando aqueles que conhecem a Jesus se amam uns aos outros, e andam em comunhão uns com os outros e com o Senhor.

Não nos esqueçamos nunca do caráter de alegria da comunidade. Só podemos conhecer o pleno significado da alegria quando ela é compartilhada.

Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade (1.6). A expressão ean eipomen, "se afirmarmos [dissermos]", é repetida três vezes nesta curta seção. Em cada caso, a "afirmação" é colocada contra uma realidade que expõe a afirmação como sendo falsa, e que revela a verdadeira maneira de Deus tratar com a ampla disparidade entre a Sua natureza, e a do homem.

Somente reconhecendo esta disparidade, e tratando os nossos erros de acordo com a maneira de Deus, é que poderemos viver a verdadeira comunhão com Deus.

Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1.7). João freqüentemente coloca a luz e as trevas em contraste entre si. Aqui, a luz e as trevas representam uma auto-avaliação honesta versus uma desonesta. A pessoa que anda na luz não é alguém sem pecado, pois o texto diz que esta pessoa ainda precisa de perdão e purificação, mas ela vê as coisas à luz da Palavra de Deus, e aceita o veredicto dessa Palavra sobre o que é certo e o que é errado; o que é

bom e o que é mau; o que é justo e o que é pecado. Enquanto a pessoa aceitar o veredicto de Deus sobre si mesma e seus atos, existirá esperança. Ela estará andando na luz e poderá buscar o perdão de Deus, reconhecendo os seus pecados perante o Senhor (1.9).

Graças a Cristo, Deus é plenamente capaz de lidar com os nossos pecados. Mas Deus não pode fazer nada pela pessoa que se recusa a admitir que pecou e que precisa da ajuda de Deus.

O falso

1 Jo 1.6 Nós afirmamos ter comunhão embora andando nas trevas 1

1 Jo 1.8 Nós afirmamos não ter pecado. N

1 Jo 1.10 Nós afirmamos que não pecamos. A palavra de Deus não está em nós.

“Nos purifica” é katharise, purificar ou limpar. O tempo do verbo indica um processo contínuo pelo qual Deus lida não somente com os atos de pecado mas também com o próprio princípio do pecado nas nossas vidas. O que João quer dizer é que quando andamos na luz e somos honestos com Deus e conosco, abrimos a nossa personalidade ao Senhor para que Ele possa operar dentro de nós, modificando a nossa orientação interior – que é voltada para o pecado – para uma orientação interior voltada para a justiça. Paulo assim escreve em 2 Coríntios 3.18: “Somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”. Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos (1.8). A expressão harmartian echein, “ter pecado” chama a atenção não para atos de pecado, mas para o princípio do pecado que reside na natureza humana pecadora. Qualquer afirmação de que um crente não é afetado pelo pecado, ou de que aquele pecado não está presente dentro do crente, é completamente falsa. Tal afirmação leva a pessoa ao campo sombrio da auto-ilusão, pois qualquer pessoa que afirme a sua fé deve procurar excluir as suas emoções pecaminosas tais como a ira ou a luxúria, ao invés de agir como alguns que, freqüentemente, dão outros nomes a tais sentimentos como “indignação justa” ou “atração natural”. Estando sujeita a tal ilusão, é impossível que a pessoa admita os seus pecados a Deus para que possa ser perdoada. E é impossível, que qualquer pessoa sujeita a tal ilusão abra a sua vida ao Espírito Santo para que Ele possa realizar a Sua obra purificadora.

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1.9). “Confessar” (homologeo) significa “reconhecer, admitir”. Isto é bem expresso por Agostinho que diz: “Aquele que confessa e condena os seus pecados já age com Deus”. Confessar os pecados é condenar os nossos pecados, chamando-os do que eles são: pecados. Quando damos este passo, nós nos posicionamos ao lado e Deus e contra os nossos próprios atos. É isto, e não apenas “sentir muito” ou prometer “nunca mais fazer isto de novo”, que possibilita que sintamos o perdão e a obra purificadora de Deus em nossa vida.

Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas

também pelos de todo o mundo (2.2). A palavra grega é hilasmos, que significa “propiciar ou expiar”, e chama a atenção para o fato de que em sua morte, Cristo satisfez a justiça de Deus, que exigia que o pecado fosse punido. Com base na obra de Cristo nós sentimos o perdão e a purificação que João acaba de descrever.

Mas o que significa dizer que o Seu sacrifício é a propiciação de “todo o mundo”? Simplesmente que o sacrifício de Deus foi suficiente, aos olhos de Deus, para pagar pelos pecados de toda a humanidade, não somente os dos crentes. No entanto, o ensino constante das Escrituras é que o mérito do sacrifício de Cristo só é aplicado em benefício daqueles que crêem.

Nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos (2. 3). No judaísmo, obedecer aos mandamentos de Deus era uma condição para o relacionamento com Deus. No cristianismo, obedecer aos mandamentos de Deus é uma característica da pessoa que conhece a Deus, naquele sentido íntimo de “conhecer” que representa os relacionamentos pessoais na Bíblia.

A importância da obediência como uma característica do verdadeiro cristianismo é enfatizada repetidas vezes na primeira carta de João, juntamente com a qualidade de um amor que é colocado em prática a favor dos outros.

Aquele que insiste em dizer “eu o conheço”, mas não pratica a obediência, pseustes estin, “é um mentiroso” (2.4).

três AFIRMAÇões falsas a respeito do modo de vida

2.4	2.5
“Eu o conheço”	Não fazer o que Ele diz.
2.6	2.6

“Estou nele”

2.9

“Estou na luz”

2.10

Aborrece (ou odeia) seu irm

Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou (2.6). Andar é periepatesen, uma palavra freqüentemente usada como uma imagem do “modo de vida”. Quem mantiver um íntimo relacionamento com Jesus Cristo irá demonstrar a realidade desse relacionamento vivendo uma vida cristã. Os tempos dos verbos deixam claro que João está falando a respeito de estilo de vida. O que se está afirmando não é que essa pessoa está salva, mas que ela está vivendo em comunhão com o Senhor – que ela “está nEle”. A prova desta reivindicação – não a prova da reivindicação de ser salva – é que essa pessoa mantém um modo de vida cristão.

Aqui, como no versículo 1, João lida com uma trilogia de reivindicações, diagramadas acima:

Aquele que diz que está na luz e aborrece [ou odeia] a seu irmão até agora está em trevas (2.9). “Odiar” aqui não é tanto uma emoção quanto uma atitude ou uma ausência de reação. João não está descrevendo a animosidade ativa, mas sim uma indiferença às necessidades dos outros, que se expressa por deixar de responder a eles com amor.

O amor é demonstrado quando se alimenta os famintos, se veste os despidos, se abriga os sem teto e se cuida dos enfermos. A falta deste tipo de caridade, ou a ausência de resposta às necessidades dos irmãos, é, no vocabulário de João, “ódio”.

Não ameis o mundo, nem o que no mundo há (2.15). O mandamento de não amar usa a palavra mais forte do NT para amor, agape. Ela implica mais do que ter afeto por alguma coisa. Agape implica em uma escolha – a decisão de querer fervorosamente.

“Mundo” aqui é kosmos, que originalmente significava “ordem” ou “sistema”. Em um sentido a palavra é o ecossistema como Deus o criou. Em outro, é a arena na qual os seres humanos vivem. No entanto, kosmos também é um conceito teológico, e é neste sentido que encontramos a palavra aqui. Sobre este sentido o Zondervan Expository Dictionary of Bible Words diz que kosmos...

retrata a sociedade humana como um sistema distorcido pelo pecado, atormentado por crenças, desejos e emoções, que surge cegamente e incontrolavelmente. O sistema do mundo é um sistema de trevas (Ef 6.12) que opera segundo princípios básicos que não são de Deus (Cl 2.20; 1 Jo 2.16). Todo o sistema está sob o poder de Satanás (1 Jo 5.19) e constitui o reino de onde os crentes são resgatados por Cristo (Cl 1.13-14). A sua hostilidade básica em relação a Deus é exibida freqüentemente (1 Co 2.12; 3.19; 11.32; Ef 2.2; Tg 1.27; 4.4; 1 Jo 2.15-17; cf. Jo 12.31; 15.19; 16.33; 17.14; 1 Jo 2.1, 13; 5:4-5, 19) [p. 639].

João deixa claro que os princípios que movem o mundo estão em conflito direto com Deus e com tudo o que Ele representa. Desta forma, ninguém que esteja envolvido pela perspectiva que o mundo tem da vida irá fazer a vontade de Deus, nem desfrutar das bênçãos eternas conhecidas por aqueles que vivem eternamente.

Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos (2.18). A palavra grega é antichristos; “Cristo” com o prefixo anti-, significando “contra” ou “em lugar de”. A palavra só é usada por João, e apenas cinco vezes. Como este versículo exemplifica, no singular, “anticristo” identifica um indivíduo específico destinado a vir no final da história, ao passo que no plural identifica pessoas contemporâneas a qualquer geração, que são movidas pelo espírito do anticristo, e desta forma são hostis a Cristo e ao Seu povo. Muito provavelmente os anticristos de João são os mesmos falsos profetas de Paulo e Pedro.

Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós (2.19). A palavra é ekelthan, "retirar-se". Fica claro que inicialmente os "anticristos" ou falsos mestres de quem João escreve se apresentavam à congregação como sendo crentes. Quando as diferenças no seu caráter e ensinos ficaram evidentes, eles já não mais fingiram mas se retiraram da igreja, sem dúvida atraindo alguns crentes que tinham enganado.

CARACTERÍSTICAS DO KOSMOS (1 Jo 2:16)

Expressão na versão ARC	Significado
"A concupiscência da carne"	Os desejos da carne, isto é, imp
"A concupiscência dos olhos"	Ambição, paixão sexual, despe
"A soberba da vida"	Orgulho e ostentação

Este versículo é um versículo confortador para os cristãos que se preocupam quando aqueles que eles pensavam que eram verdadeiros cristãos desaparecem, ou até mesmo mostram hostilidade para com a fé que eles anteriormente professavam verbalmente. Devemos explicar isto dizendo que eles estavam salvos mas agora estão perdidos? Ou que eles estão decaindo agora, mas serão restaurados antes de morrer? João fornece outra maneira para entender tais eventos. Eles se afastaram de nós porque não tinham realmente pertencido a nós. Se tivessem, eles teriam permanecido. Quando se retiraram, demonstraram, em primeiro lugar, que não faziam parte de nosso grupo.

E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo (2.20). A palavra grega é chrisma, uma "unção" ou "consagração". O que João quer dizer é que o Espírito agiu de uma maneira espiritual exclusiva para consagrar o verdadeiro crente, para que ele seja capaz de perceber a verdade.

Esta compreensão tem o apoio do ensino de Cristo, conforme relatado no Evangelho de João. "Quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade" (16.13; cf. 14.17; 15.26).

Esta mesma idéia foi expressa um pouco mais tarde, em 1 Jo 2.27. Devido à presença do Espírito, o cristão não é dependente do ensino humano. Em lugar disto, o Espírito guia e interpreta.

O conceito é importante, e coerente por todo o NT (1 Co 2.10-15). Existe uma revelação objetiva de Deus disponível aos seres humanos na Criação, e especialmente na revelação escrita de Deus. Mas entender e apropriar-se da verdade de Deus exige uma capacitação subjetiva, concedida somente àqueles que crêem e que receberam o Espírito Santo.

Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo (2.22). A expressão "Jesus é o Cristo" une as duas naturezas de Cristo de uma maneira que era e ainda é inaceitável para os sectários. Jesus, que

teve um nascimento verdadeiramente humano, é ao mesmo tempo “o Cristo”, o Deus que existe eternamente.

Ninguém que negue a verdadeira humanidade e plena divindade de Jesus pode ter qualquer acesso ao Pai ou qualquer chance de relacionamento pessoal com Deus. Cristo verdadeiramente é o único caminho, a única verdade e a única vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele (Jo 14.6).

Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele (2.29). João usou o termo “justo” (dikaios) ao descrever tanto a Deus (1.9) quanto a Jesus (2.1). Aqui, a referência pode ser a qualquer um deles. Uma vez mais, João está examinando o modo de vida característico do crente. O modo de vida não faz de alguém um crente; a fé é a origem do modo de vida. Fica claro que qualquer pessoa que tenha nascido de Deus e compartilhe da sua hereditariedade irá ser como o seu Pai Celestial justo e fazer o que é certo.

E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro (3.3). Aqui, novamente, “esperança” (elpis) é a expectativa confiante em alguma coisa que certamente irá acontecer.

O que o cristão espera é a volta de Cristo e uma transformação pessoal à semelhança de Cristo. Com os nossos olhos fixos nesse dia maravilhoso, nós não nos perturbamos com os maus desejos, a luxúria e a soberba que energiza as pessoas do mundo, e desta forma estamos livres para nos concentrarmos naquilo que nos torna puros, assim como Jesus é puro.

Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei (3.4, versão ARA). O particípio presente indica que João está novamente examinando o modo de vida. Ele está preocupado com a pessoa que pratica o pecado habitualmente. Ao chamar isto de “transgressão da lei”

João expande o conceito de "transgredir a Lei". Não é simplesmente uma questão de violar uma regra específica do código, mas sim uma questão de uma atitude rebelde. Foi Deus quem deu a Lei, portanto a transgressão da lei é, no fundo, uma rebelião contra Deus.

João examina o objetivo da aparição de Cristo em 3.5. Cristo veio para lidar com a atitude rebelde do homem, e Ele teve êxito! Desta forma, é inconcebível que qualquer pessoa que se apropriou da obra concluída de Cristo "viva pecando" (3.6, versão ARA).

Novamente, nós precisamos ter cuidado. João não ensina que é impossível que os crentes pequem. Na verdade, anteriormente, em 1.8, ele deixa claro que os crentes irão pecar às vezes, e devem estar dispostos a reconhecer isto quando o fizerem. Mas quando olhamos para o modo de vida, para todo o padrão da vida de uma pessoa, nós percebemos que é impossível que um verdadeiro crente faça do pecado um hábito. A atitude de rebelião que nos mantém praticando o pecado já foi tratada por Cristo. Nós podemos tropeçar algumas vezes e até mesmo cair. Mas Cristo irá nos levantar e certificar-se de que permanecemos em pé. Em lugar de transgressão, as nossas vidas irão refletir um respeito por fazer o que é certo e um compromisso em fazê-lo.

Assim João conclui que "Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus" (3.9).

Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade [ou amor] de Deus? (3.17) O amor de Deus (he agape tou theou aqui é mais bem interpretado como um genitivo subjuntivo) é generoso, misericordioso, prático. Ele responde às necessidades dos outros com uma compaixão que leva uma pessoa a estender uma mão que ajuda.

A pessoa que "cerra o seu coração", que não tem piedade do seu irmão em necessidade, não tem o amor de Deus. E, como diz João: "Nós sabemos que

passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (3.14).

João não escreve isto para fazer com que o incerto agonize a respeito do fato de se está salvo ou não. Ele escreve isto para assegurar àqueles que amam, que a presença de um espírito caridoso é uma evidência da realidade da presença interior de Deus.

Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus (3.21). Aqui o termo kardia é usado com o significado de consciência. Toda a frase (ean... me kataginoske) pode ser traduzida como “se as nossas consciências já não mais nos condenam”. João acabou de comentar que a incapacidade de ajudar os irmãos cria uma tensão moral interior e uma consciência perturbada. Existe um amor dividido: o amor por Deus e o amor pelas posses. Aquele que soluciona esta tensão entregando-se ao amor de Deus, e respondendo livremente para satisfazer as necessidades dos irmãos e das irmãs que estiverem necessitados, já não tem mais um coração perturbado. A sua consciência já não mais o condena. E, diz João, neste caso esta pessoa pode ter “confiança para com Deus”. Agora, nada interrompe a nossa comunhão com Deus, ou prejudica as nossas orações.

Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus (4.2-3). Aqui, “espírito” é usado em um sentido geral, como na expressão “o espírito da era”. João está descrevendo a perspectiva básica dos anticristos e falsos profetas, contra os quais ele está advertindo os seus leitores. Eles são levados por um espírito religioso que se recusa a reconhecer a verdadeira humanidade e a plena divindade de Jesus Cristo, e desta forma estão em conflito com o Espírito Santo que afirma que Jesus é Deus encarnado.

Uma vez mais vemos que o cristianismo é Cristo. Nenhuma fé que se denomina “cristã”, mas se recusa a reconhecer Jesus pelo que Ele verdadeiramente é, provém de Deus.

Nisto é perfeita a caridade [ou amor] para conosco, para que no Dia do Juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo (4.17). A expressão grega é teteleiotai... meth' hemon, e apresenta a explicação condensada de João sobre como o amor cumpre o seu objetivo entre o povo de Deus. Quando formos como Jesus neste mundo, vivendo em comunhão com o Senhor e amando-nos uns aos outros, teremos a confiança de que iremos perseverar até o próprio Dia do Juízo.

Na caridade [ou amor], não há temor; antes, a perfeita caridade [ou amor] lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em caridade [ou amor] (4.18). O amor de que João fala neste capítulo é, antes de mais nada, o amor de Deus, que o levou a nos redimir. Mas também é a nossa resposta ao amor de Deus, vivida na forma de nosso amor por Ele, e como o amor que temos uns pelos outros na família da fé. Em um sentido real, o crente vive a vida em um campo permeado de amor. O amor que sentimos é tão impressionante e real, que não há lugar para o temor.

Uma pessoa que sente temor ainda não atingiu o objetivo de ser perfeita no amor. Ela ainda tem muito a aprender sobre o amor de Deus pelo indivíduo, e muito a aprender sobre abrir o seu coração para amar aos outros e aceitar o amor dos outros.

Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo (5.6). Esta expressão tem sido interpretada de diferentes maneiras. Agostinho via aqui uma referência ao sangue e à água que saíram do lado do corpo de Cristo na cruz (Jo 19.34). Calvino e Lutero viam uma referência aos sacramentos. Outros comentaristas sugeriram que a expressão alude ao sistema de sacrifício do AT, onde a água representa a purificação e o sangue representa o sacrifício propriamente dito. A maioria dos comentaristas concorda com Tertuliano e assume que o versículo se refere ao batismo e à morte de Cristo.

Talvez o objetivo deste versículo seja refutar uma antiga e freqüente heresia que sugeria que Jesus se tornou o Cristo na ocasião da Sua morte. João diz que Jesus sempre foi o Cristo, o mesmo em Seu ministério e sofrimento terrenos, iniciados no Seu batismo, e o mesmo na Sua morte na cruz.

Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um (5.7). Este versículo, como o anterior (5.6), estimulou várias interpretações. Igrejas sacramentais viram aqui uma referência aos ritos do batismo e da Ceia do Senhor, por meio dos quais o Espírito continua a testificar a respeito de Jesus. Outras tendências viram uma referência aos eventos históricos do batismo de Cristo e Sua crucificação, e entenderam o ministério do Espírito como a atitude de considerar o registro bíblico destes eventos e tornar o seu significado subjetivamente claro para o leitor. De qualquer maneira, os testemunhos dos três estão em harmonia, e se tornam o testemunho que Deus dá a respeito de Seu Filho. Um testemunho que aqueles que crêem sentem ser verdadeiro. Um testemunho tão real que quando é rejeitado por aqueles que não crêem, a rejeição é equivalente a chamar Deus de mentiroso (5.10).

Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve (5.14). Peter Marshall comenta: “Quando aprendermos a querer o que Deus quer, nós teremos a alegria de receber a sua resposta aos nossos pedidos”.

Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida (5.16). Não existe uma resposta satisfatória para diversas questões que surgem em 5.16 e 5.17. O que “morte” significa aqui? O que é um pecado que não é para a morte em contraste com um pecado que é para a morte? Quais pecados específicos João tem em mente? Por que não deveríamos orar por aqueles cujos pecados estão na categoria “para morte”? Eles não necessitam das nossas orações ainda mais do que os outros?

É provável que nenhuma passagem do NT suscite tantas perguntas que, na opinião dos comentaristas, sejam, em última análise, impossíveis de se responder.

Talvez a melhor sugestão seja a de que João está pensando em toda a sua exposição do modo de vida cristão como sendo um modo de vida de amor e obediência. Uma pessoa que afirma ser crente, mas que decididamente se recusa a estar conforme a maneira cristã, coloca os seus pés em um caminho que é caracterizado pela morte. Os cristãos podem escorregar e cair, e podem ser resgatados pelas nossas orações. Mas a pessoa que, de maneira inflexível, se recusa a se submeter ao modo de vida cristão mostra, pela sua decisão, que está além da redenção e não deveria receber orações como um irmão.

Já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne (2 Jo 7). A palavra é planoi, e é uma referência aos falsos profetas que conscientemente tentam desviar os demais. Aqui, como também na primeira carta, a chave para reconhecer o ensinador herege e os seus ensinos está na sua visão de Jesus Cristo. Jesus é o Cristo, o Deus em carne? Qualquer fracasso em afirmar a plena divindade e a verdadeira humanidade de Jesus marca o ensinador e os seus ensinos como sendo falsos e enganadores.

Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus (2 Jo 9, versão ARA). O verbo proagon, “está avançado”, é encontrado somente aqui no NT. Ele era preferido pelos antigos gnósticos, que afirmavam ter um conhecimento “mais avançado”, que ia além do conhecimento dos cristãos normais. Aqui João usa a palavra desdenhosamente com respeito àqueles que afirmam ter “ido além de Cristo” na sua aproximação com Deus. Impossível! Nós podemos avançar em Cristo, crescendo nEle. Mas não existe uma maneira de avançar além dEle.

Amado Gaio (3 Jo 1). Como a segunda carta de João, a terceira é uma breve nota escrita por João a um líder de igreja. E, como muitos outros livros da Bíblia Sagrada que são negligenciados por alguns, esta é uma rica fonte de material

para meditação e pregação.

O esquema a seguir é de um sermão feito por Richard Schmidt, de Hudson, da igreja First Methodist Church, da Flórida. Ele capta o ensino deste pequeno livro e ilustra o seu valor prático para nós hoje em dia.

1. ANÁLISE DE 3 JOÃO

Um esquema se forma facilmente ao redor dos três homens cujos nomes constam neste texto importante. Gaio é aquele que recebe o encorajamento; Diótrefes é o sujeito da crítica; Demétrio é um exemplo de testemunho.

A. Gaio... encorajamento (versículos 1-8).

1. Ele não tinha boa saúde (v. 2).

2. Ele era fiel a Cristo (v. 3).

3. Ele era um dos convertidos de João (v. 4).

4. Ele era dedicado e amigável (versículos 5,6).

B. Diótrefes... crítica (versículos 9,10).

1. Gostava de ser o primeiro (v. 9).

2. Rejeitou o conselho de João (v. 9).

3. Acusou João injustamente (v. 10).

4. Rejeitou os irmãos (v. 10).

5. Proibiu que os outros recebessem os irmãos (v. 10).

6. Excomungou os irmãos (v. 10).

C. Demétrio... testemunho (versículos 11,12)

“Amado, não sigas o mal, mas o bem”.

Demétrio era tudo o que Diótrefes deveria ter sido.

2. APLICAÇÃO DE 3 JOÃO

A. Hospitalidade... Preocupar-se com os outros, ecuidar deles.

B. Generosidade... Dar aos outros.

C. Honestidade... Compartilhar com os outros.

D. Pureza... A pureza dentro de nós mesmos.

APOCALIPSE 1–20

EXPOSIÇÃO

O Livro do Apocalipse é um livro que fascina e perturba os leitores. As suas imagens poderosas, ainda que obscuras, nos confundem, mas ao mesmo tempo nos apresentam claramente uma percepção grandiosa e irresistível. O gentil Jesus dos Evangelhos é o Poderoso Deus que exibirá sua majestade nos terríveis julgamentos sobre o pecado. E a história certamente se encaminha rumo a esta grande condenação.

Surgiram quatro maneiras tradicionais de interpretar o livro do Apocalipse. A visão Futurista vê os grandes eventos descritos depois de Apocalipse 1–3 como associados com o futuro retorno de Cristo, e as bestas de Apocalipse 13 e 17 identificadas com o anticristo. Esta é a visão da igreja primitiva, refletida por patriarcas da igreja tais como Justino Mártir, Irineu, Hipólito e outros. Esta visão também tem o apoio de muitos cristãos evangélicos hoje em dia. A visão Historicista, que se originou no final dos anos 1100, considerava o Apocalipse como um conjunto de eventos que ocorreria entre o primeiro e o segundo advento de Cristo. Lutero e Calvino adotavam esta interpretação, e viam o papa e a igreja católica nas bestas que se opunham a Deus. Hoje em dia, poucos adotariam uma abordagem historicista para interpretar o livro do Apocalipse. A visão Preterista vê o Apocalipse como uma polêmica disfarçada contra o império romano e a religião romana da época de João. Esta abordagem não foi sugerida antes de 1614 d.C., e tem pouco ou nenhum apoio hoje em dia. A visão Idealista do Apocalipse vê o livro como de natureza poética e espiritual. Isto é, em lugar de conectar-se a qualquer evento histórico, Apocalipse 4–22 afirma verdades grandiosas e eternas a respeito da soberania de Deus, e a luta entre o bem e o mal. Portanto, afirma o livro do Apocalipse, Deus certamente triunfará, pois o tempo e a eternidade estão nas mãos do Criador. E, no final, Jesus Cristo se manifestará como o Grande Vencedor.

Ao perguntar qual das visões é a correta, nós devemos perguntar: correta para qual objetivo? Se examinarmos a literatura apocalíptica que floresceu no judaísmo nos dois séculos anteriores a Cristo, perceberemos que todos esses livros são construídos sobre uma visão particular da história. Segundo esta visão, a história deve ser interpretada como uma série de eventos que progridem desde um início até um final pré-ordenado por Deus. As imagens poderosas e obscuras que caracterizam as palavras apocalípticas são propositalmente escatológicas: elas têm a finalidade de retratar a história futura. Se o livro do Apocalipse é corretamente classificado como literatura apocalíptica – e ele foi claramente definido deste modo pela igreja primitiva – então ele deve ser interpretado a partir do ponto de vista dos futuristas.

Existe outra resposta para esta pergunta: Correta para qual objetivo? Embora os comentaristas antigos e os modernos acreditem que a partir deste livro podem construir pelo menos um esquema de eventos associados com a volta de Cristo, especialmente levando em consideração as 278 reflexões do AT encontrados nos 404 versículos do livro do Apocalipse, é errado pensar que João esperava que o leitor típico usasse o livro para construir quadros proféticos. Ao contrário, as visões que João viu e registrou cumprem a função atribuída a esta grande obra pelos idealistas. Ao ler o livro do Apocalipse, ao absorver suas imagens, você e eu somos elevados com João e dominados pela percepção de que Deus é o Senhor da história. Não importa quais possam ser nossas circunstâncias hoje; Cristo triunfará. A iniqüidade será julgada, os ímpios serão punidos, e, no final, a justiça de Deus será plenamente vindicada.

Por esta razão, embora possamos estudar o livro do Apocalipse corretamente desde sob um ponto de vista futurista, é mais recompensador para nós simplesmente ler este grande livro e deixar que suas imagens saturem os nossos corações e mentes. As descrições vívidas do louvor que ecoa diante do trono de Deus no céu (Ap 4), a reação dos ímpios – aterrorizados, mas ainda assim impenitentes – quando começa o julgamento de Deus (Ap 6.9-17; 9.20,21), e a visão da mulher “embriagada do sangue dos santos” (17.6), tudo isto transmite o significado dos eventos descritos de uma forma mais poderosa do que quaisquer palavras. E nos assegura, muito mais poderosamente, o triunfo definitivo do nosso Deus.

O livro do Apocalipse se divide naturalmente em três partes. Ele se inicia com um foco no presente quando, aproximadamente no ano 98 d.C., o apóstolo João é confrontado pelo Cristo glorificado e instruído a transmitir sua mensagem a

sete igrejas na Ásia (Ap 1–3). Então João é arrebatado e recebe uma visão "das coisas que hão de acontecer" (1.19). O que vem a seguir é uma visão ampliada dos violentos golpes do julgamento divino que são dirigidos contra a humanidade pecadora e os poderes espirituais da maldade, que lideraram a rebelião contra Deus desde o início da iniqüidade no universo (Ap 4-20). A última seção do livro retrata a volta triunfante de Jesus, uma era de paz na terra seguida por uma rebelião final, e então o juízo final. O livro termina com uma visão da eternidade, e o que nós chamamos de "céu", quando os salvos entram na plenitude daquela vida eterna que é dada àqueles que crêem em Jesus Cristo (Ap 21–22).

AS SEÇÕES EM RESUMO

Cartas de Cristo às Sete Igrejas (capítulos 1–3)

Contexto. O apóstolo João identifica este livro como a "revelação de Jesus Cristo" (1.1). Embora a construção do texto em grego nos permita interpretar a frase como significando uma revelação que é dada por Jesus Cristo, é melhor interpretá-la como "revelação de", significando uma revelação de Jesus como Ele era então e como é agora, glorificado com o Pai no céu.

Aqui é surpreendente ver a reação de João. Este discípulo "a quem Jesus amava" (Jo 13.23), que aproveitava cada oportunidade para estar perto de seu Senhor, fica profundamente impressionado com a visão de Cristo como Ele é, sem disfarces. Ele cai aos pés de Jesus "como morto" (1.17), aterrorizado e apavorado pela impressionante exibição de Jesus em sua divindade.

Cristo levanta João e lhe ordena: "Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer" (1.19). Os futuristas vêem este como o versículo chave do livro, definindo seu conteúdo. "As coisas que tens visto" é Jesus glorificado, descrito em 1.9-18. "As que são" é a condição das sete igrejas a quem João deve escrever, registrada nos capítulos 2 e 3. E "as que hão de acontecer" é o restante do livro, registrado nos capítulos 4 a 22. Desta forma, as

visões de João são colocadas diretamente dentro da tradição apocalíptica judaica, como descrições proféticas e simbólicas do final da história.

O foco desta seção do livro, entretanto, está “nas [coisas] que são”. Aqui temos uma série de sete cartas a sete igrejas existentes na Ásia Menor. Cada carta descreve a igreja destinatária, apresenta um aspecto particular de Cristo e incentiva uma resposta específica. Embora estas cartas sem dúvida se refiram à situação corrente na época de João, elas foram interpretadas, por gerações de pregadores, como típicas das igrejas de todos os tempos. A tipologia, com as características das igrejas, a descrição que João faz de Jesus, e a resposta desejada, estão resumidas no quadro a seguir.

Padrão das Notas Para as Sete Igrejas. As mensagens enviadas às igrejas seguem um padrão comum:

Cada nota é dirigida ao “anjo” da igreja, que talvez possa ser interpretado como uma referência ao “espírito predominante” da congregação, a algum guardião sobrenatural ou líder humano.

Cada nota a seguir identifica Cristo com uma expressão específica, mas diferente. Na carta a Éfeso, quem fala é “aquele que tem em sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro” (2.1), ao passo que na carta a Filadélfia quem fala é “o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi” (3.7). Fica claro que em cada caso a identificação destaca um aspecto do caráter ou do papel de Cristo que corresponde à sua avaliação da igreja, ou ao seu chamado para a reforma.

Cada nota então relata o que Cristo “sabe” sobre aquela igreja. Isto é, as características da congregação estão definidas, como na carta a Éfeso, em que o remetente diz: “Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e

tu os achaste mentirosos” (2.2). Esta é, basicamente, uma avaliação das realizações da igreja, e serve como um elogio, exceto no caso das igrejas de Sardes e Laodicéia, em que não se encontra nenhuma indicação de elogio.

Igreja	Característica
Éfeso, a constante (2.1-7)	Trabalha arduamente, persevera, rejeita os
Esmirna, a perseguida (2.8-11)	Suporta sofrimento, pobreza, perseguição.
Pérgamo, a imoral (2.12-17)	Permanece verdadeira, fiel até à morte, ma
Tiatira, a que faz concessões (2.18-29)	Faz mais do que no início, mas tolera a im
Sardes, a falsa (3.1-6)	Tem a reputação de que está viva, mas esta
Filadélfia, a obediente (3.7-13)	Tem pouca força, mas ainda assim observa
Laodicéia, a materialista (3.14-22)	Nem quente nem fria; rica, mas espiritualm

A seguir, cada nota anuncia o veredicto do remetente a respeito das falhas que requerem correção, exceto agora para Esmirna e Filadélfia.

Cada nota, então, contém uma ordem direta e clara, que define o que a igreja deve fazer para corrigir as falhas de seu modo de vida, ou os erros que nela penetraram para corrompê-la.

Cada nota contém também exatamente a mesma exortação: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”. A referência a “igrejas”, no plural, sugere que cada uma destas cartas tem uma aplicação a todos os leitores do século I – e a nós hoje.

Cada nota é concluída com a promessa de recompensa àquelas que superarem os problemas. Cristo, o Governador do Universo, é plenamente capaz de cumprir sua promessa de bênçãos àqueles que permanecerem leais a Ele, e expressarem essa lealdade em um compromisso completo com o seu caminho.

Julgamentos Associados com a Volta de Cristo (caps. 4–18).

Contexto. A seção se inicia com uma voz que chama João: “Sobe aqui”, e a promessa “mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer” (4.1). Esta é outra repetição da estrutura “passado, presente, futuro” tão freqüentemente explicitada neste livro.

Versículos	Passado	Presente	Futuro
1.1	Deus era	Deus é	Deus vi

1.5-7	Jesus nos libertou dos nossos pecados	Jesus nos fez sacerdotes	Jesus vi
1.8	O Senhor era	E é...	E virá...
1.19	João deve escrever as coisas que viu	As coisas que são	As coisa
4.1			Mostrar

É importante entender a perspectiva a partir da qual João dá continuidade ao seu relato. O apóstolo foi arrebatado ao céu. Ali ele é capaz de observar o que está acontecendo em dois campos: o espiritual – de Deus e seus anjos; e o material – da biosfera, onde os seres humanos vivem a vida. De certa maneira, ele está nos bastidores, capaz de observar a peça, mas também capaz de ver todas aquelas atividades que ocorrem por trás da cena, que são necessárias para a continuidade da peça.

Aquilo que João faz, então, ele o faz simplesmente a partir da perspectiva do céu: João descreve o que ele vê acontecendo no céu e na terra.

Dois aspectos desta seção do livro do Apocalipse parecem particularmente importantes. Em primeiro lugar, a descrição dos julgamentos que irão acontecer sobre a terra e sua população. E em segundo lugar, a descrição do louvor oferecido a Deus e a Jesus no céu.

Os julgamentos são retratados de uma maneira característica: são descritos sem interpretação. É isto que torna o livro do Apocalipse tão difícil de entender. Pois é difícil explicar em termos mais terrenos as poderosas imagens que João utiliza.

Eu comentei a razão deste fato em outro livro (The Teacher’s Commentary, Victor) da seguinte maneira:

Imagine que um dos nossos trisavôs, que viveu há 150 anos, fosse subitamente transportado à nossa época. Ele testemunha um engarrafamento de trânsito, vê um jogo de futebol na televisão (cheio de “replays”), viaja em um 747, e vai a um cinema com ar condicionado. Então ele retorna à sua própria época e recebe a tarefa de explicar tudo isto aos seus contemporâneos.

Ele não conhece todas as palavras e imagens que nós usamos para descrever o que para nós são eventos corriqueiros. Ele passou por experiências que ninguém mais em sua época pode sequer imaginar. Como deve ser terrivelmente difícil para ele procurar as palavras para transmitir o que viu.

Bem, esta era exatamente a situação de João. O que ele viu foram eventos reais.

E João narrou aquilo que testemunhou. Mas ele teve que lutar com um vocabulário inadequado, e usar imagens que pudessem transmitir alguma coisa de sua visão às pessoas de sua época – mesmo que suas imagens não descrevessem exatamente aquilo que ele viu.

Vejamos, por exemplo, esta passagem. O que, na verdade, João está descrevendo? Os eventos são reais, certamente. E eles irão acontecer. Mas de que exatamente ele está falando?

“E o primeiro anjo tocou a trombeta, houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra que foi queimada em sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada.

E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e se tornou sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus.

E o terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas. E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas” (8.7-11).

Fica claro, a partir desta descrição, que João descreveu cataclismos terríveis que atingirão nossa terra. Alguns imaginam que o que ele viu e tentou descrever foi uma terrível guerra atômica ou talvez uma guerra espacial. Mas o fato é que nós simplesmente não podemos dizer o que foi que João viu.

Nós sabemos que foi terrível, e que tudo isto estava associado com o julgamento divino universal. Nós também podemos ter a certeza de que quando isto acontecer, nós iremos reconhecer os eventos. Mas até então haverá muita incerteza... nós sentimos o poder e o terror dos últimos dias que João descreveu, mas não ousamos ser dogmáticos em nossa interpretação deles (pp. 1065-1066).

Apesar desta dificuldade, existe um grande valor em ler o retrato assustador dos julgamentos que hão de vir. Embora aterrorizadores, eles nos lembram de que Deus está dedicado à justiça e que, no final, o mal será punido e retirado. Os ímpios não triunfarão, e a justiça de Deus será exibida a todos.

A VISÃO FUTURISTA DE APOCALIPSE 4–22

Estudo Básico dos Capítulos

4	O foco do campo espiritual é o próprio Deus, que é constantemente louvad
5	Um livro selado, as obras do reino messiânico do AT (Dn 7.13,14) é tomad
6	À medida que os selos que atam o livro são abertos, terríveis julgamentos s
7	A conversão predita dos judeus ao Messias resulta em 144 mil missionário
8	O período da terrível tribulação continua enquanto a população da terra é d
9	Agora os inimigos ocultos do homem, os demônios, servos de Satanás, são
10	A cena volta para o céu, onde depois de um curto interlúdio ocorrerão os e
11	Duas testemunhas, freqüentemente identi-ficadas como Moisés e Elias (Mt
12	Um dragão e uma mulher simbolizam os esforços de Satanás para extermi
13	O Anticristo e o falso profeta emergem do mar da humanidade, e impõem
14	Toda a humanidade agora é chamada para fazer a escolha clara que existe e
15–16	Os julgamentos da Grande Tribulação continuam à medida que os anjos de
17	Agora um anjo anuncia a queda da Misteriosa Babilônia, que representa a
18	Continua o anúncio, com a descrição da queda de outro aspecto da “Babilô
19	Agora, por fim, o retorno pessoal de Cristo é anunciado com “Aleluias” no
20	Satanás é amarrado por mil anos, e a paz reina. No final deste período, Sat
21–22	A cena passa agora ao céu, e nós vislumbramos o que Deus tem reservado

A segunda característica principal desta extensa seção do Apocalipse está nas freqüentes “explosões” de louvor, dirigidas a Deus ou a Jesus. O julgamento que causa terror na terra provoca uma reação completamente diferente no céu. Embaixo, há gritos de consternação; em cima, cânticos de louvor. Os atos que os impenitentes sentiram na terra como calamidades são, no céu, revelações da justiça de Deus e uma completa vindicação de seu santo amor.

Grandes e maravilhosas são as tuas obras,

Senhor, Deus Todo-poderoso!

Justos e verdadeiros são os teus caminhos,

ó Rei dos santos!

Quem te não temerá, ó Senhor,

e não magnificará o teu nome?

Porque só tu és santo;

por isso, todas as nações virão

e se prostrarão diante de ti,

porque os teus juízos são manifestos (15.3,4).

E assim sentimos novamente o grande valor deste livro para a igreja ao longo dos séculos. Ele permanece como um testemunho, apontando claramente para os julgamentos que estão à frente no final da história – contudo, o Apocalipse coloca aqueles terríveis atos em perspectiva como a vindicação do nosso Deus, que é glorioso e completamente justo.

APOCALIPSE 21–22

A Nova Jerusalém

Contexto. A marcha da história rumo ao julgamento é concluída em Apocalipse 20. Ali, depois de mil anos de paz imposta por Jesus como o Messias Governante, Satanás é libertado. Não há dúvida de que os primeiros mestres na igreja estavam convencidos de que esse reino milenar seria estabelecido, e durante seu período, as promessas dos profetas do AT a Israel seriam cumpridas. Mas surge a questão: por que? Além do fato de que esse período iria permitir que Deus cumprisse literalmente as promessas dos profetas, por que essa era seria uma parte do seu plano eterno?

O fato de que depois de sua libertação Satanás rapidamente reúna seguidores é sugestivo. De certa forma, toda a história humana é uma demonstração da verdade das palavras de Deus a Adão, advertindo-o para que não comesse o fruto proibido: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Essa realidade estava demonstrada na ira assassina de Caim contra Abel. Estava demonstrada no mergulho da sociedade pré-diluviana numa corrupção tão grande que somente um dilúvio devastador poderia livrar aquele mundo do mal. A realidade da queda do homem estava demonstrada na idolatria que reinou até os dias de Abraão; na falta de disposição da geração do Êxodo que se beneficiou dos milagres de Deus, mas que não confiou suficientemente nEle para entrar na Terra Prometida. A realidade da queda do homem estava exibida na recusa de Israel em viver segundo a Lei de Deus, e no fracasso dos cristãos em viver plenamente a transformação que o Espírito de Deus veio possibilitar.

Por repetidas vezes, época após época mostrou o terrível efeito dos pecados nos seres humanos. Mas uma questão ainda permanece: e se os seres humanos vivessem em um ambiente perfeito? E se uma sociedade moral se tornasse uma realidade e durante centenas e centenas de anos fosse removida qualquer influência do mal? E se o bem penetrasse em cada instituição humana e somente o bem fosse o exemplo para os jovens enquanto amadurecessem? De acordo com muitos cientistas sociais modernos, em tal utopia os seres humanos seriam diferentes. Seriam erradicadas as tendências em relação ao pecado, que nós percebemos em nós mesmos e vemos em todas as outras pessoas?

Como é fascinante encarar o reino milenar como o laboratório de comportamento dos cientistas, e como a demonstração definitiva de Deus do terrível impacto do pecado. Mesmo depois de mil anos do reinado beneficente de Cristo, os seres humanos não regenerados ainda correm para seguir Satanás quando ele é libertado. Eles alegremente voltam as costas para Cristo e correm em direção à promessa de “liberdade”, para seguir os impulsos que anteriormente foram forçados a conter.

Agora, por fim, a verdade é inegável. Os seres humanos estiveram completamente corrompidos pelo pecado. Somente a fé pessoal na obra salvadora de Cristo pode ser suficiente para escrever qualquer nome no Livro da Vida. À medida que cada homem separado de Cristo é chamado diante do grande trono branco de Deus para enfrentar o julgamento final, cada um deles é declarado deficiente, e é condenado. Condenado, de acordo com as palavras severas de João, a um “lago de fogo e enxofre” (19.20), onde, com Satanás e o Anticristo, “serão atormentados para todo o sempre” (20.10).

O livro do Apocalipse, em harmonia com o restante do Novo Testamento e também com o Antigo Testamento, afirma a singularidade dos seres humanos. Criado à imagem de Deus, nenhum indivíduo pode ter sua identidade simplesmente extinta. Cada um de nós está destinado a permanecer como um ser, autoconsciente e alerta, por toda a eternidade. Para os perdidos, isto significa a punição eterna. Para os salvos, o significado está delineado em Apocalipse 21 e 22.

A Apresentação Prévia da Eternidade para os Salvos. Apocalipse 21–22 descreve um novo céu e uma nova terra, criados por Deus para serem o lar dos justos. O importante a respeito desta nova criação é que aqui, por fim, Deus e uma humanidade redimida viverão juntos em comunhão e harmonia.

Para nós, isto quer dizer que “o mesmo Deus estará com eles e será seu Deus... não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (21.3,4). Para Deus, isto significa o cumprimento das possibilidades que eram inerentes na criação original de um Adão e uma Eva inocentes. Pois no novo mundo não há lugar para os “tímidos, e os incrédulos, e

os abomináveis, e os homicidas, e os fornicadores, e os feiticeiros, e os idólatras e todos os mentirosos" (21.8). O novo mundo só é habitado pelos redimidos e pelos justificados.

Estes dois capítulos também descrevem algumas características do novo universo. Como o nosso universo atual, ele contém um planeta chamado terra, mas um planeta que não está preso a nenhum sol. Como diz João, "a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é sua lâmpada" (21.23).

Uma das características mais surpreendentes do novo mundo é a "Nova Jerusalém" (21.2), descrita como um cubo cujos lados têm cerca de 1.500 milhas de extensão, com portões de pedras preciosas. Alguns, interpretando mal a passagem, ridicularizaram a idéia de que o "céu" pudesse ser tão pequeno. Como poderiam todos os crentes já falecidos estar contidos em um espaço como este? Mas assim como a antiga Jerusalém era apenas um dos espaços disponíveis para a primeira criação, a Nova Jerusalém não representa a totalidade do céu. A glória de Deus sempre se expande muito além de nossa capacidade de compreensão. E, desta forma, a Nova Jerusalém é somente a capital da nova terra, que por sua vez é o centro de um vasto universo de hostes estelares. Por mais poderosa que a imaginação humana tenha provado ser, o que Deus preparou para nós está muito além de nossa capacidade de imaginar ou fantasiar.

E é aqui que as Escrituras nos deixam. Com uma advertência e uma promessa. Deixem que aqueles que fazem o mal continuem fazendo o mal. No final, Deus será vindicado.

E deixem que aqueles que decidiram seguir a Jesus aguardem fervorosamente pelo futuro. Em breve poderemos ouvir sua voz ecoando: "Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo sua obra" (22.12).